Beauvoir

Simone de Beauvoir
O Segundo Sexo



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


Beaumoin

Tradução de Sérgio Milliet

Simone de Beauvoir
O Segundo Sexo



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA



Título original: LE DEUXIÈME SEXE

Copyright © Éditions Gallimard 1949

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

2ª edição

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Bambina, 25 – Botafogo – 22251-050
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 2131-1111 – Fax: (21) 2286-6755
http://www.novafronteira.com.br

e-mail: sac@novafronteira.com.br

Tradução do texto da página 9 de Alcida Brant.

Texto revisto pelo novo Acordo Ortográfico

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B352s Beauvoir, Simone de, 1908-1986
2.ed. O segundo sexo / Simone de Beauvoir ; tradução Sérgio Milliet. - 2.ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.
2v.
Tradução de: Le deuxième sexe
Conteúdo: v.1. Fatos e mitos - v.2. A experiência vivida

ISBN 978-85-209-3913-0

1. Mulheres. I. Título.

CDD 305.4
CDU 316.346.2-055.2

Sumário

Volume 1

Introdução

primeira parte **Destino**
1/Os dados da biologia
2/O ponto de vista psicanalítico
3/O ponto de vista do materialismo histórico

segunda parte **História**
1
2
3
4
5

terceira parte **Os mitos**
1
2
I/Montherlant ou o pão do nojo
II/D. H. Lawrence ou o orgulho fálico
III/Claudel ou a serva do Senhor
IV/Breton ou a poesia
V/Stendhal ou o romanesco do verdadeiro
VI
3

Volume 2

Introdução

primeira parte **Formação**
1/Infância
2/A jovem
3/A iniciação sexual
4/A lésbica

segunda parte **Situação**
1/A mulher casada
2/A mãe
3/A vida social
4/Prostitutas e cortesãs
5/Da maturidade à velhice
6/Situação e caráter da mulher

terceira parte **Justificações**
1/A narcisista
2/A apaixonada
3/A mística

quarta parte **A caminho da libertação**
A mulher independente

Conclusão
Notas

Simone de Beauvoir, em suas memórias, nos dá a conhecer sua vida e sua obra. Quatro volumes foram publicados entre 1958 e 1972: *Memórias de uma moça bem-comportada*, *A força da idade*, *A força das coisas* e *Balanço final*. A estes, se uniu a narrativa *Uma morte muito suave*, de 1964. A amplidão desse empreendimento autobiográfico encontra sua justificativa numa contradição essencial ao escritor: a impossibilidade de escolher entre a alegria de viver e a necessidade de escrever; de um lado, o esplendor do contingente, do outro, o rigor salvador. Fazer da própria existência o objeto de sua obra era, em parte, solucionar esse dilema.

Simone de Beauvoir nasceu em Paris, a 9 de janeiro de 1908. Até terminar a educação básica, estudou no Curso Désir, de rigorosa orientação católica. Tendo conseguido o certificado professora de filosofia em 1929, deu aulas em Marseille, Rouen e Paris até 1943. *Quando o espiritual domina*, finalizado bem antes da Segunda Guerra Mundial, só veio a ser publicado em 1979. *A convidada*, de 1943, deve ser considerado sua estreia literária. Seguiram-se então *O sangue dos outros*, de 1945, *Todos os homens são mortais*, de 1946, *Os mandarins* — romance que lhe valeu o Prêmio Goncourt em 1954 —, *As belas imagens*, de 1966, e *A mulher desiludida*, de 1968.

Além do famoso *O segundo sexo*, publicado em 1949 e desde então obra de referência do movimento feminista mundial, a obra teórica de Simone de Beauvoir compreende numerosos ensaios filosóficos, e por vezes polêmicos, entre os quais se destaca *A velhice*, de 1970. Escreveu também para o teatro e relatou algumas de suas viagens ao exterior em dois livros.

Depois da morte de Sartre, Simone de Beauvoir publicou *A cerimônia do adeus*, em 1981, e as *Cartas a Castor*, em 1983, o qual reúne uma parte da abundante correspondência que ele lhe enviou. Até o dia de sua morte, 14 de abril de 1986, colaborou ativamente para a revista fundada por ambos, *Les*

Temps modernes, e manifestou, de diferentes e incontáveis maneiras, sua solidariedade total ao feminismo.

Volume 1
Fatos e mitos

a JACQUES BOST

Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem,
e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher.

PITÁGORAS

Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres
deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte.

POULAIN DE LA BARRE

Introdução

Hesitei muito tempo em escrever um livro sobre a mulher. O tema é irritante, principalmente para as mulheres. E não é novo. A querela do feminismo deu muito que falar: agora está mais ou menos encerrada. Não toquemos mais nisso... No entanto, ainda se fala dela. E não parece que as volumosas tolices que foram ditas neste último século tenham realmente esclarecido a questão. Ademais, haverá realmente um problema? Em que consiste? Em verdade, haverá mulher? Sem dúvida, a teoria do eterno feminino ainda tem adeptos; cochicham: "Até na Rússia *elas* permanecem mulheres." Mas outras pessoas igualmente bem informadas — e por vezes as mesmas — suspiram: "A mulher está se perdendo, a mulher está perdida." Não sabemos mais exatamente se ainda existem mulheres, se existirão sempre, se devemos ou não desejar que existam, que lugar ocupam ou deveriam ocupar no mundo. "Onde estão as mulheres?", indagava há pouco uma revista intermitente.[1] Mas antes de mais nada: o que é uma mulher? "*Tota mulier in utero*: é uma matriz", diz alguém. Entretanto, falando de certas mulheres, os conhecedores declaram: "Não são mulheres", embora tenham um útero como as outras. Todo mundo concorda que há fêmeas na espécie humana; constituem hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e contudo dizem-nos que a feminilidade "corre perigo"; e exortam-nos: "Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres." Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. Será esta secretada pelos ovários? Ou estará congelada no fundo de um céu platônico? E bastará uma saia fru-fru para fazê-la descer à Terra? Embora certas mulheres se esforcem por encarná-lo, o modelo nunca foi registrado. Descreveram-no de bom grado em termos vagos

e mirabolantes que parecem tirados de empréstimo do vocabulário das videntes. No tempo de são Tomás, ela se apresentava como uma essência tão precisamente definida quanto a virtude dormitiva da papoula. Mas o conceitualismo perdeu terreno: as ciências biológicas e sociais não acreditam mais na existência de entidades imutavelmente fixadas, que definiriam determinadas características como as da mulher, do judeu ou do negro; consideram o comportamento como uma reação secundária a uma *situação*. Se hoje não há mais feminilidade, é porque nunca houve. Isso significa que a palavra "mulher" não tem nenhum conteúdo? É o que afirmam vigorosamente os partidários da filosofia das luzes, do racionalismo, do nominalismo: as mulheres, entre os seres humanos, seriam apenas os designados arbitrariamente pela palavra "mulher". Os norte-americanos, em particular, pensam que a mulher, como mulher, não existe mais; se uma retardada ainda se imagina mulher, as amigas aconselham-na a procurar um psicanalista para se livrar dessa obsessão. A propósito de uma obra, de resto assaz irritante, intitulada *Modern Woman*: *a Lost Sex*, Dorothy Parker escreveu: "Não posso ser justa em relação aos livros que tratam da mulher como mulher... Minha ideia é que todos, homens e mulheres, o que quer que sejamos, devemos ser considerados seres humanos." Mas o nominalismo é uma doutrina um tanto limitada; e os antifeministas não têm dificuldade em demonstrar que as mulheres não *são* homens. Sem dúvida, a mulher é, como o homem, um ser humano. Mas tal afirmação é abstrata; o fato é que todo ser humano concreto sempre se situa de um modo singular. Recusar as noções de eterno feminino, alma negra, caráter judeu, não é negar que haja hoje judeus, negros e mulheres; a negação não representa para os interessados uma libertação, e sim uma fuga inautêntica. É claro que nenhuma mulher pode pretender sem má-fé situar-se além de seu sexo. Uma escritora conhecida recusou-se a deixar que saísse seu retrato numa série de fotografias consagradas precisamente às mulheres escritoras: queria ser incluída entre os homens, mas para obter esse privilégio utilizou a influência do marido. As mulheres que afirmam serem homens não dispensam, contudo, as delicadezas e as homenagens masculinas. Lembro-me também de uma jovem trotskista em pé num estrado, no meio de um comício violento, que se dispunha a dar socos, apesar de sua evidente fragilidade; negava sua fraqueza feminina; mas era por amor a um militante a quem desejava ser igual. A atitude de desafio dentro da qual se crispam as norte-americanas prova que elas são dominadas pelo sentimento de sua feminilidade. E, em verdade, basta passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte

em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestamente diferentes: talvez essas diferenças sejam superficiais, talvez se destinem a desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem com uma evidência total.

Se a função de fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também a explicá-la pelo "eterno feminino" e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na Terra, teremos que formular a pergunta: o que é uma mulher?

O próprio enunciado do problema sugere-me uma primeira resposta. É significativo que eu apresente esse problema. Um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade.[2] Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: "Sou uma mulher." Essa verdade constitui o fundo sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação. Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é evidente. É de maneira formal, nos registros dos cartórios ou nas declarações de identidade, que as rubricas, masculino, feminino, aparecem como simétricas. A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo latino *vir* o sentido geral do vocábulo *homo*. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem a mim: "Você pensa assim porque é uma mulher." Mas eu sabia que minha única defesa era responder: "Penso-o porque é verdadeiro", eliminando assim minha subjetividade. Não se tratava, em hipótese alguma, de replicar: "E você pensa o contrário porque é um homem", pois está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada. Praticamente, assim como para os antigos havia uma vertical absoluta em relação à qual se definia a oblíqua, há um tipo humano absoluto que é o tipo masculino. A mulher tem ovários, um útero; eis as condições singulares que a encerram na sua subjetividade; diz-se de bom grado que ela pensa com suas glândulas. O homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos. Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo, que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica:

um obstáculo, uma prisão. "A fêmea é fêmea em virtude de certa *carência* de qualidades", diz Aristóteles. "Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural." E são Tomás, depois dele, decreta que a mulher é um "homem incompleto", um ser "ocasional". É o que simboliza a história do *Gênese*, em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um "osso supranumerário" de Adão. A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. "A mulher, o ser relativo...", diz Michelet. E é por isso que Benda afirma em *Rapport d'Uriel*: "O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que este parece destituído de significação se não se evoca o macho... O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem." Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o "sexo" para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.[3]

A categoria do *Outro* é tão original quanto a própria consciência. Nas mais primitivas sociedades, nas mais antigas mitologias encontra-se sempre uma dualidade que é a do Mesmo e do Outro. A divisão não foi estabelecida inicialmente sob o signo da divisão dos sexos, não depende de nenhum dado empírico: é o que se conclui, entre outros, dos trabalhos de Granet sobre o pensamento chinês, de Dumézil sobre as Índias e Roma. Nos pares Varuna-Mitra, Urano-Zeus, Sol-Lua, Dia-Noite, nenhum elemento feminino se acha implicado a princípio; nem tampouco na oposição do Bem e Mal, dos princípios fastos e nefastos, da direita e da esquerda, de Deus e Lúcifer; a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano. Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si. Bastam três viajantes reunidos por acaso num mesmo compartimento para que todos os demais viajantes se tornem "os outros" vagamente hostis. Para os habitantes de uma aldeia, todas as pessoas que não pertencem ao mesmo lugarejo são "outros" e suspeitos; para os habitantes de um país, os habitantes de outro país são considerados "estrangeiros". Os judeus são "outros" para o antissemita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. Ao fim de um estudo aprofundado das diversas figuras das sociedades primitivas, Lévi-Strauss pôde concluir: "A passagem do estado

natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições: a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas, constituem menos fenômenos a serem explicados que os dados fundamentais e imediatos da realidade social."[4] Tais fenômenos não se compreenderiam se a realidade humana fosse exclusivamente um *mitsein* baseado na solidariedade e na amizade. Esclarecem-se, ao contrário, se, segundo Hegel, descobrimos na própria consciência uma hostilidade fundamental em relação a qualquer outra consciência; o sujeito só se põe em se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto.

Só que a outra consciência lhe opõe uma pretensão recíproca: em viagem, o nativo percebe com espanto que há, nos países vizinhos, nativos que o encaram, eles também, como estrangeiro; entre aldeias, clãs, nações, classes, há guerras, *potlatchs*, mercados, tratados, lutas que tiram o sentido absoluto da ideia do *Outro* e descobrem-lhe a relatividade; por bem ou por mal os indivíduos e os grupos são obrigados a reconhecer a reciprocidade de suas relações. Como se entende, então, que entre os sexos essa reciprocidade não tenha sido colocada, que um dos termos se tenha imposto como o único essencial, negando toda relatividade em relação a seu correlativo, definindo este como a alteridade pura? Por que as mulheres não contestam a soberania do macho? Nenhum sujeito se define imediata e espontaneamente como o inessencial; não é o Outro que se definindo como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio. De onde vem essa submissão na mulher?

Existem outros casos em que, durante um tempo mais ou menos longo, uma categoria conseguiu dominar totalmente a outra. É muitas vezes a desigualdade numérica que confere esse privilégio: a maioria impõe sua lei à minoria ou a persegue. Mas as mulheres não são, como os negros dos Estados Unidos ou os judeus, uma minoria; há tantos homens quantas mulheres na Terra. Não raro, também, os dois grupos em presença foram inicialmente independentes; ignoravam-se antes ou admitiam cada qual a autonomia do outro; e foi um acontecimento histórico que subordinou o mais fraco ao mais forte: a diáspora judaica, a introdução da escravidão na América, as conquistas coloniais são fatos precisos. Nesses casos, para os oprimidos, houve um passo *à frente*: têm em comum um passado, uma tradição, por vezes uma religião, uma

cultura. Nesse sentido, a aproximação estabelecida por Bebel entre as mulheres e o proletariado seria mais lógica: os proletários tampouco estão em estado de inferioridade e nunca constituíram uma coletividade separada. Entretanto, na falta de *um* acontecimento, é um desenvolvimento histórico que explica sua existência como classe e mostra a distribuição *desses* indivíduos dentro dessa classe. Nem sempre houve proletários, sempre houve mulheres. Elas são mulheres em virtude de sua estrutura fisiológica; por mais longe que se remonte na história, sempre estiveram subordinadas ao homem: sua dependência não é consequência de um evento ou de uma evolução, ela não *aconteceu*. É, em parte, porque escapa ao caráter acidental do fato histórico que a alteridade aparece aqui como um absoluto. Uma situação que se criou através dos tempos pode desfazer-se num dado tempo: os negros do Haiti, entre outros, o provaram bem. Parece, ao contrário, que uma condição natural desafia qualquer mudança. Em verdade, a natureza, como a realidade histórica, não é um dado imutável. Se a mulher se enxerga como o inessencial que nunca retorna ao essencial é porque não opera, ela própria, esse retorno. Os proletários dizem "nós". Os negros também. Apresentando-se como sujeitos, eles transformam em "outros" os burgueses, os brancos. As mulheres — salvo em certos congressos que permanecem manifestações abstratas — não dizem "nós". Os homens dizem "as mulheres" e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito. Os proletários fizeram a revolução na Rússia, os negros, no Haiti, os indochineses bateram-se na Indochina: a ação das mulheres nunca passou de uma agitação simbólica; só ganharam o que os homens concordaram em lhes conceder; elas nada tomaram; elas receberam.[5] Isso porque não têm os meios concretos de se reunir em uma unidade que se afirmaria em se opondo. Não têm passado, não têm história nem religião própria; não têm, como os proletários, uma solidariedade de trabalho e interesses; não há sequer entre elas essa promiscuidade espacial que faz dos negros dos EUA, dos judeus dos guetos, dos operários de Saint-Denis ou das fábricas Renault uma comunidade. Vivem dispersas entre os homens, ligadas pelo *habitat*, pelo trabalho, pelos interesses econômicos, pela condição social a certos homens — pai ou marido — mais estreitamente do que a outras mulheres. Burguesas são solidárias dos burgueses e não das mulheres proletárias; brancas, dos homens brancos e não das mulheres negras. O proletariado poderia propor-se o trucidamento da classe dirigente; um judeu, um negro fanático poderiam sonhar com possuir o segredo da bomba atômica e constituir uma humanidade inteiramente judaica

ou inteiramente negra: mas mesmo em sonho a mulher não pode exterminar os homens. O laço que a une a seus opressores não é comparável a nenhum outro. A divisão dos sexos é, com efeito, um dado biológico, e não um momento da história humana. É no seio de um *mitsein* original que sua oposição se formou e ela não a destruiu. O casal é uma unidade fundamental cujas metades se acham presas indissoluvelmente uma à outra: nenhum corte por sexos é possível na sociedade. Isso é o que caracteriza fundamentalmente a mulher: ela é o Outro dentro de uma totalidade cujos dois termos são necessários um ao outro.

Poder-se-ia imaginar que essa reciprocidade teria facilitado a libertação; quando Hércules fia a lã aos pés de Ônfale, o desejo amarra-o: por que Ônfale não conseguiu adquirir um poder durável? Para vingar-se de Jasão, Medeia mata os filhos: essa lenda selvagem sugere que, do laço que a liga à criança, a mulher teria podido tirar uma ascendência temível. Aristófanes imaginou complacentemente, em *Lisístrata*, uma assembleia de mulheres em que estas tentam explorar em comum, e para fins sociais, a necessidade que os homens têm delas, mas trata-se apenas de uma comédia. A lenda que afirma que as sabinas raptadas opuseram a seus raptores uma esterilidade obstinada conta também que, fustigando-as com chicotes de couro, os homens quebraram magicamente essa resistência. A necessidade biológica — desejo sexual e desejo de posteridade — que coloca o macho sob a dependência da fêmea não libertou socialmente a mulher. O senhor e o escravo estão unidos por uma necessidade econômica recíproca que não liberta o escravo. É que, na relação do senhor com o escravo, o primeiro não *expõe* a necessidade que tem do outro; ele detém o poder de satisfazer essa necessidade e não a mediatiza; ao contrário, o escravo, na dependência, esperança ou medo, interioriza a necessidade que tem do senhor; a urgência da necessidade, ainda que igual em ambos, sempre favorece o opressor contra o oprimido: é o que explica que a libertação da classe proletária, por exemplo, tenha sido tão lenta. Ora, a mulher sempre foi, senão a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap*. Em quase nenhum país seu estatuto legal é idêntico ao do homem, e muitas vezes este último a prejudica consideravelmente. Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta. Economicamente, homens e mulheres constituem como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros

têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito do que suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam, na indústria, na política etc., maior número de lugares e os postos mais importantes. Além dos poderes concretos que possuem, revestem-se de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens. No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens. Eles bem o sabem, elas mal duvidam. Recusar ser o Outro, recusar a cumplicidade com o homem seria para elas renunciar a todas as vantagens que a aliança com a casta superior pode lhes conferir. O homem suserano protegerá materialmente a mulher vassala e se encarregará de lhe justificar a existência: com o risco econômico, ela esquiva o risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios. Efetivamente, ao lado da pretensão de todo indivíduo de se afirmar como sujeito, que é uma pretensão ética, há também a tentação de fugir de sua liberdade e de se constituir em coisa. É um caminho nefasto porque passivo, alienado, perdido, e então esse indivíduo é presa de vontades estranhas, cortado de sua transcendência, frustrado de todo valor. Mas é um caminho fácil: evitam-se com ele a angústia e a tensão da existência autenticamente assumida. O homem que constitui a mulher como um *Outro* encontrará, nela, profundas cumplicidades. Assim, a mulher não se reivindica como sujeito porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de *Outro*.

Mas uma questão imediatamente se apresenta: como tudo isso começou? Compreende-se que a dualidade dos sexos, como toda dualidade, tenha sido traduzida por um conflito. Compreende-se que, se um dos dois conseguisse impor sua superioridade, esta deveria estabelecer-se como absoluta. Resta explicar por que o homem venceu desde o início. Parece que as mulheres poderiam ter sido vitoriosas. Ou a luta poderia nunca ter tido solução. Por que este mundo sempre pertenceu aos homens e só hoje as coisas começam a mudar? Será um bem essa mudança? Trará ou não uma partilha igual do mundo entre homens e mulheres?

Essas questões estão longe de ser novas; já lhes foram dadas numerosas respostas, mas o simples fato de ser a mulher o *Outro* contesta todas as justificações que os homens lhe puderam dar: eram-lhes evidentemente ditadas pelo interesse. "Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres

deve ser suspeito, porque eles são, a um tempo, juiz e parte", escreveu, no século XVII, Poulain de la Barre, feminista pouco conhecido. Em toda parte e em qualquer época, os homens exibiram a satisfação que tiveram de se sentirem os reis da criação. "Bendito seja Deus nosso Senhor e o Senhor de todos os mundos por não me ter feito mulher", dizem os judeus nas suas preces matinais, enquanto suas esposas murmuram com resignação: "Bendito seja o Senhor que me criou segundo a sua vontade." Entre as mercês que Platão agradecia aos deuses, a maior se lhe afigurava o fato de ter sido criado livre e não escravo e, a seguir, o de ser homem e não mulher. Mas os homens não poderiam gozar plenamente esse privilégio se não o houvessem considerado alicerçado no absoluto e na eternidade: de sua supremacia procuraram fazer um direito. "Os que fizeram e compilaram as leis, por serem homens, favoreceram seu próprio sexo, e os jurisconsultos transformaram as leis em princípios", diz ainda Poulain de la Barre. Legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa à Terra. As reli-giões forjadas pelos homens refletem essa vontade de domínio: buscaram argumentos nas lendas de Eva, de Pandora, puseram a filosofia e a teologia a serviço de seus desígnios, como vimos pelas frases citadas de Aristóteles e são Tomás. Desde a Antiguidade, moralistas e satíricos deleitaram-se com pintar o quadro das fraquezas femininas. Conhecem-se os violentos requisitórios que contra elas se escreveram através de toda a literatura francesa: Montherlant reata, com menor brilho, a tradição de Jean de Meung. Essa hostilidade parece, algumas vezes, justificável, mas na maior parte dos casos é gratuita. Na realidade, recobre uma vontade de autojustificação mais ou menos habilmente mascarada. "É mais fácil acusar um sexo do que desculpar o outro", diz Montaigne. Em certos casos, o processo é evidente. É impressionante, por exemplo, que o código romano, a fim de restringir os direitos das mulheres, invoque "a imbecilidade, a fragilidade do sexo" no momento em que, pelo enfraquecimento da família, ela se torna um perigo para os herdeiros masculinos. É impressionante que no século XVI, a fim de manter a mulher casada sob tutela, apele-se para a autoridade de santo Agostinho, declarando que "a mulher é um animal que não é nem firme nem estável", enquanto à celibatária se reconhece o direito de gerir seus bens. Montaigne compreendeu muito bem a arbitrariedade e a injustiça do destino imposto à mulher: "Não carecem de razão as mulheres quando recusam as regras que se

introduziram no mundo, tanto mais quando foram os homens que as fizeram sem elas. Há, naturalmente, desentendimentos e disputas entre elas e nós"; mas ele não chega a defendê-las verdadeiramente. É somente no século XVIII que homens profundamente democratas encaram a questão com objetividade. Diderot, entre outros, esforça-se por demonstrar que a mulher é, como o homem, um ser humano. Um pouco mais tarde, Stuart Mill defende-a com ardor. Mas esses filósofos são de uma imparcialidade excepcional. No século XIX, a querela do feminismo torna-se novamente uma querela de sectários; uma das consequências da revolução industrial é a participação da mulher no trabalho produtor: nesse momento, as reivindicações feministas saem do terreno teórico, encontram fundamentos econômicos; seus adversários fazem-se mais agressivos. Embora os bens de raiz se achem em parte abalados, a burguesia apega-se à velha moral que vê, na solidez da família, a garantia da propriedade privada: exige a presença da mulher no lar tanto mais vigorosamente quanto sua emancipação torna-se uma verdadeira ameaça; mesmo dentro da classe operária os homens tentaram frear essa libertação, porque as mulheres são encaradas como perigosas concorrentes, habituadas que estavam a trabalhar por salários mais baixos.[6] A fim de provar a inferioridade da mulher, os antifeministas apelaram não somente para a religião, a filosofia e a teologia, como no passado, mas ainda para a ciência: biologia, psicologia experimental etc. Quando muito, consentia-se em conceder ao *outro* sexo "a igualdade dentro da diferença". Essa fórmula, que fez fortuna, é muito significativa: é exatamente a que utilizam em relação aos negros dos EUA as leis Jim Crow; ora, essa segregação, pretensamente igualitária, só serviu para introduzir as mais extremas discriminações. Esse encontro nada tem de ocasional: quer se trate de uma raça, de uma casta, de uma classe, de um sexo reduzidos a uma condição inferior, o processo de justificação é o mesmo. O "eterno feminino" é o homólogo da "alma negra" e do "caráter judeu". O problema judaico é, de resto, em conjunto, muito diferente dos dois outros: o judeu para o antissemita é menos um inferior do que um inimigo e não se lhe reconhece neste mundo nenhum lugar próprio: o que se deseja é aniquilá-lo. Mas há profundas analogias entre a situação das mulheres e a dos negros: umas e outros emancipam-se hoje de um mesmo paternalismo, e a casta anteriormente dominadora quer mantê-los "em seu lugar", isto é, no lugar que escolheu para eles; em ambos os casos, ela se expande em elogios mais ou menos sinceros às virtudes do "bom negro", de alma inconsciente, infantil

e alegre, do negro resignado, da mulher "realmente mulher", isto é, frívola, pueril, irresponsável, submetida ao homem. Em ambos os casos, tira seus argumentos do estado de fato que ela criou. Conhece-se o dito de Bernard Shaw: "O americano branco relega o negro ao nível do engraxate; e conclui daí que só pode servir para engraxar sapatos." Encontra-se esse círculo vicioso em todas as circunstâncias análogas: quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos é mantido numa situação de inferioridade, ele *é* de fato inferior; mas é sobre o alcance da palavra *ser* que precisamos entender-nos; a má-fé consiste em dar-lhe um valor substancial quando tem o sentido dinâmico hegeliano: *ser* é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta. Sim, as mulheres, em seu conjunto, *são* hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve se perpetuar.

Muitos homens o desejam: nem todos se desarmaram ainda. A burguesia conservadora continua a ver na emancipação da mulher um perigo que lhe ameaça a moral e os interesses. Certos homens temem a concorrência feminina. No *Hebdo-Latin* um estudante declarava há dias: "Toda estudante que consegue uma posição de médico ou de advogado *rouba-nos* um lugar." Esse rapaz não duvidava, um só instante, de seus próprios direitos sobre o mundo. Não são somente os interesses econômicos que importam. Um dos benefícios que a opressão assegura aos opressores é de o mais humilde destes se sentir superior: um "pobre branco" do sul dos Estados Unidos tem o consolo de dizer a si próprio que não é "um negro imundo", e os brancos mais ricos exploram habilmente esse org`ulho. Assim também o mais medíocre dos homens julga-se um semideus diante das mulheres. Era muito mais fácil a Montherlant julgar-se um herói quando se confrontava com mulheres (escolhidas, de resto, a dedo) do que quando teve de desempenhar seu papel de homem entre os homens: papel que muitas mulheres desempenharam melhor do que ele. É assim que, em setembro de 1948, em um de seus artigos do *Fígaro Littéraire*, o sr. Claude Mauriac — cuja forte originalidade todos admiram — pôde escrever[7] a respeito das mulheres: "*Nós* ouvimos numa atitude (*sic*) de indiferença cortês... a mais brilhante dentre elas, sabendo muito bem que seu espírito reflete, de maneira mais ou menos brilhante, ideias que vêm de *nós*." Não são evidentemente as ideias do próprio sr. C. Mauriac que sua interlocutora reflete, dado que ele não tem nenhuma; que ela reflita ideias que vêm dos homens é possível: entre os homens, mais de um considera suas muitas opiniões que não

inventou; pode-se indagar se o sr. Claude Mauriac não teria interesse em entreter-se com um bom reflexo de Descartes, de Marx, de Gide, de preferência a entreter-se consigo próprio. O que é notável é que mediante o equívoco do *nós* identifica-se ele com são Paulo, Hegel, Lenin, Nietzsche e do alto da grandeza deles considera com desdém o rebanho de mulheres que ousam falar-lhe em pé de igualdade. Para dizer a verdade, conheço muitas que não teriam a paciência de conceder ao sr. Mauriac "uma atitude de indiferença cortês".

Insisti nesse exemplo porque nele a ingenuidade masculina é desarmante. Há muitas outras maneiras mais sutis mediante as quais os homens tiram proveito da alteridade da mulher. Para todos os que sofrem de complexo de inferioridade, há nisso um linimento milagroso: ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade. Os que não se intimidam com seus semelhantes mostram-se também muito mais dispostos a reconhecer na mulher um semelhante. Mesmo a esses, entretanto, o mito da Mulher, o Outro, é caro por muitas razões;[8] não há como censurá-los por não sacrificarem de bom grado todas as vantagens que tiram disso; sabem o que perdem, renunciando à mulher tal qual a sonham, ignoram o que lhe trará a mulher tal qual ela será amanhã. É preciso muita abnegação para se recusar a apresentar-se como o Sujeito único e absoluto. Aliás, a maioria dos homens não assume explicitamente essa pretensão. Eles não *colocam* a mulher como uma inferior; estão hoje demasiadamente compenetrados do ideal democrático para não reconhecer todos os seres humanos como iguais. No seio da família, a mulher apresenta-se à criança e ao jovem revestida da mesma dignidade social dos adultos masculinos; mais tarde ele sente no desejo e no amor a resistência, a independência, da mulher desejada e amada; casado, ele respeita na mulher a esposa, a mãe, e na experiência concreta da vida conjugal ela se afirma diante dele como uma liberdade. O homem pode, pois, persuadir-se de que não existe mais hierarquia social entre os sexos e de que, *grosso modo*, através das diferenças, a mulher é sua igual. Como observa, entretanto, algumas inferioridades — das quais a mais importante é a incapacidade profissional —, ele as atribui à natureza. Quando tem para com a mulher uma atitude de colaboração e benevolência, ele tematiza o princípio da igualdade abstrata; e a desigualdade concreta que verifica, ele não a *expõe*. Mas, logo que entra em conflito com a mulher, a situação se inverte: ele tematiza a desigualdade concreta e dela tira autoridade para negar a igualdade abstrata.[9] Assim é que muitos homens afirmam quase com boa-fé que as mulheres *são* iguais aos homens e

nada têm a reivindicar, e, *ao mesmo tempo*, que as mulheres nunca poderão ser iguais aos homens e que suas reivindicações são vãs. É que é difícil para o homem medir a extrema importância de discriminações sociais que parecem insignificantes de fora e cujas repercussões morais e intelectuais são tão profundas na mulher que podem parecer ter suas raízes numa natureza original.[10] Mesmo o homem mais simpático à mulher nunca lhe conhece bem a situação concreta. Por isso não há como acreditar nos homens quando se esforçam por defender privilégios cujo alcance não medem. Não nos deixaremos, portanto, intimidar pelo número e pela violência dos ataques dirigidos contra a mulher, nem nos impressionar com os elogios interesseiros que se fazem à "verdadeira mulher"; nem nos contaminar pelo entusiasmo que seu destino suscita entre os homens que por nada no mundo desejariam compartilhá-lo.

Entretanto, não devemos ponderar com menos desconfiança os argumentos dos feministas: muitas vezes, a preocupação polêmica tira-lhes todo valor. Se a "questão feminina" é tão absurda é porque a arrogância masculina fez dela uma "querela", e quando as pessoas querelam não raciocinam bem. O que se procurou infatigavelmente provar foi que a mulher é superior, inferior ou igual ao homem. Criada depois de Adão, é evidentemente um ser secundário, dizem uns; ao contrário, dizem outros, Adão era apenas um esboço e Deus alcançou a perfeição do ser humano quando criou Eva; seu cérebro é o menor, mas é relativamente o maior; e se Cristo se fez homem foi possivelmente por humildade. Cada argumento sugere imediatamente seu contrário e não raro ambos são falhos... Se quisermos ver com clareza, devemos sair desses trilhos; precisamos recusar as noções vagas de superioridade, inferioridade e igualdade que desvirtuaram todas as discussões e reiniciar do começo.

Como poremos então a questão? E, antes de mais nada, quem somos nós para apresentá-la? Os homens são parte e juiz; as mulheres também. Onde encontrar um anjo? Em verdade, um anjo seria mal indicado para falar, ignoraria todos os dados do problema; quanto ao hermafrodita, é um caso demasiado singular: não é homem e mulher ao mesmo tempo, mas antes nem homem nem mulher. Creio que para elucidar a situação da mulher são ainda certas mulheres as mais indicadas. É um sofisma encerrar Epimênides no conceito de cretense e os cretenses no de mentiroso: não é uma essência misteriosa que determina a boa ou a má-fé nos homens e nas mulheres; é a situação deles que os predispõem mais ou menos à procura da verdade. Muitas mulheres de hoje, que tiveram a sorte de ver-lhes restituídos todos os

privilégios do ser humano, podem dar-se ao luxo da imparcialidade; sentimos até a necessidade desse luxo. Não somos mais como nossas predecessoras: combatentes. De maneira global ganhamos a partida. Nas últimas discussões acerca do estatuto da mulher, a ONU não cessou de exigir que a igualdade dos sexos se realizasse completamente, e muitas de nós já não veem em sua feminilidade um embaraço ou um obstáculo; muitos outros problemas nos parecem mais essenciais do que os que nos dizem particularmente respeito; e esse próprio desinteresse permite-nos esperar que nossa atitude seja objetiva. Entretanto, conhecemos mais intimamente do que os homens o mundo feminino, porque nele temos nossas raízes; apreendemos mais imediatamente o que significa para um ser humano o fato de pertencer ao sexo feminino e preocupamo-nos mais com o saber. Disse que havia problemas mais essenciais, o que não impede que esse conserve a nossos olhos alguma importância: em que o fato de sermos mulheres terá afetado a nossa vida? Que possibilidades nos foram oferecidas, exatamente, e quais nos foram recusadas? Que destino podem esperar nossas irmãs mais jovens e em que sentido convém orientá-las? É impressionante que em seu conjunto a literatura feminina seja menos animada em nossos dias por uma vontade de reivindicação do que por um esforço de lucidez; ao sair de uma era de polêmicas desordenadas, este livro é uma tentativa, entre outras, de verificar em que pé se encontra a questão.

Mas talvez seja impossível tratar qualquer problema humano sem preconceito: a própria maneira de abordar as questões, as perspectivas adotadas pressupõem uma hierarquia de interesses: toda qualidade envolve valores. Não há descrição, dita objetiva, que não se erga sobre um fundo ético. Em vez de tentar dissimular os princípios que se subentendem mais ou menos explicitamente, cumpre examiná-los. Desse modo, não somos obrigadas a precisar em cada página que sentido se dá às palavras superior, inferior, melhor, pior, progresso, retrocesso etc. Se passamos em revista algumas dessas obras consagradas à mulher, vemos que um dos pontos de vista mais comumente adotados é o do bem público, do interesse geral; em verdade, cada um entende, com isso, o interesse da sociedade tal qual deseja manter ou estabelecer. Quanto a nós, estimamos que não há outro bem público senão o que assegura o bem individual dos cidadãos. É do ponto de vista das oportunidades concretas dadas aos indivíduos que julgamos as instituições. Mas não confundimos tampouco a ideia de interesse privado com a de felicidade, ponto de vista que se encontra frequentemente. As mulheres de harém não são mais felizes do que uma eleitora? Não é a dona de casa mais

feliz do que a operária? Não se sabe muito precisamente o que significa a palavra felicidade, nem que valores autênticos ela envolve. Não há nenhuma possibilidade de medir a felicidade de outrem e é sempre fácil declarar feliz a situação que se lhe quer impor. Os que condenamos à estagnação, nós os declaramos felizes sob o pretexto de que a felicidade é a imobilidade. É, portanto, uma noção a que não nos referiremos. A perspectiva que adotamos é a da moral existencialista. Todo sujeito coloca-se concretamente através de projetos como uma transcendência; só alcança sua liberdade pela sua constante superação em vista de outras liberdades; não há outra justificação da existência presente senão sua expansão para um futuro indefinidamente aberto. Cada vez que a transcendência cai na imanência, há degradação da existência em "em si", da liberdade em facticidade; essa queda é uma falha moral, se consentida pelo sujeito. Se lhe é infligida, assume o aspecto de frustração ou opressão. Em ambos os casos, é um mal absoluto. Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência sente-a como uma necessidade indefinida de se transcender. Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? Que caminhos lhe são abertos? Quais conduzem a um beco sem saída? Como encontrar a independência no seio da dependência? Que circunstâncias restringem a liberdade da mulher, e quais pode ela superar? São essas algumas questões fundamentais que desejaríamos elucidar. Isso quer dizer que, interessando-nos pelas oportunidades dos indivíduos, não as definiremos em termos de felicidade, e sim em termos de liberdade.

É evidente que esse problema não teria nenhum sentido se supuséssemos que pesa sobre a mulher um destino fisiológico, psicológico ou econômico. Por isso, começaremos por discutir os pontos de vista da biologia, da psicanálise e do materialismo histórico acerca da mulher. Tentaremos mostrar, em seguida, positivamente, como "a realidade feminina" constituiu-se, por que a mulher foi definida como o Outro e quais foram as consequências do ponto de vista masculino. Descreveremos então, do ponto de vista das mulheres, o mundo que lhes é proposto;[11] e poderemos compreender contra que dificuldades se

chocam no momento em que, procurando evadir-se da esfera que lhes foi assinalada até o presente, elas pretendem participar do *mitsein* humano.

primeira parte

Destino

1/**Os dados da biologia**

A mulher? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. E se esse sexo parece ao homem desprezível e inimigo, mesmo nos bichos inocentes, é evidentemente por causa da inquieta hostilidade que a mulher suscita no homem; entretanto, ele quer encontrar na biologia uma justificação desse sentimento. A palavra fêmea sugere-lhe uma chusma de imagens: um enorme óvulo redondo abocanha e castra o ágil espermatozoide; monstruosa e empanturrada, a rainha das térmitas reina sobre os machos escravizados; a fêmea do louva-a-deus e a aranha, fartas de amor, matam o parceiro e o devoram; a cadela no cio erra pelas vielas, deixando atrás de si um rastro de odores perversos; a macaca exibe-se impudentemente e se recusa com faceirice hipócrita; as mais soberbas feras, a tigresa, a leoa, a pantera, deitam-se servilmente para a imperial posse do macho. Inerte, impaciente, matreira, estúpida, insensível, lúbrica, feroz, humilhada, o homem projeta na mulher todas as fêmeas ao mesmo tempo. E o fato é que ela é uma fêmea. Mas se quisermos deixar de pensar por lugares-comuns duas perguntas logo se impõem: Que representa a fêmea no reino animal? E que espécie singular de fêmea se realiza na mulher?

* * *

Machos e fêmeas são dois tipos de indivíduos que, no interior de uma espécie, se diferenciam em vista da reprodução: só podemos defini-los

correlativamente. Mas é preciso observar que o próprio sentido do *seccionamento* das espécies em dois sexos não é muito claro.

Na Natureza ela não se acha universalmente realizada. Para só falar dos animais, sabe-se que entre os unicelulares — infusórios, amebas, bacilos etc. — a multiplicação é fundamentalmente distinta da sexualidade, com as células dividindo-se e subdividindo-se solitariamente. Entre alguns metazoários, a reprodução opera-se por esquizogênese, isto é, fracionamento do indivíduo cuja origem é também assexuada; ou por blastogênese, isto é, fracionamento do indivíduo produzido ele próprio por um fenômeno sexual; os fenômenos de gemiparidade e de segmentação observados na hidra de água doce, nos celenterados, nas esponjas, nos vermes, nos tunicários são exemplos conhecidos. Nos fenômenos de partenogênese, o ovo virgem desenvolve-se em embrião sem intervenção do macho; este não desempenha papel algum ou apenas um papel secundário: os ovos de abelha não fecundados subdividem-se e produzem zangãos; entre os pulgões não existem machos durante uma série de gerações, e os ovos não fecundados dão fêmeas. Reproduziu-se artificialmente a partenogênese no ouriço-do-mar, na estrela-do-mar, na rã. Entretanto, entre os protozoários, às vezes duas células femininas fusionam, formando o que se chama um zigoto; a fecundação é necessária para que os ovos da abelha gerem fêmeas e para que os dos pulgões deem machos. Certos biólogos chegaram à conclusão de que, mesmo nas espécies capazes de se perpetuarem de maneira unilateral, a renovação do germe mediante uma mistura de cromossomos estranhos seria útil ao rejuvenescimento e ao vigor da linhagem; compreenderíamos assim que, nas formas mais complexas da vida, a sexualidade é uma função indispensável. Somente os organismos elementares poderiam multiplicar-se sem sexos e ainda assim esgotando sua vitalidade. Mas essa hipótese é hoje das mais controvertidas; observações provaram que a multiplicação assexuada pode verificar-se indefinidamente, sem que se perceba nenhuma degenerescência; o fato é particularmente impressionante entre os bacilos. As experiências de partenogênese tornaram-se cada vez mais numerosas e ousadas, e, em muitas espécies, o macho se evidencia radicalmente inútil. Mas, ainda que a utilidade de uma troca intercelular fosse demonstrada, apresentar-se-ia como um simples fato injustificado. A biologia constata a divisão dos sexos, mas embora imbuída de finalismo não consegue deduzi-la da estrutura da célula, nem das leis da multiplicação celular, nem de nenhum fenômeno elementar.

A existência de gametas[12] heterogêneos não basta para definir dois sexos distintos; na realidade, acontece, muitas vezes, a diferenciação das células geradoras não acarretar cisão da espécie em dois tipos: ambas podem pertencer a um mesmo indivíduo. É o caso das espécies hermafroditas, tão numerosas entre as plantas e que se encontram também em muitos animais inferiores, os anelados e os moluscos, entre outros. A reprodução efetua-se então ou por autofecundação ou por fecundação cruzada. Neste ponto, igualmente, certos biólogos pretenderam legitimar a ordem estabelecida. Consideram o gonocorismo, isto é, o sistema em que as diferentes gonadias[13] pertencem a indivíduos distintos, como um aperfeiçoamento do hermafroditismo realizado por via evolutiva; mas outros, ao contrário, julgam o gonocorismo primitivo: o hermafroditismo não passaria de uma degenerescência. Como quer que seja, essas noções de superioridade de um sistema sobre o outro implicam, no que concerne à evolução, teorias das mais contestáveis. Tudo o que se pode afirmar com certeza é que esses dois modos de reprodução coexistem na Natureza, que realizam, um e outro, a perpetuação das espécies e que, tal qual a heterogeneidade dos gametas, a dos organismos portadores de gonadias se apresenta como acidental. A separação dos indivíduos em machos e fêmeas surge, pois, como um fato irredutível e contingente.

A maior parte das filosofias tomou-a como admitida sem pretender explicá-la. Conhece-se o mito platônico: no princípio, havia homens, mulheres e andróginos; cada indivíduo possuía duas faces, quatro braços, quatro pernas e dois corpos, colados um ao outro; foram um dia "partidos em dois, da maneira como se partem os ovos", e desde então cada metade procura reunir-se à sua metade complementar; os deuses decidiram, posteriormente, que pela junção das duas metades dessemelhantes novos seres humanos seriam criados. Mas é só o amor que essa história se propõe explicar: a divisão em sexos é tomada, de início, como um dado. Aristóteles não a justifica melhor, pois se a cooperação da matéria e da forma é exigida em toda ação, não é necessário que os princípios ativos e passivos se distribuam em duas categorias de indivíduos heterogêneos. Assim é que são Tomás declara que a mulher é um ser "ocasional", o que é uma maneira de afirmar — numa perspectiva masculina — o caráter acidental da sexualidade. Hegel, entretanto, teria sido infiel a seu delírio racionalista se não houvesse tentado fundamentá-la logicamente. A sexualidade representa, a seu ver, a mediação através da qual o sujeito se atinge concretamente como gênero. "O gênero produz-se nele como um efeito contra essa desproporção de sua realidade individual, como um desejo de reencontrar,

em outro indivíduo de sua espécie, o sentimento de si mesmo unindo-se a ele, de se completar e envolver, assim, o gênero em sua natureza e trazê-lo à existência. E tem-se a união sexual" (*Filosofia da Natureza*, 3ª parte, § 369). E mais adiante: "O processo consiste em saber o que eles são em si, isto é, um só gênero, uma só e mesma vida subjetiva, eles o põem também como tal." E Hegel declara a seguir que, para que se efetue o processo de aproximação, é preciso primeiramente que haja diferenciação dos dois sexos. Mas sua demonstração não é convincente: sente-se nela demasiadamente a ideia preconcebida de reencontrar em toda operação os três momentos do silogismo. A superação do indivíduo na espécie, mediante a qual indivíduo e espécie se realizam em sua verdade, poderia efetuar-se, sem terceiro termo, na simples relação do gerador com a criança: a reprodução poderia ser assexuada. Ou, ainda, a relação de um a outro poderia ser a de dois semelhantes, residindo a diferenciação na singularidade dos indivíduos de um mesmo tipo, como acontece nas espécies hermafroditas. A descrição de Hegel realça uma significação muito importante da sexualidade, mas seu erro consiste em fazer sempre razão da significação. É exercendo a atividade sexual que os homens definem os sexos e suas relações, como criam o sentido e o valor de todas as funções que cumprem: mas ela não está necessariamente implicada na natureza do ser humano. Na *Fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty observa que a existência humana nos obriga a rever as noções de necessidade e de contingência. "A existência, diz ele, não tem atributos fortuitos, não tem conteúdo que não contribua para dar-lhe sua forma, não admite em si mesma nenhum fato puro, pois é o movimento pelo qual os fatos são assumidos." É verdade. Mas é também verdade que há condições sem as quais o próprio fato da existência aparece como impossível. A presença no mundo implica rigorosamente a posição de um corpo que seja a um tempo uma coisa do mundo e um ponto de vista sobre esse mundo: mas não se exige que esse corpo possua tal ou qual estrutura particular. Em *O ser e o nada*, Sartre discute a afirmação de Heidegger, segundo a qual a realidade humana está condenada à morte pelo fato de sua finitude; Sartre estabelece que uma existência finita e temporalmente ilimitada seria concebível; entretanto, se a vida humana não fosse habitada pela morte, a relação do homem com o mundo e consigo mesmo seria tão profundamente transtornada que a definição "o homem é mortal" se apresentaria como coisa inteiramente diversa de uma verdade empírica: imortal, um ser existente não seria mais isso que chamamos um homem. Uma das características essenciais de seu destino é o fato de que o movimento de sua

vida temporal cria, atrás e diante de si, a infinidade do passado e do futuro: a perpetuação da espécie surge, pois, como o correlativo da limitação individual; pode-se, assim, considerar o fenômeno da reprodução como ontologicamente fundado. Mas é preciso parar aí; a perpetuação da espécie não acarreta a diferenciação sexual. Mesmo que esta seja assumida pelos seres existentes de tal maneira que entre na definição concreta da existência, nem por isso deixa de ser certo que uma consciência sem corpo, que um homem imortal são rigorosamente inconcebíveis, ao passo que é possível imaginar uma sociedade reproduzindo-se por partenogênese ou composta de hermafroditas.

Quanto ao papel respectivo dos dois sexos, trata-se de um ponto acerca do qual as opiniões variaram muito. Foram, a princípio, desprovidas de fundamento científico, refletiam unicamente mitos sociais. Pensou-se durante muito tempo, pensa-se ainda em certas sociedades primitivas de filiação uterina, que o pai não participa de modo algum na concepção do filho: as larvas ancestrais penetrariam sob a forma de germes no ventre materno. Com o advento do patriarcado, o macho reivindica acremente sua posteridade; ainda se é forçado a concordar em atribuir um papel à mulher na procriação, mas admite-se que ela não faz senão carregar e alimentar a semente viva: o pai é o único criador. Aristóteles imagina que o feto é produzido pelo encontro do esperma com o mênstruo; nessa simbiose a mulher fornece apenas uma matéria passiva, sendo o princípio masculino força, atividade, movimento, vida. É essa também a doutrina de Hipócrates, que reconhece duas espécies de sêmens: um fraco ou feminino e outro forte, masculino. A teoria aristotélica perpetuou-se através de toda a Idade Média e até à época moderna. No fim do século XVII, Harvey, sacrificando corças após o coito, encontrou, nas trompas uterinas, vesículas que imaginou serem ovos mas que, na realidade, eram embriões. O dinamarquês Stenon deu o nome de ovários às glândulas genitais femininas, que se denominavam, até então, "testículos femininos", e observou na superfície delas a existência de vesículas que, em 1677, Graaf identificou erroneamente com o ovo e a elas deu seu o nome. Continuou-se a encarar o ovário como um homólogo da glândula masculina. Nesse mesmo ano, entretanto, descobriram-se os "animálculos espermáticos" e verificou-se que penetravam no útero feminino, mas pensava-se que se restringissem a se alimentar aí, estando o indivíduo já prefigurado neles; o holandês Hartsaker desenhou, em 1694, uma imagem de um homúnculo escondido no espermatozoide, e em 1699 outro sábio declarou ter visto o espermatozoide desfazer-se de uma espécie de carapaça sob a qual surgiu um homenzinho que

ele também desenhou. A mulher limitava-se pois, nessas hipóteses, a nutrir um princípio vivo ativo e já perfeitamente constituído. Tais hipóteses não foram aceitas universalmente, e as discussões prosseguiram até o século XIX; foi a invenção do microscópio que permitiu estudar o ovo animal; em 1827, Baer identificou o ovo dos mamíferos; trata-se de um elemento contido dentro da vesícula de Graaf; pouco depois pôde-se estudar-lhe a segmentação; em 1835, foram descobertos o sarcódio, isto é, o protoplasma, e, em seguida, a célula; e em 1877 realizou-se uma observação que mostrava a penetração do espermatozoide no ovo da estrela-do-mar; partindo dessa descoberta estabeleceu-se a simetria dos núcleos dos dois gametas; os pormenores de sua fusão foram analisados pela primeira vez em 1883 por um zoólogo belga.

Contudo, as ideias de Aristóteles não caíram totalmente em descrédito. Hegel estima que os dois sexos devem ser diferentes: um será ativo e o outro, passivo, e naturalmente a passividade caberá à fêmea. "O homem é assim, em consequência dessa diferenciação, o princípio ativo, enquanto a mulher é o princípio passivo porque permanece dentro da sua unidade não desenvolvida."[14] E mesmo depois que se reconheceu o óvulo como um princípio ativo, os homens ainda tentaram opor sua inércia à agilidade do espermatozoide. Hoje, esboça-se uma tendência oposta: as descobertas da partenogênese levaram certos sábios a restringir o papel do macho ao de um simples agente físico-químico. Revelou-se que em algumas espécies a ação de um ácido ou de uma excitação mecânica bastaria para provocar a segmentação do ovo e o desenvolvimento do embrião; partindo daí, supôs-se ousadamente que o gameta masculino não seria necessário à geração, sendo, quando muito, um fermento; talvez a cooperação do homem na procriação se torne inútil um dia. E parece que é o que desejam muitas mulheres. Mas nada autoriza uma antecipação tão audaciosa porque nada permite universalizar os processos específicos da vida. Os fenômenos da multiplicação assexuada e da partenogênese não se evidenciam nem mais nem menos fundamentais do que os da reprodução sexuada. Dissemos que esta não é *a priori* privilegiada: mas nenhum fato indica que seja reduzível a um mecanismo mais elementar.

Assim, recusando toda doutrina *a priori*, toda teoria ousada, encontramo-nos colocados diante de um fato sem fundamento ontológico nem justificação empírica e cujo alcance não se pode compreender aprioristicamente. É examinando-o em sua realidade concreta que podemos esperar arrancar-lhe a significação; talvez então o conteúdo da palavra "fêmea" se revele.

Não pretendemos propor aqui uma filosofia da vida; e não queremos tomar apressadamente partido na querela que opõe o finalismo ao mecanicismo. É entretanto digno de nota o fato de que todos os fisiólogos e biólogos empregam uma linguagem mais ou menos finalista, pelo único fato de darem um sentido aos fenômenos vitais; adotaremos seu vocabulário. Sem nada decidir quanto à relação entre a vida e a consciência, pode-se afirmar que todo fato vivo indica uma transcendência, que em toda função se encaixa um projeto: nossas descrições não subentendem nada mais.

* * *

Na grande maioria das espécies, os organismos masculinos e femininos cooperam em vista da reprodução. São fundamentalmente definidos pelos gametas que produzem. Em algumas algas e em alguns cogumelos, as células que fusionam para produzir o ovo são idênticas; esses casos de isogamia são significativos pelo fato de manifestarem a equivalência basal dos gametas; de maneira geral estes são diferençados, mas sua analogia permanece impressionante. Espermatozoides e óvulos resultam de uma evolução de células primitivamente idênticas. O desenvolvimento das células femininas em oócitos difere do dos espermatozoides por fenômenos protoplásmicos, mas os fenômenos nucleares são sensivelmente os mesmos. A ideia expressa em 1903 pelo biólogo Ancel é considerada válida ainda hoje: "Uma célula progerminadora indiferençada se tornará masculina ou feminina segundo as condições que encontra na glândula genital no momento de sua aparição, condições reguladas pela transformação de certo número de células epiteliais em elementos nutridores, elaboradores de um material especial." Esse parentesco originário exprime-se na estrutura dos dois gametas que, no interior de cada espécie, comportam o mesmo número de cromossomos. No momento da fecundação, os dois núcleos confundem sua substância e em cada um deles se opera uma redução dos cromossomos, que ficam limitados à metade de seu número primitivo. Essa redução produz-se em ambos de maneira análoga, redundando as duas últimas divisões do óvulo na formação dos glóbulos polares, o que equivale às duas últimas divisões do espermatozoide. Pensa-se hoje que, segundo a espécie, é o gameta masculino ou o feminino que decide da determinação do sexo. Entre os mamíferos é o espermatozoide que possui um cromossomo heterogêneo aos outros e cuja potencialidade é ora masculina,

ora feminina. Quanto à transmissão dos caracteres hereditários, ela se efetua segundo as leis estatísticas de Mendel tanto pelo pai como pela mãe. O que cumpre notar é que nenhum dos gametas tem privilégio nesse encontro. Ambos sacrificam sua individualidade, absorvendo o ovo a totalidade de sua substância. Há, portanto, dois preconceitos muito comuns que — pelo menos nesse nível biológico fundamental — se evidenciam falsos: o primeiro é o da passividade da fêmea; a faísca viva não se acha encerrada em nenhum dos dois gametas: desprende-se do encontro deles. O núcleo do óvulo é um princípio vital exatamente simétrico ao do espermatozoide. O segundo preconceito contradiz o primeiro, o que não impede que muitas vezes coexistam: o de que a permanência da espécie é assegurada pela fêmea, tendo o princípio masculino uma existência explosiva e fugaz. Na realidade, o embrião perpetua o germe do pai tanto quanto o da mãe e os retransmite juntos aos descendentes, ora sob a forma masculina, ora sob a feminina. É, por assim dizer, um germe andrógino que, de geração em geração, sobrevive aos avatares individuais do soma.

Dito isso, cabe acrescentar que se observam diferenças secundárias das mais interessantes entre o óvulo e o espermatozoide; a singularidade essencial do óvulo consiste em estar carregado de materiais destinados a nutrir e proteger o embrião. Ele acumula reservas à custa das quais o feto construirá seus tecidos, reservas que não são uma substância viva, e sim uma matéria inerte; disso resulta que apresenta uma forma maciça, esférica ou elipsoidal e é relativamente volumoso. Não se ignoram as dimensões que atinge o ovo do pássaro; na mulher o óvulo mede 0,13 mm de diâmetro, ao passo que no esperma humano encontram-se 60.000 espermatozoides por milímetro cúbico. A massa do espermatozoide é extremamente reduzida; ele possui uma cauda filiforme, uma cabecinha alongada, nenhuma substância estranha o entorpece, todo ele é vida. Sua estrutura o destina à mobilidade; ao passo que o óvulo, em que se acha armazenado o futuro do feto, é um elemento fixo. Encerrado no organismo feminino ou suspenso em um meio exterior, aguarda passivamente a fecundação. É o gameta masculino que o procura. O espermatozoide é sempre uma célula nua; o óvulo, segundo as espécies, é protegido ou não por uma membrana, mas, em todo caso, logo que entra em contato com ele, o espermatozoide empurra-o, fá-lo oscilar e infiltra-se nele. O gameta masculino abandona a cauda, a cabeça incha e num movimento giratório alcança o núcleo. Durante esse tempo, o ovo forma, de imediato, uma membrana, protegendo-se contra os outros espermatozoides. Entre os equinoides, em que

a fecundação é externa, é fácil observar, em volta do óvulo que flutua inerte, a corrida dos espermatozoides que o cercam como uma auréola. Essa competição é também um fenômeno importante e encontrado na maioria das espécies. Muito menor do que o óvulo, o espermatozoide é geralmente emitido em quantidades muito mais consideráveis, e cada óvulo tem vários pretendentes.

Assim o óvulo, ativo em seu princípio essencial, a saber, o núcleo, é superficialmente passivo; sua massa fechada sobre si mesma, encerrada em si mesma, evoca a espessura noturna e o repouso do em si; é sob a forma da esfera que os Antigos representavam o mundo fechado, o átomo opaco; imóvel, o óvulo espera. Ao contrário, o espermatozoide aberto, miúdo, ágil, representa a impaciência e a inquietação da existência. Não se deve deixar-se seduzir pelo prazer das alegorias; assimilou-se, por vezes, o óvulo à imanência, o espermatozoide à transcendência. Mas é renunciando à sua transcendência, à sua mobilidade, que este penetra no elemento feminino. É sugado e castrado pela massa inerte que o absorve depois de o ter mutilado, arrancando-lhe a cauda. Eis uma ação mágica, inquietante como todas as ações passivas; ao passo que a atividade do gameta masculino é racional: é um movimento mensurável em termos de tempo e de espaço. Na verdade, não são isso mais do que divagações. Gametas masculinos ou femininos fundem-se no ovo. Juntos, eles se suprimem em sua totalidade. É um erro pretender que o óvulo absorve vorazmente o gameta masculino e igualmente falso dizer que este se anexa vitoriosamente às reservas da célula feminina, porquanto, no ato que os confunde, a individualidade de um e de outro desaparece. E, talvez, o movimento apresenta-se ao pensamento mecanicista como o fenômeno racional por excelência; mas para a física moderna não se trata de uma ideia mais clara do que a de uma ação a distância. Ignora-se, aliás, o pormenor das ações físico-químicas que redundam em encontro fecundante. É possível, entretanto, reter uma indicação válida dessa confrontação. Há, na vida, dois movimentos que se conjugam; ela só se mantém em se superando e só se supera com a condição de se manter. Esses dois momentos realizam-se sempre juntos, pensá-los separados é pensar abstratamente. Entretanto, é ora um, ora outro que domina. Em sua união, os dois gametas superam-se e perpetuam-se ao mesmo tempo, mas o óvulo, em sua estrutura, antecipa as necessidades futuras. É constituído de maneira a nutrir a vida que despertará nele. Ao contrário, o espermatozoide não está absolutamente equipado para assegurar o desenvolvimento do germe que suscita. Em compensação, o óvulo é incapaz de

provocar a mudança que suscitará uma nova explosão de vida; ao passo que o espermatozoide se desloca. Sem a previdência ovária, sua ação seria vã; mas, sem sua iniciativa, o óvulo não cumpriria suas possibilidades ativas. Logo, concluímos que, fundamentalmente, o papel dos dois gametas é idêntico: criam juntos um ser vivo em que ambos se perdem e se superam. Mas, nos fenômenos secundários e superficiais que condicionam a fecundação, é pelo elemento masculino que se opera a variação de situação necessária ao novo desabrochar da vida; é pelo elemento feminino que esse desabrochar se fixa em um organismo estável.

Seria ousado deduzir de tal verificação que o lugar da mulher é no lar: mas há pessoas ousadas. Em seu livro *Le tempérament et le caractère*, Alfred Fouillée pretendia, outrora, definir toda mulher a partir do óvulo e o homem a partir do espermatozoide; muitas teorias, ditas profundas, assentam nesse jogo de analogias duvidosas. Não se sabe muito bem a que filosofia da Natureza esses pseudopensamentos se referem. Se se consideram as leis da hereditariedade, homens e mulheres saíram igualmente de um espermatozoide e de um óvulo. Suponho, antes, que flutuam nesses espíritos brumosos sobrevivências da velha filosofia medieval, segundo a qual o cosmo era o exato reflexo de um microcosmo: imagina-se que o óvulo é um homúnculo feminino e a mulher, um óvulo gigante. Esses devaneios abandonados desde a época da alquimia estabelecem um estranho contraste com a precisão científica das descrições sobre as quais nos alicerçamos no mesmo momento: a biologia moderna acomoda-se mal ao simbolismo medieval; mas nossos sonhadores não olham de tão perto. Sendo um pouco escrupuloso, concorda-se, porém, em que do óvulo à mulher há um longo caminho. No óvulo, a própria noção de fêmea ainda não se acha contida. Hegel observa com razão que a relação sexual não se deixa reduzir a uma relação entre os gametas. É portanto necessário estudar o organismo feminino em sua totalidade.

Já se disse que, em muitos vegetais e certos animais inferiores, entre os quais os moluscos, a especificação dos gametas não acarreta a dos indivíduos, produzindo, cada um deles, óvulos e espermatozoides a um tempo. Mesmo quando os sexos se separam, não existem entre eles barreiras estanques como as que encerram as espécies. Assim como os gametas se definem a partir de um tecido original indiferençado, machos e fêmeas surgem antes como variações sobre uma base comum. Entre certos animais — o caso mais típico é o da bonélia — o embrião é inicialmente assexuado e são os acasos de seu desenvolvimento que decidem ulteriormente de sua sexualidade. Admite-se hoje

que na maioria das espécies a determinação do sexo depende da constituição genotípica do ovo. O ovo virgem da abelha, reproduzindo-se por partenogênese, dá exclusivamente machos; o dos pulgões, nas mesmas condições, exclusivamente fêmeas. Quando os ovos são fecundados é interessante notar que — salvo, talvez, em certas aranhas — o número de indivíduos machos e fêmeos procriados é sensivelmente igual; a diferenciação provém da heterogeneidade de um dos dois tipos de gametas; entre os mamíferos são os espermatozoides que possuem uma potencialidade masculina ou feminina; não se sabe exatamente o que, durante a espermatogênese ou a ovogênese, decide do caráter singular dos gametas heterogêneos; em todo caso, as leis estatísticas de Mendel bastam para explicar-lhes a distribuição regular. Nos dois sexos, o processo de fecundação e o início do desenvolvimento embrionário efetuam-se de maneira idêntica; o tecido epitelial destinado a evoluir em gonadia é, no início, indiferençado; é num certo estágio de maturação que os testículos se afirmam ou que mais tardiamente se esboçam os ovários. Isso explica que entre o hermafroditismo e o gonocorismo existe uma quantidade de intermediários; muitas vezes, um dos sexos possui certos órgãos característicos do sexo complementar. O caso mais impressionante é o do sapo: encontra-se no macho um ovário atrofiado, denominado órgão de Bidder, e que se pode artificialmente forçar a produzir ovos. Entre os mamíferos, subsistem vestígios dessa bipotencialidade sexual, entre outros, a hidratila pediculada e séssil, o *uterus masculinus*, as glândulas mamárias no macho e, na fêmea, o canal de Gartner, o clitóris. Mesmo nas espécies em que a divisão sexual é mais marcada, há indivíduos que são machos e fêmeas ao mesmo tempo. Os casos de intersexualidade são numerosos nos animais e mesmo no homem e encontram-se, nas borboletas, nos crustáceos, exemplos de ginandromorfismo em que os caracteres masculinos e femininos se justapõem numa espécie de mosaico. É que, genotipicamente definido, o feto é, entretanto, profundamente influenciado pelo meio em que haure sua substância. Sabe-se que entre as formigas, as abelhas e as térmitas é o modo de nutrição que faz da larva uma fêmea acabada ou freia sua maturação sexual, transformando-a em operária. A influência nesse caso age sobre o conjunto do organismo. Entre os insetos, o soma é sexualmente definido num período muito precoce e não depende das gonadias. Entre os vertebrados, são essencialmente os hormônios provenientes das gonadias que desempenham um papel regulador. Demonstrou-se, mediante várias experiências, que fazendo variar o meio endocrínico podia-se agir sobre a determinação do sexo; outras experiências, de enxertia e de

castração, realizadas em animais adultos, conduziram à teoria moderna da sexualidade. Nos machos e fêmeas dos vertebrados o soma é idêntico, podendo-se considerá-lo um elemento neutro; é a ação da gonadia que lhe dá as características sexuais. Certos hormônios secretados operam como estimulantes e outros como inibidores; o próprio *tractus* genital é de natureza somática, e a embriologia mostra que ele se determina sob a influência dos hormônios, partindo de esboços bissexuais. Há intersexualidade quando o equilíbrio hormonal não foi satisfeito e nenhuma das duas potencialidades sexuais se realizou nitidamente.

Igualmente distribuídos na espécie, evoluídos de maneira análoga a partir de raízes idênticas, os organismos masculinos e femininos, uma vez terminada sua formação, parecem profundamente simétricos. Ambos se caracterizam pela presença de glândulas produtoras de gametas, ovários ou testículos, sendo os processos de espermatogênese e ovogênese, já o vimos, análogos; essas glândulas depositam sua secreção num canal mais ou menos complexo segundo a hierarquia das espécies. A fêmea deixa sair o ovo diretamente pelo oviduto ou o retém na cloaca ou em um útero diferençado antes de expulsá-lo; o macho lança o sêmen para fora, ou é munido de um órgão copulador que lhe permite introduzi-lo na fêmea. Estaticamente, macho e fêmea aparecem, portanto, como dois tipos complementares. É preciso considerá-los de um ponto de vista funcional para apreender-lhes a singularidade.

É muito difícil dar uma descrição geralmente válida da noção de fêmea; defini-la como portadora de óvulos e o macho como portador de espermatozoides é muito insuficiente, porquanto a relação do organismo com as gonadias é extremamente variável. Inversamente, a diferenciação dos gametas não afeta diretamente o conjunto do organismo. Pretendeu-se, por vezes, que o óvulo, sendo maior, consumia mais força viva do que o espermatozoide, mas este é secretado em quantidade infinitamente mais considerável, de modo que, nos dois sexos, o desgaste se equilibra. Quiseram ver na espermatogênese um exemplo de prodigalidade e na ovulação um modelo de economia, mas há também neste fenômeno uma absurda profusão: a imensa maioria dos óvulos nunca é fecundada. Como quer que seja, as gonadias e os gametas não nos oferecem um microcosmo de todo o organismo. É este que se faz necessário estudar diretamente.

Um dos traços mais notáveis, quando percorremos os diversos graus da escala animal, é o fato de que de baixo para cima a vida se individualiza; embaixo, ela emprega-se unicamente na manutenção da espécie, em cima ela

gasta-se através de indivíduos singulares. Nas espécies rudimentares, o organismo como que se deixa reduzir ao aparelho reprodutor; nesse caso, há primazia do óvulo, e portanto da fêmea, posto que o óvulo está principalmente votado à pura repetição da vida; mas ela não passa de um abdome e sua existência é por inteira devorada pelo trabalho de uma monstruosa ovulação. Atinge, em relação ao macho, dimensões gigantescas; muitas vezes seus membros são apenas cotos, seu corpo um saco informe, todos os órgãos degeneram em proveito dos ovos. Em verdade, embora constituindo dois organismos distintos, machos e fêmeas mal podem então ser encarados como indivíduos, formam um só todo com elementos indissoluvelmente ligados: são casos intermediários entre o hermafroditismo e o gonocorismo. Assim, entre os entoniscíneos que vivem como parasitas no caranguejo, a fêmea é uma espécie de chouriço esbranquiçado, envolvido em lâminas incubadoras que encerram milhares de ovos; no meio destes encontram-se minúsculos machos e larvas destinadas a fornecer machos de substituição. A escravização do macho anão é ainda mais total entre os edriolidíneos: acha-se ele fixado sob o opérculo da fêmea, não possui tubo digestivo pessoal e seu papel é unicamente reprodutor. Mas em todos esses casos não é a fêmea menos escravizada do que ele; ela está escravizada à espécie. Se o macho encontra-se preso à fêmea, esta também se encontra presa ou a um organismo vivo de que se nutre como parasita ou a um substrato mineral; consome-se na produção dos ovos que o minúsculo macho fecunda. Quando a vida assume formas mais complexas, esboça-se uma autonomia individual e o laço que une os sexos se afrouxa. Mas entre os insetos os dois sexos permanecem estreitamente subordinados aos ovos. Frequentemente, como entre os efemerópteros, macho e fêmea morrem imediatamente depois do coito e da postura; por vezes, como entre os rotíferos e os mosquitos, o macho, desprovido de aparelho digestivo, sucumbe após a fecundação, enquanto a fêmea, que pode se alimentar, sobrevive; é que a formação dos ovos e a postura exigem algum tempo. A mãe expira logo que o destino da geração seguinte se acha assegurado. O privilégio da fêmea, entre grande número de insetos, provém de ser a fecundação um processo geralmente muito rápido, ao passo que a ovulação e a incubação dos ovos exigem um trabalho demorado. Entre as térmitas, a enorme rainha — empanturrada de papa, que põe um ovo por segundo até que, afinal estéril, é exterminada impiedosamente — não é menos escrava do que o macho anão, grudado ao abdome dela e que fecunda os ovos à proporção que vão sendo expelidos. Nos matriarcados dos formigueiros e das colmeias, os machos são

uns importunos exterminados em cada estação: no momento do voo nupcial, todos os machos saem do formigueiro e alçam voo em busca das fêmeas; se as atingem e fecundam, morrem logo depois, esgotados; se retornam, as operárias os impedem de entrar, matam ou deixam que morram de fome. Mas a fêmea fecundada tem um triste destino: afunda solitariamente no solo e não raro perece de esgotamento, pondo os primeiros ovos. Se consegue reconstituir um formigueiro, aí passa doze anos fechada, desovando incessantemente; as operárias, fêmeas cuja sexualidade foi atrofiada, vivem quatro anos, mas uma vida inteiramente consagrada ao cuidado das larvas. O mesmo ocorre entre as abelhas: o zangão que se une à rainha no voo nupcial cai ao chão mutilado; os outros zangãos são recolhidos à colmeia, onde levam uma existência ociosa e embaraçante. No início do inverno, são executados. Mas as fêmeas abortadas, as operárias, pagam seu direito à vida com um trabalho incessante; a rainha é, de fato, a escrava da colmeia: desova incessantemente. E, quando da morte da velha rainha, várias larvas são alimentadas de maneira a poderem disputar a sucessão; a que nasce primeiro assassina imediatamente as outras. A fêmea da aranha gigante carrega os ovos numa bolsa até a maturidade; é bem maior e mais robusta do que o macho, e devora-o após o coito. Observam-se os mesmos costumes na fêmea do louva-a-deus, em torno da qual se cristalizou o mito da feminilidade devorante. O óvulo castra o espermatozoide, a fêmea do louva-a-deus assassina o parceiro: tais fatos prefigurariam um sonho feminino de castração. Mas, na realidade, é principalmente em cativeiro que a fêmea do louva-a-deus manifesta tanta crueldade; em liberdade, com alimentação suficiente, é muito raro que devore o macho. Se o faz, é como a formiga solitária que não raro come alguns de seus ovos, a fim de ter forças para desovar e perpetuar a espécie. Ver nesses fatos uma prefiguração "da luta dos sexos" que opõe os indivíduos como tais é divagar. Nem entre as formigas, as abelhas e as térmitas, nem no caso da aranha ou do louva-a-deus, pode-se dizer que a fêmea escraviza e devora o macho: é a espécie que, por vias diferentes, devora a ambos. A fêmea vive mais tempo e parece mais importante, mas não tem qualquer autonomia; a desova, a incubação, o cuidado com as larvas constituem o seu destino, sendo suas demais funções total ou parcialmente atrofiadas. Ao contrário, no macho esboça-se uma existência individual. Muitas vezes, ele manifesta na fecundação mais iniciativa do que a fêmea; ele é que vai à procura dela, ataca-a, apalpa-a, segura-a e impõe-lhe o coito. Por vezes tem que disputá-la com outros machos. Correlativamente, os órgãos da locomoção, do tato, da preensão são nele mais evoluídos; muitas borboletas

fêmeas são ápteras enquanto os machos possuem asas; estes têm cores, élitros, patas, pinças mais desenvolvidos, e não raro essa riqueza é acompanhada de um verdadeiro luxo de cores brilhantes. Fora do coito fugaz, a vida do macho é inútil, gratuita. Ao lado da diligência das operárias, a ociosidade dos zangãos é um privilégio notável. Mas esse privilégio é um escândalo; comumente o macho paga com a vida uma futilidade em que se esboça a independência. A espécie que mantém as fêmeas escravizadas pune o macho que pretende escapar à escravidão: suprime-o brutalmente.

Nas formas mais elaboradas da vida, a reprodução torna-se produção de organismos diferençados: assume dupla face. Mantendo a espécie, cria também novos indivíduos. Esse aspecto inovador afirma-se à proporção que a singularidade dos indivíduos se confirma. O que impressiona então é que os dois momentos da perpetuação e da criação se dividem; essa cisão, já indicada no momento da fecundação do ovo, reencontra-se no conjunto do fenômeno gerador. Não é a própria estrutura do óvulo que exige essa divisão; a fêmea possui, como o macho, certa autonomia e sua ligação com o óvulo afrouxa-se; o peixe, o batráquio e o pássaro fêmeos não são apenas um abdome; quanto menos estreita é a ligação da mãe com o ovo, menos o trabalho do parto é absorvente, maior é a indeterminação na relação dos pais com a prole. Pode acontecer que o pai se encarregue de alimentar as vidas recém-formadas; isso é coisa frequente entre os peixes. A água é um elemento suscetível de levar os óvulos e o esperma a assegurarem sua união; a fecundação no meio aquático é quase sempre externa. Os peixes não se juntam, quando muito alguns se esfregam um contra o outro, para se estimular. A mãe expulsa os óvulos; o pai expele o sêmen: idêntico é o papel de ambos. Não há razão para que a mãe, mais do que o pai, reconheça os ovos como seus. Em certas espécies, estes são abandonados pelos pais e desenvolvem-se sem ajuda; por vezes, a mãe lhes prepara um ninho; por vezes, ainda, ela vela-os após a fecundação; mas, frequentemente, é o pai que os toma a seu cargo: logo depois de os ter fecundado, expulsa a fêmea que os tenta devorar, e os defende ferozmente contra qualquer presença. Citam-se alguns que constituem uma espécie de ninho protetor, emitindo bolhas de ar envolvidas numa substância isolante; outros incubam os ovos na boca ou, como o cavalo-marinho, nas pregas do ventre. Observam-se fenômenos análogos entre os batráquios: não conhecem um verdadeiro coito. O macho abraça a fêmea e assim estimula a desova, deixando escapar o sêmen na medida em que os ovos saem da cloaca. Amiúde — particularmente no sapo conhecido pelo nome de sapo-parteiro — é o pai que, enrolando rosários de ovos em volta das patas, os carrega consigo e

assegura-lhes o desabrochar. Entre os pássaros, a formação do ovo dentro da fêmea opera-se assaz lentamente, sendo o ovo, relativamente grande, expelido com dificuldade; esse ovo tem com a mãe relações muito mais estreitas do que com o pai que o fecundou durante um coito rápido. É, em geral, a fêmea que o choca e vela pelos filhotes. Mas, muito frequentemente, o pai participa da construção do ninho, da proteção e da alimentação da prole. Há casos, muito raros — como entre os pardais — em que o pai é quem choca e cria. Os pombos, machos e fêmeas, secretam no papo uma espécie de leite com que alimentam os borrachos. O que é notável, em todos esses casos em que o pai desempenha um papel nutriente, é que, durante o período em que se consagra à prole, a espermatogênese interrompe-se: ocupado em manter a vida, não sente mais o impulso de suscitar novas formas de vida.

É entre os mamíferos que a vida assume as formas mais complexas e individualiza-se mais concretamente. Então a cisão dos dois momentos vitais, manter e criar, realiza-se de maneira definitiva na separação dos sexos. É nessa divisão — considerando unicamente os vertebrados — que a mãe estabelece com sua progênie as relações mais estreitas e que o pai mais se desinteressa dela. Todo o organismo da fêmea adapta-se à servidão da maternidade e por esta é comandado, ao passo que a iniciativa sexual é apanágio do macho. A fêmea é a presa da espécie; durante uma ou duas estações, segundo os casos, toda sua vida é regulada por um ciclo sexual, o ciclo do estro, cuja duração e ritmo de sucessão variam de uma espécie a outra. Esse ciclo decompõe-se em duas fases: durante a primeira, há maturação dos óvulos (em número variável segundo as espécies) e um processo de nidificação no útero; durante a segunda fase, produz-se uma necrose graxosa que conduz à eliminação do conjunto assim elaborado sob a forma de um corrimento esbranquiçado. O estro corresponde ao período do cio; mas o cio tem na fêmea caráter passivo; ela está preparada para receber o macho: aguarda-o. Acontece, mesmo entre os mamíferos — como também entre certos pássaros —, que ela o solicite, mas se restringe a dirigir-lhe um apelo por meio de gritos, atitudes, exibições; não lhe poderia impor o coito. No fim, a ele é que cabe decidir. Viu-se que, mesmo entre os insetos, entre os quais, pelo sacrifício total que consente em prol da espécie, a fêmea assegura-se a si mesma tão grandes privilégios, é o macho geralmente que provoca a fecundação; muitas vezes, entre os peixes, ele incita a fêmea à desova com sua presença ou com seus contatos; entre os batráquios age como estimulador. Mas é principalmente entre os pássaros e os mamíferos que o macho se impõe à fêmea; frequentemente ela o aceita com indiferença e

mesmo lhe resiste. Por provocante ou tolerante que seja, é o macho, de qualquer modo, quem *possui*: ela é *possuída*; ele pega, ela é pegada e a palavra tem, por vezes, um sentido muito preciso: ou porque tem órgãos adaptados, ou porque é o mais forte, o macho segura-a, imobiliza-a; efetua ativamente os movimentos do coito. Entre muitos insetos, entre os pássaros e os mamíferos, ele a penetra. Em virtude disso, a fêmea apresenta-se com uma interioridade violentada. Não é a espécie que o macho violenta, porquanto esta só se perpetua renovando-se; pereceria se os óvulos e os espermatozoides não se encontrassem; só que a fêmea, encarregada de proteger o ovo, encerra-o dentro de si própria e seu corpo, que constitui para o óvulo um abrigo, subtrai-o também à ação fecundante do macho. Trata, portanto, de uma resistência que cumpre quebrar e, em o penetrando, o macho realiza-se como atividade. Seu domínio exprime-se pela posição do coito: entre quase todos os animais o macho coloca-se *sobre* a fêmea. Sem dúvida, o órgão de que ele se serve é também material, mas ele se mostra sob seu aspecto animado: é um instrumento; ao passo que, nessa operação, o órgão feminino não passa de um receptáculo inerte. O macho nele deposita o sêmen; a fêmea recebe-o. Assim, embora desempenhando na procriação um papel fundamentalmente ativo, ela *sofre* o coito que a aliena de si mesma pela penetração e pela fecundação interna; embora ela sinta a necessidade sexual como uma necessidade individual, posto que no cio acontece-lhe procurar o macho, a aventura sexual é entretanto vivida por ela, no imediato, como uma história interior e não como uma relação com o mundo e com outrem. Mas a diferença fundamental entre o macho e a fêmea dos mamíferos está em que, no mesmo rápido instante, o espermatozoide, pelo qual a vida do macho transcende-se em um outro, desgarra-se de seu corpo e se torna estranho a ele; assim o macho, no momento em que supera sua individualidade, nela se encerra novamente. Ao contrário, o óvulo começa a separar-se da fêmea quando, maduro, desprende-se do folículo para cair no oviduto; mas, penetrado por um gameta estranho, instala-se no útero. Inicialmente violentada, é a fêmea alienada em seguida; ela carrega o feto em seu ventre até um estado de maturação variável segundo as espécies: a cobaia nasce quase adulta, o cão muito perto do estado fetal. Habitada por um outro que se nutre de sua substância, a fêmea é, durante todo o tempo da gestação, concomitantemente ela mesma e outra; após o parto, ela alimenta o recém-nascido com o leite de suas tetas. A tal ponto que não se sabe quando ele pode se considerar autônomo: no momento da fecundação, do nascimento ou do desmame? É digno de nota o fato de que quanto mais a

fêmea se afigura um indivíduo separado, mais imperiosamente a continuidade viva afirma-se para além da separação. O peixe e o pássaro, que expulsam o óvulo virgem ou o ovo fecundado, são menos presos à progenitura do que a fêmea do mamífero. Esta encontra uma autonomia após o nascimento dos filhos: estabelece-se então entre ela e eles uma distância e é a partir de uma separação que ela se devota a eles; ocupa-se deles com iniciativa e invenção, luta para defendê-los contra os outros animais e torna-se até agressiva. Mas normalmente ela não procura afirmar sua individualidade; não se opõe aos machos nem às outras fêmeas; quase não tem espírito combativo.[15] A despeito das asserções de Darwin, hoje refutadas, ela aceita sem maior escolha o macho que se apresenta. Não que ela não possua qualidades individuais; ao contrário, nos períodos em que escapa à servidão da maternidade, pode, por vezes, igualar-se ao macho: a égua é tão rápida quanto o garanhão, a cadela de caça tem tanto faro quanto o cão, as macacas demonstram, quando submetidas a testes, tanta inteligência quanto os macacos. Só que essa individualidade não é reivindicada: a fêmea abdica em prol da espécie que reclama essa abdicação.

O destino do macho é muito diferente; acabamos de ver que na sua própria superação ele se separa e se confirma em si mesmo. É um traço constante, do inseto aos animais superiores. Mesmo os peixes e os cetáceos que vivem em cardumes, molemente confundidos no seio da coletividade, dela se afastam no momento do cio. Isolam-se e tornam-se agressivos em relação aos outros machos. Imediata na fêmea, a sexualidade é mediatizada no macho; há uma distância que ele preenche ativamente entre o desejo e sua satisfação; mexe-se, procura, apalpa a fêmea, acaricia-a, imobiliza-a antes de penetrá-la; os órgãos que servem às funções de relação, locomoção e preensão são, muitas vezes, mais desenvolvidos nele. É digno de nota o fato de que o impulso vivo que produz nele a multiplicação dos espermatozoides traduza-se também pelo aparecimento de uma plumagem brilhante, de escamas, cornos, juba, cantos e exuberâncias. Não se imagina mais que o "traje de núpcias" que veste no momento do cio nem que suas atitudes sedutoras tenham uma finalidade seletiva; exprimem a força da vida que com um luxo gratuito e magnífico então nele desabrocha. Essa generosidade vital, a atividade ostentada em vista do coito, e no próprio coito, a afirmação dominadora de seu poder sobre a fêmea, tudo contribui para afirmar o indivíduo como tal no momento de sua superação viva. É nisso que Hegel tem razão em ver no macho o elemento subjetivo, ao passo que a fêmea permanece envolvida na espécie. Subjetividade e separação significam, desde logo, conflito. A agressividade é uma das características do macho no cio; ela não se explica pela

competição, porquanto o número de machos é mais ou menos o mesmo que o de fêmeas; é antes a competição que se explica por essa vontade combativa. Diríamos que, antes de procriar, o macho, reivindicando como propriamente seu o ato que perpetua a espécie, confirma na sua luta contra seus congêneres a verdade de sua individualidade. A espécie habita a fêmea e consome boa parte de sua vida individual; o macho, ao contrário, integra as forças vivas específicas em sua vida individual. Provavelmente, ele se sujeita também às leis que o superam, há nele espermatogênese e um cio periódico, mas esses processos interessam muito menos do que o ciclo do estro, o conjunto do organismo; a produção dos espermatozoides não constitui uma fadiga, como não a constitui a ovogênese em si: o desenvolvimento do ovo em animal é que é, para a fêmea, um trabalho absorvente. O coito é uma operação rápida e que não diminui a vitalidade do macho. Ele não manifesta quase nenhum instinto paternal. Com frequência abandona a fêmea depois do coito. Quando permanece ao lado dela como chefe de um grupo familiar (família monogâmica, harém ou rebanho) é em relação ao conjunto da comunidade que desempenha um papel de protetor e de alimentador; é raro que se interesse diretamente pelos filhos. Nessas espécies favoráveis ao desenvolvimento da vida individual, o esforço do macho pela autonomia — que nos animais inferiores o destrói — é coroado de êxito. Ele é geralmente maior do que a fêmea, mais robusto, mais rápido, mais aventuroso; leva uma vida mais independente e cujas atividades são mais gratuitas; é mais conquistador, mais imperioso. Nas sociedades animais é sempre ele que comanda.

Nunca, na Natureza, tudo é inteiramente claro: os dois tipos, macho e fêmea, nem sempre se distinguem com nitidez; observa-se, por vezes, entre eles, um dimorfismo — cor do pelo, disposição das manchas — que parece absolutamente contingente; mas acontece, ao contrário, que não sejam discerníveis e que suas funções mal se diferenciem, como vimos com os peixes. Entretanto, no conjunto, e sobretudo no topo da escala animal, os dois sexos representam dois aspectos diversos da vida da espécie. Sua oposição não é, como se pretendeu, a de uma atividade e de uma passividade: não somente o núcleo ovular é ativo, como também o desenvolvimento do embrião é um processo vivo, e não um desenrolar mecânico. Seria simples demais defini-la como a da mudança e a da permanência. O espermatozoide só cria porque sua vitalidade mantém-se no ovo; o óvulo só se pode manter superando-se, senão, retrocede e degenera. É verdade, entretanto, que nessas operações, ambas ativas, manter e criar, a síntese do devir não se realiza da mesma maneira.

Manter é negar a dispersão dos instantes, é afirmar a continuidade durante o seu aparecimento; criar é fazer rebentar no seio da unidade temporal um presente irredutível, separado, e é verdade, também, que, na fêmea, é a continuidade da vida que busca realizar-se, a despeito da separação, ao passo que a separação em forças novas e individualizadas é suscitada pela iniciativa do macho. É portanto permitido ao macho afirmar-se em sua autonomia: a energia específica, ele a integra em sua própria vida. Ao contrário, a individualidade da fêmea é combatida pelo interesse da espécie. Ela aparece como possuída por forças estranhas, alienada. E é por isso que, quando mais se afirma a individualidade dos organismos, a oposição dos sexos não se atenua. Ao contrário, o macho encontra caminhos sempre mais diversos para despender as forças de que se torna senhor; a fêmea sente cada vez mais sua servidão. O conflito entre seus interesses próprios e o das forças geradoras que a habitam exaspera-se. O coito das vacas e das éguas é muito mais doloroso e perigoso do que o das camundongas e das coelhas. A mulher, que é a mais individualizada das fêmeas, aparece também como a mais frágil, a que vive mais dramaticamente seu destino e que se distingue mais profundamente do macho.

Na humanidade, como na maioria das espécies, nasce mais ou menos quase o mesmo número de indivíduos dos dois sexos (100 mulheres para 104 homens). A evolução dos embriões é análoga. Entretanto, o epitélio primitivo permanece neutro mais tempo no feto feminino; disso resulta ficar ele mais tempo submetido ao meio hormonal e o seu desenvolvimento se inverter mais frequentemente. Os hermafroditas, em sua maioria, seriam sujeitos genotipicamente femininos que se teriam masculinizado posteriormente. Há a impressão de que o organismo masculino se define de imediato como macho, ao passo que o embrião feminino hesita em aceitar sua feminilidade. Mas esses primeiros balbucios da vida fetal são ainda muito pouco conhecidos para que se possa emprestar-lhes um sentido. Uma vez constituídos, os aparelhos genitais são, em ambos os sexos, simétricos. Os hormônios de um e de outro pertencem à mesma família química, a dos esteróis, e derivam todos, em última análise, da colesterina. São eles que determinam as diferenciações secundárias do soma. Nem suas fórmulas nem as singularidades anatômicas definem a fêmea do homem como tal. É sua evolução funcional que a distingue do macho. Comparativamente, o desenvolvimento do homem é simples. Do nascimento à puberdade cresce mais ou menos regularmente: por volta dos quinze ou dezesseis anos começa

a espermatogênese, que se efetua de maneira contínua até a velhice; seu aparecimento acompanha-se de uma produção de hormônios que determina a constituição viril do soma. A partir de então, o macho tem uma vida sexual que é normalmente integrada em sua existência individual: no desejo e no coito, sua superação na espécie confunde-se com o momento subjetivo de sua transcendência: ele *é* seu corpo. A história da mulher é muito mais complexa. Desde a vida embrionária, a provisão de oócitos já se acha constituída; o ovário contém cerca de cinquenta mil óvulos encerrados cada qual em um folículo, sendo que mais ou menos quatrocentos chegam à maturação. Desde o nascimento, a espécie toma posse dela e tenta se afirmar; a mulher, vindo ao mundo, atravessa uma espécie de primeira puberdade: os oócitos crescem subitamente, depois o ovário reduz-se a um quinto mais ou menos. Pode-se dizer que uma pausa é concedida à criança; enquanto seu organismo se desenvolve, o sistema genital permanece mais ou menos estacionário: certos folículos incham, mas sem atingir a maturidade. O crescimento da menina é análogo ao do menino; com a mesma idade ela chega a ser um pouco mais alta e mais pesada do que ele. Mas, no momento da puberdade, a espécie reafirma seus direitos. Sob a influência de secreções ovarianas, o número de folículos em via de crescimento aumenta, o ovário congestiona-se e cresce, um dos óvulos chega à maturidade e o ciclo menstrual se inicia; o sistema genital adquire seu volume e sua forma definitiva, o soma feminiza-se, o equilíbrio endócrino estabelece-se. É digno de nota o fato de assumir esse acontecimento o aspecto de uma *crise*; não é sem resistência que o corpo da mulher deixa a espécie instalar-se nela e esse combate enfraquece-a e faz com que corra perigo. Antes da puberdade morre mais ou menos o mesmo número de meninas e de meninos; de 14 a 18 anos morrem 128 meninas para cada 100 meninos e de 18 a 22 anos, 105 moças para cada 100 rapazes. É nesse momento que surgem, muitas vezes, a clorose, a tuberculose, a escoliose, a osteomielite etc. Em certos indivíduos, a puberdade é anormalmente precoce, podendo ocorrer entre quatro e cinco anos. Em outros, ao contrário, ela não ocorre: o sujeito continua então infantil, sofre de amenorreia ou de dismenorreia. Certas mulheres apresentam sinais de virilismo: um excesso de secreções elaboradas pelas glândulas suprarrenais dá-lhes caracteres masculinos. Tais anomalias não representam, em absoluto, vitórias do indivíduo sobre a tirania da espécie. A esta não há meio de escapar, porquanto, ao mesmo tempo em que escraviza a vida individual, ela a alimenta; essa dualidade exprime-se no nível das funções ovarianas; a

vitalidade da mulher tem suas raízes no ovário, como a do homem as tem nos testículos; em ambos os casos, o indivíduo castrado não somente se torna estéril como ainda retrocede e degenera. Não "formado", mal-formado, todo o organismo é empobrecido, desequilibrado; ele só se desenvolve com a maturação do sistema genital. E, no entanto, muitos fenômenos genitais não interessam a vida individual do sujeito e até chegam a pô-la em perigo. As glândulas mamárias que se desenvolvem no momento da puberdade nenhum papel desempenham na economia individual da mulher; pode-se proceder à sua ablação em qualquer momento de sua vida. Muitas secreções ovarianas têm sua finalidade no óvulo, na maturação, na adaptação do útero a suas necessidades; para o conjunto do organismo, constituem mais um fator de desequilíbrio do que de regulação; a mulher é adaptada às necessidades do óvulo mais do que a ela própria. Da puberdade à menopausa, é o núcleo de uma história que nela se desenrola e que não lhe diz respeito pessoalmente. Os anglo-saxões chamam a menstruação *the curse*, "a maldição"; e, efetivamente, não há nenhuma finalidade individual no ciclo menstrual. Acreditava-se, no tempo de Aristóteles, que mensalmente escorria um pouco de sangue destinado a constituir, no caso de fecundação, a carne e o sangue da criança. O que existe de verdadeiro nessa teoria é que, incessantemente, a mulher esboça o trabalho da gestação. Nos outros mamíferos, o ciclo menstrual só se verifica durante uma estação; não se acompanha de corrimento sanguinolento; é somente nos primatas e na mulher que ele ocorre mensalmente entre dores e sangue.[16] Durante cerca de 14 dias, um dos folículos de Graaf que envolvem os óvulos aumenta de volume e amadurece, enquanto o ovário secreta o hormônio situado ao nível dos folículos e que se denomina foliculina. No décimo quarto dia verifica-se a ovulação: a parede do folículo rompe-se (o que acarreta, por vezes, uma ligeira hemorragia), o ovo cai nas trompas, enquanto a cicatriz evolui de maneira a constituir o corpo amarelo. Começa então a segunda fase, ou fase luteínica, caracterizada pela secreção do hormônio chamado progestina e que age sobre o útero. Este modifica-se: o sistema capilar da parede congestiona-se, ela enruga-se como um coscorão, formando uma espécie de renda. Assim, forma-se na matriz um berço destinado a receber o ovo fecundado. Sendo essas transformações celulares irreversíveis, no caso de não haver fecundação, esse edifício não se reabsorve. Possivelmente, nos demais mamíferos, os restos inúteis sejam carregados pelos vasos linfáticos, mas na mulher, quando as rendas do endométrio se desprendem, produz-se

uma esfoliação da mucosa, os tubos capilares abrem-se e uma massa sanguínea destila-se externamente. Depois, enquanto o corpo amarelo degenera, a mucosa reconstitui-se e inicia-se uma nova fase folicular. Esse processo complexo, e ainda bastante misterioso em seus pormenores, abala todo o organismo, porquanto é acompanhado de secreções hormonais que reagem sobre a tireoide e a hipófise, sobre o sistema nervoso central e o sistema vegetativo e, por conseguinte, sobre todas as vísceras. Quase todas as mulheres — mais de 85% — apresentam perturbações durante esse período. A tensão arterial eleva-se antes do início do corrimento sanguíneo e baixa a seguir; o pulso acelera-se, a temperatura sobe. São frequentes os casos de febre; o abdome fica dolorido; observa-se, muitas vezes, certa tendência para a constipação, seguida de diarreia. Muitas vezes, também há aumento do volume do fígado, retenção de ureia, albuminúria; muitas pessoas apresentam uma hiperemia da mucosa pituitária (dor de garganta); outras são vítimas de perturbações do ouvido e da vista; a secreção de suor aumenta, acompanhada, no princípio das regras, de um odor *sui generis* que pode ser muito forte e persistir durante toda a menstruação. O metabolismo basal é aumentado. O número de glóbulos vermelhos diminui. Enquanto isso, o sangue veicula substâncias geralmente em reserva nos tecidos, em particular sais de cálcio; esses sais reagem sobre o ovário, sobre a tireoide que se hipertrofia, sobre a hipófise que preside à metamorfose da mucosa uterina e cuja atividade se amplia; essa instabilidade das glândulas acarreta uma grande fragilidade nervosa. O sistema central é atingido, frequentemente ocorre cefaleia e o sistema vegetativo reage exageradamente; há diminuição do controle automático pelo sistema central, o que liberta reflexos, complexos convulsivos e traduz-se por uma grande instabilidade de humor. A mulher torna-se mais emotiva, mais nervosa, mais irritável que de costume e pode apresentar perturbações psíquicas graves. É nesse período que ela sente mais penosamente seu corpo como uma coisa opaca alienada; esse corpo é presa de uma vida obstinada e alheia que cada mês faz e desfaz dentro dele um berço; cada mês, uma criança prepara-se para nascer e aborta no desmantelamento das rendas vermelhas; a mulher, como o homem, *é* seu corpo,[17] mas seu corpo não é ela, é outra coisa.

A mulher conhece uma alienação mais profunda quando o ovo fecundado desce ao útero e aí se desenvolve. Sem dúvida, a gestação é um fenômeno normal que, em se produzindo em condições normais de saúde e nutrição, não

é nocivo à mãe; estabelece-se mesmo, entre ela e o feto, certas interações que lhe são favoráveis. Entretanto, contrariamente a uma teoria otimista cuja utilidade social é demasiado evidente, a gestação é um trabalho cansativo que não traz à mulher nenhum benefício individual[18] e exige, ao contrário, pesados sacrifícios. Acompanha-se, não raro, durante os primeiros meses, de falta de apetite e de vômitos, que não se observam em nenhuma outra fêmea doméstica e que manifestam a revolta do organismo contra a espécie que dele toma posse; ele se empobrece em fósforo, em cálcio, em ferro, sendo este último *déficit* difícil de ser compensado posteriormente; a superatividade do metabolismo acentua o sistema endócrino; o sistema nervoso vegetativo fica num estado de excitabilidade intensificada; quanto ao sangue, seu peso específico diminui, torna-se anêmico, análogo ao dos "jejuadores, dos que se acham em estado de inanição, dos que sofreram sangrias repetidas, dos convalescentes".[19] Tudo o que a mulher sadia e bem alimentada pode esperar é, depois do parto, recuperar seu desgaste sem muitas dificuldades. Mas, muitas vezes, produzem-se, durante a gravidez, acidentes graves ou perigosas perturbações, e se a mulher não for robusta, se sua higiene não for perfeita, ficará prematuramente deformada e envelhecida pelas maternidades: sabe-se a que ponto o caso é frequente no campo. O parto em si é doloroso, é perigoso. É nessa crise que vemos com maior evidência que o corpo nem sempre satisfaz a espécie e o indivíduo ao mesmo tempo. Acontece a criança morrer e também, ao nascer, matar a mãe ou acarretar-lhe uma enfermidade crônica. O aleitamento é também uma servidão esgotante; um conjunto de fatores — o principal dos quais é, sem dúvida, o aparecimento de um hormônio, a progestina — traz às glândulas mamárias a secreção do leite; a ocorrência é dolorosa e é acompanhada, com frequencia, de febres, e é em detrimento de seu próprio vigor que a mãe alimenta o recém-nascido. O conflito espécie-indivíduo, que no parto assume um aspecto dramático, confere ao corpo feminino uma inquietante fragilidade. Diz-se constantemente que as mulheres "têm doenças no ventre" e é verdade que encerram um elemento hostil: é a espécie que as corrói. Muitas de suas doenças não resultam de uma infecção de origem externa, e sim de um desregramento interno. Assim é que as falsas metrites são produzidas por uma reação da mucosa uterina a uma excitação ovariana anormal; se persiste em lugar de ser absorvido, após a menstruação, o corpo amarelo provoca salpingites, endometrites etc.

É ainda através de uma crise difícil que a mulher escapa ao domínio da espécie; entre quarenta e cinco e cinquenta anos desenrolam-se os fenômenos

da menopausa, inversos aos da puberdade. A atividade ovariana diminui e até desaparece. Esse desaparecimento acarreta um empobrecimento vital do indivíduo. Supõe-se que as glândulas catabólicas — tireoide e hipófise — esforçam-se por suprir as insuficiências do ovário; observa-se então, ao lado da depressão da cessação do mênstruo, fenômenos intempestivos: baforadas de calor, hipertensão, nervosidade; há, por vezes, recrudescência do instinto sexual. Certas mulheres acumulam, então, banha em seus tecidos; outras virilizam-se. Em muitas, um equilíbrio endócrino restabelece-se. Então, a mulher acha-se libertada da servidão da fêmea; não é comparável ao eunuco, porque sua vitalidade continua intata, entretanto não mais é presa de forças que a superam: coincide consigo mesma. Já se afirmou que as mulheres idosas constituem "um terceiro sexo", e, com efeito, não são machos e não são mais fêmeas, traduzindo-se amiúde essa autonomia fisiológica por uma saúde, equilíbrio e vigor que antes não possuíam.

Às diferenciações propriamente sexuais superpõem-se na mulher singularidades que são, mais ou menos, consequências diretas delas. São ações hormonais que determinam seu soma. Em média, ela é menor do que o homem, menos pesada e seu esqueleto mais frágil, a bacia mais larga, adaptada às funções da gestação e do parto; seu tecido conjuntivo fixa as gorduras e suas formas são mais arredondadas do que as do homem; a atitude geral — morfologia, pele, sistema piloso etc. — é nitidamente diferente nos dois sexos. Sua força muscular é muito menor, mais ou menos dois terços da do homem; sua capacidade respiratória é inferior, os pulmões, a traqueia e a laringe são menores; a diferença da laringe acarreta também a da voz. O peso específico do sangue é menor, pois há menor fixação de hemoglobina; as mulheres são, por conseguinte, menos robustas, mais predispostas à anemia. Seu pulso bate mais depressa, seu sistema vascular é mais instável: coram facilmente. A instabilidade é um traço marcante de seu organismo em geral. Entre outros, há no homem estabilidade no metabolismo do cálcio, ao passo que a mulher fixa muito menos sais de cal, pois os elimina durante as regras e durante a gravidez. É de imaginar que os ovários tenham, em relação ao cálcio, uma ação catabólica; essa instabilidade acarreta desordens nos ovários e na tireoide, que é nela mais desenvolvida do que no homem, e a irregularidade das secreções endócrinas reage sobre o sistema nervoso vegetativo; o controle nervoso e muscular é imperfeitamente assegurado. Essa falta de estabilidade e de controle provoca sua emotividade, diretamente ligada às variações vasculares: pulsações, rubor etc.; e elas são, assim, sujeitas a manifestações convulsivas: lágrimas, gargalhadas, ataques de nervos.

Vê-se que muitos desses traços provêm ainda da subordinação da mulher à espécie. Tal é a conclusão mais notável desse exame: é ela, entre todas as fêmeas de mamíferos, a que se acha mais profundamente alienada e a que recusa mais violentamente esta alienação; em nenhuma, a escravização do organismo à função reprodutora é mais imperiosa nem mais dificilmente aceita: crises da puberdade e da menopausa, "maldição" mensal, gravidez prolongada e não raro difícil, parto doloroso e por vezes perigoso, doenças, acidentes são características da fêmea humana. Poderíamos dizer que seu destino se faz tanto mais pesado quanto mais ela se revolta contra ele, afirmando-se como indivíduo. Comparada ao macho, este parece infinitamente privilegiado: sua vida genital não contraria a existência pessoal; desenvolve-se de maneira contínua, sem crise e geralmente sem acidente. Em média, as mulheres vivem tanto quanto o homem, mas adoecem muito mais vezes e durante muitos períodos não dispõem de si mesmas.

Esses dados biológicos são de extrema importância: desempenham na história da mulher um papel de primeiro plano, são um elemento essencial de sua situação. Em todas as nossas descrições ulteriores, teremos que nos referir a eles. Pois, sendo o corpo o instrumento de nosso domínio do mundo, este se apresenta de modo inteiramente diferente segundo seja apreendido de uma maneira ou de outra. Eis por que os estudamos tão demoradamente; são chaves que permitem compreender a mulher. Mas o que recusamos é a ideia de que constituem um destino imutável para ela. Não bastam para definir uma hierarquia dos sexos; não explicam por que a mulher é o Outro; não a condenam a conservar para sempre essa condição subordinada.

* * *

Afirmou-se muitas vezes que somente a fisiologia permitia responder a estas perguntas: o êxito individual comporta as mesmas probabilidades nos dois sexos? Qual deles desempenha o papel mais importante na espécie? Mas o primeiro desses problemas não se apresenta absolutamente da mesma maneira para a mulher e para as outras fêmeas, pois os animais constituem espécies dadas de que é possível fornecer descrições estáticas: basta agrupar observações para concluir se a égua é ou não tão veloz quanto o garanhão, se os chimpanzés machos respondem melhor aos testes intelectuais do que suas companheiras, ao passo que a humanidade está em permanente vir a ser.

Houve sábios materialistas que pretenderam colocar o problema de maneira puramente estática. Imbuídos da teoria do paralelismo psicofisiológico, procuraram estabelecer comparações matemáticas entre os organismos masculinos e femininos e imaginavam que essas medidas definiam imediatamente suas capacidades funcionais. Citarei um exemplo das discussões ociosas que esse método suscitou. Como se supunha que, de algum modo misterioso, o cérebro secreta o pensamento, pareceu muito importante saber se o peso médio do encéfalo feminino é ou não menor do que o do masculino. Verificou-se que, em média, o primeiro pesa 1.220 gramas e o segundo 1.360, variando o peso do encéfalo feminino de 1.000 a 1.500 gramas e o do homem de 1.150 a 1.700. Mas o peso absoluto não é significativo; foi por isso o peso relativo que se resolveu ponderar. Verificou-se que era de 1/48,4 no homem e de 1/44,2 na mulher. Logo ela levaria vantagem. Não. É preciso retificar ainda: nesse tipo de comparações é o organismo menor que parece sempre privilegiado; para fazer corretamente abstração do corpo ao comparar dois grupos de indivíduos, cumpre dividir o peso do encéfalo pela potência 0,56 do peso do corpo se pertencem à mesma espécie. Considera-se que homens e mulheres representam dois tipos diferentes. E chega-se aos resultados seguintes:

Para o homem: $P^{0,56} = 498$ $\qquad \frac{1.360}{498} = 2,73$

Para a mulher: $P^{0,56} = 446$ $\qquad \frac{1.220}{446} = 2,74$

Conclui-se pela igualdade. Mas o que diminui de muito o interesse dessas discussões engenhosas é o fato de que nenhuma relação pode ser estabelecida entre o peso do encéfalo e o desenvolvimento da inteligência. Não seria possível tampouco dar uma interpretação psíquica às fórmulas químicas que definem os hormônios machos e fêmeos. Quanto a nós, rejeitamos categoricamente a ideia de um paralelismo psicofisiológico; é uma doutrina cujos fundamentos foram de há muito e definitivamente solapados. Se a assinalo é porque, embora filosófica e cientificamente destruída, ela ainda preocupa muitos espíritos. Viu-se que ainda persistem em alguns sobrevivências as mais antigas. Recusamos também todo sistema de referências que subentende a existência de uma hierarquia *natural* de valores, de uma hierarquia evolutiva, por exemplo; é ocioso indagar se o corpo feminino é ou

não mais infantil do que o do homem, se se aproxima mais ou menos do dos primatas superiores etc. Todas essas dissertações que misturam um vago naturalismo a uma ética ou a uma estética ainda mais vagas são puro devaneio. É somente dentro de uma perspectiva humana que se podem comparar o macho e a fêmea dentro da espécie humana. Mas a definição do homem é que ele é um ser que não é dado, que se faz ser o que é. Como o disse muito justamente Merleau-Ponty, o homem não é uma espécie natural: é uma ideia histórica. A mulher não é uma realidade imóvel, e sim um vir a ser; é no seu vir a ser que se deveria confrontá-la com o homem, isto é, que se deveria definir suas *possibilidades*. O que falseia tantas discussões é querer reduzi-la ao que ela foi, ao que é hoje, quando se aventa a questão de suas capacidades; o fato é que as capacidades só se manifestam com evidência quando realizadas; mas o fato é também que, quando se considera um ser que é transcendência e superação, não se pode nunca encerrar as contas.

Entretanto, dirão, na perspectiva que adoto — a de Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty —, que se o corpo não é uma *coisa*, é uma situação: é a nossa tomada de posse do mundo e o esboço de nossos projetos. A mulher é mais fraca do que o homem; ela possui menos força muscular, menos glóbulos vermelhos, menor capacidade respiratória; corre menos depressa, ergue pesos menos pesados, não há quase nenhum esporte em que possa competir com ele; não pode enfrentar o macho na luta. A essa fraqueza acrescentam-se a instabilidade, a falta de controle e a fragilidade de que falamos: são fatos. Seu domínio sobre o mundo é portanto mais estrito; ela tem menos firmeza e menos perseverança em projetos os quais é também menos capaz de executar. Isso significa que sua vida individual é menos rica do que a do homem.

Em verdade, esses fatos não poderiam ser negados, mas não têm sentido em si. Desde que aceitamos uma perspectiva humana, definindo o corpo a partir da existência, a biologia torna-se uma ciência abstrata; no momento em que o dado fisiológico (inferioridade muscular) assume uma significação, esta surge desde logo como dependente de todo um contexto; a "fraqueza" só se revela como tal à luz dos fins que o homem se propõe, dos instrumentos de que dispõe, das leis que se impõe. Se não quisesse apreender o mundo, a própria ideia de *posse* das coisas não teria mais sentido; quando o pleno emprego da força corporal não é exigido nessa apreensão, abaixo do mínimo utilizável, as diferenças anulam-se; onde os costumes proíbem a violência, a energia muscular não pode alicerçar um domínio: é preciso que haja referências existenciais, econômicas e morais para que a noção de *fraqueza* possa ser

concretamente definida. Foi dito que a espécie humana era uma *antiphisis*. A expressão não é inteiramente exata, porquanto o homem não poderia contradizer o dado, mas é na maneira pela qual o assume que lhe constitui a verdade. A Natureza só tem realidade para ele na medida em que é retomada em sua ação: sua própria natureza não constitui exceção. Assim como não é possível medir sua posse do mundo, não é possível medir no abstrato a carga que constitui para a mulher a função geradora: a relação da maternidade com a vida individual é naturalmente regulada nos animais pelo ciclo do cio e das estações: ela é indefinida na mulher; só a sociedade pode decidir dela. Segundo essa sociedade exija maior ou menor número de nascimentos, segundo as condições higiênicas em que se desenvolvam a gravidez e o parto, a escravização da mulher à espécie faz-se mais ou menos estreita. Assim, se podemos dizer que entre os animais superiores a existência individual se afirma mais imperiosamente no macho do que na fêmea, na humanidade as "possibilidades" individuais dependem da situação econômica e social.

Como quer que seja, nem sempre acontece que os privilégios individuais do macho lhe confiram a superioridade no seio da espécie; a fêmea reconquista na maternidade outro tipo de autonomia. Às vezes, ele impõe sua ascendência. É o caso, por exemplo, dos macacos estudados por Zuckermann; mas não raro as duas metades do casal levam uma vida separada; o leão partilha com a leoa, em pé de igualdade, os cuidados do lar. Nisto também o caso da espécie humana não se assemelha a nenhum outro; não é como indivíduos que os homens se definem primeiramente; nunca homens e mulheres se desafiaram em duelos singulares: o casal é um *mitsein* original; e ele próprio surge sempre como um elemento fixo ou transitório de uma coletividade mais vasta. No seio dessas sociedades quem é mais necessário à espécie, o macho ou a fêmea? Ao nível dos gametas, ao nível das funções biológicas do coito e da gestação, o princípio macho cria para manter, o princípio fêmeo mantém para criar: que acontece com essa divisão na esfera social? Para as espécies fixas em organismos alheios ou em *substrata*, para aquelas a que a Natureza fornece alimentos em abundância e sem necessidade de esforço, o papel do macho restringe-se à fecundação; quando é preciso procurar, caçar, lutar para assegurar a alimentação necessária aos filhotes, o macho concorre frequentemente para a manutenção deles. Essa ajuda torna-se absolutamente indispensável numa espécie em que os filhos são incapazes de cuidar de suas necessidades muito tempo depois que a mãe deixou de aleitá-los; então o trabalho do macho assume uma importância extrema; as vidas que suscitou não subsistiriam sem

ele. Basta um macho para fecundar anualmente muitas fêmeas: mas para que os filhos sobrevivam, depois de nascer, para defendê-los contra os inimigos, para arrancar da Natureza tudo de que precisam, os machos são necessários. O equilíbrio das forças produtoras e das forças reprodutoras realiza-se diferentemente nos diversos momentos econômicos da história humana e condicionam a relação do macho e da fêmea com os filhos e, por conseguinte, de um com outro. Mas saímos do campo da biologia: à luz desta, exclusivamente, não se poderia afirmar a primazia de um dos sexos quanto ao papel que desempenha na perpetuação da espécie.

Finalmente, uma sociedade não é uma espécie: nela, a espécie realiza-se como existência; transcende-se para o mundo e para o futuro; seus costumes não se deduzem da biologia; os indivíduos nunca são abandonados à sua natureza; obedecem a essa segunda natureza que é o costume e na qual se refletem os desejos e os temores que traduzem sua atitude ontológica. Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza. E, diga-se mais uma vez, não é a fisiologia que pode criar valores. Os dados biológicos revestem os que o existente lhes confere. Se o respeito ou o medo que inspiram a mulher impedem o emprego de violência contra ela, a superioridade muscular do homem não é fonte de poder. Se os costumes exigem — como em certas tribos de índios — que as jovens escolham marido, ou se é o pai que decide os casamentos, a agressividade sexual do macho não lhe confere nenhuma iniciativa, nenhum privilégio. A ligação íntima da mãe com o filho será para ela fonte de dignidade ou de indignidade, segundo o valor, que é muito variável, concedido à criança; essa própria ligação, disseram-no, será reconhecida, ou não, segundo os preconceitos sociais.

É, portanto, à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia. A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o *Outro*? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana.

2/**O ponto de vista psicanalítico**

O imenso progresso que a psicanálise realizou na psicofisiologia foi considerar que nenhum fator intervém na vida psíquica sem ter revestido um sentido humano; não é o corpo-objeto descrito pelos cientistas que existe concretamente e sim o corpo vivido pelo sujeito. A fêmea é uma mulher na medida em que se sente como tal. Há dados biológicos essenciais e que não pertencem à situação vivida. Assim é que a estrutura do óvulo nela não se reflete; ao contrário, um órgão sem grande importância biológica, como o clitóris, nela desempenha um papel de primeiro plano. Não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade.

Dentro dessa perspectiva, edificou-se todo um sistema: não pretendemos aqui criticá-lo em seu conjunto, mas tão somente examinar sua contribuição ao estudo da mulher. Não é empreendimento fácil discutir a psicanálise. Como todas as religiões — cristianismo, marxismo —, ela se revela, sobre um fundo de conceitos rígidos, de uma elasticidade embaraçante. Ora as palavras são tomadas em seu sentido mais restrito — o termo falo, por exemplo, designando muito precisamente a excrescência carnosa que é o sexo do macho —, ora num sentido indefinidamente ampliado e adquirindo um valor simbólico. Então, o falo exprimiria todo um conjunto do caráter e da situação viris. Se se ataca a letra da doutrina, o psicanalista afirma que lhe desconhecemos o espírito; se se lhe aprova o espírito, ele procura de imediato restringir-nos à letra. A doutrina não tem importância, diz um: a psicanálise é um método; mas o êxito do método fortalece a fé do doutrinário. E onde encontrar, afinal, a verdadeira psicanálise senão entre os psicanalistas? Mas entre estes, como entre os cristãos e os marxistas, existem heréticos, e mais de um psicanalista declarou que "os piores inimigos da psicanálise são os psicanalistas". A despeito de uma precisão escolástica, muitas vezes pedante, numerosos equívocos não foram ainda dissipados. Como o observam Sartre e

Merleau-Ponty, a proposição: "A sexualidade é coextensiva à existência", pode entender-se de duas maneiras muito diferentes; pode-se dizer que todo avatar do existente tem uma significação sexual, ou que todo fenômeno sexual tem um sentido existencial: entre ambas as afirmativas uma conciliação é possível; mas muitas vezes limitam-se a passar de uma a outra. De resto, desde que se distingue "sexual" e "genital", a noção de sexualidade torna-se vaga. "O sexual em Freud é a aptidão intrínseca para animar o genital", diz Dalbiez. Mas nada é mais turvo do que a ideia de "aptidão", isto é, de possível: só a realidade fornece a prova indubitável da possibilidade. Freud recusou, não sendo filósofo, justificar filosoficamente seu sistema; seus discípulos pretendem que dessa maneira ele elude todo ataque de ordem metafísica. Há, entretanto, por trás de todas as suas afirmações, postulados metafísicos; utilizar sua linguagem é adotar uma filosofia. São essas confusões que, tornando penosa a crítica, a exigem.

Freud não se preocupou muito com o destino da mulher; é claro que calcou a descrição do destino feminino sobre o masculino, restringindo-se a modificar alguns traços. Antes de Freud, o sexólogo Marañon declarara: "Enquanto energia diferençada, a libido é, pode-se dizer, uma força de sentido viril. Diremos o mesmo do orgasmo." Na sua opinião, as mulheres que alcançam o orgasmo são mulheres "viriloides"; o impulso sexual tem uma "única direção", e a mulher encontra-se ainda no meio do caminho.[20] Freud não vai tão longe; admite que a sexualidade da mulher é tão evoluída quanto a do homem; mas não a estuda, por assim dizer, em si mesma. Escreve: "A libido é de maneira constante e regular de essência masculina, surja ela no homem ou na mulher." Recusa-se a pôr a libido feminina em sua originalidade: ele a vê, por conseguinte, necessariamente como um desvio complexo da libido humana em geral. Esta se desenvolve primeiramente, pensa ele, de maneira idêntica nos dois sexos: todas as crianças atravessam uma fase oral que as fixa ao seio materno, em seguida uma fase anal e atingem finalmente a fase genital: é então que se diferenciam. Freud pôs em foco um fato cuja importância, antes dele, não se havia ainda reconhecido totalmente: o erotismo masculino localiza-se definitivamente no pênis, ao passo que há, na mulher, dois sistemas eróticos distintos: um, clitoridiano, que se desenvolve no estágio infantil, e outro, vaginal, que surge após a puberdade. Quando o jovem atinge a fase genital, sua evolução está terminada; será necessário que passe da atitude autoerótica, em que aspira ao prazer em sua subjetividade, a uma atitude heteroerótica, que relacionará o prazer a um objeto, normalmente a mulher. Tal passagem

acontecerá no momento da puberdade, através de uma fase narcisística; mas o pênis, como na infância, permanecerá o órgão erótico privilegiado. A mulher deverá também, pelo narcisismo, objetivar, no homem, sua libido; porém o processo será muito mais complexo, pois cumpre que passe do prazer clitoridiano ao vaginal. Há somente uma etapa genital para o homem enquanto há duas para a mulher; ela se arrisca bem mais do que ele a não atingir o termo de sua evolução sexual, a permanecer no estágio infantil e, consequentemente, a desenvolver neuroses.

Já no estágio autoerótico, a criança liga-se mais ou menos fortemente a um objeto; o menino fixa-se na mãe e quer identificar-se com o pai; apavora-se com essa pretensão e teme que, para puni-lo, o pai o mutile; do "complexo de Édipo" nasce o "complexo de castração"; desenvolve, então, sentimentos de agressividade em relação ao pai, mas interioriza, ao mesmo tempo, sua autoridade. Assim se constitui o superego, que censura as tendências incestuosas; essas tendências são recalcadas, o complexo desaparece e o filho liberta-se do pai que, de fato, instalou em si mesmo, sob forma de regras morais. O superego é tanto mais forte quanto mais o complexo de Édipo for definido e mais rigorosamente combatido. Freud descreveu inicialmente, de maneira inteiramente simétrica, a história da menina; em seguida, atribuiu à forma feminina do complexo infantil o nome de complexo de Electra. Mas é claro que o definiu menos em si mesmo do que a partir da forma masculina; admite, entretanto, que há entre os dois importante diferença: a menina possui, inicialmente, uma fixação materna, enquanto o menino nunca é atraído sexualmente pelo pai. Essa fixação é uma sobrevivência da fase oral; a menina identifica-se, então, com o pai, mas por volta dos cinco anos descobre a diferença anatômica dos sexos e reage à ausência do pênis por um complexo de castração. Imagina ela ter sido mutilada e sofre por isso. Deve, assim, renunciar às suas pretensões viris, identifica-se com a mãe e procura seduzir o pai. Complexo de castração e complexo de Electra fortalecem-se mutuamente; o sentimento de frustração da menina é tanto mais doloroso quanto, amando o pai, gostaria de assemelhar-se a ele; e, inversamente, essa tristeza de não poder fortalece seu amor; é pela ternura que inspira ao pai que ela pode compensar sua inferioridade. A menina sente em relação à mãe um sentimento de rivalidade, de hostilidade. Depois, nela também o superego se constitui, as tendências incestuosas são recalcadas, mas o superego é mais frágil: o complexo de Electra é menos nítido do que o de Édipo, pelo fato de a primeira fixação ter sido materna. E, como o pai era, ele próprio, o objeto desse amor

que ele condenava, suas proibições tinham menos força do que no caso do filho rival. Assim como sua evolução genital, vê-se que o conjunto do drama sexual é mais complexo na menina do que em seus irmãos; ela pode ser tentada a reagir ao complexo de castração, recusando sua feminilidade, obstinando-se em cobiçar um pênis e em identificar-se com o pai; essa atitude irá conduzi-la a permanecer no estágio clitoridiano, a tornar-se frígida ou a voltar-se para a homossexualidade.

As duas críticas essenciais que podem ser feitas a essa descrição provêm do fato de Freud tê-la calcado sobre um modelo masculino. Ele supõe que a mulher se sente um homem mutilado. Porém, a ideia de mutilação implica uma comparação e uma valorização; muitos psicanalistas admitem hoje que a menina lamenta não ter pênis mas sem supor, entretanto, que o tiraram dela; e nem isso é tão generalizado; não poderia tal sentimento nascer de simples confrontação anatômica; muitas meninas só tardiamente descobrem a constituição masculina e, se a descobrem, é apenas pela vista. Já o menino tem de seu pênis uma experiência viva que lhe permite orgulhar-se dele, mas esse orgulho não tem um correlativo imediato na humilhação de suas irmãs, porque estas só conhecem o órgão masculino na sua exterioridade. Essa excrescência, esse frágil caule de carne só lhe pode inspirar indiferença e até repugnância; a inveja da menina resulta de uma valorização prévia da virilidade. Freud a encara como existente quando seria preciso explicá-la.[21] Por outro lado, por não se inspirar numa descrição original da libido feminina, a noção de complexo de Electra permanece muito vaga. Mesmo entre os meninos, a presença de um complexo de Édipo de ordem propriamente genital está longe de ser geral; mas, salvo raríssimas exceções, não há como admitir que o pai seja, para a filha, uma fonte de excitação genital; um dos grandes problemas do erotismo feminino está em que o prazer clitoridiano se isola. É somente no momento da puberdade, em ligação com o erotismo vaginal, que se desenvolvem no corpo da mulher várias zonas erógenas. Dizer que na criança de dez anos os beijos e as carícias do pai têm "uma aptidão intrínseca" para despertar o prazer clitoridiano é uma asserção que na maioria dos casos não tem qualquer sentido. Se admitimos que o complexo de Electra tem apenas um caráter afetivo muito difuso, coloca-se, então, todo o problema da afetividade, para cuja definição, desde que a separemos da sexualidade, o freudismo não nos fornece os meios. Seja como for, não é a libido feminina que diviniza o pai; a mãe não é divinizada pelo desejo que inspira ao filho. O fato de o desejo feminino voltar-se para um ser soberano dá-lhe um caráter original, mas a menina não é

constitutiva de seu objeto, ela o sofre. A soberania do pai é um fato de ordem social e Freud malogra em explicá-lo; ele próprio confessa que é impossível saber que autoridade decidiu, em um momento da história, que o pai superaria a mãe; essa decisão representa, a seu ver, um progresso, mas cujas causas são ignoradas. "Não pode tratar-se aqui da autoridade paterna, porquanto essa autoridade só foi conferida ao pai pelo progresso", escreve em seu último livro.[22]

Foi por ter compreendido a insuficiência de um sistema que assenta unicamente na sexualidade o desenvolvimento da vida humana que Adler se separou de Freud; ele pretende reintegrá-la na personalidade total; enquanto, em Freud, todas as condutas surgem como provocadas pelo desejo, isto é, pela procura do prazer; em Adler, o homem se apresenta visando a certos fins: ao móvel; Adler substitui motivos, finalidade, planos; ele dá à inteligência um lugar tão grande que muitas vezes o sexual adquire, a seus olhos, um valor tão somente simbólico. Segundo suas teorias, o drama humano decompõe-se em três momentos: há em todo indivíduo uma vontade de poder que se acompanha de um complexo de inferioridade; esse conflito o conduz a utilizar mil subterfúgios para evitar a prova do real que ele receia não poder vencer. O sujeito estabelece uma distância entre ele e a sociedade que teme; daí provêm as neuroses, que são uma perturbação do sentido social. No que concerne à mulher, seu complexo de inferioridade assume a forma de uma recusa envergonhada da feminilidade. Não é a ausência do pênis que provoca o complexo, e sim o conjunto da situação; a menina não inveja o falo a não ser como símbolo dos privilégios concedidos aos meninos; o lugar que o pai ocupa na família, a preponderância universal dos machos, a educação, tudo confirma a ideia da superioridade masculina. Mais tarde, em suas relações sexuais, a própria posição do coito, que coloca a mulher embaixo do homem, é uma nova humilhação. Ela reage por meio de um "protesto viril": ou procura masculinizar-se, ou luta contra o homem com armas femininas. É pela maternidade que ela pode encontrar na criança um equivalente do pênis. Mas isso supõe que começa a aceitar-se integralmente como mulher e, portanto, que aceita sua inferioridade. Ela é dividida contra si mesma muito mais profundamente do que o homem.

Não cabe insistir aqui nas diferenças teóricas que separam Adler de Freud e nas possibilidades de uma reconciliação: nem a explicação pelo móvel nem a explicação pelo motivo são suficientes. Todo móvel apresenta um motivo, mas o motivo nunca é apreendido senão através de um móvel; uma síntese do

adlerismo e do freudismo parece pois realizável. Na realidade, fazendo intervir noções de objetivo e de finalidade, Adler conserva integralmente a ideia de uma causalidade psíquica; ele está um pouco em relação a Freud como o energetismo ao mecanicismo: quer se trate de choque ou de força de atração, o físico admite sempre o determinismo. É o postulado comum a todos os psicanalistas. A história humana explica-se, segundo eles, por um jogo de elementos determinados. Todos atribuem à mulher o mesmo destino. O drama desta reduz-se ao conflito entre suas tendências "viriloides" e "femininas"; as primeiras realizam-se no sistema clitoridiano; as segundas, no erotismo vaginal; infantilmente, ela se identifica com o pai, depois experimenta um sentimento de inferioridade em relação ao homem e é colocada na alternativa de manter sua autonomia, de se virilizar — o que sobre o fundo de um complexo de inferioridade provoca uma tensão suscetível de acarretar neuroses — ou de encontrar, na submissão amorosa, uma feliz realização de si mesma, solução que lhe é facilitada pelo amor que devotava ao pai soberano. É ele que ela busca no amante ou no marido, e o amor sexual acompanha-se nela do desejo de ser dominada. Será recompensada pela maternidade, que lhe restitui uma espécie de autonomia. Esse drama apresenta-se dotado de um dinamismo próprio; procura desenrolar-se através de todos os acidentes que o desfiguram, e cada mulher aceita-o passivamente.

Não é difícil aos psicanalistas encontrar confirmações empíricas para suas teorias. Sabe-se que complicando muito sutilmente o sistema de Ptolomeu pôde-se, durante muito tempo, sustentar que explicava exatamente a posição dos planetas; superpondo ao Édipo um Édipo invertido, mostrando em toda angústia um desejo, conseguimos integrar no freudismo os próprios fatos que o contradizem. Só se pode apreender uma forma a partir de um fundo e a maneira pela qual a forma é apreendida recorta por trás dela esse fundo em traços positivos; assim, se nos obstinarmos em descrever uma história singular dentro de uma perspectiva freudiana, encontramos por trás o esquema freudiano; só que quando uma doutrina obriga a multiplicar as explicações secundárias de uma maneira indefinida e arbitrária, quando a observação descobre tantas anomalias quantos casos normais, é preferível abandonar os antigos quadros. Por isso mesmo, hoje todos os psicanalistas esforçam-se por abrandar, à sua maneira, os conceitos freudianos; tentam conciliações. Um psicanalista contemporâneo escreve, por exemplo: "Desde que há complexo, há, por definição, vários componentes... o complexo consiste no agrupamento desses elementos díspares e não na representação de um deles pelos

outros."[23] Mas a ideia de um simples agrupamento de elementos é inaceitável; a vida psíquica não é um mosaico; toda ela existe em cada um de seus momentos e cumpre respeitar essa unidade. Isso só é possível reencontrando, através dos fatos díspares, a intencionalidade original da existência. Em não remontando a essa fonte, o homem se apresenta como um campo de batalha entre impulsos e proibições igualmente destituídos de sentido e contingentes. Há, em todos os psicanalistas, uma recusa sistemática da ideia de *escolha* e da noção de valor que lhe é correlativa; é o que constitui a fraqueza intrínseca do sistema. Tendo desligado impulsos e proibições da escolha existencial, Freud malogra em explicar-lhes a origem: toma-os por dados. Tenta substituir a noção de valor pela de autoridade; mas, em *Moisés, seu povo e a religião monoteísta*, ele convém em que não há meio de explicar essa autoridade. O incesto, por exemplo, é proibido porque o pai o proibiu: mas por que essa proibição? Mistério. O superego interioriza ordens e proibições emanando de uma tirania arbitrária; as tendências instintivas existem não se sabe por quê; as duas realidades são heterogêneas porque se considerou a moral alheia à sexualidade; a unidade humana apresenta-se quebrada, não há passagem do indivíduo à sociedade; Freud é obrigado a inventar estranhos romances para reuni-los.[24] Adler percebeu muito bem que o complexo de castração só se poderia explicar num contexto social; abordou o problema da valorização, mas não remontou à fonte ontológica dos valores reconhecidos pela sociedade e não compreendeu que, na sexualidade propriamente dita, se empenham valores, o que o levou a menosprezar-lhes a importância.

Seguramente a sexualidade desempenha na vida humana um papel considerável: pode-se dizer que ela a penetra por inteira. A fisiologia já nos mostrou que a vida dos testículos e a dos ovários confundem-se com a do soma. O existente é um corpo sexuado; nas suas relações com os outros existentes, que são também corpos sexuados, a sexualidade está, portanto, sempre empenhada; mas, se corpo e sexualidade são expressões concretas da existência, é também a partir desta que se pode descobrir-lhes as significações: sem essa perspectiva, a psicanálise toma, por verdadeiros, fatos inexplicados. Dizem-nos, por exemplo, que a menina tem *vergonha* de urinar de cócoras com as nádegas à mostra: mas o que é a vergonha? Assim também, antes de indagar se o macho se orgulha de ter um pênis ou se seu orgulho se exprime pelo pênis, cumpre saber o que é o orgulho e como a pretensão do sujeito pode encarnar-se em um objeto. Não se deve encarar a sexualidade como um dado irredutível; há, no existente, uma "procura do ser" mais original; a

sexualidade é apenas um de seus aspectos. É o que mostra Sartre em *O ser e o nada*; é o que diz também Bachelard em suas obras sobre a Terra, o Ar, a Água: os psicanalistas consideram que a verdade primeira do homem é uma relação com seu próprio corpo e com o corpo de seus semelhantes no seio da sociedade. Mas o homem vota um interesse primordial à substância do mundo natural que o cerca e que procura descobrir no trabalho, no jogo, em todas as experiências da "imaginação dinâmica". O homem pretende alcançar concretamente a existência através do mundo inteiro, apreendido de todas as maneiras possíveis. Amassar o barro, cavar um buraco são atividades tão originais como o amplexo, o coito: enganam-se os que veem nelas símbolos sexuais tão somente; o buraco, o visgo, o entalhe, a dureza, a integridade são realidades primeiras; o interesse que o homem lhes vota não é ditado pela libido, mas esta é que é colorida pela maneira pela qual elas foram descobertas por ele. Não é porque simboliza a virgindade feminina que a integridade fascina o homem: é seu amor à integridade que torna preciosa a virgindade. O trabalho, a guerra, o jogo, a arte definem maneiras de ser no mundo que não se deixam reduzir a nenhuma outra; elas descobrem qualidades que interferem com as que revela a sexualidade; é, ao mesmo tempo, através delas e através das experiências eróticas que o indivíduo se escolhe. Mas só um ponto de vista ontológico permite restituir a unidade dessa escolha.

É essa noção de escolha que o psicanalista rechaça mais violentamente em nome do determinismo e do "inconsciente coletivo"; este forneceria ao homem imagens feitas e um simbolismo universal; ele é que explicaria as analogias dos sonhos, dos atos falhos, dos delírios, das alegorias e dos destinos humanos; falar de liberdade seria recusar a possibilidade de explicar tão perturbadoras concordâncias. Mas a ideia de liberdade não é incompatível com a existência de certas constantes. Se o método psicanalítico é muitas vezes fecundo, apesar dos erros da teoria, é porque há em toda história singular dados cuja generalidade ninguém nega: as situações e as condutas repetem-se; é no seio da generalidade e da repetição que surge o momento da decisão. "A anatomia é o destino", dizia Freud; essa expressão encontra eco em Merleau-Ponty: "O corpo é a generalidade." A existência é uma através da separação dos existentes; ela manifesta-se em organismos análogos; haverá, portanto, constantes na ligação do ontológico ao sexual. Em dada época, as técnicas, a estrutura econômica e social de uma coletividade descobrem, a todos os seus membros, um mundo idêntico; haverá também uma relação constante da

sexualidade com as formas sociais; indivíduos análogos, colocados em condições análogas, perceberão no dado significações análogas; essa analogia não cria uma universalidade rigorosa, mas permite encontrar tipos gerais nas histórias individuais. O símbolo não se apresenta a nós como uma alegoria elaborada por um inconsciente misterioso: é a apreensão de uma significação através de um *analogon* do objeto significante. Do fato da identidade da situação existencial através de todos os existentes e da identidade da facticidade que lhes cumpre enfrentar, as significações se revelam, da mesma maneira, a muitos indivíduos. O simbolismo não caiu do céu nem jorrou das profundezas subterrâneas: foi elaborado, assim como a linguagem, pela realidade humana que é *mitsein* ao mesmo tempo que separação, e isso explica que a invenção singular nele tenha seu lugar. Praticamente o método psicanalítico é forçado a admiti-lo, autorize-o ou não a doutrina. Essa perspectiva permite-nos, por exemplo, compreender o valor geralmente dado ao pênis.[25] É impossível explicá-lo sem partir de um fato existencial: a tendência do sujeito para a *alienação*. A angústia de sua liberdade conduz o sujeito a procurar-se nas coisas, o que é uma maneira de fugir de si mesmo; é uma tendência tão fundamental que logo após a desmama, quando se acha separado do Todo, a criança esforça-se por apreender nos espelhos, no olhar dos pais, sua existência alienada. Os primitivos alienam-se no mana, no totem; os civilizados em sua alma individual, em seu eu, em seu nome, em sua propriedade, em sua obra: é a primeira tentação da inautenticidade. O pênis é singularmente indicado a desempenhar, para o menino, o papel de "duplo": é para ele um objeto estranho e, ao mesmo tempo, ele próprio; é um brinquedo, uma boneca e é sua própria carne; pais e amas tratam-no como um pequeno personagem. Concebe-se então que se torne para a criança "um *alter ego* em geral mais malandro, mais inteligente e mais hábil do que o indivíduo";[26] do fato de que a função urinária e mais tarde a ereção se encontram a meio caminho entre os processos voluntários e os processos espontâneos; do fato de que é uma fonte caprichosa, quase alheia, de um prazer subjetivamente sentido, o pênis é posto pelo sujeito como si mesmo e outro que não si mesmo; a transcendência específica encarna-se nele de maneira apreensível e ele é fonte de orgulho; é porque o falo é separado que o homem pode integrar na sua individualidade a vida que o ultrapassa. Concebe-se então que o comprimento do pênis, a força do jato de urina, da ereção, da ejaculação tornem-se, para o sujeito, a medida de seu próprio valor.[27] Por isso é constante que o falo encarne carnalmente a transcendência. Como é igualmente constante que a criança

sinta-se transcendida, isto é, frustrada de sua transcendência pelo pai, encontraremos portanto a ideia freudiana de "complexo de castração". Privada desse *alter ego*, a menina não se aliena numa coisa apreensível, não se recupera; em consequência, ela é levada a fazer-se por inteira objeto, a pôr-se como o Outro; a questão de saber se se comparou ou não aos meninos é secundária; o importante é que, mesmo não conhecida por ela, a ausência do pênis a impede de se tornar presente a si própria enquanto sexo; disso resultarão muitas consequências. Mas essas constantes que assinalamos não definem entretanto um destino: o falo assume tão grande valor porque simboliza uma soberania que se realiza em outros campos. Se a mulher conseguisse afirmar-se como sujeito, inventaria equivalentes para o falo: a posse de uma boneca, em quem se encarna a promessa do filho, pode se tornar mais preciosa do que a do pênis.[28] Há sociedades de filiação uterina em que as mulheres detêm as *máscaras* em que a coletividade se aliena. O pênis perde então muito de seu prestígio. É só no seio da situação apreendida em sua totalidade que o privilégio anatômico cria um verdadeiro privilégio humano. A psicanálise só conseguiria encontrar sua verdade no contexto histórico.

Assim como não basta dizer que a mulher é uma fêmea, não se pode defini-la pela consciência que tem de sua feminilidade; toma consciência desta no seio da sociedade de que é membro. Interiorizando o inconsciente e toda a vida psíquica, a própria linguagem da psicanálise sugere que o drama do indivíduo desenrola-se nele: as palavras "complexo", "tendência" etc. implicam-no. Mas uma vida é uma relação com o mundo; é escolhendo-se através do mundo que o indivíduo se define; é para o mundo que nos devemos voltar a fim de responder às questões que nos preocupam. Em particular, a psicanálise malogra em explicar por que a mulher é o *Outro*, pois o próprio Freud admite que o prestígio do pênis explica-se pela soberania do pai e confessa que ignora a origem da supremacia do macho.

Sem rejeitar em bloco as contribuições da psicanálise, algumas das quais são fecundas, recusaremos contudo seu método. Primeiramente, não nos restringiremos a considerar a sexualidade um dado: que essa atitude seja limitada é o que demonstra a pobreza das descrições relativas à libido feminina. Já dissemos que jamais os psicanalistas a estudaram de frente, mas tão somente a partir da libido masculina; parecem ignorar a atração fundamental que o macho exerce sobre a fêmea. Freudianos e adlerianos explicam a angústia experimentada pela mulher ante o sexo masculino como a inversão de um desejo frustrado. Stekel viu melhor que há uma reação original,

mas ele a explica de maneira superficial: a mulher teria medo do defloramento, da penetração, da gravidez, da dor, e esse medo lhe frearia o desejo. A explicação é por demais racional. Ao invés de admitir que o desejo se disfarça em angústia ou é combatido pelo temor, seria preciso encarar como um dado original essa espécie de apelo a um tempo urgente e amedrontado que é o desejo da fêmea; é a síntese indissolúvel da atração e da repulsa que o caracteriza. É notável que muitas fêmeas animais fogem do coito no próprio momento em que o solicitam: tacham-nas de faceiras, de hipócritas, mas é absurdo pretender explicar comportamentos primitivos assimilando-os a condutas complexas. São eles, ao contrário, que se encontram na base das atitudes do que se denomina na mulher faceirice, hipocrisia. A ideia de uma "libido passiva" desnorteia porque se definiu a libido a partir do macho como impulso, energia; mas não se conceberia tampouco *a priori* que uma luz pudesse ser a um tempo amarela e azul: é preciso ter a intuição do verde. Limitaríamos ainda mais a realidade se, em lugar de definir a libido em termos vagos de energia, confundíssemos a significação da sexualidade com outras atitudes humanas: pegar, captar, comer, fazer, suportar etc.; porque ela é um dos modos singulares de apreender um objeto; seria preciso estudar também as qualidades do objeto erótico tal qual se apresenta não apenas no ato sexual, mas ainda na percepção em geral. Esse exame sai do quadro da psicanálise, que apresenta o erotismo como irredutível.

Por outro lado, situaremos de maneira inteiramente diferente o problema do destino feminino: colocaremos a mulher num mundo de valores e atribuiremos a suas condutas uma dimensão de liberdade. Pensamos que ela tem de escolher entre a afirmação de sua transcendência e sua alienação como objeto; ela não é o joguete de impulsos contraditórios, ela inventa soluções entre as quais existe uma hierarquia ética. Substituindo ao valor a autoridade, à escolha o impulso, a psicanálise propõe um *ersatz* da moral: é a ideia de normalidade. Essa ideia é por certo muito útil em terapêutica, mas adquiriu, na psicanálise em geral, uma inquietante extensão. O esquema descritivo propõe-se como uma lei, e seguramente uma psicologia mecanicista não poderia aceitar a noção de invenção moral: pode, quando muito, explicar o *menos*, nunca o mais. A rigor, admite fracassos, nunca criações. Se um sujeito não reproduz em sua totalidade a evolução considerada normal, diremos que a evolução se deteve no caminho, interpretaremos essa parada como uma falha, uma negação, nunca como uma decisão positiva. É o que torna, entre outras coisas, tão chocante a psicanálise dos grandes homens. Dizem-nos que tal

transferência, tal sublimação, não conseguiu efetuar-se neles. Não se supõe que talvez o tenham recusado e que talvez tivessem boas razões para tanto; não se quer considerar que suas condutas possam ter sido motivadas por objetivos livremente postos; é sempre em sua ligação com o passado, e não em função de um futuro para o qual se projeta, que o indivíduo é explicado. Por isso mesmo, só temos dele uma imagem inautêntica e na inautenticidade não se poderia encontrar outro critério que não o da normalidade. A descrição do destino feminino é, desse ponto de vista, impressionante. No sentido em que os psicanalistas o entendem, "identificar-se" à mãe ou ao pai é *alienar-se* em um modelo, é preferir ao movimento espontâneo de sua própria existência uma imagem alheia, é fingir ser. Mostram-nos a mulher solicitada por dois modos de alienação; é evidente que fingir ser homem seria para ela fonte de malogro, mas fingir ser mulher é também ilusão. Ser mulher seria ser o objeto, o *Outro*, e o Outro permanece sujeito no seio de sua demissão. O verdadeiro problema para a mulher está, em recusando essas fugas, realizar-se como transcendência; trata-se de ver, então, que possibilidades lhe abrem o que se chama atitude viril e atitude feminina; quando uma criança segue o caminho indicado por tal ou qual de seus pais, é talvez porque retoma livremente os projetos deles. Sua conduta pode ser o resultado de uma escolha motivada por certos fins. Mesmo em Adler, a vontade de potência não passa de uma espécie de energia absurda; ele denomina "protesto viril" todo projeto em que se encarna a transcendência. Quando uma menina sobe uma árvore é, a seu ver, para igualar-se aos meninos: não imagina que subir numa árvore lhe agrade; para a mãe, a criança é algo diferente do "equivalente do pênis"; pintar, escrever, fazer política não são apenas "boas sublimações". Há, nessas atividades, fins que são desejados em si: negá-lo é falsear toda a história humana. Pode-se observar certo paralelismo entre nossas descrições e as dos psicanalistas. É porque do ponto de vista dos homens — e é o que adotam os psicanalistas de ambos os sexos — consideram-se femininas as condutas de alienação, e viris aquelas em que o sujeito afirma sua transcendência. Um historiador da mulher, Donaldson, observava que as definições "O homem é um ser humano macho, a mulher é um ser humano fêmeo" foram assimetricamente mutiladas; é particularmente entre os psicanalistas que o homem é definido como ser humano e a mulher como fêmea: todas as vezes que ela se conduz como ser humano, afirma-se que ela imita o macho. O psicanalista descreve-nos a criança e a moça solicitadas a identificar-se com o pai ou a mãe, hesitantes entre as tendências "viriloides" e "femininas"; ao passo que nós concebemos a mulher hesitando entre o papel

de *objeto*, de *Outro* que lhe é proposto, e a reivindicação de sua liberdade. Assim, concordaremos a respeito de certo número de fatos, em particular quando consideramos os caminhos de fuga inautêntica que se oferecem à mulher, mas não lhes emprestaremos, em absoluto, a mesma significação que o freudiano ou o adleriano. Para nós, a mulher define-se como ser humano em busca de valores no seio de um mundo de valores, mundo cuja estrutura econômica e social é indispensável conhecer; nós a estudaremos numa perspectiva existencial através de sua situação total.

3/**O ponto de vista do materialismo histórico**

A teoria do materialismo histórico pôs em evidência muitas verdades importantes. A humanidade não é uma espécie animal: é uma realidade histórica. A sociedade humana é uma *antiphisis*: ela não sofre passivamente a presença da Natureza, ela a retoma em suas mãos. Essa retomada de posse não é uma operação interior e subjetiva; efetua-se objetivamente na práxis. Assim, a mulher não poderia ser considerada apenas um organismo sexuado: entre os dados biológicos, só têm importância os que assumem, na ação, um valor concreto; a consciência que a mulher adquire de si mesma não é definida unicamente pela sexualidade. Ela reflete uma situação que depende da estrutura econômica da sociedade, estrutura que traduz o grau de evolução técnica a que chegou a humanidade. Viu-se que, biologicamente, os dois traços que caracterizam a mulher são os seguintes: seu domínio sobre o mundo é menos extenso que o do homem; ela é mais estreitamente submetida à espécie. Mas esses fatos assumem um valor inteiramente diferente segundo o seu contexto econômico e social. Na história humana, o domínio do mundo não se define nunca pelo corpo nu: a mão com seu polegar preensivo já se supera em direção ao instrumento que lhe multiplica o poder; desde os mais antigos documentos de pré-história o homem surge sempre armado. No tempo em que se tratava de brandir pesadas maças, de enfrentar animais selvagens, a fraqueza física da mulher constituía uma inferioridade flagrante; basta que o instrumento exija uma força ligeiramente superior à de que dispõe a mulher para que ela se apresente como radicalmente impotente. Mas pode acontecer, ao contrário, que a técnica anule a diferença muscular que separa o homem da mulher: a abundância só cria superioridade na perspectiva de uma necessidade; não é melhor ter demais do que não ter bastante. Assim, o manejo de numerosas máquinas modernas não exige mais do que uma parte dos recursos viris. Se o mínimo necessário não é superior às capacidades da mulher, ela torna-se igual

ao homem no trabalho. Efetivamente, pode-se determinar hoje imensos desenvolvimentos de energia simplesmente apertando um botão. Quanto às servidões da maternidade, elas assumem, segundo os costumes, uma importância muito variável: são esmagadoras se se impõem à mulher muitas procriações e se ela deve alimentar e cuidar dos filhos sem mais ajuda; se procria livremente, se a sociedade a auxilia durante a gravidez e se se ocupa da criança, os encargos maternais são leves e podem ser facilmente compensados no campo do trabalho.

É de acordo com essa perspectiva que Engels retraça a história da mulher em *A origem da família*. Essa história dependeria essencialmente da história das técnicas. Na Idade da Pedra, quando a terra era comum a todos os membros do clã, o caráter rudimentar da pá, da enxada primitiva, limitava as possibilidades agrícolas: as forças femininas estavam na medida do trabalho exigido pelo cultivo dos jardins. Nessa divisão primitiva do trabalho, os dois sexos já constituem, até certo ponto, duas classes; entre elas há igualdade. Enquanto o homem caça e pesca, a mulher permanece no lar. Mas as tarefas domésticas comportam um trabalho produtivo: fabricação dos vasilhames, tecelagem, jardinagem, e com isso ela desempenha um papel importante na vida econômica. Com a descoberta do cobre, do estanho, do bronze, do ferro, com o aparecimento da charrua, a agricultura estende seus domínios. Um trabalho intensivo é exigido para desbravar florestas, tornar os campos produtivos. O homem recorre, então, ao serviço de outros homens que reduz à escravidão. A propriedade privada aparece; senhor dos escravos e da terra, o homem torna-se também proprietário da mulher. Nisso consiste "a grande derrota histórica do sexo feminino". Ela se explica pelo transtorno ocorrido na divisão do trabalho em consequência da invenção de novos instrumentos. "A mesma causa que assegurara à mulher sua autoridade anterior dentro da casa, seu confinamento nos trabalhos domésticos, essa mesma causa assegurava agora a preponderância do homem. O trabalho doméstico da mulher desaparecia, então, ao lado do trabalho produtivo do homem; o segundo era tudo, o primeiro um anexo insignificante." O direito paterno substitui-se então ao direito materno; a transmissão da propriedade faz-se de pai a filho e não mais da mulher a seu clã. É o aparecimento da família patriarcal baseada na propriedade privada. Nessa família a mulher é oprimida. O homem, reinando soberanamente, permite-se, entre outros, o capricho sexual: dorme com escravas ou hetairas, é polígamo. A partir do momento em que os costumes tornam a reciprocidade possível, a mulher vinga-se pela infidelidade: o

casamento completa-se naturalmente com o adultério. É a única defesa da mulher contra a servidão doméstica em que é mantida; a opressão social que sofre é a consequência de uma opressão econômica. A igualdade só se poderá restabelecer quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, mas essa libertação exige a entrada de todo o sexo feminino na atividade pública. "A mulher só se emancipará quando puder participar em grande medida social na produção, e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão numa medida insignificante. E isso só se tornou possível na grande indústria moderna, que não somente admite o trabalho da mulher em grande escala como ainda o exige formalmente..."

Deste modo, o destino da mulher e o socialismo estão intimamente ligados, como se vê igualmente na vasta obra consagrada por Bebel à mulher. "A mulher e o proletário", diz ele, "são ambos oprimidos". É o mesmo desenvolvimento da economia a partir das modificações provocadas pelo maquinismo que os deve libertar um e outro. O problema da mulher reduz-se ao de sua capacidade de trabalho. Forte na época em que as técnicas se adaptavam às suas possibilidades, destronada quando se tornou incapaz de explorá-las, ela volta a encontrar no mundo moderno sua igualdade com o homem. São as resistências do velho paternalismo capitalista que, na maioria dos países, impedem que essa igualdade se realize; ela o será no dia em que tais resistências se quebrarem. Já o é na URSS, afirma a propaganda soviética. E quando a sociedade socialista tiver dominado o mundo inteiro, não haverá mais homens e mulheres, mas tão somente trabalhadores iguais entre si.

Embora a síntese esboçada por Engels assinale um progresso sobre as que examinamos anteriormente, ela nos decepciona: os problemas mais importantes são escamoteados. O pivô de toda a história está na passagem do regime comunitário ao da propriedade privada: não se indica absolutamente de que maneira pode efetuar-se; Engels confessa mesmo que "não o sabemos até o presente";[29] e não somente ele ignora o pormenor histórico como ainda não sugere nenhuma interpretação. Nem é claro, tampouco, que a propriedade privada tenha acarretado fatalmente a escravização da mulher. O materialismo histórico considera certos e verdadeiros fatos que seria preciso explicar. Afirma, sem discuti-lo, o laço de *interesse* que prende o homem à propriedade: mas onde esse interesse, mola das instituições sociais, tem, ele próprio, sua origem? A exposição de Engels permanece, portanto, superficial e as verdades que descobre parecem-nos contingentes. É que é impossível aprofundá-las sem sair fora do materialismo histórico. Este não pode fornecer soluções para os

problemas que indicamos, porque tais problemas interessam o homem na sua totalidade e não essa abstração que se denomina *homo oeconomicus*.

É claro, por exemplo, que a própria ideia de posse singular só tem sentido possível a partir da condição original do existente. Para que apareça, é preciso que haja, primeiramente, no sujeito uma tendência a se afirmar na sua singularidade radical, uma afirmação de sua existência autônoma e separada. Compreende-se que essa pretensão tenha permanecido subjetiva, interior, sem verdade, enquanto o indivíduo não possuía os meios práticos de satisfazê-la objetivamente: sem ferramenta adequada, não percebia, a princípio, seu poder sobre o mundo, sentia-se perdido dentro da Natureza e da coletividade, passivo, ameaçado, joguete de forças obscuras; somente identificando-se com todo o clã é que ousava pensar-se: o totem, o mana, a terra eram realidades coletivas. O que a descoberta do bronze permitiu ao homem foi, mediante a prova de um trabalho duro e produtivo, descobrir-se como criador; dominando a Natureza, não mais a teme e, em face das resistências vencidas, tem a audácia de se encarar como atividade autônoma, de se realizar na sua singularidade.[30] Mas essa realização nunca teria ocorrido se o homem não a tivesse originalmente desejado; a lição do trabalho não se inscreveu num sujeito passivo: o sujeito forjou-se a si próprio e se conquistou, forjando seus instrumentos e conquistando a terra. Por outro lado, a afirmação do sujeito não basta para explicar a propriedade: no desafio, na luta, no duelo singular, cada consciência pode tentar alcançar a soberania. Para que o desafio tenha assumido a forma do *potlatch*, isto é, de uma rivalidade econômica, para que a partir daí o chefe, em primeiro lugar, e os membros do clã, em seguida, tenham reivindicado bens particulares, é preciso que se encontre no homem outra tendência original. Já dissemos, no capítulo precedente, que o existente só se aprende alienando-se; ele se procura através do mundo sob uma forma exterior e que faz sua. No totem, no mana, no território que ocupa é sua existência alienada que o clã encontra; quando o indivíduo se separa da comunidade, ele reclama uma encarnação singular: o mana individualiza-se no chefe e, em seguida, em cada indivíduo e, ao mesmo tempo, cada um tenta apropriar-se de um pedaço de terra, de instrumentos de trabalho, de colheitas. Nessas riquezas que são suas, é ele próprio que o homem reencontra porque nelas se perdeu; compreende-se, então, que possa atribuir-lhes uma importância tão fundamental quando à sua própria vida. Então o *interesse* do homem pela sua propriedade torna-se uma relação inteligível. Mas vê-se bem que não é possível explicá-la unicamente pela

ferramenta: é preciso captar toda a atitude do homem armado com a ferramenta, atitude que implica uma infraestrutura ontológica.

De igual modo é impossível *deduzir* a opressão da mulher da propriedade privada. Ainda aqui a insuficiência do ponto de vista de Engels é manifesta. Ele compreendeu muito bem que a fraqueza muscular da mulher só se tornou uma inferioridade concreta na sua relação com a ferramenta de bronze e de ferro, mas não viu que os limites de sua capacidade de trabalho não constituíam em si mesmos uma desvantagem concreta senão dentro de dada perspectiva. É porque o homem é transcendência e ambição que projeta novas exigências através de toda nova ferramenta. Quando inventou os instrumentos de bronze não se contentou mais com explorar os jardins; quis arrotear e cultivar vastos campos; não foi do bronze em si que jorrou essa vontade. A incapacidade da mulher acarretou-lhe a ruína porque o homem apreendeu-a através de um projeto de enriquecimento e expansão. E esse projeto não basta ainda para explicar por que ela foi oprimida: a divisão do trabalho por sexo poderia ter sido uma associação amigável. Se a relação original do homem com seus semelhantes fosse exclusivamente uma relação de amizade, não se explicaria nenhum tipo de escravização: esse fenômeno é consequência do imperialismo da consciência humana que procura realizar objetivamente sua soberania. Se não houvesse nela a categoria original do Outro, e uma pretensão original ao domínio sobre o Outro, a descoberta da ferramenta de bronze não poderia ter acarretado a opressão da mulher. Engels não explica tampouco o caráter singular dessa opressão. Tentou reduzir a oposição dos sexos a um conflito de classes: fê-lo, aliás, sem grande convicção; a tese não é sustentável. É verdade que a divisão do trabalho por sexo e a opressão que dela resulta evocam, em certos pontos, a divisão por classes, mas não seria possível confundi-las. Não há na cisão entre as classes nenhuma base biológica. No trabalho, o escravo toma consciência de si próprio contra o senhor, o proletariado sempre sentiu sua condição na revolta, voltando dessa maneira ao essencial, constituindo uma ameaça para seus exploradores; e o que ele visa é o desaparecimento como classe. Dissemos, na introdução, o quanto a situação da mulher é diferente, em particular por causa da comunidade de vida e interesses que a torna solidária do homem, e por causa da cumplicidade que ele encontra nela. Nenhum desejo de revolução a habita, nem ela poderia suprimir-se enquanto sexo: ela pede somente que certas consequências da especificação sexual sejam abolidas. O que é mais grave ainda é que não se poderia sem má-fé considerar a mulher unicamente uma trabalhadora; tanto quanto sua capacidade produtora, sua

função de reprodutora é importante na economia social como na vida individual; há épocas em que ela é mais útil fazendo filhos do que empurrando a charrua. Engels escamoteou o problema; limitou-se a declarar que a comunidade socialista abolirá a família; é uma solução assaz abstrata; sabe-se como a URSS teve de mudar frequente e radicalmente sua política familial segundo se equilibravam diferentemente as necessidades imediatas da produção e da repopulação; de resto, suprimir a família não é necessariamente libertar a mulher: o exemplo de Esparta e o do regime nazista provam que, embora diretamente ligada ao Estado, ela pode ser oprimida pelos machos. Uma ética verdadeiramente socialista, que procure a justiça sem suprimir a liberdade, que imponha encargos aos indivíduos mas sem abolir a individualidade, ver-se-á muito embaraçada com os problemas que a condição da mulher suscita. É impossível assimilar muito simplesmente a gestação a um *trabalho* ou a um *serviço*, como o serviço militar. Viola-se mais profundamente a vida de uma mulher exigindo-se dela filhos do que regulamentando as ocupações dos cidadãos: nenhum Estado ousou jamais instituir o coito obrigatório. No ato sexual, na maternidade, a mulher não empenha somente tempo e forças, mas ainda valores essenciais. O materialismo racionalista pretende em vão menosprezar esse caráter dramático da sexualidade: não se pode regulamentar o instinto sexual; não é certo que não carregue em si uma recusa à sua satisfação, dizia Freud. O certo é que ele não se deixa integrar no social porque há no erotismo uma revolta do instante contra o tempo, do individual contra o universal. Pretendendo canalizá-lo e explorá-lo, arrisca-se a matá-lo porque não se pode dispor da espontaneidade viva como se dispõe da matéria inerte; e não se pode tampouco forçá-la como se força uma liberdade. Não seria possível obrigar diretamente uma mulher a parir: tudo o que se pode fazer é encerrá-la dentro de situações em que a maternidade é a única saída; a lei ou os costumes impõem-lhe o casamento, proíbem as medidas anticoncepcionais, o aborto e o divórcio. São exatamente essas velhas coações do patriarcado que a URSS ressuscitou; reavivou as teorias paternalistas do casamento; e com isso foi levada a pedir novamente à mulher que se torne objeto erótico: um discurso recente convidava as cidadãs soviéticas a cuidarem dos vestidos, a usarem maquiagem, a se mostrarem faceiras para reter seus maridos e incentivar o desejo neles. É impossível, vê-se por esse exemplo, encarar a mulher unicamente como força produtora; ela é para o homem uma parceira sexual, uma reprodutora, um objeto erótico, um Outro através do qual ele se busca a si próprio. Os regimes totalitários ou autoritários podem, de

comum acordo, proibir a psicanálise e declarar que para os cidadãos lealmente integrados na coletividade os dramas individuais não existem: o erotismo é uma experiência em que a generalidade é sempre recuperada por uma individualidade. E para um socialismo democrático em que as classes seriam abolidas mas não os indivíduos, a questão do destino individual conservaria toda a sua importância: a diferenciação sexual igualmente. A relação sexual que une a mulher ao homem não é a mesma que ele mantém com ela; o laço que a prende ao filho é irredutível. Ela não foi criada unicamente pela ferramenta de bronze: a máquina não basta para a abolir. Reivindicar para ela todos os direitos, todas as possibilidades do ser humano em geral, não significa que se deva deixar de enxergar sua situação singular. E para conhecê-la é preciso ir além do materialismo histórico que só vê no homem e na mulher entidades econômicas.

Assim recusamos pela mesma razão o monismo sexual de Freud e o monismo econômico de Engels. Um psicanalista interpretará todas as reivindicações sociais da mulher como um fenômeno de "protesto viril". Ao contrário, para o marxista, sua sexualidade não faz senão exprimir por desvios mais ou menos complexos sua situação econômica; mas as categorias "clitoridiana" ou "vaginal", tal qual as categorias "burguesa" ou "proletária", são igualmente impotentes para encerrar uma mulher concreta. Por baixo dos dramas individuais como da história econômica da humanidade, há uma infraestrutura existencial que permite, somente ela, compreender em sua unidade essa forma singular que é uma vida. O valor do freudismo provém do fato de o existente ser um corpo. A maneira pela qual se sente como corpo diante de outros corpos traduz concretamente sua situação existencial. Do mesmo modo, o que é verdadeiro na tese marxista é que as pretensões ontológicas do existente assumem uma forma concreta segundo as possibilidades materiais que se lhe oferecem, e em particular as que as técnicas lhe proporcionam. Não integradas, porém, na totalidade da realidade humana, a sexualidade, a técnica não poderiam nada explicar. Eis por que em Freud as proibições impostas pelo superego e os impulsos do ego se apresentam como fatos contingentes. E, na exposição de Engels sobre a história da família, os acontecimentos mais importantes parecem surgir inopinadamente segundo os caprichos de um misterioso acaso. Para descobrir a mulher não recusaremos certas contribuições da biologia, da psicanálise, do materialismo histórico, mas consideraremos que o corpo, a vida sexual, as técnicas só existem concretamente para o homem na medida em que os apreende dentro da

perspectiva global de sua existência. O valor da força muscular, do falo, da ferramenta só se poderia definir num mundo de valores: é comandado pelo projeto fundamental do existente transcendendo-se para o ser.

segunda parte

História

1

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se pois que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. Mas que privilégio lhe permitiu satisfazer essa vontade?

As informações que fornecem os etnógrafos acerca das formas primitivas da sociedade humana são terrivelmente contraditórias e tanto mais quanto eles são mais bem informados e menos sistemáticos. É singularmente difícil ter uma ideia da situação da mulher no período que precedeu o da agricultura. Não se sabe sequer se, em condições de vida tão diferentes das de hoje, a musculatura da mulher, seu aparelho respiratório, não eram tão desenvolvidos como os do homem. Duros trabalhos eram-lhe confiados e, em particular, ela é que carregava os fardos. Entretanto, este último fato é ambíguo: é possível que essa função lhe fosse determinada para que, nos comboios, o homem conservasse as mãos livres a fim de defender-se contra os agressores ocasionais, indivíduos ou animais. Seu papel era, portanto, o mais perigoso e o que exigia mais vigor. Parece, entretanto, que em muitos casos as mulheres eram bastante robustas e resistentes para participar das expedições dos guerreiros. Segundo as narrativas de Heródoto, as descrições relativas às amazonas do Daomé e muitos outros testemunhos antigos e modernos, aconteceu de as mulheres tomarem parte em guerras e

vinditas sangrentas. Mostravam nessas ocasiões a mesma coragem e a mesma crueldade que os homens. Citam-se algumas que mordiam ferozmente o fígado de seus inimigos. Apesar de tudo, é provável que, então como hoje, os homens tivessem o privilégio da força física. Na era da maça e das feras, na era em que as resistências da natureza atingiam um ponto máximo e as ferramentas eram as mais elementares, essa superioridade devia ter uma enorme importância. Em todo caso, por robustas que fossem as mulheres, na luta contra o mundo hostil as servidões da reprodução representavam para elas um terrível *handicap*: conta-se que as amazonas mutilavam os seios, o que significava que, pelo menos durante o período de sua vida guerreira, recusavam a maternidade. Quanto às mulheres normais, a gravidez, o parto, a menstruação diminuíam sua capacidade de trabalho e condenavam-nas a longos períodos de impotência. Para se defender contra os inimigos, para assegurar sua manutenção e a da prole, elas necessitavam da proteção dos guerreiros e do produto da caça e da pesca a que se dedicavam os homens; como não havia evidentemente nenhum controle dos nascimentos, como a natureza não assegura à mulher períodos de esterilidade como às demais fêmeas de mamíferos, as maternidades repetidas deviam absorver a maior parte de suas forças e de seu tempo. Não eram capazes de assegurar a vida dos filhos que pariam. E eis um primeiro fato de pesadas consequências: os primeiros tempos da espécie humana foram difíceis. Os povos coletores, caçadores e pescadores só extraíam do solo parcas riquezas e à custa de duros esforços. Nasciam crianças demais em relação aos recursos da coletividade; a fecundidade absurda da mulher impedia-a de participar ativamente na ampliação desses recursos, ao passo que criava indefinidamente novas necessidades. Imprescindível à perpetuação da espécie, perpetuava-a de maneira exagerada: o homem é que assegurava o equilíbrio da reprodução e da produção. Assim, a mulher não tinha sequer o privilégio de manter a vida em face do macho procriador; não desempenhava o papel do óvulo em relação ao espermatozoide, da matriz em relação ao falo; só tinha uma parte no esforço da espécie humana por perseverar em seu ser, e era graças ao homem que esse esforço se realizava concretamente.

Entretanto, como o equilíbrio da produção-reprodução consegue sempre estabelecer-se, ainda que à custa de infanticídios, de sacrifícios, de guerras, homens e mulheres do ponto de vista da sobrevivência coletiva são igualmente necessários. Poderíamos mesmo supor que, em certos estágios de abundância

alimentar, seu papel protetor e nutritivo tenha subordinado o macho à mulher-mãe. Há fêmeas animais que encontram na maternidade uma completa autonomia; por que a mulher não conseguiu fazer disso um pedestal? Mesmo nos momentos em que a humanidade reclamava mais asperamente maior número de nascimentos, a necessidade de mão de obra superando a de matérias-primas a explorar, mesmo nas épocas em que a maternidade foi mais venerada, não permitiu ela que as mulheres conquistassem o primeiro lugar.[31] A razão está em que a humanidade não é uma simples espécie natural: ela não procura manter-se enquanto espécie; seu projeto não é a estagnação: ela tende a superar-se.

As hordas primitivas quase não se interessavam pela sua posteridade. Não estando fixadas em um território, nada possuindo, não se encarnando em nenhuma coisa estável, não podiam ter nenhuma ideia concreta da permanência. Não tinham a preocupação de sobreviver a si mesmas e não se reconheciam na sua descendência: não temiam a morte e não reclamavam herdeiros; os filhos constituíam para elas um encargo, e não uma riqueza; a prova está em que os infanticídios foram numerosos entre os povos nômades, e muitos recém-nascidos que não eram exterminados morriam por falta de higiene em meio à indiferença geral. A mulher que engendra não conhece, pois, o orgulho da criação; sente-se o joguete passivo de forças obscuras, e o parto doloroso é um acidente inútil e até importuno. Mais tarde, deu-se maior importância ao filho. Contudo, engendrar, aleitar não são *atividades*, são funções naturais; nenhum projeto nelas se empenha. Eis por que nelas a mulher não encontra motivo para uma afirmação altiva de sua existência: ela suporta passivamente seu destino biológico. Os trabalhos domésticos a que está votada, porque só eles são conciliáveis com os encargos da maternidade, encerram-na na repetição e na imanência; reproduzem-se dia após dia sob uma forma idêntica que se perpetua quase sem modificação através dos séculos: não produzem nada de novo. O caso do homem é radicalmente diferente; ele não alimenta a coletividade à maneira das abelhas operárias mediante simples processo vital, e sim com atos que transcendem sua condição animal. O *homo faber* é, desde a origem dos tempos, um inventor: já o bastão e a maça com que se arma para derrubar os frutos ou derriar os animais são instrumentos com os quais ele aumenta seu domínio sobre o mundo. Não se limita a transportar para o lar peixes pegados nas águas, cumpre-lhe primeiramente assenhorear-se destas, fabricando pirogas: para apossar-se das riquezas do mundo, ele anexa o próprio mundo. Nessa ação,

experimenta seu poder: estabelece objetivos, projeta caminhos em direção a eles, realiza-se como existente. Para manter, cria; supera o presente, abre o futuro. Eis por que as expedições de caça e pesca assumem um caráter sagrado. Acolhem-se os seus êxitos com festas e triunfos; o homem neles conhece sua humanidade. Ainda hoje manifesta esse orgulho quando constrói uma barragem, um arranha-céu, uma pilha atômica. Não trabalhou somente para conservar o mundo dado: dilatou-lhe as fronteiras, lançou bases de um novo futuro.

Sua atividade tem outra dimensão que lhe dá sua suprema dignidade, e ela é amiúde perigosa. Se o sangue não passasse de alimento, não teria mais valor do que o leite; mas o caçador não é um carniceiro: na luta contra os animais selvagens corre riscos. O guerreiro põe em jogo a própria vida para aumentar o prestígio da horda e do clã a que pertence. Com isso, prova de maneira convincente que a vida não é para o homem o valor supremo, que ela deve servir a fins mais importantes do que ela própria. A maior maldição que pesa sobre a mulher é estar excluída das expedições guerreiras. Não é dando a vida, é arriscando-a que o homem se ergue acima do animal; eis por que, na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra, e sim ao que mata.

Temos aqui a chave de todo o mistério. No nível da biologia é somente criando-se inteiramente de novo que uma espécie se mantém; mas essa criação não passa de uma repetição da mesma Vida sob formas diferentes. É transcendendo a Vida pela Existência que o homem assegura a repetição da Vida: com essa superação, ele cria valores que denegam qualquer valor à repetição simples. No animal, a gratuidade, a variedade das atividades do macho permanecem vãs porque nenhum projeto o habita; quando não serve à espécie, o que faz não é nada; ao passo que, servindo à espécie, o macho humano molda a face do mundo, cria instrumentos novos, inventa, forja o futuro. Pondo-se como soberano, ele encontra a cumplicidade da própria mulher, porque ela é também um existente, ela é habitada pela transcendência e seu projeto não está na repetição, mas na sua superação em vista de um futuro diferente; ela acha no fundo de seu ser a confirmação das pretensões masculinas. Associa-se aos homens nas festas que celebram os êxitos e as vitórias dos machos. Sua desgraça consiste em ter sido biologicamente votada a repetir a Vida, quando a seus próprios olhos a Vida não apresenta em si suas razões de ser e essas razões são mais importantes do que a própria vida.

Certas passagens da dialética com que Hegel define a relação do senhor com o escravo se aplicariam muito melhor à relação do homem com a mulher. O privilégio do senhor, diz, vem de que afirma o Espírito contra a Vida pelo fato de arriscar sua vida; mas, na realidade, o escravo vencido conheceu o mesmo risco, ao passo que a mulher é originalmente um existente que dá *a* Vida e não arrisca *sua* vida: entre ela e o macho nunca houve combate. A definição de Hegel aplica-se singularmente a ela. "A outra [consciência] é a consciência dependente para a qual a realidade essencial é a vida animal, isto é, o ser dado por uma entidade outra." Mas essa relação distingue-se da relação de opressão porque a mulher visa e reconhece, ela também, os valores que são concretamente atingidos pelo homem: ele é que abre o futuro para o qual ela transcende. Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: pretenderam criar um campo de domínio feminino — reinado da vida, da imanência — tão somente para nele encerrar a mulher; mas é além de toda especificação sexual que o existente procura sua justificação no movimento de sua transcendência: a própria submissão da mulher é a prova disso. O que elas reivindicam hoje é serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens e não de sujeitar a existência à vida, o homem à sua animalidade.

Uma perspectiva existencial permitiu-nos, pois, compreender como a situação biológica e econômica das hordas primitivas devia acarretar a supremacia dos machos. A fêmea, mais do que o macho, é presa da espécie; a humanidade sempre procurou evadir-se de seu destino específico; pela invenção da ferramenta, a manutenção da vida tornou-se para o homem atividade e projeto, ao passo que na maternidade a mulher continua amarrada a seu corpo, como o animal. É porque a humanidade se põe em questão em seu ser, isto é, prefere razões de viver à vida, que perante a mulher o homem se pôs como senhor; o projeto do homem não é repetir-se no tempo, é reinar sobre o instante e construir o futuro. Foi a atividade do macho que, criando valores, constituiu a existência, ela própria, como valor: venceu as forças confusas da vida, escravizou a Natureza e a Mulher. Cabe-nos ver agora como essa situação se perpetuou e evoluiu através dos séculos. Que lugar deu a humanidade a essa parte de si mesma que em seu seio se definiu como o Outro? Que direitos lhe reconheceram? Como a definiram os homens?

2

Acabamos de ver que na horda primitiva a sorte da mulher era muito dura; entre as fêmeas animais a função reprodutora é naturalmente limitada e, quando se efetua, o indivíduo é dispensado mais ou menos completamente de outras fadigas; somente as fêmeas domésticas são por vezes exploradas por um senhor exigente até o esgotamento de suas forças como reprodutora e de suas capacidades individuais. Foi esse, talvez, o caso da mulher num tempo em que a luta contra um mundo inimigo reclamava o pleno aproveitamento dos recursos da comunidade; às fadigas de uma reprodução incessante e desregrada acrescentavam-se as duras tarefas domésticas. Entretanto, certos historiadores pretendem que é nesse estágio que a superioridade do homem é menos acentuada. O que se deveria dizer é que essa superioridade é, então, imediatamente vivida e não ainda colocada e desejada; ninguém se dispõe a compensar as desvantagens cruéis que prejudicam a mulher, mas não se procura tampouco cerceá-la como acontecerá mais tarde em regime paternalista. Nenhuma instituição homologa a desigualdade dos sexos; mesmo porque não há instituições, nem propriedade, nem herança, nem direito. A religião é neutra: adora-se algum totem assexuado.

É quando os nômades se fixam ao solo e se tornam agricultores que se vê surgirem as instituições e o direito. O homem não se restringe mais a debater-se contra as forças hostis; começa a exprimir-se concretamente através da forma que impõe ao mundo, a pensar esse mundo e a se pensar; nesse momento, a diferenciação sexual reflete-se na estrutura da coletividade; ela assume um caráter singular; nas comunidades agrícolas a mulher adquire muitas vezes extraordinário prestígio. Esse prestígio explica-se essencialmente pela importância recente que assume a criança numa civilização que assenta no trabalho da terra. Instalando-se num território, os homens se apropriam dele; a propriedade aparece sob forma coletiva; exige de seus proprietários uma posteridade; a maternidade torna-se uma função sagrada. Muitas tribos vivem em regime comunitário: isso não significa que as mulheres pertençam a todos os homens da coletividade; não se acredita muito hoje que tenha existido o casamento por promiscuidade, mas homens e mulheres só têm existência religiosa, social e econômica como grupo; sua individualidade permanece um puro fato

biológico. O casamento, qualquer que seja a forma, monogamia, poligamia, poliandria, não passa também de um acidente profano que não cria nenhum laço místico. Não é causa de nenhuma servidão para a esposa, ela continua integrada no seu clã. O conjunto do clã reunido sob o mesmo totem possui misticamente um mesmo mana, materialmente o gozo em comum de um mesmo território. De acordo com o processo de alienação a que já nos referimos, o clã se apreende nesse território sob uma forma objetiva e concreta; pela permanência do solo o clã realiza-se, pois, como uma unidade cuja identidade persiste através da dispersão do tempo. Somente essa diligência existencial permite compreender a identificação ou se prorrogar até nossos dias entre o clã, a *gens*, a família e a propriedade. À concepção das tribos nômades, para as quais não existe senão o instante, a comunidade agrícola substitui a de uma vida arraigada no passado e anexando-se o futuro: venera-se o antepassado totêmico que dá seu nome aos membros do clã e o clã vota um interesse profundo a seus descendentes, pois sobreviverá através do solo que lhe lega e que eles explorarão. A comunidade pensa sua unidade e quer sua existência além do presente: reconhece-se nos filhos, reconhece-os como seus, neles se realiza e se supera.

Mas muitos primitivos ignoram a parte do pai na procriação dos filhos; consideram estes a reencarnação das larvas ancestrais que flutuam ao redor de certas árvores, certos rochedos, certos lugares sagrados e que descem no corpo da mulher. Considera-se, por vezes, que esta não deve ser virgem para que a infiltração se torne possível, mas outros povos acreditam também que ela se produz pelas narinas ou pela boca; de qualquer modo, a defloração parece aqui secundária e, por razões de ordem mística, é raramente o apanágio do marido. A mãe é evidentemente necessária ao nascimento do filho. É ela que conserva e nutre o germe em seu seio e é, pois, através dela que no mundo visível a vida do clã se propaga; desempenha assim papel de primordial importância. Muitas vezes, os filhos pertencem ao clã da mãe, usam-lhe o nome, participam de seus direitos e, em particular, do gozo da terra que o clã detém. A propriedade comunitária transmite-se, então, pelas mulheres; com elas asseguram-se aos membros do clã os campos e as colheitas e, inversamente, é por suas mães que esses são destinados a tal ou qual propriedade. Pode-se, assim, considerar que, misticamente, a terra pertence às mulheres; elas têm um domínio a um tempo religioso e legal sobre a gleba e seus frutos. O laço que os une é mais

estreito ainda do que uma pertença; o regime de direito materno caracteriza-se por uma verdadeira assimilação da mulher à terra; em ambas se cumpre, através dos avatares, a permanência da vida, a vida que é essencialmente geração. Entre os nômades, a procriação parece ser apenas um acidente e as riquezas do solo continuam desconhecidas; mas o agricultor admira o mistério da fecundidade que desabrocha nos sulcos dos arados e no ventre materno; sabe que foi engendrado como a rês e as colheitas, deseja que seu clã engendre outros homens que o perpetuarão dando continuidade à fertilidade dos campos. A natureza na sua totalidade apresenta-se a ele como uma mãe; a terra é mulher, e a mulher é habitada pelas mesmas forças obscuras que habitam a terra.[32] É, em parte, por essa razão que lhe é confiado o trabalho agrícola; capaz de atrair a seu seio as larvas ancestrais, tem ela também o poder de fazer jorrar dos campos semeados os frutos e as espigas. Trata-se, em ambos os casos, não de uma operação criadora, e sim de uma conjuração mágica. Nesse estágio, o homem não se limita mais a coletar os produtos do solo, mas não conhece ainda sua força. Hesita entre as técnicas e a magia, sente-se passivo, dependente da Natureza que distribui ao acaso a existência e a morte. Sem dúvida, reconhece mais ou menos a utilidade do ato sexual e das técnicas que domesticam o solo. Contudo, filhos e searas se lhe afiguram dádivas sobrenaturais e são os misteriosos eflúvios emanando do corpo feminino que atraem para este mundo as riquezas enterradas nas fontes misteriosas da vida. Tais crenças são vivas ainda entre numerosas tribos de índios, de australianos, de polinésios;[33] e assumem uma importância tanto maior quanto se harmonizam com os interesses práticos da coletividade. A maternidade destina a mulher a uma existência sedentária; é natural que ela permaneça no lar enquanto o homem caça, pesca e guerreia. Mas entre os povos primitivos quase só se cultivam hortas de dimensões modestas e que se encerram dentro dos limites da aldeia; sua exploração é tarefa doméstica; os instrumentos da Idade da Pedra não exigem um esforço intensivo; economia e mística concordam em confiar às mulheres o trabalho agrícola. No seu início, a indústria doméstica é também de competência delas: elas tecem tapetes e cobertas, fabricam os vasilhames. São, muitas vezes, elas que presidem a troca de mercadorias; o comércio está nas suas mãos. É, pois, através delas que se mantém e propaga a vida do clã; de seu trabalho e de suas virtudes mágicas dependem os filhos, os rebanhos, as colheitas, os utensílios, toda prosperidade do grupo de que são a alma. Tanta força

inspira aos homens um respeito misturado de terror e que se reflete em seu culto. Nela é que se resume toda a Natureza estranha.

Já dissemos que o homem só se pensa pensando o *Outro*: apreende o mundo sob o signo da dualidade; esta não tem, de início, um caráter sexual. Mas, naturalmente, sendo diferente do homem que se põe como o Mesmo é na categoria do Outro que a mulher é incluída; o Outro envolve a mulher; ela não é, a princípio, assaz importante para encarná-lo sozinha, de modo que se desenha no coração do Outro uma subdivisão; nas antigas cosmogonias, um mesmo elemento tem frequentemente uma encarnação, a um tempo, de macho e de fêmea; assim é que entre os babilônios, o Oceano e o Mar[34] são a dupla encarnação do caos cósmico. Quando o papel da mulher se torna mais importante, absorve ela, em quase sua totalidade, a região do Outro. Aparecem, então, as divindades femininas através das quais se adora a ideia da fecundidade. Encontrou-se, em Susa, a mais antiga imagem da Grande Deusa, da Grande Mãe, de comprida túnica e cabeleira alta que outras estátuas mostram-nos coroada de torres; as escavações de Creta oferecem-nos várias efígies. Ela é ora esteatopígica e acocorada, ora mais esbelta e de pé, por vezes vestida e por vezes nua, cruzando os braços sob os seios túmidos. É a rainha do céu; uma pomba representa-a; é também imperatriz do inferno, de onde sai rastejando e uma serpente a simboliza. Manifesta-se nas montanhas, nas florestas, no mar, nas fontes. Por toda parte, ela cria a vida; se mata, ressuscita. Caprichosa, luxuriante, cruel como a Natureza, a um tempo propícia e temível, reina sobre toda a Egeida, a Frígia, a Síria, a Anatólia, sobre toda a Ásia Ocidental. Chama-se Ichtar em Babilônia, Astarté entre os povos semíticos, entre os gregos Reia, Gea ou Cibele; encontramo-la no Egito sob os traços de Ísis; as divindades masculinas são-lhe subordinadas. Ídolo supremo nas regiões longínquas do céu e do inferno, a mulher acha-se, em terra, cercada de tabus como todos os seres sagrados; ela própria é tabu. Em virtude dos poderes que detém olham-na como feiticeira, como mágica; associam-na às preces, torna-se às vezes sacerdotisa como as druidesas entre os antigos celtas; em certos casos, participa do governo da tribo, e acontece até que o exerça sozinha. Essas épocas remotas não nos legaram nenhuma literatura. Mas as grandes épocas patriarcais conservam em sua mitologia, monumentos e tradições a lembrança de um tempo em que as mulheres ocupavam uma situação muito elevada. Do ponto de vista feminino a época bramânica é uma regressão relativamente à do Rig-Veda, e esta acha-se no mesmo caso em relação ao estágio primitivo que a precedeu. As beduínas da época pré-islâmica tinham uma condição muito

superior ao que lhes determina o Corão. As grandes figuras de Níobe, de Medeia, evocam uma era em que as mães, considerando seus filhos seus bens próprios, se orgulhavam de tê-los. E nos poemas homéricos, Andrômaca e Hécuba têm uma importância que a Grécia clássica já não outorga mais às mulheres escondidas à sombra do gineceu.

Esses fatos induzem a supor que existia nos tempos primitivos um verdadeiro reinado das mulheres; foi essa hipótese proposta por Baschoffen que Engels retomou: a passagem do matriarcado para o patriarcado parece-lhe "a grande derrota histórica do sexo feminino". Mas, em verdade, essa idade de ouro da mulher não passa de um mito. Dizer que a mulher era o *Outro* equivale a dizer que não existia entre os sexos uma relação de reciprocidade: Terra, Mãe, Deusa, não era ela para o homem um semelhante: era *além* do reino humano que seu domínio se afirmava: estava, portanto, *fora* desse reino. A sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens. "A autoridade pública ou simplesmente social pertence sempre aos homens", afirma Lévi-Strauss ao fim de seu estudo sobre as sociedades primitivas. O semelhante, o outro, que é também o mesmo, com quem se estabelecem relações recíprocas, é sempre para o homem um indivíduo do sexo masculino. A dualidade que se descobre sob uma forma ou outra no seio das coletividades opõe um grupo de homens a outro grupo de homens, e as mulheres fazem parte dos bens que estes possuem e constituem entre eles um instrumento de troca. O erro proveio de terem confundido dois aspectos da alteridade, que se excluem rigorosamente. Na medida em que a mulher é considerada o Outro absoluto, isto é — qualquer que seja sua magia —, o inessencial, faz-se precisamente impossível encará-la como outro sujeito.[35] As mulheres nunca, portanto, constituíram um grupo separado que se pusessem *para si* diante do grupo masculino; nunca tiveram uma relação direta e autônoma com os homens. "O laço de reciprocidade que estabelece o casamento não se firma entre homens e mulheres e sim entre homens através de mulheres que são apenas a principal oportunidade dele.", diz Lévi-Strauss.[36] A condição concreta da mulher não é afetada pelo tipo de filiação que prevalece na sociedade a que ela pertence; seja o regime patrilinear, matrilinear, bilateral ou indiferenciado (não sendo nunca rigorosa a indiferenciação), ela se encontra sempre sob a tutela dos homens; a única questão consiste em saber se após o casamento ela fica sujeita à autoridade do pai ou do irmão mais velho — autoridade que se estenderá também aos filhos — ou se ela se submete, a partir de então, à autoridade do marido. Em todo caso: "A mulher não é nunca senão o símbolo de sua linhagem... a filiação matrilinear, é a mão do pai ou do irmão da

mulher, que se estende até a aldeia do irmão."[37] Ela é apenas a mediadora do direito, não a detentora. Em verdade, são as relações dos dois grupos masculinos que se definem pelo regime de filiação, e não a relação dos dois sexos. Praticamente, a condição concreta da mulher não está ligada de maneira estável a tal ou qual tipo de direito. Acontece-lhe mesmo ocupar uma posição muito elevada em regime matrilinear; mas cumpre atentar para o fato de que a presença de uma mulher-chefe, de uma rainha à frente de uma tribo não significa, em absoluto, que as mulheres sejam nesta soberanas; o advento de Catarina da Rússia em nada melhorou a sorte das camponesas russas; e não é menos frequente que ela viva na abjeção. De resto, os casos em que a mulher permanece em seu clã e o marido só tem direito de lhe fazer rápidas ou mesmo clandestinas visitas são muito raros. Quase sempre ela vai residir com o esposo, o que basta para demonstrar a primazia do macho. "Por trás das oscilações do modo de filiação", diz Lévi-Strauss, "a permanência da residência patrilocal atesta a relação fundamental de assimetria entre os sexos que caracteriza a sociedade humana". Como ela conserva os filhos com ela, tem-se como resultado que a organização territorial da tribo não se ajusta à sua organização totêmica: esta é rigorosamente fundada, aquela contingente; mas praticamente é a primeira que tem mais importância, pois o lugar onde as pessoas trabalham e vivem conta mais do que sua dependência mística. Nos regimes de transição, que são os mais comuns, há duas espécies de direitos que se interpenetram: um religioso, outro baseado na ocupação e no trabalho da terra. Conquanto não passe de uma instituição laica, o casamento tem grande importância social e a família conjugal, embora despojada de significação religiosa, existe fortemente no plano humano. Mesmo nas coletividades em que se depara com grande liberdade sexual, convém que a mulher que põe um filho no mundo seja casada; sozinha com sua progenitura, ela não consegue constituir um grupo autônomo; não lhe bastando a proteção religiosa do irmão, a presença de um esposo é exigida. Este tem amiúde grandes responsabilidades para com os filhos. Eles não pertencem a seu clã, mas é, entretanto, o pai que os alimenta e educa; criam-se entre o marido e a mulher, pai e filhos, laços de coabitação, de trabalho, de interesses comuns, de ternura. Entre essa família laica e o clã totêmico as relações são muito complexas, como o testemunha a diversidade de ritos do casamento. Primitivamente, o marido compra uma mulher de outro clã ou, pelo menos, há entre um clã e outro troca de serviços, entregando o primeiro um de seus membros e cedendo o segundo animais, produtos da terra, trabalho. Mas, como o marido toma a seu cargo a mulher e os filhos dela, ocorre-lhe receber também dos

irmãos da esposa uma retribuição. Entre as realidades místicas e econômicas o equilíbrio é instável. O homem tem, muitas vezes, muito mais apego a seus filhos do que aos sobrinhos; é como pai que ele procura afirmar-se quando essa afirmação se torna possível. E é por isso que toda sociedade tende para uma forma patriarcal quando sua evolução conduz o homem a tomar consciência de si e a impor sua vontade. Mas é importante sublinhar que, mesmo nas épocas em que ainda se sentia confundido ante os mistérios da Vida, da Natureza, da Mulher, nunca abdicou de seu poder; quando, assustado ante a perigosa magia da mulher, ele a põe como o essencial, é ele quem a põe e assim se realiza como o essencial nessa alienação em que consente; apesar das fecundas virtudes que a penetram, o homem permanece o senhor, como é o senhor da terra fértil; ela destina-se a ser dominada, possuída, explorada, como o é também a Natureza, cuja mágica fertilidade ela encarna. O prestígio de que goza aos olhos dos homens, é deles que o recebe; eles se ajoelham diante do Outro, adoram a Deusa-Mãe. Mas, por poderosa que seja, é através de noções criadas pela consciência masculina que ela é apreendida. Todos os ídolos inventados pelo homem, por terrificantes que os tenha forjado, acham-se, em verdade, sob a dependência dele e eis por que lhe será possível destruí-los. Nas sociedades primitivas essa dependência não é reconhecida e posta, mas existe imediatamente, em si; e ela é facilmente mediatizada logo que o homem vem a ter mais clara consciência de si mesmo, logo que ousa afirmar-se e opor-se. E, em verdade, mesmo quando se apreende como dado, passivo, suportando os acasos das chuvas e do sol, o homem realiza-se também como transcendência, como projeto; nele já o espírito e a vontade se afirmam contra a confusão e a contingência da vida. O antepassado totêmico de que a mulher assume as múltiplas encarnações é mais ou menos nitidamente, sob o nome de animal ou árvore, um princípio masculino; a mulher perpetua-lhe a existência carnal, mas seu papel é unicamente nutriente, não criador; em nenhum domínio ela cria: mantém a vida da tribo, dando-lhe filhos e pão, nada mais; permanece votada à imanência; encarna somente o aspecto estático da sociedade, fechado sobre si. Ao passo que o homem continua a apropriar-se das funções que abrem essa sociedade para a natureza e o conjunto da coletividade humana. Os únicos trabalhos dignos dele são a guerra, a caça, a pesca; ele conquista presas estrangeiras e as anexa à tribo; guerra, caça, pesca representam uma expansão da existência, sua superação para o mundo; o homem permanece a única encarnação da transcendência. Não tem ainda os meios práticos de dominar totalmente a Mulher-Terra, não ousa ainda erguer-se contra ela; mas já procura

desprender-se. É, a meu ver, nessa vontade que se deve buscar a razão profunda do famoso costume da exogamia, tão expandido nas sociedades de filiação uterina. Mesmo quando o homem ignora o papel que desempenha na procriação, o casamento tem para ele grande importância. É com o casamento que conquista a dignidade de adulto e recebe em partilha uma parcela do mundo; pela mãe, ele acha-se ligado ao clã, aos antepassados e a tudo o que constitui sua própria substância. Porém em todas as funções laicas, trabalho, casamento, ele aspira a evadir-se do círculo, a afirmar sua transcendência contra a imanência, a abrir um futuro diferente do passado em que mergulha suas raízes; segundo o tipo de dependência reconhecido nas diferentes sociedades a interdição do incesto assume formas diferentes, mas conserva, desde as épocas primitivas até os nossos dias, o mesmo sentido: o que o homem deseja possuir é o que ele *não é*; une-se ao que se lhe afigura Outro. Não deve, portanto, a esposa participar do *mana* do esposo, precisa ser-lhe estranha, logo estranha ao clã. O casamento primitivo funda-se, por vezes, num rapto real ou simbólico. Isso porque a violência cometida contra outrem é a afirmação mais evidente da alteridade desse outrem. Conquistando a mulher pela força, o guerreiro prova que soube anexar-se uma riqueza alheia e derrubar as barreiras do destino que seu nascimento lhe designara; a compra sob todas as suas formas — tributo pago, prestação de serviços — manifesta com menos evidência a mesma significação.[38]

Pouco a pouco, o homem mediatizou sua experiência e, em suas representações como em sua existência prática, triunfou o princípio masculino. O Espírito superou a Vida; a transcendência, a imanência; a técnica, a magia; e a razão, a superstição. A desvalorização da mulher representa uma etapa necessária na história da humanidade, porque não era de seu valor positivo, mas de sua fraqueza que ela tirava seu prestígio; nela encarnavam-se os inquietantes mistérios natu-rais: o homem escapa de seu domínio quando se liberta da natureza. Foi a passagem da pedra ao bronze que lhe permitiu realizar, com seu trabalho, a conquista do solo e de si próprio. O agricultor está sujeito aos acasos da terra, das germinações, das estações, é passivo, conjura e espera. Eis por que os espíritos totêmicos povoavam o mundo humano; o camponês sofria os caprichos dessas potências que o assediavam. O operário, ao contrário, molda a ferramenta de acordo com seu objetivo, impõe-lhe com as mãos a forma de seu projeto; diante da natureza inerte, que lhe resiste, mas que ele vence, afirma-se como vontade soberana; se acelera os golpes sobre a bigorna, acelera o acabamento da

ferramenta, ao passo que nada pode apressar o amadurecimento das espigas. Ele aprende sua responsabilidade com a coisa fabricada, um gesto hábil ou desastrado dá-lhe forma ou a destrói. Prudente, hábil, ele a conduz ao ponto de perfeição de que se orgulha: seu êxito não depende de favores dos deuses, e sim de si mesmo. Desafia seus companheiros, jacta-se de suas realizações e, se ainda se atém a alguns ritos, as técnicas precisas parecem-lhe bem mais importantes; os valores místicos passam para o segundo plano e os práticos, para o primeiro. Não se liberta inteiramente dos deuses, mas separa-os de si separando-se deles; relega-os a seu céu olímpico e guarda para si o domínio terrestre; o grande Pã começa a estiolar-se quando ecoa a primeira martelada, e o reinado do homem inicia-se. Ele descobre seu poder. Na relação entre o braço criador e o objeto fabricado, experimenta a causalidade: o grão semeado germina ou não, ao passo que o metal reage sempre da mesma maneira ao fogo, à têmpera, à ação mecânica. Esse mundo de utensílios deixa-se encerrar em conceitos claros: o pensamento racional, a lógica e a matemática podem então aparecer. Toda a imagem do universo acha-se transformada. A religião da mulher estava ligada ao reinado da agricultura, reinado da duração irredutível, da contingência, do acaso, da espera, do mistério; o do *homo faber* é o reinado do tempo que se pode vencer tal como o espaço, da necessidade, do projeto, da ação, da razão. Mesmo quando enfrenta a terra, o homem a enfrenta desde então como operário; ele descobre que pode enriquecer o solo, que convém deixá-lo descansar, que tal ou qual semente deve ser tratada de tal ou qual maneira; ele é quem faz a sagra; abre canais, irriga ou seca o solo, constrói estradas, ergue templos, recria o mundo. Os povos que permaneceram sob a férula da deusa-mãe, aqueles entre os quais se perpetuou a filiação uterina, detiveram-se também num estágio de civilização primitiva. Isso porque a mulher só era venerada na medida em que o homem se fazia escravo de seus próprios temores, cúmplice de sua própria impotência. Era no terror e não no amor que ele lhe rendia um culto. Só podia realizar-se começando por destroná-la.[39] É o princípio masculino de força criadora, de luz, de inteligência, de ordem que ele reconhece então como soberano. Junto da deusa-mãe surge um deus, filho ou amante, que lhe é inferior ainda, mas que se assemelha a ela, traço por traço, e lhe está associado. Ele encarna também um princípio da fecundidade; é um touro, é o Minotauro, é o Nilo fertilizando as planícies do Egito. Morre no outono e renasce na primavera depois de ter a esposa-mãe invulnerável, mas banhada em pranto, consagrado suas forças a

procurar-lhe o corpo e a reanimá-lo. Vê-se então aparecer em Creta esse casal que se encontra em todas as margens do Mediterrâneo: Ísis e Horo no Egito, Astarté e Adônis na Fenícia, Cibele e Átis na Ásia Menor e, na Grécia Helênica, Reia e Zeus. Mais tarde, a Grande-Mãe é destronada. No Egito, onde a condição da mulher permanece excepcionalmente favorável, a deusa Nut, que encarna o céu, e Ísis, a terra fecundada, esposa do Nilo, Osíris, continuam deusas de enorme importância. Mas é, entretanto, Rá, o deus-sol, luz e energia viril, que é o rei supremo. Em Babilônia, Ichtar fica sendo apenas a esposa de Bel-Marduc; ele é quem cria as coisas e lhes assegura a harmonia. O deus dos semitas é masculino. Quando Zeus reina no céu é preciso que Gea, Reia e Cibele abdiquem: em Deméter, resta apenas uma divindade ainda imponente, mas secundária. Os deuses védicos têm esposas, mas que não são adoradas como eles. O Júpiter romano não tem rival.[40]

Assim, o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. "Os homens fazem os deuses; as mulheres adoram-nos", diz Frazer. São eles que decidem se as divindades supremas devem ser femininas ou masculinas. O lugar da mulher na sociedade sempre é estabelecido por eles. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei.

É possível, entretanto, que, se o trabalho produtor tivesse permanecido à altura de suas forças, houvesse a mulher realizado *com* o homem a conquista da natureza. A espécie humana teria, então, afirmado-se contra os deuses através dos indivíduos de ambos os sexos. Mas a mulher não soube tornar suas as promessas da ferramenta. Engels só explica incompletamente essa decadência. Não basta dizer que a invenção do bronze e do ferro modificou profundamente o equilíbrio das forças produtoras e que com isso se verificou a inferioridade da mulher; essa inferioridade não é suficiente em si para explicar a opressão que suportou. O que lhe foi nefasto foi o fato de que, não se tornando um companheiro de trabalho para o operário, ela se viu excluída do *mitsein* humano. O fato de a mulher ser fraca e com capacidade inferior de produção não explica a exclusão. Nela o homem não reconheceu um semelhante porque ela não partilhava sua maneira de trabalhar e de pensar,

porque continuava escravizada aos mistérios da vida. Desde que não a adotava, desde que a mulher conservava a seus olhos a dimensão do *Outro*, o homem só podia se tornar seu opressor. A vontade masculina de expansão e domínio transformou a incapacidade feminina em maldição. O homem quis esgotar as novas possibilidades oferecidas pelas novas técnicas: apelou para uma mão de obra servil, reduziu seu semelhante à escravidão. Sendo o trabalho dos escravos bem mais eficiente do que o da mulher, esta perdeu o papel econômico que desempenhava na tribo. E, na sua relação com o escravo, o senhor encontrou uma confirmação de sua soberania mais radical do que na autoridade mitigada que exercia sobre a mulher. Sendo venerada e temida por sua fecundidade, sendo *outro* que não o homem e participando do caráter inquietante do *outro*, a mulher mantinha, de certa maneira, o homem na dependência dela no momento mesmo em que dele dependia. A reciprocidade da relação senhor-escravo existia *atualmente* para ela e com isso escapava à escravidão. O escravo não é protegido por nenhum tabu, não passa de um homem subjugado, não diferente mas inferior; o jogo dialético de sua relação com o senhor levaria séculos para se atualizar. No seio da sociedade patriarcal organizada, o escravo não passa de um animal com figura humana: o senhor exerce sobre ele uma autoridade tirânica. Com isso exalta-se o orgulho do senhor que o projeta contra a mulher. Tudo o que ganha, ganha contra ela; quando mais poderoso se torna, mais ela decai. Particularmente, quando se torna proprietário do solo,[41] é que reivindica também a propriedade da mulher. Antes ele era possuído *pelo* mana, *pela* terra: agora ele tem uma *alma*, *terras*; liberto *da* Mulher, quer uma mulher e uma posteridade para si próprio. Quer que o trabalho familiar que utiliza em proveito de seus campos seja totalmente *seu* e, para isso, é preciso que os trabalhadores lhe pertençam: escraviza a mulher e os filhos. Precisa de herdeiros através dos quais se prolongará sua vida terrestre — pelo fato de lhes legar seus bens — e que lhe renderão, além-túmulo, as honras necessárias ao repouso de sua alma. O culto dos deuses domésticos superpõe-se à constituição da propriedade privada, e a função de herdeiro é econômica e mística a um tempo. Assim, a partir do dia em que a agricultura deixa de ser uma operação essencialmente mágica e se torna antes de mais nada um trabalho criador, o homem descobre-se como força geradora; reivindica os filhos ao mesmo tempo que as colheitas.[42]

Não há, nos tempos primitivos, revolução ideológica mais importante do que a que substitui pela agnação a filiação uterina; a partir de então a mãe é relegada à função de ama, de serva, e a soberania do pai é exaltada: ele é que

detém os direitos e os transmite. Apolo, na *Eumênides* de Ésquilo, proclama essas novas verdades: "Não é a mãe que engendra o que se chama filho, ela é apenas a nutriente do germe deitado em seu seio: quem engendra é o pai. A mulher, como um depositário alheio, recebe o germe e, se for a vontade dos deuses, o conserva." É evidente que essas afirmações não resultam de uma descoberta científica: são uma profissão de fé. Provavelmente, a experiência da causalidade técnica em que o homem haure a certeza de seu poder criador conduziu-o a reconhecer que ele era tão necessário à procriação quanto a mãe. A ideia guiou a observação, mas esta se restringe a atribuir ao pai um papel igual ao da mãe: leva a supor que, no plano natural, a condição da concepção está no encontro do espermatozoide com os mênstruos. A ideia que exprime Aristóteles: a mulher é unicamente matéria, "o princípio do movimento que é o macho em todos os seres que nascem é melhor e mais divino", essa ideia traduz uma vontade de potência que supera qualquer conhecimento. Atribuindo a si próprio e exclusivamente sua posteridade, o homem desvencilha-se definitivamente do império da feminilidade, conquista o domínio do mundo à mulher. Votada à procriação e às tarefas secundárias, despojada de sua importância prática e de seu prestígio místico, a mulher não passa desde então de uma serva.

Os homens figuraram essa conquista como o fim de uma luta violenta. Uma das mais antigas cosmogonias, a dos assírio-babilônios, conta-nos sua vitória em um texto que data do século VII a.C., mas que reproduz uma lenda muito mais antiga. O Oceano e o Mar,[43] Atum e Tamiat, engendraram o mundo celeste, o mundo terrestre e todos os grandes deuses; achando estes, porém, demasiado turbulentos, resolveram aniquilá-los. E foi Tamiat, a mulher-mãe, que comandou a luta contra o mais forte e o mais belo de seus descendentes, Bel-Marduc. Este, tendo-a desafiado para um combate, matou-a após terrível batalha e cortou-lhe o corpo em dois; com uma metade fez a abóbada celeste e com a outra, o suporte do mundo terrestre; depois organizou o universo e criou a humanidade. No drama de *Eumênides*, que ilustra o triunfo do patriarcado sobre o direito materno, Orestes também assassina Clitemnestra. Com essas sangrentas vitórias, a força viril, as potências solares de ordem e de luz dominam o caos feminino. Absolvendo Orestes, o tribunal dos deuses proclama que ele era filho de Agamenon antes de sê-lo de Clitemnestra. O velho direito materno morreu; foi a ousada revolta do macho que o matou. Viu-se que, em verdade, a passagem para o direito paterno se realizou através de lentas transições. A conquista masculina foi uma reconquista: o homem não

fez mais do que tomar posse do que já possuía; harmonizou o direito com a realidade. Não houve luta, nem vitória, nem derrota. Entretanto, essas lendas têm um sentido profundo. No momento em que o homem se afirma como sujeito e liberdade, a ideia de Outro se mediatiza. A partir desse dia a relação com o Outro é um drama: a existência do Outro é uma ameaça, um perigo. A velha filosofia grega, que nesse ponto Platão não desmente, mostrou que a alteridade é a mesma coisa que a negação e, portanto, o Mal. Pôr o Outro é definir um maniqueísmo. Eis por que todas as religiões e os códigos tratam a mulher com tanta hostilidade. Na época em que o gênero humano se eleva até a redação escrita de suas mitologias e de suas leis, o patriarcado se acha definitivamente estabelecido: são os homens que compõem os códigos. É natural que deem à mulher uma situação subordinada. Mas poderíamos imaginar que a considerassem com a mesma benevolência com que encaravam as reses e as crianças. Não é o que ocorre. Organizando a opressão da mulher, os legisladores têm medo dela. Das virtudes ambivalentes de que ela se revestia retém-se principalmente o aspecto nefasto: de sagrada, ela se torna impura. Eva entregue a Adão para ser sua companheira perde o gênero humano; quando querem vingar-se dos homens, os deuses pagãos inventam a mulher e é a primeira dessas criaturas, Pandora, que desencadeia todos os males de que sofre a humanidade. O Outro é a passividade diante da atividade, a diversidade que quebra a unidade, a matéria oposta à forma, a desordem que resiste à ordem. A mulher é, assim, votada ao Mal. "Há um princípio bom que criou a ordem, a luz, o homem; e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher", diz Pitágoras. As leis de Manu definem-na como um ser vil que convém manter escravizado. O Levítico assimila-a aos animais de carga que o patriarca possui. As leis de Sólon não lhe conferem nenhum direito. O código romano coloca-a sob tutela e proclama-lhe a "imbecilidade". O direito canônico considera-a a "porta do Diabo". O Corão trata-a com o mais absoluto desprezo.

E, no entanto, o Mal é necessário ao Bem, a matéria, à ideia, a noite, à luz. O homem sabe que para saciar seus desejos, para perpetuar sua existência, a mulher lhe é indispensável. É preciso integrá-la à sociedade: na medida em que ela se submete à ordem estabelecida pelos homens, ela se purifica de sua mácula original. Essa ideia é fortemente expressa nas leis de Manu: "Uma mulher mediante um casamento legítimo adquire as mesmas qualidades de seu esposo, como o rio que se perde no oceano, e é admitida depois da morte no mesmo paraíso celeste." Assim traça a Bíblia, com elogios, o retrato da

"mulher forte". O cristianismo, apesar de seu ódio à carne, respeita a virgem consagrada e a esposa casta e dócil. Associada ao culto, pode a mulher chegar a ter um papel religioso importante: a brâmane nas Índias, a flamínia em Roma são tão santas quanto seus maridos; é o homem que domina no casal, mas a união dos princípios masculino e feminino permanece necessária ao mecanismo da fecundidade, à vida e à ordem da sociedade.

É essa ambivalência do Outro, da Mulher, que irá refletir-se na sua história; permanecerá até os nossos dias submetida à vontade dos homens. Mas essa vontade é ambígua: através de uma anexação total, a mulher seria rebaixada ao nível de uma coisa; ora, o homem pretende revestir de sua própria dignidade o que conquista e possui; o Outro conserva, a seus olhos, um pouco de sua magia primitiva; como fazer da esposa ao mesmo tempo uma serva e uma companheira, eis um dos problemas que procurará resolver; sua atitude evoluirá através dos séculos, o que acarretará também uma evolução no destino feminino.[44]

3

Destronada pelo advento da propriedade privada, é a ela que o destino da mulher permanece ligado durante os séculos: em grande parte, sua história confunde-se com a história da herança. Compreenderemos a importância fundamental dessa instituição se lembrarmos o fato de que o proprietário aliena sua existência na propriedade; a esta se apega mais do que à própria vida; ela ultrapassa os estreitos limites da vida temporal, subsiste além da destruição do corpo, encarnação terrestre e sensível da alma imortal. Mas essa sobrevivência só se realiza se a propriedade continua nas mãos do proprietário: ela só pode ser sua além da morte se pertencer a indivíduos em quem se prolongue e se reconheça, que são *seus*. Cultivar a propriedade paterna, render culto aos manes do pai é, para o herdeiro, uma só e mesma obrigação: ele assegura a sobrevivência dos antepassados na terra e no mundo subterrâneo. O homem não aceitará, portanto, partilhar com a mulher nem os seus bens nem os seus filhos. Não conseguirá impor totalmente, e para sempre, suas pretensões. Mas, no momento em que o patriarcado é poderoso, ele arranca da mulher todos os direitos sobre a detenção e a transmissão dos bens. Pareceria lógico, aliás, negar-lhes. Quando se admite que os filhos de uma mulher não são dela, passam eles a não ter nenhum laço com o grupo de origem da mulher. Pelo casamento, a

mulher não é mais emprestada por um clã a outro; ela é radicalmente tirada do grupo em que nasceu e anexada ao do esposo; ele compra-a como compra uma rês ou um escravo e impõe-lhe as divindades domésticas; e os filhos que ela engendra pertencem à família do esposo. Se ela fosse herdeira, transmitiria as riquezas da família paterna à do marido: excluem-na cuidadosamente da sucessão. Mas, inversamente, pelo fato de nada possuir, a mulher não é elevada à dignidade de pessoa; ela própria faz parte do patrimônio do homem, primeiramente do pai e em seguida do marido. No regime estritamente patriarcal, o pai pode condenar à morte, já ao nascerem, os filhos ou as filhas; mas, no primeiro caso, a sociedade restringe, o mais das vezes, seu poder: todo recém-nascido masculino normalmente constituído tem o direito de viver, ao passo que o costume de abandonar as meninas é muito comum. Entre os árabes havia infanticídios em massa: mal nasciam, eram as meninas jogadas em fossos. Aceitar a criança do sexo feminino era um ato de livre generosidade por parte do pai; a mulher só entra nessas sociedades por uma espécie de graça que lhe é outorgada, e não por legitimidade como o homem. Em todo caso, a mácula do nascimento é considerada muito mais grave para a mãe quando se trata de uma filha: entre os hebreus, o Levítico exige, nesses casos, uma purificação duas vezes mais demorada do que quando a parturiente dá à luz um menino. Nas coletividades em que existe o costume do "resgate pelo sangue", só se exige uma soma reduzida quando a vítima é do sexo feminino: seu valor está em relação ao do sexo masculino como o do escravo em relação ao do homem livre. Moça, tem o pai todos os poderes sobre ela; com o casamento, ele os transmite em sua totalidade ao esposo. Como é sua propriedade, como o escravo, o animal de carga, a coisa, é natural que o homem possa ter tantas mulheres quantas lhe apraza; somente razões de ordem econômica limitam a poligamia; o marido pode repudiar suas mulheres segundo seus caprichos, a sociedade não lhes outorga quase nenhuma garantia. Em compensação, a mulher é adstrita a uma castidade rigorosa. Apesar dos tabus, as sociedades de direito materno autorizam uma grande licença de costumes; a castidade pré-nupcial é raramente exigida; e o adultério é encarado sem muita severidade. Quando, ao contrário, a mulher se torna a propriedade do homem, ele a quer virgem e dela exige, sob a ameaça dos mais graves castigos, uma fidelidade total; seria o pior dos crimes dar direitos de herança a um descendente estrangeiro: eis por que ao *pater famílias* cabe o direito de condenar à morte a esposa culpada. Enquanto dura a propriedade privada, a infidelidade conjugal da mulher é considerada crime de alta traição. Todos os códigos, que até os nossos dias mantiveram a desigualdade em matéria

de adultério, arguem a gravidade da falta cometida pela mulher que arrisca introduzir um bastardo na família. E se o direito de fazer justiça com as próprias mãos foi abolido desde Augusto, o Código Napoleão acena ainda com a indulgência do júri para o marido justiceiro. Quando a mulher pertencia, ao mesmo tempo, ao clã paterno e à família conjugal, ela conseguia conservar, entre as duas séries de laços que se emaranhavam e até se opunham, uma liberdade bastante grande, servindo-lhe cada um dos sistemas de apoio contra o outro. Podia, por exemplo, muitas vezes, escolher o marido de acordo com seu capricho, dado que o casamento era um acontecimento laico que não afetava a estrutura profunda da sociedade. Mas, em regime patriarcal, ela é a propriedade do pai, que a casa a seu desejo; presa ao lar do esposo, a seguir, ela se torna apenas a coisa dele e da *gens* em que foi introduzida.

Quando a família e o patrimônio privado se apresentam sem contestação como bases da sociedade, a mulher permanece também totalmente alienada. Foi o que se verificou no mundo muçulmano. A estrutura deste é feudal, isto é, não surgiu um Estado suficientemente forte para unificar e submeter as diferentes tribos: nenhum poder resiste ao poder patriarcal. A religião que se criou no momento em que o povo árabe era guerreiro e conquistador demonstrou o desprezo mais completo pela mulher. "Os homens são superiores às mulheres", diz o Corão, "por causa das qualidades que Deus lhes deu e também porque dão dotes a elas"; elas nunca detiveram nem poder real nem prestígio místico. A beduína trabalha duramente, maneja a charrua e carrega os fardos: com isso estabelece um laço de dependência recíproca com o marido; sai livremente, de rosto descoberto. A muçulmana velada e encerrada em casa é ainda hoje na maior parte das camadas da sociedade uma espécie de escrava. Lembro-me de uma caverna subterrânea numa aldeia troglodita da Tunísia, em que quatro mulheres se achavam acocoradas: a velha esposa, caolha, desdentada, com um rosto horrivelmente desfigurado, cozinhava pastéis num fogareiro em meio a uma fumaceira acre; duas esposas um pouco mais jovens, mas quase igualmente desfiguradas, embalavam crianças nos braços: uma delas amamentava. Sentada à frente de um tear, uma jovem maravilhosamente enfeitada de seda, ouro e prata, como um ídolo, atava fios de lã. Ao deixar esse antro sombrio, reino da imanência, matriz e túmulo, cruzei no corredor que se abria para a luz com o macho vestido de branco, brilhando de limpeza, sorridente, solar. Voltava do mercado, onde estivera a conversar, com outros homens, dos negócios deste mundo. Passaria algumas horas naquele retiro que era seu, no coração do vasto universo a que pertencia, de que não estava separado. Para as velhotas

enrugadas, para a jovem esposa votada à mesma rápida decadência, não havia outro universo senão a caverna enfumaçada, de que só saíam à noite, silenciosas e veladas.

Os judeus da época bíblica tinham mais ou menos os mesmos costumes que os árabes. Os patriarcas são polígamos e podem repudiar suas mulheres de acordo com os próprios caprichos. Exige-se, sob penas rigorosas, que a jovem esposa seja entregue virgem ao esposo; em caso de adultério ela é lapidada; vive confinada aos trabalhos domésticos, como o prova o retrato da mulher forte: "Trabalha a lã e o linho... levanta-se quando ainda é noite... Durante a noite sua lâmpada não se apaga... O pão da preguiça, ela não come." Mesmo casta e trabalhadeira, é impura, cercam-na de tabus, seu testemunho não é aceito pela justiça. O Eclesiastes fala dela com a mais profunda repugnância: "Achei-a mais amarga do que a morte, a mulher cujo coração é uma armadilha e uma rede e cujas mãos são laços... encontrei um homem entre mil mas não encontrei uma mulher entre todas." Por ocasião da morte do marido, exigia o costume, senão a lei, que a viúva desposasse um irmão do defunto.

Esse sistema do *levirato* encontra-se em muitos povos do Oriente. Em todos os regimes em que a mulher se acha sob tutela, um dos problemas que aparecem é o da situação das viúvas. A solução mais radical consiste em sacrificá-las sobre o túmulo do marido. Mas, mesmo nas Índias, não é verdade que se tenham algum dia imposto tais holocaustos; as leis de Manu admitiam que a esposa sobrevivesse ao esposo; os suicídios espetaculosos nunca passaram de moda aristocrática. É muito mais frequente que a mulher seja posta à disposição dos herdeiros do esposo. O *levirato* assume, por vezes, a forma da poliandria; para evitar as incertezas da viuvez, dão-se como maridos a uma mulher todos os irmãos de uma família, costume que serve também para defender a *gens* contra a possível impotência do marido. Parece, a julgar por um texto de César, que na Bretanha todos os homens de uma família tenham tido em comum certo número de mulheres.

O patriarcado não se estabeleceu por toda parte sob essa forma radical. Na Babilônia, as leis de Hamurábi reconheciam certos direitos à mulher: ela recebe uma parte da herança paterna e, quando se casa, o pai dá-lhe um dote. Na Pérsia, a poligamia é comum; a mulher é adstrita a uma obediência absoluta ao marido que o pai lhe escolhe logo que ela se torna núbil. Porém é mais respeitada do que entre a maioria dos povos orientais; o incesto não é proibido e houve frequentes casamentos entre irmão e irmã. A mulher é encarregada da educação dos filhos até a idade de sete anos, quando se trata

de meninos, e até o casamento em sendo meninas. A mulher pode receber uma parte da herança do marido no caso de o filho não se mostrar digno dela. Se ela é "a esposa privilegiada", no caso de lhe morrer o marido sem deixar filho adulto, confiam-lhe a tutela dos filhos menores e a administração dos negócios. As regras do casamento mostram claramente a importância que tem para o chefe da família a existência de uma posteridade. Parece ter havido cinco espécies de casamento:[45] 1^0) a mulher casava-se com o consentimento dos pais; davam-lhe então o título de "esposa privilegiada"; os filhos pertenciam ao marido; 2^0) quando a mulher era filha única, seu primeiro filho era entregue aos pais dela para substituí-la; a seguir ela tornava-se "esposa privilegiada"; 3^0) se um homem morria celibatário, a família dotava e casava uma mulher estrangeira: chamavam-na mulher adotada; metade dos filhos pertencia ao morto, outra metade ao marido vivo; 4^0) se uma viúva sem filhos tornava a casar, chamavam-na mulher serva: devia metade dos filhos de suas segundas núpcias ao marido morto; 5^0) a mulher que casava sem consentimento dos pais não podia herdar deles antes que seu filho primogênito, ao alcançar a maioridade, a tivesse dado como "esposa privilegiada" ao seu pai: se o marido morresse antes, ela era encarada como menor e colocada sob tutela. O estatuto da mulher adotada e da mulher serva estabelece o direito de todo homem de sobreviver numa descendência a que não o liga necessariamente um laço de sangue. Isto confirma o que dizíamos acima: esse laço foi, de certo modo, inventado pelo homem quando desejou conquistar, para além da vida finita, uma imortalidade terrestre e subterrânea.

Foi no Egito que a condição da mulher foi a mais favorecida. As deusas-mães conservaram seu prestígio em se tornando esposas; a unidade religiosa e social é constituída pelo casal; a mulher surge como aliada e complementar do homem. Sua magia é tão pouco hostil que o próprio medo do incesto é vencido e que não se hesita em confundir a irmã com a esposa.[46] Ela tem os mesmos direitos que o homem, a mesma força jurídica; herda e possui bens. Essa sorte singular nada tem de casual: provém do fato de que no Egito antigo o solo pertencia ao rei e às castas superiores dos sacerdotes e dos guerreiros; para os particulares, a propriedade territorial consistia apenas no usufruto; o fundo permanecia inalienável, os bens transmitidos por herança tinham pouco valor e não se via nenhum inconveniente em partilhá-los. Em virtude da ausência do patrimônio privado, a mulher conservava a dignidade de uma pessoa. Casava-se livremente e, quando viúva, podia tornar a casar-se. O homem praticava a poligamia, mas, embora todos os filhos fossem legítimos, ele só tinha uma esposa verdadeira, a

única associada ao culto e a ele ligada legalmente; as outras não passavam de escravas privadas de quaisquer direitos. A esposa-chefe não mudava de estatuto ao casar-se novamente: continuava dona de seus bens e com a liberdade de contratar. Quando o Faraó Bochóris estabeleceu a propriedade privada, a mulher ocupava uma posição demasiado forte para ser desalojada; Bochóris deu início à era dos contratos, e o casamento tornou-se contratual. Houve três tipos de contrato: um dizia respeito ao casamento servil; a mulher tornava-se a coisa do homem, mas especificava-se, por vezes, que ele não teria outra concubina; entretanto, a esposa legítima era considerada igual ao homem e todos os bens eram comuns; muitas vezes, o marido comprometia-se a pagar-lhe certa soma em caso de divórcio. Esse costume conduziu pouco mais tarde a um tipo de contrato singularmente favorável à mulher: o marido entregava-lhe um documento de dívida fictício. Havia graves penalidades contra o adultério, mas o divórcio era mais ou menos livre para os dois cônjuges. A prática dos contratos restringiu grandemente a poligamia; as mulheres apropriavam-se das fortunas e transmitiam-nas aos filhos, o que provocou o advento de uma classe plutocrática. Ptolomeu Filopáter decretou que as mulheres não poderiam mais alienar seus bens sem autorização marital, fazendo delas eternas menores. Mas, mesmo no tempo em que gozaram de um estatuto privilegiado, único no mundo antigo, não foram as mulheres socialmente iguais aos homens; associadas ao culto, ao governo, podiam desempenhar o papel de regente, mas o faraó era homem; os sacerdotes e os guerreiros eram homens; elas só interferiam na vida pública de modo secundário; e na vida privada exigiam dela uma fidelidade sem reciprocidade.

Os costumes dos gregos aproximam-se muito dos orientais; eles não praticam entretanto a poligamia. Não se sabe exatamente por quê. Na realidade, a manutenção de um harém sempre constituiu pesado encargo: é o faustoso Salomão, são os sultões das *Mil e uma noites*, os reis, os chefes, os ricos proprietários que podem se dar ao luxo de um vasto serralho; o homem médio contentava-se com três ou quatro mulheres; o camponês raramente possuía mais de duas. Por outro lado — salvo no Egito, onde não há propriedade fundiária particular — a preocupação de conservar intato o patrimônio levava a outorgar ao primogênito direitos sobre a herança paterna; com isso se estabelecia uma hierarquia entre as mulheres, revestindo-se a mãe do herdeiro principal de uma dignidade muito superior à das outras esposas. Se a própria mulher possui bens, se é dotada, é uma pessoa para o marido: ele é ligado a ela por um laço religioso e exclusivo. Daí proveio, talvez, o

costume de reconhecer somente uma esposa; em verdade, o cidadão grego permanecia agradavelmente polígamo, porquanto podia encontrar a satisfação de seus desejos na prostituta da cidade ou na serva do gineceu. "Temos a cortesã para os prazeres do espírito", diz Demóstenes, "a *palákina* para o prazer dos sentidos e a esposa para nos dar filhos". A *palákina* substituía a mulher no leito do senhor quando esta se achava doente, indisposta, grávida ou convalescente do parto; de maneira que, do gineceu ao harém, não vai grande diferença. Em Atenas, a mulher era encerrada em seus aposentos, adstrita por leis a uma disciplina severa e fiscalizada por magistrados especiais. Durante toda a sua existência, ela permanece menor; é dependente do poder de seu tutor: pai ou marido, ou herdeiro do marido, ou na ausência de um desses, do Estado por intermédio de funcionários públicos; são os seus senhores e dela dispõem como de uma mercadoria, estendendo-se o poder de tutor, a um tempo, sobre a pessoa e os bens; o tutor pode transmitir seus direitos à vontade, o pai dá a filha em adoção ou em casamento; o marido pode, repudiando a esposa, entregá-la a um novo marido. A lei grega assegurava, entretanto, à mulher um dote que se destinava à sua manutenção e devia ser integralmente restituído a ela em caso de dissolução de casamento; autorizava também, em certos casos muito raros, a mulher a pedir o divórcio; mas eram as únicas garantias que a sociedade lhe outorgava. Naturalmente, toda a herança era legada aos filhos, representando o dote não um bem adquirido por filiação, mas uma espécie de serviço imposto ao tutor. Entretanto, graças ao dote, a viúva não passa mais como um bem hereditário para as mãos dos herdeiros do marido: torna a submeter-se à tutela dos pais.

Um dos problemas formulados nas sociedades fundadas na agnação é o destino da herança na ausência de descendentes masculinos. Os gregos tinham instituído o costume do epiclerado: a herdeira devia desposar na *gens* paterna seu parente mais idoso; desse modo, os bens que lhe legava o pai eram transmitidos às crianças do mesmo grupo, a propriedade continuava pertencendo à *gens*; a epiclera não era herdeira, e sim apenas uma máquina de procriar herdeiros; esse costume colocava-a inteiramente à mercê do homem, posto que era automaticamente entregue ao mais idoso dos homens da família, que acontecia ser, na maioria das vezes, um ancião.

Já que a opressão da mulher tem sua causa na vontade de perpetuar a família e manter intato o patrimônio, ela se liberta também dessa dependência absoluta na medida em que escapa da família. Se a sociedade, negando a propriedade privada, recusa a família, o destino da mulher é consideravelmente melhor. Esparta, onde

prevalecia um regime comunitário, era a única cidade em que a mulher se via tratada quase em pé de igualdade com o homem. As meninas eram educadas como os meninos; a esposa não era confinada ao lar do marido; este só era autorizado a fazer-lhe furtivas visitas noturnas e a esposa lhe pertencia tão pouco que, em nome da eugenia, outro homem podia unir-se a ela: a própria noção de adultério desaparece quando a herança deixa de existir; pertencendo todos os filhos em comum a toda a cidade, as mulheres não se veem mais ciumentamente escravizadas a um senhor: ou, inversamente, pode-se dizer que, não possuindo nem bem próprio nem descendência singular, o cidadão não possui tampouco a mulher. As mulheres suportam as servidões da maternidade como os homens as da guerra: mas, salvo o desempenho desse dever físico, nenhum constrangimento lhes limita a liberdade.

Ao lado das mulheres livres de que acabamos de falar e das escravas que vivem no interior da *gens* — e que são propriedade absoluta do chefe de família — encontravam-se prostitutas na Grécia. Os povos primitivos conheciam a prostituição hospitaleira, cessão da mulher aos hóspedes de passagem, que tinha sem dúvida razões místicas, e a prostituição sagrada, destinada a libertar as misteriosas forças da fecundação em benefício da coletividade. Esses costumes existiam na Antiguidade clássica. Heródoto conta que, no século V a.C., toda mulher de Babilônia devia, uma vez na vida, entregar-se a um estranho no templo de Milita em troca de uma moeda que ela oferecia ao tesouro do templo; em seguida retornava ao lar para viver castamente. A prostituição religiosa perpetuou-se até hoje entre as almeias do Egito e as bailadeiras das Índias, que constituem castas respeitadas de músicas e dançarinas. Mas, o mais das vezes, no Egito, na Índia, na Ásia Ocidental houve passagem da prostituição sagrada para a prostituição legal, encontrando a classe sacerdotal nesse comércio um meio de se enriquecer. Entre os próprios hebreus havia prostitutas venais. Na Grécia era principalmente à beira-mar, nas ilhas, nas cidades a que acorriam muitos estrangeiros, que existiam templos em que se encontravam "jovens hospitaleiras aos estrangeiros", como as denomina Píndaro: o dinheiro que recebem destina-se ao culto, isto é, aos sacerdotes e, indiretamente, à manutenção deles. Na verdade, sob uma forma hipócrita, exploram-se — em Corinto, entre outros — as necessidades sexuais dos marinheiros, dos viajantes; e já existe a prostituição venal. Foi Sólon que fez dela uma instituição. Comprou escravas asiáticas e encerrou-as nos *dicterions* situados em Atenas, perto do templo de Vênus, não longe do porto. A direção era confiada aos *pornotropos* encarregados de administrar financeiramente o estabelecimento; cada jovem recebia um salário e

os lucros cabiam ao Estado. Mais tarde abriram-se os *kapaileia*, que eram estabelecimentos particulares: um priapo vermelho servia-lhes de insígnia. Em pouco tempo, além das escravas, mulheres gregas de baixa condição fizeram-se receber como pensionistas. Os *dicterions* eram considerados tão necessários que logo foram reconhecidos como lugares de asilo invioláveis. Entretanto, as cortesãs eram tachadas de infames, não tinham nenhum direito social, os seus filhos não eram obrigados a sustentá-las; deviam usar um vestido especial de fazenda sarapintada e enfeitada com flores, além de tingir os cabelos com açafrão. Além das mulheres encerradas nos *dicterions*, havia cortesãs livres que se classificavam em três categorias: as *Dicteríades*, análogas às mulheres registradas na polícia, em nossos tempos; as *Auletrides*, que eram dançarinas e tocadoras de flauta; e as *Hetairas*, meretrizes que vinham geralmente de Corinto, tinham relações oficiais com os homens mais notáveis da Grécia e desempenhavam o papel social das "mundanas" de hoje. As primeiras recrutavam-se entre as forras e as jovens gregas de baixa extração; exploradas pelos proxenetas, levavam uma existência miserável. As segundas conseguiam muitas vezes enriquecer graças a seus talentos musicais: a mais célebre foi Lâmia, amante de Ptolomeu do Egito e, depois, do vencedor dele, o rei da Macedônia, Demétrio Poliorceta. Quanto às últimas, sabe-se que muitas se associaram à glória de seus amantes. Dispondo livremente de si mesmas e de sua fortuna, inteligentes, cultas, artistas, eram tratadas como pessoas pelos homens que se encantavam com seu comércio. Pelo fato de escaparem da família, situam-se à margem da sociedade e escapam também do homem: podem então apresentar-se a ele como uma semelhante e quase uma igual. Com Aspásia, Frineia, Laís, afirma-se a superioridade da mulher liberta sobre a mãe de família.

Salvo essas brilhantes exceções, a mulher grega é reduzida a uma semiescravidão; ela não tem sequer a liberdade de se indignar. Mal se ouvem alguns protestos de Aspásia e, mais apaixonadamente, de Safo. Em Homero subsistem reminiscências da época heroica em que as mulheres tinham algum poder: entretanto os guerreiros as rechaçam com dureza para seus cômodos. Depara-se com o mesmo desprezo em Hesíodo: "Quem se confia a uma mulher confia-se a um ladrão." Na época clássica, a mulher é resolutamente confinada ao gineceu. "A melhor mulher é aquela de quem os homens menos falam", dizia Péricles. Platão, que propõe aceitar um conselho de matronas na administração da república e dar às jovens uma educação livre, é uma exceção: ele provoca as zombarias de Aristófanes: em *Lisístrata*, a uma mulher que o interroga acerca dos negócios públicos, responde o marido: "Não é da

tua conta... Cala-te ou apanharás... Tece o teu pano." Aristóteles exprime a opinião comum ao declarar que a mulher é mulher em virtude de uma deficiência, que deve viver fechada em sua casa e subordinada ao homem. "O escravo é inteiramente desprovido da liberdade de deliberar; a mulher a possui, mas fraca e ineficiente", afirma. Segundo Xenofonte, a mulher e o marido são profundamente estranhos um ao outro: "Existem pessoas com quem converses menos do que com tua mulher? — Muito poucas..." Tudo o que se exige da mulher em *Econômico* é que seja uma dona de casa atenta, prudente, econômica, trabalhadeira como a abelha, uma intendente modelar. A condição modesta a que a mulher é reduzida não impede os gregos de serem profundamente misógenos. Já no século VII a.C., Arquíloco escreve epigramas mordazes contra as mulheres. Lê-se em Simonide de Amorga: "As mulheres são o maior mal que Deus jamais criou: que pareçam por vezes úteis, logo se transformam em motivo de preocupação para seus senhores." E em Hiponax: "Só há dois dias na vida em que nossa mulher nos dá prazer: no dia de núpcias e no dia do enterro dela." São os habitantes da Jônia que, nas histórias de Mileto, manifestam maior mordacidade: conhece-se entre outros o conto da matrona de Éfeso. O que se censura principalmente às mulheres nessa época é serem preguiçosas, azedas, perdulárias, isto é, precisamente a ausência das qualidades que se exigem delas. "Há muitos monstros na terra e no mar, mas o maior de todos é ainda a mulher", escreve Menandro. "A mulher é um sofrimento que não nos larga." Quando, pela instituição do dote, a mulher assume certa importância, deplora-se a sua arrogância; é um dos temas familiares de Aristófanes e principalmente de Menandro. "Desposei uma feiticeira com um dote. Aceitei-a por causa de seus campos e de sua casa e isso, ó Apolo, é o pior dos males!..." "Maldito seja quem inventou o casamento, e em seguida o segundo, e o terceiro, e o quarto, e todos os que o imitaram." "Se sois pobre e casais com uma mulher rica, ficareis ao mesmo tempo escravo e pobre." A mulher grega era controlada de demasiado perto para que lhe censurassem os costumes. E não é a carne que se vilipendia nela. São principalmente os encargos e as servidões do casamento que pesam aos homens: isso nos permite supor que, apesar do rigor de sua condição, e embora nenhum direito se lhe reconhecesse, ela devia ocupar um lugar importante no lar e gozar de certa autonomia; votada à obediência, podia desobedecer; podia atormentar o marido com cenas, lágrimas, tagarelices, injúrias; o casamento destinado a escravizar a mulher era também uma cadeia para o marido. Na personagem de Xantipa resumem-se todos os

ressentimentos do cidadão grego contra a esposa megera e os infortúnios da vida conjugal.

* * *

É o conflito entre a família e o Estado que define a história da mulher romana. Os etruscos constituíam uma sociedade de filiação uterina e é provável que, no tempo da realeza, Roma conhecesse ainda a exogamia ligada ao regime do direito materno: os reis latinos não transmitiam hereditariamente o poder. O certo é que, depois da morte de Tarquínio, o direito patriarcal se afirma: a propriedade agrícola, a propriedade privada, e, portanto, a família, são a célula da sociedade. A mulher será estreitamente escravizada ao patrimônio e, assim, ao grupo familial: as leis privam-na mesmo de todas as garantias que eram reconhecidas às mulheres gregas; a mulher passa a existência na incapacidade e na servidão. Bem entendido, está excluída dos negócios públicos, todo "ofício viril" lhe é rigorosamente proibido; e, em sua vida civil, é ela uma eterna menor. Não lhe recusam diretamente sua parte da herança paterna, mas mediante certos dispositivos impedem-na de dispor dela: submetem-na à autoridade de um tutor. "A tutela foi estabelecida no interesse dos próprios tutores", diz Gaio, "a fim de que a mulher, de que são herdeiros presuntivos, não possa arrancar-lhes a herança por testamento, nem empobrecê-los por alienações ou dívidas". O primeiro tutor da mulher é o pai; na falta deste, os ágnatos paternos preenchem a função. Quando a mulher se casa, passa "para a mão" do esposo. Há três formas de casamento: a *conferratio*, em que os esposos oferecem a Júpiter Capitolino um bolo de espelta em presença do *flamen dialis*; a *coemptio*, venda fictícia pela qual o pai plebeu "emancipava" a filha ao marido; e o *usus*, resultante de uma coabitação de um ano. Todas as três são com *manu*, isto é, o esposo substitui o pai ou os tutores ágnatos; a mulher é assimilada a uma de suas filhas e é ele que, desde então, tem todo poder sobre a pessoa dela e os bens. Mas desde a época da Lei das Doze Tábuas, em pertencendo a romana ao mesmo tempo à *gens* paterna e à *gens* conjugal, surgiam conflitos que se encontram na origem de sua emancipação legal. Com efeito, o casamento com *manu* despoja os tutores ágnatos. Para defender os interesses dos parentes paternos, vê-se aparecer o casamento *sine manu*; neste caso, os bens da mulher permanecem na dependência dos tutores, tendo o marido apenas direitos sobre a pessoa dela; e até esse poder ele o partilha com o *pater famílias*, que conserva a

autoridade absoluta sobre a filha. O tribunal doméstico é encarregado de resolver as questões que possam ocorrer entre o marido e o pai: uma tal instituição permite à mulher recorrer do pai para o marido, do marido para o pai; ela não é a propriedade de um indivíduo. Aliás, embora a *gens* seja extremamente forte, como o prova a própria existência desse tribunal independente dos tribunais públicos, o pai de família que é seu chefe é antes de tudo um cidadão. Sua autoridade é ilimitada; ele governa de maneira absoluta a mulher e os filhos; mas estes não são propriedade sua; ele administra suas vidas tendo em vista o bem público; a mulher, que põe no mundo os filhos e cujo trabalho doméstico engloba muitas vezes tarefas agrícolas, é muito útil ao país e profundamente respeitada. Observa-se, aqui, um fato muito importante que encontramos no curso da história: o direito abstrato não basta para definir a situação concreta da mulher; esta depende em grande parte do papel econômico que representa. E, muitas vezes mesmo, a liberdade abstrata e os poderes concretos variam em sentido inverso. Legalmente mais escravizada do que a grega, a romana está muito mais profundamente integrada na sociedade; em casa, mantém-se no átrio que é o centro da residência, em vez de ser relegada ao segredo do gineceu; ela é que preside ao trabalho dos escravos; orienta a educação dos filhos e, não raro, sua influência exerce-se sobre eles até uma idade avançada; compartilha o trabalho e as preocupações do esposo; e é considerada coproprietária de seus bens. A fórmula do casamento *Ubi tu Gaius, ego Gaia*, não é uma fórmula vazia. À matrona chamam de *domina*; é senhora do lar, associada ao culto, companheira do homem e não escrava; o laço que os une é tão sagrado que em cinco séculos não encontramos um divórcio. Ela não é confinada a seus cômodos: assiste às refeições, às festas, vai ao teatro; na rua, os homens cedem-lhe o passo, os cônsules e os litores dão-lhe passagem. As lendas concedem-lhe, na história, um papel eminente: conhecem-se a das Sabinas, a de Lucrecia, a de Virgínia. Coriolano atende às súplicas de sua mãe e de sua esposa; a lei de Licínio, que consagra o triunfo da democracia romana, teria sido inspirada pela mulher; é Cornélia quem forja a alma dos Gracos. "Por toda parte os homens governam as mulheres", dizia Catão, "e nós que governamos todos os homens somos governados pelas mulheres".

Pouco a pouco, a situação legal da romana adapta-se à sua condição prática. No tempo da oligarquia patrícia, cada *pater familias* é, no seio da república, um soberano independente; mas, quando se fortalece, o poder do Estado luta contra a concentração das fortunas, contra a arrogância das grandes famílias. O tribunal

doméstico curva-se diante da justiça pública, e a mulher conquista direitos cada vez maiores. Quatro poderes limitavam primitivamente sua liberdade: o pai e o marido dispunham de sua pessoa, o tutor e a *manus* de seus bens. O Estado vale-se da oposição entre o pai e o marido para restringir-lhes os direitos: é o tribunal de Estado que julga os casos de adultério, de divórcio etc. Da mesma forma, destroem-se, uma pela outra, a *manus* e a tutela. No interesse do tutor já se havia separado a *manus* do casamento. A seguir a *manus* torna-se um expediente de que se utilizam as mulheres para libertar-se dos tutores, contratando casamentos fictícios, ou obtendo, dos pais ou do Estado, tutores complacentes. Com a legislação imperial, a tutela será inteiramente abolida. Ao mesmo tempo, a mulher obtém uma garantia positiva de sua independência: o pai é obrigado a dar-lhe um dote; este não passa aos ágnatos após a dissolução do casamento e nunca pertence ao marido; a mulher pode, de um momento para outro, exigir sua devolução por um divórcio repentino, o que coloca o homem à sua mercê. "Aceitando o dote, ele vendia seu poder", diz Plauto. Desde o fim da República à mãe fora reconhecido, como ao pai, o direito ao respeito dos filhos: cabe-lhe a guarda da progenitura em caso de tutela ou má conduta do marido. Com Adriano, um senatus-consulto confere-lhe, no caso de ter ela três filhos e o defunto não ter posteridade, um direito à sucessão *ab intestat* de cada um deles. Com Marco Aurélio chega ao fim a evolução da família romana. A partir de 178 a mãe tem como herdeiros os filhos que assim passam à frente dos ágnatos; a família baseia-se daí por diante na *conjunctio sanguinis*, e a mãe surge em pé de igualdade com o pai: a filha herda como os irmãos.

Entretanto, observa-se na história do direito romano um movimento que contradiz o que acabamos de descrever: tornando a mulher independente da família, o poder central recoloca-a, ele próprio, sob tutela: sujeita-a a várias incapacidades legais.

Com efeito, ela adquiriria uma importância inquietante se pudesse ser a um tempo rica e independente; vão, portanto, esforçar-se por tirar-lhe com uma mão o que lhe concederam com a outra. A lei Ópia que proibia o luxo às romanas foi votada no momento em que Aníbal ameaçava Roma; passado o perigo, as mulheres reclamaram sua ab-rogação; Catão, num célebre discurso, pediu que fosse mantida, mas a manifestação das matronas em praça pública predominou. Diferentes leis, tanto mais severas quanto mais se relaxavam os costumes, foram em seguida propostas, mas sem grande êxito; não conseguiram senão suscitar fraudes. Só triunfou o senatus-consulto que proibia à mulher "interceder" para outrem,[47] privando-a de quase toda capacidade

civil. É no momento em que a mulher se acha mais emancipada, praticamente, que se proclama a inferioridade de seu sexo, o que constitui um notável exemplo do processo de justificação masculina de que falei: como não limitam mais seus direitos como filha, esposa, irmã, é como sexo que lhe recusam a igualdade com o homem, pretextando, para dominá-la, "a imbecilidade, a fragilidade do sexo".

O fato é que as matronas não souberam empregar muito bem sua liberdade recente, mas é verdade também que lhes foi proibido tirar proveito dela de maneira positiva. Dessas duas correntes contrárias — uma individualista que arranca a mulher à família, outra estatal que a molesta como indivíduo — resulta uma situação sem equilíbrio. Ela é herdeira; tem direito, como o pai, ao respeito dos filhos; pode legar e escapa, graças à instituição do dote, ao constrangimento conjugal; pode divorciar e tornar a casar como queira. Mas é somente de uma maneira negativa que se emancipa, posto que não se lhe propõe nenhum emprego concreto de suas forças. A independência econômica permanece abstrata porquanto não engendra nenhuma capacidade política; e assim, não podendo *agir*, as romanas *manifestam*: espalham-se em tumulto pela cidade, assediam os tribunais, fomentam conjuras, ditam prescrições, atiçam guerras civis; vão em cortejo buscar a estátua da Mãe dos Deuses e a escoltam ao longo do Tibre, introduzindo, desse modo, em Roma, as divindades orientais; em 114 rebenta o escândalo das Vestais, cujo colégio é suprimido. Permanecendo-lhes inacessíveis a vida e as virtudes públicas, quando a dissolução da família torna inúteis e obsoletas as virtudes privadas de outrora, nenhuma moral mais se propõe às mulheres. Elas podem escolher entre duas soluções: obstinar-se em respeitar os mesmos valores de suas avós ou não reconhecer nenhum. No fim do primeiro século e no início do segundo, veem-se numerosas mulheres continuarem companheiras e associadas de seus maridos como no tempo da República. Plotina partilha a glória e as responsabilidades de Trajano; Sabina torna-se tão célebre por suas boas ações que, ainda em vida, estátuas a divinizam; no reinado de Tibério, Sextia recusa-se a sobreviver a Emílio Escauro, e Pascea, a Pompônio Labéu; Paulina corta as veias junto com Sêneca; Plínio, o Jovem, tornou célebre o *Poete, non dolet* de Arria; Marcial admira em Cláudia Rufina, em Virgínia, em Sulpícia, esposas irreprocháveis e mães dedicadas. Mas há muitas mulheres que se opõem à maternidade e multiplicam os divórcios; as leis continuam a proibir o adultério: algumas matronas chegam a inscrever-se entre as prostitutas para não serem perturbadas em suas devassidões.[48] Até então a literatura latina

sempre respeitara as mulheres: a partir de então os satíricos desencadeiam-se contra elas. Não se voltam, aliás, contra a mulher em geral, mas, essencialmente, contra suas contemporâneas. Juvenal censura-lhes a luxúria e a glutonaria; admoesta-as por pretenderem as ocupações dos homens: elas se interessam pela política, pelos processos, discutem com os gramáticos, os retóricos, apaixonam-se pela caça, corridas de carros, esgrima e luta. Em verdade, é principalmente pelo seu amor aos prazeres e pelos seus vícios que elas rivalizam com os homens; para visar a metas mais elevadas carecem de uma educação suficiente. Nenhum fim lhes é proposto, aliás; a ação permanece-lhes proibida. A romana da antiga República tem um lugar na terra, mas continua de mãos atadas em consequência da falta de direitos abstratos e de independência econômica; a romana da decadência é o tipo da falsa emancipada que não possui, no mundo de que os homens são concretamente os donos, senão uma liberdade inócua: é livre "para nada".

4

A evolução da condição feminina não prosseguiu de maneira contínua. Com as grandes invasões, toda a civilização foi posta em causa. O próprio direito romano sofreu a influência de uma ideologia nova: o cristianismo. E, nos séculos que se seguem, os bárbaros fazem que suas leis triunfem. A situação econômica, social e política é transtornada: e isto repercute na situação da mulher.

A ideologia cristã não contribuiu pouco para a opressão da mulher. Há, talvez, no Evangelho um sopro de caridade que se estende tanto às mulheres como aos leprosos; são os pequenos, os escravos e as mulheres que se apegam mais apaixonadamente à nova lei. Logo no início do cristianismo, eram as mulheres, quando se submetiam ao jugo da Igreja, relativamente honradas; testemunhavam como mártires ao lado dos homens; não podiam, entretanto, tomar parte no culto senão a título secundário; as "diaconisas" só eram autorizadas a realizar tarefas laicas: cuidados aos doentes, socorros aos indigentes. E se o casamento é encarado como uma instituição que exige fidelidade recíproca, parece evidente que a esposa deve ser totalmente subordinada ao esposo: com são Paulo afirma-se a tradição judaica ferozmente antifeminista. São Paulo exige das mulheres discrição e modéstia; baseia, no Antigo e no Novo Testamento, o princípio da subordinação da mulher ao homem. "O homem não foi tirado da mulher, e sim a mulher do homem; e o

homem não foi criado para a mulher, e sim esta para o homem." E ainda: "Assim como a Igreja é submetida a Cristo, em todas as coisas submetam-se as mulheres a seus maridos." Numa religião em que a carne é maldita, a mulher se apresenta como a mais temível tentação do demônio. Tertuliano escreve: "Mulher, és a porta do diabo. Persuadiste aquele que o diabo não ousava atacar de frente. É por tua causa que o filho de Deus teve de morrer; deverias andar sempre vestida de luto e de andrajos." E santo Ambrósio: "Adão foi induzido ao pecado por Eva e não Eva por Adão. É justo que a mulher aceite como soberano aquele que ela conduziu ao pecado." E são João Crisóstomo: "Em meio a todos os animais selvagens não se encontra nenhum mais nocivo do que a mulher." Quando se constitui o direito canônico no século IV, o casamento surge como uma concessão às fraquezas humanas, é incompatível com a perfeição cristã. "Empunhemos o machado e cortemos pelas raízes a árvore estéril do casamento", escreve são Jerônimo. A partir de Gregório VI, quando o celibato é imposto aos padres, o caráter perigoso da mulher é severamente sublinhado: todos os padres da Igreja lhe proclamam a abjeção. São Tomás será fiel a essa tradição ao declarar que a mulher é um ser "ocasional" e incompleto, uma espécie de homem falhado. "O homem é a cabeça da mulher, assim como Cristo é a cabeça do homem", escreve. "É indubitável que a mulher se destina a viver sob o domínio do homem e não tem por si mesma nenhuma autoridade." Destarte, o direito canônico só admite como regime matrimonial o regime dotal que torna a mulher incapaz e impotente. Não somente os ofícios viris lhe são proibidos, como ainda se lhe veda depor nos tribunais e não se dá nenhum valor a seu testemunho. Os imperadores sofrem a influência dos padres da Igreja de modo mitigado; a legislação de Justiniano honra a mulher como esposa e mãe, mas a escraviza a essas funções; não é de seu sexo, mas de sua situação no seio da família que decorre sua incapacidade. O divórcio é proibido e exige-se que o casamento seja um acontecimento público; a mãe tem sobre os filhos uma autoridade igual à do pai, e o mesmo direito à herança. Morrendo o marido, torna-se ela a tutora legal. O senatus-consulto veleiano é modificado: doravante ela poderá interceder em benefício de terceiros; mas não pode contratar por seu marido; o dote torna-se inalienável; é o patrimônio dos filhos e ela não pode dispor dele.

A essas leis justapõem-se, nos territórios ocupados pelos bárbaros, as tradições germânicas. Os costumes dos germanos eram singulares. Só admitiam chefes durante as guerras; em tempo de paz, a família era uma sociedade

autônoma; parece ter sido intermediária entre os clãs fundados na filiação uterina e a *gens* patriarcal; o irmão da mãe tinha o mesmo poder que o pai e ambos, mãe e irmão, tinham sobre a filha e sobrinha uma autoridade igual à do marido. Numa sociedade em que toda capacidade encontra sua fonte na força brutal, a mulher era de fato inteiramente impotente; mas reconheciam-lhe direitos que a dualidade dos poderes domésticos de que ela dependia lhe assegurava; escravizada, era contudo respeitada; o marido comprava-a, mas o preço da compra constituía uma renda de que ela era proprietária; além disso, seu pai dotava-a; recebia sua parte da herança paterna, e, em caso de assassínio dos pais, uma parte lhe era paga pelo assassino. A família era monógama, o adultério severamente punido e o casamento respeitado. A mulher permanecia severamente punida e o casamento respeitado. A mulher permanecia sempre sob tutela, mas era estreitamente associada ao esposo. "Na paz como na guerra, ela partilha a sorte dele; com ele vive, com ele morre", escreve Tácito. Assistia aos combates, fornecendo a comida aos guerreiros e animando-os com sua presença. Viúva, parte do poder de seu defunto marido lhe era transmitida. Por ter raízes em sua fraqueza física, sua incapacidade não era encarada como exprimindo uma inferioridade moral. Havia mulheres sacerdotisas, profetisas, o que leva a supor que tinham uma instrução superior à dos homens. Nas sucessões, entre os objetos que cabiam às mulheres, contaram-se mais tarde as joias e os livros.

É essa tradição que se perpetua durante a Idade Média. A mulher acha-se na absoluta dependência do pai e do marido: no tempo de Clóvis o *mundium* pesa sobre ela durante toda a vida; mas os francos renunciaram à castidade germânica; na época dos merovíngios e dos carolíngios reina a poligamia; a mulher é casada sem seu consentimento, repudiada segundo os caprichos do marido, que tem sobre ela direito de vida e de morte; tratam-na como uma serva. É protegida pelas leis, mas na qualidade de propriedade do homem e mãe de seus filhos. Tratá-la de prostituta sem o provar é uma injúria que se paga quinze vezes mais caro do que qualquer insulto a um homem; o rapto de uma mulher casada equivale ao assassínio de um homem livre; apertar a mão ou o braço de uma mulher casada acarreta uma multa de quinze a trinta e cinco soldos; o aborto é proibido sob pena de multa de cem soldos; o assassínio de uma mulher grávida custa quatro vezes o de um homem livre; uma mulher que deu provas de fecundidade vale três vezes um homem livre, mas perde seu valor quando não pode mais ser mãe; se desposa um escravo é posta fora da lei e os pais são autorizados a matá-la. Ela não tem nenhum direito

como pessoa; entretanto, quando o Estado se torna poderoso, esboça-se a evolução que vimos desenrolar-se em Roma: a tutela dos incapazes, crianças e mulheres deixa de ser um direito de família para se tornar um encargo público; a partir de Carlos Magno o *mundium* que pesa sobre a mulher pertencerá ao rei; a princípio, ele só intervém nos casos em que a mulher é privada de seus tutores naturais; mais tarde, ele açambarca, pouco a pouco, os poderes familiais; mas essa mudança não acarreta a emancipação da mulher franca. O *mundium* torna-se uma obrigação onerosa para o tutor; ele tem o dever de proteger sua pupila e essa proteção redunda para esta na mesma escravidão de antes.

Quando, ao fim das convulsões da alta Idade Média, o feudalismo se organiza, a condição da mulher apresenta-se muito incerta. O que caracteriza o direito feudal é a confusão entre o direito de soberania e o de propriedade, entre direitos públicos e direitos privados. É o que explica que a mulher se encontre ora rebaixada, ora elevada pelo regime. A princípio, vê-se desprovida de todos os direitos privados porque não tem nenhuma capacidade política. Efetivamente, até o século XI, a ordem baseia-se unicamente na força, a propriedade no poder das armas. Um feudo, dizem os juristas, é "uma terra que se mantém em troca de serviço militar". A mulher não poderia pretender um domínio feudal, uma vez que seria incapaz de defendê-lo. Sua situação muda quando os feudos se tornam hereditários e patrimoniais. Viu-se que havia no direito germânico sobrevivências do direito materno: na ausência de herdeiros homens, a filha podia herdar. Daí admitir também o feudalismo, por volta do século XI, a sucessão feminina. Entretanto, o serviço militar é sempre exigido dos vassalos e a sorte da mulher não melhora pelo fato de se tornar herdeira; ela precisa de um tutor masculino; é o marido que desempenha esse papel; ele é que recebe a investidura, que usa o título e tem o usufruto dos bens. Tal qual a epiclera grega, a mulher é o instrumento através do qual a propriedade se transmite, e não sua possuidora; não se emancipa com isso, é, em suma, absorvida pelo feudo, faz parte dos bens imóveis. A propriedade não é mais a coisa de família como no tempo da *gens* romana, pertence ao suserano, assim como a mulher. Ele é quem lhe escolhe um esposo. Quando ela tem filhos, é antes a ele do que ao marido que os dá; serão vassalos que defenderão seus bens. Ela é, portanto, escrava da propriedade e do senhor dessa propriedade através da "proteção" de um marido que lhe é imposto; há poucas épocas em que sua sorte tenha sido mais dura. Uma herdeira é uma terra e um castelo: os pretendentes disputam a presa e, às vezes, a jovem não tem ainda

doze anos quando o pai ou o senhor a dão de presente a algum barão. Multiplicar os casamentos é para um homem multiplicar suas propriedades; por isso mesmo os repúdios são numerosos; a Igreja autoriza-os hipocritamente; sendo proibido o casamento entre parentes até o sétimo grau, e definindo-se o parentesco pelos laços espirituais como os de padrinho e madrinha tanto quanto pelos laços de sangue, encontra-se sempre algum pretexto para a anulação. Contam-se no século XI numerosas mulheres repudiadas quatro ou cinco vezes. Viúva, deve a mulher aceitar de imediato um segundo senhor. Nas canções de gesta vê-se Carlos Magno casar, novamente, em bloco, todas as viúvas de seus barões mortos na Espanha; em Girar de Vienne, a Duquesa de Borgonha vem em pessoa reclamar do rei um novo esposo. "Meu marido acaba de morrer, mas para que serve o luto?... Descobri-me um marido que seja poderoso, pois dele tenho muita necessidade para defender minha terra." Inúmeras epopeias mostram-nos o rei ou o suserano dispondo tiranicamente das jovens e das viúvas. Vê-se por elas também que o esposo tratava sem nenhuma consideração a mulher que recebera de presente; maltratava-a, esbofeteava-a, arrastava-a pelos cabelos, batia-lhe; tudo o que pedia Beaumanoir aos costumes de Beauvaisis era que o marido "castigasse razoavelmente" a esposa. Essa civilização guerreira não tinha senão desprezo pela mulher. O cavaleiro não se interessa por elas; seu cavalo parece-lhe um tesouro de bem maior valor; nas canções de gesta, são sempre as jovens que procuram os jovens; casadas, exige-se delas uma fidelidade sem reciprocidade; o homem não as associa a sua vida. "Maldito seja o cavaleiro que vai pedir conselho a sua dama quando deve ir para o torneio." E, em Renaud de Montauban, lê-se esta apóstrofe: "Retornai a vossos apartamentos pintados e dourados, sentai-vos à sombra, bebei, comei, bordai, tingi a seda, mas não vos ocupeis de nossos negócios. Nossa função é lutar com o gládio e o aço. Silêncio!" A mulher partilha, por vezes, a vida rude dos homens. Jovem, é treinada em todos os exercícios do corpo, monta a cavalo, caça com falcão; não recebe quase nenhuma instrução e é educada sem pudor; ela é quem recebe os hóspedes do castelo, quem cuida de suas refeições, de seus banhos, quem os "acaricia" para ajudá-los a adormecer; embora mulher, ocorre-lhe caçar animais ferozes, realizar longas e difíceis peregrinações; quando o marido se acha ausente, ela é quem defende a terra senhorial. Admiram-se essas castelãs que chamam "virago" porque se conduzem exatamente como homens: são cúpidas, pérfidas, cruéis, oprimem seus vassalos. A história e a lenda deixaram-nos a recordação de muitas delas: a castelã Aubie, tendo mandado construir

uma torre mais alta do que todos os torreões, ordenou logo após que se cortasse a cabeça do arquiteto a fim de que o segredo ficasse bem guardado; expulsou o marido de sua propriedade, mas ele voltou escondido e matou-a. Mabille, mulher de Rogério de Montgomerri, comprazia-se em transformar em mendigos os nobres de seu feudo: eles se vingaram, decapitando-a. Juliana, filha bastarda de Henrique I da Inglaterra, defendeu o castelo de Breteuil contra o pai e fê-lo cair numa armadilha, pelo que ele a castigou duramente. Entretanto, tais fatos são excepcionais. Habitualmente a castelã passa os dias fiando, rezando, esperando o esposo e se aborrecendo.

Pretendeu-se muitas vezes que o amor cortês que nasce no Sul mediterrânico, por volta do século XII, teria acarretado uma melhoria na sorte da mulher. Acerca dessas origens, diversas teses se defrontam: segundo uns, a "cortesia" decorre das relações da suserana com seus jovens vassalos; segundo outros, ela estaria ligada às heresias cátaras e ao culto da Virgem; outros, enfim, fazem derivar o amor profano do amor a Deus em geral. Não se tem muita certeza de que as cortes de amor tenham realmente existido. O certo é que, ante a Eva pecadora, a Igreja foi levada a exaltar a Mãe do Redentor. Seu culto tornou-se tão importante que se pode dizer que no século XIII Deus se fizera mulher; uma mística da mulher desenvolve-se, portanto, no plano religioso. Por outro lado, os lazeres da vida de castelo permitem às mulheres nobres fazer florescer em volta delas o luxo da conversação, da cortesia, da poesia; mulheres letradas, como Béatrice de Valentinois, Aliénor d'Aquitaine e sua filha Marie de France, Blanche de Navarre e muitas outras, atraem e sustentam os poetas. Observa-se no sul primeiramente e, em seguida, no norte, um amadurecimento cultural que beneficia as mulheres e lhes dá um novo prestígio. O amor cortês foi descrito, frequentemente, como platônico; Chrestien de Troyes, talvez para agradar sua protetora, exclui o adultério de seus romances; não pinta outros amores culposos senão os de Lancelot e de Guenièvre; mas na realidade, sendo o esposo feudal um tutor e um tirano, a mulher buscava um amante fora do casamento. O amor cortês era uma compensação à barbárie dos costumes oficiais. "O amor, no sentido moderno da palavra, só ocorre na Antiguidade fora da sociedade oficial", observa Engels. "O ponto exato em que a Antiguidade se detém nas suas tendências para o amor sexual é aquele de que parte a Idade Média: o adultério." E é com efeito essa forma que revestirá o amor enquanto a instituição do casamento se perpetuar.

Na realidade, conquanto amenize a sorte da mulher, a cortesia não a modifica profundamente. Não são as ideologias, religião ou poesia, que conduzem a uma libertação da mulher; é em virtude de causas muito outras que no fim da era feudal ela ganha um pouco de terreno. Quando a supremacia do poder real se impõe aos feudatários, o suserano perde boa parte de seus direitos; em particular, suprimem-lhe, pouco a pouco, o de decidir do casamento de seus vassalos; ao mesmo tempo, tira-se do tutor feudal o gozo dos bens de sua pupila; as vantagens ligadas à tutela desaparecem e, quando o serviço do feudo é reduzido a uma prestação em dinheiro, a própria tutela desaparece; a mulher era incapaz de assegurar o serviço militar, mas ela pode, tanto quanto o homem, desobrigar-se de uma responsabilidade monetária. O feudo não passa, então, de simples patrimônio e não há mais razão para que os dois sexos não sejam tratados em pé de igualdade. Na realidade, as mulheres permanecem na Alemanha, na Suíça, na Itália, submetidas a uma tutela perpétua, mas na França admite-se, segundo a expressão de Beaumanoir, que "uma mulher vale um homem". A tradição germânica dava um campeão como tutor à mulher; quando ela não precisa mais de um campeão dispensa o tutor; como sexo, ela não é mais tachada de incapaz. Celibatária ou viúva, tem todos os direitos do homem; a propriedade confere-lhe a soberania; possuindo um feudo, ela o governa, o que quer dizer, distribui a justiça, assina tratados, dita leis. Vemo-la até desempenhar um papel militar, comandar exércitos, participar dos combates. Antes de Joana d'Arc existiram mulheres soldados, e se a Donzela espanta, não escandaliza.

Entretanto, tantos elementos conjugam-se contra a independência da mulher que nunca se encontram abolidos ao mesmo tempo: a força física não mais importa, mas a subordinação feminina permanece útil à sociedade no caso de ser casada. Por isso, o poder marital sobrevive ao desaparecimento do regime feudal. Vê-se afirmar-se o paradoxo que se perpetua até hoje: a mulher mais plenamente integrada na sociedade é a que possui menor número de privilégios; na feudalidade civil, o casamento conserva o mesmo aspecto que tinha na feudalidade militar; o esposo permanece tutor da esposa. Quando a burguesia se constitui, ela observa as mesmas leis. No direito consuetudinário, como no direito feudal, só há emancipação fora do casamento; a filha e a viúva têm as mesmas capacidades que o homem, mas, ao se casar, a mulher cai sob a tutela e a *main-bournie*[49] do marido; ele pode bater-lhe, fiscalizar-lhe a conduta, as relações, a correspondência; dispõe de sua fortuna, não em virtude de um contrato, mas pelo próprio fato do casamento. "Logo que se realiza o

casamento, diz Beaumanoir, os bens de um e de outro são comuns em virtude do casamento e desde então ela está sob tutela." É que o interesse do patrimônio exige tanto dos nobres como dos burgueses que um só senhor o administre. Não é porque a julguem fundamentalmente incapaz que subordinam a esposa ao esposo; quando nada se opõe, reconhecem à mulher a plenitude de suas capacidades. Desde o feudalismo até os nossos dias, a mulher casada é deliberadamente sacrificada à propriedade privada. É importante observar que essa servidão é tanto mais rigorosa quanto mais consideráveis são os bens detidos pelo marido. É nas classes dos possuidores da riqueza que a dependência da mulher é sempre mais concreta. Ainda hoje é entre os ricos proprietários fundiários que subsiste a família patriarcal; quanto mais poderoso se sente o homem, social e econonicamente, mas se vale da autoridade do *pater familias*. Ao contrário, uma miséria comum faz do laço conjugal um laço recíproco. Não foram nem o feudalismo nem a Igreja que emanciparam a mulher. É antes a partir da condição de servo que se processa a passagem da família patriarcal à família autenticamente conjugal. O servo e sua esposa não possuíam nada, tinham somente o gozo comum da casa, dos móveis, dos utensílios: o homem não tinha nenhuma razão para procurar tornar-se senhor da mulher que nada possuía; pelo contrário, os laços de trabalho e de interesses que os uniam elevavam a esposa ao nível de companheira. A pobreza continua quando a servidão é abolida; é nas pequenas comunidades rurais e entre os artífices que se veem os esposos viver em pé de igualdade. A mulher não é nem uma coisa nem uma serva: isso são luxos de ricos; o pobre sente a reciprocidade de um laço que o amarra à sua metade; no trabalho livre, a mulher conquista uma autonomia concreta porque encontra seu papel econômico e social. As farsas e os fabulários da Idade Média espelham uma sociedade de artesãos, de pequenos comerciantes, de camponeses, em que o marido só tem, sobre a mulher, o privilégio de espancá-la; mas ela opõe a esperteza à força e os esposos defrontam-se em pé de igualdade. Ao passo que a mulher rica paga sua ociosidade com a submissão.

Na Idade Média a mulher conservava ainda alguns privilégios: nas aldeias ela tomava parte nas assembleias dos habitantes, participava das reuniões primárias para a eleição dos deputados aos Estados Gerais e o marido só podia dispor a seu belprazer dos móveis: para alienar os bens imóveis, era necessário o consentimento da mulher. É no século XVI que se codificam as leis que se perpetuam durante todo o Antigo Regime; nessa época os costumes feudais já desapareceram totalmente e nada protege a mulher contra as pretensões dos

homens que a querem prender ao lar doméstico. A influência do direito romano, tão desprezível para a mulher, faz-se sentir então. Como no tempo dos romanos, as violentas diatribes contra a estupidez e a fragilidade do sexo não se encontram na origem do código, mas surgem como justificações; só muito depois é que os homens descobrem razões para agir como se lhes afigura cômodo fazê-lo. "Entre as más condições que têm as mulheres", lê-se no *Songe Du Verger*, "acho, *em direito*, que elas têm nove más condições. Primeiramente, uma mulher por sua própria natureza busca seu prejuízo... Segundamente, as mulheres são por natureza avarentas... Terceiramente, suas vontades são caprichosas... Quartamente, elas são naturalmente más... Quintamente, são hipócritas... Em consequência, as mulheres são reputadas falsas e portanto, segundo o direito civil, uma mulher não pode ser aceita como testemunha em testamento... Em consequência, uma mulher faz sempre o contrário do que lhe mandam fazer... Consequentemente, são matreiras e maliciosas. Monsenhor santo Agostinho dizia que 'a mulher é um animal que não é seguro nem estável'; é odienta para tormento do marido, é cheia de maldade e é o princípio de todas as demandas e disputas, via e caminho de todas as iniquidades". Textos análogos multiplicam-se nessa época. O interesse deste consiste em que cada acusação destina-se a justificar uma das disposições que o código estabelece contra as mulheres e a situa-ção inferior em que são mantidas. Naturalmente, todo "ofício viril" lhes é proibido; restabelece-se o senatus-consulto veleiano que as priva de toda capacidade civil; o direito de primogenitura e o privilégio de masculinidade colocam-na em segundo lugar para receber a herança paterna. Celibatária, ela permanece sob a tutela do pai; se não se casa, ele encerra-a, em geral, num convento. Se tem filho sem ser casada, autoriza-se a investigação da paternidade, mas esta não dá direito senão às despesas de parto e alimentos para a criança; casada, submete-se à autoridade do marido: ele fixa o domicílio, dirige a vida do casal, repudia a mulher em caso de adultério, encerra-a em um convento ou posteriormente obtém uma ordem de prisão para enviá-la à Bastilha; nenhum ato é válido sem sua habilitação; todas as contribuições da mulher à comunidade são assimiladas a um dote no sentido romano da palavra; mas, sendo o casamento indissolúvel, é necessária a morte do marido para que a disposição dos bens caiba à esposa. Daí o ditado: *Uxor non est proprie sócia sed speratur fore*. Pelo fato de não administrar seu capital, ainda que conserve direitos sobre o mesmo, não tem a responsabilidade dele; esse capital não oferece nenhum conteúdo à sua ação: ela não tem nenhuma influência concreta sobre o mundo. Até seus filhos são considerados, como no

tempo das *Eumênides*, como pertencentes ao pai mais do que a ela; ela os "dá" ao esposo cuja autoridade é muito superior à dela e que é o verdadeiro senhor da posteridade. É mesmo um argumento de que se utilizará Napoleão, declarando que, assim como uma pereira pertence ao proprietário das peras, a mulher é propriedade do homem a quem fornece os filhos. Esse é o estatuto da mulher francesa durante todo o Antigo Regime. Pouco a pouco, o veleiano será abolido pela jurisprudência, mas é preciso esperar o Código Napoleão para que desapareça definitivamente. É o marido que é responsável pelas dívidas da esposa e por sua conduta e ela só a ele tem de prestar contas. Ela não tem quase nenhuma relação direta com os poderes públicos, nem relações autônomas com indivíduos estranhos à família. Muito mais do que associada, ela se apresenta como serva no trabalho e na maternidade: os objetos, os valores, os seres que cria não lhe pertencem, e sim à família, logo ao homem que é o chefe. Nos outros países, a situação não é muito mais liberal, ao contrário; alguns conservam a tutela; em todos, as capacidades da mulher casada são nulas e os costumes, severos. Todos os códigos europeus foram redigidos de acordo com o direito canônico, o direito romano e o direito germânico, todos desfavoráveis à mulher; todos os países conhecem a propriedade privada e a família e submetem-se às exigências dessas instituições.

Em todos esses países, uma das consequências da escravização da "mulher honesta" à família é a existência da prostituição. Relegadas hipocritamente à margem da sociedade, as prostitutas desempenham papel dos mais importantes. O cristianismo despreza-as, mas as aceita como um mal necessário. "Suprimi as prostitutas", diz santo Agostinho, "e perturbareis a sociedade com a libertinagem". E posteriormente são Tomás — ou o teólogo que assinou com esse nome o livro IV do *De regimine principium* — declara: "Eliminai as mulheres públicas do seio da sociedade, e a devassidão a perturbará com desordens de toda espécie. São as prostitutas, numa cidade, a mesma coisa que uma cloaca num palácio; suprimi a cloaca e o palácio se tornará um lugar sujo e infecto." Na alta Idade Média reinava tão grande licença nos costumes que quase não havia necessidade de mulheres da vida; mas quando a família burguesa se organizou e a monogamia tornou-se rigorosa, teve o homem de ir buscar seu prazer fora do lar.

Em vão, uma capitular de Carlos Magno o proíbe com absoluto rigor; é em vão que são Luís ordena em 1254 a expulsão das prostitutas e em 1269 a destruição dos locais de prostituição: em Damiette, diz-nos Joinville, as tendas

das prostitutas eram contíguas à tenda do rei. Mais tarde, os esforços de Carlos IX na França, e de Maria Teresa na Áustria no século XVIII, malograram igualmente. A organização da sociedade tornava a prostituição necessária. "As prostitutas", dirá pomposamente Schopenhauer, "são os sacrifícios humanos no altar da monogamia". E um historiador da moral europeia, Lecky, formula a mesma ideia: "Tipo supremo do vício, são a guarda mais ativa da virtude." Comparam-lhe justamente a situação com a dos judeus a que foram muitas vezes assimiladas:[50] a usura, o tráfico de dinheiro são proibidos pela Igreja exatamente como o ato sexual extraconjugal; mas a sociedade não pode prescindir dos especuladores financeiros nem do amor livre; tais funções são pois atribuídas a castas malditas: juntam-nas em guetos ou em bairros fechados. Em Paris, as mulheres de *petit gouvernement* trabalhavam em lupanares a que chegavam pela manhã e deixavam à noite após o toque de recolher; residiam em certas ruas de que não tinham o direito de se afastar. Na maioria das outras cidades, as casas de tolerância situavam-se fora dos muros. Como aos judeus, obrigavam-nas a usar vestimentas e insígnias distintivas. Na França, a mais geralmente empregada era uma agulheta de determinada cor suspensa a um dos ombros; comumente a seda, as peles, os adornos das mulheres honestas eram-lhes vedados. Elas eram *legalmente* tachadas de infames, não tinham nenhum recurso contra a polícia e a magistratura, bastava uma reclamação de algum vizinho para que as expulsassem de suas casas. Para a maioria delas, a vida era difícil e miserável. Algumas viviam encerradas em casas públicas. Um viajante francês, Antoine de Lalaing, deu-nos um quadro de uma dessas casas na Espanha, em Valência, no fim do século XV. O local, diz ele, "é grande como uma pequena cidade e cercado de muros, com uma só porta. E diante da porta ergue-se uma forca para os malfeitores que poderiam encontrar-se dentro; à porta, um homem, para isso ordenado, retém os bastões dos que querem entrar e diz-lhes que, se quiserem entregar-lhe o dinheiro que tiverem, ele o devolverá à saída honestamente e sem perigo; e se porventura o têm e não o dão, sendo roubados à noite, não é o porteiro responsável. Nesse lugar há três ou quatro ruas cheias de casinhas, cada qual com mulheres bem alegres vestidas de veludos e cetins. E há de duzentas a trezentas mulheres; têm suas casas mantidas e decoradas com bons panos. A tarifa oficial é de quatro dinheiros da moeda delas que valem um dos nossos *Gross*... Há ali tavernas e cabarés. Por causa do calor, melhor se pode vê-las à noite ou à tarde, porque se acham então sentadas às suas janelas, uma bela lâmpada suspensa ao lado para que bem as vejam e à vontade. Dois médicos contratados pela cidade cada

semana as visitam a fim de verificar se têm alguma doença, decente ou secreta, e retirá-las do local. Se alguma das doentes é da cidade, determinam os senhores desta que à sua custa sejam amparadas e às estrangeiras que sejam enviadas para onde elas quiserem".[51] O autor espanta-se, de resto, com um policiamento tão perfeito. Muitas prostitutas eram livres. Algumas ganhavam muito bem a vida. Como no tempo das hetairas, a alta galanteria oferecia maiores possibilidades ao individualismo feminino do que a vida da "mulher honesta".

Condição singular é na França a da celibatária; a independência legal de que goza opõe-se de maneira chocante à servidão da esposa; é ela um personagem insólito; por isso mesmo, os costumes se apressam em retirar-lhe tudo o que lhe concedem as leis. Ela tem todas as capacidades civis, mas trata-se de direitos abstratos e vazios; ela não possui nem autonomia econômica nem dignidade social. Geralmente, a solteirona permanece à sombra da família paterna ou vai encontrar-se com suas semelhantes no fundo dos conventos: aí quase não conhece outra forma de liberdade que não sejam a desobediência e o pecado. Da mesma forma, as romanas da decadência só se libertavam pelo vício. A negatividade continua sendo o destino das mulheres enquanto sua libertação permanece negativa.

Em tais condições, vê-se como é raro que uma mulher tenha tido possibilidades de agir ou simplesmente de se manifestar: nas classes trabalhadoras, a opressão econômica anula a desigualdade dos sexos, mas aniquila todas as possibilidades do indivíduo. Entre os nobres e os burgueses a mulher é controlada como sexo, tem apenas uma existência parasitária; é pouco instruída; são necessárias circunstâncias excepcionais para que possa conceber e realizar algum projeto concreto. As rainhas e as regentes têm essa rara honra: sua soberania exalta-as acima de seu sexo. A lei sálica em França proíbe-lhes a sucessão ao trono, mas ao lado do esposo, quando da morte deste, desempenham, por vezes, um grande papel. Assim ocorre com santa Clotilde, santa Radegunda, Branca de Castela. A vida conventual torna a mulher independente do homem: certas abadessas detêm grandes poderes. Heloísa celebrizou-se tanto como abadessa como grande amorosa. Na relação mística, e portanto autônoma, que as prende a Deus, as almas femininas haurem a inspiração e a força de uma alma viril; e o respeito de que gozam na sociedade permite-lhes realizar difíceis empreendimentos. A aventura de Joana d'Arc participa do milagre: e não passou de uma rápida façanha. Mas a história de santa Catarina de Siena é significativa; é no seio de uma existência

inteiramente normal que ela criou em Siena grande reputação por sua caridade ativa e pelas visões que manifestam sua intensa vida interior. Ela adquire assim essa autoridade necessária ao êxito, que falta geralmente às mulheres; apela-se para sua influência a fim de exortar os condenados à morte, trazer de volta ao bom caminho os transviados, apaziguar as querelas entre famílias e cidades. Ela é apoiada pela coletividade que nela se reconhece e é assim que pode cumprir sua missão pacificadora, pregando de cidade em cidade a submissão ao papa, mantendo vasta correspondência com bispos e soberanos, e sendo finalmente escolhida por Florença como embaixatriz para ir buscar o papa em Avignon. As rainhas por direito divino, as santas por suas evidentes virtudes, asseguram-se um apoio na sociedade que lhes permite igualar-se aos homens. Das outras, ao contrário, exige-se uma silenciosa modéstia. O êxito de Christine de Pisan é surpreendente: ainda assim foi preciso que fosse viúva e cheia de filhos para que se decidisse a ganhar a vida com a pena.

No conjunto, a opinião dos homens da Idade Média é, com efeito, pouco favorável à mulher. Sem dúvida, os poetas corteses exaltaram o amor; surgem numerosas *Arts d'amour*, entre as quais um poema de André de Chapelain e o célebre *Roman de La Rose*, em que Guillaume de Lorris incita os jovens a se devotarem às damas. Mas a essa literatura, influenciada pela dos trovadores, opõem-se as obras de inspiração burguesa que atacam as mulheres com maldade: fabulários, farsas, *laís* censuram-lhes a preguiça, o coquetismo, a luxúria. Seus maiores inimigos são os clérigos. É ao casamento que atacam. A Igreja fez dele um sacramento e, no entanto, proibiu-o à elite cristã: há nisso uma contradição que é o ponto de partida da "Querela das mulheres". Ela é denunciada com especial rigor nas *Lamentações de Matheolus*, publicadas quinze anos depois da primeira parte do *Roman de la Rose*, traduzidas em francês cem anos depois e que foram célebres no tempo. Mathieu perdeu sua "clerezia" em se casando, amaldiçoa o seu casamento, as mulheres e o casamento em geral. Por que Deus criou a mulher, se há incompatibilidade entre o casamento e a clerezia? Não pode haver paz no casamento: ele é, portanto, obra do diabo, ou Deus não sabia o que fazia. Mathieu espera que a mulher não ressuscitará no dia do julgamento. Mas Deus responde-lhe que o casamento é um purgatório graças ao qual se alcança o céu; e, transportado em sonho para o céu, Mathieu vê uma legião de maridos que o acolhem aos gritos de "Ei-lo, eis o verdadeiro mártir!" Encontra-se em Jean de Meung, que também é clérigo, inspiração análoga; ele incita os jovens a escapar ao jugo das mulheres. Primeiramente ataca o amor:

O amor é terra odiosa
O amor é ódio amoroso.[52]

Ataca o casamento que reduz o homem à escravidão, que o destina a ser enganado; e dirige violenta diatribe contra a mulher. Os defensores da mulher esforçam-se, em resposta, por demonstrar sua superioridade. Eis alguns dos argumentos em que se apoiarão, até o século XVII, os apologistas do sexo frágil:

"*Mulier perfetur viro scilicet* Materia: *Quia Adam factus est de limo terrae, Eva de costa Adae.* Loco: *Quia Adam factus est extra paradisum, Eva in paradiso.* In conceptione: *Quia mulier concepit Deum, quid homo nom potuit. Appariciones: Quia Christus apparuit mulieri post mortem ressurrectionem, scilicet Magdalene.* Exaltatione: *Quia mulier exaltata est super chorus angelorum, scilicet beata Maria...*".[53]

Ao que replicam os adversários que se Cristo apareceu primeiramente às mulheres é porque as sabia bisbilhoteiras e tinha pressa em tornar conhecida sua ressurreição.

A querela prossegue durante o século XV. O autor de *Quinze joyes du mariage* descreve com complacência os infortúnios dos pobres maridos. Eustache Deschamps escreve sobre o mesmo tema um interminável poema. É nessa época que se inicia a *Querelle du roman de la Rose*. Pela primeira vez, vê-se uma mulher pegar da pena para defender o seu sexo; Christine de Pisan ataca vivamente os clérigos em *L'Épitre au Dieu d'amour*. Alguns clérigos, imediatamente, se levantam para defender Jean de Meung; mas Gerson, guarda-selos da universidade de Paris, apoia Christine; redige, em francês, seu tratado a fim de alcançar um público mais amplo. Martin le Franc joga no campo de batalha seu indigesto *Chaperon des dames*, que ainda é lido duzentos anos depois. E Christine intervém de novo. Reclama principalmente que se permita às mulheres instruírem-se: "Se fosse costume pôr as meninas nas escolas e normalmente se lhes ensinassem as ciências como o fazem com os meninos, elas aprenderiam tão perfeitamente e entenderiam as sutilezas de todas as artes e ciências como eles entendem."

Essa disputa só concerne, em verdade, indiretamente às mulheres. Ninguém pensa em reclamar para elas um papel social diferente do que lhes é concedido. Trata-se, antes, de confrontar a vida do clérigo com a instituição do casamento,

isto é, de um problema masculino suscitado pela atitude ambígua da Igreja em relação ao casamento. A esse conflito é que Lutero dará solução recusando o celibato dos padres. A condição da mulher não é influenciada por essa guerra literária. A sátira das farsas e fabulários, conquanto escarneça da sociedade tal qual se constitui, não pretende mudá-la: zomba das mulheres mas nada trama contra elas. A poesia cortês exalta a feminilidade; mas esse culto não implica, ao contrário, a assimilação dos sexos. A "querela" é um fenômeno secundário em que se reflete a atitude da sociedade, mas não a modifica.

* * *

Foi dito que o estatuto da mulher permanecerá mais ou menos idêntico do princípio do século XV ao século XIX; mas nas classes privilegiadas sua condição concreta evolui. O Renascimento italiano é uma época de individualismo que se mostra propício ao desabrochar de todas as fortes personalidades sem distinção de sexo. Encontram-se, então, mulheres que são soberanas poderosas como Joana de Aragão, Joana de Nápoles, Isabel d'Este; outras foram *condottiere* aventureiras que pegaram em armas contra os homens. Assim é que a mulher de Girolamo Riario luta pela liberdade de Forli; Hipólita Fioramenti comanda as tropas do Duque de Milão e durante o sítio de Pavia conduz às fortificações uma companhia de grandes damas. Para defender sua cidade contra Montluc, as sienesas constituíram três exércitos de mil mulheres cada um, comandados por mulheres. Outras italianas se tornaram célebres pela sua cultura e seus talentos: Isora Nogara, Verônica Gambara, Gaspara Stampara, Vitória Colona que foi amiga de Miguel Ângelo e, particularmente, Lucrecia Tornabuoni, mãe de Lourenço e Júlio de Médicis, que escreveu, entre outras coisas, hinos, uma vida de são João Batista e da Virgem. Entre essas mulheres distintas, a maioria é constituída de cortesãs; aliando às liberdades dos costumes as do espírito, assegurando-se, pelo exercício da profissão, uma autonomia econômica, muitas delas eram tratadas pelos homens com deferente admiração; elas protegiam as artes, interessavam-se pela literatura, pela filosofia e não raro escreviam ou pintavam: Isabel de Luna, Catarina di San Celso, Impéria, que era poeta e musicista, reatam a tradição de Aspásia e de Frineia. Entretanto, para muitas, a liberdade só assume ainda a configuração de licença; as orgias e os crimes das grandes damas e das cortesãs italianas ficaram lendários.

Essa licença é também a principal liberdade que se encontra nos séculos seguintes, entre as mulheres que, pelo seu lugar na sociedade ou sua fortuna, se libertam da moral comum; esta, em conjunto, permanece tão rigorosa como na Idade Média. Quanto às realizações positivas, elas ainda são somente possíveis a um pequeno número. As rainhas são sempre privilegiadas: Catarina de Médicis, Isabel da Inglaterra, Isabel, a Católica, são grandes soberanas. Algumas grandes figuras de santas são também veneradas. O espantoso destino de santa Teresa d'Ávila explica-se, mais ou menos, da mesma maneira que o de santa Catarina: ela haure em sua confiança em Deus uma sólida confiança em si mesma; elevando ao mais alto grau as virtudes que convêm à sua situação, ela assegura o apoio de seus confessores e do mundo cristão; pode emergir além da condição comum de uma religiosa; funda mosteiros, administra-os, viaja, empreende, persevera com a coragem aventurosa de um homem; a sociedade não lhe opõe obstáculos; mesmo escrever não é uma audácia: seus confessores lho comandam. Ela demonstra, com brilho, que uma mulher pode elevar-se tão alto como um homem quando por um espantoso acaso as possibilidades de um homem lhe são dadas.

Mas, na realidade, essas possibilidades permanecem muito desiguais; no século XVI as mulheres são ainda pouco instruídas. Ana de Bretanha atrai muitas mulheres para a corte onde antes só se viam homens; esforça-se por formar um cortejo de damas de honra; preocupa-se, porém, mais com a educação delas do que com sua cultura. Entre as mulheres que um pouco mais tarde se distinguirão pelo espírito, pela sua influência intelectual e por seus escritos, a maioria é constituída de grandes damas: a duquesa de Retz, Mme de Lignerolle, a duquesa de Rohan e sua filha Anne; as mais célebres são princesas: a rainha Margot e Margarida de Navarra. Pernette de Guillet parece ter sido uma burguesa; mas Louise Labbé foi provavelmente uma cortesã: gozava, em todo caso, de grande liberdade de costumes.

É essencialmente no terreno intelectual que as mulheres continuam a distinguir-se no século XVII; a vida mundana desenvolve-se e a cultura expande-se; o papel desempenhado pelas mulheres nos salões é considerável; não estando empenhadas na construção do mundo, têm lazeres para se dedicar à conversação, às artes, às letras; sua instrução não é organizada, mas através de reuniões, de leituras, do ensino de professores particulares, chegam a adquirir conhecimentos superiores aos de seus maridos: Mlle de Gournay, Mme de Rambouillet, Mlle de Scudéry, Mme de la Fayette, Mme de Sévigné gozam, na França, de grande reputação; e, fora de França, igual renome liga-se aos nomes

da princesa Elizabeth, da rainha Cristina, de Mlle de Schurman que trocava correspondência com todo o mundo culto. Graças a essa cultura e ao prestígio que lhes confere, as mulheres conseguem imiscuir-se no universo masculino; da literatura, da casuística amorosa muitas ambiciosas passam às intrigas políticas. Em 1623, o núncio do papa escrevia: "Na França, todos os grandes acontecimentos, todas as intrigas importantes dependem, o mais das vezes, das mulheres." A princesa de Conde fomenta a "conspiração das mulheres"; Ana da Áustria é cercada de mulheres cujos conselhos segue de bom grado; Richelieu ouve com boa vontade a duquesa d'Aiguillon; sabe-se do papel que desempenharam, durante a Fronda, Mme de Montbazon, a duquesa de Chevreuse, Mme de Montpensier, a duquesa de Longueville, Anne de Gonzague e outras. Enfim, Mme de Maintenon deu um brilhante exemplo da influência que uma hábil conselheira pode exercer nos negócios de Estado. Animadoras, conselheiras, intrigantes, é de maneira oblíqua que avocam a si o papel mais eficiente: a princesa de Ursins governa na Espanha com grande autoridade, mas sua carreira é curta. Ao lado dessas grandes damas, algumas personalidades afirmam-se no mundo que escapa às imposições burguesas; vê-se surgir uma espécie desconhecida: a atriz. É em 1545 que se assinala, pela primeira vez, a presença de uma mulher no palco; em 1592 só se conhecia uma única ainda; no início do século XVII elas são, em sua maioria, mulheres de atores; mais tarde, conquistam sua independência, tanto em sua carreira como em sua vida privada. Quanto à cortesã, depois de ter sido Frineia, Impéria, encontra sua mais perfeita encarnação em Ninon de Lenclos; explorando sua feminilidade, ela a supera; vivendo entre os homens, adquire qualidades viris; a independência dos costumes inclina-a à independência do espírito; Ninon de Lenclos levou a liberdade ao ponto mais extremo que poderia ser então permitido a uma mulher.

No século XVIII, a liberdade e a independência da mulher aumentam ainda. Os costumes em princípio permanecem severos: a jovem recebe apenas uma educação sumária; é casada ou encerrada num convento sem que a consultem. A burguesia, classe em ascensão e cuja existência se consolida, impõe à esposa uma moral rigorosa. Em compensação, a decomposição da nobreza outorga às mulheres as maiores licenças e a alta burguesia, por sua vez, é contaminada por tais exemplos; nem os conventos nem o lar conjugal conseguem conter a mulher. Digamos mais uma vez que para a maioria delas essa liberdade permanece negativa e abstrata: elas se restringem a procurar o prazer. Mas as que são ambiciosas e inteligentes criam possibilidades de ação para si mesmas. A vida dos salões toma novo impulso. Conhece-se bastante o

papel desempenhado por Mme Geoffrin, Mme du Deffand, Mlle de Lespinasse, Mme d'Épinay, Mme de Tencin; protetoras, inspiradoras, as mulheres constituem o público predileto do escritor. Interessam-se pessoalmente pela literatura, pela filosofia, pelas ciências. Tal como Mme du Châtelet, elas têm seus laboratórios de física e de química, fazem experiências, dissecam; intervêm mais ativamente do que nunca na vida política: Luís XV é governado sucessivamente por Mme de Prie, Mme de Mailly, Mme de Châteauneuf, Mme de Pompadour, Mme du Barry. Não há, por assim dizer, ministro que não tenha sua egéria, a ponto de Montesquieu considerar que na França tudo se faz pelas mulheres; elas constituem, diz ele, "um novo Estado dentro do Estado"; e Collé escreve às vésperas de 1789: "Conseguiram tal ascendência sobre os franceses, de tal modo os subjugaram que eles só pensam e sentem de acordo com elas." Ao lado das mulheres da sociedade, há também as atrizes e as mulheres galantes que gozam de grande renome: Sophie Arnould, Julie Talma, Adrienne Lecouvreur.

Assim, através de todo o Antigo Regime, o campo cultural é o mais acessível às mulheres que tentam afirmar-se. Nenhuma, entretanto, atingiu as alturas de um Dante, de um Shakespeare, o que se explica pela mediocridade geral de sua condição. A cultura sempre foi o apanágio de uma elite feminina, não da massa; e da massa foi que saíram muitas vezes os gênios masculinos. As próprias privilegiadas encontravam em derredor obstáculos que lhes barravam o acesso aos altos picos. Nada detinha o arroubo de uma santa Teresa, de uma Catarina da Rússia, mas mil circunstâncias ligavam-se contra a mulher escritora. No seu livrinho *A room of one's own*, Virgínia Woolf divertiu-se com inventar o destino de uma suposta irmã de Shakespeare; enquanto ele aprendia no colégio um pouco de latim, de gramática, de lógica, ela teria permanecido no lar numa completa ignorância; enquanto ele caçava, corria os campos, dormia com as mulheres da vizinhança, ela teria remendado trapos sob o olhar dos pais; se ela tivesse partido como ele, ousadamente, à procura de melhor sorte em Londres, não conseguiria se tornar uma atriz ganhando livremente a vida: ou teria sido levada de volta à família que a casaria à força, ou seduzida, abandonada, desonrada, ter-se-ia matado de desespero. Pode-se também imaginá-la transformando-se numa alegre prostituta, uma Moll Flanders como a pintou Daniel Defoe: de jeito algum teria dirigido um elenco e escrito dramas. Na Inglaterra, observa V. Woolf, as mulheres escritoras sempre suscitaram hostilidade. O dr. Johnson comparava-as "a um cão andando sobre as patas traseiras; não está certo mas é espantoso". Os artistas preocupam-se mais do

que os outros com a opinião de outrem; desta dependem as mulheres estreitamente: concebe-se que força é necessária a uma mulher artista, tão somente para não dar importância a essa opinião; muitas vezes, ela esgota-se na luta. No fim do século XVII, Lady Winhilsea, nobre e sem filhos, tenta a aventura de escrever; certos trechos de sua obra mostram que tinha uma natureza sensível e poética; mas consumiu-se no ódio, na cólera e no medo:

Ai de mim! Uma mulher que se vale da pena
É considerada uma criatura tão presunçosa
Que não tem nenhum meio de se redimir de seu crime![54]

Quase toda a sua obra é consagrada a indignar-se contra a condição das mulheres. O caso da duquesa de Newcastle é análogo; grande dama, ela também suscita escândalo porque escreve. "As mulheres vivem como baratas ou corujas, morrem como vermes", diz colérica. Insultada, ridicularizada, teve que se encerrar em sua propriedade; e apesar de um temperamento generoso, semilouca, desde então só produziu extravagantes elucubrações. É somente no século XVIII que uma burguesa, Mrs. Aphra Behn, tendo ficado viúva, passa a viver da pena como um homem; outras lhe seguiram o exemplo; mas mesmo no século XIX elas eram obrigadas a se esconder; não tinham sequer "um quarto próprio", isto é, não gozavam dessa independência material que é uma das condições necessárias à liberdade interior.

Viu-se que, em virtude do desenvolvimento da vida mundana e de sua estreita ligação com a vida intelectual, a situação das francesas foi um pouco mais favorável. Entretanto, a opinião é em grande parte hostil às *bas-bleus*. Durante o Renascimento, as damas nobres e as mulheres de espírito suscitam um movimento em favor de seu sexo; as doutrinas platônicas importadas da Itália espiritualizam o amor e a mulher. Bom número de letrados empenha-se em defendê-las. Aparecem *La Nef des dames vertueuses*, *Le Chevalier des dames* etc. Erasmo, em o *Pequeno Senado*, dá a palavra a Cornélia, que expõe com cerimônia as queixas de seu sexo. "Os homens são tiranos... Tratam-nos como brinquedos... fazem de nós suas lavadeiras e cozinheiras." Exige que se permita às mulheres instruírem-se. Cornélio Agripa, em uma obra que foi muito célebre, *Declamação da nobreza e da excelência do sexo feminino*, esforça-se por mostrar a superioridade feminina. Retorna aos velhos argumentos cabalísticos. Eva quer dizer Vida; e Adão, Terra. Criada depois do homem, a mulher é mais acabada. Ela nasceu no paraíso, ele fora. Quando ela cai na água

flutua, o homem afunda. É feita com uma costela de Adão, e não de terra. Seus mênstruos curam todas as doenças. Eva, ignorante, apenas errou. Adão foi quem pecou; por isso, Deus fez-se homem; e, depois da ressurreição, foi a mulheres que apareceu. Agripa declara, em seguida, que as mulheres são mais virtuosas do que os homens. Enumera as "límpidas mulheres" de que o sexo pode orgulhar-se, o que constitui também um lugar-comum dessas apologias. Finalmente, faz um requisitório contra a tirania masculina: "Agindo contra quaisquer direitos, violentando impunemente a igualdade natural, a tirania do homem privou a mulher da liberdade que recebeu ao nascer." No entanto, ela engendra os filhos, é tão inteligente quanto o homem e até mais sutil; é escandaloso que lhe restrinjam as atividades, "o que se faz, provavelmente, não por ordem de Deus, não por necessidade nem razão, mas pela força do costume, pela educação, pelo trabalho e, principalmente, pela violência e a opressão". Não reclama, por certo, a igualdade dos sexos, mas quer que se trate a mulher com respeito. A obra alcançou imenso êxito, como *Le Fort inexpugnable*, outra apologia da mulher, bem como *La Parfaite amye*, de Héroët, impregnado de misticismo platônico. Em um curioso livro que anuncia a doutrina de Saint-Simon, Postel proclama a vinda de uma nova Eva, mãe regeneradora da espécie humana; acredita mesmo tê-la encontrado; morreu, talvez se tenha reencarnado nele. Com mais moderação Margarida de Valois, em seu *Docte et subtil discours*, proclama que há na mulher algo divino. Mas a escritora que melhor serviu a causa de seu sexo foi Margarida de Navarra, propondo, contra a licença de costumes, um ideal de misticismo sentimental e de castidade sem pudicícia, tentando conciliar o casamento ao amor, para honra e felicidade das mulheres. Bem entendido, os adversários das mulheres não se entregam. Entre outros, encontram-se em *La controverse des sexes masculins et féminins*, que responde a Agripa, os velhos argumentos da Idade Média. Rabelais diverte-se no *Tiers livre* em satirizar o casamento, reatando a tradição de Mathieu e Deschamps. Entretanto, são as mulheres que na feliz abadia de Thélème fazem a lei. O antifeminismo assume nova feição violenta em 1617 com *L'alphabet de l'imperfection et malice des femmes*, de Jacques Olivier; via-se, na capa, uma gravura representando uma mulher com mãos de harpia, coberta com as plumas da luxúria, montada sobre patas de galinha, porque é, como a galinha, má dona de casa: sob cada uma das letras do alfabeto inscrevia-se um de seus defeitos. Era, mais uma vez, um eclesiástico que reavivava a velha querela; Mlle de Gournay retorquiu com *L'égalité des hommes et des femmes*. Nessas alturas, toda uma literatura libertina, *Parnasses*

et cabinets satyriques, ataca os costumes das mulheres, enquanto, para os desmoralizar, os devotos citam são Paulo, os padres da Igreja, o Eclesiastes. A mulher fornecia também um tema inesgotável às sátiras de Mathurin Régnier e seus amigos. No outro campo, os apologistas retomam os argumentos de Agripa e os comentam, cada qual mais enfaticamente do que os outros. O padre du Boscq em *L'Honnête femme* exige que seja permitida a instrução às mulheres. *L'Astrée* e toda uma literatura galante celebram os méritos femininos em rondós, sonetos, elegias etc.

Os próprios êxitos alcançados pelas mulheres provocam novos ataques; as Preciosas irritaram a opinião; aplaudem-se as *Précieuses ridicules* e um pouco mais tarde as *Femmes savantes*. Não é que Molière seja inimigo das mulheres: ataca vivamente os casamentos impostos, reivindica para as jovens o direito à liberdade sentimental e para a esposa o respeito e a independência. Bossuet, ao contrário, não as poupa em seus sermões. A primeira mulher, prega ele, "não passava de uma parcela de Adão e de uma espécie de diminutivo. Proporcionalmente, o mesmo ocorria com o espírito dela". A sátira de Boileau contra as mulheres é apenas um exercício de retórica, mas suscita uma série de defesas: Pradon, Regnard, Perrault respondem com exaltação. La Bruyère e Saint-Évremond mostram-se favoráveis às mulheres. O feminista mais decidido da época é Poulain de la Barre, que publica em 1673 uma obra de inspiração cartesiana, *De l'égalité des deux sexes*. Considera que os homens, sendo os mais fortes, por toda parte favorecem o próprio sexo e que as mulheres aceitam por hábito essa dependência. Nunca tiveram suas possibilidades, nem liberdade nem instrução. Não se poderia, pois, julgá-las pelo que fizeram no passado. Nada indica que sejam inferiores ao homem. A anatomia revela diferenças, mas nenhuma constitui um privilégio para o homem. E Poulain de la Barre conclui reclamando uma sólida instrução para as mulheres. Fontenelle escreve para elas o *Traité de la pluralité des mondes*. E se Fénelon, acompanhando Mme de Maintenon e o abade Fleury, mostra-se em seu programa de educação muito tímido, o universitário jansenista Rollin deseja, ao contrário, que as mulheres realizem estudos sérios.

O século XVIII também se acha dividido. Em 1774, em Amsterdã, o autor da *Controverse sur l'âme de la femme* declara que "a mulher criada unicamente para o homem deixará de existir no fim do mundo, porque deixará de ser útil ao objeto para o qual foi criado, do que se conclui naturalmente que sua alma não é imortal". De uma maneira um pouco menos radical, Rousseau, que aqui se faz o intérprete da burguesia, destina a mulher ao marido e à maternidade.

"Toda a educação da mulher deve ser relativa ao homem... A mulher é feita para ceder ao homem e suportar-lhe as injustiças", afirma. Entretanto, o ideal democrático e individualista do século XVIII é favorável às mulheres; elas apresentam-se à maioria dos filósofos como seres humanos iguais aos do sexo forte. Voltaire denuncia a injustiça de sua sorte. Diderot considera que sua inferioridade foi, em grande parte, *causada* pela sociedade. "Mulheres, eu vos lamento!", escreve. Considera que "em todos os costumes a crueldade das leis civis aliou-se à crueldade da natureza contra a mulher. Foram tratadas como seres imbecis". Montesquieu estima, paradoxalmente, que as mulheres deveriam ser subordinadas ao homem na vida do lar, mas que tudo as predispõe a uma ação política. "É antirracional e antinatural que as mulheres sejam donas de casa... não o é que governem um império." Helvetius mostra que é o absurdo da educação que cria a inferioridade da mulher; d'Alembert é da mesma opinião. Na obra de uma mulher, Mme de Ciray, vê-se apontar timidamente um feminismo econômico, mas é só Mercier, em seu *Tableau de Paris*, que se indigna contra a miséria das operárias e aventa, assim, a questão fundamental do trabalho feminino. Condorcet pretende que as mulheres tenham acesso à vida política. Ele as considera iguais aos homens e as defende contra os clássicos ataques: "Foi dito que as mulheres... não tinham propriamente o sentimento da justiça, que obedeciam antes a seus próprios sentimentos do que à sua consciência... (Mas) não se trata de sua natureza, e sim de sua educação; é a existência social que causa essa diferença." E em outro trecho: "Quanto mais foram as mulheres escravizadas pela lei mais perigoso foi seu império... Ele diminuiria se as mulheres tivessem menos interesse em conservá-lo, se ele deixasse de ser, para elas, o único meio de se defender e de escapar à opressão."

5

Poderíamos imaginar que a Revolução transformasse o destino feminino. Não foi o que aconteceu. A revolução burguesa mostrou-se respeitosa das instituições e dos valores burgueses; foi feita quase exclusivamente pelos homens. É importante sublinhar que durante todo o Antigo Regime foram as mulheres das classes trabalhadoras que conheceram maior independência como sexo. A mulher tinha o direito de possuir uma casa de comércio e todas as capacidades necessárias a um exercício autônomo de seu ofício. Participava da produção

como fabricante de roupa branca, lavadeira, brunidora, revendedora etc.; trabalhava em domicílio ou em pequenos negócios; sua independência material permitia-lhe grande liberdade de costumes: a mulher do povo pode sair, frequentar tavernas, dispor do corpo quase como um homem; é associada ao marido e sua igual. É no plano econômico, e não no plano sexual, que a mulher sofre a opressão. Nos campos, a camponesa participa de modo considerável do trabalho rural; é tratada como servente; frequentemente não come à mesa com o marido e os filhos, pena mais duramente do que eles, e os encargos da maternidade acrescentam-se a suas fadigas. Mas, como nas antigas sociedades agrícolas, sendo necessária ao homem, é por ele respeitada; seus bens, interesses e preocupações são comuns. Exerce grande autoridade em casa. São essas mulheres que, com sua vida difícil, teriam podido afirmar-se como pessoas e reclamar certos direitos; mas uma tradição de timidez e submissão pesava sobre elas; as atas dos Estados Gerais não apresentam senão um número quase insignificante de reivindicações femininas. Restringem-se a isto: "Que os homens não possam exercer ofícios que são apanágio das mulheres." Sem dúvida, veem-se mulheres ao lado de seus homens nas manifestações e arruaças. São elas que vão buscar em Versalhes "o padeiro, a padeira e o padeirinho". Mas não foi o povo que dirigiu a revolução nem quem colheu os frutos. Quanto às burguesas, algumas aderiram com ardor à causa da liberdade: Mme Roland, Lucile Desmoulins, Théroigne de Méricourt; uma delas influiu profundamente no desenrolar dos acontecimentos: Charlotte Corday, ao assassinar Marat. Houve alguns movimentos feministas. Olympe de Gouges propôs em 1789 uma "Declaração dos Direitos da Mulher", simétrica à dos "Direitos do Homem", na qual pedia que todos os privilégios masculinos fossem abolidos. Em 1790, encontram-se as mesmas ideias em *Motion de la pauvre Jacotte* e outros libelos análogos; mas, apesar do apoio de Condorcet, tais esforços abortam e Olympe morre no patíbulo. Ao lado do jornal *L'Impatient*, que ela fundara, aparecem outros periódicos mas de duração efêmera. Os clubes femininos, em sua maioria, fundem-se com os masculinos e são por estes absorvidos. Quando, no 28 de brumário de 1793, a atriz Rose Lacombe, presidente da Sociedade das Mulheres Republicanas e Revolucionárias, força a entrada do Conselho Geral, acompanhada de uma deputação de mulheres, o procurador Chaumette faz retinir na Assembleia palavras que parecem inspiradas em são Paulo e são Tomás: "Desde quando se permite às mulheres abjurarem o sexo, fazerem-se homens?... [A natureza] disse à mulher: sê mulher. Os cuidados da infância, as coisas do lar, as diversas preocupações da maternidade, eis as tuas tarefas." Vedam-lhes a entrada no Conselho e, logo

depois, até nos clubes em que faziam seu aprendizado político. Em 1790 suprime-se o direito de primogenitura e o privilégio de masculinidade; mulheres e homens tornam-se iguais em relação à sucessão; em 1792, uma lei estabelece o divórcio e com isso atenua o rigor dos laços matrimoniais; mas trata-se de pequenas conquistas. As mulheres da burguesia achavam-se demasiado integradas na família para descobrir uma solidariedade concreta entre elas; não constituíam uma casta separada, suscetível de impor reivindicações. Economicamente, sua existência era parasitária. Assim, enquanto as mulheres que, apesar do sexo, teriam podido participar dos acontecimentos, se viam impedidas de fazê-lo como classe, as da classe atuante eram condenadas a permanecer afastadas, como mulheres. Só quando o poder econômico cair nas mãos dos trabalhadores é que se tornará possível à trabalhadora conquistar capacidades que a mulher parasita, nobre ou burguesa, nunca obteve.

Durante a liquidação da Revolução a mulher goza de uma liberdade anárquica. Mas, quando a sociedade se reorganiza, volta a ser duramente escravizada. Do ponto de vista feminista, a França estava à frente dos outros países mas, para infelicidade da francesa moderna, seu estatuto foi estabelecido em momento de ditadura militar; o Código Napoleão, que fixou seu destino por um século, atrasou muito sua emancipação. Como todos os militares, Napoleão não quer ver na mulher senão uma mãe. Porém, herdeiro de uma revolução burguesa, não deseja demolir a estrutura da sociedade e dar à mãe a preeminência sobre a esposa: proíbe a investigação da paternidade; define com dureza a condição da mãe solteira e a do filho natural. Entretanto, a própria mulher casada não encontra refúgio em sua dignidade de mãe; o paradoxo feudal perpetua-se. Solteira e casada são privadas da qualidade de cidadã, o que lhes veda funções como as de advogado e o exercício da tutela. Mas a mulher celibatária goza da plenitude de suas capacidades civis ao passo que o casamento conserva o *mundium*. A mulher deve *obediência* a seu marido; ele pode fazer que seja condenada à reclusão em caso de adultério e conseguir o divórcio contra ela; se mata a culpada pega em flagrante delito, é desculpável aos olhos da lei; ao passo que o marido só é sujeito a uma multa se trouxer uma concubina ao domicílio conjugal, e é neste caso, somente, que a mulher pode obter o divórcio contra ele. O homem é quem fixa o domicílio conjugal. Tem sobre os filhos muito mais direitos do que a mãe e — salvo no caso em que a mulher dirige uma empresa comercial — sua autorização é necessária para que ela possa assumir obrigações. O poder marital exerce-se rigorosamente, ao mesmo tempo sobre a pessoa da esposa e sobre seus bens.

Durante todo o século XIX a jurisprudência não fez senão reforçar os rigores do código, privando, entre outras coisas, a mulher do direito de alienação. Em 1826, a Restauração aboliu o divórcio; a Assembleia Constituinte de 1848 recusou-se a restabelecê-lo; ele só reaparece em 1884, mas ainda com toda espécie de obstáculos à sua obtenção. Em verdade, a burguesia nunca foi mais poderosa, mas compreende que ameaças implica a revolução industrial; por isso, se afirma com uma autoridade inquieta. A liberdade de espírito, herdada do século XVIII, não fere a moral familiar; esta permanece tal qual a definem, no início do século XIX, os pensadores reacionários como Joseph de Maistre e Bonald. Estes assentam na vontade divina o valor da ordem e reclamam uma sociedade rigorosamente hierarquizada: a família, célula social indissolúvel, será o microcosmo da sociedade. "O homem está para a mulher como a mulher para a criança; ou o poder para o ministro como o ministro para o súdito", escreve Bonald. Assim, o marido governa, a mulher administra, os filhos obedecem. O divórcio é naturalmente proibido e a mulher é confinada ao lar. "As mulheres pertencem à família e não à sociedade política, e a natureza as fez para as tarefas domésticas e não para as funções públicas", afirma ainda Bonald. Na família definida por Le Play em meados do século, essas hierarquias são respeitadas.

De maneira um pouco diferente, Auguste Comte reclama também a hierarquia dos sexos. Há, entre eles, "diferenças radicais, concomitantemente físicas e morais que, em todas as espécies animais e *principalmente na raça humana*, os separam profundamente um do outro". A feminilidade é uma espécie de "infância contínua" que afasta a mulher do "tipo ideal da raça". Essa infantilidade biológica traduz-se por uma fraqueza intelectual; o papel desse ser puramente afetivo é o de esposa e dona de casa; ela não poderia entrar em concorrência com o homem: "Nem a direção nem a educação lhe convêm." Como na opinião de Bonald, a mulher é confinada à família e nessa sociedade em miniatura o pai governa porque a mulher é "incapaz de qualquer mando, mesmo doméstico"; ela administra tão somente e aconselha. Sua instrução deve ser limitada. "As mulheres e os proletários não podem nem devem tornar-se autores, como, aliás, não o desejam." E Comte prevê que a evolução da sociedade acarretará a supressão total do trabalho feminino fora da família. Na segunda parte de sua obra, Comte, influenciado pelo seu amor por Clotilde de Vaux, exalta a mulher até quase fazer dela uma divindade, a emanação do Grande Ser; ela é que a religião positivista proporia à adoração do povo no templo da Humanidade; mas é somente pela sua moralidade que

ela merece esse culto; enquanto o homem age, ela ama: ela é mais profundamente altruísta do que ele. Mas, segundo o sistema positivista, ela nem assim permanece menos encerrada na família; o divórcio é proibido a ela e seria mesmo desejável que sua viuvez fosse eterna; ela não tem nenhum direito econômico nem político, é apenas esposa e educadora.

Balzac, mais cinicamente, exprime o mesmo ideal. "O destino da mulher e sua única glória são fazer bater o coração dos homens", escreve na *Physiologie du mariage*. "A mulher é propriedade que se adquire por contrato; ela é mobiliária porque sua posse vale como título; a mulher, enfim, não é, propriamente falando, senão um anexo do homem." Balzac faz-se aqui o porta-voz da burguesia cujo antifeminismo redobra de vigor contra a licenciosidade do século XVIII e contra as ideias progressistas que a ameaçam. Tendo luminosamente exposto, no início da *Physiologie du mariage*, que essa instituição de que se exclui o amor conduz necessariamente a mulher ao adultério, Balzac exorta o esposo a mantê-la em total sujeição se quiser evitar o ridículo da desonra. Cumpre recusar-lhe instrução e cultura, proibir-lhe tudo o que lhe permitiria desenvolver sua individualidade, impor-lhe vestimentas incômodas, encorajá-la a seguir um regime anemiante. A burguesia obedece exatamente a esse programa. As mulheres são escravizadas à cozinha, ao lar, fiscalizam-lhes ciumentamente os costumes; confinam-nas em um ritual de *savoir-vivre* que trava qualquer tentativa de independência. Em compensação, honram-nas e cercam-nas das mais requintadas delicadezas. "A mulher casada é uma escrava que é preciso saber colocar num trono", diz Balzac; está estabelecido que, em quaisquer circunstâncias insignificantes, o homem deve eclipsar-se diante delas, ceder-lhes o primeiro lugar; ao invés de fazê-las carregar fardos como nas sociedades primitivas, insistem em desobrigá-las de toda tarefa penosa e de toda preocupação, o que significa livrá-las ao mesmo tempo de toda responsabilidade. Espera-se que, assim ludibriadas, seduzidas pela facilidade de sua condição, aceitem o papel de mãe e de dona de casa em que as querem confinar. E o fato é que, em sua maioria, as mulheres da burguesia capitulam. Como sua educação e sua situação parasitária as colocam sob a dependência do homem, não ousam sequer apresentar reivindicações; as que possuem essa audácia não encontram eco. "É mais fácil sobrecarregar as pessoas de ferros do que as libertar, se os ferros dão consideração", diz Bernard Shaw. A mulher burguesa faz questão de seus grilhões porque faz questão de seus privilégios de classe. Explicam-lhe sem cessar (e ela sabe) que a emancipação das mulheres seria um enfraquecimento da sociedade burguesa;

libertada do homem, seria condenada ao trabalho; pode lamentar não ter sobre a propriedade privada senão direitos subordinados aos do marido, porém deploraria ainda mais que essa propriedade fosse abolida; não sente nenhuma solidariedade com as mulheres da classe proletária: está muito mais próxima do marido do que das operárias da indústria têxtil. Faz seus os interesses do marido.

Entretanto, essas resistências obstinadas não podem impedir a marcha da história; o advento do maquinismo arruína a propriedade fundiária, provoca a emancipação da classe laboriosa e, correlativamente, a da mulher. Todo socialismo, arrancando a mulher à família, favorece-lhe a libertação. Platão, sonhando com um regime comunitário, prometia às mulheres uma autonomia igual à que gozavam em Esparta. Com os socialismos utópicos de saint-Simon, Fourier, Cabet, nasce a utopia da "mulher livre". A ideia saint-simoniana de associação universal exige a supressão de toda escravidão: a do operário e a da mulher; é porque as mulheres são seres humanos como os homens, que Saint-Simon e, depois dele, Leroux, Pecqueux, Carnot, reclamam sua libertação. Infelizmente, essa tese razoável não é a que encontra maior crédito na escola. Esta exalta a mulher em nome de sua feminilidade, o que é o meio mais seguro de desservi-la. A pretexto de que a unidade social está no casal, o padre Enfantin quer introduzir uma mulher em cada casal diretor, que chama casal-sacerdote; ele espera de uma mulher-messias o advento de um mundo melhor e os Companheiros da Mulher embarcam para o Oriente à procura desse salvador feminino. É influenciado por Fourier, que confunde a libertação da mulher com a reabilitação da carne; Fourier reclama para todo indivíduo a liberdade de obedecer à atração passional; quer substituir o casamento pelo amor; não é em sua pessoa e sim em sua função amorosa que considera a mulher. Cabet promete, por seu turno, que o comunismo icariano realizará uma completa igualdade dos sexos, embora conceda à mulher apenas uma participação restrita na vida política. Na realidade, as mulheres ocupam somente um lugar secundário no movimento saint-simoniano: só Claire Bazard, que funda e mantém durante breve período o jornal chamado *La Femme nouvelle*, desempenha um papel assaz importante. Muitas outras pequenas revistas aparecem a seguir, mas suas reivindicações são tímidas; elas pedem a educação da mulher mais do que sua emancipação; é em elevar a educação da mulher que se empenha Carnot e, com ele, Legouvé. A ideia da mulher associada, da mulher regeneradora mantém-se através de todo o século XIX: encontramo-la em Victor Hugo. Mas a causa da mulher é antes desacreditada

por essas doutrinas que em lugar de a assimilar ao homem a opõem a ele, reconhecendo-lhe a intuição, o sentimento, mas não a razão. É também desacreditada pela inabilidade de seus partidários. Em 1848 as mulheres fundam clubes e jornais; Eugénie Niboyer edita a *Voix des femmes*, jornal em que colabora Cabet. Uma delegação feminina vai à Prefeitura para reivindicar "os direitos da mulher", mas nada obtém. Em 1849, Jeanne Decoin apresenta-se à deputação, e faz uma campanha eleitoral que soçobra no ridículo. O ridículo mata também o movimento das "vesuvianas" e das bloomeristas, que se exibem com vestimentas extravagantes. As mulheres mais inteligentes da época permanecem afastadas desses movimentos: Mme de Staël lutara pela sua própria causa mais do que pela de suas irmãs; George Sand reclama o direito ao amor livre, mas recusa-se a colaborar na *Voix des femmes*; suas reivindicações são principalmente sentimentais; Flora Tristan acredita na redenção do povo pela mulher, mas se interessa mais pela emancipação da classe operária do que pela de seu sexo. David Stern e Mme de Girardin associam-se, entretanto, ao movimento feminista.

Em seu conjunto, o movimento reformista que se desenvolve no século XIX é favorável ao feminismo, pelo fato de buscar a justiça na igualdade. Há uma exceção notável: Proudhon. Talvez por causa de suas raízes camponesas reage violentamente contra o misticismo saint-simoniano; permanece partidário da pequena propriedade e com isso limita a mulher ao lar. "Dona de casa ou cortesã", eis o dilema em que a encerra. Até então os ataques contra o feminismo tinham sido dirigidos pelos conservadores que combatiam também, com tenacidade, o socialismo. O *Charivari*, entre outros, nisso encontrava uma fonte inesgotável de facécias; é Proudhon que rompe a aliança entre o feminismo e o socialismo; protesta contra o banquete das mulheres socialistas presidido por Leroux, fulmina Jeanne Decoin. Na obra intitulada *La Justice*, afirma que a mulher deve permanecer na dependência do homem; só ele vale como indivíduo social; não há no casal uma associação, o que pressuporia a igualdade, mas uma união; a mulher é inferior ao homem, primeiramente porque sua força física atinge apenas dois terços da dele, em seguida porque é intelectual e moralmente inferior a ele na mesma proporção: seu valor é no conjunto de 2x2x2 contra 3x3x3, ou seja, 8/27 da do sexo forte. Duas mulheres, Mme Adam e Mme d'Héricourt, tendo-lhe respondido, uma com firmeza, outra com uma exaltação menos feliz, Proudhon retorquiu com a *Pornocratie ou la femme dans les temps modernes*. Entretanto, como todos os antifeministas, dedica litanias à "verdadeira mulher", escrava e espelho do

homem; apesar dessa devoção, teve de reconhecer ele próprio que a vida que lhe impôs não tornou feliz a sua própria mulher: as cartas de Mme Proudhon são apenas uma longa lamentação.

Não são esses debates teóricos que influem no desenrolar dos acontecimentos: antes os refletem com hesitação. A mulher reconquista uma importância econômica que perdera desde as épocas pré-históricas, porque escapa do lar e tem, com a fábrica, nova participação na produção. É a máquina que dá azo a essa modificação violenta, porque a diferença de força física entre trabalhadores masculinos e femininos se vê, em grande número de casos, anulada. Como o súbito desenvolvimento da indústria exige uma mão de obra mais considerável do que a fornecida pelos trabalhadores masculinos, a colaboração da mulher é necessária. Essa é a grande revolução que, no século XIX, transforma o destino da mulher e abre, para ela, uma nova era. Marx e Engels medem-lhe todo o alcance e prometem às mulheres sua libertação ligada à do proletariado. Com efeito, "a mulher e o trabalhador têm ambos em comum o fato de serem oprimidos", diz Bebel. E ambos escaparão juntos da opressão graças à importância que, através da evolução técnica, alcançará seu trabalho produtor. Engels mostra que a sorte da mulher está estreitamente ligada à história da propriedade privada; uma catástrofe substituiu pelo patriarcado o regime do direito materno e escravizou a mulher ao patrimônio; mas a revolução industrial é a contrapartida dessa decadência e resultará na emancipação feminina. Ele escreve: "A mulher só pode ser emancipada quando tomar parte em grande escala social na produção e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão em medida insignificante. E isso só se tornou possível com a grande indústria moderna, que não somente admite em grande escala o trabalho da mulher mas ainda o exige formalmente."

No princípio do século XIX a mulher era explorada mais vergonhosamente ainda do que os trabalhadores do outro sexo. O trabalho em domicílio constituía isso que os ingleses chamam *sweating system*; apesar de um trabalho contínuo, a operária não ganhava o suficiente para atender às suas necessidades. Jules Simon em *L'Ouvrière* e até o conservador Leroy-Beaulieu em *Le Travail des femmes au XIX*[e], publicado em 1873, denunciam abusos odiosos; este último declara que mais de duzentas mil operárias francesas não chegam a ganhar cinquenta cêntimos por dia. Compreende-se que se tenham apressado em emigrar para as manufaturas; aliás, fora destas, em pouco tempo não lhes restarão senão os trabalhos de agulha, a lavanderia e a domesticidade, ofícios todos de escravos e pagos com salários de fome; até a renda, a roupa

branca etc. são tomadas pela fábrica; em compensação há oferecimentos maciços de emprego nas indústrias do algodão, da lã e da seda; as mulheres são principalmente utilizadas na fiação e na tecelagem. Os patrões muitas vezes as preferem aos homens. "Trabalham melhor e mais barato." Esta fórmula cínica esclarece o drama do trabalho feminino. Porque é pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de ser humano; mas foi uma conquista singularmente árdua e lenta. Fiação e tecelagem realizam-se em condições higiênicas lamentáveis. "Em Lyon", escreve Blanqui, "nos ateliês de passamanaria, as mulheres são obrigadas a trabalhar quase suspensas a correias, servindo-se dos pés e das mãos ao mesmo tempo." Em 1831, as operárias da seda trabalhavam das três horas da manhã até as onze da noite no verão, ou seja, dezessete horas por dia, "em locais amiúde malsãos e onde não penetram nunca os raios do sol. Metade dessas moças tornam-se tuberculosas antes de terminar seu aprendizado. Quando se queixam, acusam-nas de fazerem fita", diz Norbert Truquin.[55] Além disso, os empregados abusavam das jovens operárias. "Para conseguir o que queriam, valiam-se dos meios mais revoltantes, a necessidade e a fome", diz o autor anônimo de *La Vérité sur les événements de Lyon*. As mulheres acumulam o trabalho agrícola com o da fábrica. Exploram-nas cinicamente. Marx conta em uma nota de *O capital*: "O sr. E., industrial, disse-me que só empregava mulheres nos seus teares mecânicos, que dava preferência às mulheres casadas e, entre elas, às que tinham família em casa, porque mostravam mais atenção e docilidade do que as celibatárias e trabalhavam até o esgotamento de suas forças, a fim de conseguir os meios indispensáveis à subsistência dos seus. Assim é que as qualidades inerentes à mulher são deturpadas em seu próprio detrimento, e todos os elementos morais e delicados de sua natureza se transformam em meios de escravizá-la e fazê-la sofrer." Resumindo *O capital* e comentando Bebel, G. Derville escreve: "Animal de luxo ou animal de carga, eis o que é, hoje, quase exclusivamente a mulher. Mantida pelo homem quando não trabalha é ainda mantida por ele quando se mata no trabalho." A situação da operária era tão lamentável que Sismondi e Blanqui pedem que se proíba o acesso das mulheres às fábricas. A razão disso está em parte no fato de as mulheres não terem sabido, desde o início, organizar-se em sindicatos. As "associações" femininas datam de 1848 e, a princípio, são associações de produção. O movimento progride com extrema lentidão, como se vê pelas cifras seguintes:

Em 1905 contam-se 69.405 mulheres num total de 781.392 sindicalizados;

Em 1908 contam-se 88.906 mulheres num total de 957.120 sindicalizados;

Em 1912 contam-se 92.336 mulheres num total de 1.064.413 sindicalizados;

Em 1920 contam-se 239.016 operárias e empregadas sindicalizadas para 1.580.967 trabalhadores e, entre as trabalhadoras agrícolas, somente 36.193 sindicalizadas entre 1.083.957, ou seja, ao todo 292.000 mulheres sindicalizadas num conjunto de 3.076.585 trabalhadores inscritos nos sindicatos. É uma tradição de resignação e de submissão, uma falta de solidariedade e de consciência coletiva que as deixam assim desarmadas diante das novas possibilidades que se abrem para elas.

Resulta dessa atitude que só lenta e tardiamente foi o trabalho feminino regulamentado. É preciso esperar até 1874 para que a lei intervenha; e, apesar das campanhas levadas a efeito durante o Império, só duas disposições referem-se às mulheres; uma delas proíbe às menores o trabalho noturno e exige que se lhes dê descanso nos domingos e feriados. Seu dia de trabalho é limitado a doze horas; quanto às mulheres de mais de vinte e um anos, restringem-se a proibir-lhes o trabalho subterrâneo nas minas e nas pedreiras. A primeira carta de trabalho feminino data de 2 de novembro de 1892; ela proíbe o trabalho noturno e limita o horário da fábrica, mas deixa a porta aberta a todas as fraudes. Em 1900, esse horário é fixado em dez horas; em 1905, o descanso hebdomadário torna-se obrigatório; em 1907, a trabalhadora obtém a livre disposição de seu ganho; em 1909, é assegurada licença remunerada às parturientes; em 1911, os dispositivos de 1892 são revalidados imperativamente; em 1913, regulamentam-se as modalidades concernentes ao descanso das mulheres antes e depois do parto, e são proibidos a elas trabalhos perigosos e excessivos. Pouco a pouco, a legislação social constitui-se e o trabalho feminino cerca-se de garantias de higiene: exigem-se assentos para as vendedoras, sendo proibida a demorada permanência diante dos mostruários exteriores etc. O BIT conseguiu realizar convenções internacionais acerca das condições sanitárias do trabalho feminino, das férias remuneradas a serem concedidas em caso de gravidez etc.

Uma segunda consequência da inércia resignada das trabalhadoras foram os salários com que tiveram de se contentar. Foram propostas várias explicações para o fenômeno — que depende de um conjunto de fatores — de os salários femininos terem sido fixados num nível tão baixo. Não basta dizer que as necessidades das mulheres são menores do que as dos homens; isso é apenas uma justificação posterior. O mais certo é, como se viu, que as mulheres não souberam defender-se contra seus exploradores; tinham que enfrentar a concorrência das prisões que lançavam no mercado produtos

fabricados sem despesa de mão de obra. Elas se faziam mutuamente concorrência. É preciso, ademais, observar que é no seio de uma sociedade em que subsiste a comunidade conjugal que a mulher procura emancipar-se pelo trabalho; ligada ao lar do pai e do marido, contenta-se, na maioria das vezes, com trazer para casa um auxílio; trabalha fora da família mas para esta; e como não se trata, para a operária, de atender à totalidade de suas necessidades, ela é induzida a aceitar uma remuneração muito inferior à exigida por um homem. Contentando-se grande quantidade de mulheres com salários inferiores, o conjunto do salário feminino alinha-se naturalmente nesse nível, que é o mais vantajoso para o empregador.

Na França, segundo pesquisa realizada em 1889-1893, para um dia de trabalho igual ao de um homem, a operária só obtinha metade da remuneração masculina. Segundo a pesquisa de 1908, os mais altos salários horários das operárias trabalhando em domicílio não ultrapassavam vinte cêntimos por hora e desciam, às vezes, até cinco cêntimos. Era impossível à mulher, assim explorada, viver sem esmola ou sem protetor. Na América do Norte, em 1918, a mulher recebia apenas metade do salário masculino. Nessa mesma época, por igual quantidade de carvão extraído das minas alemãs, a mulher ganhava 25% menos do que o homem. Entre 1911 e 1943, os salários femininos, na França, se elevaram um pouco mais rapidamente do que os dos homens, mas permaneceram nitidamente inferiores.

Se os empregadores acolheram com interesse as mulheres por causa dos baixos salários que elas aceitavam, o mesmo fato provocou resistências entre os trabalhadores masculinos. Entre a causa do proletariado e a das mulheres, não houve uma solidariedade tão imediata quanto o pretendiam Bebel e Engels. O problema apresentou-se mais ou menos da mesma maneira que o da mão de obra negra nos Estados Unidos. As minorias mais oprimidas de uma sociedade são, amiúde, utilizadas pelos opressores como arma contra o conjunto da classe a que pertencem. Em consequência, elas são consideradas inicialmente inimigas e é preciso uma consciência mais profunda da situação para que os interesses dos negros e dos brancos, das operárias e dos operários se coliguem, em vez de se oporem uns aos outros. Compreende-se que os trabalhadores masculinos tenham, primeiramente, visto nesta concorrência uma temível ameaça e se tenham mostrado hostis. Somente quando as mulheres se integraram na vida sindical é que puderam defender seus próprios interesses e deixar de pôr em perigo os da classe operária em seu conjunto.

A despeito de todas essas dificuldades, a evolução do trabalho feminino prosseguiu. Em 1900, contavam-se ainda, na França, 900.000 operárias trabalhando em domicílio que fabricavam roupas, objetos de couro e pele, coroas mortuárias, bolsas, adornos de miçangas, bijuterias; mas esse número diminuiu consideravelmente. Em 1906, 42% das mulheres em idade de trabalhar (entre 18 e 60 anos) estavam empregadas na agricultura, na indústria, no comércio, nos bancos, nas companhias de seguros, nos escritórios e em profissões liberais. Esse movimento precipitou-se no mundo inteiro em virtude da crise de mão de obra de 14-18 e da última guerra mundial. A pequena e a média burguesia decidiram segui-lo, e as mulheres invadiram também as profissões liberais. De acordo com um dos últimos recenseamentos de antes da última guerra, verifica-se que sobre a totalidade das mulheres de 18 a 60 anos trabalham, na França, cerca de 42%, na Finlândia 37%, na Alemanha 34,2%, na Índia 27,7%, na Inglaterra 26,9%, na Holanda 19,2%, nos Estados Unidos 17,7%. Mas na França e na Índia é por causa do trabalho rural que as cifras são tão elevadas. Excetuando-se as mulheres que trabalham nos campos, contavam-se, na França, em 1940, cerca de 500.000 chefes de estabelecimentos, um milhão de empregadas, dois milhões de operárias e um milhão e meio de trabalhadoras isoladas ou desempregadas. Entre as operárias há 650.000 domésticas; 1.200.000 trabalham nas indústrias de transformação, sendo 440.000 na indústria têxtil, 315.000 na confecção, 380.000 em domicílio como costureiras. No que concerne ao comércio, às profissões liberais, aos serviços públicos, França, Inglaterra e Estados Unidos encontram-se mais ou menos em pé de igualdade.

Um dos problemas essenciais que se colocam a respeito da mulher é, já o vimos, a conciliação de seu papel de reprodutora com seu trabalho produtor. A razão profunda que, na origem da história, vota a mulher ao trabalho doméstico e a impede de participar da construção do mundo é sua escravização à função geradora. As fêmeas dos animais têm um ritmo do cio e das estações que assegura a economia de suas forças; ao contrário, entre a puberdade e a menopausa, a natureza não limita a capacidade de gestação da mulher. Certas civilizações proíbem as uniões precoces; citam-se tribos de índios em que se exige que se assegure à mulher um intervalo de repouso de dois anos entre cada parto; mas, no conjunto, durante séculos, não se regulamentou a fecundidade feminina. Existem, desde a Antiguidade,[56] práticas anticoncepcionais, destinadas em geral à mulher: poções, supositórios, tampões vaginais, mas que são segredos das prostitutas e

dos médicos; talvez desse segredo tenham tido conhecimento as romanas da decadência, cuja esterilidade os satíricos exprobravam. Mas a Idade Média ignorou-as; até o século XVIII não se encontra vestígio disso. Para muitas mulheres, a vida era então uma série ininterrupta de partos; mesmo as mulheres de maus costumes pagavam suas licenças amorosas com numerosas maternidades. Em certas épocas, a humanidade sentiu muito a necessidade de reduzir a população, mas, ao mesmo tempo, as nações receavam enfraquecer-se. Nas épocas de crise e de miséria era retardando a idade de casamento para os celibatários que se realizava uma baixa do índice de nascimentos. A regra continuava a ser: casar cedo e ter tantos filhos quanto os pudesse engendrar a mulher; somente a mortalidade infantil diminuía o número de crianças vivas. Já no século XVII, o abade de Purê[57] protesta contra a "hidropisia amorosa" a que as mulheres estão condenadas; e Mme de Sévigné recomenda à filha que evite engravidar-se com frequência. Mas é no século XVIII que a tendência malthusiana se desenvolve em França. A princípio, as classes abastadas, e depois o conjunto da população, consideram razoável restringir o número de filhos de acordo com os recursos dos pais, e os processos anticoncepcionais principiam a introduzir-se nos costumes. Em 1778 o demógrafo Moreau escreve: "As mulheres ricas não são as únicas a encarar a propagação da espécie como uma bobagem dos velhos tempos; esses funestos segredos, desconhecidos dos demais animais, penetraram nos campos; até nas aldeias engana-se a natureza." A prática do *coitus interruptus* expande-se na burguesia a princípio e em seguida nas populações rurais e entre os operários; o preservativo, que já existia como produto antivenéreo, torna-se anticoncepcional e espalha-se por toda parte após a descoberta da vulcanização, por volta de 1840.[58] O controle de natalidade é oficialmente autorizado nos países anglo-saxões e descobrem-se numerosos métodos de dissociar essas duas funções, antes inseparáveis: a sexual e a reprodutora. Os trabalhos da medicina vienense estabelecem com precisão o mecanismo da concepção, e as condições que lhe são favoráveis sugerem também os modos de evitá-la. Em França, a propaganda anticoncepcional e a venda de pessários, tampões vaginais etc. é proibida; nem por isso o controle de natalidade se expande menos.

Quanto ao aborto, em nenhum lugar é ele autorizado oficialmente pela lei. O direito romano não concedia proteção especial à vida embrionária; não encarava o *nasciturus* como um ser humano, e sim como parte do corpo materno. *Partus antequam edatur milieris portio est vel viscerum*.[59] Na época da

decadência, o aborto apresentava-se como prática normal e, quando o legislador quis incentivar os nascimentos, não ousou proibi-lo. Se a mulher recusava o filho contra a vontade do marido, este podia mandar puni-la; mas era a desobediência que constituía o delito. No conjunto da civilização oriental e greco-romana, o aborto era permitido por lei.

Foi o cristianismo que, nesse ponto, revolucionou as ideias morais, dotando o embrião de uma alma; então o aborto tornou-se um crime contra o próprio feto. "Toda mulher que age de maneira a não gerar todos os filhos que poderia torna-se culpada de um número igual de homicídios, da mesma forma que aquela que procura ferir-se depois da concepção", diz santo Agostinho. Em Bizâncio, o aborto só acarretava uma relegação temporária; entre os bárbaros que praticavam o infanticídio não era este censurável senão quando perpetrado por violência e contra a vontade da mãe: compensavam-no pagando-o com sangue. Mas os primeiros concílios editam contra esse "homicídio" as mais severas penas, qualquer que seja a idade presumida do feto. Entretanto, uma questão se põe então, que se torna objeto de discussões infinitas: em que momento a alma penetra no corpo? São Tomás e a maioria dos autores fixaram a animação no quadragésimo dia para as crianças do sexo masculino e no octagésimo para as do sexo feminino; fez-se então uma distinção entre o feto animado e o feto inanimado. Durante a Idade Média, o livro penitencial declara: "Se uma mulher grávida faz perecer seu fruto antes de quarenta e cinco dias, sofre uma penitência de um ano. Se o fizer ao fim de sessenta, de três anos. Finalmente, se a criança já estiver com alma deverá a mulher ser tratada como homicida." Entretanto, o livro acrescenta: "Há uma grande diferença entre a mulher pobre que destrói o filho por causa da dificuldade que tem em nutri-lo e a que não tem outro fim senão esconder o crime de fornicação." Em 1556, Henrique II publicou um edito célebre sobre a receptação da gravidez; sendo a simples receptação punida com a pena de morte, deduziu-se que com maior razão a pena deveria ser aplicada às práticas abortivas. Na realidade era o infanticídio a que o edito visava, mas ele serviu de apoio para decretar a pena de morte contra os autores e cúmplices do aborto. A distinção entre feto com alma e feto sem alma desapareceu no século XVIII. No fim deste século, Beccaria, cuja influência foi considerável na França, fez a defesa da mulher que recusa o filho. O código de 1791 desculpa-a, mas pune seus cúmplices com "20 anos de ferros". A ideia de que o aborto é um crime desaparece no século XIX: consideram-no antes um crime contra o Estado. A lei de 1810 proíbe-o absolutamente sob pena de reclusão e trabalhos forçados

para a abortada e seus cúmplices. Na realidade, os médicos praticam-no sempre quando se trata de salvar a vida da mãe. E, exatamente, por ser a lei severa demais, os jurados deixam de aplicá-la em fins do século. Havia, apenas, um ínfimo número de prisões e 4/5 das acusadas eram absolvidas. Em 1923, nova lei prevê ainda trabalhos forçados para os cúmplices e autores da intervenção, mas pune a mulher somente com prisão e com multa; em 1939, novo decreto visa especialmente aos técnicos; nenhum *sursis* lhes será mais concedido. Em 1941, o aborto foi decretado crime contra a segurança do Estado. Nos outros países é um delito sancionado com penas correcionais. Na Inglaterra, entretanto, é um crime de *felony*, punido com prisão ou trabalhos forçados. Em geral, códigos e tribunais têm muito mais indulgência para com a abortada do que para com seus cúmplices. Entretanto, a Igreja em nada modificou seu rigor. O código de direito canônico promulgado a 27 de março de 1917 declara: "Os que provocam o aborto, desde que conseguido o efeito, incorrem, sem exceção da mãe, em excomunhão *latae sententiae* a cargo do bispo." Nenhum motivo pode ser alegado, nem mesmo o perigo de morte a que se exponha a mãe. Ainda há pouco, o papa declarou que entre a vida da mãe e a do filho cumpre sacrificar a primeira; efetivamente, sendo a mãe batizada, pode alcançar o céu — curiosamente, o inferno nunca intervém nesses cálculos —, ao passo que o feto fica votado ao limbo para sempre.[60]

Foi somente durante curto período que se autorizou oficialmente o aborto na Alemanha, antes do nazismo, e na União Soviética, antes de 1936. Mas, apesar da religião e das leis, ele ocupa, em todos os países, um lugar considerável. Na França, contam-se anualmente de 800 mil a um milhão — número equivalente ao dos nascimentos —, sendo que dois terços das mulheres abortadas são casadas e já com um ou dois filhos. Apesar das resistências, dos preconceitos, das sobrevivências de uma moral obsoleta, viu-se, portanto, realizar-se a passagem de uma fecundidade livre a uma fecundidade dirigida pelo Estado ou pelos indivíduos. Os progressos da obstetrícia diminuíram consideravelmente os perigos do parto; os sofrimentos tendem a desaparecer; nestes últimos dias — março de 1949 —, decretou-se na Inglaterra que o emprego de certos métodos de anestesia era obrigatório, métodos esses já aplicados em geral nos Estados Unidos e que começam a expandir-se na França. Pela inseminação artificial, termina-se a evolução que permitirá à humanidade controlar a função reprodutora. Essas modificações têm, para a mulher em particular, imensa importância; podem diminuir o número de períodos de gravidez e integrá-la racionalmente em sua vida, em vez de

permanecer escrava desta. Por sua vez, a mulher durante o século XIX liberta-se da natureza: torna-se senhora de seu corpo. Livre em grande parte das servidões da reprodução, pode desempenhar o papel econômico que se lhe propõe e lhe assegurará a conquista total de sua pessoa.

É pela convergência destes dois fatores: participação na produção, libertação da escravidão da reprodução, que se explica a evolução da condição da mulher. Como o previra Engels, seu estatuto social e político deveria necessariamente transformar-se. O movimento feminista esboçado na França por Condorcet, na Inglaterra por Mary Wollstonecraft em sua obra *Vindication of the Rights of Women*, e reiniciado no princípio do século pelos saint-simonianos, não pôde atingir um resultado enquanto careceu de bases concretas. Agora, as reivindicações da mulher vão pesar realmente na balança. Elas serão ouvidas até no seio da burguesia. Em consequência do rápido desenvolvimento da civilização industrial, a propriedade imobiliária recua ante a propriedade mobiliária: o princípio da unidade do grupo familiar perde parte de sua força. A mobilidade do capital permite a seu detentor possuir e dispor de sua fortuna em vez de ser por ela possuído. Através do patrimônio é que a mulher se achava substancialmente presa ao marido; abolido o patrimônio, encontram-se eles somente justapostos e os próprios filhos não constituem laço de solidez comparável à do interesse. Assim o indivíduo vai afirmar-se contra o grupo; essa revolução é particularmente impressionante na América do Norte, onde a forma moderna do capitalismo triunfa: o divórcio aí se desenvolve e marido e mulher apresentam-se desde então como simples associados provisórios. Na França, onde a população rural é importante, onde o Código Napoleão colocou sob tutela a mulher casada, a evolução será lenta. Em 1884, o divórcio é restabelecido e a mulher pode obtê-lo, no caso de o marido cometer adultério; entretanto, do ponto de vista penal, a diferença entre os sexos é mantida: o adultério só é um delito quando perpetrado pela mulher. O direito de tutela outorgado com restrições em 1907 só é plenamente conquistado em 1917. Em 1912, autorizou-se a pesquisa da paternidade natural. Mas foi preciso esperar até 1938 e 1942 para ver modificado o estatuto da mulher casada; revoga-se então o dever de obediência, embora o pai continue a ser chefe da família; ele fixa o domicílio, mas a mulher pode opor-se à escolha, apresentando razões válidas; suas capacidades são ampliadas, mas a fórmula é confusa: "A mulher casada tem plena capacidade de direito. Esta só é limitada pelo contrato de casamento e a lei", a última parte do artigo contesta a primeira. A igualdade dos esposos não está ainda realizada.

Quanto aos direitos políticos, não foi sem dificuldade que foram conquistados na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos. Em 1867, Stuart Mill fazia, perante o Parlamento, a primeira defesa oficialmente pronunciada do voto feminino. Reclamava imperiosamente, em seus escritos, a igualdade da mulher e do homem no seio da família e da sociedade. "Estou convencido de que as relações sociais dos dois sexos, que subordinam um sexo a outro em nome da lei, são más em si mesmas e constituem um dos principais obstáculos que se opuseram ao progresso da humanidade; estou convencido de que devem ser substituídas por uma igualdade perfeita." Seguindo-lhes os passos, as inglesas organizaram-se politicamente sob a direção de Mrs. Fawcett; as francesas agrupam-se em torno de Maria Deraismes, que entre 1868 e 1871 estuda, em uma série de conferências públicas, a sorte da mulher; sustenta uma viva controvérsia com Alexandre Dumas Filho, que aconselha ao marido traído por uma mulher infiel: "Mate-a." Foi Léon Richier o verdadeiro fundador do feminismo, criando em 1869 *Les Droits de la femme* e organizando o congresso internacional desses direitos em 1878. A questão do direito de voto não é ainda ventilada: as mulheres restringem-se a reclamar direitos civis; durante trinta anos o movimento permanecerá muito tímido, na França como na Inglaterra. Uma mulher, entretanto, Hubertine Auclert, inicia uma campanha sufragista; cria o grupo *Suffrage des femmes* e o jornal *La Citoyenne*. Numerosas sociedades constituem-se sob sua influência mas com atuação bem pouco eficiente. Essas fraquezas do feminismo têm suas causas nas dissensões intestinas; em verdade, como já se disse, as mulheres não são solidárias enquanto sexo; acham-se primeiramente ligadas à sua classe; os interesses das burguesas e os das mulheres proletárias não coincidem. O feminismo revolucionário reata com a tradição saint-simoniana e marxista; é preciso observar, de resto, que Louise Michel se pronuncia contra o feminismo porque esse movimento não leva senão a um desvio de forças que devem ser inteiramente empregadas na luta de classe; com a abolição do capital, o destino das mulheres estará resolvido.

Em 1879, o congresso socialista proclamou a igualdade dos sexos e, desde então, a aliança feminismo-socialismo nunca mais foi denunciada, porquanto é da emancipação dos trabalhadores em geral que as mulheres esperam a liberdade, não se prendendo senão de um modo secundário à sua própria causa. As burguesas, ao contrário, reclamam novos direitos dentro da sociedade tal qual é, negando serem revolucionárias; querem introduzir reformas virtuosas nos costumes: supressão do alcoolismo, da literatura pornográfica, da prostituição. Em 1892, reúne-se o chamado Congresso Feminista que deu seu

nome ao movimento; dele não resulta grande coisa. Entretanto, em 1897, aprova-se uma lei que permite às mulheres serem testemunhas em processos, mas é negado o pedido de uma doutora em direito de exercer a profissão. Em 1898, elas obtêm o direito de voto no Tribunal do Comércio, o mesmo direito e a elegibilidade no Conselho Superior do Trabalho, e o de admissão ao Conselho Superior da Assistência Pública e à Escola de Belas Artes. Em 1900, novo congresso reúne os feministas: mas não conduz a grandes resultados. Entretanto, pela primeira vez, em 1901, a questão do voto feminino é apresentada por Viviani à Câmara. Propõe ele, de resto, restringir o voto às celibatárias e às divorciadas. Nesse momento, o movimento feminista ganha terreno. Em 1909, é fundada a União Francesa pelo Sufrágio das Mulheres, cuja animadora é Mme Brunschwig; organiza conferências, comícios, congressos, manifestações. Em 1909, a propósito de um projeto de Dussausoy, Buisson apresenta um parecer concedendo direito de voto às mulheres para as assembleias locais. Em 1910, Thomas apresenta um projeto de lei a favor do sufrágio feminino. Renovado em 1918, triunfa em 1919 na Câmara, porém malogra no Senado em 1922. A situação é bastante complexa. Ao feminismo revolucionário, ao feminismo independente de Mme Brunschwig juntou-se o feminismo cristão. Bento XV, em 1919, pronuncia-se a favor do voto feminino; Monsenhor Baudrillart e o padre Sertillanges fazem ardorosa propaganda nesse sentido; os católicos pensam, com efeito, que as mulheres representam, na França, um elemento conservador e religioso; é, em verdade, o que temem os radicais. A verdadeira razão de sua oposição está no medo que têm de um deslocamento da votação em se dando às mulheres o direito de voto. No Senado, numerosos católicos, o grupo da União Republicana e, por outro lado, os partidos de extrema esquerda são pelo voto das mulheres; mas a maioria da Assembleia é contra. Até 1932, ela vale-se de processos dilatórios e recusa-se a discutir os projetos concernentes ao sufrágio feminino. Nesse ano, entretanto, tendo a Câmara aprovado por 319 votos contra um a emenda que dava às mulheres direito de votar e eleger-se, o Senado abriu um debate que durou várias sessões e a emenda foi rejeitada. A ata da última sessão, publicada pelo *Officiel*, é das mais significativas; nela se encontram os argumentos que os antifeministas desenvolveram durante meio século em obras cuja enumeração seria fastidiosa. Em primeiro lugar, os argumentos galantes como: gostamos demais das mulheres para deixá-las votar; exalta-se, à maneira de Proudhon, a "verdadeira mulher" que aceita o dilema "cortesã ou dona de casa"; votando, a mulher perderia seu encanto; está num pedestal, que não desça dele; tem tudo a perder

e nada a ganhar tornando-se eleitora; governa os homens sem necessidade da cédula eleitoral etc. Mais gravemente objeta-se com o interesse da família: o lugar da mulher é em casa; as discussões políticas provocariam a discórdia no lar. Alguns confessam um antifeminismo moderado. As mulheres são diferentes do homem. Não fazem serviço militar. Deverão votar as prostitutas? Outros afirmam com arrogância sua superioridade de machos: votar é uma obrigação, não um direito, as mulheres não são dignas desse dever. São menos inteligentes e menos instruídas do que os homens. Se votassem, os homens se tornariam efeminados. Não têm educação política, votariam em obediência ao marido. Se querem ser livres, que se libertem antes de tudo de suas costureiras. Propõe-se este argumento de soberba ingenuidade: há mais mulheres do que homens na França. A despeito da pobreza de todas essas objeções, foi preciso esperar até 1945 para que a francesa conquistasse todas as suas capacidades políticas.

A Nova Zelândia já em 1893 concedera à mulher a plenitude de seus direitos; seguiu-se a Austrália em 1908. Mas, na Inglaterra e na América do Norte, a vitória foi difícil. A Inglaterra vitoriana restringia imperiosamente a mulher ao lar; Jane Austen escondia-se para escrever. Era preciso muita coragem e um destino excepcional para tornar-se George Eliot ou Emily Brontë. Em 1888, um sábio inglês escrevia: "As mulheres não somente não são a raça como não são sequer a metade da raça, mas sim uma subespécie destinada unicamente à reprodução." Mrs. Fawcett funda, em fins do século, o movimento sufragista, mas trata-se, como na França, de um movimento tímido. É por volta de 1903 que as reivindicações femininas assumem uma feição particular. A família Pankhurst cria em Londres a *Woman Social and Political Union*, que se alia ao Partido Trabalhista e empreende uma ação resolutamente militante. É a primeira vez na história que se vê as mulheres tentarem um esforço como mulheres; é o que empresta um interesse particular à aventura das sufragistas da Inglaterra e da América do Norte. Durante quinze anos realizam uma política de pressão que lembra por certos aspectos a atitude de um Gandhi. Recusando a violência, inventam sucedâneos mais ou menos engenhosos. Invadem o Albert Hall durante os comícios do Partido Liberal, brandindo flâmulas de pano ordinário em que se inscrevem as palavras *Vote for women*; penetram à força no gabinete de Lorde Asquith, promovem comícios em Hyde Park ou Trafalgar Square, desfilam pelas ruas com cartazes, fazem conferências; no decurso das manifestações, insultam os policiais ou atacam-nos a pedradas a fim de suscitar processos; na prisão, adotam a tática da greve da fome; angariam fundos, reúnem em torno delas milhões de mulheres e de

homens; impressionam a tal ponto a opinião que, em 1907, há duzentos membros do Parlamento que constituem uma comissão para propugnar pelo sufrágio feminino; a partir de então, todos os anos alguns deles apresentam um projeto de lei favorável ao voto das mulheres, projeto que é sempre rejeitado com os mesmos argumentos. Foi em 1907 que a WSPU organizou a primeira marcha pelo Parlamento e da qual participam numerosas trabalhadoras de xale e algumas mulheres da aristocracia. A polícia rechaçou-as, mas no ano seguinte, tendo havido uma ameaça de se proibir às mulheres casadas o trabalho em certas galerias das minas, as operárias do Lancashire foram convidadas pela WSPU para um grande comício em Londres. Houve novas prisões a que as sufragistas responderam, em 1909, com uma prolongada greve de fome. Libertadas, organizam novos cortejos; uma delas, montada em um cavalo lambuzado de cal, representa a rainha Isabel. A 18 de julho de 1910, dia em que a lei sobre o sufrágio feminino deveria ser apresentada à Câmara, houve em Londres um desfile de nove quilômetros de extensão; rejeitada a lei, verificaram-se novos comícios e novas prisões. Em 1912, elas adotam uma tática mais violenta: incendeiam casas inabitadas, laceram quadros, espezinham canteiros, jogam pedras contra a polícia; ao mesmo tempo, enviam delegação após delegação a Lloyd George e a Sir Edmond Grey; escondem-se no Albert Hall e interrompem ruidosamente os discursos de Lloyd George. A guerra susta suas atividades. É muito difícil saber em que medida tal ação apressou os acontecimentos. O direito de voto foi concedido às inglesas primeiramente em 1918, de maneira restrita, e em seguida em 1928, sem restrições. Foram em grande parte os serviços que prestaram durante a guerra que lhes valeram o êxito.

As mulheres norte-americanas encontram-se, a princípio, mais emancipadas do que as europeias. No início do século XIX, essas mulheres viram-se obrigadas a tomar parte no duro trabalho de pioneiro, executado pelos homens; lutaram ao lado deles. Eram muito menos numerosas do que eles e em consequência valorizaram-se muitíssimo. Mas, pouco a pouco, sua condição aproximou-se da das mulheres do Velho Mundo. Conservou-se a galanteria com que as tratavam. E elas conservaram também certos privilégios culturais e uma posição dominante dentro da família; as leis concediam-lhes benevolamente um papel religioso e moral; mas as rédeas da sociedade continuavam, contudo, nas mãos dos homens. Algumas começaram, por volta de 1830, a reivindicar direitos políticos. Empreenderam igualmente uma campanha a favor dos negros. Tendo-lhe sido vedado participar do congresso antiescravista de Londres, em 1840, a quacre

Lucretia Mott fundou uma associação feminista. Numa reunião realizada em 1840 em Sêneca Falls, redigiram elas um manifesto de inspiração quacre e que deu o tom a todo o feminismo norte-americano. "O homem e a mulher foram criados iguais e providos pelo Criador de direitos inalienáveis... O governo é feito tão somente para salvaguardar esses direitos... O homem faz da mulher casada uma morta cívica... Usurpa as prerrogativas de Jeová que é o único a designar aos homens sua esfera de ação." Três anos depois, Mme Beecher-Stowe escreve *A cabana do pai Tomás*, que subleva a opinião pública a favor dos negros. Emmerson e Lincoln apoiam o movimento feminista. Quando rebenta a Guerra da Secessão, as mulheres dela participam com ardor: mas em vão solicitam que a emenda que outorga o direito de voto aos negros assim se redija: "Nem cor nem *sexo*... constituem obstáculo ao direito eleitoral." Entretanto, ante a ambiguidade de um dos artigos da emenda, Miss Anthony, grande líder feminista, vale-se do pretexto para votar em Rochester, juntamente com quatorze companheiras. Foi condenada a cem dólares de multa. Em 1869, funda ela a Associação Nacional para o Sufrágio das Mulheres e nesse mesmo ano o estado de Wyoming concede o direito de voto às mulheres. Mas é somente em 1893 que o Colorado e, em seguida, em 1896, Idaho e Utah seguem o exemplo. A partir de então os progressos são muito lentos. Mas no terreno econômico as mulheres alcançam maior êxito do que na Europa. Há, em 1900 nos Estados Unidos, 5 milhões de mulheres trabalhando, das quais 1.300.000 na indústria, 500 mil no comércio; bom número delas encontra-se no comércio, na indústria, nos negócios e nas profissões liberais. Há advogadas, médicas e 3.373 mulheres-pastores. A famosa Mary Baker Eddy funda a Christian Scientist Church. As mulheres habituam-se a reunir-se em clubes, os quais, em 1900, agregam cerca de dois milhões de membros.

Entretanto, somente nove Estados deram às mulheres direito de voto. Em 1913, o movimento sufragista organiza-se nos moldes do movimento militante inglês. Dirigem-no duas mulheres: Miss Stevens e uma jovem quacre, Alice Paul. Obtêm de Wilson autorização para desfilar num grande cortejo com flâmulas e insígnias; organizam, em seguida, uma campanha de conferências, comícios, desfiles e manifestações de toda espécie. Dos nove Estados em que o voto feminino é admitido, as eleitoras dirigem-se com grande solenidade ao Capitólio, reclamando o sufrágio feminino para toda a nação. Em Chicago vê-se pela primeira vez as mulheres se unirem a fim de libertar seu sexo: a assembleia transforma-se no "Partido das Mulheres". Em 1917, as sufragistas inventam uma nova tática: instalam-se de plantão às portas da Casa Branca, brandindo flâmulas e, muitas

vezes, acorrentadas às grades para que não as possam expulsar. No fim de seis meses prendem-nas e enviam-nas à penitenciária de Oxcaqua; elas fazem greve de fome e acabam sendo soltas. Novos desfiles acarretam arruaças. O governo consente, afinal, em nomear uma Comissão de sufrágio na Câmara. A Comissão Executiva do Partido das Mulheres participa de uma conferência em Washington; em consequência, a emenda a favor do voto feminino é apresentada e aprovada pela Câmara a 10 de janeiro de 1918. Resta conseguir o voto do Senado. Não tendo Wilson prometido exercer uma pressão suficiente, as sufragistas recomeçam a fazer manifestações; realizam um comício às portas da Casa Branca. O presidente resolve dirigir um apelo ao Senado, mas a emenda é rejeitada por uma maioria de dois votos. É um Congresso republicano que aprova a emenda em junho de 1919. A luta pela completa igualdade dos sexos prossegue, em seguida, durante dez anos. Na sétima conferência das repúblicas americanas realizada em Havana, em 1928, as mulheres obtêm a criação de uma Comissão Interamericana das Mulheres. Em 1933, os tratados de Montevidéu melhoram a condição da mulher mediante uma convenção internacional. Dezenove repúblicas americanas assinam essa convenção, que concede às mulheres a igualdade de todos os direitos.

Na Suécia existe também um movimento feminista muito importante. Em nome das velhas tradições, as suecas reivindicam o direito "à instrução, ao trabalho, à liberdade". São principalmente as letradas que dirigem a luta e é o aspecto moral do problema que as interessa primeiramente; mais tarde, reunidas em associações poderosas, elas conquistam os liberais, mas chocam-se contra os conservadores. As norueguesas, em 1907, e as finlandesas, em 1906, obtêm o sufrágio que as suecas ainda têm de esperar durante muitos anos.

Os países latinos, como os países orientais, oprimem a mulher pelo rigor dos costumes mais do que pelo rigor das leis. Na Itália, o fascismo freou sistematicamente a evolução do feminismo. Procurando a aliança da Igreja, respeitando a família e prolongando uma tradição de escravidão feminina, a Itália fascista escravizou duplamente a mulher: aos poderes públicos e ao marido. A situação foi muito diferente na Alemanha. Em 1790, o estudante Hippel lançara o primeiro manifesto do feminismo alemão. No início do século XIX florescera um feminismo sentimental, análogo ao de George Sand. Em 1848, a primeira feminista alemã, Louise Otto, reclamava para as mulheres o direito de ajudar a transformar o país: seu feminismo era essencialmente nacionalista. Ela fundava em 1865 a Associação Geral das Mulheres Alemãs. Entrementes, os socialistas alemães reclamam, com Bebel, a abolição da desigualdade dos sexos. Clara Zetkin entra, em 1892, para os conselhos do

Partido. Surgem associações operárias femininas e uniões de mulheres socialistas agrupadas em uma Federação. As alemãs malogram em 1914 na tentativa de criar um exército nacional das mulheres, mas participam com ardor do esforço de guerra. Depois da derrota alemã, obtêm o direito de voto e tomam parte na vida política: Rosa Luxemburgo luta dentro do grupo Spartacus ao lado de Liebknecht e morre assassinada em 1919. A maioria das alemãs pronuncia-se pelo partido da ordem; muitas delas têm assento no Reichstag. É, portanto, a mulheres emancipadas que Hitler impõe de novo o ideal de Napoleão: *Küche, Kirche, Kinder*; "A presença de uma mulher desonraria o Reichstag", declarou ele. Como o nazismo era anticatólico e antiburguês, deu à mãe um lugar privilegiado; a proteção outorgada às mães solteiras e aos filhos naturais libertou, em grande parte, a mulher do casamento; como em Esparta, ela dependia do Estado muito mais do que de qualquer indivíduo, o que lhe dava ao mesmo tempo maior e menor autonomia do que a uma burguesa vivendo em regime capitalista.

Foi na Rússia que o movimento feminista teve mais amplitude. Ele se esboçara em fins do século XIX, entre as estudantes da *intelligentsia*; estas interessam-se menos pela sua causa pessoal do que pela ação revolucionária em geral; vão "ao povo", lutam contra o Okrana com métodos niilistas: Vera Zassulitch liquida, em 1878, o chefe de polícia Trepov. Durante a guerra russo-japonesa, as mulheres substituem os homens em muitos ofícios; tomam consciência de si mesmas e a União Russa pelos Direitos da Mulher reivindica a igualdade política dos sexos; cria-se no seio da primeira Duma um grupo parlamentar dos direitos da mulher, que não tem, porém, eficiência. É da revolução que virá a emancipação das trabalhadoras. Já em 1905 elas tinham participado das greves políticas de massa deflagradas no país, tinham-se entrincheirado nas barricadas. Em 1917, alguns dias antes da Revolução, por ocasião do Dia Internacional das Mulheres, 8 de março, elas realizam grande manifestação nas ruas de São Petersburgo exigindo pão, paz e o retorno dos maridos. Tomam parte na insurreição de outubro; entre 1918 e 1920 desempenham grande papel econômico e até militar na luta da URSS contra os invasores. Fiel à tradição marxista, Lenin ligou a emancipação das mulheres à dos trabalhadores; deu-lhes a igualdade política e a igualdade econômica.

O artigo 122 da Constituição de 1936 diz que: "Na URSS, a mulher goza dos mesmos direitos que o homem em todos os campos da vida econômica, oficial, cultural, pública e política." E esses princípios foram especificados pela Internacional Comunista. Esta reclama: "Igualdade social da mulher e do

homem perante a lei e na vida prática. Transformação radical do direito conjugal e do código da família. Reconhecimento da maternidade como função social. Entrega à sociedade do encargo de cuidar da educação das crianças e adolescentes. Luta civilizadora organizada contra a ideologia e as tradições que fazem da mulher uma escrava." No terreno econômico, as conquistas da mulher foram extraordinárias. Obteve a igualdade de salário com os trabalhadores masculinos e participou intensamente da produção; com isso adquiriu uma importância política e social considerável. Na brochura editada recentemente pela associação França-URSS, informa-se que nas eleições gerais de 1939 havia 457.000 deputados do sexo feminino nos Sovietes regionais, de departamentos, de cidades e de aldeias, 1.480 nos Sovietes superiores das repúblicas socialistas, 227 com assento no Soviete Supremo e cerca de 10 milhões de membros de sindicatos. As mulheres constituíam 40% do contingente dos operários e empregados da URSS: entre os *stakchanovistas* contava-se grande número de operárias. Conhece-se a contribuição da mulher russa para a última guerra; realizaram enorme trabalho, inclusive nos setores de produção em que predominam as profissões masculinas: metalurgia e minas, indústria da madeira, estradas de ferro etc. Distinguiram-se também como aviadoras, paraquedistas, e organizaram exércitos guerrilheiros.

Essa participação da mulher na vida pública suscitou um problema difícil: o de seu papel na vida familiar. Durante todo um período, houve tentativas para libertá-la dos deveres domésticos: a 16 de novembro de 1924, a Assembleia Geral do Comintern proclamou que: "A revolução é impotente enquanto subsistem a noção de família e as relações familiares." O respeito votado à livre união, a facilidade dos divórcios, a regulamentação legal do aborto asseguravam a liberdade da mulher perante o homem: leis sociais sobre licenças à parturiente, creches, jardins de infância etc. aliviavam os encargos de maternidade. É difícil, através dos testemunhos apaixonados e contraditórios, deslindar a situação concreta da mulher; o certo é que hoje as exigências da repopulação levaram a uma política familiar diferente: a família apresenta-se como a célula social elementar, e a mulher é a um tempo trabalhadora e dona de casa.[61] A moral sexual é das mais estritas; depois da lei de junho de 1936, que a de 7 de junho de 1941 reforçou, o aborto foi proibido, o divórcio quase suprimido; o adultério foi condenado pelos costumes. Estreitamente subordinada ao Estado, como todos os trabalhadores, estreitamente ligada ao lar, mas com acesso à vida política e à dignidade que confere o trabalho produtor, a mulher russa encontra-se numa condição singular que seria útil

estudar de muito perto em sua singularidade; infelizmente, as circunstâncias me impedem de fazê-lo.

Na sessão que acaba de se realizar na ONU, a comissão para a condição da mulher sugeriu que a igualdade de direitos dos dois sexos fosse reconhecida por todas as nações e aprovou várias moções tendentes a fazer desse estatuto legal uma realidade concreta. Parece, pois, que a partida está ganha. O futuro não pode conduzir senão a uma assimilação sempre mais profunda da mulher à sociedade outrora masculina.

* * *

A partir de uma visão de conjunto dessa história, várias conclusões podem ser extraídas. E primeiramente esta: toda a história das mulheres foi feita pelos homens. Assim como na América do Norte não há um problema negro, e sim um problema branco;[62] assim como "o antissemitismo não é um problema judeu; é nosso problema",[63] o problema da mulher sempre foi um problema de homens. Viu-se por que razões tiveram eles, no ponto de partida, a força física juntamente com o prestígio moral; criaram valores, costumes, religiões; nunca as mulheres lhes disputaram esse império. Algumas isoladas — Safo, Christine de Pisan, Mary Wollstonecraft, Olympe de Gouges — protestaram contra a dureza de seu destino; ocorreram, por vezes, manifestações coletivas: mas as matronas romanas, ligando-se contra a lei Ópia, ou as sufragistas anglo-saxônias, só conseguiram exercer uma pressão porque os homens estavam dispostos a aceitá-la. Eles é que sempre tiveram a sorte da mulher nas mãos; e não a decidiram em função do interesse feminino; para seus próprios projetos, seus temores, suas necessidades foi que atentaram. Se adoraram a deusa-mãe foi porque a Natureza os amedrontava; logo que o instrumento de bronze lhes permitiu enfrentá-la, instituíram o patriarcado; foi o conflito entre a família e o Estado que então definiu o estatuto da mulher; foi a atitude do cristão diante de Deus, do mundo e da própria carne que se refletiu na condição que lhe determinaram; a querela que se chamou na Idade Média "querela das mulheres" foi realizada entre clérigos e leigos a propósito do casamento e do celibato; foi o regime social fundado na propriedade privada que acarretou a tutela da mulher casada, e a revolução técnica realizada pelos homens que libertou as mulheres de hoje. Foi a evolução da ética masculina que trouxe a redução de numerosas famílias pelo controle de natalidade e libertou parcialmente a mulher das servidões da

maternidade. O próprio feminismo nunca foi um movimento autônomo; foi, em parte, um instrumento nas mãos dos políticos e, em parte, um epifenômeno refletindo um drama social mais profundo. Nunca as mulheres constituíram uma casta separada: em verdade nunca elas procuraram desempenhar um papel na história enquanto sexo. As doutrinas que reclamam o advento da mulher enquanto carne, vida, imanência, enquanto Outro, são ideologias masculinas que não exprimem de modo algum as reivindicações femininas. A maioria das mulheres aceita resignadamente a sorte sem tentar nenhuma ação; as que buscaram mudá-la não pretenderam encerrar-se em sua singularidade, nem fazê-la triunfar, mas sim sobrepujá-la. Quando intervieram no desenrolar dos acontecimentos, fizeram-no de acordo com os homens e dentro das perspectivas masculinas.

Essa intervenção, no conjunto, foi secundária e episódica. As classes em que as mulheres gozavam de certa autonomia econômica e participavam da produção eram as classes oprimidas e, como trabalhadoras, eram as mulheres mais escravas ainda do que os trabalhadores. Nas classes dirigentes as mulheres eram parasitas e, como tais, submetidas às leis masculinas: em ambos os casos, a ação era-lhes quase impossível. Os direitos e os costumes nem sempre coincidiam: e, entre eles, o equilíbrio se estabelecia de maneira que a mulher nunca fosse concretamente livre. Na antiga república romana as condições econômicas dão à matrona poderes concretos, mas ela não tem nenhuma independência legal. O mesmo ocorre comumente nas civilizações camponesas e na pequena burguesia comerciante: senhora e serva dentro de casa, a mulher é socialmente uma menor. Inversamente, nas épocas em que a sociedade se desagrega, a mulher se emancipa; mas, deixando de ser vassala do homem, perde seu feudo; tem uma liberdade exclusivamente negativa que só se traduz pela licenciosidade e pela dissipação: assim é durante a decadência romana, o Renascimento, o século XVIII e o Diretório. Ou ela consegue encontrar emprego, mas é então escravizada, ou se liberta e não tem o que fazer de si mesma. É notável, ademais, que a mulher casada tenha tido seu lugar na sociedade, mas sem gozar de nenhum direito, ao passo que a celibatária, honesta ou prostituta, tinha todas as capacidades do homem. Mas até o século atual sempre se achou mais ou menos excluída da vida social. Dessa oposição dos direitos aos costumes resultou, entre outros, este curioso paradoxo: o amor livre não é proibido pela lei, enquanto o adultério é um delito; muitas vezes, entretanto, a jovem que "erra" é desonrada, ao passo que a má conduta da mulher casada é considerada como indulgência: numerosas jovens, do século XVII aos nossos dias, casavam-se para poder ter amantes livremente.

Com esse engenhoso sistema, a maioria das mulheres é estreitamente controlada: são necessárias circunstâncias excepcionais para que entre essas duas séries de limitações, abstratas ou concretas, uma personalidade feminina consiga se afirmar. As mulheres que realizaram obras comparáveis às dos homens são as que a força das instituições sociais exaltaram além de toda diferenciação sexual. Isabel, a Católica, Isabel da Inglaterra, Catarina da Rússia não eram nem mulher nem homem: eram soberanas. É de observar que, uma vez abolida socialmente, sua feminilidade não mais tenha constituído uma inferioridade: a proporção de rainhas que realizaram grandes governos é infinitamente superior à dos grandes reis. A religião opera a mesma transformação: Catarina de Siena, santa Teresa são almas santas acima de qualquer condição fisiológica; suas vidas seculares e suas vidas místicas, suas ações e seus escritos situam-se em um nível que poucos homens alcançaram. Tem-se o direito de pensar que, se outras mulheres malograram em marcar profundamente o mundo, foi porque se acharam confinadas em sua condição. Quase que só puderam intervir de maneira negativa ou oblíqua. Judite, Charlotte Corday, Vera Zassulitch matam; as mulheres da Fronda conspiram. Durante a Revolução, durante a Comuna, mulheres lutam ao lado dos homens contra a ordem estabelecida; a uma liberdade sem direitos, sem poder, é permitido retesar-se na recusa e na revolta, ao passo que lhe é proibido participar de uma construção positiva; quando muito conseguirá ela imiscuir-se por atalhos e desvios nos empreendimentos masculinos. Aspásia, Mme de Maintenon, a princesa des Ursins foram conselheiras acatadas; contudo foi preciso que consentissem em ouvi-las. Os homens exageram, de bom grado, o alcance dessas influências quando querem convencer a mulher de que lhe cabe a melhor parte; na realidade, as vozes femininas calam-se no ponto em que principiam as ações concretas; foi-lhes possível suscitar guerras, mas não sugerir a tática de uma batalha; e quase que só orientaram a política na medida em que esta se reduzia à intriga: as alavancas de comando do mundo nunca estiveram nas mãos das mulheres; não influíram nas técnicas nem na economia, não fizeram nem desfizeram Estados, não descobriram mundos. Por causa delas, muitos acontecimentos ocorreram, mas elas foram muito mais pretextos do que agentes. O suicídio de Lucrécia só tem valor simbólico. O martírio é permitido ao oprimido; durante as perseguições dos cristãos, após as derrotas sociais ou nacionais, mulheres desempenharam esse papel de testemunhas; mas um mártir nunca mudou a face do mundo. As próprias manifestações e iniciativas femininas só se valorizaram quando uma decisão masculina as prolongou eficientemente. As norte-americanas reunidas em torno de Mrs. Beecher-Stowe sublevam

violentamente a opinião pública contra a escravidão, mas as verdadeiras causas da Guerra da Secessão não foram de ordem sentimental. A "Jornada das Mulheres", de 8 de março de 1917, talvez tenha precipitado a Revolução Russa: não passou, entretanto, de um sinal. Em sua maioria, as heroínas femininas são de uma espécie barroca: aventureiras, originais, menos notáveis pela importância de suas ações do que pela singularidade de seus destinos; assim, se compararmos Joana d'Arc, Mme Roland, Flora Tristan com Richelieu, Danton, Lenin, vemos que a grandeza delas é principalmente subjetiva: são figuras exemplares mais do que agentes históricos. O grande homem jorra da massa e é levado pelas circunstâncias: a massa das mulheres acha-se à margem da história e as circunstâncias são para cada uma delas um obstáculo, e não um trampolim. Para mudar a face do mundo é preciso estar solidamente ancorado nele; mas as mulheres solidamente arraigadas na sociedade são as que a esta se submetem. A não ser quando designadas para a ação por direito divino — e nesse caso mostraram-se tão capazes quanto os homens —, a ambiciosa, a heroína são monstros estranhos. É somente depois que as mulheres começam a sentir-se à vontade nesta terra que se vê uma Rosa Luxemburgo, uma Mme Curie. Elas demonstram brilhantemente que não foi a inferioridade feminina que determinou sua insignificância histórica: sua insignificância histórica foi que as votou à inferioridade.[64]

O fato é flagrante no terreno em que melhor conseguiram afirmar-se, isto é, no terreno cultural. Sua sorte está profundamente ligada à das letras e das artes; já entre os germânicos, as funções de profeta e sacerdote cabiam às mulheres. Porque estão à margem do mundo, é que os homens se voltam para elas quando se esforçam, pela cultura, por ultrapassar os limites de seu universo e ascender ao que é outro. O misticismo cortês, a curiosidade humanista, o gosto pela beleza que desabrocha durante o Renascimento italiano, o preciosismo do século XVII, o ideal progressista do século XVIII provocam, sob diversas formas, uma exaltação da feminilidade. A mulher é então o principal polo da poesia, a substância da obra de arte; os lazeres de que dispõe permitem-lhe consagrar-se aos prazeres do espírito: inspiradora, juiz, público do escritor, ela torna-se seu êmulo. É ela muitas vezes que faz prevalecer um modo de sensibilidade, uma ética que alimenta os corações masculinos. E, assim, ela intervém em seu próprio destino: a instrução das mulheres é uma conquista em grande parte feminina. Entretanto, se esse papel coletivo desempenhado pelas mulheres intelectuais é importante, suas contribuições individuais são em conjunto de menor valor. É porque não está empenhada na ação que a mulher tem um lugar privilegiado nos domínios do pensamento e da arte; mas a arte e o pensamento têm na ação suas

fontes vivas. Achar-se situada à margem do mundo não é posição favorável para quem quer recriá-lo. Aqui também, para emergir do "dado" é preciso antes de tudo estar nele profundamente enraizado. As realizações pessoais são quase impossíveis nas categorias humanas coletivamente mantidas em situação inferior. "Com saias, aonde querem que cheguemos?", indagava Maria Bashkirtseff. E Stendhal: "Todos os gênios nascidos *mulher* estão perdidos para a felicidade do público." Em verdade, ninguém nasce gênio: torna-se gênio; e a condição feminina impossibilitou até agora esse "tornar-se".

Os antifeministas extraem da história dois argumentos contraditórios: 1º) as mulheres jamais criaram algo importante; 2º) a situação da mulher jamais impediu o surgimento de grandes personalidades femininas. Tais afirmações são eivadas de má-fé; os êxitos de algumas privilegiadas não compensam nem desculpam o rebaixamento sistemático do nível coletivo; e o fato de serem esses êxitos raros e limitados prova precisamente que as circunstâncias lhes são desfavoráveis. Como o sustentaram Christine de Pisan, Poulain de la Barre, Condorcet, Stuart Mill, Stendhal, a mulher nunca teve chance em nenhum terreno. Eis por que reclamam elas hoje, em grande número, novo estatuto; e, mais uma vez, sua reivindicação não consiste em serem exaltadas em sua feminilidade: elas querem que em si próprias, como no resto da humanidade, a transcendência supere a imanência; elas querem que lhes sejam concedidos, enfim, os direitos abstratos e as possibilidades concretas, sem a conjugação dos quais a liberdade não passa de mistificação.[65]

Essa vontade se está realizando. Mas o período que atravessamos é um período de transição; este mundo que sempre pertenceu aos homens ainda continua nas mãos deles; as instituições e os valores da civilização patriarcal sobrevivem a si mesmos em grande parte. Os direitos abstratos ainda estão longe de ser integralmente reconhecidos em toda parte às mulheres. Na Suíça elas ainda não votam; na França, a lei de 1942 mantém, sob forma atenuada, as prerrogativas do marido. E os direitos abstratos, acabamos de dizê-lo, nunca bastaram para assegurar à mulher uma influência concreta sobre o mundo; entre os dois sexos não existe, ainda hoje, verdadeira igualdade.

Antes de tudo, os encargos do casamento permanecem muito mais pesados para a mulher do que para o homem. Já vimos que as servidões da maternidade foram reduzidas pelo emprego — confessado ou clandestino — do controle de natalidade; mas essa prática não é universalmente difundida, nem rigorosamente aplicada. Sendo o aborto oficialmente proibido, muitas mulheres comprometem a saúde com medidas abortivas não controladas ou sucumbem sob o número de

filhos. O cuidado dos filhos e do lar é ainda quase inteiramente suportado pela mulher. Na França, particularmente, a tradição antifeminista é tão tenaz que um homem acreditaria diminuir-se se participasse de tarefas outrora reservadas às mulheres. Disso resulta que a mulher pode mais dificilmente do que o homem conciliar a vida familiar com o papel de trabalhadora. No caso em que tal esforço é exigido dela pela sociedade, sua existência faz-se muito mais penosa que a do marido.

Consideremos, por exemplo, a sorte das camponesas. Na França, constituem elas a maioria das mulheres que participam do trabalho produtor e são geralmente casadas. A celibatária, com efeito, permanece o mais das vezes servente na casa paterna ou na casa de um irmão ou de uma irmã; só se torna dona de um lar aceitando submeter-se a um marido; os costumes e tradições determinaram-lhe papéis diversos segundo as regiões: a camponesa normanda preside as refeições, ao passo que a mulher corsa não se senta à mesa dos homens. Em todo caso, desempenhando, na economia doméstica, papel dos mais importantes, ela participa das responsabilidades do homem, está associada aos seus interesses, reparte com ele a propriedade; é respeitada e é muitas vezes quem efetivamente governa. Sua situação lembra a que tinha nas antigas comunidades agrícolas. Ela tem, frequentemente, tanto ou mais prestígio moral que o marido, mas sua condição concreta é muito mais dura. Incumbe-lhe, a ela exclusivamente, cuidar do jardim, do galinheiro, do curral, do chiqueiro; executa trabalhos pesados: limpa os estábulos, espalha o esterco e a semeadura, ara, capina, ceifa; cava, arranca ervas daninhas, colhe, vindima e por vezes ajuda a carregar e descarregar as carroças de palha, feno, lenha, forragem etc. Ademais, prepara as refeições, cuida da limpeza da casa: lava, costura etc., atende aos duros encargos da maternidade e dos filhos. Levanta-se de madrugada, dá comida às aves do galinheiro e aos animais domésticos, serve a primeira refeição dos homens, cuida das crianças e vai trabalhar no campo, no bosque ou na horta; vai buscar água na fonte, serve a segunda refeição, lava a louça, trabalha novamente no campo até a hora do jantar; depois da última refeição aproveita a noite para costurar, limpar, debulhar o milho etc. Como não tem tempo para se ocupar de sua saúde, mesmo durante a gravidez, deforma-se depressa, ficando prematuramente enrugada e gasta, corroída pelas doenças. As poucas compensações que o homem encontra de vez em quando na vida social são-lhe recusadas: ele vai à cidade aos domingos e dias de feira, encontra-se com outros homens, vai ao bar, bebe, joga cartas, caça, pesca. Ela fica em casa e não conhece lazeres. Somente as camponesas abastadas, que têm criadas ou que não

se veem obrigadas a trabalhar no campo, levam uma vida harmonicamente equilibrada. São socialmente respeitadas e gozam de certa autoridade no lar, sem ser esmagadas pelas tarefas necessárias. Mas, em geral, o trabalho rural reduz a mulher à qualidade de animal de carga.

A comerciante, a dona de alguma pequena empresa sempre foram privilegiadas; são as únicas a quem o código, desde a Idade Média, outorga capacidades civis. A merceeira, a leiteira, a dona de hotel, a vendedora de cigarros têm uma posição equivalente à do homem: celibatárias ou viúvas, são por si mesmas uma razão social; casadas, gozam da mesma autonomia que o marido. Têm a sorte de seu trabalho se exercer no mesmo local do lar e de não ser em geral muito absorvente.

Com a operária, a empregada, a secretária, a vendedora, que trabalham fora de casa, a situação é muito diferente. É muito mais difícil para elas conciliar o ofício com a vida doméstica (compras, refeições, limpeza, cuidado da roupa, coisas que lhes tomam três horas e meia de trabalho cotidiano, pelo menos, e seis horas no domingo, o que é considerável quando se acresce ao número de horas da fábrica ou do escritório). Quanto às profissões liberais, embora advogadas, médicas, professoras consigam quem as auxilie em casa, o lar e os filhos representam para elas encargos e preocupações que constituem um pesado *handicap*. Na América do Norte o trabalho doméstico é simplificado pelo emprego de técnicas engenhosas; mas a apresentação e a elegância que se exigem da mulher que trabalha impõem-lhe outras servidões; ela continua responsável pela casa e pelos filhos. Por outro lado, a mulher que busca sua independência no trabalho tem muito menos possibilidades do que seus concorrentes masculinos. Em muitos ofícios, seu salário é inferior aos dos homens; suas tarefas são menos especializadas e, portanto, menos bem pagas do que as de um operário qualificado e, em igualdade de condições, ela é menos bem remunerada. Pelo fato de ser uma recém-chegada ao mundo dos homens, tem menores possibilidades de êxito. A homens e mulheres igualmente repugna submeterem-se às ordens de uma mulher, têm mais confiança no homem; ser mulher, se não chega a constituir uma tara, é pelo menos uma singularidade. Para realizar-se, a mulher precisa assegurar-se um apoio masculino. São os homens que ocupam os melhores lugares, que detêm os postos mais importantes. É essencial sublinhar que homens e mulheres constituem economicamente duas castas.[66]

O fato que determina a condição atual da mulher é a sobrevivência obstinada, na civilização nova que se vai esboçando, das tradições mais

antigas. É o que não percebem os observadores apressados que estimam ser a mulher inferior às possibilidades que lhe são oferecidas, ou que só veem nessas possibilidades tentações perigosas. Na verdade, a situação é sem equilíbrio e é por essa razão que lhe é difícil adaptar-se a ela. Abrem-se as fábricas, os escritórios, as faculdades às mulheres, mas continua-se a considerar que o casamento é para elas uma carreira das mais honrosas e que as dispensa de qualquer outra participação na vida coletiva. Como nas civilizações primitivas, o ato amoroso constitui para ela um serviço que tem o direito de cobrar mais ou menos diretamente. A não ser na URSS,[67] em toda parte se permite à mulher moderna encarar o corpo como um capital passível de exploração. A prostituição é tolerada,[68] a galanteria encorajada. A mulher casada é autorizada a viver a expensas do marido; ademais, adquire uma dignidade social muito superior à da celibatária. Os costumes estão longe de outorgar a esta possibilidades sexuais idênticas às do homem celibatário; a maternidade, em particular, é-lhe, por assim dizer, proibida, sendo a mãe solteira objeto de escândalo. Como, portanto, não conservaria o mito de Cinderela todo o seu valor?[69] Tudo encoraja ainda a jovem a esperar do "príncipe encantado" fortuna e felicidade, de preferência a tentar sozinha uma difícil e incerta conquista. E, principalmente, pode ela assim esperar ascender, graças a ele, a uma casta superior à sua própria, milagre que o trabalho de uma vida inteira não compensaria. Mas uma tal esperança é nefasta, porque divide suas forças e seus interesses;[70] e essa divisão é, talvez, o maior *handicap* contra a mulher. Os pais ainda educam suas filhas antes com vista ao casamento do que favorecendo seu desenvolvimento pessoal. E elas veem nisso tantas vantagens que as próprias o desejam; e desse estado de espírito resulta serem elas o mais das vezes menos especializadas, menos solidamente formadas do que seus irmãos, e não se empenham integralmente em suas profissões; desse modo, destinam-se a permanecer inferiores e o círculo vicioso fecha-se, pois essa inferioridade reforça nelas o desejo de encontrar um marido. Todo benefício tem, como reverso, um encargo; mas se os encargos são demasiadamente pesados, o benefício já se apresenta como uma servidão; para a maioria dos trabalhadores, o trabalho é hoje uma corveia ingrata; para a mulher, não é essa tarefa compensada por uma conquista concreta de sua dignidade social, de sua liberdade de costumes, de sua autonomia econômica; é natural que numerosas operárias e empregadas só vejam no direito ao trabalho uma obrigação de que o casamento as libertaria. Entretanto, pelo fato de ter tomado consciência de si e de poder libertar-se

também do casamento pelo trabalho, a mulher não mais aceita a sujeição com docilidade. O que ela desejaria é que a conciliação da vida familiar com um ofício não exigisse dela desesperantes acrobacias. Mesmo assim, enquanto subsistem as tentações da facilidade — em virtude da desigualdade econômica que favorece certos indivíduos e do direito reconhecido à mulher de se vender a um desses privilegiados —, ela precisa de um esforço moral maior que o do homem para escolher o caminho da independência. Não se compreendeu suficientemente que a tentação é também um obstáculo, e até dos mais perigosos. E essa tentação se acompanha de uma mistificação, porquanto, na realidade, só uma ganha, entre milhares, na loteria do bom casamento. A época atual convida as mulheres ao trabalho, obriga-as mesmo a isso, mas acena-lhes com paraísos de ócio e delícias e exalta as eleitas bem acima das que permanecem presas a este mundo terrestre.

O privilégio econômico detido pelos homens, seu valor social, o prestígio do casamento, a utilidade de um apoio masculino, tudo impele as mulheres a desejarem ardorosamente agradar aos homens. Em conjunto, elas ainda se encontram em situação de vassalas. Disso decorre que a mulher se conhece e se escolhe, não tal como existe para si, mas tal qual o homem a define. Cumpre-nos, portanto, descrevê-la primeiramente como os homens a sonham, desde que seu ser-para-os-homens é um dos elementos essenciais de sua condição concreta.

terceira parte

Os mitos

1

A história mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro. Esta condição servia os interesses dos homens, mas convinha também a suas pretensões ontológicas e morais. Desde que o sujeito busque afirmar-se, o Outro, que o limita e nega, é-lhe, entretanto, necessário: ele só se atinge através dessa realidade que ele não é. Por isso, a vida do homem nunca é plenitude e repouso, ela é carência e movimento, é luta. Diante de si, o homem encontra a Natureza; tem possibilidade de dominá-la e tenta apropriar-se dela. Mas ela não pode satisfazê-lo. Ou ela só se realiza como uma oposição puramente abstrata e é então obstáculo e permanece alheia, ou se dobra passivamente ao desejo do homem e deixa-se assimilar por ele; ele só a possui consumindo-a, isto é, destruindo-a. Nesses dois casos, ele continua só; está só quando toca uma pedra, só quando digere um fruto. Só há presença do outro se o outro é ele próprio presente a si; isso significa que a verdadeira alteridade é a de uma consciência separada da minha e idêntica a ela. É a existência dos outros homens que tira o homem de sua imanência e lhe permite realizar a verdade de seu ser, realizar-se como transcendência, como fuga para o objeto, como projeto. Mas essa liberdade alheia, que confirma minha liberdade, entra também em conflito com ela: é a tragédia da consciência infeliz; toda consciência aspira a colocar-se como sujeito soberano. Toda consciência tenta realizar-se reduzindo a outra à escravidão. Mas o escravo no seu trabalho e no seu medo sente-se, ele também, como essencial e, em virtude de uma reviravolta dialética, é o senhor que a ele se apresenta como inessencial. O drama pode ser resolvido pelo livre reconhecimento de cada indivíduo no outro, cada qual pondo, a um tempo, a si e ao outro como objeto e como

sujeito em um movimento recíproco. Mas a amizade e a generosidade que realizam concretamente esse reconhecimento das liberdades não são virtudes fáceis; são seguramente a mais alta realização do homem, e desse modo é que ele se encontra em sua verdade: mas essa verdade é a de uma luta incessantemente esboçada e abolida. Ela exige que o homem se supere a cada instante. Pode-se dizer também, numa outra linguagem, que o homem atinge uma atitude autenticamente moral quando renuncia a *ser* para assumir sua existência; com essa conversão, ele renuncia também a toda posse, porque a posse é um modo de procura do ser; mas a conversão pela qual ele atinge a verdadeira sabedoria nunca se completa, é preciso fazê-la sem cessar, ela reclama uma tensão constante. De maneira que, incapaz de se realizar na solidão, o homem em suas relações com seus semelhantes acha-se permanentemente em perigo: sua vida é uma empresa difícil cujo êxito nunca se encontra assegurado.

Mas ele não aprecia a dificuldade; teme o perigo. Contradi-toriamente, aspira à vida e ao repouso, à existência e ao ser; sabe muito bem que "a inquietação do espírito" é o preço que tem de pagar pelo seu desenvolvimento, que sua distância em relação ao objeto é o que lhe custa sua presença em si: mas ele sonha com a quietude na inquietude e com uma plenitude opaca que a consciência habitaria contudo. Esse sonho encarnado é precisamente a mulher; ela é o intermédio desejado entre a natureza exterior ao homem e o semelhante que lhe é por demais idêntico.[71] Ela não lhe opõe nem o silêncio inimigo da natureza, nem a dura exigência de um reconhecimento recíproco; por um privilégio único, ela é uma consciência e no entanto parece possível possuí-la em sua carne. Graças a ela, há um meio de escapar à implacável dialética do senhor e do escravo, que tem sua base na reciprocidade das liberdades.

Viu-se que não houve, a princípio, mulheres livres que os homens teriam escravizado e que nunca a divisão dos sexos criou uma divisão em castas. Assimilar a mulher ao escravo é um erro. Houve mulheres entre os escravos, mas sempre existiram mulheres livres, isto é, revestidas de dignidade religiosa e social; elas aceitavam a soberania do homem e este não se sentia ameaçado por uma revolta que o pudesse transformar, por sua vez, em objeto. A mulher apresentava-se assim como o inessencial que nunca retorna ao essencial, como o Outro absoluto, sem reciprocidade. Todos os mitos da criação exprimem essa convicção preciosa do macho e, entre outras, a lenda do Gênese que, através do cristianismo, se perpetuou na civilização ocidental. Eva não foi criada ao mesmo tempo que o homem; não foi fabricada com uma substância diferente, nem com

o mesmo barro que serviu para moldar Adão: ela foi tirada do flanco do primeiro macho. Seu nascimento não foi autônomo; Deus não resolveu espontaneamente criá-la com um fim em si e para ser por ela adorado em paga: destinou-a ao homem. Foi para salvar Adão da solidão que ele lha deu, ela tem no esposo sua origem e seu fim; ela é seu complemento no modo do inessencial. E assim ela surge como uma presa privilegiada. É a natureza elevada à transparência da consciência, uma consciência naturalmente submissa. E é essa maravilhosa esperança que muitas vezes o homem pôs na mulher. Ele espera realizar-se como ser possuindo carnalmente um ser, ao mesmo tempo que consegue confirmar-se em sua liberdade através de uma liberdade dócil. Nenhum homem consentiria em ser uma mulher, mas todos desejam que haja mulheres. "Agradeçamos a Deus por ter criado a mulher." "A Natureza é boa demais, pois deu a mulher aos homens." Nessas frases, e em outras análogas, o homem afirma uma vez mais com arrogante ingenuidade que sua presença neste mundo é um fato inelutável e um direito, enquanto a da mulher é um simples acidente: um bem-aventurado acidente. Aparecendo como o Outro, a mulher aparece ao mesmo tempo como uma plenitude de ser em oposição a essa existência cujo vazio o homem sente em si; o Outro, sendo posto como objeto aos olhos do sujeito, é posto como em si, logo como ser. Na mulher encarna-se positivamente a falta que o existente traz no coração, e é procurando alcançar-se através dela que o homem espera realizar-se.

Entretanto, ela não representou, para ele, a única encarnação do Outro, e nem sempre conservou, no decorrer dos tempos, a mesma importância. Houve momentos em que foi eclipsada por outros ídolos. Quando a Cidade, o Estado devoram o cidadão, este não tem mais a possibilidade de se ocupar de seu destino particular. Destinada ao Estado, a espartana tem uma condição superior à das outras mulheres gregas, mas não é por isso mesmo transfigurada por nenhum sonho masculino. O culto do chefe, seja ele Napoleão, Mussolini, Hitler, exclui qualquer outro culto. Nas ditaduras militares, nos regimes totalitários, a mulher não é mais um objeto privilegiado. Compreende-se que seja divinizada num país rico e cujos habitantes não sabem muito bem que sentido dar à vida: é o que ocorre na América do Norte. Em compensação, as ideologias socialistas que exigem a assimilação de todos os seres humanos não admitem que no futuro, e mesmo desde o presente, qualquer categoria humana seja objeto ou ídolo. Na sociedade autenticamente democrática que profetiza Marx não há lugar para o Outro. Entretanto, poucos homens coincidem exatamente com o soldado, o militante que escolheram ser; na medida em que se conservam indivíduos, a

mulher guarda a seus olhos um valor singular. Vi cartas escritas por soldados alemães a prostitutas francesas, nas quais, a despeito do nazismo, o sentimentalismo tradicional se evidenciava ingenuamente vivaz. Escritores comunistas, como Aragon na França, Vittorini na Itália, dão em suas obras um lugar de grande importância à mulher, amante ou mãe. Talvez o mito da mulher se extinga um dia: quanto mais se afirmam como seres humanos mais definha nelas a maravilhosa qualidade do Outro. Mas, atualmente, esse mito ainda existe no coração de todos os homens.

Todo mito implica um Sujeito que projeta suas esperanças e seus temores num céu transcendente. As mulheres, não se colocando como Sujeito, não criaram o mito viril no qual seus projetos se refletiriam; elas não possuem nem religião nem poesia que lhes pertençam exclusivamente: é ainda através dos sonhos dos homens que elas sonham. São os deuses fabricados pelos homens que elas adoram. Estes forjaram para sua própria exaltação as grandes figuras viris: Hércules, Prometeu, Parsifal; no destino desses heróis a mulher tem apenas um papel secundário. Possivelmente, existem imagens estilizadas do homem enquanto preso a suas relações com a mulher: pai, sedutor, marido ciumento, bom filho, mau filho; mas foram igualmente os homens que as fixaram e elas não atingem a dignidade do mito: não passam, por assim dizer, de clichês. Ao passo que a mulher é exclusivamente definida em relação ao homem. A assimetria das duas categorias, masculina e feminina, manifesta-se na constituição unilateral dos mitos sexuais. Diz-se, por vezes, "o sexo" para designar a mulher; é porque ela é a carne com suas delícias e seus perigos. Quanto ao fato de, para a mulher, ser o homem o sexual e o carnal, é uma verdade que nunca foi proclamada porque não houve ninguém para a proclamar. A representação do mundo, como o próprio mundo, é operação dos homens; eles o descrevem do ponto de vista que lhes é peculiar e que confundem com a verdade absoluta.

É sempre difícil descrever um mito; ele não se deixa apanhar nem cercar, habita as consciências sem nunca postar-se diante delas como um objeto imóvel. É por vezes tão fluido, tão contraditório que não se lhe percebe, de início, a unidade: Dalila e Judite, Aspásia e Lucrecia, Pandora e Atená, a mulher é, a um tempo, Eva e a Virgem Maria. É um ídolo, uma serva, a fonte da vida, uma força das trevas; é o silêncio elementar da verdade, é artifício, tagarelice e mentira; a que cura e a que enfeitiça; é a presa do homem e sua perda, é tudo o que ele quer ter, sua negação e sua razão de ser.

"Ser mulher, diz Kierkegaard,[72] é algo tão estranho, tão complexo, tão complicado que nenhum predicado consegue exprimi-lo e que os múltiplos predicados que desejaríamos empregar se contradiriam de tal modo que só uma mulher o pode suportar." Isso decorre do fato de que ela não é considerada positivamente, tal qual é para si, mas negativamente, tal qual se apresenta ao homem. Pois, se há outros *Outros* além da mulher, ela continua contudo sempre definida como Outro. E sua ambiguidade é a da própria ideia de Outro: é a da condição humana enquanto se define na sua relação com o Outro. Já se disse: o Outro é o Mal; mas, necessário ao Bem, retorna ao Bem. É por ele que ascendo ao Todo, mas é por ele que me separo do Todo: é a porta do infinito e a medida de minha finidade. É por isso que a mulher não encarna nenhum conceito imoto; através dela realiza-se sem cessar a passagem da esperança ao fracasso, do ódio ao amor, do bem ao mal, do mal ao bem. Sob qualquer aspecto que se considere é essa ambivalência que impressiona primeiramente.

O homem procura na mulher o Outro como Natureza e como seu semelhante. Mas conhecemos os sentimentos ambivalentes que a Natureza inspira ao homem. Ele a explora, mas ela o esmaga, ele nasce dela e morre nela; é a fonte de seu ser e o reino que ele submete à sua vontade; uma ganga material em que a alma se encontra presa, e é a realidade suprema; é a contingência e a Ideia, a finitude e a totalidade; é o que se opõe ao Espírito e o próprio espírito. Ora aliada, ora inimiga, apresenta-se como o caos tenebroso da onde brota a vida, como essa vida, e como o além para o qual tende: a mulher resume a natureza como Mãe, Esposa e Ideia. Essas figuras ora se confundem e ora se opõem, e cada uma delas tem dupla face.

O homem mergulha suas raízes na Natureza: foi engendrado como os animais e as plantas, sabe que só existe enquanto vive. Mas, desde o advento do patriarcado, a Vida revestiu a seus olhos um duplo aspecto: ela é consciência, vontade, transcendência e espírito; e é matéria, passividade, imanência e carne. Ésquilo, Aristóteles, Hipócrates proclamaram que na Terra, como no Olimpo, é o princípio masculino que é verdadeiramente criador. Dele saíram a forma, o número, o movimento. Com Deméter multiplicam-se as espigas, mas a origem da espiga e sua verdade está em Zeus; a fecundidade da mulher é encarada tão somente como uma virtude passiva. Ela é a terra e o homem, a semente, ela é a Água e ele, o Fogo. A criação foi amiúde imaginada como um casamento do fogo com a água: é a unidade quente que dá nascimento aos seres vivos. O Sol é o esposo do Mar;[73] Sol e fogo são divindades masculinas; o Mar é um dos símbolos

maternos mais universais. Inerte, a água sofre a ação dos raios flamejantes que a fertilizam. Da mesma forma, a gleba entalhada pelo arado recebe, imóvel, as sementes em seus sulcos. Entretanto, seu papel é necessário: é ela que alimenta o germe, que o nutre e lhe fornece sua substância. Eis por que, mesmo depois de destronada a Grande Mãe, o homem continua a render um culto às deusas da fecundidade;[74] ele deve a Cibele suas colheitas, seus rebanhos, sua prosperidade. Deve-lhe a própria vida. Ele exalta a água assim como o fogo. "Glória ao mar! Glória às suas vagas envoltas em fogo sagrado! Glória à onda! Glória ao fogo! Glória à estranha aventura!", escreve Goethe no *Segundo Fausto*. Ele venera a terra: *The Matron Clay*, como a chama Blake. Um profeta indiano aconselha seus discípulos a não cavar a terra porque "é um pecado ferir ou cortar, dilacerar nossa mãe comum com trabalhos agrícolas... Irei armar-me de faca para mergulhá-la no seio de minha mãe... Irei mutilar-lhe as carnes para alcançar-lhe os ossos? Como ousaria cortar os cabelos de minha mãe?" Na Índia Central, os Baja também consideram que é um pecado "dilacerar o seio da terra-mãe com o arado". Inversamente, Ésquilo diz de Édipo que "ousou semear o sulco sagrado em que se formara". Sófocles fala dos "sulcos paternos" e do "lavrador, dono de um campo longínquo que só visita uma vez na época da semeadura". A bem-amada de uma canção egípcia declara: "Eu sou a terra!" Nos textos islâmicos a mulher é chamada "campo... vinha". São Francisco de Assis, em um de seus hinos, fala de "nossa irmã, a terra, nossa mãe, que nos conserva e de nós cuida, que produz os mais variados frutos e as flores multicores e a relva". Michelet, tomando banhos de lama em Acqui, exclama: "Querida mãe comum! Somos um. Venho de ti e a ti retorno!..." E há mesmo épocas em que se afirma um romantismo vitalista que aspira ao triunfo da Vida sobre o Espírito: então a fertilidade mágica da terra, da mulher, se apresenta como mais maravilhosa do que as operações projetadas do homem; e o homem sonha então com se confundir novamente com as trevas maternas para reencontrar as fontes verdadeiras de seu ser. A mãe é a raiz plantada nas profundezas do cosmo e que suga os sucos, é a nascente de que jorra a água viva que é também um leite nutriz, uma cálida fonte, uma lama feita de terra e água, rica de forças regeneradoras.[75]

Porém mais generalizada é no homem a revolta contra sua condição carnal; ele considera-se um deus destronado; sua maldição está em ter caído de um céu luminoso e se ter formado nas trevas caóticas do ventre materno. A mulher mantém prisioneiro na lama da terra esse fogo, esse sopro ativo e puro em que o homem aspira a se reconhecer. Ele se desejaria necessário como uma pura Ideia,

como o Um, o Todo, o Espírito Absoluto; e encontra-se encerrado em um corpo limitado, em um lugar e um tempo que não escolheu, a que não era chamado, inútil, incômodo, absurdo. A contingência carnal é a de seu próprio ser que sofre em seu desamparo, em sua injustificável gratuidade. Ela impõe-lhe igualmente a morte. Essa gelatina trêmula que se elabora na matriz (a matriz secreta e fechada como um túmulo) evoca demasiado a mole viscosidade da carniça para que dela não se afaste com arrepios. Por toda parte onde a vida se vai criando, germinação, fermentação, ela provoca repugnância porque só se faz em se desfazendo; o embrião visguento abre o ciclo que se fecha com a podridão da morte. Por ter horror à gratuidade e à morte, o homem abomina ter sido engendrado; gostaria de renegar suas ligações animais; em consequência de seu nascimento a Natureza assassina o domina. Entre os primitivos, o parto é cercado dos mais severos tabus; a placenta, em particular, deve ser cuidadosamente queimada ou jogada ao mar, pois quem quer que dela se apossasse teria nas mãos o destino do recém-nascido; essa ganga em que se formou o feto é o sinal de sua dependência; aniquilando-a, dá-se ao indivíduo a possibilidade de se desprender do magma vivo e realizar-se como ser autônomo. A mácula do nascimento recai na mãe. O Levítico e todos os códigos antigos impõem ritos purificadores à parturiente; e em muitas regiões rurais a cerimônia da purificação é conservada tradicionalmente. Conhece-se o embaraço espontâneo, embaraço que se mascara por vezes de escárnio, que sentem as crianças, as jovens, os homens diante do ventre de uma mulher grávida, dos seios intumescidos de uma nutriz. Nos museus Dupuytren, os curiosos contemplam os embriões de cera e os fetos em conserva com um interesse tão mórbido quanto o que teriam ao violar sepulturas. A função da gestação inspira uma repulsa espontânea, apesar de todo o respeito com que a sociedade a cerca. E se o menino, na sua primeira infância, continua sensualmente ligado à carne materna, quando cresce, se socializa e toma consciência de sua existência individual, essa carne lhe inspira medo; ele quer ignorá-la e ver na mãe tão somente uma pessoa moral; se procura imaginá-la casta e pura é menos por ciúme amoroso do que por recusa em lhe reconhecer um corpo. Um adolescente perturba-se, enrubesce, se, passeando com seus colegas, encontra a mãe, as irmãs, mulheres de sua família; é que a presença delas impele-o para as regiões da imanência de onde desejaria sair; elas revelam as raízes de que gostaria de se libertar. A irritação do meninote quando a mãe o acarinha e beija tem o mesmo sentido; ele renega a família, a mãe, o seio materno. Desejaria, como Atená, ter surgido no mundo adulto, armado dos pés à cabeça, invulnerável.[76] Ter sido concebido

e parido é a maldição que pesa sobre seu destino, a impureza que se cola a seu ser. E é o sinal de sua morte. O culto da germinação sempre se associou ao culto dos mortos. A Terra-Mãe encerra em seu seio as ossadas de seus filhos. São as mulheres — Parcas e Moiras — que tecem o destino humano; mas são elas igualmente que cortam os fios. Na maioria das representações populares, a morte é mulher, e é às mulheres que cabe chorar os mortos, porquanto a morte é obra sua.[77]

Tem, assim, a Mulher-Mãe um rosto de trevas: ela é o caos de que tudo saiu e ao qual tudo deve voltar um dia; ela é o Nada. Dentro da Noite confundem-se os múltiplos aspectos do mundo que o dia revela: noite do espírito encerrado na generalidade e na opacidade da matéria, noite do sono e do nada. No fundo do mar impera a noite: a mulher é o *Mare tenebrarum* temido dos antigos navegadores; a noite impera nas entranhas da terra. Essa noite pela qual o homem receia ser tragado, e que é o inverso da fecundidade, apavora-o. Ele aspira ao céu, à luz, aos picos ensolarados, ao frio puro e cristalino do azul; e, a seus pés, há um abismo úmido e quente, obscuro, pronto para abocanhá-lo; numerosas lendas mostram-nos o herói que se perde para sempre recaindo nas trevas maternas: caverna, abismo, inferno.

Mas a ambivalência funciona novamente aqui: se a germinação sempre se associa à morte, esta também se associa à fecundidade. A morte detestada apresenta-se como novo nascimento e ei-la bendita. O herói morto ressuscita, como Osíris, na primavera, e é regenerado por novo parto. A suprema esperança do homem, diz Jung,[78] "é que as sombrias águas da morte se tornem águas de vida, que a morte e seu frio amplexo sejam o ventre materno, como o mar que, tragando o sol, o reengendra em suas profundezas". É um tema comum a numerosas mitologias o do sepultamento do deus-sol no seio do mar e sua deslumbrante reaparição. E o homem quer viver, mas ao mesmo tempo aspira ao repouso, ao sono, ao nada. Ele não se deseja imortal e por isso pode aprender a amar a morte. "A matéria inorgânica é o seio materno, escreve Nietzsche. Libertar-se da vida é tornar a ser verdadeiro, é completar-se. Quem compreendesse isso consideraria uma festa retornar ao pó insensível." Chaucer põe essa prece na boca de um velho que não consegue morrer:

Com meu bastão, dia e noite,
bato na terra, porta de minha mãe,
e digo: Ó querida mãe, deixe-me entrar.

O homem quer afirmar sua existência singular e repousar orgulhosamente em sua "diferença essencial", mas ele aspira também a demolir as barreiras do eu, confundir-se com a água, a terra, a noite, o Nada, o Todo. A mulher que condena o homem à finidade permite-lhe igualmente ultrapassar seus próprios limites. Daí a magia equívoca com que ela se reveste.

Em todas as civilizações, e até em nossos dias, ela inspira horror ao homem: é o horror da sua própria contingência carnal que ele projeta nela. A jovem ainda impúbere não encerra nenhuma ameaça, não é objeto de nenhum tabu e não possui nenhum caráter sagrado. Em muitas sociedades primitivas seu sexo é considerado inocente. Os jogos eróticos são permitidos desde a infância entre meninos e meninas. É a partir do dia em que se torna suscetível de conceber que a mulher fica impura. Descreveram-se, muitas vezes, os severos tabus que nas sociedades primitivas cercam a jovem, quando de sua primeira menstruação; mesmo no Egito, onde era tratada com deferências especiais, a mulher permanecia isolada durante o período das regras.[79] Muitas vezes expunham-na no telhado de uma casa, relegavam-na numa cabana fora da aldeia, não se devia vê-la nem tocá-la: mais ainda, ela própria não se devia tocar com a mão. Entre os povos que praticam habitualmente o despiolhamento dão-lhe um pauzinho para se coçar. Ela não deve tocar os alimentos com os dedos. Por vezes, é radicalmente proibido que ela coma; em outros casos a mãe e a irmã são autorizadas a alimentá-la por intermédio de um instrumento. Mas todos os objetos que entram em contato com ela durante esse período devem ser queimados. Depois dessa primeira provação, os tabus menstruais tornam-se menos severos, mas permanecem rigorosos. Lê-se, em particular, no Levítico: "A mulher que tiver um fluxo de sangue em sua carne permanecerá sete dias na sua impureza. Quem a tocar será impuro até a noite. Todo leito em que dormir... todo objeto sobre o qual se sentar será impuro. Quem tocar em seu leito lavará as roupas e a si próprio com água e será impuro até a noite." Este texto é exatamente simétrico ao que trata da impureza produzida no homem pela gonorreia. E o sacrifício purificador é idêntico em ambos os casos. Uma vez purificada, deve-se contar sete dias e trazer duas rolas ou dois pombos jovens ao sacrificador que os oferecerá ao Criador. É de observar que, nas sociedades matriarcais, as virtudes atribuídas à menstruação são ambivalentes. Por um lado, ela paralisa as atividades sociais, destrói a força vital, faz murcharem as flores, caírem os frutos; mas tem também efeitos benfazejos: os mênstruos são utilizados nos filtros de amor, nos remédios, em particular para cortes e

equimoses. Ainda hoje, certos índios, quando partem para combater os monstros quiméricos que frequentam seus rios, colocam à frente do barco um tampão de fibras impregnado de sangue menstrual, cujas emanações são nefastas aos inimigos sobrenaturais. As jovens de certas cidades gregas ofereciam em homenagem no templo de Astarté um trapo manchado com seu primeiro sangue. Mas desde o advento do patriarcado só se atribuíram poderes nefastos ao estranho licor que escorre do sexo feminino. Plínio diz em sua *História natural*: "A mulher menstruada estraga as colheitas, devasta os jardins, mata os germes, faz caírem os frutos, mata as abelhas; se toca no vinho, dele faz vinagre; o leite azeda..."

Um antigo poeta inglês exprime o mesmo sentimento quando escreve:

Oh! Menstruating woman, thou'st a fiend
From whom all nature should be screened!"

"Ó mulher, teus mênstruos são uma praga
De que seria preciso proteger a Natureza!"

Tais crenças perpetuaram-se até nossos dias com muita força. Em 1878, um membro da Associação de Medicina Britânica fez uma comunicação ao *British Medical Journal* em que declara: "É indubitável que a carne se corrompe quando tocada pela mulher no período das regras"; e afirma saber de dois casos em que os presuntos se estragaram em tais circunstâncias. Em princípios deste século, nas refinarias do Norte, um regulamento proibia às mulheres entrarem na fábrica quando atingidas por isso que os anglo-saxões chamam *curse*, "maldição", porque então o açúcar pretejava. E em Saigon não se empregam mulheres em fábricas de ópio: em consequência das regras, o ópio torna-se amargo. Essas crenças sobrevivem em muitas regiões rurais francesas. Toda cozinheira sabe que é impossível acertar uma maionese quando se acha indisposta ou simplesmente diante de uma mulher indisposta. Em Anjou, recentemente, um velho jardineiro, tendo guardado num celeiro a colheita de cidra do ano, escreveu ao patrão: "Cumpre pedir às jovens da casa e às convidadas que não passem pelo celeiro em certos dias do mês: impediriam a fermentação da cidra." Posta a par da carta, a cozinheira deu de ombros: "*Isso* nunca impediu a fermentação da cidra, é só para o toucinho que é ruim; não se pode salgá-lo diante de uma mulher indisposta; apodreceria."[80]

Seria muito insuficiente assimilar tais repugnâncias às que o sangue suscita em quaisquer circunstâncias. Sem dúvida, o sangue é em si um elemento sagrado, penetrado mais do que qualquer outro pelo *mana* misterioso que é a um tempo vida e morte. Mas os poderes maléficos do sangue menstrual são mais singulares. Ele encarna a essência da feminilidade. É por isso que põe em perigo a própria mulher cujo *mana* assim se materializa. Durante a iniciação dos Chago, exortam-se as mulheres a dissimularem cuidadosamente seu sangue menstrual. "Não o mostres a tua mãe, ela morreria. Não o mostres às tuas companheiras, pode haver uma maldosa que se aposse do pano com que te enxugaste e teu casamento seria estéril. Não o mostres a uma mulher má que pegará o pano para colocá-lo em cima de sua cabana... e não poderás mais ter filhos. Não jogues o pano no atalho nem no mato. Uma pessoa ruim pode fazer coisas feias com ele. Enterra-o no chão. Dissimula o sangue aos olhos de teu pai, de teus irmãos e de tuas irmãs. Deixá-lo ver é um pecado."[81] Entre os Aleutas, se o pai vê a filha quando das primeiras regras, ela pode ficar cega ou muda. Pensa-se que, durante esse período, a mulher é possuída por um espírito e carregada de forças perigosas. Certos primitivos acreditam que o fluxo é provocado pela picada de uma cobra, pois a mulher tem com a serpente e o lagarto suspeitas afinidades: o fluxo participaria do veneno do animal rastejante. O Levítico compara o fluxo menstrual à gonorreia; o sexo feminino sangrento não é apenas uma ferida, é uma chaga suspeita. E Vigny associa as noções de mácula e de doença quando escreve: "A mulher, criança doente e doze vezes impura." Fruto de perturbadoras alquimias interiores, a hemorragia periódica da mulher acerta-se estranhamente ao ciclo da lua: a lua tem também caprichos perigosos.[82] A mulher faz parte da temível engrenagem que comanda o movimento dos planetas e do Sol, é presa das forças cósmicas que regulam o destino das estrelas, das marés e cujas irradiações inquietantes os homens têm de suportar. Mas é principalmente impressionante que a ação do sangue menstrual esteja ligada a ideias de creme que azeda, de maionese que não se faz consistente, de fermentação, de decomposição; diz-se também que é capaz de provocar a quebra de objetos frágeis, de rebentar as cordas dos violinos e das harpas; mas tem sobretudo influência nas substâncias orgânicas a meio caminho entre a matéria e a vida; e isso menos por ser sangue do que por emanar dos órgãos genitais. Sem lhe conhecer sequer a função exata, sabe-se que está ligado à germinação da vida. Ignorando a existência do ovário, os

antigos viam mesmo nos mênstruos o complemento do esperma. Em verdade, não é esse sangue que faz da mulher uma impura; antes, ele manifesta a impureza; aparece no momento em que a mulher pode ser fecundada e quando desaparece ela se torna em geral estéril; jorra do ventre em que se elabora o feto. Através dele exprime-se o horror que o homem sente ante a fecundidade feminina.

Entre os tabus que dizem respeito à mulher em estado de impureza, nenhum é tão rigoroso quanto a proibição de relações sexuais com ela. O Levítico condena a sete dias de impureza o homem que transgredir essa regra. As leis de Manu são mais severas: "A sabedoria, a energia, a força, a vitalidade de um homem que se achega a uma mulher maculada por excreções menstruais morrem definitivamente." Os penitentes ordenavam cinquenta dias de penitência aos homens que com elas mantivessem relações sexuais durante o período de menstruação. Como se considera que o princípio feminino atinge, então, sua força máxima, receia-se que um contato íntimo venha a triunfar sobre o princípio masculino. De maneira mais imprecisa, repugna ao homem encontrar na mulher que possui a essência temível da mãe; ele procura dissociar esses dois aspectos da feminilidade: eis por que a proibição do incesto, pela exogamia ou outras formas mais modernas, é uma lei universal; eis por que o homem se afasta sexualmente da mulher nos momentos em que ela se prende mais a seu papel reprodutor: durante as regras, durante a gravidez e quando amamenta. O complexo de Édipo — cuja descrição cumpriria aliás rever — não contradiz essa atitude, antes a implica. O homem defende-se contra a mulher enquanto fonte confusa do mundo e turvo devir orgânico.

Entretanto, é também sob esse aspecto que ela permite à sociedade que se separou do cosmo e dos deuses permanecer em comunicação com eles. Ainda hoje, entre os beduínos e os iroqueses, ela assegura a fecundidade dos campos. Na Grécia antiga, ela capta as vozes subterrâneas, a linguagem do vento e das árvores; ela é Pítia, Sibila, profetisa; os mortos e os deuses falam pela sua boca e ela conserva os poderes divinatórios: é médium, quiromante, cartomante, vidente, inspirada; ouve vozes e tem visões. Quando os homens sentem necessidade de mergulhar de novo no seio da vida vegetal e animal, apelam para a mulher, como Anteu que tocava a terra para refazer suas forças. Através das civilizações racionalistas da Grécia e de Roma, subsistem os cultos ctônicos. Eles se desenvolvem, em geral, à margem da vida religiosa oficial; acabam mesmo, como em Elêusis, por assumir a forma dos

mistérios; seu sentido é inverso ao dos cultos solares em que o homem afirma sua vontade de separação e de espiritualidade; mas são o complemento destes. O homem busca arrancar-se da solidão pelo êxtase; esse é o objetivo dos mistérios, das orgias, das bacanais. No mundo reconquistado pelos homens é um deus masculino, Dionísio, que usurpa as virtudes mágicas e selvagens de Ichtar, de Astarté; mas são ainda as mulheres que se desencadeiam em torno de sua imagem: Menadas, Tíades, Bacantes incitam os homens à embriaguez religiosa, à loucura sagrada. O papel da prostituição sagrada é análogo: trata-se de desencadear e canalizar, concomitantemente, as forças da fecundidade. Ainda hoje as festas populares caracterizam-se por explosões de erotismo; a mulher não aparece nelas simplesmente como um objeto de gozo, mas sim como um meio de atingir esse *hybris* em que o indivíduo se supera. "O que um ser possui no fundo de si mesmo de perdido, de trágico, a "maravilha ofuscante" só pode ser encontrado numa cama", escreve G. Bataille.

No desencadeamento erótico, o homem, ao se unir à amante, procura perder-se no infinito mistério da carne. Mas vimos que, ao contrário, sua sexualidade normal dissocia a mãe da esposa. Ele sente repugnância pelas misteriosas alquimias da vida, ao passo que sua própria vida se alimenta e se encanta com os frutos saborosos da terra; aspira a apossar-se deles; deseja Vênus saindo inteiramente nova das águas. É como esposa que a mulher inicialmente se descobre no patriarcado, porquanto o criador supremo é masculino. Antes de ser a mãe do gênero humano, Eva é a companheira de Adão; foi dada ao homem para que ele a possua e fecunde como possui e fecunda o solo; e, através dela, ele faz da Natureza inteira seu reino. Não é apenas um prazer subjetivo e efêmero que o homem busca no ato sexual; quer conquistar, pegar, possuir; ter uma mulher é vencê-la; penetra nela como o arado nos sulcos da terra; ele a faz sua como faz seu o chão que trabalha: ara, planta, semeia; estas imagens são velhas como a escrita; da Antiguidade aos nossos dias poderíamos citar mil exemplos: "A mulher é como o campo e o homem como a semente", dizem as leis de Manu. Em um desenho de André Masson vê-se um homem com uma pá na mão, cavando o jardim de um sexo feminino.[83] A mulher é a presa do esposo, sua propriedade.

A hesitação do macho entre o medo e o desejo, entre o temor de ser possuído por forças incontroláveis e a vontade de captá-las, reflete-se de maneira impressionante nos mitos da Virgindade. Ora temida pelo homem,

ora desejada e até exigida, ela se apresenta como a forma mais acabada do mistério feminino; é o aspecto mais inquietante deste e ao mesmo tempo o mais fascinante. Segundo se sinta esmagado pelas forças que o cercam ou se acredite orgulhosamente capaz de anexá-las a si, o homem recusa ou reclama que a esposa lhe seja entregue virgem. Nas sociedades mais primitivas, em que o poder da mulher é exaltado, é o temor que vence; convém que a mulher tenha sido deflorada antes da noite de núpcias. Marco Polo afirmava dos tibetanos que "nenhum deles desejaria ter por mulher uma jovem ainda virgem". Explicou-se por vezes essa recusa de maneira racional: o homem não quer por esposa uma mulher que ainda não tenha suscitado desejos masculinos. O geógrafo árabe El Bekri, referindo-se aos eslavos, observa que "se um homem se casa e verifica que a mulher é virgem, ele lhe diz: se valesses alguma coisa, terias sido amada por homens e algum te teria tirado a virgindade. A seguir, ele a expulsa e repudia". Dizem mesmo que certos primitivos só aceitam casar com uma mulher que já tenha sido mãe e dado assim prova de fecundidade. Mas os verdadeiros motivos dos costumes tão difundidos de defloramento são místicos. Certos povos imaginam que há, na vagina, uma serpente que morderia o esposo no momento da ruptura do hímen; atribuem-se virtudes terrificantes ao sangue virginal, aparentado ao sangue menstrual e suscetível, ele também, de quebrar o vigor do homem. Através dessas imagens, exprime-se a ideia de que o princípio feminino tem mais força e comporta mais ameaças estando intato.[84] Há casos em que a questão do defloramento não existe; entre os indígenas descritos por Malinowski, por exemplo, do fato de serem as práticas sexuais autorizadas desde a infância, resulta que as jovens nunca são virgens. Por vezes, a mãe, a irmã mais velha ou alguma matrona deflora sistematicamente a menina e alarga-lhe o orifício vaginal no decurso da infância. Ocorre também ser o defloramento executado na época da puberdade por mulheres, com ajuda de um pedaço de pau, de um osso ou uma pedra, sendo encarado como uma operação cirúrgica. Em outras tribos, a jovem, ao se tornar púbere, é submetida a uma iniciação selvagem: alguns homens arrastam-na para fora da aldeia e defloram-na, ou com instrumentos ou violentando-a. Um dos ritos mais frequentes consiste em entregar as virgens aos estrangeiros de passagem, ou por pensarem que eles não são alérgicos a esse *mana*, perigoso tão somente para os homens da tribo, ou por não se preocuparem com os males que se desencadeiam sobre eles. O mais das vezes é o sacerdote, ou o homem-médico, ou o cacique, o chefe da tribo, que desvirgina a noiva na

noite anterior à das núpcias. Na costa de Malabar, os brâmanes encarregam-se dessa operação que executam, ao que se diz, sem alegria e pela qual exigem salários elevadíssimos. Sabe-se que todo objeto sagrado é perigoso para o profano, mas os indivíduos consagrados podem manejá-lo sem correr risco; compreende-se, portanto, que os sacerdotes e os chefes sejam capazes de domar as forças maléficas contra as quais o esposo precisa se proteger. Em Roma, só restava desses costumes uma cerimônia simbólica. Sentavam a noiva no falo de um Priapo de pedra, o que tinha o duplo fim de aumentar-lhe a fecundidade e de absorver os fluidos demasiado fortes, e por isso mesmo nefastos, de que ela se achava carregada. O marido defende-se ainda de outra maneira: deflora ele próprio a virgem, mas com cerimônias que o tornam invulnerável nesse momento crítico. Ele o faz, por exemplo, na presença de toda a aldeia, com ajuda de um pedaço de pau ou de um osso. Em Samoa, ele emprega o dedo enrolado previamente num pano branco do qual distribui tiras manchadas de sangue aos assistentes. Acontece também de ser ele autorizado a deflorar normalmente a mulher, mas não deve ejacular nela antes de passados três dias, de maneira que o germe gerador não se macule com o sangue do hímen.

Por uma inversão clássica no domínio das coisas sagradas, o sangue virginal torna-se, nas sociedades menos primitivas, um símbolo propício. Há ainda, na França, aldeias em que na manhã seguinte ao casamento se exibe o lençol ensanguentado aos pais e amigos. É que no regime patriarcal o homem tornou-se o senhor da mulher e as mesmas qualidades que atemorizam nos animais ou nos elementos indomados tornam-se qualidades preciosas para o proprietário que as soube domesticar. Da fogosidade do cavalo selvagem, da violência do raio e da catarata o homem fez os instrumentos de sua prosperidade. Do mesmo modo, procura anexar a mulher com toda sua riqueza intata. Motivos racionais desempenham certamente um papel no dever de virtude imposto à jovem; tal como a castidade da esposa, a inocência da noiva é necessária para que o pai não corra o risco de legar seus bens a um filho estranho. É, porém, de uma maneira mais imediata que a virgindade da mulher é exigida quando o homem encara a esposa como sua propriedade pessoal. Primeiramente, a ideia de posse é sempre impossível de se realizar positivamente; em verdade, nunca se tem nada nem ninguém; tenta-se por isso realizá-la de modo negativo; a maneira mais segura de afirmar a posse de um bem é impedir que os outros o usem. E, depois, nada se afigura mais desejável ao

homem do que o que nunca pertenceu a nenhum ser humano; a conquista se apresenta, então, como um acontecimento único e absoluto. As terras virgens sempre fascinaram os exploradores; alpinistas morrem todos os anos por terem tentado violar um pico ainda virgem ou simplesmente por terem querido abrir novo caminho em seus flancos; e curiosos arriscam a vida para descer ao fundo de grutas nunca antes exploradas. Um objeto domesticado pelo homem torna-se um instrumento; isolado de suas raízes naturais, perde suas mais profundas virtudes: há mais promessas na água livre das torrentes do que na das fontes públicas. Um corpo virgem tem o frescor das nascentes secretas, o aveludado matinal de uma corola fechada, o tom da pérola que o sol não acariciou ainda. Gruta, templo, santuário, jardim secreto, como a criança, o homem é fascinado pelos recantos umbrosos e fechados que nenhuma consciência nunca animou, que esperam que uma alma lhes seja emprestada: o que só ele tocou e penetrou parece-lhe, em verdade, ser criação sua. Ademais, um dos fins a que visa todo desejo é a consumação do objeto desejado, o que implica sua destruição. Destruindo o hímen, o homem possui o corpo feminino mais intimamente do que mediante uma penetração que o deixa intato; com essa operação irreversível o homem faz dele um objeto inequivocamente passivo, afirma seu domínio sobre ele. Esse sentido exprime-se muito exatamente na lenda do cavaleiro que abre um caminho difícil entre arbustos espinhosos para colher uma rosa nunca ainda respirada. Não somente ele a descobre, como ainda lhe quebra o caule; é então que a conquista. A imagem é tão clara que, na linguagem popular, "colher a flor" de uma mulher significa destruir-lhe a virgindade, e essa expressão originou a palavra "defloramento".

Mas a virgindade só tem essa atração erótica quando ligada à mocidade, sem o que seu mistério torna-se inquietante. Atualmente muitos homens sentem repulsa sexual diante de virgens algo amadurecidas e não é somente por motivos psicológicos que as solteironas são comparadas às matronas azedas e maldosas. A maldição está em sua própria carne, nessa carne que não é objeto para nenhum sujeito, que nenhum desejo tornou desejável, que desabrochou e murchou sem encontrar um lugar no mundo dos homens; afastada de seu destino, ela torna-se um objeto barroco e que inquieta como inquieta o pensamento incomunicável de um louco. De uma mulher de quarenta anos, ainda bela, mas presumivelmente virgem, ouvi um homem dizer grosseiramente: "Está cheio de teia de aranha lá dentro..." Realmente,

os porões e os sótãos em que ninguém mais entra, que não servem para nada, impregnam-se de um mistério sujo; aí vivem de bom grado os fantasmas. Abandonadas pelos homens, as casas tornam-se residências de espíritos. A menos que a virgindade feminina tenha sido consagrada a um deus, admite-se sem relutância que implica casamento com o demônio. As virgens que o homem não dominou, as mulheres velhas que escaparam a seu poder são mais facilmente do que as outras encaradas como feiticeiras; porque, sendo a sorte da mulher destinar-se a um outro, não sofrendo o jugo do homem está preparada para aceitar o do diabo.

Exorcizada pelos ritos do defloramento ou purificada, ao contrário, pela sua virgindade, pode a esposa apresentar-se, então, como presa desejável. Unindo-se a ela, possui o amante todas as riquezas da vida que deseja possuir. Ela é toda a fauna e toda a flora terrestre: gazela, corça, lírios e rosas, pêssego sedoso, framboesa perfumada, pedras preciosas, madrepérolas, ágata, pérola, seda, azul do céu, frescor das nascentes, ar, chama, terra e água. Todos os poetas do Oriente e do Ocidente metamorfosearam o corpo da mulher em flores, em frutos, em pássaros. Aqui também, através da Antiguidade, da Idade Média e da época moderna, seria preciso citar toda uma espessa antologia. Conhece-se o *Cântico dos cânticos* em que o bem-amado diz à bem-amada:

Teus olhos são pombas...
Teus cabelos são como um rebanho de cabras...
Teus dentes são como um rebanho de ovelhas tosquiadas...
Tua face é a metade de uma romã...
Teus dois seios são dois enhos...
Há sob tua língua mel e leite...

Em *Arcane 17*, retoma André Breton esse cântico eterno: "Mélusine no momento do segundo grito: ela jorrou de suas ancas sem globo, seu ventre é toda uma seara de agosto, seu torso projeta-se em fogo de artifício da cintura arqueada, moldada sobre duas asas de andorinha; seus seios são arminhos presos em seu próprio grito, ofuscantes à força de se clarearem com o carvão abrasado de sua boca ardente. E seus braços são a alma dos regatos que cantam e perfumam..."

O homem reencontra na mulher as estrelas brilhantes e a lua sonhadora, a luz do sol, a sombra das grutas; por outro lado, as flores selvagens das moitas, a rosa orgulhosa dos jardins são mulheres. Ninfas, dríades, sereias,

ondinas, fadas habitam os campos, os bosques, os lagos, os mares, as charnecas. Não há nada mais arraigado no coração dos homens do que esse animismo. Para o marinheiro, o mar é uma mulher perigosa, pérfida, difícil de conquistar mas que ele ama através de seu esforço para domá-la. Orgulhosa, rebelde, virginal e má, a montanha é uma mulher para o alpinista que a quer violar ainda que correndo perigo de morrer. Afirma-se, muitas vezes, que essas comparações são manifestações de uma sublimação sexual; elas exprimem antes uma afinidade tão original entre a mulher e os elementos quanto a própria sexua-lidade. O homem espera da posse da mulher mais do que a simples satisfação de um instinto; ela é o objeto privilegiado através do qual ele domina a Natureza. Pode acontecer que outros objetos desempenhem esse papel. É, por vezes, no corpo dos rapazes que o homem procura a areia das praias, o aveludado das noites, o odor das madressilvas. Mas a penetração sexual não é o único modo pelo qual se pode realizar uma apropriação carnal da terra. Em seu romance *To an unknow God*, Steinbeck mostra um homem que escolheu como mediadora entre a natureza e ele uma rocha musgosa; em *La Chatte*, Colette descreve um jovem marido que fixou seu amor na sua gata predileta, porque através desse animal selvagem e doce tem uma participação no universo sensual que sua companheira demasiado humana não lhe consegue dar. No mar, na montanha, o Outro pode encarnar-se quase tão perfeitamente quanto na mulher: é que opõem ao homem a mesma resistência passiva e imprevista que lhe permite realizar-se; são uma recusa a ser vencida, uma presa a ser possuída. Se o mar e a montanha são mulheres, é porque a mulher é também para o amante o mar e a montanha.[85]

Mas não é dado indiferentemente a qualquer mulher servir assim de mediadora entre o homem e o mundo; o homem não se contenta com encontrar em sua parceira órgãos sexuais complementares aos seus. É preciso que ela encarne o maravilhoso desabrochar da vida, e ao mesmo tempo que dissimule os perturbadores mistérios dessa vida. Pedirão, portanto, a ela antes de tudo mocidade e saúde, pois apertando nos braços uma coisa viva só pode encantar-se com ela esquecendo que toda vida é habitada pela morte. Ele deseja mais ainda: que a bem-amada seja bela. O ideal da beleza feminina é variável; mas certas exigências permanecem constantes. Entre outras, exige-se que seu corpo ofereça as qualidades inertes e passivas de um objeto, porquanto a mulher se destina a ser possuída. A beleza viril é a adaptação do corpo a funções ativas, é a força, a

agilidade, a flexibilidade, a manifestação de uma transcendência a animar uma carne que não deve nunca recair sobre si própria. O ideal feminino só é simétrico em sociedades como as de Esparta, da Itália fascista, da Alemanha nazista que destinavam a mulher ao Estado e não ao indivíduo, que a consideravam exclusivamente como mãe e não atentavam em absoluto para o erotismo. Mas, quando a mulher é entregue ao homem como um bem, o que ele reclama é que nela a carne esteja presente em sua pura facticidade. Seu corpo não é tomado como a irradiação de uma subjetividade, mas sim como uma coisa empastelada em sua imanência; esse corpo não deve lembrar o resto do mundo, não deve ser promessa de outra coisa senão de si mesmo: precisa deter o desejo. A forma mais ingênua dessa exigência é o ideal hotentote da Vênus esteatopigia, pois as nádegas são a parte do corpo menos inervada, a parte em que a carne se apresenta como um dado sem função. O gosto dos orientais pelas mulheres gordas é da mesma espécie; eles apreciam o luxo absurdo dessa proliferação adiposa que nenhum projeto anima, que não tem outro sentido senão o de estar presente.[86] Mesmo nas civilizações de uma sensualidade mais sutil, em que intervêm noções de forma e harmonia, os seios e as nádegas constituem objetos privilegiados por causa da gratuidade, da contingência de seu desenvolvimento. Os costumes, as modas são muitas vezes utilizados para separar o corpo feminino da transcendência: a chinesa de pés enfaixados mal pode andar; as garras vermelhas da estrela de Hollywood privam-na de suas mãos; os saltos altos, os coletes, as anquinhas, as crinolinas destinavam-se menos a acentuar a linha arqueada do corpo feminino do que a aumentar-lhe a impotência. Amolecido pela gordura, ou ao contrário tão diáfano que qualquer esforço lhe é proibido, paralisado por vestidos incômodos e pelos ritos da boa educação, é então que esse corpo se apresenta ao homem como sua coisa. A maquilagem e as joias também servem para a petrificação do corpo e do rosto. A função do adorno é muito complexa: possui entre certos primitivos um caráter sagrado; mas seu papel mais habitual é completar a metamorfose da mulher em ídolo. Ídolo equívoco: o homem a quer carnal, sua beleza participará da das flores e dos frutos, mas ela deve também ser lisa, dura, eterna como uma pedra. O papel do adorno é fazê-la participar mais intimamente da natureza e ao mesmo tempo arrancá-la dessa natureza; é dar à vida palpitante a necessidade imota do artifício. A mulher faz-se planta, pantera, diamante, madrepérola, misturando a seu corpo flores, peles, búzios, penas; perfuma-se a fim de exalar um aroma como a rosa e o lírio:

mas penas, seda, pérolas e perfumes servem também para esconder a crueza animal de sua carne, de seu odor. Ela pinta a boca e o rosto para dar-lhes a solidez imóvel de uma máscara; o olhar, ela o prende dentro da espessura do *khol* e outros ingredientes, é apenas um ornamento luminoso de seus olhos; trançados, encaracolados, esculpidos, seus cabelos perdem seu inquietante mistério vegetal. Na mulher enfeitada, a Natureza está presente mas cativa, moldada por uma vontade humana segundo o desejo do homem. Uma mulher é tanto mais desejável quanto mais se acha nela desabrochada e escravizada a natureza; a mulher "sofisticada" sempre foi o objeto erótico ideal. E a predileção por uma beleza mais natural não passa, muitas vezes, de uma forma especiosa de sofisticação. Remy de Gourmont quer que a mulher use cabelos soltos, livres como os regatos e as ervas do prado; mas é na cabeleira de uma Verônica Lake que se podem acariciar as ondulações da água e das espigas e não numa cabeleira hirsuta abandonada à natureza. Quanto mais uma mulher é jovem e sadia, quanto mais seu corpo novo e límpido parece votado a um frescor eterno, menos útil lhe é o artifício; mas é preciso dissimular sempre ao homem a fraqueza carnal dessa presa que ele abraça e a degradação que a ameaça. É também porque ele lhe teme o destino contingente, porque a sonha imutável, necessária, que o homem procura no rosto da mulher, em seu busto e suas pernas a exatidão de uma ideia. Entre os povos primitivos a ideia é tão somente a da perfeição do tipo popular; uma raça de lábios grossos e nariz achatado forja uma Vênus de lábios grossos e nariz achatado; posteriormente, aplicam-se às mulheres os cânones de uma estética mais complexa. Em todo caso, quanto mais os traços e as proporções de uma mulher parecem harmonizados, mais ela alegra o coração dos homens, porque parece escapar aos avatares das coisas naturais. Chega-se, pois, a esse estranho paradoxo: desejando apreender a natureza na mulher, mas transfigurada, o homem obriga a mulher ao artifício. Ela não é *physis* somente mas também *antiphysis*; e isso não apenas nas civilizações dos permanentes elétricos, da depilação com cera, das cintas de látex como ainda no país das negras de botoque, na China, em toda parte. Swift denunciou essa mistificação em sua famosa ode a Célia. Descreve com asco os apetrechos da coquete e com asco lembra-lhe as servidões animais do corpo; erra duplamente ao indignar-se, porque o homem deseja que a mulher seja, ao mesmo tempo, animal e planta, e que se esconda por trás de uma armadura fabricada. Ama-a saindo das águas e de uma costureira, nua e vestida, nua sob a roupa, tal qual precisamente ele a

encontra no universo humano. O citadino procura a animalidade na mulher, mas, para o jovem camponês que faz seu serviço militar, o bordel encarna toda a magia da cidade. A mulher é campo e pastagem, mas é também Babilônia.

Entretanto, aí está a primeira mentira, a primeira traição da mulher: a da própria vida que, embora assumindo as formas mais atraentes, é sempre habitada pelos fermentos da velhice e da morte. O próprio uso que o homem faz dela destrói suas virtudes mais preciosas: gasta pelas maternidades, ela perde sua atração erótica; mesmo estéril, bastam os anos para alterar-lhe os encantos. Enferma, feia, velha, a mulher causa horror. Dela, como de uma planta, diz-se que seca, murcha. Sem dúvida, a decrepitude também atemoriza no homem; mas o homem normal não sente os outros homens como carne, só tem com esses corpos autônomos e alheios uma solidariedade abstrata. É no corpo da mulher, esse corpo que lhe é destinado, que o homem experimenta sensivelmente a decadência da carne. É com os olhos hostis do macho que a *belle heaulmière* de Villon contempla a degradação de seu corpo. A mulher velha, a mulher feia não são somente objetos sem encantos: suscitam um ódio impregnado de medo. Nelas está presente a figura inquietante da mãe quando os encantos da esposa se esvaem.

Mas a própria esposa é uma presa perigosa. Deméter sobrevive em Vênus saindo das águas, como uma fresca espuma, uma loura seara; apropriando-se da mulher pelo gozo que dela tira, o homem também desperta nela as forças perturbadoras da fecundidade; é pelo mesmo órgão que o macho penetra que o filho é parido. Eis por que, em todas as sociedades, o homem é protegido por tantos tabus contra as ameaças do sexo feminino. A recíproca não é verdadeira, porque a mulher nada tem a temer do homem; o sexo deste é considerado laico, profano. O falo pode ser elevado à dignidade de um deus, mas no culto que lhe rendem não entra nenhum elemento de terror, e no decurso de sua vida quotidiana a mulher não precisa ser misticamente defendida contra ele; ele só lhe é propício. É notável, aliás, que em muitas sociedades de direito materno exista uma sexualidade muito livre, mas isso ocorre somente durante a infância da mulher, na sua primeira juventude, quando o coito não se acha ligado à ideia de geração. Malinowski conta, com algum espanto, que os jovens que dormem juntos livremente "na casa dos celibatários" exibem de bom grado seus amores; porque a jovem não casada é considerada incapaz de conceber, e o ato sexual não passa de

um tranquilo prazer profano. Quando casada, ao contrário, seu esposo não lhe deve manifestar publicamente qualquer afeição, não deve tocá-la, e qualquer alusão às relações íntimas é sacrílega, pois ela participa, então, da essência temível da mãe e o coito tornou-se ato sagrado. Desde então cerca-se de proibições e precauções. O coito é proibido quando se cultiva a terra, quando se semeia, quando se planta e o é porque não se quer que se desperdicem em relações interindividuais as forças fecundantes necessárias à prosperidade das colheitas e, portanto, ao bem da comunidade; é por respeito aos poderes ligados à fecundidade que se recomenda economizá-los. Mas, na maioria das oportunidades, a continência protege a virilidade do esposo; ela é exigida quando o homem parte para a pesca, para a caça, e principalmente quando se prepara para a guerra; na união com a mulher, o princípio masculino enfraquece-se e, em consequência, é necessário que ele evite essa união sempre que precisa da integridade de suas forças. Perguntou-se se o horror que o homem experimenta ante a mulher provém do que lhe inspira a sexualidade em geral ou se é o inverso. Verifica-se que, no Levítico em particular, a polução noturna é encarada como uma mácula, embora a mulher não esteja presente. E, em nossas sociedades modernas, a masturbação é considerada um perigo e um pecado; muitas das crianças e muitos dos jovens que a ela se entregam só o fazem enfrentando terríveis angústias. É a intervenção da sociedade, e principalmente dos pais, que faz do prazer solitário um vício. Mais de um menino, porém, sentiu-se apavorado com suas primeiras ejaculações: sangue ou esperma, qualquer perda de sua própria substância lhe parece inquietante; é sua vida, é seu *mana* que lhe escapa. Entretanto, mesmo que subjetivamente um homem possa viver experiências eróticas a que a mulher não está presente, objetivamente ela se acha implicada em sua sexualidade. Como dizia Platão no mito dos andróginos, o organismo do homem pressupõe o da mulher. É a mulher que ele descobre ao descobrir o próprio sexo, ainda que ela não lhe seja dada nem em carne e osso, nem em imagem. E, inversamente, é enquanto encarna a sexualidade que a mulher é temível. Nunca se pode separar o aspecto imanente do aspecto transcendente da experiência viva: o que receio ou desejo é sempre um avatar de minha própria existência, mas nada me acontece senão através do que não é eu. O não eu está implicado nas poluções noturnas, na ereção, senão na imagem exata da mulher, pelo menos enquanto Natureza e Vida. O indivíduo sente-se possuído por uma magia estranha. De modo que a ambivalência dos sentimentos que tem para

com a mulher se reencontra em sua atitude para com o próprio sexo: dele se orgulha, dele ri, dele se envergonha. O menino compara, numa espécie de desafio, o próprio pênis com o dos amigos; sua primeira ereção enche-o de orgulho e de pavor ao mesmo tempo. O adulto olha o sexo como um símbolo de transcendência e força; dele se envaidece como músculo estriado, mas também como graça mágica. É uma liberdade rica de toda a contingência do dado, um dado livremente querido; é sob esse aspecto contraditório que se encanta com ele; mas suspeita-lhe a ilusão. Esse órgão com o qual pretende afirmar-se não lhe obedece; intumescido por desejos insatisfeitos, retesando-se inopinadamente, aliviando-se por vezes em sonhos, manifesta uma vitalidade estranha e caprichosa. O homem pretende fazer o Espírito triunfar sobre a Vida, a atividade sobre a passividade. Sua consciência mantém a Natureza a distância, sua vontade molda-a, mas sob a imagem do sexo ele torna a encontrar em si a vida, a natureza, a passividade. "As partes sexuais são o verdadeiro centro ativo da vontade, sendo o cérebro o polo contrário", escreve Schopenhauer. O que ele denomina vontade é o apego à vida, que é sofrimento e morte, ao passo que o cérebro é o pensamento que se destaca da vida, representando-a: o pudor sexual é, na sua opinião, o pudor que experimentamos ante a nossa estúpida obstinação carnal. Ainda que não se aceite o pessimismo inerente a suas teorias, ele tem razão de ver na oposição sexo-cérebro a expressão da dualidade do homem. Enquanto sujeito, ele põe o mundo, e, permanecendo fora do universo que põe, torna-se o soberano desse mundo; ele se apreende como carne, como sexo, não é mais consciência autônoma, liberdade transparente; está empenhado no mundo, um objeto limitado e perecível. E, talvez, o ato gerador ultrapasse as fronteiras do corpo; mas, no mesmo instante, ele as constitui. O pênis, pai das gerações, é simétrico à matriz materna. Saído de um germe desenvolvido no ventre da mulher, o homem é, ele próprio por seu turno, portador de germes e, com essa semente que gera a vida, é também sua própria vida que se renega. "O nascimento dos filhos é a morte dos pais", diz Hegel. A ejaculação é promessa de morte, a afirmação da espécie contra o indivíduo; a existência do sexo e sua atividade negam a singularidade orgulhosa do sujeito. É essa contestação do espírito pela vida que faz do sexo um objeto de escândalo. O homem exalta o falo na medida em que o apreende como transcendência e atividade, como modo de apropriação do outro; mas dele se envergonha quando não vê nele senão uma carne passiva através da qual é o joguete das forças obscuras da Vida.

Esse pudor se fantasia de bom grado de ironia. O sexo de outrem suscita facilmente o riso. Pelo fato de imitar um movimento intencional e ser, entretanto, involuntária, a ereção parece muitas vezes ridícula; e a simples presença dos órgãos genitais, tão somente evocada, suscita alegria. Malinowski narra que, entre os selvagens com os quais vivia, bastava pronunciar o nome dessas "partes vergonhosas" para provocar risos intermináveis. Muitas piadas grosseiras, ditas gaulesas, não vão muito além desses rudimentares jogos de palavras. Entre certos primitivos, as mulheres têm o direito, durante os dias consagrados à capina do jardim, de violentar brutalmente qualquer estrangeiro que se aventure na aldeia. Atacando-o em grupo, largam-no muitas vezes semimorto: os homens da tribo riem da façanha. Com essa violação, a vítima constitui-se em carne passiva e dependente: ele foi possuído pelas mulheres e através delas pelos maridos; ao passo que, no coito normal, o homem quer afirmar-se como possuidor.

Mas é então que vai sentir, com maior evidência, a ambiguidade de sua condição carnal. Ele só assume orgulhosamente sua sexualidade enquanto modo de apropriação do Outro, e esse sonho de posse redunda tão somente em fracasso. Numa posse autêntica, o outro é abolido como outro, é consumido e destruído. Só o sultão das *Mil e uma noites* tem o poder de cortar a cabeça das amantes quando a madrugada as rouba de seu leito; a mulher sobrevive à posse do homem e assim lhe escapa: desde que ele abra os braços, a presa se lhe torna alheia, e ei-la nova, intata, pronta para ser possuída por novo amante, e de maneira igualmente efêmera. Um dos sonhos do homem é "marcar" a mulher de maneira a que permaneça sua para sempre: porém o mais arrogante bem sabe que nunca deixará mais do que recordações e que as mais ardentes imagens são frias ante uma sensação. Toda uma literatura denunciou esse fracasso. Objetivam-no na mulher que chamam inconstante e traidora porque seu corpo a destina ao homem em geral e não a um homem particular. Sua traição é mais pérfida ainda: ela é que faz do amante uma presa. Só um corpo pode comover outro corpo. O homem não domina a carne desejada senão tornando-se, ele próprio, carne. Eva foi dada a Adão para que ele realizasse nela sua transcendência e ela o arrasta para a noite da imanência. A mulher reconstitui em torno de seu amante, nas vertigens do prazer, o barro opaco da ganga tenebrosa que a mãe modelou para o filho e de que ele busca evadir-se. Ele queria possuir: ei-lo, ele próprio, possuído. Odor, morno suor, fadiga, tédio, toda uma literatura descreveu essa paixão sombria de uma consciência que se faz carne. O

desejo, que muitas vezes elimina a repugnância, volta à repugnância quando satisfeito. *Post coitum homo animal triste*. "A carne é triste", e, no entanto, o homem não encontrou nos braços da amante um apaziguamento definitivo. Muito breve o desejo renasce nele; e não apenas o desejo da mulher em geral, porém, o da mesma mulher. Esta adquire então um poder inquietante, porque em seu próprio corpo o homem só encontra a necessidade sexual como uma exigência de ordem geral análoga à da fome ou da sede e cujo objeto não é particular. O laço que o amarra a esse corpo feminino singular foi obra do Outro. É um laço misterioso como o ventre impuro e fértil em que deita raízes, uma espécie de força passiva: é mágico. O vocabulário puído dos romances-folhetins em que a mulher é descrita como uma feiticeira, uma sedutora que fascina o homem, que o submete a seus encantos, reflete o mais antigo, o mais universal dos mitos. A mulher é votada à magia. A magia, diz Alain, é o espírito solto nas coisas; uma ação é mágica quando, em lugar de ser produzida por um agente, emana de uma passividade; precisamente os homens sempre encararam a mulher como a imanência do dado; se ela produz searas e filhos, não o faz por um ato de vontade; ela não é sujeito, transcendência, força criadora, e sim um objeto carregado de fluidos. Nas sociedades em que o homem adora esses mistérios, a mulher é, por causa dessas virtudes, associada ao culto e venerada como sacerdotisa; mas quando ele luta para fazer a sociedade triunfar sobre a natureza, a razão sobre a vida, a vontade sobre o dado inerte, então a mulher é encarada como feiticeira. Conhece-se a diferença entre o sacerdote e o mágico: o primeiro domina e dirige as forças de que se assenhoreou de acordo com os deuses e as leis, para o bem da comunidade e em nome de todos os seus membros; o mágico opera à margem da sociedade contra os deuses e as leis e segundo suas próprias paixões. Ora, a mulher não se acha inteiramente integrada no mundo dos homens; enquanto outro, ela se opõe a eles; é natural que se valha das forças que detém, não para estender a marca da transcendência através da comunidade dos homens e no futuro, mas sim, por estar separada, por ser oposta, a fim de arrastar os homens para a solidão da separação, para as trevas da imanência. Ela é a sereia cujos cantos precipitavam os marinheiros de encontro aos recifes; ela é Circe que transformava os amantes em animais, a Ondina que atrai o pescador para o fundo da lagoa. O homem preso a seus encantos não tem mais vontade, projeto e futuro; não é mais cidadão, porém apenas uma carne escrava de seus desejos. É banido da comunidade, encerrado no instante, balouçado passivamente da tortura ao prazer; a

mágica perversa ergue a paixão contra o dever, o momento presente contra a unidade do tempo, retém o viajante longe de seu lar, dá o esquecimento. Buscando apropriar-se do Outro, é preciso que o homem permaneça ele próprio; mas, no malogro da posse impossível, ele tenta tornar-se esse outro a quem não consegue unir-se; aliena-se então, perde-se, bebe o filtro que o faz estranho a si mesmo, mergulha no fundo das águas fugidias e mortais. A Mãe destina o filho à morte ao dar-lhe vida; a amante induz o amante a renunciar à vida e a abandonar-se ao sono supremo. Esse laço que une o Amor à Morte foi pateticamente salientado na lenda de Tristão, mas há uma verdade mais original. Nascido da carne, o homem realiza-se como carne no amor e a carne é condenada ao túmulo. Com isso, confirma-se a aliança da mulher com a Morte; a grande ceifadeira é a figura invertida da fecundidade que faz crescerem as espigas. Mas ela se apresenta também como a horrível desposada cujo esqueleto se revela sob tenra carne mentirosa.[87]

Assim, o que o homem ama e detesta antes de tudo na mulher, amante ou mãe, é a imagem imóvel de seu destino animal, é a vida necessária à sua existência, mas que a condena à finitude e à morte. Desde o dia em que nasce, o homem começa a morrer: é a verdade que a mãe encarna. Procriando, ele afirma a espécie contra si próprio: é o que aprende nos braços da esposa. Na emoção perturbadora e no prazer, antes mesmo de ter engendrado, ele esquece seu eu singular. Embora tente distingui-las, encontra numa e noutra, amante e mãe, uma só evidência: a de sua condição carnal. Ao mesmo tempo deseja realizá-la; venera a mãe, deseja a amante; ao mesmo tempo rebela-se contra elas na aversão e no terror.

É num texto significativo de Jean Richard Bloch (*La Nuit kurde*) que vamos encontrar uma síntese de quase todos esses mitos. Trata-se do texto em que descreve os amores do jovem Saad com uma mulher muito mais velha, mas ainda bela, durante o saque de uma cidade: "A noite abolia os contornos das coisas e das sensações. Não apertou mais uma mulher contra o corpo. Chegava afinal ao cabo de uma viagem interminável, que prosseguia desde as origens do mundo. Aniquilou-se pouco a pouco numa imensidade que balançava em derredor, sem fim, nem figura. Todas as mulheres se confundiram em um país gigante, encolhido sobre si mesmo, sombrio como o desejo, ardente como o verão... Ele, entretanto, reconhecia com uma admiração temerosa a força encerrada na mulher, as coxas alongadas de cetim, os joelhos semelhantes a duas colinas de marfim. Quando subia pelo eixo polido do dorso, dos rins até os ombros, parecia-lhe

percorrer a própria abóbada que sustenta o mundo. Mas o ventre chamava-o sem cessar, oceano elástico e tenro em que toda a vida nasce e retorna, asilo entre os asilos, com suas marés, seus horizontes, suas superfícies ilimitadas.

"Então viu-se tomado de um desejo raivoso de rasgar o invólucro delicioso e alcançar a própria fonte de suas belezas. Uma comoção simultânea enrolou-os um no outro. A mulher não mais existiu senão para fender-se como o solo, abrir-lhe as vísceras, ingurgitar-se com os humores do amado. O êxtase fez-se assassínio. Uniram-se como se apunhala.

"...Ele, o homem isolado, o dividido, o separado, o cerceado, ia jorrar de sua própria substância, evadir-se de sua prisão de carne e rolar enfim, matéria e alma, na matéria universal. Estava-lhe reservada a felicidade suprema, nunca experimentada até então, de ultrapassar as fronteiras da criatura, de fundir na mesma exaltação o sujeito e o objeto, a pergunta e a resposta, de anexar ao ser tudo o que não é o ser, e atingir numa última convulsão o império do inatingível.

"...Cada vai e vem do arco despertava no instrumento precioso que tinha à sua mercê vibrações sempre mais agudas. Subitamente, um último espasmo arrancou Saad do zênite e lançou-o na terra e na lama."

Insatisfeita em seu desejo, a mulher prende com as pernas o amante, que sem querer sente renascer o próprio desejo: ela se apresenta então a ele como uma força inimiga que lhe arranca a virilidade e, ao possuí-la novamente, ele morde-lhe tão profundamente a garganta que a mata. Assim fecha-se o ciclo que vai da mãe à amante, à morte, através de complicados meandros.

Muitas atitudes são possíveis ao homem segundo o aspecto do drama carnal que ele acentua. Se um homem não tem a ideia de que a vida é única, se não tem a preocupação de seu destino singular, se não teme a morte, aceitará alegremente sua animalidade. Entre os muçulmanos, a mulher é reduzida a um estado de abjeção por causa da estrutura feudal da sociedade que não autoriza o recurso ao Estado contra a família. Isso se deve à religião que, exprimindo o ideal guerreiro dessa civilização, destinou diretamente o homem à morte e despojou a mulher da sua magia. Que temeria nesta terra quem está preparado para mergulhar de um segundo a outro nas voluptuosas orgias do paraíso maometano? O homem pode, pois, fruir tranquilamente da mulher sem precisar defender-se contra si mesmo, nem contra ela. Os contos das *Mil e uma noites* encaram-na como uma fonte de untuosas delícias, tal qual os frutos, as geleias, os bolos opulentos, os óleos

perfumados. Encontra-se hoje essa benevolência sensual em muitos povos do Mediterrâneo; satisfeito com o instante, não pretendendo a imortalidade, o homem do sul que, através do brilho do céu e do mar, apreende a Natureza em seu aspecto fasto, amará gulosamente as mulheres; por tradição, despreza-as suficientemente para não as tomar como pessoas, não estabelecendo grande diferença entre o encanto do corpo delas e o da areia ou da água; nem nelas nem em si mesmo sente o horror à carne. É com tranquilo deslumbramento que, nas *Conversações na Sicília*, Vittorini diz ter descoberto com a idade de sete anos o corpo nu da mulher. O pensamento racionalista da Grécia e de Roma confirma essa atitude espontânea. A filosofia otimista dos gregos ultrapassou o maniqueísmo pitagórico; o inferior subordina-se ao superior e como tal é útil: essas ideologias harmônicas não manifestam nenhuma hostilidade à carne. Voltado para o céu das Ideias, ou para a Cidade ou o Estado, o indivíduo, pensando-se como *Nous* ou como cidadão, crê ter superado sua condição animal: que se entregue à volúpia ou pratique o ascetismo, a mulher solidamente integrada na sociedade masculina só tem uma importância secundária. Por certo, o racionalismo nunca triunfou inteiramente e a experiência erótica conserva, nessas civilizações, seu caráter ambivalente: ritos, mitologias, literatura o comprovam. Mas as seduções e os perigos da feminilidade nisso tudo só se manifestam sob uma forma atenuada. É o cristianismo que dá novamente à mulher um prestígio assustador: o medo do outro sexo é uma das formas que assume para o homem o desespero da consciência infeliz. O cristão está separado de si mesmo; consuma-se a divisão do corpo e da alma, da vida e do espírito: o pecado original faz do corpo o inimigo da alma; todas as ligações carnais se consideram más.[88] É só enquanto resgatado por Cristo e voltado para o reino celeste que o homem pode ser salvo, mas originalmente ele é apenas podridão; seu nascimento impõe-lhe não somente a morte mas ainda a danação; é em virtude de uma graça divina que o céu lhe pode ser aberto, mas em todos os avatares de sua existência natural há uma maldição. O Mal é uma realidade absoluta e a carne, um pecado. E, naturalmente, como nunca a mulher deixa de ser o Outro, não se considera que homem e mulher sejam reciprocamente carne: a carne, que é para o cristão o *Outro* inimigo, não se distingue da mulher. Nela é que se encarnam as tentações da terra, do sexo, do demônio. Todos os padres da Igreja insistem no fato de que ela conduziu Adão ao pecado. Cumpre citar de novo as palavras de Tertuliano: "Mulher! És a porta do diabo. Persuadiste aquele

que o diabo não ousava atacar de frente. Foi por tua causa que o filho de Deus teve de morrer. Deverias andar sempre vestida de luto e de andrajos." Toda a literatura cristã se esforça por exacerbar a repugnância que o homem pode sentir pela mulher. Tertuliano assim a define: *Templum aedificatum super cloacam*. Santo Agostinho sublinha com horror a promiscuidade dos órgãos sexuais e excretórios: *Inter foeces et urinam nascimur*. A repugnância do cristianismo pelo corpo feminino é tal que ele consente em destinar seu Deus a uma morte ignominiosa, mas poupa-lhe a mácula do nascimento: o concílio de Éfeso no Oriente, o de Latrão no Ocidente afirmam a concepção virginal de Cristo. Os primeiros padres da Igreja — Orígenes, Tertuliano, Jerônimo — pensavam que Maria parira no sangue e na imundície como as outras mulheres, mas é a opinião de santo Agostinho e santo Ambrósio que prevalece. O seio da Virgem permaneceu fechado. A partir da Idade Média, o fato de ter a mulher um corpo foi considerado uma ignomínia. A própria ciência andou muito tempo paralisada por essa repugnância. Lineu, em seu tratado da Natureza, deixa de lado, como "abominável", o estudo dos órgãos genitais da mulher. O médico francês des Laurens pergunta escandalizado como "esse animal divino cheio de razão e juízo que chamam homem pôde ser atraído por essas partes obscenas da mulher, maculadas de humores e situadas vergonhosamente na parte mais baixa do tronco". Hoje, muitas outras influências interferem na do pensamento cristão; e este mesmo tem mais de um aspecto; mas no mundo puritano, entre outros, o ódio à carne perpetua-se; exprime-se, por exemplo, na *Light in August* de Faulkner; as primeiras iniciações sexuais do herói provocam-lhe terríveis traumatismos. É frequente em toda a literatura mostrar um jovem transtornar-se até o vômito depois do primeiro coito; e, se em verdade tal reação é muito rara, não é por acaso que tão frequentemente seja ela descrita. Nos países anglo-saxões, penetrados de puritanismo, a mulher suscita na maioria dos jovens e em muitos homens feitos um terror mais ou menos confessado. Esse terror existe assaz acentuado na França. Michel Leiris escreve em *L'Age d'homme*: "Tenho comumente tendência para encarar o órgão feminino como uma coisa suja ou como uma ferida, nem por isso menos atraente, mas perigosa em si, como tudo o que é sangrento, mucoso, contaminado." A ideia de doença venérea traduz esses pavores; não é por transmitir doenças que a mulher atemoriza, são as doenças que parecem abomináveis porque provêm da mulher; contaram-me de rapazes que pensavam que relações sexuais demasiado frequentes bastavam para

provocar a blenorragia. Acredita-se também comumente que, com o coito, o homem perde seu vigor muscular, sua lucidez cerebral, seu fósforo consome-se, sua sensibilidade se embota; é verdade que o onanismo faz com que se incorra nos mesmos riscos, e até por motivos morais a sociedade considera-o mais nocivo do que a função sexual normal. O casamento legítimo e a vontade de procriação são defesas contra os malefícios do erotismo. Mas já disse que o Outro está implicado em todo ato sexual; e sua imagem mais habitual é a da mulher. É diante dela que o homem sente com maior evidência a passividade da própria carne. A mulher é vampiro, mutiladora, devoradora e bebedora e seu sexo alimenta-se gulosamente do sexo masculino. Certos psicanalistas quiseram encontrar bases científicas para essas imagens; todo prazer que a mulher aufere do coito proviria do fato de que ela castra simbolicamente o macho e apropria-se do sexo dele. Mas parece-me que essas próprias teorias exigiriam uma psicanálise e que os médicos, que as inventaram, projetaram nelas terrores ancestrais.[89]

A causa desses terrores está em que, no Outro, para além de qualquer anexação, permanece a alteridade. Nas sociedades patriarcais, a mulher conserva muitas das inquietantes qualidades que detinha nas sociedades primitivas. Eis por que não a abandonam nunca à Natureza, cercam-na de tabus, purificam-na com ritos, colocam-na sob o controle dos sacerdotes; ensinam ao homem que não deve achegar-se a ela em sua nudez original, e sim através de cerimônias, sacramentos que a arrancam da terra, da carne, que a metamorfoseiam em uma criatura humana; então a magia que ela detém é canalizada como o raio após a invenção do para-raios e das centrais elétricas. Torna-se mesmo possível utilizá-la no interesse da coletividade. Percebe-se aqui outra fase desse movimento oscilatório que define a relação do homem com sua fêmea. Ele a ama enquanto ela lhe pertence, teme-a enquanto outro; mas é enquanto outro temível que ele procura torná-la mais profundamente sua, e é isso o que faz com que ele a eleve à dignidade de pessoa e a reconheça como semelhante.

A magia feminina foi profundamente domesticada dentro da família patriarcal. A mulher permite que a sociedade integre nela as forças cósmicas. Em sua obra, *Mitra-Varuna*, Dumézil assinala que, na Índia como em Roma, o poder viril afirma-se de duas maneiras: em Varuna e Rômulo, nos Gandarvas e nas Lupercas esse poder é agressão, rapto, desordem, *hybris*; então a mulher se apresenta como um ser que é preciso raptar, violentar; as sabinas raptadas são estéreis, fustigam-nas com correias de pele

de bode, compensando pela violência um excesso de violência. Mas Mitra, Numa, os Brâmanes e os Flâmines asseguram, ao contrário, a ordem e o equilíbrio racional da cidade; então a mulher é ligada ao marido por um casamento de ritos complicados e, colaborando com ele, assegura-lhe o domínio de todas as forças femininas da natureza; em Roma, se a flamínica morre, o *flamen dialis* demite-se de suas funções. Assim é que, no Egito, Ísis, tendo perdido seu poder supremo de deusa-mãe, permanece, entretanto, generosa, benevolente, sábia e sorridente, a magnífica esposa de Osíris. Mas, quando se apresenta assim como a associada do homem, seu complemento, sua metade, a mulher é necessariamente dotada de uma consciência, de uma alma; ele não poderia depender tão intimamente de um ser que não participasse da essência humana. Já se viu que as leis de Manu prometiam à esposa legítima o mesmo paraíso que ao esposo. Quanto mais o homem se individualiza e reivindica sua individualidade, mais reconhece em sua companheira um indivíduo e uma liberdade. O oriental, despreocupado com seu próprio destino, contenta-se com uma fêmea que é para ele um objeto de prazer; mas o sonho do ocidental, quando se eleva à consciência da singularidade de seu ser, é ser reconhecido por uma liberdade alheia e dócil. O grego não encontra na prisioneira do gineceu a semelhante que reclama; por isso orienta seu amor para o companheiro masculino cuja carne, tal como a sua, é habitada por uma consciência e uma liberdade; ou então dedica seu amor às hetairas, cuja independência, cultura e espírito fazem-nas quase suas iguais. Mas, quando as circunstâncias o permitem, é a esposa que melhor pode satisfazer as exigências do homem. O cidadão romano vê na matrona uma pessoa. Em Cornélia, em Arria, ele possui seu duplo. É paradoxalmente o cristianismo que proclamará em certo plano a igualdade do homem e da mulher. Ele detesta nela a carne; se ela se renega como carne, torna-se, do mesmo modo que o homem, criatura de Deus, resgatada pelo Redentor, e ei-la do lado do homem entre as almas prometidas às alegrias celestes. Homens e mulheres são os servidores de Deus, quase tão assexuados quanto os anjos e que, em conjunto, com a ajuda da graça, rejeitam as tentações da terra. Aceitando renegar sua animalidade, a mulher, exatamente por encarnar o pecado, será também a mais radiosa encarnação do triunfo dos eleitos que venceram o pecado.[90] Naturalmente, o Salvador Divino que opera a redenção dos homens é do sexo masculino; mas é preciso que a humanidade coopere para sua própria salvação e é sob sua forma mais humilhada, mais perversa que

será chamada a manifestar sua boa vontade submissa. Cristo é Deus, mas é uma mulher, a Virgem Maria, que reina sobre todas as criaturas humanas. Entretanto, só as seitas que se desenvolvem à margem da sociedade ressuscitam, na mulher, os antigos privilégios das grandes deusas. A Igreja exprime e serve uma civilização patriarcal na qual é conveniente que a mulher permaneça anexada ao homem. É fazendo-se escrava dócil que ela se torna também uma santa abençoada. Assim, no coração da Idade Média, ergue-se a imagem mais acabada da mulher propícia aos homens: a figura da Virgem Maria cerca-se de glória. É a imagem invertida de Eva, a pecadora; esmaga a serpente sob o pé; é a mediadora da salvação como Eva o foi da danação.

É como Mãe que a mulher é temível; é na maternidade que é preciso transfigurá-la e escravizá-la. A virgindade de Maria tem principalmente um valor negativo. Não é carnal aquela por quem a carne foi resgatada; não foi tocada nem possuída. À Grande Mãe asiática, não se lhe reconhecia tampouco um esposo: ela engendrara o mundo e sobre ele reinava solitariamente; podia ser lúbrica por capricho, mas nela a grandeza da Mãe não era diminuída pelas servidões impostas à esposa. Maria também não conheceu a mácula que a sexualidade implica. Aparentada à Minerva guerreira, ela é torre de marfim, cidadela, torreão inexpugnável. As sacerdotisas antigas, como a maioria das santas cristãs, eram igualmente virgens. A mulher votada ao bem deve sê-lo no esplendor de suas forças intatas; cumpre que ela conserve em sua integridade indomada o princípio de sua feminilidade. Se se recusa a Maria o caráter de esposa é para lhe exaltar mais puramente a Mulher-Mãe. Mas é somente aceitando o papel subordinado que lhe é designado que será glorificada. "Eu sou a serva do Senhor." Pela primeira vez na história da humanidade, a mãe ajoelha-se diante do filho; reconhece livremente a própria inferioridade. É a suprema vitória masculina que se consuma no culto de Maria: é a reabilitação da mulher pela realização de sua derrota. Ichtar, Astarté e Cibele eram cruéis, caprichosas, luxuriosas; eram poderosas, fonte da morte como da vida, engendrando os homens, transformavam-nos em escravos. No cristianismo, a vida e a morte só dependem de Deus, o homem originário do seio materno dele se evadiu para sempre, a terra só está à espera de seus ossos; o destino de sua alma decide-se em regiões onde os poderes da mãe se acham abolidos; o sacramento do batismo torna irrisórias as cerimônias em que se queimava ou afogava a placenta. Não há mais lugar na terra para a magia:

Deus é o único rei. A natureza é originalmente má, porém diante da graça é impotente. A maternidade, como fenômeno natural, não confere nenhum poder. Só resta, portanto, à mulher, se quiser superar em si mesma a tara original, inclinar-se diante de Deus cuja vontade a escraviza ao homem. E mediante essa submissão, ela pode assumir novo papel na mitologia masculina. Combatida, espezinhada, quando aspirava a ser dominadora e enquanto ainda não abdicara explicitamente, pode a partir de então ser honrada como vassala. Não perde nenhum de seus atributos primitivos, mas estes mudam de sinal: de nefastos tornam-se fastos, a magia negra torna-se magia branca. Conquanto serva, a mulher tem direito às mais esplêndidas apoteoses.

Desde que foi escravizada como Mãe, é primeiramente como mãe que será querida e respeitada. Das duas faces da maternidade, o homem não quer mais conhecer senão a sorridente. Limitado no tempo e no espaço, possuindo apenas um corpo e uma vida finita, o homem não passa de um indivíduo no seio de uma Natureza e de uma História estranhas. Limitada como ele, semelhante a ele porque é também habitada pelo espírito, a mulher pertence à Natureza, é atravessada pela corrente infinita da Vida; ela se apresenta, portanto, como a mediadora entre o indivíduo e o cosmo. Compreende-se que o homem se volte com amor para a mãe quando a imagem dela se faz tranquilizadora e santa. Mergulhado na natureza, ele procura evadir-se, mas, separado dessa Natureza, aspira a unir-se a ela. Solidamente assentada na família, na sociedade, de acordo com as leis e os costumes, a mãe é a própria encarnação do Bem: a natureza de que ela participa torna-se boa, ela não é mais inimiga do espírito e, se permanece misteriosa, seu mistério é sorridente como o das madonas de Leonardo da Vinci. O homem não quer ser mulher, mas sonha com envolver em si tudo o que existe e também, portanto, essa mulher que ele não é. No culto que rende à mãe tenta apropriar-se de suas riquezas estranhas. Reconhecer-se filho é reconhecer a mãe em si próprio, é integrar a feminilidade enquanto ligação com a terra, a vida, o passado. Em *Conversações na Sicília*, de Vittorini, é o que o herói vai buscar junto de sua mãe: o solo natal, seus odores e frutos, a infância, a lembrança dos antepassados, as tradições, as raízes de que a existência individual o separou. É esse enraizamento mesmo que exalta no homem o orgulho da superação; agrada-lhe admirar-se arrancando-se dos braços maternos a fim de partir para a aventura, o futuro, a guerra; a partida seria menos comovente se não houvesse ninguém para tentar retê-lo: apresentar-se-ia como um acidente, não como uma vitória duramente alcançada. E agrada-lhe

também saber que esses braços continuam prontos para acolhê-lo. Após a tensão da ação, o herói gosta de gozar novamente, junto de sua mãe, o repouso da imanência: ela é o refúgio, o sono; pela carícia de suas mãos ele mergulha novamente no seio da natureza, deixa-se levar pela grande corrente da vida, tão tranquilamente como na matriz, como no túmulo. E, se a tradição insiste em que morra chamando a mãe, é porque sob o olhar materno a própria morte é domesticada, simétrica do nascimento, indissoluvelmente ligada a toda vida carnal. A mãe permanece associada à morte como no antigo mito das Parcas; cabe à mãe enterrar os mortos e chorá-los. Mas seu papel é principalmente integrar a morte na vida, na sociedade, no bem. Por isso, o culto das "mães heroicas" é sistematicamente encorajado: se a sociedade obtém das mães que entreguem seus filhos à morte, é porque acredita ter o direito de assassiná-los. É vantajoso para a sociedade anexá-las em virtude do domínio que exercem sobre os filhos. Eis por que a mãe é cercada de tantas manifestações de respeito, por que lhe atribuem todas as virtudes e criam para ela uma religião a que é proibido obviar sob pena de sacrilégio e blasfêmia. Fazem-na a guardiã da moral; serva do homem, serva dos poderes, conduz docemente seus filhos pelos caminhos traçados. Quanto mais uma coletividade é resolutamente otimista, mais docilmente aceita essa terna autoridade, mais a mãe é nela transfigurada. A *Mom* norte-americana tornou-se o ídolo descrito por Philipp Wyllie em *Generation of Vipers*, porque a ideologia oficial dos Estados Unidos é o mais obstinado dos otimismos. Glorificar a mãe é aceitar o nascimento, a vida e a morte em sua forma animal e social, é proclamar a harmonia da natureza e da sociedade. É por sonhar com a realização dessa síntese que Auguste Comte faz da mulher a divindade da futura Humanidade. Mas é por isso também que todos os revoltados obstinam-se contra a figura da mãe; achincalhando-a, recusam o dado que lhe pretendem impor através da guardiã dos costumes e das leis.[91]

O respeito de que se aureola a Mãe, as proibições que a cercam recalcam o nojo hostil que espontaneamente se mistura à ternura carnal que inspira. Entretanto, sob formas larvadas, o horror à maternidade sobrevive. É interessante observar, em particular, que na França, desde a Idade Média, criou-se um mito secundário que permite a livre expressão dessas repugnâncias: o da Sogra. Desde os fabulários até os *vaudevilles*, é a maternidade em geral que o homem escarnece através da mãe da esposa, não defendida por nenhum tabu. Ele detesta que a mulher amada tenha sido engendrada: a sogra é evidentemente a imagem da decrepitude a que votou a

filha ao dá-la à luz; sua obesidade, suas rugas, anunciam a obesidade, as rugas da jovem esposa cujo futuro assim tristemente se prefigura; ao lado da mãe, essa jovem esposa não se apresenta mais como um indivíduo, e sim como o momento de uma espécie; não é mais a presa desejada, a companheira querida, porque sua existência singular se dissolve na vida universal. Sua particularidade é irrisoriamente contestada pela generalidade, a autonomia do espírito pelo seu enraizamento no passado e na carne: é essa irrisão que o homem objetiva num personagem grotesco; mas se há tanto rancor em seu riso, é porque ele sabe muito bem que o destino de sua mulher é o de todo ser humano: é o seu. Em todos os países, as lendas e os contos encarnaram também na esposa de segundas núpcias o aspecto cruel da maternidade. É uma madrasta que tenta fazer com que Branca de Neve morra. Na madrasta — Mme Fichini, que chicoteia Sophie nos livros de Mme de Ségur — sobrevive a antiga Cali do colar de cabeças decepadas.

Entretanto, por trás da Mãe santificada aglomera-se a coorte das feiticeiras da magia branca que põem a serviço do homem os sucos das ervas e irradiações astrais: avós, velhas mulheres de olhos cheios de bondade, criadas carinhosas, irmãs de caridade, enfermeiras de mãos maravilhosas, amantes como aquela com que sonha Verlaine:

Doce, pensativa e morena e nunca espantada,
E que por vezes vos beija a fronte como uma criança;[92]

atribuem-lhe o claro mistério das cepas nodosas, da água fresca; elas cuidam e curam; sua sabedoria é a sabedoria silenciosa da vida, compreendem sem que lhes falem. Junto delas o homem esquece todo orgulho; conhece a doçura de se abandonar e de tornar a ser uma criança porque não há entre ele e elas nenhuma luta de prestígio. Ele não poderia invejar as virtudes inumanas da natureza, e, em seu devotamento, as sábias iniciadas que dele tratam reconhecem-se como suas servas; ele submete-se à força benfazeja delas porque sabe que nessa submissão permanece senhor. As irmãs, as amigas de infância, as moças puras, todas as futuras mães fazem parte da legião abençoada. E a própria esposa, quando sua magia erótica se dissipa, apresenta-se a muitos homens menos como amante do que como mãe dos filhos. A partir do dia em que a mãe é santificada e escravizada pode-se sem medo reencontrá-la na companheira, ela também santificada e submissa. Resgatar a mãe é resgatar a carne e, portanto, a união carnal e a esposa.

Privada de suas armas mágicas pelos ritos nupciais, econômica e socialmente subordinada ao marido, a "boa esposa" é para o homem o mais precioso dos tesouros. Pertence-lhe tão profundamente que participa da mesma essência: *ubi tu Gaius, ego Gaia*; usa o nome dele, tem os mesmos deuses, ele é responsável por ela: chama-a sua metade. Ele orgulha-se de sua mulher como de sua casa, suas terras, seus rebanhos, suas riquezas, e por vezes mais ainda; é através dela que manifesta sua força aos olhos do mundo; ela é sua medida e sua parte na terra. Entre os orientais, a mulher deve ser gorda: vê-se assim que é bem alimentada e honra seu senhor.[93] Um muçulmano é tanto mais considerado quanto maior número de mulheres florescentes possui. Na sociedade burguesa, um dos papéis reservados à mulher é *representar*; sua beleza, seu encanto, sua inteligência, sua elegância são os sinais exteriores da fortuna do marido, ao mesmo título que a carroceria de seu automóvel. Rico, ele a cobre de peles e joias. Mais pobre, elogia-lhe as qualidades morais e os talentos de dona de casa; o mais deserdado, se tem apego à mulher que o serve, imagina possuir alguma coisa na terra. O herói de *A megera domada* convoca todos os vizinhos para lhes mostrar com que autoridade soube dominar a mulher. Todo homem ressuscita mais ou menos o rei Candaule: exibe a mulher porque pensa mostrar os próprios méritos.

Mas a mulher não lisonjeia apenas a vaidade social do homem; ela lhe dá também um orgulho mais íntimo; ele se encanta com o domínio que tem sobre ela; às imagens naturalistas do arado entalhando a terra superpõem-se símbolos mais espirituais, quando a mulher se torna uma pessoa; não é apenas eroticamente, é também moral e intelectualmente que o marido "forma" a esposa; ele a educa, marca-a, impõe-lhe sua personalidade. Um dos devaneios em que o homem se compraz é o da impregnação das coisas pela sua vontade, da moldagem das formas, da penetração da subsistência delas. A mulher é por excelência a argila que se deixa passivamente malaxar e moldar; mas, cedendo, ela resiste, o que permite à ação masculina perpetuar-se. A matéria demasiado plástica anula-se pela sua docilidade; o que há de precioso na mulher é que algo nela escapa indefinidamente a qualquer posse; desse modo, o homem é senhor de uma realidade tanto mais digna de ser dominada quanto o ultrapassa. Ela desperta nele um ser ignorado que ele reconhece, orgulhosamente, como si mesmo; nas comedidas orgias conjugais ele descobre o esplendor de sua animalidade: ele é o Macho; correlativamente, a mulher é fêmea, mas esta palavra assume então os mais lisonjeiros sentidos; a fêmea que

acarinha, amamenta, lambe os filhotes, defende-os arriscando a vida é um exemplo para a humanidade; com emoção, o homem reclama de sua companheira essa paciência, esse devotamento; ela é ainda a natureza, mas com todas as virtudes úteis à sociedade, à família, ao chefe da família que este entende encerrar em seu lar. Um dos desejos comuns à criança e ao homem é desvendar o segredo escondido no interior das coisas. Desse ponto de vista, a matéria é decepcionante; uma boneca estripada com o ventre à mostra não tem mais interioridade; a intimidade viva é mais impenetrável; o ventre feminino é símbolo da imanência, da profundidade; ele revela em parte seus segredos, particularmente quando o prazer se inscreve no rosto feminino; mas retém-nos igualmente. O homem capta, em domicílio, as obscuras palpitações da vida sem que a posse lhes destrua o mistério. No mundo humano, a mulher transpõe as funções da fêmea animal: ela alimenta a vida, reina sobre as regiões da imanência; o calor e a intimidade da matriz, ela os transporta para o lar; ela é quem guarda e anima a casa em que se deteve o passado, em que se prefigura o futuro; ela engendra a geração futura e alimenta os filhos já nascidos; graças a ela, a existência, que o homem despende pelo mundo no trabalho e na ação, concentra-se retornando à sua imanência: quando à noite ele volta para casa, ei-lo ancorado à terra; pela mulher, a continuidade dos dias é assegurada; quaisquer que sejam os acasos que enfrente no mundo exterior, ela garante a repetição das refeições, do sono; ela conserta tudo o que a atividade destrói ou desgasta: ela prepara os alimentos do trabalhador cansado, dele trata se está doente, cerze, lava. E no universo conjugal que constitui e perpetua, ela introduz todo um vasto mundo: acende o fogo, enche a casa de flores, domestica os eflúvios do sol, da água, da terra. Um escritor burguês citado por Bebel assim resume com seriedade esse ideal: "O homem deseja não somente alguém cujo coração bata por ele, mas ainda cuja mão lhe enxugue a fronte, que faça reinar a paz, a ordem, a tranquilidade, uma silenciosa autoridade sobre si próprio e sobre as coisas que encontra diariamente ao voltar para o lar; ele quer alguém que espalhe sobre todas as coisas esse inexprimível perfume de mulher que é o calor vivificante da vida e da casa."

Vê-se a que ponto a figura da mulher se espiritualizou desde o aparecimento do cristianismo; a beleza, o calor, a intimidade que o homem deseja ter através dela não são mais qualidades sensíveis; em lugar de resumir a saborosa aparência das coisas, torna-se a alma delas; mais profundo do que o mistério carnal, há em seu coração uma secreta e pura presença em que se

reflete a verdade do mundo. Ela é a alma da casa, da família, do lar. Ela é também a das coletividades mais amplas; cidade, província, nação. Jung observa que as cidades sempre foram assimiladas à Mãe pelo fato de conterem os cidadãos em seu seio: eis por que Cibele se apresenta coroada de torres; pela mesma razão fala-se em "pátria mãe"; mas não é somente o solo nutriz, é uma realidade mais sutil que encontra seu símbolo na mulher. No Antigo Testamento e no Apocalipse, Jerusalém e Babilônia não são somente mães: são igualmente esposas. Há cidades virgens e cidades prostitutas como Babel e Tiro. Também se diz da França que é a "filha mais velha" da Igreja; a França e a Itália são irmãs latinas. A função da mulher não é especificada, mas tão somente sua feminilidade, nas estátuas que representam a França, Roma, a Germânia, ou nas que, na praça da Concórdia, evocam Estrasburgo e Lyon. Essa assimilação não é apenas alegórica, ela é efetivamente realizada por muitos homens.[94] É frequente o viajante pedir à mulher o segredo das regiões que visita: quando tem uma italiana nos braços, ou uma espanhola, parece-lhe possuir a essência saborosa da Itália, da Espanha. "Quando chego numa nova cidade, começo indo ao bordel", dizia um jornalista. Se um chocolate com canela pode revelar a Gide toda a Espanha, com muito mais razão os beijos de uma boca exótica dão ao amante um país com sua flora, sua fauna, suas tradições, sua cultura. A mulher não lhes resume as instituições políticas nem as riquezas econômicas, mas ela encarna sua polpa carnal e seu *mana* místico ao mesmo tempo. Desde *Graziella* de Lamartine aos romances de Loti e às novelas de Morand, é através da mulher que vemos o estrangeiro tentar apropriar-se da alma de uma região. Mignon, Sylvie, Mireille, Colomba, Carmen desvendam a mais íntima verdade da Itália, do Valois, da Provença, da Córsega, da Andaluzia. O fato de Goethe se fazer amar pela alsaciana Frederica pareceu aos alemães um símbolo de anexação dessa região à Alemanha; reciprocamente, quando Colette Baudoche se recusa a desposar um alemão, aos olhos de Barrès, a Alsácia recusa-se à Alemanha. Ele simboliza Aigues-Mortes e toda uma civilização requintada e friorenta na pequena Berenice; ela representa também a sensibilidade do próprio escritor. Porque naquela que é a alma da Natureza, das cidades, do universo, o homem reconhece também seu duplo misterioso; a alma do homem é Psique, uma mulher.

Psique tem traços femininos em *Ulalume* de Edgard Poe: "Aqui, certa vez, através de uma alameda titânica de ciprestes errava com minha alma — uma

alameda de ciprestes com Psique minha alma... Assim pacifiquei Psique e a beijei... e disse: que está escrito na porta, doce irmã?"

E Mallarmé, dialogando no teatro com "uma alma ou nossa ideia" (isto é, a divindade presente no espírito do homem), chama-a "uma tão requintada dama anormal (*sic*)".[95]

Harmoniosa eu diferente de um sonho
Mulher flexível e rija de silêncios seguidos
De atos puros!...
Misteriosa eu...[96]

Eis como Valéry a interpela. Às ninfas e às fadas o mundo cristão substituiu presenças menos carnais. Mas os lares, as paisagens, as cidades e os próprios indivíduos continuam habitados por uma impalpável feminilidade.

Essa verdade enterrada na noite das coisas resplende também no céu. Perfeita imanência, a Alma é ao mesmo tempo o transcendente, a Ideia. Não somente as cidades e as nações mas também entidades e instituições abstratas apresentam traços femininos: a Igreja, a Sinagoga, a República, a Humanidade são mulheres, e também a Paz, a Guerra, a Liberdade, a Revolução, a Vitória. O ideal que o homem põe diante de si como o Outro essencial, ele o feminiza porque a mulher é a figura sensível da alteridade; eis por que quase todas as alegorias, tanto na linguagem como na iconografia, são mulheres.[97] Alma e Ideia, a mulher é também mediadora entre uma e outra; ela é a Graça que conduz o cristão a Deus, ela é Beatriz guiando Dante no além, Laura chamando Petrarca para os altos cumes da poesia. Em todas as doutrinas que assimilam a Natureza ao Espírito, ela se apresenta como Harmonia, Razão, Verdade. As seitas gnósticas tinham feito da Sabedoria uma mulher: Sofia. Atribuíam-lhe a redenção do mundo e até sua criação. A mulher não é mais carne então, mas corpo glorioso; não se pretende mais possuí-la, veneram-na em seu esplendor intato; as mortas pálidas de Edgard Poe são fluidas como a água, como o vento, como a lembrança; para o amor cortês, para os preciosos e em toda a tradição galante a mulher não mais é uma criatura animal e sim um ser etéreo, um sopro, uma luz. Assim é que a opacidade da Noite feminina se converte em transparência, a negridão em pureza como nos textos de Novalis:

"Êxtase noturno, sono celeste, desceste sobre mim; a paisagem elevou-se docemente, acima da paisagem flutuou meu espírito liberto, regenerado. O

texto tornou-se uma nuvem através da qual percebi os traços transfigurados da Bem-Amada."

"Somos então agradáveis a ti também, noite sombria?... Um bálsamo precioso escorre de tuas mãos, uma réstia de luz cai de tua girândola. Reténs as asas pesadas da alma. Uma emoção obscura e indizível nos invade: vejo um rosto sério, alegremente assustado, inclinar-se para mim com doçura e recolhimento e reconheço sob os cachos enlaçados a querida juventude da Mãe... Mais celestes do que as estrelas cintilantes parecem-nos os olhos infinitos que a Noite abriu em nós."

Inverteu-se a atração descendente exercida pela mulher; ela não chama mais o homem para o coração da terra e sim para o céu:

O Eterno Feminino
Atrai-nos para o alto

proclama Goethe no fim do *Segundo Fausto*.

Sendo a Virgem Maria a imagem mais perfeita, mais geralmente venerada da mulher regenerada e consagrada ao Bem, é interessante ver através da literatura e da iconografia como ela se apresenta. Eis um excerto das ladainhas que lhe endereçava na Idade Média a cristandade fervorosa:

"Alta Virgem, tu és o Orvalho fecundo, a Fonte da Alegria, o Canal das misericórdias, o Poço das águas vivas que apaziguam nossos ardores.

"És o Seio com que Deus amamenta os órfãos...

"És a Medula, o Miolo, o Núcleo de todos os bens.

"És a Mulher sem ardis e cujo amor nunca muda...

"És a Piscina probática, o Remédio das vidas leprosas, a Médica sutil que não encontra semelhante nem em Salerno nem em Montpellier...

"És a Dama das mãos que curam e cujos dedos tão belos, tão brancos, tão alongados restauram os narizes e as bocas, fazem novos olhos e novas orelhas. Acalmas os ardentes, reanimas os paralíticos, retesas os covardes, ressuscitas os mortos."

Encontra-se nessas invocações a maior parte das atribuições femininas que assinalamos. A Virgem é fecundidade, orvalho, fonte de vida; muitas imagens mostram-na no poço, na nascente, na fonte; a expressão "fonte de vida" é uma das mais difundidas; ela não é criadora, mas fertiliza, faz jorrar à luz o que se escondia na terra. Ela é a profunda realidade encerrada sob a aparência das coisas: o Núcleo, a Medula. Através dela, aplacam-se os

desejos: ela é o que é dado ao homem para satisfazê-lo. Por toda parte onde a vida se acha ameaçada, ela a salva e a restaura; cura e fortalece. E como a vida emana de Deus, sendo intermediária entre o homem e a vida, ela é intermediária entre a humanidade e Deus. "Porta do diabo", dizia Tertuliano. Mas, transfigurada, ela é a porta do céu; pinturas no-la representam abrindo uma porta ou uma janela para o paraíso; ou ainda, erguendo uma escada entre a terra e o firmamento. Mais claramente, ei-la advogada, intercedendo junto de seu Filho pela salvação dos homens. Inúmeros quadros do Juízo Final mostram a Virgem descobrindo os seios e suplicando a Cristo em nome de sua gloriosa maternidade. Ela protege nas dobras de seu manto os filhos dos homens; seu amor misericordioso acompanha-os pelos oceanos, pelos campos de batalha, através dos perigos. Em nome da caridade, atenua a justiça divina; veem-se "Virgens com balança" que fazem, sorrindo, pender para o lado do Bem o prato em que são pesadas as almas.

Esse papel misericordioso e terno é um dos mais importantes que foram atribuídos à mulher. Mesmo integrada na sociedade, a mulher ultrapassa-lhe sutilmente as fronteiras porque tem a generosidade insidiosa da Vida. É essa distância entre as construções voluntárias dos homens e a contingência da natureza que parece, em certos casos, inquietante, mas ela torna-se benéfica quando a mulher, demasiado dócil para ameaçar a obra dos homens, limita-se a enriquecê-la e amaciar-lhe as linhas por demais acentuadas. Os deuses masculinos representam o Destino; ao lado das deusas encontra-se uma benevolência arbitrária, uma proteção caprichosa. O Deus cristão tem os rigores da Justiça; a Virgem tem a doçura da caridade. Na terra, os homens são defensores das leis, da razão, da necessidade; a mulher conhece a contingência original do próprio homem e dessa necessidade em que ele crê; daí a misteriosa ironia que floresce em seus lábios e sua flexível generosidade. Ela pare na dor, trata das feridas dos machos, amamenta o recém-nascido e sepulta os mortos; conhece tudo o que freia o orgulho e humilha a vontade do homem. Embora inclinando-se diante dele, sujeitando a carne ao espírito, situa-se nas fronteiras carnais do espírito; contesta a seriedade das duras arquiteturas masculinas, adoça-lhe os ângulos; introduz nelas um luxo gratuito, uma graça imprevista. Seu poder sobre os homens decorre do fato de guiá-los ternamente para uma consciência modesta da autêntica condição deles; eis o segredo de sua sabedoria desabusada, dolorosa, irônica e amorosa. Mesmo a frivolidade, o capricho, a ignorância

são nelas virtudes encantadoras, porque elas desabrocham aquém e além do mundo em que o homem escolhe viver, mas onde não gosta de se sentir encerrado. Diante das significações assentadas, dos instrumentos moldados para fins úteis, ela ergue o mistério das coisas intatas; faz passar pelas ruas das cidades e pelos campos cultivados o sopro da poesia. A poesia pretende captar o que existe além da prosa quotidiana: a mulher é uma realidade eminentemente poética, porquanto nela o homem projeta tudo o que não se decide a ser. Ela encarna o Sonho; o sonho é para o homem a presença mais íntima e mais estranha, o que ele não quer, o que não faz, aquilo a que ele aspira e que não pode ser atingido; a Outra misteriosa que é a profunda imanência e a longínqua transcendência empresta-lhe os traços. Assim é que Aurélia visita Nerval em sonho, e dá-lhe oniricamente todo o universo. "Ela pôs-se a crescer sob uma clara réstia de luz de maneira que, pouco a pouco, o jardim assumia a sua forma e os canteiros e as árvores tornavam-se as rosáceas e os festões de suas vestimentas; enquanto seu rosto e seus braços imprimiam seus contornos às nuvens purpurinas do céu. Eu a perdia de vista na medida em que ela se transfigurava, porque parecia esvair-se na sua própria grandeza. — Oh! não me fujas, exclamei, pois a natureza morre contigo."

Sendo a própria substância das atividades poéticas do homem, compreende-se que a mulher se apresente como sua inspiradora: as Musas são mulheres. A Musa é mediadora entre o criador e as fontes naturais em que deve haurir. É através da mulher, cujo espírito se acha profundamente ligado à natureza, que o homem sondará os abismos do silêncio e da noite fecunda. A Musa não cria nada por si mesma; é uma Sibila ajuizada que docilmente se fez serva de um senhor. Mesmo nos domínios concretos e práticos, seus conselhos serão úteis. O homem quer, sem o auxílio de seus semelhantes, atingir as metas que inventa e não raro a opinião de outro homem se lhe afigura importuna, mas ele imagina que a mulher lhe fala em nome de outros valores, em nome de uma sabedoria que ele não pretende possuir, mais instintiva do que a dele, mais imediatamente adequada ao real; são "intuições" que Egéria oferece ao consulente; ele a interroga sem amor próprio, como interrogaria os astros. Essa "intuição" introduz-se até nos negócios e na política: Aspásia e Mme de Maintenon ainda hoje fazem carreira florescente.[98]

Há outra função que o homem de bom grado confia à mulher: sendo o objetivo das atividades dos homens e fonte de suas decisões, ela se apresenta

concomitantemente como medida dos valores. Ela se revela um juiz privilegiado. Não é somente para possuí-lo que o homem sonha com um Outro, é também para ser confirmado por ele; fazer-se confirmar por homens, que são seus semelhantes, exige dele uma tensão constante. Eis por que ele deseja que um olhar, vindo de fora, confira à sua vida, a seus empreendimentos, a ele próprio um valor absoluto. O olhar de Deus é oculto, estranho, inquietante: mesmo nas épocas de fé, só alguns místicos são por ele atingidos. Esse papel divino foi atribuído frequentemente à mulher. Próxima do homem, por este dominada, ela não põe valores que lhe sejam alheios: e no entanto, como é outra, ela permanece exterior ao mundo dos homens e é, portanto, capaz de apreendê-lo com objetividade. Cabe a ela, em cada caso singular, denunciar a ausência ou a presença da coragem, da força, da beleza, confirmando ao mesmo tempo, de fora, seu valor universal. Os homens acham-se demasiado ocupados com suas relações de cooperação e luta para se constituírem público uns dos outros: não se contemplam. A mulher está afastada de suas atividades, não participa dos torneios nem dos combates. Toda a sua situação a destina a desempenhar esse papel de olhar. É por sua dama que o cavaleiro combate no torneio; é o sufrágio das mulheres que os poetas procuram obter. Quando Rastignac quer conquistar Paris, pensa primeiramente em *ter* mulheres, menos para as possuir em seus corpos do que para gozar essa reputação que só elas são capazes de criar para um homem. Balzac projetou em seus jovens heróis a história de sua própria juventude: foi junto das amantes mais idosas que ele começou a formar-se; e não é somente no *Le Lys dans la vallée* que a mulher desempenha esse papel de educadora; é também o que lhe é apontado em *L'Éducation sentimentale*, nos romances de Stendhal e em numerosos outros romances de aprendizagem. Já se viu que a mulher é a um tempo *physis* e *antiphysis*; encarna a Natureza como encarna a sociedade; nela se resume a civilização de uma época, sua cultura, como se vê nos poemas corteses, no *Decamerão*, em *L'Astrée*; ela lança modas, reina nos salões, dirige e reflete a opinião. A celebridade e a glória são mulheres. "A multidão é mulher", dizia Mallarmé. Junto das mulheres, o jovem inicia-se "no mundo" e essa complexa realidade chama-se "a vida". Ela é um dos objetivos privilegiados a que se destina o herói, o aventureiro, o individualista. Vê-se, na Antiguidade, Perseu libertar Andrômeda, Orfeu buscar Eurídice nos infernos, e Troia combater para guardar a bela Helena. Os romances de cavalaria quase não conhecem outra façanha além da libertação de princesas

cativas. Que faria o Príncipe Encantado se não despertasse a Bela Adormecida no bosque, se não cumulasse Pele de Asno com seus dons? O mito do rei que casa com a pastora lisonjeia o homem tanto quanto a mulher. O homem rico precisa esbanjar, do contrário, sua riqueza inútil permanece abstrata: ele precisa de alguém a quem dar. O mito de Cinderela, que Philipp Wyllie descreve com complacência em *Generation of Vipers*, floresce principalmente nos países prósperos; tem mais força na América do Norte do que em outros lugares, porque aí se encontram os homens mais embaraçados com suas riquezas: esse dinheiro que acumulam durante uma vida inteira, como o gastariam se não o consagrassem a uma mulher: Orson Welles, entre outros, encarnou em *Cidadão Kane* o imperialismo dessa falsa generosidade: é para a afirmação de sua própria força que Kane resolve esmagar com seus presentes uma obscura cançonetista e impô-la ao público como uma grande cantora; poderíamos citar também, na França, muitos cidadãos Kane de menor porte. Em outro filme, *O fio da navalha*, quando o herói volta da Índia senhor de uma sabedoria absoluta, o único emprego que lhe sabe dar é o de reabilitar uma prostituta. É claro que em se sonhando assim doador, libertador, redentor, o homem ainda aspira à escravização da mulher; sim, porque para despertar a Bela Adormecida cumpre que ela durma; são necessários ogros e dragões para que haja princesas cativas. Entretanto, quanto mais o homem aprecia as empresas difíceis, mais ele se compraz em conceder a independência à mulher. Vencer é ainda mais fascinante do que libertar ou dar. O ideal do homem médio ocidental é uma mulher que se submeta livremente a seu domínio, que não aceite suas ideias sem discussão, mas que ceda diante de seus argumentos, que lhe resista com inteligência para acabar deixando-se convencer. Quanto mais seu orgulho se torna ousado, mais ele deseja que a aventura seja perigosa: é mais belo dominar Pentesileia do que desposar Cinderela. "O guerreiro aprecia o perigo e o jogo", diz Nietzsche, "eis por que ama a mulher que é o jogo mais perigoso". O homem que gosta do perigo e do jogo vê, sem desprazer, a mulher transformar-se em amazona desde que conserve a esperança de dominá-la:[99] o que exige, em seu coração, é que essa luta seja um jogo para ele, ao passo que a mulher nela empenha seu destino; e a verdadeira vitória do homem, libertador ou conquistador, consiste em que a mulher o reconheça livremente como destino.

Assim a expressão "ter uma mulher" comporta um duplo sentido: as funções de objeto e juiz não se acham dissociadas. A partir do momento em

que a mulher é encarada como pessoa, só pode ser conquistada com seu consentimento: cumpre vencê-la. É o sorriso da Bela Adormecida que encanta o Príncipe; são as lágrimas de felicidade e gratidão das princesas cativas que emprestam verdade à façanha do cavaleiro. Inversamente, seu olhar não tem a severidade abstrata do olhar masculino, ele se deixa encantar. O heroísmo e a poesia são, portanto, modos de sedução, mas deixando-se seduzir, a mulher exalta o heroísmo e a poesia. Aos olhos do individualista, ela detém um privilégio ainda mais essencial: apresenta-se a ele não como uma medida de valores universalmente reconhecidos, mas sim como a revelação de seus méritos singulares e de seu próprio ser. Um homem é julgado por seus semelhantes pelo que faz, na sua objetividade e segundo medidas gerais. Mas algumas de suas qualidades, e entre outras suas qualidades vitais, só podem interessar a mulher; ele é viril, agradável, sedutor, terno, cruel unicamente em função dela: se é a essas mais secretas virtudes que dá valor, dela tem ele necessidade absoluta; por ela conhecerá o milagre de apresentar-se como outro, outro que é também seu eu mais profundo. Há um texto de Malraux[100] que exprime admiravelmente o que o individualista espera da mulher amada. Kyo interroga-se: "Ouve-se a voz dos outros com os ouvidos, a nossa própria com a garganta. Sim. A nossa vida também é ouvida com a garganta, e a dos outros?... Para os outros, sou o que fiz... Somente para May ele não era o que fizera; somente para ele, ela era inteiramente diferente de sua biografia. O abraço pelo qual o amor mantém os seres colados uns aos outros contra a solidão não ajudava os homens, mas o louco, o monstro incomparável, preferível a tudo, o que todo ser é para si mesmo e que acarinha em seu coração. Desde que sua mãe morrera, May era o único ser para o qual ele não era Kyo Gisors e sim a mais estreita cumplicidade... Os homens não são meus semelhantes, são quem me olha e me julga; meus semelhantes são os que me amam e não me olham, que me amam contra tudo, que me amam contra a decadência, contra a baixeza, contra a traição: a mim, e não ao que fiz ou farei. São os que me amarão enquanto eu amar a mim mesmo até o suicídio inclusive."[101] O que torna humana e comovente a atitude de Kyo é o fato de que ela implica a reciprocidade e de que ele pede a May que o ame em sua autenticidade e não que lhe ofereça um reflexo complacente. Em muitos homens essa exigência se degrada: em lugar de uma revelação exata, eles buscam no fundo de dois olhos vivos uma imagem aureolada de admiração e gratidão, divinizada. Se a mulher foi, muitas vezes, comparada à água, é

entre outros motivos porque é o espelho em que o Narciso macho se contempla; debruça-se sobre ela de boa ou de má-fé. Mas o que, em todo caso, ele lhe pede é que seja fora dele tudo o que não pode apreender em si, pois a interioridade do existente não passa de nada e, para se atingir, ele precisa projetar-se em um objeto. A mulher é para ele a suprema recompensa porque é sob uma forma exterior que ele pode possuir, em sua carne, sua própria apoteose. E é esse "monstro incomparável", isto é, a si mesmo, que ele possui quando aperta nos braços o ser que lhe resume o Mundo e a quem impôs seus valores e leis. Então, unindo-se a esse outro que fez seu, espera atingir a si próprio. Tesouro, presa, jogo e risco, musa, guia, juiz, mediadora, espelho, a mulher é o Outro em que o sujeito se supera sem ser limitado, que a ele se opõe sem o negar. Ela é o Outro que se deixa anexar sem deixar de ser o Outro. E, desse modo, ela é tão necessária à alegria do homem e a seu triunfo, que se pode dizer que, se ela não existisse, os homens a teriam inventado.

Eles inventaram-na.[102] Mas ela existe também sem essa invenção. Eis por que é, ao mesmo tempo, a encarnação do sonho masculino e seu fracasso. Não há uma só representação da mulher que não engendre de imediato a imagem inversa: ela é a Vida e a Morte, a Natureza e o Artifício, o Dia e a Noite. Sob qualquer aspecto que a consideremos, encontramos sempre a mesma oscilação pelo fato de que o inessencial volta necessariamente ao essencial. Nas figuras da Virgem Maria e de Beatriz subsistem Eva e Circe.

Pela mulher, escreve Kierkegaard,[103] a idealidade entra na vida, e sem ela que seria do homem? Mais de um homem se fez gênio graças a uma jovem... mas nenhum se tornou gênio graças a uma jovem de quem tivesse obtido a mão..."

"É numa relação negativa que a mulher torna o homem produtivo na idealidade... Relações negativas com a mulher podem tornar-nos infinitos... Relações positivas com a mulher tornam o homem finito nas mais amplas proporções." Isso significa que a mulher é necessária na medida em que permanece uma Ideia em que o homem projeta sua própria transcendência; mas que é nefasta enquanto realidade objetiva, existindo por si e limitada a si. É recusando casar-se com a noiva que Kierkegaard estima ter estabelecido a única relação válida com a mulher. E tem razão no sentido em que o mito da mulher colocada como Outro infinito acarreta, de imediato, seu contrário.

Porque é falso Infinito, Ideal sem verdade, ela se descobre como finitude e mediocridade e, concomitantemente, como mentira. Assim é que se apresenta em Laforgue. Este, em toda a sua obra, exprime seu rancor contra uma mistificação que torna o homem tão culpado quanto a mulher. Ofélia, Salomé são, na realidade, "mulherzinhas". Hamlet pensa: "É assim que Ofélia me amara, como 'seu bem' e porque eu era social e moralmente superior aos bens de suas amiguinhas. E as pequenas frases que lhe escapam, nas horas em que as lâmpadas se acendem, acerca do bem-estar e do conforto!" A mulher faz o homem sonhar. Entretanto, pensa no conforto, no cotidiano; falam-lhe da alma quando não passa de um corpo. E acreditando perseguir um Ideal, o amante é o joguete da natureza que utiliza todas essas místicas para fins de reprodução. Ela representa, em verdade, o cotidiano da vida; ela é parvoíce, prudência, mesquinharia, tédio. É o que exprime, entre outros, o poema intitulado "Nossa companheirinha":

...Tenho a arte de todas as escolas
Tenho almas para todos os gostos
Colhei a flor de meus rostos
Bebei minha boca e não minha voz
Não procureis outra coisa:
Ninguém aí vive com clareza nem mesmo eu.
Nossos amores não são iguais
Para que vos estenda a mão
Sois apenas machos ingênuos
Eu sou o Eterno Feminino!
Meu Fim perde-se nas estrelas!
Sou eu a Grande Ísis!
Ninguém me arregaçou o véu
Pensai somente em meus oásis...[104]

O homem conseguiu escravizar a mulher, mas desse modo despojou-a do que lhe tornava a posse desejável. Integrada na família e na sociedade, a magia da mulher dissipa-se em vez de se transfigurar; reduzida à condição de serva, ela não é mais a presa indomada em que se encarnavam todos os tesouros da natureza. Desde o aparecimento do amor cortês, é lugar-comum dizer que o casamento mata o amor. Demasiado desprezada ou demasiado respeitada, por demais cotidiana, a esposa não é mais um objeto erótico. Os

ritos do casamento destinam-se primitivamente a defender o homem contra a mulher; ela torna-se sua propriedade; mas tudo o que possuímos nos possui; o casamento é também uma servidão para o homem; é então que ele se vê preso na armadilha da natureza. Por ter desejado uma jovem viçosa, o homem deve sustentar toda sua vida uma gorda matrona, uma velha encarquilhada; a joia delicada destinada a embelezar sua existência torna-se fardo odioso. Xantipa é um dos tipos femininos de que os homens sempre falaram com mais horror.[105] Porém, mesmo que a mulher seja jovem, há no casamento uma mistificação, pois pretendendo socializar o erotismo só consegue aniquilá-lo. É que o erotismo implica uma reivindicação do instante contra o tempo, do indivíduo contra a coletividade; ele afirma a separação contra a comunicação; é rebelde a todo regulamento; contém um princípio hostil à sociedade. Nunca os costumes se dobraram ao rigor das instituições e das leis. É contra elas que o amor desde sempre se afirmou. Sob seu aspecto sensual, é aos jovens e às cortesãs que se endereça na Grécia e em Roma, carnal e platônico ao mesmo tempo, o amor cortês sempre se destinou à esposa de outrem. Tristão é a epopeia do adultério. A época que renova o mito da mulher, por volta de 1900, é aquela em que o adultério se torna o tema de toda a literatura. Certos escritores, como Bernstein, esforçam-se por reintegrar, no casamento, o erotismo e o amor, numa defesa suprema das instituições burguesas; mas há mais verdade na *Amoureuse* de Porto-Riche que mostra a incompatibilidade dessas duas ordens de valores. O adultério só pode desaparecer com o próprio casamento. Porque o fim do casamento é, em suma, imunizar o homem contra *sua* mulher: mas as outras mulheres conservam a seus olhos uma vertiginosa atração; é para elas que ele se volta. As mulheres fazem-se cúmplices, porque se rebelam contra uma ordem que pretende privá-las de todas as suas armas. Para arrancar a mulher à Natureza, para escravizá-la ao homem mediante cerimônias e contratos, elevaram-na à dignidade de pessoa humana, deram-lhe liberdade. Mas a liberdade é precisamente o que escapa a toda servidão; e se é concedida a um ser originalmente habitado por forças maléficas, ela se torna perigosa. E tanto mais quanto o homem se deteve nas meias medidas; só aceitou a mulher no mundo masculino fazendo dela uma serva, frustrando-a de sua transcendência; a liberdade que lhe outorgaram só podia ser de uso negativo; ela empenha-se em se recusar. A mulher só se tornou livre tornando-se cativa; renuncia a esse privilégio humano para encontrar de novo sua força de objeto natural. De dia, ela desempenha

perfidamente seu papel de escrava dócil, mas, à noite, transforma-se em gata, em corça; introduz-se novamente em sua pele de sereia ou, cavalgando uma vassoura, participa de rondas satânicas. Por vezes, é sobre o marido que exerce sua magia noturna; porém, é mais prudente dissimular essa metamorfose a seu senhor; são estranhos que ela escolhe como presas; eles não têm direitos sobre ela e ela continua planta, fonte, estrela, feiticeira para eles. Ei-la, portanto, destinada à infidelidade: é o único aspecto concreto que pode assumir sua liberdade. Ela é infiel para além mesmo de seus desejos, seus pensamentos, sua consciência; pelo fato de ser encarada como objeto está entregue a toda subjetividade que resolve apossar-se dela; encerrada no harém, escondida sob véus, nem assim se tem certeza de que não inspire desejos a ninguém: inspirar desejo a um estranho já é estar em falta com o esposo e com a sociedade. Demais, ela faz-se muitas vezes cúmplice dessa fatalidade; é somente pela mentira e pelo adultério que pode provar que não é a propriedade de ninguém e desmentir as pretensões do homem. Eis por que o ciúme do homem tão facilmente desperta; vê-se nas lendas que a mulher, sem motivo, pode ser suspeita, condenada à menor desconfiança, como Geneviève de Brabant ou Desdêmona; antes mesmo de qualquer suspeita Grisélidis é submetida às mais duras provas. Esse conto seria absurdo se a mulher de antemão não fosse suspeita; não há necessidade de demonstrar suas culpas: a ela é que cabe provar sua inocência. Eis por que igualmente o ciúme pode ser insaciável; já se disse que a posse nunca pode ser positivamente realizada; mesmo em se proibindo a quem quer que seja servir-se dela, não se possui a nascente em que a gente se dessedenta. O ciumento bem o sabe. Por essência, a mulher é inconstante, como fluida é a água; e nenhuma força humana pode contradizer uma verdade natural. Através de todas as literaturas, nas *Mil e uma noites*, como no *Decamerão*, vemos os ardis da mulher triunfarem sobre a prudência do homem. E, no entanto, não é somente pela vontade individualista que este é carcereiro; é a sociedade que o torna responsável pela conduta da mulher, na qualidade de pai, irmão ou esposo. A castidade é imposta à mulher por motivos de ordem econômica e religiosa, devendo cada cidadão ser autentificado como filho de seu pai. Mas é muito importante também obrigar a mulher a representar exatamente o papel que lhe atribui a sociedade. Há uma dupla exigência do homem que força a mulher à duplicidade: ele quer que ela seja sua e que lhe permaneça estranha, deseja-a escrava e feiticeira a um tempo. Mas é somente o primeiro desses desejos que demonstra publicamente; o outro é

uma reivindicação sorrateira que dissimula no segredo de seu coração e de sua carne. Ela contesta a moral e a sociedade; ela é má como o Outro, como a Natureza rebelde, como "a mulher má". O homem não se dedica inteiramente ao Bem que constrói e pretende impor; entretém vergonhosamente relações com o Mal. Mas onde quer que este ouse mostrar imprudentemente seu rosto a descoberto, ele luta contra. Nas trevas da noite, o homem convida a mulher ao pecado, mas em pleno dia repudia o pecado e a pecadora. E as mulheres, elas próprias pecadoras no mistério do leito, com muito mais paixão ainda rendem culto público à virtude. Assim como, entre os primitivos, o sexo masculino é laico enquanto o feminino se impregna de virtudes religiosas e mágicas, nas sociedades mais modernas, o erro do homem não passa de um deslize sem gravidade; consideram-no geralmente com indulgência. Mesmo se desobedece às leis da comunidade, o homem continua a pertencer-lhe; não passa de um menino levado que não ameaça profundamente a ordem coletiva. Ao contrário, se a mulher se evade da sociedade, retorna à Natureza e ao demônio, desencadeia no seio da coletividade forças incontroláveis e perniciosas. À censura que inspira uma conduta desavergonhada, mistura-se sempre o medo. Se o marido não consegue constranger a mulher à virtude, ele participa do erro; sua desgraça é uma desonra aos olhos da sociedade; há civilizações tão severas que lhe obrigam a matar a criminosa para se dessolidarizar do crime. Em outras, pune-se o esposo complacente com charivaris, ou então passeando nu, montado num asno. E a comunidade encarrega-se de castigar a culpada em seu lugar: pois não é apenas a ele que ela ofende e sim toda a coletividade. Esses costumes existiram com certo rigor na Espanha supersticiosa e mística, sensual e aterrorizada pela carne. Calderon, Lorca, Valle Inclan fizeram disso o tema de muitos dramas. Em *Casa de Bernarda Alba*, de Lorca, as comadres da aldeia querem punir a jovem seduzida queimando com brasas "o lugar do pecado". Nas *Divinas palavras* de Valle Inclan, a mulher adúltera apresenta-se como feiticeira que dança com o demônio; descoberto o pecado, toda a aldeia se reúne para arrancar-lhe as roupas e afogá-la. Muitas tradições relatam que se desnudava a pecadora e a seguir a lapidavam como está dito no Evangelho, enterravam-na viva, afogavam-na, queimavam-na. O sentido de tais suplícios era devolvê-la à Natureza depois de tê-la despojado de sua dignidade social; com seu pecado ela desencadeara eflúvios naturais perniciosos e a expiação efetua-se numa espécie de orgia sagrada em que as mulheres, despindo, batendo,

massacrando a culpada, desencadeavam por sua vez fluidos misteriosos mas propícios, porquanto agiam de acordo com a sociedade.

Essa severidade selvagem perde-se à proporção que diminuem as superstições e que o medo se dissipa. Mas, nos campos, olham com desconfiança as ciganas sem Deus nem lar. A mulher que exerce livremente o comércio de seus encantos — aventureira, *vamp*, mulher fatal — permanece um tipo inquietante. Na mulher má dos filmes de Hollywood sobrevive a imagem de Circe. Mulheres foram queimadas como feiticeiras simplesmente porque eram belas. E na pudica hostilidade das virtudes provincianas, contra as mulheres de maus costumes, perpetua-se um velho terror.

São esses perigos que, para um homem aventureiro, fazem da mulher um jogo cativante. Renunciando a seus direitos de marido, recusando-se a apoiar-se nas leis sociais, ele tentará vencê-la em combate singular. Tenta anexar a mulher a si mesmo até em suas resistências; persegue-a nessa liberdade pela qual lhe escapa. Em vão. Não se parcela a liberdade: a mulher livre o será várias vezes contra o homem. Mesmo a Bela Adormecida no bosque pode despertar com desprazer, pode não reconhecer em quem a acorda um Príncipe Encantado, pode não sorrir. É precisamente o caso do Cidadão Kane, cuja protegida se apresenta como uma oprimida e cuja generosidade se revela como vontade de poder e de tirania. A mulher do herói escuta a narrativa das façanhas com indiferença, a Musa com que sonha o poeta boceja ouvindo-lhe os versos. A amazona pode recusar, entediada, a luta, como pode também sair dela vitoriosa. As romanas da decadência, muitas norte-ame-ricanas de hoje, impõem aos homens seus caprichos e leis. Onde está Cinderela? O homem desejava dar e eis que a mulher toma. Não se trata mais de jogar e sim de se defender. A partir do momento em que se torna livre, a mulher não tem outro destino senão aquele que ela cria livremente. A relação entre os dois sexos é, então, uma relação de luta. Tornando-se uma semelhante para o homem, apresenta-se como tão temível quanto no tempo em que era para ele a Natureza estranha. A fêmea nutriz, devotada, paciente, converte-se em animal ávido e devorador. A mulher má mergulha suas raízes na Terra, na Vida; mas a Terra é um fosso, a vida, um impiedoso combate: o mito da abelha diligente, da mãe galinha é substituído pelo do inseto devorador, do louva-a-deus, da aranha; a fêmea não é mais a que alimenta os filhotes e sim a que come o macho; o óvulo não é mais o celeiro de abundância e sim uma armadilha de matéria inerte em que o espermatozoide, castrado, se afoga; a matriz, esse

antro quente, calmo e seguro, torna-se um polvo sugador, planta carnívora, abismo de trevas convulsivas; habita-o uma serpente que engole insaciavelmente as forças do macho. Uma idêntica dialética faz do objeto erótico uma perigosa feiticeira, da escrava uma traidora, de Cinderela uma ogra e transforma toda mulher em inimiga: é o preço que paga o homem por se ter afirmado, com má-fé, como o único essencial.

Entretanto, esse rosto inimigo não é tampouco a imagem definitiva da mulher. O maniqueísmo introduz-se no seio da espécie feminina. Pitágoras assimilava o princípio bom ao homem e o mau à mulher. Os homens tentaram dominar o mal anexando a mulher; conseguiram-no parcialmente; mas assim como foi o cristianismo, com suas ideias de redenção e de salvação, que deu seu pleno sentido à palavra danação, é ante a mulher santificada que a mulher má assume todo seu relevo. Durante a "querela das mulheres", que se prolonga da Idade Média aos nossos dias, certos homens só querem conhecer a mulher abençoada com que sonham, outros a mulher maldita que lhes desmente os sonhos. Mas, em verdade, se o homem pode *tudo* encontrar na mulher, é porque ela ao mesmo tempo tem essas duas faces. Ela representa de maneira carnal e viva todos os valores e antivalores pelos quais a vida adquire um sentido. Eis nitidamente separados o Bem e o Mal que se opõem sob os traços da Mãe devotada e da Amante pérfida; na velha balada inglesa *Randall My Son*, um jovem cavaleiro vem morrer nos braços da mãe, envenenado pela amante. *La Glu* de Richepin, com mais patetismo e mau gosto, trata do mesmo tema. A angélica Michaela opõe-se à pérfida Carmen. A mãe, a noiva fiel, a esposa paciente oferecem-se para tratar dos ferimentos abertos no coração dos homens pelas *vamps* e mandrágoras. Entre esses polos, claramente fixados, uma multidão de figuras ambíguas irá definir-se, lamentáveis, detestáveis, pecadoras, vítimas, coquetes, fracas, angélicas, demoníacas. Com isso, numerosas condutas e sentimentos solicitam o homem e o enriquecem.

Essa própria complexidade da mulher encanta-o: eis uma maravilha doméstica com que pode deslumbrar-se com pouco dispêndio. É ela anjo ou demônio? A incerteza transforma-a em esfinge. É sob essa égide que uma das casas de tolerância mais célebres de Paris se apresentava. Na grande época da Feminilidade, no tempo dos corpetes, de Paul Bourget, de Henri Bataille, do *french-cancan*, o tema da Esfinge surge sem cessar nas comédias, poesias e canções: "Quem és? De onde vens, Esfinge estranha?" E ainda não se acabou de sonhar com o mistério feminino e de

discuti-lo. É para salvaguardar esse mistério que durante muito tempo os homens suplicaram às mulheres que não abandonassem as saias compridas, as anáguas, os véus, as luvas compridas, as botinas altas; tudo o que acentua no Outro a diferença torna-o mais desejável, porquanto é do Outro como tal que o homem quer apropriar-se. Vê-se Alain-Fournier censurar às inglesas, em suas cartas, o *shake-hand* masculino. É a reserva pudica das francesas que o perturba. É preciso que a mulher permaneça secreta, desconhecida, para que se possa adorá-la como uma princesa longínqua; não parece que Fournier tenha sido particularmente atencioso para com as mulheres, mas todo o maravilhoso da infância, da juventude, toda a nostalgia dos paraísos perdidos, foi numa mulher que ele encarnou, uma mulher cuja principal virtude era parecer inacessível. Traçou de Yvonne de Galais uma imagem branca e dourada. Mas os homens amam até os defeitos das mulheres quando criam mistério. "Uma mulher deve ter caprichos", dizia com autoridade um homem a uma mulher bem-comportada. O capricho é imprevisível, empresta à mulher a graça da água ondulante; a mentira enfeita-a com reflexos fascinantes; o coquetismo, a perversidade dão-lhe um perfume capitoso. Enganadora, esquiva, incompreendida, dúplice, assim é que ela se presta aos desejos contraditórios do homem; ela é a Maya das inumeráveis metamorfoses. É um lugar-comum representar a Esfinge sob o aspecto de uma jovem; a virgindade é um dos segredos que os homens acham mais perturbadores, e sobretudo quanto mais libertinos são; a pureza da jovem autoriza a esperança de todas as licenças e não se sabe que perversidades se dissimulam sob sua inocência. Próxima ainda do animal e da planta, já dócil aos ritos sociais, ela não é nem criança nem adulta; sua feminilidade tímida não inspira o medo e sim uma inquietação temperada. Compreende-se que seja uma das imagens privilegiadas do mistério feminino. Entretanto, como a "verdadeira moça" se perde, seu culto tornou-se algo obsoleto. Em compensação, a figura de prostituta que, numa peça de êxito triunfal, Gantillon atribuiu a Maya, conservou muito de seu prestígio. É esse um dos tipos femininos mais plásticos, o que melhor permite o grande jogo dos vícios e das virtudes. Para o puritano timorato, ela encarna o mal, a vergonha, a doença, a danação; inspira pavor e repugnância; não pertence a nenhum homem, mas se empresta a todos e vive desse comércio, e assim readquire a independência temível das luxuriosas deusas-mães primitivas e encarna a Feminilidade que a

sociedade masculina não santificou, que permanece impregnada de forças maléficas. No ato sexual, o macho não pode imaginar que a possui, só ele é entregue aos demônios da carne; é uma humilhação, uma mácula que sentem particularmente os anglo-saxões a cujos olhos a carne é mais ou menos maldita. Em compensação, um homem a quem a carne não choca apreciará na prostituta a sua afirmação generosa e crua; nela verá a exaltação da feminilidade que nenhuma moral tornou insípida; encontrará no corpo dela essas virtudes mágicas que outrora aparentavam a mulher aos astros e ao mar; um Miller, dormindo com uma prostituta, imagina sondar os próprios abismos da vida, da morte, do cosmo; une-se a Deus no fundo das trevas úmidas de uma vagina acolhedora. Por ser ela uma espécie de pária à margem de um mundo hipocritamente moral, pode-se considerar a "mulher perdida" como a contestação de todas as virtudes oficiais; sua indignidade aparenta-a às santas autênticas, pois o que foi aviltado será exaltado. Cristo olhou com bondade Maria Madalena; o pecado abre mais facilmente as portas do céu do que uma virtude hipócrita. Assim é que aos pés de Sônia, Raskolnikoff sacrifica o arrogante orgulho masculino que o levou ao crime; ele exasperou com o assassínio essa vontade de separação que existe em todo homem; resignada, abandonada por todos, é uma humilde prostituta que melhor pode receber a confissão de sua abdicação.[106] A expressão "mulher perdida" provoca ecos perturbadores; muitos homens sonham em se perder; não é tão fácil e não se consegue sem dificuldades atingir o Mal numa forma positiva e mesmo o demoníaco apavora-se com crimes excessivos. Pois a mulher permite celebrar sem grandes riscos missas negras em que Satã é evocado sem ser especificamente convidado; ela está à margem do mundo masculino: os atos que lhe dizem respeito, na verdade, não acarretam consequências; ela é, entretanto, um ser humano e pode-se, através dela, realizar sombrias revoltas contra as leis humanas. De Musset e Georges Bataille, a devassidão de hedionda e fascinante fisionomia está na frequentação das prostitutas. É com mulheres que Sade e Sacher Masoch satisfazem os desejos que os obcecam; seus discípulos e a maioria dos homens que têm "vícios" a satisfazer dirigem-se mais comumente às prostitutas. São entre todas as mulheres as mais submissas aos homens e que, no entanto, mais lhe escapam; é o que as predispõem a assumir tão múltiplas significações. Entretanto, não há nenhuma figura feminina — virgem, mãe, esposa, irmã, serva, amante, virtude arisca, sorridente

odalisca — que não seja suscetível de resumir assim as instáveis aspirações dos homens.

Cabe à psicologia — e particularmente à psicanálise — descobrir por que um indivíduo se apega mais especialmente a tal ou qual aspecto do mito de faces inumeráveis; e por que é em tal ou qual mulher que o encarna. Mas o mito está implicado em todos os complexos, obsessões, psicoses. Muitas neuroses, em particular, têm sua causa numa vertigem do proibido; este só pode apresentar-se se os tabus foram previamente constituídos. Uma pressão social exterior é insuficiente para lhes explicar a presença; na realidade, as proibições sociais não são unicamente convenções; têm — entre outras significações — um sentido ontológico que cada indivíduo sente singularmente. A título de exemplo, é interessante examinar o "complexo de Édipo"; consideram-no muito frequentemente como produzido por uma luta entre as tendências instintivas e as imposições sociais; mas é antes de tudo um conflito interior do próprio sujeito. O apego do filho ao seio materno é primeiramente o apego à Vida em sua forma imediata, em sua generalidade e em sua imanência; a recusa à desmama é a recusa ao abandono a que o indivíduo é condenado desde que se separe do Todo; é a partir de então, e na medida em que se individualiza e se separa ainda mais, que se pode qualificar como "sexual" o gosto que conserva pela carne materna doravante destacada da sua. Sua sensualidade mediatiza-se então, torna-se transcendência para um objeto exterior. Porém, quanto mais depressa e mais decididamente a criança se afirma como sujeito, mais o laço carnal que contesta sua autonomia lhe será pesado. Ele foge, então, às carícias; a autoridade exercida pela mãe, os direitos que ela possui sobre ele, sua própria presença, por vezes inspiram-lhe uma espécie de vergonha. Parece-lhe principalmente embaraçoso, obsceno, descobri-la como carne e evita pensar no corpo dela. No horror que experimenta em relação ao pai, ao segundo marido ou ao amante, há menos ciúme do que escândalo; lembrar-lhe que a mãe é um ser de carne, é lembrar-lhe o próprio nascimento, acontecimento que com todas as suas forças ele repudia; no mínimo, deseja dar-lhe a majestade de um grande fenômeno cósmico; é preciso que sua mãe resuma a Natureza que está em todos os indivíduos sem pertencer a nenhum; detesta que ela se torne presa, não porque — como se pretende muitas vezes — queira ele próprio possuí-la, mas porque quer que ela exista para além de toda posse: ela não deve ter as dimensões mesquinhas da esposa ou da amante. Entretanto, quando no momento da adolescência sua sexualidade se viriliza, ocorre o corpo da mãe o perturbar;

mas é porque apreende nela a feminilidade em geral; e muitas vezes, o desejo despertado pela vista de uma coxa, de um seio, extingue-se logo que o rapaz compreende ser essa a carne materna. Há numerosos casos de perversão, porquanto sendo a adolescência a idade do desnorteamento, é também a da perversão em que a repugnância suscita o sacrilégio, em que do proibido nasce a tentação. Mas não se deve crer que inicialmente o filho deseje ingenuamente dormir com a mãe e que proibições exteriores se interponham e o oprimam; ao contrário, é por causa da proibição que se constituiu no coração do indivíduo que o desejo nasce. Essa proibição é a reação mais normal, mais generalizada. Mas, ainda aí, ela não provém de uma imposição social mascarando desejos instintivos. O respeito é antes a sublimação de uma repugnância original; o jovem recusa-se a encarar a mãe como carnal; transfigura-a, assimila-a a uma das imagens puras de mulher santificada que a sociedade lhe propõe. Desse modo, contribui para fortalecer a figura ideal da Mãe que virá em socorro da geração seguinte. Mas se ela tem tamanha força é porque é chamada por uma dialética individual. E como cada mulher é habitada pela essência geral da Mulher, logo da Mãe, é certo que a atitude em relação à Mãe repercutirá nas relações com a esposa e as amantes; porém menos simplesmente do que muitas vezes se imagina. O adolescente que concreta e sensualmente desejou a mãe pode ter desejado nela a mulher em geral: e o ardor de seu temperamento se aplacará com qualquer mulher; não se acha destinado a nostalgias incestuosas.[107] Inversamente, um jovem que tenha pela mãe uma terna veneração, porém platônica, pode desejar que a mulher em qualquer ocasião participe da pureza materna.

Conhece-se bastante a importância da sexualidade, consequentemente da mulher, nas condutas tanto patológicas como normais. Acontece que outros objetos sejam feminilizados; sendo a mulher em grande parte uma invenção do homem, ele a pode inventar através de um corpo masculino: na pederastia a divisão dos sexos é mantida. Mas comumente é em seres femininos que a Mulher é procurada. É por ela, através do que nela há de pior e de melhor, que o homem faz a aprendizagem da felicidade, do sofrimento, do vício, da virtude, do desejo, da renúncia, do devotamento, da tirania, que faz a aprendizagem de si mesmo; ela é o jogo e a aventura, mas também a provação; é o triunfo da vitória e, mais áspero, o do fracasso superado; é a vertigem da perda, o fascínio da danação, da morte. Há todo um mundo de significações que só existe pela mulher; ela é a substância das ações e dos sentimentos dos homens, a encarnação de todos os valores que

solicitam libertação. Compreende-se que, embora condenado aos mais cruéis desmentidos, o homem não deseje renunciar a um sonho no qual todos os seus sonhos estão envolvidos.

Eis, portanto, por que a mulher tem um duplo e decepcionante aspecto: ela é tudo a que o homem aspira e tudo o que não alcança. Ela é a sábia mediadora entre a Natureza propícia e o homem: é a tentação da Natureza indomada contra toda sabedoria. Do bem ao mal, ela encarna carnalmente todos os valores morais e seus contrários; é a substância da ação e o que se lhe opõe, o domínio do homem sobre o mundo e seu malogro; como tal, é a fonte de toda reflexão do homem sobre a própria existência e de toda expressão que possa dar-lhe; entretanto, ela se esforça por desviá-lo de si mesmo, por fazê-lo afundar no silêncio e na morte. Serva e companheira, ele espera que ela seja também seu público e juiz, que ela o confirme em seu ser; mas ela o contesta com sua indiferença, e até com seus sarcasmos e risos. Ele projeta nela o que deseja e o que teme, o que ama e o que detesta. E se é tão difícil dizer algo a respeito é porque o homem se procura inteiramente nela e ela é Tudo. Só que ela é Tudo à maneira do inessencial: é todo o *Outro*. E, enquanto outro, ela é também outra e não ela mesma, outra e não o que dela é esperado. Sendo tudo, ela nunca é *isso* justamente que deveria ser; ela é perpétua decepção, a própria decepção da existência que não consegue nunca se atingir nem se reconciliar com a totalidade dos existentes.

2

Para confirmar esta análise do mito feminino, tal qual se apresenta coletivamente, vamos considerar o aspecto singular e sincrético que assume em certos escritores. A atitude de Montherlant, D. H. Lawrence, Claudel, Breton, Stendhal, entre outros, em relação à mulher pareceu-nos típica.

I/MONTHERLANT OU O PÃO DO NOJO

Montherlant inscreve-se dentro da longa tradição dos homens que retomaram, por sua conta, o maniqueísmo orgulhoso de Pitágoras. Ele estima, depois de Nietzsche, que somente as épocas de fraqueza exaltaram o Eterno Feminino e que o herói deve insurgir-se contra a Magna Mater. Especialista do heroísmo, empenha-se em destroná-la. A mulher é a noite, a desordem, a imanência. "Essas trevas convulsivas não são senão o feminino em seu estado puro",[108] escreve, a propósito de Mme Tolstoi. Foi a seu ver a tolice, a baixeza dos homens de hoje que emprestaram uma forma positiva às deficiências femininas: fala-se do instinto das mulheres, de sua intuição, de sua adivinhação, quando fora preciso denunciar-lhe a ausência de lógica, a ignorância obstinada, sua incapacidade em apreender o real; elas não são efetivamente nem observadoras nem psicólogas; elas não sabem nem ver as coisas nem compreender os seres; seu mistério é uma ilusão, seus insondáveis tesouros têm a profundidade do nada; elas nada têm a dar ao homem e não podem senão ser-lhe nocivas. Para Montherlant a mãe é que é primeiramente a grande inimiga; em uma peça de mocidade, *L'Exil*, ele focaliza uma mãe que impede o filho de se engajar; em *Les Olympiques* o adolescente que gostaria de se dedicar aos esportes é "barrado" pelo egoísmo medroso da mãe; em *Les*

Célibataires e em *Les Jeunes filles* a mãe é descrita de maneira odiosa. Seu crime é querer conservar o filho encerrado para sempre nas trevas do ventre; ela o mutila a fim de poder açambarcá-lo e encher assim o vazio estéril de seu ser; é a mais lamentável das educadoras; corta as asas ao filho, retém-no longe das alturas a que ele aspira, imbeciliza-o e avilta-o. Tais críticas não são sem fundamento. Mas, através das censuras explícitas que Montherlant dirige à mulher-mãe, é claro que o que detesta nela é seu próprio nascimento. Ele se crê deus, ele se quer deus: porque é homem, porque é "homem superior", porque é Montherlant. Um deus nunca foi engendrado; seu corpo, se é que tem um, é uma vontade encerrada em músculos duros e obedientes, não uma carne surdamente habitada pela vida e pela morte; a responsabilidade dessa carne perecível, contingente, vulnerável e que ele renega cabe à mãe. "O único lugar do corpo que era vulnerável em Aquiles era aquele pelo qual a mãe o segurara".[109] Montherlant nunca quis assumir a condição humana; o que chama seu orgulho é, desde o início, uma fuga amedrontada ante os riscos que comporta uma liberdade empenhada no mundo através da carne; ele pretende afirmar a liberdade, mas recusar o compromisso; sem ligações, sem raízes, ele se acredita uma subjetividade soberanamente voltada sobre si mesma; a lembrança de sua origem carnal perturba esse sonho e ele recorre a um processo que lhe é habitual: em vez de superá-la, ele a repudia.

Aos olhos de Montherlant, a amante é tão nefasta quanto a mãe; ela impede o homem de ressuscitar o deus dentro de si; a parte da mulher, declara, é a vida no que tem de imediato; ela se nutre de sensações, ela se agita na imanência, ela tem a mania da felicidade: quer encerrar o homem nisso, não sente o impulso da transcendência, não tem o sentido da grandeza; ama o amante em sua fraqueza e não em sua força, nas suas penas e não na sua alegria; ela o deseja desarmado, infeliz a ponto de querer, contra toda evidência, convencê-lo de sua miséria. Ele a ultrapassa e assim lhe escapa: ela aspira a reduzi-lo a sua própria medida a fim de se apossar dele. Porque ela precisa dele, não se basta, é um ser parasitário. Pelos olhos de Dominique, Montherlant mostra as passantes do Ranelagh "penduradas aos braços dos amantes como seres sem vértebras, semelhantes a grandes lesmas fantasiadas".[110] As mulheres são a seu ver, com exceção das esportistas, seres incompletos, destinados à escravidão; moles e sem músculos, não podem dominar o mundo, por isso mesmo trabalham com afinco para anexar-se um amante, ou melhor, um marido. O mito do louva-a-deus não é, ao que eu saiba, utilizado por Montherlant, mas ele redescobre-lhe o conteúdo: amar, para a mulher, é devorar; pretendendo

dar-se, ela toma. Ele cita a exclamação de Mme Tolstoi: "Vivo por ele, para ele, exijo o mesmo para mim", e denuncia os perigos de uma tal fúria de amor. Encontra uma terrível verdade nas palavras do Eclesiastes: "Um homem que vos quer mal vale mais do que uma mulher que vos quer bem." Invoca a experiência de Lyautey: "Um de meus homens que se casa é um homem reduzido à metade." É principalmente para o "homem superior" que ele julga nefasto o casamento; é um aburguesamento ridículo. Seria possível dizer: Mme Ésquilo ou "Vou jantar em casa dos Dante?" O prestígio de um grande homem é enfraquecido pelo casamento, mas este principalmente quebra a solidão magnífica do herói, o qual "precisa não se distrair de si mesmo".[111] Já disse que Montherlant escolheu uma liberdade *sem objeto*, isto é, que ele prefere uma ilusão de autonomia à autêntica liberdade que se empenha no mundo; é essa disponibilidade que ele pensa defender contra a mulher: ela incomoda, pesa. "Era um triste símbolo que um homem não pudesse andar direito porque a mulher que amava o segurava pelo braço."[112] "Eu ardia, ela me apaga. Eu andava sobre as águas, ela pendura-se a meu braço e me afunda."[113] Como pode ela ter tamanho poder se é apenas carência, pobreza, negatividade e sua magia, ilusória? Montherlant não o explica. Diz tão somente com soberbia que "o leão teme com razão o mosquito".[114] Mas a resposta é evidente: é fácil acreditar-se soberano quando se está só, acreditar-se forte quando se recusa cuidadosamente a carregar qualquer fardo. Montherlant escolheu a facilidade; ele pretende ter o culto dos valores difíceis, mas procura alcançá-los facilmente. "As coroas que damos a nós mesmos são as únicas que merecem ser usadas", diz o rei de *Pasiphaé*. Princípio cômodo. Montherlant sobrecarrega a fronte, veste-se de púrpura, mas bastaria um olhar alheio para revelar que seus diademas são de papel pintado e que, como o rei de Andersen, está inteiramente nu. Andar em sonho sobre as águas é muito menos cansativo do que marchar de verdade pelos caminhos da terra. Eis por que o leão Montherlant evita com terror o mosquito feminino: receia a prova do real.[115]

Se Montherlant tivesse verdadeiramente esvaziado de seu conteúdo o mito do Eterno Feminino, seria preciso felicitá-lo. É negando a Mulher que se pode ajudar as mulheres a se considerarem seres humanos. Mas viu-se que ele não pulveriza o ídolo: converte-o em monstro. Crê, também ele, nesta obscura e irredutível essência: a feminilidade. Considera, após Aristóteles e são Tomás, que ela se define negativamente; a mulher é mulher por falta de virilidade; é o destino que todo indivíduo do sexo feminino deve suportar sem poder modificá-lo. Aquela que pretende escapar a esse destino situa-se no mais baixo

degrau da escala humana; não consegue tornar-se homem e renuncia a ser mulher; não passa de uma caricatura irrisória, uma aparência; o fato de ser um corpo e uma consciência não lhe confere nenhuma realidade. Platônico em certos momentos, Montherlant parece considerar que só as Ideias de feminilidade e virilidade possuem o ser; o indivíduo que não participa nem de uma nem de outra tem apenas uma aparência de existência. Ele condena inapelavelmente essas "estriges" que têm a ousadia de se pôr como sujeitos autônomos, de pensar, de agir. Retratando Andrée Hacquebaut, pretende provar que toda mulher que se esforça por fazer de si uma pessoa, transforma-se em um fantoche, alvo de deboche. Naturalmente, Andrée é feia, desgraciosa, malvestida, suja mesmo, com unhas e braços duvidosos; o pouco de cultura que lhe é atribuído bastou para matar toda sua feminilidade; Costals assegura-nos que ela é inteligente, mas, em todas as páginas que lhe consagra, Montherlant convence-nos da sua estupidez. Costals tenta ter simpatia por ela, Montherlant a torna odiosa para nós. Com esse equívoco engenhoso, prova-se a tolice da inteligência feminina, estabelece-se que uma desgraça original perverteu na mulher todas as qualidades viris para as quais ela tende.

Montherlant concorda em admitir uma exceção para as desportistas; pelo exercício autônomo do corpo, podem elas conquistar um espírito, uma alma; ainda assim seria fácil fazê-las descer de tais alturas. Da vencedora dos mil metros a quem dedica um hino entusiasta, Montherlant afasta-se delicadamente: não duvida de que a seduziria com facilidade e quer poupar-lhe essa decadência. Dominique[116] não se manteve nos cimos a que a chamava Alban; apaixona-se por ele: "A que era toda espírito, toda alma, suava, desprendia perfumes e, perdendo o fôlego, tossia repetidamente." Indignado, Alban expulsa-a. Pode-se apreciar uma mulher que pela disciplina do esporte matou em si a carne; mas é um escândalo odioso uma existência autônoma encerrada numa carne de mulher; a carne feminina é detestável a partir do momento em que uma consciência a habita. O que convém à mulher é ser puramente carne; Montherlant aprova a atitude oriental: como objeto de gozo o sexo frágil tem um lugar na terra, humilde sem dúvida, mas válido; ele encontra uma justificação no prazer que o macho extrai desse objeto, mas somente no prazer. A mulher ideal é perfeitamente estúpida e submissa; está sempre preparada para acolher o homem e nunca lhe pede nada. Assim é Douce, que Alban aprecia em certos momentos. "Douce, admiravelmente tola e tanto mais desejada quanto mais tola... inútil fora do amor e que ele evita então com uma doçura decidida."[117] Assim é Radidja, a pequena

árabe,[118] tranquilo animal de amor que aceita docilmente prazer e dinheiro. Assim se pode imaginar o "animal feminino" encontrado em um trem espanhol: "Tinha um ar tão estúpido que me pus a desejá-la." O autor explica: "O que há de irritante nas mulheres é a pretensão à razão; quando exageram a animalidade, esboçam o sobre-humano."[119]

Entretanto, Montherlant nada tem de um sultão oriental: falta-lhe primeiramente a sensualidade. Está longe de se deleitar sem segunda intenção com "animais femininos"; são "doentes, malsãs, e nunca inteiramente limpas";[120] Costals confia-nos que os cabelos dos jovens têm cheiro mais forte e melhor do que os das mulheres; ele sente, por vezes, nojo diante de Solange, diante "desse odor açucarado, quase enjoativo, desse corpo sem músculos, sem nervo, como uma lesma branca".[121] Ele sonha com posses mais dignas de si, entre iguais, em que a doçura nascesse da força vencida... O oriental aprecia voluptuosamente a mulher e assim se estabelece entre amantes uma reciprocidade carnal: é o que manifestam as ardentes invocações do Cântico dos Cânticos, os contos das *Mil e uma noites* e tantas poesias árabes à glória da bem-amada. Por certo, há mulheres más; mas há também saborosas, e o homem sensual abandona-se confiantemente em seus braços sem se achar humilhado. Ao passo que o herói de Montherlant está sempre na defensiva: "Possuir sem ser possuído, única fórmula aceitável entre o homem superior e a mulher."[122] Ele fala de bom grado do momento do desejo, que se lhe afigura um momento agressivo, viril, mas afasta o do gozo; talvez se arriscasse a descobrir que ele também sua, arqueja, desprende perfumes. Não: quem lhe ousaria respirar o odor, sentir-lhe o suor? Sua carne desarmada não existe para ninguém, porque não há ninguém diante dele: ele é a única consciência, uma pura presença transparente e soberana; e se o prazer existe para sua consciência, ele não o leva em consideração: seria ceder-lhe. Montherlant fala com complacência do prazer que dá, nunca do que recebe: receber é uma dependência. "O que peço a uma mulher é dar-lhe prazer";[123] o calor vivo da volúpia seria uma cumplicidade e ele não admite nenhuma; prefere a solidão altiva do domínio. São satisfações cerebrais e não sensuais que ele busca nas mulheres.

Antes de tudo aquelas de um orgulho que deseja exprimir-se mas sem correr riscos. Diante da mulher "tem-se o mesmo sentimento que diante de um cavalo, de um touro que se vai enfrentar: a mesma incerteza e o mesmo gosto de *medir o próprio poder*".[124] Medi-lo com outros homens seria por demais ousado: eles interviriam na prova, imporiam tabelas imprevistas,

pronunciariam um veredicto estranho; diante de um touro, de um cavalo, o homem permanece seu próprio juiz, o que é infinitamente mais seguro. Perante uma mulher, se bem escolhida, também se fica só: "Não amo na igualdade, porque na mulher é a criança que procuro." Esta verdade banal nada explica: por que procura a criança e não a igual? Montherlant seria mais sincero se dissesse que ele, Montherlant, não tem igual; ou, mais exatamente, que não quer ter: seu semelhante amedronta-o. Na época de *Les Olympiques* admira no esporte o rigor das competições que criam hierarquias com as quais não se pode trapacear; mas ele próprio não entendeu a lição; no resto de suas obras e em sua vida, seus heróis, como ele mesmo, fogem a qualquer confronto; lidam com bichos, paisagens, crianças, mulheres-crianças, nunca com iguais. Antes apaixonado pela dura lucidez do esporte, Montherlant só aceita como amantes mulheres cujo juízo seu orgulho medroso não precisa temer; escolhe-as "passivas e vegetais", infantis, estúpidas, vendáveis. Evitará sistematicamente atribuir-lhes uma consciência. Se lhes descobre algum vestígio, agasta-se e se vai; não se trata de estabelecer qualquer relação intersubjetiva com a mulher; no reino do homem ela deve ser unicamente um objeto animado. Nunca será encarada como sujeito, nunca seu ponto de vista será considerado. O herói de Montherlant tem uma moral que imagina ser arrogante e que é apenas cômoda: só se preocupa com suas relações consigo mesmo. Apega-se à mulher — ou melhor, pega a mulher — não para desfrutá-la, mas para desfrutar de si mesmo. Sendo absolutamente inferior, a existência da mulher desvenda sem risco a superioridade substancial, essencial e indestrutível do homem.

Assim, a tolice de Douce[125] permite a Alban "reconstituir, até certo ponto, as sensações do *semideus antigo* desposando uma gansa fabulosa". Mal toca Solange e eis Costals transformado em um soberbo leão: "Mal se sentaram um ao lado do outro, ele pôs a mão sobre a coxa da jovem (por cima do vestido), depois manteve-a pousada no centro do corpo *como um leão* pousa a pata aberta sobre o quarto da carne que conquistou."[126] Esse gesto, que na obscuridade dos cinemas tantos homens fazem modestamente, Costals proclama-o "o gesto primitivo do *Senhor*".[127] Se os amantes, os maridos que beijam a amante antes de a possuir tivessem, como ele, o sentido da grandeza, conheceriam, sem maior esforço, essas poderosas metamorfoses. "Ele aspirava vagamente o rosto da Mulher, como *um leão* que, despedaçando a carne que tem entre as patas, de vez em quando se detém para lambê-la."[128] Esse orgulho carnívoro não é o único prazer que o macho extrai da fêmea; ela lhe serve de pretexto para experimentar livremente, e sempre sem risco, o próprio coração.

Costals, certa noite, chega a divertir-se com o sofrer até que, saciado seu apetite de dor, atira-se alegremente a uma coxa de frango. Só raramente é que a gente pode permitir-se um tal capricho... Mas há outras alegrias fortes ou sutis. A condescendência, por exemplo: Costals cede em responder a certas cartas de mulheres e até o faz, por vezes, com cuidado. A uma camponesinha inspirada, escreve ao fim de uma dissertação pedante: "Duvido que possa compreender-me, mas isso é melhor do que se me tivesse abaixado até você".[129] Agrada-lhe, às vezes, moldar uma mulher à própria imagem: "Quero que você seja para mim como uma cereja... não a *ergui* até mim para que você fosse outra coisa que não eu."[130] Diverte-se com fabricar algumas belas recordações para Solange. Mas é principalmente quando dorme com uma mulher que sente com embriaguez seu esbanjamento: doador de alegria, de paz, de calor, de força, de prazer, as riquezas que esbanja enchem-no de satisfação. Nada deve a suas amantes; paga-as frequentemente para ter certeza disso; mas mesmo quando o coito se realiza ao par, a mulher é sua devedora sem reciprocidade: ela não dá nada, ele toma. Por isso acha absolutamente normal mandar Solange ao *toilette* no dia em que a deflora: ainda que uma mulher seja ternamente querida, seria absurdo um homem constranger-se com ela; ele é macho por direito divino, ela por direito divino é votada ao bidê. O orgulho de Costals imita aqui tão fielmente o cafajestismo que não se sabe ao certo o que o diferencia de um caixeiro-viajante mal-educado.

O primeiro dever de uma mulher é submeter-se às exigências de sua generosidade; quando supõe que Solange não lhe aprecia as carícias, Costals fica furioso. Se gosta de Radidja é porque o rosto dela se ilumina de alegria quando ele a penetra. Então goza por sentir-se ao mesmo tempo animal de rapina e príncipe magnífico. Indaga-se, entretanto, com perplexidade, de onde pode vir a embriaguez de possuir e satisfazer, se a mulher possuída e satisfeita não passa de uma pobre coisa, carne insípida em que palpita um *ersatz* de consciência. Como Costals pode perder tanto tempo com criaturas vãs?

Essas contradições dão a medida de um orgulho que não passa de vaidade.

Um deleite mais sutil do forte, do generoso, do senhor, é a piedade pela raça infeliz. Costals, de quando em quando, comove-se ao sentir no coração tanta gravidade fraternal, tanta simpatia pelos humildes, tanta "piedade pelas mulheres". Haverá coisa mais tocante do que a doçura imprevista dos seres inflexíveis? Ele ressuscita em si essa nobre imagem de Epinal quando se debruça sobre esses animais enfermos que são as mulheres. Mesmo as desportistas, gosta de as ver vencidas, feridas, exaustas, magoadas; quanto às

outras, ele as quer o mais desarmadas possível. A miséria mensal delas repugna-lhe e no entanto Costals nos confia que "sempre preferira nas mulheres esses dias em que as sabia atingidas".[131] Acontece-lhe ceder a essa piedade; chega a assumir compromissos, senão a cumpri-los: compromete-se a ajudar Andrée, a desposar Solange. Quando a piedade se retira de sua alma tais promessas morrem: não tem ele o direito de se contradizer? Ele é que estabelece as regras do jogo que joga consigo mesmo, como único parceiro.

Não basta considerá-la inferior, lamentável. Montherlant quer que a mulher seja desprezível. Afirma por vezes que o conflito do desejo com o desprezo é um drama patético: "Ah" desejar o que se desdenha, que tragédia!... Ter que atrair e rechaçar quase no mesmo gesto, acender e logo jogar fora como se faz com um fósforo, eis a tragédia das relações com as mulheres!"[132] Em verdade não há tragédia senão para o fósforo, o que é negligenciável. Quanto ao acendedor, preocupado com não queimar os dedos, é evidente que essa ginástica o encanta. Se seu prazer não fosse "desejar o que se desdenha", não se recusaria sistematicamente a desejar o que estima: Alban não afastaria Dominique: preferiria "amar na igualdade"; poderia evitar desdenhar o que deseja; afinal de contas, não se vê por que, *a priori*, uma pequena dançarina espanhola jovem, bonita, ardente, simples, é tão desprezível. Por ser pobre, de baixa extração, sem cultura? É de temer que aos olhos de Montherlant sejam efetivamente taras. Mas principalmente ele a despreza como mulher, por decreto; diz justamente que não é o mistério feminino que suscita os sonhos do homem e sim esses sonhos que criam mistério; mas ele também projeta no objeto o que sua subjetividade exige: não é porque são desprezíveis que ele desdenha as mulheres; é porque ele as quer desdenhar que elas lhe parecem abjetas. Sente-se encarrapitado em cumes tanto mais altivos quanto maior é a distância entre elas e ele: é o que explica que escolha, para seus heróis, amorosas tão lamentáveis. Ao grande escritor, Costals opõe uma solteirona virgem da província, atormentada pelo sexo e pelo tédio, e uma pequena burguesa da extrema direita, ingênua e interesseira; é medir assim com medidas bem humildes um indivíduo superior: o resultado de tão inábil prudência é torná-lo bem pequeno a nossos olhos. Mas pouco importa, Costals acredita-se grande. As mais insignificantes fraquezas da mulher bastam para alimentar-lhe a soberbia. Um texto de *Les Jeunes filles* é particularmente significativo. Antes de dormir com Costals, Solange faz sua toalete noturna. "Ela devia ir ao W.C., e Costals lembrou-se da égua que tivera, tão altiva e delicada que não urinava nem sujava nunca quando ele a montava." Percebe-se aqui o ódio da carne

(pensa-se em Swift: Célia caga), a vontade de assimilar a mulher a um animal doméstico, a recusa em lhe reconhecer qualquer autonomia, ainda que de ordem urinária; mas, principalmente, enquanto Costals se indigna esquece que ele também possui uma bexiga e um cólon; da mesma forma, quando se sente enojado de uma mulher banhada de suor e de odores, abole todas as suas próprias secreções: é um puro espírito servido por músculos e um sexo de aço. "O desdém é mais nobre do que o desejo", declara Montherlant em *Aux fontaines du désir*; e Álvaro: "Meu pão é o nojo".[133] Que *álibi* é o desprezo, quando se compraz em si mesmo! Em se contemplando e julgando, sente-se o indivíduo radicalmente diferente do outro que condena, lava-se sem esforço das taras de que o acusam. Com que embriaguez Montherlant exala durante toda a sua vida seu desprezo pelos homens! Basta-lhe denunciar a estupidez deles para que se acredite inteligente, a covardia deles para que se imagine corajoso. No início da ocupação, entrega-se a uma orgia de desprezo pelos compatriotas vencidos: ele não é nem francês nem vencido; flutua acima de todos. Em meio a uma frase, convém em que afinal ele, Montherlant, que acusa, não fez nada mais do que os outros para prevenir a derrota; não consentiu sequer em ser oficial; mas logo recomeça a acusar com uma fúria que lhe faz perder as estribeiras.[134] Se ele se mostra afligido com seus nojos é para os sentir mais sinceros e com eles se regozijar ainda mais. Na verdade, encontra nisso tantas comodidades que procura sistematicamente arrastar a mulher para a abjeção. Diverte-se em tentar com dinheiro ou joias raparigas pobres: se aceitam seus presentes mal-intencionados, rejubila-se. Joga um jogo sádico com Andrée pelo prazer, não de a fazer sofrer, mas sim de vê-la aviltar-se. Incita Solange ao infanticídio; ela admite a perspectiva e os sentidos de Costals se inflamam: e num enlevo de desprezo ele possui essa assassina em potencial.

A chave dessa atitude está no apólogo das lagartas;[135] qualquer que tenha sido a intenção recôndita, ele é em si mesmo bastante significativo. Mijando nas lagartas, Montherlant diverte-se com poupar algumas e exterminar outras; concede uma piedade sorridente às que se esforçam por viver e dá-lhes, generosamente, uma oportunidade; o brinquedo encanta-o. Sem as lagartas, o jato urinário não passaria de uma excreção; mas, assim, torna-se um instrumento de vida e de morte; diante do bicho rastejante, o homem que alivia a bexiga conhece a solidão despótica de Deus, sem ameaça de reciprocidade. Assim, ante os animais femininos, o homem, do alto de seu pedestal, ora cruel, ora terno, justo ou caprichoso, dá, retoma, satisfaz, apieda-se, irrita-se; só obedece a seu prazer; é soberano, livre, único. Mas é preciso que esses animais

sejam unicamente animais; cumpre escolhê-los de propósito, lisojeando-lhe as fraquezas, tratando-os como bichos tão obstinadamente que acabem aceitando sua condição. Por isso, os brancos de Luisiana e Geórgia adoram os pequenos furtos e mentiras dos negros. Sentem-se confirmados na superioridade que lhes confere a cor da pele e, se um desses negros insiste em se mostrar honesto, muito mais maltratado será. Assim se praticava sistematicamente nos campos de concentração o aviltamento do homem: a raça dos senhores encontrava nessa abjeção a prova de que era de essência sobre-humana.

Esse encontro nada tem de casual. Sabe-se muito bem que Montherlant admira a ideologia nazista. Encanta-o ver a cruz gamada, que é a Roda solar, triunfar em uma das festas do Sol. "A vitória da Roda solar não é somente vitória do Sol, vitória do paganismo. É vitória do princípio solar de que tudo gira... Vejo triunfar neste dia o princípio de que estou imbuído, que cantei, que com inteira consciência sinto governar minha vida", escreve.[136] Sabe-se também com que adequado sentido de grandeza, durante a ocupação, ele propôs como exemplo, aos franceses, esses alemães "que respiram o grande estilo da força".[137] O mesmo gosto pânico da facilidade que o levava a fugir diante dos iguais põe-no de joelhos ante os vencedores: crê que, em se ajoelhando, se identifica a eles; ei-lo vencedor, o que sempre desejou, contra um touro, contra lagartas ou contra mulheres, contra a própria vida e a liberdade. É justo dizer que já antes da vitória ele incensava os "sedutores totalitários".[138] Como eles, sempre fora niilista, sempre detestara os homens. "Não vale sequer a pena conduzir os indivíduos (e não é necessário que a humanidade nos tenha feito alguma coisa para detestá-la a esse ponto)", escreve;[139] como eles, acreditava que certos seres: raça, nação ou ele próprio, Montherlant, detêm um privilégio absoluto que lhes confere todos os direitos sobre outrem. Toda sua moral justifica e quer a guerra e as perseguições. Para julgar sua atitude com as mulheres, convém examinar essa ética mais de perto. Porque fora preciso afinal saber *em nome de quê* elas são condenadas.

A mitologia nazista tinha uma infraestrutura histórica: o niilismo exprimia o desespero alemão; o culto do herói servia a fins positivos pelos quais milhões de soldados morreram. A atitude de Montherlant não tem nenhuma contrapartida positiva e não exprime senão sua própria escolha existencial. Em verdade, esse herói escolheu o medo. Há, em toda consciência, uma pretensão à soberania: mas só pode afirmar-se arriscando-se. Nunca nenhuma superioridade é dada porque, reduzido à sua subjetividade, o homem não é nada; é entre os atos e as obras que se podem estabelecer hierarquias. Cumpre

conquistar o mérito, sem cessar; Montherlant, ele próprio, o sabe. "Só se tem direito sobre o que se está disposto a arriscar." Mas ele jamais quis arriscar-*se* no meio de seus semelhantes. E é porque não ousa enfrentá-la que quer abolir a humanidade. "Odioso obstáculo o dos seres", diz o rei de *La Reine morte*. Sim, porque desmentem a "fantasia" complacente que o vaidoso cria em torno de si. É preciso negá-los. É notável que *nenhuma* das obras de Montherlant descreva-nos um conflito de homem com homem; a coexistência é que é o grande drama vivo: ele o evita. Seu herói ergue-se sempre apenas perante animais, crianças, mulheres, paisagens; luta contra seus próprios desejos (como a rainha de *Pasiphaé*) ou contra suas próprias exigências (como *Le Maître de Santiago*) mas *nunca* há alguém a seu lado. O próprio Alban, em *Le Songe*, não tem companheiro: desdenha Prinet vivo e só se exalta sobre seu cadáver. A obra, como a vida de Montherlant, só admite *uma* consciência.

Em consequência, todo sentimento desaparece desse universo; não pode haver relação intersubjetiva se há apenas um sujeito. O amor é irrisório; mas não é em nome da amizade que é desprezível, pois a "amizade carece de vísceras".[140] E toda solidariedade humana é recusada com altivez. O herói não foi engendrado, não é limitado pelo espaço e pelo tempo: "Não vejo nenhum motivo razoável para me interessar pelas coisas exteriores que me são contemporâneas, como não vejo tampouco para me interessar por qualquer ano do passado".[141] Nada do que acontece a outrem tem importância para ele: "Em verdade, os acontecimentos nunca me importaram. Só os amava nos raios de luz que produziam em mim ao me atravessarem... Que sejam pois o que querem ser."[142] A ação é impossível: "Ter tido o ardor, a energia, a audácia e não ter podido pô-los à disposição de quem quer que seja por falta de fé em alguma coisa de humano!"[143] Isto significa que toda transcendência é proibida. Montherlant reconhece-o. O amor e a amizade são tolices, o desprezo impede a ação; ele não crê na arte pela arte, e não crê em Deus. Resta apenas a imanência do prazer: "Minha única ambição foi usar meus sentidos melhor do que os outros", escreve em 1925.[144] E ainda: "Em suma, que quero? A posse dos seres que me agradam na paz e na poesia."[145] E em 1941:[146] "Mas eu que acuso, que fiz desses vinte anos? Foram um sonho cheio de meu prazer. Vivi de cá para lá embriagando-me do que amo: de lábios colados com a vida!" Seja. Mas não é precisamente porque chafurda na imanência que a mulher é espezinhada? Que fins mais elevados, que grandes desígnios opõe Montherlant ao amor possessivo da mãe, da amante? Ele também busca a "posse"; e quanto aos "lábios colados com a vida", muitas mulheres poderiam dar-lhe troco. É

verdade que ele aprecia singularmente os prazeres insólitos: os que se podem tirar dos animais, dos rapazes, das meninas impúberes; fica indignado porque uma amante apaixonada se recusa a pôr em sua cama a filha de doze anos: mesquinharia muito pouco solar. Não sabe ele que a sensualidade das mulheres não é menos atormentada que a dos homens? Se se trata de hierarquizar os sexos segundo esse critério, talvez elas ganhem. Para dizer a verdade, as incoerências de Montherlant são aqui monstruosas. Em nome da "alternância" ele declara que, exatamente porque nada tem valor, tudo igualmente tem valor; aceita tudo, quer tudo abraçar e agrada-lhe que sua largueza de espírito assuste as mães de família; era ele, entretanto, que durante a ocupação reclamava uma "inquisição",[147] que censurasse filmes e jornais; as coxas das *girls* norte-americanas dão-lhe nojo, o sexo luzidio de um touro exalta-o; gosto não se discute. Cada qual recria a seu modo a "fantasia"; em nome de que valores esse grande devasso cospe com repugnância sobre as orgias alheias? Porque não são suas? Mas toda moral consiste então em ser Montherlant?

Ele responderia evidentemente que gozar não é tudo: depende do jeito. É preciso que o prazer seja o reverso de uma renúncia, que o voluptuoso se sinta também com o estofo de um herói e de um santo. Mas muitas mulheres são peritas em conciliar seus prazeres com a alta opinião que têm de si mesmas. Por que devemos acreditar que os sonhos narcisistas de Montherlant valem mais do que os delas?

Pois, em verdade, é de sonhos que se trata. Como Montherlant recusa todo conteúdo objetivo às palavras com que joga, grandeza, santidade, heroísmo não passam de brinquedos. Montherlant tem medo de arriscar sua superioridade perante os homens. Para se embriagar com esse vinho exaltante, refugiou-se nas nuvens: o Único é certamente soberano. Ele se encerra em seu gabinete de miragens: os espelhos devolvem-lhe sua imagem de todos os lados e ele acredita que pode, sozinho, povoar a terra. Porém não passa de um recluso prisioneiro de si mesmo. Acredita-se livre, mas aliena a liberdade em proveito de seu ego; molda a estátua de Montherlant segundo normas tomadas de empréstimo às imagens de Epinal. Alban, afastando Dominique porque deparou no espelho com uma cara de tolo, ilustra essa escravidão. Só se é tolo aos olhos de outrem. O orgulhoso Alban submete o coração a essa consciência coletiva que despreza. A liberdade de Montherlant é uma atitude, não uma realidade. Sendo-lhe impossível a ação, por falta de objetivos, consola-se com gestos: faz mímica. As mulheres são para ele parceiros cômodos; dão-lhe a réplica, ele apropria-se do papel principal, cinge-se de louros e envolve-se em

púrpura, mas tudo se passa em palco privado; na praça pública, sob um céu de verdade, o comediante não enxerga mais direito, não fica em pé, titubeia, cai. Em um assomo de lucidez, Costals[148] exclama: "No fundo, que palhaçada essas "vitórias" contra as mulheres!" Sim. Os valores, as façanhas que Montherlant nos propõe são uma triste farsa. Os grandes acontecimentos que o embriagam são também simples gestos, nunca empreendimentos: comove-se com o suicídio de Peregrinus, a ousadia de Pasiphaé, a elegância do japonês que abriga o adversário sob o guarda-chuva antes de trespassá-lo em duelo. Mas declara que "a pessoa do adversário e as ideias que se admite que este representa não têm tanta importância".[149] Essa declaração ecoa de maneira singular em 1941. Toda guerra é bela, diz ele ainda, qualquer que seja o fim; a força é sempre admirável, sirva a quem servir. "O combate sem a fé é a fórmula a que chegamos forçosamente se queremos conservar a única ideia aceitável do homem: essa em que ele é, a um tempo, o herói e o sábio."[150] Mas é curioso que a nobre indiferença de Montherlant por todas as causas o tenha inclinado, não para a resistência, e sim para a Revolução nacional; que sua soberana liberdade tenha escolhido a submissão, e que tenha buscado o segredo de sua sabedoria heroica não nos *maquis*, mas entre os vencedores. Isso não é tampouco um acidente. É em tais mistificações que desemboca o pseudossublime da *La Reine morte* e do *Maître de Santiago*. Nesses dramas, tanto mais significativos quanto pretensiosos, veem-se dois machos imperiosos que sacrificam a seu orgulho vazio mulheres culpadas tão somente de serem seres humanos; elas aspiram ao amor e à felicidade terrestre. Para puni-las, tira-se a vida de uma e a alma de outra. Mais uma vez perguntamos: em nome de quê? O autor responde com altivez: de nada. Não quis que o rei tivesse motivos imperiosos para matar Inês: o assassínio não passaria de um crime político trivial. "Por que a mato? Há sem dúvida uma razão mas não a distingo", afirma ele. A razão está em que é necessário que o princípio solar triunfe sobre a trivialidade terrestre; mas esse princípio, já o vimos, não ilumina nenhum fim: exige a destruição, nada mais. Quanto a Álvaro, Montherlant diz-nos, em um prefácio, que se interessa por certos homens desse tempo "por sua fé decidida, seu desprezo pela realidade exterior, seu gosto pela ruína, seu furor do nada". A esse furor é que o senhor de Santiago sacrifica a filha. Será enfeitado com a linda e brilhante palavra misticismo. Não é medíocre preferir a felicidade à mística? Em verdade, os sacrifícios e as renúncias só têm sentido dentro da perspectiva de um fim, um fim humano; e os fins que ultrapassam o amor singular, a felicidade pessoal, só podem existir num mundo que

reconhece o valor do amor e da felicidade; a "moral das costureirinhas" é mais autêntica do que as fantasias do vazio, porque tem suas raízes na vida e na realidade. E é daí que podem nascer as aspirações mais vastas. Imaginamos facilmente Inês de Castro em Buchenwald e o rei a cortejar a embaixada da Alemanha por motivo de Estado. Muitas costureirinhas mereceram durante a ocupação um respeito que não temos por Montherlant. As palavras vazias com que se empanturra são perigosas por seu próprio vazio: a mística sobre-humana autoriza todas as devastações temporais. O fato é que, nos dramas de que falamos, ele se afirma mediante dois assassínios: um físico e outro moral. Álvaro não tem muito que caminhar para se tornar arisco, solitário, menosprezado, um grande inquisidor; nem o rei, incompreendido, renegado, um Himmler. Mata-se às mulheres, aos judeus, aos homens efeminados e aos cristãos judaizantes, a tudo o que se tem interesse ou prazer em matar em nome de grandes ideias. É somente por negações que se podem afirmar as místicas negativas. A verdadeira superação é uma marcha positiva para o futuro, o futuro dos homens. O falso herói, para se persuadir de que foi muito longe, de que paira muito alto, olha sempre para trás, para os pés; despreza, acusa, oprime, persegue, tortura, extermina. É pelo mal que faz ao próximo que se estima superior a este. Tais são os cumes que Montherlant nos aponta de dedo em riste quando interrompe seus "lábios colados com a vida".

"Como o burro das noras árabes, giro, giro, cego e passando sempre de novo sobre minhas pegadas. Só que não faço jorrar água fresca." Há pouco que acrescentar a essa confissão que Montherlant assinava em 1927. A água fresca nunca jorrou. Talvez Montherlant devesse ter acendido a fogueira de Peregrinus: era a solução mais lógica. Preferiu refugiar-se em seu próprio culto. Em vez de entregar-se a esse mundo que não sabia fertilizar, contentou-se em mirar-se nele, e ordenou sua vida em atenção a essa miragem somente visível a seus olhos. "Os príncipes sentem-se à vontade em quaisquer circunstâncias, mesmo na derrota",[151] e como se compraz na derrota, acredita-se rei. Aprendeu com Nietzsche que "a mulher é o passatempo do herói" e crê que basta divertir-se com mulheres para se consagrar herói. O resto segue a mesma linha. Como diz Costals: "No fundo, que palhaçada!"

II/D. H. LAWRENCE OU O ORGULHO FÁLICO

Lawrence situa-se em posição diametralmente oposta a Montherlant. Não se trata para ele de definir as relações singulares da mulher com o homem, mas sim de recolocá-los ambos dentro da verdade da Vida. Essa verdade não é nem representação nem vontade: ela envolve a animalidade em que o ser humano mergulha suas raízes. Lawrence recusa com paixão a antítese sexo-cérebro; há nele um otimismo cósmico que se opõe radicalmente ao pessimismo de Schopenhauer; o querer-viver que se exprime no falo é alegria; e é nele que pensamento e ação devem ter sua fonte, sob pena de serem conceito vazio, mecanismo estéril. O simples ciclo sexual é insuficiente porque recai na imanência: é sinônimo de morte; porém, vale mais ainda essa realidade mutilada: sexo e morte, do que uma existência desligada do humo carnal. O homem não tem somente necessidade, como Anteu, de retomar por momentos contato com a terra; sua vida de homem deve ser inteiramente expressão de sua virilidade que põe e exige imediatamente a mulher; esta não é, portanto, nem divertimento nem presa, não é um objeto em face de um sujeito e sim um polo necessário à existência do polo de sinal contrário. Os homens que desprezaram essa verdade, um Napoleão, por exemplo, falharam em seu destino de homem: são uns frustrados. Não é afirmando sua singularidade, é realizando sua generalidade da maneira mais intensa possível que o indivíduo pode salvar-se: macho ou fêmea, nunca deve procurar nas relações eróticas o triunfo de seu orgulho nem a exaltação de seu eu; servir-se do sexo como instrumento de sua vontade é um erro irreparável; é preciso destruir as barreiras do ego, ultrapassar os próprios limites da consciência, renunciar a toda soberania pessoal. Nada é mais belo do que essa estatueta representando uma mulher parindo,[152] "uma figura terrivelmente vazia, pontuda, tornada *abstrata até a insignificância* sob o peso da sensação experimentada". Esse êxtase não é nem um sacrifício nem um abandono; não se trata para nenhum dos sexos de ser tragado pelo outro, nem o homem nem a mulher devem apresentar-se como o fragmento partido de um casal; o sexo não é ferimento; cada um dos indivíduos é um ser completo, perfeitamente polarizado; quando um se afirma em sua virilidade e o outro em sua feminilidade, "um e outro realizam a perfeição do circuito polarizado dos sexos";[153] o ato sexual é, sem anexação, sem rendição de nenhum dos parceiros, a realização maravilhosa de um pelo outro. Quando Ursule e Bikrin[154] se encontram, enfim, "eles se dão *reciprocamente* esse equilíbrio estelar, o único que se pode chamar liberdade. Ela era para ele o que ele era para ela, a magnificência imemorial da *outra realidade*, mística e palpável". Ascendendo um ao outro no arranco generoso

da paixão, os dois amantes ascendem juntos ao Outro, ao Todo. Assim ocorre com Paul e Clara,[155] no momento de seu amor: ela é para ele "uma vida forte, estranha, selvagem que se misturava à dele. Era tão maior do que eles que se viam reduzidos ao silêncio. Tinham-se encontrado e em seu encontro confundia-se o impulso das inumeráveis folhazinhas de erva, os turbilhões das estrelas". Lady Chatterley e Mellors alcançam as mesmas alegrias cósmicas: misturando-se um ao outro, eles misturam-se às árvores, à luz, à chuva. Lawrence desenvolveu amplamente essa doutrina na *Defesa de Lady Chatterley*: "O casamento não passa de uma ilusão, se não é duradouro e radicalmente fálico, se não se liga ao sol e à terra, à lua, às estrelas e aos planetas, ao ritmo dos dias e ao ritmo dos meses, ao ritmo das estações, dos anos, dos lustros e dos séculos. O casamento não é nada, se não se alicerça numa correspondência de sangue. Porque o sangue é a substância da alma." "O sangue do homem e da mulher são dois rios eternamente diferentes que não se podem misturar." Eis por que esses rios envolvem com seus meandros a totalidade da vida. "O falo é um volume de sangue que enche o vale de sangue da mulher. O poderoso rio de sangue masculino envolve em sua última profundidade o grande rio do sangue feminino... no entanto nenhum dos dois rompe suas comportas. É a comunhão mais perfeita... e é um dos maiores mistérios." Essa comunhão é um milagroso enriquecimento; mas exige que as pretensões da "personalidade" sejam abolidas. Quando as personalidades procuram atingir-se sem se renegar, como acontece comumente na civilização moderna, a tentativa é fadada ao fracasso. Há então uma sexualidade "pessoal, lívida, fria, nervosa, poética" que é dissolvente para a corrente vital de cada um. Os amantes tratam-se como instrumentos, o que engendra o ódio entre eles: assim ocorre entre Lady Chatterley e Michaelis; permanecem encerrados em sua subjetividade; podem conhecer uma febre análoga à que dá o álcool ou o ópio, mas que é sem objeto: não descobrem a realidade do outro; não chegam a nada. Lawrence teria condenado Costals sem apelo. Pintou em Gérard,[156] um desses machos orgulhosos e egoístas; e Gérard é, em grande parte, responsável por esse inferno em que se precipita com Gudrun. Cerebral, obstinado, compraz-se na afirmação vazia de seu eu e retesa-se contra a vida; pelo prazer de domar uma égua fogosa, mantém-na encostada a uma cerca por trás da qual um trem passa ruidosamente; ensanguenta-lhe os flancos rebeldes e embriaga-se com seu próprio poder. Essa vontade de domínio avilta a mulher contra a qual se exerce; fraca, ei-la transformada em escrava. Gérard debruça-se sobre Minette: "Seu olhar elementar de escrava violentada, cuja razão de ser é ser

perpetuamente violentada, fazia os nervos de Gérard vibrarem... A única vontade era a dele; ela era a substância passiva dessa vontade." Eis uma soberania miserável; se a mulher não passa de uma substância passiva, o que o homem domina não é nada. Ele pensa possuir, enriquecer-se: é uma ilusão. Gérard aperta Gudrun nos braços: "Ela era a substância rica e adorável do seu ser... Ela esvaíra-se nele e ele atingia a perfeição." Mas logo que a deixa, torna a encontrar-se só e vazio. E, no dia seguinte, ela não comparece ao encontro marcado. Se a mulher é forte, a pretensão do macho nela suscita uma pretensão simétrica; fascinada e rebelde, faz-se masoquista e sádica alternativamente. Gudrun sente-se transtornada e perturbada quando vê Gérard apertar entre as coxas os flancos da égua assustada; mas perturba-se também quando a ama de Gérard lhe conta que outrora "ela lhe beliscava a bundinha". A arrogância masculina exaspera as resistências femininas. Enquanto Ursule é vencida e salva pela pureza sexual de Birkin, como Lady Chatterley pela do guarda florestal, Gérard arrasta Gudrun para uma luta sem saída. Certa noite, infeliz, debilitado por um luto, entrega-se aos braços dela. "Ela era o grande banho de vida, ele a adorava. Ela era a mãe e a substância de todas as coisas. A emanação milagrosa e doce de seu seio de mulher invadia-lhe o cérebro ressequido e doente como uma ninfa reconfortante, como o fluxo calmante da própria vida, perfeito como se ele se banhasse de novo no seio materno." Nessa noite, ele pressente o que poderia ser uma comunhão com a mulher; mas é demasiado tarde; sua felicidade está viciada, pois Gudrun não se acha realmente presente. Deixa Gérard dormir sobre o ombro, mas permanece acordada, impaciente, separada. É o castigo do indivíduo em luta consigo mesmo; não pode, sozinho, romper a solidão: erguendo as barreiras do eu, ergueu as do *Outro*, não o alcançará nunca mais. No fim, Gérard morre, morto por Gudrun e por si mesmo.

Nenhum sexo portanto se apresenta inicialmente como privilegiado. Nenhum é sujeito. Assim como não é uma presa, não é a mulher um simples pretexto. Malraux[157] observa que para Lawrence não basta, como basta ao hindu, que a mulher seja a oportunidade de um contato com o infinito, à maneira, por exemplo, de uma paisagem: seria fazer dela, de outro modo, um objeto. Ela é tão real quanto o homem; é a comunhão real que cumpre alcançar. Por isso é que os heróis aprovados por Lawrence exigem muito mais da amante do que do corpo: Paul não aceita que Myriam se entregue a ele por um terno sacrifício; Birkin não quer que Ursule se restrinja a buscar prazer em seus braços; fria ou ardente, a mulher que permanece encerrada em si mesma

deixa o homem com sua solidão: ele deve rechaçá-la. É preciso que ambos se entreguem de corpo e alma. Se esse dom se realizou, eles devem continuar fiéis para sempre. Lawrence é partidário do casamento monógamo. Só existe busca de variedade quando há interesse pela particularidade dos seres: mas o casamento fálico é baseado na generalidade. Quando o circuito virilidade-feminilidade se estabelece, nenhum desejo de mudança é concebível: é um circuito perfeito, fechado em si, definitivo.

Dom recíproco, fidelidade recíproca: será realmente o reinado do reconhecimento mútuo? Longe disso. Lawrence acredita apaixonadamente na supremacia do homem. A própria expressão "casamento fálico", a equivalência que estabelece entre sexual e fálico provam-no suficientemente. Das duas correntes de sangue que misteriosamente se casam, a corrente fálica é privilegiada. "O falo serve de traço de união entre os dois rios: conjuga os dois ritmos diferentes em uma única corrente." Desse modo, o homem é não somente um dos termos do casal, mas ainda sua relação; sua superação: "A ponte que conduz ao futuro é o falo." Lawrence procura substituir um culto fálico ao culto da Deusa-Mãe; quando quer ressaltar a natureza sexual do cosmo, não é o ventre da mulher mas a virilidade do homem que evoca. Quase nunca pinta um homem perturbado pela mulher, mas cem vezes descreve a mulher secretamente transtornada pelo apelo vivo, sutil, insinuante do homem; suas heroínas são belas e sadias mas não obstinadas, ao passo que seus heróis são faunos inquietantes. São os animais machos que encarnam o poderoso e perturbador mistério da vida; as mulheres sentem-lhe o sortilégio: uma comove-se com um raposo, outra apaixona-se por um garanhão, Gudrun desafia febrilmente um bando de bezerros; impressiona-a o vigor rebelde de um coelho. Nesse privilégio cósmico enxerta-se um privilégio social. Talvez por ser a corrente fálica impetuosa, agressiva, por projetar-se no futuro — Lawrence não o explica muito claramente —, ao homem é que cabe "marchar à frente carregando as flâmulas da vida";[158] ele se retesa em direção a metas, encarna a transcendência; a mulher é absorvida por seus próprios sentimentos, é toda interioridade; está votada à imanência. Não somente o homem desempenha o papel ativo na vida sexual, como ainda é por ele que essa vida é ultrapassada; acha-se arraigado ao mundo sexual mas evade-se; ela permanece encerrada nele. O pensamento e a ação têm suas raízes no falo; por não possuir falo, a mulher não tem direito nem a um nem a outra; pode desempenhar o papel de homem, e até brilhantemente, mas seu desempenho é falso. "A mulher é polarizada para baixo, para o centro da terra. Sua polaridade profunda é o

fluxo dirigido para baixo, a atração lunar. O homem é, ao contrário, polarizado para cima, para o Sol e para a atividade diurna."[159] Para a mulher, "a mais profunda consciência jaz em seu ventre e em seus rins... Se ela se volta para o alto ocorre um momento em que tudo desmorona".[160] No terreno da ação o homem é que deve ser o iniciador, o positivo; a mulher é o positivo no terreno da emoção. Desse modo, Lawrence reencontra a concepção burguesa tradicional de Bonald, Auguste Comte, Clément Vautel. A mulher deve subordinar sua existência à do homem. "Ela deve acreditar em vós, na meta profunda para a qual tendeis."[161] Então o homem lhe devotará ternura e gratidão infinitas. "Ah! Doçura de voltar para casa junto da mulher quando ela acredita em nós e aceita que nosso desígnio a supere... Sentimos uma gratidão insondável para com a mulher que nos ama..."[162] Lawrence acrescenta que, para merecer esse devotamento, cumpre que o homem seja autenticamente habitado por um grande desígnio; se o projeto não passa de uma impostura, o casal se afunda em uma mistificação irrisória; mais vale ainda encerrar-se no ciclo feminino; amor e morte, como Ana Karenina e Vronsky, Carmen e D. José, do que mentir um a outro como Pierre e Natacha. Mas, sob essa reserva, o que propugna Lawrence é, à maneira de Proudhon, de Rousseau, o casamento monógamo em que a mulher encontra no marido a justificação da própria existência. Contra a mulher que aspira a inverter os papéis, Lawrence tem inflexões tão carregadas de ódio quanto Montherlant. Se ela renuncia a desempenhar o papel de *Magna Mater*, a pretender deter a verdade da vida; açambarcadora, devorante, ela mutila o macho, fá-lo recair na imanência e o desvia de seus fins. Lawrence está longe de amaldiçoar a maternidade, ao contrário; alegra-se em ser carne, aceita o nascimento, adora a mãe. As mães apresentam-se em sua obra como magníficos exemplos de verdadeira feminilidade; elas são pura renúncia, generosidade absoluta, todo seu calor vivo é dedicado ao filho; aceitam que ele se torne homem e se orgulham disso. Mas é preciso temer a amante egoísta que busca reconduzir o homem à infância. Ela quebra o impulso do macho. "A lua, planeta das mulheres, chama-nos para trás."[163] Ela fala incessantemente de amor; mas amar, para ela, é possuir, é encher o vazio que ela sente em si; esse amor assemelha-se ao ódio; por isso é que Hermione sofre de horrível deficiência, porque nunca soube dar-se e desejaria incorporar Birkin a si. Malogra. Tenta matá-lo e o êxtase voluptuoso que experimenta ao batê-lo é idêntico ao espasmo egoísta do prazer.[164] Lawrence detesta as mulheres modernas, criaturas de celuloide e de borracha que reivindicam uma consciência. Quando a mulher toma

sexualmente consciência de si própria, ei-la que "caminha pela vida, agindo de uma maneira inteiramente cerebral e obedecendo às ordens de uma vontade mecânica".[165] Ele proíbe-lhe ter uma sensualidade autônoma; ela é feita para entregar-se, não para possuir. Pela boca de Mellors, Lawrence proclama seu horror às lésbicas. Mas censura também a mulher que, diante do homem, assume uma atitude desinteressada ou agressiva. Paul sente-se magoado e irritado quando Myriam acaricia-lhe os flancos dizendo: "És belo." Gudrun, como Myriam, erra quando se encanta com a beleza do amante. Essa contemplação separa-os, tanto quanto a ironia das frias intelectuais que julgam o pênis irrisório e ridícula a ginástica masculina; a procura encarniçada do prazer não é menos censurável; há um gozo agudo, solitário, que também separa, e a mulher não deve voltar-se para ele. Lawrence esboçou vários retratos dessas mulheres independentes, dominadoras, que falham em sua vocação feminina. Ursule e Gudrun[166] são dessa espécie. Inicialmente, Ursule é uma açambarcadora. "O homem teria que se entregar a ela até a borra..." Ela aprende a dominar a vontade. Mas Gudrun obstina-se; cerebral, artista, inveja ferozmente a independência e as possibilidades de ação dos homens; faz questão de conservar intata sua individualidade; quer viver para si mesma. Irônica, possessiva, ficará para sempre encerrada em sua subjetividade. A figura mais significativa, por ser a menos sofisticada, é a de Myriam.[167] Gérard é, em parte, responsável pelo malogro de Gudrun; diante de Paul, Myriam carrega sozinha o fardo de sua desgraça. Ela também gostaria de ser homem; odeia os homens; não se aceita em sua generalidade, quer "distinguir-se"; por isso a grande corrente da vida não a atravessa; pode assemelhar-se a uma feiticeira, a uma sacerdotisa, nunca a uma bacante; só se comove com as coisas quando as recria em sua alma, dando-lhes um valor religioso, e esse próprio fervor separa-a da vida; ela é poética, mística, inadaptada. "Seu esforço exagerado fechava-se sobre si mesmo... Ela não era inábil e no entanto nunca fazia o movimento que convinha." Ela procura alegrias muito interiores e a realidade amedronta-a; a sexualidade amedronta-a; quando se deita com Paul, seu coração conserva-se arredio numa espécie de terror; tem sempre consciência, nunca vida: não é uma companheira; não consente em se fundir com o amante, quer absorvê-lo nela. Ele se irrita com essa vontade; é tomado de violenta cólera quando a vê acariciar flores: diria-se que quer arrancar-lhes o coração. Insulta-a: "Você é uma mendiga de amor; não tem necessidade de amar mas sim de ser amada. Quer *encher-se de amor* porque lhe falta alguma coisa, não sei o quê." A sexualidade não é feita para encher um vazio; deve ser

a expressão de um ser acabado. O que as mulheres chamam amor é sua avidez diante da força viril de que gostariam de apossar-se. A mãe de Paul pensa lucidamente acerca de Myriam: "Ela o quer todo, quer extraí-lo de si mesmo e devorá-lo." A jovem alegra-se quando o amigo está doente porque poderá tratar dele: pretende servi-lo, mas é uma maneira de lhe impor sua vontade. Porque fica separada dele, excita em Paul "um ardor semelhante à febre, como faz o ópio", mas é incapaz de dar-lhe alegria e paz; do fundo de seu amor, no segredo de si mesma, "detestava Paul porque ele a amava e dominava". Por isso Paul afasta-se dela. Busca seu equilíbrio junto de Clara; bela, viva, animal, esta entrega-se sem reservas e os amantes atingem momentos de êxtase que os superam a ambos. Mas Clara não compreende essa revelação. Acredita que deve sua alegria ao próprio Paul, à sua singularidade, e deseja apropriar-se dele: mas não consegue guardá-lo porque também o quer todo para ela. A partir do momento em que o amor se individualiza, transforma-se em egoísmo ávido e o milagre do erotismo dissipa-se.

É preciso que a mulher renuncie ao amor pessoal: nem Mellors nem Don Cipriano consentem em dizer palavras de amor a suas amantes. Teresa, que é mulher exemplar, indigna-se quando Kate lhe pergunta se ama Dom Ramon.[168] "Ele é minha vida", responde. O dom que lhe consentiu é coisa muito diferente do amor. A mulher como o homem deve abdicar todo orgulho e toda vontade; se, para o homem, encarna a vida, encarna-o também para si; Lady Chatterley só encontra paz e alegria porque reconhece essa verdade: "renunciaria a seu duro e brilhante poder feminino que a cansava e retesava, mergulharia no novo banho de vida, na profundidade de suas entranhas que cantavam a canção sem voz da adoração"; então ela alcança a embriaguez das bacantes; obedecendo cegamente ao amante, não se procurando nos braços dele, com ele forma um casal harmônico, afinado com a chuva, as árvores, as flores da primavera. De igual modo, Ursule, entre os braços de Birkin, renuncia à própria individualidade e eles atingem juntos um "equilíbrio estelar". Mas é principalmente *A serpente emplumada* que reflete em sua integridade o ideal de Lawrence. Porque Don Cipriano é um desses homens que "vão à frente carregando as flâmulas da vida"; tem uma missão a que se entrega completamente, a tal ponto que a virilidade nele se supera e se exalta até a divindade: faz-se sagrar deus e não é mistificação, é que todo homem plenamente homem é um deus; merece, portanto, a dedicação absoluta de uma mulher. Imbuída de preconceitos ocidentais, Kate recusa, a princípio, essa dependência, apega-se à sua personalidade e à sua existência limitada; mas,

pouco a pouco, deixa-se penetrar pela grande corrente da vida, dá a Cipriano seu corpo e sua alma. Não é uma rendição de escrava: antes de resolver ficar com ele, exige que ele reconheça a necessidade que tem dela; ele a reconhece, porquanto efetivamente a mulher é necessária ao homem; ela consente então em não ser nunca outra coisa senão sua companheira: adota os objetivos, os valores, o universo dele. Essa submissão exprime-se no próprio erotismo; Lawrence não quer que a mulher se contraia na busca do prazer, separada do homem pelo espasmo que a sacode; ele recusa-lhe deliberadamente o orgasmo; Don Cipriano afasta-se de Kate quando sente nela a aproximação desse gozo nervoso; ela renuncia até a essa autonomia sexual. "Sua ardente vontade de mulher e seu desejo aplacavam-se nela e dissipavam-se, deixando-a toda doçura e submissão como as nascentes de água quente que saem da terra sem ruído e são, entretanto, tão ativas e poderosas em seu poder secreto."

Compreende-se por que os romances de Lawrence são antes de tudo "educação de mulheres". É infinitamente mais difícil para a mulher do que para o homem submeter-se à ordem cósmica, porque ele se submete de maneira autônoma, ao passo que ela precisa da medição do homem. É quando o Outro assume a figura de uma consciência e de uma vontade alheias que há realmente rendição; uma submissão autônoma, ao contrário, assemelha-se estranhamente a uma decisão soberana. Os heróis de Lawrence ou são condenados desde o início ou desde o início detêm o segredo da sabedoria;[169] sua submissão ao cosmo consumou-se desde muito e eles tiram dela tamanha segurança interior que parecem tão arrogantes como um individualista orgulhoso; um deus fala pelas suas bocas: o próprio Lawrence. Ao passo que a mulher deve inclinar-se diante da divindade. Que o homem seja um falo e não um cérebro, o indivíduo que participa da virilidade conserva seus privilégios; a mulher não é o mal, ela é até boa, mas subordinada. É ainda o ideal da "verdadeira mulher" que Lawrence nos propõe, isto é, da mulher que aceita, sem reticência, definir-se como o Outro.

III/CLAUDEL OU A SERVA DO SENHOR

A originalidade do catolicismo de Claudel está num otimismo tão obstinado que o próprio mal retorna ao bem.

"O mal mesmo
"Comporta um bem que é preciso não deixar perder-se."[170]

Adotando o ponto de vista que só pode ser o do Criador — desde que o supõem todo-poderoso, onisciente e benevolente —, Claudel adere a toda a criação; sem o inferno e o pecado, não haveria nem liberdade nem salvação. Quando fez surgir este mundo do nada, Deus premeditou a queda e a redenção. Aos olhos dos judeus e dos cristãos a desobediência de Eva colocara as mulheres em má situação: sabe-se quanto os padres da Igreja desprezaram a mulher. Ei-la, ao contrário, justificada, se se admite que serviu assim os desígnios divinos. "A mulher! Esse serviço que outrora, pela desobediência, prestou a Deus no paraíso terrestre; esse profundo entendimento que se estabeleceu entre Ele e ela; essa carne que pelo erro foi posta à disposição da Redenção!"[171] Talvez ela seja a fonte do pecado e por ela o homem perdeu o paraíso, mas os pecados dos homens foram resgatados e este é novamente abençoado:

"Não saímos deste paraíso de delícias em que Deus inicialmente nos colocou."[172]

"Toda terra é a Terra Prometida."[173]

Nada do que saiu das mãos de Deus, nada do que é dado poderia ser ruim em si: "É com toda sua obra que oramos a Deus! Nada do que ele fez é vão, nada que seja estranho à nossa salvação."[174] Mais ainda, nenhuma coisa há que não seja necessária. "Todas as coisas que ele criou juntas se comunicam, todas são, ao mesmo tempo, mutuamente necessárias."[175] Assim, a mulher tem seu lugar na harmonia do universo; mas não é um lugar qualquer; há "uma paixão estranha, e escandalosa aos olhos de Lúcifer, que liga o Eterno a essa flor momentânea do Nada".[176]

Evidentemente, a mulher pode ser destruidora: Claudel encarnou em Lechy,[177] a mulher má que conduz o homem a sua perda; em *Partage de midi*, Ysé devasta a vida dos que caem na armadilha de seu amor. Mas, se não houvesse esse risco de perda, não existiria tampouco salvação. A mulher "é o elemento de risco que, deliberadamente, Ele introduziu no meio de sua prodigiosa construção".[178] É bom que o homem conheça as tentações da carne. "É esse inimigo, existente dentro de nós, que dá à nossa vida seu elemento dramático, esse sal angustiante. Se nossa alma não fosse tão brutalmente atacada, ela dormiria, e ei-la que salta... É a luta o aprendizado da vitória."[179] Não é somente pelo caminho do espírito, mas também pelo da carne que o homem é chamado a tomar consciência de sua alma. "E que carne, para falar ao homem, mais poderosa que a da mulher?"[180] Tudo o que a arranca ao sono, à segurança lhe é útil: o amor, qualquer que seja a forma pela

qual se apresente, tem essa virtude de surgir em "nosso pequeno mundo pessoal, arranjado pela nossa medíocre razão, como um elemento profundamente perturbador".[181] Muitas vezes a mulher é apenas uma decepcionante doadora de ilusão:

"Sou a promessa que não pode ser cumprida e minha graça nisso mesmo consiste.

"Sou a doçura do que é, com a saudade do que não é. Sou a verdade com a fisionomia do erro e quem me ama não se preocupa com deslindar uma da outra."[182]

Mas a ilusão tem também uma utilidade; é o que o Anjo da Guarda anuncia a Dona Prouhèze:

"— Mesmo o pecado! O pecado também serve.

"— Então era bom que ele me amasse?

"— Era bom que lhe ensinasses o desejo.

"— O desejo de uma ilusão? De uma sombra que lhe escapa para sempre?

"— O desejo é do que é, a ilusão é do que não é. O desejo através da ilusão.

"É do que é através do que não é."[183]

E o que Prouhèze por vontade de Deus foi para Rodrigo é:

"Uma espada atravessada no coração."[184]

Mas nas mãos de Deus a mulher não é apenas essa lâmina, essa queimadura; os bens deste mundo não se destinam a ser sempre recusados: são também um alimento; é preciso que o homem os tome consigo e os faça seus. A bem-amada encarnará para ele toda a beleza sensível do universo; será em seus lábios um cântico de adoração. "Como sois bela, Violaine, e como é belo este mundo em que estais."[185]

"Quem é essa que está em pé à minha frente, mais doce que o sopro do vento, tal qual a lua através da jovem folhagem?... Ei-la como a abelha nova que abre as asas ainda frescas, como uma grande corça, como uma flor que não sabe ela própria como é bela."[186]

"Deixa-me respirar teu odor, que é como o odor da terra quando, brilhante, lavada pela água como um altar, produz as flores amarelas e azuis.

"E como o odor do verão que cheira a palha e a erva, e como o odor do outono..."[187]

Ela resume toda a Natureza: a rosa e o lírio, a estrela, o fruto, o pássaro, o vento, a lua, o sol, o jato de água, "o sereno tumulto do grande porto na luz do meio-dia".[188] E é muito mais ainda: uma semelhante.

"Ora, desta vez, eis que tu és, para mim, algo diferente de uma estrela, ponto de luz na areia viva da noite.

"Alguém humano como eu..."[189]

"Não estarás mais só, mas em ti e contigo para sempre a devotada. Alguém teu para sempre e que não se retomará jamais, tua mulher."[190]

"Alguém para escutar o que digo e ter confiança em mim.

"Um companheiro de voz baixa que nos toma nos braços e assegura-nos que é uma mulher."[191]

Corpo e alma, é apertando-a contra o coração que o homem encontra suas raízes nesta terra e nela se realiza.

"Peguei esta mulher e tal é minha medida e minha porção de terra."[192] Ela não é leve de carregar, mas o homem não é feito para a disponibilidade:

"E eis que o homem tolo se sente surpreso com essa pessoa absurda, essa grande coisa pesada e embaraçosa.

"Tanta roupa, tanto cabelo, que fazer?

"Ele não quer mais, não pode mais desfazer-se dela."[193]

É que o fardo é também um tesouro. "Sou um grande tesouro", diz Violaine.

Reciprocamente, é entregando-se ao homem que a mulher cumpre seu destino terrestre.

"Pois para que serve ser mulher senão para ser colhida?

"E esta rosa senão para ser devorada? E ter nascido enfim?

"Senão para ser de outro e a presa de um poderoso leão?"[194]

"Que faremos, eu que não posso ser mulher senão entre seus braços e uma taça de vinho em seu coração?"[195]

"Mas tu, minha alma, dize: não fui criada em vão e quem se destina a me colher existe!

"Esse coração que me esperava, ah!, que alegria é para mim enchê-lo."[196]

Naturalmente, essa união do homem e da mulher deve ser consumada em presença de Deus; é sagrada e situa-se no eterno; deve ser consentida por um movimento profundo da vontade e não poderá ser rompida por um capricho individual. "O amor, o consentimento que duas pessoas livres dão uma à outra pareceu a Deus coisa tão grande que dele fez um sacramento. Aí como em toda parte o sacramento dá realidade ao que era apenas um supremo desejo do coração."[197] E mais:

"O casamento não é prazer, é o sacrifício do prazer, é o estudo de duas almas que para sempre, doravante e para um fim fora de si mesmas,

"Terão que se contentar uma com a outra."[198]

Com essa união, não é somente alegria que o homem e a mulher se darão um ao outro; cada um entrará na posse de seu ser. "Essa alma no interior de minha alma, foi ele quem a soube encontrar!... Ele foi quem veio a mim e me estendeu a mão... Ele é que era minha vocação! Como dizer? Ele que era minha origem! Aquele por quem e para quem vim ao mundo."[199]

"Toda uma parte de meu ser que eu pensava não existir, porque estava ocupada alhures e não pensava nela. Ah! Deus, ela existe e vive terrivelmente."[200]

E esse ser surge necessário, justificado para aquele a quem completa. "Nele é que eras necessária", diz o Anjo de Prouhèze. E Rodrigo:

"Pois o que é morrer senão deixar de ser necessário?

"Quando foi que ela pôde passar sem mim? Quando deixarei de ser para ela isso sem o que ela não pode ser ela própria?"[201]

"Dizem que não há alma que tenha sido feita fora de um intuito e dentro de uma misteriosa relação com outras.

"Mas ambos somos mais do que isso ainda, existes à proporção que falas; uma mesma coisa respondendo entre duas pessoas.

"Quando nos preparavam, Órion, penso que sobrava um pouco da substância que fora depositada em vós e eu sou feita do que careceis."[202]

Na maravilhosa necessidade dessa reunião, o paraíso é reencontrado, a morte vencida:

"Ei-lo refeito por um homem e uma mulher, finalmente, esse ser que existia no Paraíso."[203]

"Nunca, senão um pelo outro, conseguiremos livrar-nos da morte.

"Como o violeta, se se funde com o laranja, liberta o vermelho puro."[204]

Enfim, sob a figura de um outro é que cada um ascende ao Outro em sua plenitude, isto é, a Deus.

"O que damos um ao outro é Deus sob formas diferentes."[205]

"Se não o tivesses visto primeiramente em meus olhos, terias tido tal desejo do céu?"[206]

"Ah! Deixai de ser uma mulher e deixai-me ver em vosso rosto, enfim, esse Deus que sois impotente para conter."[207]

"O amor de Deus, como o das criaturas, apela em nós para a mesma faculdade, para esse sentimento de que em nós sozinhos não somos completos e que o Bem supremo em que nos realizamos é, fora de nós, alguém."[208]

Assim, cada um encontra no outro o sentido da vida terrestre e também o testemunho irrefutável da insuficiência dessa vida:

"Se não lhe posso dar o céu, posso ao menos arrancá-lo da terra. Eu só posso oferecer-lhe uma insuficiência na medida de seu desejo."[209]

"O que te pedia, o que queria dar-te, não é compatível com o tempo e sim com a eternidade".[210]

Entretanto, os papéis da mulher e do homem não são exatamente simétricos. No plano social há uma evidente primazia do homem. Claudel acredita nas hierarquias e, entre outras, na da família: o marido é o chefe. Anne Vercors reina no lar. Don Pelagio considera-se o jardineiro a quem se confiou o cuidado dessa planta frágil, Dona Prouhèze; dá-lhe uma missão que ela não pensa em recusar. O simples fato de ser homem confere-lhe um privilégio. "Quem sou eu, pobre mulher, para me comparar ao homem de minha raça?" indaga Sygne.[211] O homem é que ara os campos, constrói as catedrais, combate com a espada, explora o mundo, conquista terras, age, empreende. É por ele que se realizam os desígnios de Deus na terra. A mulher não aparece senão como uma auxiliar. Ela é a que fica no lugar, a que espera, a que mantém:

"Sou a que fica e que sempre está presente", diz Sygne.

Ela defende a herança de Coûfontaine, mantém as contas em dia enquanto ele combate ao longe pela Causa. A mulher traz ao lutador o socorro da esperança: "Trago a esperança irresistível."[212] E o da piedade:

"Tive piedade dele. Pois para onde se voltaria ele, em busca da mãe, senão para a mulher humilhada,

"Num espírito de confidência e pejo."[213]

E Tête d'Or, morrendo, murmura:

"Eis a coragem do ferido, o sustentáculo do enfermo

"A companhia do agonizante..."

Claudel não censura a mulher por conhecer assim o homem em sua fraqueza; ao contrário: acharia sacrílego o orgulho macho que se exibe em Montherlant e Lawrence. É bom que o homem se saiba carnal e miserável, que não esqueça a origem nem a morte que lhe é simétrica. Toda esposa pode dizer as palavras de Marthe.[214]

"É verdade, não fui eu quem te deu a vida.

"Mas aqui estou para te pedi-la de volta. E daí vem ao homem diante da mulher.

"Esse embaraço semelhante ao da consciência, ao da presença de um credor."

Entretanto, essa fraqueza deve inclinar-se diante da força. No casamento a esposa *dá-se* ao esposo que a toma a seu cargo: Lâla deita-se no chão diante de Coeuvre que sobre ela pousa o pé. A relação da mulher com o marido, da filha com o pai, da irmã com o irmão, é uma relação de vassalagem. Sygne,[215] entre as mãos de George, faz o juramento do cavaleiro perante o suserano.

"Sois o chefe e eu a pobre sibila que guarda o fogo."[216]

"Deixa-me prestar juramento como um novo cavaleiro! Ó, meu Senhor! Deixa-me, meu irmão mais velho, entre tuas mãos

"Jurar como uma freira que professa,

"Ó macho de minha raça!"

Fidelidade, lealdade são as maiores virtudes humanas da vassala. Doce, humilde, resignada como mulher, é ela, em nome de sua raça, de sua linhagem, orgulhosa e indomável; assim são a altiva Sygne de Coûfontaine e a princesa de Tetê d'Or, que carrega sobre os ombros o cadáver do pai assassinado, o qual aceita a miséria de uma vida solitária e selvagem, as dores de uma crucificação e que assiste Tetê d'Or em sua agonia, ao lado dele antes de morrer. Conciliadora, mediadora, assim a mulher se nos apresenta amiúde: ela é Ester, dócil às ordens de Mardoqueu, Judite obedecendo aos sacerdotes; sua fraqueza, sua pusilanimidade, seu pudor, ela é capaz de os vencer por lealdade para com a Causa que é sua porque é a dos senhores; ela retira de seu devotamento uma força que faz dela o mais precioso dos instrumentos.

No plano humano, ela se apresenta, portanto, como extraindo sua grandeza de sua própria subordinação. Mas, aos olhos de Deus, ela é uma pessoa perfeitamente autônoma. O fato de que, para o homem, a existência se supera enquanto para a mulher ela se mantém não estabelece diferença entre eles senão em relação à terra; de qualquer maneira, não é na terra que a transcendência se realiza; é em Deus. E a mulher tem com ele uma ligação tão direta, mais íntima mesmo e mais secreta do que seu companheiro. É por uma voz de homem — e de um padre — que Deus fala a Sygne; mas Violaine ouve sua voz na solidão de seu coração, e Prouhèze só se entende com o Anjo da Guarda. As personagens mais sublimes de Claudel são mulheres: Sygne, Violaine, Prouhèze. E isso em parte porque, aos olhos dele, a santidade está na renúncia. E a mulher acha-se menos empenhada nos projetos humanos, ela tem menos vontade pessoal: feita para entregar-se, não para possuir, encontra-se mais perto do perfeito devotamento. Por ela é que se fará a superação das alegrias terrestres, que são lícitas e boas, mas cujo sacrifício é melhor ainda. Sygne realiza-o por uma razão

definida: salvar o papa. Prouhèze resigna-se primeiramente porque ama Rodrigo com amor proibido:

"Desejarias então que pusesse entre teus braços uma adúltera?... Não teria sido senão uma mulher morrendo sobre teu coração e não essa estrela eterna de que tens sede."[217]

Mas quando esse amor poderia tornar-se legítimo, ela nada faz para realizá-lo neste mundo, porque o Anjo lhe murmurou:

"Prouhèze, minha irmã, essa filha de Deus na luz que eu saúdo,

"Essa Prouhèze que os anjos veem, é essa, sem o saber, que ele olha, é a que fizeste a fim de lhe dar."[218]

Ela é humana, é mulher, não se resigna sem revolta:

"Ele não conhecerá esse gosto que tenho!"[219]

Mas ela sabe que seu verdadeiro casamento com Rodrigo só se consuma com sua recusa:

"Quando não houver mais nenhum meio de escapar, quando ele estiver preso a mim para sempre neste impossível himeneu, quando não houver mais meio de se arrancar dessa torquês de minha carne poderosa e desse vazio impiedoso, quando eu tiver provado seu nada com o meu, quando não houver mais segredo em seu nada que o meu não seja capaz de verificar.

"Então é que o darei a Deus, descoberto e estraçalhado, para que ele o encha num fragor de trovão, então é que terei um esposo e apertarei um deus em meus braços."[220]

A resolução de Violaine é mais misteriosa e mais gratuita ainda, porque escolhe a lepra e a cegueira quando um laço legítimo teria podido uni-la ao homem que amava e que a amava.

"Jacques, talvez.

"Nós nos amávamos demais para que fosse justo que pertencêssemos um ao outro, para que fosse bom ser um do outro."[221]

Mas, se as mulheres são assim singularmente votadas ao heroísmo da santidade, é principalmente porque Claudel as encara ainda por uma perspectiva masculina. Sem dúvida, cada um dos sexos encarna o *Outro* aos olhos do sexo complementar; mas a seus olhos de homem é principalmente a mulher que se apresenta geralmente como *o outro absoluto*. Há uma superação mística de que "sabemos que somos por nós mesmos incapazes e daí esse poder da mulher sobre nós, semelhante ao da Graça".[222] O *nós* representa aqui somente os homens e não a espécie humana, e, ante sua imperfeição, a mulher é o apelo do infinito. Em certo sentido, há nisso um

novo princípio de subordinação; pela comunhão dos santos cada indivíduo é instrumento para todos os outros; mas a mulher é mais precisamente instrumento de salvação para o homem, sem que a recíproca apareça. *Le Soulier de satin* é a epopeia da salvação de Rodrigo. O drama inicia-se com a prece que seu irmão dirige a Deus em seu favor; termina com a morte de Rodrigo que Prouhèze conduziu à santidade. Mas, em outro sentido, a mulher conquista, assim, a mais alta autonomia, porque sua missão se interioriza nela e, salvando o homem ou lhe servindo de exemplo, ela chega na solidão à sua própria salvação. Pierre de Craon profetiza o destino dele a Violaine, e recolhe em seu coração os frutos maravilhosos do seu sacrifício: ele a exaltará perante os homens nas pedras das catedrais. Mas é Violaine que o realiza sem auxílio. Há em Claudel uma mística da mulher que se aparenta à de Dante diante de Beatriz, à dos gnósticos e até à da tradição saint-simoniana chamando a mulher regeneradora. Mas sendo homens e mulheres igualmente criaturas de Deus, ele também atribui a ela um destino autônomo. De modo que em Claudel é fazendo-se *outro* — sou a Serva do Senhor — que a mulher se realiza como sujeito; e é em seu para-si que ela se apresenta como o Outro.

Há uma página das *Aventures de Sophie* que resume mais ou menos toda a concepção claudeliana. Deus, lê-se, confiou à mulher "esse rosto que, por deformado e longínquo que seja, é uma exata imagem da perfeição. Tornou-a desejável. Colocou juntos o fim e a origem. Fê-la depositária de seus desígnios e capaz de devolver ao homem o sono criador em que ela mesma foi concebida. Ela é o suporte do destino, é o dom, é a possibilidade da posse... É a presilha desse laço afetuoso que une a cada instante o criador à sua obra. Ela O compreende. Ela é a alma que vê e que faz. Ela partilha com ele de certo modo a paciência e o poder da criação".

Em certo sentido, parece que a mulher não poderia ser mais exaltada. Mas, no fundo, Claudel não faz senão exprimir poeticamente a tradição católica ligeiramente modernizada. Foi dito que a vocação terrestre da mulher não prejudica em nada sua autonomia sobrenatural; mas, inversamente, reconhecendo-lhe esta, o católico acredita-se autorizado a manter as prerrogativas masculinas neste mundo. Venerando a mulher *em Deus*, trata-a neste mundo como uma serva: mais ainda, quanto mais se exigir dela uma submissão completa, mais seguramente será ela dirigida para o caminho da salvação. Devotar-se aos filhos, ao marido, ao lar, à propriedade, à Pátria, à Igreja, é sua função, a função que a burguesia sempre lhe indicou; o homem dá sua atividade, a mulher sua pessoa; santificar essa hierarquia em nome da

vontade divina não é modificá-la em nada; ao contrário, é pretender fixá-la no eterno.

IV/**BRETON OU A POESIA**

Apesar do abismo que separa o mundo religioso de Claudel do universo poético de Breton, há uma analogia no papel que designam à mulher: ela é um elemento de perturbação; ela arranca o homem do sono da imanência; boca, chave, porta, ponte, é Beatriz iniciando Dante no além. "O amor do homem pela mulher, se nos dedicamos um minuto à observação do mundo sensível, persiste em abarrotar o céu de flores gigantes e selvagens. Permanece o mais terrível obstáculo ao espírito que sente sempre a necessidade de se acreditar em lugar seguro." O amor a outra conduz ao amor ao Outro. "É no mais alto período do amor eletivo por determinado ser que se abrem inteiramente as comportas do amor pela humanidade..." Mas, para Breton, o além não é um céu estranho: existe aqui mesmo; desvenda-se a quem sabe afastar os véus da trivialidade quotidiana; o erotismo, entre outras coisas, dissipa a ilusão do falso conhecimento. "Em nossos dias, o mundo sexual... não deixou, ao que eu saiba, de opor à nossa vontade de penetração do universo seu inquebrável núcleo de noite." Chocar-se contra o mistério é a única maneira de o descobrir. A mulher é enigma e põe enigmas; suas múltiplas caras, em se adicionando, compõem "o ser único em que nos é dado ver o último avatar de Esfinge"; e é por isso que ela é revelação. "Eras a própria imagem do segredo", diz Breton a uma mulher amada. E um pouco adiante: "A revelação que me trazia, antes mesmo de saber em que consistia, soube que era uma revelação." Isso significa que a mulher é poesia. É o papel que desempenha também em Gérard de Nerval; mas em *Sylvie e Aurélia* ela tem a consistência de uma recordação ou de um fantasma, porque o sonho, mais verdadeiro do que o real, não coincide exatamente com este. Para Breton, a coincidência é perfeita: só há um mundo; a poesia está objetivamente presente nas coisas e a mulher é, sem equívoco, um ser de carne e osso. Encontramo-la, não num meio sono, mas bem acordados, durante um dia vulgar que tem sua data como todos os outros dias do calendário — 5 de abril, 12 de abril, 4 de outubro, 29 de maio — e num cenário comum: um café, uma esquina. Mas sempre ela se distingue por algum traço insólito. Nadja "caminha de cabeça erguida contrariamente aos demais passantes... curiosamente pintada... Nunca vira olhos assim". Breton interpela-

a. "Ela sorriu, mas muito misteriosamente, dir-se-ia, como que com conhecimento de causa." Em *L'Amour fou*: "Essa jovem mulher que acabava de entrar estava como que envolvida em vapor — vestida de fogo?... E posso bem dizer que naquele lugar, a 29 de maio de 1934, essa mulher era *escandalosamente* bela."[223] De imediato o poeta reconhece que ela tem um papel a desempenhar em seu destino; por vezes, é apenas um papel fugidio, secundário; assim a menina com olhos de Dalila em *Les Vases communicants*. Mesmo então pequenos milagres nascem em torno dela: tendo um encontro com essa Dalila, Breton no mesmo dia lê um artigo simpático assinado por um amigo perdido de vista há muito tempo e chamado Sansão. Às vezes, os prodígios multiplicam-se; a desconhecida de 29 de maio, Ondina que fazia um número de natação em um *music-hall*, fora anunciada por um trocadilho ouvido em um restaurante sobre o tema "*Ondine, on dîne*";[224] e sua primeira longa saída com o poeta fora minuciosamente descrita em um poema composto por ele onze anos antes. A mais extraordinária dessas feiticeiras é Nadja: ela prediz o futuro, de seus lábios brotam as palavras e as imagens que o amigo tem no mesmo instante no espírito; seus sonhos e desenhos são oráculos: "Sou a alma errante", diz ela; conduz-se na vida "de uma maneira singular, só se baseando na pura intuição e participando sem cessar do prodígio"; em torno dela o acaso objetivo semeia em profusão estranhos acontecimentos; ela é tão maravilhosamente liberta das aparências que desdenha as leis e a razão: acaba num hospício. Era "um gênio livre, algo como um desses espíritos do ar que certas práticas mágicas permitem momentaneamente prender-se a alguma coisa mas aos quais não seria possível submeter-se". Por causa disso, ela malogra em desempenhar plenamente seu papel feminino. Vidente, pítia, inspirada, ela situa-se próximo demais das criaturas irreais que visitavam Gérard de Nerval; ela abre as portas do mundo suprarreal: mas é incapaz de dá-lo porque não poderia dar-se ela própria. É no amor que a mulher se realiza e é realmente atingida; singular, aceitando um destino singular — e não flutuando sem raízes através do universo — é então que ela resume tudo. O momento em que sua beleza atinge sua mais elevada expressão é essa hora da noite em que "ela é o espelho perfeito no qual tudo o que foi, tudo o que foi chamado a ser banha-se adoravelmente no que vai ser *desta vez*". Para Breton, "encontrar o lugar e a fórmula" confunde-se com o "possuir a verdade numa alma e num corpo". E essa posse só é possível no amor recíproco, amor carnal, bem entendido. "O retrato da mulher que se ama deve ser não somente uma imagem à qual se sorri, mas ainda um oráculo que

se interroga"; mas só será oráculo se a própria mulher for outra coisa que não uma simples ideia ou imagem; deve ser "a pedra angular do mundo material"; para o vidente esse mesmo mundo é que é Poesia e cumpre que nesse mundo ele possua realmente Beatriz. "O amor recíproco é o único que condiciona a magnetização total sobre a qual não há domínio possível, que faz com que a carne seja sol e marca esplêndida na carne, que o espírito seja nascente sempre jorrando, inalterável, sempre viva e cuja água se oriente uma vez por todas entre as maravilhas e os serpões."

Esse amor indestrutível só poderia ser único. O paradoxo da atitude de Breton está em que, dos *Vases communicants* a *Arcane 17*, ele se obstina em dedicar um amor único e eterno a mulheres diferentes. Mas, a seu ver, são as circunstâncias sociais que, impedindo a liberdade de escolha, conduzem o homem a escolhas infelizes; de resto, através desses erros, ele busca em verdade *uma* mulher. E se ele recordar os rostos amados, "só descobrirá igualmente um em todos os rostos de mulheres: o *último* rosto amado".[225] "Quantas vezes, ademais, pude verificar que, sob aparências inteiramente dessemelhantes, buscava definir de um a outro desses rostos um traço comum dos mais excepcionais." À Ondina de *L'Amour fou*, ele pergunta: "Sois vós finalmente essa mulher? É somente hoje que devíeis vir?" Mas em *Arcane 17*: "Bem sabes que, ao te ver pela primeira vez, sem hesitação te reconheci." Em um mundo acabado, renovado, o casal seria, em consequência de um dom recíproco e absoluto, indissolúvel: se a bem-amada é tudo, como haveria lugar para outra? Ela é essa outra também; e tanto mais plenamente quanto mais é ela mesma. "O insólito é inseparável do amor. Porque és única não podes deixar de ser sempre outra para mim, outra tu mesma. Através da diversidade dessas flores inumeráveis ao longe, é a ti cambiante que eu amo, de camisola vermelha, nua, de camisola cinzenta." E, a propósito de uma mulher diferente mas igualmente única, Breton escreve: "O amor recíproco, tal qual o encaro, é um conjunto de espelhos que refletem, sob os mil ângulos que pode assumir para mim o desconhecido, a imagem fiel da pessoa que amo, sempre mais surpreendente de adivinhação de meu próprio desejo e mais dotada de vida."

Essa mulher única, a um tempo carnal e artificial, natural e humana, tem o mesmo sortilégio que os objetos equívocos que amam os surrealistas: é semelhante à colher-sapato, à mesa-lobo, à pedra de açúcar de mármore que o poeta descobre no mercado de bugigangas ou inventa em sonho; ela participa do segredo dos objetos familiares repentinamente descobertos em sua verdade; e do das plantas e das pedras. Ela é todas as coisas:

Minha mulher de cabelos de fogueira
De pensamentos como relâmpagos de verão
De cintura de ampulheta
...Minha mulher de sexo de alga e confeitos antigos
...Minha mulher de olhos de savana

Mas principalmente ela é, para além de todas as coisas, a Beleza. A beleza não é para Breton uma ideia que se contempla e sim uma realidade que não se revela — portanto não existe — senão através da paixão; só pela mulher há beleza no mundo.

"É aí, bem no fundo do cadinho humano, nessa região paradoxal em que a fusão de dois seres que se escolheram realmente restitui a todas as coisas os valores perdidos do tempo dos antigos sóis, em que, entretanto, a solidão também reina violentamente, em virtude de uma dessas fantasias da Natureza que quer que em volta das crateras do Alasca a neve permaneça sob a cinza, aí foi que há anos pedi que fossem buscar a beleza nova, a beleza considerada exclusivamente para fins passionais."

"A beleza convulsiva será erótica, velada, explosivo-fixa, mágico-circunstancial, ou não será."

É da mulher que tudo o que é tira seu sentido. "É precisamente pelo amor e somente pelo amor que se realiza no mais alto grau a fusão da essência e da existência." Ela se realiza para os amantes e, consequentemente, para todo o mundo. "A recriação, a recoloração perpétua do mundo em um só ser, tal como se realizam pelo amor, iluminam com mil raios de lua o mundo da terra." Para todos os poetas — ou quase — a mulher encarna a Natureza; mas segundo Breton ela não a exprime somente: liberta-a. Porque a Natureza não fala uma linguagem clara, é preciso penetrar-lhe os arcanos para apreender sua verdade que é a mesma coisa que sua beleza: a poesia não é simplesmente o reflexo disso mas antes sua chave; e a mulher aqui não se distingue da poesia. Eis por que ela é a mediadora necessária, sem a qual toda a terra se cala: "A Natureza só está sujeita a iluminar-se e apagar-se, a me servir e desservir na medida em que se avivam e diminuem em mim as chamas de um fogo que é o amor, o único amor, o de *um* ser. Conheci, na ausência desse amor, verdadeiros céus vazios. Só faltava um grande íris de fogo saindo de mim para dar valor ao que existe... Contemplo até a vertigem tuas mãos abertas em cima da fogueira de cavacos que acabamos de acender e que crepita, tuas mãos encantadoras,

tuas mãos transparentes que adejam sobre o fogo de minha vida." Toda mulher amada por Breton é uma maravilha natural: "Uma pequena avenca inesquecível subindo pelo muro interno de um velhíssimo poço." "...Não sei que haveria de ofuscante e de tão grave que ela só podia lembrar... a grande necessidade física natural fazendo ao mesmo tempo sonhar com a displicência de certas flores altas que principiam a desabrochar." Mas, inversamente, toda maravilha natural confunde-se com a amada; é ela que exalta quando se comove com uma gruta, uma flor, uma montanha. Entre a mulher que aquece as mãos junto ao Teide e o próprio Teide toda distância se extingue. O poeta invoca ambos numa mesma prece: "Teide admirável! Toma minha vida! Boca do céu ao mesmo tempo que dos infernos, prefiro-te assim enigmática, assim capaz de elevar às nuvens a beleza natural e de tudo devorar."

A beleza é mais ainda do que a beleza; ela confunde-se com a "noite profunda do conhecimento"; é a verdade, a eternidade, o absoluto; não é um aspecto temporal e contingente do mundo que a mulher liberta, é sua essência necessária, não uma essência imota como a imaginava Platão mas "explosivo-fixa". "Não descubro em mim outro tesouro senão a chave que me abre esse prado sem limites desde que te conheci, esse prado feito da repetição de uma só planta sempre mais alta, cujo balancim de amplitude sempre maior me conduzirá até a morte... Pois uma mulher e um homem que até o fim dos tempos deverão ser tu e eu, deslizarão por sua vez até a perda do atalho, sem nunca retornar, na luz oblíqua, nos confins da vida e do esquecimento da vida... A maior esperança, isto é, a que resume todas as outras, é a esperança que isso aconteça para todos e que para todos dure, que o dom absoluto de um ser a outro, que não pode existir sem reciprocidade, seja aos olhos de todos a única ponte natural e sobrenatural jogada sobre a vida."

Assim, pelo amor que inspira e partilha, a mulher é para todo homem a única salvação possível. Em *Arcane 17*, essa missão se amplia e precisa: a mulher deve salvar a humanidade. Breton desde sempre se inscreveu na tradição de Fourier que, reclamando a reabilitação da carne, exalta a mulher como objeto erótico; é normal que chegue à ideia saint-simoniana da mulher regeneradora. Na sociedade atual é o homem que domina, a ponto de constituir um insulto na boca de um Gourmont dizer de Rimbaud: "Temperamento de mulher!" Entretanto, "teria chegado o momento de valorizar as ideias da mulher em detrimento das do homem, cuja falência se consuma assaz tumultuosamente hoje... Sim, é sempre a mulher perdida, a que canta na imaginação do homem, mas, ao fim de tantas provações para ela e

para ele, deve ser também a mulher reencontrada. E antes de tudo é preciso que a mulher se reencontre a si mesma, que ela aprenda a se reconhecer através dos infernos a que a votou, sem um socorro mais do que problemático, a ideia que o homem em geral tem dela".

O papel que ela deveria desempenhar é antes de mais nada pacificador. "Sempre me estupidificou não ter sua voz se feito ouvir então, não ter ela pensado em tirar todo o proveito possível, todo o imenso proveito das duas inflexões irresistíveis e sem preço que lhe são dadas, uma para falar ao homem, outra para atrair a si toda a confiança da criança. Que prodígio, que futuro não teria tido o grande grito de recusa e de alarma da mulher, esse grito sempre em potência... Quando surgirá uma mulher simplesmente mulher para realizar o maior milagre, o de estender os braços entre os que vão lutar e dizer-lhes: Sois irmãos." Se a mulher se apresenta hoje como inadaptada, mal equilibrada, é em consequência do tratamento que lhe infligiu a tirania masculina; mas ela conserva um poder milagroso pelo fato de mergulhar suas raízes nas fontes vivas da vida, cujos segredos os homens perderam. "Mélusine, semirretomada pela vida pânica, Mélusine de vínculos inferiores de pedregulhos ou ervas aquáticas, ou de penugem noturna, é a ela que eu invoco, só ela creio capaz de pôr fim à nossa época selvagem. É a mulher em sua totalidade, e no entanto tal qual é hoje, a mulher privada de seu alicerce humano, prisioneira de suas raízes movediças, como queiram, mas através destas em comunicação providencial com as forças elementares da natureza... A mulher privada de seu equilíbrio humano, assim o quer a lenda, pela impaciência e pelo ciúme do homem."

Hoje convém, portanto, tomar o partido da mulher; enquanto se espera que lhe tenha sido restituído, na vida, seu verdadeiro valor, chegou a hora "de na arte pronunciar-se inequivocamente contra o homem em favor da mulher". "A mulher-criança. A arte deve preparar sistematicamente seu advento a todo império do sensível." Por que a mulher-criança? Breton explica-o: "Escolho a mulher-criança não em oposição à outra mulher, mas porque nela e somente nela me parece residir em estado de transparência absoluta o *outro*[226] prisma de visão..."

Na medida em que é simplesmente assimilada a um ser humano, a mulher será tão incapaz quanto os seres humanos masculinos de salvar este mundo em perdição; é a feminilidade como tal que introduz na civilização esse elemento *outro*, que é a verdade da vida e da poesia e que pode, só ele, libertar a humanidade.

Sendo a perspectiva de Breton exclusivamente poética, é exclusivamente como poesia, portanto como *outro*, que a mulher é nela encarada. Na medida em que nos interrogaríamos do destino dela, a resposta estaria implicada no ideal do amor recíproco. Ela não tem outra vocação senão o amor; e isto não constitui nenhuma inferioridade, porquanto a vocação do homem é também o amor. Entretanto, gostaríamos de saber se, para ela também, o amor é a chave do mundo, revelação da beleza; encontrará ela essa beleza em seu amante? Ou em sua própria imagem? Será ela capaz da atividade poética que realiza a poesia através de um ser sensível ou se restringirá a aprovar a obra de seu homem? Ela é a poesia em si, no imediato, isto é, para o homem; não nos dizem se o é também para si. Breton não fala da mulher enquanto sujeito. Nunca evoca a imagem da mulher má. No conjunto de sua obra — a despeito de alguns manifestos e panfletos onde ele repreende o rebanho dos humanos — ele se dedica não a inventariar as resistências superficiais do mundo, mas sim a revelar-lhe a secreta verdade: a mulher só o interessa porque é uma "boca" privilegiada. Profundamente ancorada na natureza, bem próxima da terra, ela se apresenta também como a chave do além. Há em Breton o mesmo naturalismo esotérico que nos gnósticos, que viam na Sofia o princípio da Redenção e até da Criação, que em Dante, escolhendo Beatriz para guia, e em Petrarca, iluminado pelo amor de Laura. E é por isso que o ser mais ancorado na natureza, mais próximo da terra é também a chave do além. Verdade, Beleza, Poesia, ela é Tudo: uma vez mais, tudo na figura do Outro, Tudo exceto ela mesma.

V/**STENDHAL OU O ROMANESCO DO VERDADEIRO**

Se, deixando a época contemporânea, volto agora a Stendhal, é que ao sair desses carnavais em que a Mulher se fantasia ora de megera, ora de ninfa, estrela da manhã, sereia, é reconfortante chegar a um homem que vive entre mulheres de carne e osso.

Stendhal, desde a infância, amou as mulheres sensualmente; projetou nelas as aspirações de sua adolescência; imaginava-se de bom grado salvando de algum perigo uma bela desconhecida e conquistando-lhe o amor. Chegando a Paris, o que desejava mais ardentemente era "uma mulher encantadora; nós nos adoraremos, ela conhecerá minha alma"... Velho, escreve na poeira as iniciais das mulheres que mais amou. "Creio que foi o devaneio que preferi a

tudo", confia-nos ele. E são imagens de mulheres que lhe alimentaram os sonhos; a lembrança delas anima as paisagens. "A linha de rochedos aproximando-se de Arbois, creio, e vindo de Dôle pela estrada principal, foi para mim uma imagem sensível e evidente da alma de Métilde." A música, a pintura, a arquitetura, tudo o que amou, amou-o com uma alma de amante infeliz; quando passeia em Roma, a cada página, uma mulher aparece; nas saudades, nos desejos, nas tristezas, nas alegrias que elas suscitaram-lhe, conheceu o gosto do próprio coração; a elas é que deseja como juízes. Frequenta-lhes os salões, procura mostrar-se brilhante aos seus olhos, deveu-lhes suas maiores felicidades, suas penas; foram sua principal ocupação. Prefere seu amor a toda amizade e sua amizade à dos homens; mulheres inspiram seus livros, figuras de mulheres os povoam; é em grande parte para elas que escreve. "Corro o risco de ser lido em 1900 pelas almas que amo, as Mme Roland, as Melanie Guibert..." Foram a própria subsistência de sua vida. De onde lhe veio esse privilégio?

Esse terno amigo das mulheres, e precisamente porque as ama em sua verdade, não crê no mistério feminino; nenhuma essência define de uma vez por todas a mulher; a ideia de um "eterno feminino" parece-lhe pedante e ridícula. "Pedantes repetem há dois mil anos que as mulheres têm o espírito mais vivo e os homens, mais solidez; que as mulheres têm mais delicadeza nas ideias e os homens, maior capacidade de atenção. Um tolo de Paris que passeava outrora pelos jardins de Versalhes concluía, do que via, que as árvores nascem podadas." As diferenças que se observam entre os homens e as mulheres refletem as de sua situação. Por exemplo, por que não seriam as mulheres mais romanescas do que seus amantes? "Uma mulher com seu bastidor de bordar, trabalho insípido que só ocupa as mãos, pensa no amante, enquanto este galopando no campo com seu esquadrão é preso se faz um movimento em falso." Acusam igualmente as mulheres de carecerem de bom senso. "As mulheres preferem as emoções à razão; é muito simples: como em virtude de nossos costumes vulgares elas não são encarregadas de nenhum negócio na família, *a razão nunca lhes é útil*... Encarregai vossa mulher de tratar de vossos interesses com os arrendatários de duas de vossas propriedades; aposto que as contas serão mais bem-feitas do que por vós." Se a História revela-nos tão pequeno número de gênios femininos é porque a sociedade as priva de quaisquer meios de expressão. "Todos os gênios que nascem *mulheres*[227] estão perdidos para a felicidade do público; desde que o acaso lhes dê os meios de se revelarem, vós as vereis desenvolver os mais difíceis

talentos." O pior *handicap* que devem suportar é a educação com que as embrutecem; o opressor esforça-se sempre por diminuir os que oprime; é propositadamente que o homem recusa às mulheres quaisquer possibilidades. "Deixemos ociosas nelas as qualidades mais brilhantes e mais ricas de felicidade para elas mesmas e para nós." Aos dez anos, a menina é mais fina e viva do que seu irmão; com vinte, o moleque é homem de espírito e a moça "uma grande idiota desajeitada, tímida e com medo de uma aranha"; o erro está na formação que teve. Seria necessário dar à mulher exatamente a mesma instrução que se dá aos rapazes. Os antifeministas objetam que as mulheres cultas e inteligentes são uns monstros: todo o mal vem do fato de que estas permanecem ainda excepcionais; se pudessem todas ter acesso à cultura tão naturalmente como os homens, disso aproveitariam com a mesma naturalidade. Depois de as ter mutilado, escravizam-nas a leis antinaturais. Casadas contra sua vontade, querem que sejam fiéis e o próprio divórcio lhes é censurado como uma má conduta. Obrigam à ociosidade bom número delas, quando não há felicidade fora do trabalho. Essa condição indigna Stendhal e ele vê nela a fonte de todos os defeitos que se censuram às mulheres. Elas não são nem anjos nem demônios, nem esfinges, são seres humanos que costumes imbecis reduziram a uma semiescravidão.

É precisamente porque são umas oprimidas, que as melhores se preservam das taras que pesam sobre seus opressores; não são em si nem inferiores nem superiores ao homem; mas, por uma curiosa inversão, sua situação infeliz as favorece. Sabe-se quanto Stendhal detesta o espírito de gravidade: dinheiro, honrarias, prestígios, poder, parecem-lhes tristes ídolos; em sua imensa maioria, os homens alienam-se em proveito deles; o pedante, o importante, o burguês, o marido abafam em si todo impulso de vida e de verdade; armados de preconceitos, de sentimentos convencionais, obedientes às rotinas sociais, habita-os o vazio; um mundo povoado dessas criaturas sem alma é um deserto de tédio. Há, infelizmente, muitas mulheres que vivem atoladas nesses melancólicos pantanais; são bonecas de "ideias estreitas e parisienses" ou devotas hipócritas; Stendhal sente uma "repugnância mortal pelas mulheres honestas e a hipocrisia que lhes é indispensável"; elas emprestam a suas ocupações frívolas a mesma gravidade que seus maridos, mostram-se estúpidas por educação, invejosas, vaidosas, tagarelas, más por ociosidade, frias, secas, pretensiosas, maléficas, povoam Paris e a província; vemo-las formigar por trás das nobres figuras de uma Mme de Renal, de uma Mme de Chasteller. A que Stendhal pintou com mais atento ódio é, sem dúvida, Mme Grandet de que fez

o negativo exato de uma Mme Roland, de uma Métilde. Bela mas sem expressão, desdenhosa e sem encanto, ela intimida por sua "virtude célebre", mas não conhece o verdadeiro pudor que vem da alma; cheia de admiração por si mesma, imbuída de seu papel, só sabe copiar, de fora, a grandeza; no fundo é vulgar e vil; "não tem caráter... aborrece-me", pensa Leuwen. "Perfeitamente sensata, preocupada com o êxito de seus projetos", toda sua ambição é fazer do marido um ministro; "seu espírito era árido"; prudente, conformista, sempre evitou o amor; é incapaz de um impulso generoso; quando a paixão se introduz nessa alma seca, queima-a sem a iluminar.

Basta inverter essa imagem para descobrir o que Stendhal pede às mulheres: primeiramente, não se deixarem cair nas armadilhas da gravidade; pelo fato de as coisas pretensamente importantes encontrarem-se fora de seu alcance, correm, menos do que os homens, o risco de se alienarem nelas; têm maiores possibilidades de preservar essa naturalidade, essa ingenuidade, essa generosidade que Stendhal coloca mais alto do que qualquer outro mérito; o que ele aprecia nelas é isso que chamaríamos hoje autenticidade: é o traço comum a todas as mulheres que ele amou ou inventou com amor. São todas seres livres e verdadeiros. Sua liberdade exibe-se em algumas de uma maneira brilhante: Ângela Pietragua, "puta sublime, à italiana, à Lucrecia Bórgia" ou Mme Azur, "puta à du Barry... uma dessas francesas menos bonecas que encontrei" revolucionam abertamente os costumes. Lamiel ri-se das convenções, dos costumes, das leis: a Sanseverina atira-se com ardor à intriga e não recua diante do crime. É pelo vigor de seu espírito que outras se erguem acima do vulgar. Assim é Menta, assim é Mathilde de la Mole, que critica, difama, despreza a sociedade que a cerca e quer distinguir-se dela. Em outras ainda, a liberdade assume formas negativas; o que há de notável em Mme de Chasteller é seu desapego por tudo o que é secundário; obediente às vontades do pai e mesmo a suas opiniões, nem por isso deixa de contestar os valores burgueses com a indiferença que lhe censuram como puerilidade e é a fonte de sua alegria despreocupada; Clélia Conti distingue-se também por sua reserva; o baile, os divertimentos habituais das moças são-lhe indiferentes; ela parece sempre distante "ou por desprezo do que a cerca ou por saudade de alguma quimera ausente"; julga o mundo e indigna-se com tanta baixeza. É em Mme de Renal que a independência da alma se acha mais profundamente escondida; ignora, ela própria, que se resigna mal a seu destino; sua extrema delicadeza e aguda sensibilidade é que manifestam sua repugnância pela vulgaridade de seu meio; não tem hipocrisia; conservou um coração generoso, capaz de emoções violentas

e aprecia a felicidade; do fogo que mina dentro dela mal se sente o calor de fora, mas bastará um sopro para que ela se incendeie inteiramente. Essas mulheres são *vivas*, muito simplesmente; sabem que a fonte dos valores verdadeiros não está nas coisas exteriores e sim nos corações; é o que faz o encanto do mundo em que habitam: rechaçam-lhe o tédio pelo simples fato de que nele estão presentes com seus sonhos, desejos, prazeres, emoções e invenções. A Sanseverina, essa "alma ativa", teme o tédio mais do que a morte. Estagnar no tédio "é impedir-se de morrer, não é viver"; ela está "sempre apaixonada por alguma coisa, sempre agindo, alegre também". Inconscientes, pueris ou profundas, alegres ou graves, ousadas ou secretas, todas recusam o pesado sono em que a humanidade se atola. E essas mulheres que souberam preservar por nada sua liberdade, logo que encontrarem um objeto digno delas, elevarão-se pela paixão até o heroísmo; sua força de alma e energia traduzem a pureza selvagem de uma participação total.

Mas somente a liberdade não bastaria para dotá-las de tantos atrativos romanescos: uma simples liberdade reconhece-se na estima mas não na emoção; o que comove é seu esforço por se realizar através dos obstáculos que a freiam, e esse esforço é nas mulheres tanto mais patético quanto mais difícil a luta. A vitória conquistada contra as coerções exteriores já basta para encantar Stendhal; em *Chroniques italiennes*, ele encerra suas heroínas no fundo dos conventos, ou no palácio de um esposo ciumento: cumpre-lhes inventar mil ardis para se juntarem a seus amantes; portas escondidas, escadas de corda, arcas sangrentas, raptos, sequestros, assassínios, os ímpetos da paixão e da desobediência são servidos por uma engenhosidade em que se empregam todos os recursos do espírito; a morte, as torturas ameaçadoras dão mais brilho ainda às audácias das almas arrebatadas que nos pinta. Mesmo nas obras mais maduras, Stendhal permanece sensível a esse romanesco aparente: é a figura manifesta do romanesco que nasce do coração; não se pode distingui-los um do outro, como não se pode separar uma boca de seu sorriso. Clélia reinventa o amor inventando o alfabeto que lhe permite corresponder-se com Fabrice; a Sanseverina é-nos descrita como "uma alma sempre sincera que nunca agiu com prudência, que se entrega inteiramente à impressão do momento"; é quando intriga, quando envenena o príncipe e que inunda Parma que essa alma se descobre a nós: não é outra coisa senão a aventura sublime e louca que quis viver. A escada que Mathilde de la Mole apoia à janela nada tem de um acessório de teatro: é, numa forma tangível, sua imprudência orgulhosa, seu pendor pelo extraordinário, sua coragem provocante. As qualidades dessas

almas não seriam descobertas se elas não estivessem cercadas de inimigos: os muros da prisão, a vontade de um soberano, a severidade de uma família.

Entretanto, os obstáculos mais difíceis de transpor são os que cada um encontra em si mesmo: é então que a aventura da liberdade se faz mais incerta, mais pungente, mais excitante. É evidente que a simpatia de Stendhal por suas heroínas é tanto maior quanto mais estreitamente presas se encontram. Sem dúvida, ele aprecia as prostitutas, sublimes ou não, que uma vez por todas espezinharam as convenções; mas ele ama mais ternamente Métilde freada por seus escrúpulos e seu pudor. Lucien Leuwen compraz-se ao lado dessa mulher liberta que é Mme de Hocquincourt: mas é a Mme Chasteller, casta, reservada, hesitante que ele ama com paixão; ele admira a alma altiva da Sanseverina que não recua diante de nada, mas prefere Clélia e é a moça que conquista o coração de Fabrice. E Mme de Renal, atada por sua altivez, seus preconceitos, sua ignorância, é talvez de todas as mulheres criadas por Stendhal a que mais o espanta. Ele situa de bom grado suas heroínas na província, em um meio estreito, sob a mão de ferro de um marido ou um pai imbecil; agrada-lhe que sejam incultas e até imbuídas de ideias falsas. Mme de Renal e Mme de Chasteller são ambas obstinadamente legitimistas; a primeira é de espírito tímido e sem nenhuma experiência, a segunda de inteligência brilhante, mas cujo valor desconhece; não são, portanto, responsáveis por seus erros mas, antes, vítimas deles tanto quanto das instituições e dos costumes; e é do erro que jorra o romanesco, como a poesia nasce do fracasso. Um espírito lúcido que decide seus atos com pleno conhecimento de causa, nós o aprovamos ou censuramos secamente; ao passo que é com temor, piedade, ironia, amor que admiramos a coragem e os ardis de um coração generoso procurando seu caminho nas trevas. É porque elas são mistificadas, que vemos florescerem nas mulheres virtudes inúteis e encantadoras tais como o pudor, o orgulho, a delicadeza exagerada; em certo sentido são defeitos: engendram mentiras, suscetibilidades, cóleras, mas explicam-se facilmente pela situação em que são colocadas as mulheres; estas são levadas a pôr seu orgulho nas pequenas coisas, ou, pelo menos, "nas coisas que só têm importância pelo sentimento", porque todos os objetos "ditos importantes" acham-se fora de seu alcance; seu pudor resulta da dependência em que se acham: porque lhes é proibido dar o que podem em seus atos, é seu próprio ser que elas põem em jogo; parece-lhes que a consciência de outrem, e em particular a de seus amantes, as revelam em sua verdade; têm medo disso e tentam escapar-lhes, e, em sua fuga, suas hesitações, suas revoltas, e até em suas mentiras, exprime-se uma autêntica preocupação do

valor; e é o que as torna respeitáveis. Mas esse sentimento exprime-se com embaraço, e mesmo com má-fé, e é o que as torna comoventes e até discretamente cômicas. É quando a liberdade cai em suas próprias armadilhas e trapaceia com ela mesma que é mais profundamente humana e portanto, aos olhos de Stendhal, mais atraente. As mulheres de Stendhal são patéticas quando seu coração lhes propõe problemas inesperados: nenhuma lei, nenhuma receita, nenhum raciocínio, nenhum exemplo vindo de fora pode guiá-las; cumpre que decidam sozinhas: esse abandono é o momento extremo da liberdade. Clélia é educada com ideias liberais, é lúcida e sensata: mas opiniões aprendidas, justas ou não, não são de nenhum auxílio num conflito moral; Mme de Renal ama Julien a despeito de sua moral, Clélia salva Fabrice contra sua razão. Há, nos dois casos, a mesma superação de todos os valores admitidos. É essa ousadia que exalta Stendhal; mas ela é tanto mais comovente quanto mal ousa confessar-se. Torna-se ainda mais natural, mais autêntica, mais espontânea. Em Mme de Renal, a ousadia esconde-se atrás da inocência: por não conhecer o amor, ela não sabe reconhecê-lo e cede sem resistência: diria-se que por ter vivido nas trevas não tem defesa diante da fulgurante luz da paixão; acolhe-a deslumbrada até contra Deus, contra o inferno. Quando essa fogueira se apaga, ela recai nas trevas que os maridos e os padres governam; não tem confiança em seus próprios juízos, mas a evidência a fulmina; logo que encontra Julien entrega-lhe de novo a alma. Seus remorsos, a carta que o confessor lhe arranca, permitem medir que distância essa alma ardente e sincera tinha de vencer para se arrancar à prisão em que a encerrava a sociedade e ascender ao céu da felicidade. O conflito é mais consciente em Clélia: ela hesita entre sua lealdade para com o pai e sua piedade amorosa; ela procura razões para si mesma; o triunfo dos valores em que Stendhal acredita parece-lhe tanto mais evidente quanto é sentido como uma derrota pelas vítimas de uma civilização hipócrita; e ele se encanta vendo-as empregarem a malícia e a má-fé para fazer prevalecer a verdade da paixão e da felicidade contra as mentiras em que elas creem: Clélia, prometendo à Madona não mais *ver* Fabrice e aceitando durante dois anos seus beijos, seus abraços, à condição de manter os olhos fechados, é a um tempo ridículo e perturbador. É com a mesma ironia que Stendhal considera as hesitações de Mme de Chasteller e as incoerências de Mathilde de la Mole; tantas idas e voltas, tantos meandros e escrúpulos, tantas vitórias e derrotas secretas para alcançar fins simples e legítimos, constitui para ele a mais adorável das comédias; há comicidade nesses dramas porque a atriz é a um tempo juiz e parte, porque ela é sua

própria vítima, porque ela se impõe caminhos complicados, quando bastaria um decreto para que o nó górdio fosse cortado; entretanto, eles evidenciam a mais respeitável preocupação que possa torturar uma alma nobre: ela quer permanecer digna de sua própria estima; ela coloca seu próprio sufrágio mais alto que o dos outros e com isso se realiza como um absoluto. Esses debates solitários, sem eco, têm mais gravidade do que uma crise ministerial; quando ela se pergunta se vai ou não corresponder ao amor de Lucien Leuwen, Mme de Chasteller julga a si mesma e ao mundo: pode-se ter confiança em outrem? Pode-se confiar no próprio coração? Qual é o valor do amor e dos juramentos humanos? É loucura ou generosidade acreditar e amar? Essas interrogações põem em dúvida o próprio sentido da vida, a vida de cada um e de todos. O homem dito sério é na realidade fútil porque aceita justificações convencionais para sua vida; ao passo que uma mulher apaixonada e profunda revisa a cada instante os valores estabelecidos; conhece a constante tensão de uma liberdade sem apoio. Com isso, sente-se sem cessar em perigo: em um momento pode tudo ganhar ou tudo perder. É esse risco assumido na inquietação que dá à sua história as cores de uma aventura heroica. E a aposta é a maior que pode existir: o próprio sentido dessa existência, que é a parte de cada um, sua única parte. A aventura de Mina de Vanghel pode em certo sentido parecer absurda; mas ela empenha toda uma ética. "Foi sua vida um erro de cálculo? Sua felicidade durara oito meses. Era uma alma demasiado ardente para se contentar com o real da vida." Mathilde de la Mole é menos sincera do que Clélia ou Mme de Chasteller; ela regula seus atos mais pela ideia que faz de si mesma do que pela evidência do amor, da felicidade; haverá mais orgulho, mais grandeza em se defender do que em se entregar, em se humilhar do que em resistir a quem se ama? Ela acha-se só no meio dessas dúvidas e arrisca essa estima de si mesma de que faz mais questão do que da vida. É a ardente procura das verdadeiras razões de viver através das trevas da ignorância, dos preconceitos, das mistificações, na luz vacilante e febril da paixão, é o risco infinito da felicidade ou da morte, da grandeza ou da vergonha que confere a esses destinos de mulher sua glória romanesca.

A mulher, bem entendido, ignora a sedução que tem; contemplar-se a si mesma, desempenhar um papel, é sempre uma atitude inautêntica; Mme Grandet comparando-se a Mme Roland prova com isso mesmo que não se assemelha a ela. Se Mathilde de la Mole permanece atraente é porque se embrulha em suas comédias e é vítima, muitas vezes, de seu coração, nos momentos em que se acredita governá-lo; ela nos comove na medida em que

escapa à própria vontade. Mas as heroínas mais puras não têm consciência de si mesmas. Mme de Renal ignora sua graça, como Mme de Chasteller sua inteligência. Nisso reside uma das alegrias profundas do amante com quem o autor e o leitor se identificam: ele é a testemunha através da qual essas riquezas secretas são reveladas; essa vivacidade que Mme de Renal exibe longe dos olhares dos outros, esse espírito "vivo, versátil, profundo", que desconhece o ambiente de Mme de Chasteller e que ele é o único a admirar. E ainda que outros apreciem o espírito da Sanseverina, é ele quem penetra mais fundo na alma dela. Diante da mulher, o homem saboreia o prazer da contemplação; embriaga-se dela como de uma paisagem ou de um quadro; ela canta em seu coração e matiza o céu. Essa revelação revela-o a si mesmo: não se pode compreender a delicadeza das mulheres, sua sensibilidade, seu ardor sem se construir uma alma delicada, sensível, ardente; os sentimentos femininos criam um mundo de matizes, de exigências, cuja descoberta enriquece o amante. Perto de Mme de Renal, Julien torna-se diferente do ambicioso que resolvera ser, faz-se de novo. Se o homem tem pela mulher apenas um desejo superficial, achará divertido seduzi-la. Mas é o verdadeiro amor que transfigura a vida: "O amor de Werther abre a alma... ao sentimento e ao gozo do *belo* sob qualquer forma que se apresente, ainda que sob um hábito de burel. Faz que se encontre a felicidade até sem riquezas..." "É um novo objetivo na vida a que tudo se prende e que muda a face de tudo. O amor-paixão joga aos olhos de um homem toda a natureza com seus aspectos sublimes como uma novidade inventada ontem." O amor quebra a rotina quotidiana, afasta o tédio, esse tédio em que Stendhal vê um mal tão profundo porque é a ausência de todas as razões de viver ou morrer; o amante tem um fim e isso basta para que cada dia se torne uma aventura. Que prazer para Stendhal passar três dias escondido na adega de Menta! As escadas de corda, as arcas sangrentas traduzem esse gosto pelo extraordinário em seus romances. O amor, isto é, a mulher, revela os verdadeiros fins da existência: o belo, a felicidade, o frescor das sensações e do mundo. Arranca a alma ao homem e dá-lhe assim a posse dela; o amante conhece a mesma tensão, os mesmos riscos que sua amante e experimenta-se mais autenticamente do que no curso de toda uma carreira calculada. Quando hesita ao pé da escada erguida por Mathilde, Julien põe em jogo todo seu destino: é nesse instante que revela sua verdadeira medida. É através das mulheres, sob sua influência, reagindo às condutas delas que Julien, Fabrice, Lucien fazem o aprendizado do mundo e de si mesmos. Provação, recompensa, juiz, amiga, a mulher é realmente em Stendhal o que Hegel em dado momento

se viu tentado a considerá-la: essa consciência outra que, no reconhecimento recíproco, dá ao sujeito outro a mesma verdade que recebe dele. O casal feliz que se reconhece no amor desafia o universo e o tempo; basta a si próprio, realiza o absoluto.

Mas isso pressupõe que a mulher não é simples alteridade; é, ela própria, sujeito. Nunca Stendhal se restringe a descrever suas heroínas em função de seus heróis: dá-lhes um destino próprio. Tentou uma empresa mais rara e que nenhum romancista, creio, jamais se propôs: projetou-se ele próprio numa personagem feminina. Não se debruça sobre Lamiel como Marivaux sobre Marianne, ou Richardson sobre Clarisse Harlow: desposa-lhe o destino como desposara o destino de Julien. Por causa disso mesmo, a figura de Lamiel permanece um pouco teórica, mas é singularmente significativa. Stendhal ergueu em torno da moça todos os obstáculos imagináveis: ela é pobre, camponesa, grosseiramente educada por pessoas imbuídas de todos os preconceitos; mas ela afasta de seu caminho todas as barreiras morais a partir do dia em que compreende o alcance destas simples palavras: "é tolo". A liberdade de seu espírito permite-lhe reconsiderar todos os movimentos de sua curiosidade, de sua ambição, de sua alegria; diante de um coração tão resoluto, os obstáculos materiais não podem deixar de se renovar; seu único problema será conquistar, em um mundo medíocre, um destino feito sob medida. Ela devia realizar-se no crime e na morte; mas é também a sorte que aguarda Julien. Não há lugar para as grandes almas na sociedade tal qual é: homens e mulheres acham-se em pé de igualdade.

É notável que Stendhal seja a um tempo tão profundamente romanesco e tão decididamente feminista; habitualmente, os feministas são espíritos racionais que adotam, em todas as coisas, o ponto de vista do universal; mas é não somente em nome da liberdade em geral como também em nome da felicidade individual que Stendhal reclama a emancipação das mulheres. O amor nada terá a perder com isso, pensa ele; ao contrário, será tanto mais verdadeiro quanto, sendo a mulher um igual para o homem, poderá entendê-lo mais completamente. Provavelmente, algumas das qualidades que apreciamos na mulher desaparecerão, mas seu valor provém da liberdade que nelas se exprime, mas essa liberdade se manifestará de outras maneiras e o romanesco não se dissipará do mundo. Dois seres separados, colocados em situações diferentes, defrontando-se em sua liberdade e procurando a justificação da existência, um através do outro, viverão sempre uma aventura cheia de riscos e de promessas. Stendhal confia na verdade; desde que se fuja dela, morre-se

vivo; mas onde ela brilha, brilham a beleza, a felicidade, o amor, uma alegria que traz em si sua justificação. Eis por que, tanto quanto as mistificações da gravidade, ele recusa a falsa poesia dos mitos. A realidade humana basta-lhe. A mulher a seus olhos é simplesmente um ser humano: os sonhos nada poderiam forjar de mais embriagante.

VI

Vê-se por esses exemplos que, em cada escritor singular, se refletem os grandes mitos coletivos: a mulher foi-nos apresentada como *carne*; a carne do homem é gerada pelo ventre materno e recriada nos abraços da amante; por esse aspecto a mulher aparenta-se à *natureza*, encarna-a: animal, vale de sangue, rosa desabrochada, sereia, curva de uma colina, ela dá ao homem o humo, a seiva, a beleza sensível e a alma do mundo; ela pode possuir as chaves da *poesia*; pode ser *mediadora* entre este mundo e o além: graça ou pítia, estrela ou feiticeira, abre a porta do sobrenatural, do suprarreal; está votada à *imanência*; e com isso sua passividade distribui a paz, a harmonia, mas, se recusa esse papel, ei-la fêmea de louva-a-deus, mulher de ogro. Em todo caso, ela se apresenta como o *Outro privilegiado* através do qual o sujeito se realiza: uma das medidas do homem, seu equilíbrio, salvação, aventura e felicidade.

Mas esses mitos orquestram-se para cada um de maneira diferente. O *Outro* é singularmente definido segundo o modo singular que o *Um* escolhe para se pôr. Todo homem afirma-se como uma liberdade e uma transcendência, mas não dão todos os homens o mesmo sentido a essas palavras. Para Montherlant, a transcendência é um estado; é ele o transcendente e paira no céu dos heróis; a mulher vegeta na terra a seus pés; compraz-se em medir a distância que o separa dela; de vez em quando, ele a leva até junto de si, a possui e depois a rejeita; nunca se abaixa à esfera de viscosas trevas em que ela se acha. Lawrence situa a transcendência no falo; o falo não é vida e força senão graças à mulher; a imanência é, portanto, boa e necessária; o falso herói, que pretende não tocar o solo, longe de ser um semideus, não chega sequer a ser um homem; a mulher não é desprezível, é riqueza profunda, cálida nascente; mas ela deve renunciar a toda transcendência pessoal e limita-se a nutrir a de seu homem. Idêntico devotamento lhe é exigido por Claudel. A mulher, para ele, é também quem mantém a vida, enquanto o homem lhe prolonga o impulso como seus atos;

mas, para o católico, tudo o que se passa na terra banha-se na vã imanência: só Deus transcende; aos olhos de Deus o homem que age e a mulher que o serve são exatamente iguais; cabe a cada um superar sua condição terrestre: a salvação é, em todo caso, uma empresa autônoma. Para Breton, a hierarquia dos sexos inverte-se; a ação, o pensamento consciente em que o homem situa sua transcendência parecem-lhe uma estúpida mistificação que engendra a guerra, a tolice, a burocracia, a negação do humano; é a imanência, a simples presença opaca do real que é a verdade; a verdadeira transcendência se realizaria pela volta à imanência. Sua atitude é exatamente oposta à de Montherlant: este ama a guerra porque nela está livre das mulheres, Breton venera a mulher porque ela traz a paz; um confunde espírito e subjetividade, recusa o universo dado; o outro pensa que o espírito se acha objetivamente presente no coração do mundo; a mulher compromete Montherlant porque lhe perturba a solidão; ela é para Breton revelação porque o tira da subjetividade. Quanto a Stendhal, vimos que a mulher mal assume nele um valor mítico. Ele a considera como sendo ela também uma transcendência; para esse humanista, é em suas relações recíprocas que as liberdades se realizam; basta-lhe que o *Outro* seja simplesmente um outro para que a vida tenha a seu ver "um sal picante"; não procura um "equilíbrio estelar", não se alimenta com o pão do nojo; não espera milagre; não deseja ter que se haver com o cosmo ou a poesia, mas sim com as liberdades.

É que também ele se sente, ele próprio, como uma liberdade translúcida. Os outros — e é um ponto dos mais importantes — se põem como transcendências mas sentem-se prisioneiros de uma presença opaca no fundo de si mesmos: projetam na mulher esse "inquebrável núcleo de noite". Há, em Montherlant, um complexo adleriano de onde nasce uma má-fé espessa: é esse conjunto de pretensões e de temores que ele encarna na mulher; a repugnância que sente por ela é a que receia sentir por si mesmo; pretende espezinhar nela a prova sempre possível de sua própria insuficiência; pede ao desprezo que o salve. A mulher é a fossa em que ele precipita todos os monstros que o habitam.[228] A vida de Lawrence mostra-nos que sofria de um complexo análogo, mas puramente sexual: a mulher tem em sua obra o valor de um mito de compensação; por ela se acha exaltada uma virilidade de que o escritor não estava muito seguro; quando descreve Kate aos pés de Don Cipriano acredita ter conquistado um triunfo de macho contra Frieda; não admite, ele tampouco, que sua companheira o ponha em dúvida: se ela lhe contestasse os fins, perderia, talvez, confiança neles; ela tem por função tranquilizá-lo. Ele lhe pede

paz, repouso, fé, como Montherlant pede a certeza de sua superioridade: exigem os que lhes falta. A confiança em si não é o de que carece Claudel: se é tímido, ele o é apenas no segredo de Deus. Por isso não há nele nenhum vestígio de luta de sexos. O homem carrega ousadamente o fardo da mulher: ela é possibilidade de tentação e de salvação. Tem-se a impressão de que, para Breton, o homem só é verdadeiro pelo mistério que o habita; apraz-lhe que Nadja veja essa estrela para a qual ele caminha e que é como "o coração de uma flor sem coração"; seus sonhos, seus pressentimentos, o desenvolvimento espontâneo de sua linguagem interior, é nessas atividades que escapam ao controle da vontade e da razão que ele se reconhece: a mulher é a figura sensível dessa presença velada, infinitamente mais essencial do que sua personalidade consciente.

Stendhal coincide tranquilamente consigo mesmo, mas precisa da mulher como ela dele, a fim de que sua existência dispersa se reúna na unidade de uma figura e de um destino; é como para-outrem que o homem atinge o ser mas é preciso, contudo, que esse outro lhe empreste sua consciência: os outros homens têm demasiado indiferença para com seus semelhantes; só a mulher amorosa abre o coração ao amante e nele o abriga inteiramente. Com exceção de Claudel, que encontra em Deus uma testemunha superior, todos os escritores que consideramos esperam que, segundo as palavras de Malraux, a mulher adore neles esse "monstro incomparável" só deles conhecido. Na colaboração ou na luta, os homens enfrentam-se em sua generalidade. Montherlant é para seus semelhantes um escritor, Lawrence um doutrinador, Breton um chefe de escola, Stendhal um diplomata ou um homem de espírito; é a mulher que revela em um o príncipe magnífico e cruel, noutro um fauno inquietante, noutro um deus ou um sol, ou um ser "negro e frio como um homem fulminado aos pés da Esfinge",[229] noutro, enfim, um sedutor, um amante.

Para cada um deles, a mulher ideal será a que encarnar mais exatamente o *Outro* capaz de o revelar a si mesmo. Montherlant, espírito solar, busca nela a animalidade pura; Lawrence, o fálico, pede-lhe que resuma o sexo feminino em sua generalidade; Claudel define-a como uma alma irmã; Breton adora Mélusine arraigada na natureza e põe sua esperança na mulher-criança: Stendhal deseja uma amante inteligente, culta, livre de espírito e de costumes: uma igual. Mas para a igual, a mulher-criança, a alma-irmã, a mulher-sexo, o animal feminino, o único destino terrestre que se lhes reserva é sempre o homem. Qualquer que seja o ego que se procura através dela, esse ego só pode ser atingido se ela consente em lhe servir de cadinho. Exige-se dela, em todo

caso, a renúncia a si mesma, e o amor. Montherlant consente em se enternecer com a mulher que lhe permite medir sua força viril; Lawrence compõe um hino entusiasta à que renuncia a si mesma a seu favor; Claudel exalta a vassala, a serva, a devotada que se submete a Deus submetendo-se ao homem; Breton espera da mulher a salvação da humanidade, porque ela é capaz do amor mais total em relação ao filho, ao amante; e até em Stendhal as heroínas são mais comoventes do que os heróis porque se entregam a sua paixão com a mais desenfreada violência; elas ajudam o homem a cumprir seu destino, como Prouhèze contribui para a salvação de Rodrigo; nos romances de Stendhal acontece muitas vezes que elas salvem o amante da ruína, da prisão ou da morte. A dedicação feminina é exigida como um dever por Montherlant, por Lawrence; menos arrogantes, Claudel, Breton, Stendhal admiram-na como uma generosa escolha: desejam-na, essa escolha, sem pretender merecê-la. Mas, a não ser o espantoso Lamiel, todas as suas obras mostram que esperam da mulher esse altruísmo que Comte admirava nela e lhe impunha, e que a seu ver também constituía a um tempo uma inferioridade flagrante e uma equívoca superioridade.

Poderíamos multiplicar os exemplos: nos conduziriam sempre às mesmas conclusões. Definindo a mulher, cada escritor define sua ética geral e a ideia singular que faz de si mesmo. É também nela que, muitas vezes, ele inscreve a distância entre seu ponto de vista sobre o mundo e seus sonhos egotistas. A ausência ou a insignificância do elemento feminino no conjunto de uma obra já é sintomática; esse elemento tem uma extrema importância quando resume em sua totalidade todos os aspectos do Outro como ocorre em Lawrence; conserva parte dessa importância quando a mulher é encarada simplesmente como uma outra, mas que o escritor se interessa pela aventura individual de sua vida, como é o caso de Stendhal; perde-a em uma época como a nossa em que os problemas singulares de cada um passam a segundo plano. Entretanto, a mulher enquanto outra desempenha ainda um papel na medida em que, embora seja tão somente para se superar, todo homem tem ainda necessidade de tomar consciência de si.

3

O mito da mulher desempenha um papel considerável na literatura; mas que importância tem na vida cotidiana? Em que medida afeta os costumes e as condutas individuais? Para responder a essas perguntas seria necessário determinar as relações que mantém com a realidade.

Há diversas espécies de mitos. Este, sublimando um aspecto imutável da condição humana que é o "seccionamento" da humanidade em duas categorias de indivíduos, é um mito estático; projeta em um céu platônico uma realidade apreendida na experiência ou conceitualizada a partir da experiência. Ao fato, ao valor, à significação, à noção, à lei empírica, ele substitui uma Ideia transcendente, não temporal, imutável, necessária. Essa ideia escapa a qualquer contestação porquanto se situa além do dado; é dotada de uma verdade absoluta. Assim, à existência dispersa, contingente e múltipla *das* mulheres, o pensamento mítico opõe o Eterno Feminino único e cristalizado; se a definição que se dá desse Eterno Feminino é contrariada pela conduta das mulheres de carne e osso, estas é que estão erradas. Declara-se que as mulheres não são femininas e não que a Feminilidade é uma entidade. Os desmentidos da experiência nada podem contra o mito. Entretanto, de certa maneira, este tem sua fonte nela. Assim é exato que a mulher é outra e essa alteridade é concretamente sentida no desejo, no carinho, no amor; mas a relação real é de reciprocidade; como tal, ela engendra dramas autênticos: através do erotismo, do amor, da amizade e suas alternativas de decepção, ódio, rivalidade, ela é luta de consciências que se consideram essenciais, é reconhecimento de liberdades que se confirmam mutuamente, é a passagem indefinida da inimizade à cumplicidade. Pôr a Mulher é pôr o Outro absoluto, sem reciprocidade, recusando contra a experiência que ela seja um sujeito, um semelhante.

Na realidade concreta, as mulheres manifestam-se sob aspectos diversos; mas cada um dos mitos edificados a propósito da mulher pretende resumi-la inteiramente. Cada qual se afirmando único, a consequência é existir uma pluralidade de mitos incompatíveis e os homens permanecerem atônitos perante as estranhas incoerências da ideia de Feminilidade; como toda mulher participa de uma pluralidade desses arquétipos que pretendem encerrar, cada um, sua única Verdade, os homens reencontram, assim, ante suas companheiras o velho espanto dos sofistas que mal compreendiam que o homem pudesse ser louro e moreno a um tempo. A passagem para o absoluto já se exprime nas representações sociais. As relações aí se fixam facilmente em classes, as funções em tipos, assim como na mentalidade infantil as relações fixam-se em coisas. Por exemplo, a sociedade patriarcal, apoiada na conservação do patrimônio, implica necessariamente, ao lado de indivíduos que detêm e transmitem os bens, a existência de homens e mulheres que os arrancam a seus proprietários e os fazem circular; os homens — aventureiros, vigaristas, ladrões, especuladores — são geralmente condenados pela coletividade; as mulheres, usando de sua atração erótica, têm a possibilidade de convidar os jovens, e até os pais de família, a dissiparem seu patrimônio sem sair da legalidade; apropriam-se de sua fortuna ou captam sua herança; sendo esse papel considerado nefasto, chamam "mulheres más" as que o desempenham. Na realidade, elas podem, ao contrário, apresentar-se em outro lar — o do pai, o do irmão, do marido ou do amante — como um anjo da guarda; tal ou qual cortesã, que explora ricos financistas, é um mecenas para pintores e escritores. A ambiguidade da personagem de Aspásia, de Mme de Pompadour, torna-se facilmente compreensível numa experiência concreta. Mas, se se afirma que a mulher é a fêmea do louva-a-deus, a mandrágora, o demônio, confunde-se o espírito ao descobrir igualmente nela a Musa, a Deusa-Mãe, Beatriz.

Como as representações coletivas e, entre outros, os tipos sociais definem-se geralmente por pares de termos opostos, a ambivalência parecerá uma propriedade intrínseca do Eterno Feminino. A mãe santa tem como correlativo a madrasta cruel; a moça angélica, a virgem perversa: por isso ora se dirá que a Mãe é igual à Vida, ora que é igual à Morte, que toda virgem é puro espírito ou carne votada ao diabo.

Não é evidentemente a realidade que dita à sociedade ou aos indivíduos a escolha entre os dois princípios opostos de unificação; em cada época, em cada caso, sociedade e indivíduos decidem de acordo com suas necessidades. Muitas vezes projetam no mito adotado as instituições e os valores a que estão apegados. Assim, o paternalismo, que reclama a mulher no lar, define-a como sentimento,

interioridade e imanência; na realidade, todo existente é, ao mesmo tempo, imanência e transcendência; quando não lhe propõem um objetivo, quando o impedem de atingir algum, quando o frustram em sua vitória, sua transcendência cai inutilmente no passado, isto é, recai na imanência; é o destino da mulher no patriarcado; não se trata, porém, da mesma vocação tal como a escravidão não é a vocação do escravo. Percebe-se claramente, em Comte, o desenvolvimento dessa mitologia. Identificar a Mulher ao Altruísmo é garantir ao homem direitos absolutos à sua dedicação, é impor às mulheres um dever-ser categórico.

Não se deve confundir o mito com a apreensão de uma significação; a significação é imanente ao objeto; ela é revelada à consciência numa experiência viva ao passo que o mito é uma ideia transcendente que escapa a toda tomada de consciência. Quando, em *Age d'homme*, descreve sua visão dos órgãos femininos, Michel Leiris oferece-nos significações e não elabora nenhum mito. O deslumbramento ante o corpo feminino, a repugnância pelo sangue menstrual são apreensões de uma realidade concreta. Nada há de mítico na experiência que descobre as qualidades voluptuosas da carne feminina e não se passa ao mito quando se tenta exprimi-las mediante comparações com flores ou pedras. Mas dizer que a Mulher é a Carne, que a Carne é Noite e Morte, ou que é o esplendor do Cosmo, é abandonar a verdade da terra e alçar voo para um céu vazio. Porque o homem também é carne para a mulher; e esta é outra coisa além de um objeto carnal; e a carne assume, para cada um e em cada experiência, significações singulares. É, também, inteiramente verdade que a mulher — como o homem — é um ser arraigado na natureza; ela é mais do que o homem escravizada à espécie, sua animalidade é mais manifesta, mas, nela como nele, o dado é assumido pela existência, pertence também ao reino humano. Assimilá-la à Natureza é um simples *parti pris*.

Poucos mitos foram mais vantajosos do que esse para a casta dominante: justifica todos os privilégios e autoriza mesmo a abusar deles. Os homens não precisam preocupar-se em aliviar os sofrimentos e encargos que são fisiologicamente a parte da mulher, porquanto "são da vontade da Natureza"; eles se valem do pretexto para aumentar ainda mais a miséria da condição feminina, para denegar, por exemplo, à mulher, qualquer direito ao prazer sexual, para fazê-la trabalhar como um animal de carga.[230]

De todos esses mitos, nenhum se acha mais enraizado nos corações masculinos do que o do "mistério" feminino. Tem numerosas vantagens. E primeiramente permite explicar sem dificuldades o que parece inexplicável; o homem que não "compreende" uma mulher sente-se feliz em substituir uma resistência objetiva

a uma insuficiência subjetiva; em vez de admitir sua ignorância, reconhece a presença de um mistério fora de si: é um *álibi* que lisonjeia a um tempo a preguiça e a vaidade. Um coração apaixonado evita, assim, muitas decepções; se as condutas da bem-amada são caprichosas, suas reflexões, estúpidas, o mistério serve de desculpa. Enfim, graças ao mistério, perpetua-se essa relação negativa que se afigurava a Kierkegaard infinitamente preferível a uma posse positiva; diante de um enigma vivo, o homem permanece só: só com seus sonhos, esperanças, temores, amor e vaidade; esse jogo subjetivo que pode ir do vício ao êxtase místico é para muitos uma experiência mais atraente do que uma relação autêntica com um ser humano. Em que bases assenta, pois, uma ilusão tão proveitosa?

Seguramente, em certo sentido, a mulher é misteriosa, "misteriosa como todo mundo", na expressão de Maeterlinck. Cada um só é sujeito para si; cada um só pode apreender a si unicamente em sua imanência. Deste ponto de vista, o outro é sempre mistério. Aos olhos dos homens, a opacidade do para si é mais flagrante no outro feminino; eles não podem, por nenhum efeito de simpatia, penetrar-lhe a experiência singular. A qualidade do prazer erótico da mulher, os incômodos da menstruação, as dores do parto, eles estão condenados a ignorá-los. Na verdade, há reciprocidade do mistério; enquanto outro, e outro do sexo masculino, há no coração de todo homem uma presença fechada sobre si mesma e impenetrável à mulher; ela ignora o que representa o erotismo do macho. Mas, segundo a regra universal que verificamos, as categorias através das quais os homens encaram o mundo são constituídas, do *ponto de vista deles, como absolutas*: eles desconhecem, nisso como em tudo, a reciprocidade. Mistério para o homem, a mulher é encarada como mistério em si.

A bem dizer, a situação dela a predispõe singularmente a ser considerada sob esse aspecto. Seu destino fisiológico é muito complexo; ela mesma o suporta como uma história estranha; seu corpo não é para ela uma expressão clara de si mesma; ela sente-se nele alienada; o laço que em todo indivíduo liga a vida fisiológica à vida física, ou, para melhor dizer, a relação existente entre a facticidade de um indivíduo e a liberdade que a assume, é o mais difícil enigma implicado pela condição humana: é na mulher que esse enigma se põe da maneira mais perturbadora.

Mas o que se chama mistério não é a solidão subjetiva da consciência, nem o segredo da vida orgânica. É ao nível da comunicação que a palavra assume seu sentido verdadeiro: não se reduz ao puro silêncio, à noite, à ausência; implica uma presença balbuciante que malogra em se manifestar. Dizer que a mulher é mistério não é dizer que ela se cala e sim que sua linguagem não é compreendida; ela está

presente, mas escondida sob véus; existe além dessas incertas aparições. Quem é ela? Um anjo, um demônio, uma inspirada, uma comediante? Ou se supõe que existem para essas perguntas respostas impossíveis de descobrir, ou antes, que nenhuma é adequada porque uma ambiguidade fundamental afeta o ser feminino; em seu coração, ela é para si mesma indefinível: uma esfinge.

O fato é que ela se veria bastante embaraçada em decidir *quem* ela *é*; a pergunta não comporta resposta; mas não porque a verdade recôndita seja demasiado móvel para se deixar aprisionar: é porque nesse terreno não há verdade. Um existente não *é* senão o que faz; o possível não supera o real, a essência não precede a existência: em sua pura subjetividade o ser humano *não é nada*. Medem-no pelos seus atos. De uma camponesa pode-se dizer que se trata de uma boa ou má trabalhadora, de uma atriz que tem ou não talento; mas se se considera uma mulher em sua presença imanente, nada se pode dizer absolutamente, ela está aquém de qualquer qualificação. Ora, nas relações amorosas ou conjugais, em todas as relações em que a mulher é a vassala, o outro, é em sua imanência que é apreendida. É impressionante o fato de a companheira, a colega, a associada não terem mistério; em compensação, se o vassalo é masculino, se diante de um homem ou de uma mulher mais velhos do que ele, mais ricos, um rapaz se apresenta como o objeto inessencial, envolve-se ele também de mistério. E isso nos revela uma infraestrutura do mistério feminino que é de ordem econômica. Um sentimento também não *é* nada. "No terreno dos sentimentos o real não se distingue do imaginário, diz Gide. E basta imaginar que se ama para amar, por isso basta dizer que se imagina amar, quando se ama, para amar um pouco menos..." Entre o imaginário e o real só há discriminação através das condutas. Detendo o homem neste mundo uma situação privilegiada, ele é que pode manifestar ativamente seu amor; muitas vezes sustenta a mulher ou a ajuda. Desposando-a, dá-lhe uma posição social; dá-lhe presentes; sua independência econômica e social permite-lhe iniciativas e invenções. Separado de Mme de Villeparisis, o sr. de Norpois é quem fazia viagens de vinte e quatro horas para vê-la. Muitas vezes ele tem ocupações, ela não faz nada; o tempo que passa com Mme de Villeparisis ele o *dá*, ela o toma: com prazer, com paixão, ou simplesmente para se distrair? Aceita ela esses dons por amor ou por interesse? Ama o marido ou o casamento? Naturalmente, as próprias provas que o homem dá são ambíguas: tal ou qual dom é feito por amor ou por piedade? Mas, enquanto normalmente a mulher encontra no comércio com o homem numerosas vantagens, o comércio com a mulher só beneficia o homem na medida em que ele a ama. Por isso, pelo conjunto de suas atitudes, pode-se apreciar mais ou menos o grau de seu apego; ao passo que a

mulher quase não tem meios de sondar o próprio coração; segundo seu temperamento, terá pontos de vista diferentes acerca de seus sentimentos, e enquanto os suportar passivamente nenhuma interpretação será mais verdadeira do que outra. Nos casos bastante raros em que ela detém os privilégios econômicos e sociais, o mistério inverte-se: o que demonstra que se liga não a *este* ou àquele sexo e sim a uma situação. Para grande número de mulheres os caminhos da transcendência estão barrados: como não *fazem* nada, não se podem *fazer ser*; perguntam-se indefinidamente o que *poderiam* vir a ser, o que as leva a indagar o que *são*: é uma interrogação vã; se o homem malogra em descobrir essa essência secreta é muito simplesmente porque ela não existe. Mantida à margem do mundo, a mulher não pode definir-se objetivamente através desse mundo e seu mistério cobre apenas um vazio.

Demais, acontece que, como todos os oprimidos, dissimula deliberadamente sua figura objetiva; o escravo, o criado, o indígena, todos os que dependem dos caprichos de um senhor aprenderam a opor-lhe um sorriso imutável ou uma impassibilidade enigmática; escondem cuidadosamente seus verdadeiros sentimentos, suas verdadeiras condutas. À mulher também ensinaram desde a adolescência a mentir aos homens, a trapacear, a usar de subterfúgios. Chega-se a eles com máscara: é prudente, hipócrita, comediante.

Mas o Mistério feminino tal qual o reconhece o pensamento mítico é uma realidade mais profunda. Em verdade, acha-se ele implicado imediatamente na mitologia do Outro absoluto. Se se admite que a consciência inessencial é, ela também, uma subjetividade translúcida, capaz de operar o *Cogito*, admite-se que é, na verdade, soberana e retorna ao essencial. Para que toda reciprocidade se apresente como impossível, é preciso que o Outro seja para si um outro, que sua subjetividade mesma seja afetada pela alteridade. Essa consciência que seria alienada enquanto consciência, em sua pura presença imanente, seria evidentemente Mistério; seria Mistério em si pelo fato de que o seria para si; seria o Mistério absoluto. Assim é que há, para além do segredo que sua dissimulação cria, um mistério do Preto, do Amarelo, enquanto considerados absolutamente como o Outro inessencial. Deve-se observar que o cidadão norte-americano, que desnorteia profundamente o europeu médio, não é entretanto considerado "misterioso": mais modestamente asseguram que não o entendem; do mesmo modo, a mulher nem sempre "compreende" o homem, mas não há mistério masculino; é que a América rica e o homem estão do lado do Senhor, e o Mistério é propriedade do escravo.

Bem entendido, não se pode senão sonhar nos crepúsculos da má-fé acerca da realidade positiva do Mistério; como certas alucinações marginais, dissipa-se logo que se tenta fixá-lo. A literatura malogra sempre ao pintar mulheres "misteriosas". Elas podem somente surgir no início de um romance como estranhas, enigmáticas; mas, a menos que a história permaneça inacabada, terminam por revelar seu segredo e são então personagens coerentes e translúcidos. Por exemplo, o herói dos livros de Peter Cheney não cessa de se espantar com os imprevisíveis caprichos das mulheres: nunca se pode adivinhar como vão conduzir-se, fazem abortar todos os cálculos; na verdade, logo que os motivos de seus atos são desvendados ao leitor, elas se apresentam como mecanismos muito simples: uma era espiã, outra ladra; por hábil que seja a intriga, há sempre uma chave e não poderia ser de outro modo, ainda que o autor tivesse todo o talento e toda a imaginação do mundo. O mistério nunca passa de uma miragem, dissipa-se quando se tenta apreendê-lo.

Vemos assim que o mito se explica em grande parte pelo uso que dele faz o homem. O mito da mulher é um luxo. Só pode surgir se o homem escapa à urgente imposição de suas necessidades; quanto mais as relações são concretamente vividas, menos se idealizam. O felá do antigo Egito, o camponês beduíno, o artesão da Idade Média, o operário contemporâneo têm, nas necessidades do trabalho e da pobreza, relações demasiado definidas com a mulher singular que é sua companheira para enfeitá-la como uma aura fasta ou nefasta. São as épocas e as classes a que se concedem os lazeres do sonho que erguem as estátuas negras ou brancas da feminilidade. Mas o luxo tem também uma utilidade. Tais sonhos são imperiosamente dirigidos por interesses. Por certo, em sua maior parte, os mitos têm raízes na atitude espontânea do homem para com sua própria existência e o mundo que o cerca: mas a superação da experiência em direção à Ideia transcendente foi deliberadamente operada pela sociedade patriarcal para fins de autojustificação; através dos mitos, ela impunha aos indivíduos suas leis e costumes de maneira sensível e por imagens; sob uma forma mítica é que o imperativo coletivo se insinuava em cada consciência. Por intermédio das religiões, das tradições, da linguagem, dos contos, das canções, do cinema, os mitos penetram até nas existências mais duramente jungidas às realidades materiais. Todos podem encontrar nesses mitos uma sublimação de suas modestas experiências: enganado por uma mulher amada, um declara que ela é uma matriz danada; outro, obcecado pela impotência viril, encara a mulher como a fêmea do louva-a-deus; outro ainda compraz-se em companhia de sua mulher e ei-la Harmonia, Repouso, Terra nutriz. O gosto a uma eternidade

barata, a um absoluto de bolso, que se observa na maioria dos homens, satisfaz-se com mito. A menor emoção, uma contrariedade tornam-se o reflexo de uma Ideia não temporal; essa ilusão lisonjeia agradavelmente a vaidade.

O mito é uma dessas armadilhas da falsa objetividade em que se lança temerariamente o espírito de gravidade. Trata-se, mais uma vez, de substituir a experiência vivida e os livres julgamentos que ela reclama por um ídolo imoto. A uma relação autêntica com um existente autônomo, o mito da Mulher substitui a contemplação imóvel de uma miragem. "Miragem! Miragem! É preciso matá-las porque não podemos apanhá-las; ou então tranquilizá-las, informá-las, dissipar-lhe o gosto pelas joias, fazer delas nossas companheiras iguais, nossas amigas íntimas, associadas neste mundo, vesti-las de outro modo, cortar-lhes os cabelos, dizer-lhes tudo...", exclama Laforgue. O homem nada teria a perder, muito pelo contrário, se renunciasse a fantasiar a mulher de símbolo. Os sonhos, quando são coletivos e dirigidos, são bem pobres e monótonos ao lado da realidade viva: para o verdadeiro sonhador, para o poeta, a realidade viva é uma fonte muito mais fecunda do que um maravilhoso puído. As épocas que mais amaram as mulheres não foram a do feudalismo cortês nem o galante século XIX: foram as épocas em que — como no século XVIII — os homens encararam as mulheres como semelhantes; é então que se apresentam como verdadeiramente romanescas: basta ler *Les Liaisons dangereuses, Le Rouge et le noir*, *Adeus às armas*, para percebê-lo. As heroínas de Laclos, Stendhal, Hemingway não têm mistério; nem por isso são menos atraentes. Reconhecer um ser humano na mulher não é empobrecer a experiência do homem: esta nada perderia de sua diversidade, de sua riqueza, de sua intensidade, se se assumisse em sua intersubjetividade; recusar os mitos não é destruir toda relação dramática entre os sexos, não é negar as significações que se revelam autenticamente ao homem através da realidade feminina; não é suprimir a poesia, o amor, a aventura, a felicidade, o sonho: é somente pedir que as condutas, os sentimentos, as paixões assentem na verdade.[231]

"A mulher se perde. Onde estão as mulheres? As mulheres de hoje não são mulheres", viu-se qual o sentido desses *slogans* misteriosos. Aos olhos dos homens — e da legião de mulheres que veem por esses olhos — não basta ter um corpo de mulher, nem assumir como amante, como mãe, a função de fêmea para ser "uma mulher de verdade"; através da sexualidade e da maternidade, o sujeito pode reivindicar sua autonomia; "a verdadeira mulher" é a que se aceita como Outro. Há na atitude dos homens de hoje uma duplicidade que cria na mulher um dilaceramento doloroso; eles aceitam em grande medida que a mulher seja uma semelhante, uma igual; e, no entanto, continuam a exigir que ela permaneça

o inessencial; para ela, esses dois destinos não são conciliáveis; ela hesita entre um e outro sem se adaptar exatamente a nenhum e daí sua falta de equilíbrio. No homem não há nenhum hiato entre a vida pública e a vida privada: quanto mais ele afirma seu domínio do mundo pela ação e pelo trabalho, mais se revela viril; nele, os valores humanos e os valores vitais se confundem; ao passo que os êxitos autônomos da mulher estão em contradição com sua feminilidade, porquanto se exige da "verdadeira mulher" que se torne objeto, que seja o Outro. É muito possível que, neste ponto, a sensibilidade e até a sexualidade do homem se modifiquem. Uma nova estética já nasceu. Se a moda dos bustos chatos e das ancas magras — da mulher-efebo — durou pouco, não se voltou contudo ao ideal opulento dos séculos passados. Pede-se ao corpo feminino que seja carne, mas discretamente; deve ser esbelto e não empapado de banha; com músculos, flexível e robusto, é preciso que indique a transcendência; preferem-no não branco como uma planta de estufa, mas tendo enfrentado o sol universal, tostado como um torso de trabalhador. Tornando-se prático, o vestido da mulher não a fez parecer assexuada: ao contrário, as saias curtas valorizaram mais do que outrora as pernas e as coxas. Não se compreende por que o trabalho a privaria de sua atração erótica. Possuir a mulher ao mesmo tempo como personagem social e como presa carnal pode ser perturbador: em uma série de desenhos de Peynet publicados recentemente,[232] via-se um jovem noivo abandonar a noiva porque era seduzido pela bela prefeita que se dispunha a celebrar o casamento. O fato de uma mulher exercer um "ofício viril" e ser ao mesmo tempo desejável foi durante muito tempo um tema de piadas mais ou menos livres. Pouco a pouco, o escândalo e a ironia se embotaram e parece que nova forma de erotismo está nascendo: talvez venha a engendrar novos mitos.

O que é certo é que hoje é muito difícil às mulheres assumirem concomitantemente sua condição de indivíduo autônomo e seu destino feminino; aí está a fonte dessas inépcias, dessas incompreen-sões que as levam, por vezes, a se considerar como um "sexo perdido". E, provavelmente, é mais confortável suportar uma escravidão cega que trabalhar para se libertar: os mortos também estão mais bem adaptados à terra do que os vivos. Como quer que seja, uma volta ao passado não é mais possível nem desejável. O que se deve esperar é que, por seu lado, os homens assumam sem reserva a situação que está surgindo; somente então a mulher poderá viver sem tragédia. Então poderá ver-se realizado o voto de Laforgue: "Ó moças, quando sereis nossos irmãos, nossos irmãos íntimos sem segunda intenção de exploração? Quando nos daremos o verdadeiro aperto de mãos?" Então "Mélusine não mais sob o peso da fatalidade desencadeada sobre

ela pelo homem só, Mélusine libertada...” reencontrará seu “equilíbrio humano”.[233] Então ela será plenamente um ser humano “quando se quebrar a escravidão infinita da mulher, quando ela viver por ela e para ela, o homem — até hoje abominável — tendo-lhe dado a alforria”.[234]

Volume 2
A experiência vivida

Introdução

AS mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de se ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. É, pois, necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo. Quando emprego as palavras "mulher" ou "feminino" não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: "no estado atual da educação e dos costumes." Não se trata aqui de enunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular.

primeira parte

Formação

1/**Infância**

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferençada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o Universo. O drama do nascimento e o do desmame desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos; têm elas os mesmos interesses, os mesmos prazeres; a sucção é, inicialmente, a fonte de suas sensações mais agradáveis; passam depois por uma fase anal em que tiram, das funções excretórias que lhe são comuns, as maiores satisfações; seu desenvolvimento genital é análogo; exploram o corpo com a mesma curiosidade e a mesma indiferença; do clitóris e do pênis tiram o mesmo prazer incerto; à medida que já se objetiva sua sensibilidade, voltam-se para a mãe: é a carne feminina, suave, lisa, elástica que suscita os desejos sexuais, e esses desejos são preensivos; é de uma maneira agressiva que a menina, como o menino, beija a mãe, acaricia-a, apalpa-a; têm o mesmo ciúme se nasce outra criança; manifestam-no da mesma maneira: cólera, amuo, distúrbios urinários; recorrem aos mesmos ardis para captar o amor dos adultos. Até os 12 anos a menina é tão robusta quanto os irmãos e manifesta as mesmas capacidades intelectuais; não há terreno em que lhe seja proibido rivalizar com eles. Se, bem antes da puberdade e, às vezes, mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na

vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada.

O mundo apresenta-se, a princípio, ao recém-nascido sob a figura de sensações imanentes; ele ainda se acha mergulhado no seio do Todo como no tempo em que habitava as trevas de um ventre; seja criado no seio ou na mamadeira, é envolto pelo calor da carne materna. Pouco a pouco, aprende a perceber os objetos como distintos de si: distingue-se deles; ao mesmo tempo, de modo mais ou menos brutal, desprende-se do corpo nutriz; por vezes reage a essa separação com uma crise violenta.[235] Em todo caso, é no momento em que ela se consuma — lá pela idade de seis meses mais ou menos — que a criança começa a manifestar em suas mímicas, que se tornam mais tarde verdadeiras exibições, o desejo de seduzir outrem. Por certo, essa atitude não é definida por uma escolha refletida; mas não é preciso *pensar* uma situação para *que ela exista.* De maneira imediata a criança de peito vive o drama original de todo existente, que é o drama de sua relação com o Outro. É na angústia que o homem sente seu abandono. Fugindo à sua liberdade, à sua subjetividade, ele gostaria de perder-se no seio do Todo: aí se encontra a origem de seus devaneios cósmicos e panteísticos, de seu desejo de esquecimento, de sono, de êxtase, de morte. Ele jamais consegue abolir seu eu separado: pelo menos deseja atingir a solidez do "em-si", ser petrificado em coisa; é, singularmente, quando imobilizado pelo olhar de outrem que se revela a si mesmo como um ser. É nessa perspectiva que cumpre interpretar as condutas da criança: sob uma forma carnal, ela descobre a finitude, a solidão, o abandono em um mundo estranho; tenta compensar essa catástrofe alienando sua existência numa imagem de que outrem justificará a realidade e o valor. Parece que é a partir do momento em que percebe sua imagem no espelho — momento que coincide com o do desmame — que ela começa a afirmar sua identidade:[236] seu eu se confunde com este reflexo, a tal ponto que só se forma ao se alienar. Desempenhe ou não o espelho propriamente dito um papel mais ou menos considerável, o certo é que a criança começa, por volta dos seis meses, a compreender as mímicas dos pais e a se apreender sob o olhar deles como um objeto. Ela já é um sujeito autônomo que se transcende para o mundo, mas é somente sob uma figura alienada que ela encontra a si mesma.

Quando cresce, a criança luta de duas maneiras contra o abandono original. Tenta negar a separação: aconchega-se nos braços da mãe, procura seu calor vivo, reclama suas carícias. Tenta fazer-se justificar pela aprovação de outrem. Os adultos se lhe afiguram deuses: têm o

poder de lhe conferir o ser. Sente a magia do olhar que a metamorfoseia ora em delicioso anjinho, ora em monstro. Esses dois modos de defesa não se excluem: ao contrário, se completam e se penetram. Quando a sedução alcança êxito, o sentimento de justificação encontra uma confirmação carnal nos beijos e nas carícias recebidos: é uma mesma passividade feliz que a criança conhece no colo da mãe e sob seu olhar benevolente. Não há, durante os três ou quatro primeiros anos, diferença entre a atitude das meninas e a dos meninos; tentam todos perpetuar o estado feliz que precedeu o desmame; neles como nelas encontramos condutas de sedução e de exibição: eles desejam tanto quanto elas agradar, provocar sorrisos, ser admirados.

É mais satisfatório negar o rompimento do que superá-lo, mais radical perder-se no coração do Todo do que se fazer petrificar pela consciência de outrem: a fusão carnal cria uma alienação mais profunda do que qualquer renúncia perante o olhar alheio. A sedução, a exibição representam uma fase mais complexa, menos fácil do que o simples abandono nos braços maternos. A magia do olhar adulto é caprichosa; a criança finge ser invisível, os pais entram no jogo, procuram-na às apalpadelas, riem e depois bruscamente declaram: "Você está nos aborrecendo, você não é invisível." Uma frase da criança divertiu, ela a repete; mas, dessa vez, dão de ombros. Neste mundo tão incerto, tão imprevisível quanto o universo de Kafka, tropeça-se a cada passo.[237] É por isso que tantas crianças têm medo de crescer; desesperam-se quando os pais deixam de sentá-las nos joelhos, de aceitá-las na cama; através da frustração física, sentem cada vez mais cruelmente o abandono de que o ser humano nunca toma consciência senão com angústia.

Nesse ponto é que as meninas vão parecer, a princípio, privilegiadas. Um segundo desmame, menos brutal, mais lento do que o primeiro, subtrai o corpo da mãe aos carinhos da criança; mas é principalmente aos meninos que se recusam pouco a pouco beijos e carícias; quanto à menina, continuam a acariciá-la, permitem-lhe que viva grudada às saias da mãe, no colo do pai que lhe faz festas; vestem-na com roupas macias como beijos, são indulgentes com suas lágrimas e seus caprichos, penteiam-na com cuidado, divertem-se com seus trejeitos e seus coquetismos; contatos carnais e olhares complacentes protegem-na contra a angústia da solidão. Ao menino, ao contrário, proíbe-se até o coquetismo; suas manobras sedutoras, suas comédias aborrecem. "Um homem não pede beijos... Um homem não se olha no espelho... Um homem

não chora", dizem-lhe. Querem que ele seja "um homenzinho"; é libertando-se dos adultos que ele conquistará sua aprovação. Agradará se não demonstrar que procura agradar.

Muitos meninos, assustados com a dura independência a que são condenados, almejam então ser meninas; nos tempos em que no início os vestiam como elas, era muitas vezes com lágrimas que abandonavam o vestido pelas calças, e viam seus cachos serem cortados. Alguns escolhem obstinadamente a feminilidade, o que é uma das maneiras de se orientar para o homossexualismo: "Desejei apaixonadamente ser menina, e levei a inconsciência da grandeza de ser homem até desejar urinar sentado", conta Maurice Sachs em *Le Sabbat.* Entretanto, se o menino se apresenta, a princípio, como menos favorecido do que as irmãs, é que lhe reservam maiores desígnios. As exigências a que o submetem implicam imediatamente uma valorização. Em suas recordações, Maurras conta que tinha ciúmes de um caçula que a mãe e a avó tratavam com mais carinho: o pai pegou-o pela mão e levou-o para fora do quarto: "Nós somos homens; deixemos aí essas mulheres", disse o pai. Persuadem a criança de que é por causa da superioridade dos meninos que exigem mais deles; para encorajá-lo no caminho difícil que é o seu, insuflam-lhe o orgulho da virilidade; essa noção abstrata se reveste para ele de um aspecto concreto: encarna-se no pênis; não é espontaneamente que sente orgulho de seu pequeno sexo indolente; sente-o através da atitude dos que o cercam. Mães e amas perpetuam a tradição que assimila o falo à ideia de macho; seja porque lhe reconhecem o prestígio na gratidão amorosa ou na submissão, seja porque constitua para elas um revide reencontrá-lo na criança sob uma forma humilhada, o fato é que tratam o pênis infantil com uma complacência singular. Rabelais nos relata as brincadeiras e as conversas das amas de Gargântua;[238] a história registrou as das amas de Luís XIII. Mulheres com menos pudor dão, entretanto, um apelido gentil ao sexo do menino e lhe falam dele como de uma pequena pessoa que é a um tempo ele próprio e um outro; fazem desse sexo, segundo a expressão já citada, "um *alter ego* geralmente mais esperto, mais inteligente e mais hábil do que o indivíduo".[239] Anatomicamente, o pênis presta-se muito bem a esse papel; separado do corpo, apresenta-se como um pequeno brinquedo natural, uma espécie de boneca. Valorizam, portanto, a criança valorizando-lhe o duplo. Um pai contava-me que um de seus filhos com a idade de três anos ainda urinava sentado; cercado de irmãs e primas, era uma criança tímida e triste; um dia o pai levou-o ao W.C. dizendo-lhe: "Vou lhe mostrar como

fazem os homens." A partir de então o menino, orgulhoso de urinar em pé, desprezou as meninas "que mijam por um buraco"; seu desdém provinha, originalmente, não do fato de carecerem de um órgão, mas sim do fato de não terem sido distinguidas e iniciadas pelo pai. Assim, longe de o pênis ser descoberto como um privilégio imediato de que o menino tiraria um sentimento de superioridade, sua valorização surge, ao contrário, como uma compensação — inventada pelos adultos e ardorosamente aceita pela criança — para as durezas do último desmame; deste modo, ela se acha defendida contra a saudade de não ser mais uma criança de peito, de não ser uma menina. Posteriormente, o menino encarnará em seu sexo sua transcendência e sua soberania orgulhosa.[240]

O destino da menina é muito diferente. Nem mães nem amas têm reverência e ternura por suas partes genitais; não chamam a atenção para esse órgão secreto de que só se vê o invólucro e que não se deixa pegar; em certo sentido, a menina não tem sexo. Não sente essa ausência como uma falha; seu corpo é evidentemente uma plenitude para ela, mas ela se acha situada no mundo de um modo diferente do menino e um conjunto de fatores pode transformar a seus olhos a diferença em inferioridade.

Há poucas questões mais discutidas pelos psicanalistas do que o famoso "complexo de castração" feminino. Em sua maioria, eles admitem hoje que o desejo de um pênis se apresenta, segundo os casos, de diferentes maneiras.[241] Primeiramente, há muitas meninas que ignoram, até idade avançada, a anatomia masculina. A criança aceita naturalmente que haja homens e mulheres como há um sol e uma lua: ela acredita em essências contidas nas palavras e sua curiosidade não é a princípio analítica. Para muitas outras, o pedacinho de carne que pende entre as pernas do menino é insignificante e até irrisório; é uma singularidade que se confunde com a das roupas e do penteado; é, muitas vezes, num irmãozinho recém-nascido que ela descobre essa singularidade e, "quando a menina é muito pequena", diz H. Deutsch, "não se impressiona com o pênis do irmãozinho"; e cita o exemplo de uma menina de 18 meses que permaneceu absolutamente indiferente à descoberta do pênis, e só lhe deu valor muito mais tarde, em relação às suas preocupações pessoais. Acontece mesmo que o pênis seja considerado uma anomalia: é uma excrescência, uma coisa vaga que pende como os quistos, as tetas, as verrugas; pode inspirar repugnância. Enfim, há casos numerosos em que a menina se interessa pelo pênis do irmão ou de

um colega, mas isso não significa que sinta uma inveja propriamente sexual e ainda menos que se sinta profundamente atingida pela ausência desse órgão; ela deseja apossar-se dele como almeja apossar-se de qualquer objeto; mas esse desejo pode permanecer superficial.

É certo que as funções excretórias, e particularmente as funções urinárias, interessam apaixonadamente as crianças: urinar na cama é muitas vezes um protesto contra a preferência demonstrada pelos pais por outro filho. Há países em que os homens urinam sentados e acontece que mulheres urinem de pé: isso é feito habitualmente por muitas camponesas; mas, na sociedade ocidental contemporânea, querem geralmente os costumes que elas se agachem, ficando os homens de pé. Essa diferença é para a menina a diferenciação sexual mais impressionante. Para urinar, ela precisa agachar-se, despir-se e, portanto, esconder-se: é uma servidão vergonhosa e incômoda. A vergonha aumenta nos casos frequentes em que sofre de emissões urinárias involuntárias, nos casos de ataques de riso, por exemplo; o controle é menos seguro nela do que nos meninos. Nestes, a função urinária apresenta-se como um jogo livre que tem a atração de todos os jogos em que se exerce a liberdade; o pênis se deixa manipular e através dele pode-se agir, o que constitui um dos interesses profundos da criança. Uma menina, vendo um menino urinar, declarou com admiração: "Como é cômodo".[242] O jato pode ser dirigido à vontade, a urina lançada longe: o menino aufere disso um sentimento de onipotência. Freud falou "da ambição ardente dos antigos diuréticos"; Stekel discutiu com bom senso essa fórmula, mas é verdade, como diz Karen Horney,[243] que "fantasias de onipotência, principalmente de caráter sádico, associam-se muitas vezes ao jato masculino de urina"; esses fantasmas que sobrevivem em alguns homens[244] são importantes na criança. Abraham fala do grande prazer "que as mulheres experimentam em regar o jardim com uma mangueira"; e creio, de acordo com as teorias de Sartre e Bachelard,[245] que não é necessariamente[246] a associação da mangueira ao pênis que é fonte desse prazer; todo jato de água se apresenta como um milagre, um desafio à gravidade: dirigi-lo, governá-lo é obter uma pequena vitória sobre as leis naturais. Em todo caso, há nisso, para o menino, um divertimento cotidiano que não está ao alcance de suas irmãs. Ele permite, além disso, principalmente no campo, estabelecer através do jato urinário múltiplas relações com as coisas: água, terra, espuma, neve etc. Há meninas que, para conhecer tais experiências, se deitam de costas e tentam fazer a urina "esguichar para cima", ou que se exercitam em urinar de pé. Segundo Karen

Horney, invejariam igualmente nos meninos a possibilidade de exibição que lhes é dada. E conta: "Uma doente exclamou subitamente, depois de ter visto na rua um homem urinando: Se pudesse pedir alguma coisa à Providência, seria poder urinar, uma única vez na vida, como um homem." Parece às meninas que o menino, tendo direito de bulir no pênis, pode servir-se dele como de um brinquedo, ao passo que os órgãos femininos são tabus. Que esse conjunto de fatores torne desejável a muitas delas a posse de um sexo masculino é um fato testemunhado por bom número de pesquisas e de confidências recolhidas por psiquiatras. Havelock Ellis[247] cita essas palavras de uma paciente que designa pelo nome de Zênia: "O ruído de um jato de água, sobretudo quando sai de uma longa mangueira, sempre foi muito excitante para mim, lembrando-me o jato de urina observado durante minha infância em meu irmão e mesmo em outras pessoas." Outra paciente, Mme R.S., conta que, quando criança, gostava de segurar o pênis de um coleguinha; um dia deram-lhe uma mangueira de jardim: "Pareceu-me delicioso segurá-la como se segurasse um pênis." Ela insiste no fato de que o pênis não tinha para ela nenhum sentido sexual; só sabia que servia para urinar. O caso mais interessante é o de Florrie, recolhido por Havelock Ellis (*Estudos de psicologia sexual,* t. 13) e analisado posteriormente por Stekel. Dou portanto aqui o relato minucioso do caso:

> Trata-se de uma mulher muito inteligente, artista, ativa, biologicamente normal e não invertida. Conta ela que a função urinária desempenhou papel importante em sua infância; brincava de jogos urinários com os irmãos e molhavam as mãos sem nenhuma repugnância: "Minhas primeiras concepções da superioridade dos homens relacionaram-se com os órgãos urinários. Ressentia-me da natureza por me ter privado de um órgão tão cômodo e tão decorativo. Nenhuma chaleira privada de seu bico jamais se achou tão miserável. Ninguém precisou insuflar em mim a teoria da predominância e da superioridade masculinas. Tinha uma prova constante diante dos olhos." Ela própria experimentava grande prazer em urinar no campo. "Nada se afigurava a ela comparável ao ruído encantador do jato sobre as folhas mortas em um recanto de bosque e ela observava a absorção. Mas o que mais a fascinava era urinar na água." É um prazer a que muitos meninos são sensíveis e há toda uma série de estampas pueris e vulgares que mostram meninos urinando em açudes ou regatos. Florrie queixa-se de que a forma de suas calças a impedia de se entregar às experiências que quisera tentar; muitas vezes durante os passeios no campo, acontecia de ela reter a urina o máximo possível e, bruscamente, aliviar-se de pé. "Recordo perfeitamente a sensação estranha e proibida desse prazer e também meu espanto de que o jato pudesse sair enquanto eu estivesse em pé." A seu ver, as formas das roupas infantis têm muita importância na psicologia da mulher em geral. "Não foi apenas para mim uma fonte de aborrecimentos ter de tirar minha calça e depois abaixar-me para não lhe sujar a frente. A parte de trás, que deve ser puxada e deixa as nádegas nuas, explica por que, em muitas

mulheres, o pudor situa-se atrás e não na frente. A primeira distinção sexual que se impôs a mim, na verdade, a grande diferença, foi verificar que os meninos urinavam de pé e as meninas, agachadas. Foi provavelmente assim que meus mais antigos sentimentos de pudor se associaram às minhas nádegas mais do que a meu púbis." Todas essas impressões assumiram, em Florrie, uma grande importância, porque o pai a chicoteava frequentemente até sangrar e uma governanta, certa vez, a surrara a fim de obrigá-la a urinar; ela era obcecada por sonhos e fantasias masoquistas em que se via açoitada por uma professora diante dos olhos de toda a escola e urinando, então, contra a vontade, "ideia que me causava uma sensação de prazer realmente curiosa". Aos 15 anos, aconteceu-lhe urinar de pé, numa rua deserta, premida por uma necessidade urgente. "Analisando minhas sensações, penso que a mais importante era a vergonha de estar em pé e o comprimento do trajeto que o jato deveria percorrer entre mim e a terra. Essa distância fazia disso algo importante e risível, ainda que o vestido o escondesse. Na atitude habitual havia um elemento de intimidade. Sendo criança, mesmo grande, o jato não podia percorrer um longo trajeto; mas, com 15 anos e alta, senti vergonha em pensar no comprimento do trajeto. Tenho certeza de que as senhoras às quais me referi,[248] que fugiram apavoradas do mictório moderno de Portsmouth, consideraram muito indecente para uma mulher ficar em pé e de pernas abertas, levantar as saias e projetar tão longo jato por baixo." Florrie recomeçou aos vinte anos a experiência e a repetiu, posteriormente, muitas vezes; sentia uma mistura de volúpia e de vergonha da ideia de que podia ser surpreendida, e de que seria impossível parar. "O jato parecia sair de mim sem meu consentimento e, *no entanto, causava-me maior prazer do que se o houvesse feito voluntariamente.*[249] Essa sensação curiosa de que é tirado de nós por algum poder invisível, que decidiu que o faríamos, é um prazer exclusivamente feminino e de um encanto sutil. Há um encanto agudo em sentir a torrente sair em virtude de uma força mais poderosa do que nós mesmas." Posteriormente, Florrie desenvolveu em si um erotismo flagelatório sempre acompanhado de obsessões urinárias.

Esse caso é muito interessante porque focaliza vários elementos da experiência infantil. Mas são evidentemente circunstâncias singulares que lhes conferem tão exagerada importância. Para as meninas normalmente educadas, o privilégio urinário do menino é coisa demasiado secundária para engendrar diretamente um sentimento de inferioridade. Os psicanalistas que supõem, segundo Freud, que a simples descoberta do pênis bastaria para engendrar um traumatismo, desconhecem profundamente a mentalidade infantil; esta é muito menos racional do que parecem imaginar; ela não estabelece categorias definitivas e não se embaraça com a contradição. Quando a menina, ainda muito pequena, declara ao ver um pênis: "Também tive um" ou "também terei um" ou até "também tenho um", não se trata de uma defesa de má-fé; a presença e a ausência não se excluem; a criança — como o provam seus desenhos — acredita muito menos no que *vê* com seus olhos do que nos *tipos* significativos que fixou de uma vez por todas: desenha muitas vezes sem

olhar e, em todo caso, só encontra em suas percepções o que nelas projeta. Saussure,[250] que insiste justamente neste ponto, cita esta importante observação de Luquet: "Uma vez reconhecido errado, o traçado é como inexistente, *a criança literalmente não mais o vê* como que hipnotizada pelo traçado novo que o substitui, da mesma maneira que não leva em conta as linhas que podem encontrar-se acidentalmente em seu papel." A anatomia masculina constitui uma forma forte que muitas vezes se impõe à menina; e *literalmente ela não vê mais* seu próprio corpo. Saussure cita o exemplo de uma menina de quatro anos que, tentando urinar como um menino por entre as barras de uma grade, dizia que desejava "um negocinho comprido que escorre". Afirmava ao mesmo tempo possuir um pênis e não o possuir, o que concorda com o pensamento por "participação" que Piaget descreveu nas crianças. A menina pensa de bom grado que todas as crianças nascem com um pênis, mas que, depois, os pais cortam alguns para criar meninas; essa ideia satisfaz o artificialismo da criança que, divinizando os pais, "concebe-os como a causa de tudo o que ela possui", diz Piaget. Não vê a princípio uma punição na castração. Para que esta assuma um caráter de frustração, é preciso que a menina já se ache, por uma razão qualquer, descontente com sua situação. Como justamente observa H. Deutsch, um acontecimento exterior, como a visão de um pênis, não poderia comandar um desenvolvimento interno: "A visão do órgão masculino pode ter um efeito traumático, mas somente com a condição de que tenha sido precedida por uma série de experiências anteriores, suscetíveis de provocar esse efeito." A menina projetará sua insatisfação no órgão masculino se se sentir, por exemplo, incapaz de realizar seus desejos de masturbação ou exibição, se seus pais reprimirem seu onanismo, se ela tiver a impressão de ser menos querida, menos estimada do que seus irmãos. "A descoberta, feita pela menina, da diferença anatômica com o menino é a confirmação de uma necessidade que sentiu anteriormente, sua racionalização, por assim dizer."[251] E Adler insistiu justamente no fato de que é a valorização efetuada pelos pais e pelo ambiente que dá ao menino o prestígio de que o pênis se torna a explicação e o símbolo, aos olhos da menina. Consideram o irmão superior; ele próprio orgulha-se de sua virilidade; ela o inveja então e sente-se frustrada. Por vezes, é tomada de rancor contra a mãe, mais raramente contra o pai; ou então acusa a si própria de se ter mutilado, ou consola-se pensando que o pênis se acha escondido dentro de seu corpo e que um dia aparecerá.

É certo que a ausência do pênis desempenhará um papel importante no destino da menina, ainda que ela não inveje seriamente a posse dele. O grande privilégio que o menino aufere disso é o fato de que, dotado de um órgão que se mostra e pode ser pegado, tem a possibilidade de alienar-se nele ao menos parcialmente. Os mistérios de seu corpo, suas ameaças, ele os projeta fora de si, o que lhe permite mantê-los à distância: sem dúvida, sente-se em perigo com seu pênis, teme a castração, mas é um medo mais fácil de dominar do que o temor difuso da menina em relação a seus "interiores", temor que amiúde se perpetua através de toda a sua vida de mulher. Ela tem uma grande preocupação por tudo o que ocorre dentro dela; é desde o início muito mais opaca a seus próprios olhos, mais profundamente assaltada pelo mistério perturbador da vida do que o homem. Possuindo um *alter ego* em que se reconhece, o menino pode ousadamente assumir sua subjetividade; o próprio objeto em que se aliena torna-se um símbolo de autonomia, de transcendência, de poder: o menino mede o comprimento de seu pênis, compara com os colegas a força do jato urinário; mais tarde, a ereção e a ejaculação são fontes de satisfação e desafio. A menina, entretanto, não pode encarnar-se em nenhuma parte de si mesma. Em compensação, põem-lhe nas mãos, a fim de que desempenhe junto dela o papel de *alter ego*, um objeto estranho: uma boneca. Cumpre notar que também é chamada de *poupée* (boneca) a atadura com que se envolve um dedo ferido: um dedo vestido, separado, é olhado com alegria e uma espécie de orgulho, a criança esboça com ele o processo de alienação. Mas é um boneco com cara humana — ou, em sua falta, um sabugo de milho ou um simples pedaço de pau — que substitui de maneira mais satisfatória esse duplo, esse brinquedo natural que é o pênis.

A grande diferença está em que, de um lado, a boneca representa um corpo na sua totalidade e, de outro, é uma coisa passiva. Por isso, a menina será encorajada a alienar-se em sua pessoa por inteiro e a considerá-la um dado inerte. Ao passo que o menino procura a si próprio no pênis enquanto sujeito autônomo, a menina embala sua boneca e enfeita-a como aspira a ser enfeitada e embalada; inversamente, ela pensa a si mesma como uma maravilhosa boneca.[252] Por meio de cumprimentos e censuras, de imagens e palavras, ela descobre o sentido das palavras "bonita" e "feia"; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser "bonita como uma imagem"; ela procura assemelhar-se a uma imagem, fantasia-se, olha-se no espelho, compara-se às princesas e às fadas dos contos. Um exemplo impressionante desse coquetismo infantil nos é fornecido por Maria Bashkirtseff. Não é por certo um acaso se, tardiamente

desmamada — tinha três anos e meio — experimentou tão fortemente, por volta de 4 a 5 anos, a necessidade de ser admirada, de existir para outrem; o choque deve ter sido violento numa criança mais madura e ela deve ter procurado com mais paixão vencer a separação infligida: "Com cinco anos, escreve ela em seu diário, eu me vestia com rendas da mamãe, flores nos cabelos e ia dançar no salão. Era a grande dançarina Patipa e toda a casa ali estava *para me olhar...*"

Esse narcisismo aparece tão precocemente na menina, desempenha em sua vida de mulher um papel tão primordial, que pode ser considerado como emanação de um misterioso instinto feminino. Mas acabamos de ver que, na verdade, não é um destino anatômico que dita sua atitude. A diferença que a distingue dos meninos é um fato que ela poderia assumir de muitas maneiras. O pênis constitui certamente um privilégio, mas cujo preço naturalmente diminui quando a criança se desinteressa de suas funções excretórias e se socializa; se ainda o conserva a seus olhos, depois da idade de oito a nove anos, é porque se tornou o símbolo de uma virilidade que é socialmente valorizada. Em verdade, a influência da educação e do ambiente é aqui imensa. Todas as crianças tentam compensar a separação do desmame através de condutas de sedução e de exibição; ao menino obrigam a ultrapassar essa fase, libertam-no de seu narcisismo fixando-o no pênis; ao passo que a menina é confirmada na tendência de se fazer objeto, que é comum a todas as crianças. A boneca ajuda-a, mas não desempenha tampouco um papel determinante; o menino pode também querer bem a um urso, um polichinelo, nos quais se projeta; é na forma global de suas vidas que cada elemento — pênis, boneca — assume sua importância.

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher "feminina" é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. A imensa sorte do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se para si. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se em rudeza e em independência com os outros meninos, despreza as meninas. Subindo nas árvores, brigando com os colegas, enfrentando-os em jogos violentos, ele apreende seu corpo como um meio de dominar a natureza e um instrumento de luta; orgulha-se de seus músculos como de seu sexo; através de jogos, esportes, lutas, desafios, provas, encontra um emprego equilibrado para suas forças; ao mesmo tempo conhece as lições severas da

violência; aprende a receber pancada, a desdenhar a dor, a recusar as lágrimas da primeira infância. Empreende, inventa, ousa. Sem dúvida, experimenta-se também como "para outrem", põe em questão sua virilidade, do que decorrem, em relação aos adultos e a outros colegas, muitos problemas. Porém, o mais importante é que não há oposição fundamental entre a preocupação dessa figura objetiva, que é a sua, e sua vontade de se afirmar em projetos concretos. É fazendo que ele se faz ser, num só movimento. Ao contrário, na mulher há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e seu "ser-outro"; ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino. É o que acontece, por vezes, quando lhe dão uma formação viril; muitos problemas então lhe são poupados.[253] É interessante observar que é um gênero de educação que o pai de bom grado dá à filha; as mulheres educadas por um homem escapam, em grande parte, às taras da feminilidade. Mas os costumes opõem-se a que as meninas sejam tratadas exatamente como meninos. Conheci numa aldeia meninas de três a quatro anos que o pai obrigava a usar calças; todas as crianças perseguiam-nas: "São meninas ou meninos?", procurando verificar; a tal ponto que elas suplicavam que lhes pusessem vestidos. A não ser que levem uma vida muito solitária, mesmo quando os pais autorizam maneiras masculinas, os que cercam a menina, suas amigas, seus professores sentem-se chocados. Haverá sempre tias, avós, primas para contrabalançar a influência do pai. Normalmente, o papel deste em relação às filhas é secundário. Uma das maldições que pesam sobre a mulher — Michelet assinalou-a justamente — está em que, em sua infância, ela é abandonada nas mãos das mulheres. O menino também é, a princípio, educado pela mãe; mas ela respeita sua virilidade e ele lhe escapa desde logo;[254] ao passo que ela almeja integrar a filha no mundo feminino.

Veremos adiante quanto são complexas as relações entre mãe e filha; a filha é para a mãe ao mesmo tempo seu duplo e uma outra, ao mesmo tempo a mãe a adora imperiosamente e lhe é hostil; impõe à criança seu próprio destino: é uma maneira de reivindicar orgulhosamente sua própria feminilidade e também uma

maneira de se vingar desta. Encontra-se o mesmo processo entre os pederastas, os jogadores, os viciados em entorpecentes, entre todos os que se vangloriam de pertencer a uma determinada confraria e com isso se sentem humilhados: tentam conquistar adeptos com ardente proselitismo. Do mesmo modo, as mulheres, quando é confiada a elas uma menina, buscam, com um zelo em que a arrogância se mistura ao rancor, transformá-la em uma mulher semelhante a si próprias. E até uma mãe generosa, que deseja sinceramente o bem da criança, pensará em geral que é mais prudente fazer dela uma "mulher de verdade", porquanto assim é que a sociedade a acolherá mais facilmente. Dão à menina por amigas outras meninas, entregam-na a professoras, ela vive entre matronas como no tempo do gineceu, escolhem para ela livros e jogos que a iniciem em seu destino, insuflam-lhe tesouros de sabedoria feminina, propõem-lhe virtudes femininas, ensinam-lhe a cozinhar, a costurar, a cuidar da casa ao mesmo tempo que da toalete, da arte de seduzir, do pudor; vestem-na com roupas incômodas e preciosas das quais precisa cuidar, penteiam-na de maneira complicada, impõem-lhe regras de comportamento: "Endireite o corpo, não ande como uma pata." Para ser graciosa, ela deverá reprimir seus movimentos espontâneos; pedem-lhe que não tome atitudes de menino, proíbem-lhe exercícios violentos, brigas: em suma, a menina é incitada a tornar-se, como as mais velhas, uma serva e um ídolo. Hoje, graças às conquistas do feminismo, torna-se dia a dia mais normal encorajá-la a estudar, a praticar esporte; mas perdoam-lhe mais facilmente do que ao menino o fato de fracassar; tornam-lhe mais difícil o êxito, exigindo dela outro tipo de realização: querem, pelo menos, que ela seja *também* uma mulher, que não *perca* sua feminilidade.

Nos primeiros anos, ela se resigna sem grande dificuldade a esta sorte. A criança se move no plano do jogo e do sonho: brinca de ser, de fazer; fazer e ser não se distinguem nitidamente quando se trata de realizações imaginárias. A menina pode compensar a superioridade atual do menino mediante as promessas contidas em seu destino de mulher e que, já nesse momento, realiza em seus jogos. Como ela apenas conhece seu universo infantil, a mãe lhe parece, a princípio, dotada de maior autoridade do que o pai; ela imagina o mundo como uma espécie de matriarcado; imita a mãe, identifica-se com ela; muitas vezes até inverte os papéis: "Quando eu for grande e você pequena", diz de bom grado. A boneca não é somente seu duplo: é também seu filho, funções que não se excluem porque a criança verdadeira é também para a mãe um *alter ego*; quando ralha, pune e depois consola a boneca, ela se defende contra a mãe e ao mesmo tempo assume a dignidade de mãe: resume os dois

elementos do casal; faz confidências à boneca, educa-a, afirma sobre ela sua autoridade soberana, por vezes mesmo arranca-lhe os braços, bate nela, tortura-a: isso significa que realiza através dela a experiência da afirmação subjetiva e da alienação. Muitas vezes, a mãe associa-se a essa vida imaginária: a criança brinca de pai com a boneca e de mãe com a mãe, é um casal de que se exclui o homem. Não há nisso nenhum "instinto materno" inato e misterioso. A menina constata que o cuidado das crianças cabe à mãe, é o que lhe ensinam; relatos ouvidos, livros lidos, toda a sua pequena experiência o confirma; encorajam-na a encantar-se com essas riquezas futuras, dão-lhe bonecas para que tais riquezas assumam desde logo um aspecto tangível. Sua "vocação" é imperiosamente ditada a ela. Pelo fato de a criança lhe ser apresentada como seu quinhão, pelo fato também de se interessar mais do que o menino pelos seus "interiores", a menina mostra-se mais particularmente curiosa em relação ao mistério da procriação; ela deixa rapidamente de acreditar que os bebês nascem nos repolhos ou são trazidos por cegonhas; principalmente nos casos em que a mãe lhe dá irmãos ou irmãs, logo aprende que os filhos se formam no ventre materno. Aliás, os pais de hoje cercam a coisa de menos mistério do que os pais de outrora; com essa revelação a menina se maravilha mais do que se atemoriza porque o fenômeno tem para ela algo mágico; ela não apreende ainda todas as implicações fisiológicas. Ignora primeiramente o papel do pai e supõe que é absorvendo certos alimentos que a mulher fica grávida, o que é tema lendário (veem-se rainhas de contos dar à luz uma menina ou um belo menino depois de terem comido certo fruto ou certo peixe) e que leva mais tarde algumas mulheres à ideia de uma ligação entre a gestação e o sistema digestivo. O conjunto desses problemas e dessas descobertas absorve grande parte dos interesses da menina e alimenta sua imaginação. Citarei como típico o exemplo escolhido por Jung[255] e que apresenta notáveis analogias com o do pequeno Hans que Freud analisou mais ou menos na mesma época:

Foi por volta dos três anos que Ana começou a interrogar seus pais acerca da origem dos recém-nascidos; tendo ouvido dizer que eram "anjinhos", pareceu primeiramente imaginar que, quando as pessoas morrem, vão para o céu e reencarnam sob a forma de bebês. Aos quatro anos, teve um irmãozinho; não parecera ter observado a gravidez da mãe, mas quando a viu deitada no dia seguinte ao parto, olhou-a com embaraço e desconfiança e acabou perguntando: "Você não vai morrer?" Mandaram-na passar algum tempo na casa da avó; na volta, uma *nurse* achava-se instalada junto ao leito;

ela detestou-a de início, depois divertiu-se brincando de enfermeira; teve ciúmes do irmão: escarnecia, contava histórias para si mesma, desobedecia e ameaçava voltar para a casa da avó; acusava muitas vezes a mãe de não dizer a verdade porque suspeitava que ela havia mentido acerca do nascimento da criança; sentindo obscuramente que havia uma diferença entre "ter" um filho como *nurse* e como mãe, perguntava a esta: "Ficarei um dia uma mulher como você?" Adquiriu o hábito de chamar os pais aos berros durante a noite; e como falavam muito, perto dela, do tremor de terra de Messina, transformou isso num pretexto para suas angústias, fazendo continuamente perguntas a respeito. Um dia, pôs-se a indagar à queima-roupa: "Por que Sofia é mais nova do que eu? Onde se encontrava Fritz antes de nascer? Estava no céu? O que fazia lá? Por que é que só agora desceu?" A mãe acabou lhe explicando que o irmãozinho crescera em sua barriga como as plantas na terra. Ana pareceu encantada com essa ideia. Depois perguntou: "Saiu sozinho? — Saiu. — Mas como, se ele não anda? — Saiu rastejando. — Então tem um buraco aqui? (mostrou o peito) ou saiu pela boca?" Sem aguardar a resposta, declarou que sabia muito bem que fora a cegonha que o trouxera; mas à noite disse repentinamente: "Meu irmão[256] está na Itália; ele tem uma casa de pano e de vidro que não pode desmoronar"; e deixou de se interessar pelo terremoto e de pedir para ver fotografias da erupção. Falava ainda muito das cegonhas com suas bonecas, mas sem convicção. Muito breve, entretanto, teve novas curiosidades. Tendo visto o pai na cama, disse: "Por que você está de cama? Você tem também uma planta na barriga?" Contou um sonho; sonhara com sua arca de Noé: "E embaixo havia uma tampa que se abria e todos os animais caíam pela abertura"; na realidade, sua arca de Noé abria-se pelo teto. Nessa época, teve novamente pesadelos: podia-se adivinhar que se interrogava acerca do papel do pai. Uma senhora grávida veio visitar sua mãe, e esta no dia seguinte viu Ana colocar uma boneca sob as saias, retirá-la devagar, de cabeça para baixo, dizendo: "Está vendo, o menininho que sai já está quase todo para fora." Tempos depois, comendo uma laranja, disse: "Quero engoli-la e fazê-la descer até bem embaixo da minha barriga, então terei um filho." Certa manhã, estando o pai no banheiro, ela pulou na cama, estendeu-se de bruços e agitou as pernas dizendo: "Não é assim que papai faz?" Durante cinco meses pareceu abandonar suas preocupações; depois passou a manifestar certa desconfiança contra o pai: pensou que ele quisera afogá-la etc. Um dia em que se divertia enfiando sementes na terra sob o olhar do jardineiro perguntou ao pai: "Os olhos foram

plantados na cabeça? E os cabelos?" O pai explicou que já existiam em germe no corpo da criança antes de se desenvolver. Então ela perguntou: "Mas como foi que o pequeno Fritz entrou na mamãe? Quem o plantou no corpo dela? E você, quem foi que plantou você em sua mamãe? E por onde foi que o Fritz saiu?" O pai disse então, sorrindo: "Que é que você acha?" Então ela designou os órgãos sexuais: "Saiu por aqui? — Isso mesmo. — Mas como foi que entrou na mamãe? Plantaram a semente ali?" Então o pai explicou que era o pai quem dava a semente. Ela pareceu inteiramente satisfeita e no dia seguinte buliu com a mãe: "Papai me contou que o Fritz era um anjinho e que foi a cegonha quem o trouxe." Mostrou-se desde então muito mais calma do que antes; teve, entretanto, um sonho em que via jardineiros urinando e entre eles o pai; sonhou também, depois de ver o jardineiro passar a plaina numa gaveta, que ele aplainava os órgãos genitais; estava evidentemente preocupada em conhecer o papel exato do pai. Parece que, mais ou menos instruída de tudo por volta dos cinco anos, não sentiu posteriormente nenhuma perturbação.

A história é característica, embora frequentemente a menina se interrogue menos precisamente acerca do papel do pai e, a esse respeito, os pais se mostrem muito evasivos. Muitas meninas escondem travesseiros sob o avental para brincar de mulher grávida, ou passeiam a boneca nas pregas do saiote e a deixam cair no berço, dão-lhe o seio. Os meninos, como as meninas, admiram o mistério da maternidade; todas as crianças têm uma imaginação "em profundidade" que as faz pressentir riquezas secretas no interior das coisas; todas são sensíveis ao milagre dos "encaixes", bonecas que encerram outras menores, caixas contendo outras caixas, ornatos que se reproduzem sob formas reduzidas; todas se encantam quando a seus olhos se desfolha um botão, quando se mostra o pintinho na casca do ovo, ou quando se desdobra, numa bacia com água, a surpresa das "flores japonesas". É o menininho abrindo um ovo de Páscoa cheio de ovinhos de açúcar que exclama extasiado: "Oh! uma mamãe!" Fazer sair uma criança do ventre é bonito como um truque de mágica. A mãe surge como que dotada da força mirífica das fadas. Muitos meninos desolam-se com o fato de um tal privilégio lhes ser recusado; mais tarde, se tiram ovos dos ninhos, esmagam plantinhas com os pés, destroem em torno de si a vida com uma espécie de raiva é porque se vingam de não ser capazes de fazê-la desabrochar, ao passo que a menina se encanta com poder criá-la um dia.

Além dessa esperança que a boneca concretiza, a vida caseira fornece também à menina possibilidade de afirmação. Grande parte do trabalho doméstico pode ser realizado por criança muito pequena; habitualmente os meninos são dispensados; mas permite-se, pede-se mesmo à irmã, que varra, tire o pó, descasque os legumes, lave um recém-nascido, tome conta da sopa. A irmã mais velha, em particular, é assim geralmente associada às tarefas maternas. Por comodidade, hostilidade ou sadismo, a mãe descarrega nela boa parte de suas funções; ela é então precocemente integrada no universo da seriedade; o sentido de sua importância a ajudará a assumir sua feminilidade, mas a gratuidade feliz, a despreocupação infantil são-lhe recusadas. Mulher antes da idade, ela conhece cedo demais os limites que essa especificação impõe ao ser humano; chega adulta à adolescência, o que dá à sua história um caráter singular. A menina sobrecarregada de tarefas pode ser prematuramente escrava, condenada a uma existência sem alegria. Mas se só lhe pedem um esforço ao seu alcance, ela experimenta o orgulho de ser eficiente como um adulto e regozija-se de ser solidária com as "pessoas grandes". Essa solidariedade é possível pelo fato de não haver entre a menina e a dona de casa uma distância considerável. Um homem especializado em seu ofício acha-se separado da fase infantil por anos de aprendizado; as atividades paternas são profundamente misteriosas para o menino; neste, mal se esboça o homem que será mais tarde. Ao contrário, as atividades da mãe são acessíveis à menina; "já é uma mulherzinha", dizem os pais; e julga-se por vezes que ela é mais precoce do que o menino: na verdade, se se acha mais próxima da fase adulta é porque esta fase permanece mais infantil na maioria das mulheres. O fato é que ela se sente precoce, que se sente lisonjeada por desempenhar junto dos irmãos mais jovens o papel de "mãezinha"; torna-se facilmente importante, fala sensatamente, dá ordens, assume ar de superioridade sobre os irmãos encerrados no círculo infantil, fala com a mãe em pé de igualdade.

Apesar dessas compensações, não aceita sem lamento o destino que lhe é apontado; crescendo, inveja a virilidade dos rapazes. Acontece que pais e avós escondem mal que teriam preferido um homem a uma mulher; ou demonstram maior afeição pelo irmão do que pela irmã: inquéritos provaram que os pais, em sua maioria, preferem ter filhos a ter filhas. Falam aos meninos com mais gravidade, mais estima, reconhecem-lhes mais direitos; os próprios meninos tratam as meninas com desprezo; brincam entre si, não admitem meninas em seus grupos, insultam-nas: entre outros insultos chamam-nas "mijonas", reavivando com tais palavras a secreta humilhação

infantil da menina. Na França, nas escolas mistas, a casta dos meninos oprime e persegue deliberadamente a das meninas. Entretanto, se estas querem entrar em competição com eles, bater-se com eles, censuram-nas. Elas invejam duplamente as atividades pelas quais os meninos se singularizam: elas sentem um desejo espontâneo de afirmar seu poder sobre o mundo e protestam contra a situação inferior à qual são condenadas. Sofrem, entre outras coisas, a proibição de subir nas árvores, nas escadas, nos telhados. Adler observa que as noções de alto e baixo têm grande importância, a ideia de elevação espacial implicando uma superioridade espiritual, como se vê através de numerosos mitos heroicos; atingir um cume, um pico, é emergir para além do mundo dado, como sujeito soberano; é entre meninos um pretexto frequente de desafio. A menina a quem essas proezas são proibidas e que, sentada ao pé de uma árvore ou de um rochedo, vê acima dela os meninos triunfantes, sente-se inferior de corpo e alma. Do mesmo modo, se é deixada *para trás* numa corrida ou numa prova de salto, se é jogada no *chão* numa briga, ou simplesmente mantida à margem.

Quanto mais a criança amadurece, mais seu universo se amplia e mais a superioridade masculina se afirma. Muitas vezes, a identificação com a mãe não mais se apresenta como solução satisfatória; se a menina aceita, a princípio, sua vocação feminina, não o faz porque pretenda abdicar: é, ao contrário, para reinar; ela quer ser matrona porque a sociedade das matronas parece-lhe privilegiada; mas quando suas frequentações, seus estudos, seus jogos e suas leituras a arrancam do círculo materno, ela compreende que não são as mulheres e sim os homens os senhores do mundo. É essa revelação — muito mais do que a descoberta do pênis — que modifica imperiosamente a consciência que ela toma de si mesma.

A hierarquia dos sexos manifesta-se a ela primeiramente na experiência familiar; compreende pouco a pouco que, se a autoridade do pai não é a que se faz sentir mais cotidianamente, é entretanto a mais soberana; reveste-se ainda de mais brilho pelo fato de não ser comprometida; mesmo se, na realidade, é a mulher que reina soberanamente em casa, tem ela, em geral, a habilidade de pôr à frente a vontade do pai; nos momentos importantes é em nome dele que ela exige, recompensa ou pune. A vida do pai é cercada de um prestígio misterioso: as horas que passa em casa, o cômodo em que trabalha, os objetos que o cercam, suas ocupações e manias têm um caráter sagrado. Ele é quem alimenta a família, é o responsável e o chefe. Habitualmente trabalha fora e é por intermédio dele que a casa se comunica com o restante

do mundo: ele é a encarnação desse mundo aventuroso, imenso, difícil, maravilhoso; ele é a transcendência, ele é Deus.[257] É o que experimenta carnalmente a criança na força dos braços que a levantam, na força do corpo no qual se aninha. Por ele a mãe é destronada como outrora Ísis pelo deus Rá e a Terra pelo Sol. Mas a situação da criança é, então, profundamente mudada: é chamada a tornar-se um dia uma mulher semelhante a sua mãe todo-poderosa — nunca será o pai soberano; o laço que a ligava à mãe era uma emulação ativa. Do pai ela só pode esperar passivamente uma valorização. O menino apreende a superioridade paterna através de um sentimento de rivalidade: ao passo que a menina a sofre com uma admiração impotente. Já disse que isso que Freud chama complexo de Electra não é, como ele pretende, um desejo sexual; é uma abdicação profunda do indivíduo que consente em ser objeto na submissão e na adoração. Se o pai demonstra ternura pela filha, esta sente a existência magnificamente justificada; sente-se dotada de todos os méritos que as outras procuram adquirir com dificuldade; sente-se satisfeita e divinizada. É possível que durante toda a sua vida volte a procurar, com nostalgia, essa plenitude e essa paz. Se esse amor lhe é recusado, pode sentir-se para sempre culpada e condenada, ou buscar em outros lugares uma valorização de si e tornar-se indiferente ao pai, e até hostil. O pai não é, de resto, o único a deter as chaves do mundo; todos os homens participam normalmente do prestígio viril; não há como considerá-los "substitutos" do pai. É imediatamente na qualidade de homens que avôs, irmãos mais velhos, tios, pais das colegas, amigos da casa, professores, padres, médicos fascinam a menina. A consideração comovida que as mulheres adultas testemunham ao Homem bastaria para colocá-lo num pedestal.[258]

Tudo contribui para confirmar essa hierarquia aos olhos da menina. Sua cultura histórica, literária, as canções, as lendas com que a embalam são uma exaltação do homem. São os homens que fizeram a Grécia, o Império Romano, a França e todas as nações, que descobriram a Terra e inventaram os instrumentos que permitem explorá-la, que a governaram, que a povoaram de estátuas, de quadros e de livros. A literatura infantil, a mitologia, contos, narrativas, refletem os mitos criados pelo orgulho e os desejos dos homens: é através de olhos masculinos que a menina explora o mundo e nele decifra seu destino. A superioridade masculina é esmagadora: Perseu, Hércules, Davi, Aquiles, Lancelot, Duguesclin, Bayard, Napoleão, quantos homens para uma Joana d'Arc; e, por trás desta, perfila-se a grande

figura masculina de são Miguel Arcanjo! Nada mais tedioso do que os livros que traçam vidas de mulheres ilustres: são pálidas figuras ao lado das dos grandes homens; e em sua maioria banham-se na sombra de algum herói masculino. Eva não foi criada para si mesma e sim como companheira de Adão, e de uma costela dele; na Bíblia há poucas mulheres cujas ações sejam notáveis: Rute não fez outra coisa senão encontrar um marido. Ester obteve a graça dos judeus ajoelhando-se diante de Assuero, e ainda assim não passava de um instrumento dócil nas mãos de Mardoqueu; Judite teve mais ousadia, mas ela também obedecia aos sacerdotes e sua proeza tem um vago sabor equívoco: não se poderia compará-la ao triunfo puro e brilhante do jovem Davi. As deusas da mitologia são frívolas ou caprichosas e todas tremem diante de Júpiter; enquanto Prometeu rouba soberbamente o fogo do céu, Pandora abre a caixa das desgraças. Há, é certo, algumas feiticeiras, algumas mulheres velhas que exercem nos contos um poder temível. Entre outras, no *Jardim do Paraíso* de Andersen, a figura da Mãe dos ventos lembra a Grande Deusa primitiva: seus quatro enormes filhos obedecem-lhe tremendo, ela os surra e os encerra em sacos quando se conduzem mal. Mas tais personagens não são atraentes. Mais poderosas são as fadas, as sereias, as ondinas que escapam ao domínio do homem. Sua existência é incerta, porém, e apenas individualizada; elas intervêm no mundo humano sem ter destino próprio: a partir do dia em que se torna mulher, a pequena sereia de Andersen conhece o jugo do amor e o sofrimento passa a ser seu quinhão. Nas narrativas contemporâneas, como nas lendas antigas, o homem é o herói privilegiado. Os livros de Mme de Ségur são uma curiosa exceção: descrevem uma sociedade matriarcal em que o marido, quando não está ausente, desempenha um papel ridículo; mas de costume a imagem do pai é, como no mundo real, aureolada de glória. É sob a égide do pai divinizado pela ausência que se desenrolam os dramas femininos de *Little Women*. Nos romances de aventura são os meninos que fazem a volta ao mundo, que viajam como marinheiros nos navios, que se alimentam na floresta com a fruta-pão. Todos os acontecimentos importantes ocorrem por intermédio dos homens. A realidade confirma esses romances e essas lendas. Se a menina lê os jornais, se ouve a conversa dos adultos, constata que hoje, como outrora, os homens dirigem o mundo. Os chefes de Estado, os generais, os exploradores, os músicos, os pintores que ela admira são homens; são homens que fazem seu coração bater de entusiasmo.

Esse prestígio reflete-se no mundo sobrenatural. Geral-mente, em virtude do papel que a religião assume na vida das mulheres, a menina, mais dominada pela mãe do que o irmão, sofre mais, igualmente, as influências religiosas. Ora, nas religiões ocidentais, Deus Pai é um homem, um ancião dotado de um atributo especificamente viril: uma opulenta barba branca.[259] Para os cristãos, Cristo é mais concretamente ainda um homem de carne e osso e de longa barba loura. Os anjos, segundo os teólogos, não têm sexo, mas têm nomes masculinos e manifestam-se sob a forma de belos jovens. Os emissários de Deus na Terra: o papa, os bispos de quem se beija o anel, o padre que diz a missa, o que prega, aquele perante o qual se ajoelham no segredo do confessionário, são homens. Para uma menina piedosa, as relações com o pai eterno são análogas às que ela mantém com o pai terrestre; como se desenvolvem no plano do imaginário, ela experimenta até uma abdicação mais completa. A religião católica, entre outras, exerce sobre ela a mais perturbadora das influências.[260] A Virgem acolhe de joelhos as palavras do anjo: "Sou a *serva* do Senhor", responde. Maria Madalena prostra-se aos pés de Cristo e os enxuga com seus longos cabelos de mulher. As santas declaram de joelhos seu amor ao Cristo radioso. De joelhos no odor do incenso, a criança abandona-se ao olhar de Deus e dos anjos: um olhar de homem. Insistiu-se muitas vezes a respeito das analogias entre a linguagem erótica e a linguagem mística como as citam as mulheres. Assim é, por exemplo, que santa Teresa do Menino Jesus escreve:

Ó meu Bem Amado, por teu amor aceito não ver nesta terra a doçura de teu olhar, não sentir o inexprimível beijo de tua boca, mas suplico-te que me abrases com teu amor...

Meu bem Amado, de teu sorriso
faze-me logo entrever a doçura.
Ah! deixa-me em meu ardente delírio,
Sim, deixa esconder-me em teu coração![261]

Quero ser fascinada por teu olhar divino, quero tornar-me a presa de teu amor. Um dia, tenho a esperança, cairás impetuosamente sobre mim transportando-me para o lume do amor, tu me imergirás, enfim, nesse ardente abismo a fim de fazer de mim, e para sempre, a sua feliz vítima.

Mas disso não se deve concluir que essas efusões sejam sempre sexuais; quando a sexualidade feminina se desenvolve, vê-se antes tomada pelo sentimento religioso que a mulher votou ao homem desde a infância. É verdade que a menina conhece junto do confessor, e até ao pé do altar deserto, uma sensação muito próxima da que experimentará mais tarde nos braços de seu amante: é que o amor feminino é uma das formas da experiência em que uma consciência se faz objeto para um ser que a transcende; e são também essas delícias passivas que a jovem devota degusta na sombra da igreja.

Prostrada, com o rosto afundado nas mãos, ela conhece o milagre da renúncia; de joelhos, sobe ao céu; seu abandono nos braços de Deus assegura-lhe uma Assunção envolvida em nuvens e anjos. É sobre essa maravilhosa experiência que ela calca seu futuro terrestre. A criança pode também descobrir isso por outros caminhos: tudo a convida a entregar-se em sonho aos braços dos homens a fim de ser transportada para um céu de glória. Ela aprende que para ser feliz é preciso ser amada; para ser amada é preciso aguardar o amor. A mulher é a Bela Adormecida, Cinderela, Branca de Neve, a que recebe e suporta. Nas canções, nos contos, vê-se o jovem partir aventurosamente em busca da mulher; ele mata dragões, luta contra gigantes; ela se acha encerrada em uma torre, um palácio, um jardim, uma caverna, acorrentada a um rochedo, cativa, adormecida: ela espera. *Um dia meu príncipe virá... Some day he'll come along, the man I love...* Os refrões populares insuflam-lhe sonhos de paciência e esperança. A suprema necessidade para a mulher é seduzir um coração masculino; mesmo intrépidas, aventurosas, é a recompensa a que todas as heroínas aspiram; e o mais das vezes não lhes é pedida outra virtude senão a beleza. Compreende-se que a preocupação da aparência física possa tornar-se para a menina uma verdadeira obsessão; princesas ou pastoras, é preciso sempre ser bonita para conquistar o amor e a felicidade; a feiura associa-se cruelmente à maldade, e, quando as desgraças desabam sobre as feias, não se sabe muito bem se são seus crimes ou sua feiura que o destino pune. Muitas vezes, as jovens belezas destinadas a um futuro glorioso começam aparecendo num papel de vítima; as histórias de Geneviève de Brabant, de Grisélidis não são tão inocentes como parecem; amor e sofrimento nelas se entrelaçam de maneira perturbadora; é caindo no fundo da abjeção que a mulher assegura para si mesma os mais deliciosos triunfos; quer se trate de Deus, quer de um homem, a menina aprende que, aceitando as mais profundas renúncias, se tornará todo-poderosa; ela se compraz em um masoquismo que lhe promete supremas conquistas. Santa Blandina, branca e ensanguentada nas garras dos leões, Branca de Neve jazendo como uma morta em um esquife de vidro, a Bela Adormecida, Atala desfalecida,

toda uma coorte de ternas heroínas machucadas, passivas, feridas, ajoelhadas, humilhadas, ensinam à jovem irmã o fascinante prestígio da beleza martirizada, abandonada, resignada. Não é de espantar que, enquanto o irmão brinca de herói, a menina desempenhe de bom grado papel de mártir: os pagãos a jogam às feras, Barba Azul a arrasta pelos cabelos, o rei seu marido a exila no fundo da floresta; ela se resigna, sofre, morre e sua fronte cobre-se de glória. "Ainda muito menina, eu almejava conquistar a ternura dos homens, inquietá-los, ser salva por eles, morrer em todos os braços", escreve Mme de Noailles. Encontra-se um exemplo notável desses devaneios masoquistas em *La Voile Noire*, de Marie Le Hardouin.

> Aos sete anos, não sei com que costela fabricava meu primeiro homem. Era grande, esbelto, extremamente jovem, vestido de cetim preto e com longas mangas arrastando pelo chão. Seus belos cabelos louros caíam-lhe em pesados cachos sobre os ombros... Chamava-o, Edmond... Aconteceu um dia que lhe dei dois irmãos... Esses três irmãos, Edmond, Charles e Cédric, todos três vestidos de cetim preto, todos três louros e esbeltos, fizeram-me conhecer estranhas beatitudes. Seus pés calçados de seda eram tão belos e suas mãos tão frágeis que toda espécie de impulso subia-me à alma... Tornei-me sua irmã Marguerite... Gostava de me representar submissa à vontade de meus irmãos e totalmente à mercê deles. Sonhava que meu irmão mais velho, Edmond, tinha direito de vida e morte sobre mim. Eu não tinha nunca a permissão de erguer os olhos para seu rosto. Ele mandava açoitar-me por qualquer pretexto. Quando me dirigia a palavra, eu ficava tão transtornada pelo temor e o respeito que não achava o que lhe responder e balbuciava sem cessar "Sim, meu senhor", "Não, meu senhor" e saboreava a estranha delícia de me sentir idiota... Quando o sofrimento que ele me impunha era forte demais, eu murmurava "Obrigada, meu senhor" e ocorria um momento em que, quase desfalecendo de sofrimento, para não gritar, eu pousava os lábios na mão dele enquanto, com algum impulso a quebrar-me enfim o coração, eu atingia um desses estados em que se deseja morrer por excesso de felicidade.

Numa idade mais ou menos precoce, a menina sonha que já atingiu a idade do amor; aos nove ou dez anos ela se diverte se maquiando, forjando volume no corpete, fantasiando-se de senhora. Não procura, entretanto, realizar nenhuma experiência erótica com os meninos: se lhe acontece ir com eles aos cantinhos e brincar de "mostrar coisas", é somente por curiosidade sexual. Mas o parceiro dos devaneios eróticos é um adulto, ou puramente imaginário, ou evocado a partir de indivíduos reais. Neste último caso, a criança satisfaz-se com amar a distância. Encontra-se nas recordações de Colette Audry[262] um exemplo muito bom desses devaneios infantis: ela nos conta que descobriu o amor com a idade de cinco anos.

Isso não tinha nada a ver com os pequenos prazeres sexuais da infância, a satisfação que eu sentia, por exemplo, em cavalgar certa cadeira da sala de jantar ou em me acariciar antes de dormir... O único traço comum entre o sentimento e o prazer era que eu os dissimulava cuidadosamente aos que me cercavam... Meu amor por esse jovem consistia em pensar nele antes de adormecer, imaginando histórias maravilhosas... em Privas, amei sucessivamente todos os chefes de gabinete de meu pai... Nunca me sentia profundamente agoniada com a saída deles porque constituíam apenas um pretexto para fixar meus devaneios amorosos... À noite, deitada, tirava minha desforra de tanta juventude e timidez. Preparava tudo com cuidado, não tinha nenhuma dificuldade em torná-lo presente, mas tratava-se de me transformar de maneira que pudesse ver-me de meu interior, pois ficava sendo ela, deixava de ser eu. Primeiramente era bonita e tinha 18 anos. Uma caixa de balas ajudou-me muito: uma caixa retangular de drágeas comprida e achatada e que representava duas moças cercadas de pombas. Eu era a morena com cachos curtos, vestido comprido de musselina. Uma ausência de dez anos nos separara. Ele voltava muito pouco envelhecido e a visão dessa maravilhosa criatura transtornava-o. Ela mal parecia lembrar-se dele, agia com naturalidade, indiferença, espírito. Eu preparava para esse primeiro encontro conversas realmente brilhantes. Seguiam-se mal-entendidos, toda uma conquista difícil, horas cruéis de desânimo e ciúmes para ele. Acuado enfim, ele confessava seu amor. Ela ouvia-o em silêncio e no momento em que ele acreditava estar tudo perdido, ela lhe comunicava que nunca deixara de amá-lo, e eles se abraçavam ligeiramente. A cena ocorria em geral num banco do parque, à noite. Eu via as duas formas juntas uma da outra, ouvia o murmúrio das vozes, sentia ao mesmo tempo o contato quente dos corpos. Mas daí por diante tudo se diluía... Nunca falei de casamento.[263] No dia seguinte pensava um pouco nisso ao me lavar. Não sei por quê, o rosto ensaboado que eu contemplava no espelho me encantava (nos outros momentos não me achava bonita) e me enchia de esperança. Teria olhado durante horas aquelas faces cobertas de nuvens, aquela cabeça um pouco inclinada que parecia esperar-me, ao longe, no caminho do futuro. Mas era preciso apressar-me; uma vez enxugada, tudo estava acabado, reencontrava meu rosto banal de criança que não me interessava mais.

Jogos e sonhos orientam a menina para a passividade; mas ela é um ser humano antes de se tornar uma mulher; e já sabe que aceitar a si mesma como mulher é renunciar e mutilar-se; e se a renúncia é tentadora, a mutilação é odiosa. O Homem, o Amor encontram-se muito longe ainda nas brumas do futuro; no presente, a menina busca, como seus irmãos, atividade, autonomia. O fardo da liberdade não é pesado para as crianças porque não implica responsabilidade; elas se sentem em segurança junto dos adultos: não têm a tentação de fugir delas próprias. Seu impulso espontâneo para a vida, seu gosto pelo jogo, pelo riso, pela aventura levam a menina a achar o círculo materno estreito, sufocante. Ela gostaria de escapar da autoridade da mãe. É uma autoridade que se exerce de maneira muito mais cotidiana e íntima do que a que os meninos precisam aceitar. Raros são os casos em que ela é tão compreensiva e discreta como a dessa "Sido" que Colette pinta com amor. Sem

falar dos casos quase patológicos — são frequentes[264] — em que a mãe é uma espécie de carrasco, satisfazendo na criança seus instintos de domínio e seu sadismo, em que a filha é o objeto privilegiado em face do qual a mãe pretende afirmar-se como sujeito soberano; essa pretensão leva a criança a revoltar-se. C. Audry descreve a rebelião de uma menina normal contra uma mãe normal:

> Nunca teria sabido dizer a verdade, por inocente que fosses, porque nunca me sentia inocente diante de mamãe. Ela era a adulta essencial e lhe queria tanto mal, que até agora não me curei. Havia no fundo de mim uma espécie de chaga tumultuosa e feroz que eu tinha certeza de encontrar sempre aberta... Não pensava: "Ela é severa demais"; nem: "Ela não tem o direito". Pensava: "não, não, não", com todas as forças. Não lhe censurava a autoridade, nem as ordens ou as proibições arbitrárias; censurava-lhe *querer me domar.* Às vezes, ela o dizia, quando não, seus olhos, sua voz o diziam. Ou então tinha contado a outras mulheres que as crianças se tornam bem mais maleáveis após um corretivo. Essas palavras paravam-me na garganta, inesquecíveis: não as podia vomitar nem engolir. Era essa cólera, minha culpabilidade perante ela, e também minha vergonha diante de mim mesma (porque afinal ela não me amedrontava, e eu não tinha a meu favor, à guisa de represálias, senão algumas palavras violentas ou algumas insolências), mas também, apesar de tudo, minha glória: enquanto existisse a chaga, enquanto fosse viva a loucura muda que me levava a repetir somente: domar, maleável, corretivo, humilhação, eu não seria domada.

A revolta é tanto mais violenta quanto mais vezes a mãe perdeu o prestígio. Ela se apresenta como a que espera, suporta, se queixa, chora, faz cenas: e, na realidade cotidiana, esse papel ingrato não conduz a nenhuma apoteose; vítima, ela é desprezada; megera, detestada. Seu destino aparece como protótipo da insossa *repetição*: por ela a vida apenas se repete estupidamente sem levar a lugar algum. Presa a seu papel de dona de casa, ela detém a expansão da existência, é obstáculo e negação. A filha *não quer* assemelhar-se a ela e rende culto às mulheres que escaparam da servidão feminina: atrizes, escritoras, professoras. Entrega-se com ardor aos esportes, aos estudos, sobe nas árvores, rasga vestidos, tenta rivalizar com os meninos. Quase sempre escolhe uma amiga para confidente e essa amizade é exclusiva como uma paixão amorosa e comporta em geral a partilha de segredos sexuais; as meninas trocam informações que conseguiram obter e as comentam. Ocorre, muitas vezes, a formação de um triângulo, uma das amigas gostando do irmão da amiga: assim Sônia em *Guerra e paz* é a amiga querida de Natacha e ama o irmão desta, Nicolau. Em todo caso, essa amizade cerca-se de mistério, e de um modo geral a criança, nesse período, gosta de ter segredos: faz segredo da coisa mais insignificante; desse modo, reage contra as reservas que opõem à sua curiosidade; é uma maneira também de se dar importância, o que ela procura

adquirir por todos os meios: tenta intervir na vida dos adultos, inventa, acerca deles, romances em que ela própria não acredita muito, mas nos quais desempenha um papel importante. Com suas amigas, aparenta desprezar os meninos que as desprezam; isolam-se deles e deles caçoam. Mas, na realidade, ela se sente lisonjeada quando eles a tratam em pé de igualdade, e almeja aprovação deles. Desejaria pertencer à casta privilegiada. O mesmo impulso, que nas hordas primitivas submete a mulher à supremacia masculina, traduz-se com cada nova iniciada por uma recusa de seu destino: nela, a transcendência condena o absurdo da imanência. Ela se irrita por ser freada pelas regras da decência, incomodada com suas roupas, escravizada aos cuidados da casa, detida em todos os seus impulsos. A esse respeito fizeram-se numerosos inquéritos que, quase todos,[265] deram o mesmo resultado: todos os meninos — como Platão outrora — declaram que teriam horror de ser meninas; quase todas as meninas lamentam não ser meninos. Segundo as estatísticas de Havelock Ellis, um menino em cem desejaria ser menina; mais de 75% das meninas gostariam de trocar de sexo. Segundo uma pesquisa de Karl Pipal (citado por Baudouin em *L'Âme enfantine*), de vinte meninos de 12 a 14 anos, 18 disseram que prefeririam qualquer coisa no mundo a ser meninas; em 22 meninas, 19 gostariam de ser meninos, e davam as seguintes razões para justificá-lo: "Os homens não sofrem como as mulheres... Minha mãe gostaria mais de mim... O trabalho do homem é mais interessante... Um homem tem mais capacidade para o estudo... Eu me divertiria amedrontando as meninas... Não teria mais medo dos meninos... Eles são mais livres... Os jogos dos meninos são mais divertidos... Eles não são perturbados pelas roupas..." Esta última observação repete-se muito: as meninas queixam-se quase todas de que os vestidos as atrapalham, de que não têm liberdade de movimentos, de que são obrigadas a cuidar da saia ou dos vestidos claros que se sujam tão facilmente. Por volta dos dez ou 12 anos as meninas são em sua maioria "meninos falhados", isto é, crianças que não têm licença para ser meninos. Não somente sofrem com isso como sendo uma privação e uma injustiça, mas ainda o regime a que as condenam não é saudável. A exuberância da vida é nelas barrada, seu vigor inutilizado transforma-se em nervosismo; suas ocupações demasiado sensatas não esgotam seu excesso de energia; se aborrecem; por tédio e para compensar a inferioridade de que sofrem, entregam-se a devaneios melancólicos e romanescos; tomam gosto por essas evasões fáceis e perdem o sentido da realidade; abandonam-se a suas emoções com uma exaltação desordenada; não podendo agir, falam, entremeando geralmente coisas sérias com palavras

absurdas; largadas, "incompreendidas", buscam um consolo nos sentimentos narcisistas: olham-se como heroínas de romance, admiram-se, lamentam-se; é natural que se tornem coquetes e comediantes, e esses defeitos se acentuarão no momento da puberdade. Seu mal-estar traduz-se por impaciências, cóleras, lágrimas; gostam das lágrimas — gosto que se perpetua em muitas mulheres — em grande parte porque lhes apraz fazerem-se de vítimas: é a um tempo um protesto contra a dureza do destino e uma maneira de se tornarem comoventes. "As meninas gostam tanto de chorar que conheci algumas que o faziam na frente do espelho para gozar duplamente esse estado", conta monsenhor Dupanloup. A maioria de seus dramas diz respeito às relações com a família; elas procuram desfazer os laços que as prendem à mãe: ora são hostis, ora sentem uma aguda necessidade de sua proteção; gostariam de monoplolizar o amor do pai; são ciumentas, suscetíveis, exigentes. Amiúde inventam romances; imaginam que são uma criança adotada, que os pais não são realmente seus pais; atribui a eles uma vida secreta; sonham com as relações deles; comprazem-se em supor que o pai é incompreendido, infeliz, que não encontra na mulher a companheira ideal que a filha poderia ser; ou, ao contrário, que a mãe o acha, com razão, grosseiro e brutal, que tem horror de manter qualquer relação física com ele. Fantasias, comédias, tragédias pueris, falsos entusiasmos, extravagâncias, cumpre buscar as razões disso tudo, não numa misteriosa alma feminina e sim na situação da criança.

É uma estranha experiência, para um indivíduo que se sente como sujeito, autonomia, transcendência, como um absoluto, descobrir em si, a título de essência dada, a inferioridade: é uma estranha experiência para quem, para si, se arvora em Um, ser revelado a si mesmo como alteridade. É o que acontece à menina quando, fazendo o aprendizado do mundo, nele se percebe mulher. A esfera a que pertence é cercada por todos os lados, limitada, dominada pelo universo masculino: por mais alto que se eleve, por mais longe que se aventure, haverá sempre um teto acima de sua cabeça, muros que lhe barrarão o caminho. Os deuses do homem acham-se em um céu tão longínquo que, na verdade, não há deuses para ele: a menina vive entre deuses de fisionomia humana.

Essa situação não é única. É também a que os negros da América do Norte conhecem, parcialmente integrados numa civilização que os considera, entretanto, como casta inferior. O que Big Thomas[266] sente com tamanho rancor na aurora de sua vida é essa definitiva inferioridade, essa alteridade maldita que se inscreve na cor da pele: ele olha os aviões passarem e sabe que por ser negro

o céu lhe é vedado. Por ser mulher, a menina sabe que o mar e os pólos, mil aventuras e mil alegrias lhe são proibidas: nasceu do lado errado. A grande diferença está em que os negros sofrem sua sorte com revolta: nenhum privilégio compensa sua dureza, ao passo que a mulher é convidada à cumplicidade. Já lembrei[267] que, ao lado da autêntica reivindicação do sujeito que quer para si liberdade soberana, há no existente um desejo inautêntico de renúncia e de fuga. São as delícias da passividade que pais e educadores, livros e mitos, mulheres e homens fazem brilhar aos olhos da menina; ensinam a ela já na primeira infância a apreciá-las; a tentação torna-se dia a dia mais insidiosa; ela cede mais fatalmente porque o impulso de sua transcendência se choca contra resistências mais severas. Mas, aceitando a passividade, ela aceita também suportar, sem resistência, um destino que lhe será imposto de fora, e essa fatalidade a amedronta. Seja ele ambicioso, estouvado ou tímido, é para um futuro aberto que o menino se atira; será marinheiro ou engenheiro, ficará no campo ou irá para a cidade, verá o mundo, será rico; sente-se livre em face de um futuro em que possibilidades imprevistas o aguardam. A menina será esposa, mãe, avó; tratará da casa, exatamente como fez sua mãe, cuidará dos filhos como foi cuidada: tem 12 anos e sua história já está escrita no céu; ela a descobrirá dia após dia sem nunca fazê-la; mostra-se curiosa, mas assustada, quando evoca essa vida cujas etapas estão todas previstas de antemão e para a qual cada dia a encaminha inelutavelmente.

Eis porque, muito mais ainda que os irmãos, a menina se preocupa com os mistérios sexuais; eles também se interessam apaixonadamente por isso, mas, em seu futuro, o papel de marido, de pai, não é aquilo com que mais se preocupam; no casamento, na maternidade é todo o destino da menina que é posto em xeque; e logo que ela principia a pressentir-lhe os segredos, o próprio corpo apresenta-se a ela odiosamente ameaçado. A magia da maternidade dissipou-se; se ela foi informada mais ou menos cedo, de maneira mais ou menos coerente, já sabe que o filho não surge por acaso no ventre materno e que não é com um golpe de vara de condão que daí sai. Ela interroga-se com angústia. Muitas vezes parece maravilhoso, mas horrível, que um corpo parasita deva proliferar dentro de seu corpo; a ideia dessa monstruosa inchação a apavora. E como sairá o bebê? Mesmo que ninguém lhe tenha falado dos gritos e sofrimentos da maternidade, ela ouviu conversas e leu o trecho da Bíblia: “Conceberás na dor”; pressente torturas que não seria sequer capaz de imaginar; inventa estranhas operações na região do umbigo; se supõe que o feto será expulso pelo ânus não fica mais tranquila. Viram-se meninas terem

crises de constipação neurótica quando pensaram haver descoberto o processo do nascimento. Explicações exatas não serão de grande valia: as imagens de inchaço, de ferimento, de hemorragia irão permanecer. A menina será tanto mais sensível a essas visões quanto mais imaginação tiver; mas nenhuma poderá olhá-las de frente sem tremer. Colette conta que a mãe a encontrou desfalecida porque ela, Colette, lera em Zola a descrição de um nascimento.

> O autor pintava o parto com um luxo brusco e cru de pormenores, uma minúcia anatômica, uma complacência na cor, na atitude, no grito, que não reconheci mais nada de minha tranquila competência de moça do campo. Senti-me crédula, assustada, ameaçada em meu destino de femeazinha... Outras palavras que tinha sob os olhos pintavam a carne esquartejada, o excremento, o sangue maculado... O gramado recebeu-me estendida e mole como essas lebrezinhas mortas há pouco que os caçadores clandestinos traziam para a cozinha.

As palavras de conforto oferecidas pelos adultos deixam a criança inquieta; ao crescer, ela aprende a não mais acreditar neles sob palavra; muitas vezes foi acerca dos próprios mistérios de sua geração que ela surpreendeu as mentiras deles; ela sabe também que eles consideram normais as coisas mais apavorantes; se experimentou algum choque físico violento — amígdalas extraídas, dente arrancado, panarício cortado a bisturi —, ela projetará no parto a angústia cuja lembrança guardou.

O caráter físico da gravidez, do parto, sugere desde logo que entre os esposos "alguma coisa de físico ocorre". A palavra "sangue" que se encontra frequentemente em expressões como "filhos do mesmo sangue, puro-sangue, sangue mestiço" orienta por vezes a imaginação infantil; supõe-se que o casamento é acompanhado de alguma transfusão solene. Mais comumente, porém, a "coisa física" apresenta-se como ligada ao sistema urinário e excremental; em particular, as crianças comprazem-se em supor que o homem urina na mulher. A operação sexual é pensada como coisa *suja.* É o que desnorteia a criança para a qual as coisas "sujas" foram cercadas dos mais severos tabus: como é possível então que os adultos as integrem em suas vidas? A criança defende-se a princípio contra o escândalo pelo próprio absurdo do que descobre: não acha nenhum sentido no que ouve contarem, no que lê, no que escreve; tudo lhe parece irreal. No livro encantador de Carson MacCullers, *The Member of the Wedding*, a jovem heroína surpreende dois vizinhos nus na cama; a própria anomalia da história impede que ela lhe atribua importância.

Era um domingo de verão e a porta dos Marlowe estava aberta. Ela só podia ver uma parte do quarto, uma parte da cômoda e unicamente o pé da cama sobre a qual se achava o espartilho de Mrs. Marlowe. Mas havia no quarto tranquilo um ruído que ela não compreendia, e quando se adiantou para a soleira foi tomada de espanto ante um espetáculo que desde o primeiro momento a repeliu até a cozinha gritando: Mrs. Marlowe teve um ataque! Berenice precipitara-se no saguão, mas quando olhou para o quarto apenas cerrou os lábios e bateu a porta... Frankie tentara questionar Berenice para descobrir do que se tratava. Mas Berenice dissera somente que eram gente ordinária e acrescentara que, por consideração para com certa pessoa, deveriam ao menos ter fechado a porta. Frankie sabia que era ela própria essa pessoa e no entanto não compreendia. Que espécie de ataque seria?, indagou. Mas Berenice respondeu somente: "Um ataque comum, meu bem." E Frankie compreendeu pelo tom de sua voz que não lhe dizia tudo. Posteriormente, só recordava os Marlowe como gente ordinária...

Quando alertam as crianças contra desconhecidos, quando interpretam na frente delas um incidente sexual, lhes falam de bom grado de doentes, de maníacos, de loucos; é uma explicação cômoda; a menina apalpada por um desconhecido no cinema, a menina diante de quem um passante desabotoa a braguilha pensa que enfrentou loucos. Sem dúvida, o encontro com a loucura é desagradável: um ataque de epilepsia, uma crise de histeria, uma disputa violenta revelam a desordem do mundo adulto e a criança que a testemunha sente-se em perigo; mas enfim, assim como há, em uma sociedade harmônica, vagabundos, mendigos, enfermos com feridas horrorosas, nela se podem encontrar também certos anormais sem que os alicerces dessa sociedade sejam abalados. É quando suspeita-se que os pais, os amigos, os mestres celebram missas negras às escondidas que a criança sente realmente medo.

Quando me falaram pela primeira vez de relações sexuais entre homem e mulher, declarei que eram impossíveis, posto que meus pais as deveriam ter tido também e eu os estimava demasiado para acreditar nisso. Eu dizia que era por demais repugnante para que o viesse a fazer um dia. Infelizmente iria ser desiludida pouco depois, ouvindo o que meus pais faziam... Esse instante foi pavoroso; escondi o rosto na coberta, tapando os ouvidos, e desejei estar a mil quilômetros dali.[268]

Como passar da imagem de pessoas vestidas e dignas, pessoas que ensinam a decência, a discrição, a razão, à de dois animais nus que se enfrentam? Há nisso uma contestação dos adultos por si próprios que frequentemente lhes abala o pedestal, enche de trevas o céu. Muitas vezes a criança recusa com obstinação a odiosa revelação: "Meus pais não fazem isso", declara. Ou tenta dar a si mesma uma imagem decente do coito: "Quando se quer um filho", dizia uma menina, "a gente vai ao médico,

despe-se, põe uma venda nos olhos, porque não se deve olhar; o médico amarra os pais um ao outro e ajuda para que tudo dê certo"; ela transformara o ato amoroso em uma operação cirúrgica, sem dúvida pouco agradável, mas tão honrosa como uma visita ao dentista. Entretanto, apesar de recusas e fugas, o mal-estar e a dúvida insinuam-se no coração da criança; produz-se um fenômeno tão doloroso quanto o do desmame: não mais porque a criança é separada da carne materna, mas porque, em torno dela, o universo protetor desmorona; ela se vê sem teto sobre a cabeça, abandonada, absolutamente só em face de um futuro cheio de trevas. O que aumenta a angústia da menina é o fato de que ela não consegue delimitar exatamente os contornos da maldição equívoca que pesa sobre ela. As informações obtidas são incoerentes, os livros, contraditórios. As próprias exposições técnicas não dissipam a sombra espessa; cem perguntas se apresentam: o ato sexual é doloroso? Ou delicioso? Quanto tempo dura? Cinco minutos ou uma noite inteira? Lê-se por vezes que uma mulher ficou grávida com um só abraço e outras vezes que permaneceu estéril após horas de volúpia. As pessoas "fazem isso" todos os dias? Ou raramente? A criança tenta informar-se lendo a Bíblia, consultando dicionários, interrogando colegas e move-se às apalpadelas na escuridão e na repugnância. A esse respeito é um documento muito interessante o inquérito levado a efeito pelo dr. Liepmann. Eis algumas das respostas que lhe foram dadas por moças acerca da iniciação sexual:

> Continuei a perambular com minhas ideias nebulosas e absurdas. Ninguém ventilava o assunto, nem minha mãe, nem minha professora; nenhum livro tratava da questão a fundo. Pouco a pouco tecia-se uma espécie de mistério e horror em torno do ato que se afigurava a princípio tão natural. As meninas mais velhas, de 12 anos, valiam-se de brincadeiras grosseiras para criar como que uma ponte entre elas e nossas companheiras de classe. Tudo isso era ainda tão vago e tão repugnante que discutíamos sobre onde as crianças se formavam; se a coisa só acontecia uma vez para o homem, pois o casamento era a causa de tal confusão. Minhas regras, que apareceram quando fiz 15 anos, foram para mim uma nova surpresa. Agora, de uma certa maneira, eu também entrava na dança...

> ...Iniciação sexual! Era uma expressão a que não se devia aludir em casa de meus pais!... Procurava nos livros mas atormentava-me e me enervava procurando sem saber onde encontrar o caminho que devia seguir... Frequentava uma escola de meninos: para o professor a coisa parecia não existir... A obra de Horlam, *Garçonnet et fillette*, trouxe enfim a verdade. Meu estado de crispação, de superexcitação insuportável dissipou-se, embora eu estivesse então muito infeliz e tivesse sido necessário muito tempo para reconhecer e compreender que somente o erotismo e a sexualidade constituíam o verdadeiro amor.

Etapas de minha iniciação: 1a) Primeiras perguntas e algumas noções vagas (nada satisfatórias). De 3 anos e meio até os 11 anos... Nenhuma resposta às perguntas que eu fiz nos anos seguintes. Quando tinha 7 anos eis que vi, ao dar de comer a uma coelha, filhotes se arrastarem por baixo dela... Minha mãe disse-me que entre os animais, e também entre os homens, os filhos cresciam no ventre da mãe e saíam pelos flancos. Esse nascimento pelo flanco pareceu-me absurdo... Uma ama-seca contou-me muitas coisas acerca da gravidez, da gestação, da menstruação... Finalmente, a última pergunta que fiz a meu pai sobre sua função real foi-me respondida com histórias obscuras de pólen e pistilo. 2a) Algumas tentativas de iniciação pessoal (11 a 13 anos). Descobri uma enciclopédia e um livro de medicina... Não passou de uma informação teórica constituída de gigantescas palavras estranhas. 3a) Controle dos conhecimentos adquiridos (13 a 20 anos): a) na vida cotidiana; b) nos trabalhos científicos.

Quando eu tinha oito anos brincava frequentemente com um menino de minha idade. Uma vez tratamos do assunto. Eu já sabia, porque minha mãe tinha me dito, que uma mulher tem muitos ovos no corpo... e que um filho nascia de um desses ovos todas as vezes que a mãe sentia um desejo agudo... Tendo dado a mesma explicação a meu colega, dele recebi esta resposta: "Você é completamente estúpida! Quando nosso açougueiro e sua mulher querem ter um filho eles se enfiam na cama e fazem porcarias." Fiquei indignada... Tínhamos então (por volta de 12 anos e meio) uma criada que nos contava toda espécie de histórias sujas. Eu não dizia uma palavra sequer a mamãe porque tinha vergonha; mas perguntei-lhe se a gente pegava um filho sentando no colo de um homem. Ela explicou tudo o melhor que pôde.

Por onde saíam as crianças, aprendi na escola e tive a sensação de que era uma coisa horrível. Mas como vinham ao mundo? Tínhamos da coisa uma ideia até certo ponto monstruosa, principalmente depois que, indo à escola, certa manhã de inverno, em plena escuridão, tínhamos juntas encontrado um sujeito que nos mostrara suas partes sexuais e nos dissera, aproximando-se de nós: "Não lhes parece gostoso de mastigar?" Nossa repugnância fora inconcebível e ficamos literalmente revoltadas. Até os 21 anos eu imaginava que a vinda das crianças ao mundo se efetuava pelo umbigo.

Uma menina chamou-me de lado e perguntou: "Sabe de onde saem as crianças?" Finalmente resolveu declarar: "Puxa! Como você é boba! As crianças saem da barriga das mães e para que nasçam é preciso que as mulheres façam com os homens uma coisa repugnante!" Depois me explicou mais minuciosamente essa nojeira. Mas eu estava transtornada, recusando-me absolutamente a considerar possível que ocorressem coisas semelhantes. Dormíamos no mesmo quarto que nossos pais... Numa das noites que se seguiram, ouvi acontecer o que não considerara possível e tive vergonha, sim, vergonha de meus pais. Tudo isso fez de mim como que um outro ser. Senti horríveis sofrimentos morais. Considerava-me uma criatura profundamente depravada por estar a par dessas coisas.

É preciso dizer que mesmo uma informação coerente não resolveria o problema; apesar de toda a boa vontade dos pais e dos professores, não se

poderia traduzir em palavras e conceitos a experiência erótica; esta só se compreende vivendo-a; qualquer análise, por mais séria que fosse, teria um aspecto humorístico e deixaria de desvendar a verdade. Partindo dos poéticos amores das flores, das núpcias dos peixes, passando pelos pintinhos, o gato, o cabrito, e chegando até a espécie humana, pode-se teoricamente esclarecer o mistério da geração: o da volúpia e do amor carnal permanece total. Como se explicaria a uma criança de sangue calmo o prazer de uma carícia ou de um beijo? Em família dão-se e recebem-se beijos, às vezes até nos lábios: por que em certos casos esse encontro de mucosas provoca vertigens? É como descrever cores a um cego. Enquanto falta a intuição da perturbação e do desejo que dá à função erótica sentido e unidade, os diferentes elementos que a constituem parecem chocantes e monstruosos. A menina revolta-se principalmente quando compreende que é virgem e selada e que, para transformá-la em mulher, será necessário que um sexo de homem a penetre. Sendo o exibicionismo uma perversão bastante comum, muitas meninas já viram um pênis em estado de ereção. Em todo caso observaram o sexo de animais e é lamentável que tantas vezes o do cavalo lhes atraia o olhar; concebe-se que se sintam apavoradas. Medo do parto, medo do sexo masculino, medo dos "ataques" que ameaçam os casados, repugnância por certas práticas sujas, zombaria em relação a gestos desprovidos de qualquer significação, tudo isso leva muitas vezes a menina a declarar: "Não casarei nunca."[269] É a defesa mais segura contra a dor, a loucura, a obscenidade. Em vão tentam explicar-lhe que, chegado o dia, nem a defloração nem o parto lhe parecerão tão terríveis, que milhões de mulheres a isso se resignaram e nem por isso passam menos bem. Quando a criança tem medo de um acontecimento exterior, libertam-na, mas não predizendo que mais tarde o aceitará naturalmente: é sua própria pessoa que ela teme então encontrar alienada, perdida no fundo do futuro. As metamorfoses da lagarta que se transforma em crisálida e borboleta põem certo mal-estar no coração: será a mesma lagarta após tão longo sono? Ela se reconhece sob as asas brilhantes? Conheci meninas para as quais o espetáculo de uma crisálida mergulhava em um devaneio assustado.

E, no entanto, a metamorfose ocorre. A menina não percebe o sentido, mas percebe que em suas relações com o mundo e com o próprio corpo alguma coisa vai mudando sutilmente: é sensível a contatos, gostos, odores que antes a deixavam indiferente; imagens barrocas vêm-lhe à cabeça; nos espelhos ela mal se reconhece; sente-se "estranha", as coisas parecem-lhe "estranhas"; assim

acontece com a pequena Emily que Richard Hughes descreve em *Um ciclone na Jamaica*:

Para refrescar-se, Emily sentara-se na água até o ventre e centenas de peixinhos titilavam-lhe cada polegada do corpo com suas bocas curiosas: era como se fossem beijos leves e sem sentido. Nos últimos tempos, ela começara a detestar que a tocassem, mas aquilo era abominável. Não pôde suportar mais tempo: saiu da água e tornou a vestir-se.

Até a harmoniosa Tessa de Margaret Kennedy conhece essa estranha perturbação:

Subitamente, sentiu-se profundamente infeliz. Seus olhos contemplaram fixamente a escuridão do saguão cortado em dois pelo luar que entrava como uma onda pela porta aberta. Não pôde se controlar. Ergueu-se de um salto com um gritinho exagerado: "Oh!", exclamou, "como detesto o mundo inteiro!" Correu então a esconder-se na montanha, assustada e furiosa, atormentada por um triste pressentimento que parecia encher a casa sossegada. Aos tropeços pelo atalho, recomeçou a murmurar para si mesma: "Quisera morrer, quisera estar morta."

Sabia que não pensava o que dizia, não tinha a menor vontade de morrer. Mas a violência dessas palavras parecia satisfazê-la...

No livro já citado de Carson MacCullers esse momento inquietante é longamente descrito.

Era no verão que Frankie se sentia enjoada e cansada de ser Frankie. Odiava-se, tornara-se uma vagabunda, uma inútil que rodava pela cozinha: suja e esfomeada, miserável e triste. Além disso, era uma criminosa... Aquela primavera fora uma estação estranha, que não acabava. As coisas puseram-se a mudar e Frankie não compreendia a mudança... Havia algo nas árvores verdejantes e nas flores de abril que a entristecia. Não sabia por que estava triste, mas por causa dessa tristeza singular pensou que deveria ter saído da cidade... Deveria ter saído da cidade e ido para longe. Pois naquele ano a primavera tardia estava indolente e suave. As longas tardes passavam devagar e a doçura verde da estação a enojava... Muitas coisas lhe davam, de repente, vontade de chorar. Cedo pela manhã ia, às vezes, ao pátio e ficava um bom momento a olhar a alvorada; e era como uma pergunta que lhe surgia no coração e à qual o céu não respondia. Coisas que antes nunca notara começaram a impressioná-la: as luzes das casas que percebia à noite quando passeava, uma voz desconhecida saindo de um beco. Olhava as luzes, ouvia as vozes e algo dentro dela retesava-se à espera. Mas as luzes apagavam-se, a voz

calava e, apesar de sua espera, era tudo. Tinha medo dessas coisas que a levavam a perguntar-se repentinamente quem era, o que iria tornar-se no mundo, e por que se achava ali a ver uma luz, a escutar e a fixar o céu: sozinha. Tinha medo e o peito oprimia-se estranhamente.

...Passeava na cidade e as coisas que via e ouvia pareciam-lhe inacabadas e havia nela aquela angústia. Apressava-se em fazer alguma coisa: mas não era nunca o que deveria ter feito... Após os longos crepúsculos da estação, depois de ter perambulado pela cidade toda, seus nervos vibravam como uma melodia melancólica de *jazz,* seu coração endurecia-se e parecia parar.

O que ocorre nesse período perturbado é que o corpo infantil se torna corpo de mulher, faz-se carne. Salvo em casos de deficiência glandular, em que o paciente permanece fixado em seu estágio infantil, a crise da puberdade inicia-se por volta dos 12 ou 13 anos.[270] Tal crise principia muito antes na menina do que no menino e provoca mudanças muito mais importantes. A menina a enfrenta com inquietação, com desprazer. No momento em que se desenvolvem os seios e o sistema piloso, nasce um sentimento que por vezes se transforma em orgulho, mas que é originalmente de vergonha; subitamente a criança enche-se de pudor, recusa-se a mostrar-se nua, mesmo às irmãs ou à mãe, examina-se com um misto de espanto e horror e é com angústia que espia a turgidez do caroço duro, um pouco doloroso, que surge sob as mamas antes tão inofensivas quanto o umbigo. Ela inquieta-se por sentir em si um ponto vulnerável: provavelmente a dor é pequena se comparada a uma queimadura ou uma dor de dentes, mas, acidentes ou doenças, as dores eram sempre anomalias, ao passo que o jovem seio é habitado normalmente por não se sabe que surdo rancor. Alguma coisa está ocorrendo, que não é doença, que está implicada na própria lei da existência e que no entanto é luta, dilaceração. Por certo, do nascimento à puberdade a menina cresceu, mas nunca se sentiu crescer: dia após dia, seu corpo lhe foi apresentado como uma coisa exata, acabada; e eis que agora ela "se forma": a própria palavra a horroriza; os fenômenos vitais só são tranquilizadores quando encontram um equilíbrio e assumem o aspecto imóvel de uma flor fresca, de um animal lustroso; mas na germinação de seu seio a menina experimenta a ambiguidade da palavra: vivo. Ela não é ouro nem diamante e sim uma estranha matéria, móvel, incerta, no fundo da qual impuras alquimias se elaboram. Está habituada a uma cabeleira que se desenrola com a tranquilidade de uma meada de seda, mas essa nova vegetação sob as axilas e no baixo-ventre a metamorfoseia em bicho ou em

alga. Estando mais ou menos informada, ela pressente nessas mudanças uma finalidade que a arranca de si mesma; ei-la jogada em um ciclo vital que ultrapassa o momento de sua própria existência; ela adivinha uma dependência que a destina ao homem, ao filho, ao túmulo. Em si mesmos os seios apresentam-se como uma proliferação inútil, indiscreta. Braços, pernas, pele, músculos, até as nádegas redondas sobre as quais se senta, tudo tinha até então um uso determinado; somente o sexo, definido como órgão urinário, era um tanto equívoco, mas secreto, invisível a outrem. Por baixo do suéter, da blusa, os seios se exibem e esse corpo, que a menina confundia com seu eu, aparece como carne; é um objeto que os outros olham e veem. "Durante dois anos usei capas para esconder o peito, tal era minha vergonha", disse-me uma mulher. E outra contou-me: "Lembro-me ainda do estranho desnorteamento que senti quando uma amiga de minha idade, porém mais precocemente formada, ao abaixar-se para apanhar uma bola deixou-me entrever, pela abertura do corpete, dois seios já pesados: através desse corpo tão próximo do meu e pelo qual o meu iria se moldar, era de mim mesma que eu corava." "Com 13 anos passeava de pernas nuas e vestido curto", disse-me uma outra mulher, "um homem fez, zombando, uma reflexão acerca de minhas pernas grossas. No dia seguinte minha mãe obrigou-me a pôr meias e a alongar a saia; mas não esquecerei nunca o choque recebido subitamente ao *me ver vista*." A menina sente que o corpo lhe escapa, não é mais a expressão clara de sua individualidade; torna-se estranho para ela; e, no mesmo momento, ela é encarada por outrem como uma coisa: na rua, acompanham-na com o olhar, comentam sobre sua anatomia; ela gostaria de ficar invisível; tem medo de tornar-se carne e medo de mostrar essa carne.

Essa repugnância traduz-se em muitas moças pela vontade de emagrecer: não querem mais comer; se as obrigam a isso, vomitam; controlam o peso sem cessar. Outras tornam-se doentiamente tímidas; entrar num salão e mesmo sair à rua é um suplício. A partir daí, desenvolvem-se por vezes psicoses. Um exemplo típico é o da doente que Janet descreve, sob o nome de Nádia, em *Les Obsessions et la psychasthénie*:

> Nádia era uma moça de família rica e notavelmente inteligente; elegante, artista, era principalmente uma excelente musicista; mas desde a infância mostrou-se voluntariosa e irritável: "Fazia muita questão de ser amada e exigia um amor louco de todo mundo, dos pais, das irmãs, dos criados: mas logo que conquistava alguma afeição, era tão exigente, tão dominadora que não demorava em afastar as pessoas; horrivelmente suscetível, as zombarias dos primos, que desejavam modificar-lhe o gênio, infundiram-lhe um sentimento de vergonha que se localizou no corpo." Por

outro lado, sua necessidade de ser amada inspirava-lhe o desejo de permanecer criança, de ser sempre uma menina que se acarinha e pode exigir tudo; inspirava-lhe, em suma, terror a ideia de crescer... A chegada precoce da puberdade agravou singularmente as coisas, misturando ao seu temor de crescer receios de pudor: como os homens gostam de mulheres gordas, quero ficar eternamente magra. O medo dos pelos do púbis, do desenvolvimento do seio, acrescentou-se aos temores precedentes. Desde a idade de 11 anos, como usava saias curtas, parecia-lhe que todos a olhavam; deram-lhe saias compridas e ela teve vergonha dos pés, das ancas etc. O aparecimento das regras deixou-a meio louca; quando os pelos do púbis começaram a crescer, ela ficou convencida de que era a única pessoa no mundo com tal monstruosidade e, até a idade de 20 anos, esforçou-se por se depilar a fim de "fazer desaparecer esse adorno de selvagem". O desenvolvimento do seio agravou essas obsessões porque sempre tivera horror à obesidade; não a detestava nos outros, mas considerava que nela teria sido uma tara. "Não faço questão de ser bonita, mas teria *vergonha* demais se me tornasse balofa, teria horror; se por infelicidade engordasse, não ousaria mais mostrar-me a ninguém." Pôs-se então em busca de todos os meios de não crescer, tomava precauções, amarrava-se a promessas, se entregava a conjurações: recomeçar cinco ou seis vezes a mesma oração, pular cinco vezes sobre um pé. "Se tocar quatro vezes a mesma nota no piano, consinto em crescer e não ser mais amada por ninguém." Acabou resolvendo não comer mais. "Não queria nem engordar nem crescer, nem me assemelhar a uma mulher porque gostaria de continuar menina para sempre." Promete solenemente não mais aceitar qualquer alimento; cedendo às súplicas da mãe, quebra a promessa, mas passa então horas de joelhos a escrever promessas e a rasgá-las. Quando perdeu a mãe, aos 18 anos, impôs a si mesma o regime seguinte: dois pratos de caldo magro, uma gema de ovo, uma colher de vinagre, uma xícara de chá com suco de um limão inteiro. Era tudo o que comia durante o dia todo. Morria de fome. "Às vezes passava horas inteiras a pensar em comida, de tanto que tinha fome: engolia a saliva, mastigava o lenço, rolava no chão, tal minha vontade de comer." Mas resistia às tentações. Embora fosse bonita, afirmava que tinha o rosto balofo e cheio de espinhas; se o médico lhe dizia não perceber nada, ela retorquia que ele não entendia disso, que não sabia "descobrir as espinhas que se encontram entre a pele e a carne". Acabou separando-se da família e fechando-se em um pequeno apartamento onde só via a enfermeira e o médico; não saía nunca; só dificilmente aceitava a visita do pai, que uma vez provocou uma grave recaída, ao lhe dizer que ela estava com boa aparência; ela temia ter um rosto gordo, uma tez brilhante, bons músculos. Vivia quase sempre na escuridão a tal ponto lhe era intolerável ser vista ou simplesmente *visível.*

Muitas vezes a atitude dos pais contribui para inculcar na menina a vergonha de sua aparência física. Uma mulher confessa:[271]

Sofria de um sentimento de inferioridade física alimentado por críticas incessantes em casa... Minha mãe, em sua vaidade exagerada, queria sempre me ver com a melhor aparência e tinha sempre uma porção de pormenores a dizer à costureira a fim de dissimular meus defeitos: ombros caídos, ancas avantajadas, traseiro chato, seios grandes demais etc. Tendo tido durante anos o pescoço inchado, não me era permitido mostrá-lo... Eu me envergonhava principalmente de meus pés, que, no momento de minha puberdade, eram muito feios; caçoavam de mim por causa de minha maneira de

andar... Havia certamente alguma verdade nisso tudo, mas tinham me tornado tão infeliz, principalmente como *backfisch*, uma jovem, e eu me sentia às vezes tão intimidada que não sabia absolutamente mais como me portar; se encontrava alguém, minha primeira ideia era sempre "se ao menos pudesse esconder meus pés!".

Essa vergonha leva a menina a agir com embaraço, a corar a todo instante; esses rubores aumentam-lhe a timidez e tornam-se eles próprios objeto de uma fobia. Stekel conta, entre outros casos,[272] o de uma mulher que "quando moça, corava de maneira tão doentia e violenta que, durante um ano, usou ataduras em volta do rosto alegando dores de dente".

Por vezes, no período que se pode chamar da pré-puberdade e que precede o aparecimento das regras, a menina não sente ainda repugnância pelo corpo; orgulha-se de se tornar mulher, espia com satisfação o amadurecimento do seio, enche o corpete com lenços e vangloria-se junto das companheiras mais velhas; não apreende ainda a significação dos fenômenos que se produzem nela. Sua primeira menstruação revela-lhe essa significação e os sentimentos de vergonha aparecem. Se já existiam, confirmam-se e ampliam-se a partir desse momento. Todos os testemunhos concordam: a criança tenha ou não sido avisada, a ocorrência apresenta-se sempre a ela como repugnante e humilhante. É muito frequente que a mãe tenha negligenciado de preveni-la: verificou-se[273] que as mães revelam mais facilmente às filhas os mistérios da gravidez, do parto e até das relações sexuais que o da menstruação; é que elas próprias têm horror a essa servidão feminina, horror que reflete os antigos terrores místicos dos homens e que elas transmitem a sua descendência. Quando encontra manchas suspeitas em suas roupas de baixo, a menina imagina-se vítima de uma diarreia, de uma hemorragia mortal, de uma doença vergonhosa. Segundo um inquérito apresentado em 1896 por Havelock Ellis, em 125 alunas de uma *high school* norte-americana, 36, no momento de suas primeiras regras, nada sabiam a respeito, 39 tinham vagas noções. Isso significa que mais da metade dessas alunas viviam na ignorância. Segundo Helen Deutsch, as coisas em 1946 não se teriam modificado muito. H. Ellis cita o caso de uma jovem que se atirou no Sena em Saint-Ouen porque imaginava ter contraído "uma doença desconhecida". Stekel em "cartas a uma mãe" conta também a história de uma menina que tentou suicidar-se, vendo no fluxo menstrual o sinal e o castigo das impurezas que lhe maculavam a alma. É natural que a moça tenha medo: parece que é sua vida que lhe foge. Segundo Klein, e a escola psicanalítica inglesa, o sangue seria para ela a manifestação de um ferimento nos órgãos

internos. Ainda que advertências prudentes lhe poupem angústias demasiado agudas, ela tem vergonha e sente-se suja: precipita-se no banheiro, trata de lavar ou esconder suas roupas maculadas. Encontra-se um relato típico dessa experiência no livro de Colette Audry, *Aux yeux du souvenir*:

> No centro dessa exaltação, o drama brutal e definido. Uma noite, ao despir-me, acreditei estar doente: não tive medo e evitei contá-lo, na esperança de que passaria até o dia seguinte... Quatro semanas depois a coisa recomeçou, com maior violência. Fui bem devagar jogar minha calça na cesta de roupa suja atrás da porta do banheiro. Fazia tanto calor que o ladrilho vermelho do corredor estava morno sob meus pés descalços. Como me enfiasse na cama ao voltar, mamãe abriu a porta do meu quarto: vinha explicar as coisas. Sou incapaz de lembrar-me do efeito que suas palavras produziram então em mim, mas enquanto ela cochichava Kaki mostrou subitamente a cabeça. A vista daquela cara redonda e curiosa exasperou-me. Gritei-lhe que se fosse e ela saiu, apavorada. Supliquei a mamãe que batesse nela porque ela não pedira para entrar... A calma de minha mãe, seu ar de sabida e docemente feliz acabaram por me fazer perder a cabeça. Quando ela saiu, penetrei numa noite selvagem.
>
> Duas recordações ocorreram-me de repente: meses antes, quando voltávamos do passeio com Kaki, mamãe e eu encontramos o velho médico de Privas, atarracado como um lenhador e com uma grande barba branca. "Sua filha está crescendo, minha senhora", disse examinando-me; eu o detestara de imediato sem nada compreender. Pouco tempo depois, de volta de Paris, mamãe arrumou numa cômoda um pacote de toalhinhas novas. "Que é isso?", indagara Kaki. Mamãe tomara aquele ar natural dos adultos quando nos revelam uma parte da verdade e guardam as outras: "É para Colette muito brevemente." Muda, incapaz de fazer uma pergunta, detestara minha mãe.
>
> Durante toda essa noite me virei e revirei na cama. Não era possível. Ia acordar. Mamãe se enganara, aquilo passaria e não voltaria mais... No dia seguinte, secretamente mudada e maculada, foi preciso enfrentar os outros. Olhei com ódio para minha irmã porque ela não sabia ainda, porque ela se achava dotada repentinamente, e sem o saber, de uma esmagadora superioridade em relação a mim. Depois, pus-me a odiar os homens que nunca experimentariam isso, e que sabiam. Por fim, detestei também as mulheres que tão tranquilamente se conformavam. Tinha certeza de que se tivessem sido avisadas do que me acontecia todas se teriam regozijado: "Bem, é tua vez", teriam pensado. Essa também, dizia a mim mesma, quando via uma. E a outra. O mundo me pegara na curva. Andava desajeitadamente e não ousava correr. A terra, as verduras quentes de sol, os alimentos pareciam desprender um odor suspeito... A crise passou e eu voltei a esperar contra o bom senso que não se reproduziria mais. Um mês depois tive de aceitar a evidência e admitir a desgraça definitivamente, mergulhada em um pesado estupor dessa vez. Haveria desde então um "antes" em minha memória. Todo o resto de minha existência não seria senão um "depois".

As coisas passam-se de maneira análoga com a maioria das meninas. Muitas dentre elas têm horror de revelar o segredo aos que a cercam. Uma amiga contou-me que, vivendo sem mãe, entre o pai e uma preceptora, passou três meses com medo e vergonha, escondendo sua roupa maculada, antes que descobrissem que estava menstruada. Mesmo as camponesas, que poderíamos

acreditar endurecidas pelo conhecimento que têm dos mais rudes aspectos da vida animal, sentem com horror essa maldição, pois no campo a menstruação é ainda um tabu: conheci uma jovem sitiante que durante todo um inverno lavou suas roupas às escondidas no regato gelado, vestindo a camisa molhada para dissimular o inconfessável segredo. Poderia citar cem casos análogos. Mesmo a confissão dessa desgraça espantosa não é uma libertação. Sem dúvida, a mãe que esbofeteou a filha, dizendo: "Idiota, és criança demais", é uma exceção. Porém muitas mães demonstram mau humor; a maioria não dá à criança esclarecimentos suficientes e esta continua cheia de ansiedade ante o novo estado que a menstruação inaugura. Ela se pergunta se o futuro não lhe reserva dolorosas surpresas; ou imagina que a partir de então pode tornar-se grávida pela simples presença ou contato de um homem, e sente em relação aos machos um verdadeiro terror. Ainda que lhe poupem tal angústia mediante explicações inteligentes, não a tranquilizam tão facilmente. Antes a menina podia, com alguma má-fé, acreditar-se ainda um ser assexuado, podia não se pensar; acontecia até de sonhar que despertaria certa manhã transformada em homem; agora, as mães e as tias cochicham com ares lisonjeados: "é uma moça agora"; a confraria das matronas ganhou: ela lhes pertence. Ei-la instalada sem apelo do lado das mulheres. Acontece que se orgulhe disso; pensa que se tornou uma adulta e que se vai produzir uma reviravolta em sua existência. Thyde Monnier, por exemplo, conta:[274]

Muitas de nós tinham se tornado "grandes" durante as férias; outras o ficavam no liceu e então uma após outra íamos "ver o sangue" nas privadas do pátio, onde elas se pavoneavam como rainhas recebendo seus súditos.

Mas a menina logo se desilude, pois percebe que não adquiriu nenhum privilégio e a vida continua. A única novidade é o acontecimento sujo que ocorre todos os meses; há crianças que choram durante horas quando vêm a saber que estão condenadas a um tal destino; o que agrava ainda mais sua revolta é o fato de ser essa tara vergonhosa conhecida dos próprios homens; desejariam pelo menos que a humilhante condição feminina permanecesse velada de mistério para eles. Mas não, pais, irmãos, primos sabem e chegam até a zombar. É então que nasce ou se exaspera na menina a repugnância por seu corpo demasiado carnal. E passada a primeira surpresa, o aborrecimento mensal nem por isso se dissipa: toda vez a moça sente o mesmo nojo ante o odor insosso e fétido que sobe de si própria — cheiro de pântano, de violetas murchas — ante esse sangue menos vermelho, mais suspeito do que o que flui

de seus machucados infantis. Dia e noite terá de pensar em mudar de roupa, cuidar de seus lençóis, resolver mil pequenos problemas práticos e repugnantes; nas famílias econômicas, as toalhas higiênicas são lavadas mensalmente e voltam a seu lugar entre pilhas de lenços; será preciso, portanto, entregar às mãos das lavadeiras, criadas, mãe, irmã mais velha, essas dejeções saídas de si mesma. Os diferentes curativos que vendem os farmacêuticos em caixas com nomes de flores, "Camélia", "Edelweis", são jogados fora após o uso; mas em viagem, durante as férias, em excursão não é tão cômodo assim desembaraçar-se disso por ser expressamente proibido jogá-los na privada. A pequena heroína do *Journal Psychanalytique*[275] descreve seu horror pela toalha higiênica; mesmo diante da irmã só consente em despir-se no escuro, no momento das regras. O objeto incômodo, embaraçoso, pode destacar-se durante um exercício violento; é maior humilhação do que perder as calças na rua: essa perspectiva atroz engendra, por vezes, manias psicastênicas. Por uma espécie de maldade da natureza, os incômodos, as dores só começam muitas vezes depois da hemorragia, que a princípio pode passar despercebida. As regras das jovens nem sempre são regulares: elas se arriscam a ser surpreendidas durante um passeio, na rua, em casa de amigos; arriscam-se — como Mme de Chevreuse[276] — a sujar as roupas, o assento. Há quem, ante essa possibilidade, viva numa constante angústia. Quanto mais a moça sente repulsa por essa tara feminina, mais é obrigada a pensar nela com cuidado para não se expor à horrível humilhação de um acidente ou de uma confidência.

Eis a série de respostas que o dr. Liepmann obteve a propósito[277] durante um inquérito acerca da sexualidade juvenil:

> Aos 16 anos, quando me senti indisposta pela primeira vez, fiquei muito assustada ao verificá-lo certa manhã. Na verdade sabia que isso deveria acontecer; mas tive tal vergonha que permaneci deitada durante metade do dia e a todas as perguntas respondia unicamente: não posso levantar-me.

> Fiquei muda de espanto quando, não tendo ainda 12 anos, me senti indisposta pela primeira vez. Apavorei-me, e como minha mãe se contentou em me dizer num tom seco que aconteceria todos os meses, considerei isso uma grande safadeza e recusei-me a admitir que o mesmo não acontecesse com os homens.

> Essa aventura levou minha mãe a fazer minha iniciação, sem esquecer ao mesmo tempo a menstruação. Tive então meu segundo desapontamento porque logo que fiquei indisposta precipitei-me louca de alegria ao encontro de minha mãe que ainda dormia e a acordei gritando: "Mamãe, já tenho! — E é para isso que você me acorda?", limitou-se ela a responder. Apesar de tudo considerei a coisa como um verdadeiro terremoto em minha existência.

Por isso senti o pavor mais intenso quando fiquei indisposta pela primeira vez ao constatar que a hemorragia não parava ao fim de alguns minutos. Ainda assim não disse uma palavra a ninguém, nem a minha mãe. Acabava de fazer exatamente 15 anos. De resto, sofri muito pouco. Uma só vez senti dores tão tremendas que desfaleci e permaneci cerca de três horas estendida no soalho de meu quarto. Mas não comentei nada sobre isso tampouco.

Quando senti pela primeira vez essa indisposição, tinha mais ou menos 13 anos. Já tínhamos falado disso, minhas colegas de classe e eu, e me senti muito orgulhosa por me ter tornado também uma das grandes. Cheia de importância, expliquei à professora de ginástica que naquele dia não podia participar dos exercícios porque estava indisposta.

Não foi minha mãe quem me iniciou. Esta só teve suas regras com 19 anos, e com medo de ser repreendida por ter sujado a roupa, enterrou-a num campo.

Atingi a idade de 18 anos e tive pela primeira vez minhas regras.[278] Nada sabia a respeito... À noite, tive hemorragias violentas acompanhadas de fortes cólicas e não pude descansar um só momento. Logo pela manhã, corri a minha mãe com o coração batendo, e sem parar de soluçar pedi-lhe conselho. Mas só obtive esta severa repreensão: "Bem que você poderia ter percebido antes, para não sujar assim os lençóis e a cama." Foi tudo, à guisa de explicações. Naturalmente quebrei a cabeça para saber que crime poderia ter cometido e experimentei uma angústia terrível.

Já sabia de que se tratava. Aguardava a coisa com impaciência porque esperava que minha mãe me revelasse então como se fabricavam as crianças. O famigerado dia chegou: mas minha mãe manteve o silêncio. Ainda assim, eu me sentia muito alegre: "Agora", dizia comigo mesma, "você também pode fazer filhos, já é mulher."

Essa crise ocorre numa idade ainda tenra; o menino só atinge a adolescência por volta dos 15 ou 16 anos; é dos 13 aos 14 que a menina se transforma em mulher. Mas não é daí que vem a diferença essencial de sua experiência; ela não reside tampouco nas manifestações fisiológicas que, no caso da moça, lhe dão sua horrível aparência: a puberdade assume nos dois sexos uma significação radicalmente diferente porque não é um mesmo futuro que se anuncia a eles.

Sem dúvida, os meninos também sentem, no momento da puberdade, seu corpo como uma presença embaraçosa, mas, orgulhosos desde a infância de sua virilidade, é para ela que orgulhosamente transcendem no momento da transformação; mostram-se envaidecidos com o pelo que lhes cresce nas pernas e os torna homens. Mais do que nunca, o sexo é então objeto de comparação e desafio. Tornar-se adulto é uma metamorfose que os intimida:

muitos adolescentes sentem-se angustiados quando se anuncia uma liberdade exigente; mas é com alegria que alcançam a dignidade de machos. Ao contrário, para transformar-se em adulto, é preciso que a menina se confine nos limites impostos por sua feminilidade. O menino admira em seus novos pelos promessas indefinidas: ela fica confundida diante do "drama brutal e definido" que detém seu destino. Assim como o pênis tira do contexto social seu valor privilegiado, é o contexto social que faz da menstruação uma maldição. Um simboliza a virilidade, a outra, a feminilidade. E é porque a feminilidade significa alteridade e inferioridade que sua revelação é acolhida com escândalo. A vida da menina sempre lhe apareceu como determinada por essa impalpável essência à qual a ausência do pênis não conseguia dar uma figura positiva: é esta que se descobre no fluxo de sangue que lhe escorre entre as coxas. Se já assumiu sua condição, é com alegria que ela acolhe o acontecimento... "Agora, você é uma mulher." Se sempre a recusou, o veredicto sangrento a fulmina; o mais das vezes ela hesitava: a mácula menstrual a inclina para a repugnância e o medo: "Então é isso o que significam estas palavras: ser mulher!" A fatalidade que até então pesava sobre ela confusamente, e de fora, escondeu-se em seu ventre; não há mais meio de escapar; ela se sente acuada. Em uma sociedade sexualmente igualitária, ela só encararia a menstruação como sua maneira particular de atingir a vida adulta; o corpo humano conhece nos homens e nas mulheres muitas outras servidões mais repugnantes: eles se acomodam facilmente porque, sendo comuns a todos, não representam uma tara para ninguém. As regras inspiram horror à adolescente porque a precipitam numa categoria inferior e mutilada. Esse sentimento de decadência pesará fortemente sobre ela. Conservaria o orgulho de seu corpo sangrento se não perdesse seu orgulho de ser humano. E se consegue conservar este, sente menos vivamente a humilhação de sua carne: a moça que abre os caminhos da transcendência em atividades esportivas, sociais, intelectuais, místicas, não verá uma mutilação em sua especificação e a superará facilmente. Se por volta dessa época a moça desenvolve tantas vezes psicoses é porque se sente sem defesa diante de uma fatalidade surda que a condena a provações inimagináveis; sua feminilidade significa a seus olhos doença, sofrimento, morte, e esse destino a subjuga.

Um exemplo que ilustra de maneira impressionante essas angústias é o da doente descrita por H. Deutsch sob o nome de Molly.

Molly tinha 14 anos quando começou a sofrer de perturbações psíquicas; era a quarta filha de uma família de cinco filhos; o pai, muito severo, criticava as filhas em todas as refeições, a mãe era infeliz e muitas vezes pai e mãe não se falavam. Um dos irmãos fugira de casa. Molly era muito talentosa, dançava o sapateado muito bem mas era tímida e ressentia penosamente a atmosfera familiar; os meninos a amedrontavam. Sua irmã mais velha casou-se contra a vontade da mãe e Molly interessou-se muito pela gravidez da irmã; esta teve um parto difícil, em que foi necessário empregar o fórceps; Molly, que soube dos detalhes e foi informada de que muitas vezes as mulheres morriam de parto, ficou muito impressionada. Durante dois meses tomou conta do bebê; quando a irmã deixou a casa, houve uma cena terrível em que a mãe desmaiou; Molly desmaiou também; vira colegas desmaiar na classe, e as ideias de morte e desmaio obcecavam-na. Quando chegaram as regras, disse à mãe com um ar de embaraço: "A coisa aconteceu." E foi comprar toalhas higiênicas com a irmã; encontrando um homem na rua, baixou a cabeça; de uma maneira geral manifestava repugnância por si mesma. Não sofria durante esses períodos, mas tentava sempre escondê-los da mãe. De uma feita, tendo visto uma mancha nos lençóis, a mãe lhe perguntou se estava indisposta e ela negou, embora fosse verdade. Um dia disse à irmã: "Tudo pode acontecer agora, posso ter um filho. — Para isso, você precisaria viver com um homem, respondeu a irmã. — Mas eu vivo com dois homens: papai e seu marido."

O pai não permitia às filhas que saíssem sozinhas à noite, com medo que as violentassem. Esses temores contribuíam para dar a Molly a ideia de que os homens eram seres perigosos. O medo de ficar grávida, de morrer de parto, assumiu tal intensidade a partir do momento em que as regras vieram que, pouco a pouco, ela se recusou a sair do quarto, queria permanecer o dia inteiro na cama; tem crises terríveis de ansiedade se a obrigam a sair; se precisa afastar-se da casa, tem uma crise e desmaia. Tem medo dos automóveis, dos táxis, não pode mais dormir, acredita que ladrões entram em casa à noite, grita e chora. Tem manias alimentares, por momentos come demais para não desfalecer; tem medo igualmente quando se sente fechada em algum lugar. Não pode mais ir à escola nem levar uma vida normal.

História análoga, que não se liga à crise da menstruação mas em que se manifesta a ansiedade que a menina experimenta em relação a seus "interiores", é a de Nancy.[279]

Com mais ou menos 13 anos a menina era íntima da irmã mais velha e ficou muito orgulhosa por ter sido a confidente quando esta se tornou noiva secretamente e depois casou: compartilhar o segredo de uma pessoa mais velha, era ser aceita entre os adultos. Viveu durante algum tempo na casa da irmã; mas quando esta lhe disse que ia "comprar" um bebê, Nancy teve ciúmes do cunhado e da criança que ia chegar; ser novamente tratada como uma criança a quem se contam lorotas fora insuportável para ela. Começou a sentir perturbações internas e quis que a operassem de apendicite; a operação correu bem, mas, durante sua estada no hospital, Nancy viveu em meio a uma terrível agitação; tinha cenas violentas com a enfermeira que detestava; tentava seduzir o médico, marcava encontros com ele, mostrava-se provocante, exigia com crises nervosas que ele a tratasse como mulher; acusava-se de ser responsável pela morte de um irmãozinho ocorrida anos antes; e principalmente tinha certeza de que não lhe haviam tirado o apêndice, que tinham esquecido o

bisturi no seu estômago: quis por força que a examinassem pelos raios X a pretexto de que engolira um *penny* (uma moeda).

Esse desejo de operação — em particular da extirpação do apêndice — é comum nessa idade; as meninas exprimem assim seu medo da violação, da gravidez, do parto. Sentem no ventre obscuras ameaças e esperam que o cirurgião as salve do perigo desconhecido que as aguarda.

Não é somente o aparecimento das regras que anuncia à menina seu destino de mulher. Outros fenômenos suspeitos produzem-se nela. Até então seu erotismo era clitoridiano. É difícil saber se as práticas solitárias são menos comuns nela do que nos meninos; a essas práticas ela se entrega durante os dois primeiros anos de vida, talvez mesmo desde os primeiros meses; parece que as abandona por volta dos dois anos para voltar a elas mais tarde; pela sua conformação anatômica, essa haste plantada na carne masculina solicita, mais do que uma mucosa secreta, toques e apalpadelas: mas os acasos de uma esfregadela — a criança subindo em barras, em árvores, montando em bicicleta — de um contato vestimentar, de um jogo, ou ainda a iniciação por colegas mais velhos, por adultos, revelam frequentemente à menina sensações que ela se esforça por ressuscitar. Em todo caso, o prazer, quando alcançado, é uma sensação autônoma: tem a leveza e a inocência de todos os divertimentos infantis.[280] Ela quase não estabelece relações entre as deleitações íntimas e seu destino de mulher; suas relações sexuais com meninos, se é que existem, são baseadas essencialmente na curiosidade. E ei-la que se sente tomada de perturbadoras emoções em que não se reconhece. A sensibilidade das zonas erógenas desenvolve-se, e estas são na mulher tão numerosas que se pode considerar todo o corpo como erógeno: é o que lhe revelam carícias familiares, beijos inocentes, toques indiferentes de uma costureira, de um médico, de um cabeleireiro, uma mão amiga pousada nos cabelos ou na nuca; ela descobre, e muitas vezes procura deliberadamente, uma perturbação mais profunda nos contatos de jogo, de luta com meninos e meninas: como Gilberte lutando nos Champs-Elysées com Proust. Nos braços dos dançarinos, sob o olhar ingênuo da mãe, ela conhece estranhos langores. Além disso, mesmo uma juventude bem protegida expõe-se a experiências mais precisas. Nos meios "bem" silenciam-se de comum acordo tais incidentes lamentáveis; mas é frequente que certas carícias de amigos da casa, de tios, de primos, para não falar dos avôs e dos pais, sejam muito menos inofensivas do que a mãe supõe; um professor, um padre, um médico podem ter sido ousados, indiscretos. Encontram-se

relatos de semelhantes experiências em *L'Asphyxie*, de Violette Leduc, em *La Haine maternelle*, de S. de Tervagnes, e em *L'Orange bleue*, de Yassu Gauclère. Stekel estima que os avôs, entre outros, são frequentemente muito perigosos.

> Tinha 15 anos. Na véspera do enterro, meu avô viera dormir em casa. No dia seguinte, minha mãe já se tendo levantado, ele me perguntou se não podia deitar na minha cama para brincar comigo; levantei-me imediatamente sem responder... Comecei a ter medo dos homens, conta uma mulher.[281]

> Outra jovem lembra-se de ter sofrido um sério choque com a idade de oito ou dez anos quando o avô, um velho de setenta anos, bulira seus órgãos genitais. Ele a sentara no colo enfiando-lhe o dedo na vagina. A criança sentira uma imensa angústia, mas não ousou, entretanto, dizer nada. Desde então teve muito medo de tudo o que é sexual.[282]

Tais incidentes são geralmente silenciados pela menina por causa da vergonha que lhe inspiram. Muitas vezes, ao se abrir com os pais, a reação destes é ralhar com ela: "Não diga tolices... Está pensando bobagens." Ela se cala também acerca dos gestos estranhos de certos desconhecidos. Uma menina contou ao dr. Liepmann:[283]

> Tínhamos alugado um quarto no porão da casa de um sapateiro. Muitas vezes, quando estava sozinho, nosso proprietário vinha me buscar, me tomava nos braços e me beijava longamente mexendo-se para a frente e para trás. Além disso, seu beijo não era superficial; enfiava-me a língua na boca. Eu o detestava por causa dessas coisas. Mas nunca disse nada porque era muito tímida.

Além dos colegas salientes, das amigas perversas, há o joelho que no cinema pressiona o da menina, a mão que à noite no trem desliza ao longo da perna, os rapazes que zombam quando ela passa, os homens que a seguem na rua, os abraços, os toques furtivos. Ela compreende mal o sentido dessas aventuras. Há, muitas vezes, numa cabeça de 15 anos, uma estranha confusão, porque os conhecimentos teóricos e as experiências concretas não se ajustam. Uma menina já experimentou todas as sensações da perturbação e do desejo, mas imagina — como Clara d'Ellébeuse, inventada por Francis Jammes — que bastaria um beijo masculino para torná-la mãe; outra tem noções exatas acerca da anatomia genital, mas, quando seu parceiro na dança a aperta nos braços, acredita ser enxaqueca a emoção que sente. Seguramente, as moças estão hoje mais bem informadas do que outrora. Entretanto, certos psiquiatras afirmam que várias adolescentes ignoram ainda que os órgãos sexuais sirvam para algo mais que urinar.[284] De qualquer modo, elas estabelecem pouca relação entre as emoções sexuais e a existência de seus órgãos genitais, pois nenhum sinal tão preciso

como a ereção masculina lhes indica essa correlação. Entre seus devaneios romanescos acerca do homem, do amor, e a crueza de certos fatos que lhes são revelados, existe um tal hiato que elas não veem nenhuma relação entre eles. Thyde Monnier conta[285] que fizera, com algumas amigas, a promessa de olhar como era feito um homem e contar às outras:

> Tendo entrado propositadamente no quarto de meus pais, sem bater, assim o descrevi: "É como um negócio de segurar pernil, isto é, um rolo que no fim tem uma coisa redonda." Era difícil explicar. Fiz um desenho, fiz mesmo três e cada uma delas levou o seu escondido no corpete e de quando em quando morria de rir, olhando-o, e depois ficava sonhando... Como meninas inocentes como nós poderiam estabelecer uma ligação entre esse objeto e as canções sentimentais, as bonitas histórias romanescas em que o amor, feito de respeito, timidez, suspiros, beija-mão é sublimado até tornar-se eunuco?

Contudo, através de suas leituras, de suas conversas, dos espetáculos e das palavras que surpreende, a moça dá um sentido à perturbação de sua carne; esta faz-se apelo, desejo. Em suas febres, arrepios, suores, incômodos incertos, seu corpo assume uma nova e inquietante dimensão. O rapaz reivindica suas tendências eróticas porque assume alegremente sua virilidade; nele o desejo sexual é agressivo, preênsil; ele vê nesse desejo uma afirmação de sua subjetividade e de sua transcendência; vangloria-se disso junto dos amigos; o sexo permanece para ele uma perturbação de que se orgulha; o impulso que o impele para a mulher é da mesma natureza daquele que o impele para o mundo, por isso nele se reconhece. Ao contrário, a vida sexual da menina sempre foi clandestina; quando seu erotismo se transforma e invade toda a carne, o mistério vira angústia: ela suporta a perturbação como se se tratasse de uma doença vergonhosa; não é ativa: é um estado, e nem mesmo em imaginação ela pode livrar-se dela por uma decisão autônoma; não sonha com pegar, amassar, violentar: é espera e apelo; sente-se dependente; e em perigo na sua carne alienada.

Isso porque sua esperança difusa, seu sonho de passividade feliz lhe revelam com evidência o corpo como um objeto destinado a outrem. Ela não quer conhecer a experiência sexual senão em sua imanência; é o contato da mão, da boca, de uma outra carne que ela pede e não a mão, a boca, a carne alheia; ela deixa na sombra a imagem de seu parceiro, ou a afoga em devaneios ideais; não pode, entretanto, impedir que a presença dele a obsidie. Seus terrores, suas repulsas juvenis em relação ao homem assumiram um caráter mais equívoco do que antes, e por isso mesmo mais angustiante. Nasciam outrora de um divórcio profundo entre o organismo infantil e seu futuro de adulta; agora, eles têm sua

fonte nessa complexidade que a moça experimenta em sua carne. Ela compreende que se destina à posse já que a chama: e revolta-se contra seus próprios desejos. Ela almeja e teme a um tempo a vergonhosa passividade da presa que consente. A ideia de se pôr nua diante de um homem a perturba profundamente; mas ela sente também que será então entregue sem apelo ao olhar dele. A mão que pega, que toca, tem uma presença ainda mais imperiosa que a dos olhos: ela assusta mais. Mas o símbolo mais evidente e mais detestável da posse física é a penetração pelo sexo do macho. Esse corpo que ela confunde consigo mesma, a jovem detesta que o possam perfurar como se perfura um couro, rasgá-lo como se rasga um tecido. Porém, mais do que o ferimento e a dor que o acompanha, o que a moça recusa é que ferimento e dor sejam *infligidos*. "É horrível a ideia de ser *furada* por um homem", dizia-me um dia uma jovem. Não é o medo do membro viril que engendra o horror ao homem, esse medo é a confirmação e o símbolo; a ideia de penetração assume seu sentido obsceno e humilhante no interior de uma forma mais geral, da qual ela é, em compensação, um elemento essencial.

A ansiedade da menina é traduzida por pesadelos que a atormentam e fantasias que a perseguem: é no momento em que ela sente em si uma insidiosa complacência que a ideia de violação se torna em muitos casos obsessiva. Manifesta-se nos sonhos e nas condutas através de numerosos símbolos mais ou menos claros. A jovem explora o quarto antes de se deitar, com medo de descobrir algum ladrão de intenções equívocas; acredita estar ouvindo gatunos dentro de casa; um agressor entra pela janela com uma faca e a traspassa. De uma maneira mais ou menos aguda, os homens inspiram-lhe pavor. Ela começa a sentir certa repugnância do pai; não pode mais suportar o cheiro de seu fumo, detesta entrar no banheiro depois dele; ainda que continue a amá-lo, a repulsa física é frequente; toma uma forma exasperada como se a menina já fosse hostil ao pai, como acontece não raro com as caçulas. Há um sonho que os psiquiatras dizem ser comum nas jovens pacientes: imaginam ser violentadas por um homem sob as vistas de uma mulher idosa e com o consentimento dela. É claro que pedem simbolicamente à mãe a permissão de se entregarem a seus desejos. Pois um dos constrangimentos que pesam mais odiosamente sobre elas é o da hipocrisia. A jovem acha-se votada à "pureza", à inocência, precisamente no momento em que descobre em si e à sua volta os perturbadores mistérios da vida e do sexo. Querem-na branca como o arminho, transparente como um cristal, vestem-na de vaporoso organdi, cobrem-lhe as paredes do quarto com cortinas cor de confeitos, abaixam a voz perto dela, proíbem-lhe os livros escabrosos; ora, não há

uma só filha de Maria que não acarinhe imagens e desejos "abomináveis". Ela se esforça por dissimulá-los até para a melhor amiga, para si mesma; não quer mais viver nem pensar senão em obediência a ordens recebidas; sua desconfiança de si própria lhe dá um ar dissimulado, infeliz, doentio; e mais tarde nada lhe será mais difícil do que combater essas inibições. Mas apesar de todos os recalques, sente-se acabrunhada pelo peso de faltas indizíveis. Suporta sua metamorfose em mulher, não somente na vergonha, mas também no remorso.

Compreende-se que a idade ingrata seja para a menina um período de confusão dolorosa. Ela não quer continuar criança. Mas o mundo dos adultos parece-lhe assustador ou tedioso:

> Procurava crescer portanto, mas nunca pensava seriamente em levar a vida que via os adultos levarem, diz Colette Audry... E ainda assim alimentava-se em mim a vontade de crescer sem jamais assumir a condição de adulto, sem nunca me tornar solidária com os pais, donas de casa, mulheres caseiras, chefes de família.

Gostaria de libertar-se do jugo da mãe; mas tem também uma necessidade ardente de sua proteção. São as faltas que lhe pesam na consciência: práticas solitárias, amizades equívocas, más leituras que tornam tal refúgio necessário. A carta seguinte,[286] escrita a uma amiga por uma jovem de 15 anos, é característica:

> Mamãe quer que eu use vestido comprido no grande baile dos X; meu primeiro vestido comprido. Está espantada por eu não querer. Supliquei que me deixasse usar meu vestidinho cor-de-rosa pela última vez. Tenho tanto medo. Parece, pondo o vestido comprido, que mamãe vai partir para uma longa viagem e que eu não sei quando voltará. Não é idiotice? E às vezes ela me olha como se eu fosse uma menininha. Ah! Se ela soubesse! Amarraria minhas mãos à cama e me desprezaria!

Encontra-se no livro de Stekel, *A mulher frígida*, um documento notável acerca de uma infância feminina. Trata-se de uma "Süssel Mädel" vienense que redigiu por volta dos 21 anos uma confissão pormenorizada, a qual constitui uma síntese concreta de todos os momentos que estudamos separadamente.

> "Com a idade de cinco anos escolhi meu primeiro companheiro de brinquedo, um menino, Ricardo, que tinha seis ou sete. Eu queria sempre saber como se reconhece que uma criança é menino ou menina. Diziam que era pelos brincos, pelo nariz... Contentava-me com essa explicação, embora com a sensação de que me escondiam alguma coisa. Subitamente Ricardo desejou fazer xixi... Tive a ideia de lhe emprestar meu urinol. Vendo seu membro, algo inteiramente surpreendente para mim,

exclamei cheia de alegria: 'Mas que é que você tem aí? Como é bonito! Meu Deus, gostaria de ter um também.' Ao mesmo tempo toquei-o corajosamente..." Uma tia surpreendeu-os e desde então as crianças passaram a ser muito vigiadas. Com nove anos, ela brinca de casamento com dois meninos de oito e dez anos; e também de médico. Bolem em seus órgãos genitais e um dia um dos meninos a toca com o sexo dizendo depois que os pais dela haviam feito a mesma coisa quando se casaram: "Estava francamente indignada: não, não fizeram coisa tão feia!" Ela continua com esses brinquedos e tem uma grande amizade amorosa e sexual com os dois meninos. A tia vem um dia a saber e acontece uma cena horrível em que a ameaçam de botá-la num reformatório. Ela deixa de ver Artur, que era seu predileto, e sofre muito com isso: põe-se a trabalhar mal, sua letra deforma-se, fica vesga. Reinicia outra amizade, com Valter e Francisco. "Valter ocupava todos os meus pensamentos e todos os meus sentidos. Permiti que me tocasse por baixo da saia, de pé ou sentada diante dele enquanto fazia minhas lições de caligrafia... Logo que minha mãe abria a porta ele retirava a mão e eu continuava escrevendo... Enfim tivemos relações normais entre homem e mulher, mas não lhe permitia muita coisa; logo que ele pensava ter penetrado em minha vagina eu me afastava dizendo que havia alguém... Não imaginava que fosse um pecado."

Suas amizades com meninos acabam e sobram somente amizades com moças. "Apeguei-me a Emmy, jovem bem-educada e instruída. Certa vez, no Natal, quando eu tinha 12 anos, trocamos pequenos corações de ouro com nossos nomes gravados dentro. Considerávamos isso uma espécie de noivado, jurando-nos 'fidelidade eterna'. Devo parte de minha instrução a Emmy. Ela me informou também acerca dos problemas sexuais. No quinto ano, eu já começara a duvidar das histórias de cegonha que traz as crianças. Acreditava que os filhos vinham do ventre e que era preciso abri-lo para que pudessem sair. Emmy assustava-me principalmente por causa da masturbação. Na escola, vários evangelhos nos abriram os olhos acerca das questões sexuais. Por exemplo, quando a Virgem Maria ia visitar santa Isabel. 'O filho em seu seio pulava de alegria' e outros trechos curiosos da Bíblia. Sublinhávamos esses trechos e por pouco a classe não teve uma má nota de comportamento quando descobriram isso. Ela mostrava-me também a 'recordação de nove meses' de que fala Schiller em *Os salteadores.* O pai de Emmy foi transferido e fiquei novamente só. Escrevemo-nos num código secreto que havíamos inventado, mas, como me sentia muito sozinha, liguei-me a uma menina judia, Hedl. Uma vez, Emmy me surpreendeu saindo da escola com Hedl. Fez uma cena de ciúmes. Continuei com Hedl até entrarmos para a escola de comércio e éramos as melhores amigas, sonhando tornarmo-nos cunhadas, pois eu gostava de um de seus irmãos que era estudante. Quando ele falava comigo, eu ficava confusa a ponto de lhe responder de um modo ridículo. Ao crepúsculo, abraçada com Hedl num pequeno sofá, chorava copiosamente, sem saber por quê, quando ele tocava piano.

"Antes de minha amizade com Hedl, convivi durante várias semanas com uma certa Ella, filha de gente pobre. Ela observara os pais 'a sós', despertada pelo barulho da cama. Veio dizer-me que o pai se deitara sobre a mãe, que gritara muito, e que o pai dissera: 'Vá se lavar depressa para que não haja nada.' Fiquei intrigada com a conduta do pai, evitava-o na rua e sentia muita pena da mãe (devia ter sofrido cruelmente para gritar tanto). Conversei com outra colega acerca do comprimento do pênis; ouvi de uma feita falarem de 12 a 15 centímetros; durante a lição de costura pegávamos o metro para medir a partir do lugar em questão ao longo do ventre por cima da saia. Chegávamos, evidentemente, pelo menos ao umbigo e ficávamos apavoradas com a ideia de sermos literalmente empaladas quando nos casássemos."

Ela vê um cão cobrir uma cadela. "Se na rua eu via um cavalo urinar, não podia desviar o olhar, acho que o comprimento do pênis me impressionava." Observava as moscas e os animais no campo.

"Com a idade de 12 anos tive uma forte angina e consultaram um médico amigo; sentado perto da cama, ele colocou de repente a mão sob as cobertas, me tocando quase no 'lugar'. Sobressaltei-me gritando: 'Não tem respeito!' Minha mãe se precipitou, o doutor estava horrivelmente embaraçado e afirmou que eu era uma pequena impertinente e que ele quisera apenas beliscar-me a perna. Fui obrigada a pedir-lhe perdão... Quando tive, enfim, minhas regras e meu pai descobriu minhas toalhas manchadas de sangue, houve uma cena terrível. Porque ele, homem limpo, era 'forçado a viver entre tantas mulheres sujas' e parecia que era minha culpa ficar indisposta." Aos 15 anos tem outra amiguinha com quem se comunica em estenografia "para que em casa ninguém pudesse ler nossas cartas. Havia tanta coisa a escrever sobre nossas conquistas. Ela me comunicava também grande número de versos que lera nas paredes das privadas; lembro-me de um porque degradava até à imundície o amor que era tão sublime em minha imaginação: 'Qual o fim supremo do amor? Quatro nádegas suspensas a uma haste.' Resolvi não chegar nunca a esse ponto; um homem que ama uma moça não pode pedir-lhe semelhante coisa. Com 15 anos e meio tive um irmão. Senti muito ciúme porque sempre fora filha única. Minha amiga pedia sempre que eu olhasse como meu irmão era feito, mas não podia absolutamente lhe dar as informações que me solicitava. Nessa época uma outra amiga fez-me a descrição de uma noite de núpcias e depois disso tive a ideia de me casar por curiosidade; só que 'resfolegar como um cavalo', segundo a descrição, ofendia meu senso estético... Qual de nós não quisera casar para se deixar despir pelo marido amado e ser carregada para a cama por ele. Era tão tentador..."

Dirão talvez — embora se trate de um caso normal e não patológico — que essa menina era de uma "perversidade" excepcional; era apenas menos fiscalizada do que outras. Se as curiosidades e os desejos das jovens "bem-educadas" não se traduzem por atos, nem por isso deixam de existir sob a forma de fantasias e de jogos. Conheci outrora uma moça devota e de uma desconcertante inocência — que se tornou depois uma mulher perfeita, cristalizada na maternidade e na devoção — que certa noite confiou toda trêmula a uma amiga mais velha: "Como deve ser maravilhoso despir-se diante de um homem! Suponhamos que você seja meu marido"; e pôs-se a despir-se muito comovida. Nenhuma educação pode impedir a menina de tomar consciência de seu corpo e de sonhar com seu destino; quando muito poderão impor-lhe estritos recalques que pesarão mais tarde sobre toda a sua vida sexual. Seria desejável, isso sim, que lhe ensinassem o contrário: a se aceitar sem complacência nem vergonha.

Compreende-se agora que drama dilacera a adolescente no momento da puberdade: ela não pode tornar-se adulta sem aceitar sua feminilidade; ela já sabia que seu sexo a condenava a uma existência mutilada e paralisada;

descobre isso agora sob a forma de uma doença impura e de um crime obscuro. Sua inferioridade era somente apreendida, a princípio, como uma privação: a ausência do pênis converteu-se em mácula e em falta. É ferida, envergonhada, inquieta, culpada que ela se encaminha para o futuro.

2/**A jovem**

Durante toda a infância a menina foi reprimida e mutilada; entretanto, percebia-se como um indivíduo autônomo; em suas relações com os pais, os amigos, em seus estudos e jogos, descobria-se então como uma transcendência: nada fazia senão sonhar com sua futura passividade. Uma vez púbere, o futuro não somente se aproxima, instala-se em seu corpo, torna-se a realidade mais concreta. Conserva o caráter fatal que sempre teve; enquanto o adolescente se encaminha ativamente para a idade adulta, a jovem aguarda o início desse período novo, imprevisível, cuja trama já se acha traçada e para o qual o tempo a arrasta. Já desligada de seu passado de criança, o presente só lhe aparece como uma transição; ela não descobre nele nenhum fim válido, mas tão somente ocupações. De uma maneira mais ou menos velada, sua juventude consome-se na espera. Ela aguarda o Homem.

Sem dúvida, o adolescente também sonha com a mulher, deseja-a; mas ela será apenas um elemento de sua vida: não resume seu destino. Desde a infância, se desejou realizar-se como mulher ou superar as limitações de sua feminilidade, a menina esperou do macho realização e evasão: ele tem o semblante deslumbrante de Perseu, de são Jorge, é o libertador, é tão rico e poderoso que detém em suas mãos as chaves da felicidade: é o príncipe encantado. Ela pressente que sob suas carícias será levada pela grande corrente da Vida, como no tempo em que repousava no colo da mãe; submetida à sua doce autoridade, encontrará a mesma segurança que tinha nos braços do pai: a magia dos abraços e dos olhares a transformará novamente em ídolo. Sempre esteve convencida da superioridade viril; esse prestígio dos homens não é uma miragem pueril. Tem bases econômicas e sociais; são indiscutivelmente os senhores do mundo, tudo persuade a adolescente de que é de seu interesse tornar-se sua vassala; seus pais a incitam: o pai orgulha-se dos êxitos da filha, a mãe vê neles as promessas de um futuro próspero; as colegas invejam e

admiram aquela que conquista mais homenagens masculinas; nos colégios norte-americanos o s*tandard* de uma estudante é medido pelo número de *dates* que acumula. O casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher atingir a sua integral dignidade social e realizar-se sexualmente como amante e mãe. É sob esse aspecto que os que a cercam encaram seu futuro e que ela própria o encara. Admite-se unanimemente que a conquista de um marido — ou, em certos casos, de um protetor —, é para ela o mais importante dos empreendimentos. No homem encarna-se a seus olhos o Outro, como este para o homem se encarna nela; mas esse *Outro* apresenta-se a ele como o essencial e ela se apreende perante ele como o inessencial. Ela se libertará do lar paterno, do domínio materno e abrirá o futuro para si, não através de uma conquista ativa e sim entregando-se, passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor.

Afirmou-se frequentemente que se a jovem se resignava a essa renúncia é porque física e moralmente ela se torna então inferior aos rapazes e incapaz de rivalizar com eles: renunciando a uma vã competição, confiaria a um membro da casta superior o cuidado de lhe assegurar a felicidade. Em verdade, não é de uma inferioridade dada que provém sua humildade; esta, ao contrário, é que engendra todas as insuficiências; tem sua fonte no passado da adolescente, na sociedade que a cerca e, precisamente, nesse futuro que lhe é proposto.

Sem dúvida, a puberdade transforma o corpo da jovem. Ele se torna mais frágil do que antes: os órgãos são vulneráveis, seu funcionamento delicado; insólitos e incômodos, os seios são um fardo; lembram sua presença nos exercícios violentos, tremem, doem. Daí por diante a força muscular, a resistência, a agilidade da mulher tornam-se inferiores às do homem. O desequilíbrio das secreções hormonais cria uma instabilidade nervosa e vasomotora. A crise menstrual é dolorosa: dores de cabeça, dos músculos e do ventre tornam penosas e até impossíveis as atividades normais; a esses incômodos acrescem-se muitas vezes perturbações psíquicas; nervosa, irritável, é comum que a mulher passe mensalmente por um estado de semialienação; o controle do sistema nervoso e do sistema simpático não é mais assegurado pelos centros; as perturbações da circulação, certas autointoxicações fazem do corpo uma barreira entre a mulher e o mundo, uma bruma ardente que pesa sobre ela, que a abafa e a separa: através dessa carne dolente e passiva, o universo inteiro é um fardo por demais pesado. Oprimida, submergida, ela se torna estranha a si mesma pelo fato de ser estranha ao restante do mundo. As sínteses desagregam-se, os instantes não se ligam mais, o outro não é mais

reconhecido senão mediante um reconhecimento abstrato; e embora permaneçam intatos como nos delírios melancólicos, o raciocínio e a lógica são, entretanto, colocados a serviço das evidências passionais que se produzem no seio da desordem orgânica. Tais fatos são extremamente importantes: mas é por sua maneira de tomar conhecimento deles que a mulher lhes dá o peso que têm.

É por volta dos 13 anos que os meninos fazem um verdadeiro aprendizado da violência, que desenvolvem sua agressividade, sua vontade de poder, seu gosto pelo desafio; é exatamente nesse mesmo momento que a menina renuncia aos jogos brutais. Alguns esportes continuam a lhes ser acessíveis; mas o esporte, que é especialização, submissão a regras artificiais, não oferece a equivalência de um recurso espontâneo e normal à força; situa-se à margem da vida: não informa acerca do mundo e de si mesmo tão intimamente quanto um combate desordenado, uma escalada imprevista. A esportista não sente nunca o orgulho conquistador de um menino que fez o outro encostar os ombros no chão. Ademais, em muitos países as moças não têm nenhum treinamento esportivo. Sendo-lhes proibidas as brigas, as escaladas, elas se atêm a suportar o corpo passivamente; muito mais nitidamente do que na infância, cumpre a elas renunciar a *emergir* além do mundo dado, a afirmar-se *acima* da humanidade; é proibido explorar, ousar, recuar os limites do possível. Em particular, a atitude do *desafio*, tão importante nos rapazes, é para as moças quase desconhecida. Por certo as mulheres se comparam, mas o desafio é diferente dessas confrontações passivas: duas liberdades se defrontam à medida que têm sobre o mundo um domínio cujas limitações desejam diminuir; subir mais alto do que um colega, dobrar um braço, é afirmar sua soberania sobre toda a Terra. Essas condutas conquistadoras não são permitidas à moça, principalmente a violência. Sem dúvida, no universo dos adultos a força brutal não desempenha, em períodos normais, um grande papel; mas, entretanto, ela o persegue, muitas são as condutas masculinas que se apoiam num fundo de violência possível: em todas as esquinas de rua, brigas e disputas se esboçam; na maioria das vezes abortam; mas basta ao homem sentir em seus punhos sua vontade de afirmação de si mesmo para sentir-se confirmado em sua soberania. Contra toda afronta, contra toda tentativa de reduzi-lo a objeto, o homem tem o recurso de bater, de se expor aos golpes: não se deixa transcender por outrem, reencontra-se no seio de sua subjetividade. A violência é a prova autêntica da adesão de cada um a si mesmo, a suas paixões, a sua própria vontade, recusá-la radicalmente é recusar-

se toda verdade objetiva, é encerrar-se numa subjetividade abstrata; uma cólera, uma revolta que não passam pelos músculos permanecem imaginárias. É terrível frustração não poder inscrever os movimentos de seu coração na face da Terra. No sul dos Estados Unidos é rigorosamente impossível a um negro usar de violência contra os brancos; essa regra é que é a chave da misteriosa "alma negra". A maneira pela qual o negro se sente no mundo branco, as condutas mediante as quais a ele se adapta, as compensações que busca, todo o seu modo de sentir e de agir se explicam por meio da passividade a que é condenado. Durante a ocupação, os franceses que tinham resolvido não se entregar a atos violentos contra os ocupantes, mesmo em caso de provocação — fosse por prudência egoísta ou porque tinham deveres exigentes —, sentiam sua situação profundamente transtornada nesse mundo: dependia do capricho de outrem que fossem transformados em objetos, sua subjetividade não tinha mais meios de se exprimir concretamente, não passava de um fenômeno secundário. Assim, tem o universo um aspecto inteiramente diferente para o adolescente a quem se permite testemunhar imperiosamente sobre si mesmo e para a adolescente cujos sentimentos se acham privados de eficiência imediata. Um pode pôr o mundo em discussão sem cessar, pode a cada instante insurgir-se contra o que lhe foi dado e tem, portanto, a impressão, quando o aceita, de o confirmar ativamente; a outra não faz senão suportá-lo: o mundo define-se sem ela e tem um aspecto imutável. Essa impotência física é traduzida por uma timidez mais geral: ela não acredita numa força que não experimentou em seu corpo; não ousa empreender, revoltar-se, inventar: votada à docilidade, à resignação, não pode senão aceitar, na sociedade, um lugar já preparado. Ela encara a ordem das coisas como dada. Uma mulher contava-me que durante toda a sua mocidade negara com selvagem má-fé sua fraqueza física. Admiti-la, fora perder a vontade e a coragem de empreender o que quer que fosse, ainda que apenas nos domínios intelectuais e políticos. Conheci uma jovem educada como um rapaz e excepcionalmente vigorosa que se imaginava tão forte quanto um homem; embora fosse muito bonita, e tivesse todos os meses regras dolorosas, não tomava em absoluto consciência de sua feminilidade: tinha o rompante, a exuberância de vida, as iniciativas de um menino. E também as ousadias, não hesitando em intervir na rua a socos, se via molestarem uma criança ou uma mulher. Uma ou duas experiências infelizes revelaram-lhe que a força brutal está com os homens. Quando mediu sua fraqueza, boa parte da confiança que tinha em si mesma esvaiu-se. Foi o início de uma evolução que a levou a se feminilizar, a realizar-se como passiva, a aceitar a dependência. Não

ter mais confiança no corpo é perder confiança em si próprio. Basta ver a importância que os rapazes dão a seus músculos para compreender que todo indivíduo julga o corpo como sua expressão objetiva.

No rapaz, os impulsos eróticos só confirmam o orgulho que tira de seu corpo: neste ele descobre o sinal de sua transcendência e de seu poder. A moça pode conseguir assumir seus desejos, mas eles guardam, na maioria das vezes, um caráter vergonhoso. Seu corpo inteiro é aceito com embaraço. A desconfiança que, desde menina, ela sentia em relação a seus "interiores" contribui para dar à crise menstrual o caráter suspeito que a torna odiosa. É pela atitude psíquica que suscita que a servidão menstrual constitui um pesado *handicap.* A ameaça que pesa sobre a jovem, durante certos períodos, pode parecer-lhe tão intolerável que ela renunciará a expedições e a prazeres, por medo de que sua desgraça seja conhecida. O horror que esta lhe inspira repercute em seu organismo e aumenta-lhe os incômodos e as dores. Viu-se que uma das características da fisiologia feminina é a estreita ligação das secreções endócrinas com o equilíbrio nervoso: há uma ação recíproca; um corpo de mulher — e principalmente de moça — é um corpo "histérico", no sentido de que não há, por assim dizer, distância entre a vida psíquica e sua realização fisiológica. O cataclismo que acarreta à jovem a descoberta das perturbações da puberdade a exaspera. Como o corpo lhe é suspeito, ela o espia com inquietação: parece-lhe doente, é doente. Viu-se que, efetivamente, esse corpo é frágil e que há desordens orgânicas que nele se produzem; mas os ginecologistas concordam em dizer que nove décimos de suas pacientes são doentes imaginárias, isto é, ou seus incômodos não têm nenhuma realidade fisiológica, ou a desordem orgânica é, ela própria, motivada por uma atitude psíquica. É em grande parte a angústia de ser mulher que corrói o corpo feminino.

Vê-se que, se a situação biológica da mulher constitui um *handicap*, é por causa da perspectiva em que ela se apreende. A fragilidade nervosa, a instabilidade vasomotora, quando não se tornam patológicas, não lhe vedam nenhum ofício: entre os próprios homens há uma grande diversidade de temperamentos. Uma indisposição de um ou dois dias por mês, mesmo dolorosa, não é tampouco um obstáculo; na realidade, numerosas mulheres acomodam-se a isso, e em particular as que a "maldição" mensal poderia atrapalhar mais: esportistas, viajantes, mulheres que exercem tarefas pesadas. A maioria das profissões não reclama uma energia superior à que a mulher pode fornecer. E nos esportes o fim visado não é um êxito independente das aptidões

físicas: é a realização da perfeição peculiar a cada organismo. O campeão de peso-pena vale tanto quanto o de peso pesado; uma campeã de esqui não é inferior ao campeão mais rápido do que ela: pertencem a duas categorias diferentes. São precisamente as esportistas que, positivamente interessadas em sua própria realização, se sentem menos inferiorizadas em relação ao homem. Contudo, a fraqueza física não permite à mulher conhecer as lições da violência: se lhe fosse possível afirmar-se em seu corpo e emergir no mundo de outra maneira, essa deficiência seria facilmente compensada. Que escale picos, que nade, que pilote um avião, que lute contra os elementos, que assuma riscos e se aventure, ela não sentirá, diante do mundo, a timidez de que falei. É no conjunto de uma situação, que deixa muito poucas possibilidades, que tais singularidades assumem seu valor, e não imediatamente, mas confirmando o complexo de inferioridade por ela desenvolvido desde a infância.

É igualmente esse complexo que vai pesar sobre suas realizações intelectuais. Observou-se muitas vezes que a partir da puberdade a jovem perde terreno nos domínios intelectuais e artísticos. Há muitas razões para isso. Uma das mais frequentes está em que a adolescente não encontra em volta de si os incentivos que oferecem a seus irmãos; ao contrário: querem que ela seja *também* uma *mulher*, e para isso é preciso acumular as tarefas de seu trabalho profissional com as que sua feminilidade implica. A diretora de uma escola profissional faz a propósito as seguintes observações:

> A jovem torna-se repentinamente um ser que ganha a vida trabalhando. Tem novos desejos, que nada têm a ver com a família. Acontece frequentemente que deva fazer um esforço bastante considerável... Ela volta à noite para seu lar tomada de um cansaço colossal e com a cabeça cheia das ocorrências do dia... Como é então recebida? A mãe manda-a logo fazer alguma compra. Há também que terminar as tarefas caseiras deixadas em suspenso e cumpre ainda cuidar de sua roupa. É impossível dar atenção a todos os pensamentos íntimos que continuam a preocupá-la. Sente-se infeliz, compara sua situação com a do irmão, que não tem deveres a cumprir em casa, e revolta-se.[287]

Os trabalhos caseiros ou as tarefas mundanas que a mãe não hesita em impor à estudante, à aprendiz, acabam por exauri-la. Vi, durante a guerra, alunas que eu preparava para Sèvres esmagadas pelas atividades familiares que se acrescentavam ao trabalho escolar: uma teve o mal de Pott, outra uma meningite. A mãe — veremos — mostra-se surdamente hostil à libertação da filha, e mais ou menos deliberadamente esforça-se por oprimi-la. Respeitam o esforço que o adolescente faz para se tornar homem e desde logo lhe dão uma grande liberdade. Da moça exigem que fique em casa, fiscalizam suas saídas:

não a encorajam em absoluto a escolher seus divertimentos, seus prazeres. É raro ver mulheres organizarem sozinhas uma longa viagem, a pé ou de bicicleta, ou dedicar-se a um jogo como o de bilhar, de bolas etc. Além de uma falta de iniciativa que provém de sua educação, os costumes tornam sua independência difícil. Se passeiam pelas ruas, são olhadas, abordadas. Conheço moças que, sem serem absolutamente tímidas, não encontram nenhum prazer em passear sozinhas por Paris porque, importunadas sem cessar, precisam andar sempre atentas: com isso, todo o prazer se esvai. Se as estudantes correrem as ruas em bandos alegres, como fazem os estudantes, querem se mostrar; andar a passos largos, cantar, falar alto, rir, comer uma maçã são provocações, desde logo são insultadas ou seguidas ou abordadas. A despreocupação torna-se de imediato uma falta de compostura; esse controle de si a que a mulher é obrigada, e se torna uma segunda natureza na "moça bem-comportada", mata a espontaneidade; a experiência viva é com isso reprimida, do que resultam tensão e tédio. Esse tédio é comunicativo: as moças aborrecem-se logo umas das outras; não se prendem mutuamente a sua prisão; e é uma das razões que fazem tão necessária a companhia dos rapazes. Essa incapacidade de bastar a si mesma engendra uma timidez que se estende por toda a vida e deixa marca em seu próprio trabalho: elas pensam que os triunfos brilhantes são reservados aos homens. Não ousam visar alto demais. Viu-se que, comparando-se com os meninos, as meninas de 14 anos diziam: "Os meninos são melhores." Essa convicção é debilitante. Incita à preguiça e à mediocridade. Uma moça que não tinha nenhuma deferência particular pelo sexo forte criticava a covardia de um homem; observaram-lhe que ela era também muito medrosa: "Ora, uma mulher não é a mesma coisa", declarou com complacência.

A razão profunda desse derrotismo está em que a adolescente não se imagina responsável por seu futuro; julga inútil exigir muito de si mesma, já que não é dela finalmente que deve depender seu destino. Longe de se dedicar ao homem porque se sente inferior a ele, é porque a ele se acha destinada que, aceitando a ideia de sua inferioridade, ela se torna inferior.

Não será, com efeito, aumentando seu valor humano que ela se valorizará aos olhos dos homens: será moldando-se aos sonhos deles. Quando é ainda inexperiente, ela nem sempre percebe isso. Acontece de ela manifestar a mesma agressividade que os rapazes; tenta conquistá-los com uma autoridade brutal, uma franqueza orgulhosa: essa atitude leva-a quase certamente ao malogro. Da mais servil à mais altiva, todas aprendem que para agradar é preciso abdicar.

Suas mães as aconselham a não mais tratar os rapazes como colegas, a não darem os primeiros passos, a assumirem um papel passivo. Se desejam esboçar uma amizade, um namoro, devem evitar cuidadosamente parecer tomar a iniciativa; os homens não gostam de mulher masculinizada, nem de mulher culta, nem de mulher que sabe o que quer: ousadia demais, cultura, inteligência, personalidade, os assustam. Na maioria dos romances, como observa G. Eliot, é a heroína loura e tola que ganha da morena de caráter viril; e no *Moinho à beira do Floss*, Maggie tenta em vão inverter os papéis; morre finalmente e é Lucy, a loura, que casa com Stephen; no *Último dos moicanos*, é a insossa Alice que conquista o coração do herói e não a corajosa Clara; em *Little Women*, a simpática Joe não passa de uma amiga de infância para Laurie: ele dedica seu amor à insípida Amy de cabelos encaracolados. Ser feminina é mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil. A jovem deverá não somente enfeitar-se, arranjar-se, mas ainda reprimir sua espontaneidade e substituir, a esta, a graça e o encanto estudados que lhe ensinam as mais velhas. Toda afirmação de si própria diminui sua feminilidade e suas probabilidades de sedução. O que torna relativamente fácil o início do rapaz na existência é que sua vocação de ser humano não contraria a de macho: já sua infância anuncia esse destino feliz. É se realizando com independência e liberdade que ele adquire seu valor social e concomitantemente seu prestígio viril: o ambicioso, como Rastignac, visa ao dinheiro, à glória e às mulheres num mesmo movimento: uma das estereotipias que o estimulam é a do homem poderoso e célebre, que as mulheres adulam. Para a jovem, ao contrário, há divórcio entre sua condição propriamente humana e sua vocação feminina. E é por isso que a adolescência é para a mulher um momento tão difícil e tão decisivo. Até então, ela era um indivíduo autônomo: cumpre-lhe renunciar à sua soberania. Não somente ela é, como seus irmãos e de uma maneira mais aguda, dividida entre o passado e o futuro, mas ainda um conflito se estabelece entre sua reivindicação original, que é de ser indivíduo em atividade, liberdade, e suas tendências eróticas e solicitações sociais que a convidam a se assumir como objeto passivo. Ela se apreende espontaneamente como o essencial, de que maneira, pois, poderá concordar em tornar-se o inessencial? Mas se não posso realizar-me enquanto *Outro*, como renunciarei a meu *Eu*? Eis o angustiante dilema em face do qual a mulher em formação se debate. Oscilando do desejo à aversão, da esperança ao medo, recusando o que almeja, está ainda em suspenso entre o momento da independência infantil e o da submissão feminina: é essa incerteza que lhe dá, ao sair da idade ingrata, um gosto ácido de fruto verde.

A jovem reage de maneira muito diferente segundo suas escolhas anteriores. A mulher comum, a futura matrona, pode resignar-se facilmente à sua metamorfose; entretanto, ela pode também ter extraído, em sua condição de dona de casa, uma inclinação para autoridade que a leva a revoltar-se contra o jugo masculino: ei-la disposta a fundar um matriarcado e não a tornar-se objeto erótico e criada. Será esse, muitas vezes, o caso das irmãs mais velhas que assumiram, muito jovens, importantes responsabilidades. A "menina masculinizada", ao descobrir que é mulher, experimenta por vezes uma decepção violenta que a pode conduzir diretamente à homossexualidade; entretanto, o que ela procurava, na independência e na violência, era a dominação do mundo, embora possa não querer renunciar ao poder de sua feminilidade, às experiências da maternidade, a toda uma parte de seu destino. Geralmente a jovem consente em sua feminilidade por meio de certas resistências: já no estágio do coquetismo infantil, em face do pai, em seus devaneios eróticos, ela conheceu o encanto da passividade; descobre seu poder; à vergonha que sua carne inspira, mistura-se muito cedo certa vaidade. Tal mão que a comoveu, tal olhar que a perturbou, era um chamado, uma prece; seu corpo se mostra como dotado de virtudes mágicas; é um tesouro, uma arma; tem orgulho dele. Seu coquetismo, que não raro desaparecera durante os anos de infância autônoma, ressuscita. Ela experimenta maquiagens e penteados; em lugar de esconder os seios, lhes faz massagens para que cresçam, estuda o sorriso no espelho. A ligação entre a inquietação e a sedução é tão estreita que, em todos os casos em que a sensibilidade erótica não se manifesta, não se observa no sujeito nenhum desejo de agradar. Experiências mostram que doentes sofrendo de insuficiência tireoidiana, e consequentemente apáticas, tristonhas, podiam ser transformadas mediante injeção de extratos glandulares: começam a sorrir, tornam-se alegres e dengosas. Ousadamente, os psicólogos imbuídos de metafísica materialista declararam que o coquetismo era um "instinto" secretado pela glândula tireoidiana; mas essa explicação obscura só é válida aqui para a primeira infância. O fato é que em todos os casos de deficiência orgânica — linfatismo, anemia etc. — o corpo é suportado como um fardo. Estranho, hostil, ele não espera nem promete nada; quando recobra seu equilíbrio e sua vitalidade, logo o sujeito o reconhece como seu e através dele transcende para outrem.

Para a jovem, a transcendência erótica consiste, com o intuito de pegar, em tornar-se presa. Ela se torna um objeto; e se apreende como objeto; é com surpresa que descobre esse novo aspecto de seu ser: parece-lhe que se desdobra. Ao invés de coincidir exatamente consigo, ei-la que começa a existir *fora.*

Assim, em *L'Invitation à la valse*, de Rosamond Lehman, vê-se Olivia descobrir num espelho uma imagem desconhecida: é *ela-objeto* erguido repentinamente em face de si mesma; a emoção que experimenta é transtornante, mas dissipa-se depressa:

> Há algum tempo, uma emoção particular acompanhava o minuto em que se olhava assim dos pés à cabeça; de maneira imprevista e rara, acontecia que visse diante de si uma estranha, um novo ser.
>
> Isso produziu-se duas ou três vezes. Ela olhava-se num espelho, via-se. Mas que acontecia?... Agora o que via era outra coisa: um rosto misterioso, a um tempo sombrio e radioso; uma cabeleira transbordante de movimentos e de força e como que percorrida por correntes elétricas. Seu corpo — seria por causa do vestido — parecia encaixar-se harmoniosamente: centrado, desabrochado, flexível e estável ao mesmo tempo: vivo. Tinha diante de si, como um retrato, uma jovem de cor-de-rosa, cujos os objetos do quarto, refletidos no espelho, pareciam enquadrar, apresentar, murmurando: é você...

O que deslumbra Olivia são as promessas que acredita ler nessa imagem em que reconhece seus sonhos infantis e que é ela própria; mas a moça ama também, na sua presença carnal, esse corpo que a maravilha como o de uma outra. Ela acaricia a si própria, beija a curva do ombro, a concavidade do braço, contempla o seio, as pernas; o prazer solitário torna-se pretexto para devaneios, neles busca uma terna posse de si. No adolescente, há uma oposição entre o amor de si mesmo e o impulso erótico que o impele para o objeto a ser possuído: seu narcisismo desaparece geralmente no momento da maturidade sexual. Ao passo que na mulher, sendo ela um objeto passivo para o amante como para si mesma, há em seu erotismo uma indistinção primitiva. Num movimento complexo, ela visa à glorificação de seu corpo através das homenagens dos homens a quem se destina esse corpo; e seria simplificar as coisas dizer que ela quer ser bela para seduzir ou que busca seduzir para se assegurar de que é bela: na solidão de seu quarto, nos salões em que tenta atrair os olhares, não separa o desejo do homem do amor a seu próprio eu. Essa confusão é manifesta em Maria Bashkirtseff. Já vimos que um desmame tardio a predispôs, mais vivamente do que qualquer outra criança, a querer ser encarada e valorizada por outrem; desde a idade de 5 anos até sair da adolescência, ela dedica todo o seu amor à sua imagem; admira loucamente suas mãos, seu rosto, sua graça, escreve: "Sou minha heroína..." Quer ser cantora para ser *olhada* por um público deslumbrado e *em compensação medi-lo* altivamente; mas esse "autismo" traduz-se por sonhos romanescos; desde a idade de 12 anos sente-se amorosa: é que espera ser amada e não procura, na adoração que deseja inspirar, senão a confirmação daquela que dedica a si

mesma. Sonha que o duque de H., por quem está apaixonada sem nunca ter falado com ele, se prosterna a seus pés: "Serás ofuscado pelo meu esplendor e me amarás... Só és digno de uma mulher como espero ser." É a mesma ambivalência que encontramos em Natacha de *Guerra e paz:*

> Mamãe tampouco me compreende. Deus meu, como sou espirituosa! Um verdadeiro encanto essa Natacha!, prosseguiu falando a si mesma na terceira pessoa e colocando a exclamação na boca de um personagem masculino que lhe atribuía todas as perfeições de seu sexo. Tem tudo, tudo para ela. É inteligente, gentil e bonita, e hábil. Nada, monta muito bem a cavalo, canta deliciosamente. Sim, pode-se dizer, deliciosamente...
>
> Tinha voltado naquela manhã àquele amor a si mesma, àquela admiração por sua pessoa, que constituíam seu estado de espírito habitual. "Que encanto essa Natacha!, dizia ela, fazendo falar um terceiro personagem coletivo e masculino. É jovem, é bonita, tem uma bela voz, não incomoda ninguém: deixem-na portanto sossegada!"

Katherine Mansfield descreveu também, no personagem de Beryl, um caso em que o narcisismo e o desejo romanesco de um destino de mulher se misturam estreitamente:

> Na sala de jantar, à luz bruxuleante do fogo da lareira, Beryl tocava violão sentada numa almofada. Tocava para si mesma, cantava à meia-voz e se observava. O brilho das chamas refletia em seu sapato, no ventre rubicundo do violão e em seus dedos brancos...
>
> "Se estivesse lá fora e olhasse para dentro pela janela, me espantaria bastante em me ver assim", pensava. Tocou o acompanhamento em surdina; não cantava mais, escutava.
>
> "Da primeira vez que a vi, menina, você se acreditava muito só! Estava sentada com seus pezinhos sobre a almofada e tocava violão. Deus meu! Nunca poderei esquecer..." Beryl ergueu a cabeça e pôs-se a cantar:
>
> *Até a lua está lassa.*
>
> Mas batiam fortemente na porta. A cara avermelhada da criada surgiu... Não, não suportaria aquela mulher estúpida. Fugiu para o salão escuro e pôs-se a andar de um lado para outro. Oh! estava agitada, agitada. Em cima da lareira havia um espelho. Apoiando-se nos braços contemplou sua pálida imagem. Como era bela! Mas não havia ninguém para perceber isso, ninguém... — Beryl sorriu e realmente seu sorriso era tão adorável que sorriu de novo... (*Prelúdio*).

Esse culto do eu não se traduz, na jovem, somente pela adoração de sua pessoa física. Ela almeja também possuir e incensar todo seu eu. Esse é o objetivo visado através desses diários íntimos em que ela derrama de bom grado a alma. O de Maria Bashkirtseff é célebre e um modelo no gênero. A jovem fala com seus cadernos como falava antes com suas bonecas, é um amigo, um confidente, interpela-o como se fora uma pessoa. Entre as páginas

inscreve-se uma verdade escondida aos pais, aos colegas, aos professores, e com a qual a autora se embriaga solitariamente. Uma jovem de 12 anos que escreveu seu diário até a idade de vinte pusera-lhe como epígrafe:

Sou o caderninho
gentil, bonito e discreto,
confia-me todos os teus segredos
Sou o caderninho.[288]

Outras proclamam: "Para ser lido somente depois da minha morte" ou "para ser queimado depois da minha morte". O sentido do segredo desenvolvido na menina, no momento da pré-puberdade, aumenta sempre. Ela se encerra numa solidão arisca; recusa-se a desvendar aos que a cercam o eu recôndito que considera seu verdadeiro eu e que na realidade é um personagem imaginário: finge ser uma dançarina como a Natacha de Tolstoi, ou uma santa como fazia Marie Lenéru, ou simplesmente essa maravilha singular que é ela própria. Há sempre uma enorme diferença entre essa heroína e a figura objetiva que seus pais e amigos reconhecem nela. Por isso, ela se persuade de que é incompreendida: suas relações consigo mesma são ainda mais apaixonadas. Ela se embriaga com seu isolamento, sente-se diferente, superior, excepcional: promete a si mesma que seu futuro será um revide à mediocridade de sua vida presente. Desta existência estreita e mesquinha, ela se evade nos sonhos. Sempre gostou de sonhar: não abandonará nunca mais esse pendor: mascara com clichês poéticos um universo que a intimida, aureola o sexo masculino de luar, de nuvens róseas, de noites aveludadas; faz do corpo um templo de mármore, de jaspe, de madrepérola; conta a si própria tolas histórias mágicas. É por falta de um domínio sobre o mundo que se afunda tantas vezes na tolice. Se devesse *agir* teria de enxergar claramente, ao passo que pode *esperar* no meio do nevoeiro. O rapaz também sonha: sonha principalmente com aventuras em que desempenha um papel ativo. A jovem prefere o maravilhoso à aventura; ela espalha sobre as pessoas e as coisas uma luz mágica incerta. A ideia de magia é a de uma força passiva; como é destinada à passividade e no entanto aspira ao poder, é preciso que a adolescente acredite na magia: a de seu corpo que submeterá os homens a seu jugo, a do destino em geral que a satisfará sem que precise *fazer nada.* Quanto ao mundo real, tenta esquecê-lo.

"Por vezes, na escola, fujo, não sei como, do assunto explicado e me elevo ao país dos sonhos...", escreve uma jovem.[289] "Absorvo-me então a tal ponto em deliciosas quimeras que perco completamente a noção da realidade. Fico pregada a meu banco e, quando acordo, espanta-me reencontrar-me entre quatro paredes."

"Prefiro devanear a fazer versos", escreve outra, "esboçar em minha imaginação lindos contos sem pé nem cabeça ou inventar uma lenda, olhando as montanhas à luz das estrelas. É bem mais bonito porque é *mais vago* e deixa uma impressão de repouso, de frescor".

O devaneio pode assumir uma forma mórbida e invadir toda a existência, como no seguinte caso:[290]

Maria B., menina inteligente e sonhadora, no momento da puberdade, que se manifesta por volta dos 14 anos, sofre uma crise de excitação psíquica com ideias de grandeza. "Repentinamente, declara a seus pais que é rainha da Espanha, toma atitudes altivas, envolve-se em cortinados, ri, canta, manda, ordena." Durante dois anos esse estado se repete no período das regras; em seguida, durante oito anos, leva uma vida normal, mas é muito sonhadora, adora o luxo e diz muitas vezes com amargura: "Sou a filha de um empregado." Por volta dos 23 anos torna-se apática, despreza os que a cercam, dá mostra de concepções ambiciosas; definha a tal ponto que a internam em Sainte-Anne, onde permanece oito meses. Volta para a casa de sua família, onde durante três anos fica de cama, "desagradável, má, violenta, caprichosa, desocupada, fazendo que toda gente ao redor dela leve uma vida verdadeiramente infernal". É internada novamente em Sainte-Anne, de onde não sai mais. Fica de cama e não se interessa por nada. Em certos períodos, que parecem corresponder aos da menstruação, levanta-se, envolve-se nas suas cobertas, toma atitudes teatrais, poses, sorri aos médicos e olha-os ironicamente... Suas palavras exprimem muitas vezes certo erotismo e sua atitude altiva traduz ideias megalomaníacas. Entrega-se cada vez mais ao devaneio, durante o qual sorrisos de satisfação assomam-lhe ao rosto; não se lava mais e até suja a cama. "Exibe ornatos estranhos. Sem camisa, com frequência sem lençóis, enrolada nas cobertas quando não se expõe nua, arvora um diadema de papel de estanho na cabeça e numerosas pulseiras de barbante e fita nos punhos, nos ombros, nos tornozelos. Anéis do mesmo tipo enfeitam seus dedos." Entretanto, faz às vezes confidências inteiramente lúcidas acerca de seu estado. "Lembro-me da crise que tive outrora. No fundo eu sabia que não era verdade. Era como uma criança que brinca com boneca, que sabe que a boneca não é viva, mas quer persuadir-se do contrário... Penteava-me, vestia-me com cobertas. Isso me divertia e depois, pouco a pouco, como contra minha vontade, ficava enfeitiçada, era como um sonho que eu vivia... Era uma comediante desempenhando um papel. Estava num mundo imaginário. Vivia várias vidas e *em todas elas era o personagem principal...* Ah! Tive tantas vidas diferentes! De uma feita casei-me com um americano muito bonito que usava óculos de ouro... Tínhamos um grande palacete e cada qual tinha seu quarto. Quantas festas dei!... Vivi no tempo do homem das cavernas... Fiz farra outrora. Não contei todos com quem dormi. Aqui são um pouco atrasados. Não compreendem que eu fique nua com uma pulseira de ouro na coxa. Outrora tinha amigos de que gostava muito. Fazíamos festas em minha casa. Havia flores, perfumes, mantos de arminho. Meus amigos me davam objetos de arte, estátuas, automóveis... Quando fico nua entre os lençóis, recordo a vida de outrora. *Adorava-me no espelho*, como

uma artista... Nesse encantamento fui tudo o que quis. Fiz até tolices. Fui morfinômana, cocainômana. Tive amantes... Introduziam-se à noite em minha casa. Vinham dois juntos, traziam cabeleireiros e olhávamos cartões-postais." Ela gosta também de um dos médicos, de quem se diz amante. Teria tido uma filha de três anos. Tem também outra de seis, muito rica, e que está viajando. O pai é um homem muito chique. "Há muitas outras histórias semelhantes. Cada uma é a narrativa de uma existência fictícia que ela vive em sua imaginação."

Vê-se que esse devaneio mórbido destinava-se essencialmente a satisfazer o narcisismo da jovem que considera sua vida insatisfatória e teme enfrentar a verdade da existência; Maria B. não fez senão levar ao extremo um processo de compensação que é comum em numerosas adolescentes.

Entretanto, esse culto solitário que rende a si mesma não basta à jovem. Para se realizar, ela precisa existir numa outra consciência. Busca muitas vezes o auxílio de suas companheiras. Quando era mais nova, a amiga mais íntima servia-lhe de ponto de apoio para evadir-se do círculo materno, para explorar o mundo e em particular o mundo sexual; agora ela é, ao mesmo tempo, um objeto que arranca a adolescente dos limites de seu eu e uma testemunha que lhe restitui este limite. Certas meninas exibem sua nudez umas às outras, comparam os seios. Talvez se lembrem da cena de *Jeunes filles en uniforme* que mostrava esses folguedos ousados das internas; trocam carícias difusas ou precisas. Como Colette relata em *Claudine à l'école*, e menos francamente Rosamond Lehman em *Poussière*, há tendências lésbicas em quase todas as jovens. Essas tendências mal se distinguem da deleitação narcisista: o que cada uma deseja na outra é a doçura da própria pele, o modelado das curvas que cada uma cobiça e, reciprocamente, na adoração que tem por si mesma, está implicado o culto da feminilidade em geral. Sexualmente o homem é sujeito; os homens acham-se, portanto, normalmente separados pelo desejo que os impele para um objeto diferente deles; mas a mulher é objeto absoluto de desejo; eis por que em liceus, escolas, internatos, *ateliers*, florescem tantas "amizades especiais"; algumas são puramente espirituais, outras fortemente carnais. No primeiro caso, trata-se principalmente de abrir o coração entre amigas, de trocar confidências; a prova de confiança mais apaixonada consiste em mostrar o diário íntimo à amiga; na falta de carícias sexuais, as amigas trocam manifestações de extremada ternura e muitas vezes trocam provas físicas de seus sentimentos: assim é que Natacha queima o braço com uma régua em brasa para provar a Sônia seu amor; mas, sobretudo, elas se chamam por mil nomes carinhosos, trocam cartas fervorosas. Eis, por exemplo, o que escrevia à amada Emily Dickinson, uma jovem puritana da Nova Inglaterra:

Penso em você todo dia e sonhei com você durante toda a noite passada. Estávamos passeando no mais maravilhoso dos jardins, ajudava-a a colher rosas e meu cesto nunca se enchia. Assim, durante todo o dia rezo para passear com você e quando a noite se aproxima fico feliz e conto impacientemente as horas que se interpõem entre mim e a escuridão, meus sonhos e o cesto que nunca se enche...

Em sua obra *L'Âme de l'adolescente*, Mendousse cita numerosas cartas análogas:

Minha querida Susana... Gostaria de transcrever aqui alguns versículos do *Cântico dos cânticos*: como és bela, minha amiga, como és bela! Como a noiva mística, você era semelhante à rosa de Saron, ao lírio do vale, e como ela você foi para mim mais do que uma moça comum; você foi símbolo, o símbolo de muitas coisas belas e elevadas... e por causa disso, branca Susana, eu a amo com um amor puro e desinteressado em que há algo religioso.

Outra confessa em seu diário emoções menos elevadas:

Estava ali, a cintura tomada por aquela mãozinha branca, minha mão repousando em seu ombro redondo, meu braço em seu braço morno e nu, aconchegada à doçura de seu seio, tendo à minha frente sua linda boca entreaberta sobre seus dentinhos... Tremia e sentia meu rosto em fogo.[291]

Em seu livro *L'Adolescente*, Mme Évard recolheu também bom número dessas efusões íntimas:

A minha fada bem-amada, minha querida muito querida. Minha linda fada! Diga-me que me ama ainda, diga-me que continuo a ser sempre sua amiga devotada. Estou triste, a amo tanto, minha L... e não posso falar com você, formular suficientemente minha afeição; não há palavras que descrevam meu amor. *Idolatrar* é dizer pouco em relação ao que sinto; parece-me, por vezes, que meu coração vai rebentar. Ser amada por você é belo demais, não posso acreditar nisso. Oh!, *minha mimosa*, diga-me, você me amará ainda durante muito tempo?... etc.

Dessas ternuras exaltadas, passa-se facilmente a amores juvenis culposos. Por vezes, uma das duas amigas domina a outra e exerce seu poder com sadismo; mas, muitas vezes, trata-se de amores recíprocos, sem humilhação nem luta. O prazer dado e recebido permanece tão inocente como no tempo em que cada uma se amava solitariamente sem se desdobrar num casal. Mas essa brancura é insossa; quando a adolescente almeja enfrentar a vida, atingir o Outro, quer ressuscitar em seu proveito a magia do olhar paterno, exige o amor e as carícias de uma divindade. Vai se voltar para uma mulher, menos estranha e menos

temível do que o homem, mas que participará do prestígio viril: uma mulher com uma profissão, ganhando a vida, com certo prestígio social, será facilmente tão fascinante quanto um homem. Sabe-se quantas paixões se acendem no coração das estudantes pelas professoras e as inspetoras. Em *Régiment de femmes*, Clémence Dane descreve, de maneira casta, paixões ardorosas. Por vezes, a jovem faz à sua amiga íntima a confidência de sua grande paixão: acontece mesmo que ambas a partilhem e que cada qual se vanglorie de senti-la mais fortemente. Assim é que uma estudante escreve à sua colega predileta:

> Estou de cama, com gripe, nada faço senão pensar em Mlle X. Nunca amei uma professora a esse ponto. Já no primeiro ano gostava muito dela; mas agora é realmente amor. Creio que estou mais apaixonada do que você. Parece-me que a beijo; quase desfaleço e alegro-me em voltar à escola para vê-la.[292]

Mais comumente ela ousa confessar seus sentimentos ao seu próprio ídolo:

> Acho-me diante da senhora, minha querida *Mademoiselle*, num estado indescritível... Quando não a vejo, daria tudo no mundo para encontrá-la. Penso na senhora a cada instante. Se a encontro, fico com os olhos rasos de lágrimas, tenho vontade de me esconder; sou tão pequena, tão ignorante perto da senhora. Quando a senhora fala comigo, fico embaraçada, comovida, parece-me ouvir a doce voz de uma fada e um zunido de coisas amorosas, impossíveis de serem traduzidos; espio seus menores gestos, não presto mais atenção à conversa, murmuro alguma tolice; a senhora convirá, querida *Mademoiselle*, em que isso é bastante complicado. Só vejo uma coisa com nitidez, é que a amo do fundo do coração.[293]

A diretora de uma escola profissional conta:[294]

> Lembro-me de que, em minha própria juventude, disputávamos o papel em que uma de nossas jovens professoras trazia o almoço e pagávamos os pedaços até vinte *pfennings*. Seus bilhetes de metrô, já usados, eram igualmente objeto de nossa mania de colecionadoras.

Como deve desempenhar um papel viril, é preferível que a mulher amada não seja casada: o casamento nem sempre desanima a jovem amorosa, mas a incomoda. Ela detesta que o objeto de sua adoração se apresente como submissa ao poder de um marido ou de um amante. Muitas vezes, essas paixões desenvolvem-se em segredo, ou pelo menos num plano puramente platônico; mas a passagem para um erotismo concreto é muito mais fácil, no caso, do que se o objeto amado pertencer ao sexo masculino. Mesmo quando não teve experiências fáceis com amigas de sua idade, o corpo feminino não assusta a

jovem; esta conheceu muitas vezes com as irmãs e a mãe uma intimidade em que a ternura se impregnava sutilmente de sensualidade, e, junto da amada que admira, a passagem da ternura ao prazer será feita também de maneira insensível. Quando em *Jeunes filles en uniforme*, Dorothy Wieck beijava Herta Thill na boca, o beijo era maternal e sexual a um só tempo. Há entre mulheres uma cumplicidade que desarma o pudor; a perturbação que uma desperta na outra é geralmente sem violência; as carícias homossexuais não implicam defloração nem penetração: satisfazem o erotismo clitoridiano da infância sem reclamar novas e inquietantes metamorfoses. A jovem pode realizar sua vocação de objeto passivo sem se sentir profundamente alienada. É o que exprime Renée Vivien em seus versos, em que descreve relações de "mulheres malditas" com suas amantes:

Nossos corpos são para seus corpos um espelho fraternal,
Nossos beijos lunares têm pálidas doçuras,
Nossos dedos não magoam a penugem de um rosto
E podemos, quando o cinto se solta,
Ser a um tempo amantes e irmãs.[295]

E nestes igualmente:

Porque amamos a graça e a delicadeza.
E minha posse não te machuca os seios...
Minha boca não poderia morder asperamente tua boca.[296]

Através da impropriedade poética das palavras "seios" e "boca", o que ela promete realmente à amiga é não a violentar. E é em parte por medo da violência, da violação, que a adolescente dedica amiúde seu primeiro amor a uma amiga mais velha antes do que a um homem. A mulher viril reencarna para ela ao mesmo tempo o pai e a mãe: do pai tem a autoridade, a transcendência, é fonte e medida dos valores, emerge para além do mundo dado, é divina. Mas permanece mulher: se na infância foi demasiadamente privada das carícias maternas ou, ao contrário, se a mãe a mimou durante um tempo demasiado longo, a adolescente sonha, como seus irmãos, com o calor do seio. Nesta carne próxima da sua, ela reencontra com abandono essa fusão imediata com a vida que o desmame destruiu; e, através desse olhar estranho que a envolve, a separação que a individualiza é superada. Naturalmente, toda relação humana

implica conflitos; todo amor, ciúmes. Mas muitas dificuldades que surgem entre a virgem e seu primeiro amante são assim resolvidas. A experiência homossexual pode assumir o aspecto de um verdadeiro amor: pode dar à jovem um equilíbrio tão feliz que ela o desejará perpetuar, repetir, que dele conservará uma recordação nostálgica; ele poderá revelar ou dar origem a uma vocação lésbica.[297] Porém, o mais das vezes, não representa senão uma etapa: sua própria facilidade o condena. No amor que dedica a uma amiga mais velha, a jovem visa seu próprio futuro: quer identificar-se com o ídolo, mas este, exceto no caso de uma superioridade excepcional, logo perderá sua aura; quando começa a afirmar-se, a mais moça julga, compara: a outra, que fora escolhida exatamente porque era mais próxima e não intimidava, não é bastante *outro* para se impor durante muito tempo; os deuses masculinos estão mais solidamente instalados porque seu céu é mais longínquo. A curiosidade, a sensualidade incitam a jovem a desejar carícias mais violentas. Muitas vezes ela só encarou, desde o início, a aventura homossexual como uma transição, uma iniciação, uma espera; representou o amor, o ciúme, a cólera, o orgulho, a alegria, a dor com a ideia mais ou menos confessada de que imitava sem grandes riscos as aventuras com que sonhava, mas que não ousava ainda ou não tinha a oportunidade de viver. Sabe que é destinada ao homem. E quer um destino de mulher normal e completa.

O homem a fascina, entretanto a amedronta. Para conciliar os sentimentos contraditórios que lhe dedica, vai dissociar nele o macho que a assusta e a divindade radiosa que adora piedosamente. Brusca, selvagem com colegas masculinos, ela adora longínquos príncipes encantados: atores de cinema cuja fotografia pendura em cima da cama, heróis mortos ou vivos, mas em todo caso inacessíveis, desconhecidos vistos por acaso e que ela sabe que não tornará a ver. Tais amores não suscitam nenhum problema. Com frequência é a um homem dotado de prestígio social ou intelectual, mas cujo físico não a pode perturbar, que se dedica; a um velho professor um tanto ridículo, por exemplo; esses homens idosos emergem além do mundo em que a adolescência está confinada, é possível destinar-se a eles em segredo, consagrar-se a eles como se consagraria a Deus: um tal dom nada tem de humilhante, é livremente consentido, já que não desejado na carne. A amorosa romanesca aceita até de bom grado que o eleito tenha um aspecto humilde, seja feio, até insignificante: sente-se, com isso, ainda mais segura. Finge deplorar os obstáculos que a separam dele, mas na verdade ela o escolheu exatamente porque nenhuma relação efetiva era possível entre ambos. Assim ela pode ter do amor uma

experiência abstrata, puramente subjetiva, que não atenta contra sua integridade; seu coração bate, ela conhece a dor da ausência, as angústias da presença, o despeito, a esperança, o rancor, o entusiasmo, mas sem consequências; nada de si mesma se acha empenhado. É engraçado constatar que o ídolo escolhido é tanto mais brilhante quanto mais distante estiver: é útil que o professor de piano com quem ela se encontra cotidianamente seja ridículo e feio; mas se se apaixona por um estranho que se movimenta em esferas inacessíveis, prefere-o belo e macho. O importante é que, de uma maneira ou de outra, a questão sexual não se coloque. Esses amores de imaginação prolongam e confirmam a atitude narcisista em que o erotismo só aparece em sua imanência, sem a presença real do Outro. É porque encontra um álibi, que lhe permite esquivar-se das experiências concretas, que muitas vezes a adolescente desenvolve uma vida imaginária de extraordinária intensidade. Ela escolhe confundir seus fantasmas com a realidade. Entre outros exemplos, H. Deutsch[298] relata um muito significativo: é o de uma jovem bonita e sedutora que teria podido ser facilmente cortejada e que se recusava a qualquer relação com os jovens de seu meio; entretanto, no segredo de seu coração, tinha, aos 13 anos, decidido render culto a um rapaz de 17, mais ou menos sem encantos e que nunca lhe endereçara uma palavra. Obteve uma fotografia dele, dedicou-a a si mesma, e durante três anos redigiu um diário em que relatava suas experiências imaginárias: trocavam beijos e abraços apaixonados; havia, às vezes, entre eles, cenas de lágrimas que lhe deixavam os olhos realmente vermelhos e inchados; depois se reconciliavam, ela mandava flores a si mesma etc. Quando uma mudança de residência a separou dele, ela lhe escreveu cartas, que nunca lhe enviou, mas a que ela mesma respondia. Essa história era, evidentemente, uma defesa contra experiências reais de que tinha medo.

Esse caso é quase patológico. Mas ilustra, de modo exagerado, um processo comum. Vemos em Maria Bashkirtseff um exemplo surpreendente de vida sentimental imaginária. Nunca falou com o duque de H., por quem acha estar apaixonada. O que almeja na verdade é a exaltação de seu eu; mas sendo mulher, e principalmente na época e na classe a que pertencia, não podia alcançar êxitos por meio de uma existência autônoma. Com a idade de 18 anos ela anota lucidamente: "Escrevo a C. que gostaria de ser um homem. Sei que poderia tornar-me alguém; mas com saias aonde se quer chegar? O casamento é a única carreira para as mulheres; os homens têm 36 possibilidades, a mulher uma só; o zero, como na roleta." Ela precisa, portanto, do amor de um homem; mas, para que este seja capaz de lhe conferir um valor soberano, deve ser ele próprio

consciência soberana. “Nunca um homem abaixo de minha posição poderia agradar-me, escreve. Um homem rico, independente, traz consigo o orgulho e certo aspecto confortável. A segurança tem certo ar vitorioso. Gosto em H. dessa atitude caprichosa, pretensiosa e cruel; tem algo de Nero.” E mais ainda: “Esse aniquilamento da mulher diante da superioridade do homem amado deve ser o maior gozo de amor-próprio que pode uma mulher superior experimentar.” Assim, o narcisismo conduz ao masoquismo: essa ligação já se encontrava na criança sonhando com Barba Azul, Grisélides, as santas mártires. O eu é constituído como para outrem, por outrem: quanto mais poderoso é esse outrem tanto mais o eu tem riquezas e poderes; cativando seu senhor, ele envolve em si todas as virtudes que aquele detém; amada por Nero, Maria Bashkirtseff *seria* Nero; aniquilar-se diante de outrem, é realizar outrem em si e para si ao mesmo tempo; em verdade, esse sonho do nada é uma orgulhosa vontade de ser. Na verdade Maria Bashkirtseff jamais encontrou homem maravilhoso o bastante para que aceitasse alienar-se através dele. Uma coisa é ajoelhar-se diante de um deus forjado por si mesma e que permanece distante, e outra entregar-se a um macho de carne e osso. Muitas moças obstinam-se durante muito tempo a continuar seu sonho através do mundo real: procuram um homem que lhes pareça superior a todos os outros pela posição, o mérito, a inteligência; querem-no mais velho do que elas, tendo já conquistado um lugar na Terra, gozando de autoridade e prestígio. A fortuna e a celebridade as fascinam: o eleito apresenta-se como o Sujeito absoluto que pelo amor lhes comunicará seu esplendor e sua necessidade. Sua superioridade idealiza o amor que a jovem lhe dedica: não é porque ele é homem que ela deseja unir-se a ele, é por *esse* ser de elite. “Eu quisera gigantes e só encontro homens”, dizia-me outrora uma amiga. Em nome dessas grandes exigências, a jovem desdenha pretendentes demasiado cotidianos e foge dos problemas da sexualidade. Ela adora também, em seus sonhos, sem riscos, uma imagem de si própria que a encanta enquanto imagem, embora não consinta em absoluto adaptar-se a ela. Assim, Marie Le Hardouin[299] conta que se comprazia em se ver como vítima, inteiramente dedicada a um homem, quando na verdade era autoritária.

> Por uma espécie de pudor nunca pude exprimir na realidade essas tendências ocultas de minha natureza, que tanto vivi em sonho. Tal como aprendi a me conhecer, sou efetivamente autoritária, violenta, incapaz, no fundo, de me dobrar.
>
> Obedecendo sempre a uma necessidade de me abolir, eu me imaginava por vezes que era uma mulher admirável, vivendo somente pelo dever e amorosa até a imbecilidade de um homem a cujos

> menores desejos me esforçava por atender. Debatíamo-nos em meio a uma existência desagradável. Ele matava-se de trabalho e voltava à noite pálido e em desalinho. Eu gastava meus olhos perto de uma janela sem luz a consertar-lhe as roupas. Numa estreita cozinha enfumaçada arranjava-lhe alguns pratos miseráveis. A doença ameaçava de morte, sem cessar, nosso único filho. Entretanto, um sorriso crucificado de doçura palpitava sempre em meus lábios, e sempre viam em meus olhos essa expressão insuportável de coragem silenciosa que nunca pude suportar sem repugnância na realidade.

Além dessas complacências narcisistas, certas moças experimentam mais concretamente a necessidade de um guia, de um senhor. No momento em que escapam ao domínio dos pais, sentem-se inteiramente embaraçadas com uma autonomia a que não foram habituadas; quase não sabem, em geral, usá-la senão negativamente, caem no capricho e na extravagância, aspiram a abdicar novamente de sua liberdade. A história da jovem caprichosa orgulhosa, rebelde, insuportável, e que é amorosamente domada por um homem sensato é um lugar-comum da literatura barata e do cinema: é um clichê que lisonjeia ao mesmo tempo os homens e as mulheres. É a história que conta, entre outras, Mme de Ségur em *Quel amour d'enfant!*. Decepcionada em criança por um pai demasiado indulgente, Gisele apegou-se a uma velha tia severa; moça, sofre a ascendência de um rapaz rabugento, Julien, que lhe diz duras verdades, que a humilha e tenta corrigi-la; ela se casa com um duque rico e sem caráter com quem é muito infeliz, e quando, viúva, aceita o amor exigente de seu mentor, é que encontra enfim alegria e sossego. Em *Good Wives*, de Louisa Alcott, a independente Joe começa a gostar de seu futuro marido porque ele lhe censura severamente uma leviandade cometida; ele a repreende também e ela se apressa em se desculpar, em se submeter. Apesar do orgulho crispado das mulheres norte-americanas, os filmes de Hollywood nos apresentaram, cem vezes, meninas insuportáveis domadas pela brutalidade sadia de um namorado ou de um marido: um par de bofetões, umas boas palmadas são apresentados como meios eficientes de sedução. Mas na realidade a passagem do amor ideal ao amor sexual não é simples. Muitas mulheres evitam cuidadosamente aproximar-se do objeto de sua paixão, por um medo mais ou menos confessado de uma decepção. Se o herói, o gigante, o semideus responde ao amor que inspira e o transforma numa experiência real, a jovem se assusta; seu ídolo torna-se um macho de quem ela se afasta enojada. Há adolescentes coquetes que tudo fazem para seduzir um homem que lhes parece "interessante" ou "fascinante", mas que paradoxalmente se irritam se ele lhes retribuiu um sentimento demasiado vivo: ele agradava porque parecia inacessível; amoroso, vulgariza-se. "É um homem como os outros." A jovem censura nele a decadência, vale-se do

pretexto para recusar os contatos físicos que assustam sua sensibilidade virginal. Se cede a seu "Ideal", fica insensível nos braços dele e "acontece", diz Stekel,[300] "que jovens exaltadas se suicidem após tais cenas em que toda a construção da imaginação amorosa se desmorona porque o Ideal se revela sob a forma de um "animal brutal". É também por amor ao impossível que muitas vezes a jovem se apaixona por um homem quando ele começa a cortejar uma de suas amigas, e é também por isso que muitas vezes escolhe um homem casado. Ela é facilmente atraída pelos don juans; sonha em submeter e dominar esse sedutor que nenhuma mulher consegue reter, acalenta a esperança de transformá-lo. Na realidade sabe que fracassará em seu empreendimento, e esta é uma das razões de sua escolha. Certas jovens mostram-se incapazes de conhecer alguma vez um amor real e completo. Durante toda a vida procurarão um ideal inacessível.

É que há conflito entre o narcisismo da jovem e as experiências a que a sexualidade a destina. A mulher só se aceita como o inessencial com a condição de se reencontrar como o essencial em sua abdicação. Fazendo-se objeto, ei-la que se torna um ídolo em que se reconhece orgulhosamente; mas ela recusa a implacável dialética que lhe determina retornar ao inessencial. Quer ser um tesouro fascinante, não uma coisa a ser possuída. Gosta de apresentar-se como um maravilhoso fetiche carregado de eflúvios mágicos, e não se encarar como uma carne que se deixa ver, apalpar, machucar: e o homem ama a mulher como presa mas foge da ogra Deméter.

Orgulhosa por captar o interesse masculino, por suscitar a admiração, o que a revolta é ser em troca aprisionada. Com a puberdade ela aprendeu a vergonha, e a vergonha continua misturada a seu coquetismo e a sua vaidade; os olhares dos homens lisonjeiam-na e ferem-na ao mesmo tempo; gostaria de ser vista apenas na medida em que se mostra: os olhos são sempre demasiado penetrantes. Daí as incoerências que desnorteiam os homens: ela exibe seu decote, suas pernas e logo que as olham enrubesce, se irrita. Diverte-se provocando o macho, mas, se percebe que despertou nele o desejo, recua com aversão: o desejo masculino é uma ofensa tanto quanto uma homenagem; à medida que se sente responsável por seu encanto, em que lhe parece exercê-lo livremente, ela se encanta com suas vitórias, mas, à medida que sua carne, suas formas, seus traços são dados e suportados, deseja roubá-los a essa liberdade estranha e indiscreta que os deseja. Esse é o sentido profundo desse pudor original que interfere de maneira desconcertante nos coquetismos mais ousados. Uma menina pode ter ousadias espantosas porque não percebe que suas

iniciativas a revelam em sua passividade. Logo que o percebe, se assusta e se zanga. Nada é mais equívoco do que um olhar; ele existe à distância e graças a essa distância parece respeitoso: mas ele se apodera matreiramente da imagem percebida. A mulher em formação debate-se nessas armadilhas. Começa a abandonar-se, mas logo se crispa e mata o desejo em si. Em seu corpo ainda incerto, a carícia é sentida ora como um prazer terno, ora como uma cócega desagradável; um beijo comove-a primeiramente, e repentinamente a faz rir; ela faz com que, a cada complacência, suceda uma revolta; deixa-se beijar, mas limpa a boca com afetação; sorridente e terna, torna-se subitamente irônica e hostil; faz promessas e deliberadamente as esquece. Assim é Mathilde de la Môle, seduzida pela beleza e as raras qualidades de Julien, desejosa de alcançar pelo amor um destino excepcional, mas recusando selvagemente o domínio dos sentidos e de uma consciência estranha; passa do servilismo à arrogância, da súplica ao desprezo; tudo o que dá pede imediatamente de volta. Assim é também essa "Monique", cujo retrato Marcel Arland traçou, que confunde a inquietação com o pecado, para quem o amor é uma abdicação vergonhosa, cujo sangue queima mas que detesta esse ardor e só se submete rebelando-se.

É exibindo uma natureza infantil e perversa que o "fruto verde" se defende contra o homem. Sob essa forma semisselvagem e semissensata, foi a jovem descrita muitas vezes. Colette, entre outros, pintou-a em *Claudine à l'école* e igualmente em *Blé en herbe* com os traços da sedutora Vinca. Ela conserva um interesse fervoroso pelo mundo colocado à frente dela e sobre o qual reina como soberana; mas tem também curiosidade, um desejo sensual e romanesco pelo homem. Vinca arranha-se nas sarças, pesca camarões, sobe nas árvores e no entanto estremece quando seu colega Phil lhe toca a mão; ela conhece a inquietação em que o corpo se faz carne e que é a primeira revelação da mulher como mulher; perturbada, começa a querer ser bonita: às vezes penteia-se, maquia-se, veste-se de organdi vaporoso, diverte-se em ser coquete e em seduzir; mas como quer também existir *para si* e não somente *para outrem*, outras vezes se veste com vestidos velhos e desgraciosos, com calças que não lhe caem bem; há toda uma parte de si própria que condena o coquetismo e o considera uma abdicação: por isso, propositadamente anda com os dedos sujos de tinta, mostra-se despenteada, desmazelada. Essas rebeliões causam-lhe um embaraço que ela sente com despeito: se aborrece com isso, enrubesce, torna-se duplamente desajeitada e fica com horror dessas tentativas frustradas de sedução. Nesse estágio, a jovem não quer mais ser criança, mas também não quer tornar-se

adulta, censura em si mesma ora sua puerilidade, ora sua resignação de fêmea. Ela encontra-se em atitude de constante recusa.

Esse é o traço que caracteriza a jovem e nos dá a chave da maior parte de suas condutas; não aceita o destino que a natureza e a sociedade lhe designam; e no entanto não o repudia positivamente: acha-se interiormente dividida para entrar em luta com o mundo; limita-se a fugir da realidade ou a contestá-la simbolicamente. Cada desejo seu comporta uma angústia: está ávida por entrar na posse de seu futuro, mas teme romper com o passado; almeja "ter" um homem, repugna-lhe ser sua presa. E atrás de cada temor dissimula-se um desejo: a violação causa-lhe horror, mas ela aspira à passividade. Por isso está votada à má-fé e a todos os ardis desta; por isso está predisposta a toda espécie de obsessões negativas que traduzem a ambivalência do desejo e da ansiedade.

Uma das formas de contestação que se encontram mais frequentemente na adolescente é o escárnio. Estudantes, *midinettes*, morrem de rir contando entre si histórias sentimentais ou escabrosas, falando de namoros, cruzando com homens na rua ou vendo namorados se beijarem; conheci colegiais que passavam propositadamente pela alameda dos namorados no Jardim do Luxemburgo só para rir; e outras que frequentavam banhos turcos para zombar das mulheres gordas, barrigudas e de seios caídos que lá encontravam: escarnecer do corpo feminino, ridicularizar os homens, rir do amor, é uma maneira de negar a sexualidade; há nesses risos como que um desafio aos adultos, uma maneira de superar o próprio embaraço; brinca-se com imagens e palavras para destruir-lhes a magia perigosa: assim é que vi jovens de uns 14 anos morrerem de rir ao depararem com a palavra *fêmur* no texto latino. Com muito mais razão a jovem se vinga rindo na cara do parceiro ou com colegas quando se deixa beijar ou bolinar. Lembro-me, uma noite, em um compartimento de trem em que duas moças se deixavam acariciar, cada uma por sua vez, por um caixeiro-viajante muito feliz com a sua sorte: entre cada sessão riam histericamente, reencontrando, num ajuste de sexualidade e vergonha, as condutas da idade ingrata. Juntamente com a gargalhada, as jovens apelam para a linguagem: valem-se algumas delas de um vocabulário cuja grosseria faria seus irmãos corarem; isso as perturba tanto menos quanto as expressões que usam não lhes evocam, em consequência de sua semi-ignorância, nenhuma imagem precisa; o objetivo é, aliás, apenas o de impedir que as imagens se formem, pelo menos o de as desmontar; as histórias grosseiras que as colegiais contam umas para as outras destinam-se muito menos a satisfazer instintos sexuais do que a negar a sexualidade: querem

encará-la apenas sob um aspecto humorístico, como uma operação mecânica e quase cirúrgica. Mas, como o riso, o emprego de uma linguagem obscena não é unicamente uma contestação: é também um desafio aos adultos, uma espécie de sacrilégio, uma conduta deliberadamente perversa. Recusando a natureza e a sociedade, a jovem as provoca e as enfrenta mediante numerosas singularidades. Observaram-se nela muitas vezes manias alimentares: come pontas de lápis, pedaços de lacre, pauzinhos, camarões vivos, comprimidos de aspirina às dúzias, e até moscas e aranhas; conheci uma, muito bem-comportada que entretanto compunha com café e vinho branco horríveis misturas que se esforçava para beber; outras vezes comia açúcar embebido de vinagre. Vi uma outra que mastigou resolutamente um vermezinho encontrado na salada. Todas as crianças se esforçam por experimentar o mundo com os olhos, as mãos, e mais intimamente com a boca e o estômago: mas na idade ingrata a menina compraz-se mais particularmente em explorá-lo no que tem de indigesto e repugnante. Muitas vezes o que é "nojento" a atrai. Uma delas, que era bonita, não raro coquete e limpa, mostrava-se realmente fascinada por tudo o que lhe parecia "sujo": tocava em insetos, contemplava suas toalhinhas maculadas, chupava o sangue das feridas. Brincar com coisas sujas é, evidentemente, uma maneira de superar o nojo; esse sentimento assumiu grande importância no momento da puberdade; a jovem tem repugnância por seu corpo demasiado carnal, pelo sangue menstrual, pelas práticas sexuais dos adultos, pelo macho a que se destina; nega-o comprazendo-se precisamente na familiaridade de tudo o que a enoja. "Como é preciso que sangre todos os meses, bebendo o sangue de minhas feridas provo que o sangue não me amedronta. Se deverei submeter-me a uma experiência tão revoltante, por que não mastigar um vermezinho?" Essa atitude afirma-se de maneira mais nítida nas automutilações tão frequentes nessa idade. A jovem corta as coxas com navalha, queima-se com cigarros, arranha-se; para não ir a um *garden-party* aborrecido, uma amiga de minha juventude abriu o pé com um golpe de machadinha, a ponto de ter de ficar de cama durante seis semanas. Essas práticas sadomasoquistas são, ao mesmo tempo, uma antecipação da experiência sexual e uma revolta contra ela; é preciso, suportando essas provações, enrijecer-se contra toda provação possível e assim torná-las todas anódinas, inclusive a da noite nupcial. Quando põe uma lesma no peito, quando engole um tubo de aspirina, quando se fere, a jovem desafia o futuro amante: não me infligirás nada mais odioso do que o que eu me inflijo a mim mesma. Trata-se de iniciações melancólicas e orgulhosas na aventura sexual. Destinada a ser

uma presa passiva, ela reivindica sua liberdade até no fato de suportar a dor e o nojo. Quando se impõe a ferida da faca, a queimadura da brasa, protesta contra a penetração que a deflorará: protesta anulando-a. Masoquista, porquanto em sua conduta aceita a dor, ela é principalmente sádica: enquanto sujeito autônomo, atormenta, insulta, tortura essa carne dependente, essa carne condenada à submissão que detesta, sem querer entretanto distinguir-se dela. Porque ela não escolhe em todas essas conjunturas recusar autenticamente seu destino. As manias sadomasoquistas implicam uma má-fé fundamental: e se a menina a elas se entrega, é porque aceita, através das recusas, seu futuro de mulher; não mutilaria com ódio sua carne se antes não se reconhecesse como carne. Até suas explosões de violência partem de um fundo de resignação. Quando se revolta contra o pai, contra o mundo, o rapaz entrega-se a violências eficientes; procura briga com um camarada, bate-se, afirma-se a socos como sujeito: impõe-se ao mundo, supera-o. Mas afirmar-se, impor-se é proibido à adolescente, e é isso que põe em seu coração tanta revolta: ela não espera nem mudar o mundo, nem emergir dele; sabe-se, acredita-se, e talvez se queira amarrada: só pode destruir; há desespero em sua cólera; durante uma noitada irritante, ela quebra copos, vidros, vasos; não é para vencer o destino; é apenas um protesto simbólico. É através de sua impotência presente que a jovem se rebela contra sua servidão futura; e suas vãs explosões, longe de a libertarem de seus laços, não fazem muito senão recerrá-los. Violências contra si própria ou contra o universo que a cerca tem sempre um caráter negativo: são mais espetaculares do que eficazes. O rapaz que escala rochedos, que briga com os companheiros, encara a dor física, os ferimentos e pancadas como uma consequência insignificante das atividades positivas a que se entrega; não as procura nem delas foge por si mesmas (salvo em caso de um complexo de inferioridade que o coloca numa situação análoga à das mulheres). A jovem olha-se sofrer: busca em seu próprio coração o gosto da violência e da revolta mais do que se interessa pelos resultados. Sua perversidade vem do fato de que permanece ancorada no universo infantil de onde não pode nem quer verdadeiramente evadir-se; debate-se na gaiola, dela não procura sair; suas atitudes são negativas, reflexivas, simbólicas. Há casos em que essa perversidade assume formas inquietantes. Numerosas jovens virgens são cleptomaníacas; a cleptomania é uma "sublimação sexual" de natureza muito equívoca; a vontade de infringir as leis, de violar um tabu, a vertigem do ato proibido e perigoso são certamente essenciais na ladra: mas isso tem uma dupla face. Apropriar-se de objetos sem ter o direito de fazê-lo é afirmar com

arrogância sua autonomia, é pôr-se como sujeito perante as coisas roubadas e a sociedade que condena o roubo; é recusar a ordem estabelecida e desafiar os que a defendem. Mas esse desafio tem também um aspecto masoquista; a ladra é fascinada pelo risco que corre, pelo abismo em que será precipitada se a pegarem; é o perigo de ser apanhada que dá ao ato de roubar um encanto tão voluptuoso; sob os olhares cheios de censura, sob a mão pousada no ombro, na vergonha, ela se realizaria plena e irremediavelmente como objeto. Pegar sem ser pega, na angústia de se tornar a presa, eis o jogo perigoso da sexualidade adolescente feminina. Todas as condutas perversas e delituosas com que se depara nas jovens têm essa mesma significação. Algumas especializam-se em enviar cartas anônimas, outras se divertem com mistificar os que a cercam; uma menina de 14 anos persuadira toda a aldeia de que uma casa era mal-assombrada. Elas gozam o mesmo tempo do exercício clandestino de seu poder, de sua desobediência, de seu desafio à sociedade, e do risco de serem desmascaradas; é um elemento tão importante em seu prazer que muitas vezes desmascaram a si próprias e se acusam de faltas ou crimes que não cometeram. Não é espantoso que a recusa em se tornar objeto conduza a se constituir em objeto: é um processo comum em todas as obsessões negativas. É num mesmo movimento que, numa paralisia histérica, a vítima receia a paralisia, a deseja e a realiza: só se cura deixando de pensar nela; o mesmo ocorre com os tiques dos psicastênicos. É a profundidade de sua má-fé que faz a jovem se parecer com esses tipos de neuróticos: manias, tiques, maquinações, perversidades, encontram-se nela muitos sintomas neuróticos por causa dessa ambivalência do desejo e da angústia que assinalamos. É bastante frequente, por exemplo, que "fuja": sai ao acaso, perambula longe da casa paterna e, ao fim de dois ou três dias, volta espontaneamente. Não se trata de uma partida verdadeira, de uma ruptura com a família; é somente uma comédia de evasão e, muitas vezes, a jovem fica inteiramente desnorteada se lhe propõem tirá-la definitivamente de seu meio: ela quer deixá-lo sem o querer. A fuga liga-se por vezes a fantasmas de prostituição: a jovem sonha que é uma prostituta, desempenha o papel mais ou menos timidamente; se maquia exageradamente, debruça-se à janela e deita olhares aos passantes; em certos casos abandona o lar e leva tão longe a comédia que esta acaba se confundindo com a realidade. Essas condutas traduzem muitas vezes um nojo pelo desejo sexual, um sentimento de culpa: se tenho tais pensamentos, tais apetites, não valho mais do que uma prostituta, sou uma prostituta, pensa a jovem. Por vezes, ela procura libertar-se: acabemos com isso, vamos até o fim, e quer provar a si mesma que a sexualidade tem

pouca importância, entregando-se a qualquer um. Ao mesmo tempo uma tal atitude manifesta muitas vezes hostilidade à mãe, ou porque a jovem tenha horror à austera virtude dela, ou porque suspeita que ela tenha maus costumes; ou então exprime rancor contra o pai que se mostrou por demais indiferente. Como quer que seja, nessa obsessão — como nos fantasmas de gravidez de que já falamos e que a ela, não raro, se associam — encontra-se essa inextricável confusão da revolta e da cumplicidade, que caracteriza as vertigens psicastênicas. É de notar que em todas essas condutas a jovem não procura ultrapassar a ordem natural e social, não pretende recuar as fronteiras do possível nem operar uma transmutação de valores; contenta-se com manifestar sua revolta no seio de um mundo estabelecido cujas fronteiras e leis são conservadas; é essa atitude que se definiu muitas vezes como "demoníaca" e que implica uma trapaça fundamental: o bem é reconhecido a fim de ser escarnecido, a regra é posta a fim de ser violada, o sagrado é respeitado a fim de que seja possível cometer sacrilégios. A atitude da jovem define-se essencialmente pelo fato de que, nas trevas angustiantes da má-fé, ela recusa, aceitando-o, o mundo e seu próprio destino.

Entretanto, não se restringe a contestar negativamente a situação que lhe é imposta; procura também compensar as insuficiências. Se o futuro a assusta, não a satisfaz o presente; ela hesita em se tornar mulher; ela se aborrece por ser ainda uma criança; já largou o passado mas não se empenhou ainda numa vida nova. Ocupa-se mas não *faz* nada, e porque não faz nada não *tem* nada, não *é* nada. É com comédias e mistificações que ela se esforça por encher esse vazio. É censurada muitas vezes por ser dissimulada, mentirosa, por inventar "histórias". O fato é que está destinada ao segredo e à mentira. Com 16 anos uma mulher já passou por penosas provações: puberdade, regras, despertar da sexualidade, primeiras inquietações, primeiras febres, medos, nojos, experiências equívocas, encerrou todas essas coisas no coração; aprendeu a guardar cuidadosamente seus segredos. O simples fato de ter de esconder suas toalhinhas higiênicas, de dissimular as regras já a conduz à mentira. Na novela *Old Mortality*, C. A. Porter conta que, por volta de 1900, as jovens do sul dos Estados Unidos adoeciam engolindo misturas de sal e limão para interromper as regras quando iam ao baile: tinham medo de que os rapazes percebessem seu estado pelas olheiras, o contato das mãos, um odor talvez, e esse pensamento as transtornava. É difícil desempenhar o papel de ídolo, de fada, de princesa longínqua quando se tem entre as pernas uma toalhinha sanguinolenta; e de uma maneira mais genérica quando se conhece a desgraça

original de ser corpo. O pudor, que é uma recusa espontânea de se deixar apreender como carne, beira a hipocrisia. Mas a mentira a que se condena a adolescente consiste principalmente em que é preciso fingir ser objeto, e objeto prestigioso, quando se sente como uma existência incerta, dispersa, e que conhece seus defeitos. Maquiagens, fivelas, cintas, "*soutiens* reforçados" são mentiras; o próprio rosto vira máscara: nele suscitam com habilidade expressões espontâneas, ou uma passividade maravilhada; nada mais espantoso do que descobrir subitamente, no exercício de sua função feminina, uma fisionomia de que se conhece o aspecto familiar; sua transcendência se renega e imita a imanência; o olhar não mais penetra, ele reflete; o corpo não vive mais, ele espera; todos os gestos e sorrisos são apelos; desarmada, disponível, a jovem nada mais é do que uma flor que se oferece, um fruto a ser colhido. É o homem que a incita a tais enganos desejando ser enganado; depois, ele se irrita, acusa. Mas para com a menina sem ardis ele só demonstra indiferença e até hostilidade. Ele só é seduzido por aquela que lhe prepara armadilhas: oferecendo-se, é ela quem vigia a presa; sua passividade está a serviço de um empreendimento, ela faz de sua franqueza o instrumento de sua força; sendo-lhe proibido atacar francamente, fica restrita às manobras e aos cálculos; e seu interesse consiste em parecer se dar gratuitamente; por isso a censuram por ser pérfida e traiçoeira: é verdade. Mas é verdade que é obrigada a oferecer ao homem o mito de sua submissão, pois ele quer dominar. E pode-se exigir que ela abafe então suas reivindicações mais essenciais? Sua complacência só poderia ser pervertida desde a origem. Aliás, não é apenas mediante artifício calculado que ela trapaceia. Pelo fato de todos os caminhos lhe serem impedidos, de não poder *fazer*, de ter que *ser*, uma maldição pesa sobre ela. Quando criança, ela brincava de ser dançarina, de santa; mais tarde brinca de ser ela própria. O que é, ao certo, a verdade? No universo em que se acha encerrada, é uma palavra sem sentido. A verdade é a realidade desvendada, e essa revelação se opera através de atos: mas ela não age. Os romances que conta sobre si mesma, e que não raro conta também a outrem, parecem traduzir melhor as possibilidades que sente em si do que o medíocre relato de sua vida cotidiana. Ela não tem os meios de apreender sua medida: consola-se disso com comédias; constrói um personagem ao qual procura dar importância; tenta singularizar-se através de extravagâncias porque não lhe é permitido individualizar-se em atividades definidas. Sabe-se sem responsabilidade, insignificante num mundo de homens: é por não ter nada de sério a fazer que "inventa histórias". Electra, de Giraudoux, é uma mulher cheia de histórias,

porque é a Orestes somente que é permitido realizar um homicídio com uma espada de verdade. Como a criança, a jovem consome-se em cenas e cóleras, torna-se doente, tem perturbações histéricas a fim de chamar a atenção, de ser alguém *importante.* É para ter importância que ela intervém no destino de outrem; qualquer arma lhe serve; revela segredos, inventa-os, trai, calunia; precisa de tragédia em torno de si para se sentir viva, posto que não encontra socorro em sua própria vida. Por essa mesma razão é que é caprichosa; os fantasmas que criamos, as imagens com que nos embalamos são contraditórias; só a ação unifica a diversidade do tempo. A jovem não tem uma vontade verdadeira e sim desejos, e salta de um a outro com incoerência. O que torna suas inconsequências por vezes perigosas é que, a cada momento, empenhando-se apenas em sonho, ela se empenha por inteiro. Situa-se num plano de intransigência, de exigência: tem o gosto do definitivo, do absoluto: na impossibilidade de dispor do futuro, quer atingir o eterno. "Não abdicarei nunca. Desejarei sempre tudo. Tenho necessidade de preferir minha vida para aceitá-la", escreve Marie Lenéru. E tais palavras encontram eco na Antígona de Anouilh: "Quero tudo, imediatamente." Esse imperialismo infantil só pode ser encontrado num indivíduo que sonha seu destino: o sonho abole o tempo e os obstáculos, precisa exasperar-se para compensar sua diminuta realidade; quem quer que tenha verdadeiros projetos conhece uma finitude que é o penhor de seu poder concreto. A jovem quer receber *tudo* porque *nada* depende dela. Daí seu caráter de "criança endiabrada" em face dos adultos e do homem em particular. Ela não admite as limitações que a inserção no mundo real impõem ao indivíduo; desafia-o a superá-las. Assim é que Hilde[301] espera que Solness lhe dê um reino: não cabe a ela conquistá-lo, por isso o quer sem fronteiras; ela exige dele que construa a torre mais alta do mundo "e que suba tão alto quanto o que constrói": ele hesita em subir, tem medo da vertigem; ela, que fica no solo e o contempla, nega a contingência e a fraqueza humana, não aceita que a realidade imponha um limite a seus sonhos de grandeza. Os adultos parecem sempre mesquinhos e prudentes a quem não recua diante de nenhum risco pelo fato de nada arriscar; permitindo-se em sonho as mais extraordinárias audácias, desafia-os a se igualarem a ela na verdade. Não tendo oportunidade de se pôr à prova, enfeita-se com as mais espantosas virtudes sem receio de ser desmentida.

Entretanto, é também dessa ausência de controle que nasce sua incerteza; ela sonha que é infinita; nem por isso é menos alienada no personagem que oferece à admiração de outrem; ele depende dessas consciências estranhas; ela

está em perigo nesse duplo que identifica a si mesma mas cuja presença suporta passivamente. Eis por que é suscetível e vaidosa. A menor crítica, uma zombaria põem-na totalmente em xeque. Não é de seu próprio esforço, é de uma aprovação caprichosa que ela extrai seu valor. Este não é definido por atividades singulares e sim constituído pela voz geral da reputação; ela parece, portanto, quantitativamente mensurável; o preço de uma mercadoria diminui quando esta se torna demasiadamente comum: do mesmo modo uma jovem só é rara, excepcional, notável, extraordinária se nenhuma outra o é. Suas companheiras são rivais, inimigas; ela procura desvalorizá-las, negá-las; é ciumenta e maldosa.

Vê-se que todos os defeitos censurados na adolescente apenas exprimem sua situação. É uma condição penosa saber-se passiva e dependente na idade da esperança e da ambição, na idade em que se exalta a vontade de viver e de conseguir um lugar na Terra; é nessa idade conquistadora que a mulher aprende que nenhuma conquista lhe é permitida, que deve renegar-se, que seu futuro depende do bel-prazer dos homens. No plano social, como no plano sexual, novas aspirações nela só despertam para permanecerem insatisfeitas; todos os seus impulsos de ordem vital ou espiritual são imediatamente freados. Compreende-se que tenha dificuldade em restabelecer seu equilíbrio. Seu humor instável, suas lágrimas, suas crises nervosas são menos a consequência de uma fragilidade fisiológica do que o sinal de sua profunda inadaptação.

Entretanto, acontece que a jovem assuma autenticamente essa situação da qual foge por mil caminhos inautênticos. Ela aborrece por seus defeitos, mas espanta por vezes pelas suas qualidades singulares. Uns e outras têm a mesma origem. De sua recusa do mundo, de sua espera inquieta, de seu vazio, pode ela fazer um trampolim e emergir então em sua solidão e sua liberdade.

A jovem é secreta, atormentada, presa de conflitos difíceis. Essa complexidade enriquece-a; sua vida interior desenvolve-se mais profundamente que a de seus irmãos; mostra-se mais atenta aos movimentos de seu coração, que assim se tornam mais matizados, mais diversos; tem mais sentido psicológico do que os rapazes voltados para objetivos exteriores. É capaz de dar peso a essas revoltas que a opõem ao mundo. Evita as armadilhas da seriedade e do conformismo. As mentiras convencionais de seu meio encontram-na irônica e clarividente. Ela põe à prova cotidianamente a ambiguidade de sua condição: para além dos protestos estéreis pode ter a coragem de questionar novamente o otimismo estabelecido, os valores já prontos, a moral hipócrita e tranquilizadora. Esse é o exemplo comovente que,

no *Moinho à beira do Floss*, apresenta essa Maggie em que George Eliot reencarnou as dúvidas e as corajosas revoltas de sua mocidade contra a Inglaterra vitoriana; os heróis — e em particular Tom, irmão de Maggie — afirmam com obstinação os princípios aceitos, petrificam a moral em regras formais: Maggie tenta reintroduzir nisso tudo um sopro de vida, derruba-os, vai ao fundo de sua solidão e emerge como uma liberdade pura para além do universo esclerosado dos homens.

Dessa liberdade, a adolescente só sabe, por assim dizer, tirar um proveito negativo. Entretanto, sua disponibilidade pode engendrar uma faculdade de receptividade preciosa. Ela se mostrará então dedicada, atenta, compreensiva, amorosa. É por essa generosidade dócil que se distinguem as heroínas de Rosamond Lehman. Em *Invitation à la Valse*, vê-se Olivia, ainda tímida e desajeitada, pouco coquete, observar com curiosidade comovida esse mundo em que entrará amanhã. Escuta atentamente os dançarinos que se sucedem junto dela, esforça-se por dar-lhes respostas que os satisfaçam, faz-se eco, vibra, acolhe tudo o que se oferece. A heroína de *Poussière*, Judy, tem a mesma qualidade atraente. Não renegou as alegrias da infância; gosta de banhar-se nua, à noite, no regato do parque; ama a natureza, os livros, a beleza, a vida; não rende a si mesma um culto narcisista; sem mentira, sem egoísmo, não procura uma exaltação de seu eu através dos homens: seu amor é dom. Dedica-o a todo ser que a seduz, homem ou mulher, Jennifer ou Rody. Dá-se sem se perder: leva uma vida de estudante independente, tem seu mundo próprio, seus projetos. Mas o que a distingue de um rapaz é sua atitude de espera, sua terna docilidade. De uma maneira sutil, é, apesar de tudo, ao Outro que se destina: o Outro tem a seus olhos uma dimensão maravilhosa, a ponto de se estar apaixonada, ao mesmo tempo, por todos os rapazes da família vizinha, pela casa, pela irmã, pelo universo deles; não é como colega, é como Outro que Jennifer sente-se fascinada. E ela encanta Rody e os primos pela sua aptidão a submeter-se a eles, a moldar-se segundo os desejos deles: ela é paciência, doçura, aceitação e silencioso sofrimento.

Diferente, mas cativante também por sua maneira de acolher em seu coração as pessoas a quem ama, é como se nos apresenta Tessa em *Ninfa de coração fiel*, de Margaret Kennedy: a um tempo espontânea, arisca e dada. Recusa-se a abdicar do que quer que seja de si mesma: adornos, cosméticos, fantasias, hipocrisia, graças aprendidas, prudência e submissão de fêmea repugnam-lhe; deseja ser amada, mas não sob uma máscara; sujeita-se aos desejos de Lewis, mas sem servilismo; compreende-o, vibra com ele, mas, se acontece de

brigarem, Lewis sabe que não é com carícias que poderá submetê-la. Enquanto Florence, autoritária e vaidosa, se deixa vencer por beijos, Tessa consegue o prodígio de permanecer livre em seu amor, o que lhe permite amar sem hostilidade nem orgulho. Sua naturalidade tem todas as seduções do artifício; para agradar não se mutila nunca, não se diminui, não se imobiliza em objeto. Cercada de artistas que empenharam toda a existência na criação musical, não sente em si esse demônio devorador; dedica-se inteiramente a amá-los, compreendê-los, ajudá-los: faz isso sem esforço, por uma generosidade terna e espontânea, e é por isso que permanece perfeitamente autônoma até nos momentos em que se esquece de si mesma em favor de outrem. Graças a essa pura autenticidade, os conflitos da adolescência lhe são poupados: pode sofrer com a dureza do mundo, não se acha dividida no interior de si mesma; é harmoniosa como uma criança despreocupada e como uma mulher muito sábia. A jovem sensível e generosa, receptiva e ardente, está absolutamente preparada para se tornar uma grande amorosa.

Quando não encontra o amor, encontra a poesia. Como não age, ela olha, sente, registra; uma cor, um sorriso encontram nela ecos profundos; porque é fora de si, nas cidades já construídas, no rosto dos homens feitos que se espalha seu destino; ela apalpa, aprecia de uma maneira a um tempo apaixonada e mais gratuita do que o rapaz. Mal integrada no universo humano, tendo dificuldade em se adaptar a ele, ela é, como a criança, capaz de vê-lo; em lugar de se interessar somente pelo domínio sobre as coisas, esforça-se por compreendê-las; apreende-lhes os perfis singulares, as metamorfoses imprevistas. É raro que sinta uma audácia criadora e muitas vezes carece das técnicas que lhe permitiriam exprimir-se; mas nas suas conversas, nas suas cartas, seus ensaios literários, seus esboços, manifesta uma sensibilidade original. A jovem atira-se com ardor às coisas porque ainda não está mutilada em sua transcendência, e o fato de não realizar nada, de não ser nada, tornará seu impulso ainda mais apaixonado. Vazia e ilimitada, é Tudo que ela procurará atingir do fundo de seu nada. Eis por que dedicará um amor especial à Natureza: mais ainda do que o adolescente, ela lhe rende um culto. Indomada, inumana, é a natureza que resume com mais evidência a totalidade do que é. A adolescente não se anexou ainda a nenhuma parcela do Universo: graças a essa carência, ele é por inteiro seu reino; quando toma posse dele, toma também orgulhosamente posse de si mesma. Colette[302] descreveu-nos muitas vezes essas orgias juvenis:

Pois já gostava tanto da alvorada que minha mãe a concedia para mim como recompensa. Conseguia que me acordasse às três e meia e eu partia, com um cesto vazio em cada braço, para o lado das hortas que se refugiavam na curva estreita do riacho, à cata de morangos, cassis e groselhas peludas.

Às três e meia tudo dormia em um azul original, úmido e confuso, e quando eu descia o caminho arenoso, a névoa retida pelo próprio peso banhava-me primeiramente as pernas, em seguida meu tronco bem-feito, atingindo meus lábios, minhas orelhas e minhas narinas, mais sensíveis do que o restante do corpo... Nesse caminho, nessa hora é que eu tomava consciência de meu valor, de um estado de graça indizível e de minha conivência com o primeiro sopro que surgia, o primeiro pássaro, o sol ainda oval, deformado pela sua eclosão... Voltava ao ouvir o sino da primeira missa. Mas não antes de ter comido à farta, não antes de ter traçado no bosque um grande circuito de cão que caça sozinho e ter saboreado a água de duas nascentes perdidas que eu venerava...

Mary Webb descreve-nos também em *Peso das sombras* as alegrias ardentes que uma jovem pode conhecer na intimidade de uma paisagem familiar:

Quando a atmosfera do lar se tornava muito carregada, os nervos de Ambre crispavam-se até quase rebentar. Nesses momentos ela ia até o bosque pela colina. Parecia-lhe então que, enquanto a gente de Dormer vivia sob a férula da lei, a floresta só vivia de impulsos. Ao contemplar a beleza da natureza, ela chegou a uma percepção particular da beleza. Pôs-se a ver analogias; a natureza não era mais um conjunto fortuito de pormenores e sim uma harmonia, um poema austero e majestoso. A beleza nela reinava, uma luz brilhava, que não era a da flor nem a da estrela... Um tremor leve, misterioso e avassalador parecia correr como a luz através de toda a floresta... Os passeios de Ambre nesse mundo de vegetação tinham algo de um rito religioso. Uma manhã em que tudo estava calmo, ela subiu ao Pomar dos Pássaros. Era o que fazia frequentemente antes que começasse o dia cheio de irritações mesquinhas... tirava algum consolo da absurda inconsequência do mundo dos pássaros... Chegou enfim ao coração da floresta e logo se sentiu em luta com a beleza. Havia literalmente para ela nessas conversas com a natureza algo de uma batalha, alguma coisa daquele humor que assim falou: "Não te deixarei partir enquanto não me tiveres abençoado..." Como se apoiasse ao tronco de uma macieira selvagem, subitamente, tomou consciência, por essa espécie de audição interior, da subida da seiva, tão viva e tão forte que a imaginava roncando como a maré. Depois um arrepio de vento passou sobre a copa florida da árvore e ela despertou de novo para a realidade dos sons, os discursos estranhos das folhas... Cada pétala, cada folha parecia cantarolar uma música, que lembrava também as profundezas de onde jorrara. Cada uma das flores levemente estufadas lhe parecia cheia de ecos graves demais para sua fragilidade... Do alto das colinas veio uma lufada de ar perfumado que deslizou por entre os galhos. As coisas que tinham forma e conheciam a mortalidade das formas tremeram ante essa coisa que passava, sem forma e inexprimível. Por causa dela, a floresta não era mais um simples agrupamento, mas um conjunto glorioso como uma constelação... Ela se possuía a si mesma numa existência contínua e imutável. Era isso que atraía Ambre, tomada de uma curiosidade que a fazia prender a respiração, nesses lugares assombrados pela natureza. Era o que a imobilizava agora num êxtase singular...

Mulheres tão diferentes como Emily Brontë e Anna de Noailles conheceram em sua juventude semelhantes fervores — e os prolongaram em seguida durante a vida.

Os textos que citei mostram bem o socorro que a adolescente encontra nos campos e nos bosques. Na casa paterna reinam a mãe, as leis, o costume, a rotina, e ela quer se livrar desse passado; quer tornar-se por sua vez um sujeito soberano: mas socialmente só atinge a vida adulta fazendo-se mulher; paga sua libertação com uma abdicação, ao passo que no meio das plantas e dos animais ela é um ser humano; libertou-se ao mesmo tempo da família e dos homens, é um sujeito, uma liberdade. Encontra no segredo das florestas uma imagem da solidão de sua alma e nos vastos horizontes das planícies a figura sensível de sua transcendência; é ela mesma a charneca ilimitada, o pico voltado para o céu. Ela pode seguir essas estradas que partem para o futuro desconhecido, ela as seguirá; sentada no alto da colina, domina todas as riquezas do mundo jogadas a seus pés, oferecidas. Através das palpitações da água, do frêmito da luz, pressente alegrias, lágrimas, êxtases que ainda ignora; são as aventuras de seu próprio coração que confusamente lhe prometem as ondulações da água, as manchas de sol. Odores e cores falam uma linguagem misteriosa, mas da qual se destaca com triunfante evidência uma palavra: a palavra "vida". A existência não é somente um destino abstrato que se inscreve nos registros civis, é futuro e riqueza carnal. Ter um corpo não surge mais como um defeito vergonhoso; nesses desejos que repudia ante o olhar materno, a adolescente reconhece a seiva que sobe nas árvores; não é mais maldita, reivindica orgulhosamente seu parentesco com as folhagens e as flores; amassa uma corola, e sabe que uma presa viva encherá um dia suas mãos vazias. A carne não é mais impureza: é alegria e beleza. Confundida com o céu e a planície, a jovem é esse sopro indistinto que anima e abrasa o Universo, ela é cada raminho de urze; indivíduo arraigado ao solo e consciência infinita, ela é a um tempo espírito e vida; sua presença é imperiosa e triunfante como a da própria terra.

Para além da Natureza, ela busca por vezes uma realidade mais longínqua e mais deslumbrante ainda; está disposta a perder-se em êxtases místicos; nas épocas de fé, numerosas jovens almas femininas pediam a Deus que enchesse o vazio de seu ser; foi muito cedo que se revelou a vocação de Catarina de Siena, de Teresa d'Ávila.[303] Joana d'Arc era uma moça. Noutros tempos, é a humanidade que aparece como fim supremo; então o impulso místico funde-se em projetos definidos; mas foi também um jovem desejo de absoluto que fez nascer em Mme Roland, em Rosa Luxemburgo, a chama que alimentou suas vidas. Em sua

servidão, em sua carência, do fundo de sua recusa, a jovem pode tirar as maiores audácias. Ela encontra a poesia; encontra também o heroísmo. Uma das maneiras de assumir o fato de que está mal integrada na sociedade é ultrapassar os seus horizontes mesquinhos.

A riqueza e a força de sua natureza, circunstâncias felizes, permitiram a algumas mulheres perpetuarem em sua vida de adulto os projetos apaixonados de sua adolescência. Mas trata-se de exceções. Não é sem razão que George Eliot faz morrer Maggie Tulliver, e Margaret Kennedy faz o mesmo com Tessa. Áspero destino conheceram as irmãs Brontë. A jovem é patética porque se ergue, frágil e só, contra o mundo; mas o mundo é poderoso demais; se ela se obstina em o recusar, é quebrada. Belle de Zuylen, que deslumbrava a Europa pela força cáustica e a originalidade de seu espírito, assustava todos os pretendentes: sua recusa a quaisquer concessões condenou-a durante longos anos a um celibato que lhe pesava, pois declarava que a expressão "virgem e mártir" é um pleonasmo. Essa obstinação é rara. Na imensa maioria dos casos a jovem se dá conta de que o combate é por demais desigual e acaba cedendo. "Vocês morrem todas aos 15 anos", escreve Diderot a Sophie Volland. Quando o combate não passou — como acontece o mais das vezes — de uma revolta simbólica, a derrota é certa. Exigente em sonho, cheia de esperança mas passiva, a jovem faz os adultos sorrirem com um pouco de piedade. Eles a destinam à resignação. E, com efeito, a criança rebelde e barroca que haviam deixado, é encontrada dois anos mais tarde recatada, disposta a consentir com sua vida de mulher. É o futuro que Colette prediz para Vinca; assim aparecem as heroínas dos primeiros romances de Mauriac. A crise da adolescência é uma espécie de "trabalho", análogo ao que o dr. Lagache chama "trabalho do luto". A jovem enterra lentamente sua infância, o indivíduo autônomo e imperioso que foi; e entra submissa na existência adulta.

Naturalmente não se pode estabelecer somente pela idade categorias bem nítidas. Há mulheres que permanecem infantis durante toda a vida; os comportamentos que descrevemos perpetuam-se por vezes até uma idade avançada. Entretanto há, no conjunto, uma grande diferença entre o "broto" de 15 anos e uma "moça feita". Esta está adaptada à realidade. Quase não se move mais no plano do imaginário; é menos dividida em si mesma do que antes. Maria Bashkirtseff escreve, por volta dos 18 anos:

Quanto mais avanço para a velhice de minha mocidade, mais me cubro de indiferença. Poucas coisas me agitam e tudo me agitava.

Irene Reweliotty anota:

Para ser aceita pelos homens é preciso pensar e agir como eles, sem o quê eles nos tratam como ovelha negra e a solidão se torna o nosso quinhão. E eu, agora, estou farta da solidão, quero gente, não apenas ao redor de mim, mas comigo... Viver agora, e não mais existir e esperar, e sonhar o tudo contar a si mesma de boca fechada e corpo imóvel.

E mais adiante:

De tanto ser lisonjeada, cortejada etc., estou me tornando terrivelmente ambiciosa. Não é mais a felicidade, temerosa, maravilhada de meus 15 anos. É uma espécie de embriaguez fria e dura de me vingar da vida, de subir. Namoro, brinco de amar. Não amo... Ganho em inteligência, sangue-frio, lucidez habitual. Perco meu coração. Foi como uma rachadura... Em dois meses abandonei minha infância.

É mais ou menos o mesmo tom destas confidências de uma jovem de 19 anos:[304]

Outrora ah! que conflito entre uma mentalidade que parecia incompatível com esse século e os apelos do próprio século! Agora tenho a impressão de um sossego. Cada nova grande ideia que entra em mim, em lugar de provocar um desmoronamento penoso, uma destruição e uma reconstrução incessante, vem adaptar-se maravilhosamente ao que já está em mim... Agora, passo insensivelmente dos pensamentos teóricos à vida corrente sem solução de continuidade.

A jovem, a não ser que seja particularmente desgraciosa, acabou por aceitar sua feminilidade; e não raro ela se sente feliz por gozar gratuitamente dos prazeres, dos triunfos que disso tira, antes de se instalar definitivamente em seu destino. Não sendo ainda exigida por nenhum dever, irresponsável, disponível, o presente não lhe parece entretanto nem vazio nem decepcionante, porque não passa de uma etapa; a elegância e o namoro têm ainda a leveza de um jogo, e seus sonhos de futuro mascaram-lhe a futilidade. Assim é que V. Woolf descreve, em *As vagas*, impressões de uma jovem coquete durante uma festa:

Sinto-me toda brilhante na escuridão. Minhas pernas sedosas esfregam-se docemente uma na outra. As pedras frias de um colar repousam no meu colo. Estou enfeitada, estou pronta... Meus cabelos têm a ondulação que devem ter, meus lábios são tão vermelhos quanto eu quero. Estou preparada para juntar-me a esses homens e essas mulheres que sobem a escada. São meus pares. Passo

diante deles, exposta aos seus olhares como eles estão aos meus... Nessa atmosfera de perfumes, de luzes, desabrocho como uma avenca que exibe suas folhas crespas... Sinto mil possibilidades nascerem em mim. Sou respectivamente travessa, alegre, langorosa, melancólica. Flutuo acima de minhas raízes profundas. Inclinada para a direita, toda dourada, digo a esse rapaz: "Aproxime-se"... Ele vem. Ele se aproxima, vem para meu lado. É o momento mais excitante que jamais vivi. Tremo, ondulo... Não estamos encantadores sentados juntos, eu vestida de cetim e ele todo de preto e branco? Meus pares, quem quer que sejam, homens ou mulheres, podem encarar-me agora. Devolvo seus olhares, sou uma de vocês. Estou aqui, no meu universo... A porta abre-se. A porta abre-se sem parar. Na próxima vez que se abrir talvez minha vida inteira mude por completo... A porta abre-se. "Aproxime-se", digo ao jovem inclinando-me para ele como uma grande flor de ouro. "Aproxime-se", lhe digo, e ele vem a mim.

Entretanto, quanto mais a jovem amadurece, mais a autoridade materna lhe pesa. Se leva, em casa, uma vida doméstica, sofre por não passar de uma assistente, gostaria de consagrar seu trabalho a seu próprio lar, a seus próprios filhos. Muitas vezes a rivalidade com a mãe a exaspera: uma primogênita em particular irrita-se se nascem ainda jovens irmãos ou irmãs; ela considera que a mãe já "teve sua vez". Cabe agora a ela engendrar, reinar. Se trabalha fora de casa, sofre quando volta para o lar por ser ainda tratada como um simples membro da família e não como um indivíduo autônomo.

Menos romanesca do que outrora, começa a pensar muito mais no casamento do que no amor. Não envolve mais seu futuro esposo numa auréola prestigiosa: o que almeja é ter neste mundo uma situação estável, começar a viver sua vida de mulher. Virgínia Woolf assim descreve as fantasias de uma camponesa rica e jovem:

Dentro em pouco, na hora quente de meio-dia em que as abelhas zunem em torno da madressilva, meu bem-amado virá. Não dirá mais do que uma palavra e *só* uma palavra lhe responderei. Darei a ele tudo o que cresceu em mim. Terei filhos, terei criadas de avental e operárias carregando tochas. Terei uma cozinha para onde trarão, dentro de cestos, cordeiros doentes a fim de serem aquecidos, onde haverá presuntos pendurados às vigas e onde brilharão rosários de cebolas. Serei como minha mãe, silenciosa, com um avental azul e tendo na mão as chaves dos armários.[305]

Sonho semelhante tem a pobre Prue Sarn:[306]

Pensava que nunca se casar fosse um destino horrível. Todas as moças se casam. E quando uma moça se casa, tem um lar e talvez uma lâmpada que acende à noite, na hora em que seu homem chega; se tem apenas velas dá na mesma, pois pode colocá-las perto da janela; então ele diz para si mesmo: "Minha mulher está em casa, acendeu as velas." E chega um dia em que Mrs. Beguildy lhe confecciona um berço de vime; e depois vê-se nele um bebê belo e grave, e mandam-se convites para o batizado; e os vizinhos acorrem para perto da mãe como as abelhas para junto da rainha. Muitas

vezes quando as coisas iam mal eu me dizia: "Não faz mal, Prue Sarn, um dia serás rainha em tua própria colmeia."

Para a maioria das jovens — tenham elas uma vida laboriosa ou frívola, estejam confinadas ao lar paterno ou dele se evadam parcialmente — a conquista de um marido — ou, a rigor, a de um amante sério — torna-se um empreendimento cada dia mais urgente. Essa preocupação é muitas vezes nefasta às amizades femininas. A "amiga íntima" perde seu lugar privilegiado. A jovem vê, em suas companheiras, antes cúmplices do que rivais. Conheci uma, inteligente e bem-dotada, mas que resolvera imaginar-se a "princesa distante": era assim que se descrevia em poemas e ensaios literários; confessava sinceramente que não conservava nenhum apego a suas amigas de infância: feias e tolas, elas lhe desagradavam; sedutoras, ela as temia. A espera impaciente do homem que implica não raro manobras, ardis e humilhações fecha o horizonte da jovem; ela se torna egoísta e dura. E se o príncipe encantado tarda a surgir, nascem o desgosto e a amargura.

A personalidade e os comportamentos da jovem exprimem sua situação: se esta se modifica, a figura da adolescente apresenta-se também diferente. Hoje em dia, lhe é possível tomar o destino nas mãos, em vez de entregá-lo ao homem. Se está absorvida pelos estudos, os esportes, um aprendizado profissional, liberta-se da obsessão do homem, preocupa-se muito menos com seus conflitos sentimentais e sexuais. Entretanto, tem muito mais dificuldade do que o rapaz em se realizar como indivíduo autônomo. Já disse que nem a família nem os costumes favoreciam seu esforço. Além disso, mesmo que escolha a independência, reserva um lugar em sua vida para o homem, para o amor. Terá muitas vezes medo de falhar em seu destino de mulher dedicando-se por inteira a algum empreendimento. Tal sentimento permanece inconfessado; mas está presente, perverte as vontades decididas, estabelece limites. Em todo caso, a mulher que trabalha quer conciliar seu êxito com êxitos puramente femininos; isso não exige que consagre um tempo considerável a sua elegância, a sua beleza, porém, o que é mais grave, implica que seus interesses vitais estejam divididos. À margem dos programas, o estudante diverte-se com jogos gratuitos de ideias e daí nascem seus melhores achados; os devaneios da mulher orientam-se de maneira inteiramente diversa: ela pensará em sua aparência física, no homem, no amor; só dará o estritamente necessário a seus estudos, a sua carreira, quando nessas áreas nada é tão necessário quanto o supérfluo. Não se trata de uma fraqueza mental, de

uma incapacidade de se concentrar, e sim de uma partilha de interesses que se conciliam mal. Forma-se um círculo vicioso: espantamo-nos muitas vezes ao ver com que facilidade uma mulher pode abandonar a música, os estudos, a profissão logo que encontra um marido; é que empenhara muito pouco de si mesma em seus projetos para descobrir grande proveito na sua realização. Tudo contribui para frear sua ambição pessoal, enquanto uma enorme pressão social a convida a encontrar no casamento uma posição social, uma justificação. É natural que não procure criar por si mesma seu lugar neste mundo, ou que só o faça timidamente. Enquanto não houver uma perfeita igualdade econômica na sociedade e enquanto os costumes autorizarem a mulher, como esposa ou amante, a aproveitar-se dos privilégios de certos homens, o sonho de um êxito passivo continuará e ela freará suas próprias realizações.

Entretanto, seja qual for a maneira pela qual a jovem encare sua existência de adulta, o aprendizado ainda não terminou. Por lentas gradações ou brutalmente, será necessário passar pela iniciação sexual. Há jovens que se recusam a isso. Se incidentes sexualmente penosos marcaram sua infância, se uma educação infeliz lentamente arraigou nelas o horror à sexualidade, conservarão sua repugnância de menina púbere em relação ao homem. Acontece também que as circunstâncias conduzam, contra sua vontade, certas mulheres a uma virgindade prolongada. Mas, na maioria dos casos, a jovem realiza, numa idade mais ou menos avançada, seu destino sexual. A maneira pela qual o enfrenta está evidentemente em estreita ligação com seu passado. Mas há também nisso uma experiência nova que se propõe em circunstâncias imprevistas e à qual ela reage livremente. É esta nova etapa que nos cumpre encarar agora.

3/**A iniciação sexual**

Em certo sentido, a iniciação sexual da mulher, como a do homem, começa na primeira infância. Há uma aprendizagem teórica e prática que se desenvolve de maneira contínua desde as fases oral, anal e genital até a idade adulta. Mas as experiências eróticas da jovem não são um simples prolongamento de suas atividades sexuais anteriores; têm muitas vezes um caráter imprevisto e brutal; constituem sempre um acontecimento novo que cria uma ruptura com o passado. Todos os problemas que se apresentam à jovem acham-se resumidos de uma forma urgente e aguda no momento em que ela os vive. Em certos casos a crise tem solução fácil, mas há conjecturas trágicas em que ela só pode ser liquidada com o suicídio ou a loucura. De qualquer forma, pela maneira como reage, a mulher empenha grande parte de seu destino. Todos os psiquiatras concordam acerca da extrema importância que têm para ela as primeiras experiências eróticas: repercutem em toda a sua vida.

A situação é, no caso, profundamente diferente para o homem e para a mulher, tanto do ponto de vista biológico como do social e do psicológico. Para o homem, a passagem da sexualidade infantil à maturidade é relativamente simples: há objetivação do prazer erótico que, em lugar de ser realizado na sua presença imanente, é intencionado em um ser transcendente. A ereção é a expressão dessa necessidade; sexo, mãos, boca, o homem volta-se com todo o corpo para a parceira, mas permanece no centro dessa atividade, como em geral o sujeito em face dos objetos que percebe e dos instrumentos que manipula; projeta-se para o outro sem perder sua autonomia; a carne feminina é, para o homem, uma presa e ele percebe nela as qualidades que sua sensualidade reclama de todo objeto; não consegue realmente se apropriar delas, mas abraça-as. A carícia, o beijo implicam quase um fracasso, mas esse mesmo fracasso é um estimulante e uma alegria. O ato amoroso encontra sua unidade no seu fim natural, o orgasmo. O coito tem um objetivo fisiológico preciso: pela ejaculação,

o macho descarrega as secreções que lhe pesam; depois do ato ele alcança um alívio que é acompanhado sempre de prazer, e certamente não era só o prazer que era visado, mesmo porque é seguido muitas vezes de decepção: houve desaparecimento da necessidade mais do que satisfação. Em todo caso, um ato definido foi consumado e o homem se reencontra com um corpo íntegro: o serviço que prestou à espécie confundiu-se com seu próprio gozo. O erotismo da mulher é muito mais complexo e reflete a complexidade da situação feminina. Vimos[307] que, ao invés de integrar as forças específicas em sua vida individual, a fêmea submete-se à espécie cujos interesses se dissociam dos seus fins singulares; essa antinomia atinge o paroxismo na mulher: exprime-se, entre outras coisas, pela oposição de dois órgãos: o clitóris e a vagina. No estágio infantil o primeiro é o centro do erotismo feminino. Alguns psiquiatras sustentam que existe uma sensibilidade vaginal em certas meninas, mas essa opinião é muito controvertida; em todo caso, teria apenas uma importância secundária. O sistema clitoridiano não se modifica na idade adulta[308] e a mulher conserva durante toda a vida essa autonomia erótica; o espasmo clitoridiano é, como o orgasmo do homem, uma espécie de detumescência obtida de maneira quase mecânica, mas só indiretamente se acha ligado ao coito normal, não desempenha nenhum papel na procriação. É pela vagina que a mulher é penetrada e fecundada; e a vagina se torna centro erótico pela intervenção do homem, intervenção esta que constitui sempre uma espécie de violação. Por um rapto real ou simulado é que a mulher era outrora arrancada de seu universo infantil e jogada na sua vida de esposa; é uma violência que a faz passar de moça a mulher: diz-se também "tirar"[309] a virgindade de uma jovem, "tomar-lhe" a flor. Essa defloração não é o fim harmônico de uma evolução contínua, é a ruptura ab-rupta com o passado, o início de um novo ciclo. O prazer é então atingido por contrações da superfície interna da vagina; se terminam com um orgasmo preciso e definitivo, é ponto ainda a ser discutido. Os dados da anatomia são muito vagos. "A anatomia e a clínica provam abundantemente que a maior parte do interior da vagina não é inervada", diz, entre outros, o relatório de Kinsey. "É possível fazer numerosas operações no interior da vagina, sem recorrer a anestésicos. Demonstrou-se, que no interior da vagina, os nervos se localizam numa zona situada na face interna próxima à base do clitóris." Entretanto, além da estimulação dessa zona inervada, "a mulher pode ter consciência da introdução de um objeto na vagina particularmente se os músculos estiverem contraídos; mas a satisfação assim obtida relaciona-se provavelmente mais com o tônus muscular do que com a estimulação erótica

dos nervos." Não obstante, está fora de dúvida que o prazer vaginal existe; e a masturbação vaginal — nas mulheres adultas — é mais comum do que diz Kinsey.[310] Mas o que é certo é que a reação vaginal é uma reação muito complexa que se pode qualificar de psicofisiológica, porque interessa não somente ao conjunto do sistema nervoso como ainda depende de toda a situação vivida pelo sujeito: exige o consentimento profundo de todo o indivíduo; o novo ciclo erótico que o primeiro coito inaugura exige, para que se estabeleça, uma espécie de "montagem" do sistema nervoso, a elaboração de uma forma que não se acha ainda esboçada e que deve envolver também o sistema clitoridiano; leva muito tempo para se realizar e por vezes não chega nunca a criar-se. É impressionante que a mulher possa escolher entre dois ciclos, sendo que um perpetua a independência juvenil enquanto o outro a destina ao homem e ao filho. O ato sexual normal põe, com efeito, a mulher na dependência do macho e da espécie. Ele — como entre quase todos os animais — é quem desempenha o papel agressivo, ao passo que ela suporta a investida. Normalmente ela pode sempre ser possuída pelo homem, ao passo que este só pode possuí-la em estado de ereção; salvo em caso de revolta tão profunda como o vaginismo, que sela a mulher mais seguramente do que o hímen, a recusa feminina pode ser vencida; e mesmo o vaginismo deixa ao homem meios de se satisfazer num corpo que a força muscular coloca à sua mercê. Sendo ela objeto, a inércia não lhe modifica profundamente o papel natural: a tal ponto que muitos homens não se preocupam em saber se a mulher com quem se deita quer o coito ou se apenas se submete a ele. Pode-se dormir até com uma morta. O coito não poderia ser realizado sem o consentimento do macho, e é a sua satisfação que constitui o fim natural do ato. A fecundação pode realizar-se sem que a mulher sinta o menor prazer. Por outro lado, a fecundação está longe de representar o término do processo sexual para ela; é, ao contrário, nesse momento que começa o serviço exigido da mulher pela espécie: este ocorre lentamente, penosamente, na gravidez, no parto, no aleitamento.

O "destino anatômico" do homem é, pois, profundamente diferente do da mulher. Não é menos diferente a situação moral e social. A civilização patriarcal destinou a mulher à castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito de satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher é confinada no casamento: para ela, o ato carnal, não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é falta, queda, derrota, fraqueza; ela tem o dever de defender sua virtude, sua honra; se "cede", se "cai", suscita o desprezo; ao passo que até na censura que se inflige ao seu vencedor há admiração. Desde as

civilizações primitivas até os nossos dias sempre se admitiu que a cama era para a mulher um "serviço" ao qual o homem agradece com presentes ou assegurando-lhe a manutenção: mas servir é ter um senhor; não há nessa relação nenhuma reciprocidade. A estrutura do casamento, como também a existência das prostitutas, é prova disso: a mulher *se dá*, o homem a remunera e a possui. Nada impede o homem de dominar e possuir criaturas inferiores; os amores ancilares sempre foram tolerados, ao passo que a burguesa que se entrega a um jardineiro, a um motorista, degrada-se socialmente. Os sulistas dos Estados Unidos, tão violentamente racistas, sempre foram autorizados pelos costumes a dormir com mulheres negras, tanto antes da Guerra da Secessão como hoje em dia, e usam desse direito com uma arrogância senhorial: uma branca que tivesse relação com um negro no tempo da escravidão teria sido condenada à morte; hoje seria linchada. Para dizer que dormiu com uma mulher o homem diz que a "possuiu", que a "teve": inversamente para se dizer que se "teve" alguém, diz-se por vezes grosseiramente: "que a fodeu".[311] Os gregos chamavam *Parthenos adamatos*, virgem insubmissa, a mulher que não conhecera macho. Os romanos qualificavam Messalina de "invicta", porque nenhum de seus amantes lhe dera prazer. Para o amante, o ato amoroso é, pois, conquista e vitória. Se em outro homem a ereção pode parecer por vezes uma paródia irrisória do ato voluntário, cada qual, entretanto, a considera em seu próprio caso com alguma vaidade. O vocabulário erótico dos homens inspira-se no vocabulário militar: o amante tem o ímpeto do soldado, seu sexo retesa-se como um arco, quando ejacula "descarrega", é uma metralhadora, um canhão; fala de ataque, de assalto, de vitória. Há em seu ato sexual um sabor de heroísmo. "Consistindo o ato gerador na ocupação de um ser por outro", escreve Benda,[312] "impõe por um lado a ideia de um conquistador e por outro de algo conquistado. Por isso, quando tratam de suas relações amorosas, os mais civilizados falam de conquista, de ataque, de assalto, de assédio, de defesa, de derrota, de capitulação, moldando nitidamente a ideia de amor na ideia de guerra. Esse ato, comportando a poluição de um ser por outro, impõe ao que polui certo orgulho, e ao poluído, ainda que anuente, alguma humilhação." Esta última frase introduz um novo mito, o de que o homem inflige uma mácula à mulher. Na realidade o esperma não é um excremento; fala-se de "polução noturna" porque então se desvia de seu fim natural. Mas porque o café pode manchar um vestido claro não se declara que é uma porcaria e que suja o estômago. Outros homens sustentam o contrário: que a mulher é impura porque é ela que está "emporcalhada de humores", que ela polui o homem. O fato de ser este quem

polui não lhe confere, em todo caso, senão uma superioridade bem equívoca. Na realidade, a situação privilegiada do homem vem da integração de seu papel biologicamente agressivo em sua função social de chefe, de senhor; é através dessa situação que as diferenças fisiológicas adquirem todo seu sentido. Por ser, neste mundo, soberano, o homem reivindica como sinal de sua soberania a violência de seus desejos; diz-se de um homem dotado de grandes capacidades eróticas que é forte, que é potente: epítetos que designam como que uma atividade e uma transcendência. Ao contrário, a mulher, sendo apenas um objeto, será qualificada como *quente* ou *fria*, isto é, nunca poderá manifestar senão qualidades passivas.

O clima em que a sexualidade feminina desperta é, pois, completamente diferente daquele que o adolescente encontra em torno de si. Por outro lado, no momento em que se defronta a primeira vez com o homem, sua atitude erótica é muito complexa. Não é verdade, como se pretendeu por vezes, que a virgem não conheça o desejo e que seja o homem quem lhe desperte a sensualidade; essa lenda evidencia mais uma vez a vontade de domínio do homem que deseja que sua companheira nada tenha de autônomo, nem sequer o desejo que ela tem dele. Na realidade, no homem também é muitas vezes o contato com a mulher que suscita o desejo e, inversamente, a maioria das moças aspira febrilmente às carícias antes que qualquer mão as tenha tocado.

> Minhas ancas, que na véspera me davam um aspecto de rapaz, arredondaram-se e, em todo o meu ser, sentia uma imensa impressão de espera, um apelo que me tomava e cujo sentido era mais do que claro; não podia mais dormir à noite, virava e revirava, agitava-me, febril e dolorida, diz Isadora Duncan em *Minha vida.*

Uma jovem mulher que faz uma longa confissão a Stekel conta:

> Comecei a flertar loucamente. Precisava de uma "cócega nos nervos" (*sic*). Dançarina apaixonada, fechava os olhos dançando para me entregar inteiramente a esse prazer... Dançando, exprimia uma espécie de exibicionismo porque a sensualidade dominava o pudor. Durante o primeiro ano, dancei apaixonadamente. Gostava de dormir e dormia muito e me masturbava todos os dias, às vezes durante uma hora. Masturbava-me muitas vezes até ficar inundada de suor e incapaz de continuar por causa do cansaço, e readormecia... Ardia e teria aceito quem quisesse acalmar-me. Não procurava um indivíduo, e sim o homem.[313]

Mais precisamente, o que ocorre é que a inquietação virginal não se traduz por uma necessidade precisa: a virgem não sabe exatamente o que quer. Nela

sobrevive o erotismo agressivo da infância; seus primeiros impulsos foram preênseis e ela ainda tem o desejo de abraçar, de possuir. A presa que almeja, ela a deseja dotada de qualidades que lhe foram reveladas como valores, através do gosto, do olfato, do tato, pois a sexualidade não é um campo isolado, prolonga os sonhos e as alegrias da sensualidade; as crianças e os adolescentes de ambos os sexos apreciam o liso, o cremoso, o acetinado, o fofo, o elástico: o que, sem desmoronar nem decompor, cede à pressão, desliza ante o olhar ou sob os dedos; como o homem, a mulher se encanta com a doçura morna das dunas de areia tantas vezes comparadas com seios, com o toque da seda, o aveludado de uma flor ou de um fruto, e a jovem, particularmente, ama as cores pálidas, os tules e as musselinas vaporosos. Não gosta dos tecidos rugosos, das pedras, das rochas, dos sabores acres, dos odores ácidos; o que primeiro acariciou e quis foi, como seus irmãos, a carne materna; em seu narcisismo, em suas experiências homossexuais difusas ou precisas, ela se punha como sujeito, buscava a posse de um corpo feminino. Quando se defronta com o homem, tem na palma das mãos, nos lábios, a vontade de acarinhar ativamente uma presa. Mas o homem, com seus músculos duros, sua pele áspera, seu cheiro forte, seus traços grosseiramente marcados, não lhe parece desejável, inspira-lhe até repulsa. É o que exprime Renée Vivien quando escreve:

> *Sou mulher, não tenho direito à beleza*
> *...Tinham-me condenado às feiuras masculinas*
> *Tinham-me proibido teus cabelos, tuas pupilas*
> *Porque teus cabelos são compridos e cheios de odores.*[314]

Se a tendência preensiva, possessiva permanece a mais forte, a mulher se orientará para a homossexualidade, como Renée Vivien. Ou então se apegará a homens aos quais pode tratar como mulheres: tal é o caso da heroína de *Monsieur Vénus*, de Rachilde, que compra um jovem amante e se compraz em acariciá-lo apaixonadamente, mas não se deixa deflorar por ele. Há mulheres que gostam de acariciar jovens de 13 ou 14 anos e até crianças, e recusam o homem feito. Mas já vimos que na maioria das mulheres se desenvolveu também, desde a infância, uma sexualidade passiva: a mulher gosta de ser abraçada, acariciada, e, principalmente após a puberdade, almeja tornar-se carne nos braços de um homem; a este é que cabe normalmente o papel de sujeito, ela o sabe; "um homem não precisa ser bonito", repetiram-lhe muitas

vezes; ela não deve procurar nele as qualidades inertes de um objeto e sim a potência e a força viril. Por isso, ei-la dividida em si mesma: aspira a um abraço robusto que a metamorfoseará em coisa que estremece; mas a rudeza e a força são também resistências ingratas que a magoam. Sua sensualidade localiza-se na pele e na mão ao mesmo tempo. E as exigências de uma são em parte opostas às da outra. Na medida do possível, ela escolhe um compromisso; entrega-se a um homem viril, mas bastante jovem e sedutor para ser um objeto desejável; num belo adolescente ela poderá encontrar os atrativos que deseja; no *Cântico dos cânticos* há simetria entre a deleitação da esposa e a do esposo; ela encontra nele o que ele procura nela; a flora e a fauna terrestre, as pedras preciosas, os regatos, as estrelas. Mas ela não tem os meios de *possuir* esses tesouros: sua anatomia condena-a a permanecer inábil e impotente como um eunuco. O desejo de posse aborta na falta de um órgão em que possa ser encarnado. E o homem recusa o papel passivo. Muitas vezes, de resto, as circunstâncias levam a jovem a tornar-se presa de um homem cujas carícias a comovem, mas que ela não tem prazer em olhar nem em acariciar em troca. Não se falou o bastante que, na repugnância que se mistura a seus desejos, não há apenas medo da agressividade masculina, mas também um profundo sentimento de frustração: a volúpia deverá ser conquistada contra o impulso espontâneo da sensualidade, ao passo que no homem a alegria do tato, da vista, funde-se com o prazer sexual propriamente dito.

Os próprios elementos do erotismo passivo são ambíguos. Nada mais equívoco do que um *contato*. Muitos homens que, sem nojo algum, trituram entre as mãos qualquer matéria, detestam que ervas ou bichos os toquem; roçada pela seda, o veludo, a carne feminina ora freme agradavelmente, ora se eriça: lembro-me de uma amiga de juventude que à simples visão de um pêssego se arrepiava toda; da perturbação à cócega, da irritação ao prazer, a passagem é fácil: braços enlaçando um corpo podem ser refúgio e proteção, mas também encarceram e abafam. Na virgem essa ambiguidade perpetua-se por causa do paradoxo de sua situação: o órgão em que terminará sua metamorfose é selado. O apelo incerto e ardente de sua carne espalha-se pelo corpo inteiro, salvo no lugar em que o coito deve realizar-se. Nenhum órgão permite à virgem satisfazer seu erotismo ativo; não tem a experiência vivida de quem a condena à passividade.

Entretanto, essa passividade não é pura inércia. Para que a mulher se perturbe é preciso que se produzam fenômenos positivos em seu organismo: inervação das zonas erógenas, intumescência de certos tecidos eréteis,

secreções, elevação da temperatura, aceleração do pulso e da respiração. O desejo e a volúpia exigem dela, como do homem, um dispêndio vital; receptiva, a necessidade feminina é em certo sentido ativa, manifesta-se por um aumento do tônus nervoso e muscular. As mulheres apáticas e lânguidas são sempre frias; trata-se de saber se existe frigidez constitucional, e em relação às capacidades eróticas da mulher os fatores psíquicos desempenham seguramente um papel preponderante; mas é certo que as insuficiências fisiológicas, uma vitalidade empobrecida, se exprimem também pela indiferença sexual. Inversamente, se a energia vital se despende em atividades voluntárias, no esporte, por exemplo, não se integra na necessidade sexual: as escandinavas são sadias, robustas e frias. As mulheres "temperamentais" são as que conciliam o langor ao "fogo", como as italianas ou as espanholas, isto é, cuja ardente vitalidade se funde por inteira na carne. *Fazer-se* objeto, *fazer-se* passiva não é a mesma coisa do que *ser* um objeto passivo: uma mulher amorosa não é nem uma dorminhoca nem uma morta; há nela um impulso que sem cessar se abate e se renova; é o impulso abatido que cria o encantamento em que o desejo se perpetua. Mas o equilíbrio entre o ardor e o abandono é fácil de ser destruído. O desejo do macho é tensão: pode invadir um corpo em que nervos e músculos se retesam; atitudes e gestos que exigem do organismo uma participação voluntária não o contrariam e, muitas vezes, ao contrário, servem-no. Todo esforço voluntário, inversamente, impede a carne feminina de "se possuir"; é por isso que espontaneamente[315] a mulher recusa as formas de coito que solicitam dela trabalho e tensão; mudanças muito bruscas e muito numerosas de posição, a exigência de atividades conscientemente dirigidas — gestos ou palavras — destroem o encantamento. A violência das tendências desencadeadas pode provocar crispação, contração, tensão: há mulheres que arranham, mordem, arqueiam o corpo com uma força inesperada; mas esses fenômenos só se produzem quando é atingido certo paroxismo, e este só se atinge se primeiramente a ausência de qualquer imposição — física ou moral — permite uma concentração sexual de toda a energia viva. Isso quer dizer que não basta à jovem *deixar fazer*; dócil, lânguida, ausente, não satisfaz o parceiro nem se satisfaz. É solicitada a ela uma participação ativa numa aventura que nem seu corpo virgem nem sua consciência repleta de tabus, proibições, preconceitos, exigências quer de maneira positiva.

Nas condições que acabamos de descrever, compreende-se que a iniciação erótica da mulher não é fácil. Vimos que acontece frequentemente que

incidentes verificados na infância ou na juventude engendrem nela profundas resistências; estas são por vezes insuperáveis: no mais das vezes a jovem esforça-se por desprezá-las, mas surgem nela então conflitos violentos. Uma educação severa, o medo do pecado, o sentimento de culpabilidade em relação à mãe criam barreiras poderosas. A virgindade é tão valorizada em muitos meios que perdê-la fora do casamento legítimo parece um verdadeiro desastre. A jovem que cede por fraqueza ou surpresa pensa que se acha desonrada. A "noite de núpcias", que entrega a virgem a um homem que em geral ela não escolheu realmente, e que pretende resumir em algumas horas — ou instantes — toda a iniciação sexual, não é tampouco uma experiência fácil. De uma maneira geral, toda "passagem" é angustiante por causa de seu caráter definitivo, irreversível: tornar-se mulher é romper sem apelo com o passado, mas essa passagem é a mais dramática; não cria somente um hiato entre o ontem e o amanhã, mas arranca também a jovem do mundo imaginário em que se desenrolava parte importante de sua existência e a joga no mundo real. Por analogia com as corridas de touros, Michel Leiris dá ao leito nupcial a denominação de "uma arena de verdade"; é para a virgem que a expressão assume seu sentido mais completo e temível. Durante o período do noivado, do flerte, da corte, por rudimentar que tenha sido, ela continuou a viver em seu universo habitual de cerimônia e sonho; o pretendente falava uma linguagem romanesca ou pelo menos cortês: era ainda possível trapacear. E ei-la repentinamente vista por olhos verdadeiros, segura por mãos de verdade: é a implacável realidade desses olhares e desses abraços que a apavora.

O destino anatômico e os costumes conferem ao homem o papel de iniciador. Provavelmente, a primeira amante é também uma iniciadora do jovem virgem; mas ele possui uma autonomia erótica que a ereção manifesta claramente; a amante entrega-lhe apenas em sua realidade o objeto que ele já ambicionava: um corpo de mulher. A jovem tem necessidade do homem para que seu próprio corpo lhe seja revelado: sua dependência é muito mais profunda. Desde suas primeiras experiências, há geralmente no homem atividade, decisão, ou porque pague à parceira ou porque a corteje e solicite mais ou menos sumariamente. Ao contrário, na maioria dos casos, a jovem é cortejada e solicitada. Mesmo quando é a mulher quem provoca o homem em primeiro lugar, este é quem dirige as relações entre ambos; o homem é muitas vezes mais velho, mais sabido e admite-se que é quem tem a responsabilidade dessa aventura nova para ela; o desejo masculino é mais agressivo, mais imperioso. Amante ou marido, é ele quem a conduz ao leito onde só resta se

entregar e obedecer. Mesmo que tenha aceitado essa autoridade em pensamento, é tomada de pânico no momento em que ele a exerce concretamente. Tem primeiramente medo do olhar no qual se lança; seu pudor é em parte aprendido, mas tem também raízes profundas; homens e mulheres conhecem todos a vergonha da carne. Em sua pura presença imóvel, em sua imanência injustificada, a carne existe ante o olhar de outrem como a absurda contingência da facticidade, e no entanto a carne é *si-mesmo*: querem impedi-la de existir para outrem; querem negá-la. Há homens que dizem que não suportam ficar nus diante de uma mulher senão em estado de ereção. Pelo efeito da ereção, a carne torna-se atividade, potência, o sexo não é mais objeto inerte, mas, assim como a mão ou o rosto, é expressão imperiosa de uma subjetividade. É uma das razões pelas quais o pudor paralisa muito menos os jovens do que as mulheres; pelo fato de terem um papel agressivo, são menos expostos a ser olhados e, se o são, receiam pouco ser julgados porque não são qualidades inertes que suas amantes exigem deles: é antes para a potência amorosa e a habilidade em dar prazer que se voltarão seus complexos; podem ao menos se defender, tentar ganhar a partida. À mulher não é dado transformar a carne em vontade; desde que não a esconde mais, ela a entrega sem defesa; mesmo se deseja carícias, revolta-se contra a ideia de ser vista e apalpada, ainda mais porque os seios e as nádegas são uma proliferação particularmente carnal; muitas mulheres adultas mal suportam serem vistas de costas, mesmo vestidas; podemos imaginar que resistências uma amorosa ingênua precisa superar para consentir em se mostrar. Provavelmente uma Frineia não teme os olhares, põe-se nua, ao contrário, com orgulho: sua beleza a veste. Ainda que igual a Frineia, uma jovem nunca sabe disso com certeza; não pode ter o orgulho arrogante de seu corpo enquanto a aprovação masculina não confirmar sua jovem vaidade. E é o que a apavora; o amante é mais temível ainda do que um olhar: é um juiz, vai revelá-la a si mesma em sua verdade; mesmo apaixonada pela própria imagem, toda jovem duvida de si no momento do veredicto masculino. Eis por que reclama a escuridão, esconde-se nos lençóis. Quando se admirava ao espelho, sonhava ainda: sonhava sobre si mesma através dos olhos do homem. Agora esses olhos estão presentes, é impossível trapacear, impossível lutar: é uma misteriosa liberdade que decide e a decisão é inapelável. Na prova real da experiência erótica, as obsessões da infância e da adolescência vão enfim dissipar-se ou confirmar-se para sempre; muitas moças sofrem por ter pernas robustas demais, seios demasiado discretos ou pesados, ancas magras, uma verruga; ou temem alguma deformação secreta.

Toda jovem alimenta toda espécie de terrores ridículos que mal ousa confessar, diz Stekel.[316] Não se pode imaginar quantas moças sofrem da obsessão de serem fisicamente anormais e se atormentam secretamente por não terem a certeza de ser normalmente constituídas. Certa jovem, por exemplo, acreditava que sua "abertura inferior" não estava no lugar. Imaginava que as relações sexuais se realizavam pelo umbigo. Sentia-se infeliz por ter o umbigo fechado e não poder nele enfiar um dedo sequer. Outra pensava ser hermafrodita. Outra acreditava-se estropiada e incapaz de manter relações sexuais.

Mesmo quando não conhecem tais obsessões, elas se assustam com a ideia de que certas partes do corpo que não existiam nem para elas, nem para ninguém, que não existiam de modo algum, vão repentinamente emergir à luz. Essa figura desconhecida que a jovem deve assumir como sua irá provocar repugnância? Indiferença? Ironia? Ela terá de passar pelo julgamento do homem: nada lhe resta a fazer. Por isso é que a atitude do homem terá repercussões tão profundas. Seu ardor, sua ternura podem dar à mulher uma confiança em si mesma que resistirá a todos os desmentidos: essa mulher se acreditará uma flor até os oitenta anos, um lindo pássaro que certa noite um desejo de homem fez surgir. Ao contrário, se o amante ou o marido é inábil, fará com que se desenvolva um complexo de inferioridade em que se enxertarão, muitas vezes, neuroses duradouras; e ela experimentará um rancor que se traduzirá por uma frigidez obstinada. Stekel nos dá, a propósito, exemplos impressionantes:

Uma senhora de 36 anos sofre há 14 de dores lombares tão fortes que precisa ficar de cama durante semanas... Sentiu essa dor violenta pela primeira vez na noite de núpcias. Durante o defloramento, que fora extremamente doloroso, o marido exclamara: "Você me enganou, não é mais virgem..." A dor é a fixação dessa cena penosa. A doença é o castigo do marido que teve de gastar muito com numerosos tratamentos... Essa mulher ficou insensível durante a noite de núpcias e assim permaneceu durante todo o casamento. A noite de núpcias foi para ela um trauma que determinou toda a sua vida futura.

Uma jovem mulher consulta-me acerca de perturbações nervosas e em particular de uma frigidez absoluta... Na noite de núpcias, depois de a descobrir, o marido teria exclamado: "Como suas pernas são curtas e grossas!" Em seguida, ele tentou o coito que a deixou perfeitamente insensível e só provocou dores... Ela sabia muito bem que a causa de sua frigidez estava na ofensa da noite de núpcias.

Outra mulher frígida conta que "durante a noite de núpcias o marido a teria ofendido profundamente: vendo-a despir-se teria dito 'Meu Deus, como você é magra!' e em seguida teria resolvido acariciá-la. Para ela, esse momento tinha sido inesquecível e horrível. Que brutalidade!".

Mme Z.W. é também completamente frígida. O grande trauma da noite de núpcias está no fato de que seu marido teria lhe dito, depois do primeiro coito: "Você tem um buraco grande, você me enganou."

O olhar é perigo; as mãos são também uma ameaça. A mulher não tem geralmente acesso ao universo da violência; nunca passou pela prova que o rapaz enfrentou e superou através das brigas da infância e da adolescência: ser uma coisa de carne que outro pode dominar; e agora ela é empunhada, arrastada num corpo a corpo em que o homem leva a melhor; não tem mais a liberdade de sonhar, de recuar, de manobrar: está entregue ao macho que dela dispõe. Esses abraços, análogos aos da luta, aterrorizam-na, a ela que nunca lutou. Entregava-se às carícias de um noivo, de um amigo, de um colega, de um homem civilizado e cortês: mas ele assumiu uma atitude estranha, egoísta e obstinada; não tem recursos contra esse desconhecido. Não é raro que a primeira experiência da jovem seja uma verdadeira violação e que o homem se mostre odiosamente brutal; assim, no campo, onde os costumes são rudes, acontece muitas vezes que a camponesa, em parte consentindo e em parte se revoltando, perca a virgindade à beira de uma valeta em meio à vergonha e ao terror. O que é entretanto extremamente frequente em todos os meios, em todas as classes, é que a virgem seja tratada com aspereza por um amante egoísta que procura sofregamente seu próprio prazer, ou por um marido ciente de seus direitos conjugais e a quem a resistência da esposa fere como um insulto, chegando até a enfurecer-se se o defloramento é difícil.

Aliás, ainda que o homem seja atencioso e cortês, a primeira penetração é sempre uma violação. A jovem deseja carícias nos seios, nos lábios, talvez um gozo conhecido ou pressentido entre as coxas, e eis que um sexo macho a fere e se introduz em regiões onde não era chamado. Descreveu-se muitas vezes a penosa surpresa de uma virgem extasiada nos braços de um marido ou de um amante, que acredita alcançar enfim a realização de seus sonhos voluptuosos e sente no fundo secreto de seu sexo uma dor imprevista; os sonhos dissipam-se, a perturbação sensual igualmente, e o amor assume o aspecto de uma operação cirúrgica.

Nas confissões recolhidas pelo dr. Liepmann,[317] encontro o relato seguinte, que é típico. Trata-se de uma moça pertencente a um meio modesto e muito ignorante sexualmente.

> "Muitas vezes eu imaginava que se podia ter um filho simplesmente com a troca de um beijo. Aos 18 anos conheci um senhor por quem, como se diz, me enamorei realmente." Saiu com ele e, durante as conversas que tinham, ele lhe explicava que, quando uma jovem gosta de um homem, deve dar-se a ele porque os homens não podem viver sem relações sexuais, e que quando não têm uma situação que lhes permita casar, precisam ter tais relações com as moças. Ela resistia. Um dia, ele organizou

uma excursão de maneira a poderem passar uma noite juntos. Ela escreveu-lhe uma carta para repetir que "seria para ela um prejuízo muito grave". Na manhã do dia fixado, deu-lhe a carta, mas ele a pôs no bolso sem ler e levou-a para o hotel; dominava-a moralmente e ela o amava; acompanhou-o. "Estava como que hipnotizada. No trajeto supliquei-lhe que me poupasse... Como cheguei ao hotel, não sei. A única lembrança que me resta é a de que meu corpo tremia violentamente. Meu companheiro tentava me acalmar; mas só conseguiu após uma demorada resistência. Não me senti então mais dona de minha vontade e deixei-o fazer. Quando me encontrei de novo na rua, mais tarde, pareceu-me que tudo não passara de um sonho de que acabava de despertar." Recusou-se a repetir a experiência e durante nove anos não teve mais relações com homem nenhum. Encontrou um então que a pediu em casamento e ela aceitou.

Neste caso, o defloramento foi uma espécie de violação. Mas, mesmo se a jovem consente, pode ser penoso. Vimos que inquietações perturbavam a jovem Isadora Duncan. Encontrou um ator admiravelmente belo por quem se apaixonou à primeira vista e que lhe fez uma corte fervorosa.

Eu também me sentia perturbada, minha cabeça rodava e um irresistível desejo de apertá-lo mais estreitamente contra mim me invadia, até que uma noite, perdendo todo o domínio de si e como que tomado de fúria, ele me carregou para o sofá. Apavorada, extasiada e depois gritando de dor, fui iniciada no gesto de amor. Confesso que minhas primeiras impressões foram um horrível susto, uma dor atroz, como se me tivessem arrancado vários dentes ao mesmo tempo; mas a grande pena que me inspiravam os sofrimentos que ele próprio parecia sentir impediu-me de fugir do que não foi a princípio senão mutilação e tortura... (No dia seguinte) o que então era para mim apenas uma experiência dolorosa, recomeçou em meio a meus gemidos e meus gritos de martírio. Sentia-me como que estropiada.[318]

Devia conhecer dentro em breve, com esse amante primeiramente e com outros depois, paraísos que descreve liricamente.

Entretanto, na experiência real como antes, na imaginação virginal, não é a dor que desempenha o papel principal: a penetração é mais importante. O homem empenha no coito unicamente um órgão exterior: a mulher é atingida até no interior de si mesma. Há provavelmente muitos rapazes que não se aventuram sem angústia nas trevas secretas da mulher; reencontram seus terrores da infância à entrada das grutas, dos sepulcros, seu pavor também diante das tenazes, das foices, das armadilhas, imaginam que o pênis inchado ficará preso na bainha das mucosas. A mulher, uma vez penetrada, não tem esse sentimento de perigo, mas em compensação sente-se carnalmente alienada. O proprietário afirma seus direitos sobre suas terras, a dona da casa sobre sua casa, proclamando "proibida a entrada"; pelo fato de serem

frustradas, as mulheres em particular defendem com ciúme sua intimidade: a cama, o armário, os cofres são sagrados. Colette conta que uma velha prostituta lhe disse um dia: "Em meu quarto, madame, nunca entrou um homem; Paris é bastante grande para o que tenho que fazer com homens." Não podendo defender seu corpo, tinha pelo menos uma parcela de terra a defender de outrem. A jovem, ao contrário, só possui de seu, por assim dizer, o corpo; é seu tesouro mais precioso: o homem que nele penetra toma; a expressão popular é confirmada pela experiência vivida. Ela experimenta a humilhação que pressentia concretamente: é dominada, submetida, vencida. Como quase todas as fêmeas, fica durante o coito por *baixo* do homem.[319] Adler insistiu muito no sentimento de inferioridade que disso resulta. Desde a infância, as noções de superior e inferior são das mais importantes; subir nas árvores é um ato prestigioso; o céu está em cima da terra, o inferno embaixo; cair, descer, é degradar-se e subir é exaltar-se; na luta, a vitória pertence a quem faz os ombros do adversário tocarem no chão; ora, a mulher acha-se deitada na cama na posição da derrota; é pior ainda se o homem a cavalga como um animal preso às rédeas e ao freio. Em todo caso, ela se sente passiva: ela é acariciada, penetrada, suporta o coito, enquanto o homem se empenha ativamente. Por certo, o sexo do macho não é um músculo estriado que a vontade comanda; não é relha de arado nem espada, mas apenas carne; entretanto, o homem imprime-lhe um movimento voluntário; vai, vem, para, recomeça enquanto a mulher o recebe docilmente; é o homem, principalmente quando a mulher é noviça, que escolhe as posições amorosas, que decide a duração do coito e sua frequência. Ela sente-se instrumento: toda a liberdade pertence ao outro. É o que se exprime poeticamente dizendo que a mulher é comparável a um violino e o homem, ao arco que o faz vibrar. "No amor", diz Balzac,[320] "a alma é posta de lado, a mulher é como uma lira que só desvenda seu segredo a quem sabe tocar". Ele *toma* seu prazer; ela *dá* esse prazer. As próprias palavras não implicam reciprocidade. A mulher está imbuída de representações coletivas que dão ao ato masculino um caráter glorioso e que fazem da perturbação feminina uma abdicação vergonhosa: sua experiência íntima confirma essa assimetria. É preciso não esquecer que o adolescente e a adolescente sentem o corpo de maneira diferente: o primeiro o assume tranquilamente e reivindica-lhe orgulhosamente os desejos; para a segunda, a despeito de seu narcisismo, esse corpo é um fardo estranho e inquietante. O sexo do homem é limpo e simples como um dedo; exibe-se com inocência, muitas vezes os rapazes o mostram aos companheiros com orgulho,

num desafio; o sexo feminino é misterioso até para a própria mulher, é escondido, atormentado, mucoso, úmido; sangra todos os meses e é por vezes maculado de humores, tem uma vida secreta e perigosa. É em grande parte porque a mulher não se reconhece nele que não reconhece como seus os desejos dele. Estes se exprimem de maneira vergonhosa. Enquanto o homem se *entesa*, a mulher *molha-se*; há, na própria palavra, recordações infantis da cama molhada, do abandono culposo e involuntário à necessidade de urinar; o homem experimenta o mesmo nojo diante das poluções noturnas inconscientes; projetar um líquido, urina ou esperma, não humilha: é uma operação ativa. Mas há humilhação se o líquido escapa passivamente, pois o corpo não é mais um organismo, músculos, esfíncter, nervos, comandados pelo cérebro e exprimindo o sujeito consciente, mas sim um vaso, um receptáculo feito de matéria inerte e joguete de caprichos mecânicos. Se a carne ressuma — como um muro velho ou um cadáver —, a impressão não é de que está expelindo um líquido e sim de que se está liquidificando: é um processo de decomposição que causa horror. O cio é a mole palpitação de uma ostra; enquanto o homem tem impetuosidade, a mulher tem somente impaciência; sua espera pode tornar-se ardente sem deixar de ser passiva; o homem cai sobre a presa como uma águia ou um falcão; ela aguarda à espreita como a planta carnívora, o pantanal em que insetos e crianças se atolam; ela é sucção, ventosa, absorção, pez e visgo, apelo imóvel, insinuante e viscoso: pelo menos é assim que surdamente se sente. Eis por que não há nela apenas resistência contra o macho que pretende submetê-la, mas também conflito interior. Aos tabus e às inibições provenientes de sua educação e da sociedade, superpõem-se repugnâncias, recusas que têm sua fonte na própria experiência erótica; uns e outros se fortalecem mutuamente a tal ponto que depois do primeiro coito a mulher surge mais revoltada do que antes contra seu destino sexual.

Há, enfim, outro fator que dá muitas vezes ao homem uma fisionomia hostil e transforma o ato sexual em grave perigo: a ameaça do filho. Um filho. Um filho ilegítimo é, na maioria das civilizações, um tal *handicap* social e econômico para a mulher não casada que há jovens que se suicidam ao saberem que estão grávidas, e mães solteiras que esganam o recém-nascido; semelhante risco constitui um freio sexual bastante forte para que muitas jovens observem a castidade pré-nupcial exigida pelos costumes. Quando o freio é insuficiente, a jovem, embora cedendo ao amante, apavora-se com o terrível perigo que este esconde em seus flancos. Stekel cita, entre outros casos, o de uma jovem que durante toda a duração do coito gritava: "Contanto que

não aconteça nada!" Mesmo no casamento, a mulher muitas vezes não quer filhos, não tem bastante saúde ou o filho representaria para o jovem casal um encargo pesado demais. Amante ou marido, se não tiver em seu parceiro uma confiança absoluta, ela terá seu erotismo paralisado pela prudência. Ou controlará inquietamente a conduta do homem, ou então, terminado o coito, terá de correr ao banheiro para escorraçar do ventre o germe vivo nele depositado contra sua vontade; essa operação higiênica contradiz brutalmente a magia sensual das carícias, realiza uma separação absoluta dos corpos que uma mesma alegria confundia; é então que o esperma masculino se apresenta como um germe nocivo, uma mácula; ela se limpa como se limpa um vaso sujo, enquanto o homem repousa em seu leito em soberba integridade. Uma jovem divorciada contou-me seu horror quando, após uma noite nupcial de prazer discutível, lhe foi necessário fechar-se no banheiro enquanto o esposo acendia displicentemente um cigarro: é de crer que a partir desse instante a ruína do lar se achava consumada. A repugnância pela seringa de lavagem ou pelo bidê é uma das causas frequentes da frigidez feminina. A existência de métodos anticoncepcionais mais seguros e discretos auxilia muito a libertação sexual da mulher; num país como os Estados Unidos, onde essas práticas são comuns, o número de moças que chegam virgens ao casamento é muito inferior ao que se verifica na França; elas permitem maior abandono durante o ato amoroso. Mas nesse caso também a jovem tem de superar repugnâncias antes de tratar o corpo como uma coisa; assim como não aceitava sem temor o fato de ser "transpassada" por um homem, não se resigna de bom grado a ser "tapada" para satisfazer os desejos de um homem. Mesmo mandando selar o útero, ou introduzindo na vagina algum tampão mortal para os espermatozoides, uma mulher consciente dos equívocos do corpo e do sexo se sentirá embaraçada por tão fria premeditação: há muitos homens que encaram com repugnância o uso de preservativos. É o conjunto do comportamento sexual que justifica seus diversos momentos: condutas que pareceriam repugnantes à análise, se afiguram naturais quando os corpos são transfigurados pelas virtudes eróticas de que se revestem; mas, inversamente, desde que se decomponham corpo e condutas em elementos privados de sentido, tais elementos tornam-se sujos, obscenos. A penetração que uma mulher apaixonada experimentará alegremente como união, como fusão com o homem amado, readquirirá o caráter cirúrgico e sujo que assume aos olhos da criança se realizada fora da perturbação sensual, do desejo, do prazer: é o que acontece com o uso decidido por ambos dos preservativos. De qualquer modo, tais precauções não

estão ao alcance de todas as mulheres; muitas jovens não conhecem nenhuma defesa contra as ameaças da gravidez e sentem de maneira angustiada que sua sorte depende da boa vontade do homem a quem se entregam.

Compreende-se que uma experiência vivida através de tantas resistências, revestida de um sentido tão pesado, crie frequentemente terríveis traumatismos. Acontece muitas vezes que uma demência precoce latente seja revelada pela primeira aventura. Stekel dá vários exemplos disso:

> A senhorita M.G., aos 19 anos, foi subitamente atacada de delírio agudo. Eu a vi no seu quarto, gritando e repetindo sempre: "Não quero! Não, não quero!" Arrancava as vestes e queria correr nua no corredor... Foi preciso levá-la para uma clínica psiquiátrica. Aí o delírio serenou e transformou-se em estado catatônico. Essa jovem era estenodatilógrafa e estava apaixonada pelo gerente da firma em que trabalhava. Partira para o campo com uma amiga e dois colegas. Um deles pediu-lhe para passar a noite no quarto dela dizendo que seria apenas "uma brincadeira". Ele a teria acariciado durante três noites seguidas sem atentar contra sua virgindade... Ela teria ficado "fria como o focinho de um cão", e teria declarado que era uma porcaria. Durante alguns minutos, teria ficado perturbada e gritado: Alfredo, Alfredo! (nome do gerente). Tivera remorsos (que diria minha mãe, se soubesse?). De volta a casa, pusera-se na cama queixando-se de enxaqueca.

> A senhorita L.X., muito deprimida, chorava frequentemente, não comia, não dormia; começara a ter alucinações e não reconhecera mais as pessoas que a cercavam. Saltara ao peitoril da janela para atirar-se na rua. Mandaram-na para uma casa de saúde. "Encontrei essa moça de 23 anos sentada na cama; não se deu conta de minha chegada"... O rosto exprimia angústia e terror; as mãos projetavam-se para a frente como para se defender, as pernas estavam cruzadas e remexiam-se convulsamente. Gritou: "Não, não! Bruto! Deviam prender gente assim. Dói! Ah!" Em seguida, disse palavras incompreensíveis. De repente, seu rosto mudou de expressão, os olhos brilhavam, a boca esboçou um beijo, as pernas acalmaram-se e descruzaram-se insensivelmente, pronunciou palavras que pareciam exprimir volúpia... O acesso terminou com uma crise de lágrimas silenciosas e contínuas... A doente puxava a camisa como que para se cobrir e repetia sempre: "Não!" Soube-se que um colega casado fora visitá-la muitas vezes quando estava doente, que a princípio ela se mostrara contente, mas depois tivera alucinações com tentativa de suicídio. Curou-se, mas nunca mais deixou um homem aproximar-se dela e recusou um pedido sério de casamento.

Em outros casos, a doença assim iniciada é menos grave. Eis um exemplo em que a saudade da virgindade perdida desempenha o papel principal nas perturbações consecutivas ao primeiro coito:

> Uma jovem de 23 anos sofre de diferentes fobias. A doença começou em Franzensbad por temor de ficar grávida em virtude de um beijo ou de contágio numa latrina... Um homem talvez tivesse deixado um pouco de esperma na água após a masturbação; exigia que a banheira fosse limpa três vezes em sua presença e não ousava defecar em posição normal. Tempos depois desenvolveu uma

fobia de perfuração do hímen e ela não ousava dançar, saltar ou pular uma barreira nem andar senão com passos miúdos; se divisava um poste, temia ser deflorada num movimento desastrado e dava uma grande volta, tremendo. Tinha outra fobia, a de que em um trem ou no meio da multidão um homem pudesse introduzir-lhe o membro por trás, deflorá-la e engravidá-la. Durante o último período da doença, temia encontrar na cama ou na camisa alfinetes que poderiam entrar na vagina. Todas as noites a doente ficava nua no meio do quarto enquanto sua infeliz mãe era forçada a entregar-se a um penoso exame da roupa... Ela sempre afirmava que amava o noivo. A análise descobriu que ela não era mais virgem e que adiava o casamento com receio de constatações funestas do noivo. Confessou-lhe afinal ter sido seduzida por um tenor, casou e curou-se.321

Em outro caso foi o remorso não compensado por uma satisfação voluptuosa que provocou as perturbações psíquicas:

A senhorita H.B., de vinte anos, apresenta-se com grave depressão após uma viagem à Itália com uma amiga. Recusa-se a sair do quarto e não pronuncia uma só palavra. Ela é levada para uma casa de saúde, onde seu estado se agrava. Ouvia vozes que a injuriavam, todos zombavam dela etc. É conduzida de volta à casa dos pais, onde fica num canto sem se mexer. Em certa ocasião, pergunta ao médico: "Por que não vim antes que o crime fosse cometido?" Estava morta. Tudo se apagara, tudo fora destruído. Ela estava suja. Não poderia mais cantar uma só nota, estavam interrompidas todas as comunicações com o mundo... O noivo confessou tê-la encontrado em Roma, onde ela se entregara a ele após demorada resistência; teve crises de lágrimas... Ela confessou que nunca tivera prazer com o noivo. Curou-se quando achou um amante que a satisfez e com o qual casou.

A "graciosa vienense" cujas confissões infantis já resumi, faz também um relato minucioso de suas primeiras experiências de adulta. Vamos ver que, apesar de ter ido muito longe em aventuras anteriores, sua "iniciação" não deixou de apresentar um aspecto absolutamente novo.

"Com 16 anos e meio fui trabalhar num escritório. Aos 17 e meio tive minhas primeiras férias; foi uma bela época para mim. Faziam-me a corte de todos os lados... Gostava de um jovem colega do escritório... Fomos a um parque. Foi a 15 de abril de 1909. Ele me fez sentar a seu lado num banco. Beijava-me suplicando: 'Abra os lábios', mas eu os fechava convulsamente. Em seguida ele começou a desabotoar minha blusa. Gostaria de permitir, mas lembrei-me de que não tinha seios; renunciei à sensação voluptuosa que poderia ter se ele me tocasse... No dia 7 de abril, um colega convidou-me para ir a uma exposição com ele. Bebemos vinho no jantar e perdi um pouco de minha reserva; comecei a contar algumas histórias equivocadas. Apesar de minhas súplicas ele chamou um carro, empurrou-me para dentro e, mal os cavalos principiaram a andar, me beijou. Ia se tornando cada vez mais íntimo, avançava cada vez mais a mão; eu me defendia com todas as minhas forças e não recordo se ele alcançou o fim. No dia seguinte fui para o escritório bastante perturbada. Ele mostrou-me as mãos cobertas de arranhões que eu lhe fizera... Pediu-me que fosse visitá-lo mais frequentemente... Cedi, não muito à vontade, mas cheia de curiosidade... Sempre que ele se aproximava de meu sexo eu me afastava para voltar a meu lugar, mas uma vez, mais esperto do que eu, dominou-me e provavelmente introduziu o dedo em minha vagina. Chorei de dor. Era no mês de junho de 1909 e saí de férias. Fiz uma excursão com minha amiga. Dois turistas surgiram e convidaram-nos a acompanhá-los.

Meu companheiro quis beijar minha amiga, ela deu-lhe um soco. Ele veio para meu lado, pegou-me por trás, curvou-me e me beijou. Não resisti... Convidou-me a acompanhá-lo. Dei-lhe a mão e descemos para a floresta. Beijou-me, beijou meu sexo, com grande indignação minha. Dizia-lhe: 'Como pode fazer semelhante porcaria?' Ele colocou o membro em minha mão... eu o acariciei. Subitamente, ele arrancou minha mão e pôs um lenço em cima para me impedir de ver o que acontecia... Dois dias depois, fomos juntos a Liesing. Num prado isolado, ele tirou de repente o sobretudo para estendê-lo na relva... Jogou-me ao chão de tal maneira que uma de suas pernas se colocava entre as minhas. Eu não acreditava ainda no que estava acontecendo. Supliquei-lhe que me matasse, mas não roubasse minha 'mais linda joia'. Ele tornou-se muito grosseiro, disse palavrões e ameaçou-me com a polícia. Tapou-me a boca com a mão e introduziu o pênis. Pensei que minha última hora tivesse chegado. Tinha a sensação de que meu estômago revirava. Quando acabou, enfim, comecei a achá-lo suportável. Ele foi obrigado a levantar-me, porque eu continuava deitada. Cobriu-me os olhos e o rosto de beijos. Eu não via nem ouvia mais nada. Se ele não me tivesse segurado eu teria caído cegamente embaixo de algum carro... Estávamos sós num compartimento de segunda classe, ele desabotoou a calça para me pegar novamente. Dei um grito e corri através do vagão até o estribo. Finalmente, ele me deixou com um riso brutal e estridente que nunca esquecerei, chamando-me de boba estúpida que não sabe o que é bom. Deixou-me voltar sozinha para Viena. Chegando a Viena fui depressa ao banheiro porque sentira uma coisa quente a escorrer pelas minhas coxas. Assustada, vi manchas de sangue. Como dissimular aquilo em casa? Deitei-me o mais cedo possível para chorar durante horas. Continuava a sentir a pressão no estômago provocada pela penetração do pênis. Minha atitude estranha e minha falta de apetite indicaram a minha mãe que tinha havido alguma coisa. Confessei-lhe tudo. Ela não achou tão terrível assim... Meu colega fazia o que podia para me consolar. Aproveitou as tardes escuras para passear comigo no parque e acariciar-me por baixo da saia. Eu deixava; só que logo que sentia minha vagina úmida, afastava-me porque tinha vergonha."

Ela vai por vezes a um hotel com o companheiro, mas sem ter relações com ele. Fica conhecendo um rapaz muito rico com quem gostaria de casar. Dorme com ele mas sem nada sentir, e com repugnância. Reata relações com o colega, mas tem saudade do outro, começa a ficar vesga, a emagrecer. Mandam-na para um sanatório onde quase chega a dormir com um jovem russo, expulsando-o da cama no último momento. Esboça aventuras com um médico e um oficial, mas sem consentir em relações sexuais completas. É então que cai doente moralmente e resolve tratar-se. Depois da cura consentiu em se entregar a um homem que a amava e que mais tarde a desposou. Com o casamento, sua frigidez desapareceu.

Nestes exemplos, escolhidos entre muitos outros análogos, a brutalidade do parceiro ou a ocorrência repentina do ato são os fatores que determinam traumatismo e nojo. O caso mais favorável a uma iniciação sexual é aquele em que, sem violência nem surpresa, sem ordem precisa nem prazo fixado, a jovem aprende lentamente a superar o pudor, a familiarizar-se com o parceiro, a gostar de suas carícias. Neste sentido, só podemos aprovar a liberdade de costumes de que gozam as jovens norte-americanas e que as francesas tendem hoje a conquistar. Elas deslizam quase sem perceber do *necking* e do *petting* às

relações sexuais completas. A iniciação é tanto mais fácil quanto menos se reveste de um caráter de tabu, sentindo-se a jovem mais livre em relação ao parceiro, em quem o caráter dominador do macho se apaga. Se o amante é jovem também, noviço, tímido, um igual, as resistências da moça são menos fortes; mas sua metamorfose em mulher será também menos profunda. Assim, em *Blé en herbe*, a Vinca, de Colette, no dia seguinte a um defloramento assaz brutal, demonstra uma placidez que surpreende seu colega Phil: ela não se sentiu "possuída", pôs, ao contrário, seu orgulho em se libertar da virgindade. Não experimentou um desvario transtornante e em verdade Phil não tem razão de se espantar, sua amiga não conheceu o macho. Claudine saía menos ilesa após uma dança nos braços de Renaud. Citaram-me o caso de uma estudante francesa, ainda no estágio do "fruto verde", que, tendo passado uma noite com um colega, correra pela manhã à casa de uma amiga para anunciar: "Dormi com C.; foi muito divertido." Um professor de colégio norte-americano dizia-me que suas alunas deixavam de ser virgens muito antes de se tornarem mulheres; seus parceiros as respeitam demais para ferir-lhes o pudor; são eles próprios muito jovens ou muito pudicos para despertar nelas um demônio qualquer. Há jovens que se entregam a experiências eróticas e as multiplicam a fim de fugir à angústia sexual; esperam libertar-se assim de sua curiosidade e de suas obsessões; mas muitas vezes seus atos conservam um caráter teórico que os torna tão irreais quanto os fantasmas através dos quais outras antecipam o futuro. Entregar-se por desafio, por temor, por racionalismo puritano não é realizar uma autêntica experiência erótica: atinge-se somente um sucedâneo sem perigo nem sabor; o ato sexual não se acompanha de vergonha nem de angústia porque a perturbação permaneceu superficial e o prazer não invadiu a carne. Essas virgens defloradas continuam moças e é provável que no dia em que se encontrarem em face de um homem sensual e imperioso lhe oporão resistências virginais. Enquanto isso não ocorre, elas permanecem ainda numa espécie de idade ingrata; as carícias fazem cócegas, os beijos por vezes provocam risos, encaram o amor físico como um jogo e, se não se sentem dispostas a divertir-se com isso, as exigências do amante logo lhes parecem importunas e grosseiras; elas conservam repugnâncias, fobias e um pudor de adolescente. Se nunca superam esse estágio — o que é, segundo dizem os homens americanos, o caso de muitas mulheres de seu país —, passarão a vida num estado de semifrigidez. Só há verdadeira maturidade sexual na mulher que consente em se fazer carne na perturbação e no prazer.

Entretanto, não se deve acreditar que todas as dificuldades se atenuem nas mulheres de temperamento ardente. Ao contrário, podem se exasperar. A perturbação feminina pode atingir uma intensidade que o homem não conhece. O desejo do homem é violento mas localizado, e o deixa — salvo talvez no instante do espasmo — consciente de si mesmo; a mulher, ao contrário, experimenta uma verdadeira alienação; para muitas, essa metamorfose é o momento mais voluptuoso e definitivo do amor, mas ela tem também um caráter mágico e assustador. Acontece de o homem se amedrontar diante da mulher que tem nos braços, a tal ponto ela se apresenta ausente de si mesma e presa como que de um desvario. O transtorno que ela sente é uma transmutação bem mais radical do que o frenesi agressivo do homem. Essa febre a liberta da vergonha; mas, ao despertar, causa-lhe, por sua vez, vergonha e horror; para que ela aceite esse transtorno com felicidade — e até com orgulho —, será preciso, ao menos, que se tenha desabrochado em chamas de volúpia; ela poderá reivindicar seus desejos se os tiver gloriosamente satisfeito: caso contrário, os repudiará com raiva.

Toca-se aqui no problema crucial do erotismo feminino: no início de sua vida erótica, a abdicação da mulher não é compensada por um gozo violento e certo. Ela sacrificaria muito mais facilmente pudor e orgulho se com isso abrisse as portas de um paraíso. Mas vimos que o defloramento não é uma feliz realização do erotismo juvenil; é, ao contrário, um fenômeno insólito; o prazer vaginal não se verifica imediatamente; segundo as estatísticas de Stekel — que numerosos sexólogos e psicanalistas confirmam —, somente 4% das mulheres sentem prazer desde o primeiro coito; 50% não atingem o prazer vaginal antes de semanas, meses, e até anos. Os fatores psíquicos desempenham nisso um papel essencial. O corpo da mulher é singularmente "histérico", no sentido de que não há muitas vezes nela nenhuma distância entre os fatos conscientes e sua expressão orgânica; suas resistências morais impedem o aparecimento do prazer; não sendo compensadas em nada, muitas vezes elas se perpetuam e formam uma barreira cada vez mais forte. Em muitos casos, cria-se um círculo vicioso: uma primeira inabilidade do amante, uma palavra, um gesto desastrado, um sorriso arrogante repercutirão durante toda a lua de mel e até na vida conjugal; decepcionada por não ter conhecido imediatamente o prazer, a jovem mulher guarda um rancor, que a predispõe mal a uma experiência mais feliz. É verdade que, na falta de prazer normal, o homem pode dar-lhe sempre o prazer clitoridiano, que, a despeito das lendas moralizadoras, é suscetível de dar relaxamento e serenidade. Mas muitas mulheres recusam-no porque, mais ainda

do que o prazer vaginal, ele se apresenta como *imposto*, pois se a mulher sofre com o egoísmo dos homens que só pensam em sua própria satisfação, ela se sente também chocada por uma vontade demasiado explícita de dar prazer a ele. "Fazer o outro gozar, diz Stekel, quer dizer dominá-lo; dar-se a alguém é abdicar a própria vontade." A mulher aceitará muito mais facilmente o prazer se este parecer que decorre naturalmente do que o homem sente ele próprio, como acontece num coito normal realizado com êxito. "As mulheres submetem-se com alegria, quando percebem que o parceiro não as quer submeter", diz ainda Stekel; mas, inversamente, se sentem essa vontade, revoltam-se; a muitas repugna deixarem-se acariciar com a mão, porque a mão é um instrumento que não participa do prazer que dá, ela é atividade e não carne; e se o próprio sexo se apresenta não como uma carne penetrada de desejo e sim como um utensílio habilmente utilizado, a mulher experimentará a mesma repulsa. Além disso, toda compensação lhe parecerá confirmar sua incapacidade de conhecer as sensações de uma mulher normal. Stekel verifica, segundo numerosas observações, que todo o desejo das mulheres ditas frígidas se orienta para a norma: "Elas querem alcançar o orgasmo como uma mulher normal, e qualquer outro procedimento não as satisfaz moralmente."

A atitude do homem tem, portanto, enorme importância. Se seu desejo é violento e brutal, sua parceira se sente transformada em simples coisa em seus braços; mas se é demasiado senhor de si, demasiado displicente, ele não se constitui como carne; ele pede à mulher que se faça carne sem que em troca ela tenha algum domínio sobre ele. Em ambos os casos, seu orgulho se rebela; para que ela possa conciliar sua metamorfose em objeto carnal e a reivindicação de sua subjetividade, é preciso que, se tornando presa para o macho, também faça dele sua presa. Eis por que, tão frequentemente, a mulher se obstina na frieza. Se o amante carece de sedução, se é frio, negligente, desajeitado, fracassa em despertar a sexualidade dela ou a deixa insatisfeita; mais viril e hábil, pode suscitar reações de recusa; a mulher teme seu domínio: algumas só podem encontrar o prazer com homens tímidos, maldotados e até semi-impotentes, que não as amedrontam. É fácil ao homem despertar com sua inabilidade azedume e rancor. O rancor é a mais frequente causa da frigidez feminina. Na cama, mediante uma frieza insultante, a mulher faz o homem pagar todas as afrontas que imagina ter recebido: há, muitas vezes, em sua atitude um complexo de inferioridade agressivo: posto que você não me ama, posto que tenho defeitos que me impedem de agradá-lo e que sou desprezível, não me entregarei tampouco ao amor, ao desejo, ao prazer. Assim é que ela se vinga a um tempo

dele e de si mesma, se ele a humilhou com sua negligência, se excitou seu ciúme, se se declarou tarde demais, se fez dela sua amante quando ela aspirava ao casamento. O ressentimento pode aparecer repentinamente e provocar uma reação mesmo durante uma ligação cujo início foi feliz. É raro que o homem que suscitou essa inimizade consiga ele próprio vencê-la; pode acontecer entretanto que um testemunho persuasivo de amor ou de estima modifique essa situação. Mulheres desconfiadas e tensas são vistas nos braços do amante, a quem uma aliança no dedo transformava: felizes, lisonjeadas, com a consciência em paz, todas as resistências se dissipavam. Mas é um recém-chegado, respeitoso, amoroso, delicado, que poderá transformar a mulher despeitada em uma amante ou uma esposa feliz; se ele a libertar de seu complexo de inferioridade, ela se entregará a ele com ardor.

A obra de Stekel, *A mulher frígida*, esforça-se essencialmente por demonstrar o papel dos fatores psíquicos na frigidez feminina. Os exemplos seguintes mostram bem que esta é muitas vezes uma conduta de rancor para com o marido ou o amante.

A srta. G.S. entregara-se a um homem à espera do casamento, mas insistindo no fato de que "não fazia questão de casamento, que ela não queria ficar presa". Representava o papel de mulher livre. Na verdade, era escrava da moral como toda a sua família. Mas o amante a acreditava livre e não falava nunca em casamento. Sua obstinação intensificava-se cada vez mais e ela acabou por tornar-se insensível. Quando ele enfim a pediu em casamento, ela se vingou confessando sua anestesia e não querendo mais ouvir falar de união. Não queria mais ser feliz. Esperara demais... Devorava-se de ciúme e aguardava ansiosamente o dia do pedido para recusá-lo orgulhosamente. Mais tarde quis suicidar-se a fim de punir o amante com requinte.

Uma mulher que até então tivera prazer com o marido, mas que era muito ciumenta, imagina, durante uma doença, que o marido a engana. Voltando para casa, resolve ser fria com o marido. Nunca mais deveria ser excitada por ele, uma vez que ele não a estimava e utilizava-se dela somente em caso de necessidade. Desde a volta para casa tornara-se frígida. No princípio, valia-se de pequenos truques para não se excitar. Imaginava o marido fazendo a corte a uma amiga. Mas, dentro em breve, o orgasmo foi substituído por dores...

Uma jovem de 17 anos tinha uma ligação com um homem e sentia intenso prazer. Grávida aos 19 anos, pediu ao amante que a desposasse; ele ficou indeciso e aconselhou-a a provocar o aborto, o que ela recusou. Após três semanas, ele se declarou disposto a casar e ela tornou-se sua mulher. Mas ela nunca lhe perdoou as três semanas de tormento e tornou-se frígida. Posteriormente, uma explicação com o marido venceu a frigidez.

A senhora N.M. vem a saber que o marido, dois dias depois do casamento, fora ver uma antiga amante. O orgasmo que ela sentia antes desapareceu para sempre. Ficou com a ideia fixa de não mais agradar ao marido que achava ter decepcionado. Nisto está, a seu ver, a causa de sua frigidez.

Mesmo quando a mulher supera essas resistências e conhece, ao fim de um tempo mais ou menos longo, o prazer vaginal, não dasaparecem ainda todas as dificuldades: porque o ritmo de sua sexualidade e da sexualidade masculina não coincidem. Ela demora muito mais a gozar do que o homem.

Três quartos dos homens, talvez, conhecem o orgasmo durante os dois minutos que se seguem ao início do ato sexual, diz o relatório de Kinsey. Se tivermos em vista as numerosas mulheres de nível superior cujo estado é tão desfavorável às situações sexuais que dez ou quinze minutos de estimulação ativa lhes são necessários para que alcancem o orgasmo, e se considerarmos o número bastante importante de mulheres que não conhecem durante toda sua vida o orgasmo, é preciso, naturalmente, que o homem tenha uma capacidade inteiramente excepcional em prolongar a atividade sexual sem ejacular para poder criar uma harmonia com sua parceira.

Diz-se que na Índia o marido fuma de bom grado o cachimbo ao mesmo tempo que cumpre o dever conjugal, a fim de se distrair do próprio prazer e fazer durar o da esposa; no Ocidente, é antes do número de "trepadas" que se vangloria um Casanova; e sua suprema vaidade consiste em conseguir que a parceira se esgote; segundo a tradição erótica, é uma façanha que não se repete muitas vezes. Os homens queixam-se muitas vezes das terríveis exigências da companheira: uma fêmea enraivecida, uma ogra, uma esfaimada; nunca se satisfaz. Montaigne expõe esse ponto de vista no Livro III de seus *Essais* (cap. V).

Elas são sem comparação mais capazes e ardorosas quanto aos efeitos do amor do que nós, e assim o testemunhou esse sacerdote antigo que ora fora homem e ora fora mulher. Além disso, sabemos, pelo que eles próprios contaram, da prova que fizeram outrora há muitos séculos um imperador e uma imperatriz de Roma, peritos e famosos nessas tarefas. Ele desvirginou em uma noite dez jovens cativas sármatas, mas ela se entregou de verdade em uma noite a 25, mudando de companheiro segundo sua disposição e seu gosto,

adhuc ardens rigidæ tentigine vulvæ
Et lassata viris, necdum satiata recessit[322]

e também a querela verificada na Catalunha entre uma mulher queixando-se dos esforços demasiado assíduos do marido, não a ponto de incomodá-la, a meu ver (pois em matéria de milagres só acredito nos da fé)... do que resultou esta notável decisão da rainha de Aragão pela qual, após

madura deliberação do Conselho, essa grande dama... determinou como limites legítimos e necessários o número de seis coitos por dia, não levando em conta a necessidade e o desejo de seu sexo para estabelecer, dizia, uma norma comum e portanto permanente e imutável.

É que, na verdade, a volúpia não tem na mulher a mesma forma que no homem. Já disse que não se sabia exatamente se o prazer vaginal chegava algum dia a um orgasmo definido; neste ponto, as confidências femininas são raras e, mesmo quando existem, e visam à precisão, são extremamente vagas; parece que as reações são muito diferentes segundo os indivíduos. O que é certo é que o coito tem para o homem um fim biológico preciso: a ejaculação. E é seguramente através de muitas outras intenções muito complexas que esse fim é visado; mas uma vez atingido, surge como uma consequência, e se não como a satisfação do desejo, ao menos como sua supressão. Ao contrário, na mulher, o fim é um ponto de partida incerto e de natureza mais psíquica do que fisiológica; ela quer a comoção, a volúpia em geral, mas seu corpo não projeta nenhuma conclusão nítida do ato amoroso: e é por isso que para ela o coito nunca finda inteiramente: não comporta um fim. O prazer do macho sobe como uma flecha; ao atingir um certo ponto realiza-se e morre ab-ruptamente no orgasmo; a estrutura do ato sexual é finita e descontínua. O gozo feminino é irradiado pelo corpo inteiro: nem sempre é centrado no sistema genital; e, mesmo então, as contrações vaginais, mais do que um verdadeiro orgasmo, constituem um sistema de ondulações que nascem ritmicamente, dissipam-se, reformam-se, atingem por momentos um paroxismo e em seguida se embaralham e se fundem sem nunca morrer completamente. Não lhe correspondendo nenhum termo fixo, o prazer visa ao infinito: é muitas vezes uma fadiga nervosa ou cardíaca, ou uma saciedade psíquica que limita as possibilidades eróticas da mulher mais do que uma satisfação precisa; mesmo plena, mesmo esgotada, ela nunca se liberta inteiramente:

Lassata necdum satiata, na expressão de Juvenal.

O homem comete um grave erro quando pretende impor à companheira seu próprio ritmo e se obstina em dar a ela um orgasmo: muitas vezes com isso só consegue perturbar a forma voluptuosa que ela estava vivendo a seu próprio modo.[323] É uma forma bastante plástica para dar a si mesma um termo: certos espasmos localizados na vagina ou no conjunto do sistema genital, ou emanando de todo o corpo, podem constituir uma solução. Em certas mulheres eles se produzem bastante regularmente e com suficiente violência para serem assimilados a um orgasmo; mas uma amante pode também encontrar no

orgasmo masculino uma conclusão que a acalma e satisfaz. E pode acontecer também que de maneira contínua, sem choque, a forma erótica se dissolva tranquilamente. O êxito não exige, como acreditam muitos homens meticulosos mas simplistas, uma sincronização matemática do prazer e sim o estabelecimento de uma forma erótica complexa. Muitos imaginam que "fazer gozar" uma mulher é questão de tempo e de técnica, logo uma violência; ignoram a que ponto a sexualidade da mulher é condicionada pelo conjunto da situação. A volúpia é nela, já o dissemos, uma espécie de encantamento, reclama um abandono total; se palavras ou gestos contestam a magia das carícias, o encantamento se dissipa. É uma das razões pelas quais tantas vezes a mulher fecha os olhos: fisiologicamente, há nisso um reflexo destinado a compensar a dilatação da pupila; mas mesmo na escuridão ela ainda baixa as pálpebras; quer abolir qualquer cenário, abolir a singularidade do instante, de si própria e do amante, quer perder-se no fundo de uma noite carnal tão indistinta quanto o seio materno. E, mais particularmente, ela almeja suprimir essa separação que ergue o macho à sua frente, ela deseja fundir-se com ele. Já se disse que deseja, fazendo-se objeto, permanecer sujeito. Mais profundamente alienada do que o homem, pelo fato de ser desejo e confusão em todo o corpo, só continua sujeito pela união com o parceiro; seria preciso que, para os dois, dar e receber se confundissem; se o homem se restringe a ter sem dar ou a dar sem ter, ela se sente manobrada; desde que se realiza como Outro, ela é o outro inessencial; torna-se necessário para ela negar a alteridade. Eis por que o momento da separação dos corpos lhe é quase sempre penoso. O homem, depois do coito, sinta-se triste ou alegre, enganado pela natureza ou vencedor da mulher, sempre renega a carne, volta a ser um corpo íntegro, quer dormir, tomar um banho, fumar um cigarro, dar um passeio ao ar livre. Ela gostaria de prolongar o contato carnal até que o encantamento que a fez carne se dissipe por completo; a separação é um arrancamento doloroso como um novo desmame; ela tem rancor contra o amante que se afasta dela bruscamente. Mas o que mais a magoa são as palavras que contestam a fusão em que acreditara durante um momento. A "mulher de Gilles", cuja história Madeleine Bourdouxhe contou, retrai-se quando o marido lhe pergunta: "Gozaste bem?" Ela tapa-lhe a boca. Essas palavras causam horror a muitas mulheres porque reduzem o prazer a uma sensação imanente e separada. "Chega? Queres mais ainda? Foi bom?" O próprio fato de fazer as perguntas evidencia a separação, transforma o ato amoroso numa operação mecânica cuja direção foi assumida pelo homem. E é por isso mesmo que ele as faz. Muito mais do que a fusão e a reciprocidade, ele

busca o domínio; quando a unidade do casal se desfaz, ele torna a ser o único sujeito; é preciso muito amor ou generosidade para renunciar a esse privilégio; ele gosta que a mulher se sinta humilhada, possuída a despeito de si mesma; ele quer sempre possuí-la um pouco mais do que ela se dá. Muitas dificuldades seriam poupadas à mulher se o homem não arrastasse consigo muitos complexos que o levam a considerar o ato amoroso como uma luta: então ela poderia não encarar o leito como uma arena.

Entretanto, simultaneamente com o narcisismo e o orgulho, observa-se na jovem um desejo de ser dominada. O masoquismo seria, segundo certos psicanalistas, uma das características da mulher, e é graças a essa tendência que ela poderia adaptar-se a seu destino erótico. Mas a noção de masoquismo é muito confusa e exige que a consideremos de perto.

Os psicanalistas distinguem, segundo Freud, três formas de masoquismo: uma consiste na ligação da dor com a volúpia, outra seria a aceitação feminina da dependência erótica e a última estaria num mecanismo de autopunição. A mulher seria masoquista porque nela prazer e dor estariam ligados através do defloramento e do parto, e porque ela consentiria em seu papel passivo.

Cabe inicialmente observar que atribuir um valor erótico à dor não constitui absolutamente uma conduta de submissão passiva. A dor serve muitas vezes para levantar o tônus do indivíduo que a experimenta, para despertar uma sensibilidade entorpecida pela própria violência da comoção e do prazer; é uma luz aguda brilhando na noite carnal, tira o amante do limbo em que se extasiava a fim de que possa ser novamente precipitado nele. A dor faz normalmente parte do frenesi erótico; corpos que se encantam de ser corpos para sua alegria recíproca, procuram encontrar-se, unir-se, confrontar-se de todas as maneiras possíveis. Há no erotismo um arrancamento de si próprio, um transporte, um êxtase; o sofrimento também destrói as fronteiras do eu, é uma superação e um paroxismo; a dor sempre desempenhou um grande papel nas orgias; e sabe-se que o delicioso e o doloroso se tocam; uma carícia pode tornar-se uma tortura, um suplício dar prazer. Abraçar conduz facilmente a morder, beliscar, arranhar; essas condutas não são geralmente sádicas, exprimem um desejo de fusão e não de destruição; e o sujeito que as suporta não procura tampouco renegar-se e humilhar-se e sim unir-se; ademais, elas não são especificamente masculinas, longe disso. Na realidade, a dor só tem significação masoquista no caso de ser apreendida e querida como manifestação de servidão. Quanto à dor do defloramento, não se acompanha precisamente de prazer; todas as mulheres temem os sofrimentos do parto e sentem-se felizes porque os métodos

modernos as livraram deles. A dor não tem, em sua sexualidade, nem maior nem menor importância do que na sexualidade do homem.

A docilidade feminina é, por outro lado, uma noção muito equívoca. Vimos que na maior parte do tempo ela aceita no *imaginário* a dominação de um semideus, de um herói, de um macho; mas isso ainda não passa de um jogo narcisista. Com isso, não se acha de modo algum disposta a suportar na realidade a expressão carnal dessa autoridade. Muitas vezes, ao contrário, ela recusa o homem que admira e respeita, e entrega-se a um homem sem prestígio. É um erro procurar em fantasmas a chave de condutas concretas; os fantasmas são criados e acarinhados como fantasmas. A menina que sonha com violação, num misto de horror e complacência, não *deseja* ser violentada e o acontecimento, caso se verificasse, seria uma odiosa catástrofe. Já vimos em Marie Le Hardouin um exemplo típico dessa dissociação. Ela escreve:[324]

> Mas no caminho da abolição restava um terreno em que eu só entrava de narinas cerradas e coração batendo. Era aquele que, para além da sensualidade amorosa, me levava à sensualidade simplesmente... Não há uma só infâmia dissimulada que não tenha cometido em sonho. Sofria da necessidade de me afirmar de todas as maneiras possíveis.
>
> Cumpre lembrar ainda o caso de Maria Bashkirtseff.
>
> Procurei durante toda a minha vida colocar-me *voluntariamente* sob um *domínio* ilusório qualquer, mas todas as pessoas que experimentei eram tão ordinárias em relação a mim que só senti nojo.

Por outro lado, é certo que o papel sexual da mulher é em grande parte passivo; mas viver imediatamente essa situação passiva não é mais masoquista do que a atividade agressiva do macho é sádica; a mulher pode transcender as carícias, a comoção, a penetração para seu próprio prazer, mantendo assim a afirmação de sua subjetividade; ela pode também procurar a união com o amante, e dar-se a ele, o que significa uma superação de si e não uma abdicação. O masoquismo aparece quando o indivíduo escolhe fazer-se constituir em pura coisa pela consciência de outrem, representar-se a si mesmo como coisa, fingir ser uma coisa. "O masoquismo é uma tentativa, não de fascinar o outro pela minha objetividade, mas sim de me fazer fascinar a mim mesmo pela minha objetividade para outrem".[325] A Juliette, de Sade, ou a jovem virgem de *Philosophie dans le boudoir*, que se entregam ao macho de todos os modos possíveis, mas para seu próprio prazer, não são de modo algum masoquistas. *Lady* Chatterley ou Kate, no total abandono consentido, não são masoquistas. Para que se possa falar de masoquismo é preciso que o *eu* seja

posto e que se considere esse duplo alienado como fundado pela liberdade de outrem.

Nesse sentido, se encontrará efetivamente em certas mulheres um verdadeiro masoquismo. A jovem tem disposição para isso porque é amiúde narcisista e o narcisismo consiste em se alienar em seu ego. Se experimentasse desde o começo de sua iniciação erótica uma perturbação e um desejo violento, ela viveria autenticamente suas experiências e deixaria de as projetar nesse polo ideal que chama de eu; mas na frigidez o eu continua a se afirmar; fazer dele a coisa de um homem parece-lhe então uma falta. Ora, o "masoquismo, como o sadismo, é aceitação de culpabilidade. Sou culpado, com efeito, pelo único fato de que sou objeto". Esta ideia de Sartre liga-se à noção freudiana de autopunição. A jovem julga-se culpada por entregar seu eu a outrem e por isso se pune dobrando-se voluntariamente a humilhação e servidão; vimos que as virgens desafiavam o futuro amante e se puniam da submissão futura infligindo-se diversas torturas; quando o amante é real e presente elas se obstinam nessa atitude. A própria frigidez já nos foi apresentada como um castigo que a mulher impõe tanto a si mesma quanto a seu parceiro: ferida em sua vaidade, ela tem rancor contra ele e contra si própria e se proíbe o prazer. No masoquismo ela se fará apaixonadamente escrava do homem, dirá a ele palavras de adoração, desejará ser humilhada, batida; se alienará sempre mais profundamente por furor de ter consentido na alienação. É, bastante claramente, a atitude de Mathilde de la Mole, por exemplo. Ela se recrimina por se ter entregue a Julien; é por isso que, em certos momentos, cai a seus pés, quer submeter-se a todos os caprichos dele, sacrifica a cabeleira; mas ao mesmo tempo revolta-se contra ele tanto quanto contra si mesma. Nós a imaginamos gelada nos seus braços. O abandono simulado da mulher masoquista cria novas barreiras que lhe interditam o prazer; e é ao mesmo tempo através dessa incapacidade de conhecer o prazer que ela se vinga de si mesma. O círculo vicioso que vai da frigidez ao masoquismo pode fechar-se para sempre, acarretando então condutas sádicas por compensação. Pode acontecer também que a maturação erótica liberte a mulher de sua frigidez, de seu narcisismo e que, assumindo sua passividade sexual, ela a viva imediatamente, em vez de a representar. Pois o paradoxo do masoquismo está em que o sujeito se reafirma incessantemente, em seu próprio esforço por se abdicar. É no dom irrefletido, no movimento espontâneo para o outro, que ele consegue se esquecer. É portanto verdade que a mulher será mais solicitada do que o homem pela tentação masoquista; sua situação erótica de objeto passivo incita-a a

representar a passividade; esse jogo é a autopunição a que a convidam suas revoltas narcisistas e a frigidez que é a consequência delas; o fato é que muitas mulheres, e em particular muitas moças, são masoquistas. Colette, falando de suas primeiras experiências amorosas, confia-nos, em *Mes apprentissages*:

> A juventude e a ignorância contribuindo, eu começara pelo devaneio, um devaneio culposo, um horrível e impuro impulso de adolescência. São numerosas as jovens apenas núbeis que sonham em ser o espetáculo, o joguete, a obra-prima libertina de um homem maduro. É uma inveja feia que expiam contentando-a, uma inveja que anda de par com as neuroses da puberdade, o hábito de roer giz e carvão, beber água dentifrícia, ler livros sujos e enfiar alfinetes na palma das mãos.

Não se poderia dizer mais claramente que o masoquismo faz parte das perversões juvenis, que não é uma solução autêntica do conflito criado pelo destino sexual da mulher, e sim uma maneira de fugir dele, nele chafurdando. Não representa de nenhum modo o desabrochar normal e feliz do erotismo feminino.

Esse desabrochar pressupõe que — no amor, na ternura, na sensualidade — a mulher consiga superar sua passividade e estabelecer com seu parceiro uma relação de reciprocidade. A assimetria do erotismo masculino e feminino cria problemas insolúveis enquanto há luta de sexos; podem facilmente resolver-se quando a mulher sente no homem desejo e respeito a um só tempo; se a deseja em sua carne, reconhecendo sua liberdade, ela se reencontra como o essencial no momento em que se faz objeto, ela continua livre na submissão a que consente. Então os amantes podem conhecer, cada qual à sua maneira, um gozo comum; o prazer é sentido por cada um dos parceiros como sendo seu, embora tendo sua fonte no outro. As palavras receber e dar trocam seus sentidos, a alegria é gratidão, o prazer, ternura. Numa forma concreta e carnal realiza-se o reconhecimento recíproco do eu e do outro na consciência mais aguda do outro e do eu. Certas mulheres dizem sentir nelas o sexo masculino como uma parte de seu próprio corpo; certos homens *acreditam ser* a mulher que penetram; essas expressões são evidentemente inexatas, a dimensão do *outro* permanece; mas o fato é que a alteridade não tem mais um caráter hostil; é essa consciência da união dos corpos em sua separação que dá ao ato sexual seu caráter comovente; ele é tanto mais perturbador quanto os dois seres que juntos negam e afirmam apaixonadamente seus limites, são semelhantes e no entanto diferentes. Essa diferença, que muitas vezes os isola, torna-se, quando se reúnem, a fonte de seu encantamento; a febre imóvel que a queima, a

mulher contempla-lhe a imagem invertida no seu ardor viril; a potência do homem, é o poder que ela exerce sobre ele; esse sexo inflado de vida lhe pertence, como seu sorriso pertence ao homem que lhe dá prazer. Todas as riquezas da virilidade e da feminilidade refletindo-se, apreendendo-se umas através das outras, compõem uma unidade móvel e estática. O que é necessário a uma tal harmonia não são requintes técnicos, mas antes, na base de uma atração erótica imediata, uma generosidade recíproca de corpo e alma.

Essa generosidade é muitas vezes freada no homem pela vaidade, e na mulher, pela timidez; enquanto ela não supera suas inibições, não pode fazê-la triunfar. É por isso que o pleno desabrochar sexual é bastante tardio na mulher; é por volta dos 35 anos que ela atinge eroticamente seu apogeu. Infelizmente, se é casada, o marido já se habituou à sua frigidez; ela ainda pode seduzir novos amantes, mas começa a fenecer; seu tempo é escasso. É no momento em que deixam de ser desejáveis que muitas mulheres resolvem assumir, enfim, seus desejos.

As condições em que se desenrola a vida sexual da mulher dependem não somente desses dados, mas ainda de todo o conjunto de sua situação social e econômica. Seria abstrato pretender estudá-la mais a fundo sem esse contexto. Mas de nosso exame ressaltam várias conclusões geralmente válidas. A experiência erótica é uma das que revelam aos seres humanos, da maneira mais pungente, a ambiguidade de sua condição; nela eles se sentem como carne e como espírito, como o outro e como sujeito. É para a mulher que esse conflito assume o caráter mais dramático, porque ela se apreende inicialmente como objeto, porque ela não encontra de imediato uma autonomia segura no prazer; ela precisa reconquistar sua dignidade de sujeito transcendente e livre, assumindo sua condição carnal: é um empreendimento difícil e cheio de riscos, no qual fracassa frequentemente. Mas a própria dificuldade da situação defende-a contra as mistificações em que o homem se deixa envolver; ele é amiúde enganado pelos privilégios falaciosos que implicam seu papel agressivo e a solidão satisfeita do orgasmo; ele hesita em se reconhecer plenamente como carne. A mulher tem de si mesma uma experiência mais autêntica.

Mesmo se adaptando mais ou menos exatamente a seu papel passivo, a mulher é sempre frustrada como indivíduo ativo. Não é o órgão da posse que ela inveja no homem: é a presa. É um curioso paradoxo que o homem viva em um mundo sensual de doçura, de ternura, de moleza, um mundo feminino, enquanto a mulher se move em um universo masculino que é duro e severo; suas mãos guardam o desejo de apertar a carne lisa, a polpa fundente:

adolescente, mulher, flores, peles, criança; toda uma parte de si mesma permanece disponível e aspira à posse de um tesouro análogo ao que ela entrega ao macho. Com isso se explica que em muitas mulheres subsista de maneira mais ou menos larvar uma tendência para a homossexualidade. Há algumas em quem, por um conjunto de razões complexas, essa tendência se afirma com uma autoridade particular. Nem todas as mulheres aceitam dar a seus problemas sexuais a solução clássica, única oficialmente admitida pela sociedade. Temos de encarar também as que escolhem caminhos diferentes.

4/**A lésbica**

De bom grado imaginamos a lésbica com um chapéu de feltro, de cabelos curtos e gravata; sua virilidade seria uma anomalia traduzindo um desequilíbrio hormonal. Nada mais errôneo do que essa confusão entre a invertida e a virago. Há muitas homossexuais entre as odaliscas, as cortesãs, entre as mulheres mais deliberadamente "femininas"; inversamente, numerosas mulheres "masculinas" são heterossexuais. Sexólogos e psiquiatras confirmam o que sugere a observação corrente: em sua imensa maioria, as mulheres "malditas" são constituídas exatamente como as outras mulheres. Nenhum "destino anatômico" determina sua sexualidade.

Há seguramente casos em que os dados fisiológicos criam situações singulares. Não existe distinção biológica rigorosa entre os dois sexos; um corpo celular idêntico é modificado por ações hormonais cuja orientação é genotipicamente definida, mas pode ser desviada no decurso da evolução do feto; disso resulta o aparecimento de indivíduos intermediários entre os machos e as fêmeas. Alguns homens apresentam uma aparência feminina porque a maturação de seus órgãos viris é tardia: do mesmo modo veem-se moças — em particular esportistas — transformarem-se em rapazes. H. Deutsch conta a história de uma moça que fez uma corte ardorosa a uma senhora casada, quis raptá-la e viver com ela: percebeu um dia que era na realidade um homem, o que lhe permitiu casar com a bem-amada e ter filhos dela. Mas disso não se deve concluir que toda invertida é um "homem escondido" sob formas enganosas. O hermafrodita, em quem os dois sistemas genitais se acham esboçados, tem muitas vezes uma sexualidade feminina: conheci uma, exilada de Viena pelos nazistas, que se desolava por não agradar nem aos heterossexuais nem aos pederastas, quando na verdade só gostava de homens. Sob a influência de hormônios masculinos, as mulheres "viriloides" apresentam caracteres sexuais secundários masculinos; nas mulheres infantis os

hormônios femininos são deficientes e seu desenvolvimento permanece inacabado. Essas particularidades podem motivar mais ou menos diretamente uma vocação lésbica. Uma pessoa dotada de uma vitalidade vigorosa, agressiva, exuberante, almeja despender-se ativamente e recusa ordinariamente a passividade; desgraciosa, mal constituída, uma mulher pode tentar compensar sua inferioridade adquirindo qualidades viris; se sua sensibilidade erógena não está desenvolvida, ela não deseja as carícias masculinas. Mas anatomia e hormônios definem apenas uma situação e não colocam o objeto para o qual ela transcenderá. H. Deutsch ainda cita o caso de um legionário polonês ferido, de quem tratou durante a guerra de 1914-18, que era na realidade uma moça com caracteres viris acentuados; acompanhara o exército como enfermeira e conseguira depois envergar o uniforme. Com tudo isso se apaixonara por um soldado — que desposou mais tarde —, o que a fazia ser encarada como homossexual. Suas condutas viris não contradiziam um erotismo do tipo feminino. O próprio homem não deseja exclusivamente a mulher; o fato de que o organismo do homossexual macho pode ser perfeitamente viril implica que a virilidade de uma mulher não a impele necessariamente para a homossexualidade.

Até mesmo entre as mulheres fisiologicamente normais, pretendeu-se por vezes distinguir as clitoridianas das vaginais, estando as primeiras destinadas aos amores sáficos; mas verificou-se que, em todas, o erotismo infantil é clitoridiano; quer se fixe nesse estágio, quer se transforme, não depende de nenhum dado anatômico. Não é verdade tampouco, como se sustentou muitas vezes, que a masturbação infantil explique o privilégio ulterior do sistema clitoridiano: a sexologia reconhece hoje no onanismo da criança um fenômeno absolutamente normal e geralmente disseminado. A elaboração do erotismo feminino é — já o vimos — uma história psicológica em que os fatores fisiológicos estão envolvidos, mas que depende da atitude global do sujeito em face da existência. Marañón considera que a sexualidade tem uma "direção única" e que atinge no homem uma forma acabada, ao passo que na mulher fica "a meio caminho"; só a lésbica possuiria uma libido tão rica quanto a do homem, ela seria, pois, um tipo feminino "superior". Na realidade, a sexualidade feminina tem uma estrutura original e a ideia de hierarquizar as libidos masculina e feminina é absurda; a escolha do objeto sexual não depende absolutamente da quantidade de energia de que a mulher disporia.

Os psicanalistas tiveram o grande mérito de ver na inversão um fenômeno psíquico e não orgânico; entretanto, ela se apresenta ainda para eles como

determinada por circunstâncias exteriores. Eles, aliás, a estudaram pouco. Segundo Freud, a maturação do erotismo feminino exige a passagem do estágio clitoridiano ao estágio vaginal, passagem simétrica à que transferiu para o pai o amor que a menina a princípio sentia pela mãe. Razões diversas podem entravar esse desenvolvimento; a mulher não se resigna à castração, esconde de si mesma a ausência do pênis, permanece fixada à mãe, para a qual busca substitutos. Para Adler, essa parada não é um acidente suportado passivamente: é desejado pelo sujeito que, por vontade de poder, nega deliberadamente sua mutilação e procura identificar-se com o homem cujo domínio recusa. Fixação infantil ou protesto viril, a homossexualidade se apresentaria em todo caso como um inacabamento. Em verdade, a lésbica não é nem uma mulher "falhada" nem uma mulher "superior". A história do indivíduo não é um progresso fatal: a cada momento o passado é retomado mediante uma nova escolha e a "normalidade" da escolha não lhe confere nenhum valor privilegiado: é pela sua autenticidade que cumpre julgá-lo. A homossexualidade pode ser para a mulher uma maneira de fugir de sua condição ou uma maneira de assumi-la. O grande erro dos psicanalistas está em, por conformismo moralizador, encará-lo somente como uma atitude inautêntica.

A mulher é um existente a quem se pede que se faça objeto; enquanto sujeito, ela tem uma sensualidade agressiva que não se satisfaz com o corpo masculino: daí nascem os conflitos que seu erotismo deve superar. Consideram normal o sistema que, entregando-a como presa a um homem, lhe restitui a soberania, colocando em seus braços um filho; mas esse "naturalismo" é comandado por um interesse social mais ou menos bem compreendido. A própria heterossexualidade permite outras soluções. A homossexualidade da mulher é uma tentativa, entre outras, de conciliar sua autonomia com a passividade de sua carne. E se se invoca a natureza, pode-se dizer que toda mulher é homossexual. A lésbica caracteriza-se, com efeito, pela recusa do macho e seu gosto pela carne feminina; mas toda adolescente receia a penetração, o domínio masculino, experimenta em relação ao homem certa repulsa; em compensação, o corpo feminino é para ela, como para o homem, um objeto de desejo. Já disse: pondo-se como sujeitos, os homens põem-se ao mesmo tempo como separados; considerar o outro como uma coisa a ser possuída é atentar nele, e solidariamente em si, contra o ideal viril; ao contrário, a mulher que se reconhece como objeto vê em suas semelhantes e em si uma presa. O pederasta inspira hostilidade aos heterossexuais masculinos e femininos porque estes

exigem que o homem seja um sujeito dominador;[326] ao contrário, ambos os sexos consideram as lésbicas com indulgência. "Confesso, diz o conde de Tilly, que é uma rivalidade que não me aborrece em absoluto; ao contrário, isso me diverte e tenho a imoralidade de rir da coisa." Colette atribuiu a mesma indiferença divertida a Renaud diante do casal que Claudine constitui com Rézi.[327] O homem irrita-se mais com uma heterossexual agressiva e autônoma do que com uma homossexual não agressiva; só a primeira contesta as prerrogativas masculinas; os amores sáficos estão longe de contradizer a forma tradicional da divisão dos sexos; são em sua maioria casos de uma assumpção da feminilidade, não sua recusa. Vimos que aparecem muitas vezes na adolescente como um *ersatz* das relações heterossexuais que ela não tem ainda a oportunidade ou a ousadia de viver: é uma etapa, um aprendizado, e quem a isso se entrega com mais ardor pode amanhã ser a mais ardorosa das esposas, das amantes, das mães. O que é preciso explicar na invertida não é, portanto, o aspecto positivo de sua escolha, é sua face negativa: ela não se caracteriza por seu gosto pelas mulheres e sim pela exclusividade desse gosto.

Distinguem-se frequentemente — depois de Jones e Hesnard — dois tipos de lésbicas: umas "masculinas" que "querem imitar o homem", outras "femininas" que "têm medo do homem". É verdade que se podem considerar, *grosso modo*, duas tendências na inversão; certas mulheres recusam a passividade, enquanto outras escolhem braços femininos para a eles se entregarem passivamente. Mas essas atitudes reagem uma sobre a outra; as relações ante o objeto escolhido e ante o objeto recusado explicam-se uma pela outra. Por muitas razões, como veremos, a distinção indicada parece-nos assaz arbitrária.

Definir a lésbica "viril" pela sua vontade de "imitar o homem" é votá-la à inautenticidade. Já disse a que ponto os psicanalistas criam equívocos aceitando as categorias masculina-feminina tais como a sociedade atual as define. Com efeito, o homem representa hoje o positivo e o neutro, isto é, o masculino e o ser humano, ao passo que a mulher é unicamente o negativo, a fêmea. Cada vez que ela se conduz como ser humano, declara-se que ela se identifica com o macho. Suas atividades esportivas são interpretadas como um "protesto viril"; recusam-se a levar em consideração os valores para os quais ela transcende, o que conduz evidentemente a considerar que ela faz a escolha inautêntica de uma atitude subjetiva. O grande mal-entendido em que repousa esse sistema de interpretação está em que se admite que é *natural* para o ser humano feminino fazer de si uma mulher *feminina*: não basta ser uma heterossexual, nem mesmo

uma mãe, para realizar esse ideal; a "verdadeira mulher" é um produto artificial que a civilização fabrica, como outrora eram fabricados castrados; seus pretensos "instintos" de coquetismo, de docilidade são nela insuflados, como ao homem o orgulho fálico. Ele nem sempre aceita sua vocação viril; ela tem boas razões para aceitar menos docilmente ainda a que lhe é designada. As noções "complexo de inferioridade", "complexo de masculinidade" me fazem pensar na anedota que Denis de Rougemont conta em *La Part du Diable*: uma senhora imaginava que, quando passeava no campo, os pássaros a atacavam; depois de vários meses de um tratamento psicanalítico que não conseguiu curá-la de sua obsessão, o médico acompanhando-a no jardim da clínica verificou que os *pássaros a atacavam.* A mulher sente-se diminuída porque, na verdade, as determinações da feminilidade a diminuem. Espontaneamente, ela escolhe ser um indivíduo completo, um sujeito e uma liberdade diante de quem se abrem o mundo e o futuro: se essa escolha se confunde com a da virilidade, é na medida em que a feminilidade significa hoje mutilação. Vê-se claramente nas confissões de invertidas — platônica no primeiro caso, declarada no segundo — recolhidas por Havelock Ellis e Stekel que é a *especificação* feminina que indignou os dois sujeitos.

> Por mais que recue no tempo, diz uma delas, nunca me encarei como uma moça e me encontrei em face de uma perturbação perpétua. Por volta dos cinco ou seis anos, disse a mim mesma que, fosse qual fosse a opinião das pessoas, se não era um menino, não era em todo caso uma menina... Olhava a conformação de meu corpo como um acidente misterioso... Quando ainda mal podia andar já me interessava por martelos e pregos, queria estar sentada no lombo dos cavalos. Pelos sete anos verifiquei que tudo o que eu apreciava era errado para uma menina. Não era absolutamente feliz e muitas vezes chorava e me encolerizava, a tal ponto ficava furiosa com as conversas acerca de meninos e meninas... Todos os domingos, saía com os meninos da escola de meus irmãos... Por volta dos 11 anos... para me punir, por ser o que era, puseram-me interna no colégio... Com cerca de 15 anos, quaisquer que fossem meus pensamentos, meu ponto de vista era sempre o de um rapaz... Sentia-me cheia de compaixão pelas mulheres... Tornei-me protetora delas...

Quanto à travestida de Stekel:

> Até a idade de seis anos, apesar das asserções dos que a cercavam, ela se acreditava menino vestido de menina, por motivos que lhe permaneciam desconhecidos... Aos seis anos, ela se dizia: "Serei tenente, e se Deus me der tempo, marechal." Sonhava muitas vezes que montava a cavalo e saía da cidade à frente de um exército. Muito inteligente, sentiu-se infeliz por ter sido transferida da escola normal para um liceu, *tinha medo de se tornar efeminada.*

Essa revolta não implica absolutamente uma predestinação sáfica; em sua maioria, as meninas conhecem o mesmo escândalo, o mesmo desespero quando sabem que a conformação acidental de seu corpo condena seus gostos e suas aspirações; é com raiva que Colette Audry[328] descobre aos 12 anos que nunca poderia tornar-se um marinheiro. Muito naturalmente, a futura mulher se indigna com as limitações que o sexo lhe impõe. Perguntar por que as recusa é formular mal a questão: o problema é antes compreender por que ela as aceita. Seu conformismo vem de sua docilidade, de sua timidez; mas essa resignação irá se transformar facilmente em revolta se as compensações oferecidas pela sociedade não forem julgadas suficientes. É o que acontece no caso em que a adolescente se julga desgraciosa como mulher: é principalmente por esse lado que os dados anatômicos assumem importância; feia, malfeita, ou acreditando sê-lo, a mulher recusa um destino feminino para o qual não se sente dotada; mas seria um erro dizer que a atitude viril é adotada para compensar uma carência de feminilidade: cumpre antes dizer que, em troca das vantagens viris que lhe pedem que sacrifique, as possibilidades concedidas à adolescente parecem-lhe muito diminutas. Todas as meninas invejam as roupas cômodas dos meninos; é sua imagem no espelho, as promessas que nela adivinham que tornam pouco a pouco preciosos seus vestidos; se o espelho reflete secamente uma fisionomia cotidiana, se nada promete, rendas e fitas se constituem em libré incômoda, ridícula mesmo, a "menina masculinizada" obstina-se em continuar menino.

Ainda que bem-feita e bonita, a mulher que se empenha em projetos singulares ou que reivindica sua liberdade, recusa-se geralmente a abdicar em proveito de outro ser humano; ela se reconhece em seus atos, mas não em sua presença imanente: o desejo masculino que a reduz aos limites de seu corpo a choca tanto quanto choca o jovem rapaz; pelas suas companheiras submissas ela sente a mesma repugnância que o homem viril pelo pederasta passivo. É em parte para repudiar toda cumplicidade com elas que adota uma atitude masculina; fantasia a roupa, muda de atitude, forma com uma amiga feminina um casal em que encarna o personagem masculino: essa comédia é, com efeito, um "protesto viril", mas apresenta-se como um fenômeno secundário; o que é espontâneo é o escândalo do sujeito conquistador e soberano à ideia de se transformar em presa carnal. Numerosas esportistas são homossexuais; esse corpo que é músculo, movimento, distensão, impulso, elas não o apreendem como uma carne passiva; ele não atrai magicamente as carícias: é domínio sobre o mundo, não uma coisa do mundo. O fosso que existe entre o corpo para si e o corpo para outrem parece, no caso, intransponível. Encontram-se

resistências análogas na mulher de ação, a mulher de "cabeça" para a qual a renúncia, ainda que sob a forma carnal, é impossível. Se a igualdade dos sexos estivesse concretamente realizada, em grande número de casos esse obstáculo seria abolido; mas o homem ainda está imbuído de sua superioridade e é uma convicção incômoda para a mulher se ela não a partilha. Cumpre observar, entretanto, que as mulheres mais voluntárias, mais dominadoras, não hesitam muito em enfrentar o homem: a mulher dita "viril" é muitas vezes francamente heterossexual. Ela não quer renegar sua reivindicação de ser humano, mas não deseja tampouco mutilar-se na sua feminilidade; escolhe ascender ao mundo masculino e até anexá-lo. Sua sensualidade robusta não se assusta com a aspereza do macho; para encontrar sua alegria em um corpo de homem, ela tem menos resistências a vencer do que a virgem tímida. Uma natureza muito rude, muito animal, não sentirá a humilhação do coito; uma intelectual de espírito intrépido a contestará; segura de si, de humor briguento, a mulher se empenhará alegremente em um duelo que tem certeza de ganhar. George Sand tinha predileção pelos rapazinhos, os homens "femininos"; mas Mme de Staël só tardiamente procurou mocidade e beleza em seus amantes; dominando os homens pelo vigor de seu espírito, acolhendo com orgulho a admiração deles, quase não devia sentir-se presa em seus braços. Uma soberana, como Catarina da Rússia, podia até permitir-se uma embriaguez masoquista: continuava senhora absoluta em seus jogos. Isabel Eberhardt, que, vestida de homem, percorreu o Saara a cavalo, não se sentia em nada diminuída quando se entregava a algum soldado vigoroso. A mulher que não quer ser vassala do homem está longe de sempre o evitar: tenta antes fazer dele o instrumento de seu prazer. Nessas circunstâncias favoráveis — dependendo em grande parte do parceiro — será abolida a própria ideia de competição e ela se comprazerá em viver plenamente sua condição de mulher, como o homem vive sua condição de homem.

Mas essa conciliação de sua personalidade ativa com seu papel de fêmea passiva é, apesar de tudo, muito mais difícil para ela do que para o homem: muitas mulheres renunciarão a tentar esse esforço de preferência a consumir-se nele. Entre os artistas e escritores femininos, encontram-se numerosas lésbicas. Não porque sua singularidade sexual seja fonte de energia criadora ou manifeste a existência dessa energia superior; é antes porque, absorvidas por um trabalho sério, não querem perder seu tempo desempenhando um papel de mulher nem lutando contra os homens. Não admitindo a superioridade masculina, não querem nem fingir reconhecê-la nem se cansar contestando-a; procuram na

volúpia relaxamento, serenidade, diversão: acham mais cômodo desviar-se de um parceiro que se apresenta como um adversário; com isso, libertam-se dos entraves que a feminilidade implica. Bem entendido, é muitas vezes a natureza de suas experiências heterossexuais que leva a mulher "viril" a escolher assumir ou repudiar o seu sexo. O desdém masculino confirma na mulher feia o sentimento de sua falta de graça; a arrogância de um amante fere a orgulhosa. Todos os motivos de frigidez que já consideramos: rancor, despeito, temor da gravidez, trauma provocado por um aborto etc., se encontram aqui. Assumem tanto maior peso quanto maior for a desconfiança com que a mulher trata o homem.

Entretanto, a homossexualidade, quando se trata de uma mulher dominadora, nem sempre se apresenta como uma solução inteiramente satisfatória; como procura afirmar-se, desagrada-lhe não realizar integralmente suas possibilidades femininas; as relações heterossexuais se afiguram para ela a um tempo diminuição e enriquecimento; repudiando as limitações implicadas em seu sexo, acontece que de um modo ou de outro ela se limita. Assim como a mulher frígida almeja o prazer, embora o recusando, a lésbica gostaria muitas vezes de ser uma mulher normal e completa, embora não o querendo. Essa hesitação é manifesta no caso da travestida descrita por Stekel.

> Viu-se que ela só se comprazia com rapazes e não queria "efeminar-se". Aos 16 anos travou suas primeiras relações com moças; tinha por elas um profundo desprezo, o que de imediato deu a seu erotismo um caráter sádico. A uma colega que respeitava fez uma corte ardente, mas platônica; pelas que possuía, sentia nojo. Entregou-se furiosamente a estudos difíceis. Decepcionada em seu primeiro grande amor sáfico, entregou-se com loucura a experiências puramente sensuais e pôs-se a beber. Aos 17 anos, conheceu um rapaz com quem casou, mas o considerava sua mulher: vestia-se de maneira masculina e continuava a beber e a estudar. Sofreu inicialmente de vaginismo e nunca o coito a levou ao orgasmo. Achava sua posição "humilhante" e era sempre ela quem desempenhava o papel agressivo e ativo. Abandonou o marido, embora "amando-o loucamente", e reatou relações com mulheres. Conheceu um artista a quem se entregou, mas igualmente sem orgasmo. Sua vida dividia-se em períodos nitidamente separados: durante certo tempo escrevia, realizava um trabalho criador e sentia-se totalmente masculina: dormia então sadicamente, de maneira episódica, com mulheres. Em seguida tinha um período de feminilidade. Fez-se analisar porque desejava chegar ao orgasmo.

A lésbica poderia facilmente consentir na perda de sua feminilidade se com isso adquirisse uma virilidade triunfante. Mas não. Ela permanece evidentemente privada de órgão viril: pode deflorar a amiga com a mão ou usar um pênis artificial para imitar a posse: não deixa contudo de ser um castrado. Pode sofrer profundamente por isso. Inacabada como mulher, impotente como

homem, seu mal-estar traduz-se às vezes por psicoses. Uma doente dizia a Dalbiez:[329] "Se tivesse alguma coisa para introduzir, seria melhor." Outra gostaria que seus seios fossem rígidos. Frequentemente a lésbica tentará compensar sua inferioridade viril com uma arrogância e um exibicionismo reveladores de um desequilíbrio interior. Por vezes, também, ela conseguirá criar com as outras mulheres um tipo de relação inteiramente análoga às que com elas mantém um homem "feminino" ou um adolescente ainda pouco seguro de sua virilidade. Um caso impressionante de um tal destino é o de "Sandor", como relata Krafft-Ebbing. Ela conseguira desse jeito alcançar um equilíbrio perfeito que só a intervenção da sociedade veio destruir.

Sarolta era originária de uma família húngara nobre, reputada pelas suas excentricidades. O pai a educara como um menino: montava a cavalo, caçava etc. Essa influência prolongou-se até a idade de 13 anos, quando a enviaram para um internato: apaixonou-se então por uma inglesinha, e raptou-a, fingindo que era um rapaz. Voltou para casa de sua mãe, mas pouco depois, com o nome de "Sandor" e vestida de homem, partiu para uma viagem com o pai; dedicava-se a esportes viris, bebia e frequentava os bordéis. Sentia-se particularmente atraída pelas atrizes ou pelas mulheres solitárias, tanto quanto possível já não na primeira mocidade; amava-as na medida em que eram "femininas". "Amava", diz, "a paixão feminina manifestando-se sob um véu poético. Qualquer impudência da parte de uma mulher me inspirava repugnância... Tinha uma aversão indizível pelas roupas de mulher e em geral por tudo o que era feminino, mas tão somente em mim e sobre mim; pois, ao contrário, tinha entusiasmo pelo belo sexo". Teve numerosas ligações com mulheres e com elas gastou muito dinheiro. Colaborava, contudo, em dois grandes jornais da capital. Viveu maritalmente durante três anos com uma mulher dez anos mais velha e teve bastante trabalho para que ela aceitasse o rompimento. Inspirava paixões violentas. Apaixonada por uma jovem professora, a ela uniu-se mediante um simulacro de casamento: a noiva e a família da noiva tomavam-na por homem: o sogro pensara ter visto um membro em ereção no futuro genro (provavelmente um pênis artificial); fingia barbear-se, mas a criada de quarto encontrara manchas de sangue menstrual na sua roupa branca e, pelo buraco da fechadura, convencera-se de que Sandor era mulher. Desmascarada, foi presa mas absolvida. Sentiu imensa tristeza por se separar de sua bem-amada Maria, a quem escrevia, da cela, as cartas mais apaixonadas. Não tinha um corpo inteiramente feminino: a bacia era muito estreita e faltava-lhe cintura. Os seios eram desenvolvidos, as partes genitais bem femininas mas imperfeitamente desenvolvidas. As regras só tinham aparecido aos 17 anos e ela sentia profundo horror pelo fenômeno menstrual. A ideia de relações sexuais com homens causava-lhe horror. Somente com as mulheres é que tinha pudor, a ponto de preferir partilhar o leito de um homem a dormir com uma mulher. Muito perturbada quando a tratavam como mulher, foi tomada de verdadeira angústia quando teve de voltar às roupas femininas. Sentia-se "atraída como por uma força magnética para as mulheres de 24 a trinta anos". Só encontrava satisfação sexual acariciando a amiga, mas nunca se deixando acariciar. Ocasionalmente servia-se de uma meia recheada de estopa como membro. Detestava os homens. Muito sensível à estima moral de outrem, tinha muito talento literário, grande cultura e uma memória colossal.

Sandor não foi psicanalisada, mas pela simples exposição dos fatos alguns pontos ressaltam. Parece que sem "protesto viril", da maneira mais espontânea, ela sempre se tenha considerado homem graças à educação que recebeu e à constituição de seu organismo. A maneira por que seu pai a associou às viagens, à sua vida, teve evidentemente influência decisiva; sua virilidade de tal modo se afirmara que não manifestava nenhuma ambivalência em relação às mulheres: gostava delas como um homem, sem se sentir comprometida por elas, de uma maneira dominadora e ativa, sem aceitar reciprocidade. É impressionante, entretanto, que "detestasse" os homens e amasse particularmente as mulheres idosas. Isso sugere que Sandor tinha em relação à mãe um complexo de Édipo *masculino*; perpetuava a atitude infantil da menina que, formando casal com a mãe, alimenta a esperança de protegê-la e dominá-la um dia. É, muitas vezes, quando a criança se viu frustrada da ternura materna, que a necessidade dessa ternura a persegue durante toda a sua vida adulta; educada pelo pai, Sandor deve ter sonhado com uma mãe amorosa e querida, que procurou em seguida nas outras mulheres. Isso explica seu ciúme profundo dos outros homens, ligado a seu respeito e seu amor "poético" pelas mulheres "solitárias" e idosas que apresentavam a seus olhos um caráter sagrado. Sua atitude era exatamente a de Rousseau com Mme de Warens, a do jovem Benjamin Constant com Mme de Charrière: os adolescentes sensíveis, "femininos" voltam-se também para amantes maternais. Sob aspectos mais ou menos acentuados, encontra-se com frequência esse tipo de lésbica que nunca se identificou com a mãe — porque a admirava ou detestava demais —, mas que, recusando ser mulher, aspira à doçura de uma proteção feminina em torno de si; do seio dessa matriz protetora ela pode emergir no mundo com audácias masculinas; conduz-se como um homem, mas como homem tem uma fragilidade que lhe faz almejar o amor de uma amante mais velha; o casal reproduzirá, assim, o casal heterossexual clássico: matrona e adolescente.

Os psicanalistas acentuaram bem a importância das relações que a homossexual teve anteriormente com a mãe. Há dois casos em que a adolescente tem dificuldade em escapar à sua influência: se foi mimada com ardor por uma mãe ansiosa; ou se foi maltratada por uma "mãe má" que lhe insuflou profundo sentimento de culpa. No primeiro caso, tais relações beiram a homossexualidade: dormiam juntas, acariciavam-se, beijavam-se os seios. A jovem buscará essa mesma felicidade em outros braços. No segundo caso, ela sentirá a necessidade de uma "boa mãe", que a proteja contra a primeira, que

afaste a maldição que sente pesar sobre sua cabeça. Uma das pacientes, cuja história Havelock Ellis conta, e que detestara a mãe durante toda a infância, descreve assim o amor que sentiu aos 16 anos por uma mulher mais velha.

> Sentia-me como uma órfã que subitamente adquiriu uma mãe e comecei a me sentir menos hostil aos adultos, a ter respeito por eles... Meu amor por ela era inteiramente puro e pensava nisso como se fosse com uma mãe... Gostava que ela me tocasse e por vezes ela me apertava nos braços e me fazia sentar no colo... Quando eu me deitava, ela vinha dizer-me boa-noite e beijava-me na boca.

Se a mais velha se presta a isso, a mais jovem se entregará com alegria a carícias mais ardentes. É comumente o papel passivo que então desempenhará porque deseja ser dominada, protegida, embalada e acariciada como uma criança. Tais relações, quer permaneçam platônicas, quer se tornem carnais, têm muitas vezes as características de uma verdadeira paixão amorosa. Mas pelo próprio fato de que se apresentam na evolução da adolescente como uma etapa clássica, não poderiam bastar para explicar uma escolha decidida da homossexualidade. A jovem procura nela ao mesmo tempo uma libertação e uma segurança que também poderá encontrar em braços masculinos. Passado o período de entusiasmo amoroso, a mais jovem experimentará muitas vezes em relação à mais velha o sentimento ambivalente que experimentava com a mãe; sujeita-se ao seu domínio almejando contudo libertar-se; se a outra se obstinar em retê-la, continuará durante algum tempo "prisioneira";[330] mas com cenas violentas ou amigavelmente, acabará por se evadir; tendo terminado de liquidar sua adolescência, sente-se madura para enfrentar uma vida de mulher normal. Para que sua vocação lésbica se afirme é preciso que — como Sandor — recuse sua feminilidade ou que sua feminilidade desabroche com maior felicidade em braços femininos. A fixação na mãe não basta, portanto, para explicar a inversão. E esta pode ser escolhida por motivos inteiramente diversos. A mulher pode descobrir ou pressentir por meio de experiências completas ou esboçadas que não tirará prazer das relações heterossexuais, que somente uma outra mulher será capaz de satisfazê-la: e particularmente para a mulher que tem o culto de sua feminilidade é o abraço sáfico que se evidencia como o mais satisfatório.

É muito importante sublinhar: nem sempre é a recusa de se fazer objeto que conduz a mulher à homossexualidade; a maioria das lésbicas procura, ao contrário, apropriar-se dos tesouros de sua feminilidade. Consentir em se metamorfosear em coisa passiva não é renunciar a toda reivindicação subjetiva: a mulher espera, assim, atingir-se sob a figura do em-si; mas então procurará

reassumir-se em sua alteridade. Na solidão, ela não consegue realmente se desdobrar; pode acariciar seus seios, não sabe como se revelariam a uma mão estranha nem como nessa mão se sentiriam viver; um homem pode descobrir-lhe a existência para *si* de sua carne, mas não o que ela é *para outrem.* É somente quando seus próprios dedos modelam o corpo de uma mulher cujos dedos modelam o seu que o milagre do espelho se realiza. Entre o homem e a mulher o amor é um ato; cada um arrancado de si torna-se outro: o que maravilha a amante é que o langor passivo de sua carne se reflita sob a figura do ímpeto viril; mas a narcisista, nesse sexo ereto, não reconhece senão muito confusamente seus atrativos. Entre mulheres, o amor é contemplação: as carícias são menos destinadas a se apropriar do outro do que a recriar-se lentamente através dele; a separação está abolida, não há nem luta, nem vitória, nem derrota; dentro de uma exata reciprocidade cada qual é ao mesmo tempo sujeito e objeto, a soberana e a escrava; a dualidade é cumplicidade. "A estreita semelhança, diz Colette,[331] dá confiança à própria volúpia. A amiga se compraz na certeza de acariciar um corpo de que conhece os segredos e cujas preferências seu próprio corpo indica." E Renée Vivien em *Sortilèges*:

Nosso coração é semelhante em nosso seio de mulher
Querida! Nosso corpo é igualmente feito
Um mesmo destino difícil pesou em nossa alma
Traduzo teu sorriso e a sombra em teu rosto
Minha doçura é igual a tua grande doçura
Por vezes parece até que somos da mesma raça
Amo em ti minha filha, minha amiga e minha irmã.[332]

Esse desdobramento pode assumir uma figura materna; a mãe que se reconhece e se aliena na filha tem muitas vezes por ela um apego sexual: ela tem em comum com a lésbica o gosto de proteger e embalar nos braços um doce objeto de carne. Colette sublinha essa analogia quando escreve em *Vrilles de la Vigne.*

> Dar-me-ás a volúpia, debruçada sobre mim, os olhos cheios de uma ansiedade maternal, tu que procuras, através de tua amiga apaixonada, a filha que não tiveste.

E Renée Vivien exprime o mesmo sentimento em *L'Heure des mains jointes*:

Vem, eu te carregarei como uma criança doente
Como uma criança queixosa e tímida e doente
Nos meus braços nervosos aperto teu corpo leve
Verás que sei curar e proteger
E que meus braços são feitos para melhor te proteger.

E ainda:

Amo-te por seres fraca e calma em meus braços
Assim como um berço morno em que descansarás.[333]

Em todo amor — amor sexual ou amor materno — há,[334] ao mesmo tempo, avareza e generosidade, desejo de possuir o outro e de tudo lhe dar; mas é na medida em que ambas são narcisistas, acariciando na filha, na amante, seu prolongamento ou seu reflexo, que a mãe e a lésbica se encontram singularmente.

Entretanto, o narcisismo não conduz sempre à homossexualidade: o exemplo de Maria Bashkirtseff prova isso; não se encontra em seus escritos o menor vestígio de um sentimento afetuoso para com uma mulher; cerebral mais do que sensual, extremamente vaidosa, ela sonha desde a infância ser valorizada pelo homem: nada a interessa, senão o que pode contribuir para sua glória. A mulher que se idolatra exclusivamente e que visa a um êxito abstrato é incapaz de ardorosa cumplicidade em relação a outras mulheres; só vê nelas rivais e inimigas.

Em verdade, nenhum fator é determinante, trata-se sempre de uma escolha efetuada em meio a um conjunto complexo e assentando numa livre decisão; nenhum destino sexual governa a vida do indivíduo: seu erotismo traduz, ao contrário, sua atitude global para com a existência.

As circunstâncias, entretanto, têm também um lugar importante nessa escolha. Ainda hoje os dois sexos vivem em grande parte separados; nos internatos, nas escolas de moças, passa-se facilmente da intimidade à sexualidade; encontram-se muito menos lésbicas nos meios em que a camaradagem entre rapazes e moças facilita experiências heterossexuais. Muitas mulheres que trabalham em oficinas e escritórios, entre mulheres, sem muitas oportunidades de encontrar homens, estabelecem ligações amorosas entre si: material e moralmente é cômodo para eles associar suas vidas. A ausência ou o fracasso de relações heterossexuais as entregará à inversão. É difícil traçar uma fronteira entre resignação e predileção: uma mulher pode dedicar-se às mulheres porque um homem a desiludiu, mas por

vezes ele a desilude porque era uma mulher que ela procurava nele. Por todas essas razões é falso estabelecer uma distinção radical entre heterossexual e homossexual. Passado o tempo indeciso da adolescência, o homem normal não se permite mais uma extravagância pederástica; mas muitas vezes a mulher normal retorna aos amores que — platonicamente ou não — a encantaram na mocidade. Decepcionada pelo homem, procurará em braços femininos o amante que a traiu; Colette indicou em *La Vagabonde* esse papel consolador que desempenham muitas vezes na vida das mulheres as volúpias condenadas: acontece que algumas passam a existência inteira a se consolar. Mesmo uma mulher satisfeita com os abraços masculinos pode não desdenhar volúpias mais calmas. Passiva e sensual, as carícias de uma amiga não a desgostarão, porquanto lhe bastará entregar-se, deixar-se satisfazer. Ativa, ardente, ela aparecerá como "andrógina", não em virtude de uma misteriosa combinação de hormônios, mas sim pelo fato de se encararem a agressividade e o gosto da posse como qualidades viris; Claudine amando Renaud nem por isso deixa de desejar os encantos de Rézi; é plenamente mulher sem deixar de desejar ela também possuir e acariciar. Bem entendido, entre as mulheres "decentes" tais desejos "perversos" são cuidadosamente recalcados: manifestam-se, entretanto, sob a forma de amizades puras mas apaixonadas, ou sob a máscara da ternura maternal: algumas vezes revelam-se violentamente no decurso de uma psicose ou durante a crise da menopausa.

Muito mais absurdo, portanto, seria pretender classificar as lésbicas em duas categorias estanques. Pelo fato de que uma comédia social se superpõe muitas vezes a suas verdadeiras relações, elas próprias sugerem a divisão em "viris" e "femininas", comprazendo-se em imitar um casal bissexuado. Mas não se deve iludir porque uma usa um *tailleur* severo e outra um vestido vaporoso. Olhando de perto, a não ser em casos-limites, verifica-se que sua sexualidade é ambígua. A mulher que se faz lésbica porque recusa o domínio do homem experimenta muitas vezes a alegria de reconhecer em outra a mesma amazona orgulhosa; outrora muitos amores culposos floresciam entre as estudantes de Sèvres, que viviam juntas longe dos homens; tinham orgulho de pertencer a uma elite feminina e queriam permanecer sujeitos autônomos. Essa cumplicidade que as reunia contra a casta privilegiada permitia a cada uma admirar numa amiga esse ser prestigioso que amava em si mesma; abraçando-se mutuamente, era cada uma homem e mulher ao mesmo tempo e se encantava com suas virtudes andróginas. Inversamente, uma mulher que quer gozar de sua feminilidade em braços femininos, conhece também o orgulho de não obedecer a nenhum senhor. Renée Vivien amava ardentemente a beleza feminina e queria ser bela;

enfeitava-se, orgulhava-se de seus cabelos compridos, mas agradava-lhe também sentir-se livre, intata. Em seus poemas ela exprime seu desprezo por aquelas que consentem em se tornar escravas de um homem pelo casamento. Seu pendor pelos licores fortes, sua linguagem por vezes grosseira e suja eram manifestações de seu desejo de virilidade. Na realidade, na imensa maioria dos casais, as carícias são recíprocas. Disso decorre que os papéis se distribuem de maneira muito incerta: a mulher mais infantil pode desempenhar o papel de um adolescente em face de uma matrona protetora, ou o da amante apoiada ao braço do amante. Elas podem amar-se em igualdade. Sendo os parceiros homólogos, todas as combinações, transposições, trocas, comédias são possíveis. As relações equilibram-se segundo as tendências psicológicas de cada uma das amigas e segundo o conjunto da situação. Se há uma que ajuda ou sustenta a outra, ela assume as funções do homem: protetor tirânico, tolo que se explora, suserano respeitado ou às vezes cafetão. Uma superioridade moral, social, intelectual outorga-lhe muitas vezes a autoridade; entretanto a mais amada gozará dos privilégios de que a reveste o apego apaixonado da mais amorosa. A associação de duas mulheres, como a de um homem com uma mulher, apresenta numerosos aspectos diferentes; assenta no sentimento, no interesse ou no hábito; é conjugal ou romanesca; dá ensejo ao sadismo, ao masoquismo, à generosidade, à fidelidade, à devoção, ao capricho, ao egoísmo, à traição; há, entre as lésbicas, prostitutas, como também grandes amorosas.

Entretanto, certas circunstâncias dão a essas ligações caracteres singulares. Elas não são consagradas por uma instituição ou pelos costumes, nem reguladas por convenções: são vividas, consequentemente, com mais sinceridade. Homem e mulher — ainda que esposos — representam mais ou menos sempre um para outro, e principalmente a mulher a quem o homem impõe sempre alguma norma de conduta: virtude exemplar, encanto, coquetismo, puerilidade ou austeridade. Ela nunca se sente ela mesma na frente do marido ou do amante. Junto de uma amiga ela não se exibe, não precisa fingir, são demasiado semelhantes para não se mostrarem a descoberto. Essa similitude engendra a intimidade mais total. O erotismo muitas vezes importa muito pouco nessas uniões: a volúpia tem um caráter menos fulminante, menos vertiginoso do que entre o homem e a mulher, não provoca metamorfoses tão violentas. Quando se separam carnalmente, os amantes voltam a ser estranhos; o corpo masculino chega a parecer repugnante à mulher, e o homem experimenta por vezes um certo fastio diante do de sua companheira. Entre mulheres, a ternura carnal é mais igual, mais contínua;

nunca são arrebatadas em êxtases frenéticos; mas jamais caem numa indiferença hostil; verem-se, tocarem-se constitui um prazer tranquilo que prolonga, em surdina, o prazer da cama. A união de Sarah Posonby com sua bem-amada durou quase cinquenta anos sem uma nuvem: parece que souberam criar um éden sereno à margem do mundo. Mas a sinceridade também se paga. Como se mostram abertamente sem preocupação de se dissimularem ou se controlarem, as mulheres são levadas entre si a violências incríveis. O homem e a mulher intimidam-se pelo fato de serem diferentes; ele sente piedade diante dela, inquietação, esforça-se por tratá-la com cortesia, indulgência, distinção; ela respeita-o e teme-o um pouco, procura dominar-se diante dele; cada qual se preocupa em poupar o outro misterioso cujos sentimentos e reações não avalia direito. Entre elas, as mulheres são implacáveis; frustram-se, provocam-se, perseguem-se, enfurecem-se e se arrastam mutuamente para o fundo da abjeção. A calma masculina, seja indiferença ou domínio sobre si mesmo, é um dique contra o qual se quebram as cenas femininas; mas, entre duas amigas, há sobreposição de lágrimas e convulsões: sua paciência em remoer censuras e explicações é insaciável. Exigências, recriminações, ciúme, tirania, todas essas pragas da vida conjugal se desencadeiam de forma exasperada. Se tais amores são por vezes tempestuosos é também porque são geralmente mais ameaçados do que os amores heterossexuais. São condenados pela sociedade, mal conseguem integrar-se nela. A mulher que assume a atitude viril — pelo seu caráter, sua situação, a força de sua paixão — lamentará não poder dar a sua amiga uma vida normal e respeitável, não poder desposá-la, de arrastá-la por caminhos insólitos: são os sentimentos que Radcliffe Hall atribui a sua heroína em *Poço de solidão*; esses remorsos traduzem-se por uma ansiedade mórbida e, principalmente por um ciúme torturante. Por seu lado, a amiga, mais passiva ou menos apaixonada, sofrerá em consequência da censura da sociedade; se julgará degradada, pervertida, frustrada, terá rancor contra quem lhe impõe um tal destino. É possível que uma das duas mulheres deseje um filho; ou ela se resigna com tristeza à esterilidade, ou ambas adotam uma criança, ou a que deseja a maternidade pede os serviços de um homem; a criança é por vezes um traço de união, mas também por vezes uma causa de atrito.

O que dá às mulheres encerradas na homossexualidade um caráter viril não é sua vida erótica que, ao contrário, as confina num universo feminino: é o conjunto das responsabilidades que elas são obrigadas a assumir pelo fato de dispensarem homens. Sua situação é inversa à da cortesã que adquire por vezes

um espírito viril à força de conviver com os homens — Ninon de Lenclos, por exemplo —, mas que depende deles. A atmosfera singular reinante em torno das lésbicas provém do contraste entre o clima de gineceu em que se desenrola sua vida privada e a independência masculina de sua vida pública. Conduzem-se como homens em um mundo sem homem. A mulher só apresenta-se sempre como um pouco insólita; não é verdade que os homens respeitem as mulheres: eles se respeitam mutuamente através de suas mulheres — esposas, amantes, teúdas e manteúdas; quando a proteção masculina não se projeta mais sobre ela, a mulher fica desarmada em face de uma casta superior que se mostra agressiva, debochada ou hostil. Como "perversão erótica", a homossexualidade feminina mais faz sorrir do que outra coisa; mas se implica um modo de vida, suscita desprezo ou escândalo. Se há muita provocação e afetação na atitude das lésbicas, é porque elas não têm nenhum meio de viver sua situação com naturalidade: a naturalidade implica não refletir sobre si mesmo, agir sem representar seus atos; mas as condutas de outrem levam sem cessar a lésbica a tomar consciência de si. Somente sendo bastante idosa ou dotada de grande prestígio social é que ela pode seguir o seu caminho com uma indiferença tranquila.

É difícil decretar, por exemplo, se é por gosto ou reação de defesa que tão frequentemente ela se veste de maneira masculina. Há certamente nisso, em boa parte, uma escolha espontânea. Nada é menos *natural* do que se vestir como mulher; provavelmente, a roupa masculina é também artificial, mas é mais cômoda e mais simples, favorece a ação ao invés de a entravar; George Sand, Isabel Eberhardt usavam roupas de homem; Thyde Monnier em seu último livro[335] fala de sua predileção pelas calças; toda mulher ativa gosta de saltos baixos, de tecidos grossos. O sentido da toalete feminina é evidente: trata-se de se "enfeitar" e enfeitar-se é se oferecer; as feministas heterossexuais mostraram-se outrora tão intransigentes a esse respeito quanto as lésbicas: recusavam-se a fazer de si mesmas uma mercadoria que se exibe, adotavam *tailleurs* e chapéus de feltro sem adornos; os vestidos enfeitados, decotados, pareciam-lhes o símbolo da ordem social que combatiam. Hoje, elas conseguiram dominar a realidade e o símbolo tem a seus olhos menor importância. Ele a conserva para a lésbica na medida em que esta se sente ainda com reivindicações a fazer. Ocorre também — quando particularidades físicas lhe motivam a vocação — que as roupas austeras lhe assentem melhor. Cumpre acrescentar que um dos papéis desempenhados pelo adorno é satisfazer a sensualidade preênsil da mulher; mas a lésbica desdenha o consolo dos veludos, da seda; como Sandor,

ela os apreciará em suas amigas, ou o próprio corpo delas os substituirá. É também por essa razão que a lésbica gosta muitas vezes de bebidas fortes, de fumos fortes, de usar uma linguagem rude, de impor a si mesma exercícios violentos: eroticamente ela partilha a doçura feminina, mas ama, por contraste, um clima sem pieguismos. Por esse expediente pode ser levada a comprazer-se na companhia dos homens. Mas aqui um novo fator intervém: a relação muitas vezes ambígua que mantém com eles. Uma mulher muito convencida de sua virilidade apenas desejará homens como amigos e camaradas: essa segurança quase só se encontra naquela que tem interesses comuns com eles, que — nos negócios, na ação ou na arte — trabalha e vence como um deles. Gertrude Stein, quando recebia os amigos, só conversava com os homens e deixava a Alice Toklas o cuidado de entreter as mulheres.[336] É com as mulheres que a homossexual muito viril terá uma atitude ambivalente: despreza-as, mas tem diante delas um complexo de inferioridade como mulher e como homem; receia aparecer-lhes como uma mulher falhada, um homem inacabado, o que a leva a exibir uma superioridade altiva ou a manifestar contra elas — como a travestida de Stekel — uma agressividade sádica. Mas este caso é bastante raro. Vimos que em sua maioria as lésbicas recusam o homem com reticência: há nelas, como na mulher frígida, nojo, rancor, timidez, orgulho; elas não se sentem realmente iguais a ele; a seu rancor feminino acrescenta-se um complexo de inferioridade viril: o homem é um rival mais bem armado para seduzir, para possuir e conservar a presa; elas detestam seu poder sobre as mulheres, detestam a "mácula" que o macho impõe à mulher. Irritam-se ao vê-lo deter os privilégios sociais e ao senti-lo mais forte do que elas: é uma humilhação pungente não poder lutar com um rival, saber que ele é capaz de a esmagar com um soco. Essa complexa hostilidade é uma das razões que levam certas homossexuais a se exibirem; só entre si mantêm relações, organizam espécies de clubes para mostrar que não têm necessidade social nem sexual de homens. Passam desse modo facilmente a fanfarronadas inúteis e a todas as comédias da inautenticidade. A lésbica representa primeiramente o papel de homem; posteriormente, ser lésbica já se torna um jogo; o disfarce transforma-se em sinal de submissão e a mulher, a pretexto de subtrair-se à opressão do homem, faz-se escrava de seu personagem; não quis encerrar-se na situação de mulher, torna-se prisioneira da de lésbica. Nada dá pior impressão de estreiteza de espírito e de mutilação do que esses clãs de mulheres libertas. Cumpre acrescentar que muitas mulheres só se declaram homossexuais por complacência interessada: por isso mesmo adotam mais conscientemente

atitudes equívocas, esperando além disso excitar os homens que gostam de "viciosas". Essas que tamanho zelo mostram — e são evidentemente as que mais despertam a atenção — contribuem para lançar o descrédito sobre o que a opinião encara como um vício ou uma atitude.

Na realidade, a homossexualidade não é nem uma perversão deliberada nem uma maldição fatal.[337] É uma atitude *escolhida em situação*, isto é, a um tempo motivada e livremente adotada. Nenhum dos fatores que o sujeito assume com essa escolha — dados fisiológicos, história psicológica, circunstâncias sociais — é determinante, embora todos contribuam para explicá-la. É para a mulher uma maneira, entre outras, de resolver os problemas postos por sua condição em geral, por sua situação erótica em particular. Como todas as condutas humanas, ela acarretará comédias, desequilíbrio, fracasso, mentira ou, ao contrário, será fonte de experiências fecundas, segundo seja vivida na má-fé, na preguiça, na inautenticidade ou na lucidez, na generosidade e na liberdade.

segunda parte

Situação

1/A mulher casada

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não sê-lo. É em relação ao casamento que se define a celibatária, sinta-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição. É, portanto, pela análise do casamento que nos cumpre continuar este estudo.

A evolução econômica da condição feminina está modificando profundamente a instituição do casamento: este vem se tornando uma união livremente consentida por duas individualidades autônomas; as obrigações dos cônjuges são recíprocas e pessoais; o adultério é para as duas partes uma denúncia do contrato; o divórcio pode ser obtido por uma ou outra das partes em idênticas condições. A mulher não se acha mais confinada na sua função reprodutora: esta perdeu em grande parte seu caráter de servidão natural, apresenta-se como um encargo voluntariamente assumido;[338] e é assimilado a um trabalho produtivo porquanto, em muitos casos, o tempo de descanso exigido pela gravidez deve ser pago à mãe pelo Estado ou pelo empregador. Na União Soviética, o casamento foi considerado durante alguns anos como um contrato interindividual, assentado unicamente na liberdade dos cônjuges; parece que é hoje um serviço que o Estado impõe a ambos. A vitória de uma ou outra tendência dependerá da estrutura geral da sociedade no mundo de amanhã: em todo caso, a tutela masculina vai desaparecendo. Contudo, a época em que vivemos é ainda, do ponto de vista feminista, um período de transição. Uma parte somente das mulheres participa da produção, e mesmo essa parte pertence a uma sociedade em que antigas estruturas e valores sobrevivem. O casamento moderno *só* se compreende à luz do passado que ele perpetua.

O casamento sempre se apresentou de maneira radicalmente diferente para o homem e para a mulher. Ambos os sexos são necessários um ao outro, mas essa necessidade nunca engendrou nenhuma reciprocidade; nunca as mulheres constituíram uma casta estabelecendo permutas e contratos em pé de igualdade com a casta masculina. Socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo; ele é encarado antes de tudo como produtor e sua existência justifica-se pelo trabalho que fornece à coletividade. Vimos[339] por que razões o papel de reprodutora e doméstica em que se confinou a mulher não lhe assegurou igual dignidade. Certamente o homem precisa dela; em certos povos primitivos o celibatário, incapaz de assegurar sozinho sua subsistência, é uma espécie de pária; nas comunidades agrícolas uma colaboradora é indispensável ao camponês e para a maioria dos homens é vantajoso aliviar-se de certas tarefas na companheira; o indivíduo almeja uma vida sexual estável, deseja uma posteridade e a sociedade exige dele que contribua para perpetuá-la. Mas não é à mulher ela própria que o homem dirige um apelo: é a sociedade dos homens que permite a cada um de seus membros realizar-se como esposo e como pai; integrada como escrava ou vassala nos grupos familiares dominados por pais e irmãos, a mulher sempre foi dada em casamento a certos homens por outros homens. Primitivamente, o clã, a *gens* paterna dela dispõem mais ou menos como de uma coisa: ela faz parte das prestações que dois grupos se outorgam mutuamente; sua condição não se modificou profundamente quando o casamento em sua evolução se revestiu de uma forma contratual; dotada ou recebendo parte da herança, a mulher se apresenta como uma pessoa civil: mas dote e herança escravizam-na ainda à sua família,[340] durante muito tempo os contratos foram assinados entre o sogro e o genro, não entre o marido e a mulher; só a viúva goza então de uma autonomia econômica.[341] A liberdade de escolha da jovem sempre foi muito restrita; e o celibato — salvo em casos excepcionais em que se reveste de caráter sagrado — a rebaixa ao nível do parasita e do pária; o casamento é seu ganha-pão e a única justificativa social de sua existência. É a ela imposto a duplo título: ela deve dar filhos à comunidade; mas raros são os casos em que — como em Esparta e, até certo ponto, no regime nazista — o Estado a coloca diretamente sob tutela e só lhe pede que seja mãe. Mesmo as civilizações que ignoram o papel gerador do pai exigem que ela fique sob a proteção de um marido; ela tem também por função satisfazer as necessidades sexuais de um homem e tomar conta do lar. O encargo que a sociedade impõe à mulher é considerado como um *serviço* prestado ao esposo: em consequência, ele deve à

esposa presentes ou uma herança e compromete-se a sustentá-la; é por seu intermédio que a sociedade se desobriga em relação à mulher que lhe entrega. Os direitos que a esposa adquire cumprindo seus deveres traduzem-se por obrigações a que o homem se submete. Ele não pode desfazer a seu bel-prazer o laço conjugal; só se obtêm repúdio e divórcio mediante uma decisão dos poderes públicos e às vezes o marido deve então uma compensação monetária: esse costume tornou-se mesmo abusivo no Egito de Bocchóris, como hoje nos Estados Unidos sob a forma do *alimony.* A poligamia sempre foi mais ou menos abertamente tolerada: o homem pode trazer para seu leito escravas, concubinas, amantes, prostitutas; mas é determinado a ele que respeite certos privilégios da mulher legítima. Essa, se maltratada ou lesada, tem o recurso — mais ou menos concretamente garantido — de voltar para sua família, de obter por seu lado separação ou divórcio. Assim, para ambos os cônjuges, o casamento é a um tempo um encargo e um benefício, mas não há simetria nas situações; para as jovens, o casamento é o único meio de se integrarem na coletividade e, se ficam solteiras, tornam-se socialmente resíduos. Eis por que as mães sempre procuraram tão avidamente casá-las. Na burguesia do século XIX mal as consultavam. Eram oferecidas aos pretendentes eventuais em "entrevistas" combinadas de antemão. Zola descreve esse costume em *Pot-Bouille.*

— Falhou, falhou — disse a sra. Josserand deixando-se cair na cadeira.

— Ah! — disse simplesmente o sr. Josserand.

— Mas vocês não estão compreendendo — continuou a sra. Josserand com uma voz aguda —, estou dizendo que é mais um casamento jogado fora, e é o quarto que falha!

Estás ouvindo? — continuou a sra. Josserand caminhando para a filha. — Como fizeste para perder mais este casamento?

Berthe compreendeu que sua vez tinha chegado.

— Não sei, mamãe — murmurou.

— Um subchefe de escritório — continuava a mãe —; não tem trinta anos e tem um futuro magnífico. Todos os meses trazendo seu dinheiro; isto é que é sólido, não há outra coisa... Fizeste de novo alguma tolice, como com os outros?

— Garanto que não, mamãe.

— Vocês entraram dançando na saleta?

Berthe perturbou-se:

— É, mamãe... E como estávamos sozinhos ele quis coisas feias, beijou-me pegando-me assim. Então tive medo, empurrei-o de encontro a um móvel.

A mãe interrompeu-a enfurecida:

— De encontro a um móvel! Ah! infeliz, de encontro a um móvel!

— Mas, mamãe, ele me segurava.

— E depois? Ele te segurava... grande coisa! E ponha-se uma tola dessas interna num colégio! O que é que lhe ensinam, hein?... Por causa de um beijo atrás da porta! E, na realidade, você devia falar disso a nós, seus pais? E ainda empurra as pessoas de encontro a um móvel, e perde todos os casamentos!

Assumiu um tom doutoral e continuou:

— Está acabado, eu desespero, você é estúpida, minha filha... Uma vez que não tem fortuna, compreenda que precisa pegar os homens por outra coisa. A gente tem que ser amável, olhar com ternura, esquecer a mão na mão, permitir pequenas criancices como sem o perceber; pesca-se um marido, afinal... E o que me irrita é que ela não é lá tão feia quando quer — acrescentou a sra. Josserand. — Vamos, enxugue os olhos, olhe para mim como se eu fosse um senhor cortejando você. Está vendo, vai deixar cair o leque para que ele ao erguê-lo, toque em seus dedos... E não fique dura, seja mais desembaraçada. Os homens não gostam de pedaços de pau. E principalmente se eles forem longe demais não se faça de ingênua. Um homem que vai longe demais já está inflamado, minha cara.

Duas horas soavam na pêndula do salão; e na excitação daquela vigília prolongada, em seu desejo furioso de um casamento imediato, a mãe perdia-se a pensar em voz alta, virando e revirando a filha como uma boneca de papelão. Esta, mole, sem vontade, abandonava-se, mas tinha o coração triste, medo e vergonha punham-lhe um nó na garganta...

A jovem apresenta-se, pois, como absolutamente passiva; ela é *casada*, *dada* em casamento pelos pais. Os rapazes *casam-se*, *resolvem* casar. Buscam no casamento uma expansão, uma confirmação de sua existência, mas não o direito mesmo de existir: é um encargo que assumem livremente. Podem, portanto, interrogar-se acerca de suas vantagens e inconvenientes como fizeram os satíricos gregos e os da Idade Média; isso é para eles um modo de vida apenas, não um destino. É permitido a eles preferir a solidão do celibato, alguns casam-se tarde ou não se casam.

A mulher, casando, recebe como feudo uma parcela do mundo; garantias legais a protegem contra os caprichos do homem; mas ela torna-se vassala dele. Economicamente ele é o chefe da comunidade, é portanto ele quem a encarna aos olhos da sociedade. Ela toma-lhe o nome, associa-se a seu culto, integra-se em sua classe, em seu meio; pertence à família dele, fica sendo sua "metade". Segue para onde o trabalho dele a chama; é essencialmente de acordo com o lugar em que ele trabalha que se fixa o domicílio conjugal; mais ou menos brutalmente ela rompe com o passado, é anexada ao universo do esposo, dá a ele sua pessoa, deve a ele a virgindade e uma fidelidade rigorosa. E perde uma parte dos direitos que o código reconhece à celibatária. A legislação romana colocava a mulher nas mãos do marido *loco filiae*; no início do século XIX, Bonald declarava que a mulher está para o esposo como o filho para a mãe; até a lei de 1942, o código francês reclamava dela

obediência ao marido; a lei e os costumes ainda conferem a este uma grande autoridade que sua própria situação no seio da sociedade conjugal implica. Sendo ele o produtor, é quem supera o interesse da família em prol da sociedade e lhe abre um futuro cooperando para a edificação do futuro coletivo: ele é quem encarna a transcendência. A mulher está votada à perpetuação da espécie e à manutenção do lar, isto é, à imanência.[342] Em verdade, toda existência humana é transcendência e imanência a um só tempo: para se ultrapassar é forçoso se manter, para se lançar no futuro cumpre-lhe integrar o passado e, comunicando-se com outrem, deve confirmar-se em si mesma. Estes dois momentos estão implicados em todo movimento vivo: *ao homem*, o casamento outorga precisamente a síntese feliz; em seu ofício, em sua vida política, ele conhece o progresso, a mudança, experimenta a dispersão através do tempo e do Universo; e quando se cansa desse vagabundear, funda um lar, fixa-se, ancora no mundo; à noite, retorna ao lar, onde a mulher cuida dos móveis e dos filhos, do passado que ela armazena. Mas esta não tem outra tarefa senão a de manter e sustentar a vida em sua pura e idêntica generalidade; ela perpetua a espécie imutável, assegura o ritmo igual dos dias e a permanência do lar cujas portas conserva fechadas; não lhe dão nenhuma possibilidade de influir no futuro nem no Universo; ela só se ultrapassa para a coletividade por intermédio do esposo.

Hoje o casamento conserva em grande parte esse aspecto tradicional. E, antes de tudo, impõe-se muito mais imperiosamente à jovem do que ao jovem. Há ainda importantes camadas sociais em que nenhuma outra perspectiva se propõe a ela; entre os camponeses a celibatária é um pária; fica sendo a serva do pai, dos irmãos, do cunhado; o êxodo para as cidades não está a seu alcance; o casamento, escravizando-a a um homem, faz dela dona de um lar. Em certos meios burgueses ainda se deixa a moça na incapacidade de ganhar a vida; ela só pode vegetar como um parasita no lar paterno ou aceitar uma posição subalterna em algum lar estranho. Mesmo nos casos em que ela é mais emancipada, o privilégio econômico detido pelos homens a incita a preferir o casamento a um ofício: ela procurará um marido de situação superior à sua, esperando que ele "vença" mais depressa, vá mais longe do que ela seria capaz. Admite-se, como outrora, que o ato de amor é, da parte da mulher, um *serviço* que presta ao homem; ele *toma* seu prazer e deve em troca alguma compensação. O corpo da mulher é um objeto que se compra; para ela, representa um capital que ela é autorizada a explorar. Por vezes ela traz um dote ao esposo, muitas vezes compromete-se a fornecer algum trabalho doméstico: cuidará da casa, educará os filhos. Em todo caso tem o direito de ser

sustentada e a própria moral tradicional a exorta a isso. É natural que seja tentada por essa facilidade, ainda mais porque os trabalhos femininos são muitas vezes ingratos e mal remunerados; o casamento é uma carreira mais vantajosa do que muitas outras. Os costumes tornam ainda difícil a libertação sexual da mulher solteira; na França, o adultério da esposa constituiu até os nossos dias um delito, enquanto nenhuma lei proibia o amor livre à mulher; entretanto, se quisesse ter um amante, era necessário que se casasse antes. Muitas jovens burguesas severamente educadas casam-se ainda hoje para "serem livres". Numerosas norte-americanas conquistaram sua liberdade sexual, mas suas experiências assemelham-se às dos jovens primitivos descritos por Malinowsky, que gozam na *Casa dos celibatários* prazeres sem consequências; espera-se deles que se casem, e é somente então que são encarados como adultos. Uma mulher só, na América do Norte mais ainda do que na França, é um ser socialmente incompleto, ainda que ganhe sua vida; cumpre que traga uma aliança no dedo para que conquiste a dignidade integral de uma pessoa e a plenitude de seus direitos. A maternidade, em particular, só é respeitada na mulher casada; a mãe solteira permanece um objeto de escândalo e o filho é para ela um pesado *handicap.* Por todas essas razões, muitas adolescentes do Velho e do Novo Mundo, interrogadas acerca de seus projetos futuros, respondem hoje como o teriam feito outrora: "Quero me casar." Nenhum jovem, entretanto, considera o casamento seu projeto fundamental. O êxito econômico é que dará sua dignidade de adulto: pode implicar o casamento — em particular para o camponês —, mas pode também excluí-lo. As condições da vida moderna — mais instável, mais incerta do que outrora — tornam os encargos do casamento singularmente pesados ao jovem; os benefícios, ao contrário, diminuíram, pois ele pode sustentar-se a si próprio e as satisfações sexuais lhe são em geral possíveis. Sem dúvida, o casamento comporta comodidades materiais ("come-se melhor em casa do que no restaurante"), comodidades eróticas ("dessa maneira tem-se o bordel em casa"), liberta o indivíduo de sua solidão, fixa-o no espaço e no tempo, dando a ele um lar e filhos; é uma realização definitiva de sua existência. Isso não impede que em conjunto os pedidos masculinos sejam inferiores às ofertas femininas. O pai dá menos a filha do que dela se livra; a jovem que procura um marido não atende a um apelo masculino: provoca-o.

Os casamentos combinados pelos pais não desapareceram: há toda uma burguesia bem-pensante que os perpetua. Ao lado do túmulo de Napoleão, na *Opéra*, no baile, na praia, num chá, a aspirante de cabelos recém-penteados, vestida com um vestido novo, exibe timidamente suas graças físicas e sua conversação

modesta; seus pais não a deixam em paz: "Já me custaste bastante caro com estas entrevistas, resolve logo. A próxima vez será a vez de tua irmã." A infeliz candidata sabe que suas possibilidades diminuem à medida que se faz mais madura; os pretendentes não são numerosos, ela não tem muito mais liberdade de escolha do que a jovem beduína que é trocada por um rebanho de ovelhas. Como diz Colette:[343] "uma jovem sem fortuna e sem profissão e que vive à custa de seus irmãos tem apenas que se calar, aceitar a sorte e agradecer a Deus."

De maneira menos crua, a vida mundana permite que os jovens se encontrem sob os olhares vigilantes das mães. Um pouco mais livres, as jovens multiplicam as saídas, frequentam as faculdades, aprendem uma profissão que lhes dá a oportunidade de conhecer homens. Uma pesquisa foi realizada entre 1945 e 1947 no seio da burguesia belga por Mme Claire Leplae acerca do problema da escolha matrimonial.[344] A autora procedeu por entrevistas; citarei algumas das perguntas que apresentou e as respostas obtidas.

P.: *São frequentes os casamentos combinados pelos pais?*
R.: Não há mais casamentos combinados (51%).
São muito raros, 1% no máximo (16%).
De 1 a 3% dos casamentos são combinados (28%).
De 5 a 10% dos casamentos são combinados (5%).

As pessoas interessadas assinalam que os casamentos combinados pelos pais, numerosos antes de 1945, quase acabaram. Entretanto, "o interesse, a ausência de relações, a timidez, a idade, o desejo de realizar uma boa união são os motivos de alguns casamentos combinados". Tais casamentos são frequentemente arranjados por padres; por vezes também a jovem casa-se por correspondência. Fazem elas próprias seu retrato por escrito, o qual é transcrito numa folha especial com um número e que é enviada a todas as pessoas que nela se descrevem. Tal folha comporta cerca de duzentas candidatas ao casamento e um número mais ou menos igual de candidatos. Estes também fizeram seu próprio retrato. Todos podem livremente escolher um correspondente a quem escrevem por intermédio da instituição.

P.: *Em que circunstâncias puderam os jovens tornar-se noivos nestes últimos dez anos?*
R.: Em reuniões mundanas (48%).
Estudos, obras realizadas em comum (22%).
Reuniões íntimas, temporadas (30%).

Todos concordam que "os casamentos entre amigos de infância são muito raros. O amor nasce do imprevisto".

P.: *Desempenha o dinheiro papel primordial na escolha da pessoa que se desposa?*
R.: 30% dos casamentos não passam de um negócio (48%).
50% dos casamentos não passam de um negócio (35%).
70% dos casamentos não passam de um negócio (17%).

P.: *Pensam os pais avidamente em casar as filhas?*

R.: Os pais pensam avidamente em casar as filhas (58%).

Os pais desejam casar as filhas (24%).

Os pais gostariam de conservar as filhas consigo (18%).

P.: *Pensam as moças avidamente em se casar?*

R.: As moças pensam avidamente em se casar (36%).

As moças desejam se casar (38%).

As moças preferem não se casar a casar mal (26%).

"As moças assaltam os rapazes. As moças casam-se com o primeiro que aparece para ter uma situação. Todas esperam casar-se e esforçam-se para o conseguir. É humilhante para uma moça não ser procurada: para escapar dessa humilhação casam-se muitas vezes com o primeiro que surge. As moças casam-se por casar. As moças casam-se para serem casadas. As moças têm pressa em arranjar marido porque o casamento lhes assegura maior liberdade." Neste ponto quase todos os testemunhos concordam.

P.: *São as moças mais ativas do que os rapazes na procura do casamento?*

R.: As moças declaram seus sentimentos aos rapazes e pedem a eles que as desposem (43%).

As moças são mais ativas que os rapazes na procura do casamento (43%).

As moças são discretas (14%).

Em relação a este ponto igualmente há quase unanimidade: são as moças que em geral tomam a iniciativa do casamento. "As moças dão-se conta de que não adquiriram com que se arranjar na vida; não sabendo como poderiam trabalhar para ter com que viver, procuram no casamento uma tábua de salvação. As moças fazem declarações, jogam-se em cima dos homens. São terríveis! A moça tudo faz para se casar... é a mulher que procura o homem etc."

Não existe documento semelhante no que concerne à França; mas, sendo a situação da burguesia análoga na França e na Bélgica, se chegaria sem dúvida a conclusões próximas. Os casamentos "combinados" sempre foram mais numerosos na França do que em qualquer outro país, e o famoso *Club des lisérés verts* (Clube das listas verdes), cujos aderentes se encontram em festas destinadas a facilitar a aproximação entre os dois sexos, prospera ainda. Os anúncios matrimoniais ocupam compridas colunas em numerosos jornais.

Na França, como na América do Norte, as mães, as irmãs mais velhas, os hebdomadários femininos ensinam com cinismo às moças a arte de "pegar" um marido como o papel de pegar moscas pega moscas; é uma "pesca", uma "caça" que exige muito tato: não visem nem alto nem baixo demais; não sejam romanescas e sim realistas; misturem o coquetismo com a modéstia; não peçam nem de mais nem de menos... Os jovens desconfiam das mulheres "que

querem casar". Um jovem belga declara:[345] "Não há nada mais desagradável para um homem do que se sentir perseguido, do que perceber que uma mulher procura agarrá-lo." Eles se esforçam por não cair em armadilhas. A escolha da moça é no mais das vezes muito limitada; só seria realmente livre se ela se julgasse igualmente livre de não se casar. Há em geral em sua decisão, cálculo, nojo, resignação mais do que entusiasmo. "Se o jovem que a pede em casamento lhe convém mais ou menos (meio social, saúde, carreira), ela o aceita sem o amar. Ela o aceita até com restrições e conserva a cabeça fria."

Entretanto, ao mesmo tempo que o deseja, a moça teme o casamento. Este representa um benefício mais considerável para ela do que para o homem, e eis por que o deseja avidamente; mas exige também pesados sacrifícios: em particular implica uma ruptura muito mais brutal com o passado. Vimos que muitas adolescentes se sentiam angustiadas à ideia de deixar o lar paterno: quando o acontecimento se aproxima essa ansiedade exaspera-se. É nesse momento que nascem muitas neuroses; estas ocorrem também em rapazes que se assustam com as novas responsabilidades que assumem, mas são mais comuns nas moças pelas razões que já analisamos e que pesam sobremodo nessa crise. Citarei apenas um exemplo que tomo de empréstimo de Stekel. Teve que tratar de uma jovem de boa família que apresentava vários sintomas neuróticos.

> No momento em que Stekel a conhece, ela sofre de vômitos, toma morfina todas as noites, tem acessos de cólera, recusa-se a se lavar, come na cama, fica trancada no quarto. Está noiva e afirma adorar o noivo. Confessa a Stekel que se entregou a ele... Mais tarde diz que não teve nenhum prazer: que conservou mesmo dos beijos dele uma recordação repugnante e nisso se encontra a causa dos vômitos. Descobre-se que, com efeito, ela se entregou para punir a mãe porque não se sentia suficientemente querida; em criança, espiava os pais durante a noite porque tinha medo de que lhe dessem um irmão ou uma irmã; adorava a mãe. "E agora teria que casar, deixar a casa paterna, abandonar o quarto de dormir de seus pais? Era impossível." Ela procura engordar, arranha e estraga as mãos, fica doente, tenta ofender o noivo de todos os modos. O médico a cura, mas ela suplica à mãe que renuncie à ideia de casamento: "Queria ficar em casa sempre, para continuar filha." A mãe insistia para que se casasse. Uma semana antes do dia do casamento encontraram-na morta na cama: matara-se com um tiro de revólver.

Em outros casos, a jovem obstina-se numa prolongada enfermidade: desespera-se porque seu estado não lhe permite desposar o homem "que adora"; na verdade fica doente para não o desposar e só reencontra o equilíbrio rompendo o noivado. Por vezes o medo do casamento vem do fato de a moça ter tido anteriormente experiências eróticas que a marcaram; em

particular pode recear que se descubra a perda da virgindade. Mas, muitas vezes, é um sentimento ardente pelo pai, pela mãe, pela irmã, ou o apego ao lar que lhe torna insuportável a ideia de se submeter a um estranho. E muitas das que se decidem — porque é preciso afinal casar, porque os outros fazem pressão, porque elas sabem que é a única solução razoável, porque querem uma existência normal de esposa e mãe — conservam assim mesmo no fundo do coração secretas e opiniáticas resistências que tornam difíceis os primeiros tempos de vida conjugal, que podem até impedi-las de jamais encontrar um equilíbrio feliz no casamento.

Portanto, não é geralmente por amor que se resolvem os casamentos. "O esposo não passa nunca, por assim dizer, de um sucedâneo do homem amado, não é esse homem", diz Freud. Uma tal dissociação nada tem de acidental. Está implicada na própria natureza da instituição. Trata-se de transcender para o interesse coletivo a união econômica e sexual do homem e da mulher, e não de assegurar uma felicidade individual. Nos regimes patriarcais acontecia — acontece ainda hoje entre certos muçulmanos — que os noivos escolhidos pela autoridade dos pais não se tenham sequer visto antes do dia do casamento. Não se trataria de basear a empresa de uma vida, considerada sob seu aspecto social, num capricho sentimental ou erótico.

> Neste discreto estado, diz Montaigne, não são tão ardorosos os apetites, antes são calmos e atenuados. O amor não quer que se leve em conta senão a si próprio nem que se acheguem a eles as ligações que se mantêm por outros motivos, como o casamento: neste a aliança e os recursos pesam tanto ou mais do que as graças e a beleza. Não se casa para si como principalmente para a posteridade, para a família (Livro III, cap. V).

O homem, pelo fato de ser quem "toma" a mulher — sobretudo sendo numerosas as solicitações femininas —, tem maior possibilidade de escolha. Mas como o ato sexual é considerado um *serviço* imposto à mulher e no qual se baseiam as vantagens que lhe são concedidas, é lógico que não se dê importância a suas preferências singulares. O casamento é destinado a defendê-la contra a liberdade do homem: mas como não há nem amor nem individualidade fora da liberdade, a fim de se assegurar para sempre a proteção de um macho, ela deve renunciar ao amor de um indivíduo singular. Ouvi uma mãe devota ensinar às filhas que "o amor é um sentimento grosseiro reservado aos homens e que as mulheres decentes não devem conhecer". Era, numa forma ingênua, a própria doutrina que Hegel enuncia na *Fenomenologia do espírito* (t. II, p. 25):

> Mas as relações de *mãe* e *esposa* têm a singularidade, em parte como alguma coisa de natural que pertence ao prazer, em parte como alguma coisa de negativo que nelas contempla simplesmente seu próprio desaparecimento; é exatamente por isso que em parte também essa singularidade é alguma coisa de contingente que pode sempre ser substituída por outra singularidade. No fundo do reinado erótico, não se trata deste marido e sim de um marido em geral, de filhos em geral. *Não é na sensibilidade mas sim no universal que assentam essas relações* da mulher. A distinção entre a vida ética da mulher e a vida ética do homem consiste exatamente no fato de que a mulher, em sua distinção pela singularidade e em seu prazer, permanece imediatamente universal e estranha à singularidade do desejo. Ao contrário, no homem, esses dois lados separam-se um do outro, e como o homem possui como cidadão a força consciente de si e a *universalidade*, adquire o direito do *desejo* preservando ao mesmo tempo sua liberdade em relação a esse desejo. Assim, se a essa relação da mulher se mistura a singularidade, seu caráter ético não é puro; mas na medida em que esse caráter ético assim é, a singularidade é indiferente e a mulher é privada do reconhecimento de si, como este si em um outro.

Isso equivale a dizer que não se trata absolutamente para a mulher de basear em sua singularidade relações com um esposo de eleição, mas sim de justificar em sua generalidade o exercício de suas funções femininas; ela só deve conhecer o prazer de uma forma específica e não individualizada; disso resultam duas consequências essenciais tocantes a seu destino erótico: primeiramente não tem ela direito a nenhuma atividade sexual fora do casamento; o comércio carnal tornando-se uma instituição para ambos os esposos, desejo e prazer são ultrapassados no sentido do interesse social; mas o homem, transcendendo-se para o universal como trabalhador e cidadão, pode gozar antes das núpcias e à margem da vida conjugal prazeres contingentes: encontra, em todo caso, sua salvação por outros caminhos; ao passo que, num mundo em que a mulher é essencialmente definida como fêmea, é necessário que seja integralmente justificada enquanto fêmea. Por outro lado, vimos que a ligação do geral e do singular é biologicamente diferente no macho e na fêmea: cumprindo sua tarefa específica de esposo e reprodutor, o primeiro encontra certamente seu prazer;[346] ao contrário, há muitas vezes na mulher dissociação entre a função genital e a volúpia. De modo que, pretendendo dar à vida erótica uma dignidade ética, o casamento, na verdade, se propõe a suprimi-la.

Essa frustração sexual da mulher foi deliberadamente aceita pelos homens; vimos que eles se apoiavam num naturalismo otimista para resignar-se facilmente aos sofrimentos dela: é seu quinhão; a maldição bíblica confirma-os nessa opinião cômoda. As dores da gravidez — esse pesado sacrifício exigido da mulher em troca de um rápido e incerto prazer — chegaram a ser o tema de muitas piadas. “Cinco minutos de prazer, nove meses de desgraça... Entra

mais facilmente do que sai." Esse contraste frequentemente os divertiu. Entra nessa filosofia algo de sádico: muitos homens se alegram com a miséria feminina e não aceitam a ideia de que se queira atenuá-la.[347] Compreende-se, portanto, que os homens não tenham tido nenhum escrúpulo em negar a sua companheira a felicidade sexual; pareceu a eles até vantajoso recusar-lhe, com a autonomia do prazer, as tentações do desejo.[348]

É o que exprime Montaigne com um cinismo delicioso:

> É por isso uma espécie de incesto empregar nesse parentesco venerável e sagrado os esforços e as extravagâncias da licença amorosa; é preciso, diz Aristóteles, "tocar prudente e austeramente na mulher, de medo de que, excitando-a demasiado lascivamente, o prazer a faça perder a cabeça..." Não sei de casamentos que malogram mais depressa e se perturbem do que os que são ditados pela beleza e os desejos amorosos: exigem bases mais sólidas e constantes, e cuidados; uma brilhante alegria não dá certo... Um bom casamento, se é que os há, recusa a companhia e a condição do amor (Livro III, cap. V).

E diz também (Livro I, cap. XXX):

> Os próprios prazeres que têm com suas mulheres são reprovados se não observam neles alguma moderação; e que há razão para cair em licença e dissolução como em coisa ilegítima. Esses entusiasmos desavergonhados que a chama primeira nos sugere nesse ato são não apenas indecentes, como também prejudicialmente empregados com nossas mulheres. Que pelo menos aprendam a impudência de outra maneira. Para nossas necessidades já se acham bastante despertadas... O casamento é uma ligação religiosa e piedosa; eis por que o prazer que dele se tira deve ser um prazer contido, sério e acrescido de alguma austeridade; deve ser uma volúpia absolutamente prudente e conscienciosa.

Efetivamente, se o marido desperta a sensualidade feminina, ele a desperta em sua generalidade, posto que não foi escolhido particularmente; ele predispõe a esposa a procurar o prazer em outros braços; acariciar bem demais uma mulher, diz ainda Montaigne, é "cagar no cesto para depois colocá-lo sobre a própria cabeça". Ele reconhece de resto, com boa-fé, que a prudência masculina coloca a mulher numa situação bastante ingrata.

> As mulheres não estão inteiramente erradas quando recusam as regras de vida introduzidas no mundo; ainda mais porque são os homens que as fizeram sem elas. Há naturalmente dissensões e disputas entre elas e nós. Nós a tratamos inconsideradamente porque depois de sabermos que são de longe mais capazes e mais ardentes no amor do que nós... fomos dar a elas a continência como quinhão peculiar e sob penas terríveis e extremas... Nós as queremos sadias, vigorosas, bem tratadas e nutridas e castas ao mesmo tempo, isto é, quentes e frias; pois o casamento que dizemos ter por fim impedi-las de se consumirem em chamas, lhes traz bem pouco alívio, de acordo com nossos costumes.

Proudhon tem menos escrúpulos: afastar o amor do casamento é, a seu ver, conforme à "justiça":

> O amor deve ser afogado na justiça... toda conversação amorosa, mesmo entre noivos, ou entre esposos, é inconveniente, destruidora do respeito doméstico, do amor ao trabalho e da prática do dever social... (uma vez realizado o ato do amor) devemos afastá-lo como o pastor que, depois de ter feito coalhar o leite, retira-lhe o soro.

Entretanto, durante o século XIX, as concepções da burguesia modificaram-se um pouco; ela se esforçava ardentemente por defender e sustentar o casamento; por outro lado, os progressos do individualismo impediam que se pudesse abafar muito simplesmente as reivindicações femininas; Saint-Simon, Fourier, George Sand e todos os românticos tinham proclamado demasiado violentamente o direito ao amor. Admitiu-se o problema de integrar no casamento os sentimentos individuais que até então tinham sido tranquilamente excluídos dele. Foi quando se inventou a noção equívoca de "amor conjugal", fruto milagroso do casamento de conveniência tradicional. Balzac exprime em todas as suas inconsequências as ideias da burguesia conservadora. Ele reconhece que, em princípio, casamento e amor nada têm a ver um com o outro, mas repugna-lhe assimilar uma instituição respeitável a um simples negócio em que a mulher é tratada como coisa; e chega, assim, às incoerências desconcertantes da *Physiologie du mariage*, em que lemos:

> O casamento pode ser considerado política, civil e moralmente como uma lei, como um contrato, como uma instituição... O casamento deve, pois, ser o objeto do respeito geral. A sociedade só pôde considerar essas sumidades que para ela dominam a questão conjugal.
>
> Em sua maioria, os homens só têm em vista, no seu casamento, a reprodução, a propriedade do filho; mas nem a reprodução, nem a propriedade, nem o filho constituem a felicidade. O *crescite et multiplicamini* não implica amor. Pedir a uma moça, que vimos 14 vezes em quinze dias, amor por determinação da lei, do rei e da justiça é um absurdo digno da maioria dos predestinados.

Isso é tão preciso quanto a teoria hegeliana. Mas Balzac acrescenta sem nenhuma transição:

> O amor é a concordância da necessidade com o sentimento e a felicidade no casamento resulta de um entendimento perfeito das almas entre os esposos. Disso decorre que, para ser feliz, um homem é obrigado a se ater a certas regras de honra e de delicadeza. Depois de se ter valido do benefício da lei

social que consagra a necessidade, deve obedecer às leis secretas da natureza que fazem eclodir os sentimentos. Se põe sua felicidade em ser amado, é preciso que ame sinceramente: nada resiste a uma paixão verdadeira. Mas ser apaixonado é desejar sempre. Pode-se desejar sempre a própria mulher?

— Sim.

Em seguida Balzac expõe a ciência do casamento. Mas percebe-se logo que não se trata para o marido de ser amado e sim de não ser enganado. Ele não hesitará em infligir à mulher um regime debilitante, vedando-lhe o acesso a qualquer cultura, embrutecendo-a com o único fim de salvaguardar sua honra. Trata-se ainda de amor? Se quisermos encontrar um sentido nessas ideias brumosas e descosidas, há de parecer que o homem tem o direito de escolher uma mulher com a qual satisfaça seus desejos em sua generalidade, generalidade que é o penhor de sua fidelidade; cabe a ele despertar a seguir o amor da mulher empregando certas receitas. Mas será ele realmente *amoroso* se se casa por sua propriedade, por sua posteridade? E se não o é, como sua paixão poderá ser bastante irresistível para acarretar uma paixão recíproca? E ignorará Balzac realmente que um amor não compartilhado, longe de seduzir inelutavelmente, ao contrário, importuna e repugna? Percebe-se claramente toda a sua má-fé em *Mémoires de deux jeunes Mariées*, romance de tese e por cartas. Louise de Chaulieu pretende alicerçar o casamento no amor: por excesso de paixão mata seu primeiro marido; morre mais tarde em consequência da exaltação ciumenta que experimenta pelo segundo. Renée de l'Estorade sacrificou seus sentimentos à razão, mas as alegrias da maternidade a recompensam suficientemente e ela constrói uma felicidade estável. Indagamos primeiramente que maldição — se não um decreto do próprio autor — proíbe à apaixonada Louise a maternidade que almeja: o amor nunca impediu a concepção; e pensamos, por outro lado, que para aceitar alegremente os carinhos do esposo foi necessário que Renée tenha tido essa "hipocrisia" que Stendhal detestava nas "mulheres decentes". Balzac descreve a noite de núpcias nestes termos:

O animal que chamamos marido, segundo tua expressão, desapareceu, escreve Renée a sua amiga. Vi, não sei em que noite tão agradável, um amante cujas palavras me penetravam a alma e nos braços de quem eu me apoiava com um prazer indizível... A curiosidade despertou em meu coração... Quero que saibas, entretanto, que nada faltou do que o amor mais delicado exige, nem esse imprevisto que é, por assim dizer, a honra desses momentos: as graças misteriosas que nossas imaginações lhe pedem, o arrebatamento que desculpa, o consentimento arrancado, as volúpias ideais de há muito entrevistas e que não subjugam a alma antes que a deixemos cair na realidade, houve todas as seduções com suas formas encantadoras.

Esse belo milagre não deve ter se repetido muitas vezes, porquanto algumas cartas adiante encontramos Renée em lágrimas: "Antes eu era um ser, agora sou uma coisa"; e ela se consola de suas noites de "amor conjugal" lendo Bonald. Mas gostaríamos de saber em virtude de que receita o marido se transformou, no momento mais difícil da iniciação feminina, em um sedutor; as razões que Balzac nos dá em *Physiologie du mariage* são sumárias: "Não inicie nunca o casamento com uma violação", ou vagas: "Aprender com habilidade os matizes do prazer, desenvolvê-los, dar a eles um estilo novo, uma expressão original constituem o gênio do marido." Acrescenta, aliás, de imediato que: "Entre dois seres que não se amam, esse gênio é libertinagem." Ora, precisamente, Renée não ama Louis; e tal qual nos é descrito, de onde lhe vem esse "gênio"? Na verdade, Balzac escamoteou cinicamente o problema. Ignorou o fato de que não há sentimentos neutros e que a ausência de amor, o constrangimento, o tédio engendram menos facilmente uma amizade terna do que o rancor, a impaciência, a hostilidade. Ele é mais sincero em *Le Lys dans la vallée*, e o destino da infeliz Mme de Mortsauf apresenta-se como bem menos edificante.

Reconciliar o casamento com o amor é uma tal façanha que se faz preciso nada menos do que uma intervenção divina para consegui-lo; é a solução a que se atém Kierkegaard através de complicados circunlóquios. Compraz-se em denunciar o paradoxo do casamento:

> Que estranha invenção o casamento! E o que o torna mais estranho ainda é que passa por uma gestão espontânea... E no entanto nenhuma gestão é tão decisiva... Um ato tão decisivo deveria, pois, ser executado espontaneamente.[349]
>
> A dificuldade está no seguinte: o amor e a inclinação amorosa são inteiramente espontâneos, o casamento é uma decisão; entretanto, a inclinação amorosa deve ser despertada pelo casamento ou pela decisão: querer casar-se. Isso quer dizer que o que há de mais espontâneo deve ser ao mesmo tempo a decisão mais livre, e que o que, por causa da espontaneidade, é tão inexplicável, que se deve atribuir a uma divindade, deve ao mesmo tempo ocorrer em virtude de uma reflexão e de uma reflexão tão completa que dela resulta a decisão. Além disso, uma das coisas não deve seguir-se à outra, a decisão não deve chegar por trás, pé ante pé; tudo deve acontecer simultaneamente; as duas coisas devem achar-se reunidas no momento do desfecho.[350]

O que quer dizer que amar não é casar e que é difícil compreender como o amor pode tornar-se um dever. Mas o paradoxo não assusta Kierkegaard: todo

o seu ensaio sobre o casamento é feito para elucidar esse mistério. É verdade que, concorda ele:

> "A reflexão é o anjo exterminador da espontaneidade... Se fosse verdade que a reflexão devesse controlar a inclinação amorosa, nunca haveria casamento." Mas "a decisão é uma nova espontaneidade, obtida através da reflexão, sentida de maneira puramente ideal, espontaneidade que corresponde precisamente à da inclinação amorosa. A decisão é uma concepção religiosa da vida construída sobre dados éticos e deve, por assim dizer, abrir o caminho à inclinação amorosa e garanti-la contra todo perigo exterior ou interior". Eis por que "um verdadeiro esposo é ele próprio um milagre!... Poder reter o prazer do amor enquanto a existência reúne toda a força da seriedade sobre ele e sobre a bem-amada!"

Quanto à mulher, a razão não é seu quinhão, ela não tem "reflexão"; por isso passa "do imediatismo do amor ao imediatismo do religioso". Traduzida em linguagem clara, essa doutrina significa que um homem que ama se decide a casar por um ato de fé em Deus e que lhe deve garantir o acordo do sentimento com o compromisso; e que a mulher, desde que ama, deseja casar. Conheci uma velha senhora católica que, mais ingenuamente, acreditava "no amor sacramental à primeira vista"; afirmava que no momento em que pronunciam o "sim" definitivo diante do altar, os esposos sentem o coração abrasar-se. Kierkegaard, em verdade, diz que anteriormente deve haver "inclinação", mas que esta possa durar toda uma existência não lhe parece menos milagroso.

Entretanto, na França, romancistas e dramaturgos do fim do século XIX, menos confiantes na virtude do sacramento, procuram assegurar a felicidade conjugal por processos mais humanos; mais audaciosamente do que Balzac, encaram a possibilidade de integrar o erotismo no amor legítimo. Porto-Riche afirma, em *Amoureuse,* a incompatibilidade do amor sexual com a vida do lar: o marido, farto dos ardores da mulher, busca a tranquilidade junto de uma amante mais moderada. Mas, por instigação de Paul Hervieu, inscreve-se no código que o "amor" entre esposos é um dever. Marcel Prévost aconselha o jovem esposo a tratar a mulher como uma amante e evoca em termos discretamente libidinosos as volúpias conjugais. Bernstein faz-se o dramaturgo do amor legítimo: ao lado da mulher amoral, mentirosa, sensual, ladra, má, o marido surge como um ser equilibrado, generoso; e adivinha-se nele igualmente um amante potente e hábil. Como reação contra os romances de adultério aparecem numerosas apologias romanescas do casamento. A própria Colette cede ante essa onda moralizadora quando em *L'Ingénue libertine*, depois de ter descrito as cínicas experiências de uma recém-casada, inabilmente deflorada, resolve fazê-la conhecer a volúpia nos

braços do marido. Do mesmo modo, Martin Maurice, em um livro de alguma repercussão, traz a jovem mulher, após breve incursão no leito de um amante hábil, para junto do marido, a quem faz beneficiar-se da experiência. Por outras razões e de outra maneira, os norte-americanos de hoje, que são a um tempo respeitosos da instituição conjugal e individualistas, multiplicam os esforços de integração da sexualidade no casamento. Aparecem anualmente numerosas obras de iniciação na vida conjugal e destinadas a ensinar os cônjuges a se adaptarem um ao outro e, em particular ao homem, a como criar uma harmonia feliz com a mulher. Psicanalistas e médicos desempenham o papel de "conselheiros conjugais"; admite-se que a mulher também tem direito ao prazer e que o homem deve conhecer as técnicas suscetíveis de dar esse prazer. Mas já vimos que o êxito sexual não é unicamente uma questão de técnica. Ainda que o rapaz tenha aprendido de cor vinte manuais tais como *O que todo marido deve saber*, *O segredo da felicidade conjugal*, *O amor sem medo*, não é certo que saberá com isso fazer-se amar por sua jovem esposa. É ao conjunto da situação psicológica que esta reage. O casamento tradicional está longe de criar as condições mais favoráveis ao despertar e ao desabrochar do erotismo feminino.

Outrora, nas comunidades de direito materno, não se exigia a virgindade da jovem esposa; por razões místicas, devia ela até ser deflorada antes da núpcias. Em certas zonas rurais da França, observam-se ainda sobrevivências dessas antigas licenças; não se exige das moças a castidade pré-nupcial; e as jovens que "erraram" — inclusive mães solteiras — encontram às vezes marido mais facilmente do que as outras. Por outro lado, nas esferas em que a emancipação feminina é aceita, reconhece-se às moças a mesma liberdade sexual que se reconhece aos rapazes. Entretanto, a ética paternalista reclama imperiosamente que a noiva seja entregue virgem ao esposo; este quer ter certeza de que ela não traz em si um germe estranho; quer a propriedade integral e exclusiva dessa carne que torna sua;[351] a virgindade adquiriu um valor moral, religioso e místico, e esse valor é ainda geralmente reconhecido hoje. Na França, há regiões em que os amigos do casado ficam atrás da porta do quarto nupcial, riem e cantam até que o esposo venha triunfalmente expor aos olhos deles o lençol manchado de sangue; ou então os pais exibem-no pela manhã às pessoas da vizinhança.[352] Sob uma forma menos brutal, o costume da "noite de núpcias" está ainda muito espalhado. Não é por acaso que isso suscitou toda uma literatura picante: a separação entre o social e o animal engendra necessariamente a obscenidade. Uma moral humanista exige que toda experiência viva tenha um sentido humano, que seja habitada por uma

liberdade; numa vida erótica autenticamente moral, há livre assumpção do desejo e do prazer, ou, pelo menos, luta patética para reconquistar a liberdade no seio da sexualidade: mas isso só é possível se um reconhecimento *singular* do outro se efetuou no amor ou no desejo. Quando a sexualidade não precisa mais ser salva pelo indivíduo, porque é Deus ou a sociedade que pretendem justificá-la, a relação dos dois parceiros é apenas uma relação bestial. Compreende-se que as matronas bem-pensantes falem com repugnância das aventuras da carne: elas as rebaixaram ao nível de funções escatológicas. É por isso também que, nos banquetes nupciais, se ouvem tantos risos licenciosos. Há um paradoxo obsceno na superposição de uma cerimônia pomposa a uma função animal de uma realidade brutal. O casamento expõe sua significação universal e abstrata: um homem e uma mulher unem-se de acordo com ritos simbólicos sob os olhares de todos; mas no segredo do leito são indivíduos concretos e singulares que se enfrentam e todos os olhares se desviam de suas carícias. Colette, assistindo, com a idade de 13 anos, a um casamento de camponeses, ficou muito confusa quando uma amiga a levou para ver o quarto nupcial:

> O quarto do jovem casal... Sob cortinas de algodão barato, a cama estreita e alta de colchão de plumas, cheia de travesseiros de penugem de ganso, a cama onde termina esse dia fumegante de suor, de incenso, de gado, de odores de molhos... Dentro em pouco, os jovens esposos chegarão. Eu não pensara nisso. Mergulharão nesta pluma profunda... Haverá entre eles a luta obscura acerca da qual a candura intrépida de minha mãe e a vida dos bichos ensinaram-me demais e de menos. E depois? Tenho medo deste quarto e deste leito em que não tinha pensado.[353]

No seu desamparo infantil, a menina sentiu o contraste entre o aparato da festa familiar e o mistério animal do grande leito fechado. O lado cômico e licencioso do casamento quase não se descobre nas civilizações que não individualizam a mulher: no Oriente, na Grécia, em Roma; a função animal aí se apresenta tão geral quanto os ritos sociais; mas em nossa época, no Ocidente, homens e mulheres são tomados como indivíduos e os convidados às núpcias escarnecem porque é este homem e é esta mulher que vão consumar, numa experiência bem singular, o ato que se mascara sob os ritos, os discursos e as flores. Há, sem dúvida, também um contraste macabro entre a pompa dos grandes enterros e a podridão do túmulo. Mas o morto não desperta quando o enterram, ao passo que a jovem sente uma terrível surpresa quando descobre a singularidade e a contingência da experiência *real* que a faixa tricolor do prefeito e os órgãos da igreja lhe prometiam. Não é somente nas comédias que se veem

mulheres voltarem em lágrimas para junto de suas mães na noite de núpcias; os livros de psiquiatria abundam em narrativas dessa espécie; contaram-me também pessoalmente vários casos: tratava-se de moças bem-educadas demais, que não tinham recebido nenhuma educação sexual e que a brusca descoberta do erotismo transtornou. No século passado, Mme Adam imaginava que era de seu dever casar com um homem que a beijara na boca, pois pensava que era isso a forma acabada da união sexual. Mais recentemente, Stekel conta, a propósito de uma jovem mulher casada: "Quando, durante a viagem de núpcias, o marido a deflorou, ela o tomou por louco e não ousou dizer palavra pensando estar lidando com um alienado."[354] Houve mesmo uma moça tão inocente que desposou uma invertida e durante muito tempo viveu com o pseudomarido sem desconfiar de que não estava na companhia de um homem.

> Se no dia de suas núpcias, ao entrar em casa, você mergulhar sua mulher num poço durante a noite, ela ficará estonteada. Por mais que tenha tido uma vaga inquietude...
>
> Engraçado, dirá ela, então é isso o casamento? Eis por que se queria que a prática fosse secreta. Eu me deixei pegar nessa armadilha.
>
> Mas vexada com isso, ela não diz nada. Eis por que você poderá mergulhá-la no poço longamente e várias vezes, sem provocar nenhum escândalo na vizinhança.

Este fragmento de um poema de Michaux,[355] intitulado *Nuits de noces*, exprime com bastante exatidão a situação. Hoje, muitas jovens são mais sabidas; mas seu consentimento permanece abstrato; e seu defloramento conserva o caráter de uma violação. "Há certamente maior número de violações cometidas no casamento que fora do casamento", diz Havelock Ellis. Em sua obra *Monatsschrift für Geburtshilfe*, t. IX, Neugebauer reuniu mais de 150 casos de ferimentos infligidos a mulheres pelo pênis durante o coito; as causas eram a brutalidade, a embriaguez, uma posição errada, uma desproporção dos órgãos. Na Inglaterra, conta Havelock Ellis, uma senhora indagou a seis mulheres casadas da classe média e inteligentes qual fora sua reação na noite de núpcias: para todas o coito acontecera como um choque; duas delas ignoravam tudo, as outras pensavam saber, mas nem por isso se sentiram menos magoadas psicologicamente. Adler também insiste na importância psíquica do ato de defloramento.

> Esse primeiro momento em que o homem adquire todos os direitos decide muitas vezes toda a vida. O marido sem experiência e superexcitado pode semear então o germe da insensibilidade feminina e, com sua inabilidade e sua brutalidade contínuas, transformá-la em anestesia permanente.

Vimos no capítulo precedente muitos exemplos dessas iniciações infelizes. Eis mais um caso relatado por Stekel:

> Mme H.N., educada muito pudicamente, tremia à ideia da noite de núpcias. O marido despiu-a quase com violência, sem lhe permitir que se deitasse. Tirou ele próprio a roupa, pedindo que ela o olhasse nu e admirasse o pênis. Ela escondeu o rosto nas mãos. Então ele exclamou: "Por que não ficaste em tua casa, imbecil!" Em seguida, jogou-a na cama e deflorou-a brutalmente. Naturalmente, ela se tornou frígida para sempre.

Examinamos, com efeito, todas as resistências que a virgem precisa vencer para realizar seu destino sexual: sua iniciação reclama todo um "trabalho" ao mesmo tempo fisiológico e psíquico. É estúpido e bárbaro querer resumi-la em uma noite; é absurdo transformar em um dever a operação tão difícil do primeiro coito. A mulher sente-se ainda mais aterrorizada porque a estranha operação a que se submete é sagrada, que sociedade, religião, família a entregaram solenemente ao esposo como a um senhor; ademais, o ato parece-lhe empenhar todo o seu futuro, tendo ainda o casamento um caráter definitivo. É então que ela se sente revelada no absoluto: esse homem a quem ela está para sempre votada encarna a seus olhos todo o Homem; e ele revela-se também a ela sob uma figura desconhecida, que é de terrível importância, porquanto será o companheiro para toda sua vida. Entretanto, o próprio homem sente angústia pela imposição que pesa sobre si; tem suas próprias dificuldades, seus complexos que o tornam tímido e inábil ou, ao contrário, brutal; numerosos homens mostram-se impotentes na noite de núpcias por causa da própria solenidade do casamento. Janet escreve em *Les Obsessions et la Psychasthénie*:

> Quem não conhece esses recém-casados envergonhados de sua sorte, que não podem conseguir realizar o ato conjugal e são então perseguidos por uma obsessão de vergonha e desespero? Assistimos no ano passado a uma cena tragicômica assaz curiosa, quando um sogro encolerizado arrastou até a Salpetrière seu genro humilde e resignado: o sogro solicitava um atestado médico que lhe permitisse pedir o divórcio. O pobre rapaz explicava que antes fora capaz, mas que desde o casamento um sentimento de embaraço e vergonha tornara tudo impossível.

Um entusiasmo exagerado assusta a virgem, um respeito excessivo a humilha; há mulheres que odeiam para sempre o homem que auferiu egoistamente seu prazer à custa do seu sofrimento; mas experimentam um rancor eterno contra

quem pareceu desdenhá-las[356] e muitas vezes contra quem não tentou deflorá-las durante a primeira noite de núpcias, ou foi incapaz de fazê-lo. H. Deutsch observa[357] que certos maridos tímidos ou inábeis pedem ao médico que deflore a mulher mediante uma operação cirúrgica, a pretexto de que ela tem uma conformação anormal; a razão alegada não é geralmente válida. As mulheres, diz ela, votam para sempre desprezo e rancor ao marido que foi incapaz de penetrá-las normalmente. Uma das observações de Freud[358] mostra que a impotência do esposo pode engendrar um traumatismo na mulher:

> Uma doente tinha o hábito de correr de um quarto para outro no meio do qual se achava uma mesa. Arranjava então a toalha de certa maneira e chamava a criada, que devia aproximar-se da mesa; e a mandava embora... Quando tentou explicar essa obsessão, lembrou-se de que a toalha tinha uma mancha feia e que ela a arranjava de maneira a que a mancha saltasse aos olhos da empregada...
>
> Era a reprodução da noite de núpcias em que o marido não se mostrara viril. Acorrera várias vezes do quarto dele ao quarto dela para tentar novamente. Com vergonha da criada que devia fazer a cama, derrubara tinta vermelha no lençol para que acreditasse que havia sangue.

A "noite de núpcias" transforma a experiência erótica numa prova, em que o receio de não saber vencer angustia a todos, afundados por demais em seus próprios problemas para pensar generosamente no outro; ela comporta uma solenidade que a torna temível; e não é espantoso que muitas vezes destine a mulher à frigidez. O problema difícil que se põe ante o esposo é o seguinte: se "acaricia demasiado lascivamente a mulher", ela pode escandalizar-se e sentir-se ultrajada; parece que um tal receio paralisa os maridos norte-americanos, entre outros, principalmente nos casais que receberam uma educação universitária, observa o relatório de Kinsey, porque as mulheres, mais conscientes de si mesmas, são mais profundamente inibidas. Entretanto, se o homem a "respeita", fracassa em despertar a sensualidade dela. Esse dilema é criado pela ambiguidade da atitude feminina: a jovem quer o prazer e o recusa ao mesmo tempo; ela exige uma discrição pela qual sofre. Exceto no caso de uma felicidade excepcional, o marido se apresentará como libertino ou inábil. Não é, portanto, de espantar que os "deveres conjugais" sejam muitas vezes para a mulher um encargo repugnante.

> A submissão a um senhor que lhe desagrada é para ela um suplício, diz Diderot.[359] Vi uma mulher honesta tremer de horror à aproximação do esposo; eu a vi entrar no banho e não se acreditar bastante lavada da mácula do dever. Essa espécie de repugnância nos é quase desconhecida. Nosso órgão é mais indulgente. Muitas mulheres morrerão sem ter experimentado a extrema volúpia. Essa sensação que eu encararia de bom grado como uma epilepsia passageira é rara para elas e a nós não

deixa nunca de acontecer quando a queremos. A felicidade soberana foge entre os braços do homem que elas adoram. Nós a encontramos em qualquer mulher complacente, ainda que nos desagrade. Menos senhoras de seus sentidos do que nós, a recompensa é menos rápida e menos segura para elas. Cem vezes sua espera é vã.

Muitas mulheres, com efeito, tornam-se mães e avós sem nunca ter conhecido o prazer, nem mesmo uma perturbação; tentam escapar da "mácula do dever" mediante atestados médicos ou outros pretextos. O relatório de Kinsey revela que na América do Norte muitas esposas "declaram considerar sua frequência de coito já elevada e desejariam que seus maridos não quisessem relações tão frequentes. Muito poucas mulheres desejam coitos mais frequentes". Vimos, entretanto, que as possibilidades eróticas da mulher são quase infinitas. Esta contradição demonstra bem que o casamento, pretendendo regular o erotismo feminino, na realidade o assassina.

Em *Thérèse Desqueyroux*, Mauriac descreve as reações de uma jovem mulher "razoavelmente casada" em face do casamento em geral e dos deveres conjugais em particular.

Talvez ela procurasse no casamento menos um domínio, uma posse do que um refúgio? Não fora um pânico que a precipitara nele? Mocinha prática, mocinha doméstica, ansiava por ocupar seu lugar definitivo; queria garantir-se contra um perigo que não conhecia bem. Nunca parecera tão sensata como na época do noivado; incrustava-se num bloco familiar, "arrumava-se", entrava numa ordem. Salvava-se. No sufocante dia das núpcias, na estreita igreja de Saint-Clair onde o falatório das mulheres dominava a música do órgão ofegante e onde os odores triunfavam sobre o incenso, nesse dia foi que Thérèse se sentiu perdida. Entrara como uma sonâmbula na jaula e, ao ruído pesado da porta que se fechava, a pobre menina acordava. Nada mudara, mas ela tinha o sentimento de não mais poder perder-se sozinha. Ia ocultar-se no mais espesso da família como o fogo de uma brasa dormida.

...Na tarde daquele casamento meio camponês e meio burguês, alguns grupos em que brilhavam os vestidos das moças forçaram o auto dos casados a diminuir a marcha, aclamavam-nos... Thérèse, pensando na noite que veio depois, murmura: "Foi horrível. Mas corrige: "Não... nem tanto." Durante a viagem aos lagos italianos tinha sofrido muito? Não, não, topava o jogo; não se trair... Thérèse soube dobrar o corpo a essas dissimulações e nisso experimentava um prazer amargo. Nesse mundo desconhecido de sensações em que um homem a obrigava a entrar, sua imaginação a ajudava a conceber que talvez houvesse nele, para ela também, uma possível felicidade — mas que felicidade? Como diante de uma paisagem escondida na chuva imaginamos o que seria com sol, Thérèse descobria a volúpia. Bernard, aquele rapaz de olhar vago... que homem fácil de enganar! Estava encerrado em seu prazer como os porquinhos bonitinhos que a gente acha divertido olhar através das grades quando roncam de prazer diante de uma gamela: "Eu era a gamela", pensou Thérèse... Onde aprendera ele a classificar tudo o que dizia respeito à carne, a distinguir as carícias de homem decente das do sátiro? Nunca uma hesitação...

...Pobre Bernard, não era pior do que outros! Mas o desejo transforma o ser que se aproxima de nós em um monstro que com ele não tem semelhança. "Fazia-me de morta como se esse louco, esse epiléptico, houvesse querido estrangular-me ao menor gesto meu."

Eis um testemunho mais cru. É uma confissão recolhida por Stekel e de que cito um trecho concernente à vida conjugal. Trata-se de uma mulher de 28 anos, educada em um meio requintado e culto.

Eu era uma noiva feliz; enfim, tinha a sensação de estar abrigada e, de repente, me tornava alguém que atraía a atenção. Era mimada, meu noivo admirava-me, tudo era novo para mim... Os beijos (meu noivo nunca tentara outras carícias) tinham me inflamado a ponto de não poder esperar o dia do casamento... Na manhã desse dia, sentia-me de tal maneira excitada que minha camisa ficou imediatamente molhada de suor. Era apenas a ideia de que ia conhecer enfim o desconhecido que eu tanto desejara. Imaginava infantilmente que o homem devia urinar na vagina da mulher... No quarto houve logo uma pequena decepção quando meu marido me perguntou se devia afastar-se. Pedi-lhe que o fizesse, pois tinha realmente vergonha diante dele. O momento de me despir desempenhara papel importante em minha imaginação. Ele voltou meio embaraçado quando me deitei. Mais tarde confessou-me que meu aspecto o intimidara: eu era a encarnação da juventude radiosa e cheia de esperança. Mal se despiu, apagou a luz. E mal me beijou, tentou imediatamente possuir-me. Eu estava muito amedrontada, e pedi-lhe que me deixasse tranquila. Desejava estar muito longe dele. Horrorizava-me aquela tentativa sem carícias prévias. Achava-o brutal e por isso o censurei muitas vezes mais tarde; não era brutalidade, mas uma grande inabilidade e uma falta de sensibilidade. Todas as suas tentativas foram vãs durante a noite. Comecei a sentir-me muito infeliz, tinha vergonha de minha estupidez, acreditava-me culpada e malfeita... Finalmente contentei-me com seus beijos. Dez dias depois, ele conseguiu afinal deflorar-me, o coito durou apenas alguns segundos e, a não ser uma ligeira dor, nada senti. Foi uma grande decepção. Posteriormente senti alguma alegria durante o coito, mas o êxito fora assaz penoso, meu marido sofria ainda para alcançar seu objetivo... Em Praga, na *garçonnière* de meu cunhado, imaginava as sensações que ele teria ao saber que eu dormira em sua cama. Foi aí que tive meu primeiro orgasmo e fiquei muito feliz com isso. Meu marido fez amor comigo todos os dias durante as primeiras semanas. Eu atingia o orgasmo, mas não me sentia satisfeita porque era rápido demais e eu ficava excitada a ponto de chorar... Depois de dois partos o coito foi se tornando cada vez menos satisfatório. Provocava raramente o orgasmo, meu marido tinha-o sempre antes de mim; eu observava cada sessão ansiosamente (quanto tempo ele vai continuar?). Se satisfeito, me largava no meio, eu o odiava. Por vezes, pensava em meu primo durante o coito, ou no médico que me assistira no parto. Meu marido tentou excitar-me com o dedo... Excitava-me muito mais, mas ao mesmo tempo eu achava que esse meio era vergonhoso e anormal e não conseguia gozar... Durante todo o tempo de nosso casamento ele nunca acariciou um só pedaço de meu corpo... Certo dia, confessou-me que nada ousava fazer comigo... Nunca me viu nua porque conservávamos nossas camisas de dormir e ele só fazia amor à noite.

Essa mulher, que era na verdade muito sensual, foi posteriormente muito feliz nos braços de um amante.

O noivado destina-se precisamente a criar gradações na iniciação da jovem; mas muitas vezes os costumes impõem aos noivos uma exagerada castidade. No caso em que a virgem "conhece" seu futuro marido durante esse período a situação não difere muito da jovem esposa: ela só cede porque o compromisso já lhe parece tão definitivo quanto um casamento e o primeiro coito conserva o caráter de uma prova; a partir do momento em que se entrega, ainda que não engravide — o que a amarraria ainda mais —, é raro que ouse voltar atrás.

As dificuldades das primeiras experiências são facilmente superadas se o amor ou o desejo arrancam dos parceiros um consentimento total; o amor físico tira sua força e dignidade da alegria que se dão e possuem os amantes na consciência recíproca de sua liberdade. Então nenhuma de suas práticas é infame, porquanto não é suportada por nenhum deles e sim generosamente aceita. Mas o princípio do casamento é obsceno porque transforma em direitos e deveres uma troca que deve basear-se num impulso espontâneo. Ele dá aos corpos, forçando-os a se apreenderem em sua generalidade, um caráter instrumental, portanto degradante. O marido congela-se, muitas vezes, à ideia de que cumpre um dever, a mulher tem vergonha de se sentir entregue a alguém que exerce um direito sobre ela. Naturalmente, pode acontecer que no início da vida conjugal as relações se individualizem; o aprendizado sexual faz-se, às vezes, por meio de lentas gradações; desde a primeira noite pode surgir entre os esposos uma feliz atração física. O casamento facilita o abandono da mulher, suprimindo a noção de pecado ainda tão ligada à carne; uma coabitação regular e frequente engendra uma intimidade carnal propícia à maturação sexual; há esposas privilegiadas durante os primeiros anos do casamento. É de notar que ficam a tal ponto reconhecidas ao marido que são levadas mais tarde a perdoar-lhe todas as culpas que possa ter. "As mulheres que não podem desprender-se de um lar infeliz foram sempre satisfeitas pelo marido", diz Stekel. Como quer que seja, a jovem corre um risco terrível ao se comprometer a dormir a vida inteira com um homem que ela não conhece sexualmente, quando seu destino erótico depende essencialmente da personalidade de seu parceiro: é o paradoxo que Léon Blum denunciava com razão em sua obra: *Le Mariage.*

Pretender que uma união baseada na conveniência tem muitas possibilidades de engendrar o amor é uma hipocrisia. Exigir de dois esposos ligados por interesses práticos, sociais e morais que durante toda a vida dispensem a volúpia é um absurdo. Entretanto, os partidários do casamento de

conveniência não têm dificuldade em mostrar que o casamento por amor não comporta tampouco muitas possibilidades de assegurar a felicidade dos cônjuges. Primeiramente o amor ideal, que é muitas vezes o que a jovem conhece, nem sempre a predispõe ao amor sexual; adorações platônicas, devaneios, paixões em que ela projeta obsessões infantis ou juvenis não se destinam a suportar a prova da vida cotidiana nem a se perpetuarem. E mesmo existindo entre a jovem e o noivo uma atração erótica sincera e violenta, não há nisso uma base sólida para edificar uma vida.

> A volúpia ocupa no deserto ilimitado do amor um ardente e pequeno lugar, tão abrasado, entretanto, que a princípio não se vê senão ele, escreve Colette.360 Em volta desse foco inconstante é o desconhecido, o perigo. Quando tivermos despertado de uma curta relação, ou até de uma longa noite, será preciso começar a viver um perto do outro, um para o outro.

Ademais, mesmo no caso em que o amor carnal existe antes do casamento, ou desperta no início das núpcias, é muito raro que dure muitos anos. Sem dúvida a fidelidade é necessária ao amor sexual, pelo fato de que o desejo de dois amantes apaixonados envolve sua singularidade; eles recusam que esta seja contestada por experiências estranhas se se querem insubstituíveis um para o outro; mas essa fidelidade só tem sentido na medida em que é espontânea; e espontaneamente a magia do erotismo dissipa-se muito depressa. O milagre está em que a cada amante ele entrega no instante, em sua presença carnal, um ser cuja existência é uma transcendência indefinida: a *posse* desse ser é sem dúvida impossível, mas pelo menos ele é atingido de maneira privilegiada e pungente. Mas quando os indivíduos não aspiram mais a se atingir porque há entre eles hostilidade, nojo, indiferença, a atração erótica desaparece; e morre de uma maneira quase tão certa na estima e na amizade, pois dois seres humanos que se unem no próprio movimento de sua transcendência, através do mundo e de seus empreendimentos comuns, não precisam mais unir-se carnalmente; e por ter perdido sua significação esta união inspira-lhes repugnância. A palavra *incesto* que Montaigne pronuncia é profunda. O erotismo é um movimento para o *Outro*; nisso reside seu caráter essencial. Mas no seio do casal os cônjuges tornam-se o *Mesmo* um para o outro; nenhuma troca é mais possível entre eles, nenhum dom, nenhuma conquista. Por isso, se continuam amantes, fazem isso o mais das vezes com vergonha: sentem que o ato sexual não é mais uma experiência intersubjetiva, em que cada qual se ultrapassa, e sim uma espécie de masturbação em comum. Que cada um considere o outro um utensílio

necessário à satisfação de suas necessidades é um fato que a delicadeza conjugal dissimula, mas que se evidencia fortemente desde que essa delicadeza seja recusada, como o demonstram as observações do dr. Lagache em sua obra *Nature et forme de la jalousie*; a mulher encara o membro viril como determinada provisão de prazer que lhe pertence e de que se mostra tão avara como das conservas encerradas em seus armários: se o homem der alguma coisa dessa provisão à vizinha, não sobrará nada para ela; ela examina com desconfiança as cuecas do marido para ver se não desperdiçou o precioso sêmen. Jouhandeau assinala em *Chroniques maritales* essa "censura cotidiana exercida pela mulher legítima que nos espia a camisa e o sono para surpreender neles o sinal da ignomínia". Por seu lado, o homem nela satisfaz seus desejos sem lhe pedir a opinião.

Essa satisfação brutal da necessidade não basta, de resto, para satisfazer a sexualidade humana. Eis por que há, nas relações que se encaram como as mais legítimas, um vago sabor de vício. É frequente que a mulher apele para fantasmas eróticos. Stekel cita o caso de uma mulher de 25 anos que "pode sentir um ligeiro orgasmo com o marido, imaginando que um homem forte e mais idoso a possui sem lhe pedir e de modo que ela não pode defender-se". Imagina que a violentam, que a batem, que o marido não é ele próprio e sim um *outro.* Ele acarinha o mesmo sonho: no corpo da mulher, possui as coxas de tal ou qual dançarina entrevista num *music hall*, os seios da *pin-up* cuja fotografia contemplou, uma recordação, uma imagem; ou então imagina a mulher desejada, possuída, violentada, o que constitui uma maneira de devolver-lhe a alteridade perdida. "O casamento, diz Stekel, cria transposições grotescas e inversões, atores requintados, comédias representadas entre parceiros que ameaçam destruir toda fronteira entre a aparência e a realidade." No extremo limite, vícios definidos aparecem: o marido faz-se *voyeur*: precisa ver a mulher dormindo com um amante ou saber que o faz, para reencontrar um pouco de sua magia; ou esforça-se sadicamente para que ela se recuse de maneira a que, enfim, a consciência e a liberdade dela se afirmem e que assim possua um ser humano de verdade. Inversamente, condutas masoquistas esboçam-se na mulher que procura suscitar, no homem, o senhor, o tirano que ele não é. Conheci uma senhora educada num convento, muito devota, autoritária e dominadora durante o dia e que à noite rogava apaixonadamente ao marido que a flagelasse, do que ele se desobrigava com horror. O próprio vício assume no casamento um aspecto organizado e frio, um aspecto sério que faz dele o mais triste mal menor.

A verdade é que o amor físico não pode ser tratado nem como um fim absoluto nem como um simples meio: não pode justificar uma existência, mas não pode tampouco receber nenhuma justificação estranha. Isso equivale a dizer que deveria desempenhar em toda vida humana um papel episódico e autônomo. Isso equivale a dizer que deveria ser livre.

Por isso mesmo não é o amor que o otimismo burguês promete à jovem esposa: o ideal que lhe acenam é o da felicidade, isto é, o de um tranquilo equilíbrio no seio da imanência e da repetição. Em certas épocas de prosperidade e de segurança esse ideal foi o de toda a burguesia e particularmente o dos proprietários fundiários, que não visavam à conquista do futuro e do mundo, mas sim à manutenção tranquila do passado, do *status quo*. Uma mediocridade dourada, sem ambição nem paixão, dias que não conduzem a parte alguma e que recomeçam indefinidamente, uma vida que desliza docemente para a morte sem procurar razões que a expliquem, eis o que preconiza, por exemplo, o autor do *Sonnet du bonheur.* Essa pseudo-sabedoria, ligeiramente inspirada em Epicuro e Zenon, carece hoje de crédito; conservar e repetir o mundo tal qual é não parece nem desejável nem possível. A vocação do homem é a ação; ele precisa produzir, criar, progredir, ultrapassar-se em direção à totalidade do Universo e à infinidade do futuro; mas o casamento tradicional não convida a mulher a transcender com ele; confina-a na imanência. Ela não pode, portanto, se propor a nada, a não ser construir uma vida equilibrada, em que o presente, prolongando o passado, escape às ameaças do dia seguinte, isto é, precisamente, edificar uma felicidade. Na falta de amor, ela terá pelo marido um sentimento terno e respeitoso chamado amor conjugal; ela encerrará o mundo entre as paredes do lar que será encarregada de administrar; perpetuará a espécie humana através do futuro. Entretanto, nenhum existente jamais renuncia a sua transcendência ainda que se obstine em renegá-la. O burguês de outrora pensava que, conservando a ordem estabelecida, manifestando-lhe as virtudes pela sua prosperidade, servia a Deus, ao seu país, a um regime, a uma civilização: ser feliz era cumprir sua função de homem. Para a mulher também é preciso que a vida harmônica do lar seja ultrapassada em direção a dados fins: o homem é que servirá de intermediário entre a individualidade da mulher e o Universo, ele é que revestirá de um valor humano a contingente facticidade dela. Extraindo junto da esposa a força de empreender, de agir, de lutar, é ele quem a justifica: ela lhe entrega nas mãos a existência e ele lhe dará um sentido. Isso faz supor da parte dela uma humilde

renúncia; mas ela é recompensada, porque, guiada, protegida pela força do homem, escapará ao abandono original; se tornará necessária. Rainha em sua colmeia, repousando tranquilamente em si mesma no coração de seu domínio, mas levada pela mediação do homem através do Universo e do tempo ilimitado, esposa, mãe, dona de casa, a mulher encontra no casamento a força de viver e ao mesmo tempo o sentido de sua vida. Cumpre-nos ver como esse ideal se traduz na realidade.

O ideal da felicidade sempre se materializou na casa, na choupana ou no castelo: encarna a permanência e a separação. É entre seus muros que a família se constitui numa célula isolada e afirma sua identidade para além da passagem das gerações; o passado conservado sob forma de móveis e retratos de antepassados prefigura um futuro sem riscos; no jardim, as estações inscrevem em legumes comestíveis seu ciclo tranquilizador; a cada ano a mesma primavera ornada das mesmas flores promete o retorno do imutável verão, do outono com seus frutos idênticos aos de todos os outonos: nem o tempo nem o espaço escapam para o infinito, ambos giram sabiamente em círculo. Numa civilização fundada na propriedade fundiária há uma abundante literatura que canta a poesia e as virtudes da casa; no romance de Henry Bordeaux intitulado precisamente *La Maison*, ela resume todos os valores burgueses: fidelidade ao passado, paciência, economia, previdência, amor à família, ao solo natal etc.; é frequente que as mulheres cantem na casa, porque sua tarefa consiste em assegurar a felicidade do grupo familiar; seu papel, como no tempo em que a *domina* tinha assento no átrio, é ser "dona de casa". Hoje a casa perdeu seu esplendor patriarcal; para a maioria dos homens ela é apenas um *habitat* que a memória das gerações passadas não mais esmaga e que não aprisiona mais os séculos futuros. Mas a mulher esforça-se ainda por dar a seu "interior" o sentido e o valor que possuía a verdadeira casa. Em *Cannery Road*, Steinbeck descreve uma vagabunda que se obstina em enfeitar com tapetes e cortinas o velho barraco abandonado em que se aloja com o marido: em vão ele objeta que a ausência de janelas torna as cortinas inúteis.

Essa preocupação é especificamente feminina. Um homem normal considera os objetos que o cercam como instrumentos; arruma-os segundo o fim a que se destinam; sua "ordem" — na qual a mulher verá muitas vezes apenas uma desordem — é ter ao alcance da mão seus cigarros, seus papéis, suas ferramentas. Os artistas, entre outros, a quem é dado recriar o mundo através de uma matéria — escultores e pintores —, mostram-se inteiramente

indiferentes ao ambiente dentro do qual vivem. Rilke escreve a propósito de Rodin:

> A primeira vez que estive em casa de Rodin, compreendi que essa casa não passava para ele de uma pobre necessidade: um abrigo contra o frio, um teto sob o qual dormir. Ela deixava-o indiferente e não pesava em absoluto na sua solidão, no seu recolhimento. Era em si que encontrava um lar: sombra, refúgio e paz. Tornara-se seu próprio céu, sua floresta e seu largo rio que nada mais detém.

Mas para encontrar um lar em si é preciso primeiramente ter se realizado em obras ou atos. O homem só se interessa mediocremente pelo seu interior porque ascende ao Universo e pode afirmar-se em projetos. Ao passo que a mulher está encerrada na comunidade conjugal: trata-se para ela de transformar essa prisão em reino. Sua atitude em relação ao lar é comandada por essa mesma dialética que define geralmente sua condição: ela possui tornando-se uma presa, liberta-se abdicando; renunciando ao mundo ela quer conquistar um mundo.

Não é sem se lamentar que ela fecha atrás de si as portas do lar; moça, tinha toda a terra por pátria, as florestas lhe pertenciam. Agora, acha-se confinada num estreito espaço; a Natureza reduz-se às dimensões de um vaso de gerânios; muros barram o horizonte. Uma heroína de V. Woolf murmura:

> Não distingo mais o inverno do verão pelo aspecto da relva ou das urzes na charneca, mas sim pela umidade ou a geada que se formam nos vidros. Eu que outrora caminhava pelos bosques de faias, admirando o tom azul da pena do gaio ao cair, eu que encontrava em meu caminho o vagabundo e o pastor... vou de quarto em quarto de espanador na mão.[361]

Mas ela se esforçará por negar essa limitação. Encerra entre suas paredes sob formas mais ou menos dispendiosas a fauna e a flora terrestres, os países exóticos, as épocas passadas; aí encerra o marido que resume para ela a coletividade humana, e o filho que lhe dá, de um modo portátil, todo o futuro. O lar torna-se o centro do mundo e até sua única verdade; como observa muito acertadamente Bachelard, é "uma espécie de contrauniverso ou um universo do contra"; refúgio, retiro, gruta, ventre, ele abriga contra todas as ameaças de fora: é essa confusa exterioridade que se torna irreal. À noite principalmente, quando estão fechadas as janelas, a mulher sente-se rainha; a luz espalhada ao meio-dia pelo sol universal a perturba; à noite ela não se sente mais despojada, porque abole o que não possui; vê brilhar sob o abajur uma luz que é sua e que ilumina exclusivamente sua casa: nada mais existe. Um texto de V. Woolf

mostra-nos a realidade concentrando-se na casa, enquanto o espaço de fora se aniquila.

> A noite era mantida afastada pelos vidros e estes, em vez de darem uma vista exata do mundo exterior, ondulavam-no de um modo estranho, a tal ponto que a ordem, a fixidez, a terra firme pareciam ter se instalado dentro da casa; fora, ao contrário, só restava um reflexo em que as coisas tornadas fluidas tremiam e desapareciam.

Graças aos veludos, às sedas, às porcelanas de que se cerca, a mulher poderá satisfazer parcialmente essa sensualidade preênsil que ordinariamente sua vida erótica não satisfaz; encontrará também nesse cenário uma expressão de sua personalidade; foi ela quem escolheu, fabricou, "descobriu" móveis e bibelôs, quem os arrumou segundo uma estética em que a preocupação da simetria ocupa em geral lugar importante; devolvem-lhe sua imagem singular, dando socialmente testemunho de seu padrão de vida. O lar é, portanto, para ela o quinhão que lhe cabe na Terra, a expressão de seu valor social, de sua mais íntima verdade. Como ela não *faz* nada, ela se procura avidamente no que *tem.*

É pelo trabalho doméstico que a mulher realiza a apropriação de seu "ninho"; eis por que, mesmo quando "se faz ajudar", quer pôr a mão na massa; vigiando, controlando, criticando, ela se esforça por tornar seus os resultados obtidos pelos servidores. Da administração de sua residência, tira sua justificação social; sua tarefa é também atentar para a alimentação, as roupas, e de uma maneira geral para a manutenção da sociedade familiar. Assim ela também se realiza como uma atividade. Mas trata-se, como vamos ver, de uma atividade que não a arranca de sua imanência, que não permite a ela uma afirmação singular de si própria.

Elogiou-se muito a poesia das tarefas domésticas. É verdade que colocam a mulher em contato com a matéria e que ela estabelece com os objetos uma intimidade que é revelação do ser e que, portanto, o enriquece. Em *À la recherche de Marie*, Madeleine Bourdhouxe descreve o prazer que sua heroína tem em passar no forno a pasta de limpeza: ela sente na ponta dos dedos a liberdade e o poder, cuja imagem brilhante a chapa de ferro bem limpa lhe devolve.

> Quando sobe da adega, ela gosta do peso daqueles baldes cheios, que em cada andar se tornam mais pesados. Sempre apreciou as matérias simples que têm seu cheiro próprio, sua rugosidade, sua linha. E então sabe como manuseá-las. Marie tem mãos que sem hesitação mergulham nos fornos apagados ou nas águas com sabão, que desenferrujam e engraxam o ferro, passam a encáustica, recolhem num só e grande

gesto circular os restos que cobrem a mesa. Há um entendimento perfeito, uma camaradagem entre suas palmas e os objetos que toca.

Numerosos escritores de livros femininos falaram com amor da roupa recém-passada, do brilho azulado da água com sabão, dos lençóis brancos, do cobre bem polido. Quando a dona de casa limpa e lustra os móveis, "sonhos de impregnação sustentam a doce paciência da mão que com a cera dá beleza à madeira", diz Bachelard. Terminada a tarefa, a dona de casa conhece a alegria da contemplação. Mas para que as qualidades preciosas se revelem, o polimento de uma mesa, o brilho de um candelabro, a brancura engomada da roupa, é preciso primeiro que tenha sido exercida uma ação negativa; é preciso que todo princípio mau tenha sido expulso. Esse é, diz Bachelard, o devaneio essencial a que se entrega a dona de casa: é o sonho da limpeza ativa, isto é, da limpeza conquistada contra a sujeira. Assim a descreve:

> Parece, pois, que a imaginação da luta pela limpeza tenha necessidade de uma provocação. Essa imaginação deve excitar-se em meio a uma cólera maligna. Com que maldoso sorriso se espalha a pasta de polir sobre a torneira. Enchem-na com as imundícies de um polidor empastado sobre um trapo sujo e gorduroso. Amargura e hostilidade amontoam-se no coração do trabalhador. Por que tão vulgares tarefas? Mas que chegue o momento do pano seco, e surge a maldade alegre, a maldade vigorosa e falante: torneira, serás espelho; tacho, serás sol. Finalmente, quando o cobre brilha e ri com a grosseria de um rapagão, faz-se a paz. A dona de casa contempla suas vitórias rutilantes.[362]

Ponge evocou a luta, dentro do lixiviador, da imundície contra a pureza:[363]

> Quem não viveu um inverno pelo menos na familiaridade de um lixiviador tudo ignora de uma certa ordem de qualidades e emoções assaz comoventes.
>
> É preciso — vacilante — tê-lo erguido num só esforço, com sua carga de tecidos imundos, para levá-lo ao forno onde cumpre arrastá-lo de certo modo, para em seguida assentá-lo bem no centro do fogo.
>
> É preciso ter atiçado as brasas até progressivamente comovê-lo; muitas vezes, tê-lo apalpado, morno ou fervendo; ter ouvido depois seu profundo murmurejo interior e, muitas vezes, então, erguido a tampa para verificar a tensão dos jatos e a regularidade da rega.
>
> É preciso, enfim, tê-lo abraçado de novo ainda escaldante para recolocá-lo no chão...
>
> O balde é de tal maneira concebido que, cheio de um amontoado de ignóbeis tecidos, a emoção interior, a fervorosa indignação que sente, canalizada para a parte superior de seu ser, recai em chuva sobre a imundície que lhe dá ânsias de vômito — e isso quase perpetuamente —, o que leva a uma purificação...
>
> Sem dúvida, essa roupa já fora grosseiramente esfregada antes de ser fervida...
>
> Não é menos certo que apesar disso ele experimenta uma sensação de sujeira difusa das coisas no interior de si mesmo, de que consegue afinal livrar-se à força de emoção, de fervuras e de esforços, de

que consegue libertar os tecidos, de modo que mergulhados numa catástrofe de água fresca vão parecer de uma brancura extrema.

E eis que com efeito o milagre ocorreu:

Mil bandeiras brancas desfraldam-se subitamente — atestando não uma capitulação, mas uma vitória — e talvez não sejam apenas o sinal de limpeza corporal dos habitantes do lugar...

Essas dialéticas podem dar ao trabalho doméstico a atração de um jogo: a menina de bom grado diverte-se com fazer brilhar a prataria, com dar lustro às maçanetas das portas. Mas para que a mulher encontre nisso satisfações positivas, é preciso que dedique seus cuidados a um interior de que se envaideça; sem o quê, não conhecerá nunca o prazer da contemplação, único capaz de recompensá-la do esforço. Um repórter norte-americano[364] que viveu durante vários meses entre os "pobres brancos" do sul dos Estados Unidos, descreveu o patético destino de uma dessas mulheres sobrecarregadas de trabalho e que se obstinam em vão a tornar habitável um pardieiro. Vivia ela com o marido e sete filhos num barracão de madeira, de paredes cobertas de fuligem e percevejos: tentara "tornar a casa bonita"; no cômodo principal, a lareira recoberta de um pano azulado, uma mesa e alguns quadros pendurados à parede evocavam uma espécie de altar. Mas o pardieiro continuava pardieiro e Mrs. G. dizia com lágrimas nos olhos: "Detesto tanto esta casa! Parece que nada no mundo é capaz de torná-la bonita." Legiões de mulheres não têm por quinhão senão uma fadiga indefinidamente recomeçada no decorrer de um combate que jamais comporta uma vitória. Mesmo em casos mais privilegiados, essa vitória nunca é definitiva. Há poucas tarefas que se aparentem, mais do que as da dona de casa, ao suplício de Sísifo; dia após dia, é preciso lavar os pratos, espanar os móveis, consertar a roupa, que no dia seguinte já estarão novamente sujos, empoeirados, rasgada. A dona de casa desgasta-se sem sair do lugar; não faz nada, apenas perpetua o presente; não tem a impressão de conquistar um Bem positivo e sim de lutar indefinidamente contra o Mal. É uma luta que se renova todos os dias. Conhece-se a história do criado que se recusava melancolicamente a engraxar as botas do patrão: "Para quê?", dizia, "Será preciso recomeçar amanhã". Muitas moças ainda mal resignadas partilham esse desânimo. Lembro-me da dissertação de uma aluna de 16 anos, que começava mais ou menos por estas palavras: "É hoje dia de limpeza geral. Ouço o ruído do aspirador que mamãe passeia através do salão. Quisera fugir. Juro a mim mesma que quando for grande não haverá nunca, em casa, dia de limpeza geral." A criança encara o futuro como uma ascensão indefinida para não se sabe que pico. Repentinamente, na cozinha onde a mãe lava os pratos, a

filha compreende que há anos, todas as tardes, à mesma hora, aquelas mãos mergulharam na água gordurosa, enxugaram a porcelana com o pano de prato áspero. E até a morte serão elas submetidas a esses ritos. Comer, dormir, limpar..., os anos não escalam mais o céu, espalham-se idênticos e cinzentos sobre uma toalha horizontal; cada novo dia imita o precedente; é um eterno presente inútil e sem esperança. Na novela intitulada *La Poussière*,[365] Colette Audry descreveu sutilmente a triste futilidade de uma atividade que se obstina contra o tempo:

> Foi no dia seguinte que, ao passar a vassoura embaixo do sofá, arrastou com ela alguma coisa que a princípio pensou ser um pedaço de algodão ou uma volumosa penugem. Mas era apenas um floco de poeira, como os que se formam nos armários altos que esquecem de limpar, ou atrás dos móveis, entre a madeira e a parede. Ficou pensativa diante daquela curiosa substância. Assim, havia oito ou dez semanas que viviam naqueles cômodos e, apesar da vigilância de Juliette, um floco de poeira tivera lazer para se formar, engordar, agachado na sombra como aqueles bichos cinzentos que lhe infundiam medo quando pequena. Uma cinza fina de poeira proclama a negligência, um começo de abandono, é o impalpável depósito do ar que se respira, das roupas que flutuam, do vento que entra pelas janelas abertas; mas aquele floco já representava um segundo estado da poeira, a poeira triunfante, um espessamento que toma forma, e de depósito passa a resíduo. Era quase bonito, transparente e leve como a crista das sarças, porém mais descorado.
>
> ...A poeira andara mais depressa do que todo o poder aspirante do mundo. Tomara conta do mundo e o aspirador já não passava de um objeto-testemunho, destinado a mostrar tudo o que a espécie humana era capaz de desperdiçar como trabalho, matéria e engenho para lutar contra a irresistível sujeira. Era o resíduo feito instrumento.
>
> ...Era a vida em comum a causa de tudo, suas pequenas refeições que deixavam restos, suas duas poeiras que se misturavam por toda parte... Cada casa secreta suas pequenas sujeiras que é preciso destruir para dar lugar a outras... Que vida se leva — e para poder sair com um peitilho limpo que atrai o olhar dos transeuntes, para que um engenheiro, que é o marido, se apresente bem na vida. Fórmulas passavam pela cabeça de Marguerite: cuidar da conservação do assoalho... para a conservação dos objetos de cobre, empregar... estava encarregada da conservação de dois seres quaisquer até o fim de seus dias.

Lavar, passar, varrer, descobrir os flocos de poeira escondidos sob a noite dos armários é recusar a vida, embora detendo a morte: pois num só movimento o tempo cria e destrói; a dona de casa só lhe apreende o aspecto negativo. Sua atitude é maniqueísta. A característica do maniqueísmo não é somente reconhecer dois princípios, um bom e outro mau: é afirmar que o bem se alcança pela abolição do mal e não através de um movimento positivo; nesse sentido, o cristianismo é muito pouco maniqueísta apesar da existência do diabo, porque é dedicando-se a Deus que melhor se combate o demônio e não se ocupando deste para vencê-lo. Toda doutrina da transcendência e da liberdade subordina a

derrota do mal ao progresso para o bem. Mas a mulher não é chamada a edificar um mundo melhor; a casa, o quarto, a roupa suja, o assoalho são coisas imutáveis: a única coisa que ela pode fazer é expulsar indefinidamente os princípios maus que nelas se introduzem; ela ataca a poeira, as manchas, a lama, a imundície; combate o pecado, luta contra Satã. Mas é um triste destino ter de rechaçar continuamente um inimigo, ao invés de se voltar para metas positivas; com frequência, a dona de casa suporta-o com ódio. Bachelard pronuncia a esse respeito a palavra "maldade"; nós a encontramos igualmente nos psicanalistas. Para eles, a mania doméstica é uma forma de sadomasoquismo; é próprio das manias e dos vícios levar a liberdade a fazer o que não quer; porque detesta ter como quinhão a negatividade, a sujeira, o mal, a dona de casa maníaca obstina-se com fúria contra a poeira, reivindicando uma sorte que a revolta. Através dos detritos que deixa atrás de si toda expansão viva, ela ataca a própria vida. Desde que um ser vivo entre em seu domínio, acende-se em seu olhar um brilho mau. "Limpe os pés; não desarrume tudo, não mexa nisso." Ela gostaria que os que a cercam não respirassem: o menor sopro é ameaça. Qualquer acontecimento implica a ameaça de um trabalho ingrato: um tombo do filho é um rasgão por consertar. Ao ver na vida só promessa de decomposição, exigência de um esforço indefinido, ela perde toda a alegria de viver; fica com os olhos duros, um rosto preocupado, sério, sempre de atalaia; defende-se pela prudência e pela avareza. Fecha as janelas porque, com o sol, entrariam também insetos, germes e poeiras; ademais, o sol desfaz as sedas das cortinas; as poltronas antigas escondem-se sob capas, embalsamadas de naftalina: a luz as desbotaria. Ela não tem sequer prazer em exibir esses tesouros às visitas: a admiração mancha. Essa desconfiança vira azedume e suscita hostilidade em relação a tudo que vive. Falou-se muito dessas burguesas provincianas que enfiam luvas brancas para verificar se não sobrou nos móveis uma poeira invisível; foram mulheres dessa espécie que as irmãs Papin executaram há alguns anos; seu ódio da sujeira não se distinguia de seu ódio contra os criados, contra o mundo e contra si próprias.

Há poucas mulheres que escolhem desde a mocidade tão morno vício. As que amam generosamente a vida acham-se defendidas contra isso. Colette nos diz de Sido:

> Porque ela era ágil e agitada, e não uma dedicada dona de casa; limpa, imaculada, enojada, mas longe do gênio maníaco e solitário que conta os guardanapos, os pedaços de açúcar e as garrafas cheias. De flanela na mão e vigiando a criada que esfregava longamente as vidraças, rindo com o vizinho, escapavam-lhe gritos nervosos, impacientes apelos à liberdade: "Quando enxugo com cuidado e durante muito tempo minhas xícaras chinesas, sinto-me envelhecer." Chegava lealmente ao

fim de sua tarefa. Transpunha então os dois degraus de nossa porta, entrava no jardim. De imediato, desapareciam sua *excitação melancólica* e seu *rancor.*

É nesse nervosismo, nesse rancor que se comprazem as mulheres frígidas, ou frustradas, as solteironas, as esposas desiludidas, as que um marido autoritário condena a uma existência solitária e vazia. Conheci, entre outras, uma velha senhora que se levantava todas as manhãs às cinco horas para inspecionar os armários e recomeçar a pô-los em ordem; parece que aos vinte anos era alegre e coquete; encerrada numa propriedade isolada, com um marido que a negligenciava e um só filho, pôs-se a "botar em ordem" como outros põem-se a beber. Em Elise, de Jouhandeau,[366] o pendor pelos trabalhos domésticos provém do desejo exasperado de reinar sobre um universo, de uma exuberância viva e de uma vontade de domínio que, sem objeto, fica no vazio; é também um desafio lançado ao tempo, ao Universo, à vida, aos homens, a tudo o que existe.

Desde as nove horas, depois do jantar, ela lava. É meia-noite. Eu cochilara, mas sua coragem, como se insultasse meu repouso dando-lhe um ar de preguiça, me ofende.

ELISE: Para fazer limpeza, não ter primeiramente medo de sujar as mãos.

E a casa dentro em breve estará tão limpa que ninguém ousará mais habitá-la. Há leitos de repouso, mas para que se repouse ao lado, no assoalho. As almofadas são limpas demais. A gente tem receio de as sujar ou amarrotar apoiando a cabeça ou os pés, e cada vez que piso num tapete uma mão me acompanha, armada de uma máquina qualquer ou de um pano que apaga as minhas pegadas.

À noite:

— Pronto. Acabou.

De que se trata para ela, desde que se levanta até se deitar? De deslocar cada objeto e cada móvel e de tocar em todas as suas dimensões o assoalho, as paredes, os tetos da casa.

Por enquanto é a dona de casa que nela triunfa. Quando acaba de espanar os armários por dentro, espana os gerânios das janelas.

SUA MÃE: Elise está sempre tão ocupada que não percebe que existe.

O trabalho doméstico permite enfim à mulher uma fuga indefinida para longe de si mesma. Chardonne diz com justeza:

É uma tarefa meticulosa e desordenada, sem freio nem limite. Na casa, uma mulher certa de agradar atinge rapidamente um ponto de desgaste, um estado de distração e de vazio mental que a suprime...

Essa fuga, esse sadomasoquismo em que a mulher se obstina ao mesmo tempo contra os objetos e contra si, tem muitas vezes um caráter precisamente

sexual. “A casa que exige a ginástica do corpo é o bordel acessível à mulher”, diz Violette Leduc.[367] É impressionante verificar que o gosto da limpeza assume uma importância suprema na Holanda, onde as mulheres são frias e nas civilizações puritanas que opõem às alegrias da carne um ideal de ordem e de pureza. Se o Sul Mediterrâneo vive numa sujeira alegre, não é somente por haver aí falta de água, o amor da carne e de sua animalidade leva a tolerar o odor humano, a sujidade e até os piolhos.

O preparo das refeições é um trabalho mais positivo e muitas vezes mais alegre que o da limpeza. Implica primeiramente o momento das compras no mercado que é para muitas donas de casa o momento privilegiado do dia. A solidão do lar pesa na mulher na medida em que as tarefas rotineiras não lhe absorvem o espírito. Ela é feliz quando, nas cidades do Sul, pode coser, lavar, limpar os legumes, sentada na soleira da porta, conversando; ir buscar água no riacho é, para as muçulmanas semienclausuradas, uma grande aventura: vi uma pequena aldeia da Cabília onde as mulheres destruíram a fonte que um administrador construíra na praça; descer todas as manhãs até o córrego que corria ao pé da colina era sua única distração. Ao mesmo tempo que tratam de suas compras, as mulheres trocam, nas filas, nos armazéns, nas esquinas, considerações em que afirmam “valores domésticos”, das quais cada uma tira o sentido de sua importância; sentem-se membros de uma comunidade que — no momento — se opõe à sociedade dos homens como o essencial ao inessencial. Mas, principalmente, a compra constitui um profundo prazer: é uma descoberta, quase uma invenção. Gide observa em seu *Journal* que os muçulmanos que não conhecem o jogo a ele substituíram a descoberta dos tesouros escondidos; é a poesia e a ventura das civilizações mercantis. A dona de casa ignora a gratuidade do jogo: mas um repolho bem-formado, um *camembert* bem no ponto são tesouros que o comerciante dissimula maliciosamente e que é preciso arrancar dele; entre vendedor e compradora estabelecem-se relações de luta e de esperteza: esta se propõe a obter a melhor mercadoria pelo preço mais baixo; a extrema importância dada à mais insignificante economia não se poderia explicar unicamente pela preocupação de equilibrar um orçamento difícil: é preciso ganhar uma partida. Enquanto inspeciona com suspeita os mostruários, a dona de casa é rainha; tem o mundo a seus pés, com suas riquezas e suas armadilhas, para que dele tire sua parte. Experimenta uma sensação de furtivo triunfo quando esvazia sobre a mesa a sacola de provisões. No armário, arruma as conservas, os gêneros não

perecíveis que a garantem contra o futuro; e contempla com satisfação a nudez dos legumes e das carnes que vai submeter a seu poder.

O gás e a eletricidade acabaram com a magia do fogo; mas nas zonas rurais muitas mulheres conhecem ainda a alegria de tirar chamas vivas da lenha inerte. Aceso o fogo, eis a mulher transformada em feiticeira. Com um simples movimento da mão — quando bate os ovos ou manuseia a massa — ou pela magia do fogo, ela opera a transmutação das substâncias; a matéria torna-se alimento. Colette, ainda, descreve o encanto dessas alquimias.

> Tudo é mistério, magia, sortilégio, tudo o que acontece entre o momento de pôr no fogo a panela, o caldeirão e seu conteúdo e o momento cheio de doce ansiedade, de voluptuosa esperança em que se destampa à mesa o prato fumegante...

Ela pinta com complacência as metamorfoses que se operam no segredo das cinzas quentes.

> A cinza da lenha coze saborosamente o que a ela é confiado. A maçã, a pera, alojadas em um ninho de cinzas quentes, dele saem enrugadas, moqueadas, mas moles sob a casca como um ventre de toupeira, e por mais "boazinha" que se mostre a maçã no forno da cozinha, fica longe dessa geleia encerrada em seu invólucro original, congestionada de sabor, que só exsudou — sabendo-se como tratá-la — uma única lágrima de mel... Um tacho de três pés e alto de pernas continha uma cinza peneirada que nunca via o fogo. Mas, recheado de batatas, que embora vizinhas não se tocavam, colocado sobre suas patas negras bem em cima da brasa, o tacho produzia tubérculos brancos como neve, escaldantes, escamosos.

As mulheres escritoras celebraram particularmente a poesia das geleias: é um vasto empreendimento casar nos tachos de cobre o açúcar sólido e puro à mole polpa dos frutos; escumante, viscosa, ardente, a substância que se elabora é perigosa: é uma lava em ebulição que a dona de casa doma e escorre orgulhosamente nos potes. Quando os reveste de papel-pergaminho e neles inscreve a data de sua vitória, ela triunfa sobre o próprio tempo: pegou a duração na armadilha do açúcar, pôs a vida em bocais. A cozinha faz mais do que penetrar e revelar a intimidade das substâncias. Modela-as de novo, as recria. No manuseio da massa ela experimenta seu poder. "A mão, tanto quanto o olhar, tem seus devaneios e sua poesia".[368] E ele fala "dessa flexibilidade macia da plenitude, dessa agilidade macia que enche a mão, que se reflete sem cessar da matéria na mão e da mão na matéria". A mão da cozinheira que amassa é uma "mão feliz" e o cozimento dá ainda à massa um valor novo. "O cozimento é assim um devir material, um devir que vai da palidez à douração, da pasta à

crosta": a mulher pode encontrar uma satisfação particular no êxito do bolo, da massa folhada, porque esse êxito não é dado a todos: é preciso ter o dom. "Nada há mais complicado do que as artes da massa, escreve Michelet. Nada que se regule menos, que se aprenda menos. É preciso ter nascido para isso. Tudo é dom da mãe."

Nesse campo também, compreende-se que a menina se divirta apaixonadamente imitando os mais velhos: com barro e matinho, ela brinca de fabricar sucedâneos; é mais feliz ainda quando tem por brinquedo um forno de verdade ou quando sua mãe a aceita na cozinha e lhe permite manusear a massa do bolo ou cortar o caramelo escaldante. Mas verifica-se nisso o que se verifica nos cuidados da casa: a repetição logo esgota o prazer. Entre os índios que se alimentam essencialmente de tortas, as mulheres passam metade dos dias a amassar, cozer, esquentar, amassar novamente as tortas idênticas em todas as casas, idênticas através dos séculos: quase não são sensíveis à magia do forno. Não é possível transformar todos os dias a feira em uma caça ao tesouro nem se extasiar ante o brilho da torneira. São principalmente os homens e as mulheres que escrevem que exaltam liricamente esses triunfos, porque não cuidam da casa ou o fazem raramente. Cotidiano, esse trabalho torna-se monótono e maquinal; é crivado de esperas: é preciso esperar que a água ferva, que o assado esteja no ponto, a roupa seca; mesmo organizando as diferentes tarefas, sobram momentos longos de passividade e de vazio; elas realizam-se na maior parte do momento no tédio; não passam de um intermediário inessencial entre a vida do presente e a vida do amanhã. Se o indivíduo que as executa é ele próprio produtor, criador, integram-se em sua existência tão naturalmente como as funções orgânicas; eis por que as corveias cotidianas são muito menos tristes quando executadas por homens; só representam para eles um momento negativo e contingente de que se apressam a se evadir. Mas o que torna ingrata a sorte da mulher-serva é a divisão do trabalho que a destina totalmente ao geral e ao inessencial; o *habitat*, o alimento são úteis à vida mas não lhe dão um sentido: as metas imediatas da dona de casa não passam de meios, não são fins verdadeiros e neles só se refletem projetos anônimos. Compreende-se que, para ter a coragem de enfrentar o trabalho, ela tente empenhar nele sua singularidade e revestir os resultados de um valor absoluto; ela tem seus ritos, suas superstições, faz questão de sua maneira de arranjar os talheres, de arrumar a sala, de cerzir, de cozinhar um prato; persuade-se de que em seu lugar ninguém poderia fazer tão bem um assado ou uma limpeza; se o marido ou a filha querem ajudá-la, ela arranca-lhes da mão a agulha, a vassoura. "Você não é capaz de pregar um botão." Dorothy

Parker[369] descreveu com uma ironia apiedada o embaraço de uma jovem mulher convencida de que deve dar uma nota pessoal ao arranjo de seu lar, mas não sabe como o fazer.

> Mrs. Ernest Welton errava pelo estúdio bem arranjado, dando-lhe alguns desses pequenos toques femininos. Não era especialmente hábil na arte de dar esses toques. A ideia era bonita e excitante. Antes de casar-se imaginara que passearia docemente através de sua nova residência, deslocando uma rosa, endireitando uma flor e transformando assim sua casa num lar. Mesmo agora, depois de sete anos de casamento, gostava de se imaginar entregando-se a essa graciosa ocupação. Mas embora a tentasse conscienciosamente todas as noites, logo que se acendiam as lâmpadas dos abajures cor-de-rosa, ela indagava de si mesma com algum desamparo como fazer para realizar esses pequenos milagres que transfiguram integralmente um interior... Dar um toque feminino era o papel da esposa. E Mrs. Welton não era mulher de fugir às suas responsabilidades. Com um ar de incerteza quase lamentável, tateou em cima da lareira, ergueu um vasinho japonês e ficou em pé, com o vaso na mão, inspecionando o quarto com um olhar desesperado... Depois recuou e ponderou suas inovações. Era incrível quão poucas modificações operara no cômodo.

Nessa busca da originalidade ou de uma perfeição particular, a mulher desperdiça muito tempo e esforços; é o que dá a seu trabalho o caráter de uma "tarefa meticulosa e desordenada, sem freio nem limite" que Chardonne assinala e que torna tão difícil apreciar o que representam realmente as preocupações domésticas. De acordo com uma pesquisa recente (publicada pelo jornal *Combat* em 1947 com a assinatura de C. Hébert), as mulheres casadas consagram cerca de três horas e quarenta e cinco minutos ao trabalho doméstico (casa, abastecimento etc.), nos dias úteis, e oito horas nos dias de descanso, ou seja, trinta horas por semana, o que corresponde a 3/4 de tempo de trabalho hebdomadário de uma operária ou uma empregada; é enorme se a tarefa se acrescenta a um ofício; é pouco se a mulher não tem outra coisa a fazer (tanto mais quanto operária e empregada perdem tempo em deslocamentos que não encontram equivalência aqui). O cuidado dos filhos, se numerosos, aumenta consideravelmente as fadigas da mulher: uma mãe de família pobre gasta suas forças ao longo de dias desordenados. Ao contrário, as burguesas que se fazem ajudar são quase ociosas; e o preço desses lazeres é o tédio. Como se aborrecem, muitas complicam e multiplicam indefinidamente seus deveres de maneira que os tornam mais exaustivos do que um trabalho qualificado. Uma amiga, que passara por crises de depressão nervosa, dizia-me que, quando estava bem de saúde, cuidava da casa quase sem pensar nisso e sobrava tempo para ocupações muito mais obrigatórias; quando uma

neurastenia a impedia de se dedicar a esses outros trabalhos, ela deixava-se envolver pelas preocupações domésticas e tinha dificuldade então em dar conta delas, embora consagrando-lhes dias inteiros.

O mais triste é que esse trabalho não conduz sequer a uma criação duradoura. A mulher é tentada — tanto mais quanto mais cuidado nela pôs — a considerar sua obra como um fim em si. Contemplando o bolo que tira do forno, ela suspira: é realmente uma pena comê-lo! É realmente uma pena que o marido e os filhos arrastem os pés enlameados pelo assoalho encerado. Logo que as coisas servem, sujam-se ou se destroem: ela é tentada, já o vimos, a subtraí-las a qualquer uso; uma guarda suas geleias até que o mofo as invada; outra fecha o salão à chave. Mas não se pode parar o tempo; as provisões atraem os ratos, os vermes acorrem. As cobertas, as cortinas, as roupas são comidas pelas traças: o mundo não é um sonho de pedra, mas sim feito de uma substância equívoca que a decomposição ameaça. O tecido comestível é tão equívoco quanto os monstros de carne de Dalí: parecia inerte, inorgânico, mas as larvas escondidas metamorfosearam-no em cadáver. A dona de casa que se aliena em coisas depende, como as coisas, do mundo inteiro: queima-se a roupa e o assado, a porcelana quebra; são desastres absolutos, porque as coisas, quando se perdem, se perdem irreparavelmente. É impossível obter permanência e segurança através delas. As guerras ameaçam com bombas e saques os armários, a casa.

É preciso, portanto, que o produto do trabalho doméstico se consuma; uma renúncia constante é exigida da mulher, cujas operações só terminam com a destruição. Para que ela consinta nisso sem lamentá-lo, é preciso, pelo menos, que esses pequenos holocaustos acendam, em algum lugar, uma alegria, um prazer. Mas como o trabalho doméstico se esgota na manutenção de um *status quo*, o marido ao voltar para casa observa a desordem e a negligência, mas parece-lhe que a ordem e a limpeza são naturais. Ele dedica um interesse mais positivo à refeição bem preparada. O momento em que triunfa a cozinheira, é o momento em que põe sobre a mesa um prato bem-feito: marido e filhos acolhem-no com entusiasmo, não somente com palavras, mas ainda consumindo-o alegremente. A alquimia culinária prossegue, o alimento torna-se quilo e sangue. A manutenção de um corpo tem um interesse mais concreto, mais vital que o de um assoalho; o esforço da cozinheira é de uma maneira evidente ultrapassado para o futuro. Entretanto, se repousar numa liberdade estranha é menos vão do que se alienar nas coisas, não é menos perigoso. É somente na boca dos convivas que o trabalho da cozinheira encontra sua

verdade; ela precisa de sua aprovação; ela exige que eles apreciem seus pratos, que os repitam; ela irrita-se se eles não têm mais fome: a tal ponto que não se sabe mais se as batatas fritas se destinam ao marido ou o marido às batatas fritas. Esse equívoco se encontra no conjunto das atitudes da mulher doméstica: ela cuida da casa para o marido, por isso mesmo exige que ele destine todo o dinheiro que ganha à compra de móveis ou de uma geladeira. Ela quer torná-lo feliz, mas só aprova as atividades dele que cabem no quadro da felicidade que ela construiu.

Houve épocas em que tais pretensões eram geralmente satisfeitas: nos tempos em que a felicidade era também o ideal do homem, em que ele estava antes de tudo apegado a sua casa, a sua família, e em que os próprios filhos queriam definir-se pelos pais, as tradições, o passado. Então, aquela que reinava no lar, que presidia à mesa, era reconhecida como soberana; ela desempenha ainda esse glorioso papel entre certos proprietários fundiários, certos camponeses ricos que perpetuam esporadicamente a civilização patriarcal. Mas, no conjunto, o casamento é hoje a sobrevivência de costumes já mortos e a situação da esposa é muito mais ingrata do que outrora, porque ela tem ainda os mesmos deveres, mas não os mesmos direitos; tem as mesmas tarefas sem tirar delas recompensa nem honra. O homem, hoje, casa para ancorar na imanência, mas não para nela se encerrar; quer um lar, mas conservando a liberdade de se evadir dele; fixa-se, mas o mais das vezes continua vagabundo no fundo do coração; não despreza a felicidade, mas não faz dela um fim em si; a repetição aborrece-o; procura a novidade, o risco, resistências que lhe caiba vencer, camaradagens, amizades que o arranquem da solidão a dois. Os filhos, mais ainda do que o marido, almejam ultrapassar os limites do lar: sua vida situa-se fora dali, à sua frente; a criança deseja sempre o que é outro. A mulher tenta constituir um universo de permanência e continuidade: marido e filhos querem ultrapassar a situação que ela cria e que não passa para eles de um dado. Eis por que lhe repugna admitir a precariedade das atividades a que devota toda sua vida, ela é levada a impor seus serviços pela força: de mãe e dona de casa ela faz-se madrasta e megera.

Assim, o trabalho que a mulher executa no interior do lar não lhe confere autonomia; não é diretamente útil à coletividade, não desemboca no futuro, não produz nada. Só adquire seu sentido e sua dignidade se é integrado a existências que se ultrapassam para a sociedade, na produção ou na ação: isto significa que, longe de libertar a matrona, esse trabalho a coloca na dependência do marido e dos filhos; é através deles que ela se justifica: em

suas vidas ela é apenas uma mediação inessencial. O fato de o código ter suprimido a "obediência" entre seus deveres não modifica em nada a situação; esta não repousa na vontade dos cônjuges e sim na própria estrutura da comunidade conjugal. Não é permitido à mulher *fazer* uma obra positiva e, por conseguinte fazer-se reconhecer como pessoa acabada. Por respeitada que seja, é subordinada, secundária, parasita. A grave maldição que pesa sobre ela está em que o sentido mesmo de sua existência não se encontra em suas mãos. Eis por que os êxitos e os malogros de sua vida conjugal têm muito mais gravidade para ela do que para o homem: este é um cidadão, um produtor, antes de ser um marido; ela é antes de tudo — e muitas vezes exclusivamente — uma esposa, seu trabalho não a arranca de sua posição; é desta, ao contrário, que ele tira ou não seu valor. Amorosa, generosamente devotada, ela executará suas tarefas com alegria; elas lhe parecerão insípidas corveias se as executa com rancor. Não terão nunca em seu destino senão um papel inessencial; não serão nenhum socorro nos avatares da vida conjugal. Cumpre-nos ver, portanto, como se vive concretamente essa condição essencialmente definida pelo "serviço" da cama e o "serviço" da casa e na qual a mulher só encontra sua dignidade aceitando sua vassalidade.

Uma crise fez a moça passar da infância à adolescência; é uma crise mais aguda que a precipita na vida de adulta. Às perturbações que provoca facilmente na mulher uma iniciação sexual um tanto brusca, superpõem-se as angústias inerentes a toda "passagem" de uma condição para outra.

> Ser lançada como um raio na realidade e no conhecimento, pelo casamento surpreender o amor e a vergonha em contradição, dever sentir em um só objeto o êxtase, o sacrifício, o dever, a piedade e o pavor, por causa da vizinhança inesperada de Deus e da besta... criou-se com isso um emaranhamento da alma que buscaria em vão outro semelhante, escreve Nietzsche.

A agitação da tradicional "viagem de núpcias" era destinada em parte a mascarar essa desordem: jogada durante semanas fora do mundo cotidiano, todas as amarras com a sociedade provisoriamente rompidas, a jovem não se situava mais no espaço, no tempo, na realidade.[370] Mas era preciso mais cedo ou mais tarde restabelecer-se; e não é nunca sem inquietação que ela se encontra em seu novo lar. Suas ligações com o lar paterno são muito mais estreitas do que as do rapaz. Arrancar-se da família é um desmame definitivo: é então que ela conhece toda a angústia do abandono e a vertigem da liberdade. A ruptura é, segundo os casos, mais ou menos dolorosa; se já rompeu os laços

que a ligavam ao pai, aos irmãos e às irmãs, e principalmente à mãe, deixa-os sem drama; se dominada ainda por eles, pode praticamente continuar sob a proteção deles e a mudança de situação será menos sensível. Mas, habitualmente, mesmo desejando evadir-se da casa paterna, sente-se desnorteada quando se separa da pequena sociedade a que estava integrada, cortada de seu passado, de seu universo infantil de princípios seguros, de valores garantidos. Só uma vida erótica ardente e plena poderia fazê-la novamente banhar-se na paz da imanência; mas de costume ela é primeiramente mais transtornada do que satisfeita; por mais certo que dê, a iniciação sexual não faz senão aumentar sua inquietação. Encontram-se nela, no dia seguinte ao das núpcias, muitas das reações que opôs à sua primeira menstruação: sente muitas vezes nojo ante essa suprema revelação de sua feminilidade, e horror à ideia de que a experiência se repetirá. Ela conhece também a amarga decepção do amanhã; uma vez regrada, a menina percebia com tristeza que não era uma adulta; deflorada, eis a jovem mulher adulta, foi vencida a última etapa: e agora? Essa decepção inquieta acha-se, aliás, tão ligada ao casamento propriamente dito quanto ao defloramento: uma mulher que já tenha "conhecido" o noivo, ou que tenha "conhecido" outros homens, mas para quem o casamento represente o pleno acesso à vida de adulta, terá muitas vezes a mesma reação. Viver o início de um empreendimento é exaltante; mas nada é mais deprimente do que descobrir um destino sobre o qual não se tem mais nenhum domínio. É desse fundo definitivo, imutável, que a liberdade emerge com a mais intolerável gratuidade. Antes, a jovem abrigada pela autoridade dos pais usava de sua liberdade na revolta e na esperança; empregava-a em recusar e em ultrapassar uma condição em que encontrava ao mesmo tempo segurança; era para o casamento que se transcendia do seio do calor familiar; agora ela *é* casada, não há mais diante dela *outro* futuro. As portas do lar fecharam-se atrás dela: será esse seu quinhão na Terra. Ela sabe exatamente que tarefas a aguardam: as mesmas que sua mãe executava. Dia após dia, os mesmos ritos se repetirão. Jovem, tinha as mãos vazias: na esperança, no sonho, tudo possuía. Agora, ela adquiriu uma parcela do mundo e pensa com angústia: é apenas isto, para sempre. Para sempre este marido, esta casa. Nada mais tem a esperar, nada mais de importante a querer. Entretanto, tem medo de suas novas responsabilidades. Mesmo que o marido seja mais velho e tenha autoridade, o fato de ter relações sexuais com ele tira dela o prestígio; não poderia substituir um pai, menos ainda uma mãe, nem livrá-la de sua liberdade. Na solidão do novo lar, ligada a um homem que lhe é

mais ou menos estranho, já não mais criança e sim esposa e destinada a ser mãe por sua vez, ela se sente paralisada; definitivamente destacada do seio materno, perdida no meio de um mundo em que nenhuma meta a chama, abandonada em um presente glacial, ela descobre o tédio e a sensaboria da pura facticidade. É esse desalento que se exprime de uma maneira impressionante no diário da jovem condessa Tolstoi; tinha dado a mão com entusiasmo ao grande escritor que admirava; depois dos abraços fogosos que sofreu no balcão de madeira de Iasnaiava Poliana, ela se reencontra enojada do amor carnal, longe dos seus, cortada de seu passado, ao lado de um homem de quem fora noiva durante oito dias, que tem 17 anos mais do que ela, um passado e interesses que lhe são totalmente estranhos; tudo lhe parece vazio, gélido; sua vida não passa de um sono. É preciso citar a narrativa que ela faz no início do casamento e as páginas de seu diário durante os primeiros anos.

A 23 de setembro de 1862, Sofia casa-se e à noite deixa a família.

> Um sentimento penoso, doloroso contraía-me a garganta e me estrangulava. Senti então que chegara o momento de deixar para sempre minha família e todos os que eu amava profundamente e com quem sempre vivera... Os adeuses começaram e foram terríveis... Eis os últimos minutos. Intencionalmente reservara para o fim a despedida de minha mãe... Quando me desprendi de seu abraço e, sem me voltar, fui instalar-me no carro, ela deu um grito lancinante que nunca mais na vida pude esquecer. A chuva de outono não parava de cair... Encolhida em meu canto, acabrunhada de cansaço e de dor, entreguei-me as lágrimas. Leon Nicolaievitch parecia muito espantado, descontente mesmo... Quando saímos da cidade, experimentei nas trevas um sentimento de pavor... A escuridão oprimia-me. Não nos dissemos quase nada até a primeira estação, Biriulev, se não me engano. Lembro-me de que Leon Nicolaievitch se mostrava muito terno e muito atencioso comigo. Em Biriulev, deram-nos quartos ditos de tsar, grandes quartos com móveis forrados de crepe vermelho que nada tinham de acolhedor. Trouxeram-nos o samovar. Encolhida num canto do sofá, mantinha-me silenciosa como uma condenada. "Então!", disse-me Leon Nicolaievitch, "se fizesses as honras da casa?" Obedeci e servi o chá. Sentia-me confusa e não podia livrar-me de certo temor. Não ousava dizer tu a Leon Nicolaievitch e evitava chamá-lo pelo nome. Durante muito tempo ainda continuei a dizer-lhe vós.

Vinte e quatro horas depois, chegam a Iasnaiava Poliana. A oito de outubro, Sofia retorna a seu diário. Sente-se angustiada. Sofre com o fato de o marido ter um passado.

> Desde que me lembro, sempre sonhei com um ser completo, novo, *puro*, que amaria... me é difícil renunciar a esses sonhos de criança. Quando ele me beija, penso que não sou a primeira que beija assim.

No dia seguinte ela anota:

Não me sinto à vontade. Tive sonhos maus esta noite e, embora não pense nisso constantemente, tenho a alma pesada. Foi mamãe que me apareceu em sonho e isso me causou grande mágoa. É como se dormisse sem poder despertar... Algo me pesa. Parece-me constantemente que vou morrer. É estranho, agora que tenho um marido. Ouço-o dormir e tenho medo sozinha. Ele não me deixa penetrar em seu íntimo e isso me aflige. Todas essas relações carnais são repugnantes.

11 de outubro: Terrível! Horrivelmente triste! Encolho-me cada vez mais em mim mesma. Meu marido está doente, de mau humor e não me ama. Contava com isso, mas não pensava que fosse tão horroroso. Quem se preocupa com minha felicidade? Ninguém duvida de que essa felicidade eu não a sei criar, nem para ele nem para mim. Nas minhas horas de tristeza acontece-me perguntar: para que viver quando as coisas vão tão mal para mim como para os outros! É estranho, mas esta ideia me persegue. Ele vai se tornando dia a dia mais frio, ao passo que eu, ao contrário, amo-o cada vez mais... Evoco a lembrança dos meus. Como a vida era fácil então! Ao passo que agora, meu Deus, tenho a alma ferida! Ninguém me ama... Querida mamãe, querida Tânia, como eram gentis!

Por que as deixei? É triste, é horrível! Entretanto Liovotchka é excelente... Outrora eu punha ardor em viver, trabalhar, dedicar-me aos cuidados da casa. Agora, acabou: poderia permanecer silenciosa dias inteiros, de braços cruzados a remoer meus anos passados. Gostaria de trabalhar, mas não posso... Tocar piano teria me agradado, mas aqui é muito incômodo... Liovotchka propusera-me ficar em casa hoje enquanto ele ia a Nikolskoie. Eu deveria ter consentido para libertá-lo de mim, mas não tive forças para tanto... Pobre! Procura distrações por toda parte e pretextos para me evitar. Por que estou no mundo?

13 de novembro de 1863: Confesso que não sei com que me ocupar. Liovotchka é feliz porque tem inteligência e talento, enquanto eu não tenho nem uma coisa nem outra. Não é difícil encontrar alguma coisa para fazer, trabalho não falta. Mas é preciso interessar-me por essas pequenas tarefas, acostumar-me a apreciá-las: cuidar do galinheiro, arranhar o piano, ler muitas tolices e poucas coisas interessantes, salgar os pepinos... Tornei-me tão profundamente abúlica, que nem nossa viagem a Moscou nem a perspectiva de um filho me causam a menor emoção, a mais insignificante alegria, nada. Quem me indicará o meio de despertar, de me reanimar? Esta solidão acabrunha-me. Não estou habituada a isto. Em casa havia tanta animação e aqui na sua ausência tudo é insípido. A solidão lhe é familiar. Ele não aufere como eu prazer de seus amigos íntimos, mas sim de suas atividades... Cresceu sem família.

23 de novembro: Sou sem dúvida inativa, mas não por natureza. Não sei simplesmente que trabalho empreender. Por vezes sinto uma vontade louca de escapar de sua influência... por que sua influência me pesa? Contenho-me, mas não me tornarei ele. Com isso só perderia minha personalidade. Já não sou mais a mesma, o que me torna a vida mais difícil ainda.

10 de abril: Tenho o grande defeito de não encontrar recursos em mim mesma... Liova está muito absorvido por seu trabalho e pela administração da propriedade, ao passo que eu não tenho nenhuma preocupação. Não tenho jeito para nada. Gostaria de ter mais trabalho, um trabalho de verdade, porém. Outrora, nesses belos dias de primavera, sentia a necessidade, a vontade de alguma coisa. Deus sabe de meus sonhos! Hoje não tenho necessidade de nada, não sinto mais essa vaga e estúpida aspiração a não sei quê, pois tendo tudo encontrado, nada tenho que procurar. Todavia, aborreço-me.

20 de abril: Liova afasta-se cada vez mais de mim. O lado físico do amor desempenha um papel muito importante para ele, ao passo que para mim não desempenha nenhum.

Vê-se que essa jovem mulher sofre, no decorrer desses primeiros seis meses, de estar separada dos seus, de sua solidão, do aspecto definitivo que assumiu seu destino; detesta as relações físicas com o marido e se aborrece. É também esse tédio que sente, até as lágrimas, a mãe de Colette[371] após o primeiro casamento imposto pelos irmãos:

> Ela deixou, pois, a tépida casa belga, a cozinha de porão que cheirava a gás, o pão quente e o café, deixou o piano, o violino, o grande Salvador Rosa, herança do pai, o pote de fumo, os finos e compridos cachimbos de barro... os livros abertos e os jornais amarrotados para entrar, recém-casada, na casa de escadaria que cercava o duro inverno das regiões de florestas. Aí encontrou um inesperado salão branco e dourado, no térreo, mas um primeiro andar apenas rebocado, abandonado como um sótão... os quartos de dormir gelados não falavam nem de amor nem de doce sono... Sido, que almejava amigos, uma sociabilidade inocente e alegre, só encontrou em sua própria casa criados e meeiros cautelosos... Encheu a casa de flores, mandou caiar a cozinha sombria, cuidou ela própria dos pratos flamengos, preparou bolos de uvas e ficou à espera do primeiro filho. Le Sauvage sorria-lhe entre dois passeios e partia novamente... Cansada de receitas apetitosas, de paciência e da encáustica, Sido, exaurida de solidão, chorou...

Marcel Prévost descreve em *Lettres à Françoise mariée* o desatino da jovem de volta de sua viagem de núpcias.

> Ela pensa no apartamento materno com seus móveis Napoleão III e Mac-Mahon, suas pelúcias nos espelhos, seus armários de pereira escura, tudo o que julgava tão fora de moda, tão ridículo... Tudo isso é evocado durante um instante ante sua memória como um asilo real, um verdadeiro *ninho*, o ninho em que foi acalentada por uma ternura desinteressada, ao abrigo de toda intempérie e de todo perigo. O apartamento de agora, com seu cheiro de tapete novo, suas janelas desguarnecidas, a sarabanda das cadeiras, todo seu ar de improvisação, de ameaça de viagem, não, não é um ninho. É apenas o lugar do ninho que cumpre construir... Sentiu-se súbita e horrivelmente triste, triste como se a tivessem abandonado num deserto.

A partir desse desatino, surgem muitas vezes na jovem esposa longas melancolias e diversas psicoses. Ela sente, em particular, sob a forma de diferentes obsessões psicastênicas e vertigem de sua liberdade vazia; assim é que, por exemplo, cria e alimenta esses fantasmas de prostituição que já encontramos na jovem. Pierre Janet[372] cita o caso de uma recém-casada que não podia suportar a solidão em seu apartamento porque se sentia tentada a ir para a janela e trocar olhares com os passantes. Outras permanecem abúlicas em face de um universo que "não parece mais verdadeiro", que se povoa tão somente de fantasmas e de cenários de papelão. Algumas há que se esforçam

em negar sua condição de adulto, que se obstinarão a negá-la durante a vida inteira. Assim a paciente que Janet designa pelas iniciais QI.

> QI, mulher de 36 anos, achava-se obcecada pela ideia de que é uma menina de dez a 12 anos; principalmente quando fica só, põe-se a pular, a rir, a dançar, desfaz os cabelos, solta-os sobre os ombros, corta-os, pelo menos parcialmente. Gostaria de poder entregar-se completamente a esse sonho de ser criança: "É tão lamentável não poder brincar de esconde-esconde diante de todos, pregar peças... Desejaria que me achassem gentil, tenho medo de ser feia como um piolho, gostaria que gostassem de mim, conversassem comigo, me acarinhassem, me dissessem sempre que gostam de mim como gostam das criancinhas... Gosta-se de uma criança por causa de suas travessuras, de seu coraçãozinho bom, de suas gentilezas, e o que lhe pedem em troca? Que gostem também, nada mais. É isso que é bom, mas não posso dizê-lo a meu marido, ele não me compreenderia. Bem, gostaria tanto de ser uma menina, de ter um pai ou uma mãe que me pusesse no colo, que me acariciasse os cabelos... mas não, sou uma senhora, mãe de família; é preciso cuidar de uma casa, ser séria, refletir sozinha, que vida!"

Para o homem, o casamento também é por vezes uma crise: a prova está em que muitas psicoses masculinas têm início durante um noivado ou durante os primeiros tempos da vida conjugal. Menos apegado à família do que as irmãs, o jovem pertencia a alguma confraria: colégio superior, universidade, *atelier* de aprendizagem, equipe, bando, que o protegia contra a solidão; larga-a para começar sua verdadeira existência de adulto; teme a solidão futura e é muitas vezes para conjurá-la que se casa. Mas é vítima dessa ilusão que a coletividade alimenta e que apresenta o casal como uma "*sociedade* conjugal". A não ser durante o rápido incêndio de uma paixão amorosa, dois indivíduos não podem constituir um mundo que os proteja a ambos contra o mundo: é o que ambos sentem após as núpcias. A mulher, desde logo familiar, escravizada, não esconde do marido sua liberdade; ela é um fardo, não um *álibi*; não o exime do peso de suas responsabilidades, agrava-o, ao contrário. A diferença dos sexos implica muitas vezes diferenças de idade, educação, situação que não permitem nenhum entendimento real: embora familiares, os esposos são estranhos. Outrora, havia muitas vezes entre eles um verdadeiro abismo: a jovem, educada em um estado de ignorância, de inocência, não tinha nenhum "passado", ao passo que o noivo "vivera", a ele cabia iniciá-la na realidade da existência. Certos homens sentiam-se lisonjeados com essa tarefa delicada; mais lúcidos, mediam com inquietação a distância que os separava da futura companheira. Edith Wharton descreveu, em seu romance *This Age of Innocence*, os escrúpulos de um jovem norte-americano de 1870 em face da moça que lhe era destinada:

> Com uma espécie de respeitoso terror, ele contemplou a fronte pura, os olhos sérios, a boca inocente e alegre da jovem criatura que lhe ia confiar a alma. Esse produto temível do sistema social de que ele participava e em que acreditava — a jovem que tudo ignorando tudo esperava — apresentava-se agora a ele como uma estranha... Em verdade, que sabiam eles um do outro, posto que era de seu dever de homem galante esconder o passado à noiva e dever desta não o ter?... A moça, centro desse sistema de mistificação superiormente elaborado, revelava-se, por sua própria fraqueza e coragem, um enigma ainda mais indecifrável. Era franca, a pobre querida, porque não tinha o que esconder; confiante, porque não imaginava que se devesse defender; e sem maior preparação, ia ser mergulhada, numa noite, nisso que chamam "as realidades da vida"... Tendo feito pela centésima vez um exame completo daquela alma sucinta, voltou desanimado ao pensamento de que aquela pureza factícia, tão habilmente fabricada pela conspiração das mães, das tias, das avós, até as remotas antepassadas puritanas, só existia para a satisfação de seus gostos pessoais, para que ele pudesse exercer sobre ela seu direito de senhor e destruí-la como uma estátua de neve.

Hoje o fosso é menos profundo porque a jovem é um ser menos factício; está mais bem informada, mais bem armada para a vida. Mas muitas vezes é ela ainda muito mais jovem do que o marido. É um ponto cuja importância não se acentuou suficientemente; tomam-se frequentemente por diferenças de sexo as consequências de uma maturidade desigual; em muitos casos, a mulher é uma criança, não porque seja mulher, mas porque é realmente muito jovem. A seriedade do marido e dos amigos do marido a deixaram acabrunhada. Sofia Tolstoi escrevia, cerca de um ano depois do dia das núpcias:

> Ele é velho, por demais concentrado, e eu sinto-me hoje tão moça e teria tamanha vontade de fazer loucuras! Ao invés de me deitar, gostaria de fazer piruetas, mas com quem?
>
> Uma atmosfera de velhice me envolve, toda a minha coragem é velha. Esforço-me por reprimir todo impulso de mocidade, a tal ponto parece deslocado neste meio de sensatez.

Por seu lado, o marido vê em sua mulher um "bebê"; ela não é a companheira que esperava e ele faz com que ela o sinta; ela se humilha. Sem dúvida, ao sair da casa paterna, ela gosta de encontrar um guia, mas quer também ser encarada como "uma adulta"; deseja permanecer criança, mas quer tornar-se mulher; o marido mais idoso nunca a pode tratar de maneira a satisfazê-la inteiramente.

Mesmo que a diferença de idade seja insignificante, há que considerar que a moça e o rapaz foram em geral educados de modo bem diverso; ela emerge de um universo feminino em que lhe inculcaram uma sabedoria feminina, e respeito aos valores femininos, ao passo que ele está imbuído dos princípios da

ética masculina. Para eles é muitas vezes difícil compreenderem-se, e os conflitos não tardam.

Pelo fato de, em geral, o casamento subordinar a mulher ao marido, é principalmente a ela que se apresenta em toda a sua acuidade o problema das relações conjugais. O paradoxo do casamento está em que é, a um só tempo, uma função erótica e uma função social: essa ambivalência reflete-se na figura que o marido assume para a jovem mulher. É um semideus dotado de prestígio viril e destinado a substituir o pai: protetor, provedor, tutor, guia; é à sombra dele que a vida da esposa deve desabrochar; ele é o detentor dos valores, o fiador da verdade, a justificação ética do casal. Mas é também um macho com quem cumpre partilhar uma experiência com frequência vergonhosa, barroca, odiosa, ou perturbadora, contingente em todo caso; ele convida a mulher a chafurdar consigo na bestialidade, ao mesmo tempo que a dirige com firmeza para o ideal.

> Uma noite, em Paris, de volta a casa, eles se detiveram, Bernard deixou ostensivamente um *music-hall* cujo espetáculo o chocara: "Dizer que os estrangeiros veem isto! Que vergonha, e é por isso que nos julgam..." Thérèse admirava que esse homem pudico fosse o mesmo cujas pacientes invenções da escuridão lhe seria necessário suportar dentro de menos de uma hora.373

Entre o mentor e o fauno numerosas formas híbridas são possíveis. Por vezes, o homem é ao mesmo tempo pai e amante, o ato sexual torna-se uma orgia sagrada e a esposa uma amorosa que encontra nos braços do esposo uma salvação definitiva alcançada através de uma renúncia total. Este amor-paixão dentro da vida conjugal é muito raro. Por vezes, também, a mulher amará platonicamente seu marido, mas se recusará a entregar-se aos braços de um homem respeitado demais. É o caso dessa mulher de que fala Stekel: "Mme D.S., viúva de um grande artista, tem agora quarenta anos. Embora adorando o marido, foi com ele inteiramente frígida." Ao contrário, ela pode ter com ele um prazer que suporta como uma degradação comum e mata nela estima e respeito. Por outro lado, um fracasso erótico coloca para sempre o marido no nível do animal: odiado em sua carne, ele será desprezado em seu espírito; inversamente, verificamos como desprezo, antipatia, rancor determinavam a frigidez na mulher. O que acontece muito frequentemente é que o marido permanece, após a experiência sexual, um superior respeitado, cujas fraquezas animais se desculpam; parece que foi, entre outros, o caso de Adèle Hugo. Ou então fica ele

sendo um agradável parceiro sem prestígio. K. Mansfield descreveu na novela *Prelúdio* uma das formas que essa ambivalência pode assumir:

> Ela o amava realmente. Adorava-o, admirava-o e respeitava-o enormemente. Sim, mais do que qualquer pessoa no mundo. Conhecia-o a fundo. Ele era a franqueza, a própria respeitabilidade e, apesar de toda a sua experiência prática, continuava simples, absolutamente ingênuo, contente com pouca coisa e vexado com pouca coisa. Se ao menos não saltasse assim nela, gritando tanto, olhando-a com olhos tão ávidos, tão amorosos! Era forte demais para ela. Desde a infância detestava as coisas que se precipitavam sobre ela. Havia momentos em que ele se tornava terrificante, realmente terrificante, em que ela quase gritava com toda a força: vais matar-me! E então ela tinha vontade de dizer coisas duras, coisas detestáveis... Sim, sim, era verdade; com todo o seu amor, todo o seu respeito e a sua admiração por Stanley, ela o detestava. Nunca sentira isso tão claramente; todos esses sentimentos por ele eram claros, definidos, tão verdadeiros um como outros. E esse ódio, bem real, como o resto. Teria podido fazer pacotinhos com eles e dá-los a Stanley. Tinha vontade de entregar-lhe o último como surpresa e imaginava os olhos dele quando o abrisse.

A jovem mulher está longe de se confessar sempre seus sentimentos com essa sinceridade. Amar o marido, ser feliz, é um dever para consigo mesma e para com a sociedade; é o que sua família espera dela; ou, se os pais se mostraram hostis ao casamento, é um desmentido que lhes quer infligir. Em geral ela começa vivendo sua situação conjugal de má-fé; persuade-se de bom grado de que sente pelo marido um grande amor; e essa paixão assume uma forma tanto mais maníaca, possessiva, ciumenta quanto menos satisfeita sexualmente é a mulher; para se consolar da decepção, que a princípio se recusa a confessar, ela tem a necessidade insaciável da presença do marido. Stekel cita numerosos exemplos desses apegos doentios.

> Em consequência de fixações infantis, uma mulher permanecerá frígida durante os primeiros anos do casamento. Desenvolveu-se então nela um amor hipertrofiado como acontece frequentemente com mulheres que não querem ver que o marido é indiferente em relação a elas. Ela só vivia e pensava no marido. Não tinha mais vontade. Ele devia, pela manhã, fazer o programa do dia dela, dizer o que cabia comprar etc. Ela executava tudo conscienciosamente. Se ele não indicava nada, ela ficava no quarto sem fazer nada, com saudade dele. Não podia deixá-lo ir a parte alguma sem o acompanhar. Não podia ficar sozinha e gostava de segurar sua mão... Era infeliz, chorava durante horas, tremia por ele e, quando não havia motivo para tremer, ela o criava.
>
> Meu segundo caso é o de uma mulher encerrada num quarto como numa prisão, de medo de sair sozinha. Encontrava-a segurando as mãos do marido, conjurando-o a permanecer sempre perto dela... Casada há sete anos, ele nunca pudera ter relações com ela.

O caso de Sofia Tolstoi é análogo; conclui-se evidentemente, dos trechos que citei e de todo o diário, que logo depois de casar ela percebeu que não amava o marido. As relações carnais que tinha com ele enojavam-na; censurava-lhe o passado, achava-o velho e aborrecido, só manifestava hostilidade às ideias dele; parece, de resto, que ávido e brutal na cama, ele a negligenciava e tratava duramente. Aos gritos de desespero, às confissões de tédio, de tristeza, de indiferença, misturam-se, entretanto, em Sofia, protestos de amor apaixonado: ela quer sempre ter a seu lado o esposo bem-amado; mal ele se afasta, ela fica torturada pelo ciúme. Eis o que escreve:

> 11-1-1863: Meu ciúme é uma doença inata. Talvez provenha de que, amando somente a ele, não posso ser feliz senão com ele, por ele.
>
> 15-1-1863: Gostaria que ele só sonhasse comigo e pensasse em mim, só amasse a mim. Mal acabo de afirmar que gosto disto ou daquilo e me retrato: sinto que não amo outra coisa além de Liovotchka. No entanto, deveria gostar absolutamente de outra coisa, como ele gosta de seu trabalho... Sinto, porém, tal angústia sem ele! Sinto aumentar dia a dia a necessidade de não o deixar...
>
> 17-10-1863: Sinto-me incapaz de compreendê-lo bem, eis por que o vigio tão ciumentamente...
>
> 31-7-1868: Como é engraçado reler um diário! Quantas contradições! Como se eu fosse uma mulher infeliz! Existirão casais mais unidos e felizes do que nós? Meu amor aumenta sempre. Amo-o sempre com o mesmo amor inquieto, apaixonado, ciumento, poético. Sua calma e sua segurança irritam-me por vezes.
>
> 16-9-1876; Procuro avidamente em seu diário as páginas em que trata de amor e logo que as encontro sou devorada pelo ciúme. Tenho raiva de Liovotchka por ter partido. Não durmo, não como quase nada, engulo minhas lágrimas ou choro escondida. Tenho todos os dias um pouco de febre e arrepios à noite... Estarei sendo punida por ter amado tanto?

Sentimos, através de todas essas páginas, um inútil esforço para compensar, pela exaltação moral ou "poética", a ausência de um amor verdadeiro; é esse vazio do coração que as exigências, a ansiedade, o ciúme traduzem. Muitos ciúmes mórbidos desenvolvem-se em condições semelhantes; o ciúme traduz de uma maneira indireta uma insatisfação que a mulher objetiva inventando uma rival; não experimentando nunca junto do marido um sentimento de plenitude, ela de certo modo racionaliza sua decepção imaginando que ele a engana.

Muitas vezes, por moralidade, hipocrisia, orgulho, timidez, a mulher obstina-se em sua mentira. "Muitas vezes, uma aversão pelo marido querido não foi percebida durante toda uma vida: chamam-na melancolia ou lhe dão qualquer outro nome", escreve Chardonne.[374] Mas não é por não ser nomeada que a hostilidade deixa de ser vivida. Imprime-se, com maior ou menor violência, pelo

esforço que a mulher faz para recusar o domínio do esposo. Depois da lua de mel e do período de desatino que muitas vezes se lhe segue, ela tenta reconquistar a autonomia. Não é uma tarefa fácil. Por ser muitas vezes mais idoso do que ela, por possuir em todo caso um prestígio viril, por ser por lei o "chefe da família", o marido detém uma superioridade moral e social; muitas vezes possui também, pelo menos aparentemente, uma superioridade intelectual. Tem sobre a mulher a vantagem da cultura ou pelo menos da formação profissional; desde a adolescência interessa-se pelos negócios do mundo: são seus negócios; conhece um pouco de direito, está a par da política, pertence a um partido, a um sindicato, a associações; trabalhador, cidadão, seu pensamento está empenhado na ação; enfrenta a prova da realidade, contra a qual não se pode trapacear: isso equivale a dizer que o homem médio tem a técnica do raciocínio, o gosto dos fatos e da experiência, certo senso crítico; é o de que ainda carecem numerosas jovens; mesmo se leram, assistiram a conferências, se dedicaram por distração a alguma arte, seus conhecimentos acumulados mais ou menos ao acaso não constituem uma cultura; não é em consequência de um vício cerebral que raciocinam mal: é porque a prática não as obrigou a fazê-lo bem. Para elas, o pensamento é antes um jogo do que um instrumento; mesmo inteligentes, sensíveis, sinceras, elas não sabem, por falta de técnica intelectual, demonstrar suas opiniões, tirar as consequências que comportem. É por esse lado que um marido — mesmo mais medíocre — as dominará facilmente: saberá provar que tem razão ainda que não tendo. Nas mãos de um homem, a lógica é muitas vezes violência. Chardonne descreveu em *Epithalame* essa forma dissimulada de opressão. Mais idoso, mais culto e mais instruído do que Berthe, Albert vale-se da superioridade para negar qualquer valor às opiniões da mulher, quando não as partilha; *prova-lhe* infatigavelmente que tem razão; ela, por seu lado, obstina-se e recusa-se a outorgar qualquer conteúdo aos raciocínios do marido: ele aferra-se igualmente a suas ideias, eis tudo. Assim se agrava entre eles um mal-entendido sério. Ele não procura compreender sentimentos, reações que ela não sabe justificar habilmente mas que têm raízes profundas; ela não compreende o que pode haver de vivo sob a lógica pedante com que o marido a esmaga. Ele chega a irritar-se com uma ignorância que, entretanto, ela nunca dissimulou e faz, como para desafiá-la, perguntas de astronomia; no entanto, sente-se lisonjeado por lhe orientar as leituras, por encontrar nela um auditor que domina sem dificuldade. Em uma luta em que a insuficiência intelectual a condena a ser sempre vencida, a jovem esposa não tem outro recurso a não ser o silêncio, ou as lágrimas, ou a violência:

> Com o cérebro ensurdecido, abatido pelos choques, Berthe não podia mais pensar quando ouvia aquela voz sincopada e estridente e Albert continuava a envolvê-la num zunido imperioso para estonteá-la, feri-la no desatino de seu espírito humilhado... Ela sentia-se vencida, desamparada ante as asperezas de uma argumentação inconcebível, e para se livrar desse injusto poder gritou: Deixe-me em paz! Tais palavras pareciam-lhe fracas demais; deparou com um frasco de cristal na penteadeira e subitamente atirou-o em Albert...

Por vezes a mulher procura lutar. Mas, muitas vezes, ela aceita por bem ou por mal, como a Nora de *A casa de bonecas*,[375] que o homem pense por ela; ele é que será a consciência do casal. Por timidez, inabilidade, preguiça, ela deixa ao homem o cuidado de forjar as opiniões que lhes serão comuns acerca de todos os assuntos gerais e abstratos. Uma mulher inteligente, culta, independente, mas que admirara durante 15 anos um marido que julgava superior, dizia-me transtornada, depois da morte dele, que se vira obrigada a decidir ela própria sobre suas convicções e sobre sua conduta: tenta ainda adivinhar o que ele teria pensado em cada circunstância. O marido compraz-se geralmente nesse papel de mentor e chefe.[376] Ao fim de um dia em que conhece dificuldades em suas relações com iguais, em que tem de submeter-se a superiores, ele gosta de se sentir um superior absoluto e oferecer verdades incontestadas.[377] Narra os acontecimentos do dia, dá razão a si mesmo contra seus adversários, feliz por encontrar na esposa um duplo que o confirma a si próprio; comenta o jornal e as notícias políticas, de bom grado lê em voz alta para a mulher, a fim de que a relação dela com a cultura não seja autônoma. Para ampliar sua autoridade, exagera com prazer a incapacidade feminina; ela aceita mais ou menos docilmente esse papel de subordinada. Sabe-se com que prazer espantado mulheres que lamentam sinceramente a ausência do marido descobrem em si mesmas, nessa oportunidade, possibilidades insuspeitadas; gerem os negócios, educam os filhos, decidem, administram sem qualquer auxílio. Sofrem quando a volta do marido as relega novamente à incompetência.

O casamento incita o homem a um imperialismo caprichoso: a tentação de dominar é a mais universal, a mais irresistível que existe; entregar o filho à mãe, entregar a mulher ao marido é cultivar a tirania na terra; muitas vezes não basta ao esposo ser aprovado, admirado, aconselhar, guiar: ele ordena, representa o papel de soberano. Todos os rancores acumulados em sua infância, durante sua vida, acumulados cotidianamente entre os outros homens cuja existência o freia e fere, ele descarrega em casa, acenando para a mulher com sua autoridade; mima a violência, a força, a intransigência: dá ordens com voz severa, ou grita, bate na

mesa; essa comédia é para a mulher uma realidade cotidiana. Ele se acha tão convencido de seus direitos que a menor autonomia conservada pela mulher lhe parece uma rebeldia; gostaria de impedi-la de respirar sem ele. Ela, entretanto, revolta-se. Mesmo se começou reconhecendo o prestígio viril, seu deslumbramento dissipa-se depressa. O filho percebe um dia que o pai não é senão um indivíduo contingente; a esposa descobre logo que não tem diante de si a grande figura do suserano, do chefe, do senhor, e sim um homem; não vê nenhuma razão para se escravizar; a seus olhos ele não representa senão um ingrato e injusto dever. Por vezes, a mulher se submete com uma complacência masoquista; assume um papel de vítima e sua resignação não passa de uma censura silenciosa; mas muitas vezes, também, ela luta abertamente contra seu senhor, e por seu turno esforça-se por tiranizá-lo.

O homem é ingênuo quando imagina que submeterá facilmente a mulher a suas vontades e a "formará" como quiser. "A mulher é o que dela faz o marido", diz Balzac; mas diz o contrário algumas páginas adiante. No terreno da abstração e da lógica, a mulher resigna-se frequentemente a aceitar a autoridade masculina; mas quando se trata de ideias, de hábitos que a interessam realmente, ela se opõe com uma tenacidade dissimulada. A influência da infância e da juventude é muito mais profunda nela do que no homem, pelo fato de que ela permanece mais encerrada em sua história individual. Do que adquiriu nesses períodos, geralmente não se desfaz nunca. O marido imporá à mulher uma opinião política, porém não modificará suas convicções religiosas, não abalará suas superstições: é o que verifica Jean Barois, que imaginava conquistar uma influência real sobre a pequena devota que associou à sua vida. Diz, acabrunhado: "Um cérebro de menina cristalizado à sombra de uma cidade provinciana: todas as afirmações da tolice ignorante: não se arranca essa crosta." A despeito das opiniões aceitas, a despeito dos princípios que repete como um papagaio, a mulher conserva sua visão pessoal do mundo. Essa resistência pode torná-la incapaz de compreender um marido mais inteligente do que ela; ou, ao contrário, ela o erguerá acima da seriedade masculina, como acontece com as heroínas de Stendhal ou Ibsen. Por vezes — ou porque ele a tenha desiludido sexualmente, ou, ao contrário, porque a domine e ela queira vingar-se —, a mulher deliberadamente apega-se por hostilidade ao homem, a valores que não são os dela; apoia-se na autoridade da mãe, do pai, de um irmão, de qualquer personalidade masculina que se lhe afigure "superior", de um confessor, de uma irmã de caridade, apenas para o enfrentar. Ou, sem opor nada de positivo, ela se esforça por contradizê-lo

sistematicamente, atacá-lo, magoá-lo; esforça-se por inculcar-lhe um complexo de inferioridade. Naturalmente, tendo as capacidades necessárias, terá prazer em deslumbrar o marido, em lhe impor seus palpites, suas opiniões, suas diretrizes; irá se apossar de toda a autoridade moral. Nos casos em que for impossível contestar a supremacia espiritual do marido, tentará conseguir sua vingança no terreno sexual. Ou recusa-se a ele, como Mme Michelet, de quem Halévy nos diz:

> Queria dominar em tudo; na cama, porquanto era forçoso suportá-lo, e à mesa de trabalho. Era a mesa que ela visava e Michelet a proibiu enquanto ela proibia a cama. Durante muitos meses o casal foi casto. Finalmente, Michelet teve a cama e Athénais Mialaret logo depois teve a mesa: nascera escritora e era na verdade seu lugar...

Ou ela se retesa nos braços masculinos e lhe inflige a afronta da frigidez; ou mostra-se caprichosa, coquete, impondo-lhe uma atitude de suplicante; flerta, provoca ciúmes, engana-o: de uma maneira ou de outra tenta humilhá-lo em sua virilidade. Se a prudência a impede de ir até o fim, encerra ela, pelo menos orgulhosamente em seu coração, o segredo de sua frieza altiva. Confia-o, por vezes, a um diário, de preferência a suas amigas: numerosas mulheres casadas divertem-se em se contar mutuamente "truques" de que se valem para fingir experimentar um prazer que pretendem não sentir; riem-se ferozmente da vaidosa ingenuidade de suas vítimas; tais confidências talvez sejam igualmente uma comédia: entre a frigidez e a vontade de frigidez, a fronteira não é muito precisa. Em todo caso, elas se imaginam insensíveis e assim satisfazem seu ressentimento. Há mulheres — as que se assemelham à fêmea do louva-a-deus — que querem triunfar tanto à noite como de dia: são frias no amor, desdenhosas nas conversas, tirânicas nas condutas. Assim é que — segundo o testemunho de Mabel Dodge — Frieda se conduzia com Lawrence. Não podendo negar a superioridade intelectual dele, pretendia impor-lhe sua própria visão do mundo, em que só os valores sexuais contavam.

> Ele tinha de encarar a vida através dela e era o papel dela ver a vida do ponto de vista do sexo. Era deste ponto de vista que ela se colocava para aceitar ou condenar a vida.

Ela declarou um dia a Mabel Dodge:

É preciso que ele receba tudo de mim. Quando eu não estou presente ele não sente nada; nada, e é de mim que recebe seus livros, continuou ela com ostentação. Ninguém o sabe. Fiz páginas inteiras desses livros para ele.

Entretanto, Frieda tem necessidade premente de provar a si mesma que ela é necessária para ele; exige que ele se ocupe dela incessantemente: se não o faz espontaneamente, força-o a fazê-lo:

Frieda muito conscienciosamente aplicava-se a nunca permitir que suas relações com Lawrence se desenvolvessem na calma que se estabelece geralmente entre casados. Logo que sentia que ele se entregava ao hábito, lançava-lhe uma bomba. Fazia de modo que ele não a esquecesse nunca. Essa necessidade de uma atenção perpétua... tinha se tornado, quando eu os vi, a arma de que a gente se serve contra um inimigo. Frieda sabia feri-lo nos lugares sensíveis... Se durante o dia não lhe dava atenção, ela ia à noite até o insulto.

A vida conjugal tornara-se para eles uma série de cenas indefinidamente recomeçadas e nas quais nenhum deles queria ceder, dando à menor altercação o aspecto titânico de um duelo entre o Homem e a Mulher.

De uma maneira diferente, encontra-se também em Elise, que nos descreve Jouhandeau,[378] uma vontade feroz de domínio que a leva a diminuir o máximo possível o marido:

ELISE: Para começar, diminuo tudo em torno de mim. Fico então bem tranquila. Só tenho que tratar com monos e grotescos.

Ao despertar, ela me chama:

— Meu monstrinho.

É uma política.

Quer me humilhar.

Com que indisfarçável alegria se dedicou a fazer com que eu renunciasse a todas as minhas ilusões, sobre mim, uma após outra. Ela nunca perdeu uma oportunidade de dizer que sou isto, que sou aquilo, um pobre-diabo, diante de meus amigos espantados ou de nossos criados embaraçados. Acabei assim acreditando nela... Para desprezar-me, não há ocasião em que deixe de me fazer sentir que minha obra a interessa menos do que o bem-estar que nos poderia dar.

Foi ela quem secou a fonte de meus pensamentos, desanimando-me paciente, lenta e pertinentemente, me humilhando com método, levando-me a renunciar contra minha vontade, pouco a pouco, com uma lógica precisa, imperturbável, implacável, a meu orgulho.

— Em suma, ganhas menos do que um operário — disse-me um dia diante do encerador...

...Quer diminuir-me para parecer superior ou pelo menos igual, e que esse desdém a mantenha diante de mim em sua superioridade... Só tem estima por mim na medida em que o que faço lhe serve de estribo ou de mercadoria.

Para se apresentar em face do macho como o sujeito essencial, Frieda e Elise empregam uma tática que os homens denunciaram muitas vezes: esforçam-se por lhes negar a transcendência. Os homens supõem facilmente que a mulher alimenta sonhos de castração em relação a eles; na verdade, a atitude dela é ambígua: deseja humilhar, mais do que suprimir o sexo masculino. O que é mais exato é que ela quer mutilar o homem em seus projetos, em seu futuro. Triunfa quando o marido ou o filho estão doentes, cansados, reduzidos a sua presença de carne. Então eles não se apresentam mais, na casa em que ela reina, senão como um objeto entre outros objetos; ela o trata com uma competência de dona de casa; faz-lhe um curativo como se cola um prato quebrado, limpa-o como se limpa um pote; nada repugna às suas mãos angélicas, amigas dos restos e das lavagens. Lawrence dizia a Mabel Dodge, falando de Frieda: "Você não pode saber o que é sentir a mão dessa mulher quando se está doente. Mão pesada, alemã, de carne." Conscientemente, a mulher impõe essa mão, como todo o seu peso, para que o homem sinta que também é apenas um ser de carne. Não é possível levar mais longe do que Elise essa atitude, como conta Jouhandeau:

> Lembro-me, por exemplo, do piolho Tchang Tsen no início de nosso casamento... Só conheci realmente a intimidade com uma mulher graças a ele, no dia em que Elise me botou nu em pelo em seus joelhos para me tosquiar como um carneiro, iluminando até os meus recantos recônditos com uma vela que passeava à volta de meu corpo. Ah! sua lenta inspeção de minhas axilas, de meu peito, de meu umbigo, da pele de meus testículos esticada entre seus dedos como um tambor, suas paradas prolongadas ao longo de minhas coxas, entre meus pés e a passagem da navalha em torno do cu: a queda enfim no cestinho de um punhado de pelos louros em que o piolho se escondia e que ela queimou, abandonando-me, ao mesmo tempo que me livrava dele e de seus esconderijos, a uma nova nudez e ao deserto do isolamento.

A mulher gosta que o homem seja não um corpo em que se exprime uma subjetividade, mas sim uma carne passiva. Ela afirma a vida contra a existência, os valores carnais contra os valores espirituais; ela adota de bom grado em relação aos empreendimentos masculinos a atitude humorística de Pascal; pensa também "que toda a infelicidade dos homens provém de não saberem ficar descansando num quarto"; ela os fecharia com prazer dentro de casa; toda atividade que não beneficia a vida familiar provoca sua hostilidade; a mulher de Bernard Palissy mostra-se indignada por ele queimar os móveis para inventar um novo esmalte de que até então o mundo prescindira; Mme Racine

leva o marido a interessar-se pelas groselhas do jardim e recusa-se a ler suas tragédias. Jouhandeau mostra-se muitas vezes exasperado em suas *Chroniques maritales* porque Elise se obstina em não considerar seu trabalho literário senão como uma fonte de proveitos materiais.

> Disse-lhe: minha última novela sai esta manhã. Sem querer ser cínica, mas porque só isso a interessa de fato, respondeu-me: serão, ao menos, trezentos francos a mais para este mês.

Tais conflitos podem exasperar até provocarem uma ruptura. Mas, geralmente, embora recusando-lhe o domínio, a mulher deseja "conservar" o marido. Luta contra ele para defender sua própria autonomia, e combate contra o resto do mundo para conservar a "situação" que a destina à dependência. Esse duplo jogo realiza-se com dificuldade, o que explica em parte o estado de inquietação e nervosismo em que numerosas mulheres passam a vida. Stekel nos dá um exemplo muito significativo:

> Mme Z.T., que jamais gozou, é casada com um homem muito culto. Mas ela não pode suportar-lhe a superioridade, e começou a querer igualá-lo estudando a mesma especialidade. Como era muito penoso, abandonou os estudos ao ficar noiva. O homem é muito conhecido e numerosas alunas o cortejam. Ela resolve não se entregar a esse culto ridículo. Na intimidade, foi insensível desde o princípio e assim permaneceu. Só atingia o orgasmo pelo onanismo quando seu marido a deixava, satisfeito, e lhe confessava isto. Recusava as tentativas dele de excitá-la com carícias... Muito breve começou a ridicularizá-lo e a menosprezar seu trabalho. Não conseguia "compreender essas tolas que corriam atrás dele, ela que conhecia os bastidores da vida privada do grande homem". Em suas disputas cotidianas ocorriam a ela expressões como: "A mim é que não vais impor os teus rabiscos, ou pensas que podes fazer de mim o que quiseres só porque és um escritorzinho." O marido ocupava-se cada vez mais de suas alunas, ela cercava-se de rapazes. Assim continuou durante anos, até que o marido se apaixonou por outra mulher. Ela sempre suportara as pequenas aventuras dele, tornava-se até amiga das "bobinhas" abandonadas... Mas, então, mudou de atitude e entregou-se sem orgasmo ao primeiro rapaz que surgiu. Confessou ao marido que o enganara, ele o admitiu perfeitamente. Podiam separar-se tranquilamente... Ela recusou o divórcio. Houve uma longa explicação e uma reconciliação... Entregou-se chorando e alcançou seu primeiro orgasmo intenso...

Vê-se que, em sua luta contra o marido, ela nunca pensou em deixá-lo.

"Pegar um marido" é uma arte, "retê-lo" é um ofício. É preciso muito jeito. A uma jovem mulher rabugenta, dizia a irmã prudente: "Cuidado, de tanto fazer cenas a Marcel vais perder tua *situação*." Joga-se o que há de mais sério: a segurança material e moral, um lar próprio, a dignidade de esposa, um sucedâneo mais ou menos feliz do amor, a felicidade. A mulher aprende depressa que sua

atração sexual é apenas a mais frágil de suas armas; dissipa-se com o hábito e, infelizmente, há outras mulheres desejáveis no mundo, ela se esforça contudo por ser sedutora, por agradar: frequentemente está dividida entre o orgulho que a impele para a frigidez e a ideia de que com seu ardor sensual lisonjeará e prenderá o marido. Ela conta também com a força do hábito, com o encanto que ele encontra numa casa agradável, com seu pendor pela boa cozinha, sua ternura pelos filhos; ela se aplica em torná-lo orgulhoso dela pela maneira de receber, de se vestir e em conquistar ascendência sobre ele com conselhos, influência; na medida de suas forças ela se tornará indispensável a ele, seja ao seu êxito mundano, seja ao seu trabalho. Mas, principalmente, toda uma tradição ensina à mulher a "arte de saber segurar um homem"; é preciso descobrir e lisonjear suas fraquezas, dosar habilmente a adulação e o desdém, a docilidade e a resistência, a vigilância e a indulgência. Esta última mistura é particularmente delicada. Não deve dar ao marido nem uma liberdade excessiva nem uma liberdade insuficiente. Demasiado complacente, a mulher vê o marido escapar-lhe; frustra-a do dinheiro, do ardor amoroso que gasta com outras mulheres; ela corre o risco de que uma amante adquira força bastante para obter um divórcio ou, pelo menos, para ocupar o primeiro lugar em sua vida. Entretanto, se proíbe a ele toda aventura, se o irrita com sua vigilância, suas cenas, suas exigências, pode indispô-lo contra ela gravemente. Trata-se de saber "fazer concessões" com conhecimento de causa; cumpre fechar os olhos se o marido não "obedece à risca ao contrato", e em outros momentos abri-los bem; a mulher casada desconfia, em particular, das moças que se sentiriam por demais felizes, pensa, em roubar-lhe a "posição". Para arrancar o marido de uma rival inquietante tentará distraí-lo, fazê-lo viajar; se necessário — tomando por modelo Mme de Pompadour — suscitará outra rival menos perigosa; se nada der resultado, recorrerá às crises de choro, de nervos, às tentativas de suicídio etc., mas o abuso das cenas e recriminações expulsará o marido do lar; a mulher vai se tornar insuportável no momento em que terá maior necessidade de seduzir; se quiser ganhar a partida, dosará habilmente lágrimas comovedoras e sorrisos heroicos, chantagem e coquetismo. Dissimular, negacear, odiar e temer em silêncio, apostar na vaidade e nas fraquezas do homem, aprender a não cair nas tramas dele, a enganá-lo, a manobrá-lo, é uma triste ciência. A grande desculpa da mulher está em que lhe impuseram empenhar-se completamente no casamento: ela não tem profissão, não tem capacidades, não tem relações pessoais, seu nome mesmo não lhe pertence; é apenas a "metade" de seu marido. Se ele a abandonar, ela não encontrará nenhum recurso nem em si nem fora de si. É fácil condenar Sofia Tolstoi, como o fazem A. de Monzie e

Montherlant: mas se ela tivesse recusado a hipocrisia da vida conjugal, para onde teria ido? Que destino a aguardava? Sem dúvida ela parece ter sido uma megera odiosa: mas pode-se pedir a ela que amasse seu tirano e abençoasse sua escravidão? Para que haja entre esposos lealdade e amizade, a condição *sine qua non* está em que sejam ambos livres em relação um ao outro, e concretamente iguais. Enquanto o homem possui sozinho a autonomia econômica e detém — pela lei e os costumes — os privilégios que a virilidade confere, é natural que se apresente tantas vezes como tirano, o que incita a mulher à revolta e à astúcia.

Ninguém pensa em negar as tragédias e as mesquinharias conjugais: mas o que sustentam os defensores do casamento é que os conflitos entre esposos provêm da má vontade dos indivíduos e não da instituição. Tolstoi, entre outros, descreveu o casal ideal do epílogo de *Guerra e paz*: Pierre e Natacha. Esta foi uma moça coquete e romanesca; casada, espanta todo o seu círculo de relações porque renuncia aos vestidos, à sociedade, a toda distração para se consagrar exclusivamente ao marido e aos filhos; torna-se o tipo da matrona.

> Ela não tinha mais aquela chama de vida sempre acesa que lhe dava encanto outrora. Agora, muitas vezes, só se percebia dela o rosto e o corpo, não se lhe via mais a alma, mas somente a mulher forte, bela e fecunda.

Ela exige de Pierre um amor tão exclusivo quanto o que lhe dedica; tem ciúmes dele; ele renuncia às saídas, às amizades, para se dedicar também inteiramente à família.

> Não ousava ir jantar nos clubes nem empreender uma longa viagem, salvo para seus negócios, entre os quais a mulher incluía os trabalhos científicos a que, sem nada entender, atribuía uma importância extrema.
>
> Pierre era dominado pela mulher, mas em compensação:
>
> Natacha na intimidade fizera-se a escrava do marido. Toda a casa era gerida pelas ditas ordens do marido, isto é, pelos desejos de Pierre que Natacha se esforçava por adivinhar.

Quando Pierre se encontra longe dela, Natacha acolhe-o, na volta, com impaciência porque sofreu com sua ausência; mas reina entre os esposos um maravilhoso entendimento; compreendem-se por meias palavras. Entre os filhos, a casa, o marido amado e respeitado, ela experimenta uma felicidade quase sem mácula.

Esse quadro idílico merece ser estudado de mais perto. Natacha e Pierre estão unidos, diz Tolstoi, como a alma ao corpo; mas quando a alma deixa o corpo, a

morte é uma só; que aconteceria se Pierre deixasse de amar Natacha? Lawrence também recusa a hipótese da inconstância masculina: Don Ramon amará sempre a pequena índia Teresa que lhe fez dom de sua alma. Entretanto, um dos mais ardentes defensores do amor único, absoluto, eterno, André Breton, é forçado a admitir que, pelo menos nas circunstâncias atuais, esse amor pode enganar-se de objeto: erro ou inconstância, trata-se para a mulher do mesmo abandono. Pierre, robusto e sensual, será atraído carnalmente por outras mulheres; Natacha tem ciúmes: dentro em breve as relações se azedarão; ou ele a deixará, o que arruinará a vida dela, ou ele mentirá e a suportará com rancor, o que estragará a vida dele, ou ambos viverão de compromissos e meias medidas, o que fará ambos infelizes. Vamos objetar que Natacha terá pelo menos os filhos: mas os filhos só são uma fonte de alegria no seio de uma forma equilibrada em que o marido é um dos ápices; para a esposa abandonada, ciumenta, tornam-se um fardo ingrato. Tolstoi admira o devotamento cego de Natacha às ideias de Pierre; mas um outro homem, Lawrence, que também exige da mulher um devotamento cego, zomba de Pierre e de Natacha; um homem pode, portanto, na opinião de outros homens, ser um ídolo de barro e não um deus verdadeiro; rendendo-lhe um culto, perde-se sua vida em lugar de salvá-la; como sabê-lo? As pretensões masculinas se contestam: a autoridade não funciona mais. É preciso que a mulher julgue e critique, não pode ser apenas um eco dócil. É aviltá-la, de resto, impor-lhe princípios e valores a que não adira de livre e espontânea vontade; o que ela pode partilhar do pensamento do marido, só pode fazê-lo através de um juízo autônomo; o que lhe é estranho, não deve ser obrigada nem a aprovar nem a recusar; não pode tomar de empréstimo a outra pessoa suas próprias razões de existir.

A condenação mais radical do mito Pierre-Natacha é dada pelo casal Leon-Sofia. Sofia sente repulsa pelo marido, acha-o "maçante"; ele a engana com todas as camponesas das cercanias, ela tem ciúme e se aborrece; vive no nervosismo de sua repetida gravidez e seus filhos não enchem o vazio de seu coração nem o de seus dias; o lar é para ela um deserto árido; para ele, um inferno. E isso termina com essa velha histérica deitando-se seminua na noite úmida da floresta e esse ancião acuado que foge, renegando enfim a "união" de toda uma vida.

O caso de Tolstoi é por certo excepcional; há numerosas uniões em que tudo "funciona bem", isto é, em que os esposos chegam a um entendimento; vivem um ao lado do outro sem muito se disputar, sem muito se mentir. Mas há uma maldição a que escapam raramente: o tédio. Que o marido consiga fazer da mulher um eco de si mesmo, ou que cada qual se entrincheire em seu

universo, ao fim de alguns meses ou de alguns anos nada mais têm a se comunicar. O casal é uma comunidade cujos membros perderam sua autonomia sem se livrar da solidão; estão estaticamente assimilados um ao outro, ao invés de sustentar um com o outro uma relação dinâmica e viva; eis por que, no terreno espiritual como no terreno erótico, nada podem dar-se, nada podem trocar. Em uma de suas melhores novelas, *Too bad!*, Dorothy Parker resumiu o triste romance de muitas vidas conjugais; é noite e Mr. Welton volta para casa:

> Mrs. Welton abriu a porta ao toque da campainha.
>
> — Então! — disse alegremente.
>
> Sorriam-se animados.
>
> — Alô! — disse ele. — Ficaste em casa?
>
> Beijaram-se ligeiramente. Com um interesse cortês, ela olhou-o pendurar o sobretudo, o chapéu, tirar os jornais do bolso e ofe-recer-lhe um.
>
> — Trouxeste os jornais! — disse ela, pegando-o.
>
> — Então? Que fizeste durante o dia inteiro? — perguntou ele.
>
> Ela esperara a pergunta; imaginara antes da chegada dele como lhe contaria todos os pequenos incidentes do dia... Mas agora aquilo lhe parecia uma longa e insípida história.
>
> — Oh, nada — disse com um risinho alegre. — Tiveste uma boa tarde?
>
> — Bem... — começou ele. Mas seu interesse dissipou-se antes que começasse a falar... Ademais, ela estava ocupada em arrancar um fio de uma franja de lã de uma das almofadas.
>
> — Foi mais ou menos bem — disse ele.
>
> ...Ela sabia falar bastante bem com as outras pessoas... Ernest também era bastante loquaz em sociedade... Ela tentou lembrar-se do que falavam antes do casamento, durante o noivado. Nunca tinham tido grande coisa a dizer um ao outro. Mas ela não se inquietara com isso... Houvera os beijos e coisas que ocupam o espírito. Mas não se pode contar com os beijos e o resto para passar as noites ao fim de sete anos.
>
> Poderia se acreditar que a gente se habitua em sete anos, que se dá conta de que é assim e se resigna. Não. Acaba dando nos nervos. Não é um desses silêncios macios que caem por vezes entre as pessoas. Dá a impressão de que há algo a fazer e que a gente não está cumprindo seu dever. Como uma dona de casa quando a recepção não vai bem... Ernest leria laboriosamente e, mais ou menos na metade do jornal, começaria a bocejar. Alguma coisa se passava dentro de Mrs. Welton quando ele fazia isso. Murmuraria que tinha de falar com Delia e se precipitaria para a cozinha. Aí ficaria durante um longo momento, olhando vagamente os potes, verificando o rol da lavanderia e quando voltasse ele estaria fazendo sua toalete noturna.
>
> Em um ano, trezentas de suas noites assim se passavam. Sete vezes trezentas eram mais de duas mil.

Pretende-se por vezes que o próprio silêncio é sinal de uma intimidade mais profunda do que qualquer palavra; e por certo ninguém pensa em negar que a

vida conjugal crie uma intimidade: é o que ocorre com todas as relações de família, que nem por isso deixam de encobrir ódios, ciúmes, rancores. Jouhandeau acentua fortemente a diferença entre essa intimidade e uma fraternidade humana verdadeira quando escreve:

> Elise é minha mulher; sem dúvida nenhum de meus amigos, nenhum dos membros de minha família, nenhum de meus próprios membros é mais íntimo de mim do que ela, mas, por mais próximo de mim que seja o lugar que ela conquistou, que eu lhe dei em meu universo mais privado, por arraigada que esteja ao inextricável tecido de minha carne e de minha alma (e esse é todo o mistério e todo o drama de nossa indissolúvel união), o desconhecido que passa neste momento na rua e que eu mal percebo de minha janela, qualquer que seja, é menos estranho a mim do que ela.

Diz em outro lugar:

> Percebemos que somos vítimas de um veneno, mas ao qual nos habituamos. Como renunciar a ele, desde então, sem renunciar a nós mesmos?

E ainda:

> Quando penso nela, sinto que o amor conjugal não tem nenhuma relação nem com a simpatia nem com a sensualidade, nem com a paixão, nem com a amizade, nem com o amor. Adequado a si só, não redutível a nenhum desses diversos sentimentos, tem sua natureza própria, sua essência particular e seu modo único, segundo o casal que reúne.

Os advogados do amor conjugal[379] comprazem-se em dizer que não é um amor, e é exatamente isso que lhe dá um caráter maravilhoso. Porque a burguesia inventou nestes últimos anos um estilo épico: a rotina assume aspecto de aventura, a fidelidade o de uma loucura sublime, e tédio torna-se sabedoria e os ódios familiares são a forma mais profunda do amor. Na verdade, que dois indivíduos se detestem sem poder, entretanto, prescindir um do outro, não é, de todas as relações humanas, a mais verdadeira, a mais comovente: é a mais lamentável. O ideal seria, ao contrário, que dois seres humanos, cada um deles se bastando a si próprio perfeitamente, se ligassem um ao outro pelo livre consentimento de seu amor. Tolstoi admira que o laço que une Natacha e Pierre seja algo "indefinível, mas firme, sólido, como a união de sua própria alma a seu corpo". Se se aceita a hipótese dualista, o corpo só representa para a alma uma simples facticidade; assim, na união conjugal, cada um teria para o outro o inelutável peso do dado contingente; é enquanto presença absurda e não escolhida, condição necessária e matéria mesma da

existência que seria preciso assumi-lo e amá-lo. Estabelece-se uma confusão voluntária entre essas duas palavras e é daí que nasce a mistificação: o que se assume não se ama. Assume-se o corpo, o passado, a situação presente: mas o amor é movimento para um outro, para uma existência separada da própria, para um fim, um futuro; a maneira de assumir um fardo, uma tirania, não consiste em amá-lo e sim em se revoltar. Uma relação humana não tem valor enquanto é suportada no imediato; as relações dos filhos com os pais, por exemplo, só adquirem valor quando se refletem numa consciência; não se pode admirar nas relações conjugais que recaiam no imediato e que neste os cônjuges enterrem sua liberdade. Essa mistura complexa de apego, rancor, ódio, normas, resignação, preguiça, hipocrisia, que se chama amor conjugal, só pretendem respeitar porque serve de *álibi.* Mas a amizade é como o amor físico, para que seja autêntica é preciso primeiramente que seja livre. Liberdade não quer dizer capricho: um sentimento é um compromisso que ultrapassa o instante; mas só ao indivíduo cabe confrontar sua vontade geral e suas condutas particulares de modo a manter sua decisão ou, ao contrário, quebrá-la; o sentimento é livre quando não depende de nenhuma palavra de ordem exterior, quando é vivido sem medo em uma sinceridade. A palavra de ordem do "amor conjugal" incita, ao contrário, a todos os recalques, a todas as mentiras. Antes de tudo, impede que os esposos se conheçam realmente. A intimidade cotidiana não cria compreensão nem simpatia. O marido respeita demais a mulher para se interessar pelos avatares da vida psicológica que ela vive; seria reconhecer nele uma autonomia secreta que poderia evidenciar-se incômoda, perigosa; tem ela realmente prazer na cama? Gosta realmente do marido? Sente-se realmente feliz em obedecê-lo? Ele prefere não se interrogar a esse respeito; tais problemas parecem-lhe até chocantes. Desposou uma "mulher honesta", que é por essência virtuosa, devotada, fiel, pura, feliz e que pensa o que se deve pensar. Um doente, depois de ter agradecido a seus amigos, seus parentes, suas enfermeiras, disse a sua jovem mulher que durante seis meses não saíra de sua cabeceira: "A ti não agradeço, cumpriste apenas teu dever." O marido não atribui nenhum mérito a nenhuma das qualidades da mulher; são garantidas pela sociedade, estão implícitas na própria instituição do casamento; ele não percebe que a mulher não sai de um livro de Bonald, que é um indivíduo de carne e osso; encara como dada a fidelidade dela às normas que ela se impõe: que tenha de vencer tentações, que talvez fraqueje, que em todo caso sua paciência, sua castidade, sua decência sejam conquistas difíceis, isso ele não leva em conta; ignora mais radicalmente ainda

os sonhos dela, seus fantasmas, suas nostalgias, o clima afetivo em que vive seus dias. Chardonne mostra-nos em *Eve* um marido que durante anos escreve um diário de sua vida conjugal: fala da mulher com matizes delicados, mas somente da mulher tal qual a vê, tal qual é para ele, sem nunca lhe restituir sua dimensão de indivíduo livre: é fulminado quando vem a saber de repente que ela não o ama, que o abandona. Falou-se com frequência da desilusão do homem ingênuo e leal diante da perfídia feminina; é com escândalo que os maridos de Bernstein descobrem que a companheira de sua existência é ladra, má, adúltera; recebem o golpe com uma coragem viril, mas nem por isso o autor deixa de fracassar em apresentá-los como generosos e fortes; eles nos parecem principalmente uns estúpidos isentos de sensibilidade e de boa vontade; o homem condena a dissimulação nas mulheres, mas é preciso muita complacência para se deixar ludibriar com tanta constância. A mulher está destinada à imoralidade porque a moral consiste para ela em encarnar uma entidade inumana: a mulher forte, a mãe admirável, a mulher de bem etc. Desde que pense, que sonhe, que deseje, que respire sem palavra de ordem, está traindo o ideal masculino. É por isso que tantas mulheres só se permitem "ser autênticas" na ausência do marido. Reciprocamente, a mulher não conhece o marido; crê perceber nele a fisionomia verdadeira porque o apreende em sua contingência cotidiana: mas o homem é antes de mais nada o que *faz* no mundo, entre outros homens. Recusar compreender o movimento de sua transcendência é desnaturá-lo. "A gente casa com um poeta, diz Elise, e, quando se é mulher dele, o que se observa primeiramente é que esquece de puxar o cordão da privada".[380] Nem por isso é ele menos poeta e a mulher que não se interessa pelas suas obras conhece-o menos do que um leitor qualquer. Muitas vezes, a mulher não tem culpa de que essa cumplicidade lhe seja proibida: ela não pode pôr-se a par dos negócios do marido, não tem a experiência, a cultura necessária para "segui-lo": fracassa em se unir a ele através dos projetos bem mais essenciais para ele do que a repetição monótona dos dias. Em certos casos privilegiados, a mulher pode conseguir tornar-se uma verdadeira companheira para o marido: discute com ele os projetos, aconselha-o, participa dos trabalhos dele. Mas embala-se com ilusões se acredita realizar assim uma obra pessoal: ele continua sendo a única liberdade atuante e responsável. É preciso que ela o ame para encontrar sua alegria em servi-lo; sem amor só terá despeito porque se sentirá frustrada do produto de seus esforços. Os homens — fiéis ao conselho de Balzac, de tratar a mulher como escrava embora a persuadindo de que é rainha — exageram

propositadamente a importância da influência exercida pelas mulheres; no fundo sabem muito bem que mentem. Georgette Leblanc foi vítima dessa mistificação quando reclamou de Maeterlinck que inscrevesse os nomes de ambos no livro que ela acreditava terem escrito juntos. No prefácio de *Souvenirs*, Grasset explica sem cerimônia que todo homem concorda em saudar, na mulher com quem partilha a vida, uma sócia, uma inspiradora, mas nem por isso encara seu trabalho como lhe pertencendo pessoalmente; e com razão. Em toda ação, em toda obra é o momento da escolha e da decisão que conta. A mulher desempenha geralmente o papel da bola de cristal que os videntes consultam: qualquer uma serviria. E a prova está em que muitas vezes o homem acolhe com a mesma confiança outra conselheira, outra colaboradora. Sofia Tolstoi copiava os manuscritos do marido, passava-os a limpo: mais tarde ele encarregou uma das filhas do trabalho; Sofia compreendeu então que nem o seu zelo a tornara indispensável. Só um trabalho autônomo pode assegurar à mulher uma autonomia autêntica.[381]

A vida conjugal assume, segundo os casos, aspectos diferentes. Para numerosas mulheres o dia desenrola-se mais ou menos da mesma maneira. Pela manhã, o marido deixa a esposa apressadamente: é com prazer que ela ouve a porta fechar-se atrás dele; gosta de reencontrar-se livre, sem ordens, soberana em sua casa. Os filhos partem por sua vez para a escola: ela ficará sozinha durante o dia todo; o bebê que se agita no berço ou brinca no parque não é uma companhia. Ela dedica um tempo mais ou menos demorado à toalete, à casa; se tem criada, dá-lhe ordens, fica um pouco na cozinha tagarelando; ou dá um giro na feira, troca algumas palavras sobre o custo de vida com as vizinhas ou os fornecedores. Se o marido e os filhos voltam para almoçar, ela não aproveita muito a presença deles; tem muito o que fazer, preparar a refeição, servir, tirar a mesa; geralmente eles não voltam. De qualquer maneira tem diante de si uma tarde longa e vazia. Leva os filhos mais novos ao jardim público, faz tricô ou cose enquanto os vigia; ou sentada à janela, em casa, conserta roupa; suas mãos trabalham, seu espírito não; remói preocupações, esboça projetos; devaneia, se aborrece; nenhuma de suas ocupações se basta a si mesma; seu pensamento está voltado para o marido, para os filhos que usarão essas camisas, que comerão a comida que ela prepara; vive só para eles; em que eles lhe são gratos? Pouco a pouco seu tédio vira impaciência, ela começa a esperar com ansiedade a volta deles. Os filhos chegam da escola, ela beija-os, interroga-os, mas eles precisam fazer suas lições, têm vontade de brincar, escapam, não são uma distração. Além disso, tiveram notas ruins,

perderam um lenço, fazem barulho, desordem, brigam; é sempre mais ou menos preciso ralhar com eles; a presença deles cansa mais a mãe do que a acalma. Ela espera cada vez mais imperiosamente o marido. Que estará fazendo? Por que não voltou ainda? Ele trabalhou, viu gente, conversou, não pensou nela; põe-se a ruminar com nervosismo que é tola por sacrificar sua mocidade; ele não lhe será grato. O marido, a caminho da casa onde a mulher se encerrou, sente que é vagamente culpado; nos primeiros tempos de casado, trazia umas flores, um presentinho; mas esse rito logo perde o sentido; agora ele chega de mãos abanando e não tem pressa em chegar, pois conhece o acolhimento cotidiano. Com efeito, muitas vezes a mulher vinga-se do tédio com uma cena, vinga-se da espera do dia; com isso previne-se também contra a decepção que não satisfará as esperanças da espera. Mesmo se cala suas queixas, o marido por sua vez está desiludido. Não se divertiu no escritório, está cansado; tem um desejo contraditório de excitação e repouso. A fisionomia demasiado familiar da mulher não o arranca de si mesmo; sente que ela gostaria que ele partilhasse as suas preocupações, que espera também distração e relaxamento: sua presença lhe pesa sem lhe dar satisfação ou descanso verdadeiro. Os filhos não trazem tampouco divertimento ou paz: refeição e noite decorrem em meio a um vago mau humor; lendo, ouvindo o rádio, conversando sem interesse. Sob a intimidade aparente, continuarão sós. Entretanto, a mulher pergunta-se com uma esperança ansiosa — ou uma apreensão não menos ansiosa — se nessa noite (finalmente! ainda!) alguma coisa acontecerá. Adormece, desiludida, irritada ou aliviada; é com prazer que ouvirá a porta bater amanhã cedo. A sorte das mulheres é tanto mais dura quanto forem mais pobres e sobrecarregadas de trabalho; melhora quando têm lazeres e distrações ao mesmo tempo. Mas este esquema — tédio, espera, decepção — se encontra em muitos casos.

Certas evasões[382] apresentam-se à mulher; mas na prática não são permitidas a todas. Na província particularmente, as cadeias do matrimônio são pesadas; é preciso que a mulher encontre uma maneira de assumir uma situação a que não pode fugir. Algumas há, já vimos, que se enchem de importância e tornam-se matronas tirânicas, megeras. Outras comprazem-se no papel de vítimas, fazem-se escravas infelizes do marido, dos filhos, e tiram disso uma alegria masoquista. Outras perpetuam as condutas narcisistas que descrevemos a propósito da jovem; sofrem, elas também, de não se realizar em nenhum empreendimento e de, não se "fazendo ser nada", não serem nada. Indefinidas, sentem-se ilimitadas e se imaginam menosprezadas; rendem-se a si mesmas um

culto melancólico; refugiam-se em sonhos, em comédias, doenças, manias, cenas; criam dramas em torno de si ou se encerram em um mundo imaginário; a "sorridente Mme Beudet" que Amiel pintou é dessa espécie. Encerrada na monotonia de uma vida provinciana, ao lado de um marido grosseiro, não tendo oportunidade de agir nem de amar, é corroída pelo sentimento do vazio e da inutilidade de sua vida; tenta encontrar uma compensação em devaneios romanescos, nas flores de que se cerca, nos vestidos, em sua personagem: até esses jogos o marido perturba. Ela acaba tentando matá-lo. As condutas simbólicas com que a mulher se evade podem acarretar perversões, suas obsessões podem levar ao crime. Há crimes conjugais que são ditados menos por interesse do que por puro ódio. Assim é que Mauriac nos mostra Thérèse Desqueyroux tentando envenenar o marido, como o fez outrora Mme Lafarge. Absolveu-se ultimamente uma mulher de quarenta anos que durante vinte suportara um marido odioso e que um dia, friamente, o estrangulara com a ajuda do filho mais velho. Não havia para ela outro meio de se libertar de uma situação intolerável.

A uma mulher que intenta viver sua situação com lucidez e autenticidade não sobra muitas vezes outro socorro a não ser um orgulho estoico. Como depende de tudo e de todos, só pode conhecer uma liberdade toda interior, logo abstrata; recusa os princípios e os valores convencionais, julga, interroga e assim escapa da escravidão conjugal; mas sua reserva altiva, sua adesão à fórmula "suporta e abstém-te" constituem apenas uma atitude negativa. Endurecida na renúncia, no cinismo, carece de um emprego positivo de suas forças; enquanto é entusiasta, viva, esforça-se engenhosamente por utilizá-las: auxilia os outros, consola, protege, dá, multiplica suas ocupações; mas sofre por não encontrar nenhuma tarefa que realmente a solicite, por não consagrar sua atividade a nenhum fim. Corroída, muitas vezes, pela solidão e pela esterilidade, acaba por se renegar, se destruir. Exemplo notável de um tal destino nos é dado por Mme de Charrière. No atraente livro que lhe dedicou,[383] Geoffrey Scott a apresenta com "traços de fogo, fronte de gelo". Mas não foi a razão que apagou nela essa chama de vida que, no dizer de Hermenches, teria "aquecido um coração de lapão"; foi o casamento que lentamente assassinou a deslumbrante Bela de Zuylen; fez de sua resignação razão: fora preciso heroísmo ou gênio para inventar outra saída. Que suas grandes e raras qualidades não tenham bastado para salvá-la, é uma das mais irrecusáveis condenações da instituição conjugal que se nos deparam na história.

Brilhante, culta, inteligente, ardente, Mlle de Zuylen espantava a Europa; assustava os pretendentes; recusou contudo mais de doze, mas outros, talvez mais aceitáveis, recuaram. O único homem que a interessava, Hermenches, não havia como pensar em tê-lo por marido. Manteve, com ele, correspondência durante 12 anos, mas essa amizade, seus estudos, acabaram não lhe bastando mais; "virgem e mártir" é um pleonasmo, dizia; e as limitações da vida em Zuylen eram para ela insuportáveis; queria tornar-se mulher, ser livre; com trinta anos, desposou M. de Charrière; apreciava a "honestidade de coração" que encontrava nele, "seu espírito de justiça", e resolveu a princípio fazer dele "o marido mais ternamente amado do mundo". Benjamin Constant contará mais tarde que ela "o atormentara muito para imprimir-lhe um ritmo igual ao seu"; não conseguiu vencer a fleuma metódica dele; encerrada em Colombier entre esse marido honesto e melancólico, um sogro senil, duas cunhadas sem encantos, Mme de Charrière começou a entediar-se. A sociedade provinciana de Neufchâtel a desagradava pelo espírito estreito e a chatice; passava os dias lavando a roupa da casa e as noites a jogar *comète.* Um jovem atravessou sua vida, rapidamente, e deixou-a ainda mais só do que antes. "Valendo-se do tédio como musa" escreveu quatro romances sobre os costumes de Neufchâtel, e o círculo de amigos diminuiu mais ainda. Em uma de suas obras, ela descreveu a prolongada desgraça de um casamento de uma mulher viva e sensível com um homem bom mas frio e pesadão: a vida conjugal apresentava-se a ela como uma sequência de mal-entendidos, decepções, pequenos rancores. Era visível que ela própria era infeliz; caiu doente, restabeleceu-se, retornou à longa solidão de sua vida a dois. "É evidente que a rotina da vida em Colombier e a doçura negativa e cordata do marido abriam vazios que nenhuma atividade podia preencher", escreve seu biógrafo. Foi então que surgiu Benjamin Constant, que a ocupou apaixonadamente durante oito anos. Quando, demasiado altiva para disputá-lo com Mme de Staël, renunciou a ele, seu orgulho consolidou-se. Escrevera-lhe um dia: "Ficar em Colombier era para mim odioso, e nunca voltava lá sem desespero. Não quis mais deixá-lo e tornei-o suportável." Ali se fechou e não saiu de seu jardim durante 15 anos: assim aplicava ela o preceito estoico: procurar dominar o coração ao invés da sorte. Prisioneira, só podia encontrar a liberdade escolhendo sua prisão. "Aceitava a presença de M. de Charrière a seu lado como aceitava a dos Alpes", diz Scott. Mas era demasiado lúcida para não compreender que essa resignação não passava afinal de uma ilusão; tornou-se tão inacessível, tão dura, adivinhavam-na tão desesperada que assustava. Abrira sua casa aos emigrados

que afluíam a Neufchâtel, protegia-os, socorria-os, orientava-os; escrevia obras elegantes e desencantadas que Hüber, filósofo alemão na miséria, traduzia; prodigalizava seus conselhos a um grupo de jovens senhoras e ensinava Locke a Henriette, sua predileta; gostava de desempenhar o papel de providência junto aos camponeses dos arredores; evitando cada vez mais cuidadosamente a sociedade de Neufchâtel, restringia orgulhosamente sua vida; "esforçava-se tão somente por criar a rotina e suportá-la. Mesmo seus gestos de infinita bondade comportavam algo assustador, a tal ponto era enregelante o sangue-frio que os ditava... Deu a impressão aos que a cercavam de uma sombra que passa num quarto vazio".[384] Em raras ocasiões — uma visita, por exemplo —, uma chama de vida acendia-se. Mas "os anos passavam de um modo árido. M. e Mme de Charrière envelheciam juntos, separados entretanto por um mundo, e mais de um visitante, dando um suspiro de alívio ao deixar a casa, tinha a impressão de escapar de um túmulo fechado... A pêndula batia seu tique-taque, M. de Charrière, embaixo, entregava-se a suas matemáticas; da granja subia o som ritmado dos manguais... A vida continuava embora os manguais lhe tivessem arrancado o grão... Uma vida de pequenos fatos, desesperadamente reduzidos a preencher as menores fendas do dia, eis a que chegara essa Zélida que detestava a mesquinharia".

Será dito talvez que a vida de M. de Charrière não foi muito mais alegre que a da mulher; ele a escolhera, pelo menos; e parece que convinha à sua mediocridade. Imagine-se porém um homem dotado das qualidades excepcionais da Bela de Zuylen: é certo que não se teria consumido na árida solidão de Colombier. Teria conquistado seu lugar no mundo, onde teria empreendido, lutado, agido, vivido. Quantas mulheres, tragadas pelo casamento, foram, no dizer de Stendhal, "perdidas para a humanidade"! Disseram que o casamento diminui o homem: é muitas vezes verdade; mas aniquila sempre a mulher. O próprio Marcel Prévost, defensor do casamento, admite:

> Cem vezes, ao reencontrar ao fim de alguns anos uma jovem mulher que eu conhecera solteira, ficava impressionado com a banalidade de seu caráter, com a insignificância de sua vida.

São quase as mesmas palavras que encontramos nos escritos de Sofia Tolstoi, seis meses depois de seu casamento.

> Minha existência é de uma tal banalidade, é uma morte. Ao passo que ele tem uma vida plena, uma vida interior, talento e imortalidade (23-12-1863).

Alguns meses antes deixara escapar outra queixa:

> Como poderia uma mulher contentar-se com ficar sentada durante todo o dia, com uma agulha na mão, ou a tocar piano, sozinha, absolutamente só, se pensa que o marido não a ama e a reduziu para sempre à escravidão? (9 de maio de 1863).

Doze anos mais tarde escreve estas palavras que, ainda hoje, muitas mulheres casadas subscrevem (22-10-1875):

> Hoje, amanhã, meses, anos, é sempre, sempre a mesma coisa. Acordo de manhã e não tenho coragem de sair da cama. Quem me ajudará a me sacudir? Que é que me espera? Sim, eu sei, o cozinheiro vai chegar e depois será a vez de Niannia. Em seguida vou sentar-me em silêncio com um bordado inglês, depois, gramática e escalas. Ao cair da noite voltarei a meu bordado inglês, enquanto titia e Pierre farão suas eternas paciências...

A queixa de Mme Proudhon tem exatamente o mesmo tom. "Você tem suas ideias, dizia ao marido. Mas eu, quando você trabalha, quando os filhos estão na escola, não tenho nada."

Muitas vezes, durante os primeiros anos, a mulher acalenta ilusões, tenta admirar incondicionalmente o marido, amá-lo sem restrições, sentir-se indispensável a ele e aos filhos; depois, seus verdadeiros sentimentos se revelam; percebe que o marido poderia viver sem ela, que os filhos são feitos para se desprenderem dela: são sempre mais ou menos ingratos. O lar não a protege mais contra sua liberdade vazia; encontra-se solitária, abandonada, um sujeito; não sabe o que fazer de si mesma. Afeições, hábitos podem ser-lhe de grande auxílio, não uma salvação. Todas as escritoras sinceras observaram essa melancolia que habita o coração das "mulheres de 30 anos"; é um traço comum às heroínas de Katherine Mansfield, de Dorothy Parker, de Virginia Woolf. Cécile Sauvage, que cantou tão alegremente, no início da vida, o casamento e a maternidade, exprime posteriormente uma delicada aflição. É de notar, comparando o número de suicídios femininos perpetrados por celibatárias e mulheres casadas, que estas se acham solidamente protegidas contra o desgosto de viver entre os vinte e os trinta anos (principalmente entre os 25 e os trinta), mas não nos anos seguintes. "Quanto ao casamento, escreve Halbwachs,[385] protege as mulheres da província tanto quanto as de Paris, principalmente até os trinta anos, mas cada vez menos nas idades seguintes."

O drama do casamento não está no fato de que não assegura à mulher a felicidade que promete — não há seguro de felicidade — e sim no fato de que a mutila; obriga a mulher à repetição e à rotina. Os vinte primeiros anos da vida feminina são de extraordinária riqueza; a mulher passa pelas experiências da menstrua-ção, da sexualidade, do casamento, da maternidade; descobre o mundo e seu destino. Com vinte anos, dona de um lar, presa para sempre a um homem, com um filho nos braços, eis a vida acabada definitivamente. As ações verdadeiras, o verdadeiro trabalho são apanágio do homem; ela só tem ocupações que são por vezes exaustivas, mas que jamais a satisfazem. Louvaram-lhe a renúncia, a dedicação; mas parece-lhe muitas vezes inteiramente inútil consagrar-se "ao cuidado de dois seres quaisquer até o fim da vida deles". É muito bonito esquecer de si mesmo, cumpre porém saber para quem e por quê. O pior é que até sua dedicação se apresenta como importuna; converte-se aos olhos do marido em uma tirania a que ele tenta escapar; e no entanto é ele que a impõe à mulher como sua suprema e única justificativa. Ao desposá-la, obriga a esposa a se entregar totalmente a ele; não aceita a obrigação recíproca, que é aceitar o dom. As palavras de Sofia Tolstoi: "Vivo por ele, para ele; exijo a mesma coisa para mim", são certamente revoltantes; mas Tolstoi exigia com efeito que ela só vivesse por ele e para ele, atitude que só a reciprocidade pode justificar. É a duplicidade do marido que destina a mulher a uma infelicidade de que ele se queixa em seguida de ser vítima. Assim como na cama, ele a quer quente e fria ao mesmo tempo, ele a exige totalmente entregue e no entanto sem peso; pede que o amarre ao chão e que o deixe livre, que lhe garanta a repetição monótona dos dias e que não o aborreça, que esteja sempre presente mas nunca importuna; quer tê-la inteiramente para ele mas não lhe pertencer; viver junto mas continuar sozinho. Assim, desde o momento em que a desposa, mistifica-a. Ela passa a existência medindo a extensão dessa traição. O que diz D.H. Lawrence a respeito do amor sexual é geralmente válido: a união de dois seres humanos é destinada ao fracasso, se constitui um esforço para se completarem mutuamente, o que supõe uma mutilação original; seria preciso que o casamento fosse a união de duas existências autônomas, não uma abdicação, uma anexação, uma fuga, um remédio. É o que compreende Nora[386] quando decide que, antes de poder ser uma esposa e mãe, precisa tornar-se uma pessoa. Seria necessário que o casal não se considerasse como uma comunidade, uma célula inconsútil, e sim que o indivíduo fosse, enquanto indivíduo, integrado numa sociedade no seio da qual pudesse desabrochar sem ajuda; seria então permitido a ele, dentro de uma generosidade pura, criar laços

com outro indivíduo igualmente adaptado à coletividade, laços que teriam fundamentos no reconhecimento de duas liberdades.

Esse casal equilibrado não é uma utopia; existe por vezes dentro do quadro do casamento, o mais das vezes fora. Alguns são unidos por um grande amor sexual que os deixa livres em suas amizades e ocupações; outros são ligados por uma amizade que não entrava sua liberdade sexual; há, mais raramente, os que são ao mesmo tempo amigos e amantes, mas sem procurar um no outro sua razão exclusiva de viver. Numerosos matizes são possíveis nas relações de um homem com uma mulher: na camaradagem, no prazer, na confiança, na ternura, na cumplicidade, no amor, podem ser um para o outro a mais fecunda fonte de alegria, de riqueza, de força que se propõe a um ser humano. Não são os indivíduos os responsáveis pelo fracasso do casamento: é — ao contrário do que pretendem Bonald, Comte, Tolstoi — a própria instituição, desde a origem, pervertida. Declarar que um homem e uma mulher, que não se escolheram sequer, *devem* bastar-se de todas as maneiras ao mesmo tempo durante toda a vida é uma monstruosidade que engendra necessariamente hipocrisia, mentira, hostilidade, infelicidade.

A forma tradicional do casamento vem sofrendo modificações, mas o casamento constitui ainda uma opressão que os dois cônjuges sentem de maneira diferente. Considerando-se apenas os direitos abstratos de que gozam, são ambos quase iguais hoje; escolhem-se mais livremente do que outrora, podem muito mais facilmente separar-se, sobretudo na América do Norte, onde o divórcio é comum; há entre os esposos menor diferença de idade e de cultura do que antes; o marido reconhece com maior boa vontade a autonomia que a mulher reivindica; algumas vezes partilham em igualdade de condições os cuidados da casa; suas distrações são comuns: *camping*, bicicleta, natação etc. Ela não passa os dias aguardando a volta do marido: pratica esporte, filia-se a associações, a clubes, tem ocupações fora de casa, tem até, às vezes, uma pequena atividade que lhe dá algum dinheiro. Muitos jovens casais dão a impressão de uma perfeita igualdade. Mas, enquanto o homem conserva a responsabilidade econômica do casal, isso não passa de ilusão. Ele é quem fixa o domicílio conjugal segundo as exigências de seu trabalho: ela *o acompanha* da província para Paris, de Paris para a província, às colônias, ao estrangeiro; o nível de vida estabelece-se de acordo com o que ele ganha; o ritmo dos dias, das semanas do ano regula-se em obediência às ocupações dele e de sua profissão dependem muitas vezes as relações e amizades. Estando mais positivamente integrado na sociedade do que a mulher, o marido conserva a direção do casal nas coisas intelectuais, políticas e morais. O divórcio para a

mulher é apenas uma possibilidade abstrata, não tendo ela meios de ganhar a própria vida: se na América do Norte o *alimony* é um pesado encargo para o homem, na França a sorte da mulher, da mãe abandonada com uma mesada irrisória, é um escândalo. Mas a desigualdade profunda vem do fato de que o homem se realiza concretamente no trabalho ou na ação, ao passo que, para a esposa, enquanto esposa, a liberdade tem apenas um aspecto negativo: a situação das jovens norte-americanas lembra a das romanas emancipadas da decadência. Vimos que estas tinham a escolha entre dois tipos de conduta: umas perpetuavam o modo de vida e as virtudes das avós; outras passavam a vida numa agitação vã; assim também numerosas norte-americanas permanecem "mulheres do lar" segundo o modelo tradicional; outras, em sua maioria, não fazem senão dissipar suas forças e seu tempo. Na França, por maior que seja a boa vontade do marido, os encargos do lar não acabrunham menos que outrora a mulher casada, desde que se torne mãe.

É lugar-comum declarar que nos lares modernos, e principalmente nos Estados Unidos, a mulher reduz o homem à escravidão. O fato não é novo. Desde os gregos os homens se queixam da tirania de Xantipa; a verdade é que a mulher intervém agora em terrenos que lhe eram outrora proibidos; conheço, por exemplo, mulheres de estudantes que dedicam ao êxito de seu homem uma obstinação frenética; regulam o emprego do tempo, o regime, vigiam o trabalho dele, coíbem-lhe as distrações, pouco falta para que o fechem à chave. É verdade também que o homem se encontra mais desarmado do que outrora ante esse despotismo; ele reconhece direitos abstratos à mulher e compreende que ela só pode torná-los concretos por meio dele: é a expensas próprias que ele compensa a impotência, a esterilidade a que a mulher é condenada. Para que na associação de ambos se realize uma aparente igualdade, é preciso que seja ele quem dê mais, pelo fato de possuir mais. Porém, precisamente, se ela recebe, toma, exige, é porque é a mais pobre. A dialética do senhor e do escravo encontra aqui sua aplicação mais concreta: oprimindo, torna-se o opressor oprimido. É por sua própria soberania que os homens estão amarrados; é porque só eles ganham dinheiro que a esposa exige cheques, porque só eles exercem uma profissão é que a esposa exige que tenham êxito, porque só eles encarnam a transcendência é que ela a quer roubar fazendo seus os projetos e os êxitos do marido. Inversamente, a tirania exercida pela mulher não faz mais do que manifestar sua dependência: ela sabe que o êxito do casal, seu futuro, sua felicidade e justificação dependem do outro; se procura com afinco submetê-lo à sua vontade, é porque está alienada nele. É de sua fraqueza

que faz uma arma; mas na realidade ela é fraca. A escravidão conjugal é mais cotidiana e mais irritante para o marido; mas é mais profunda para a mulher; a mulher que retém o marido junto de si durante horas porque se aborrece, cerceia-o e se torna um peso para ele; mas, afinal de contas, ele pode mais facilmente viver sem ela do que ela sem ele; se a abandona, ela é que fica com a vida arruinada. A grande diferença está em que, na mulher, a dependência é interiorizada: ela é escrava, mesmo quando se conduz com aparente liberdade; ao passo que o homem é essencialmente autônomo e é de fora que está acorrentado. Se tem a impressão de ser a vítima, é porque os encargos que suporta são mais evidentes: a mulher alimenta-se dele como um parasito, e um parasito não é um senhor triunfante. Na verdade, assim como biologicamente machos e fêmeas nunca são vítimas um do outro mas, juntos, da espécie, assim também os esposos suportam juntos a opressão de uma instituição que não criaram. Se se diz que os *homens* oprimem as *mulheres*, o marido indigna-se; ele é que se sente oprimido: ele o é. Mas, na realidade, é o código masculino, é a sociedade elaborada pelos homens em obediência a seu interesse, quem definiu a condição feminina sob uma forma que é, presentemente, uma fonte de tormentos para ambos os sexos.

É tendo em vista seu interesse comum que seria preciso modificar a situação, proibindo que o casamento seja para a mulher uma "carreira". Os homens que se declaram antifeministas, a pretexto de que "as mulheres já são bastante infernais assim como são", raciocinam sem muita lógica: é exatamente porque o casamento faz delas "fêmeas de louva-a-deus", "sanguessugas", "megeras" que é necessário modificar o casamento e, consequentemente, a condição feminina em geral. A mulher pesa tão fortemente ao homem porque foi proibida de se apoiar em si mesma: ele se libertará libertando-a, isto é, dando a ela alguma coisa que *fazer* neste mundo.

Há jovens mulheres que já tentam conquistar essa liberdade positiva; mas raras são as que perseveram durante muito tempo em seus estudos ou sua profissão; geralmente sabem que o interesse de seu trabalho será sacrificado à carreira do marido; só trarão para o lar um salário suplementar; só se empenham timidamente num trabalho que não as arranque à servidão conjugal. Mesmo as que têm uma profissão séria não tiram dela os mesmos benefícios sociais que os homens: as mulheres de advogados, por exemplo, têm direito a uma pensão quando do falecimento do marido, mas recusou-se às advogadas o direito simétrico de deixar uma pensão ao marido no caso de falecimento. Isso significa que não se considera que a mulher que trabalha

sustente o casal em pé de igualdade com o homem. Há mulheres que encontram em sua profissão uma independência verdadeira; mas são numerosas aquelas para quem o trabalho "fora de casa" não representa no quadro do casamento senão uma fadiga a mais. Aliás, frequentemente, o nascimento de um filho obriga-as a se confinarem em seu papel de matrona; é atualmente muito difícil conciliar trabalho com maternidade.

É precisamente o filho que, segundo a tradição, deve assegurar à mulher uma autonomia concreta que a dispense de se dedicar a qualquer outro fim. Se como esposa não é um indivíduo completo, ela se torna esse indivíduo como mãe: o filho é sua alegria e sua justificação. É por ele que ela acaba de se realizar sexual e socialmente; é, pois, por ele que a instituição do casamento assume um sentido e atinge seu objetivo. Examinemos, portanto, essa suprema etapa do desenvolvimento da mulher.

2/**A mãe**

É pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação "natural", porquanto todo o seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie. Mas já se disse que a sociedade humana nunca é abandonada à natureza. E, particularmente, há um século, mais ou menos, a função reprodutora não é mais comandada pelo simples acaso biológico: é controlada pela vontade.[387] Certos países adotaram oficialmente métodos precisos de controle de natalidade; nas nações submetidas à influência do catolicismo, esse controle realiza-se clandestinamente: ou o homem pratica o *coitus interruptus* ou a mulher expulsa os espermatozoides do corpo após o ato amoroso. Isso constitui, muitas vezes, uma fonte de conflitos e rancores entre amantes ou esposos; o homem irrita-se por ter de vigiar seu prazer; a mulher detesta a tarefa da lavagem; ele se ressente com a fecundidade do ventre da mulher; ela receia esses germes de vida que ele arrisca depositar nela. E é uma consternação para ambos quando, apesar das precauções, ela "pega" um filho. O caso é frequente nos países em que os métodos anticoncepcionais são rudimentares. Então o *anti-physis* assume uma forma particularmente grave: o aborto. Igualmente proibido nos países que autorizam o controle de natalidade, tem muito menor número de oportunidades de se propor. Mas na França é uma operação a que numerosas mulheres se veem obrigadas a recorrer e que assombra a vida amorosa da maioria delas.

Há poucos assuntos a cujo respeito a sociedade burguesa demonstre maior hipocrisia: o aborto é um crime repugnante a que é indecente aludir. Que um escritor descreva as alegrias e os sofrimentos de uma parturiente, é perfeito; que fale de uma abortante e logo o acusarão de chafurdar na imundície e de descrever a humanidade sob um aspecto abjeto: ora, há na França anualmente

número igual de abortos e de nascimentos. É um fenômeno tão expandido que cumpre considerá-lo como um dos riscos normalmente implicados na condição feminina. O código obstina-se, entretanto, a fazer dele um delito: exige que essa operação delicada seja executada clandestinamente. Nada mais absurdo do que os argumentos invocados contra a legislação do aborto. Pretende-se que se trata de uma intervenção perigosa. Mas os médicos honestos reconhecem, como o Dr. Magnus Hirschfeld, que "o aborto feito pela mão de um médico especialista, numa clínica e com as medidas preventivas necessárias, não comporta esses graves perigos cuja existência a lei afirma". É, ao contrário, em sua forma atual que ele faz a mulher correr grandes riscos. A falta de competência das "fazedoras de anjos", as condições em que operam, provocam muitos acidentes, por vezes mortais. A maternidade forçada leva a botar no mundo crianças doentias, que os pais serão incapazes de alimentar, que se tornarão vítimas da Assistência Pública, ou "crianças mártires". Cabe observar, aliás, que a sociedade tão encarniçada na defesa dos direitos do embrião se desinteressa da criança a partir do nascimento; perseguem as praticantes do aborto em vez de procurarem reformar essa escandalosa instituição que chamam Assistência Pública; deixam em liberdade os responsáveis que entregam os pupilos a verdugos; fecham os olhos à horrível tirania que exercem "em casas de educação" ou em residências privadas os carrascos de crianças; se recusam a admitir que o feto pertence à mulher que o traz no ventre, e asseguram por outro lado que o filho é coisa dos pais; acabamos de ver na mesma semana um cirurgião condenado por práticas abortivas suicidar-se e um pai, que batera no filho até quase matá-lo, ser condenado a apenas três meses de prisão *com sursis*. Recentemente, um pai deixou o filho morrer de difteria por falta de cuidados; uma mãe recusou chamar um médico para a filha, em nome de seu abandono incondicionado à vontade divina: crianças jogaram-lhe pedras no cemitério, mas com a indignação de alguns jornalistas, uma coorte de pessoas de bem protestou declarando que os filhos pertenciam aos pais, que qualquer controle estranho era inaceitável. Há hoje "um milhão de crianças em perigo" diz o jornal *Ce Soir*; e *France-Soir* imprime que "quinhentas mil crianças se encontram em perigo físico ou moral". No norte da África, a mulher árabe não tem a possibilidade de provocar voluntariamente o aborto: em cada dez filhos que concebe, sete ou oito morrem e ninguém se incomoda que as penosas e difíceis maternidades matem o sentimento materno. Se a moral se satisfaz com isso, que pensar de tal moral? É preciso acrescentar que os homens que mais

respeitam a vida embrionária são também os que se mostram mais diligentes quando se trata de condenar adultos a uma morte militar.

As razões práticas invocadas contra o aborto legal não têm nenhum peso; quanto às razões morais, reduzem-se ao velho argumento católico: o feto possui uma alma a que se veda o paraíso, suprimindo-o antes do batismo. É de observar que a Igreja autoriza ocasionalmente a morte de homens feitos: nas guerras ou quando se trata de condenados à morte; reserva porém para o feto um humanitarismo intransigente. Não é ele resgatado pelo batismo, mas, na época das guerras santas contra os infiéis, estes não o eram tampouco e o massacre deles era fortemente encorajado. As vítimas da Inquisição não se achavam sem dúvida todas em estado de graça, como hoje o criminoso que é guilhotinado ou os soldados que morrem no campo de batalha. Em todos esses casos, a Igreja confia a decisão a Deus; ela admite que o homem não passa de um instrumento em sua mão e que a salvação de uma alma se resolve entre essa alma e Deus. Por que proibir então que Deus acolha uma alma embrionária em seu Céu? Se um concílio o autorizasse, ele não protestaria como não o fez na bela época do piedoso massacre dos índios. Em verdade, chocamo-nos aqui contra uma velha tradição obstinada que nada tem a ver com a moral. É preciso contar também com esse sadismo masculino de que já tive a oportunidade de falar. O livro que o Dr. Roy dedicou a Pétain em 1943 é um exemplo edificante; é um monumento de má-fé. Insiste ele, paternalmente, sobre os perigos do aborto, mas nada lhe parece mais higiênico do que uma cesariana. Ele quer que o aborto seja considerado um crime e não um delito; deseja que seja proibido mesmo em sua forma terapêutica, isto é, quando a gravidez põe em perigo a vida ou a saúde da mãe: é imoral escolher entre uma vida e outra, declara, e apoiando-se nesse argumento aconselha a sacrificar a mãe. Declara que o feto não pertence à mãe, que é um ser autônomo. Entretanto, quando esses mesmos médicos bem-pensantes exaltam a maternidade, afirmam que o feto faz parte do corpo materno, que não é um parasito alimentando-se a expensas dele. Vê-se a que ponto o antifeminismo é ainda vivo pela obstinação de certos homens em recusar tudo o que poderia libertar a mulher.

Aliás, a lei, que condena à morte, à esterilidade, à doença muitas jovens mulheres, é totalmente impotente em assegurar um aumento da natalidade. Um ponto acerca do qual concordam partidários e inimigos do aborto legal, é o fracasso radical da repressão. Segundo os professores Doléris, Balthazard, Lacassagne, teria havido na França quinhentos mil abortos por ano, por volta de

1933; uma estatística (citada pelo Dr. Roy), de 1938, calculava o número em um milhão. Em 1941, o Dr. Aubertin, de Bordéus, hesitava entre oitocentos mil e um milhão. Esta última cifra parece a mais próxima da verdade. Em um artigo de *Combat*, datado de março de 1948, o Dr. Desplas escreve:

> O aborto entrou nos costumes... A repressão praticamente fracassou... No Seine, em 1943, 1.300 inquéritos acarretaram 750 inculpações com 360 mulheres detidas, 513 condenações de menos de um ano a mais de cinco, o que é pouco em relação aos 15.000 abortos presumidos no departamento. Em todo o território contam-se dez mil processos.

E acrescenta:

> O aborto dito criminoso é tão familiar a todas as classes sociais quanto as políticas anticoncepcionais aceitas pela nossa sociedade hipócrita. Dois terços das abortadas são mulheres casadas... Pode-se estimar aproximadamente que há na França o mesmo número de abortos que de nascimentos.

Em consequência de ser a operação praticada em condições frequentemente desastrosas, muitos abortos terminam com a morte da abortada.

> Dois cadáveres de mulheres abortadas chegam por semana ao instituto médico-legal de Paris; muitos abortos provocam doenças definitivas.

Disseram às vezes que o aborto era um "crime de classe" e é em grande parte verdade. As práticas anticoncepcionais são muito mais espalhadas na burguesia; a existência do banheiro torna sua aplicação mais fácil do que entre os operários e camponeses privados de água corrente; as moças da burguesia são mais prudentes do que as outras; os filhos representam um fardo menos pesado para o casal: a pobreza, a crise de habitação, a necessidade de a mulher trabalhar fora de casa figuram entre as causas mais frequentes do aborto. Parece que é muitas vezes depois de duas maternidades que o casal resolve restringir os nascimentos; de modo que a abortada de traços horríveis é também a mãe magnífica que embala nos braços dois anjos louros: a mesma mulher. Em um documento publicado em *Temps Modernes* de outubro de 1945, sob o títudo de "Sala Comum", Mme Geneviève Sarreau descreve uma enfermaria de hospital em que teve a oportunidade de ficar algum tempo e onde muitas das doentes acabavam de sofrer curetagens: 15 em 18 tinham tido abortos, sendo que mais de metade provocados. A número 9 era mulher de um carregador do mercado; de dois

casamentos tivera dez filhos vivos, dos quais só restavam três, e sete abortos sendo cinco provocados; empregava de bom grado a técnica do "gancho", que expunha com complacência, e também comprimidos que indicava às companheiras. A número 16, com 16 anos, casada, tivera aventuras e sofria de uma salpingite em consequência de um aborto. A número 7, de 35 anos, explicava: "Faz vinte anos que estou casada, nunca o amei; durante vinte anos conduzi-me decentemente. Há três meses tive um amante. Uma só vez num quarto de hotel. Fiquei grávida... Então foi preciso, não é? Pus para fora. Ninguém sabe, nem meu marido, nem... ele. Agora acabou, nunca mais recomeçarei. Sofre-se demais... Não me refiro à curetagem... Não, não, é outra coisa: é... amor-próprio, compreende". A número 14 tivera cinco filhos em cinco anos; com quarenta anos parecia uma mulher velha. Em todas havia uma resignação feita de desespero: "a mulher foi feita para sofrer", diziam tristemente.

A gravidade dessa experiência varia muito segundo as circunstâncias. A mulher burguesamente casada ou confortavelmente sustentada, apoiada num homem, com dinheiro e relações sociais, leva grande vantagem; primeiramente obtém muito mais facilmente uma licença para um aborto "terapêutico"; se necessário, tem os meios de pagar uma viagem à Suíça onde o aborto é largamente tolerado; nas condições atuais da ginecologia, é uma operação benigna quando executada por especialista, com todas as garantias da higiene e, se preciso, os recursos da anestesia. Na ausência da cumplicidade oficial, ela encontra ajudas oficiosas igualmente seguras: conhece bons endereços, tem bastante dinheiro para pagar cuidados conscienciosos e sem esperar que a gravidez se ache adiantada: irão tratá-la com consideração; algumas dessas privilegiadas acreditam que esse pequeno acidente faz bem à saúde e dá brilho à tez. Inversamente há poucas desgraças mais lamentáveis do que a de uma moça sozinha, sem dinheiro, que se vê acuada a um "crime" a fim de apagar a mancha de um "erro" que os seus não perdoariam: é anualmente na França o caso de cerca de trezentas mil empregadas, secretárias, estudantes, operárias, camponesas; a maternidade ilegítima é ainda um problema tão terrível que muitas preferem o suicídio ou o infanticídio à condição de mãe solteira: isso quer dizer que nenhuma penalidade a impediria de "botar para fora o filho". Caso banal e que se encontra muitas vezes é o que vem relatado numa confissão recolhida pelo Dr. Liepmann.[388] Trata-se de uma berlinense, filha natural de um sapateiro e de uma doméstica:

Travei relações com o filho de um vizinho, dez anos mais velho do que eu... As carícias me pareceram tão inéditas que, meu Deus, deixei correr a coisa. Entretanto, de modo nenhum aquilo era amor. Ele continuou porém a iniciar-me, dando-me a ler livros sobre a mulher; finalmente dei a ele a minha virgindade. Quando, depois de uma espera de dois meses, aceitei um lugar de preceptora na escola maternal de Speuze, estava grávida. Não tive mais regras durante dois outros meses. Meu sedutor escrevia-me que era absolutamente necessário fazê-las voltar bebendo petróleo e comendo sabão de cinza. Não sou capaz agora de descrever-lhe os tormentos que sofri... Tive que ir sozinha até o fim dessa miséria. O medo de ter um filho levou-me a fazer a coisa horrorosa. Foi então que aprendi a odiar o homem.

O pastor da escola, tendo sabido da história por uma carta perdida, prega-lhe um sermão e ela separa-se do rapaz; tratam-na como ovelha negra.

Foi como se tivesse vivido dezoito meses numa casa de correção.

Em seguida ela se emprega como babá na casa de um professor e aí permanece quatro anos.

Nessa época aprendi a conhecer um magistrado. Senti-me feliz por ter um homem de verdade a amar. Com meu amor dei-lhe tudo. Como consequência de nossas relações, aos 24 anos dei à luz um menino bem-constituído. A criança tem hoje dez anos. Há nove anos e meio que não revejo o pai... como eu achasse insuficiente a importância de 2.500 marcos e como, por seu lado, recusando dar um nome ao filho, renegasse sua paternidade, tudo terminou entre nós. Nenhum homem me inspira mais desejo.

É muitas vezes o próprio sedutor que convence a mulher a se livrar do filho. Ou ele já a abandonou quando fica grávida, ou ela quer generosamente esconder-lhe a desgraça, ou não encontra nenhum auxílio nele. Por vezes não é sem o lamentar que recusa o filho; ou porque não resolve logo suprimi-lo, ou porque não conhece nenhum endereço, ou ainda porque não tem dinheiro disponível e perdeu tempo tentando drogas ineficientes; já chegou ao terceiro, quarto, quinto mês da gravidez quando decide livrar-se do feto; o aborto será então infinitamente mais perigoso, mais comprometedor do que durante as primeiras semanas. A mulher sabe disso; é com angústia e desespero que tenta livrar-se dele; no campo, o emprego da sonda não é muito conhecido; a camponesa que "errou" deixa-se cair da escada do celeiro, rola pelos degraus da escadaria, e muitas vezes machuca-se sem resultado; por isso acontece que se encontre nas cercas, nos cerrados, nas latrinas, algum cadaverzinho estrangulado. Na cidade, as mulheres auxiliam-se mutuamente. Mas nem

sempre é fácil descobrir uma "fazedora de anjos" e menos ainda juntar a importância exigida; a mulher grávida pede socorro a um amiga ou opera-se a si mesma; essas cirurgiãs ocasionais são muitas vezes pouco competentes; facilmente se perfuram com o gancho ou a agulha de tricô; um médico contou-me que uma cozinheira ignorante, querendo injetar vinagre no útero, injetou-o na bexiga, o que lhe provocou horríveis sofrimentos. Brutalmente executado e maltratado, o aborto, muitas vezes mais penoso do que um parto normal, é seguido de perturbações nervosas podendo ir até a beira do ataque epiléptico, provoca às vezes graves moléstias internas e pode desencadear uma hemorragia mortal. Colette contou em *Gribiche* a dura agonia de uma pequena dançarina de *music hall* entregue às mãos ignorantes da mãe; um remédio habitual era, diz, beber uma solução concentrada de sabão e correr em seguida durante um quarto de hora: com tais tratamentos é muitas vezes matando a mãe que se suprime o filho. Falaram-me de uma datilógrafa que ficou durante quatro dias no quarto, banhada em sangue, sem comer nem beber, porque não ousara pedir socorro. É difícil imaginar abandono mais horrível do que esse em que a ameaça da morte se confunde com a do crime e da vergonha. A provação é menos rude no caso de mulheres pobres, mas casadas, que agem de acordo com o marido e sem se atormentarem com escrúpulos inúteis: uma assistente social disse-me que nas favelas elas se aconselham mutuamente, emprestam instrumentos e se assistem tão simplesmente quanto se se tratasse de extirpar calos dos pés. Mas suportam duros sofrimentos físicos; os hospitais são obrigados a receber a mulher cujo abortamento se acha iniciado; mas a *castigam* sadicamente recusando-lhe qualquer calmante durante a operação final da curetagem. Como se vê do testemunho recolhido por G. Sarreau, tais perseguições não indignam sequer as mulheres, demasiado habituadas ao sofrimento: mas elas são sensíveis às humilhações de que as cumulam. O fato de ser a operação clandestina e criminosa multiplica-lhe os perigos e dá-lhe um caráter abjeto e angustiante. Dor, doença, morte assumem um aspecto de castigo: sabe-se que distância separa o sofrimento da tortura, o acidente da punição; através dos riscos que assume, a mulher sente-se culpada; é essa interpenetração da dor e do erro que é singularmente penosa.

Esse aspecto moral do drama é sentido com maior ou menor intensidade segundo as circunstâncias. Para as mulheres muito livres de preconceitos, graças à sua fortuna, à sua situação social, ao meio a que pertencem, e para aquelas a quem a pobreza ou a miséria ensinaram o desdém da moral burguesa, quase não há problema: há um momento mais ou menos desagradável a passar,

e é preciso passar por ele, eis tudo. Mas numerosas mulheres são intimidadas por uma moral que guarda prestígio a seus olhos, embora não possam adaptar sua conduta a ela; respeitam interiormente a lei que infringem e sofrem por cometer um delito; sofrem ainda mais por terem de apelar para cúmplices. Suportam primeiramente a humilhação de mendigar: mendigam um endereço, os cuidados do médico, da parteira; arriscam-se a ser maltratadas com altivez ou se expõem a uma conivência degradante. Convidar deliberadamente outrem a cometer um delito é uma situação que, em sua maioria, os homens ignoram e que a mulher vive num misto de medo e vergonha. Essa intervenção que pede, muitas vezes, em seu coração, ela a rechaça. Acha-se dividida no interior de si mesma. É possível que seu desejo espontâneo seja conservar o filho que impede de nascer; mesmo que não deseje positivamente a maternidade, sente com mal-estar a ambiguidade do ato que pratica. Pois se não é verdade que o aborto seja um assassinato, não pode contudo ser tratado como a uma simples prática anticoncepcional; houve um acontecimento que é um começo absoluto e cujo desenvolvimento se detém. Certas mulheres serão perseguidas pela recordação desse filho que não houve. Helen Deutsch[389] cita o caso de uma mulher casada, psicologicamente normal, que tendo, por causa de sua condição física, perdido duas vezes fetos de três meses, mandou erguer-lhes dois pequenos túmulos de que cuidou com grande devoção, mesmo depois do nascimento de numerosos filhos. Com muito mais razão, sendo o aborto provocado, terá muitas vezes a mulher o sentimento de ter cometido um pecado. O remorso, que acompanha na infância o desejo ciumento da morte do irmãozinho recém-nascido, ressuscita e a mulher se sente culpada de ter realmente matado um filho. Melancolias patológicas podem exprimir esse sentimento de culpa. Ao lado das mulheres que pensam ter atentado contra uma vida estranha, muitas há que pensam ter sido mutiladas de uma parte de si mesmas; nasce disso um rancor contra o homem que aceitou ou solicitou a mutilação. É, ainda, H. Deutsch que cita o caso de uma moça profundamente apaixonada pelo amante, que insistiu ela própria em fazer desaparecer um filho que seria um obstáculo à felicidade de ambos; ao deixar o hospital, recusou-se, e para sempre, a rever o homem que amava. Se uma ruptura tão definitiva é rara, em compensação é frequente que a mulher se torne frígida, seja com todos os homens, seja com o que a engravidou.

Os homens tendem a encarar o aborto com displicência; consideram como um desses numerosos acidentes a que a malignidade da natureza condenou as mulheres; não medem os valores que se acham empenhados no aborto. A

mulher renega os valores da feminilidade, seus valores, no momento em que a ética masculina se contesta da maneira mais radical. Todo o universo moral dela é abalado. Com efeito, repetem à mulher desde a infância que ela é feita para gerar e cantam-lhe o esplendor da maternidade; os inconvenientes de sua condição — regras, doenças etc. —, o tédio das tarefas caseiras, tudo é justificado por esse maravilhoso privilégio de pôr filhos no mundo. E eis que o homem, para conservar sua liberdade, para não prejudicar seu futuro no interesse de sua profissão, pede à mulher que renuncie a seu triunfo de fêmea. O filho não é mais um tesouro sem preço: gerar não é mais uma função sagrada: essa proliferação torna-se contingente, importuna, é mais um dos inconvenientes da feminilidade. O aborrecimento mensal da menstruação apresenta-se, comparativamente, como abençoado: eis que se aguarda ansiosamente a volta do escorrimento vermelho que mergulhara a menina no desespero; foi prometendo as alegrias do parto que a tinham consolado. Mesmo consentindo no aborto, desejando-o, a mulher o sente como um sacrifício de sua feminilidade: é preciso que ela veja em seu sexo, definitivamente, uma maldição, uma espécie de enfermidade, um perigo. Indo até o fim dessa renúncia, certas mulheres tornam-se homossexuais em consequência do traumatismo do aborto. Entretanto, no mesmo momento em que, para melhor realizar seu destino, o homem pede à mulher que sacrifique suas possibilidades carnais, ele denuncia a hipocrisia do código moral dos homens. Estes proíbem universalmente o aborto; mas aceitam-no singularmente como uma solução cômoda; podem se contradizer com um cinismo absurdo; mas a mulher experimenta essas contradições em sua carne ferida; ela é geralmente demasiado tímida para se revoltar deliberadamente contra a má-fé masculina; conquanto considerando-se vítima de uma injustiça que a decreta criminosa contra sua vontade, sente-se humilhada, maculada; ela é que encarna, numa figura concreta e imediata, em si, a falta do homem; ele comete a falta, mas livra-se dela na mulher; ele diz somente palavras, num tom suplicante, ameaçador, sensato, furioso: esquece-as depressa; cabe a ela traduzir essas frases na dor e no sangue. Algumas vezes, ele não diz nada, vai-se embora; mas seu silêncio e sua fuga são um desmentido ainda mais evidente de todo o código moral instituído pelos homens. Não devemos nos espantar com isso que chamam "a imoralidade" das mulheres, tema predileto dos misóginos; como não teriam elas uma íntima desconfiança em relação aos princípios arrogantes que os homens afirmam publicamente e em segredo denunciam? Elas aprendem a não mais acreditar no que dizem os homens

quando exaltam a mulher, nem quando exaltam o homem: a única coisa certa é esse ventre revolvido e sangrento, esses molambos de vida vermelha, essa ausência do filho. É com o primeiro aborto que a mulher começa a "compreender". Para muitas delas o mundo nunca mais será o mesmo. E, no entanto, por falta de difusão dos métodos anticoncepcionais, o aborto é hoje na França o único caminho aberto à mulher que não quer pôr no mundo filhos destinados a morrer na miséria. Stekel[390] disse-o muito justamente: "A proibição do aborto é uma lei imoral, porquanto deve ser obrigatoriamente violada, todos os dias, a todas as horas".

***

O controle de natalidade e o aborto legal permitiriam à mulher assumir livremente suas maternidades. Na realidade, são em parte uma vontade deliberada e em parte o acaso que decidem da fecundidade feminina. Não sendo por ora a inseminação artificial uma prática corrente, acontece à mulher desejar a maternidade sem poder obtê-la — seja por não ter relações com os homens, por ter um marido estéril, ou por ser malconformada. Mas acontece, em compensação, que se ache muitas vezes obrigada a gerar contra a sua vontade. Gravidez e maternidade são vividas de maneira muito diferente, caso se desenvolvam na revolta, na resignação, na satisfação, no entusiasmo. É preciso considerar que as decisões e os sentimentos confessados da jovem mãe nem sempre correspondem a seus desejos profundos. Uma mãe solteira pode estar materialmente acabrunhada pelo fardo que lhe é repentinamente imposto, desolar-se abertamente e, no entanto, encontrar no filho a realização de sonhos secretamente acarinhados; inversamente, uma jovem recém-casada que acolhe com alegria e orgulho sua gravidez, pode receá-la em silêncio, detestá-la, através de obsessões, de alucinações, de recordações de infância que ela própria se recusa a admitir. É uma das razões que tornam as mulheres tão discretas a esse respeito. Seu silêncio vem em parte de que se comprazem em cercar de mistério uma experiência que é apanágio exclusivamente delas; mas veem-se igualmente desnorteadas pelas contradições e os conflitos que nelas ocorrem. "As preocupações da gravidez são um sonho que é tão completamente esquecido quanto o sonho das dores do parto", disse uma mulher.[391] São as verdades complexas que então se revelam a elas, que procuram envolver no esquecimento.

Vimos que na infância e na adolescência a mulher passa por diversas fases em relação à maternidade. Menina, a coisa é milagre e jogo: ela encontra na boneca, ela pressente, no filho que virá, um objeto para possuir e dominar. Adolescente, vê na ocorrência, ao contrário, uma ameaça contra a integridade de sua preciosa pessoa. Ou então recusa-a ferozmente como a heroína de Colette Audry,[392] que nos confia:

> Cada criancinha que brincava na areia, eu a detestava por ter saído de uma mulher... Os adultos eu também os execrava por mandarem nessas crianças, por lhes darem purgantes, palmadas, vestirem-nas, humilharem-nas de todas as maneiras: as mulheres com seus corpos moles sempre a germinarem novos filhos, os homens que olhavam toda essa polpa de mulheres e filhos deles com um ar satisfeito e independente. Meu corpo pertencia-me, a mim somente, gostava dele bronzeado, incrustado de sal do mar, arranhado pelas plantas. Devia permanecer duro e selado.

Ou então ela receia ter um filho, embora desejando-o, o que conduz a alucinações de gravidez e a toda espécie de angústias. Há jovens que se comprazem em exercer a autoridade que a maternidade confere, mas não estão dispostas a assegurar-lhe plenamente as responsabilidades. É o caso dessa Lídia, citada por H. Deutsch, que, com a idade de 16 anos, empregada como criada em casa de desconhecidos, se ocupava das crianças entregues a seus cuidados com a mais extraordinária dedicação: era um prolongamento dos devaneios infantis quando formava um par com sua mãe a fim de educar um filho; repentinamente pôs-se a negligenciar o serviço, a mostrar-se indiferente às crianças, a sair, a namorar; a época dos jogos terminara e ela começava a preocupar-se com sua verdadeira vida em que o desejo de maternidade ocupava pequeno espaço. Certas mulheres alimentam durante toda a vida o desejo de dominar crianças, mas conservam um sentimento de horror ao trabalho biológico do parto; fazem-se parteiras, enfermeiras, preceptoras; são tias dedicadas, mas recusam-se a ter filhos. Algumas também, sem rechaçar com desgosto a maternidade, são por demais absorvidas pela sua vida amorosa ou por uma carreira para que lhe reservem um lugar na existência. Têm medo do fardo que o filho representaria para elas ou para o marido.

Muitas vezes, a mulher garante deliberadamente sua esterilidade, seja esquivando-se a quaisquer relações sexuais, seja mediante práticas de controle de natalidade; mas há também casos em que ela não confessa seu temor do filho, e é um processo psíquico que impede a concepção; ocorrem com ela perturbações funcionais reveláveis a um exame médico, mas de origem nervosa. O Dr. Arthus[393] cita, entre outros, um exemplo impressionante:

Mme H... fora muito malpreparada pela mãe para sua vida de mulher; a mãe sempre predissera as piores catástrofes se lhe acontecesse ficar grávida... Quando Mme H... se casou, imaginou-se grávida no mês seguinte; verificou o engano; acreditou-o novamente ao fim de três meses: novo engano. Ao fim de um ano foi consultar um ginecologista que se recusou a reconhecer, nela ou no marido, uma causa qualquer de infecundidade. Três anos depois, ela consultou outro médico, que lhe disse: "A senhora ficará grávida quando falar menos disso..." Após cinco anos de casados, Mme H... e o marido haviam admitido que não teriam mais filhos. O bebê nasceu ao fim de seis anos.

A aceitação ou a recusa de concepção são influenciadas pelos mesmos fatores que a gravidez em geral. No decurso desta, reavivam-se os sonhos infantis do sujeito e suas angústias de adolescente; a gravidez é vivida de maneira muito diferente segundo as relações que a mulher mantém com a mãe, com o marido e consigo mesma.

Tornando-se mãe por sua vez, a mulher toma, de certo modo, o lugar daquela que a gerou; isso representa para ela uma emancipação total. Se a deseja sinceramente, alegra-se com a gravidez e faz questão de conduzi-la sem ajuda; dominada ainda e consentindo nisso, entrega-se, ao contrário, às mãos maternas: o recém-nascido se lhe afigurará antes um irmão ou uma irmã do que seu próprio fruto; se, ao mesmo tempo, quer e não ousa libertar-se, teme que o filho, ao invés de salvá-la, a faça recair sob o jugo: esta angústia pode provocar um aborto; H. Deutsch cita o caso de uma jovem mulher que, devendo acompanhar o marido e deixar o filho que iria nascer com a mãe, deu à luz uma criança morta; espantou-se por não o lamentar excessivamente, porque o desejara muito; mas teria tido horror de a entregar à mãe, que a teria dominado através da criança. Vimos que o sentimento de culpa em relação à mãe é frequente na adolescente; se ainda se mantém vivo, a mulher imagina que uma maldição pesa sobre sua progenitura ou sobre si mesma: o filho a matará ou morrerá ao nascer. É o remorso que geralmente provoca essa angústia, tão frequente nas mulheres jovens, de não conduzir a termo a gravidez. Vê-se neste exemplo, fornecido por H. Deutsch, a que ponto a relação da filha com a mãe pode assumir uma importância nefasta:

Mrs. Smith, caçula de uma família numerosa que só contava um rapaz, fora acolhida com despeito pela mãe, que queria um filho; não sofreu muito com isso graças à afeição do pai e de uma irmã mais velha. Mas esperando um filho depois de casada, embora o desejasse ardentemente, o ódio que sentira outrora pela mãe tornou-lhe detestável a ideia de ser mãe; deu à luz um mês antes do termo uma criança morta. Grávida pela segunda vez, teve receio de novo acidente; felizmente uma de suas amigas íntimas engravidou ao mesmo tempo; esta tinha uma mãe muito afetuosa que

protegeu as duas mulheres durante a gravidez; mas a amiga concebera um mês antes de Mrs. Smith, que ficou apavorada com a ideia de terminar sua gravidez sozinha; ante a surpresa de todos, a amiga continuou grávida durante um mês ainda após a data prevista[394] do parto e as duas deram à luz no mesmo dia. As duas amigas resolveram conceber no mesmo dia o outro filho e Mrs. Smith iniciou sem inquietação a nova gravidez. Mas, no terceiro mês, a amiga precisou sair da cidade; no dia em que o soube, Mrs. Smith abortou. Nunca mais pôde ter outro filho; a lembrança da mãe pesava demasiado sobre ela.

Relação não menos importante é a que a mulher mantém com o pai de seu filho. Uma mulher já madura, independente, pode querer um filho que só pertença a ela: conheci uma cujos olhos brilhavam à vista de um belo macho, não por desejo sexual, mas porque julgava suas qualidades de reprodutor; são essas amazonas maternais que saúdam com entusiasmo o milagre da inseminação artificial. Se o pai da criança partilha a vida delas, recusam-lhe qualquer direito sobre a progenitura, tentam — como a mãe de Paul em *Amantes e filhos* — constituir um casal isolado com o filhote. Mas, na maioria dos casos, a mulher tem necessidade de um apoio masculino para aceitar suas novas responsabilidades; ela só se devotará alegremente ao recém-nascido se um homem se devotar a ela.

Quanto mais infantil e tímida ela é, mais essa necessidade é urgente. H. Deutsch conta a história de uma jovem mulher que aos 15 anos se casou com um rapaz de 16 que a engravidara. Quando menina, sempre gostara dos bebês e assistira a mãe nos cuidados que prodigalizava a seus irmãos e irmãs. Mas, uma vez mãe de dois filhos, foi tomada de pânico. Exigia que o marido permanecesse sem cessar junto dela; ele teve que arranjar um trabalho que lhe permitisse ficar durante longas horas no lar. Ela vivia numa constante ansiedade, exagerando as brigas dos filhos, dando excessiva importância aos menores incidentes do dia. Muitas jovens mães pedem socorro assim ao marido, e por vezes o expulsam do lar, oprimindo-os com as suas preocupações. H. Deutsch cita, entre outros casos curiosos, este:

Uma jovem mulher casada imaginou que estava grávida e ficou extremamente feliz; separada do marido por uma viagem, teve uma aventura muito rápida que aceitou precisamente porque, satisfeita com a maternidade, nada lhe parecia ter qualquer consequência; voltando ao marido, soube mais tarde que, na verdade, se enganara acerca da data da concepção: esta datava do momento da viagem. Quando a criança nasceu, ela pôs-se subitamente a indagar se era filho do marido ou do amante ocasional; tornou-se incapaz de ter sentimento em relação ao filho desejado; angustiada, infeliz, recorreu a um psiquiatra e só se interessou pela criança depois que decidiu considerar o marido como pai do recém-nascido.

A mulher que tem afeição pelo marido modelará seus sentimentos pelos dele; acolhe a gravidez e a maternidade com alegria ou mau humor segundo ele se sinta orgulhoso ou aborrecido. Por vezes, o filho é desejado, a fim de consolidar uma ligação, um casamento, e o apego que lhe dedica a mãe depende do êxito ou do fracasso de seus planos. Se é hostilidade que sente em relação ao marido, a situação é ainda diferente; pode devotar-se asperamente ao filho cuja posse nega ao pai ou, ao contrário, encarar com ódio o descendente do homem detestado. Mme H. N., cuja noite de núpcias Stekel nos relatou, ficou grávida desde logo e detestou durante toda a vida a filha concebida no horror daquela iniciação brutal. Vê-se também no diário de Sofia Tolstoi que a ambivalência de seus sentimentos em relação ao marido se reflete na primeira gravidez. Escreve:

> Este estado me é insuportável física e moralmente. Fisicamente, estou sempre doente e, moralmente, sinto um tédio, um vazio, uma angústia terrível. E para Liova deixei de existir... Não posso dar-lhe nenhuma alegria, posto que estou grávida.

O único prazer que encontra nesse estado é de ordem masoquista: foi sem dúvida o fracasso de suas relações amorosas que lhe deu uma necessidade infantil de autopunição.

> Desde ontem estou muito doente, tenho medo de um aborto. Essa dor no ventre dá-me um certo gozo. É como em criança quando fazia uma travessura; mamãe perdoava-me, mas eu não me perdoava. Beliscava ou picava fortemente a mão até que a dor se tornasse intolerável. No entanto, suportava-a e sentia nisso um imenso prazer... Quando... a criança chegar, *isso* recomeçará, é repugnante! Tudo me parece fastidioso. As horas soam tão tristemente. Tudo é morno. Ah! se Liova...

Mas a gravidez é principalmente um drama que se desenrola na mulher entre si e si; ela sente-o a um tempo como um enriquecimento e uma mutilação; o feto é uma parte de seu corpo e um parasito que a explora; ela o possui e é por ele possuída; ele resume todo o futuro e, carregando-o, ela sente-se ampla como o mundo; mas essa própria riqueza a aniquila: tem a impressão de não ser mais nada. Uma existência nova vai manifestar-se e justificar sua própria existência; disso ela se orgulha, mas sente-se também o joguete de forças obscuras, é sacudida, violentada. O que há de singular na mulher grávida é que, no mesmo momento em que se transcende, seu corpo é apreendido como imanente: encolhe-se em si mesmo, em suas náuseas e seus incômodos; deixa de existir para

si só e é quando se faz então mais volumoso do que nunca. A transcendência do artesão, do homem de ação é habitada por uma subjetividade, mas na futura mãe abole-se a oposição sujeito e objeto; ela forma, com esse filho de que se acha prenhe, um casal equívoco que a vida submerge; presa às malhas da natureza, ela é planta e animal, uma reserva de coloides, uma poedeira, um ovo; assusta as crianças de corpo egoísta e faz com que os jovens escarneçam, pois ela é um ser humano, consciência e liberdade, que se tornou um instrumento passivo da vida. A vida habitualmente é apenas uma condição da existência; na gestação ela se apresenta como criadora; mas é uma estranha criação que se realiza na contingência e na facticidade. Há mulheres para quem as alegrias da gravidez e da amamentação são tão fortes que as querem repetir indefinidamente; sentem-se frustradas a partir do momento em que a criança é desmamada. Essas mulheres, que são "poedeiras" mais do que mães, procuram avidamente a possibilidade de alienar sua liberdade em proveito da carne: sua existência aparece-lhes tranquilamente justificada pela passiva fertilidade do corpo. Se a carne é pura inércia, não pode encarnar a transcendência, ainda que sob uma forma degradada; é preguiça e tédio, mas torna-se, desde que brota, raiz, fonte, flor; ela se ultrapassa, é movimento para o futuro, ao mesmo tempo que uma presença espessa. A separação que a mulher sofreu antes, no momento do desmame, é compensada; ela é novamente mergulhada na corrente da vida, reintegrada no todo, elo na cadeia das gerações, carne que existe por e para outra carne. A fusão procurada nos braços do homem e que é recusada logo que concedida a mãe a realiza quando sente o filho no ventre pesado ou que o aperta contra os seios túmidos. Ela não é mais um objeto submetido a um sujeito; não é tampouco um sujeito angustiado por sua liberdade, é essa realidade equívoca: a vida. O corpo é enfim dela, posto que é do filho que lhe pertence. A sociedade reconhece-lhe a posse desse corpo e ainda o reveste de um caráter sagrado. O seio, antes objeto erótico, ela o pode exibir, é uma fonte de vida: a tal ponto que quadros piedosos nos mostram a Virgem Mãe descobrindo o peito para suplicar ao Filho que poupe a humanidade. Alienada em seu corpo e em sua dignidade social, a mãe tem a ilusão pacificante de se sentir um ser em *si*, um *valor* completo.

Mas é apenas uma ilusão. Porque ela não fez realmente o filho: ele se fez nela; sua carne só engendra carne: ela é incapaz de fundar uma existência, que se terá de fundar ela mesma; as criações que emanam da liberdade põem o objeto como valor e o revestem de uma necessidade; no seio materno, o filho é injustificado, não passa ainda de uma proliferação gratuita, um fato bruto cuja

contingência é simétrica à da morte. A mãe pode ter *suas* razões de querer *um* filho, mas não poderá dar, a *esse* outro que vai ser amanhã, suas próprias razões de ser; ela o gera na generalidade de seu corpo, não na singularidade de sua existência. É o que compreende a heroína de Colette Audry quando diz:

> Nunca pensara que ele pudesse dar um sentido a minha vida... Seu ser germinara em mim; o que quer que acontecesse, tinha de conduzi-lo a bom termo, até o fim, sem poder apressar as coisas, ainda que fosse preciso morrer. Depois ali estivera, nascido de mim; assim, assemelhava-se à obra que eu teria podido realizar na vida... mas afinal não o era.[395]

Em certo sentido, o mistério da encarnação se repete em cada mulher; toda criança que nasce é um deus que se faz homem: não poderia realizar-se como consciência e liberdade se não viesse ao mundo; a mãe se presta a esse mistério, mas não o comanda; a suprema verdade desse ser que se forma em seu ventre lhe escapa. É esse equívoco que ela traduz por dois fantasmas contraditórios: toda mãe tem a ideia de que o filho será um herói; exprime assim seu deslumbramento à ideia de gerar uma consciência e uma liberdade; mas teme também dar à luz um doente, um monstro, porque conhece a horrível contingência da carne e esse embrião que a habita é somente carne. Há casos em que um dos mitos vence, mas muitas vezes a mulher oscila entre um e outro. Ela é sensível também a outro equívoco. Presa no grande ciclo da espécie, afirma a vida contra o tempo e a morte: com isso tem a promessa da imortalidade; mas experimenta também na carne a realidade da afirmação de Hegel: "O nascimento dos filhos é a morte dos pais". O filho, diz ele ainda, é para os pais "o ser para si do amor deles que cai fora deles", e inversamente, ele obterá seu ser para si "na separação da fonte, uma separação em que essa fonte seca". Essa superação de si é também para a mulher prefiguração da morte. Ela traduz essa verdade pelo medo que sente quando imagina o parto; receia nele perder a própria vida.

Sendo assim ambígua a significação da gravidez, é natural que a atitude da mulher seja ambivalente: aliás, ela se modifica nos diversos estágios da evolução do feto. É preciso sublinhar primeiramente que, no início do processo, o filho não está presente; ele ainda não tem senão uma existência imaginária; a mãe pode sonhar com esse pequeno indivíduo que nascerá dentro de meses, pode se ocupar em lhe preparar um berço, um enxoval: só apreende concretamente os turvos fenômenos orgânicos que nela se verificam. Certos entusiastas da Vida e da Fecundidade pretendem misticamente que a mulher

reconhece, pela qualidade de seu prazer, que o homem acaba de torná-la mãe: trata-se de um desses mitos que cumpre abandonar. Ela nunca tem uma intuição decisiva do acontecimento: ela o induz partindo de sinais incertos. Cessam as regras, engorda, os seios tornam-se pesados e doem, ocorrem vertigens e náuseas; por vezes, ela acredita simplesmente estar doente e é um médico que a informa. Sabe então que seu corpo recebeu um destino que o transcende; dia após dia, um pólipo nascido de sua carne e estranho a sua carne vai desenvolver-se nela; a mulher torna-se presa da espécie que lhe impõe suas misteriosas leis e, geralmente, essa alienação a amedronta: seu medo traduz-se por vômitos. Estes são parcialmente provocados pelas modificações das secreções gástricas que então se produzem; mas se essa reação, que outras fêmeas mamíferas ignoram, assume importância é por motivos psíquicos: manifesta o caráter agudo que o conflito entre a espécie e o indivíduo[396] reveste na fêmea humana. Ainda que a mulher deseje profundamente o filho, seu corpo revolta-se primeiramente quando lhe cumpre parir. Nos *Estados nervosos de angústia*, Stekel afirma que o vômito da mulher grávida exprime sempre certa recusa ao filho; se este é acolhido com hostilidade — por motivos geralmente inconfessados — as perturbações estomacais aumentam.

"A psicanálise ensinou-nos que a exageração psíquica dos sintomas do vômito só se observa no caso em que a expulsão oral traduz emoções de hostilidade em relação à gravidez ou ao feto", diz H. Deutsch. E ela acrescenta: "Muitas vezes o conteúdo psíquico do vômito da gravidez é exatamente o mesmo que nos vômitos histéricos das moças, provenientes de um fantasma de gravidez".[397] Em ambos os casos reaviva-se a velha ideia da fecundação pela boca que se encontra nas crianças. Para as mulheres infantis, em particular, a gravidez é, como no passado, assimilada a uma doença do aparelho digestivo. H. Deutsch cita o caso de uma doente que estudava, com ansiedade, seus vômitos para verificar se não encontrava neles fragmentos de embrião; *sabia,* no entanto, pelo que afirmava, que a obsessão era absurda. A bulimia, a falta de apetite, as repugnâncias assinalam a mesma hesitação entre o desejo de conservar e o de destruir o embrião. Conheci uma jovem mulher que sofria ao mesmo tempo de vômitos fortíssimos e de uma constipação feroz; disse-me, ela própria, que tinha a impressão de procurar expulsar o feto e ao mesmo tempo retê-lo; o que correspondia exatamente a seus desejos confessados. O dr. Arthus[398] cita o exemplo seguinte, que resumo:

Mme T. apresenta graves perturbações de gravidez, com vômitos incoercíveis... A situação é tão inquietante que se deve pensar em praticar uma interrupção da gravidez em processo... A mulher está desolada... A rápida análise que pôde ser praticada revela (que): Mme T. procedeu a uma identificação inconsciente com uma de suas antigas amigas de pensão que desempenhou papel muito grande em sua vida afetiva e morreu em consequência de sua primeira gravidez. Logo que a causa pode ser revelada, os sintomas melhoram; depois de uma quinzena de dias verificam-se ainda vômitos, porém sem mais nenhum perigo.

Constipação, diarreias, trabalho de expulsão manifestam sempre a mesma mistura de desejo e de angústia; disso resulta, por vezes, um aborto: quase todos os abortos espontâneos têm uma origem psíquica. Tais incômodos se acentuam ainda mais quando a mulher lhes dá maior importância e "se ouve" mais. Em particular, os famosos "desejos" das mulheres grávidas são obsessões de origem infantil complacentemente acariciadas: relacionam-se sempre aos alimentos, em virtude da velha ideia da fecundação alimentar; sentindo perturbações em seu corpo, a mulher traduz, como acontece muitas vezes nas psicastenias, esse sentimento de estranheza por um desejo que por vezes a fascina. Há, de resto, uma "cultura" desses desejos pela tradição, como houve outrora uma cultura da histeria; a mulher, na expectativa de ter desejos, espera por eles, inventa-os. Relataram-me o caso de uma mãe solteira que tinha um desejo tão frenético de espinafres que corria a comprá-los no mercado e ficava numa terrível impaciência a olhá-los enquanto os cozinhava: exprimia assim a angústia de sua solidão; sabendo que só podia contar consigo mesma, era com pressa febril que apressava em satisfazer seus desejos. A duquesa de Abrantes descreveu de maneira muito divertida, em suas *Mémoires*, um caso em que o desejo é imperiosamente sugerido pelo ambiente da mulher. Queixa-se de ter sido cercada de excessiva solicitude durante a gravidez.

Esses cuidados, essas atenções aumentam o mal-estar, o enjoo, o nervosismo, os mil e um sofrimentos que quase sempre acompanham a primeira gravidez. Senti-o... Foi minha mãe quem começou, um dia em que jantava em casa dela... "Ah! Meu Deus, disse-me de repente, largando o garfo e encarando-me com um ar consternado, ah! meu Deus, não pensei em perguntar qual era *teu desejo.*"

— Mas não tenho nenhum — respondi.

— Não tens desejo — disse minha mãe... — Não tens desejo! Mas nunca se viu isso! Tu te enganas. É que não prestas atenção. Falarei com tua sogra.

E eis minhas duas mães se consultando e eis meu Junot que, com medo de que lhe desse um filho com cabeça de javali... me perguntava todas as manhãs: "Laure, de que tens vontade?" Minha cunhada, que voltou de Versalhes ampliou o coro das perguntas... nem podia enumerar quantas

pessoas vira desfiguradas por desejos não satisfeitos... Acabei assustando-me também... Procurei em minha imaginação algo de que gostasse especialmente e não encontrei nada. Enfim, um dia, aconteceu-me, comendo uma pastilha de ananás, refletir que um ananás deveria ser uma coisa excelente... Uma vez persuadida de que tinha *desejo* de ananás, senti uma vontade muito grande, que aumentou quando Corcelet declarou que não estava no tempo. Oh! Então experimentei esse sofrimento que participa do desespero e põe a gente num estado de morrer ou satisfazê-lo.

(Junot, após várias tentativas, acabou recebendo um ananás das mãos de Mme Bonaparte. A duquesa de Abrantes recebeu-o alegremente e passou a noite a cheirá-lo e tocá-lo, por lhe ter o médico ordenado que só o comesse pela manhã. Quando finalmente Junot o serviu a ela):

Empurrei o prato para longe de mim. "Não sei o que tenho, não posso comer ananás." Ele punha-me o nariz no maldito prato, o que provocou uma asserção positiva de que eu não podia comer ananás. Foi preciso não somente levá-lo, mas ainda abrir as janelas, perfumar meu quarto para tirar o menor vestígio de um odor que um segundo bastara para tornar odioso. O que há de mais singular neste fato é que, desde então, nunca pude comer ananás sem um esforço violento...

São as mulheres de quem se ocupam demasiado ou que se ocupam demasiado consigo mesmas que apresentam maior número de fenômenos mórbidos. As que vencem mais facilmente a prova da gravidez são, por um lado, as matronas totalmente entregues a sua função de poedeira e, por outro lado, as mulheres viris que as aventuras do corpo não fascinam e que fazem questão de superá-las com facilidade; Mme de Staël conduzia uma gravidez com tanta vivacidade e displicência quanto uma conversação.

Quando a gravidez prossegue, a relação entre a mãe e o feto muda. Este acha-se solidamente instalado no ventre materno, os dois organismos se adaptaram um ao outro e há entre ambos trocas biológicas que permitem à mulher reencontrar seu equilíbrio. Ela não se sente mais possuída pela espécie: ela é que possui o fruto de suas entranhas. Durante os primeiros meses era uma mulher qualquer e diminuída pelo trabalho secreto que se realizava no seu interior; posteriormente torna-se, com evidência, uma mãe e suas fraquezas são o reverso de sua glória. A impotência de que sofria torna-se, acentuando-se, um *álibi.* Muitas mulheres encontram, então, em sua gravidez uma maravilhosa paz: sentem-se justificadas; tinham sempre tido prazer em se observar, em espiar o corpo; não ousavam, por senso de seus deveres sociais, interessar-se por ele com demasiada complacência: agora têm o direito de fazê-lo, porque tudo o que fazem para seu próprio bem-estar fazem para o filho. Não se lhes pede mais trabalho, nem esforço; não têm mais que se preocupar com o resto do mundo; os sonhos de futuro que acariciam dão um sentido ao momento presente; basta-lhes se deixarem viver, estão de férias. A razão de sua existência está em seu ventre e dá-lhes uma impressão perfeita de plenitude. "É como um

pequeno aquecedor no inverno, sempre aceso e que só existe para você, inteiramente submetido à sua vontade. É também uma ducha fresca, escorrendo sem cessar durante o verão. Está ali", diz uma mulher citada por H. Deutsch. Satisfeita, a mulher conhece também o prazer de se sentir "interessante", o que constituiu seu maior desejo desde a adolescência; como esposa, sofria com sua dependência em relação ao homem; agora não é mais um objeto sexual, uma serva; encarna a espécie, é promessa de vida, de eternidade; os que a cercam, respeitam-na; até seus caprichos tornam-se sagrados: o que a incita, já o vimos, a inventar "desejos". "A gravidez permite à mulher racionalizar atos que de outro modo pareceriam absurdos", afirma Helen Deutsch. Justificada pela presença de um outro em seu seio, ela goza enfim plenamente de ser ela própria.

Colette descreve em *L'Étoile Vesper* essa fase da gravidez.

> Insidiosamente, sem pressa, a beatitude das mulheres grávidas me invadia. Eu não era mais tributária de nenhum mal-estar, de nenhuma desgraça. Euforia, rom-rom, que nome — o científico ou o familiar — dar a essa preservação? E por certo me satisfez inteiramente, pois não a esqueço. A gente se cansa de calar o que nunca disse, no caso o estado de orgulho, de magnificência trivial que experimentava a preparar meu fruto... Cada noite dizia um pouco adeus a um dos bons momentos de minha vida. Bem sabia que os lamentaria. Mas a alegria, o rom-rom, a euforia submergiam tudo e reinavam em mim a doce animalidade, a indolência com que meu peso maior e os surdos apelos da criatura que eu formava me cumulavam.
>
> Sexto, sétimo mês... Primeiros morangos, primeiras rosas. Posso considerar minha gravidez de outra forma senão como uma longa festa? Esquecem-se as torturas do fim, não se esquece a longa festa única; eu nada esqueci. Lembro-me principalmente de que o sono, em horas caprichosas, se apoderava de mim e eu era novamente tomada, como na minha infância, pela necessidade de dormir no chão, na relva, na terra quente. Único "desejo", desejo sadio.
>
> Ao chegar ao fim, parecia um rato carregando um ovo roubado. Incômoda a mim mesma, sentia-me por vezes demasiado cansada para deitar-me... Sob o peso, sob a fadiga, minha longa festa não se interrompia ainda. Carregavam-me sobre um broquel de privilégios e cuidados...

Essa gravidez feliz, diz-nos Colette, uma de suas amigas a denominou "gravidez de homem". Ela se apresenta, com efeito, como o tipo dessas mulheres que suportam corajosamente seu estado, porque nele não se absorvem. Continuava ao mesmo tempo a trabalhar como escritora. "O filho manifestou que chegaria em primeiro lugar e eu atarraxei a tampa de minha caneta-tinteiro."

Outras mulheres sentem mais pesadamente a gravidez; ruminam indefinidamente sua nova importância. Por pouco que as encoragem, retomam por sua conta os mitos masculinos: opõem à lucidez do espírito a noite fecunda

da Vida, à consciência clara os mistérios da interioridade, à liberdade estéril o peso do ventre em sua enorme facticidade; a futura mãe sente-se humo e gleba, fonte e raiz; quando adormece, seu sono é o do caos em que fermentam mundos. Outras há que, mais desprendidas de si, se encantam principalmente com o tesouro de vida que cresce nelas. É essa alegria que exprime Cécile Sauvage em seus poemas *L'Âme en bourgeon:*

Tu me pertences como a aurora à planície
Ao redor de ti a vida é uma lã quente
Em que teus membros friorentos crescem em segredo.

E mais adiante:

Ó tu que acarinho com temor no acolchoado
Pequena alma em botão presa a minha flor
Com um pedaço de meu coração formo teu coração
Ô meu fruto macio, pequena boca úmida.[399]

E numa carta ao marido:

É engraçado, parece-me que assisto à formação de um ínfimo planeta e que modelo seu globo frágil. Nunca estive tão perto da vida. Nunca senti tão bem que sou irmã da terra com as vegetações e as seivas. Meus pés andam sobre a terra como sobre um animal vivo. Penso no dia cheio de flautas, de abelhas acordadas, de orvalho, pois eis que ele se retesa e agita em mim. Se soubesses que frescor de primavera e de juventude essa alma em botão põe em meu coração. E dizer que é a alma infantil de Pierrot e que ela elabora na noite de meu ser dois grandes olhos de infinito semelhantes aos dele.

Em compensação, as mulheres que são profundamente coquetes, que se apreendem essencialmente como objeto erótico, que se amam na beleza de seu corpo, sofrem ao se verem deformadas, feias, incapazes de suscitar o desejo. A gravidez não se apresenta a elas como uma festa ou um enriquecimento e sim como uma diminuição de seu eu.

Lê-se, entre outras coisas, em *Minha vida* de Isadora Duncan:

O filho dava agora sinais de sua presença... Meu belo corpo de mármore distendia-se, quebrava-se, deformava-se... Andando à beira-mar, eu sentia às vezes um excesso de força e de vigor e me dizia que essa criaturinha seria minha, só minha; mas outros dias... tinha a impressão de ser um pobre animal caído numa armadilha... Com alternativas de esperança e de desespero, pensava muitas vezes nas peregrinações de minha mocidade, meus passeios sem objetivo, minhas descobertas da arte e tudo isso

que não passava de um prólogo antigo, perdido na bruma que levava à espera de um filho, obra-prima ao alcance de qualquer camponesa... Comecei a ser vítima de toda espécie de temores. Em vão eu me dizia que todas as mulheres têm filhos. Era algo natural e no entanto eu tinha medo. Medo de quê? Não da morte por certo, nem dos sofrimentos, tinha um medo desconhecido do que não conhecia. Cada vez mais meu belo corpo se deformava ante meus olhos espantados. Onde minhas graciosas formas juvenis de náiade? Onde minha ambição, meu renome? Muitas vezes, a despeito de mim mesma, sentia-me miserável e vencida. A luta contra a vida, esta gigante, era desigual; mas então pensava no filho que ia nascer e toda a minha tristeza se dissipava. Horas cruéis de espera dentro da noite. Como pagamos caro a glória de ser mãe!...

No último estágio da gravidez, esboça-se a separação entre a mãe e o filho. As mulheres sentem de maneira diferente seu primeiro movimento, o pontapé dado às portas do mundo, contra a parede do ventre que o encerra longe do mundo. Algumas acolhem com deslumbramento esse sinal que anuncia a presença de uma vida autônoma; outras se imaginam com repugnância como o receptáculo de um indivíduo estranho a elas. Novamente, a união do feto com o corpo materno perturba-se: o útero desce, a mulher tem uma sensação de pressão, de tensão, de dificuldades respiratórias. É possuída, dessa feita, não pela espécie indistinta, mas pelo filho que vai nascer; não passava até então de uma imagem, uma esperança e eis que se torna pesadamente presente. Sua realidade cria novos problemas. Toda passagem é angustiante: o parto apresenta-se particularmente assustador. Quando a mulher se aproxima da data final, todos os seus terrores infantis se reanimam; se em virtude de um sentimento de culpa ela se acredita amaldiçoada pela mãe, persuade-se de que vai morrer ou de que o filho morrerá. Tolstoi pintou em *Guerra e paz*, sob os traços de Lise, uma dessas mulheres infantis que veem no parto uma condenação à morte: e morre, com efeito.

O parto assumirá, segundo os casos, um caráter muito diferente: a mãe almeja ao mesmo tempo guardar no ventre o tesouro de carne que é um pedaço precioso de seu eu e desembaraçar-se de um importuno; quer seu sonho nas mãos, mas tem medo das novas responsabilidades que vai criar essa materialização: um ou outro desejo pode vencer, mas muitas vezes ela se divide. Muitas vezes também não é com resolução firme que enfrenta a angustiante experiência: quer provar a si mesma e provar aos seus — mãe, marido — que é capaz de superá-la sem ajuda; mas, ao mesmo tempo, odeia o mundo, a vida, os parentes, por causa dos sofrimentos que lhe são infligidos, e adota, como protesto, uma conduta passiva. As mulheres independentes — matronas ou mulheres viris — fazem questão de desempenhar um papel ativo nos momentos

que precedem o parto e durante o próprio parto. As muito infantis abandonam-se passivamente à parteira, à mãe; algumas põem seu orgulho em não gritar; outras recusam quaisquer conselhos. De maneira geral pode-se dizer que exprimem nessa crise sua atitude profunda em relação ao mundo em geral, e sua maternidade em particular: são estoicas, resignadas, reivindicadoras, imperiosas, revoltadas, inertes, tensas... Tais disposições psicológicas têm enorme influência na duração e na dificuldade do parto (que dependem também, naturalmente, de fatores puramente orgânicos). O que é significativo é que, normalmente, a mulher — como certas fêmeas de animais domésticos — precisa de auxílio para cumprir a função a que a natureza a destina; há porém camponesas de hábitos rudes e mães solteiras que dão à luz sozinhas: mas sua solidão acarreta muitas vezes a morte do filho ou doenças incuráveis na mãe. No próprio momento em que acaba de realizar seu destino feminino é ainda a mulher dependente: o que prova que também na espécie humana a natureza não se distingue nunca do artifício. Naturalmente o conflito entre o interesse do indivíduo feminino e o da espécie é tão agudo que acarreta às vezes a morte da mãe ou a do filho: são as intervenções humanas da medicina, da cirurgia, que diminuíram consideravelmente (quase eliminaram) os acidentes antes tão frequentes. Os métodos de anestesia estão desmentindo a afirmação bíblica: "Conceberás na dor"; correntemente utilizados na América do Norte, começam a vulgarizar-se na França; em março de 1949, um decreto tornou-os obrigatórios na Inglaterra.[400]

É difícil saber quais são os sofrimentos que poupam exatamente à mulher. O fato de o parto durar por vezes mais de 24 horas e, por vezes, terminar em duas ou três horas, impede qualquer generalização. Para certas mulheres, o parto é um martírio. É o caso de Isadora Duncan: ela vivera sua gravidez na angústia e sem dúvida resistências psíquicas agravaram ainda mais as dores do parto. Eis o que escreve:

> Pode-se dizer o que se quiser da Inquisição espanhola, nenhuma mulher que teve um filho poderia temê-la. Era um brinquedo em comparação. Sem trégua, sem parada, sem piedade, esse gênio invisível e cruel me tinha em suas garras, partia-me ossos e nervos. Dizem que tais sofrimentos são rapidamente esquecidos. Tudo o que posso responder é que me basta fechar os olhos para ouvir de novo meus gritos e minhas queixas.

Certas mulheres consideram ao contrário que é uma prova relativamente fácil de suportar. Pequeno número encontra nela um prazer sensual.

Sou um ser tão sexual que até o parto é para mim um ato sexual, escreve uma.[401] Tinha uma "Madame" muito bonita. Ela me banhava e dava-me injeções. Bastava isso para me pôr num estado de grande excitação, com arrepios nervosos.

Algumas há que dizem ter experimentado durante o parto uma impressão de poder criador; realizaram realmente um trabalho voluntário e produtor; muitas, ao contrário, sentiram-se passivas, instrumento sofrido, torturado.

As primeiras relações da mãe com o recém-nascido são igualmente variáveis. Certas mulheres sofrem desse vazio que depois sentem em seu corpo: parece-lhes que lhes roubaram seu tesouro.

Sou a colmeia sem palavras
cujo enxame alçou voo
Não trago mais o alimento
De meu sangue para teu frágil corpo
Meu ser é a casa fechada
De onde acabam de tirar um morto,[402]

escreve Cécile Sauvage. E também:

Não és mais inteiramente meu. Tua cabeça
Reflete outros céus.[403]

E ainda:

Nasceu, perdi meu jovem bem-amado
Agora nasceu, estou só, sinto
Apavorar-se em mim o vazio de meu sangue...[404]

Ao mesmo tempo, entretanto, há em toda jovem mãe uma curiosidade maravilhada. É um estranho milagre ver, ter em mãos um ser vivo formado em si, saído de si. Mas que parte teve exatamente a mãe no acontecimento extraordinário que põe na terra uma nova existência? Ela o ignora. Não existiria sem ela e no entanto ele lhe escapa. Há uma tristeza espantada em vê-lo fora, separado de si. E quase sempre uma decepção. A mulher gostaria de senti-lo *seu* tão seguramente quanto a própria mão: mas tudo o que ele experimenta está encerrado nele, ele é opaco, impenetrável, separado; ela não o reconhece sequer, pois não o conhece; sua gravidez, ela a viveu sem ele: não tem nenhum passado

comum com esse pequeno estranho; esperava que ele lhe fosse de imediato familiar: não, é um desconhecido e ela fica estupefata com a indiferença com que o acolhe. Durante os devaneios da gravidez, ele era uma imagem, era infinito e a mãe representava em pensamento sua maternidade futura; agora é um individuozinho finito e presente de verdade, contingente, frágil, exigente. A alegria de enfim vê-lo presente, bem real, mistura-se à tristeza de que seja apenas isso.

É pela amamentação que muitas jovens mães reencontram, para além da separação, uma íntima relação animal com o filho; é uma fadiga mais exaustiva que a da gravidez, mas que permite à ama perpetuar o estado de folga, de paz, de plenitude saborosa da mulher grávida.

> Quando o bebê mamava, diz Colette Audry a propósito de uma de suas heroínas, não havia mais nada que fazer e isso poderia ter durado horas; ela não pensava sequer no que viria depois. Tinha-se que esperar que ele se destacasse do seio como uma grande abelha.[405]

Mas há mulheres que não podem amamentar e em quem a indiferença espantada das primeiras horas se perpetua enquanto não reencontram laços concretos com o filho. É o caso, entre outros, de Colette, a quem não foi possível amamentar a filha e que descreve, com sua habitual sinceridade, seus primeiros sentimentos maternos.[406]

> O que se segue é a contemplação de uma nova pessoa, que entrou na casa sem vir de fora... Punha eu suficiente amor em minha contemplação? Não ouso afirmá-lo. Sem dúvida tinha o hábito — tenho-o ainda — do deslumbramento. Exercia-o sobre o conjunto de prodígios que é um recém-nascido: as unhas, semelhantes em transparência à escama convexa do camarão rosado, a planta dos pés vinda a nós sem ter tocado o solo. A ligeira plumagem dos cílios baixando sobre o rosto, interpostos entre as paisagens terrestres e o sonho azulado do olho. O pequeno sexo, amêndoa apenas incisa, bivalve, exatamente fechado lábio a lábio. Mas a minuciosa admiração que eu dedicava à minha filha não a chamava amor, não a sentia como tal. Espiava... Não tirava, desses espetáculos que minha vida tão longamente esperara a vigilância e a emulação das mães maravilhadas. Quando surgiria para mim o sinal que realiza uma segunda, uma mais difícil violentação? Tive que aceitar que uma soma de advertências, de furtivas revoltas ciumentas, de premonições falsas, e até verdadeiras, o orgulho de dispor de uma vida de que eu era a humilde credora, a consciência algo pérfida de dar ao outro uma lição de modéstia, me transformassem enfim em uma mãe comum. Ainda assim, só me tranquilizei quando a linguagem inteligível floriu em lábios encantadores, quando o conhecimento, a malícia e mesmo a ternura fizeram de um pequerrucho *standard* uma menina, e de uma menina, minha filha!

Há também muitas mães que se assustam com suas novas responsabilidades. Durante a gravidez, só lhes cabia entregarem-se a sua carne; nenhuma iniciativa lhes era exigida. Agora há em face delas uma pessoa com direitos sobre elas. Certas mulheres acariciam alegremente o filho enquanto se acham no hospital, ainda joviais e despreocupadas, mas começam a encará-lo como um fardo quando voltam para casa. Nem mesmo a amamentação lhes dá alguma alegria, ao contrário, receiam estragar os seios; é com rancor que os sentem rachados, com as glândulas doloridas; fere-os a boca do filho: parece-lhes que ele lhes aspira as forças, a vida, a felicidade. Ele inflige-lhes uma dura servidão e não faz mais parte delas: apresenta-se como um tirano; elas olham com hostilidade esse pequeno indivíduo estranho a elas e que constitui uma ameaça à carne, à liberdade, ao seu eu inteiro.

Muitos outros fatores intervêm. As relações com a mãe conservam toda a sua importância. H. Deutsch cita o caso de uma jovem ama cujo leite secava todas as vezes que a mãe a visitava; muitas vezes ela pede auxílio, mas tem ciúme dos cuidados que outra dá ao bebê e com mau humor o encara. As relações com o pai da criança, os sentimentos que ele próprio alimenta têm também grande influência. Todo um conjunto de razões econômicas, sentimentais, define a criança como um fardo, uma cadeia, ou uma libertação, uma joia, uma segurança. Há casos em que a hostilidade se torna ódio declarado que se traduz por uma negligência extrema ou maus-tratos. O mais das vezes, a mãe, consciente de seus deveres, combate-a; com isso sente um remorso que engendra angústias em que se prolongam as apreensões da gravidez. Todos os psicanalistas admitem que todas as mães que vivem obcecadas pela ideia de que podem fazer mal aos filhos, todas as que imaginam horríveis acidentes, experimentam em relação a eles uma inimizade que buscam recalcar. O que, em todo caso, é de notar, e distingue essa relação de qualquer outra relação humana, é o fato de que nos primeiros tempos o filho, ele próprio, não intervém: seus sorrisos, seus balbucios só têm o sentido que lhes empresta a mãe; quer lhe pareça encantador, único, ou aborrecido, vulgar, odioso, ele depende dela e não de si mesmo. É por isso que as mulheres frígidas, insatisfeitas, melancólicas, que esperavam do filho uma companhia, um calor, uma excitação capaz de arrancá-las de si mesmas, ficam sempre profundamente desapontadas. Como a "passagem" da puberdade, da iniciação sexual, do casamento, a da maternidade engendra uma decepção melancólica nos sujeitos que esperam que um acontecimento exterior possa renovar-lhes e justificar-lhes a vida. É o sentimento que se encontra em Sofia Tolstoi. Eis que escreve:

Estes nove meses foram os mais terríveis de minha vida. Quanto ao décimo, é melhor não falar.

Em vão se esforça ela por inscrever no diário uma alegria convencional: é sua tristeza, seu medo das responsabilidades que nos impressionam.

Tudo aconteceu. Dei à luz, tive minha parte de sofrimentos, tive alta e pouco a pouco volto à vida com um medo e uma inquietude constantes acerca de meu filho e principalmente de meu marido. Alguma coisa partiu-se em mim. Algo me diz que sofrerei constantemente, creio que é o temor de não desempenhar meus deveres para com a *minha família.* Deixei de ser natural porque tenho receio desse amor vulgar de uma fêmea pelos filhotes e medo de amar exageradamente meu marido. Afirmam que é uma virtude amar o marido e os filhos. Por vezes esta ideia consola-me... Como o sentimento materno é forte e como me parece natural ser mãe! É o filho de Liova, eis por que o amo.

Mas sabe-se que ela só exibe tamanho amor pelo marido porque não o ama; essa antipatia recai no filho concebido em atos que lhe repugnavam.

K. Mansfield descreveu a hesitação de uma jovem mãe que adora o marido mas suporta com repulsa suas carícias. Ela sente perante os filhos ternura e ao mesmo tempo uma impressão de vazio que interpreta melancolicamente como uma indiferença completa. Linda, descansando no jardim junto do último filho, pensa no marido, Stanley.[407]

Agora, tinha-o desposado; e até o amava. Não o Stanley que todo mundo conhecia, não o Stanley cotidiano; mas um Stanley tímido, sensível, inocente, que se ajoelhava todas as noites para rezar. Mas a desgraça era... que via *seu* Stanley tão raramente. Havia momentos de beleza e calma, mas o resto do tempo ela tinha a impressão de viver numa casa sempre ameaçada de incêndio, num navio que todos os dias naufragava. E era sempre Stanley que se achava em perigo. Ela passava todo o tempo a salvá-lo, a tratar dele, a acalmá-lo e ouvir-lhe a história. O tempo que sobrava, vivia-o com medo de ter filhos... Era muito bonito dizer que ter filhos é a sorte comum das mulheres. Não era verdade. Ela, por exemplo, poderia provar que era falso. Estava quebrada, enfraquecida, desanimada com tanta gravidez. E o mais duro de suportar era que não gostava dos filhos. Não vale a pena fingir... Não, era como se um vento frio a tivesse enregelado em cada uma daquelas terríveis viagens; não lhe restava mais calor para dar-lhes. Quanto ao menininho, graças aos céus pertencia à sua mãe, a Beryl, a quem quisesse. Mal o tivera nos braços. Era-lhe tão indiferente enquanto repousava a seus pés. Baixou o olhar... Havia algo tão estranho, tão inesperado no sorriso dele que Linda sorriu também. Mas dominou-se e disse à criança: "Não gosto de bebês. — Não gostas de bebês?" Ele não podia acreditar. "Não gostas de mim?" Agitava estupidamente os braços para a mãe. Linda deixou-se cair na relva. "Por que continuas a sorrir?, disse severamente. Se soubesses o que estava pensando não ririas..." Linda estava tão espantada com a confiança daquela criaturinha. Ah, não, seja sincera. Não era o que sentia; era algo inteiramente diferente, algo tão novo, tão... Lágrimas dançaram-lhe nos olhos; murmurou docemente para o filho: "Bom dia, meu estranho menino..."

Todos esses exemplos bastam para mostrar que não existe "instinto" materno: a palavra não se aplica em nenhum caso à espécie humana. A atitude da mãe é definida pelo conjunto de sua situação e pela maneira por que a assume. É, como se acaba de ver, extremamente variável.

Entretanto, não sendo as circunstâncias inteiramente desfavoráveis, a mãe encontrará no filho um enriquecimento.

> Era como uma resposta à realidade de sua própria existência... Por ele tinha a possibilidade de aprender todas as coisas e a si mesma para começar.

Escreve C. Audry a propósito de uma jovem mãe.
E empresta a outra estas palavras:

> Pesava em meus braços, no meu peito como o que há de mais pesado no mundo, até o limite de minhas forças. Afundava-me na terra, no silêncio e na noite. De uma só vez jogara-me o peso do mundo sobre os ombros. É bem por isso que o quisera. Sozinha eu era leve demais.

Se certas mulheres, que são mais "poedeiras" do que mães, se desinteressam do filho logo depois do desmame, logo depois do nascimento, e não desejam senão uma nova gravidez, muitas, ao contrário, consideram que é a própria separação que lhes dá o filho; este não é mais um pedaço indistinto de seu eu e sim uma parcela do mundo; não lhes habita mais surdamente o corpo, mas pode-se vê-lo, tocá-lo; após a melancolia do parto, Cécile Sauvage exprime a alegria da maternidade possessiva:

Aqui estás meu pequeno amante
No grande leito de tua mamãe
Posso beijar-te, abraçar-te,
Ponderar teu belo futuro;
Bom dia, minha pequena estátua
De sangue, de alegria e de carne nua,
Meu pequeno duplo, *minha emoção...*[408]

Já se disse e repetiu que a mulher encontra felizmente no filho uma equivalência do pênis: é inteiramente inexato. Na realidade, o homem adulto deixou de ver no pênis um brinquedo maravilhoso; o valor que seu órgão conserva é o dos objetos desejáveis cuja posse ele assegura; do mesmo modo, a

mulher adulta inveja do homem a presa que ele anexa, não o instrumento da anexação; o filho satisfaz esse erotismo agressivo que o carinho masculino não satisfaz: é o homólogo dessa amante que ela entrega ao homem e que este não é para ela; bem-entendido não há equivalência exata: toda relação é original; mas a mãe encontra no filho — como o amante na amada — uma plenitude carnal e isso não na rendição mas no domínio; ela apreende nele o que o homem procura na mulher: um outro, a um tempo natureza e consciência, que seja sua presa, seu *duplo.* Ele encarna toda a natureza. A heroína de C. Audry diz-nos que encontrava no filho:

> A pele que era para meus dedos, que cumprira a promessa de todos os gatinhos, de todas as flores...

A carne dele tem essa doçura, essa elasticidade morna que, em criança, a mulher desejara através da carne materna, e mais tarde por toda parte no mundo. Ele é planta, bicho, há em seus olhos chuvas e riachos, o azul do céu e do mar, as unhas são de coral, os cabelos uma vegetação sedosa, é uma boneca viva, um pássaro, um gatinho; minha flor, minha pérola, meu pintinho, meu cordeirinho... a mãe murmura as palavras do amante e, como ele, serve-se avidamente do adjetivo possessivo; emprega os mesmos modos de apropriação: carícias, beijos; aperta o filho contra o corpo, envolve-o no calor dos braços, do leito. Por vezes essas relações revestem-se de um caráter nitidamente sexual. Assim é que se lê na confissão recolhida por Stekel e já citada:

> Amamentava meu filho, mas sem alegria porque não crescia e ambos perdíamos peso. Isso representava algo sexual para mim e eu experimentava um sentimento de pudor dando-lhe o seio. Tinha a sensação adorável de sentir o corpinho quente que se achegava ao meu; arrepiava-me quando sentia suas mãozinhas me tocarem... Todo o meu amor se destacava de meu eu para se voltar para meu filho... O filho estava tempo demais comigo. Logo que me via na cama, e tinha então dois anos, arrastava-se para o leito, tentando colocar-se sobre mim. Acariciava-me os seios com suas mãozinhas e queria descer com o dedo; o que me dava tanto prazer que tinha dificuldade em afastá-lo. Muitas vezes tive de lutar contra a tentação de brincar com o pênis dele...

A maternidade assume novo aspecto quando o filho cresce; nos primeiros tempos, ele não passa de um "pequerrucho-*standard*", só existe em sua generalidade: pouco a pouco, individualiza-se. As mulheres muito dominadoras ou muito carnais esfriam-se então; é nesse momento, ao contrário, que outras — como Colette — começam a se interessar por ele. A

relação entre mãe e filho torna-se cada vez mais complexa: ele é um duplo e por vezes ela é tentada a alienar-se inteiramente nele, mas ele é um sujeito autônomo, logo rebelde; é hoje vivamente real, mas no fundo do futuro um adolescente, um adulto imaginário, uma riqueza, um tesouro; é também um fardo, um tirano. A alegria que a mãe pode encontrar nele é uma alegria de generosidade; é preciso que ela se compraza em servir, em dar, em criar felicidade, como a mãe que pinta C. Audry:

> Ele tinha pois uma infância feliz como nos livros, mas que estava para a infância dos livros como as rosas de verdade estão para as rosas dos cartões-postais. E essa felicidade dele saía de mim como o leite com que o amamentara.

Como a apaixonada, a mãe encanta-se ao sentir-se necessária; é justificada pelas exigências a que atende; mas o que faz a dificuldade e a grandeza do amor materno é o fato de que não implica uma reciprocidade; a mulher não tem diante de si um homem, um herói, um semideus, e sim uma pequena consciência balbuciante, afogada em um corpo frágil e contingente; o filho não detém valor algum, nem pode conferir nenhum; diante dele a mulher permanece só; ela não espera nenhuma recompensa em troca daquilo que doa, cabe a sua própria liberdade justificá-lo. Essa generosidade merece os louvores que os homens incansavelmente lhe outorgam; mas a mistificação começa quando a religião da maternidade proclama que toda mãe é exemplar. Porque o devotamento materno pode ser vivido numa perfeita autenticidade; mas o caso é raro, na realidade. De costume, maternidade é um estranho compromisso de narcisismo, de altruísmo, de sonho, de sinceridade, de má-fé, dedicação e cinismo.

O grande perigo que nossos costumes fazem o filho correr é que a mãe, a quem o confiam de pés e mãos atados, é quase sempre uma mulher insatisfeita: sexualmente, é frígida ou irrealizada; socialmente, sente-se inferior ao homem; não tem domínio sobre o mundo e o futuro; procurará compensar através do filho todas as suas frustrações; quando se compreendeu a que ponto a situação atual da mulher lhe torna difícil sua plena realização, quantos desejos, revoltas, pretensões, reivindicações a habitam surdamente, espanta-nos que filhos sem defesa lhe sejam entregues. Suas condutas são simbólicas como no tempo que ora embalava a boneca, ora a torturava: mas esses símbolos tornam-se uma áspera realidade para o filho. Uma mãe que bate no filho não bate somente nele, em certo sentido não bate absolutamente na criança: vinga-se de um

homem, do mundo, de si mesma; mas é o filho que recebe as pancadas. Mouloudji fez-nos sentir em *Enrico* esse mal-entendido penoso: Enrico compreende muito bem que não é nele que a mãe bate tão loucamente; e, despertando de seu delírio, ela soluça de remorso e de ternura; ele não guarda rancor, mas nem por isso fica menos desfigurado pelas pancadas. Do mesmo modo, a mãe descrita em *L'Asphyxie*, de Violette Leduc, enfurecendo-se contra a filha, vinga-se do sedutor que a abandonou, da vida que a humilhou e venceu. Sempre se conheceu esse aspecto cruel da maternidade; mas com um pudor hipócrita desfez-se a ideia de "mãe má", inventando o tipo da madrasta; é a esposa de segundas núpcias que atormenta o filho de uma "boa mãe" defunta. Em verdade, em Mme Fichini, é uma mãe, exatamente igual à edificante Mme de Fleurville, que Mme de Ségur nos descreve. Depois de *Poil de carotte*, de Jules Renard, os atos de acusação multiplicaram-se: *Enrico*, *L'Asphyxie*, *La Haine maternelle*, de S. de Tervagnes, *Vipère au poing* de Hervé Bazin. Se os tipos descritos nesses romances são algo excepcionais, é porque em sua maioria as mulheres recalcam por moralidade e decência seus impulsos espontâneos; mas estes manifestam-se por momentos através de cenas, tapas, raivas, insultos, castigos etc. Ao lado das mães francamente sádicas, muitas há simplesmente caprichosas; o que as encanta é dominar; bem pequenino, o bebê é um brinquedo; se é menino, elas divertem-se sem escrúpulo com o sexo dele; se é menina, fazem dela uma boneca; mais tarde querem que um pequeno escravo lhes obedeça cegamente; vaidosas, exibem a criança como um animal ensinado; ciumentas e exclusivas, isolam-no do resto do mundo. Muitas vezes também a mulher não renuncia a uma recompensa pelos cuidados que deu à criança; modela através dela um ser imaginário que a reconhecerá com gratidão como uma mãe admirável e em quem esta se reconhecerá. Quando Cornélia, mostrando os filhos, dizia com orgulho: "Eis minhas joias" dava o mais nefasto exemplo à posteridade; número demasiado grande de mães vive na esperança de repetir um dia esse gesto orgulhoso; e não hesitam em sacrificar a esse objetivo o pequeno indivíduo de carne e osso cuja existência contingente, indecisa, não as satisfaz. Impõem-lhe que se assemelhe ao marido ou, ao contrário, que não se assemelhe a ele em nada, ou que reencarne um pai, uma mãe, um antepassado venerado; imitam um modelo prestigioso: uma socialista alemã admirava profundamente Lily Braun, conta H. Deutsch; a célebre agitadora tinha um filho genial e que morreu moço; sua imitadora obstinou-se em tratar o próprio filho como um futuro gênio e o resultado foi que ele se tornou um bandido. Nociva à criança, essa tirania desadaptada é sempre uma

fonte de decepção para a mãe. H. Deutsch cita outro exemplo impressionante, o de uma italiana cuja história acompanhou durante vários anos.

> A sra. Mazetti tinha numerosos filhos e queixava-se sem cessar de se achar em dificuldade com um ou outro; pedia ajuda mas era difícil auxiliá-la porque ela se imaginava superior a todo mundo e principalmente ao marido e aos filhos; fora da família, conduzia-se com muita ponderação e altivez, mas em casa, ao contrário, mostrava-se muito excitada e fazia cenas violentas. Saíra de um meio pobre, inculto e sempre quisera "subir"; frequentava cursos noturnos e talvez houvesse realizado suas ambições se não tivesse se casado aos 16 anos com um homem que a atraía sexualmente e que a fizera mãe. Continuou a tentar sair de seu meio indo a cursos etc.; o marido era um bom operário especializado que a atitude agressiva e superior da mulher levou, como reação, ao alcoolismo; para vingar-se, talvez, foi que a engravidou tantas vezes. Separada do marido, após um período em que se resignou com a sua situação, começou a tratar os filhos da mesma maneira que o pai; nos primeiros tempos, eles lhe deram satisfação: trabalhavam direito, tinham boas notas na escola etc. Mas quando Luísa, a mais velha, fez 16 anos, ela teve medo de que repetisse sua própria experiência; tornou-se tão severa e dura que Luísa, com efeito, teve, por vingança, um filho ilegítimo. Em conjunto, os filhos tomavam o partido do pai contra a mãe, que os aborrecia com suas exageradas exigências morais; ela era incapaz de se apegar ternamente a mais de um filho de cada vez, nele pondo todas as suas esperanças; depois mudava de predileção, o que tornava os outros furiosos e ciumentos. Uma após outra, as filhas puseram-se a receber homens, a pegar sífilis e a trazer filhos ilegítimos para casa; os filhos tornaram-se ladrões. E a mãe não queria compreender que suas exigências ideais é que os haviam impelido a esse caminho.

Essa obstinação educadora e o sadismo caprichoso de que falei misturam-se muitas vezes; como pretexto para suas cóleras, a mãe afirma que deseja "formar" o filho; e, inversamente, o fracasso do empreendimento exaspera-lhe a hostilidade.

Outra atitude assaz frequente, e não menos nefasta à criança, é a dedicação masoquista; certas mães, para compensar o vazio de seu coração e se punir de uma hostilidade que não querem confessar, tornam-se escravas da progenitura; cultivam indefinidamente uma ansiedade mórbida, não suportam que o filho se afaste delas; renunciam a quaisquer prazeres, a toda vida pessoal, o que lhes permite assumirem atitudes de vítima; e tiram desse sacrifício o direito de negar ao filho toda independência; essa renúncia concilia-se facilmente com uma vontade tirânica de domínio; a *mater dolorosa* faz de seus sofrimentos uma arma que emprega sadicamente; suas cenas de resignação engendram na criança sentimentos de culpa que muitas vezes pesarão em toda a sua vida e que são ainda mais nocivos do que as cenas agressivas. Hesitante, desnorteada, a criança não encontra nenhuma atitude de defesa: ora as pancadas, ora as

lágrimas a denunciam como criminosa. A grande desculpa da mãe está em que o filho não lhe proporciona nem de longe a feliz realização de si mesma que lhe prometeram desde a infância: culpa-o da mistificação de que foi vítima e que inocentemente ele denuncia. Ela dispunha das suas bonecas à vontade; e quando ajudava a cuidar do bebê de uma irmã, era sem responsabilidade que o fazia. Agora a sociedade, o marido, a mãe e seu próprio orgulho exigem que preste contas daquela pequena vida estranha como se fosse obra sua: o marido em particular irrita-se com os defeitos do filho como se irritaria com um mau jantar ou com a má conduta da mulher; suas exigências abstratas pesam muitas vezes fortemente nas relações entre mãe e filho; uma mulher independente — graças à sua solidão, sua despreocupação ou sua autoridade no lar — será muito mais serena do que aquelas sobre quem pesam vontades dominadoras a que devem, queiram ou não, obedecer, fazendo o filho obedecer. Pois a grande dificuldade consiste em encerrar em quadros previstos uma existência misteriosa como a dos animais, turbulenta e desordenada como a das forças naturais, e no entanto, humana; não se pode educar a criança em silêncio, como se faz com um cão, nem persuadi-la com palavras de adulto; ela joga com esse equívoco, opondo às palavras a animalidade de seus soluços e de suas convulsões e, à opressão, a insolência da linguagem. Sem dúvida o problema assim posto é apaixonante e, quando tem lazeres, a mãe compraz-se em ser uma educadora: tranquilamente instalado num jardim público, o bebê é ainda um *álibi*, como no tempo em que se aninhava no ventre materno; muitas vezes, tendo permanecido mais ou menos infantil, a mãe se encanta em brincar com ele, ressuscitando os jogos, as palavras, as preocupações, as alegrias dos tempos idos. Mas quando ela lava, cozinha, amamenta outro filho, vai à feira, recebe visitas e principalmente quando se ocupa do marido, o filho já se torna uma presença importuna, exaustiva; ela não tem tempo para "formá-lo", é preciso antes de tudo impedi-lo de perturbar, pois ele quebra, rasga, suja, é um perigo constante para os objetos e para si próprio; agita-se, grita, fala, faz barulho: vive por sua conta e essa vida atrapalha a dos pais. Os interesses de uns e outro não se ajustam, daí o drama. Atormentados incessantemente por ele, os pais lhe infligem sem cessar sacrifícios cujas razões ele não compreende: sacrificam-no à sua tranquilidade e também ao futuro dele. É natural que ele se revolte. Não entende as explicações que a mãe tenta dar-lhe: ela não pode penetrar na consciência do filho, cujos sonhos, fobias, obsessões, desejos formam um mundo opaco: a mãe só pode regulamentar de fora, às apalpadelas, um ser que sente essas leis abstratas como uma violência absurda. Quando o filho cresce, a

incompreensão continua: ele entra em um mundo de interesses, de valores, de que a mãe se acha excluída; muitas vezes, ele a despreza. O menino, particularmente, orgulhoso de suas prerrogativas masculinas, zomba das ordens de uma mulher: ela exige que faça suas lições, mas não poderia resolver os problemas do filho, nem traduzir um texto em latim; não pode "acompanhá-lo". A mãe enerva-se por vezes até às lágrimas nessa tarefa ingrata cuja dificuldade o marido raramente calcula; governar um ser com quem não se comunica e que no entanto é um ser humano; imiscuir-se numa liberdade estranha que não se define e só se afirma pela revolta.

A situação é diferente segundo o sexo da criança e, embora no caso de um menino a coisa seja mais "difícil", em geral a mãe a ela se ajeita melhor. Por causa do prestígio de que a mulher reveste os homens, e também dos privilégios que estes detêm concretamente, muitas mulheres desejam filhos de preferência a filhas. "É maravilhoso pôr no mundo um homem!", dizem; vimos que sonham com gerar um "herói" e o herói é evidentemente do sexo masculino. O filho será um chefe, um condutor de homens, um soldado, um criador; imporá sua vontade sobre a terra e a mãe participará de sua imortalidade. As casas que ela não construiu, os países que não explorou, os livros que não leu, ele dará a ela. Através dele ela possuirá o mundo: mas à condição de possuir seu filho. Daí o paradoxo de sua atitude. Freud considera que a relação da mãe com o filho é a que comporta menos ambivalência; mas, em verdade, na maternidade, como no casamento e no amor, a mulher tem uma atitude equívoca em relação à transcendência masculina; se sua vida conjugal ou amorosa a tornou hostil aos homens, será para ela uma satisfação dominar o macho reduzido a sua figura infantil. Ela tratará com uma familiaridade irônica o sexo de pretensões arrogantes: às vezes assustará a criança, anunciando-lhe que o tirarão dela, se ele não se comportar direito. Mesmo que, mais humilde, mais pacífica, respeite no filho o futuro herói, a fim de que seja realmente seu, ela se esforça para reduzi-lo à sua realidade imanente: assim como trata o marido como criança, trata o filho como bebê. É demasiado racional, demasiado simples pensar que deseja castrar o filho; seu sonho é mais contraditório: ela o quer infinito e, no entanto, cabendo na palma da mão, dominando o mundo inteiro, mas de joelhos diante dela. Incita-o a mostrar-se sensível, guloso, egoísta, tímido, sedentário, proíbe-lhe a prática dos esportes, a camaradagem, torna-o desconfiado de si mesmo, porque pretende *tê-lo* para si; mas fica decepcionada se ele não se torna ao mesmo tempo um aventureiro, um campeão, um gênio de que pudesse se orgulhar. Que sua influência seja muitas vezes nefasta — como o afirmou Montherlant, como

mostrou Mauriac em *Génitrix* — é fato indiscutível. Felizmente, para ele, o menino pode assaz facilmente escapar a esse domínio; os costumes, a sociedade o encorajam, e a própria mãe se resigna a isso: sabe que a luta contra o homem é desigual. Consola-se fazendo-se de *mater dolorosa* ou ruminando o orgulho de ter gerado um de seus vencedores.

A menina é mais totalmente dependente da mãe: com isso, as pretensões desta aumentam. Suas relações assumem um caráter muito mais dramático. Na filha, a mulher não saúda um membro da casta eleita; nela procura seu duplo. Projeta nela toda a ambiguidade de sua relação consigo mesma; e quando se afirma a alteridade desse *alter ego*, sente-se traída. É entre mãe e filha que os conflitos de que falamos assumem formas exasperadas.

Há mulheres que se acham suficientemente satisfeitas com a vida para desejar reencarnar-se numa filha ou, pelo menos, acolhê-la sem decepção; desejarão dar à filha as possibilidades que tiveram e também as que não tiveram: proporcionarão a ela uma juventude feliz. Colette deu-nos o retrato de uma dessas mães equilibradas, generosas: Sido ama a filha em sua liberdade, cumula-a de satisfações sem nada exigir, porque tira sua alegria de seu próprio coração. É possível que, dedicando-se a esse duplo em quem se reconhece e se ultrapassa, a mãe acabe por se alienar inteiramente nele; renuncia a seu eu, sua única preocupação é a felicidade da filha; mostrar-se-á mesmo egoísta e dura para com o resto do mundo; o perigo que a ameaça é de se tornar importuna a quem adora, como Mme de Sévigné o foi para Mme de Grignan; a filha tentará, com mau humor, desembaraçar-se de uma dedicação tirânica; muitas vezes não o consegue e fica a vida inteira infantil, tímida ante suas responsabilidades por ter sido demasiado "mimada". Mas é principalmente certa forma masoquista da maternidade que ameaça pesar fortemente sobre a jovem. Certas mulheres sentem sua feminilidade como uma maldição absoluta: desejam ou acolhem uma filha com o amargo prazer de se reencontrar em outra vítima; e, ao mesmo tempo, julgam-se culpadas de a ter dado à luz; seus remorsos, a piedade que sentem por si mesmas através da filha traduzem-se por ansiedades infinitas; não largarão essa filha um só instante; dormirão na mesma cama durante 15, vinte anos; a menina será aniquilada pelo fogo dessa paixão inquieta.

Em sua maioria, as mulheres reivindicam, e ao mesmo tempo detestam, sua condição feminina; é no ressentimento que a vivem. O nojo que experimentam por seu sexo poderia incitá-las a dar a suas filhas uma educação viril: raramente são bastante generosas. Irritada por ter gerado uma mulher, a mãe a recebe com esta equívoca maldição: "Serás uma mulher". Espera resgatar sua inferioridade

fazendo de quem encara como seu duplo uma criatura superior; tende também a infligir-lhe a tara de que sofreu. Por vezes, procura impor à filha exatamente o seu próprio destino: "O que foi bastante bom para mim, será igualmente para ti; assim foi que me educaram, terás a mesma sorte". Outras vezes, ao contrário, proibe-lhe que se assemelhe a ela: quer que sua experiência sirva, é uma maneira de refazer a vida. A mulher galante põe a filha num convento, a ignorante faz a filha instruir-se. Em *L'Asphyxie*, a mãe, que vê na filha a consequência detestada de um erro de mocidade, diz-lhe com furor:

> Vê se compreendes. Se te acontecesse coisa igual, eu te renegaria. Eu não sabia nada. O pecado! É vago o pecado! Se um homem te chamar, não vás. Segue teu caminho. Não te voltes. Compreendes? Estás prevenida, é preciso que isso não te aconteça e se te acontecesse eu não teria nenhuma piedade, te largaria na sarjeta.

Vimos que a Sra. Mazetti levara a filha ao erro de tanto querer poupar-lhe a falta que ela própria cometera. Stekel conta um caso complexo de ódio materno para com uma filha:

> Conhecia uma mãe que, desde o momento do nascimento, não podia suportar sua quarta filha, uma criaturinha encantadora e gentil... Acusava-a de ter herdado todos os defeitos do marido... A menina nascera numa época em que outro homem a cortejara, um poeta por quem se apaixonara perdidamente; esperava que, como nas *Afinidades eletivas* de Goethe, a criança tivesse os traços do homem amado. Mas desde o nascimento a menina pareceu-se com o pai. Além disso, a mãe via na criança seu próprio reflexo: o entusiasmo, a doçura, a dedicação, a sensualidade. Gostaria de ser forte, inflexível, dura, casta, enérgica. Na filha, detestava-se muito mais a si mesma do que ao marido.

É quando a menina cresce que nascem verdadeiros conflitos; vimos que ela desejava afirmar sua autonomia contra a mãe: aos olhos desta há nisso um traço de ingratidão odiosa; obstina-se em "subjugar" essa vontade que lhe escapa; não aceita que seu duplo se torne *uma outra.* O prazer de se sentir absolutamente superior, que o homem experimenta junto das mulheres, a mulher só o conhece junto dos filhos e em particular das filhas; sente-se frustrada se precisa renunciar a seus privilégios, à sua autoridade. Mãe apaixonada ou mãe hostil, a independência dos filhos arruína-lhe as esperanças. É duplamente ciumenta: do mundo que lhe toma a filha, da filha que, conquistando uma parte do mundo, a rouba dela. Esse ciúme volta-se primeiramente para as relações da menina com o pai; muitas vezes, a mãe vale-se da filha para prender o marido ao lar: em caso de fracasso, fica

despeitada, mas se a manobra dá certo ela é tentada a reavivar, sob uma forma invertida, seu complexo infantil: irrita-se contra a filha como outrora contra a própria mãe; emburra, imagina-se abandonada e incompreendida. Uma francesa, casada com um estrangeiro e que gostava muito das filhas, disse um dia com raiva: "Estou farta de viver com gringos!" Muitas vezes a mais velha, predileta do pai, é particularmente alvo das perseguições maternas. A mãe a humilha com tarefas ingratas, exige dela uma seriedade acima da idade; uma vez que é uma rival, será tratada como adulta; ficará sabendo, ela também, "que a vida não é um romance, que nem tudo é cor-de-rosa, que não se faz o que se quer, que não se está no mundo para se divertir..." Frequentemente, a mãe estapeia a criança a torto e a direito, simplesmente "para ensinar-lhe"; entre outras coisas, faz questão de provar que continua a ser quem manda; o que mais a irrita é não ter nenhuma superioridade verdadeira a opor a uma criança de 11 a 12 anos; esta já está apta a desincumbir-se das tarefas caseiras; é "uma mulherzinha"; tem mesmo uma vivacidade, uma curiosidade, uma lucidez que a tornam, sob muitos aspectos, superior às mulheres adultas. A mãe compraz-se em reinar sem contestação sobre seu universo feminino; quer ser única, insubstituível, e eis que a jovem assistente a reduz à pura generalidade de suas funções. Ralha duramente com a filha se, após dois dias de ausência, encontra a casa em desordem, mas entra furiosamente em transe se verifica que a vida familiar prosseguiu perfeitamente sem ela. Não aceita que a filha se torne verdadeiramente um duplo, uma substituta. Entretanto, é muito mais intolerável ainda para ela que a filha se afirme francamente como outra. Detesta sistematicamente as amigas em que a filha busca auxílio contra a opressão familiar e que "lhe enchem a cabeça"; ou, tomando como pretexto a "má influência" delas, proíbe-lhe radicalmente que as veja. Toda influência que não for a sua é má; tem uma animosidade particular contra as mulheres da mesma idade que ela — professoras, outras mães — para as quais a menina volta sua afeição; declara que tais sentimentos são absurdos ou perniciosos. Basta para a exasperar, por vezes, a alegria, a despreocupação dos jogos e risos da criança; perdoa-os com mais boa vontade aos meninos; estes aproveitam seu privilégio de machos, é natural, ela já renunciou há muito a uma impossível competição. Mas por que essa outra mulher gozaria de vantagens que lhe são recusadas? Presa às armadilhas da seriedade, inveja todas as ocupações e os divertimentos que arrancam a menina ao tédio do lar; essa evasão é um desmentido a todos os valores pelos quais se sacrificou. Quanto mais a filha cresce, mais o rancor rói o coração materno; cada ano encaminha

a mãe para seu declínio; de ano em ano o corpo juvenil se afirma, desabrocha, esse futuro que se abre à frente da filha, parece à mãe que lhe foi roubado; daí é que vem a irritação de certas mulheres quando as filhas têm as primeiras regras; querem-lhes mal por serem agora mulheres. A essa recém-chegada oferecem-se, contra a repetição e a rotina que são o quinhão da mais velha, possibilidades ainda indefinidas: são estas oportunidades que a mãe inveja e detesta; não podendo fazê-las suas, tenta constantemente diminuí-las, suprimi-las: prende a filha em casa, vigia-a, tiraniza-a, recusa-lhe todos os lazeres, propositadamente veste-a de modo ridículo, fica furiosa se a adolescente se pinta, se "sai"; todo seu rancor contra o mundo, ela o dirige contra essa jovem vida que se lança para um futuro novo; tenta humilhar a jovem, ridiculariza suas iniciativas, zomba dela. Uma luta aberta declara-se muitas vezes entre ambas; é normalmente a mais jovem que ganha, pois o tempo trabalha por ela; mas a vitória tem um gosto de pecado: a atitude da mãe engendra na filha revolta e remorso ao mesmo tempo; a simples presença da mãe faz dela uma culpada e vimos que esse sentimento pode pesar muito sobre seu futuro; de uma maneira ou de outra, a mãe termina por aceitar sua derrota; quando a filha se torna adulta, uma amizade mais ou menos atormentada restabelece-se entre elas. Mas uma permanece desiludida, frustrada para sempre; a outra, muitas vezes, acredita-se perseguida por uma maldição.

Voltaremos a tratar das relações que uma mulher idosa mantém com seus filhos adultos: mas é evidentemente durante os vinte primeiros anos que eles ocupam maior lugar na vida da mãe. A perigosa falsidade dos dois preconceitos geralmente admitidos decorre claramente da descrição que acabamos de fazer. O primeiro consiste em imaginar que a maternidade basta, em qualquer caso, para satisfazer uma mulher: não é verdade. Há muitas mulheres que são infelizes, azedas, insatisfeitas. O exemplo de Sofia Tolstoi, que teve 12 partos, é significativo; não para de repetir em seu diário que tudo lhe parece inútil e vazio no mundo e em si mesma. Os filhos dão-lhe uma espécie de paz masoquista. "Com os filhos, não tenho mais o sentimento de ser jovem. Estou calma e feliz." Renunciar à sua mocidade, à sua beleza, à sua vida pessoal traz-lhe um pouco de calma; sente-se envelhecida, justificada. "O sentimento de lhes ser indispensável é para mim uma grande felicidade." Eles são uma arma que lhe permite recusar a superioridade do marido. "Meus únicos recursos, minhas únicas armas para restabelecer a igualdade entre nós, são os filhos, a energia, a alegria, a saúde..." Mas eles não bastam

absolutamente para dar um sentido a uma existência corroída pelo tédio. A 25 de janeiro de 1905, após um momento de exaltação, ela escreve:

> *Eu também quero e posso tudo.*[409] Mas logo que esse sentimento passa, verifico que não quero nem posso nada, nada senão cuidar dos bebês, comer, beber, dormir, amar meu marido e meus filhos, o que em definitivo deveria ser a felicidade mas que me entristece e, como ontem, me dá vontade de chorar.

E 11 anos mais tarde:

> Consagro-me energicamente e com ardente desejo de acertar à educação dos filhos. Deus meu! Como sou impaciente, irascível, como grito!... Como é triste esta eterna luta com os filhos!

A relação da mãe com os filhos define-se no seio da forma global que é a sua vida; depende de suas relações com o marido, com o passado, com suas ocupações e consigo mesma; é um erro nefasto tanto quanto absurdo pretender ver no filho uma panaceia universal. É a conclusão a que também chega H. Deutsch, na obra que citei muitas vezes e em que estuda, através de sua experiência de psiquiatra, os fenômenos da maternidade. Ela coloca muito alto essa função pela qual considera que a mulher se realiza totalmente; mas com a condição de que seja *livremente* assumida e *sinceramente* desejada; é preciso que a jovem mulher se encontre numa situação psicológica, moral e material que lhe permita suportar o fardo, sem o que as consequências serão desastrosas. É criminoso, em particular, aconselhar o filho como remédio a melancólicas ou neuróticas; faz-se com isso a infelicidade da mulher e da criança. A mulher equilibrada, sadia, consciente de suas responsabilidades é a única capaz de se tornar uma "boa mãe".

Disse que a maldição que pesa sobre o casamento provém de que muito frequentemente os indivíduos nele se juntam em sua fraqueza, não em sua força, cada qual solicitando do outro em vez de ter prazer em lhe dar. É um engano ainda mais decepcionante do que sonhar em alcançar, pelo filho, uma plenitude, um calor, um valor que não se soube criar por si mesmo; o casamento só dá alegria a uma mulher capaz de querer desinteressadamente a felicidade de outro, àquela que, sem se voltar para si mesma, busca uma superação de sua própria existência. O filho é, sem dúvida, um empreendimento a que se pode validamente destinar; mas tal como outras não representa uma justificação em si; e é preciso que seja desejada pelo que é e não por benefícios hipotéticos. Stekel diz muito justamente:

> Os filhos não são sucedâneos do amor; não substituem uma meta de vida falhada; não são material destinado a preencher o vazio de nossa vida; são uma responsabilidade e um pesado dever; são os florões mais generosos do amor livre. Não são nem o brinquedo dos pais, nem a realização de sua necessidade de viver, nem sucedâneos de suas ambições insatisfeitas. Os filhos representam a obrigação de formar seres felizes.

Uma tal obrigação nada tem de *natural*: a natureza não poderá nunca ditar uma escolha moral; esta implica um compromisso; dar à luz é assumir um compromisso; se a mãe não o cumpre a seguir comete um erro contra uma existência humana, contra uma liberdade; mas ninguém pode impor isso a ela. A relação dos pais com os filhos, como a relação da mulher com o marido, deveria ser livremente desejada. Nem sequer é verdade que o filho seja para a mulher uma realização privilegiada; diz-se de bom grado que uma mulher é coquete, amorosa, lésbica, ambiciosa por "não ter filho"; sua vida sexual, seus objetivos, seus valores seriam sucedâneos do filho. Na realidade, há primitivamente indeterminação: pode-se dizer também que é por falta de amor, de ocupação, de satisfação de suas tendências homossexuais que a mulher deseja um filho. Sob esse pseudonaturalismo esconde-se uma moral social e artificial. Afirmar que o filho é o fim supremo da mulher tem exatamente o valor de um *slogan* publicitário.

O segundo preconceito, imediatamente implicado pelo primeiro, consiste em dizer que o filho encontra uma felicidade segura nos braços maternos. Não há mãe "desnaturada", posto que o amor materno nada tem de natural; mas precisamente por causa disso há mães más. E uma das grandes verdades que a psicanálise proclamou é o perigo que constituem para o filho os próprios pais "normais". Os complexos, as obsessões, as neuroses de que sofrem os adultos têm sua raiz no passado familiar; os pais, que têm seus próprios conflitos, suas dissensões, seus dramas, são para o filho a companhia menos desejável. Profundamente marcados pela vida do lar paterno, abordam os próprios filhos através de complexos e frustrações e essa cadeia de miséria se perpetuará indefinidamente. O sadomasoquismo materno, em particular, cria na jovem um sentimento de culpa que se traduzirá sempre por condutas sadomasoquistas para com os filhos. Há uma má-fé extravagante na conciliação do desprezo que se dedica às mulheres com o respeito com que são cercadas as mães. É um paradoxo criminoso recusar à mulher toda atividade pública, vedar-lhe as carreiras masculinas, proclamar sua incapacidade em todos os campos e confiar-lhe o empreendimento mais delicado, mais grave que existe: a formação

de um ser humano. Há muitas mulheres a quem os costumes, a tradição recusam ainda a educação, a cultura, as responsabilidades, as atividades que são privilégio dos homens e a quem, no entanto, entregam sem escrúpulos os filhos, como outrora as consolavam, com bonecas, de sua inferioridade em relação aos meninos; impedem-nas de viver; em compensação, autorizam-nas a brincar com brinquedos de carne e osso. Seria preciso que a mulher fosse perfeitamente feliz, ou uma santa, para resistir à tentação de abusar de seus direitos. Montesquieu talvez tivesse razão quando dizia que fora preferível confiar o governo do Estado a uma mulher a entregar-lhe o da família, porque, desde que se lhe dê a oportunidade, a mulher mostra-se tão sensata, tão eficiente quanto o homem: é no pensamento abstrato, na ação concertada que ela supera mais facilmente seu sexo; é bem mais difícil para ela, *atualmente*, libertar-se de seu passado de mulher, encontrar um equilíbrio afetivo que em sua situação nada favorece. O homem também é muito mais equilibrado, sensato em seu trabalho do que no lar; conduz seus cálculos com uma precisão matemática: torna-se ilógico, mentiroso, caprichoso junto da mulher com quem "se abandona"; o mesmo ocorre com ela em relação ao filho. E essa complacência é mais perigosa, porque ela pode defender-se melhor contra o marido do que o filho contra ela. Naturalmente seria desejável para o bem da criança que a mãe fosse uma pessoa completa e não mutilada, uma mulher que encontra em seu trabalho, em sua relação com a coletividade, uma realização de si que não buscasse alcançar através do filho, tiranicamente. E seria desejável também que ele fosse menos abandonado aos pais do que o é atualmente, que seus estudos e distrações se desenrolassem no meio de outras crianças, sob o controle de adultos que só tivessem com ele relações impessoais e puras.

Mesmo no caso em que o filho se apresenta como uma riqueza no seio de uma vida feliz, ou pelo menos equilibrada, não pode limitar o horizonte da mãe. Não a arranca da imanência; ela modela-lhe a carne, cuida dele, sustenta-o: só pode criar uma situação de fato que cabe tão somente à liberdade do filho ultrapassar; quando ela aposta no futuro dele, é ainda por procuração que se transcende através do universo e do tempo, isto é, uma vez mais ela se destina à dependência. Não somente a ingratidão, mas o fracasso do filho será o desmentido de todas as esperanças: como no casamento ou no amor, ela entrega a um outro o cuidado de lhe justificar a vida, quando a única conduta autêntica consiste em a assumir livremente. Vimos que a inferioridade da mulher provinha originalmente de ela ter-se limitado a repetir a vida, enquanto

o homem inventava razões de viver, a seus olhos mais essenciais do que a pura facticidade da existência; encerrar a mulher na maternidade seria perpetuar essa situação. Ela reclama hoje o direito de participar do movimento pelo qual a humanidade tenta incessantemente justificar-se, se superando; ela só pode consentir em dar vida se a vida tem um sentido; não poderia ser mãe sem tentar desempenhar um papel na vida econômica, política, social. Não é a mesma coisa conceber carne para canhão, conceber escravos, vítimas ou homens livres. Numa sociedade convenientemente organizada, em que o filho estivesse até certo ponto a cargo da coletividade, a mãe tratada e auxiliada, a maternidade não seria absolutamente incompatível com o trabalho feminino. Ao contrário: é a mulher que trabalha — camponesa, química ou escritora — que tem o parto mais fácil, pelo fato de não se fascinar com sua própria pessoa. A mulher de vida pessoal mais rica será a que mais dará ao filho e menos lhe pedirá; será quem adquire no esforço e na luta o conhecimento dos verdadeiros valores humanos, será a melhor educadora. Se atualmente muitas vezes a mulher tem dificuldade em conciliar o trabalho, que a retém durante horas fora do lar e lhe toma todas as forças, com o interesse de seus filhos, é porque, por um lado, o trabalho feminino é ainda frequentemente uma escravidão, e, por outro, porque nenhum esforço se fez para assegurar o cuidado, a guarda, a educação das crianças fora do lar. Trata-se de uma carência social; mas é um sofisma justificá-la alegando que uma lei inscrita no céu ou nas entranhas da terra determina que a mãe e o filho se pertençam exclusivamente um ao outro; essa mútua pertinência não constitui, na verdade, senão uma dupla e nefasta opressão.

É uma mistificação sustentar que a mulher se torna, pela maternidade, a igual concreta do homem. Os psicanalistas esforçaram-se muito por demonstrar que o filho lhe trazia um equivalente do pênis; mas, por invejável que seja esse atributo, ninguém pretende que sua simples posse seja capaz de justificar uma existência nem que seja o fim supremo desta. Falou-se também muitíssimo dos direitos sagrados da mãe, mas não foi como mãe que as mulheres conquistaram o direito de voto; a mãe solteira é ainda desprezada; é somente no casamento que a mãe é glorificada, isto é, na medida em que permanece subordinada ao marido. Enquanto este permanece o chefe econômico da família, embora ela se ocupe muito mais dos filhos, eles dependem muito mais dele do que dela. É por isso que, como vimos, a relação da mãe com os filhos se acha estreitamente comandada pela que mantém com o esposo.

As relações conjugais, a vida caseira, a maternidade formam assim um conjunto em que todos os momentos se determinam; ternamente unida ao marido, a mulher pode assumir com alegria os encargos do lar; feliz com os filhos, será indulgente com o marido. Mas essa harmonia não é facilmente realizável porque as diferentes funções consignadas à mulher se conjugam mal entre si. Os jornais femininos ensinam abundantemente à dona de casa a arte de conservar sua atração sexual embora lavando a louça, a permanecer elegante durante a gravidez, a conciliar o coquetismo com a maternidade e a economia; mas aquela que se sujeitasse a seguir atentamente esses conselhos logo se veria atormentada e desfigurada pelas preocupações; é muito difícil para ela permanecer desejável quando tem as mãos inchadas e o corpo deformado pelas maternidades; eis por que uma mulher amorosa experimenta muitas vezes certo rancor contra os filhos que lhe arruinam a sedução e a privam das carícias do marido; se, ao contrário, é profundamente mãe, ela tem ciúme do homem que reivindica igualmente os filhos. Por outro lado, o ideal caseiro contradiz, como vimos, o movimento da vida; a criança é inimiga dos assoalhos encerados. O amor materno perde-se, muitas vezes, nas repreensões e cóleras ditadas pela preocupação de um lar bem-arrumado. Não é de espantar que a mulher que se debate em meio a essas contradições viva muitas vezes seus dias em estado de nervosismo e azedume; ela perde sempre, no que quer que aposte, e seus ganhos são precários, não se inscrevem em nenhum êxito seguro. Nunca é por seu próprio trabalho que pode se salvar; esse trabalho ocupa-a, mas não constitui uma justificação: esta assenta em liberdades alheias. A mulher encerrada no lar não pode fundar ela própria sua existência; não tem os meios de se afirmar em sua singularidade e esta, por conseguinte, não lhe é reconhecida. Entre os árabes, os índios e muitas populações rurais, a mulher é apenas uma criada, apreciada segundo o trabalho que fornece e substituída sem lamentações caso desapareça. Na civilização moderna, ela é, aos olhos do marido, mais ou menos individualizada; mas, a menos que renuncie inteiramente a seu eu, abismando-se como Natacha numa dedicação apaixonada e tirânica pela família, ela sofre por se ver reduzida à sua pura generalidade. É a dona de casa, a esposa, a mãe única e indistinta; Natacha compraz-se nesse aniquilamento soberano e, rechaçando qualquer confronto, nega os *outros.* Mas a mulher ocidental moderna almeja, ao contrário, ser notada por outrem como *essa* dona de casa, essa esposa, essa mãe, essa mulher. É a satisfação que procurará na vida social.

3/**A vida social**

A família não é uma comunidade fechada em si mesma: para além de sua separação ela estabelece comunicações com outras células sociais; o lar não é apenas "um interior" em que se confina o casal; é também a expressão de seu padrão de vida, de sua fortuna, de seu gosto: deve ser exibido aos olhos de outrem. É essencialmente a mulher que ordena essa vida mundana. O homem acha-se ligado à coletividade, enquanto produtor e cidadão, por laços de uma solidariedade orgânica baseada na divisão do trabalho: o casal é uma pessoa social, definida pela família, a classe, o meio, a raça a que pertence, presa por laços de uma solidariedade mecânica aos grupos que se situam socialmente de maneira análoga; a mulher é que é suscetível de encarná-lo com mais pureza: as relações profissionais do marido muitas vezes não coincidem com a afirmação de seu valor social; ao passo que a mulher, não solicitada por nenhum trabalho, pode confinar-se na convivência com seus pares; além disso, ela tem os lazeres de assegurar em suas "visitas" e suas "recepções" essas relações praticamente inúteis e que, bem-entendido, só têm importância nas categorias interessadas em manter sua posição na hierarquia social, isto é, que se julgam superiores a algumas outras. Seu interior, sua própria figura que marido e filhos não veem, por neles se acharem envolvidos, ela se encanta com os exibir. Seu dever mundano, que é "representar", confunde-se com o prazer que sente em se mostrar.

E, primeiramente, é preciso que ela se represente a si mesma; em casa, atenta a suas ocupações, ela está simplesmente vestida: para sair, para receber ela "se arruma". A toalete tem um duplo caráter: destina-se a manifestar a dignidade social da mulher (padrão de vida, fortuna, o meio a que pertence), mas ao mesmo tempo concretiza o narcisismo feminino; é um uniforme e um adorno; através dela, a mulher que sofre por não *fazer* nada, acredita exprimir o seu

ser. Cuidar de sua beleza, se arrumar, é uma espécie de trabalho que lhe permite apropriar-se de sua pessoa como se apropria do lar pelo seu trabalho caseiro; seu eu parece-lhe, então, escolhido e recriado por si mesma. Os costumes incitam-na a alienar-se assim em sua imagem. As roupas do homem, como seu corpo, devem indicar sua transcendência e não deter o olhar;[410] para ele, nem a elegância nem a beleza consistem em se constituir em objeto; por isso não considera, normalmente, sua aparência como reflexo de seu ser. Ao contrário, a própria sociedade pede à mulher que se faça objeto erótico. O objetivo das modas, às quais está escravizada, não é revelá-la como um indivíduo autônomo, mas ao contrário privá-la de sua transcendência para oferecê-la como uma presa aos desejos masculinos; não se procura servir seus projetos mas, ao contrário, entravá-los. A saia é menos cômoda do que as calças, os sapatos de salto alto atrapalham o andar; os vestidos e os escarpins menos práticos, os chapéus e as meias mais frágeis é que são os mais elegantes; o vestido, quer fantasie, deforme ou modele o corpo, em todo caso o expõe aos olhares. Por isso é a toalete um jogo encantador para a menina que almeja contemplar-se; mais tarde, sua autonomia de criança insurge-se contra os constrangimentos das musselinas claras e dos sapatos de verniz; na idade ingrata ela hesita entre o desejo e a recusa de se exibir; quando aceita sua vocação de objeto sexual, compraz-se em se enfeitar.

Pelo adorno, dissemos,[411] a mulher aparenta-se à natureza, embora emprestando-lhe a necessidade do artifício; torna-se, para o homem, a flor e a pedra preciosa: e também para si mesma. Antes de dar-lhe as ondulações da água, a doçura quente das peles delas se apropria. Mais intimamente do que sobre os bibelôs, os tapetes, as almofadas, os buquês, ela reina sobre as plumas, as pérolas, os brocados, as sedas que mistura à sua carne; seu aspecto cambiante, seu doce contato compensam a aspereza do universo erótico que é seu quinhão: dá a tais coisas um valor tanto maior quanto mais insatisfeita está sua sensualidade. Se muitas lésbicas se vestem virilmente não é somente para imitar o homem e desafiar a sociedade: elas não precisam das carícias do veludo e do cetim porque lhes apreendem as qualidades passivas em um corpo feminino.[412] A mulher votada às rudes carícias masculinas — ainda que o aprecie e, mais ainda, se o suporta sem prazer — não pode abraçar outra presa carnal que não seu próprio corpo: perfuma-o para mudá-lo em flor e o brilho dos diamantes que pendura ao pescoço não se distingue do de sua carne; a fim de os possuir, identifica-se com todas as riquezas do mundo. E não visa somente aos tesouros sensuais, mas também, por vezes, aos valores

sentimentais, ideais. Tal joia é uma recordação, tal outra um símbolo. Há mulheres que se fazem buquês, outras viveiros de pássaros, outras são museus, outras hieróglifos. Georgette Leblanc diz-nos, em suas *Mémoires*, evocando os anos de sua juventude:

> Andava sempre vestida como um quadro. Passeava de Van Eyck, alegoria de Rubens ou Virgem de Memling. Vejo-me ainda atravessando uma rua de Bruxelas, num dia de inverno, com um vestido de veludo cor de ametista ornado de galões de prata tirados de uma casula. Arrastando uma cauda comprida com a qual não queria me preocupar, varria conscienciosamente as calçadas. Minha touca de pele amarelada enquadrava meus cabelos louros, mas o mais insólito era o diamante incrustado numa corrente de ouro que usava na fronte. Por que tudo isso? Simplesmente porque me agradava e porque, desse modo, eu acreditava viver à margem de qualquer convenção. Quanto mais riam quando eu passava, mais eu inventava as invenções grotescas. Teria tido vergonha de mudar qualquer coisa em meu aspecto porque zombavam de mim. Isso me parecia uma capitulação degradante... Em casa era bem diferente. Os anjos de Gozzoli, de Fra Angélico, os Burne Jones, os Watts eram meus modelos. Andava sempre vestida de azul e de aurora; meus vestidos amplos espalhavam-se em múltiplas caudas em torno de mim.

É nos hospícios que se encontram os mais belos exemplos dessa apropriação mágica do universo. A mulher, que não controla seu amor pelos objetos preciosos e pelos símbolos, esquece sua própria imagem e arrisca-se a vestir-se com extravagância. Assim é que a menina vê principalmente em sua toalete uma fantasia que a transforma em fada, em rainha, em flor; acredita ser bela quando se sobrecarrega de guirlandas e de fitas porque se identifica com esses falsos enfeites maravilhosos; encantada com a cor de um tecido, a moça ingênua não nota o tom lívido que se reflete em seu rosto. Depara-se também com esse mau gosto deflagrado em adultas artistas ou intelectuais mais fascinadas pelo mundo exterior do que conscientes de sua própria figura: apaixonadas por esses tecidos antigos, por essas joias velhas, encantam-se com evocar a China ou a Idade Média e só lançam ao espelho um olhar rápido ou prevenido. Espantamo-nos, por vezes, com a estranha e ridícula maneira de vestir que tanto agrada às mulheres idosas: diademas, rendas, vestidos provocantes, colares barrocos, chamam desagradavelmente a atenção para a ruína dos rostos. Isso ocorre frequentemente porque, tendo renunciado a seduzir, a toalete se torna para elas um jogo gratuito como na infância. Uma mulher elegante, ao contrário, pode a rigor tirar da toalete prazeres sensuais ou estéticos, mas é preciso que os concilie com a harmonia de sua imagem. A cor do vestido tem que lhe favorecer a tez, o corte acentuar ou retificar a linha; é

dela própria enfeitada que gosta com complacência e não dos objetos que a enfeitam.

A toalete não é simplesmente um adorno: exprime, já o dissemos, a situação social da mulher. Somente a prostituta, cuja função é exclusivamente a de um objeto erótico, deve manifestar-se sob esse aspecto único; como outrora, os cabelos cor de açafrão e as flores do vestido, hoje os saltos altos, os cetins colantes, a maquiagem violenta, os perfumes pesados anunciam-lhe a profissão. A qualquer outra mulher censuram-lhe "vestir-se como uma puta". Suas virtudes eróticas acham-se integradas na vida social e não devem apresentar-se senão sob esse aspecto bem-comportado. Mas é preciso acentuar que a decência não consiste em se vestir com rigoroso recato. Uma mulher que solicita por demais abertamente o desejo do macho é malvista; mas a que parece repudiá-lo não é muito mais recomendável: pensam que ela quer masculinizar-se, que é uma lésbica; ou singularizar-se: é uma excêntrica; recusando seu papel de objeto, desafia a sociedade: é uma anarquista. Se deseja tão somente não ser notada, é preciso que conserve sua feminilidade. São os costumes que regulamentam o compromisso entre o exibicionismo e o pudor; ora é o colo, ora o tornozelo que a "mulher honesta" deve esconder; ora a moça tem o direito de acentuar seus encantos a fim de atrair os pretendentes, enquanto a mulher casada renuncia a quaisquer adornos: é esse o costume em muitas sociedades rurais; ora impõem-se às moças toaletes vaporosas, de cores delicadas e corte discreto, enquanto as mais velhas têm direito a vestidos colantes, tecidos pesados de cores vivas, de cortes provocantes. Num corpo de 16 anos o preto parece vistoso porque a regra é não usá-lo.[413] É naturalmente necessário dobrar-se a tais leis; mas em todo caso, mesmo nos meios mais austeros, o caráter sexual da mulher será acentuado; uma mulher de pastor protestante ondula os cabelos, pinta-se ligeiramente, segue a moda com discrição, assinalando, com preocupação de seu encanto físico, que aceita seu papel de fêmea. Essa integração do erotismo na vida social é particularmente evidente nos "vestidos de noite". Para significar que há festa, isto é, luxo e desperdício, esses vestidos devem ser caros e frágeis, tão incômodos quanto possível; as saias são tão compridas, tão largas ou tão estreitas que atrapalham o andar; por baixo das joias, das anáguas, das lantejoulas, das flores, das plumas, das perucas, a mulher é transformada em boneca de carne; mesmo essa carne se exibe; assim como gratuitamente desabrocham as flores, a mulher exibe os ombros, o dorso, o seio; a não ser em orgias, o homem não deve mostrar que a deseja: só tem direito aos olhares e aos abraços da dança; mas pode encantar-se com ser o rei de um mundo de tão doces

tesouros. De homem para homem, a festa assume então um ar de *potlatch*; cada qual oferece como presente, a todos os outros, a visão desse corpo de sua propriedade. Em vestido de noite, a mulher fantasia-se de mulher para o prazer de todos os machos, e o orgulho de seu proprietário.

Essa significação social da toalete permite à mulher exprimir pela sua maneira de vestir-se sua atitude em relação à sociedade; submetida à ordem estabelecida, ela confere a si mesma uma personalidade discreta e de bom-tom; muitos matizes são possíveis: ela se fará frágil, infantil, misteriosa, cândida, austera, alegre, distinta, algo ousada, apagada, segundo sua vontade. Ou, ao contrário, ela se afirmará pela originalidade, hostilidade às convenções. É de notar que em muitos romances a mulher "livre" se singularize por uma ousadia de toalete que lhe acentua o caráter de objeto sexual e, portanto, de dependência. Assim, em *This Age of innocence*, de Edith Wharton, a jovem divorciada de passado aventureiro, de coração audacioso, é primeiramente apresentada como exageradamente decotada; o arrepio de escândalo que suscita devolve-lhe o reflexo tangível de seu desprezo pelo conformismo. Assim, a jovem se divertirá em vestir-se como mulher, a mulher idosa como menina, a cortesã como mulher da sociedade e esta como *vamp.* Ainda que cada qual se vista segundo sua condição, há nisso, também, um jogo. O artifício, como a arte, situa-se no imaginário. Não somente cintas, sutiãs, tinturas, maquiagens fantasiam corpo e rosto, mas a mulher menos sofisticada, desde que se "vista", não se propõe à percepção: é como o quadro, a estátua, como o ator no palco, um *analogon* através do qual é sugerido um sujeito ausente que é sua personagem mas que ela não é. É essa confusão com um objeto irreal, necessário, perfeito como um herói de romance, como um retrato ou um busto que a lisonjeia; ela se esforça por se alienar nele e de aparecer assim a si mesma petrificada, justificada.

É assim que, através dos *Écrits intimes*, de Maria Bashkirtseff, nós a vemos em cada página multiplicar infatigavelmente sua imagem. Não nos poupa nenhum de seus vestidos: a cada nova toalete ela se acredita diferente e se adora novamente.

> Peguei um xale grande de mamãe, abri uma fenda para a cabeça e costurei-o de ambos os lados. Esse xale que cai em pregas clássicas dá-me um ar oriental, bíblico, estranho.
>
> Vou ao Laferrière e Carolina em três horas faz-me um vestido dentro do qual pareço estar envolvida numa nuvem. É tudo uma peça de crepe inglês com a qual ela me envolve e que me torna esbelta, elegante, alongada.

> Envolta num vestido de lã quente de pregas harmoniosas, uma figura de Lefebvre, que tão bem sabe desenhar esses corpos flexíveis e jovens em roupagens pudicas.

Esse estribilho repete-se diariamente: "Estava encantadora de preto... Estava encantadora de cinza... Estava de branco, encantadora".

Mme de Noailles, que dava também muita importância a seus adornos, evoca com tristeza em suas *Mémoires* o drama de um vestido malfeito.

> Gostava da vivacidade das cores, de seu contraste audacioso, um vestido parecia-me uma paisagem, uma isca para o destino, uma promessa de aventura. No momento de vestir o vestido executado por mãos hesitantes, não deixava nunca de sofrer com todos os defeitos que me eram revelados.

Se a toalete tem, para muitas mulheres, importância tão considerável é porque ela lhes entrega ilusoriamente, e ao mesmo tempo, o mundo e seu próprio eu. Um romance alemão, *A moça de seda artificial*,[414] conta a paixão de uma moça pobre por um casaco de petigris; aprecia-lhe com sensualidade o calor acariciante, a ternura forrada; sob as peles preciosas é ela mesma transfigurada que ama; possui enfim a beleza do mundo que nunca abraçara e o destino radioso que nunca fora o seu.

> E eis que vi um casaco suspenso a um gancho, uma pele tão macia, tão doce, tão terna, tão cinzenta, tão tímida; tinha vontade de beijá-la, a tal ponto a amava. Ela tinha um ar de consolo e de dia de Todos os Santos, e de segurança completa, como um céu. Era um petigris verdadeiro. Silenciosamente tirei o impermeável e vesti o petigris. Essa pele era como um diamante para minha pele que a amava e o que se ama não se devolve quando se tem. Por dentro, um forro de crepe marroquino, pura seda, com bordados à mão. O casaco envolvia-me e falava mais do que eu ao coração de Hubert... Fico tão elegante com essa pele. É como um homem raro, que me tornaria preciosa através de seu amor por mim. Esse casaco me quer e eu o quero: nós nos possuímos.

Sendo a mulher um objeto, compreende-se que a maneira pela qual se enfeita e se veste modifica seu valor intrínseco. Não é mais pura futilidade se dá tamanha importância às meias de seda, às luvas, ao chapéu: manter sua posição é uma obrigação imperiosa. Nos Estados Unidos, uma enorme parte do orçamento da trabalhadora é consagrada aos cuidados com a beleza e as roupas; na França, esse fardo é menos pesado; entretanto, a mulher é tanto mais respeitada quanto melhor "representa". Quanto maior sua necessidade de achar trabalho, mais lhe é útil ter um aspecto agradável: a elegância é uma arma, um cartaz, um motivo de respeito, uma carta de recomendação.

É uma servidão; os valores que conferem são pagos; tão caro que, às vezes, um inspetor de polícia surpreende nas grandes lojas uma mulher da sociedade ou uma atriz roubando perfumes, meias de seda, *lingerie*. É para se vestir que muitas mulheres se prostituem ou arranjam quem "as ajude"; é a toalete que lhes comanda sua necessidade de dinheiro. Andar bem-vestida exige também tempo e cuidados; é uma tarefa que é, por vezes, fonte de alegrias positivas: neste campo, também há descoberta de "tesouros escondidos", pechinchas, ardis, combinações, invenção; hábil, pode a mulher tornar-se até criadora. Os dias de compras, de liquidações principalmente, são aventuras frenéticas. Um vestido novo é por si só uma festa. A maquiagem, o penteado são o sucedâneo de uma obra de arte. Hoje, mais do que outrora, a mulher conhece a alegria de modelar o corpo pelos esportes[415], a ginástica, os banhos, as massagens, os regimes; ela decide seu peso, sua linha, a cor de sua pele; a estética moderna permite-lhe integrar qualidades ativas em sua beleza: tem o direito a músculos exercitados, impede a invasão da gordura; na cultura física ela se afirma como uma pessoa; há, para ela, uma espécie de libertação da carne contingente; mas essa libertação retorna facilmente à dependência. A "estrela" de Hollywood triunfa sobre a natureza, mas reencontra-se como objeto passivo nas mãos do produtor.

Ao lado dessas vitórias em que a mulher pode com razão comprazer-se, o coquetismo implica — como os cuidados caseiros — uma luta contra o tempo; pois seu corpo é também um objeto que o tempo corrói. Colette Audry descreveu esse combate, simétrico ao que, em sua casa, a mulher trava com a poeira.[416]

> Já não era mais a carne compacta da mocidade; ao longo dos braços e das coxas o desenho dos músculos acentuava-se sob a camada de gordura e de pele um pouco distendida. Inquieta, ela modificou novamente o emprego de seu tempo: o dia começaria com meia hora de ginástica e à noite, antes de se deitar, haveria um quarto de hora de massagem. Pôs-se a consultar manuais de medicina, jornais de modas, a controlar a cintura. Preparou sucos de frutas, purgou-se de quando em quando, lavou a louça com luvas de borracha. Suas duas preocupações fizeram-se uma só: rejuvenescer tão bem o corpo, lustrar tão bem a casa que chegaria, um dia, a um período de calma absoluta, a uma espécie de ponto morto... O mundo estaria parado, suspenso fora do envelhecimento e do desgaste... Tomava agora na piscina verdadeiras lições para melhorar o estilo e as revistas de beleza mantinham-na numa expectativa inquieta com receitas indefinidamente renovadas. Ginger Rogers confia-nos: "Dou, todas as manhãs, cem escovadelas nos cabelos, leva exatamente dois minutos e meio e tenho cabelos de seda". Como adelgaçar os tornozelos? Erga-se todos os dias trinta vezes nas pontas dos pés sem apoiar os calcanhares, o exercício exige apenas um minuto; que é um minuto por dia? De outra

feita, era o banho de óleo para as unhas, o creme de limão para as mãos, morangos esmagados para as faces.

Também aqui a rotina transforma em tarefas penosas os cuidados com a beleza, o cuidado com roupas e vestidos. O horror à degradação, destino de todo ser vivo, suscita em certas mulheres frígidas ou frustradas o horror à própria vida: elas procuram conservar-se como outras conservam os móveis e as geleias; essa obstinação negativa torna-as inimigas de sua própria existência e hostis a outrem: as refeições gostosas deformam a linha, o vinho estraga a tez, sorrir demais enruga o rosto, o sol mancha a pele, o repouso engorda, o trabalho desgasta, o amor dá olheiras, os beijos inflamam as faces, as carícias deformam os seios, os abraços fazem a pele murchar, a maternidade enfeia o rosto e o corpo; sabe-se quantas mães afastam com raiva o filho maravilhado com o vestido de baile. "Não me toques, estás com as mãos suadas, vais me sujar"; a coquete opõe as mesmas advertências às atenções do marido ou do amante. Assim como se cobrem os móveis com capas de pano, ela gostaria de se subtrair aos homens, ao mundo, ao tempo. Mas todas essas precauções não impedem o aparecimento de cabelos brancos, de pés de galinha. Desde a mocidade, a mulher sabe que esse destino é inelutável. E, apesar de toda a sua prudência, é vítima de acidentes: uma gota de vinho cai no vestido, um cigarro queima-o; então desaparece a criatura de luxo e festa que se pavoneava sorridente no salão: seu rosto toma o ar sério e duro da dona de casa; descobre-se repentinamente que sua toalete não era uma girândola, um fogo de artifício, um esplendor gratuito e perecível destinado a iluminar generosamente um instante: é uma riqueza, um capital, um investimento; custou sacrifícios, sua perda é um desastre irreparável. Manchas, rasgões, vestidos malfeitos, permanentes malsucedidas são catástrofes ainda mais graves do que um assado queimado ou um vaso quebrado: porque a coquete não somente se alienou nas coisas, ela se quis coisa, e é sem intermediário que se sente em perigo no mundo. As relações que mantém com a costureira e a modista, suas impaciências, suas exigências revelam seu espírito de seriedade e sua insegurança. O vestido bem-feito cria nela a personagem de seu sonho; mas numa toalete sem viço, malfeita, ela sente-se degradada.

Do vestido dependia meu humor, minha atitude, a expressão de meu rosto, tudo... escreve Maria Bashkirtseff. E ainda: Ou tem que passear nua ou vestir-se de acordo com o físico, o gosto e o caráter. Quando não me acho nessas condições, sinto-me desajeitada, vulgar e, por conseguinte, humilhada. Que acontece ao humor e ao espírito? Pensam nos trapos e a gente fica tola, aborrecida, não sabe onde se enfiar.

Muitas mulheres preferem renunciar a uma festa a se apresentarem malvestidas, ainda que não devam ser notadas.

Entretanto, embora algumas afirmem: "Eu me visto só para mim mesma", vimos que o olhar de outrem se acha implicado no narcisismo. É apenas nos hospícios que as coquetes mantêm obstinadamente uma fé total em olhares ausentes; normalmente, elas exigem testemunhas.

> "Gostaria de agradar, que dissessem que sou bela e que Liova o visse e ouvisse... Para que serviria ser bela? Meu encantador pequeno Petia gosta de sua velha "niannia" como se amasse uma beleza e Liovotchka se teria acostumado ao rosto mais horrível... Tenho vontade de ondular meus cabelos. Ninguém o saberá, mas nem por isso será menos delicioso. Que necessidade tenho de que me vejam? As fitas e os laços me agradam, gostaria de ter um novo cinto de couro e agora que escrevi isto tenho vontade de chorar", escreve Sofia Tolstoi, depois de dez anos de casada.

O marido desobriga-se mal do que a mulher espera dele. Suas exigências são dúplices. Se a mulher é demasiado atraente, ele tem ciúme; entretanto, todo marido é mais ou menos o rei Candaule; quer orgulhar-se da mulher; quer que seja elegante, bonita, "bem" pelo menos; sem o quê, lhe dirá agastado as palavras do Pai Ubu: "Estás bem feia, hoje! Será porque temos visitas?" No casamento, já o vimos, os valores eróticos e sociais conciliam-se mal. Esse antagonismo reflete-se aqui. A mulher que acentua seu encanto sexual conduz-se mal aos olhos do marido; ele censura ousadias que o seduziriam numa estranha, e essa censura mata nele todo desejo; se a mulher se veste com decência, ele a aprova, mas com frieza: não a acha bastante atraente e como que a censura vagamente. Por causa disso, olha-a raramente por sua própria conta, é através de olhos alheios que a inspeciona. "Que dirão dela?" Prevê mal, porque atribui a outrem sua perspectiva de marido. Nada mais irritante para uma mulher do que o ver apreciar numa outra as roupas ou as atitudes que critica nela. Espontaneamente, aliás, está próximo demais dela para vê-la; ela tem para ele uma fisionomia imutável; ele não nota nem suas toaletes nem as mudanças de penteado. Mesmo um marido amoroso ou um amante apaixonado são muitas vezes indiferentes à toalete da mulher. Se a amam ardentemente em sua nudez, os mais belos adornos não fazem senão mascará-la; eles a amarão malvestida, cansada, tanto quanto brilhante. Se não mais a amam, os mais lisonjeiros vestidos serão sem promessas. A toalete pode ser um instrumento de conquista, mas não uma arma defensiva; sua arte consiste em criar miragens, oferece ao olhar um objeto imaginário: nas carícias carnais, na

convivência quotidiana, toda miragem se dissipa; os sentimentos conjugais, como o amor físico, situam-se no terreno da realidade. Não é para o homem amado que a mulher se veste. Dorothy Parker, em uma de suas novelas,[417] descreve uma jovem mulher que, esperando com impaciência o marido que chega de licença, resolve fazer-se bela para recebê-lo:

> Comprou um vestido novo; preto; ele gostava de vestidos pretos; simples, ele gostava de vestidos simples; e tão caro que não queria pensar no preço...
>
> — ...Gostas de meu vestido?
>
> — Sim! — disse ele. — Sempre gostei de você com esse vestido.
>
> Foi como se ela se tivesse transformado num pedaço de pau.
>
> — Este vestido — respondeu ela, articulando com uma nitidez insultante — é novo em folha. Nunca o usei. Caso te interesse, comprei-o de propósito para esta circunstância.
>
> — Desculpa, querida. Naturalmente, vejo agora que não se assemelha absolutamente ao outro; é magnífico; gosto de você sempre de preto.
>
> — Em momentos como este — disse ela — quase desejo ter outro motivo para me vestir de preto.

Afirmou-se muitas vezes que a mulher se vestia para excitar o ciúme das outras mulheres: este ciúme é com efeito um sinal visível de triunfo; mas não é a única coisa visada. Através das demonstrações de inveja ou admiração, a mulher busca uma afirmação absoluta de sua beleza, de sua elegância, de seu gosto: de si mesma. Veste-se para se mostrar: mostra-se para se fazer ser. Submete-se assim a uma dolorosa dependência; a dedicação da dona de casa é útil mas não é reconhecida; o esforço da coquete é vão, se não se inscreve em alguma consciência. Ela procura uma valorização definitiva de si mesma; é essa pretensão ao absoluto que torna sua busca tão exaustiva; condenado por uma só opinião, este chapéu *não* é bonito; um cumprimento a lisonjeia mas um desmentido a arruína; e como o absoluto só se manifesta por uma série indefinida de aparições, ela jamais vencerá completamente; eis por que a coquete é tão suscetível; eis por que também certas mulheres bonitas e aduladas podem estar tristemente convencidas de que não são nem belas nem elegantes, que lhes falta precisamente a aprovação suprema de um juiz que não conhecem: visam um "em-si" que é irrealizável. Raras são as coquetes maravilhosas que encarnam elas próprias as leis da elegância, que ninguém pode surpreender em erro porque são elas que definem, por decretos, o êxito e o fracasso; essas, durante seu reinado, podem pensar-se como um êxito exemplar. A desgraça está em que esse êxito não serve para nada nem para ninguém.

A toalete implica desde logo passeios e recepções, está nisso aliás seu destino original. A mulher passeia de salão em salão seu *tailleur* novo e convida outras mulheres para vê-la reinar em seu "interior". Em certos casos particularmente solenes o marido acompanha-a em suas "visitas"; porém mais frequentemente, é enquanto o marido trabalha que ela cumpre seus "deveres mundanos". Descreveu-se mil vezes o tédio implacável dessas reuniões. Ele provém do fato de que essas mulheres reunidas pelas "obrigações mundanas" nada têm a se comunicar. Nenhum interesse comum liga a mulher do advogado à mulher do médico — nem tampouco a do Dr. Dupont à do Dr. Durant. Não é de bom-tom, numa reunião, numa conversa de ordem geral falar das travessuras dos filhos ou das preocupações domésticas. Fica-se, portanto, limitada a considerações sobre o tempo, o último romance em voga, algumas ideias gerais tiradas dos maridos. O hábito do "dia de Madame" tende cada vez mais a desaparecer; mas sob diversas formas a obrigação da "visita" sobrevive na França. As norte-americanas substituem de bom grado a conversa pelo *bridge*, o que só constitui uma vantagem para as mulheres que gostam desse jogo.

Entretanto, a vida mundana reveste formas mais atraentes do que essa ociosa execução de um dever de polidez. Receber não é apenas acolher os outros em sua residência particular; é transformar esta em um recanto encantado; a manifestação mundana é ao mesmo tempo festa e *potlatch.* A dona de casa expõe seus tesouros: prataria, toalhas, cristais; enche de flores o lar: efêmeras, inúteis, as flores encarnam a gratuidade das festas que são despesas e luxo; desabrochadas nos vasos, condenadas a uma morte rápida, são fogo de artifício, incenso e mirra, libação, sacrifício. A mesa enche-se de pratos requintados, de vinhos preciosos. Trata-se, satisfazendo as necessidades dos convivas, de coisas agradáveis que lhes antecipem desejos; a refeição transmuda-se em misteriosa cerimônia. V. Woolf acentua esse caráter neste trecho de *Mrs. Dalloway*:

> Então começou pelas portas o vai-vem silencioso e encantador das criadinhas de avental e gorrinhos brancos, não serventes necessárias porém sacerdotisas de um mistério, da grande mistificação operada pelas donas de casa de Mayfair de uma hora e meia a duas horas. A um gesto de mão, o movimento da rua cessa e em seu lugar ergue-se essa ilusão enganadora: primeiramente, eis os alimentos oferecidos de graça, depois a mesa cobre-se sozinha de cristais e prataria, de cestos, de tigelas com frutos vermelhos; um véu de creme escuro esconde o peixe; frangos destrinchados nadam em caçarolas, o fogo flameja colorido, cerimonioso; e com o vinho e o café — dados de graça —

alegres visões erguem-se ante os olhos sonhadores, os olhos que meditam docemente, aos quais a vida se apresenta musical, misteriosa...

A mulher que preside tais mistérios está orgulhosa de se sentir criadora de um momento perfeito, dispensadora da felicidade, da alegria. É por ela que os convivas se encontram reunidos, que um acontecimento ocorre, ela é fonte gratuita de alegria, de harmonia.

É exatamente o que sente Mrs. Dalloway:

> Mas suponhamos que Peter lhe diga: Bem! Bem! Mas suas reuniões, qual a razão delas? Tudo o que pode responder é isto (tanto pior se ninguém entende): São uma oferenda... Eis Fulano que mora em South Kennington, Beltrano que vive em Bayswater e Sicrano, digamos no Mayfair. Ela tem sempre o sentimento da existência deles; ela se diz: Que pena! Que saudade! E ela se diz: Por que não os reunir? E os reúne. É uma oferenda; é combinar, criar. Mas para quem?
>
> Uma oferenda pela alegria de oferecer, talvez. Em todo caso é seu presente. Ela não tem outra coisa...
>
> Outra pessoa, qualquer uma, poderia ter estado ali, fazer tudo tão bem. Entretanto, era um pouco admirável, pensava. Fizera com que assim fosse.

Se há nessa homenagem prestada a outrem pura generosidade, a festa é realmente uma festa. Mas a rotina social dentro em pouco transforma o *potlatch* em instituição, o dom em obrigação e a festa em rito. Enquanto saboreia o jantar, a convidada pensa que será preciso pagá-lo: queixa-se muitas vezes de ter sido bem-recebida demais. "Os X... quiseram embasbacar-nos", diz com azedume ao marido. Contaram-me, entre outras coisas, que durante a última guerra os chás se tinham tornado, numa pequena cidade de Portugal, o mais caro dos *potlatchs;* em cada reunião devia a dona da casa servir uma variedade e uma quantidade de doces maiores do que na reunião precedente; o fardo tornou-se tão pesado que um dia as mulheres decidiram de comum acordo nada mais oferecer com o chá. A festa em tais circunstâncias perde seu caráter generoso e magnífico; é um trabalho penoso entre outros; os acessórios que exprimem a festividade não passam de uma fonte de preocupações: é preciso tomar conta dos cristais, da toalha, medir o champanha e os doces; uma xícara quebrada, a seda de uma poltrona queimada são desastres; amanhã será preciso limpar, arrumar, pôr em ordem: a mulher teme esse excesso de trabalho. Sente essa múltipla dependência que define o destino da dona de casa; depende do suflê, do assado, do açougueiro, da cozinheira, do criado extra; depende do marido que franze o sobrolho, quando alguma coisa falha;

depende dos convidados que avaliam os móveis, os vinhos e julgam se a reunião foi um êxito ou não. Somente as mulheres generosas ou seguras de si passarão serenamente por tal prova. Um triunfo pode dar-lhes uma grande satisfação. Mas muitas assemelham-se nesse ponto a Mrs. Dalloway, a propósito de quem V. Woolf nos diz: "Embora gostando desses triunfos... de seu brilho e da excitação que dão, sentia-lhes também o vazio, o artifício". A mulher só pode realmente comprazer-se nisso se não lhe empresta grande importância; sem o quê, conhecerá os tormentos da vaidade nunca satisfeita. Há, aliás, poucas mulheres suficientemente ricas para encontrar no "mundanismo" um emprego para sua vida. As que a ele se consagram inteiramente tentam em geral não somente render um culto a si mesmas como ainda ultrapassar essa vida mundana com vistas a outros fins: os verdadeiros "salões" têm um caráter literário ou político. Elas se esforçam através desse meio por adquirir ascendência sobre os homens e desempenhar um papel pessoal. Evadem-se de sua condição de mulher casada. Esta, em geral, não encontra satisfação nos prazeres, nos triunfos efêmeros que lhes dispensam raramente e que muitas vezes representam para ela uma fadiga tanto quanto uma distração. A vida mundana exige que ela "represente", que se exiba, mas não cria entre ela e outrem uma verdadeira comunicação. Não a tira de sua solidão.

"É doloroso pensar", escreve Michelet, "que a mulher, esse ser relativo que só pode viver a dois, se ache mais frequentemente só do que o homem. Ele encontra a sociedade por toda parte, cria relações novas para si. Ela não é nada sem a família. E a família a oprime; todo o peso lhe cai em cima." E, com efeito, a mulher encarcerada, separada, não conhece as alegrias da camaradagem que implica o esforço em comum para alcançar certos objetivos; seu trabalho não ocupa o espírito, sua formação não lhe deu nem o gosto nem o hábito da independência e, no entanto, ela passa os dias na solidão; vimos que era uma das desgraças de que se queixava Sofia Tolstoi. Seu casamento afastou-a muitas vezes do lar paterno, das amizades da juventude. Colette descreveu em *Mes apprentissages* o desenraizamento de uma jovem casada transportada da província para Paris: não encontra apoio senão na longa correspondência que troca com a mãe; mas as cartas não substituem uma presença e ela não pode confessar suas decepções a Sido. Geralmente não há verdadeira intimidade entre a jovem mulher e sua família: nem sua mãe nem suas irmãs são suas amigas. Hoje, em virtude da crise de habitação, muitas jovens recém-casadas vivem com a família ou a família do

marido; mas essas presenças impostas estão longe de constituir uma verdadeira companhia para elas.

As amizades femininas que ela consegue conservar ou criar serão preciosas para ela; têm um caráter muito diferente das relações que os homens conhecem; estes comunicam entre si, como indivíduos, através das ideias, os projetos que lhes são pessoais; as mulheres, encerradas na generalidade de seu destino, acham-se unidas por uma espécie de cumplicidade imanente. O que primeiramente procuram, umas junto de outras, é a afirmação do universo que lhes é comum. Não discutem opiniões: trocam confidências e receitas; ligam-se para criar uma espécie de contrauniverso cujos valores superem os valores masculinos; reunidas, encontram força para sacudir suas correntes; negam o domínio sexual do homem, confiando umas às outras sua frigidez, zombando cinicamente dos apetites do macho ou de sua inabilidade; contestam também com ironia a superioridade moral e intelectual do marido e dos homens em geral. Confrontam suas experiências; gravidez, partos, doenças dos filhos, doenças pessoais, cuidados caseiros tornam-se os acontecimentos essenciais da história humana. Seu trabalho não é uma técnica: transmitindo-se receitas de cozinha, receitas caseiras, dão-lhes a dignidade de uma ciência secreta baseada em tradições orais. Por vezes, examinam juntas problemas morais. A "pequena correspondência" dos jornais femininos oferece uma boa amostra dessas trocas; não há como imaginar uma "correspondência amorosa" reservada aos homens; eles se encontrarão no mundo, que é o mundo *deles*; ao passo que as mulheres têm que definir, medir, explorar seus domínios; comunicam principalmente conselhos de beleza, receitas de cozinha e de tricô, pedem opiniões; através de seu gosto pela tagarelice e pela exibição sentimos, por vezes, surgirem verdadeiras angústias. A mulher sabe que o código masculino não é o seu, que o próprio homem espera que ela não o observará, posto que a impele a abortos, a adultérios, a erros, a traições, a mentiras que oficialmente condena. Ela pede, portanto, às outras mulheres, que a ajudem a definir uma espécie de "lei" de seu meio, um código moral propriamente feminino. Não é somente por maldade que as mulheres comentam e criticam tão longamente as condutas das amigas: para julgá-las e para se orientarem, precisam de muito mais invenção moral do que aos homens.

O que dá valor a tais relações é a verdade que comportam. Diante do homem, a mulher está sempre representando; mente, fingindo aceitar-se como o outro inessencial, mente erguendo, à frente dele, mediante mímicas, toaletes, frases preparadas, uma personagem imaginária; essa comédia exige uma constante tensão; perto do marido, perto do amante, toda mulher pensa mais ou

menos: “não sou eu mesma”. O mundo masculino é duro, tem arestas afiadas, as vozes são demasiado sonoras, as luzes demasiado cruas, os contatos rudes. Perto das outras mulheres, a mulher fica atrás do cenário; forja suas armas, não combate; combina a toalete, inventa uma maquiagem, prepara seus ardis: arrasta-se de chinelos e roupão pelos bastidores, antes de subir ao palco; gosta dessa atmosfera morna, doce, repousante. Colette descreve assim os momentos que passava com sua amiga Marco:

> Confidências rápidas, divertimentos de reclusas, horas que por vezes se assemelham às de uma reunião, por vezes aos lazeres de uma convalescença. 418

Comprazia-se em desempenhar o papel de conselheira junto da mulher mais idosa:

> Nas tardes quentes, sob o toldo do balcão, Marco cuidava de suas roupas. Cosia mal mas com cuidado e eu me envaidecia com os conselhos que lhe dava... “Não se deve colocar fita azul-celeste nas camisas, o cor-de-rosa é mais bonito na roupa e junto da pele.” Não tardei em dar-lhe outros conselhos acerca do pó de arroz e da cor do batom, do traço duro e negro com que cercava o belo desenho de sua pálpebra. “Acha? Acha?”, dizia-me ela. Minha jovem autoridade não cedia. Pegava do pente, abria uma pequena brecha graciosa na sua franja fofa, mostrava-me perita em dar brilho a seu olhar, em acender uma aurora vermelha no alto de suas faces, perto das têmporas.

Mais adiante mostra-nos Marco preparando-se ansiosamente para defrontar-se com um rapaz que desejava conquistar:

> ...Queria enxugar os olhos molhados, eu a impedia.
>
> — Deixa-me fazê-lo.
>
> Com os polegares, ergui as pálpebras superiores a fim de que as duas lágrimas prestes a escorrer se reabsorvessem e a pintura dos cílios não fundisse ao seu contato.
>
> — Bem. Espera, não terminou ainda.
>
> Retoquei todos os traços. A boca tremia um pouco. Deixou-se retocar pacientemente, suspirando como se eu estivesse fazendo nela um curativo. Para acabar, enchi-lhe o arminho com um pó de arroz mais rosado. Não falávamos, nem uma nem outra.
>
> — ...O que quer que aconteça — disse-lhe — não chore. De jeito nenhum te deixes dominar pelas lágrimas.
>
> ...Ela passou a mão entre a franja e a fronte.
>
> — Eu devia ter comprado sábado último aquele vestido preto que vi no revendedor... Escuta, não poderias emprestar-me meias muito finas? Nesta hora, não tenho mais tempo.
>
> — Mas naturalmente, naturalmente.

— Obrigada. Não achas que uma flor pode clarear o vestido? Não, nada de flor na blusa. É verdade que o perfume de Íris não está mais na moda? Parece-me que teria uma porção de coisas para te perguntar, uma porção de coisas...

E em outro de seus livros, *Le toutounier*, Colette evocou esse reverso da vida das mulheres. Três irmãs infelizes ou inquietas em seus amores reúnem-se todas as noites ao redor de um velho sofá de sua infância; aí se relaxam, ruminando as preocupações do dia, preparando as batalhas do amanhã, degustando os prazeres fugidios de uma refeição bem-preparada, de um bom sono, de um banho quente, de uma crise de lágrimas; não se falam quase, mas cada uma cria para as outras uma espécie de ninho; e tudo o que ocorre entre elas é verdadeiro.

Para certas mulheres essa intimidade frívola e cálida é mais preciosa do que a pompa séria das relações com os homens. É em outra mulher que a narcisista encontra, como no tempo de sua adolescência, um duplo privilegiado; é em seus olhos atentos e competentes que poderá admirar o vestido bem-cortado, o interior requintado. Para além do casamento, a amiga íntima permanece uma testemunha de escol: pode também continuar a apresentar-se como um objeto desejável, desejado. Em quase toda moça, dissemos, há tendências homossexuais: as carícias muitas vezes inábeis do marido não as dissipam; daí essa doçura sensual que a mulher conhece junto de suas semelhantes e que não tem equivalência entre os homens normais. Entre as duas amigas, o apego sensual pode sublimar-se em sentimentalismo exaltado, ou se traduzir por carícias difusas ou precisas. Suas carícias podem também não passar de um jogo que ocupa seus momentos de lazer — é o caso das mulheres de harém, cuja principal preocupação consiste em matar o tempo — e que podem assumir uma importância capital.

Entretanto, é raro que a cumplicidade feminina chegue a uma verdadeira amizade; as mulheres sentem-se mais espontaneamente solidárias do que os homens, mas no seio dessa solidariedade não é uma para a outra que se superam; juntas, voltam-se para o mundo masculino, cujos valores cada qual busca açambarcar para si. Suas relações não se constroem sobre sua singularidade, mas são imediatamente vividas em sua generalidade e, com isso, introduz-se, desde logo, um elemento de hostilidade. Natacha,[419] que adorava as mulheres de sua família porque podia lhes exibir os partos, entretanto tinha ciúme delas: em cada uma podia encarnar-se *a* mulher aos olhos de Pierre. O entendimento das mulheres entre si provém do fato de que se identificam umas

com as outras: mas por isso mesmo cada uma contesta a companheira. Uma dona de casa tem com a criada relações muito mais íntimas do que um homem — a não ser que seja pederasta — com seu criado ou seu motorista; trocam confidências, são cúmplices por vezes; mas há também entre elas uma rivalidade hostil, pois a patroa, embora livrando-se do fardo da execução do trabalho, quer ter a responsabilidade dele e o mérito; ela quer imaginar-se insubstituível, indispensável. "Basta não estar presente para que tudo vá mal." Ela tenta asperamente surpreender a criada em falta; se esta desempenha bem demais suas tarefas, a outra não pode mais conhecer o orgulho de ser a única. Da mesma maneira irrita-se sistematicamente contra as preceptoras, governantas, amas, babás que se ocupam de seus filhos, contra os pais e as amigas que a auxiliam; dá como pretexto o fato de que não respeitam "sua vontade", que não se conduzem de acordo com "suas ideias"; na verdade, não tem nem vontade nem ideias particulares; o que a irrita, ao contrário, é que outras desempenham suas funções exatamente da maneira como ela o faria. Aí se encontra uma das fontes principais de todas as discussões familiares e domésticas que envenenam a vida do lar: a mulher exige ainda mais rispidamente ser a soberana porque não tem nenhum meio de fazer com que lhe reconheçam os méritos pessoais. Mas é principalmente no campo do coquetismo e do amor que cada uma vê na outra uma inimiga; assinalei essa rivalidade nas moças; pois perpetua-se muitas vezes durante a vida toda. Vimos que o ideal da elegante, da mundana, é uma valorização absoluta; ela sofre por não sentir uma auréola em volta da cabeça; é para ela odioso perceber o mais tênue halo em outra fronte; todas as aprovações que a outra recolhe lhe são roubadas; e em que consiste um absoluto que não seja único? Uma amante sincera contenta-se com ser glorificada num coração; não inveja os êxitos superficiais de suas amigas mas sente-se em perigo no seu próprio amor. Na verdade, o tema da mulher enganada pela sua mulher amiga não é apenas um lugar-comum literário; quanto mais duas mulheres são amigas, mais perigosa se torna a dualidade. A confidente é convidada a ver através dos olhos da apaixonada, a sentir com seu coração, com sua carne: é atraída pelo amante, fascinada pelo homem que seduz a amiga; acredita-se suficientemente protegida pela sua lealdade para não temer os próprios sentimentos; aborrece-se também por desempenhar somente um papel irrelevante: logo estará prestes a ceder, oferecer-se. Prudentes, muitas mulheres, quando amam, evitam "as amigas íntimas". Essa ambivalência quase não permite às mulheres que confiem em seus sentimentos recíprocos. A sombra do macho lhes pesa sempre

fortemente; mesmo quando não falam dele é possível lhe aplicar o verso de St.-John Perse:

E o sol não é nomeado, mas sua presença está entre nós.[420]

Juntas vingam-se dele, armam-lhe armadilhas, amaldiçoam-no, insultam-no: mas esperam-no. Enquanto estagnam no gineceu, banham-se na contingência, no insulto e no tédio; esses limbos retiveram um pouco do calor do seio materno: mas são limbos. A mulher só se detém neles com prazer sob a condição de esperar emergir sem demora. Assim só se compraz na umidade morna do banheiro, se imaginando no salão iluminado em que logo entrará. As mulheres são companheiras de cativeiro, umas das outras, ajudam-se a suportar a prisão e até a preparar a fuga: mas o libertador virá do mundo masculino.

Para a grande maioria das mulheres, este mundo conserva seu brilho depois do casamento; só o marido perde seu prestígio; a mulher descobre que a pura essência de homem nele se degradou. Contudo o homem continua sendo a verdade do universo, a autoridade suprema, a maravilhosa aventura, o senhor, o olhar, a presa, a salvação, o prazer; encarna ainda a transcendência, é a resposta a todas as perguntas. E a mais leal das esposas nunca consente em renunciar inteiramente a ele para se encerrar na morna companhia de um indivíduo contingente. Sua infância deixou-lhe a necessidade imperiosa de um guia; quando o marido fracassa no desempenho desse papel, ela volta-se para outro homem. Às vezes o pai, um irmão, um tio, um parente, um velho amigo conservou seu antigo prestígio: nele é que ela se apoiará. Há duas categorias de homens cuja profissão os destina a tornarem-se confidentes e mentores: os padres e os médicos. Os primeiros têm a grande vantagem de não cobrar as consultas; o confessionário entrega-os sem defesa à tagarelice das devotas; fogem o quanto possível das "ratas de sacristia", das "rãs de água benta", mas seu dever é orientar as ovelhas pelo caminho da moral, dever tanto mais urgente quanto maior importância social e política têm as mulheres, pois a Igreja se esforça por fazer delas seu instrumento. O "diretor de consciência" dita à penitente suas opiniões políticas, manda em seu voto; e muitos maridos se irritam ao vê-lo imiscuir-se em sua vida conjugal: a ele é que cabe definir as práticas que são lícitas ou ilícitas no segredo da alcova; ele se interessa pela educação dos filhos, aconselha a mulher no que concerne ao conjunto das condutas com o marido. E aquela que sempre saudou no homem um deus, ajoelha-se delicada aos pés do macho que é o substituto terrestre de Deus. O médico defende-se melhor pelo fato de reclamar

emolumentos; e pode fechar a porta às clientes por demais indiscretas; mas são alvo de perseguições mais precisas, mais obstinadas; três quartos dos homens que as erotômanas perseguem são médicos; pôr-se nua diante de um homem representa para muitas mulheres um grande prazer exibicionista.

> Conheço algumas mulheres, diz Stekel, que encontram sua única satisfação em ser examinadas por um médico que lhes é simpático. É particularmente entre as solteironas que se encontra grande número de doentes que vão ver o médico para serem examinadas "cuidadosamente" por causa de fluxos de sangue sem importância ou de uma perturbação qualquer. Outras sofrem da fobia do câncer ou das infecções (nos W.C.) e tais fobias são um pretexto para se fazerem examinar.

Stekel cita, entre outros, os dois casos seguintes:

> Uma solteirona, B. V., de 43 anos, rica, vai ao médico uma vez por mês, depois das regras, exigindo um exame muito cuidadoso porque acredita que algo não vai bem. Muda todos os meses de médico e representa todas as vezes a mesma comédia. O médico pede-lhe que se dispa e se deite sobre a mesa ou o sofá. Ela recusa, dizendo que é muito pudica, que não pode fazer semelhante coisa, que é antinatural. O médico insiste, persuade-a docemente, ela despe-se afinal, explicando que é virgem e que ele não deve machucá-la. Ele promete-lhe fazer um toque retal. Muitas vezes o orgasmo ocorre logo no início do exame; repete-se, mais intenso, durante o toque retal. Ela apresenta-se sempre sob um nome falso e paga imediatamente... Confessa que agiu com a esperança de ser violentada por um médico.

> Mme L. M., 38 anos, casada, diz-me ser completamente insensível com o marido. Acaba de se fazer analisar. Depois de apenas duas sessões, confessa ter um amante. Mas ele não consegue fazê-la alcançar o orgasmo. Só o alcançava fazendo-se examinar por um ginecologista. (O pai era ginecologista!) Depois de aproximadamente duas ou três sessões, ela se sentiu na necessidade de ir a um médico para solicitar um exame. De tempos em tempos, pedia um tratamento, e eram seus momentos mais felizes. Da última vez, um ginecologista fizera-lhe longa massagem por causa de uma pretensa queda da matriz. Cada massagem acarretara vários orgasmos. Ela explica sua paixão por esses exames pelo primeiro toque que provocara o primeiro orgasmo de sua vida.

A mulher imagina facilmente que o homem a quem se exibiu ficou impressionado com seu encanto físico ou a beleza de sua alma e assim se persuade, nos casos patológicos, de que é amada por um padre ou um médico. Mesmo normal, tem a impressão de que entre ela e ele existe um laço sutil; compraz-se em uma obediência respeitosa; por vezes, aliás, encontra nisso uma segurança que a ajuda a aceitar a vida.

Há mulheres, entretanto, que não se contentam com alicerçar a existência numa autoridade moral; têm também necessidade de exaltação romântica no seio dessa existência. Se não querem nem enganar nem abandonar o marido,

recorrem à mesma manobra que a moça assustada com os machos de carne e osso: entregam-se a paixões imaginárias. Stekel dá-nos vários exemplos:[421]

> Uma mulher casada, muito decente, da melhor sociedade, queixa-se de seu estado nervoso e de depressões. Uma noite, na ópera, dá-se conta de que está loucamente apaixonada pelo tenor. Sente-se profundamente agitada ao ouvi-lo. Torna-se uma admiradora fervorosa do cantor. Não perde nenhuma representação, compra a fotografia dele, sonha com ele, manda-lhe flores com esta dedicatória: "De uma desconhecida reconhecida". Resolve mesmo escrever-lhe uma carta (assinada igualmente por uma "desconhecida"). Mas permanece longe dele. Apresenta-se uma oportunidade de travar conhecimento com o cantor. Sabe de imediato que não irá. Não quer conhecê-lo de perto. Não precisa de sua presença. É feliz amando com entusiasmo e permanecendo uma esposa fiel.

> Uma senhora entregava-se ao culto de Kainz, ator muito célebre em Viena. Instalara em seu apartamento um quarto de Kainz com numerosas fotografias do grande artista. Em um canto, havia uma biblioteca de Kainz. Tudo o que pudera colecionar; livros, brochuras ou jornais falando de seu herói, era cuidadosamente conservado, assim como uma coleção de programas de teatro, de estreias ou de jubileus de Kainz. O tabernáculo era uma fotografia assinada pelo grande artista. Quando seu ídolo morreu, a mulher pôs luto durante um ano e empreendeu longas viagens para ouvir conferências sobre Kainz. O culto de Kainz imunizara seu erotismo e sua sensualidade.

Todos recordam com que lágrimas foi recebida a notícia da morte de Rodolfo Valentino. Tanto mulheres casadas como moças rendem culto a heróis de cinema. São, às vezes, as imagens deles que evocam em seus prazeres solitários ou quando, nas carícias conjugais, apelam para fantasias; estes ressuscitam também muitas vezes sob a figura de um avô, um irmão, um professor etc., alguma recordação infantil.

Entretanto há também homens de carne e osso no ambiente da mulher; sexualmente satisfeita, frígida ou frustrada — salvo no caso muito raro de um amor completo, absoluto, exclusivo — ela concede grande valor à aprovação deles. O olhar demasiado cotidiano do marido não consegue mais animar sua imagem; ela tem necessidade de que olhos ainda cheios de mistérios a descubram ela própria como um mistério; é preciso uma consciência soberana em face dela para recolher-lhe as confidências, despertar as fotografias apagadas, fazer com que exista a covinha do canto da boca, esse bater de cílios que só a ela pertencem; ela só é desejável, amável se a desejam, se a amam. Acomoda-se mais ou menos a seu casamento, mas é principalmente a satisfação de sua vaidade que busca junto dos outros homens: convida-os a participarem do culto que rende a si mesma; seduz, agrada, contente em sonhar com amores proibidos, em pensar: "Se eu quisesse..."; gosta mais de encantar numerosos admiradores do que se

apegar profundamente a um deles; mais ardente, menos arisca do que uma moça, seu coquetismo pede aos homens que a confirmem na consciência de seu valor e de seu poder; é muitas vezes ainda mais ousada porque ancorada em seu lar, e tendo conseguido conquistar um homem, joga sem grandes esperanças nem grandes riscos.

Acontece que, após um período de fidelidade mais ou menos longo, a mulher não se detém mais nesses namoros e nessas faceirices. Frequentemente é por rancor que se decide a enganar o marido. Adler pretende que a infidelidade da mulher é sempre uma vingança; é ir longe demais; mas o fato é que muitas vezes ela cede menos à sedução do amante do que a um desejo de desafiar o marido: "Não é o único homem no mundo — há outros a quem posso agradar — não sou sua escrava, acredita-se muito esperto e deixa-se enganar". É possível que o marido ultrajado conserve aos olhos da mulher uma importância primordial; assim como a moça, por vezes, arranja um amante como revolta contra a mãe, como queixa contra os pais, para desobedecer-lhes, afirmar-se, uma mulher que seus próprios rancores se prendem ao marido procura no amante um confidente, uma testemunha que contemple seu personagem de vítima, um cúmplice que a ajude a diminuir o marido; fala-lhe deste sem cessar, a pretexto de entregá-lo a seu desprezo; se o amante não desempenha bem seu papel, ela se afasta dele aborrecida, seja para voltar ao marido, seja para procurar outro consolador. Mas é muitas vezes menos o rancor do que a decepção que a joga nos braços de um amante; não encontra o amor no casamento e resigna-se dificilmente a não conhecer jamais as volúpias e as alegrias cuja espera encantou sua juventude. O casamento, frustrando a mulher de toda satisfação erótica, denegando-lhe a liberdade e a singularidade de seus sentimentos, a conduz, através de uma dialética necessária e irônica, ao adultério.

> Nós as educamos desde a infância para as coisas do amor, diz Montaigne; sua graça, seus adornos, sua ciência, sua palavra, toda a instrução que se lhes dá, visam tão somente a esse fim. Suas governantas só lhe apresentam a imagem do amor, ainda que apenas para desgostá-las dela...

E acrescenta mais adiante:

> É portanto loucura tentar reprimir nas mulheres um desejo que lhes é tão picante e tão natural.

E Engels declara:

> Com a monogamia aparecem de maneira permanente duas figuras sociais características: o amante da mulher e o cornudo... Ao lado da monogamia e do heterismo, o adultério torna-se uma instituição social inelutável, proscrita, rigorosamente punida, mas impossível de ser suprimida.

Se as carícias conjugais excitaram a curiosidade da mulher sem lhe satisfazer os sentidos, como *L'lngénue libertine* de Colette, ela procura terminar sua educação nos leitos alheios. Se o marido conseguiu despertar-lhe a sexualidade, não tendo um apego especial por ele, desejará gozar com outros os prazeres que ele lhe revelou.

Moralistas indignaram-se com a preferência dada ao amante, e assinalei o esforço da literatura burguesa para reabilitar a figura do marido; mas é absurdo defendê-lo mostrando que constantemente aos olhos da sociedade — isto é, dos outros homens — tem ele mais valor do que o rival: o importante aqui é o que ele representa para a mulher. Ora, há dois traços essenciais que o tornam odioso. Primeiramente, é ele que assume o papel ingrato de iniciador. As exigências contraditórias da virgem que sonha, ao mesmo tempo, com ser violentada e respeitada, condenam-no quase necessariamente a um fracasso; ela permanece frígida para sempre nos braços dele; junto do amante não conhece ela as angústias do defloramento, nem as primeiras humilhações do pudor vencido; é-lhe poupado o trauma da surpresa; ela sabe mais ou menos o que a espera; mais sincera, menos suscetível, menos ingênua do que na noite de núpcias, não confunde mais o amor ideal com o apetite físico, o sentimento com perturbação dos sentidos: quando arranja um amante é exatamente um amante que quer. Essa lucidez é um aspecto da liberdade de sua escolha. Pois aí está o outro defeito que pesa sobre o marido: ele em geral foi suportado, não eleito. Ou ela o aceitou resignada, ou ela lhe foi entregue pela família. E ainda que o tivesse desposado por amor, ao se casar fez dele seu senhor; suas relações tornaram-se um dever e muitas vezes ele se apresentou a ela sob a figura de um tirano. Provavelmente, a escolha de um amante é limitada pelas circunstâncias, mas há nessa relação uma dimensão de liberdade; casar-se é uma obrigação, ter um amante, um luxo; é porque ele a solicitou que a mulher cede; tem certeza, senão do amor, ao menos do desejo dele; não é para obedecer às leis que ele resolve agir. Tem ele também o privilégio de não desgastar suas seduções nem seu prestígio nos atritos da vida cotidiana: permanece a distância: um *outro.* Por isso tem a mulher, em seus encontros, a impressão de sair de si, de atingir riquezas novas: ela sente-se outra. É sobretudo o que certas mulheres procuram numa ligação: ser ocupadas, surpreendidas, arrancadas de si mesmas pelo outro. Uma ruptura deixa nelas um

sentimento desesperado de vazio. Janet[422] cita vários casos dessas melancolias que nos mostram em profundidade o que a mulher procurava e encontrava no amante:

> Uma mulher de 39 anos, desesperada por ter sido abandonada por um escritor que durante cinco anos a tinha associado a seus trabalhos, escreve a Janet: "Ele tinha uma vida tão rica e era tão tirânico que eu não podia ocupar-me senão dele e não podia pensar em outra coisa".
>
> Outra, de 31 anos, ficara doente em consequência de uma ruptura com um amante que adorava. "Desejaria ser um tinteiro de sua escrivaninha para vê-lo e ouvi-lo", diz ela. E explica: "Sozinha eu me aborreço, meu marido não faz minha cabeça trabalhar suficientemente, não sabe nada, não me ensina nada, não *me surpreende...* só tem um bom senso vulgar, isso me aflige". Do amante, ao contrário, escrevia: "É um homem *surpreendente*, nunca o vi perturbado um só minuto, comovido, alegre, relaxado; sempre senhor de si, zombeteiro, de uma frieza capaz de matar de tristeza. Ao lado disso, uma audácia, um sangue-frio, uma finura de espírito, uma vivacidade de inteligência que me faziam perder a cabeça..."

Há mulheres que só experimentam esse sentimento de plenitude e de excitação alegre nos primeiros momentos da ligação; se o amante não lhes dá prazer imediatamente — o que acontece frequentemente na primeira vez, já que os parceiros se encontram intimidados e inadaptados um ao outro — elas sentem rancor e repugnância contra ele; essas "Messalinas" multiplicam as experiências e passam de um amante a outro. Mas acontece também que a mulher esclarecida pelo fracasso conjugal seja atraída então pelo homem que precisamente lhe convém e assim se crie entre ambos uma ligação duradoura. Muitas vezes ele lhe agradará por ser um tipo radicalmente oposto ao do marido. Foi sem dúvida o contraste, que Sainte-Beuve oferecia em relação a Victor Hugo, que seduziu Adèle. Stekel cita o caso seguinte:

> Mme P. H. está casada há oito anos com um sócio de um clube de atletismo. Vai a uma clínica ginecológica em virtude de uma ligeira salpingite, queixando-se de que o marido não a deixa sossegada... sente somente dores. O homem é rude e brutal. Ele acaba arranjando uma amante e a esposa fica feliz com isso. Quer divorciar-se e no escritório do advogado conhece um secretário que é exatamente o contrário do marido. É esbelto, frágil, mas muito amável e terno. Tornam-se íntimos; o homem procura seu amor, escreve-lhe muitas cartas cheias de ternura, tem mil gentilezas para com ela. Descobrem interesses espirituais comuns... O primeiro beijo faz que desapareça sua anestesia... A potência relativamente fraca desse homem acarreta os mais intensos orgasmos na mulher... Depois do divórcio, casaram-se, e viveram muito felizes... Ele conseguia provocar o orgasmo com beijos e carícias. Era essa mesma mulher que o marido extremamente potente acusava de frigidez!

Nem todas as ligações acabam assim em conto de fadas. Tal como a moça, que sonha com um libertador que a arranque do lar paterno, a mulher espera que o amante a livre do jugo conjugal: é um tema frequentemente explorado o do amante ardoroso que esfria e foge quando a amante começa a falar de casamento; muitas vezes ela se sente magoada pelas reticências dele e essas relações são por sua vez pervertidas pelo rancor e pela hostilidade. Ao se estabilizar, frequentemente uma ligação acaba assumindo um caráter familiar e conjugal; nela se reencontram o tédio, o ciúme, a prudência, o ardil, todos os vícios da casamento. E a mulher sonha com outro homem que a tire dessa rotina.

O adultério reveste aliás aspectos muito diferentes, segundo os costumes e as circunstâncias. A infidelidade conjugal apresenta-se ainda, em nossa civilização, em que as tradições patriarcais sobrevivem, como muito mais grave para a mulher do que para o homem:

> Iníqua avaliação dos vícios!, diz Montaigne. Encaramos e pesamos os vícios não de acordo com sua natureza mas segundo o nosso interesse, por isso assumem eles tantas formas desiguais. A dureza de nossas leis torna a prática desse vício pelas mulheres mais obstinada e viciosa do que exigiria sua condição e as impele a consequências piores do que a causa.

Vimos quais as razões originais dessa severidade: o adultério da mulher, introduzindo na família o filho de um estranho, corre o risco de frustrar os herdeiros legítimos; o marido é o senhor, a mulher sua propriedade. As mudanças sociais, a prática do controle de natalidade enfraqueceram bastante esses motivos. Mas a vontade de manter a mulher em estado de dependência perpetua as proibições de que a cercam ainda. Muitas vezes ela as interioriza; e fecha os olhos às estroinices conjugais sem que sua religião, moralidade e "virtude" lhe permitam encarar qualquer reciprocidade. O controle exercido pelo ambiente — em particular nas "cidadezinhas" do Velho como do Novo Mundo — é muito mais severo do que o que pesa sobre o marido: ele sai mais, viaja, toleram-se os seus erros com muito mais indulgência, ao passo que ela se arrisca a perder sua reputação e sua situação de mulher casada. Descreveram-se muitas vezes os ardis através dos quais a mulher consegue furtar-se a tais vigilâncias: conheço uma cidadezinha portuguesa de uma severidade à moda antiga, em que as jovens só saem acompanhadas por uma sogra ou por uma cunhada; mas o cabeleireiro aluga quartos localizados em cima de seu salão; entre a "permanente" e um penteado, os amantes se encontram apressadamente. Nas grandes cidades a mulher tem menor número de carcereiros: mas os

encontros "de cinco a sete" que se praticavam outrora não permitiam, tampouco, os sentimentos ilegítimos desabrocharem com êxito. Rápido, clandestino, o adultério não cria relações humanas e livres; as mentiras que implica acabam negando toda dignidade às relações conjugais.

Em muitos meios, as mulheres conquistaram hoje parcialmente sua liberdade sexual. Mas é ainda, para elas, um problema difícil conciliar a vida conjugal com satisfações eróticas. Não implicando o casamento geralmente amor físico, pareceria razoável dissociar francamente um do outro. Admite-se que o homem possa ser excelente marido e no entanto volúvel: seus caprichos sexuais não o impedem, com efeito, de orientar amigavelmente com a mulher o empreendimento de uma vida comum; essa amizade será mesmo tanto mais pura, menos ambivalente, quanto menos represente uma prisão. Poderíamos admitir que o mesmo aconteça a esposa; ela deseja muitas vezes partilhar a existência do marido, criar com ele um lar para os filhos e contudo conhecer outras carícias. São os compromissos de prudência e de hipocrisia que tornam o adultério degradante; um pacto de liberdade e de sinceridade aboliria uma das falhas do casamento. Entretanto, é preciso reconhecer que *hoje* a fórmula irritante que inspirou a Francillon de Dumas Filho: "Para a mulher não é a mesma coisa", é parcialmente verdadeira. A diferença nada tem de *natural.* Pretende-se que a mulher tem menos necessidade sexual do que o homem: nada é menos certo; as mulheres recalcadas são esposas rabugentas, mães sádicas, donas de casa maníacas, criaturas infelizes e perigosas; mas ainda que seus desejos fossem mais raros não seria uma razão para achar supérfluo que os satisfizesse. A diferença vem do conjunto da situação erótica do homem e da mulher, tal como a tradição e a sociedade a definem. Considera-se ainda o ato amoroso na mulher como um *serviço* prestado ao homem e que faz que este se apresente como seu senhor; vimos que ele pode sempre *arranjar* uma inferior, mas que ela se degrada entregando-se a um homem que não é de seu nível. Seu consentimento tem, em todo caso, o caráter de uma rendição, de uma queda. Uma mulher aceita às vezes de bom grado que o marido possua outras mulheres: sente-se até lisonjeada com isso; parece que Adèle Hugo viu, sem o lamentar, o marido fogoso orientar seu ardor para outros leitos; algumas mesmo, imitando a Pompadour, aceitam tornar-se alcoviteiras.[423] Ao contrário, na relação, a mulher é transformada em objeto, em presa; afigura-se ao marido que ela se impregnou de um poder estranho, deixou de ser sua, a roubaram dele. E o fato é que, na cama, a mulher muitas vezes sente-se, quer-se, e por conseguinte, é dominada; é verdade também que por causa do prestígio viril

ela tende a aprovar, a imitar o homem que, tendo-a possuído, encarna a seus olhos o homem na sua totalidade. O marido irrita-se, não sem razão, ao ouvir numa boca familiar o eco de um pensamento alheio; parece-lhe um pouco que ele é que foi possuído, violentado. Se Mme de Charrière rompeu com o jovem Benjamin Constant — que entre duas mulheres viris representava um papel feminino — foi porque não suportava senti-lo marcado pela influência detestada de Mme de Staël. Enquanto a mulher se faz escrava e reflexo do homem a quem ela se "entrega", deve reconhecer que suas infidelidades a arrancam mais radicalmente do marido do que infidelidades recíprocas.

Se ela conserva sua integridade, pode entretanto temer que o marido seja diminuído na consciência do amante. Uma mulher pode mesmo imaginar que deitando com um homem — embora uma só vez, às pressas, num sofá — adquire uma superioridade sobre a esposa legítima; com muito mais razão um homem que acredita possuir a amante considera que prega uma peça no marido dela. É por isso que em *Tendresse*, de Bataille, em *Belle de jour* de Kessel, a mulher tem o cuidado de escolher amantes de baixa condição: ela procura com eles satisfações sexuais, mas não quer dar-lhes ascendência sobre o marido respeitado. Em *Condition humaine*, Malraux nos mostra um casal em que marido e mulher fizeram um pacto de liberdade recíproca: entretanto, quando May conta a Kyo que dormiu com um camarada, ele sofre, pensando que esse homem imaginou tê-la "tido"; ele escolheu respeitar-lhe a independência porque sabe que nunca se *tem* ninguém; mas as ideias complacentes por outro acariciadas magoam-no e humilham-no através de May. A sociedade confunde a mulher livre com a mulher fácil; o próprio amante não reconhece de bom grado a liberdade de que se aproveita; prefere acreditar que a amante cedeu, deixou-se arrastar, que ele a conquistou, a seduziu. Uma mulher orgulhosa pode pessoalmente tirar partido da vaidade do parceiro; mas será odioso para ela que um marido estimado suporte a arrogância dessa vaidade. É muito difícil para uma mulher agir em nível de igualdade com o homem enquanto essa igualdade não for universalmente reconhecida e concretamente realizada.

De qualquer modo, adultério, amizades, vida mundana não constituem, na vida conjugal, apenas divertimentos; podem ajudar a suportar as pressões mas não as destroem. São falsas evasões que não permitem em absoluto à mulher ser autenticamente dona de seu destino.

4/**Prostitutas e cortesãs**

Vimos que o casamento[424] tem como correlativo imediato a prostituição. "O heterismo, diz Morgan, acompanha a humanidade até em sua civilização como uma sombra projetada sobre a família." Por prudência, o homem obriga a esposa à castidade, mas não se satisfaz com o regime que lhe impõe.

> Os reis da Pérsia, conta Montaigne, que lhes aprova a sabedoria, convidavam suas mulheres para lhes fazerem companhia em seus festins; mas, quando o vinho principiava a esquentá-los de verdade e lhes era preciso dar rédeas à volúpia, mandavam-nas de volta a seus lares para que não participassem de seus imoderados apetites e ordenavam que em seu lugar viessem mulheres que eles não tivessem a obrigação de respeitar.

É preciso que haja esgotos para assegurar a salubridade dos palácios, diziam os padres da Igreja. E Mandeville, em uma obra que teve repercussão: "É evidente que existe uma necessidade de sacrificar uma parte das mulheres para conservar a outra e evitar uma sujeira de natureza mais repugnante." Um dos argumentos dos escravocratas norte-americanos em favor da escravidão era que, estando os brancos do Sul desobrigados das tarefas servis, podiam manter entre si as relações mais democráticas, mais requintadas; do mesmo modo, a existência de uma casta de "mulheres perdidas" permite tratar as "mulheres honestas" com o mais cavalheiresco respeito. A prostituta é o bode expiatório; o homem liberta-se nela de sua turpitude e a renega. Quer um estatuto legal a coloque sob a fiscalização policial, quer trabalhe na clandestinidade, é ela sempre tratada como pária.

Do ponto de vista econômico, sua situação é simétrica à da mulher casada. "Entre as que se vendem pela prostituição e as que se vendem pelo casamento, a única diferença consiste no preço e na duração do contrato", diz Marro.[425] Para ambas, o ato sexual é um serviço; a segunda é contratada pela

vida inteira por um só homem; a primeira tem vários clientes que lhe pagam por vez. Aquela é protegida por um homem contra os outros, esta é defendida por todos contra a tirania exclusiva de cada um. Em todo caso, os benefícios que tiram de seu corpo são limitados pela concorrência; o marido sabe que poderia ter tido outra esposa: o cumprimento dos "deveres conjugais" não é uma graça, é a execução de um contrato. Na prostituição, o desejo masculino, sendo específico e não singular, pode satisfazer-se com qualquer corpo. Esposa ou coretsã só conseguem explorar o homem se assumem uma ascendência singular sobre ele. A grande diferença entre elas está em que a mulher legítima, oprimida enquanto mulher casada, é respeitada como pessoa humana; esse respeito começa a pôr seriamente em xeque a opressão. Ao passo que a prostituta não tem os direitos de uma pessoa; nela se resumem, ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão feminina.

É ingênuo perguntar que motivos levam a mulher à prostituição; não se acredita mais hoje na teoria de Lombroso, que assimilava as prostitutas aos criminosos e via em ambos degenerados; é possível, como afirmam as estatísticas, que de uma maneira geral o nível mental das prostitutas esteja um pouco abaixo da média e que algumas sejam francamente débeis mentais: as mulheres cujas faculdades mentais são retardadas escolhem com frequência um ofício que não exija delas nenhuma especialização; mas em sua maioria elas são normais, algumas muito inteligentes. Nenhuma fatalidade hereditária, nenhuma tara fisiológica pesa sobre elas. Na verdade, em um mundo atormentado pela miséria e pela falta de trabalho, desde que se ofereça uma profissão, há quem a siga; enquanto houver polícia e prostituição, haverá policiais e prostitutas. Ainda mais porque tais profissões rendem muito mais do que outras. É muita hipocrisia espantar-se com as ofertas que suscita a procura masculina; trata-se de um processo econômico rudimentar e universal. "De todas as causas da prostituição, escrevia em 1857 Parent-Duchâtelet durante sua pesquisa, nenhuma é mais ativa do que a falta de trabalho e a miséria, consequência inevitável dos salários insuficientes." Os moralistas bem-pensantes respondem, debochando, que as histórias comoventes das prostitutas são romances para uso do cliente ingênuo. Com efeito, em muitos casos, a prostituta teria podido ganhar a vida de outro modo: mas, se o que escolheu não lhe parece o pior, não é prova de que tenha o vício no sangue; isso antes condena uma sociedade em que tal profissão é ainda uma das que parecem menos rebarbativas a muitas mulheres. Perguntam: Por que ela a escolheu? A pergunta deveria ser antes: Por que não a teria escolhido? Observou-se, entre outras coisas, que boa parte

das prostitutas se recrutava entre as domésticas; foi o que estabeleceu Parent-Duchâtelet para todos os países, o que Lily Braun notava na Alemanha e Rickère na Bélgica. Cinquenta por cento mais ou menos das prostitutas foram primeiramente criadas. Um olhar nos "quartos de criadas" basta para explicar o fato. Explorada, escravizada, tratada como objeto mais do que como pessoa, a arrumadeira, a criada de quarto, não espera nenhuma melhoria da sorte no futuro; às vezes, tem que suportar os caprichos do dono da casa: da escravidão doméstica, dos amores ancilares, ela desliza para uma escravidão que não pode ser mais degradante e que ela imagina mais feliz. Além disso, as empregadas domésticas são o mais das vezes desenraizadas: calcula-se que 80% das prostitutas parisienses vêm da província ou do campo. A proximidade da família, a preocupação com a reputação impediriam a mulher de abraçar uma profissão geralmente desconsiderada; mas, perdida na cidade grande, não estando mais integrada na sociedade, a ideia abstrata de "moralidade" não lhe opõe nenhum obstáculo. Assim como a burguesia cerca o ato sexual — e principalmente a virgindade — de tabus temíveis, em muitos meios camponeses e operários isso tudo se afigura indiferente. Muitas pesquisas concordam a esse respeito: há muitas mulheres que se deixam deflorar pelo primeiro que aparece e que acharão em seguida natural entregar-se ao primeiro que surgir. Numa pesquisa realizada com cem prostitutas, o Dr. Bizard salientou os seguintes fatos: uma fora deflorada aos 11 anos, duas aos 12, duas aos 13, seis aos 14, sete aos 15, vinte e uma aos 16, dezenove aos 17, dezessete aos 18, seis aos 19; as outras depois dos 21 anos. Havia portanto 5% que tinham sido violentadas antes de formadas. Mais de metade dizia ter-se entregue por amor; as outras tinham consentido por ignorância. O primeiro sedutor é muitas vezes jovem. É frequentemente um colega do curso ou do escritório, um amigo de infância; vêm a seguir os militares, os contramestres, os criados, os estudantes; a lista do Dr. Bizard comportava, ademais, dois advogados, um arquiteto, um médico, um farmacêutico. É bastante raro que seja, como quer a lenda, e próprio patrão quem desempenhe esse papel de iniciador: mas é o filho dele, muitas vezes, ou o sobrinho, ou um amigo. Commenge, em seu estudo, assinala também 45 jovens, de 12 a 17 anos, que teriam sido defloradas por desconhecidos que nunca mais teriam visto; tinham consentido com indiferença, sem experimentar nenhum prazer. Entre outros casos, o Dr. Bizard assinala mais precisamente os seguintes:

> Mlle G., de Bordéus, voltando do convento aos 18 anos, deixa-se arrastar, sem pensar nas consequências, para um carro de saltimbancos, onde é deflorada por um cigano desconhecido.

Uma menina de 13 anos entrega-se sem refletir a um senhor que encontrou na rua, que não conhece e que nunca mais verá.

M... conta-nos textualmente que foi deflorada aos 17 anos por um rapaz que não conhecia... deixou-o fazer por completa ignorância.

R... deflorada com 17 anos e meio por um jovem que nunca vira e que, por acaso, encontrara no consultório de um médico da vizinhança, que fora chamar para a irmã doente, um rapaz que a trouxe de carro para que chegasse mais depressa e, na realidade, depois de obter o que desejava a largara em plena rua.

B... deflorada com 15 anos e meio, "sem pensar no que fazia", diz textualmente nossa cliente, por um jovem que nunca tornou a ver; nove meses depois, deu à luz um filho com boa saúde.

S... deflorada aos 14 anos por um rapaz que a levou para casa a pretexto de lhe apresentar a irmã. O rapaz na realidade não tinha irmã, mas tinha sífilis e contaminou a menina.

R... deflorada aos 18 anos, numa antiga trincheira do *front*, por um primo casado e com quem visitava os campos de batalha. Ele a engravidou e a obrigou a abandonar a família.

C... deflorada aos 17 anos, na praia, numa noite de verão, por um jovem que acabara de conhecer no hotel, a cem metros das duas mães que conversam frivolidades. Contaminada por blenorragia.

L... deflorada com 13 anos, pelo tio, enquanto ouviam rádio, e a tia, que gostava de dormir cedo, repousava tranquilamente no quarto ao lado.

Essas jovens, que cederam passivamente, nem por isso deixaram de sofrer, podemos ter certeza, o trauma do defloramento; desejaríamos saber que influência psicológica teve essa experiência brutal no futuro delas; mas não se psicanalisam prostitutas: são inábeis na descrição de si mesmas e escondem-se atrás de lugares-comuns. Em algumas, a facilidade de se entregar a qualquer um explica-se pela existência de fantasmas da prostituição de que falamos: por rancor familiar, horror à sua sexualidade nascente, desejo de desempenhar o papel de adulto; há moças bem jovens que imitam as prostitutas: pintam-se exageradamente, recebem rapazes, mostram-se coquetes e provocantes; ainda infantis, assexuadas, pouco sensuais, acreditam poder brincar com o fogo impunemente; um dia um homem as toma a sério e elas passam dos sonhos aos atos.

"Quando uma porta foi arrombada, é difícil depois mantê-la fechada", dizia uma jovem prostituta de 14 anos.[426] Entretanto a moça raramente se decide a "fazer o *trottoir*" logo depois do defloramento. Em certos casos, continua apegada ao primeiro amante e a viver com ele; arranja um ofício "honesto"; quando o amante a abandona, outro a consola; como não pertence mais a um homem só, acha que pode dar-se a todos; por vezes é o amante — o primeiro ou o segundo — que sugere esse meio de ganhar dinheiro. Há também muitas moças que são prostituídas pelos pais: em certas famílias — como na célebre

família norte-americana dos Juke — todas as mulheres são destinadas a essa profissão. Entre as jovens vagabundas, numerosas meninas abandonadas pelos seus começam pela mendicância e deslizam para a prostituição. Em 1857, Parent-Duchâtelet verificara que, em 5.000 prostitutas, 1.441 tinham sido influenciadas pela pobreza, 1.425 seduzidas e abandonadas, 1.255 abandonadas e deixadas sem recursos pelos pais. As pesquisas modernas sugerem mais ou menos as mesmas conclusões. A doença leva muitas vezes à prostituição a mulher incapacitada para um trabalho verdadeiro, ou que perdeu seu lugar; ela destrói o equilíbrio precário do orçamento, obriga a mulher a inventar apressadamente novos recursos. De igual modo, o nascimento de um filho. Mais da metade das mulheres de Saint-Lazare tiveram um filho pelo menos; muitas criaram de três a seis; o Dr. Bizard refere-se a uma que deu à luz 14, dos quais oito viviam ainda quando ele a conheceu. Poucas são, diz ele, as que abandonam o filho; e acontece de, para alimentá-lo, se fazerem prostitutas. Ele cita este caso entre outros:

> Deflorada na província, com a idade de 19 anos, por um patrão de sessenta quando ainda vivia com a família, foi obrigada, estando grávida, a abandonar os seus para dar à luz uma menina com boa saúde e que educou muito corretamente. Depois do parto veio para Paris, onde trabalhou como ama, tendo começado a prostituir-se aos 29 anos. Prostitui-se, portanto, há 33 anos. Sem mais forças nem coragem, pede agora para ser hospitalizada em Saint-Lazare.

Sabe-se que há recrudescência da prostituição durante as guerras e as crises que a elas se seguem.

A autora de *La Vie d'une prostituée*, publicada em parte em *Temps modernes*,[427] conta assim o início de sua carreira:

> Casei-me aos 16 anos com um homem 13 anos mais velho do que eu. Foi para sair de casa de meus pais que me casei. Meu marido só pensava em me fazer filhos. "Assim ficarás em casa, não sairás", dizia-me. Não queria que eu me pintasse, não queria levar-me ao cinema. Eu tinha que suportar a sogra, que vinha a nossa casa todos os dias e dava sempre razão ao salafrário do filho. Meu primeiro filho foi um menino, Jacques; 14 meses depois, dei à luz outro menino, Pierre... Como me aborrecia muito, resolvi seguir um curso de enfermagem, isso me agradava muito... Entrei para um hospital, seção de mulheres, nos subúrbios de Paris. Uma enfermeira, que era ainda uma criança, ensinou-me coisas que eu não conhecia. Dormir com o marido era mais uma tarefa do que qualquer outra coisa. Na seção dos homens fiquei seis meses sem me aproximar de ninguém. Eis que um dia um cara "duro", meio malandro, mas bonitão, entra no meu quarto particular... Dá-me a entender que poderia mudar de vida, que iria com ele para Paris, que não trabalharia mais... Durante um mês fui realmente feliz... Um dia ele trouxe uma mulher bem-vestida, elegante, dizendo: "Esta sabe defender-se." A

princípio não quis. Arranjei mesmo um lugar de enfermeira numa clínica de bairro para mostrar-lhe que não queria prostituir-me, mas não podia resistir muito tempo. Ele me dizia: "Não me amas. Quando uma mulher ama seu homem, trabalha para ele." Eu chorava. Na clínica, andava triste. Finalmente deixei que me conduzisse ao cabeleireiro... Comecei a aceitar encontros. Julot seguia-me, para ver se eu sabia me defender direito e para me avisar no caso de surgirem tiras...

Por certos aspectos, esta história está de acordo com a história clássica da mulher entregue à prostituição por um cafetão. Acontece ser este papel desempenhado pelo marido. Em alguns casos por uma mulher. L. Faivre realizou em 1931 uma pesquisa entre 510 prostitutas;[428] verificou que 284 viviam sós, 132 tinham um amigo, 94 uma amiga a quem se achavam ordinariamente unidas por laços homossexuais. Ele cita trechos de algumas cartas:

Suzanne, 17 anos. Entreguei-me à prostituição principalmente com prostitutas. Uma que ficou comigo muito tempo era muito ciumenta, por isso saí da rua...

Andrée, 15 anos e meio. Deixei meus pais para morar com uma amiga que encontrei num baile. Percebi logo que queria me amar como um homem, fiquei com ela quatro meses, depois...

Jeanne, 14 anos. Meu pobre paizinho chamava-se X... Morreu, em consequência da guerra, no hospital, em 1922. Minha mãe tornou a casar-se. Eu ia à escola para obter meu diploma, e tendo-o conseguido tive que aprender a costurar... depois, ganhando muito pouco, começaram as discussões com meu padrasto... Tive que ser colocada como criada em casa de Mme X... Estava sozinha há dez dias com a filha dela, que podia ter cerca de 25 anos, quando notei uma grande mudança nela. E um dia, como um rapaz, ela me confessou seu grande amor. Hesitei e depois, com medo de ser despedida, cedi; compreendi então certas coisas... Trabalhei e depois, ficando sem trabalho, tive que ir ao *Bois* onde me prostituí com mulheres. Conheci uma senhora muito generosa etc.

Muitas vezes a mulher encara a prostituição como um meio provisório de aumentar seus recursos. Mas já se descreveu mais de uma vez como se vê amarrada a seguir. Se os casos de "tráfico de brancas" em que ela é arrastada para a engrenagem pela violência, falsas promessas, mistificações etc, são relativamente raros, é frequente entretanto que fique retida na carreira contra sua vontade. O capital necessário ao início foi-lhe fornecido por um cafetão, ou uma cafetina, que assim adquiriu direitos sobre ela e recolhe a maior parte dos benefícios sem que ela possa libertar-se. Marie Thérèse lutou verdadeiramente durante anos antes de consegui-lo.

Compreendi finalmente que Julot só queria a "grana" e pensei que, longe dele, poderia economizar algum dinheiro... No bordel, a princípio, eu era tímida, não ousava aproximar-me dos homens e dizer-lhes: Sobe comigo? A mulher de um amigo de Julot vigiava-me de perto e até contava meus encontros... Eis que

Julot me escreve que devo entregar todas as noites meu dinheiro à patroa: "Assim não te roubarão..." Quando quis comprar um vestido, a patroa disse-me que Julot a proibira de me dar meu dinheiro... resolvi largar o mais depressa possível essa casa de tolerância. Quando a patroa soube que eu queria partir, não me deu o tampão[429] antes da visita, como das outras vezes, e fui detida e recolhida a um hospital... Tive que retornar ao bordel para ganhar o dinheiro de minha viagem... Mas só fiquei lá durante quatro semanas... Trabalhei alguns dias em Barbès como antes, mas estava por demais ressentida com Julot para ficar em Paris: discutíamos, ele me batia, de uma feita quase me jogou pela janela... Arranjei-me com um intermediário para ir para a província. Quando me dei conta de que ele conhecia Julot, não fui ao encontro combinado. As duas mulheres dele encontraram-me posteriormente na rua Belhomme e deram-me uma surra... No dia seguinte fiz minha maleta e fui sozinha para a ilha de T... Ao fim de três semanas estava farta do bordel, escrevi ao médico a fim de que me mandasse sair quando viesse para a visita... Julot me viu no bulevar Magenta e me bateu... Fiquei com o rosto marcado depois da surra no bulevar Magenta. Estava farta de Julot. Assinei por isso um contrato para partir para a Alemanha...

A literatura popularizou a figura de "Julot". Ele desempenha na vida da prostituta um papel de protetor. Adianta-lhe dinheiro para que compre vestidos, defende-a contra a concorrência de outras mulheres, contra a polícia — é ele próprio, por vezes, um policial — contra os fregueses. Estes gostariam de poder consumir sem pagar; alguns satisfariam de bom grado seu sadismo com a mulher. Em Madri, há alguns anos, a juventude fascista e rica divertia-se jogando as prostitutas no rio, nas noites frias; na França os estudantes, de farra, levam por vezes mulheres para o campo a fim de abandoná-las, à noite, inteiramente nuas; para receber seu dinheiro, evitar os maus-tratos, a prostituta tem necessidade de um homem. Ele lhe dá igualmente um apoio moral: "Sozinha, a gente trabalha menos bem, tem menos coragem, relaxa", dizem algumas. Muitas vezes ela tem amor por ele; é por amor que se dedica à profissão ou a justifica; há em seu meio uma enorme superioridade do homem sobre a mulher: essa distância favorece o amor-religião, o que explica a abnegação apaixonada de certas prostitutas. Na violência de seu homem, elas veem um sinal de virilidade e mais docilmente se submetem a ele. Conhecem com ele ciúmes, tormentos, mas também as alegrias da mulher apaixonada.

Entretanto, às vezes só têm por ele hostilidade, rancor: é por medo, é porque eles as têm nas mãos que permanecem submissas, como se viu no caso de Marie Thérèse. Muitas vezes, consolam-se então com um "amor" escolhido entre os fregueses.

Todas as mulheres, além de seu Julot, tinham "amores", eu também, escreve Marie Thérèse. Era um marinheiro bonitão. Embora fizesse amor muito bem, eu não podia juntar-me com ele, mas

tínhamos grande amizade um pelo outro. Muitas vezes ele subia comigo sem fazer amor, só para conversar, dizia-me que eu devia sair dali, que meu lugar não era ali.

Elas também se consolam com mulheres. Numerosas prostitutas são homossexuais. Vimos que havia muitas vezes uma aventura homossexual no início de sua carreira. Segundo Anna Rueling, na Alemanha, cerca de 20% das prostitutas seriam homossexuais. Faivre observa que, na prisão, jovens detentas trocam cartas pornográficas e apaixonadas que assinam "Unidas para toda a vida". Tais cartas são homólogas às que se escrevem as jovens escolares que alimentam "chamas" em seus corações; estas são menos sabidas, mais tímidas; aquelas são mais profundas nos seus sentimentos, tanto nas palavras como nos atos. Vê-se na vida de Marie Thérèse — que foi iniciada na volúpia por uma mulher — o papel privilegiado que desempenha a "amiguinha" em face do freguês desprezado, do cafetão autoritário:

Julot trouxera uma mulher, uma pobre criadinha que não tinha sequer sapatos. Compraram-lhe tudo no "mercado das pulgas", depois ela veio trabalhar comigo. Era muito gentil e como, além disso, gostava de mulheres, entendíamo-nos muito bem. Lembrava-me tudo o que aprendi com a enfermeira. Divertíamo-nos muitas vezes e, ao invés de trabalhar, íamos ao cinema. Eu estava contente por tê-la conosco.

Vê-se que a amiguinha desempenha mais ou menos o mesmo papel que a amiga íntima para a mulher honesta confinada entre mulheres: é uma companheira de prazeres, é com ela que as relações são livres, gratuitas, e que, por conseguinte, podem ser desejadas; cansada dos homens, enojada deles ou desejando uma diversão, é nos braços de outra mulher que muitas vezes a prostituta procura relaxamento e prazer. Em todo caso, a cumplicidade de que falei, e que une imediatamente as mulheres, existe mais fortemente nesse caso do que em qualquer outro. Pelo fato de suas relações com metade da humanidade serem de natureza comercial, pelo fato de o conjunto da sociedade as tratar como párias, as prostitutas têm entre si uma solidariedade estreita; podem ser rivais, ter ciúmes, insultar-se, brigar, mas têm profunda necessidade umas das outras para construírem um "contrauniverso" em que reencontram sua dignidade humana; a companheira é a confidente e a testemunha privilegiada; ela é quem aprecia o vestido, o penteado — meios destinados a seduzir o homem mas que se apresentam como fins em si aos olhos invejosos ou admirativos das outras mulheres.

Quanto às relações da prostituta com os fregueses, as opiniões se dividem e os casos são, sem dúvida, variáveis. Observou-se, frequentemente, que reserva para o amante do coração o beijo na boca, a expressão de uma livre ternura e que não estabelece nenhuma comparação entre as carícias amorosas e as profissionais. Os testemunhos dos homens são suspeitos porque a vaidade os incita a se deixarem iludir por comédias de gozo. É preciso dizer que as circunstâncias são muito diferentes, segundo se trata de um "sexo selvagem", frequentemente seguido de exaustão física, de um encontro rápido, de uma "dormida", ou de relações constantes com um freguês habitual. Marie Thérèse geralmente exercia a profissão com indiferença, mas evoca certas noites com delícia; teve "amores" e diz que todas as suas amigas também os tinham. Em certos casos a mulher recusa-se a receber dinheiro de um freguês que lhe agradou ou, às vezes, se ele está "apertado", oferece-lhe auxílio. Em geral, entretanto, a mulher trabalha "a frio". Algumas só têm, pelo conjunto de sua freguesia, uma indiferença matizada de desprezo. "Como os homens são bobos! As mulheres podem encher-lhes a cabeça com o que querem!" escreve Marie Thérèse. Mas muitas sentem um rancor enojado contra os homens; sentem-se principalmente repugnadas com seus vícios. Seja porque vão ao bordel a fim de satisfazer os vícios que não ousam revelar à mulher ou à amante, seja porque o fato de estar no bordel os incita a inventar vícios, muitos homens exigem "fantasias" da prostituta. Marie Thérèse queixava-se, em particular, de terem os franceses uma imaginação insaciável. As doentes tratadas pelo Dr. Bizard confiaram-lhe que todos os homens são mais ou menos pervertidos. Uma de minhas amigas conversou longamente com uma jovem prostituta no Hospital Beaujon, mulher muito inteligente, que começara como doméstica e vivia com um cafetão que ela adorava. "*Todos* os homens são pervertidos, menos o meu, dizia. É por isso que o amo. Se um dia lhe descobrir uma perversão, abandono-o. Da primeira vez, nem sempre o freguês ousa, parece normal; mas quando volta começa a querer coisas... A senhora diz que seu marido não tem uma perversão: verá um dia. Todos têm." Por causa desses vícios, ela os detestava. Em 1943, em Fresnes, outra amiga minha tornara-se íntima de uma prostituta. Esta sustentava que 90% dos fregueses eram viciados, 50% eram pederastas envergonhados. Os que demonstravam muita imaginação assustavam-na. Um oficial alemão pedira-lhe que passeasse nua pelo quarto com flores nos braços enquanto ele imitava o voo de um pássaro; apesar da cortesia e da generosidade dele, ela fugia quando o divisava. Marie Thérèse tinha horror à "fantasia", embora esta fosse tabelada muito mais caro do que o coito simples e não raro exigisse menor fadiga da mulher. Essas três mulheres eram

particularmente inteligentes e sensíveis. Sem dúvida, percebiam que a partir do momento em que não eram mais protegidas pela rotina da profissão, a partir do momento em que o homem deixava de ser um freguês em geral e se individualizava, elas eram a presa de uma consciência, de uma liberdade caprichosa; não se tratava mais de um simples negócio. Certas prostitutas, entretanto, especializam-se na "fantasia", porque rende mais. Em sua hostilidade contra o freguês entra, muitas vezes, um ressentimento de classe. Helen Deutsch conta longamente a história de Ana, uma bonita prostituta loura, infantil, geralmente muito meiga, mas que tinha crises de excitação furiosa contra certos homens. Vinha de uma família operária; o pai bebia, a mãe era doente: o casal infeliz inspirou-lhe tal horror à vida familiar que nunca consentiu em se casar, embora em sua carreira lhe tivessem proposto casamento muitas vezes. Os rapazes do bairro perverteram-na; gostava da profissão; mas quando, por estar tuberculosa, a mandaram para um hospital, ela ficou com um ódio feroz contra os médicos; os homens "respeitáveis" eram-lhe odiosos, não suportava a cortesia, a solicitude de seu médico. "Pois não sabemos nós que esses homens deixam facilmente cair a máscara de sua amabilidade, de sua dignidade, de seu domínio sobre si e se conduzem como animais?", dizia. No restante, era mentalmente equilibrada. Afirmou mentirosamente que entregara seu filho a uma ama de leite, fora isso não mentia. Morreu de tuberculose. Outra jovem prostituta, Júlia, que desde a idade de 15 anos se entregava a todos os rapazes que encontrava, só gostava dos homens pobres e fracos; com eles era meiga e gentil; os outros, ela os considerava "animais selvagens merecedores do pior tratamento". (Tinha um complexo muito acentuado que revelava uma vocação materna insatisfeita: tinha crises de fúria quando pronunciavam diante dela as palavras mãe, filho, ou palavras com sons semelhantes.)

Em sua maioria, as prostitutas acham-se moralmente adaptadas à sua condição; isto não quer dizer que sejam hereditárias ou congenitamente imorais, mas sim que se sentem, com razão, integradas numa sociedade que reclama seus serviços. Sabem que os discursos edificantes do policial que as identifica são simples palavrório e os sentimentos elevados que seus fregueses exibem fora do bordel intimidam-nas bem pouco. Marie Thérèse explica à padeira, em casa de quem reside, em Berlim:

> Gosto de todo mundo. Quando se trata de "grana", minha senhora... Sim, porque dormir com um homem, a troco de nada, de graça, ele diz a mesma coisa da gente, é uma puta, e quando se exige pagamento, ele julga a gente também como puta, mas esperta; porque, quando se pede dinheiro a um homem, pode-se estar certa de que ele diz logo depois: "Ah, não sabia que tinhas este ofício" ou

"Tens um homem?". É isso, paga ou não, para mim é a mesma coisa. "Ah, sim, responde ela, você tem razão." Porque, eu lhe digo, você vai fazer fila meia hora por dia para ganhar um tíquete e poder comprar um par de sapatos. Eu, numa meia hora, dou uma trepada. Tenho os sapatos sem pagar ao contrário, se faço bem meu trabalho sou paga ainda por cima. A senhora vê então que tenho razão.

Não é a situação moral e psicológica que torna penosa a existência das prostitutas. Sua condição material é que é, na maioria dos casos, deplorável. Exploradas pelo cafetão, pela proxeneta, vivem na insegurança e três quartos delas não têm dinheiro. Ao fim de cinco anos de profissão, cerca de 75% estão com sífilis, diz o Dr. Bizard, que tratou de tantas. Entre outras, as menores inexperientes são contaminadas com uma assustadora facilidade; cerca de 25% devem ser operadas em consequência de complicações blenorrágicas. Uma, em vinte, tem tuberculose, 60% tornam-se alcoólatras ou toxicômanas, 40% morrem antes dos quarenta anos. É preciso acrescentar que, apesar das precauções, algumas vezes ficam grávidas e são operadas em más condições. A baixa prostituição é um ofício penoso em que a mulher oprimida sexual e economicamente, submetida à arbitrariedade da polícia, a uma humilhante fiscalização médica, aos caprichos dos fregueses, presa dos micróbios, da doença e da miséria, é realmente degradada ao nível de uma coisa.[430]

Da baixa prostituição à grande hetera, há numerosos degraus. A diferença essencial consiste em que a primeira negocia com sua pura generalidade, de modo que a concorrência a mantém num nível de vida miserável, ao passo que a segunda se esforça por se fazer reconhecer em sua singularidade: vencendo, pode aspirar a um grande destino. A beleza, o encanto, o *sex appeal* são necessários, mas não bastam: é preciso que a mulher seja *distinguida* pela opinião. É através de um desejo de homem que muitas vezes seu valor se desvendará; mas só será "lançada" quando o homem tiver proclamado seu valor aos olhos do mundo. No século passado, era o palacete, a criadagem, eram as pérolas que testemunhavam a ascendência conquistada por uma *cocotte* sobre seu protetor e que a elevavam à condição de *demi-mondaine*; seu mérito se afirmava à medida que os homens continuavam a arruinar-se por ela. As mudanças sociais e econômicas aboliram o tipo das Blanche d'Antigny. Não há mais um *demi-monde*, dentro do qual se possa afirmar uma reputação. É de outra maneira que uma mulher ambiciosa se esforçará por conquistar celebridade. É a "estrela" a última encarnação da cortesã. Com um marido ao lado — condição rigorosamente exigida por Hollywood — ou um amigo sério,

ela se aparenta contudo a Frineia, Impéria, Casque d'Or. A cortesã entrega a Mulher aos sonhos dos homens, que em troca lhe dão fortuna e glória.

Houve sempre entre a prostituição e a arte uma passagem incerta, em virtude de se associarem de maneira equívoca à beleza e à volúpia; na verdade não é a Beleza que engendra o desejo; mas a teoria platônica do amor propõe hipócritas justificações para a lubricidade. Frineia desnudando o seio oferece ao areópago a contemplação de uma ideia pura. A exibição de um corpo sem véu torna-se um espetáculo de arte; os "burlescos" americanos fizeram um drama do despir-se. O "nu é casto", afirmam os velhos que, sob a denominação de "nus artísticos", colecionam fotografias obscenas, No bordel, o momento da "escolha" já é um desfile; ao complicar-se, têm-se os "quadros vivos", as "poses artísticas" que se oferecem aos fregueses. A prostituta que aspira adquirir um valor singular não se limita mais a mostrar passivamente a carne; esforça-se por mostrar talentos particulares. As "tocadoras de flauta" gregas encantavam os homens com sua música e suas danças. As Ouled-Naïl executando a dança do ventre, as espanholas que dançam e cantam no Barrio-Chino não fazem senão oferecer-se de maneira requintada à escolha do apreciador. É para achar "protetores" que Nana sobe ao palco. Certos *music halls*, como outrora certos cafés-concerto, não passam de bordéis. Todos os ofícios em que a mulher se exibe podem ser utilizados para fins galantes. Há, sem dúvida, *girls*, *taxi girls*, dançarinas nuas e outras, *pin-ups*, manequins, cantoras, que não permitem que sua vida erótica se imiscua em seu trabalho; quanto mais este implique técnicas, invenção, mais poderá ser considerado como um fim em si; mas, frequentemente, uma mulher que se apresenta em público para ganhar a vida é tentada a fazer de seus encantos um comércio mais íntimo. Inversamente, a cortesã deseja um ofício que lhe sirva de *álibi.* Raras, como a Léa, de Colette, responderiam a um amigo que as chamasse "Cara artista": "Artistas? Realmente meus amantes são muito indiscretos." Dissemos que sua reputação é que lhe confere um valor comercial: é no palco ou na tela que se pode conquistar "nome", que se tornará um capital.

Cinderela nem sempre sonha com o Príncipe Encantado: teme que, marido ou amante, ele se transforme em tirano; prefere sonhar com sua própria imagem rindo às portas dos grandes cinemas. Porém, o mais das vezes, é graças a "proteções" masculinas que ela alcança seu objetivo; e são os homens — marido, amante, pretendente — que lhe confirmam o triunfo, fazendo-a participar de seu renome ou de sua fortuna. É essa necessidade de *agradar* a indivíduos, à multidão, que aproxima a *vedette* da cortesã. Elas desempenham na sociedade um papel análogo: empregarei a palavra cortesã para designar

todas as mulheres que tratam, não do corpo somente, mas também de toda sua pessoa como um capital a ser explorado. Sua atitude é muito diferente da de um criador que, transcendendo-se em sua obra, supera o dado e apela em outrem para uma liberdade que abre o futuro; a cortesã não desvenda o mundo, não abre nenhum caminho à transcendência humana:[431] ao contrário, procura captá-la em proveito próprio; oferecendo-se à aprovação de seus admiradores, não renega essa feminilidade passiva que a destina ao homem: dota-a de um poder mágico que lhe permite pegar os homens na armadilha de sua presença e deles alimentar-se; arrasta-os consigo em sua imanência.

Por esse caminho, a mulher consegue conquistar certa independência. Entregando-se a vários homens, não pertence definitivamente a nenhum; o dinheiro que junta, o nome que "lança" como se lança um produto, asseguram-lhe uma autonomia econômica. As mulheres mais livres da Antiguidade grega não eram nem as matronas nem as baixas prostitutas: eram as heteras. As cortesãs do Renascimento, as gueixas japonesas gozam de uma liberdade infinitamente maior do que suas contemporâneas. Na França, a mulher que se nos afigura mais virilmente independente é talvez Ninon de Lenclos. Paradoxalmente, essas mulheres que exploram ao extremo sua feminilidade criam para si uma situação quase equivalente à de um homem; partindo desse sexo que as entrega aos homens como objeto, reencontram-se como sujeitos. Não somente ganham a vida como os homens, mas ainda vivem em uma companhia quase exclusivamente masculina; livres de costumes e de propósitos, podem elevar-se — como Ninon de Lenclos — à mais rara liberdade de espírito. As mais distintas veem-se, frequentemente, cercadas de artistas e escritores que aborrecem as "mulheres honestas". É na cortesã que os mitos masculinos encontram sua mais sedutora encarnação; ela é, mais do que qualquer outra, carne e consciência, ídolo, inspiradora, musa; pintores e escultores querem-na como modelo; ela alimenta os sonhos dos poetas; é nela que o intelectual explora os tesouros da "intuição" feminina; ela é mais facilmente inteligente do que a matrona, menos hipócrita. As que são superiormente dotadas não se contentarão com esse papel de Egéria; sentirão necessidade de manifestar, de maneira autônoma, o valor que a aprovação alheia lhes confere; gostarão de transformar suas virtudes passivas em atividades. Emergindo no mundo como sujeitos soberanos, escrevem versos ou prosa, pintam, compõem. Assim, Impéria se tornou célebre entre as cortesãs italianas. Pode acontecer também que, utilizando o homem como instrumento, ela exerça

funções viris por intermédio dele: as "grandes favoritas" participaram do governo do mundo através de seus poderosos amantes.[432]

Essa libertação pode se traduzir no terreno erótico, entre outros. No dinheiro ou nos favores que extorque do homem, a mulher pode encontrar uma compensação para o complexo de inferioridade feminino; o dinheiro tem um papel purificador; abole a luta dos sexos. Se muitas mulheres que não são profissionais fazem questão de arrancar cheques e presentes do amante, não é somente por cupidez: fazer o homem pagar — pagar-lhe também como se verá adiante — é transformá-lo em instrumento. Com isso a mulher nega-se a sê-lo: talvez o homem pense *tê-la*, mas essa posse sexual é ilusória; ela é que o *tem* no terreno muito mais sólido da economia. Seu amor-próprio está satisfeito. Pode entregar-se às carícias do amante, não cede a uma vontade estranha, o prazer não lhe poderá ser "infligido", se apresentará antes como um benefício suplementar; não será "tomada" porquanto é paga.

Entretanto, a cortesã tem a reputação de ser frígida. É útil para ela saber governar o coração e o ventre: sentimental ou sensual, arrisca-se a sofrer a ascendência de um homem que a explorará ou se apossará dela ou a fará sofrer. Entre as aventuras que aceita, muitas — principalmente no início da carreira — a humilham; sua revolta contra a arrogância masculina exprime-se pela frigidez. As cortesãs, como as matronas, confiam de bom grado nos "truques" que lhes permitem "fingir". Esse desprezo, esse nojo pelo homem mostra bem que no jogo explorador-explorado elas não estão inteiramente certas de ter ganho. Com efeito, na imensa maioria dos casos, é ainda a dependência seu quinhão.

Nenhum homem é definitivamente seu senhor. Mas elas têm a mais urgente necessidade do homem. A cortesã perde todos os seus meios de existência, se ele deixa de desejá-la; a estreante sabe que todo o seu futuro está nas mãos dele; a própria estrela, privada de apoio masculino, vê dissipar-se o seu prestígio: abandonada por Orson Welles, foi com um ar doentio de órfã que Rita Hayworth perambulou pela Europa antes de encontrar Ali Khan. A mais bela de todas nunca tem certeza do dia seguinte, porque suas armas são mágicas e a magia é caprichosa; ela está ligada a seu protetor — marido ou amante — quase tão estreitamente quanto uma esposa "honesta" ao seu esposo. Deve-lhe não somente o serviço da cama, mas precisa ainda suportar-lhe a presença, a conversa, os amigos e principalmente as exigências da vaidade dele. Pagando, à mulher que explora, sapatos de saltos altos, saias de cetim, o proxeneta faz um investimento que lhe dará uma renda; o industrial, o

produtor, oferecendo pérolas e peles à amiga, afirma fortuna e poder através dela: que a mulher seja um meio para ganhar dinheiro ou um pretexto para gastá-lo, é sempre a mesma servidão. Os presentes com que a cumulam são cadeias. E esses vestidos, essas joias que ela usa, pertencem-lhe realmente? O homem, por vezes, reclama a restituição após a ruptura, como o fez outrora, com elegância, Sacha Guitry. Para "conservar" seu protetor sem renunciar a seus prazeres, a mulher utilizará espertezas e manobras, mentiras e hipocrisias que aviltam a vida conjugal; ainda que apenas se finja subserviente, já essa comédia é servil. Bela, célebre, ela pode escolher outro senhor, se o do momento se lhe afigura odioso. Mas a beleza é uma preocupação, um tesouro frágil; a cortesã depende estreitamente de seu corpo que o tempo impiedosamente degrada; é para ela que a luta contra a velhice assume seu aspecto mais dramático. Sendo dotada de grande prestígio, poderá sobreviver à sua ruína, à ruína de seu rosto e de suas formas. Mas o cuidado desse renome, que é seu bem mais precioso, submete-a à mais dura das tiranias: a da opinião pública. Sabe-se em que escravidão caem as *vedettes* de Hollywood. Seu corpo não lhes pertence mais; o produtor decide a cor dos cabelos, o peso, a linha, o tipo; para modificar a curva de um semblante arrancam-lhe dentes. Regimes, ginástica, provas, maquiagem são uma aborrecida tarefa diária. Sob a rubrica *personal appearance* são previstos saídas e namoros; a vida privada não é senão um momento da vida pública. Na França, não há regulamento escrito, mas uma mulher prudente e hábil sabe o que sua "publicidade" exige dela. A *vedette* que se recusa a se submeter a tais exigências conhecerá quedas brutais ou lentas, mas inelutáveis. A prostituta que só entrega o corpo é talvez menos escrava do que a mulher que tem por profissão agradar. Uma mulher "realizada", que tem nas mãos uma verdadeira profissão e cujo talento é reconhecido — atriz, cantora, dançarina — escapa à condição de cortesã; pode conhecer uma verdadeira independência; mas a maioria continua em perigo durante toda a vida; precisa sem descanso seduzir novamente o público e os homens.

Muitas e muitas vezes, a mulher que vive à custa de um amante interioriza sua dependência; submetida à opinião pública, reconhece-lhe os valores; admira a sociedade elegante e adota-lhe os costumes; quer ser considerada segundo normas burguesas. Parasita da burguesia rica, adere às ideias dela; "pensa como se deve"; outrora punha frequentemente as filhas num convento e, envelhecida, ia ela própria à missa, convertendo-se ruidosamente. Está do lado dos conservadores. Está demasiado orgulhosa por ter conquistado um lugar neste

mundo, para desejar que ele mude. A luta que trava para "vencer" não a predispõe a sentimentos de fraternidade e de solidariedade humana; pagou seus êxitos com exageradas complacências de escrava para desejar sinceramente a liberdade universal. Zola acentuou esse traço em Nana:

> Em matéria de livros e dramas, Nana tinha opiniões muito determinadas: queria obras ternas e nobres, coisas que a fizessem sonhar e lhe engrandecessem a alma... Exaltou-se contra os republicanos. Que desejava então, essa gentinha que nunca se lavava? Não era feliz? O imperador não fizera tudo pelo povo? Uma bela porcaria, o povo! Conhecia-o, podia falar: não, vejam, seria uma grande desgraça para todo mundo, essa tal república. Ah, que Deus proteja o imperador o maior tempo possível.

Durante as guerras, ninguém exibe um patriotismo tão agressivo quanto as grandes prostitutas; pela nobreza dos sentimentos que afetam, esperam erguer-se ao nível das duquesas. Lugares-comuns, clichês, preconceitos, emoções convencionais constituem o tema de suas conversas públicas e, muitas vezes, elas perderam toda a sinceridade bem no fundo do seu coração. Entre a mentira e a hipérbole, a linguagem se destrói. Toda a vida da cortesã é uma exibição: suas palavras, suas mímicas destinam-se não a exprimir pensamentos e sim a produzir um efeito. Representa com seu protetor a comédia do amor: por momentos representa-a para si mesma. Para a sociedade representa comédias de decência e de prestígio: acaba por se acreditar um modelo de virtude e um ídolo sagrado. Uma má-fé obstinada governa-lhe a vida interior e permite a suas mentiras deliberadas aparentarem a naturalidade da verdade. Há, por vezes, em sua vida, impulsos espontâneos: não ignora inteiramente o amor, tem "xodós", "caprichos", às vezes chega a ser "fisgada". Mas quem dá muito lugar ao capricho, ao sentimento, ao prazer, depressa perde sua "situação". Geralmente, ela inclui em suas fantasias a prudência da esposa adúltera; esconde-se de seu protetor e da sociedade; não pode portanto dar muito de si mesma a "seus amantes prediletos"; eles são apenas uma distração, uma trégua. Aliás, ela se encontra demasiado obcecada pela preocupação do êxito para esquecer de si mesma em um amor de verdade. Quanto às outras mulheres, muitas vezes as cortesãs as amam sensualmente; inimiga dos homens que lhe impõem domínio, ela encontrará nos braços de uma amiga um descanso voluptuoso e, ao mesmo tempo, uma vingança: assim é Nana ao lado de Satin. Do mesmo modo que deseja desempenhar no mundo um papel ativo a fim de empregar positivamente sua liberdade, compraz-se, também, em possuir outros seres: rapazes muito jovens

que ela se divertirá até em "ajudar" ou moças que de bom grado sustentará, junto das quais, em todo caso, será um personagem viril. Seja ou não homossexual, terá com o conjunto das mulheres as relações complexas de que falei: precisa delas como juízes e testemunhas, como confidentes e cúmplices, para criar esse "contrauniverso" que reclama toda mulher oprimida pelo homem. Mas a rivalidade feminina atinge aqui seu paroxismo. A prostituta que faz comércio de sua generalidade tem concorrentes; mas há bastante trabalho para todas e, mesmo através de suas disputas, elas se sentem solidárias. A cortesã que procura "distinguir-se" é *a priori* hostil a quem almeja, como ela, um lugar privilegiado. É neste caso que os temas conhecidos acerca das "maldades" femininas encontram toda a sua verdade.

A grande desgraça da cortesã provém de que não somente sua independência é o reverso mentiroso de mil dependências, mas ainda de que mesmo essa liberdade é negativa. Uma atriz como Raquel, uma dançarina como Isadora Duncan, ainda que auxiliadas por homens, têm um ofício que as exige e as justifica; elas alcançam, com um trabalho voluntário, querido, uma liberdade concreta. Mas, para a imensa maioria das mulheres, a arte, o ofício são apenas um meio; não empenham nisso projetos verdadeiros. O cinema, particularmente, que submete a *vedette* ao diretor, não lhe permite a invenção, os progressos de uma atividade criadora. *Exploram* o que ela *é;* ela não cria um objeto novo. E ainda, além disso, é muito difícil tornar-se uma *vedette.* Na "galanteria" propriamente dita, nenhum caminho se abre à transcendência. Aqui também o tédio acompanha o confinamento da mulher na imanência. Zola mostrou esse traço em Nana.

> Entretanto, em seu luxo, no meio dessa corte, Nana aborrecia-se mortalmente. Tinha homens para todos os minutos da noite e dinheiro até nas gavetas da sala de banho, mas isso não a contentava mais, ela sentia como um vazio em algum lugar, um buraco que a fazia bocejar. Sua vida arrastava-se sem ocupação, trazendo de volta as mesmas horas monótonas... Essa certeza de que a alimentariam deixava-a deitada o dia inteiro, sem um esforço, adormecida no fundo desse temor e dessa submissão de convento, como que encerrada em seu ofício de prostituta. Matava o tempo com prazeres tolos, na sua única espera do homem.

A literatura norte-americana descreveu cem vezes esse tédio que esmaga Hollywood e que desde o dia da chegada sufoca o viajante; os atores e os figurantes aí se aborrecem, aliás, tanto quanto as mulheres cuja condição compartilham. Mesmo na França, as saídas oficiais assumem um caráter de corveia. O protetor que reina sobre a vida da *starlet* é um homem idoso, que

tem por amigos homens de idade: suas preocupações são estranhas à jovem, suas conversas a aborrecem; há um fosso muito mais profundo ainda do que no casamento burguês entre a estreante de vinte anos e o banqueiro de 45, que passam dias e noites juntos.

O *moloch* a quem a cortesã sacrifica prazer, amor, liberdade, é sua carreira. O ideal da matrona é uma felicidade estática que envolve suas relações com o marido e os filhos. A "carreira" desenrola-se através do tempo, mas é contudo um objeto imanente que se resume em um nome. O nome cresce nos cartazes e nas bocas à medida que, na escala social, degraus cada vez mais altos são vencidos. Segundo seu temperamento, a mulher administra sua empresa com prudência ou com audácia. Uma experimenta nisso as satisfações de dona de casa dobrando sua bela roupa branca no armário, outra a embriaguez da aventura. Ora a mulher se limita a manter sem cessar em equilíbrio uma situação ininterruptamente ameaçada e que por vezes desmorona, ora ela edifica indefinidamente sua fama como uma torre de Babel visando em vão ao céu. Algumas, misturando a galanteria a outras atividades, surgem como verdadeiras aventureiras: são espiãs, como Mata Hari, ou agentes secretas; não têm, em geral, a iniciativa de seus projetos, são antes instrumentos nas mãos dos homens. Mas, em conjunto, a atitude da cortesã tem analogias com a do aventureiro; como este, ela se encontra muitas vezes a meio caminho entre a *seriedade* e a *aventura* propriamente dita, ela visa a valores feitos, convencionais: dinheiro, glória; mas dá ao fato de os conquistar tanta importância quanto a própria posse; e, finalmente, o valor supremo a seus olhos é seu êxito subjetivo. Justifica, ela também, esse individualismo por um niilismo mais ou menos sistemático, mas vivido ainda com maior convicção porque ela é hostil aos homens e vê inimigas nas outras mulheres. Se é bastante inteligente para sentir a necessidade de uma justificação moral, invocará um nietzscheísmo mais ou menos bem-assimilado; afirmará o direito do ser de elite sobre o vulgar. Sua pessoa é para ela como um tesouro cuja simples existência é uma dádiva; de modo que, consagrando-se a si mesma, pretenderá servir a coletividade. O destino da mulher devotada ao homem é marcado pelo amor; a que explora o homem repousa no culto que rende a si mesma. Se atribui tanta importância à sua glória, não é somente por interesse econômico: procura nisso a apoteose de seu narcisismo.

5/**Da maturidade à velhice**

A História da mulher — pelo fato de se encontrar ainda encerrada em suas funções de fêmea — depende muito mais que a do homem de seu destino fisiológico; e a curva desse destino é mais ab-rupta, mais descontínua do que a curva do homem. Todo período da vida feminina é calmo e monótono: mas as passagens de um período para outro são de uma perigosa brutalidade; evidenciam-se através de crises muito mais decisivas do que no homem: puberdade, iniciação sexual, menopausa. Enquanto ele envelhece de maneira contínua, a mulher é bruscamente despojada de sua feminilidade; perde, jovem ainda, o encanto erótico e a fecundidade de que tirava, aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos, a justificação de sua existência e suas possibilidades de felicidade: cabe-lhe viver, privada de todo futuro, cerca de metade de sua vida de adulta.

"A idade perigosa" é caracterizada por certas perturbações orgânicas,[433] mas o que lhes dá importância é o valor simbólico de que se revestem. A crise é sentida de maneira muito menos aguda pelas mulheres que não apostaram particularmente na sua feminilidade; as que trabalham duramente — em seus lares ou fora deles — acolhem com alívio o desaparecimento da servidão menstrual; a camponesa, a mulher do operário, que uma nova gravidez ameaça sem cessar, sentem-se felizes quando veem enfim esse risco evitado. Nessa conjuntura, como em muitas outras, é menos do próprio corpo que provêm os incômodos da mulher que da consciência angustiada que tem deles. O drama moral inicia-se antes que os fenômenos fisiológicos se declarem e termina quando eles já de há muito desapareceram.

Muito antes da mutilação definitiva, a mulher sente-se obcecada pelo horror de envelhecer. O homem maduro acha-se empenhado em empreendimentos mais importantes que os do amor; seus ardores eróticos são menos vivos do

que na mocidade; e como não lhe pedem as qualidades passivas de um objeto, as alterações de seu rosto e de seu corpo não arruinam suas possibilidades de sedução. Ao contrário, é geralmente por volta dos 35 anos que a mulher, tendo enfim superado todas as suas inibições atinge sua plena maturidade erótica: é então que seus desejos são mais violentos e que ela deseja mais ardentemente satisfazê-los; muito mais do que o homem, ela apostou nos valores sexuais que detém; para reter o marido, para se assegurar proteções, é necessário que agrade na maior parte dos ofícios que exerce; só lhe permitiram ter algum domínio sobre o mundo por intermédio do homem: o que lhe acontecerá quando não tiver mais domínio sobre este? É o que se pergunta ansiosamente enquanto assiste impotente à degradação desse objeto de carne com o qual se confunde; luta, mas pintura, operações estéticas não podem senão prolongar sua juventude agonizante. Pode trapacear com o espelho, mas quando se esboça o processo fatal, irreversível, que vai destruir nela todo o edifício construído durante a puberdade, sente-se tocada pela própria fatalidade da morte.

Poderíamos acreditar que é a mulher que mais ardentemente se embriagou de sua beleza, de sua mocidade, quem conhece os piores desatinos; mas não; a narcisista preocupa-se demais com sua pessoa para não ter previsto a inelutável decadência e organizado posições de retirada. Sofrerá por certo com sua mutilação: mas não será pelo menos surpreendida e se adaptará depressa. A mulher que se esqueceu, que se dedicou, que se sacrificou ficará muito mais desnorteada pela súbita revelação: "Tinha só uma vida para viver; eis meu quinhão, agora!" Para espanto dos que a cercam, produz-se nela então uma mudança radical: desalojada de seus retiros, arrancada a seus projetos, acha-se colocada subitamente, sem ter para que apelar, em face de si mesma. Ultrapassado este marco contra o qual se chocou sem esperar, parece-lhe que não faz senão sobreviver a si mesma; seu corpo será sem promessa; os sonhos, os desejos que não realizou permanecerão para sempre insatisfeitos; é nesta nova perspectiva que se volta para o passado; é chegado o momento de parar, de fazer as contas; é a hora do balanço. E ela se apavora com as estreitas limitações que a vida lhe infligiu. Em face dessa história breve e decepcionante que foi a sua, reencontra as condutas da adolescente no limiar de um futuro ainda inacessível: recusa sua finidade; opõe à pobreza de sua existência a riqueza nebulosa de sua personalidade. Pelo fato de que, sendo mulher, suportou mais ou menos passivamente seu destino, parece-lhe que lhe roubaram suas possibilidades, que a enganaram, que escorregou da juventude

para a maturidade sem ter tomado consciência disso. Descobre que seu marido, seu meio e suas ocupações não eram dignos dela; sente-se incompreendida. Isola-se do meio a que se considera superior; encerra-se com o segredo que traz no coração e é a chave misteriosa de seu destino infeliz; procura tornar a ponderar as possibilidades que não esgotou. Põe-se a escrever um diário íntimo; se encontra confidentes compreensivos, expande-se em conversas indefinidas; e rumina dias e noites suas queixas e seus ressentimentos. Como a moça que sonha com o que *será* seu futuro, ela evoca o que poderia *ter sido* o seu passado; revê as oportunidades que deixou escapar e forja belos romances retrospectivos. H. Deutsch cita o caso de uma mulher que rompera, muito jovem, um casamento infeliz e passara em seguida longos anos tranquila ao lado de um segundo marido; com 45 anos, pôs-se a sofrer com saudades do primeiro marido e afundar-se na melancolia. As preocupações da infância e da puberdade reavivam-se, a mulher remói indefinidamente a história de seus jovens anos e sentimentos adormecidos pelos pais, irmãos, irmãs, amigos de infância, exaltam-se novamente. Por vezes, entrega-se a uma melancolia sonhadora e passiva. Mas, o mais das vezes, tenta bruscamente salvar sua existência falhada. Essa personalidade que acaba de descobrir por contraste com a mesquinhez de seu destino, ela a exibe, louva-lhe os méritos, reclama imperiosamente que lhe façam justiça. Amadurecida pela experiência, pensa que é capaz enfim de se valorizar; gostaria de recomeçar. Antes de tudo, procura deter o tempo num esforço patético. Uma mulher maternal afirma que pode ainda conceber; procura apaixonadamente criar vida mais uma vez. Uma mulher sensual esforça-se por conquistar um novo amante. A coquete mostra-se, mais do que nunca, ávida de agradar. Declaram todas que nunca se sentiram tão jovens. Querem persuadir os outros de que a passagem do tempo não as atingiu efetivamente, põem-se a "vestir-se como jovens", adotam mímicas infantis. A mulher que envelhece sabe muito bem que se deixa de ser um objeto erótico não é somente porque sua carne não oferece mais ao homem riquezas frescas: é também porque seu passado, sua experiência fazem dela, queira ou não, uma pessoa; lutou, amou, quis, sofreu, gozou por sua conta: esta autonomia a intimida; procura renegá-la; exagera sua feminilidade, enfeita-se, perfuma-se, faz-se toda encanto, graça, pura imanência; admira com um olhar ingênuo e entonações infantis o interlocutor masculino, evoca com volubilidade suas recordações de menina; ao invés de falar, cacareja, bate palmas, ri às gargalhadas. É com uma espécie de sinceridade que representa essa comédia.

Pois o interesse novo que dedica a si mesma, o desejo de se arrancar às antigas rotinas e de partir novamente dão-lhe a impressão de que recomeça.

Em verdade, não se trata de uma partida verdadeira; ela não descobre, no mundo, objetivos para os quais possa projetar-se num movimento livre e eficiente. Sua agitação assume uma forma excêntrica, incoerente e vã porque só se destina a compensar simbolicamente os erros e fracassos do passado. Entre outras coisas, a mulher se esforçará por realizar, antes que seja tarde demais, todos os seus desejos de criança e de adolescente: uma volta ao piano, outra dedica-se à escultura, ou a escrever, a viajar, aprende a esquiar ou línguas estrangeiras. Tudo o que recusara voluntariamente até então, ela resolve — antes que seja tarde demais — acolher. Confessa sua repugnância por um marido que tolerava antes e torna-se frígida nos seus braços; ou, ao contrário, entrega-se a ardores que refreava; exaspera o marido com exigências, retorna à prática da masturbação, abandonada desde a infância. As tendências homossexuais — que existem de um modo larvar em quase todas as mulheres — manifestam-se. Muitas vezes, o alvo dessas tendências transfere-as para a filha; mas por vezes, também, é em relação a uma amiga que nascem sentimentos insólitos. Em sua obra *Sex, Life and Faith*, Rom Landau conta a história seguinte, que lhe foi confiada pela interessada:

> Mme X... aproximava-se dos cinquenta anos; casada há 25, mãe de três filhos adultos, ocupando uma posição proeminente nas organizações sociais e caritativas de sua cidade, encontrou em Londres uma mulher dez anos mais jovem e que, como ela, se dedicava a atividades sociais. Tornaram-se amigas e Mlle Y... ofereceu-lhe hospedagem para a viagem seguinte. Mme X... aceitou e, na segunda noite de sua estada, surpreendeu-se subitamente beijando apaixonadamente sua hospedeira: afirmou várias vezes não ter tido a menor ideia de como a coisa acontecera; passou a noite com a amiga e voltou para casa aterrorizada. Até então ignorava tudo da homossexualidade, não sabia sequer que "semelhante coisa" pudesse existir. Pensava em Mlle Y... com paixão e, pela primeira vez na vida, achou as carícias e o beijo cotidiano do marido pouco agradáveis. Resolveu rever a amiga para "tirar a limpo" as coisas e sua paixão aumentou ainda mais; essas relações enchiam-na de alegrias que jamais conhecera. Mas sentia-se atormentada pela ideia de ter cometido um pecado e consultou um médico, a fim de saber se havia uma "explicação científica" para seu estado e se este podia ser justificado por algum argumento moral.

Neste caso, o sujeito cedeu a um impulso espontâneo e ficou ele próprio profundamente desnorteado. Mas, muitas vezes, é de forma deliberada que a mulher procura viver os romances que não conheceu, que dentro em breve não poderá mais conhecer. Afasta-se do lar, ou porque lhe parece indigno dela, que

deseja a solidão, ou porque busca a aventura. Se a encontra, lança-se a ela avidamente. Assim ocorre nesta história narrada por Stekel:

> Mme B. Z. tinha quarenta anos, três filhos e atrás de si vinte anos de vida conjugal, quando começou a pensar que era incompreendida, que fracassara na vida; dedicou-se a diversas atividades novas e, entre outras, esquiar nas montanhas; aí encontrou um homem de trinta anos, de quem se tornou amante; mas, dentro em breve, ele se apaixonou pela filha de Mme B. Z.; ela consentiu em que se casassem, para guardar junto de si o amante; havia entre a mãe e a filha um amor homossexual inconfessado, mas muito vivo, que explica em parte a decisão. Entretanto, a situação logo se tornou intolerável, o amante deixando algumas vezes o leito da mãe durante a noite para ir ter com a filha. Mme B. Z. tentou suicidar-se. Foi então — tinha 46 anos — que se tratou com Stekel. Decidiu-se por uma ruptura e a filha, por seu turno, renunciou a seu projeto de casamento. Mme B. Z. voltou a ser, então, uma esposa exemplar e mergulhou na devoção.

A mulher sobre quem pesa uma tradição de decência e de honestidade nem sempre chega aos atos. Mas seus sonhos povoam-se de fantasias eróticas que ela também suscita durante a vigília; manifesta uma ternura exaltada e sensual pelos filhos, nutre acerca do filho obsessões incestuosas, apaixona-se secretamente por um rapaz após outro; como a adolescente, é obcecada por ideias de violação; conhece igualmente a vertigem da prostituição; nela também a ambivalência de seus desejos e temores engendra uma ansiedade que por vezes provoca neuroses: escandaliza seus parentes com condutas estranhas que, na verdade, traduzem sua vida imaginária.

A fronteira entre o imaginário e o real é ainda mais indecisa nesse período turvo do que na puberdade. Um dos traços mais marcados na mulher que envelhece é o sentimento de despersonalização que a faz perder todos os pontos de referência objetivos. As pessoas que, em plena saúde, viram a morte de muito perto, dizem ter experimentado uma curiosa impressão de desdobramento; quando a gente sente consciência, atividade, liberdade, o objeto passivo cuja fatalidade está em jogo apresenta-se necessariamente como um outro: não é meu *eu* que um automóvel atropela; não sou *eu* essa mulher velha que o espelho reflete. A mulher que "nunca se sentiu tão jovem" e que nunca se viu tão idosa não consegue conciliar esses dois aspectos de si mesma; é em sonho que o tempo passa, que ele a corrói. Assim, a realidade dissipa-se e se ameniza: ao mesmo tempo não se distingue muito bem da ilusão. A mulher confia em suas evidências interiores, mais do que nesse estranho mundo em que o tempo avança recuando, em que seu duplo não se parece mais com ela, em que os acontecimentos a traíram. Por isso, está ela predisposta aos êxtases,

às iluminações, aos delírios. E como o amor é então mais do que nunca sua preocupação essencial, é normal que se entregue à ilusão de que é amada. Nove em dez dos erotômanos são mulheres, quase todas de quarenta a cinquenta anos.

Entretanto, não é dado a toda gente transpor tão ousadamente o muro da realidade. Frustradas mesmo em seus sonhos, muitas mulheres procuram auxílio junto de Deus, contra todo o amor humano; é no momento da menopausa que a coquete, a apaixonada, a devassa se fazem devotas; as vagas ideias de destino, de segredo, de personalidade incompreendida, que a mulher acaricia à beira de seu outono, encontram na religião uma unidade racional. A devota considera sua vida fracassada como uma provação enviada pelo Senhor; sua alma extraiu da infelicidade méritos excepcionais que lhe outorgam a graça singular de ser visitada por Deus; ela acreditará de bom grado que o céu lhe envia iluminações ou até — como Mme Krüdener — que a encarrega imperiosamente de uma missão. Tendo mais ou menos perdido o sentido do real, a mulher é acessível a todas as sugestões durante essa crise: um mentor está bem-colocado para assumir uma ascendência profunda sobre sua alma. Ela acolherá também com entusiasmo as autoridades mais contestadas; é uma presa de antemão designada às seitas religiosas, aos espíritos, aos profetas, aos curandeiros, a todos os charlatães. Isso não somente porque perdeu todo senso crítico, ao perder o contato com o mundo dado, mas também porque está ávida de uma verdade definitiva. Precisa de um remédio, de uma fórmula, da chave que bruscamente a salvará, salvando o universo. Despreza mais do que nunca uma lógica que evidentemente não poderia aplicar-se a seu caso particular; só lhe parecem convincentes os argumentos que lhe são especialmente destinados: as revelações, as inspirações, as mensagens, os sinais, e até os milagres põem-se a florescer ao redor dela. Suas descobertas levam-na por vezes aos caminhos da ação: lança-se a negócios, empreendimentos, aventuras cuja ideia lhe foi insuflada por algum conselheiro ou alguma voz interior. Por vezes, limita-se a sagrar-se detentora da verdade e da sabedoria absoluta. Ativa ou contemplativa, sua atitude acompanha-se de exaltações febris. A crise da menopausa corta em dois, brutalmente, a vida feminina; é essa descontinuidade que dá à mulher a ilusão de uma "vida nova"; é *outro* tempo que se abre diante dela; aborda-o com o fervor da convertida, convertida ao amor, à vida, a Deus, à humanidade; nestas entidades, perde-se e magnifica-se. Morreu e ressuscitou, encara a terra com um olhar que desvendou os segredos do além e crê levantar voo para píncaros intocados.

Mas a terra não muda; os cimos continuam inatingíveis; as mensagens recebidas — ainda que numa deslumbrante evidência — decifram-se mal; as luzes interiores apagam-se; sobra diante do espelho uma mulher que envelheceu mais um dia desde a véspera. Aos momentos de fervor sucedem mornas horas de depressão. O organismo indica esse ritmo, pois a diminuição das secreções hormonais é compensada por uma superatividade da hipófise; mas é principalmente a situação psicológica que comanda essa alternância. Porque a agitação, as ilusões, o fervor são apenas uma defesa contra a fatalidade do que foi. Novamente a angústia sufoca quem já tem a vida consumida sem que a morte a acolha. Em lugar de lutar contra o desespero, ela escolhe frequentemente intoxicar-se com ele. Remói queixas, saudades e recriminações; imagina maquinações tenebrosas da parte dos vizinhos e dos parentes; se tem uma irmã ou uma amiga de sua idade associada a sua vida, constroem por vezes, em conjunto, delírios de perseguição. Mas principalmente põe-se a alimentar contra o marido um ciúme mórbido: tem ciúme dos amigos, das irmãs, do trabalho dele; e, com ou sem razão, acusa alguma rival de ser responsável por todos esses males. É entre cinquenta e 55 anos que os casos patológicos de ciúmes são mais numerosos.

As dificuldades da menopausa prolongam-se em certos casos até a morte, na mulher que não se conforma com envelhecer. Se não tiver outros recursos senão a exploração de seus encantos, lutará com unhas e dentes para os conservar; lutará também ferozmente, se seus desejos sexuais continuarem vivos. O caso não é raro. Perguntaram à princesa de Metternich em que idade uma mulher deixa de ser atormentada pela carne: "Não sei, respondeu, só tenho 65 anos." O casamento que, segundo Montaigne, apenas oferece à mulher "um ligeiro refresco", torna-se um remédio dia a dia mais insuficiente à medida que ela envelhece; muitas vezes a mulher paga na maturidade as resistências, a frieza da juventude; quando começa a conhecer, enfim, as febres do desejo, o marido de há muito já se resignou à sua indiferença: ele se arranjou. Despojada de seus atrativos pelo hábito e o tempo, a esposa tem bem poucas possibilidades de reacender a chama conjugal. Despeitada, decidida a "viver sua vida", terá menos escrúpulos do que antes — se jamais os teve — em arranjar amantes; mas ainda assim será preciso que eles queiram; é uma caçada ao homem. Ela emprega mil ardis; fingindo oferecer-se, impõe-se; faz armadilhas da polidez, da amizade, da gratidão. Não é somente por gosto pela carne jovem que se volta para os rapazes; é deles somente que pode esperar essa ternura desinteressada que o adolescente

experimenta por uma amante maternal; ela própria tornou-se agressiva, dominadora; é a docilidade de Chéri que satisfaz Léa, tanto quanto a beleza dele. Mme de Staël, depois dos quarenta, escolhia pajens que esmagava com seu prestígio; e, além disso, um homem tímido, noviço, é mais fácil de ser capturado. Quando sedução e ardis se revelam realmente ineficientes, resta um recurso à obstinada: pagar. O conto das "faquinhas", popular durante a Idade Média, ilustra o destino dessas ogras insaciáveis: uma jovem mulher, em paga de seus favores, pedia a cada um de seus amantes uma faquinha que colocava num armário; um dia o armário ficou cheio: mas nesse momento foram os amantes que se puseram a reclamar uma faquinha depois de cada noite de amor; dentro de pouco tempo o armário esvaziou-se — todas as faquinhas foram devolvidas e foi preciso comprar outras. Certas mulheres encaram a situação com cinismo; já deram o que podiam, cabe-lhes agora devolver as faquinhas. O dinheiro pode mesmo desempenhar a seus olhos o papel inverso do que representa para a cortesã, mas é igualmente purificador: transforma o homem em um instrumento e permite à mulher essa liberdade erótica que seu jovem orgulho recusava antes. Porém, mais romanesca do que lúcida, a amante-benfeitora tenta muitas vezes comprar uma miragem de ternura, admiração, respeito; persuade-se mesmo de que dá pelo prazer de dar, sem que nada lhe seja pedido: aqui também um jovem é um amante ideal, porquanto pode ufanar-se com ele de uma generosidade maternal; e depois ele tem um pouco desse "mistério", que o homem também pede à mulher que ele "ajuda", porque assim a crueza do negócio se mascara de enigma. Mas é raro que a má-fé seja clemente durante muito tempo; a luta dos sexos transforma-se em duelo entre o explorador e o explorado, no qual a mulher, desiludida, humilhada, se arrisca a sofrer cruéis derrotas. Prudente, se resignará a "depor as armas", sem esperar muito, ainda que todos os seus ardores não se tenham ainda extinguido.

A partir do dia em que a mulher consente em envelhecer, sua situação muda. Até então era uma mulher ainda jovem, encarniçada em lutar contra um mal que misteriosamente a enfeiava e deformava. Ela torna-se um ser diferente, assexuado mas acabado: uma mulher de idade. Pode-se considerar então que a crise da menopausa terminou. Mas não se deve concluir disso que lhe será fácil viver doravante. Quando renunciou a lutar contra a fatalidade do tempo, outra luta se inicia: é preciso que conserve um lugar na terra.

É em seu outono, em seu inverno, que a mulher se liberta de suas cadeias; invoca o pretexto da idade para esquivar-se das tarefas que lhe pesam; conhece

demasiado o marido para se deixar ainda intimidar por ele, evita-lhe as carícias, ao seu lado, na amizade, na indiferença ou na hostilidade, constrói uma vida própria. Se ele declina mais depressa, ela assume o comando. Pode também permitir-se enfrentar a moda, a opinião; furta-se às obrigações mundanas, aos regimes e às preocupações com a beleza: assim é Léa, que Chéri reencontra liberta das costureiras, dos cabeleireiros e beatamente instalada na gulodice. Quanto aos filhos, suficientemente grandes para prescindir dela, casam-se, deixam o lar. Dispensada de seus deveres, ela descobre enfim sua liberdade. Infelizmente, na história de cada mulher repete-se o fato que constatamos durante a história da mulher: ela descobre essa liberdade no momento em que não encontra mais o que fazer com ela. Essa repetição nada tem de um acaso: a sociedade patriarcal deu a todas as funções femininas a figura de uma servidão; a mulher só escapa da escravidão no momento em que perde toda a eficiência. Por volta dos cinquenta anos, está em plena posse de suas forças, sente-se rica de experiências; é mais ou menos nessa idade que o homem ascende às mais altas posições, aos cargos mais importantes: quanto a ela, ei-la aposentada. Só lhe ensinaram a dedicar-se e ninguém reclama mais sua dedicação. Inútil, injustificada, contempla os longos anos sem promessa que lhe restam por viver e murmura: "Ninguém precisa de mim!"

Não se resigna imediatamente. Por vezes apega-se com desespero ao marido; exaspera-o com cuidados mais imperiosamente do que nunca; mas a rotina da vida conjugal está estabelecida muito bem; sabe que de há muito não é mais necessária ao marido, ou ele não lhe parece mais bastante precioso para justificá-la. Assegurar a manutenção da vida em comum é uma tarefa tão contingente quanto a de velar solitariamente sobre si mesma. É para os filhos que se voltará esperançosa: para eles o jogo ainda não está feito; o mundo, o futuro oferecem-se a eles; gostaria de precipitar-se com seus filhos nesse futuro. A mulher que teve a sorte de gerar numa idade avançada acha-se privilegiada: é ainda uma jovem mãe no momento em que as outras se fazem avós. Mas em geral entre quarenta e cinquenta anos a mãe vê seus filhos transformarem-se em adultos. É no instante em que lhe escapam que ela se esforça com paixão para sobreviver através deles.

Sua atitude é diferente, segundo espere sua salvação de um filho ou de uma filha; é naquele que põe geralmente sua mais ávida esperança. Ei-lo que vem finalmente a ela do fundo do passado, o homem cujo aparecimento maravilhoso ela escrutava no horizonte; desde os primeiros vagidos do recém-nascido, ela esperou esse dia em que ele lhe daria todos os tesouros com que o

pai não a soube satisfazer. Entrementes, ela lhe deu bons tabefes e purgantes mas os esqueceu. O filho que tivera no ventre já era um desses semideuses que governam o mundo e o destino das mulheres: agora ele vai reconhecê-la na glória de sua maternidade. Vai defendê-la contra a supremacia do esposo, vingá-la dos amantes que teve e dos que não teve, será seu libertador, e quem a salvará. Ela reencontra diante dele as condutas de sedução da moça à espera do Príncipe Encantado; pensa, quando passeia ao lado dele, elegante, atraente ainda, que parece "uma irmã mais velha"; fica encantada se — tomando por modelo os heróis dos filmes norte-americanos — ele brinca com ela e a sacode um pouco, sorridente e respeitoso: é com orgulhosa humildade que reconhece a superioridade viril daquele que carregou em seus flancos. Em que medida se pode qualificar tais sentimentos de incestuosos? É certo que, quando se imagina complacentemente apoiada aos braços do filho, a expressão "irmã mais velha" traduz pudicamente fantasmas equívocos; quando dorme, quando não se controla, seus devaneios conduzem-na por vezes muito longe; mas já disse que sonhos e fantasmas estão muito longe de exprimir sempre o desejo escondido de um ato real: muitas vezes eles se bastam, são a realização acabada de um desejo que só reclama uma satisfação imaginária. Quando a mãe brinca de maneira mais ou menos velada de ver no filho um amante, trata-se unicamente de um jogo. O erotismo propriamente dito ocupa pouco lugar nesse casal. Mas é um casal; é no fundo de sua feminilidade que a mãe saúda no filho o homem soberano; entrega-se nas mãos dele com tanto fervor quanto a mulher apaixonada, e, em troca desse dom, espera ser içada à direita do Deus. Para obter essa assunção, a apaixonada invoca a liberdade do amante: assume generosamente um risco; paga-o com suas exigências ansiosas. A mãe estima que adquiriu direitos sagrados pelo simples fato de conceber; não espera que o filho se reconheça nela para encará-lo como sua criatura, seu bem; é menos exigente do que a amante porque é de uma má-fé mais tranquila; tendo fabricado uma carne, faz sua uma existência de cujos atos, obras e méritos se apropria. E, exaltando seu fruto, é sua própria pessoa que ergue às nuvens.

Viver por procuração é sempre um expediente precário. As coisas podem não acontecer como se desejou. Ocorre muitas vezes que o filho não passe de um vagabundo, de um moleque, de um fracassado, de um ingrato. A mãe tem suas ideias próprias acerca do herói que ele deve encarnar. Nada mais raro do que aquela que respeita autenticamente a pessoa humana no filho, que lhe reconhece a liberdade até nos fracassos, que com ele assume os riscos que

todo empenho implica. Encontram-se muito mais comumente êmulos daquela espartana tão louvada que condena displicentemente o filho à glória ou à morte; o que o filho tem que fazer na Terra é justificar a existência da mãe, apossando-se, em proveito de ambos, dos valores que ela própria respeita. A mãe exige que os projetos do filho-deus sejam conformes a seu próprio ideal e que o êxito lhe seja assegurado. Toda mulher quer gerar um herói, um gênio; mas todas as mães de heróis, de gênios, começaram por proclamar que eles lhes partiam o coração. É contra sua mãe que o homem o mais das vezes conquista os troféus com que ela sonhava adornar-se e que ela não reconhece quando ele os joga a seus pés. Mesmo se aprova em princípio os empreendimentos do filho, ela é atormentada por uma contradição análoga à que tortura a mulher que ama. Para justificar sua vida — e a de sua mãe —, é preciso que ele a supere por um fim; para atingi-lo, é levado a comprometer a saúde, a correr riscos: mas ele contesta o valor do dom que lhe fez a mãe quando coloca certos objetivos acima do simples fato de viver. Ela se escandaliza com isso; ela só reina sobre o homem como soberana se essa carne que gerou é para ele o bem supremo; não tem o filho o direito de destruir essa obra que ela realizou no sofrimento. "Vais te cansar, vais ficar doente, vai te acontecer uma desgraça", berra-lhe sem cessar aos ouvidos. Entretanto, ela bem sabe que viver não basta, senão até procriar seria supérfluo; ela é a primeira a se irritar se o filho é um preguiçoso, um covarde. Nunca ela descansa. Quando ele parte para a guerra, a mãe quer que volte vivo mas condecorado. Deseja que tenha êxito na carreira, mas receia que se exceda. O que quer que ele faça, é sempre com preocupação que ela assistirá, impotente, ao desenrolar de uma história que é a sua própria mas que não comanda. Tem medo de que ele siga por caminho errado, medo de que não vença, medo de que, vencendo, caia doente. Ainda que tenha inteira confiança nele, a diferença de idade e de sexo não permite que estabeleça entre mãe e filho uma verdadeira cumplicidade; ela não está a par dos trabalhos dele; nenhuma colaboração lhe é solicitada.

Por isso, mesmo admirando o filho com orgulho desmedido, a mãe permanece insatisfeita. Acreditando ter gerado não somente uma carne mas ainda fundado uma existência absolutamente necessária, ela sente-se retrospectivamente justificada; mas direitos não são uma ocupação: ela precisa, para encher seus dias, perpetuar sua ação benéfica; quer sentir-se indispensável a seu deus; a mistificação da dedicação acha-se neste caso denunciada da maneira mais brutal: a esposa vai despojá-la de suas funções.

Descreveu-se muitas vezes a hostilidade que ela experimenta em relação a essa estranha que lhe "toma" o filho. A mãe elevou a facticidade contingente do parto à altura de um mistério divino: recusa-se a admitir que uma decisão humana possa ter mais peso. A seus olhos os valores já estão feitos, procedem da natureza, do passado; ela desconhece o preço de um relacionamento livre. Seu filho deve-lhe a vida; o que ele deve a essa mulher que ainda ontem ignorava? Foi através de algum malefício que ela o persuadiu da existência de um laço que até então não *existia*; é intrigante, interesseira, perigosa. A mãe espera com impaciência que a impostura seja descoberta; encorajada pelo velho mito da boa mãe de mãos consoladoras, que trata dos ferimentos infligidos pela mulher má, ela espia no rosto do filho os sinais da infelicidade; descobre-os mesmo quando ele os nega; queixa-se enquanto ele não se queixa de nada; ela fiscaliza a nora, critica-a, a todas as inovações dela opõe o passado, o costume que condenam a própria presença da intrusa. Cada qual entende a seu modo a felicidade do bem-amado; a mulher quer ver nele um homem através de quem dominará o mundo; a mãe tenta, para conservá-lo, trazê-lo de volta à infância; aos projetos da jovem mulher que espera que o marido se *torne* rico ou importante, ela opõe as leis de sua imutável essência: ele *é* frágil, não deve se sobrecarregar. O conflito entre o passado e o futuro exaspera-se quando a recém-chegada engravida. "O nascimento dos filhos é a morte dos pais"; é então que esta verdade assume toda a sua força cruel: a mãe que esperava sobreviver no filho compreende que ele a condena à morte. Ela deu a vida; a vida vai prosseguir sem ela; ela não é mais a Mãe: apenas um elo da cadeia; ela cai do céu dos ídolos intemporais; não passa agora de um indivíduo acabado, prescrito. É então que nos casos patológicos seu ódio se exaspera até acarretar uma neurose ou conduzi-la ao crime; foi quando a gravidez da nora se verificou que Mme Lefevbre, depois de a ter detestado durante muito tempo, resolveu assassiná-la.[434]

Normalmente a avó domina sua hostilidade; por vezes obstina-se em ver no recém-nascido o filho de seu filho, e ama-o tiranicamente; mas geralmente a jovem mãe e a mãe desta o reivindicam; ciumenta, a avó nutre pelo bebê uma dessas afeições ambíguas em que a inimizade se dissimula sob a figura da ansiedade.

A atitude da mãe em relação à filha adulta é muito ambivalente: no filho é um deus que procura; na filha encontra um duplo. O "duplo" é um personagem ambíguo: assassina aquele de quem emana, como se vê nos contos de Poë, no *Retrato de Dorian Grey*, na história que conta Marcel Schwob.

Assim a filha, tornando-se mulher, condena a mãe à morte; e, no entanto, permite-lhe sobreviver a si mesma. As condutas da mãe são muito diferentes segundo apreende, no desenvolvimento do filho, uma promessa de ruína ou de ressurreição.

Muitas mães retesam-se na hostilidade; não aceitam ser suplantadas pela ingrata que lhes deve a vida; insistiu-se muitas vezes sobre o ciúme da coquete pela adolescente que lhe denuncia os artifícios: aquela que detestou uma rival em toda mulher detestará a rival até em sua filha; afasta-se dela ou a sequestra, ou se empenha em lhe recusar quaisquer possibilidades. Quem se glorificava de ser, de maneira exemplar e única, a Esposa, a Mãe, não recusa menos ferozmente deixar-se destronar; continua a afirmar que a filha é apenas uma criança, considera os empreendimentos dela como um jogo pueril; é jovem demais para se casar, frágil demais para procriar; se se obstina em querer um marido, um lar, filhos, é simplesmente por afetação; incansavelmente, a mãe critica, zomba, ou vaticina desgraças. Se lhe permitem, condena a filha a uma eterna infância; se não, tenta arruinar essa vida adulta que a outra pretende se atribuir. Vimos que muitas vezes o consegue: muitas jovens mulheres permanecem estéreis, abortam, mostram-se incapazes de amamentar e educar os filhos, de dirigir a casa por causa dessa influência maléfica. Sua vida conjugal revela-se impossível. Infelizes, isoladas, só encontram refúgio nos braços soberanos da mãe. Se lhe resistem, um conflito perpétuo as oporá uma a outra; a mãe frustrada transporta em grande parte para o genro a irritação que provoca nela a insolente independência da filha.

A mãe que se identifica apaixonadamente com a filha não é menos tirânica; o que quer é, munida de sua experiência madura, recomeçar a juventude; assim salvará seu passado se salvando dele; escolherá ela própria um genro de acordo com o marido sonhado que não teve; coquete, meiga, imaginará de bom grado que é a ela que, em alguma região secreta do coração, ele desposa; através da filha satisfará seus velhos desejos de riqueza, de êxito, de glória. Foram muitas vezes descritas essas mulheres que "empurram" fogosamente as filhas pelos caminhos da galanteria, do cinema, do teatro; a pretexto de vigiá-las, apropriam-se de sua vida: citaram-me algumas que chegam a enfiar em suas camas os pretendentes à jovem. Mas é raro que esta suporte indefinidamente tal tutela; no dia em que tiver encontrado marido ou protetor sério, se rebelará. A sogra que começara por adorar o genro torna-se então hostil a ele; geme sobre a ingratidão humana, apresenta-se como vítima; torna-se por sua vez uma mãe inimiga. Pressentindo essas decepções, muitas mulheres encerram-se

na indiferença quando veem os filhos crescer, mas disso tiram então pouca alegria. É preciso à mãe uma mistura rara de generosidade e de desapego para encontrar na vida dos filhos um enriquecimento, sem se tornar tirana nem os transformar em carrascos.

Os sentimentos da avó em relação aos netos prolongam os que ela dedica à filha: frequentemente transfere para eles sua hostilidade. Não é somente por preocupação com a opinião pública que tantas mulheres obrigam a filha seduzida a abortar, a abandonar o filho, a suprimi-lo: são muito felizes por proibir-lhes a maternidade; obstinam-se em querer deter para si mesmas esse privilégio. Mesmo à mãe legítima, aconselharão de bom grado a abortarem, a não amamentarem, a afastarem-no. Com sua indiferença, negarão essa pequena existência impudente; ou então estarão incessantemente ocupadas em ralhar com a criança, castigá-la e até maltratá-la. Ao contrário, a mãe que se identifica com a filha acolhe muitas vezes os filhos desta com maior ansiedade do que a jovem mulher: esta está desnorteada com a chegada do pequeno desconhecido; a avó reconhece-o: recua vinte anos no tempo, torna a ser uma jovem parturiente; todas as alegrias da posse e do domínio, que de há muito seus filhos não lhe davam mais, são-lhe devolvidas, todos os desejos de maternidade a que renunciara no momento da menopausa são milagrosamente satisfeitos; é ela a verdadeira mãe, assume o encargo do bebê com autoridade e, se ele lhe for entregue, a ele se dedicará com paixão. Infelizmente para a avó, a jovem mãe faz questão de afirmar seus direitos: a avó é tão somente autorizada a desempenhar o papel de assistente que outrora as mais velhas desempenharam junto dela; sente-se destronada; e depois é preciso contar com a mãe do genro de quem, naturalmente, tem ciúmes. O despeito perverte muitas vezes o amor espontâneo que a princípio devotava à criança. A ansiedade que frequentemente se observa nas avós traduz a ambivalência de seus sentimentos: adoram o bebê na medida em que lhes pertence, são hostis ao pequeno que também é estranho a elas, têm vergonha dessa inimizade. Entretanto se, renunciando a possuí-los inteiramente, a avó conserva pelos netos uma verdadeira afeição, pode desempenhar na vida deles um papel privilegiado de divindade tutelar: não se reconhecendo nem direitos nem responsabilidades, ama-os com uma generosidade pura; não acarinha sonhos narcisistas através deles, não lhes pede nada, não os sacrifica a um futuro a que não estará presente; o que adora são os pequenos seres de carne e osso que hoje se acham à sua frente, em sua contingência e em sua gratuidade;

não é uma educadora; não encarna a justiça abstrata, a lei. Daí é que virão os conflitos que por vezes a opõem aos pais.

Em certos casos a mulher não tem descendentes ou não se interessa pela posteridade; na ausência de laços naturais com filhos ou netos, ela tenta algumas vezes criar artificialmente homólogos. Propõe aos jovens uma ternura maternal; quer sua afeição permaneça platônica ou não, não é somente por hipocrisia que declara amar seu jovem protegido "como um filho": os sentimentos maternos, inversamente, são amorosos. É verdade que os êmulos de Mme de Warens se comprazem em satisfazer, em ajudar, em formar um homem com generosidade: querem ser fonte, condição necessária, fundamento de uma existência que as ultrapassa; fazem-se mães e buscam-se em seu amante muito mais sob esse aspecto do que sob o aspecto de uma amante. Também constantemente são as filhas que a mulher maternal adota: ainda assim suas relações revestem formas mais ou menos sexuais; mas, platônica ou carnalmente, o que ela procura em suas protegidas é um duplo milagrosamente rejuvenescido. A atriz, a dançarina, a cantora tornam-se pedagogas: formam alunas; a intelectual — como Mme de Charrière na solidão de Colombier — doutrina discípulos; a devota reúne filhas espirituais em torno de si. A mulher galante torna-se alcoviteira. Se emprestam a seu proselitismo tão ardoroso zelo, nunca é por simples interesse: procuram apaixonadamente reencarnar-se. Sua generosidade tirânica engendra mais ou menos os mesmos conflitos que entre a mãe e as filhas unidas pelos laços do sangue. É possível também adotar netos: as tias-avós, as madrinhas desempenham de bom grado um papel análogo ao das avós. Mas é, em todo caso, muito raro que a mulher encontre em sua posteridade — natural ou eleita — uma justificação para sua vida declinante: fracassa em se encarregar de uma dessas jovens existências. Ou se obstina em seu esforço por anexá-la, e se consome em lutas e dramas que a deixam desiludida, quebrada, ou se resigna a uma participação modesta. É o caso mais comum. A mãe envelhecida, a avó reprimem seus desejos dominadores, dissimulam seus rancores; contentam-se com o que os filhos consentem em dar-lhes. Mas então não encontram mais socorro neles. Continuam disponíveis diante do deserto do futuro, presas da solidão, da saudade, do tédio.

Abordamos aqui a lamentável tragédia da mulher idosa: ela sabe-se inútil; durante toda a sua vida, a mulher burguesa teve frequentemente que resolver o problema irrisório: como matar o tempo? Mas, uma vez educados os filhos, o marido instalado na vida, os dias não acabam mais. Os "trabalhos femininos" foram inventados a fim de dissimular essa horrível ociosidade; as mãos

bordam, fazem tricô, mexem; não se trata de um trabalho de verdade porque o objeto produzido não é o fim visado; tem pouca importância e muitas vezes é um problema saber a que destiná-lo: livram-se dele dando-o a uma amiga, a uma organização de caridade, atopetando lareiras e mesinhas; não é tampouco um jogo que revela, em sua gratuidade, a pura alegria de existir; e é apenas um *álibi*, porquanto o espírito permanece desocupado: é o divertimento absurdo tal qual o descreve Pascal; com a agulha ou o crochê, a mulher tece tristemente o próprio vazio de seus dias. A aquarela, a música, a leitura têm quase o mesmo papel; a mulher desocupada não tenta, entregando-se a isso, adquirir um domínio sobre o mundo, busca apenas desentediar-se; uma atividade que não se abre para o futuro recai na vaidade da imanência; a ociosa abre um livro, larga-o, abre o piano, fecha-o, volta a seu bordado, boceja e acaba por ligar o telefone. Com efeito, é na vida mundana que ela prefere procurar socorro; sai, faz visitas, atribui — como Mrs. Dalloway — enorme importância a essas recepções; assiste a todos os casamentos, a todos os enterros; não tendo mais existência própria, nutre-se das presenças de outrem; de coquete, passa a comadre: observa, comenta; compensa sua inação dispersando em torno de si críticas e conselhos. Põe sua experiência a serviço de todos os que não lhe pedem nada. Se tem meios organiza um salão: espera assim apropriar-se dos empreendimentos e êxitos alheios; sabe-se com que despotismo Mme du Deffand, Mme Verdurin governavam seus súditos. Ser um centro de atração, uma encruzilhada, uma inspiradora, criar um "ambiente" já é um sucedâneo da ação. Há outras maneiras discretas de intervir no mundo; na França existem "obras" e algumas "associações" mas é principalmente na América do Norte que as mulheres se reúnem em clubes onde jogam *bridge*, distribuem prêmios literários e meditam sobre melhoramentos sociais. O que nos dois continentes caracteriza a maior parte dessas associações é que elas são, em si, sua própria razão de ser: os objetivos que pretendem visar são apenas pretextos. As coisas passam-se exatamente como no apólogo de Kafka:[435] ninguém se preocupa em edificar a torre de Babel; em torno de sua localização ideal constrói-se uma vasta aglomeração que consome todas as forças em se administrar, em se ampliar, em resolver questões intestinas. Assim vivem as senhoras que se ocupam de obras, ordenando a maior parte do tempo sua organização; elegem uma diretoria, elaboram estatutos, discutem entre si e rivalizam com uma associação similar; é preciso que não lhes roubem *seus* pobres, *seus* doentes, *seus* feridos, *seus* órfãos; preferirão deixá-los morrer a cedê-los aos vizinhos. E estão muito longe de desejar um regime que, suprimindo as injustiças e os

abusos, tornaria inútil sua dedicação; abençoam as guerras, as fomes que as transformam em benfeitoras da humanidade. É claro que, a seus olhos, xales e pacotes de presentes não se destinam aos soldados, nem aos esfaimados; estes é que são feitos de propósito para receber tricôs e pacotes.

Apesar de tudo, alguns desses grupos alcançam resultados positivos. Nos Estados Unidos, a influência das *Moms* veneradas é poderosa; explica-se pelos lazeres que lhes proporciona uma existência parasitária: por isso é nefasta. "Não conhecendo nada de medicina, arte, ciência, religião, direito, saúde, higiene...", diz Philipp Wyllie,[436] falando da *Mom* norte-americana, "interessa-se raramente pelo que faz como membro de uma dessas inúmeras organizações: basta-lhe que seja *alguma coisa*". Seu esforço não se integra em um plano coerente e construtivo, não visa a fins objetivos: tende apenas a manifestar seus gostos, preconceitos ou a servir seus interesses. No terreno cultural, por exemplo, desempenham um papel considerável: são elas que consomem maior número de livros; mas os leem como jogam uma paciência; a literatura assume seu sentido e dignidade quando se endereça a indivíduos empenhados em projetos, quando os ajuda a se ultrapassarem para horizontes mais amplos; cumpre que ela seja integrada no movimento da transcendência humana; ao passo que a mulher degrada livros e obras de arte dissipando-os em sua imanência; o quadro torna-se bibelô, a música refrão vulgar, o romance um devaneio tão vão quanto uma touca de crochê. São as americanas as responsáveis pelo aviltamento dos *best-sellers*: estes não somente pretendem agradar, como também agradar a ociosas ávidas de evasão. Quanto ao conjunto de suas atividades, Philipp Wyllie assim as define:

> Aterrorizam os políticos até os levarem a um servilismo choroso e amedrontam os pastores; aborrecem os presidentes de bancos e destroem os diretores de escolas. A *Mom* multiplica as organizações cujo fim real é reduzir seus próximos a uma abjeta complacência para com seus desejos egoístas... expulsa da cidade e, se possível, do Estado, as jovens prostitutas... consegue que o ônibus passe por onde seja mais prático para ela do que para os operários... organiza quermesses e festas de caridade prodigiosas entregando a renda ao porteiro para que compre cerveja, a fim de tratar da ressaca dos membros da diretoria no dia seguinte... Os clubes fornecem à *Mom* oportunidades incalculáveis de enfiar o nariz nos negócios dos outros.

Há muita verdade nesta sátira agressiva. Não sendo especializadas nem em política, nem em economia, nem em qualquer disciplina técnica, as velhas senhoras não têm nenhuma influência concreta na sociedade; ignoram os problemas que a ação coloca; são incapazes de elaborar algum programa

construtivo. Sua moral é abstrata e formal como os imperativos de Kant; decretam proibições em vez de procurar descobrir os caminhos do progresso; não tentam criar positivamente situações novas; atacam as que já existem a fim de eliminar o mal que comportam; é o que explica que sempre se coliguem contra alguma coisa: contra o álcool, a prostituição, a pornografia; não compreendem que um esforço puramente negativo é destinado ao fracasso como o provou na América o malogro da "lei seca" e na França a lei que Marthe Richard fez votar. Enquanto a mulher permanecer parasita, não poderá eficientemente participar da elaboração de um mundo melhor.

Pode acontecer, apesar de tudo, que certas mulheres se empenhem de corpo e alma num empreendimento e tornem-se realmente ativas; então não procuram apenas ocupar-se, visam também a certos fins; produtoras autônomas, evadem-se da categoria parasitária que aqui consideramos: mas essa conversão é rara. A maioria das mulheres, em suas atividades privadas ou públicas, visa não a um resultado a atingir e sim a se ocupar; e toda ocupação é vã quando é apenas um passatempo. Muitas delas sofrem com isso; tendo atrás de si uma vida já acabada, conhecem o mesmo desnorteamento que os adolescentes cuja vida não se abriu ainda; nada as solicita, em torno de ambos é o deserto; em face de todas as ações murmuram: para quê? Mas o adolescente, queira ou não, é arrastado para uma vida de homem que lhe desvenda responsabilidades, objetivos, valores; é jogado no mundo, toma partido, empenha-se. A mulher idosa, se lhe sugerem que parta novamente para o futuro, responde: tarde demais. Não porque o tempo seja agora medido: uma mulher é aposentada muito cedo; mas falta-lhe o entusiasmo, a confiança, a esperança, a cólera que lhe permitiriam descobrir novos objetivos ao redor de si. Ela se refugia na rotina que sempre constituiu seu quinhão; faz da repetição um sistema, entrega-se a manias caseiras; afunda cada vez mais profundamente na devoção; encerra-se no estoicismo como Mme de Charrière. Torna-se seca, indiferente, egoísta.

É justamente no fim da vida, quando renunciou à luta, quando a aproximação da morte a liberta da angústia do futuro que a mulher velha encontra geralmente a serenidade. Muitas vezes o marido é mais idoso, ela assiste à sua decadência com silenciosa complacência: é sua revanche; se ele morre em primeiro lugar, ela suporta displicentemente o luto; observou-se mais de uma vez que os homens ficam muito mais acabrunhados com uma viuvez tardia, tiram do casamento maiores benefícios do que as mulheres, principalmente na velhice, porque então o universo se concentrou dentro dos

limites do lar; os dias presentes não transbordam mais sobre o futuro; ela é quem lhes garante o ritmo monótono e sobre eles reina. Quando perde suas funções públicas, o homem torna-se totalmente inútil; a mulher conserva pelo menos a direção da casa; ela é necessária ao marido ao passo que ele é somente importuno. De sua independência, orgulham-se as mulheres; põem-se afinal a olhar o mundo com os próprios olhos; dão-se conta de que foram iludidas e mistificadas durante toda a vida; lúcidas, desconfiadas, atingem frequentemente um cinismo saboroso. Em particular, a mulher que "viveu" tem um conhecimento dos homens que nenhum homem compartilha; porque ela não viu sua figura pública e sim o indivíduo contingente, que cada qual resolve ser na ausência de seus semelhantes; ela conhece também as mulheres que só se mostram em sua espontaneidade a outras mulheres; conhece o inverso do cenário. Mas, se sua experiência permite-lhe denunciar mistificações e mentiras, não basta porém para lhe revelar a verdade. Divertida ou amarga, a sabedoria da mulher velha permanece ainda inteiramente negativa: é contestação, acusação, recusa; é estéril. Em seus pensamentos, como em seus atos, a mais alta forma de liberdade que a mulher parasita pode conhecer é o desafio estoico ou a ironia cética. Em nenhuma idade de sua vida ela consegue ser ao mesmo tempo eficiente e independente.

6/**Situação e caráter da mulher**

Hoje nos é possível compreender por que, nos requisitórios contra a mulher, dos gregos aos nossos dias, se encontram tantos traços comuns; sua condição permaneceu a mesma através de mudanças superficiais e define isso que se chama o "caráter" da mulher: esta "chafurda na imanência", é prudente e mesquinha, tem espírito de contradição, não tem o senso da verdade nem da exatidão, carece de moralidade, é baixamente utilitária, mentirosa, comediante, interesseira... Há em todas estas afirmações uma verdade. Só que as condutas que se denunciam não são ditadas à mulher pelos seus hormônios nem prefiguradas nos compartimentos de seu cérebro: são marcadas pela sua situação. Dentro desta perspectiva, tentaremos esboçar um panorama sintético que nos obrigará a certas repetições, mas que nos permitirá apreender no conjunto de seu condicionamento econômico, social, histórico, "o eterno feminino".

Opõe-se por vezes o "mundo feminino" ao universo masculino, mas é preciso sublinhar mais uma vez que as mulheres nunca constituíram uma sociedade autônoma e fechada; estão integradas na coletividade governada pelos homens e na qual ocupam um lugar de subordinadas; estão unidas somente enquanto semelhantes por uma solidariedade mecânica; não há entre elas essa solidariedade orgânica em que assenta toda uma comunidade unificada; elas se esforçaram sempre — nos tempos dos mistérios de Elêusis como hoje nos clubes, nos salões, nas reuniões beneficentes — por se ligar a fim de afirmarem um "contrauniverso", mas é ainda no seio do universo masculino que o colocam. E daí vem o paradoxo de sua situação: elas pertencem ao mesmo tempo ao mundo masculino e a uma esfera em que esse mundo é contestado; encerradas nessa esfera, investidas por aquele mundo, não podem instalar-se em nenhum lugar com tranquilidade. Sua docilidade

comporta sempre uma recusa, a recusa de uma aceitação; nisto sua atitude aproxima-se da atitude da moça; mas é mais difícil de sustentar porque não se trata somente para a mulher adulta de sonhar sua vida através do símbolos, e sim de vivê-la.

A própria mulher reconhece que o universo em seu conjunto é masculino; os homens modelaram-no, dirigiram-no e ainda hoje o dominam; ela não se considera responsável; está entendido que é inferior, dependente; não aprendeu as lições da violência, nunca emergiu, como um sujeito, em face dos outros membros da coletividade; fechada em sua carne, em sua casa, apreende-se como passiva em face desses deuses de figura humana que definem fins e valores. Neste sentido, há verdade no *slogan* que a condena a permanecer "uma eterna criança"; também se dizia dos operários, dos escravos negros, dos indígenas colonizados que eram "crianças grandes", enquanto não os temeram; isso significava que deviam aceitar, sem discussão, verdades e leis que outros homens lhes propunham: o quinhão da mulher é a obediência e o respeito. Ela não tem domínio, nem sequer em pensamento, sobre essa realidade que a cerca. É essa realidade a seus olhos uma presença opaca. Efetivamente, ela não fez a aprendizagem das técnicas que lhe permitiriam dominar a matéria; não é com a matéria que lhe cabe lutar, e sim com a vida e esta não se deixa dominar pelas ferramentas; não se pode senão suportar-lhe as leis secretas. O mundo não se apresenta à mulher como um "conjunto de utensílios" intermediário entre sua vontade e seus fins, tal qual o define Heidegger: é ao contrário uma resistência obstinada, indomável; ele é dominado pela fatalidade e cortado de caprichos misteriosos. Esse mistério de um morango de sangue que se transforma em um ser humano no ventre da mãe, nenhuma matemática o põe em equação, nenhuma máquina o poderá apressar ou retardar; ela experimenta a resistência da duração que os mais engenhosos aparelhos não conseguem dividir ou multiplicar; experimenta-a em sua carne submetida ao ritmo da lua e que os anos amadurecem primeiramente e depois corroem. Cotidianamente, a cozinha ensina-lhe paciência e passividade; é uma alquimia; cabe-lhe obedecer ao fogo, à água; "esperar que o açúcar derreta", que a pasta fermente e também que a roupa seque, que as frutas amadureçam. Os trabalhos caseiros aparentam-se a uma atividade técnica; mas são por demais rudimentares, por demais monótonos para convencer a mulher das leis da causalidade mecânica. Aliás, mesmo nesse campo, as coisas têm seus caprichos; há tecidos que encolhem e outros que não encolhem ao serem lavados, manchas que desaparecem e outras que não, objetos que se quebram sozinhos, poeiras que

germinam como plantas. A mentalidade da mulher perpetua a das civilizações agrícolas que adoram as virtudes mágicas da terra: ela acredita na magia. Seu erotismo passivo desvenda-lhe o desejo, não como vontade e agressão, mas como uma atração análoga à que faz oscilar a varinha do pesquisador de nascentes; a simples presença de sua carne incha e entesa o sexo do macho, por que uma água escondida não faria tremer a vara da aveleira? Ela sente-se cercada de ondas, de radiações, de fluidos; acredita na telepatia, na astrologia, na radiestesia, na tina de Mesmer, na teosofia, nas mesas giratórias, nas videntes, nos curandeiros; ela introduz na religião as superstições primitivas: círios, ex-votos etc.; encarna nos santos os antigos espíritos da natureza: este protege os viajantes, aquele as parturientes, um outro encontra os objetos perdidos; e naturalmente nenhum prodígio a espanta; sua atitude será a da conjuração e da prece; para obter determinado resultado, obedecerá a certos ritos comprovados. É fácil compreender por que é rotineira; o tempo não tem para ela uma dimensão de novidade, não é um jorro criador; como é destinada à repetição só vê no futuro uma duplicata do passado; conhecendo-se a palavra e a fórmula, a duração alia-se às forças da fecundidade: mas mesmo esta obedece ao ritmo dos meses, das estações; o ciclo de cada gravidez, de cada floração reproduz identicamente o que o precedeu; neste movimento circular, o único devir do tempo é uma lenta degradação: ele corrói os móveis e as roupas, como estraga o rosto; as forças férteis são pouco a pouco destruídas pela fuga dos anos. Por isso, a mulher não confia nessa força que se obstina em desfazer.

Não somente ela ignora o que seja uma verdadeira ação, capaz de mudar a face do mundo, mas ainda perde-se no meio desse mundo como no centro de uma imensa e confusa nebulosa. Sabe servir-se mal da lógica masculina. Stendhal observava que a manejava tão espertamente quanto o homem, quando a necessidade a obrigava a isso, mas trata-se de um instrumento que ela quase não tem a oportunidade de utilizar. Um silogismo não serve nem para acertar uma maionese nem para acalmar o choro da criança; os raciocínios masculinos não são adequados à realidade de quem tem experiência. E no reino dos homens, desde que não *faz* nada, seu pensamento, não aderindo a nenhum projeto, não se distingue do sonho; por falta de eficiência, ela não tem o senso da verdade; só anda às voltas com imagens e palavras, eis por que acolhe sem embaraço as assertivas mais contraditórias; preocupa-se pouco com elucidar os mistérios de um campo que de toda maneira está fora de seu alcance, contenta-se com conhecimentos terrivelmente vagos: confunde os

partidos, as opiniões, os lugares, as pessoas, os acontecimentos; há em sua cabeça uma estranha bagunça. Afinal, ver com clareza isso tudo não é de sua alçada: ensinaram-lhe a aceitar a autoridade masculina; renuncia pois a criticar, a examinar, a julgar por sua conta. Confia na casta superior. Eis por que o mundo masculino se apresenta a ela como uma realidade transcendente, um absoluto. "Os homens fazem os deuses, diz Frazer, as mulheres adoram-nos." Eles não podem ajoelhar-se com total convicção diante dos ídolos que forjaram; mas quando as mulheres encontram em seu caminho essas grandes estátuas, não imaginam que uma mão as fabricou e prosternam-se docilmente.[437] Em particular, gostam que a Ordem, o Direito se encarnem em um chefe. Em todo Olimpo há um deus soberano; a prestigiosa essência viril deve reunir-se em um arquétipo do qual pai, marido, amantes são apenas um pálido reflexo. É um tanto humorístico dizer que o culto que rendem a esse grande totem é sexual; o que é verdade é que em face dele satisfazem plenamente o sonho infantil de renúncia e de genuflexão. Na França os generais: Boulanger, Pétain, De Gaulle[438] sempre tiveram as mulheres para eles; cumpre lembrar com que entusiasmo as jornalistas do *Humanité* evocavam outrora Tito e seu belo uniforme. O general, o ditador — olhar de águia, queixo voluntarioso — é o pai celeste que exige o universo da seriedade, garantia absoluta de todos os valores. É da própria ineficiência e da ignorância que nasce o respeito das mulheres pelos heróis e pelas leis do mundo masculino; reconhecem-nos não por um julgamento, mas por um ato de fé. A fé tira sua força fanática do fato de que não é um saber: ela é cega, apaixonada, obstinada, estúpida; o que ela afirma, ela o afirma incondicionalmente, contra a razão, contra a história, contra todos os desmentidos. Essa reverência obstinada pode assumir segundo as circunstâncias dois aspectos: ora é ao conteúdo da lei, ora unicamente à sua forma vazia que a mulher adere com paixão. Se pertence à elite privilegiada que tira benefícios da ordem social estabelecida, ela a quer inabalável e faz-se notar pela sua intransigência. O homem sabe que pode reconstruir outras instituições, outra ética, outro código; apreendendo-se como transcendência, encara também a história como um devir; o mais conservador sabe que certa evolução é fatal e que a ela deve adaptar sua ação e seu pensamento; a mulher, não participando da história, não lhe compreende as necessidades; desconfia do futuro e almeja sustar o tempo. Não pressente nenhum meio de repovoar o céu se abaterem os ídolos propostos por seu pai, seus irmãos, seu marido; esforça-se encarniçadamente por defendê-los. Durante a guerra de Secessão ninguém entre os sulistas foi tão apaixonadamente escravocrata quanto as

mulheres; na Inglaterra, no momento da guerra dos Bôeres, na França contra a Comuna, foram elas as mais ferozes; procuram compensar sua inação pela intensidade dos sentimentos que exibem; em caso de vitória, lançam-se como hienas contra o inimigo abatido; em caso de derrota, recusam-se ferozmente a qualquer conciliação; não passando suas ideias de atitudes, é para elas indiferente defender as causas mais obsoletas: podem ser legitimistas em 1914, tsaristas em 1949. O homem encoraja-as por vezes sorrindo: agrada-lhe ver refletidas sob uma forma fanática as opiniões que exprime de forma mais contida; mas por vezes ele se aborrece também com o aspecto estúpido e obstinado que revestem então suas próprias ideias.

É somente nas civilizações e nas classes fortemente integradas que a mulher se apresenta assim irredutível. Geralmente, sendo sua fé cega, ela respeita a lei simplesmente por ser a lei; mesmo que a lei mude, ela conserva seu prestígio; aos olhos da mulher, a força cria o direito pois os direitos que reconhece aos homens decorrem da força masculina; eis por que, quando uma coletividade se decompõe, são elas as primeiras a se lançar aos pés dos vencedores. De uma maneira geral aceitam o que é. Um dos traços que as caracterizam é a resignação. Quando desenterraram as estátuas de Pompeia, observaram que os homens estavam imobilizados em movimentos de revolta, desafiando o céu ou procurando fugir, ao passo que as mulheres, curvadas, encolhidas sobre si mesmas, voltavam o rosto para a terra. Elas sabem que são impotentes contra as coisas: os vulcões, os policiais, os patrões, os homens. "As mulheres são feitas para sofrer, dizem elas. É a vida... nada se pode contra ela." Essa resignação engendra a paciência que frequentemente se admira nelas. Suportam muito melhor do que o homem o sofrimento físico: são capazes de uma coragem estoica quando as circunstâncias o exigem: sem a coragem agressiva do homem, muitas mulheres distinguem-se pela calma tenacidade de sua resistência passiva; enfrentam as crises, a miséria, a desgraça mais energicamente do que os maridos; respeitosas do tempo que nenhuma pressa pode vencer, não medem sua duração; quando aplicam sua obstinação serena a algum empreendimento, obtêm, por vezes, resultados brilhantes. "O que a mulher quer...", diz o provérbio. Numa mulher generosa, a resignação assume a forma da indulgência: ela admite tudo, não condena ninguém porque julga que nem as pessoas nem as coisas podem ser diferentes do que são. Uma orgulhosa pode fazer disso uma virtude altiva, como Mme de Charrière endurecida em seu estoicismo. Mas ela engendra também uma prudência estéril; as mulheres sempre preferem conservar, consertar, arranjar, a destruir e reconstruir. Preferem os acordos e as

transações às revoluções. No século XIX, constituíram um dos maiores obstáculos ao esforço de emancipação proletária; para uma Flora Tristan, uma Louise Michel, quantas donas de casa perdidas em sua timidez não suplicavam ao marido que não corresse nenhum risco! Tinham medo, não somente das greves mas ainda da falta de trabalho, da miséria: temiam que a revolta fosse um erro. Compreende-se que, suportar por suportar, prefiram a rotina à aventura: alcançam mais facilmente sua parte de magra felicidade em casa do que nas estradas. Seu destino confunde-se com o das coisas perecíveis; perdendo-as, perderiam tudo. Só um sujeito livre, afirmando-se para além do tempo, pode vencer toda ruína; esse supremo recurso, proibiram-no à mulher. É essencialmente porque nunca experimentou os poderes da liberdade que ela não acredita em uma libertação: o mundo parece-lhe regido por um destino obscuro que seria presunçoso desafiar. Esses caminhos perigosos que a querem obrigar a seguir, não foi ela que os abriu: é normal que neles não se precipite com entusiasmo.[439] Que lhe franqueiem o futuro e ela não mais se agarrará ao passado. Quando chamam concretamente as mulheres à ação, quando elas se reconhecem nos objetivos que lhes designam, são tão ousadas e corajosas quanto os homens.[440]

Muitos defeitos que lhes censuram — mediocridade, pequenez, timidez, mesquinharia, preguiça, frivolidade, servilismo — exprimem simplesmente o fato de que o horizonte lhes está barrado. A mulher é, dizem, sensual, chafurda na imanência; mas antes de mais nada aí a encerraram. A escrava presa no harém não experimenta nenhuma paixão mórbida pela geleia de rosas, pelos banhos perfumados: precisa passar o tempo; na medida em que sufoca em um morno gineceu — bordel ou lar burguês — a mulher se refugiará no conforto e no bem-estar; aliás, se busca avidamente a volúpia é muitas vezes porque dela se acha frustrada; sexualmente insatisfeita, fadada à violência do macho, "condenada às indignidades masculinas", consola-se com molhos cremosos, vinhos capitosos, veludos, carícias da água, do sol, de uma amiga, de um jovem amante. Se se apresenta ao homem como um ser "tão físico", é porque sua condição a incita a dar extrema importância à própria animalidade. A carne não grita mais forte nela do que no homem: mas fica atenta aos seus mais insignificantes murmúrios e os amplia; a volúpia, como a dor do sofrimento, é o fulminante triunfo do imediato; pela violência do instante, o futuro e o universo são negados: fora da centelha carnal, o que existe não é nada; durante essa breve apoteose ela não é mutilada nem frustrada. Mais uma vez, ela só empresta tão grande valor a esses triunfos porque a imanência é seu quinhão.

Sua frivolidade tem a mesma causa que seu "materialismo sórdido"; ela dá importância às pequenas coisas por não ter acesso às grandes: além disso, as futilidades que lhe enchem os dias são, muitas vezes, das mais sérias; à sua toalete, à sua beleza, deve seu encanto e suas possibilidades. Mostra-se frequentemente indolente, preguiçosa, mas as ocupações que a ela se propõem são tão vãs quanto o simples escoar do tempo; se é tagarela, escrevinhadora, é para evitar a ociosidade: substitui palavras a atos impossíveis. O fato é que, quando se empenha num empreendimento digno de um ser humano, a mulher sabe mostrar-se tão ativa, eficiente, silenciosa, ascética quanto um homem. Acusam-na de ser servil. Está sempre disposta, dizem, a deitar-se aos pés do senhor e a beijar a mão que lhe bateu; é verdade que carece geralmente de um verdadeiro orgulho; os conselhos que os "consultórios sentimentais" dispensam às mulheres enganadas, às amantes abandonadas são inspirados por um espírito de abjeta submissão; a mulher esgota-se em cenas arrogantes e acaba recolhendo as migalhas que o macho consente em lhe jogar. Mas o que pode fazer sem o apoio masculino uma mulher para quem o homem é ao mesmo tempo o único meio e a única razão de viver? Ela é obrigada a aceitar todas as humilhações; a escrava não poderia ter o sentido da "dignidade humana"; para ele, tirar o corpo fora é suficiente. Enfim, se é "terra a terra", caseira, baixamente utilitária, é porque lhe impõem consagrar sua existência a preparar alimentos e limpar sujeiras: não é disso que ela pode tirar o sentido da grandeza. Ela deve assegurar a monótona repetição da vida em sua contingência e sua facticidade: é natural que ela própria repita, recomece, sem jamais inventar, que o tempo lhe pareça girar sobre si mesmo sem conduzir a nenhum lugar; ocupa-se sem nunca *fazer* nada; aliena-se pois no que *tem*; essa dependência em relação às coisas, consequência da dependência em relação aos homens, explica sua prudente economia, sua avareza. Sua vida não é dirigida para fins; absorve-se em produzir ou manter coisas que nunca passam de meios: alimento, roupas, residência; são intermediários inessenciais entre a vida animal e a livre existência; o único valor ligado ao meio inessencial é a utilidade; é no nível do útil que vive a dona de casa e ela só se vangloria de ser útil a seus parentes. Mas nenhum existente poderia satisfazer-se com um papel inessencial: logo transforma os meios em fins — como se verifica entre os políticos — e o valor dos meios torna-se a seus olhos valor absoluto. Assim a utilidade reina no céu da dona de casa mais alto do que a verdade, a beleza, a liberdade e é nessa perspectiva, que é a sua, que ela encara todo o universo; e é porque adota a moral aristotélica do meio-termo, da mediocridade. Como

encontraria em si audácia, ardor, desapego, grandeza? Tais qualidades só aparecem no caso em que uma liberdade se lança através de um futuro aberto, emergindo além de todo o dado. Fecham a mulher numa cozinha ou num budoar e se espantam de que seu horizonte seja limitado; cortam-lhe as asas e lamentam que não saiba voar. Que lhe abram o futuro e ela não será mais obrigada a instalar-se no presente.

Dão prova da mesma inconsequência quando, fechando-a dentro dos limites de seu eu ou do lar, censuram-lhe o narcisismo, o egoísmo com seu cortejo: vaidade, suscetibilidade, maldade etc.; tiram-lhe toda possibilidade concreta de comunicação com outrem; ela não sente em sua experiência o apelo nem os benefícios da solidariedade, porquanto está inteiramente consagrada à sua própria família, separada; não se pode, portanto, esperar que se supere em prol do interesse geral. Confina-se obstinadamente no único terreno que lhe é familiar, em que ela pode exercer um domínio sobre as coisas e no seio do qual reencontra uma soberania precária.

Entretanto, por mais que feche as portas e as janelas, a mulher não encontra, em seu lar, uma segurança absoluta; esse universo masculino que ela respeita de longe, sem nele ousar se aventurar, bloqueia-a; e justamente porque é incapaz de apreendê-lo através de técnicas, de uma lógica segura, de conhecimentos articulados, ela se sente como a criança e o primitivo cercada de mistérios perigosos. Neles projeta sua concepção mágica da realidade: o curso das coisas parece-lhe fatal e, no entanto, tudo pode acontecer; ela mal distingue o possível do impossível; está disposta a acreditar em qualquer coisa; acolhe e propaga todos os boatos, provoca pânicos. Mesmo nos períodos de calma vive preocupada; à noite, na sonolência, deitada, inerte, assusta-se com figuras de pesadelo que reveste a realidade; assim, para a mulher condenada à passividade, o futuro opaco é povoado pelos fantasmas da guerra, da revolução, da fome, da miséria; não podendo agir, ela se inquieta. O marido, o filho, quando se lançam num empreendimento, quando são arrastados por um acontecimento, assumem seus riscos por sua própria conta: seus projetos, as normas a que obedecem, traçam na obscuridade um caminho seguro; mas a mulher debate-se numa noite confusa; ela "se preocupa" porque não faz nada; na imaginação, todos os possíveis têm a mesma realidade: o trem pode descarrilar, a operação pode falhar, o negócio malograr; o que ela tenta em vão conjurar, em suas longas ruminações melancólicas, é o espectro de sua própria impotência.

A preocupação traduz a desconfiança em relação ao mundo dado; se ele se lhe afigura carregado de ameaças, prestes a afundar em obscuras catástrofes, é porque ela não se sente feliz. Na maior parte do tempo ela não se resigna em se resignar; sabe muito bem o que suporta, e o suporta contra sua vontade; é mulher sem ter sido consultada; não ousa revoltar-se; é irritada que se submete; sua atitude é uma recriminação constante. Todos os que recebem as confidências das mulheres — médicos, padres, assistentes sociais — sabem que a maneira mais comum é a queixa; entre amigas, geme cada uma sobre seus próprios males e todas juntas sobre a injustiça da sorte, o mundo e os homens em geral. Um indivíduo livre somente a si censura seus fracassos, assume-os, mas é através de outrem que tudo acontece à mulher, é outro que é responsável por suas desgraças. Seu desespero furioso recusa todos os remédios; propor soluções a uma mulher resolvida a queixar-se não adianta nada; nenhuma lhe parece aceitável. Ela quer viver sua situação precisamente como a vive: numa cólera impotente. Que lhe proponham uma mudança, ergue os braços ao céu: "Não faltava mais nada!" Sabe que seu mal-estar é mais profundo do que os pretextos que dá, e que não basta um expediente para libertá-la: ressente-se contra o mundo inteiro, porque foi edificado sem ela e contra ela; desde a adolescência, desde a infância, protesta contra sua condição; prometeram-lhe compensações, asseguraram-lhe que, se abdicasse de suas possibilidades nas mãos de um homem, elas lhe seriam devolvidas centuplicadas e considera-se mistificada; acusa todo o universo masculino; o rancor é o reverso da dependência: quando se dá tudo, nunca se recebe bastante de volta. Entretanto, ela também tem necessidade de respeitar o universo masculino; se sentiria em perigo sem um teto em cima da cabeça, se o contestasse inteiramente: ela adota a atitude maniqueís-ta que também lhe é sugerida pela sua experiência caseira. O indivíduo que age se reconhece responsável do mesmo modo que os outros pelo mal e pelo bem, sabe que lhe cabe definir os fins e fazer com que triunfem; sente na ação a ambiguidade de toda solução; justiça e injustiça, lucros e perdas acham-se inextricavelmente misturados. Mas quem é passivo coloca-se fora do jogo e recusa-se a colocar, ainda que em pensamento, os problemas éticos: o bem *deve* ser realizado e, se não o é, há uma falta cujos culpados devem ser punidos. Como a criança, a mulher representa o bem e o mal em simples imagens de Epinal; o maniqueísmo tranquiliza o espírito, suprimindo a angústia da escolha; escolher entre uma praga e outra menor, entre um benefício presente e um benefício ainda maior no futuro, ter que definir o que é derrota, o que é vitória, é assumir riscos

terríveis; para o maniqueísta, o trigo bom está claramente separado do joio e basta arrancar este último; a poeira condena-se a si própria e a limpeza é a perfeita ausência de sujeira; limpar é expulsar detritos e lama. Assim a mulher pensa que "tudo é culpa dos judeus" ou dos maçons, ou dos bolcheviques, ou do governo; ela é sempre *contra* alguém ou alguma coisa; entre os antidreyfusistas, as mulheres eram mais encarniçadas ainda do que os homens; elas nem sempre sabem onde reside o princípio maligno, mas o que esperam de um bom governo é que ele o expulse, como se expulsa a poeira da casa. Para as gaullistas fervorosas, De Gaulle se apresenta como o rei dos varredores; de espanadores e trapos nas mãos, elas o imaginam limpando e fazendo brilhar uma França "limpa".

Mas essas esperanças situam-se sempre num futuro incerto; enquanto se espera, o mal continua a roer o bem; e como não tem à mão os judeus, os maçons, os bolcheviques, a mulher procura um responsável contra quem possa concretamente indignar-se: o marido é a vítima predileta. É nele que se encarna o universo masculino, é através dele que a sociedade masculina assumiu o encargo da mulher e a mistificou; ele suporta o peso do mundo e, se as coisas vão mal, é culpa dele. Quando volta, à noite, ela se queixa dos filhos, dos fornecedores, do trabalho doméstico, do custo de vida, de seu reumatismo, do tempo que faz: e quer que o esposo se sinta culpado. Muitas vezes alimenta em relação a ele ressentimentos particulares; mas o marido é culpado antes de tudo de ser um homem; também pode ter suas doenças, suas preocupações: "Não é a mesma coisa"; ele detém um privilégio que ela sente constantemente como uma injustiça. É de notar que a hostilidade que ela experimenta em relação ao marido, ao amante, a prenda a eles ao invés de afastá-la; um homem que começou a detestar a mulher ou a amante procura fugir dela: mas ela quer ter na mão o homem que odeia, para fazê-lo pagar. Escolher recriminar não é escolher desembaraçar-se de seus males, e sim chafurdar neles; seu supremo consolo é apresentar-se como mártir. A vida, os homens venceram-na: ela fará dessa derrota uma vitória. Eis por que, como em sua infância, ela se entregará com tanto entusiasmo ao frenesi das lágrimas e das cenas.

É sem dúvida porque sua vida se constrói sobre um fundo de revolta impotente que a mulher chora tão facilmente; por certo tem ela fisiologicamente um menor controle do sistema nervoso e simpático do que o homem; sua educação ensinou-lhe a entregar-se: as normas de conduta desempenham aqui um grande papel: Diderot, Benjamin Constant vertiam dilúvios de lágrimas; mas os homens deixaram de chorar, desde que o costume

o proibiu. Mas a mulher está sempre disposta a adotar em relação ao mundo uma conduta de fracasso, porque nunca o enfrentou francamente. O homem aceita o mundo; a própria desgraça não mudará sua atitude, ele a enfrentará, não se deixará vencer; ao passo que basta uma contrariedade para pôr novamente a descoberto, para a mulher, a hostilidade do universo e a injustiça de sua sorte; então ela se precipita em seu mais seguro refúgio: ela mesma; esse rasto morno em suas faces, essa ardência em seus olhos, é a presença sensível de sua alma dolorosa; doces na pele, ligeiramente salgadas na língua, as lágrimas são também uma terna e amarga carícia; o rosto queima sob uma torrente de água clemente; as lágrimas são ao mesmo tempo queixa e consolo, febre e calmante frescor. São também um supremo *álibi*; bruscas como a borrasca, caindo intermitentes, ciclone, aguaceiro, chuvisco, metamorfoseiam a mulher numa fonte queixosa, num céu atormentado; seus olhos não veem mais, velados por uma neblina; não são mais sequer um olhar, fundem-se em chuva. Cega, a mulher retorna à passividade das coisas naturais. Querem-na vencida: ela afunda na derrota; vai a pique, afoga-se, escapa ao homem que a contempla, impotente como diante de uma catarata. Ele julga o processo desleal: mas ela considera que a luta é desleal desde o início, porque não lhe deram nenhuma arma eficaz. Ela recorre uma vez mais a uma conjuração mágica. E o fato de seus soluços exasperarem o homem fornece-lhe uma razão a mais para utilizá-los.

Se as lágrimas não bastam para lhe exprimir a revolta, ela se entregará a cenas cuja violência incoerente desnorteará ainda mais o homem. Em certos meios, o homem espanca a mulher; em outros, precisamente porque é o mais forte e porque seu punho é um instrumento eficaz, ele evita toda violência. Mas a mulher, como a criança, entrega-se a crises simbólicas: pode jogar-se contra o homem, arranhá-lo; são gestos apenas. Mas, principalmente, ela se põe a mimar em seu corpo, através de ataques de nervos, as recusas que não pode concretamente realizar. Não é somente por razões fisiológicas que ela é sujeita a manifestações convulsivas: a convulsão é uma interiorização de uma energia que, jogada no mundo, fracassa em apreender qualquer objeto; é um gasto inútil de todas as potências de negação suscitadas pela situação. A mãe raramente tem crises de nervos diante de seus filhos pequenos porque pode bater neles, puni-los: é diante do filho crescido, do marido, do amante, sobre os quais não tem influência, que a mulher se entrega a desesperos furiosos. As cenas histéricas de Sofia Tolstoi são significativas; sem dúvida ela cometeu o grande erro de nunca ter procurado entender o marido e através de seu diário

não parece nem generosa, nem sensível, nem sincera, e está longe de parecer uma pessoa atraente; mas, tenha tido razão ou não, em nada modifica sua situação: durante toda a vida apenas suportou, através de constantes recriminações, as relações conjugais, as maternidades, a solidão, o modo de vida que seu marido lhe impunha; quando as novas decisões de Tolstoi exasperaram o conflito, ela se encontrou sem armas contra a vontade inimiga, que recusava com toda a sua vontade impotente; jogou-se em comédias de recusa — falsos suicídios, falsas fugas, falsas doenças etc. — odiosas aos seus e para ela própria desgastantes: não vemos que outra saída lhe restava, posto que não tinha nenhuma razão positiva para calar seus sentimentos de revolta, e nenhum meio eficiente de exprimi-los.

Há uma saída para a mulher que chega ao fim de sua recusa: suicídio. Mas parece que o emprega menos frequentemente do que o homem. As estatísticas são muito ambíguas a esse respeito[441] considerando os suicídios, há muito mais homens do que mulheres que atentam contra a vida; mas as *tentativas* de suicídio são mais frequentes entre as mulheres. Talvez porque se contentem o mais das vezes com comédias: *representam* o suicídio mais do que o homem, *querem-no* mais raramente. Isso também, em parte, porque os meios brutais lhes repugnam: quase nunca empregam armas brancas, nem armas de fogo. Afogam-se de bom grado, como Ofélia, manifestando a afinidade da mulher com a água passiva e noturna e na qual parece que a vida pode passivamente dissolver-se. De um modo geral, observa-se aqui a ambiguidade que já assinalei: a mulher não procura sinceramente largar o que detesta. Representa o drama da ruptura, mas finalmente fica com o homem que a faz sofrer; finge abandonar a vida que a molesta mas é relativamente raro que se mate. Não gosta das soluções definitivas: protesta contra o homem, contra a vida, contra sua condição, mas não se evade.

Há muitas condutas femininas que devem ser interpretadas como protestos. Vimos que muitas vezes a mulher engana o marido por desafio, não por prazer; será avoada e gastadora só porque ele é metódico e econômico. Os misóginos que acusam a mulher de "estar sempre atrasada" pensam que ela carece do "senso da exatidão". Na verdade, vimos como se dobra docilmente às exigências do tempo. Seus atrasos são deliberadamente consentidos. Certas coquetes acreditam exasperar assim o desejo do homem e dar ainda maior valor à própria presença; mas, infligindo ao homem alguns momentos de espera, a mulher protesta principalmente contra a longa espera que é a sua própria vida. Em certo sentido, toda a sua existência é uma espera, pois está

encerrada no limbo da imanência, da contingência e sua justificação se acha sempre nas mãos de outrem; ela espera as homenagens, a aprovação masculina; espera o amor, a gratidão e os elogios do marido, do amante; espera deles suas razões de existir, seu valor e seu próprio ser. Deles espera a subsistência: que tenha em mãos o talão de cheques ou que receba semanal ou mensalmente as importâncias que o marido lhe concede, é preciso que ele receba, que tenha conseguido esse aumento para que ela possa pagar ao vendeiro ou comprar um vestido novo. Ela espera a presença dele; sua dependência econômica coloca-a à disposição dele; ela é apenas um elemento da vida masculina ao passo que o homem é toda sua vida; o marido tem ocupações fora do lar, a mulher suporta-lhe a ausência ao longo dos dias; é o amante — ainda que apaixonado — que decide das separações e dos encontros de acordo com as obrigações que tem. Na cama, ela aguarda o desejo do homem, espera, por vezes ansiosamente, seu próprio prazer. Tudo o que pode fazer é chegar atrasada ao encontro marcado pelo amante, é não estar pronta na hora que o marido designou; ela afirma assim a importância de suas próprias ocupações, reivindica sua independência, torna a ser, por um momento, o sujeito essencial cuja vontade o outro suporta passivamente. Mas trata-se de tímidas vinganças; por mais que se obstine em fazer os homens "esperar", nunca compensará as horas infinitas que passa a vigiar, a esperar, a submeter-se ao bel-prazer do homem.

De maneira geral, embora reconhecendo, em conjunto, a supremacia dos homens, aceitando-lhes a autoridade, adorando-lhes os ídolos, ela vai contestar-lhes o reinado palmo a palmo; daí o famoso "espírito de contradição" que tantas vezes lhe censuraram; não possuindo um domínio autônomo, não pode opor verdades, valores positivos aos que os homens afirmam; pode, entretanto, negá-los. Sua negação é mais ou menos sistemática segundo a maneira por que nela se dosam respeito e rancor. Mas o fato é que ela conhece todas as falhas do sistema masculino e se apressa em denunciá-las.

As mulheres não têm domínio sobre o mundo masculino porque sua experiência não lhes ensina a manejar a lógica e a técnica: inversamente, o poder dos instrumentos masculinos é abolido nas fronteiras do domínio feminino. Há toda uma região da experiência humana que o homem escolhe deliberadamente ignorar porque fracassa em *pensá-la*: essa experiência, a mulher a *vive.* O engenheiro, tão preciso quando faz seus planos, conduz-se, em casa, como um demiurgo: uma palavra e eis servida a refeição, suas camisas engomadas, seus filhos silenciosos; procriar é um ato tão rápido quanto o golpe de vara de Moisés; ele não se espanta com tais

milagres. A noção de milagre difere da ideia de magia; ela põe, no seio de um mundo racionalmente determinado, a descontinuidade radical de um acontecimento sem causa contra o qual todo pensamento se esboroa; ao passo que os fenômenos mágicos são unificados por forças secretas cujo devir contínuo uma consciência dócil — ainda que sem o compreender — pode aceitar. O recém-nascido é milagroso para o pai demiurgo, mágico para a mãe que lhe suportou o amadurecimento no ventre. A experiência do homem é inteligível, mas pontilhada de vazios; a da mulher é, em seus limites próprios, obscura mas plena. Essa opacidade a torna pesada; em suas relações com ela, o homem parece-lhe leve; ele tem a leveza dos ditadores, dos generais, dos juízes, dos burocratas, dos códigos e dos princípios abstratos. É o que sem dúvida queria dizer essa dona de casa que murmurava um dia, dando de ombros: "Os homens não pensam!" Elas dizem também: "Os homens não sabem, não conhecem a vida." Ao mito da fêmea do louva-a-deus, elas opõem o símbolo do zangão frívolo e importuno.

Compreende-se que nessa perspectiva a mulher recuse a lógica masculina. Não somente esta não lhe perturba a experiência, como ela sabe ainda que nas mãos dos homens a razão se torna uma forma matreira de violência; as afirmações peremptórias deles destinam-se a mistificar. Querem encerrá-la em um dilema: ou estás de acordo, ou não estás; em nome de todo o sistema dos princípios admitidos, ela deve estar de acordo: recusando sua adesão, é todo o sistema que recusa; não pode permitir-se semelhante escândalo; não tem os meios de reconstruir outra sociedade: contudo, não adere a esta. A meio caminho entre a revolta e a escravidão, resigna-se a contragosto à autoridade masculina. É pela violência que se faz preciso, em cada ocasião, obrigá-la a endossar as consequências de sua submissão incerta. O homem persegue a quimera de uma companheira livremente escrava: quer que, cedendo-lhe, ela ceda à evidência de um teorema; mas sabe que ele próprio escolheu os postulados a que se prendem suas rigorosas deduções; enquanto ela evita rediscuti-las, ele lhe tapa facilmente a boca; nem por isso a convence, porquanto ela adivinha a arbitrariedade dessas deduções. Por isso ele a acusará com irritação e obstinação de ilogismo: mas ela recusa participar do jogo porque sabe que os dados são viciados.

A mulher não pensa positivamente que a verdade seja *outra* que aquilo que os homens pretendem; ela admite antes que a verdade *não é.* Não é somente o devir da vida que a faz desconfiar do princípio de identidade, nem são os fenômenos mágicos de que se acha cercada que arruínam a noção de

causalidade: é no próprio coração do mundo masculino, é em si, enquanto pertencendo a esse mundo, que apreende a ambiguidade de todo princípio, de todo valor, de tudo o que existe. Sabe que a moral masculina, no que lhe diz respeito, é uma vasta mistificação. O homem acena-lhe pomposamente com seu código de virtude e honra, mas em surdina incita-a a desobedecer: espera mesmo essa desobediência; sem esta, toda a bela fachada atrás da qual ele se abriga desmoronaria.

O homem de bom grado se apoia na ideia hegeliana, segundo a qual o cidadão adquire sua dignidade ética transcendendo-se para o universal: enquanto indivíduo singular, tem direito ao desejo, ao prazer. Suas relações com a mulher situam-se pois numa região contingente em que a moral não mais se aplica, em que as condutas são indiferentes. Com os outros homens, ele tem relações em que se empenham valores; ele é uma liberdade enfrentando outras liberdades segundo leis que todos universalmente reconhecem; mas junto da mulher — ela foi inventada para esse fim — ele deixa de assumir sua existência, entrega-se à miragem do "em-si", situa-se num plano inautêntico; mostra-se tirânico, sádico, violento, ou pueril, masoquista, queixoso; tenta satisfazer suas obsessões, suas manias; "distende-se", "relaxa-se", em nome dos direitos que adquiriu em sua vida pública. Sua mulher assusta-se por vezes — como Thérèse Desqueyroux — com o contraste entre o alto nível de suas palavras, de suas condutas públicas e "suas pacientes invenções de sombra". Prega a repopulação e mostra-se hábil em não gerar mais filhos do que os que lhe convém. Exalta as esposas castas e fiéis, mas incita ao adultério a mulher do vizinho. Vimos com que hipocrisia os homens decretam que o aborto é criminoso, quando todos os anos na França um milhão de mulheres são colocadas pelo homem em situação de precisarem abortar; muitas vezes o marido ou o amante lhe impõe tal solução; muitas vezes eles supõem tacitamente que, em caso de necessidade, ela será adotada. Esperam confessadamente que a mulher consentirá em tornar-se culpada de um delito: sua "imoralidade" é necessária à harmonia da sociedade moral respeitada pelos homens. O exemplo mais flagrante dessa duplicidade é a atitude do homem em face da prostituição: é sua procura que cria a oferta; disse eu com que ceticismo enojado as prostitutas encaram os senhores respeitáveis que condenam o vício, mas demonstram muita indulgência por suas manias pessoais; entretanto consideram-se perversas e debochadas as mulheres que vivem de seu corpo, não os homens que os usam. Um caso ilustra esse estado de espírito: no fim do século passado, a polícia descobriu num bordel duas

meninas de 12 e 13 anos; houve um processo em que elas depuseram; falaram de seus fregueses, que eram homens importantes; uma delas abriu a boca para revelar um nome. O procurador deteve-a precipitadamente: *Não suje o nome de um homem honesto!* Um senhor condecorado com a Legião de Honra continua um homem de bem quando deflora uma menina; tem suas fraquezas, quem não as tem? Ao passo que a menina que não atinge a região ética do universal — que não é um magistrado, nem um general, nem um grande francês, mas apenas uma menina — joga seu valor moral na região contingente da sexualidade; é uma pervertida, uma transviada, uma depravada, boa para uma casa de correção. O homem pode, em muitos casos e sem macular sua "dignidade", perpetrar em cumplicidade com a mulher atos que para ela são condenáveis. Ela compreende mal tais sutilezas; o que compreende é que o homem não age em conformidade com os princípios que proclama e pede-lhe que a estes desobedeça. Ele não quer o que diz querer: por isso não lhe dá ela o que finge dar-lhe. Será uma esposa casta e fiel e às escondidas cederá aos próprios desejos; será uma mãe admirável mas praticará cuidadosamente o controle de natalidade e, se necessário, irá até o aborto. O homem oficialmente a condena, é a regra do jogo; mas mostra-se reconhecido a uma pela sua "pequena virtude" e a outra pela sua esterilidade. A mulher desempenha o papel desses agentes secretos que se deixam fuzilar, se são presos, e que se enchem de recompensas, se logram êxito; cabe a ela endossar toda a imoralidade dos homens: não é somente a prostituta, são todas as mulheres que servem de esgoto ao palácio luminoso e saudável em que habitam as pessoas honestas. Quando, em seguida, lhes falam de dignidade, de honra, de lealdade, de todas as grandes virtudes viris, cumpre não se espantar que se recusem a "ir na onda". Escarnecem particularmente quando os homens virtuosos as censuram por serem interesseiras, comediantes, mentirosas:[442] bem sabem que não lhes oferecem nenhuma outra saída. O homem também "se interessa" pelo dinheiro, pelo êxito: mas tem os meios de conquistá-los pelo trabalho; à mulher atribuíram um papel de parasita: todo parasita é necessariamente um explorador; ela precisa do homem para adquirir dignidade humana, para comer, gozar, procriar; é através dos serviços que presta com o sexo que assegura as generosidades masculinas; e como a encerram nessa função, ela se transforma inteiramente num instrumento de exploração. Quanto às mentiras, salvo no caso da prostituição, não se trata, entre ela e o protetor, de um negócio franco. O próprio homem reclama que ela represente uma comédia: quer que ela seja o *Outro*; mas todo existente, por

mais perdidamente que se renegue, permanece sujeito; ele a quer objeto: ela *faz-se* objeto; no momento em que ela se faz ser, exerce uma livre atividade; aí está sua traição original; a mais dócil, a mais passiva é ainda consciência; basta, por vezes, que o homem se aperceba de que, entregando-se a ele, ela o encara e julga, para que ele se sinta enganado; ela deve ser apenas uma coisa oferecida, uma presa. Entretanto, essa coisa, o homem exige também que ela lhe entregue livremente: pede-lhe que sinta prazer na cama, que lhe reconheça sinceramente a superioridade e os méritos no lar; no instante em que obedece, a mulher deve, pois, fingir independência enquanto, em outros momentos, representa ativamente a comédia da passividade. Ela mente para reter o homem que lhe assegura o pão cotidiano: cenas e lágrimas, transportes de amor, crises de nervos. E ela mente também para escapar à tirania que por interesse aceita. O homem a incita a comédias de que se aproveitam seu imperialismo e sua vaidade: ela volta contra ele seus poderes de dissimulação; consegue também vinganças duplamente deliciosas: porque, enganando-o, satisfaz desejos singulares, experimenta o prazer de o ridicularizar. A esposa, a cortesã mentem fingindo sensações que não têm; depois, divertem-se com um amante, com amigas, zombando da ingênua vaidade de sua vítima: "Não somente eles 'não nos satisfazem' como ainda querem que nos cansemos de gritar de prazer", dizem com rancor. Tais conversas assemelham-se às das criadas que, na copa, falam mal dos patrões. A mulher tem os mesmos defeitos porque é vítima da mesma opressão paternalista; tem o mesmo cinismo, porque vê o homem de baixo para cima, como o lacaio vê o patrão. Mas é claro que nenhum de seus traços manifesta uma essência ou uma vontade original pervertidas: refletem uma situação. "Há falsidade sempre que há regime coercivo", diz Fourier. "A proibição e o contrabando são inseparáveis, no amor como no comércio." E os homens sabem tão bem que os defeitos da mulher manifestam sua condição, que, preocupados com manter a hierarquia dos sexos, incentivam, em suas companheiras, os próprios traços que lhes permitem desprezá-las. Provavelmente, o marido, o amante irritam-se com os defeitos da mulher singular com quem vivem; entretanto, louvando encantos da feminilidade em geral, eles a imaginam inseparável de tais defeitos. Se não é pérfida, fútil, covarde, indolente, a mulher perde sua sedução. Na *Casa de boneca*, Helmer explica o quanto o homem se sente justo, forte, compreensivo, indulgente, quando perdoa as faltas pueris da frágil mulher. Assim também os maridos de Bernstein se enternecem — com a cumplicidade do autor — diante da mulher ladra, má, adúltera; eles medem, debruçando-se sobre ela com indulgência, a

própria sabedoria viril. Os racistas americanos e os colonos franceses desejam também que o Negro se mostre gatuno, preguiçoso, mentiroso: com isso ele prova sua indignidade, põe o direito do lado dos opressores; obstinando-se em ser honesto, leal, olham-no como um revoltado. Os defeitos da mulher exageram-se ainda mais pois ela não tenta combatê-los, mas, ao contrário, faz deles um adorno.

Recusando os princípios lógicos, os imperativos morais, cética diante das leis da natureza, a mulher não tem o sentido do universal; o mundo apresenta-se a ela como um conjunto confuso de casos singulares; eis por que acredita mais facilmente nos mexericos de uma vizinha do que numa exposição científica; sem dúvida, respeita o livro impresso, mas esse respeito desliza ao longo das páginas escritas sem apreender-lhes o conteúdo: ao contrário, a anedota contada por um desconhecido numa fila ou num salão reveste-se imediatamente de uma esmagadora autoridade; em seu domínio, tudo é magia; fora, tudo é mistério; ela não conhece o critério da verossimilhança; só a experiência imediata conquista sua convicção: sua própria experiência ou a de outrem, desde que a afirme com suficiente força. Quanto a ela, por se achar isolada em seu lar, não se confronta ativamente com as outras mulheres, considera-se espontaneamente como um caso singular; está sempre à espera de que o destino e os homens façam uma exceção em seu favor; muito mais do que nos raciocínios válidos para todos, ela crê nas iluminações que a atravessam; admite facilmente que lhes são enviadas por Deus ou por qualquer espírito obscuro do mundo; com relação a certas desgraças, a certos acidentes, ela pensa tranquilamente: "A mim isso não acontecerá!" Inversamente imagina que "para mim haverá uma exceção": ela gosta dos privilégios: o comerciante lhe fará um desconto, ou o guarda a deixará passar sem que tenha prioridade. Ensinaram-lhe a superestimar o valor de seu sorriso e esqueceram de lhe dizer que todas as mulheres sorriem. Não acontece isso porque ela se imagine mais extraordinária do que sua vizinha, mas sim porque não se compara; pela mesma razão, é raro que a experiência lhe inflija algum desmentido: experimenta um fracasso, outro, mas não os totaliza.

É por isso que as mulheres não conseguem construir solidamente um "contrauniverso", de onde possam desafiar os homens; esporadicamente, bradaram contra os homens em geral, contam umas às outras histórias de cama e de parto, trocam horóscopos e receitas de beleza. Mas, para edificar realmente esse "mundo do ressentimento" que seu rancor almeja, carecem de convicção; sua atitude em relação ao homem é demasiado ambivalente. Este é, com efeito,

uma criança, um corpo contingente e vulnerável, um ingênuo, um zangão importuno, um tirano mesquinho, um egoísta, um vaidoso: mas é também o herói libertador, a divindade que distribui os valores. Seu desejo é um apetite grosseiro, suas carícias são uma tarefa degradante: entretanto, o entusiasmo, a força viril apresentam-se também como uma energia demiúrgica. Quando uma mulher diz com êxtase: "É um homem!" evoca ao mesmo tempo o vigor sexual e a eficiência social do macho que admira: em uma e outra coisa se exprime a mesma soberania criadora; ela não imagina que ele seja um grande artista, um grande homem de negócios, um general, um chefe, sem ser um amante vigoroso; seus êxitos sociais têm sempre uma atração sexual; inversamente, ela se mostra disposta a reconhecer a genialidade do macho que a satisfaz. É, de resto, um mito masculino que ela retoma aqui. O falo, para Lawrence e muitos outros, é, ao mesmo tempo, uma energia viva e a transcendência humana. Assim a mulher pode ver nos prazeres da cama uma comunhão com o espírito do mundo. Dedicando ao homem um culto místico, perde-se e se reencontra na glória masculina. A contradição é, aqui, facilmente suprimida graças à pluralidade dos indivíduos que participam da virilidade. Alguns — aqueles cuja contingência ela experimenta na vida cotidiana — são a encarnação da miséria humana; em outros exalta-se a grandeza do homem. Mas a mulher aceita até que essas duas figuras se confundam em uma só. "Se eu me tornar célebre", escrevia uma jovem apaixonada por um homem que considerava superior, "R... casará certamente comigo, porque sua vaidade será lisonjeada; estufaria o peito passeando de braço dado comigo". No entanto, ela o admirava loucamente. O mesmo indivíduo pode muito bem ser, aos olhos da mulher, avarento, mesquinho, vaidoso, irrisório e um deus: afinal os deuses têm suas fraquezas. Temos por um indivíduo que amamos em sua liberdade, em sua humanidade, essa exigente severidade que é o inverso de uma autêntica estima; ao passo que uma mulher ajoelhada diante de seu homem pode muito bem ufanar-se de "saber dominá-lo", de saber "manobrá-lo"; lisonjeia-lhe complacentemente "as pequenas qualidades" sem que ele perca seu prestígio; é a prova de que ela não tem amizade especificamente por sua pessoa, tal como se manifesta em atos reais; ela se prosterna cegamente diante da essência geral de que o ídolo participa: a virilidade é uma aura sagrada, um valor dado, estático, que se afirma a despeito das mesquinharias do indivíduo que a possui; este não conta; ao contrário, a mulher, com ciúme de seu privilégio, compraz-se em tomar atitudes de maligna superioridade sobre ele.

A ambiguidade dos sentimentos que a mulher dedica ao homem se encontra em sua atitude geral para consigo mesma e o mundo; o domínio em que se acha encerrada é investido pelo universo masculino; mas é habitado por forças obscuras de que os próprios homens são joguetes. Aliando-se a essas virtudes mágicas, ela conquistará, por sua vez, o poder. A sociedade escraviza a Natureza, mas a Natureza a domina; o Espírito afirma-se além da Vida; mas dissipa-se, se a vida não o sustenta mais. A mulher apoia-se nesse equívoco para dar maior importância a um jardim do que a uma cidade, a uma doença do que a uma ideia, a um parto do que a uma revolução; esforça-se para restabelecer esse reinado da terra, da Mãe, sonhado por Baschoffen, a fim de reencontrar o essencial em face do inessencial. Mas como é, ela também, um existente que habita uma transcendência, só poderá valorizar a região em que se acha confinada transfigurando-a; empresta-lhe uma dimensão transcendente. O homem vive num universo coerente que é uma realidade pensada. A mulher está às voltas com uma realidade mágica que não se deixa pensar: dela se evade através de pensamentos privados de conteúdo real. Em vez de assumir sua existência, contempla no céu a pura Ideia de seu destino; em vez de agir, ergue sua estátua no imaginário; em vez de raciocinar, sonha. Daí vem que sendo "tão física" seja também tão artificial, que sendo tão terrestre se faça tão etérea. Passa a vida limpando caçarolas e é um romance maravilhoso; vassala do homem, acredita ser seu ídolo; humilhada em sua carne, exalta o amor. Porque está condenada a só conhecer a facticidade contingente da vida, faz-se sacerdotisa do Ideal.

Essa ambivalência marca-se na maneira por que a mulher apreende o próprio corpo. É um fardo; roído pela espécie, sangrando todos os meses, proliferando passivamente, não é para ela o instrumento puro de seu domínio sobre o mundo, mas uma presença opaca; não lhe assegura com certeza o prazer e cria dores que a atormentam; encerra ameaças: ela sente-se em perigo nos seus "interiores". É um corpo "histérico", por causa da íntima ligação das secreções endócrinas com os sistemas nervoso e simpático que comandam músculos e vísceras; exprime reações que a mulher se recusa a assumir: nos soluços, nas convulsões, nos vômitos, ele lhe escapa, ele a trai; ele é sua verdade mais íntima, mas é uma verdade vergonhosa e que ela esconde. E, no entanto, ele é também seu duplo maravilhoso; ela contempla-o com deslumbramento ao espelho; é promessa de felicidade, obra de arte, estátua viva; ela o modela, enfeita, exibe. Quando se sorri ao espelho, ela esquece sua contingência carnal; na relação amorosa, na maternidade, a imagem aniquila-se.

Mas, muitas vezes, sonhando consigo mesma, ela se espanta por ser ao mesmo tempo essa heroína e essa carne.

A Natureza oferece-lhe simetricamente uma dupla face: ela trata da sopa e incita às efusões místicas. Tornando-se dona de casa, mãe, a mulher renuncia a suas livres escapadas por prados e bosques, prefere cultivar calmamente sua horta, domestica flores, coloca-as em vasos; entretanto, exalta-se ainda diante dos luares e dos crepúsculos. Na fauna e na flora terrestres, ela vê antes de tudo alimentos, ornatos; no entanto, nelas circula uma seiva que é generosidade e magia. A Vida não é apenas imanência e repetição: tem também uma deslumbrante face de luz; nos prados em flor ela se revela como Beleza. Ligada à Natureza pela fertilidade de seu ventre, a mulher sente-se igualmente varrida pelo sopro que a anima e que é espírito. E à medida que permanecer insatisfeita, que se sentir como a jovem irrealizada, ilimitada, sua alma também se perderá pelas estradas que se estendem indefinidamente em direção a horizontes sem fim. Escravizada ao marido, aos filhos, ao lar, com embriaguez é que se encontrará sozinha, soberana, no flanco das colinas; não é mais esposa, mãe, dona de casa, e sim um ser humano; contempla o mundo passivo; lembra-se de que é toda uma consciência, uma irredutível liberdade. No mistério da água, na vertigem das alturas, a supremacia do homem fica abolida; quando anda através das urzes, quando mergulha a mão no regato, não vive para outrem, vive para si. A mulher que manteve sua independência através de todas as suas servidões, amará ardentemente na Natureza sua própria liberdade. As outras nessa Natureza encontrarão somente um pretexto para êxtases distintos; hesitarão ao crepúsculo ante o receio de pegar um resfriado e o gozo intenso da alma.

Essa dupla dependência do mundo carnal e do mundo "poético" define a metafísica, a sabedoria a que adere mais ou menos explicitamente a mulher; ela se esforça por confundir vida e transcendência; isso equivale a dizer que recusa o cartesianismo e todas as doutrinas que a ele se aparentam; encontra-se à vontade em um naturalismo análogo ao dos estoicos ou dos neoplatônicos do século XVI: não é de espantar que as mulheres, com Margarida de Navarra à frente, se tenham apegado a uma filosofia ao mesmo tempo tão material e tão espiritual. Socialmente maniqueísta, a mulher tem profunda necessidade de ser ontologicamente otimista: as morais da ação não lhe convém porque lhe é proibido agir; ela suporta o dado, cumpre, portanto, que o dado seja o Bem; mas um Bem que como o de Espinosa se reconhece pela razão, ou como o de Leibniz pelo cálculo, não a pode impressionar. Ela reclama um Bem que seja

uma Harmonia viva e no seio do qual ela se situe pelo único fato de viver. A noção de harmonia é uma das chaves do universo feminino: implica a perfeição na imobilidade, a justificação imediata de cada elemento a partir do todo e sua participação passiva na totalidade. Em um mundo harmônico, a mulher atinge, assim, o que o homem procurará na ação: age sobre o mundo, é por ele exigida, coopera para o triunfo do Bem. Os momentos que as mulheres consideram como revelações são aqueles em que descobrem seu acordo com uma realidade repousando em paz sobre si mesma: são os momentos de luminosa felicidade que V. Woolf — em *Mrs. Dalloway*, em *Passeio ao farol* — que K. Mansfield, em toda a sua obra, concedem a suas heroínas como uma recompensa suprema. A alegria, que é um movimento, um impulso de liberdade, está reservada ao homem; o que a mulher conhece é uma impressão de sorridente plenitude.[443] Compreende-se que a simples ataraxia possa assumir a seus olhos um grande valor, porquanto ela vive normalmente na tensão da recusa, da recriminação, da reivindicação; e não se pode censurá-la por apreciar uma bela tarde ou a doçura de uma noite. Mas é uma ilusão buscar nisso a definição verdadeira da alma recôndita do mundo. O Bem *não é*; o mundo não é harmonia e nenhum indivíduo tem nele um lugar necessário.

Há uma justificação, uma compensação suprema que a sociedade sempre se esforçou por dispensar à mulher: a religião. É preciso uma religião para as mulheres, como é preciso uma para o povo, e exatamente pelas mesmas razões: quando condenam um sexo, uma classe à imanência, é necessário oferecer-lhe a miragem de uma transcendência. O homem tem toda vantagem em fazer endossar por Deus os códigos que fabrica: e, particularmente, como exerce sobre a mulher uma autoridade soberana, é útil que esta lhe seja conferida pelo ser soberano. Entre os judeus, os maometanos, os cristãos, entre outros, o homem é senhor por direito divino: o temor a Deus abafará no oprimido toda veleidade de revolta. Pode-se apostar em sua credulidade. A mulher adota em face do universo masculino uma atitude de respeito e de fé; Deus em seu céu aparece-lhe menos longínquo do que um ministro e o mistério da gênese nivela-se ao das usinas elétricas. Mas se se entrega assim de bom grado à religião, é principalmente porque esta vem satisfazer uma necessidade profunda. Na civilização moderna, que dá certo valor — mesmo quando se trata da mulher — à liberdade, a religião apresenta-se muito menos como um instrumento de constrangimento do que como um instrumento de mistificação. O que se pede à mulher é menos que aceite sua inferioridade em nome de Deus do que acredite ser, graças a ele, igual ao macho suserano. Suprime-se a

própria tentação de uma revolta que pretende vencer a injustiça. A mulher não é mais frustrada de sua transcendência porque vai destinar sua imanência a Deus; é somente no céu que se medem os méritos das almas segundo suas realizações terrestres; aqui só há, na expressão de Dostoiewski, ocupações: engraxar sapatos ou construir uma ponte, tudo é igualmente vaidade; para além das discriminações sociais, a igualdade dos sexos é restabelecida. Eis por que a menina e a adolescente mergulham na devoção com um fervor muito maior do que o de seus irmãos; o olhar de Deus, que transcende sua transcendência humilha o menino: permanecerá sempre uma criança sob essa tutela poderosa, é uma castração mais radical do que aquela a que se sente ameaçado pela existência do pai. Ao passo que a "eterna criança" encontra sua salvação nesse olhar que a metamorfoseia em uma irmã dos anjos; anula o privilégio do pênis. Uma fé sincera auxilia muito a menina a evitar todo complexo de inferioridade: ela não é macho nem fêmea e sim uma criatura de Deus. Eis por que encontramos em muitas grandes santas uma firmeza bem viril: Santa Brígida, Santa Catarina de Siena pretendiam arrogantemente reger o mundo, não reconheciam nenhuma autoridade masculina: Catarina dirigia mesmo com dureza seus diretores; Joana d'Arc, Santa Teresa seguiam seu caminho com uma intrepidez que nenhum homem superou. A Igreja cuida de que Deus nunca autorize as mulheres a se subtraírem à tutela dos homens; colocou exclusivamente em mãos masculinas estas armas terríveis: recusa de absolvição, excomunhão; obstinada em suas visões, Joana d'Arc foi queimada. Entretanto, embora submetida à lei dos homens pela própria vontade de Deus, a mulher encontra nele um sólido recurso contra eles. A lógica masculina é contestada pelos mistérios; o orgulho dos homens torna-se um pecado, sua agitação é não somente absurda mas culpada: por que refazer, remodelar este mundo que Deus criou? A passividade a que a mulher é destinada é santificada. Debulhando o rosário junto à lareira, sente-se ela mais próxima do céu do que o marido, que participa de comícios políticos. Não é preciso *fazer* nada para salvar a alma, basta *viver* sem desobedecer. Consuma-se a síntese da vida e do espírito: a mãe não gera apenas uma carne, dá a Deus uma alma; é uma obra mais elevada do que descobrir os segredos fúteis do átomo. Com a cumplicidade do pai celeste, a mulher pode reivindicar altivamente contra o homem a glória de sua feminilidade.

Não somente Deus restabelece, assim, o sexo feminino em geral, em sua dignidade, mas também cada mulher encontrará na celeste ausência um apoio especial; enquanto pessoa humana, ela não pesa muito; mas, desde que age em

nome de uma inspiração divina, suas vontades tornam-se sagradas. Mme Guyon diz que aprendeu, a propósito da doença de uma religiosa, "o que era comandar pelo Verbo e obedecer pelo mesmo Verbo"; assim a devota mascara de obediência humilde sua autoridade; educando os filhos, dirigindo um convento, organizando uma obra, é apenas um instrumento dócil em mãos sobrenaturais; não se pode desobedecer-lhe sem ofender a Deus. Por certo os homens não desdenham tampouco um tal apoio; mas este não é muito sólido quando enfrentam semelhantes que o podem também reivindicar: o conflito resolve-se finalmente num plano humano. A mulher invoca a vontade divina para justificar absolutamente sua autoridade aos olhos dos que já lhe são naturalmente subordinados, para justificá-la aos próprios olhos. Se essa cooperação lhe é tão útil é porque ela se ocupa principalmente de suas relações consigo mesma — ainda que essas relações interessem a outrem: é somente nesses debates interiores que o silêncio supremo pode ter força de lei. Em verdade, a mulher vale-se da religião como pretexto para satisfazer seus desejos. Frígida, masoquista, sádica, santifica-se renunciando à carne, fazendo-se de vítima, abafando em si qualquer impulso vital; mutilando-se, aniquilando-se, sobe na hierarquia dos eleitos; quando martiriza marido e filhos, privando-os de toda felicidade terrestre, prepara-lhes um lugar especial no paraíso; Margarida de Cortona "para se punir de ter pecado", dizem-no seus dois biógrafos, maltrata o filho de seu erro: só lhe dava comida depois de ter alimentado todos os mendigos; o ódio do filho não desejado é, como vimos, frequente: é uma dádiva poder entregar-se a ele com um ardor virtuoso. Por seu lado, uma mulher de moral pouco rigorosa arranja-se comodamente com Deus; a certeza de ser um dia redimida do pecado pela absolvição ajuda muitas vezes a mulher piedosa a vencer seus escrúpulos. Que tenha escolhido o ascetismo ou a sensualidade, o orgulho ou a humildade, a preocupação que tem de sua salvação encoraja-a a entregar-se a esse prazer que sobrepõe a todos: ocupar-se de si; escuta os movimentos do coração, espia os frêmitos de sua carne, justificada pela presença nela da graça, como a mulher grávida pela de seu fruto. Não somente se examina com terna vigilância, como ainda revela-se a seu confessor; em tempos idos podia mesmo gozar a embriaguez das confissões públicas. Contam-nos que Margarida de Cortona, *para se punir de um impulso de vaidade*, subiu ao terraço de sua casa e pôs-se a dar berros como uma parturiente: "Levantai-vos, habitantes de Cortona, levantai-vos com círios e lanternas e saí para ouvirdes a pecadora!" Enumerava todos os seus pecados clamando sua miséria aos céus. Com essa ruidosa humildade, satisfazia essa

necessidade de exibicionismo de que se encontram tantos exemplos nas mulheres narcisistas. A religião autoriza na mulher a complacência para consigo mesma; dá-lhe o guia, o pai, o amante, a divindade tutelar de que ela tem nostálgica necessidade, alimenta-lhe os devaneios, ocupa-lhe as horas vazias. Mas, principalmente, confirma a ordem do mundo, justifica a resignação dando a esperança de um futuro melhor em um céu assexuado. Eis por que as mulheres são ainda hoje um trunfo tão poderoso nas mãos da Igreja; eis por que a Igreja é tão hostil a qualquer medida suscetível de facilitar a emancipação da mulher. É preciso uma religião para as mulheres: é preciso mulheres, "mulheres de verdade" para perpetuarem a religião.

Vê-se que o conjunto do "caráter" da mulher — convicções, valores, sabedoria, moral, gostos e condutas — se explica pela sua situação. O fato de sua transcendência lhe ser recusada, interdita-lhe normalmente o acesso às mais elevadas atitudes humanas: heroísmo, revolta, desprendimento, invenção, criação; mas, mesmo entre os homens, elas não são tão comuns. Há muitos homens que, como a mulher, se confinam no terreno do intermediário, do meio inessencial; o operário evade-se pela ação política, exprimindo uma vontade revolucionária; mas os homens das classes que precisamente chamamos "médias" aí se instalam deliberadamente; destinados como a mulher à repetição das tarefas cotidianas, alienados em valores convencionais, respeitosos da opinião pública e procurando apenas um vago conforto na terra, o empregado, o comerciante, o burocrata, não detêm nenhuma superioridade sobre suas companheiras; cozinhando, lavando, dirigindo a casa, educando os filhos, ela manifesta mais iniciativa e independência do que o homem submetido a instruções; ele deve obedecer o dia inteiro a seus superiores, usar colarinho e afirmar sua posição social; ela pode arrastar-se de roupão pelo apartamento, cantar, rir com as vizinhas; age como bem entende, corre pequenos riscos, procura alcançar eficientemente certos resultados. Vive muito menos do que o marido dentro de convenções e de aparência. O universo burocrático que Kafka — entre outras coisas — descreveu, esse universo de cerimônias, de gestos absurdos, de condutas sem objetivo, é essencialmente masculino; ela está muito mais em contato com a realidade. Quando acaba de alinhar cifras ou de converter latas de sardinha em dinheiro, só aprendeu abstrações; a criança alimentada no berço, a roupa limpa, o assado são bens mais tangíveis; entretanto, como na perseguição concreta desses fins ela experimenta a contingência deles — e correlativamente sua própria contingência — ocorre muitas vezes que não se aliene neles;

permanece disponível. Os empreendimentos do homem são a um tempo projetos e fugas: ele se deixa devorar pela carreira, pela sua personagem; é de bom grado importante, sério; contestando a lógica e a moral masculinas, ela não cai nessas armadilhas: é o que Stendhal tanto apreciava nela; não disfarça no orgulho a ambiguidade de sua condição; não se esconde atrás da máscara da dignidade humana; descobre com mais sinceridade seus pensamentos indisciplinados, suas emoções, suas reações espontâneas. Eis por que sua conversa é muito menos tediosa do que a do marido, desde que fale em seu próprio nome e não como leal metade de seu senhor. Ele enuncia ideias ditas gerais, isto é, palavras, fórmulas que se encontram nas colunas de seu jornal ou em obras especializadas; ela oferece uma experiência limitada mas concreta. A famosa "sensibilidade feminina" participa um pouco do mito, um pouco da comédia; mas o fato é, também, que a mulher se mostra mais atenta do que o homem a si mesma e ao mundo. Sexualmente, vive num clima masculino, que é rude: tem como compensação o gosto das "coisas bonitas", o que pode engendrar certo pieguismo mas igualmente delicadeza. Como seu domínio é limitado, os objetos que alcança parecem-lhe preciosos: não os encerrando em conceitos, nem em projetos, desvenda-lhes as riquezas; seu desejo de evasão exprime-se em seu gosto pela festa; encanta-se com a gratuidade de um ramalhete de flores, de um bolo, de uma mesa bem-posta; compraz-se em transformar o vazio de seus lazeres em uma oferenda generosa; amando os risos, as canções, os enfeites, os bibelôs, está disposta a acolher tudo o que palpita ao redor dela: o espetáculo da rua, o do céu, um convite, um passeio abrem-lhe novos horizontes. O homem, muitas vezes, recusa-se a participar desses prazeres; quando volta para casa as vozes alegres calam-se, as mulheres da família exibem o ar aborrecido e decente que ele espera delas. Do seio da solidão, da separação, a mulher tira o sentido da singularidade de sua vida: tem do passado, da morte, do passar do tempo, uma experiência mais íntima que o homem; interessa-se pelas aventuras de seu coração, de sua carne, de seu espírito, porque sabe que não tem na terra outro quinhão; e também, por ser passiva, sofre a realidade que a submerge de maneira mais apaixonada, mais patética do que o indivíduo absorvido por uma ambição, por um ofício; tem o lazer e o gosto de se entregar a suas emoções, de estudar suas sensações e entender-lhes o sentido. Quando sua imaginação não se perde em devaneios vãos, torna-se simpatia: ela procura compreender os outros em sua singularidade e recriá-los em si; é capaz de uma verdadeira identificação com o marido ou com o amante: faz seus os projetos e as

preocupações dele, de uma maneira que ele não poderia imitar. Presta uma atenção ansiosa ao mundo inteiro, que se lhe apresenta como um enigma: cada ser, cada objeto pode ser uma resposta; ela interroga avidamente. Quando envelhece, sua espera desiludida converte-se em ironia e num cinismo frequentemente saboroso; recusa as mistificações masculinas, vê o inverso contingente, absurdo, gratuito do imponente edifício construído pelos homens. Sua dependência proíbe-lhe o desprendimento; mas ela retira, por vezes, da dedicação que lhe é imposta, uma verdadeira generosidade; esquece-se em favor do marido, do amante, do filho, deixa de pensar em si, é toda oferenda, dom. Sendo mal-adaptada à sociedade dos homens, é frequentemente obrigada a inventar ela própria suas condutas; pode contentar-se menos com receitas prontas, com clichês; se tem boa vontade, há nela uma inquietação mais próxima da autenticidade do que a segurança importante de seu marido.

Mas ela só terá esses privilégios sobre o homem sob a condição de rechaçar as mistificações que ele lhe propõe. Nas classes superiores, as mulheres fazem-se ardentemente cúmplices de seus senhores porque desejam aproveitar-se dos benefícios que eles lhes asseguram. Vimos que as grandes burguesas, as aristocratas sempre defenderam seus interesses de classe mais obstinadamente ainda do que seus maridos: não hesitam em sacrificar a esses interesses sua autonomia de ser humano; abafam em si todo pensamento, todo juízo crítico, todo impulso espontâneo; repetem como papagaios as opiniões aceitas, confundem-se com o ideal que o código masculino lhes impõe; em seu coração, em seu rosto mesmo, toda sinceridade morre. A dona de casa reencontra uma independência em seu trabalho, no cuidado dos filhos; tira disto uma experiência limitada mas concreta: aquela que se "faz servir" não tem mais nenhum domínio sobre o mundo; vive no sonho e na abstração, no vazio. Ela ignora o alcance das ideias que proclama; as palavras que enuncia perderam em sua boca qualquer sentido; o financista, o industrial, até o general, por vezes, assumem fadigas, preocupações, riscos; compram seus privilégios mediante operações injustas, mas pelo menos se expõem; suas mulheres, em troca de tudo o que recebem, não dão nada, não fazem nada; e acreditam com uma fé ainda mais cega em seus direitos imprescritíveis. Sua arrogância vã, sua incapacidade radical, sua ignorância obstinada fazem delas os seres mais inúteis, mais nulos que produziu a espécie humana.

É pois tão absurdo falar da "mulher" em geral como do "homem" eterno. E compreende-se por que todas as comparações com que se esforçam por decidir

se a mulher é superior, inferior ou igual ao homem são inúteis: as situações são profundamente diferentes. Confrontando-se tais situações, faz-se evidente que a do homem é infinitamente preferível, isto é, ele tem muito mais possibilidades concretas de projetar sua liberdade no mundo; disso resulta necessariamente que as realizações masculinas são de longe mais importantes que as das mulheres; a estas é quase proibido *fazer* alguma coisa. Entretanto, confrontar o uso que em seus limites os homens e as mulheres fazem de sua liberdade é *a priori* uma tentativa desprovida de sentido, posto que, precisamente, eles a empregam livremente. Sob formas diversas, as armadilhas da má-fé, as mistificações da seriedade ameaçam-nos a uns como a outros; a liberdade se encontra inteira em cada um. Somente como permanece abstrata e vazia na mulher, esta só poderia assumir-se autenticamente na revolta: é o único caminho aberto aos que não têm a possibilidade de construir o que quer que seja; cumpre-lhes recusar os limites de sua situação e procurar abrir para si os caminhos do futuro; a resignação não passa de uma renúncia e de uma fuga; não há, para a mulher, outra saída senão a de trabalhar pela sua libertação.

Essa libertação só pode ser coletiva e exige, antes de tudo, que se acabe a evolução econômica da condição feminina. Entretanto, houve, há ainda, numerosas mulheres que buscam solitariamente realizar sua salvação individual. Tentam justificar sua existência no seio de sua imanência, isto é, realizar a transcendência na imanência. É este último esforço — por vezes ridículo, por vezes patético — da mulher encarcerada para converter sua prisão em um céu de glória, sua servidão em liberdade soberana, que encontramos na narcisista, na amorosa, na mística.

terceira parte

Justificações

1/**A narcisista**

Pretendeu-se, por vezes, que o narcisismo era a atitude fundamental de toda mulher;[444] mas estendendo abusivamente essa noção destroem-na, como La Rochefoucauld arruinou-a de egoísmo. Na realidade, o narcisismo é um processo de alienação bem definido: o eu é posto como um fim absoluto e o sujeito nele foge de si. Muitas outras atitudes — autênticas ou inautênticas — se encontram na mulher: já estudamos algumas. A verdade é que as circunstâncias convidam a mulher, mais do que o homem, a voltar-se para si mesma e a dedicar-se a seu amor.

Todo amor reclama a dualidade de um sujeito e de um objeto. A mulher é levada ao narcisismo por dois caminhos convergentes. Como sujeito, ela se sente frustrada; quando menina viu-se privada desse *alter ego* que o pênis é para o menino; mais tarde sua sexualidade agressiva permaneceu insatisfeita. E, o que é muito mais importante, as atividades viris lhe são proibidas. Ela se ocupa, mas não *faz nada*; através de suas funções de mãe, esposa, dona de casa, não é reconhecida em sua singularidade. A verdade do homem está nas casas que constrói, nas florestas que lavra, nas doenças que cura: não podendo realizar-se através de projetos e objetivos, a mulher se esforçará por se apreender na imanência de sua pessoa. Parodiando palavras de Sieyès, Maria Bashkirtseff escrevia: "Que sou eu? Nada. Que gostaria de ser? Tudo." É porque nada são que numerosas mulheres limitam ferozmente seus interesses unicamente a seu eu, que hipertrofiam de maneira a confundi-lo com tudo. "Sou minha heroína", dizia ainda Maria Bashkirtseff. Um homem que age confronta-se necessariamente. Ineficiente, separada, a mulher não pode situar-se nem tomar sua própria medida; dá a si mesma uma importância soberana porque nenhum objeto importante lhe é acessível.

Se assim pode propor-se a seus próprios desejos, é porque desde a infância viu-se como um objeto. Sua educação encorajou-a a alienar-se em todo seu corpo, a puberdade revelou-lhe esse corpo como passivo e desejável; é uma coisa que ela pode tocar com as mãos, que mexe com o cetim e o veludo e que ela pode contemplar com um olhar de amante. No prazer solitário, a mulher

pode desdobrar-se em um sujeito macho e um objeto fêmeo; assim Irene, cujo caso Dalbiez estudou,[445] dizia: "Vou me amar", ou mais apaixonadamente: "Vou me possuir", ou em um paroxismo: "Vou me fecundar." Maria Bashkirtseff é também sujeito e objeto ao mesmo tempo quando escreve: "É pena entretanto que ninguém me veja os braços e o torso, todo esse frescor e toda essa juventude."

Em verdade, não é possível ser *para si* positivamente *outro* e apreender-se à luz da consciência como objeto. O desdobramento é tão somente sonhado. É a boneca que materializa esse sonho na criança; ela se reconhece nesta mais concretamente do que em seu próprio corpo, porque há separação de uma a outra. Essa necessidade de ser dois para estabelecer um diálogo entre si e si foi exposta por Mme de Noailles, entre outros, no *Livre de ma vie.*

> Gostava das bonecas, introduzia em sua imobilidade a animação de minha própria existência; não teria dormido sob o calor de uma coberta sem que elas estivessem também envolvidas de lã e pluma... Sonhava com experimentar realmente a pura solidão desdobrada... Essa necessidade de permanecer intata, de ser duas vezes eu mesma, sentia-a com avidez desde a minha mais remota infância... Ah! E como desejei, nos instantes trágicos em que minha doçura sonhadora era o joguete das injuriosas lágrimas, ter a meu lado uma outra pequena Anna que poria os braços em volta de meu pescoço, que me consolaria, me compreenderia... No decorrer de minha vida, encontrei-a em meu coração e a retive com força; ela me socorreu não sob a forma do consolo que esperava, mas sob a forma da coragem.

A adolescente deixa que suas bonecas durmam. Mas, ao longo de sua vida, a mulher será fortemente ajudada em seu esforço para se abandonar e se reencontrar na magia do espelho, Rank pôs em evidência a relação entre o espelho e o duplo nos mitos e nos sonhos. É principalmente no caso da mulher que o reflexo se deixa assimilar ao eu. A beleza masculina é indicação da transcendência, a da mulher tem a passividade da imanência: só a segunda é feita para deter o olhar e pode portanto ser pegada na armadilha imóvel do espelho; o homem que se sente e se quer como atividade, subjetividade, não se reconhece em sua imagem parada; ela não tem grande atração para ele, porquanto o corpo do homem não se apresenta a ele como objeto de desejo; ao passo que a mulher sabendo-se, fazendo-se objeto, acredita realmente ver-se no espelho: passivo e dado, o reflexo é, como ela própria, uma coisa; e como deseja a carne feminina, sua carne, ela anima com sua admiração, seu desejo, as virtudes inertes que percebe. Mme de Noailles, que se conhecia, confia-nos:

> Era menos vaidosa dos dons do espírito, tão vigorosos em mim que não os punha em dúvida, do que da imagem refletida por um espelho frequentemente consultado... Só o prazer físico contenta plenamente a alma.

As palavras "prazer físico" são aqui vagas e impróprias. O que contenta a alma — enquanto o espírito tem que se provar — é que o rosto contemplado está presente, hoje, dado indubitável. Todo o futuro se concentra nessa faixa de luz cujo espaço transforma em um universo; fora desses estreitos limites, as coisas são apenas um caos desordenado; o mundo reduz-se a esse pedaço de vidro em que resplende uma imagem: a Única. Cada mulher, envolvida em seu reflexo, reina sobre o espaço e o tempo, sozinha, soberana; tem todos os direitos sobre os homens, sobre a fortuna, a glória, a volúpia. Maria Bashkirtseff estava tão embriagada com sua beleza que queria fixá-la em um mármore imperecível; ela própria é que se teria destinado assim à imortalidade:

> Ao voltar, dispo-me, ponho-me nua e fico impressionada com a beleza de meu corpo, como se nunca o tivesse visto. É preciso fazer minha estátua, mas como? Sem me casar é quase impossível. E é absolutamente necessário, só vou enfear, me estragar... Preciso arranjar um marido, ainda que seja somente para mandar fazer minha estátua...

Cécile Sorel, preparando-se para um encontro amoroso, assim se descreve:

> Estou diante de meu espelho. Gostaria de ser mais bela. Debato-me com minha juba de leoa. Faíscas desprendem-se de meu pente. Minha cabeça é um sol no meio de meus cabelos erguidos como raios de ouro.

Lembro-me também de uma jovem mulher, que vi certa manhã no *toilette* de um café; segurava uma rosa na mão e também parecia estar um pouco embriagada; aproximava os lábios do espelho como que para beber a imagem e murmurava sorrindo: "Adorável, acho-me adorável." A um tempo sacerdotisa e ídolo, a narcisista flutua aureolada de glória no coração da eternidade e de outro lado das nuvens; criaturas ajoelhadas adoram-na: é Deus contemplando-se a si próprio. "Eu me amo, sou o meu Deus!", dizia Mme Mejerowsky. Tornar-se deus é realizar a impossível síntese do "em-si" e o "para-si": os momentos em que o indivíduo imagina tê-lo conseguido são para ele momentos privilegiados de alegria, de exaltação, de plenitude. Com 19 anos, Roussel, um dia, numa granja, sentiu em volta da cabeça a aura da glória; nunca se curou. A moça que viu no fundo do espelho a beleza, o desejo, o amor, a felicidade, em

seus próprios traços — animados, crê, pela sua própria consciência — tentará durante toda a vida cobrar as promessas dessa deslumbrante revelação. "És tu quem amo", confiará um dia Maria Bashkirtseff a seu reflexo. Escreve de outra feita: "Amo-me tanto, torno-me tão feliz que me senti como louca, ao jantar." Mesmo se não é de uma beleza perfeita, a mulher verá transparecerem em seu rosto as riquezas singulares de sua alma e isto bastará para sua embriaguez. No romance em que se pintou sob os traços de Valéria, Mme Krüdener assim se descreve:

> Ela tem algo particular que ainda não vi em nenhuma mulher. Pode-se ter a mesma graça, muito mais beleza e estar longe dela. Não a admiram talvez, mas ela tem qualquer coisa de ideal e de encantador que obriga a se interessarem por ela. Diríamos, vendo-a tão delicada, esbelta, que é um pensamento.

É um erro espantar-se com o fato de que mesmo as deserdadas possam por vezes conhecer o êxtase do espelho: comovem-se simplesmente com ser uma coisa de carne, presente; como o homem, é o suficiente para encantar a pura generosidade de uma jovem carne feminina; e desde que se apreendem como sujeito singular, com um pouco de má-fé, dotarão também de encanto singular suas qualidades específicas; descobrirão em seu rosto ou em seu corpo algum traço gracioso, raro, picante; se acreditarão belas pelo simples fato de se sentirem mulheres.

Aliás, o espelho, embora privilegiado, não é o único instrumento de desdobramento. No diálogo interior, todos podem tentar criar um irmão gêmeo. Estando só grande parte do dia, aborrecendo-se com tarefas caseiras, a mulher tem o lazer de modelar, em sonho, sua própria imagem. Moça, ela sonhava com o futuro; encerrada em seu presente indefinido, ela conta sua história; retoca-a de maneira a introduzir nela uma ordem estética, transformando, desde antes da morte, sua vida contingente em um destino.

Sabe-se quanto as mulheres se apegam a suas recordações de infância; testemunha-o a literatura feminina; a infância em geral só ocupa um lugar secundário nas autobiografias masculinas; as mulheres, ao contrário, restringem-se muitas vezes à narrativa de seus primeiros anos; estes constituem a matéria privilegiada de seus romances, seus contos. Uma mulher que se conta a uma amiga, a um amante, começa quase todas as suas histórias com estas palavras: "Quando eu era menina..." Guardam uma nostalgia desse período. É porque sentiam então sobre a cabeça a mão bondosa e imponente do pai, embora apreciando as alegrias da independência; protegidas e justificadas pelos adultos,

eram indivíduos autônomos, diante dos quais um futuro livre se abria; ao passo que agora estão perfeitamente defendidas pelo casamento e o amor e se tornaram servas ou objetos, engaioladas no presente. Reinavam sobre o mundo, conquistavam-no dia após dia; e ei-las separadas do universo, fadadas à imanência e à repetição. Sentem-se decadentes. Mas sofrem mais é por se acharem absorvidas na generalidade: uma esposa, uma mãe, uma dona de casa, uma mulher entre milhares de outras; em criança, ao contrário, cada uma viveu sua condição de maneira singular; ignorava as analogias existentes entre o seu aprendizado do mundo e o de suas amigas; pelos seus pais, seus professores, suas amigas, era ela reconhecida em sua individualidade, acreditava-se incomparável a qualquer outra, com possibilidades únicas. Volta-se com emoção para essa irmã jovem de cuja liberdade, exigências e soberania abdicou e que mais ou menos traiu. A mulher que se tornou tem saudade do ser humano que foi; tenta reencontrar no fundo de si essa criança morta. "Menina", esta palavra comove-a; mais ainda: "estranha menina", que ressuscitam a originalidade perdida.

Ela não se restringe a maravilhar-se de longe com essa infância tão rara: tenta reavivá-la em si. Busca convencer-se de que seus gestos, suas ideias, seus sentimentos conservaram um insólito frescor. Perplexa, interrogando o vazio, enquanto brinca com um colar ou mexe num anel, murmura: "Engraçado... eu, assim é que sou... Imagine, a água me fascina... Oh! adoro o campo." Cada preferência parece uma excentricidade, cada opinião um desafio ao mundo. Dorothy Parker mostra de maneira muito viva esse traço tão comum. Assim descreve Mrs. Welton:

> Gostava de se imaginar como uma mulher que não podia ser feliz sem se cercar de flores desabrochadas... Confessava às pessoas em pequenos surtos de confidências quanto amava as flores. Havia quase um tom de desculpa nessa pequena confissão, como se pedisse a seus auditores que não julgassem seu gosto tão insólito. Parecia esperar que seu interlocutor caísse de costas, tomado de espanto, e exclamando: "Não, realmente! A que ponto chegamos!" De vez em quando confessava outras diminutas predileções; sempre com um pouco de perplexidade como se na sua delicadeza se sentisse naturalmente chocada em revelar seus sentimentos, dizia quanto gostava da cor, do campo, das distrações, de uma peça realmente interessante, de bonitos tecidos, de vestidos bem-feitos, do sol. Mas era seu amor pelas flores que confessava o mais das vezes. Tinha a impressão de que este gosto mais do que qualquer outro a distinguia do comum dos mortais.

A mulher procura de bom grado confirmar essas análises por suas condutas; escolhe uma cor: "O verde é minha cor"; tem uma flor preferida, um perfume, um músico predileto, superstições, manias que trata com respeito; e não é

preciso que seja bela para exprimir sua personalidade em suas toaletes ou em seu lar. O personagem que apresenta tem mais ou menos coerência e originalidade segundo sua inteligência, sua obstinação e a profundeza de sua alienação. Algumas misturam apenas ao acaso alguns traços esparsos embaralhados; outras criam sistematicamente uma figura cujo papel representam com constância. Já dissemos que a mulher separa mal esse jogo da verdade. Em torno dessa heroína, a vida organiza-se num romance triste ou maravilhoso, sempre um pouco estranho. Por vezes é um romance que já foi escrito. Não sei quantas moças me disseram ter-se reconhecido na Judy de *Poussière*; lembro-me de uma velha senhora muito feia que tinha por hábito dizer: "Leia o *Lys dans la vallée*, é minha história"; quando criança, eu olhava com estupor reverente esse lírio murcho. Outras mais vagamente murmuram: "Minha vida é um romance." Há uma estrela fasta ou nefasta acima de suas cabeças. "Essas coisas só acontecem comigo", dizem. O azar as persegue, ou a sorte lhes sorri: em todo caso, elas têm um destino. Cécile Sorel escreve com essa ingenuidade que nunca abandona em suas memórias: "Assim foi que fiz minha entrada no mundo. Meus primeiros amigos chamavam-se gênio e beleza." E no *Livre de ma vie*, documento fabuloso de narcisismo, Mme de Noailles escreve:

> As governantas um dia desapareceram: o destino tomou-lhes o lugar. Maltratou, tanto quanto tinha cumulado de bondades, a criatura forte e fraca, manteve-a acima dos naufrágios onde ela apareceu como uma Ofélia combativa, salvando suas flores e cuja voz sempre se eleva. Pediu-lhe que esperasse, que fosse realmente exata esta última promessa: os gregos utilizam a morte.

Cumpre ainda citar como exemplo de literatura narcisista o trecho seguinte:

> Da robusta menina que eu era, de membros delicados mas bem-feitos, de faces rosadas, fiquei com este caráter físico mais frágil, mais nebuloso que fez de mim uma adolescente patética a despeito da fonte de vida que pode jorrar de meu deserto, de minha fome, de minhas breves e misteriosas mortes tão estranhamente quanto do rochedo de Moisés. Não me vangloriarei de minha coragem, como teria o direito de fazê-lo. Assimilo-a a minhas forças, a minhas possibilidades. Poderia descrevê-la assim: tenho olhos verdes, cabelos pretos, mão pequena e poderosa...

E linhas adiante:

> Hoje é-me permitido reconhecer que, sustentada pela alma e suas forças de harmonia, vivi ao som de minha voz...

Na falta de beleza, de brilho, de felicidade, a mulher escolherá para si uma personagem de vítima; obstinar-se-á em encarnar a *mater dolorosa*, a esposa incompreendida, será a seus próprios olhos "a mulher mais infeliz do mundo". É o caso desta melancólica que Stekel descreve:[446]

> Todos os anos, no Natal, Mme H.W., pálida, vestida de escuro, vem a minha casa para se queixar da sorte. É uma história triste que ela conta vertendo lágrimas. Uma vida frustrada, um lar infeliz. Da primeira vez que veio, fiquei comovido até as lágrimas e prestes a chorar com ela... Entrementes, dois longos anos passaram e ela continua a habitar as ruínas de suas esperanças, chorando sua vida perdida. Sua fisionomia acusa os primeiros sintomas do declínio, o que lhe dá mais uma razão de se queixar. "Em que estado me encontro, eu, cuja beleza foi tão admirada!" Multiplica as queixas, acentua seu desespero porque todos os amigos conhecem sua desgraçada sorte. Aborrece todo mundo com suas lamentações... É mais uma oportunidade para ela de se sentir infeliz, solitária e incompreendida. Não havia mais saída para esse labirinto de dores... Essa mulher encontrava seu gozo nesse *papel trágico.* Embriagava-se literalmente com o pensamento de ser a mulher mais infeliz da terra. Todos os esforços para fazê-la tomar parte na vida ativa fracassaram.

Um traço comum à pequena Mrs. Welton, à arrogante Mme de Noailles, à infortunada doente de Stekel, à multidão das mulheres marcadas por um destino excepcional, é o se sentirem incompreendidas; os que as cercam não reconhecem sua singularidade — ou não o fazem suficientemente; elas traduzem positivamente essa ignorância, essa indiferença dos outros pela ideia de que encerram em si um segredo. O fato é que muitas enterraram silenciosamente episódios da infância e da juventude que tinham para elas grande importância; sabem que sua biografia oficial não se confunde com sua história verdadeira. Mas, principalmente por não se realizar na vida, a heroína amada pela narcisista não passa de uma coisa imaginária; sua unidade não lhe é conferida pelo mundo concreto; é um princípio escondido, uma espécie de "força", de "virtude" tão obscura quanto o flogístico; a mulher crê em sua presença, mas se a quisesse descobrir a outrem ficaria tão embaraçada quanto o psicastênico obstinando-se em confessar crimes impalpáveis. Nos dois casos, "o segredo" reduz-se à convicção vazia de possuir no fundo de si uma chave que permite decifrar e justificar sentimentos e condutas. São sua abulia, sua inércia que dão aos psicastênicos essa ilusão; e é por não poder exprimir-se na ação cotidiana que a mulher também se acredita habitada por um mistério inexprimível: o famoso mito do mistério feminino encoraja-a a isso e vê-se, em compensação, confirmado.

Rica de seus tesouros desconhecidos, marcada por uma estrela fasta ou nefasta, a mulher toma a seus próprios olhos a necessidade dos heróis de tragédia governados por um destino. Toda sua vida se transfigura num drama sagrado. Sob o vestido escolhido com solenidade erguem-se a um tempo uma sacerdotisa envergando as vestes sacerdotais e um ídolo adornado por mãos fiéis e oferecido à adoração dos devotos. Sua casa torna-se o templo em que se realiza seu culto. Maria Bashkirtseff cuida tanto do cenário que instala ao redor de si, quanto de seus vestidos:

> Junto da escrivaninha, uma poltrona em estilo antigo, de maneira que, quando entram, basta-me imprimir um ligeiro movimento a essa poltrona para me achar em face das pessoas... perto da escrivaninha pedantesca com os livros no fundo, entre quadros e plantas, e com as pernas e os pés à vista, em vez de ser cortada em dois como antes por essa madeira escura. Em cima do sofá, acham-se pendurados os dois bandolins e a guitarra. Colocai no meio de tudo isso uma moça loura e branca, de mãos muito pequenas e finas, e veias azuis.

Quando se pavoneia nos salões, quando se abandona nos braços de um amante, a mulher cumpre sua missão: ela é Vênus distribuindo ao mundo os tesouros de sua beleza. Não era ela própria, era a Beleza que Cécile Sorel defendia quando quebrou o vidro da caricatura de Bib; vê-se em suas memórias que, em todos os instantes de sua vida, convidou os mortais ao culto da arte. Assim também Isadora Duncan quando se descreve em *Minha vida*:

> Depois das representações, escreve, vestida com minha túnica e a cabeleira coroada de rosas, ficava tão bonita! Por que não fazer que aproveitassem esse encanto? Por que um homem que trabalha durante o dia todo com o cérebro... não seria enlaçado por estes braços esplêndidos e não encontraria algum consolo para suas penas e algumas horas de beleza e esquecimento?

A generosidade da narcisista lhe é proveitosa: mais do que nos espelhos é nos olhos admirados de outrem que ela divisa seu duplo aureolado de glória. Na falta de um público complacente, abre o coração a um confessor, a um médico, a um psicanalista; vai consultar quiromantes, videntes. "Não é porque acredite nisso", dizia uma *starlet*, "mas gosto tanto que falem de mim para mim!"; ela conta às amigas; no amante, mais avidamente do que em qualquer outra coisa, busca uma testemunha; a amorosa esquece depressa o seu eu; mas muitas mulheres são incapazes de um amor verdadeiro, precisamente porque não se esquecem nunca. À intimidade da alcova, preferem um palco mais vasto. Daí a importância que assume para elas a vida mundana: precisam de

olhos para as contemplar, de ouvidos para as ouvir; à sua personagem é indispensável o maior público possível. Descrevendo mais uma vez seu quarto, Maria Bashkirtseff deixa escapar esta confissão:

> Desta maneira *estou* no palco, quando entram e me encontram escrevendo.

E adiante:

> Estou decidida a criar para mim uma *encenação considerável*. Vou construir uma residência mais bela que a de Sarah e ateliês maiores...

Por sua vez Mme de Noailles escreve:

> Amei e amo a ágora... Por isso mesmo pude muitas vezes tranquilizar os amigos que temiam importunar-me por causa do número de seus convidados, com esta confissão sincera: não gosto de *representar diante de cadeiras vazias.*

A toalete, a conversa satisfazem em grande parte esse gosto feminino de exibição. Mas uma narcisista ambiciosa almeja exibir-se de maneira mais rara e mais variada. Fazendo de sua vida uma peça oferecida aos aplausos do público, terá maior prazer em subir de verdade ao palco. Mme de Staël contou longamente em *Corinne* como encantou as multidões italianas recitando poemas que acompanhava na harpa. Em Coppet, uma de suas distrações prediletas era declamar papéis trágicos; sob a figura de Phèdre, endereçava de bom grado aos jovens amantes, que fantasiava de Hippolyte, declarações ardentes. Mme Krudener especializava-se na dança do xale, que descreve em *Valéria*:

> Valéria pediu o xale de musselina azul-escuro, afastou os cabelos da testa; pôs o xale na cabeça; ele caía ao longo das têmporas e dos ombros; a fronte desenhou-se à maneira antiga, os cabelos desapareceram, as pálpebras baixaram, o sorriso habitual dissipou-se pouco a pouco; a cabeça inclinou-se, o xale caiu molemente sobre os braços cruzados, sobre o seio, e essa vestimenta azul, esse semblante puro e meigo pareciam ter sidos desenhados por Corregio para exprimir a resignação serena; e quando os olhos se ergueram, quando os lábios esboçaram um sorriso, teve-se a impressão de ver como Shakespeare a pintou, a Paciência sorrindo para a Dor, junto de um monumento...
>
> ...É Valéria que é preciso ver. Ela, que é ao mesmo tempo tímida, nobre, profundamente sensível, perturba, arrasta, comove, arranca lágrimas e faz o coração palpitar como palpita quando dominado por uma grande ascendência; ela é que possui essa graça encantadora que não pode ser aprendida, mas que a natureza revelou em segredo a alguns seres superiores.

Se as circunstâncias o permitem, nada dará uma satisfação mais profunda à narcisista do que se consagrar publicamente ao teatro:

> O teatro, diz Georgette Leblanc, dava-me o que nele sempre procurava: um motivo de exaltação. Hoje me aparece como uma *caricatura da ação*; algo indispensável aos temperamentos excessivos.

A expressão de que se serve é impressionante: não agindo, a mulher inventa sucedâneos para a ação; o teatro representa para algumas um *ersatz* privilegiado. A artista pode, aliás, visar a fins muito diferentes. Para algumas, representar é um meio de ganhar a vida, uma simples profissão; para outras é o acesso à fama, a ser explorada para fins galantes; para outras, ainda, o triunfo de seu narcisismo; as maiores — Rachel, a Duse — são artistas autênticas que se transcendem no papel que criam; a cabotina, ao contrário, não se preocupa com o que realiza e sim com a glória que disso lhe advém; procura antes de tudo valorizar-se. Uma narcisista obstinada será limitada em arte, como no amor, por não saber se dar.

Esse defeito se fará sentir gravemente em todas as suas atividades. Ela será tentada por todos os caminhos que podem conduzi-la à glória; mas nunca seguirá nenhum sem reserva. Pintura, escultura, literatura são disciplinas que reclamam severo aprendizado e exigem um trabalho solitário; muitas mulheres as tentam, mas logo renunciam, se não são incentivadas por um desejo positivo de criação; muitas também das que perseveram não fazem senão brincar de trabalhar. Maria Bashkirtseff, tão ávida de glória, passava horas diante do cavalete, mas amava-se a si mesma demais para gostar realmente de pintar. Confessa-o, ela própria, após anos de despeito: "Sim, não me esforço por pintar, observei-me hoje, *trapaceio...*" Quando uma mulher consegue, como Mme de Staël, Mme de Noailles, construir uma obra, é porque não está exclusivamente absorvida pelo culto que rende a si mesma: mas um dos defeitos que pesam sobre numerosas escritoras é a complacência para consigo mesmas, que prejudica sua sinceridade, que as limita e as diminui.

Muitas mulheres, imbuídas de sentimento de sua superioridade, não são entretanto capazes de manifestá-la aos olhos do mundo; sua ambição será então utilizar, como instrumento, um homem a quem convencerão dos seus méritos; não visam a valores singulares através de livres projetos; querem anexar valores já feitos ao seu eu; se voltarão portanto para os que detêm influência e glória, na esperança de se identificar com eles, fazendo-se musas,

inspiradoras, egérias. Exemplo impressionante disso temos em Mabel Dodge, em suas relações com Lawrence:

> Eu queria, diz, seduzir-lhe o espírito, constrangê-lo a produzir certas coisas... Tinha necessidade de sua alma, de sua vontade, de sua imaginação criadora, de sua visão luminosa. Para me tornar senhora desses instrumentos essenciais, era necessário dominar-lhe o sangue... Sempre procurei fazer com que os outros fizessem coisas, sem procurar fazer qualquer coisa eu mesma. Adquiria o sentimento de uma espécie de atividade, de fecundidade por procuração. Era uma *espécie de compensação ao sentimento desolado de não ter o que fazer.*

E adiante:

> Queria que Lawrence conquistasse *por mim,* que se valesse de *minha* experiência, de minhas observações, de *meu* Taos e formulasse tudo isso numa magnífica criação artística.

Assim queria Georgette Leblanc ser para Maeterlinck "chama e alimento"; mas queria também ter o nome inscrito no livro composto pelo poeta. Não se trata aqui de ambiciosas que escolheram objetivos pessoais e utilizaram homens para alcançá-los — como fizeram a princesa de Ursins, Mme de Staël — e sim de mulheres animadas por um desejo inteiramente subjetivo de *importância*, que não visam a nenhum alvo objetivo e que pretendem apropriar-se da transcendência de um outro. Estão longe de sempre o conseguir; mas são hábeis em mascarar o fracasso e persuadir-se de que são dotadas de uma irresistível sedução. Sabendo-se amáveis, desejáveis, admiráveis, sentem-se seguras de ser amadas, desejadas, admiradas. Toda narcisista é Bélise. Mesmo a inocente Brett, dedicada a Lawrence, fabrica um pequeno personagem de si mesma, ao qual empresta uma grave sedução:

> Ergo os olhos para perceber que você me olha com malícia, com seu ar de fauno, uma luz provocante brilha em seus olhos, Pã. Encaro-o com um ar solene e digno, até que a luz se apague em seu rosto.

Tais ilusões podem engendrar verdadeiros delírios; não é sem razão que Clérambault considerava a erotomania como uma "espécie de delírio profissional"; sentir-se mulher é sentir-se objeto desejável, é acreditar-se desejada e amada. É notável que, em dez doentes atingidos pela "ilusão de ser amados", nove sejam mulheres. Vê-se claramente que o que procuram em seu amante imaginário é uma apoteose de seu narcisismo. Querem-no dotado de um valor incondicionado: sacerdote, médico, advogado, homem superior; e a verdade

categórica que essas condutas revelam é que a amante ideal é superior a todas as outras mulheres, que possui virtudes irresistíveis e soberanas.

A erotomania pode aparecer em diversas psicoses; mas seu conteúdo é sempre o mesmo. O sujeito é iluminado e glorificado pelo amor de um homem de grande valor, que foi bruscamente fascinado por seus encantos — quando ela nada esperava dele — e que manifesta seus sentimentos de maneira indireta mas imperiosa; essa relação permanece por vezes ideal, por vezes reveste uma forma sexual; mas o que a caracteriza essencialmente é que o semideus poderoso e glorioso ama mais do que é amado e manifesta sua paixão através de condutas estranhas e ambíguas. Em meio ao grande número de casos relatados pelos psiquiatras, eis um bem típico, que resumo de Ferdière.[447] Trata-se de uma mulher de 48 anos, Mario-Yvonne, que faz a confissão seguinte:

> Trata-se do doutor Achille, antigo deputado e subsecretário de Estado, advogado e membro do Conselho da Ordem. Conheço-o desde 12 de maio de 1920; na véspera, eu tentara encontrá-lo no Palácio de Justiça; observara de longe seu porte, mas não sabia quem era; provocou-me um arrepio nas costas... Sim, há entre mim e ele uma questão de sentimento, de sentimento recíproco: os olhos, os olhares se cruzaram. Desde a primeira vez que o vi, senti uma atração por ele; com ele acontece a mesma coisa... Em todo caso, foi o primeiro a declarar-se: era no início de 1922; recebia-me em seu salão, sempre sozinha; de uma feita, chegou a mandar embora o filho... Um dia... levantou-se e veio em minha direção, continuando a conversar. Compreendi imediatamente que era um impulso sentimental... Disse-me palavras que o davam a entender. Mediante diferentes amabilidades fez-me compreender que os sentimentos recíprocos se haviam encontrado. De outra vez, sempre em seu escritório, aproximou-se de mim dizendo: "Sois vós, sois vós sozinha e não outra, Senhora, bem o entendeis." Fiquei tão surpreendida que não soube como responder; disse-lhe somente: Obrigado, doutor! Outra vez ainda, acompanhou-me desde o escritório até a rua; até desvencilhou-se de um senhor que o acompanhava, deu-lhe uma moeda na escada e disse-lhe: Deixe-me, rapaz, está vendo que estou em companhia da senhora! Tudo isso era para me acompanhar e ficar só comigo. Apertava-me sempre as mãos com força. Durante sua primeira defesa, lançou uma indireta para dar-me a entender que era celibatário.
>
> Mandou um cantor ao pátio, para fazer com que eu compreendesse seu amor... olhava-me debaixo da janela; poderia cantar-vos a canção. Fez desfilar diante de minha porta a banda municipal. Fui tola. Devia ter correspondido a suas investidas. Arrefeci o ardor do doutor Achille... então ele pensou que eu o rechaçava e agiu; teria sido melhor que falasse abertamente; vingou-se. O doutor Achille pensava que eu tinha um sentimento por B... e tinha ciúme... Fez-me sofrer por feitiços mediante uma fotografia minha; foi o que descobri à força de estudos nos livros, nos dicionários. Ele trabalhou suficientemente a fotografia: tudo vem daí...

Esse delírio transforma-se, com efeito, facilmente em um delírio de perseguição. E encontra-se esse processo mesmo nos casos normais. A

narcisista não pode admitir que outros não se interessem por ela apaixonadamente; se tem a prova evidente de que não é adorada supõe imediatamente que a detestam. Atribui todas as críticas ao ciúme, ao despeito. Seus fracassos são o resultado de tenebrosas maquinações: e, deste modo, eles a confirmam na ideia de sua importância. Ela descamba facilmente para a megalomania ou para o delírio de perseguição, que é a imagem invertida daquela: centro de seu universo e não conhecendo outro universo a não ser o seu, ei-la centro absoluto do mundo.

Mas é a expensas da vida real que a comédia narcisista se desenrola; um personagem imaginário solicita a admiração de um público imaginário; a mulher tomada pelo seu eu perde todo domínio sobre o mundo concreto, não se preocupa em estabelecer qualquer relação real com os outros; Mme de Staël não teria declamado *Phèdre* com tanto prazer, se tivesse pressentido as zombarias que seus "admiradores" anotavam à noite em seus diários; mas a narcisista recusa-se a admitir que possam vê-la de maneira diferente daquela com que se mostra: é o que explica que, tão ocupada em se contemplar, consiga tão mal julgar-se e soçobre tão facilmente no ridículo. Não ouve mais, fala e quando fala recita seu papel:

Diverte-me, escreve Maria Bashkirtseff. Não converso com ele, *represento* e sentindo-me diante de um bom público sou excelente em imitar entoções infantis e fantasistas, e em atitudes.

Olha-se demais para ver alguma coisa; só compreende de outrem o que dela reconhece nele. O que não pode assimilar a seu caso, a sua história, permanece-lhe estranho. Compraz-se em multiplicar as experiências: quer conhecer a embriaguez e os tormentos da mulher apaixonada, as alegrias puras da maternidade, a amizade, a solidão, as lágrimas, os risos; mas, nunca podendo se dar, seus sentimentos e emoções são fabricados. Sem dúvida, Isadora Duncan chorou lágrimas de verdade quando da morte dos filhos. Mas, quando lhes jogou as cinzas no mar, em um grande gesto teatral, era apenas uma artista; e não se pode ler sem sentir algum mal-estar este trecho de *Minha vida* em que evoca sua desgraça:

> Sinto a tepidez de meu próprio corpo. Abaixo os olhos para minhas pernas nuas que estico, para a doçura de meus seios, para meus braços que nunca se imobilizam, mas flutuam sem cessar em doces ondulações, e vejo que há 12 anos estou cansada, que este peito encerra uma dor inesgotável, que estas mãos foram marcadas pela tristeza e que, quando estou só, estes olhos raramente secam.

No culto de seu eu, a adolescente pode encontrar a coragem de enfrentar o futuro inquietante; mas é uma etapa que cumpre superar depressa: sem o quê, o futuro torna a fechar-se. A apaixonada que encerra o amante na imanência do casal destina-o consigo à morte: a narcisista, alienando-se em seu duplo imaginário, aniquila-se. Suas recordações coagulam-se, suas condutas se estereotipam, ela rumina as palavras, repete mímicas pouco a pouco esvaziadas de qualquer conteúdo: daí a impressão de pobreza que dão tantos "diários íntimos" ou "autobiografias" femininas; preocupada em se incensar, a mulher que não faz nada não se faz ser nada e incensa um nada.

Sua desgraça está em que, apesar de toda a sua má-fé, ela conhece esse nada. Não pode haver relação real entre um indivíduo e seu duplo, porque este duplo não existe. A narcisista sofre um fracasso radical. Não pode apreender-se como totalidade, plenitude, não pode manter a ilusão de ser em si — para si. Sua solidão como a de todo ser humano é experimentada como contingência e abandono. E por isso — salvo numa conversão — ela é condenada a fugir de si sem cessar para a multidão, o ruído, os outros. Seria um erro grave acreditar que, escolhendo-se como fim supremo, escape à dependência: destina-se, ao contrário, à mais estrita escravidão; não se apoia em sua liberdade, faz de si um objeto que se acha em perigo no mundo e nas consciências alheias. Não somente seu corpo e seu semblante são uma carne vulnerável e que o tempo degrada, mas também é praticamente um empreendimento custoso paramentar o ídolo, erguer-lhe um pedestal, construir-lhe um templo: vimos que para inscrever suas formas em um mármore imortal Maria Bashkirtseff teria consentido em casar por dinheiro. Fortunas masculinas pagaram o ouro, o incenso, a mirra que Isadora Duncan ou Cécile Sorel depuseram aos pés de seu trono. Como é o homem que encarna o destino para a mulher, é pelo número e a qualidade dos homens submetidos a seu poder que as mulheres medem em geral sua vitória. Mas a reciprocidade também impõe-se aqui; a "fêmea do louva-a-deus", que tenta fazer do macho seu instrumento, não consegue entretanto libertar-se dele, pois, para aprisioná-lo, precisa agradar-lhe. A mulher norte-americana, querendo ser ídolo, faz-se escrava de seus adoradores, não se veste, não vive, não respira senão pelo homem e para ele. Na verdade, a narcisista é tão dependente quanto a cortesã. Se escapa ao domínio de um homem singular, é aceitando a tirania da opinião pública. Este laço que a prende a outrem não implica a reciprocidade da permuta: se procurasse fazer-se reconhecer pela liberdade de outrem a reconhecendo também como um fim através das atividades, ela deixaria de ser narcisista. O paradoxo de sua atitude está em que ela reclama ser valorizada por um mundo ao qual nega qualquer valor,

posto que só ela conta a seus olhos. A aprovação alheia é uma força inumana, misteriosa, caprichosa, que é preciso procurar captar magicamente. A despeito de sua arrogância superficial, a narcisista sente-se ameaçada; eis por que é inquieta, suscetível, irritável, está sempre na expectativa; sua vaidade nunca se satisfaz; quanto mais envelhece, mais procura ansiosamente elogios e êxitos, mais suspeita da existência de conjuras ao redor de si; desnorteada, obcecada, ela afunda na noite da má-fé e acaba muitas vezes por edificar em torno de si um delírio paranoico. A ela é que se aplicam singularmente as palavras: "Quem quer salvar a vida a perderá."

2/**A apaixonada**

A palavra "amor" não tem em absoluto o mesmo sentido para um e outro sexo. E é isso uma fonte dos graves mal-entendidos que os separam. Byron disse, justamente, que o amor é apenas uma ocupação na vida do homem, ao passo que é a própria vida da mulher. É a mesma ideia que exprime Nietzsche em *Gaia ciência*:

> A mesma palavra amor, diz, significa com efeito duas coisas diferentes para o homem e para a mulher. O que a mulher entende por amor é bastante claro: não é apenas a dedicação, é um dom total de corpo e alma, sem restrição, sem nenhuma atenção para o que quer que seja. É essa ausência de condição que faz de seu amor uma *fé*, a única que ela tem. Quanto ao homem, se ama uma mulher é esse amor que *quer*[448] dela; ele está portanto muito longe de postular para si o mesmo sentimento que para a mulher; se houvesse homens que experimentassem também esse desejo de abandono total, por certo não seriam homens.

Em certos momentos de sua existência, alguns homens puderam ser amantes apaixonados, mas nenhum há que se possa definir como "um grande apaixonado"; nunca abdicam totalmente, mesmo em seus mais violentos transportes; ainda que caiam de joelhos diante de sua amante, o que desejam afinal é possuí-la, anexá-la; permanecem no cerne de sua vida como sujeitos soberanos; a mulher amada não passa de um valor entre outros; querem integrá-la em sua existência, e não afundar nela uma existência inteira. Para a mulher, ao contrário, o amor é uma renúncia total em proveito de um senhor.

> É preciso que a mulher esqueça sua própria personalidade quando ama, escreve Cécile Sauvage. É uma lei da natureza. Uma mulher não existe sem um senhor. Sem um senhor é um ramalhete esparso.

Em verdade, não é de uma lei da natureza que se trata. É a diferença de sua condição que se reflete na concepção que o homem e a mulher têm do amor. O indivíduo que é sujeito, que é ele mesmo, se tem o gosto generoso da transcendência, esforça-se por ampliar seu domínio sobre o mundo: é ambicioso, age. Mas um ser inessencial não pode descobrir o absoluto no cerne de sua subjetividade. Um ser destinado à imanência não pode realizar-se em atos. Encerrada na esfera do relativo, destinada ao macho desde a infância, habituada a ver nele um soberano a quem não lhe é dado igualar-se, a mulher que não sufocou sua reivindicação de ser humano sonhará em ultrapassar-se para um desses seres superiores, em unir-se, confundir-se com o sujeito soberano. Não há para ela outra saída senão perder-se de corpo e alma em quem lhe designam como o absoluto, o essencial. Como de qualquer maneira se acha condenada à dependência, a obedecer a tiranos — pais, marido, protetor — prefere servir a um Deus; escolhe querer tão ardorosamente sua escravidão que esta lhe aparecerá como a expressão de sua liberdade; ela se esforçará por superar sua condição de objeto inessencial assumindo-a radicalmente; através de sua carne, de seus sentimentos, de suas condutas exaltará soberanamente o amado, colocando-o como a realidade e o valor supremos; ela se aniquilará diante dele. O amor para ela torna-se uma religião.

Vimos que a adolescente começa querendo identificar-se com os homens; quando a isso renuncia, procura então participar de sua virilidade, fazendo-se amar por um deles; não é a individualidade deste ou daquele homem que a seduz; ela está apaixonada pelo homem em geral. "E vós, homens que amarei, como vos espero!", escreve Irene Reweliotty, "Como me regozijo com vos conhecer muito breve: Tu principalmente, o primeiro". É preciso, naturalmente, que o homem pertença à mesma classe, à mesma raça: o privilégio do sexo só funciona dentro desse quadro; para que seja um semideus, ele deve, evidentemente, ser antes de tudo um ser humano; para a filha do oficial colonial o indígena não é um homem; se a jovem se entrega a um "inferior" é porque procura degradar-se, porque não se acredita digna do amor; normalmente ela procura o homem em quem se afirma a superioridade masculina; ela é logo levada a constatar que muitos indivíduos do sexo eleito são tristemente contingentes e terrestres; mas tem de início um preconceito favorável em relação a eles; cabe-lhes menos provar seu valor do que não o desmentir por demais grosseiramente. É o que explica tantos erros muitas vezes lamentáveis; a jovem ingênua está presa ao espelho da virilidade. Segundo as circunstâncias, o valor masculino se manifestará a seus olhos pela

força física, a elegância, a riqueza, a cultura, a inteligência, a autoridade, a situação social, um uniforme militar: mas o que ela deseja sempre é que no amante se resuma a essência do homem. A familiaridade basta muitas vezes para destruir seu prestígio; ele desmorona com o primeiro beijo, ou com o convívio cotidiano, ou durante a noite de núpcias. Entretanto, o amor à distância é apenas um fantasma, não uma experiência real. É quando carnalmente confirmado que o desejo de amor se torna um amor apaixonado. Inversamente, o amor pode nascer das carícias físicas, a mulher sexualmente dominada exaltando o homem que lhe parecia antes insignificante. Mas o que acontece constantemente é que a mulher não consegue transformar nenhum dos homens que conhece em um deus. O amor ocupa na vida feminina menor lugar do que sempre se pretendeu. Marido, filhos, lar, prazeres, vida mundana, vaidade, sexualidade, carreira, são muito mais importantes. Quase todas as mulheres sonharam com "o grande amor": dele conheceram sucedâneos, aproximaram-se dele; sob figuras inacabadas, magoadas, irrisórias, imperfeitas, mentirosas, ele as visitou; mas muito poucas lhes consagraram realmente a existência. As grandes amorosas são, o mais das vezes, mulheres que não usaram o coração nos amores juvenis; aceitaram primeiramente o destino feminino tradicional: marido, casa, filhos; ou conheceram uma dura solidão; ou confiaram em algum empreendimento que mais ou menos fracassou. Quando entreveem a possibilidade de salvar sua vida decepcionante, dedicando-a a um ser de elite, dão-se de corpo e alma a essa esperança. Mlle Aissé, Juliette Drouet, Mme d'Agoult tinham quase trinta anos no início de sua vida amorosa, Julie de Lespinasse quase quarenta; nenhum fim se propunha a elas, não estavam em condições de empreender coisa alguma que lhes parecesse interessante, não lhes restava outra saída senão o amor.

Mesmo com a possibilidade de serem independentes, esse caminho é ainda o que parece mais atraente à maioria das mulheres; é angustiante assumir a direção de sua vida; o adolescente volta-se também frequentemente para mulheres mais idosas, nas quais procura um guia, uma educadora, uma mãe; mas sua formação, os costumes, as determinações que encontra em si mesmo proíbem-lhe deter-se definitivamente na solução fácil da abdicação; ele só encara tais amores como uma etapa. A sorte do homem — na idade adulta como na primeira infância — está em que o constrangem a enveredar pelos caminhos mais árduos mas também mais seguros; a infelicidade da mulher está em que se acha cercada de tentações quase irresistíveis; tudo a incita a seguir o declive da facilidade: em vez de convidá-la a lutar por sua conta, dizem-lhe que lhe basta deixar as coisas

correrem para alcançar paraísos encantadores; quando percebe que foi vítima de uma miragem, é tarde demais; suas forças esgotaram-se na aventura.

Os psicanalistas afirmam de bom grado que a mulher busca no amante a imagem do pai; mas é por ser homem e não por ser pai que ele deslumbra a criança, e todo homem participa dessa magia. A mulher não almeja reencarnar um indivíduo no outro e sim ressuscitar uma situação: a que conheceu menina, ao abrigo dos adultos. Integrada no lar, gozou a paz de uma quase passividade; o amor lhe devolverá a mãe, como o pai lhe devolverá a infância. O que ela almeja é reencontrar um teto sobre a cabeça, muros que lhe escondam seu abandono no mundo, leis que a defendam contra sua liberdade. Esse sonho infantil povoa muitos amores femininos; a mulher sente-se feliz porque o amante a chama de "filhinha, criança querida"; os homens sabem muito bem que estas palavras: "Estás parecendo uma menininha" são das que mais comovem o coração das mulheres; vimos quantas sofreram ao se tornarem adultas; muitas se obstinam em "ser crianças", em prolongar indefinidamente a infância na atitude e nos vestidos. Tornar a ser criança nos braços de um homem as satisfaz amplamente. É o tema de certa cançoneta muito vulgarizada:

Sinto-me em teus braços tão pequena
tão pequena, ó meu amor...[449]

Tema que se repete sem cessar nas conversações e nas correspondências amorosas. "Baby, meu bebê", murmura o amante; e a mulher diz de si mesma: "Tua menina, tua menininha." Irene Reweliotty escreve: "Quando chegará aquele que saberá dominar-me?" E acreditando tê-lo encontrado: "Gosto de te sentir um homem, e superior a mim."

Uma psicastênica estudada por Janet[450] ilustra de maneira impressionante essa atitude:

> Desde quando posso lembrar-me, todas as tolices ou todas as boas ações que pude praticar decorrem da mesma causa, uma aspiração a um amor perfeito e ideal em que pudesse entregar-me inteiramente, confiar todo o meu ser a um outro ser, Deus, homem ou mulher, tão superior a mim que não teria mais necessidade de pensar em me conduzir na vida ou em cuidar de mim. Encontrar alguém que me amasse o bastante para cuidar de me fazer viver, alguém a quem eu obedeceria cegamente e com toda a confiança, certa de que me evitaria qualquer fraqueza e que me guiaria em linha reta, suavemente e com muito amor para a perfeição. Quanto invejo o amor ideal de Maria Madalena e de Jesus: ser o discípulo ardoroso de um mestre adorado e que o mereça; viver e morrer para seu ídolo, acreditar nele sem nenhuma dúvida

possível, obter enfim a vitória definitiva do Anjo sobre a Besta, aconchegar-me em seus braços, tão envolvida, tão pequena, tão abrigada em sua proteção, tão sua que não mais existo.

Numerosos exemplos já nos provaram que esse sonho de aniquilamento é, na verdade, uma ávida vontade de ser. Em todas as religiões, a adoração de Deus confunde-se para o devoto com a preocupação de sua própria salvação; a mulher entregando-se inteiramente ao ídolo, espera que ele lhe dê a um tempo a posse de si mesma e a do universo que nele se resume. Na maioria das vezes é primeiramente a justificação, a exaltação de seu *ego* que ela pede ao amante. Muitas mulheres só se entregam ao amor se forem por sua vez amadas: e o amor que lhe manifestam basta algumas vezes para as tornar apaixonadas. A jovem sonhou-se através de olhos masculinos e é em olhos masculinos que a mulher acredita enfim encontrar-se.

Andar a teu lado, escreve Cécile Sauvage, fazer que avançassem meus pezinhos que amavas, senti-los tão miúdos em seus sapatos altos de cano de feltro dava-me amor por todo o amor com que os cercavas. Os menores movimentos de minhas mãos em meu regalo, de meus braços, de meu rosto, as inflexões de minha voz enchiam-me de felicidade.

A mulher sente-se dotada de um valor alto e seguro; tem enfim licença para se amar através do amor que inspira. Embriaga-se com encontrar uma testemunha no amante. É o que confessa *La Vagabonde* de Colette.

Cedi, confesso-o, cedi permitindo a esse homem que voltasse amanhã, ao desejo de conservar nele não um amoroso, não um amigo, mas um espectador ávido de minha vida e de minha pessoa... É preciso urgentemente envelhecer, disse-me um dia Margot, para renunciar à vaidade de viver diante de alguém.

Em uma de suas cartas a Middleton Murry, Katherine Mansfield conta que acaba de comprar um delicioso corpete roxo; acrescenta logo: "Que pena que não haja ninguém para *vê-lo!*" Não há pior amargura do que se sentir a flor, o perfume, o tesouro que nenhum desejo exige: que é uma riqueza que não me enriquece e que ninguém deseja receber? O amor é o revelador que faz aparecer em traços positivos e nítidos a pálida imagem negativa tão vã quanto uma chapa em branco; mediante esse revelador, o rosto da mulher, as curvas de seu corpo, suas recordações de infância, suas antigas lágrimas, seus vestidos, seus hábitos, tudo o que ela é, tudo o que lhe pertence escapa da contingência e torna-se necessário: ela é um presente maravilhoso ao pé do altar de seu deus.

Antes que ele tivesse gentilmente pousado as mãos sobre seus ombros, antes que seus olhos se tivessem saturado dela, ela não fora senão uma mulher não muito bonita em um mundo incolor e morno. Desde o momento em que ele a beijara, ela estava em pé na luz nacarada da imortalidade.[451]

Eis por que os homens dotados de prestígio social e hábeis em lisonjear a vaidade feminina suscitarão paixões ainda que sem nenhuma sedução física. Pela sua situação elevada encarnam a Lei, a Verdade: sua consciência revela uma realidade incontestada. A mulher que eles louvam sente-se transformada em um tesouro sem preço. Daí é que vinham, por exemplo, segundo Isadora Duncan,[452] os êxitos de d'Annunzio.

> Quando d'Annunzio ama uma mulher, ele ergue sua alma acima da terra até as regiões em que se move e resplende Beatriz. Ele faz cada mulher participar da essência divina, uma a uma, ergue-a tão alto, tão alto que ela se imagina realmente no plano de Beatriz. Sobre cada favorita ele jogava alternativamente um véu deslumbrante. Ela erguia-se acima dos outros mortais e caminhava aureolada de uma luz estranha. Mas quando o capricho do poeta chegava ao fim e ele a abandonava por outra, o véu de luz desaparecia, a auréola se apagava e a mulher retornava ao barro vulgar... Ouvir-se elogiar com essa magia peculiar a d'Annunzio é uma alegria comparável à que Eva pôde experimentar quando ouviu a voz da serpente no Paraíso. D'Annunzio pode dar a cada mulher a impressão de que ela é o centro do universo.

É somente no amor que a mulher pode harmoniosamente conciliar seu erotismo com seu narcisismo; já vimos que há entre esses dois sistemas uma oposição que torna difícil a adaptação da mulher a seu destino sexual. Fazer-se objeto carnal, presa, contradiz o culto que ela rende a si mesma: parece-lhe que o ato sexual desonra e emporcalha seu corpo ou que lhe degrada a alma. Por isso é que certas mulheres escolhem a frigidez, pensando manter assim a integridade de seu *ego.* Outras dissociam as volúpias animais dos sentimentos elevados. Caso muito característico é o de Mme D. S., narrado por Stekel e que já citei a propósito do casamento.

> Frígida, com um marido respeitado, depois da morte deste, encontrou um homem igualmente artista, grande músico, e tornou-se sua amante. Esse amor era, e é ainda, tão absoluto que ela só se sente feliz perto dele. Toda sua vida se resume em Lothar. Mas, embora amando-o ardorosamente, continuava frígida em seus braços. Outro homem cruzou seu caminho. Era um camponês forte e brutal que, estando um dia a sós com ela, a possui simplesmente, sem mais histórias. Ela ficou tão atônita que o deixou fazer. Mas nos braços dele sentiu um orgasmo violento. "Nos braços dele, dizia ela, eu me restabeleço por vários meses. É como uma embriaguez selvagem, mas seguida de um nojo indescritível quando penso em Lothar. Detesto Paul e amo Lothar. Paul porém me satisfaz. Em Lothar tudo me atrai. Mas parece que me transformo em puta para gozar, pois como mulher da

sociedade o gozo me é vedado." Ela recusa-se a casar com Paul mas continua a dormir com ele; nesses momentos, "transforma-se em um outro ser e palavras cruas, como nunca ousaria pronunciar, escapam-lhe da boca".

Stekel acrescenta que, "para muitas mulheres, a queda na animalidade é essencial ao orgasmo". Elas veem no amor físico um aviltamento que não se pode conciliar com sentimentos de estima e afeição. Mas para outras, ao contrário, é pela estima, pela ternura, pela admiração do homem que esse aviltamento pode ser abolido. Só consentem em se entregar a um homem acreditando-se profundamente amadas; uma mulher precisa de muito cinismo, indiferença ou orgulho para considerar as relações físicas como uma troca de prazeres em que cada parceiro encontra igualmente sua satisfação. O homem tanto quanto a mulher — e talvez mais do que ela — revolta-se contra quem o quer explorar.[453] Mas ela é quem tem geralmente impressão de que seu parceiro a utiliza como um instrumento. Somente uma admiração exaltada pode compensar a humilhação de um ato que ela considera como uma derrota. Vimos que o ato amoroso exige dela uma alienação profunda; ela mergulha na languidez da passividade; de olhos cerrados, anônima, perdida, sente-se transportada por ondas, varrida pela tormenta, sepultada na noite; noite da carne, da origem, do túmulo; aniquilada, alcança o Todo, seu eu é abolido. Mas quando o homem se separa dela, ela se encontra rejeitada à terra, em um leito, na luz; readquire um nome, um rosto: é uma vencida, uma presa, um objeto. É então que o amor se torna necessário. Assim como depois do desmame a criança busca o olhar tranquilizador dos pais, é preciso que, pelos olhos do amante que a contempla, a mulher se sinta reintegrada no Todo de que sua carne dolorosamente se destacou. Muito raramente ela se satisfaz completamente; mesmo se conheceu o apaziguamento do prazer, não fica definitivamente liberta do feitiço carnal; sua perturbação se prolonga em sentimento; dispensando-lhe a volúpia, o homem prende-a a si, não a liberta. Entretanto, não mais a deseja; ela só lhe perdoa essa indiferença momentânea se ele lhe dedica um sentimento intemporal e absoluto. A imanência do instante é então superada; as recordações ardentes não são mais uma saudade e sim um tesouro; dissipando-se, a volúpia torna-se esperança e promessa; o gozo é justificado; a mulher pode orgulhosamente assumir sua sexualidade porque a transcende; perturbação, prazer, desejo não são mais um estado e sim um dom; seu corpo não é mais um objeto: é um cântico, uma chama. Pode ela então entregar-se apaixonadamente à magia do erotismo; a noite transforma-se em

luz; a mulher apaixonada pode abrir os olhos; olhar o homem que a ama e cujo olhar a glorifica; através dele o nada faz-se plenitude de ser e o ser é transfigurado em valor; ela não soçobra mais em um mar de trevas, é elevada sobre asas, exaltada aos céus. O abandono torna-se êxtase sagrado. Quando *acolhe* o homem amado, a mulher é habitada, visitada como a Virgem pelo Espírito Santo, como o crente pela hóstia; é o que explica a analogia obscena dos cantos piedosos com as canções licenciosas: não por ter sempre o amor místico um caráter sexual, mas porque a sexualidade da apaixonada se reveste de um colorido místico. "Meu Deus, meu adorado, meu senhor...", as mesmas palavras saem dos lábios da santa ajoelhada e da amorosa no leito; uma oferece a carne aos cravos de Cristo, estende as mãos para receber os estigmas, busca a queimadura do Amor Divino; a outra é também oferenda e espera: setas, dardos, flechas encarnam-se no sexo masculino. Em ambas o sonho é o mesmo, o sonho infantil, o sonho místico, o sonho amoroso: existir soberanamente abolindo-se no seio do outro.

Afirmou-se[454] por vezes que esse desejo de aniquilamento conduzia ao masoquismo. Mas, como o assinalei, a propósito do erotismo, só se pode falar de masoquismo quando tento "fascinar-me a mim mesma por minha objetividade através de outrem",[455] isto é, quando a consciência do sujeito se volta para o *ego* a fim de apreendê-lo em sua condição humilhada. Ora, a amorosa não é somente uma narcisista alienada em seu eu: ela sente também um desejo apaixonado de ultrapassar seus próprios limites e tornar-se infinita através de um outro que tem acesso à realidade infinita. Ela abandona-se ao amor primeiramente para se salvar, mas o paradoxo do amor idólatra está em que, para se salvar, ela acaba por *se* renegar totalmente. Seu sentimento assume uma dimensão mística; ela não pede mais ao Deus que a admire, que a aprove; quer fundir-se nele, esquecer-se em seus braços. "Quisera ser uma santa do amor, escreve Mme d'Agoult. Invejava o martírio em tais momentos de exaltação e de furor ascético." O que se evidencia nestas palavras é o desejo de uma destruição radical de si mesma abolindo as fronteiras que a separam do bem-amado: não se trata de masoquismo e sim de um sonho de união extática. É o mesmo sonho que inspira estas palavras de Georgette Leblanc: "Naquela época, se me tivessem perguntado o que mais almejava no mundo, teria respondido sem hesitar: ser alimento e chama para seu espírito."

Para realizar essa união, o que a mulher deseja primeiramente é servir; é respondendo às exigências do amante que se sentirá necessária; será integrada na existência dele, participará de seu valor, será justificada; até as místicas se

comprazem em crer, segundo Angelus Silesius, que Deus precisa do homem, do contrário, o dom que fazem de si mesmas seria vão. Quanto mais o homem multiplica suas solicitações, mais a mulher se sente satisfeita. Embora a reclusão imposta por Hugo a Juliette Drouet pese à jovem mulher, sente-se que ela se compraz em lhe obedecer: permanecer sentada junto à lareira é fazer alguma coisa para a felicidade do senhor. Ela tenta com paixão ser-lhe útil positivamente. Prepara-lhe pratos delicados, instala um lar para ele: nossa pequena "tua casa", dizia ela gentilmente; cuida da roupa dele.

> Quero que manches, que rasgues o mais possível todas as tuas roupas e que seja eu a única a consertá-las, a limpá-las sem ajuda de ninguém, escreve-lhe.

Para ele, ela lê os jornais, corta artigos, classifica cartas e notas, copia manuscritos. Desola-se quando o poeta confia parte desse trabalho à filha Léopoldine. Encontram-se traços semelhantes em toda mulher apaixonada. Se necessário, ela se tiraniza a si mesma em nome do amante; é preciso que tudo o que é, tudo o que tem, todos os instantes de sua vida lhe sejam dedicados e tenham assim sua razão de ser; ela não quer possuir coisa alguma senão nele; ficava infeliz por ele não lhe pedir nada, eis por que um amante delicado inventa exigências. Ela procurou primeiramente no amor uma confirmação do que era, de seu passado, de seu personagem; mas no amor empenha também seu futuro. Para justificá-lo, destina esse amor àquele que detém todos os valores; assim é que se liberta de sua transcendência: ela a subordina à do outro essencial de quem se faz vassala e escrava. É a fim de se encontrar, de se salvar que ela começa por se perder nele: e o fato é que, pouco a pouco, se perde. Toda a realidade está no outro. O amor, que de início se definia como uma apoteose narcisista, realiza-se nas amargas alegrias de uma dedicação que conduz, frequentemente, a uma automutilação. Nos primeiros tempos de uma grande paixão, a mulher torna-se mais bonita, mais elegante do que antes: "Quando Adèle me penteia, contemplo minha fronte porque você gosta dela", escreve Mme d'Agoult. Achou uma razão de ser para esse rosto, esse corpo, esse quarto, esse eu, adora-os pela mediação do homem amado que a ama. Mas, pouco mais tarde, ela renuncia, ao contrário, a todo coquetismo, se o amante o deseja, ela modifica essa imagem que lhe era antes mais preciosa do que o próprio amor; desinteressa-se dela; faz do que é, do que tem, o feudo de seu soberano; renega o que ele desdenha; gostaria de lhe consagrar cada batida do coração, cada gota do sangue, a medula dos ossos. É o que se traduz por

este sonho de martírio: exagerar o dom de si até a tortura, até a morte, ser o solo que o amado pisa, ser apenas o que responde ao apelo dele. Tudo o que é inútil ao amado, ela o aniquila com exaltação. Se o presente que faz de si é integralmente aceito, o masoquismo não aparece; poucos vestígios se percebem em Juliette Drouet. Na sua adoração excessiva, ajoelhava-se por vezes diante do retrato do poeta e pedia perdão pelas faltas que pudesse ter cometido; não se voltava colérica contra si mesma. Mas do entusiasmo generoso, para a raiva masoquista o deslize é fácil. A amante que se reencontra diante do amante na situação da criança diante dos pais, reencontra também esse sentimento de culpa que conhecia junto deles; não escolhe revoltar-se contra ele enquanto o ama: revolta-se contra si mesma. Se ele a ama menos do que ela o deseja, se ela não consegue absorvê-lo, torná-lo feliz, bastar-lhe, todo o narcisismo se converte em nojo, em humilhação, num ódio a si mesma que a incita a autopunições. Durante uma crise mais ou menos demorada, por vezes durante toda a vida, ela se transformará em vítima voluntária, se obstinará em molestar esse eu que não soube satisfazer o amante. Sua atitude é então propriamente masoquista. Mas não se deve confundir esses casos em que a mulher apaixonada busca seu próprio sofrimento, a fim de se vingar de si mesma, com os casos em que visa à confirmação da liberdade do homem e seu poder. É lugar-comum — e parece que uma verdade — dizer que a prostituta tem orgulho de ser espancada por seu homem: mas não é a ideia de sua pessoa batida e escravizada que a exalta, é a força, a autoridade, a soberania do macho de que ela depende; ela gosta também de vê-lo maltratar outro homem, incita-o muitas vezes a competições perigosas: quer que seu senhor detenha os valores reconhecidos no meio a que ela pertence. A mulher que se submete com prazer a caprichos masculinos igualmente admira também na tirania que se exerce sobre si a evidência de uma liberdade soberana. Cumpre atentar para o fato de que, se, por uma razão qualquer, o prestígio do amante acaba, pancadas e exigências se tornarão odiosas: só valem como manifestação da divindade do bem-amado. Neste caso é alegria embriagante sentir-se a presa de uma liberdade alheia: é para um existente a mais surpreendente aventura achar-se criado pela vontade diversa e imperiosa de outro; a gente se cansa de morar sempre na mesma pele; a obediência cega é a única possibilidade de mudança radical que um ser humano pode conhecer. Eis a mulher escrava, rainha, flor, corça, vitral, capacho, criada, cortesã, musa, companheira, mãe, irmã, filha segundo os sonhos fugazes, as ordens imperiosas do amante: ela presta-se, em êxtase, a essas metamorfoses enquanto não reconhece que

conserva sempre nos lábios o gosto idêntico da submissão. No plano do amor, como no do erotismo, verificamos que o masoquismo é um dos caminhos pelos quais envereda a mulher insatisfeita, desiludida pelo outro e por si mesma; mas não é a tendência natural de uma renúncia feliz. O masoquismo perpetua a presença do eu sob uma figura mortificada, degradada; o amor visa ao esquecimento de si em benefício do sujeito essencial.

O objetivo supremo do amor humano como do amor místico é a identificação com o amado. A medida dos valores, a verdade do mundo estão na consciência dele; eis por que não é ainda suficiente servi-lo; a mulher tenta ver com os olhos dele, lê os livros que ele lê, prefere os quadros e a música que ele prefere, só se interessa pelas paisagens que vê com ele, pelas ideias que vêm dele; adota as amizades, as inimizades, as opiniões dele; quando se interroga é a resposta dele que se esforça por ouvir; quer em seus pulmões o ar que ele já respirou; as flores, os frutos que não recebe da mão dele não têm perfume nem gosto; seu espaço hodológico acha-se transtornado: o centro do mundo não é mais o lugar onde se encontra e sim aquele onde se encontra o amado; todos os caminhos saem de sua casa e a esta conduzem. Ela serve-se das palavras dele, refaz-lhe os gestos, adquire-lhes as manias e os tiques. "*Sou* Heathcliff" diz Katherine em *Wulthering Heights*; é o grito de toda apaixonada; ela é outra encarnação do amado, seu reflexo, seu duplo: ela é *ele.* Seu próprio mundo, ela o deixa desmoronar na contingência: é no universo dele que vive.

A felicidade suprema da amorosa consiste em ser reconhecida pelo homem amado como parte dele próprio; quando ele diz "nós" ela é associada a ele e com ele se identifica, partilha-lhe o prestígio e com ele reina sobre o resto do mundo; não cansa de repeti-lo — ainda que abusivamente — esse "nós" saboroso. Necessária a um ser que é a necessidade absoluta que se projeta no mundo para fins necessários e que lhe restitui o mundo sob a figura da necessidade, a amorosa conhece em sua renúncia a posse magnífica do absoluto. É essa certeza que lhe dá tão grandes alegrias; sente-se exaltada à direita do deus; pouco lhe importa ter apenas o segundo lugar se tem *seu* lugar, para sempre, em um universo maravilhosamente ordenado. Enquanto ama, enquanto é amada e necessária ao amado, sente-se totalmente justificada: aproveita a paz e a felicidade. Essa talvez tenha sido a sorte de Mlle Aissé junto do Cavaleiro de Aydie, antes que os escrúpulos da religião lhe tivessem perturbado a alma, ou a de Juliette Drouet à sombra de Hugo.

Mas é raro que essa gloriosa felicidade seja estável. Nenhum homem é deus. As relações que a mística sustenta com a divina ausência dependem

unicamente de seu fervor: mas o homem divinizado, e que não é Deus, está presente. Disso nascerão os tormentos da apaixonada. Seu destino mais comum acha-se resumido nas palavras célebres de Julie de Lespinasse: "Amo-vos, meu amigo, sofro e vos espero em todos os instantes de minha vida." Sem dúvida para os homens também o sofrimento está ligado ao amor; mas suas penas não duram muito tempo ou não são devoradoras; Benjamin Constant quis morrer por Juliette Récamier: em um ano curou-se. Stendhal teve, durante anos, saudades de Métilde, mas era uma saudade que lhe perfumava a vida mais do que a destruía. Ao passo que, assumindo-se como o inessencial, aceitando uma dependência total, a mulher cria um inferno para si; toda amorosa se reconhece na pequena sereia de Andersen que, tendo, por amor, trocado sua cauda de peixe por pernas de mulher, andava sobre agulhas e carvões em brasa. Não é verdade que o homem amado seja incondicionalmente necessário e, por outro lado, ela não lhe é necessária; ele não está à altura de justificar quem lhe rende um culto, e não se deixa possuir por ela.

Um amor autêntico deveria assumir a contingência do outro, isto é, suas falhas, seus limites, sua gratuidade original; não pretenderia ser uma salvação e sim uma relação inter-humana. O amor idólatra confere ao amado um valor absoluto; é a primeira mentira que se apresenta a todos os olhares alheios: "*Ele* não merece tanto amor", murmuram em torno da amorosa; a posteridade sorri com dó, quando evoca a pálida figura do conde Guibert. Descobrir as falhas, a mediocridade de seu ídolo, é para a mulher uma decepção desesperante. Colette aludiu muitas vezes — em *La Vagabonde*, em *Mes apprentissages* — a essa agonia amarga; a desilusão é mais cruel ainda que a da criança que vê desmoronar o prestígio paterno, porque a mulher escolheu ela própria o homem a quem fez dom de todo o ser. Mesmo que o eleito seja digno do mais profundo apego, sua verdade é terrestre: não é mais ele que a mulher ama ajoelhada diante de um ser supremo; ela é enganada por esse espírito de seriedade que se recusa a pôr os valores "entre parênteses", isto é, a reconhecer que têm sua fonte na existência humana; sua má-fé ergue barreiras entre ela e quem ela adora. Incensa-o, prosterna-se, mas não é para ele uma amiga, pois não se dá conta de que ele corre perigo no mundo, de que seus projetos e seus fins são frágeis como ele próprio; considerando-o como a Lei, a Verdade, desconhece a liberdade dele, que é hesitação e angústia. Essa recusa de aplicar ao amante uma medida humana explica muitos paradoxos femininos. A mulher reclama do amante um favor, ele o concede: ei-lo generoso, rico, magnífico, real, divino. Se o recusa, ei-lo avarento, mesquinho, cruel, é um ser demoníaco, bestial. Poderiam ser

tentados a objetar: se um "sim" surpreende como uma soberba extravagância, devemos nos espantar com um "não"? Se o "não" manifesta tão abjeto egoísmo, por que tanto admirar o "sim"? Não há lugar para o humano entre o sobre-humano e o inumano?

Um deus degradado não é um homem, é uma impostura; o amante não tem outra alternativa senão provar que é realmente esse rei adulado, ou denunciar-se como usurpador. A partir do momento em que não o adoram mais, cumpre espezinhá-lo. Em nome dessa glória com que aureolou o amado, a amorosa proíbe-lhe qualquer fraqueza; desilude-se e irrita-se se ele não se molda à imagem que ela colocou em seu lugar; se está fatigado, estonteado, se tem fome ou sede fora de propósito, se se engana, se se contradiz, ela decreta que ele está "abaixo de si mesmo" e o censura. Por esse viés, chega a censurar todas as iniciativas que ela própria não aprecia; ela julga seu juiz e, para que ele mereça continuar seu senhor, nega-lhe a liberdade. O culto que lhe rende satisfaz-se por vezes melhor com a ausência do que com a presença. Há mulheres, já vimos, que se consagram heróis mortos ou inacessíveis, a fim de nunca os confrontar com seres de carne e osso; estes fatalmente contradizem seus sonhos. Daí os *slogans* desiludidos: "Não se deve acreditar em príncipe encantado. Os homens não passam de pobres diabos." Não pareceriam anões se não se lhes pedisse para serem gigantes.

É uma das maldições que pesam sobre a mulher apaixonada: sua generosidade converte-se desde logo em exigência. Tendo-se alienado em outrem, quer também recuperar-se: precisa anexar esse outro que detém o seu ser. Ela se dá inteiramente a ele, mas é preciso que ele esteja inteiramente disponível para receber dignamente esse dom. Ela dedica-lhe todos os seus instantes: é preciso que a cada instante ele esteja presente; ela quer viver unicamente por ele, mas quer viver; ele deve se consagrar a fazê-la viver.

> Amo-o por vezes bobamente e nesses momentos não compreendo por que não poderia, não saberia e não deveria ser para você um pensamento absorvente como você é para mim, escreve Mme d'Agoult a Liszt.

Ela tenta refrear o desejo espontâneo: ser tudo para ele. Há idêntico apelo na queixa de Mlle de Lespinasse:

> Deus meu! Se soubesse o que são os dias, o que é a vida privada do interesse e do prazer de vê-lo! Meu amigo, a dissipação, a ocupação, o movimento lhe bastam; eu, minha felicidade é você, e só você; não quereria viver se não devesse vê-lo e amá-lo em todos os momentos da vida.

A princípio, a amorosa encantava-se em satisfazer o desejo do amante; depois — como o bombeiro lendário que por amor ao ofício provocava incêndios por toda parte — dedica-se a despertar esse desejo para ter que satisfazê-lo; se não o consegue, sente-se humilhada, inútil, a ponto de o amante fingir ardores que não experimenta. Fazendo-se escrava, encontra ela o meio mais seguro de acorrentá-lo. Trata-se de mais uma mentira do amor, que muitos homens — Lawrence, Montherlant — denunciaram com rancor: apresenta-se como um dom quando é uma tirania. Benjamin Constant em *Adolphe* pintou severamente as correntes com que a generosa paixão de uma mulher prende o homem. "Ela não calculava seus sacrifícios porque estava preocupada em me fazer aceitá-los", diz ele com crueldade, de Eléonore. A aceitação é efetivamente um compromisso que amarra o amante, sem que ele tenha sequer o benefício de aparecer como aquele que dá; a mulher exige que ele acolha com gratidão os fardos com que o esmaga. E sua tirania é insaciável. O homem amoroso é autoritário, mas quando obtém o que desejava, fica satisfeito; ao passo que não há limites para a dedicação exigente da mulher. Um amante que tem confiança em sua amante admite sem desprazer que ela se ausente, que se ocupe longe dele; certo de que ela lhe pertence, prefere possuir uma liberdade a possuir uma coisa. Ao contrário, a ausência do amante é sempre uma tortura para a mulher; ele é um olhar, um juiz, ele a frustra desde que fixa os olhos em outra coisa que não ela; rouba-lhe tudo o que vê: longe dele, ela sente-se despojada de si mesma e do mundo; mesmo sentado ao lado dela, lendo, escrevendo, ele a está abandonando, traindo. Ela detesta-lhe o sono. Baudelaire se enternece ante a mulher adormecida: "Teus belos olhos estão cansados, pobre amante." Proust encanta-se com olhar Albertine dormir;[456] o ciúme masculino é simplesmente a vontade de uma posse exclusiva. A bem-amada não pertence a ninguém quando o sono lhe devolve a candura desarmada da infância; para o homem, essa certeza basta. Mas o deus, o senhor, não deve se abandonar ao repouso da imanência; é com um olhar hostil que a mulher contempla essa transcendência fulminada; ela detesta sua inércia animal, esse corpo que não mais existe *para ela* e sim *em si,* abandonado a uma contingência que deve pagar com sua própria contingência. Violette Leduc exprimiu, em *Je hais les dormeurs*, com força esse sentimento:

> Detesto os homens que dormem. Debruço-me sobre eles com minhas más intenções. Sua submissão exaspera-me. Odeio sua serenidade inconsciente, sua falsa anestesia, sua fisionomia de cego estudioso, sua embriaguez sensata, sua aplicação de incapaz... Fiquei à espreita, esperei durante muito tempo a bolha

> rósea que sairia da boca de meu dorminhoco. Só queria dele uma bolha de presença. Não a tive... Vi que suas pálpebras de noite eram pálpebras de morto... Refugiava-me na alegria de suas pálpebras quando esse homem era intratável. O sono é profundo quando ele resolve dormir. Roubou-me tudo. Detesto este meu homem adormecido, capaz de com inconsciência criar para si uma paz que me é estranha. Detesto sua fronte de mel... No fundo de si mesmo só se preocupa com seu repouso. Recapitula não sei o quê... Tínhamos levantado voo. Queríamos deixar a terra, utilizando nosso temperamento. Tínhamos decolado, subido, espiado, esperado, cantarolado, chegado, gemido, ganhado e perdido juntos. Era uma vagabundagem séria. Tínhamos descoberto uma nova espécie de nada. Agora dormes. Teu apagamento não é honesto... Se meu dorminhoco se mexe, minha mão toca, sem querer, a semente. É o celeiro com cinquenta sacos de grãos que é sufocante, despótico. As bolsas íntimas de um homem adormecido caíram sobre a minha mão... Possuo os saquinhos de sementes. Tenho nas mãos os campos que serão lavrados, os pomares que serão tratados, a força das águas que será transformada, as quatro tábuas que serão pregadas, os toldos que serão erguidos. Tenho nas mãos os frutos, as flores, os animais selecionados. Tenho na mão o bisturi, o podão, a sonda, o revólver, o fórceps e tudo isso não me enche a mão. A semente do mundo que dorme não é senão o supérfluo oscilante do prolongamento da alma... Odeio-te quando dormes.[457]

O deus não deve adormecer, senão faz-se barro, carne; é preciso que esteja presente, sem o quê, sua criatura afunda no nada. Para a mulher, o sono do homem é avareza e traição. O amante desperta por vezes a amante; é para possuí-la. Ela o desperta simplesmente para que ele não durma, não se afaste, pense somente nela, esteja presente, fechado no quarto, no leito, em seus braços — como Deus no tabernáculo, é o que a mulher deseja: é uma carcereira.

E, no entanto, ela não consente realmente que o homem seja apenas seu prisioneiro. É esse um dos paradoxos dolorosos do amor: cativo, o deus despoja-se de sua divindade. Destinando-lhe sua transcendência, a mulher salva-a: mas é preciso que ele a transporte para o mundo inteiro. Se dois amantes mergulham juntos no absoluto da paixão, toda liberdade se degrada em imanência: só a morte pode então trazer uma solução: é um dos sentidos do mito de *Tristão e Isolda*. Dois amantes que se destinam exclusivamente um ao outro, já estão mortos: morrem de tédio. Em *Terres étrangères*, Marcel Arland descreveu essa lenta agonia de um amor que se devora a si mesmo. A mulher conhece esse perigo. Salvo nas crises de ciúme frenético, ela própria exige que o homem seja projeto, ação: ele não é mais um herói, se não realiza nenhuma façanha. O cavaleiro que parte para novas proezas ofende sua dama, mas ela o despreza se permanece sentado a seus pés. Essa é a tortura do amor impossível; a mulher quer *ter* todo o homem, mas exige dele que supere todo dado cuja posse seja possível: não se *tem* uma liberdade; ela quer encerrar aqui um

existente que é, segundo Heidegger, "um ser das distâncias" e ela bem sabe que a tentativa está condenada. "Meu amigo, amo-o como se deve amar, com excesso, com loucura, transporte e desespero", escreve Julie de Lespinasse. O amor idólatra, se lúcido, só pode ser desesperado. Porque a amante que pede ao amante que seja herói, gigante, semideus, reclama por não ser tudo para ele, quando só pode conhecer a felicidade com a condição de o conter inteiro dentro de si.

> A paixão da mulher, renúncia total a toda espécie de direitos próprios, postula precisamente que o mesmo sentimento, o mesmo desejo de renúncia não exista para o outro sexo, pois se ambos renunciassem a si mesmos por amor, disso resultaria não sei bem o quê, digamos talvez o horror ao vazio? A mulher quer ser possuída... ela exige portanto alguém que a *possua*, que ele mesmo não se dê, que não se abandone, mas que queira, ao contrário, enriquecer seu eu no amor... A mulher dá-se, o homem se aumenta com ela...[458]

Pelo menos a mulher poderá encontrar sua alegria nesse enriquecimento que traz ao bem-amado; ela não é Tudo para ele, mas tentará se acreditar indispensável; não há graus na necessidade. Se ele "não pode viver sem ela", ela se considera como o fundamento de sua preciosa existência, e disso extrai seu próprio valor. Põe sua alegria em servi-lo: mas é preciso que ele reconheça esse serviço com gratidão; o dom torna-se exigência, segundo a dialética comum da dedicação.[459] E uma mulher de espírito escrupuloso interroga-se: é realmente de *mim* que ele precisa? O homem a ama, a deseja com uma ternura e um desejo singulares: mas não teria por outra um sentimento igualmente singular? Muitas mulheres apaixonadas deixam-se iludir: querem ignorar que o geral se acha envolvido no singular, e o homem facilita-lhes essa ilusão porque, antes de tudo, a partilha; há constantemente em seu desejo um arrebatamento que parece desafiar o tempo; no instante em que quer essa mulher, ele a quer com paixão e quer somente a ela: e sem dúvida o instante é um absoluto, mas o absoluto de um instante. Iludida, a mulher passa para o eterno. Divinizada pela relação com o senhor, ela acredita ter sido sempre divina e destinada ao deus: ela somente. Mas o desejo masculino é tão fugaz quanto imperioso; uma vez satisfeito, morre assaz depressa, ao passo que é, o mais das vezes, depois do amor que a mulher se torna sua prisioneira. É o tema de toda uma literatura fácil e de canções triviais. "Um jovem passava, uma mulher cantava... um jovem cantava, uma mulher chorava." E o fato de um homem permanecer duradouramente apegado à mulher não significa que ela lhe seja necessária. É entretanto o que ela reclama: sua abdicação só a salva com a condição de lhe restituir seu império; não se pode

fugir ao jogo da reciprocidade. É preciso pois que ela sofra, que ela minta a si mesma. Na maioria das vezes ela se agarra primeiramente à mentira. Imagina o amor do homem como a exata contrapartida do que ela lhe dedica; com má-fé toma o desejo por amor, a ereção por desejo, o amor por uma religião. Força o homem a mentir: você me ama? Como ontem? Você me amará sempre? Habilmente, faz as perguntas no momento em que não há tempo para respostas matizadas e sinceras, ou então em que as circunstâncias as impedem; é durante a relação amorosa, no limiar de uma convalescença, entre soluços ou na plataforma de uma estação que ela interroga imperiosamente; faz troféus das respostas arrancadas e, na falta de respostas, faz os silêncios falarem. Toda amorosa verdadeira é mais ou menos paranoica. Lembro-me de uma amiga que, ante o silêncio prolongado de um amante longínquo, declarava: "Quando se quer romper, escreve-se para anunciar a ruptura"; e depois de ter recebido uma carta sem ambiguidade "Quando se quer realmente romper, não se escreve". É muitas vezes muito difícil verificar onde começa o delírio patológico ante as confidências recebidas. Descrita pela apaixonada em pânico, a conduta de um homem apresenta-se sempre como extravagante: é um neurótico, um sádico, um recalcado, um masoquista, um demônio, um inconsistente, um covarde ou tudo isso junto; desafia as explicações psicológicas mais sutis. "X. me adora, é loucamente ciumento, desejaria que eu usasse uma máscara quando saio; mas é um ser tão estranho e que desconfia tanto do amor que, quando lhe bato à porta, me recebe no patamar e não me deixa sequer entrar." Ou então: "Z. me adorava. Mas era demasiado orgulhoso para pedir-me que fosse residir em Lyon, onde mora: fui e instalei-me em sua casa. Ao fim de oito dias, sem uma briga, mandou-me embora. Tornei a vê-lo duas vezes. Na terceira vez que lhe telefonei, desligou o telefone no meio da conversa. É um neurótico." Essas histórias misteriosas esclarecem-se quando o homem explica: "Não a amava absolutamente", ou "Tinha-lhe amizade, mas não teria suportado viver com ela um mês". Sendo demasiado obstinada, a má-fé conduz ao hospício: um dos traços constantes da erotomania está em que as condutas do amante se apresentam como enigmáticas e paradoxais; por esse viés, o delírio da doente consegue sempre quebrar as resistências da realidade. Uma mulher normal acaba sempre sendo vencida pela verdade, e reconhecendo que não é mais amada. Mas, enquanto não é acuada a essa confissão, trapaceia sempre um pouco. Mesmo no amor recíproco há entre os sentimentos dos amantes uma diferença fundamental que ela se esforça por mascarar. Pois é naturalmente preciso que o homem possa justificar-se sem ela, posto que ela espera ser justificada por ele. Se ele lhe é necessário, é porque ela

foge de sua liberdade; mas se ele assume a liberdade sem a qual não seria nem herói nem simplesmente homem, nada nem ninguém lhe seriam necessários. A dependência que a mulher aceita vem de sua fraqueza: como encontraria uma dependência recíproca naquele que ela ama pela sua força?

Uma alma apaixonadamente exigente não poderia encontrar sossego no amor porque visa a um fim contraditório. Torturada, atormentada, arrisca-se a se tornar um fardo para aquele de quem se sonhava escrava; não podendo sentir-se indispensável, torna-se importuna, odiosa. É isso também uma tragédia muito comum. Mais sensata, menos intransigente, a amorosa resigna-se. Não é tudo, não é necessária: basta-lhe ser útil; outra ocuparia facilmente seu lugar: ela contenta-se em ser a que está presente. Reconhece sua servidão sem pedir reciprocidade. Pode então experimentar uma felicidade modesta; mas, mesmo dentro de tais limites, essa felicidade não será sem nuvens. Muito mais dolorosamente do que a esposa, a amorosa espera. Se a própria esposa é exclusivamente uma amorosa, as tarefas caseiras, a maternidade, suas ocupações, seus prazeres não têm valor nenhum a seus olhos: é a presença do esposo que a arranca ao limbo do tédio. "Quando não estás presente, parece-me que não vale sequer a pena olhar o dia; tudo que me acontece é então como uma morte, não passo de um pequeno vestido vazio jogado sobre uma cadeira", escreve Cécile Sauvage nos primeiros tempos de seu casamento.[460] E vimos que muitas vezes é fora do casamento que nasce e desabrocha o amor-paixão. Um dos mais notáveis exemplos de uma vida inteira dedicada ao amor é o de Juliette Drouet: ela é apenas uma espera indefinida. "Cumpre sempre voltar ao mesmo ponto de partida, isto é, a esperá-lo sempre", escreve ela a Victor Hugo. "Eu o espero como um esquilo na gaiola." "Deus meu! Como é triste para uma natureza como a minha esperar de um ponto ao outro da vida." "Que dia! Pensei que não passasse, a tal ponto te esperei, e agora acho que passou depressa demais pois não te vi..." "Acho o dia infindável..." "Espero-o porque afinal prefiro ainda esperar, a crer que você não virá mais." É verdade que Victor Hugo, depois que fez Juliette romper com seu rico protetor, príncipe Demidoff, a tinha confinado em um pequeno apartamento e durante 12 anos proibiu-a de sair sozinha, a fim de que não reatasse com nenhum de seus amigos de outrora. Mesmo quando a sorte daquela que se intitulava "sua pobre vítima enclaustrada" se amenizou, não deixou ela de ter o amante como única razão de viver e de vê-lo bem pouco. "Eu o amo, meu Victor bem-amado", escreve em 1841, "mas tenho o coração triste e amargurado; vejo-o tão pouco, e o pouco que o vejo me pertences tão pouco, que

todos esses poucos fazem um todo de tristeza que me enche o coração e o espírito". Ela sonha conciliar a independência com o amor. "Gostaria de ser independente e escrava a um tempo, independente por uma situação que me alimenta e escrava unicamente de meu amor." Mas tendo definitivamente fracassado em sua carreira de atriz, teve de resignar-se "de um ponto ao outro da vida" a ser apenas uma amante. Apesar de seus esforços para prestar serviço ao ídolo, suas horas eram demasiado vazias; as 17.000 cartas que escreveu a Hugo, ao ritmo de 300 a 400 por ano, são uma prova disso. Entre as visitas do senhor não lhe restava senão matar o tempo. O pior horror na condição da mulher de harém é serem seus dias desertos de tédio: quando o homem não usa esse objeto que ela é para ele, ela não é absolutamente mais nada. A situação da amorosa é análoga: ela só quer ser essa mulher amada, nada mais tem valor a seus olhos. Para existir, é preciso portanto que o amante esteja a seu lado, se ocupe com ela; ela espera a chegada, o desejo, o despertar dele. E logo que ele a deixa, recomeça a esperar. É a maldição que pesa sobre a heroína de *Back Street*,[461] sobre a de *Intempéries*,[462] sacerdotisas e vítimas do amor puro. É a dura punição infligida a quem não tomou o próprio destino nas mãos.

Esperar pode ser uma alegria. Para quem espreita o bem-amado sabendo que acorre, que a ama, a espera é uma promessa deslumbrante. Mas passada a embriaguez confiante do amor que transforma a própria ausência em presença, misturam-se ao vazio da ausência os tormentos da inquietação: o homem também pode nunca mais voltar. Conheci uma mulher que a cada encontro acolhia o amante com espanto. "Pensava que não voltasses mais", dizia. E se ele perguntava por quê: "*Poderias* não voltar; quando te espero tenho sempre a impressão de que não te verei mais." Mas principalmente ele pode deixar de amar: pode amar outra mulher. Pois a violência com que a mulher procura se iludir dizendo: "Ele me ama loucamente e só a mim pode amar", não exclui as torturas do ciúme. Afirmações apaixonadas e contraditórias são peculiares à má-fé. Assim o louco, que obstinadamente se imagina Napoleão, não se embaraça em reconhecer que é também barbeiro. Raramente a mulher consente em indagar: ele gosta realmente de mim? Mas cem vezes ela se interroga: ele não gosta de outra? Não admite que o fervor do amante tenha podido diminuir pouco a pouco, nem que ele dê menos valor do que ela ao amor: logo inventa rivais. Ela considera o amor um sentimento livre e um encantamento mágico ao mesmo tempo; e estima que "seu" homem continua a amá-la em sua liberdade enquanto é "enleado", "pegado numa armadilha" por

uma hábil intrigante. O homem possui a mulher enquanto assimilada a ele, em sua imanência. É por isso que desempenha tão facilmente o papel de um Boubouroche;[463] tem dificuldade em imaginar que ela seja também uma outra que lhe escapa: o ciúme nele não passa em geral de uma crise passageira, como o próprio amor. A crise pode ser violenta e até assassina, mas é raro que a inquietação se instale duradouramente nele. O ciúme apresenta-se principalmente nele como um derivativo: quando seus negócios vão mal, quando se sente molestado pela vida, então é que se diz ridicularizado pela mulher.[464] Ao contrário, a mulher amando o homem em sua alteridade, em sua transcendência, sente-se a cada instante em perigo. Não há grande distância entre a traição da ausência e a infidelidade. Desde que se sente desarmada, ela se torna ciumenta: dadas suas exigências, esse é sempre mais ou menos o caso: suas censuras, suas queixas traduzem-se por cenas de ciúme, quaisquer que sejam os pretextos; assim é que exprimirá a impaciência e o tédio da espera, o amargo sentimento de sua dependência, a tristeza de ter apenas uma existência mutilada. É todo o seu destino que está em jogo em cada olhar que o homem amado endereça a outra mulher, porquanto alienou nele todo seu ser. Por isso se irrita, se o olhar do amante se volta um instante para uma estranha. E se ele lhe observa que ela acaba de contemplar longamente um desconhecido, ela responde convicta: "Não é a mesma coisa." E tem razão. Um homem olhado por uma mulher nada recebe desta: o dom só começa a partir do momento em que a carne feminina se faz presa. Ao passo que a mulher ambicionada é de imediato metamorfoseada em objeto desejável e desejado; e a amorosa desprezada "retorna ao barro vulgar". Por isso está ela sempre de sentinela. Que ele faz? Que ele olha? Com quem fala? O que um desejo deu a ela, um sorriso pode retomar-lhe. Basta um instante para precipitá-la "da luz nacarada da imortalidade" no crepúsculo cotidiano. Tudo recebeu do amor, pode tudo perder, ao perdê-lo. Impreciso ou definido, sem fundamento ou justificado, o ciúme é para a mulher uma tortura enlouquecedora porque é uma contestação radical do amor; é preciso, se a traição é certa, renunciar a fazer do amor uma religião, ou renunciar ao amor; é uma subversão tão radical que se compreende que a amorosa, ora duvidando, ora se iludindo, sinta-se obcecada pelo desejo e pelo temor de descobrir a verdade mortal.

Arrogante e ansiosa a um tempo, acontece muitas vezes que a mulher, estando sempre com ciúme, o esteja sempre sem razão: Juliette Drouet conheceu as angústias da suspeita em relação a todas as mulheres de quem Hugo se aproximava, esquecendo somente de temer Léonie Biard, que durante

oito anos foi amante dele. Na incerteza, toda mulher é uma rival, um perigo. O amor mata a amizade porque a amorosa se encerra no universo do homem amado; o ciúme exaspera-lhe a solidão e, desse modo, torna a dependência dela mais estreita. Nisso ela encontra entretanto um recurso contra o tédio: conservar um marido é um trabalho; conservar um amante, uma espécie de sacerdócio. A mulher que se negligenciava, perdida numa adoração feliz, recomeça a cuidar de si logo que pressente uma ameaça. Toalete, arranjo do lar, exibições mundanas tornam-se os momentos de um combate. A luta é uma atividade tônica: enquanto tem quase certeza de vencer, a guerreira encontra nela um prazer pungente. Mas o temor angustiado da derrota transforma em humilhante servidão o dom generosamente consentido. O homem ataca para se defender. Uma mulher, ainda que orgulhosa, é forçada a fazer-se meiga e passiva; manobras, prudência, subterfúgios, sorrisos, encantos, docilidade são suas melhores armas. Revejo essa jovem mulher a cuja porta bati de improviso uma noite; deixara-a duas horas antes malpintada, negligentemente vestida, com um olhar morto; agora ela o esperava; quando deu comigo, retomou sua expressão habitual, mas durante um momento tive tempo de vê-la preparada para ele, crispada no medo e na hipocrisia, já preparada para todos os sofrimentos por trás de seu sorriso jovial; estava penteada com cuidado, uma maquiagem insólita animava-lhe as faces e os lábios, enfeitara-se com uma blusa de renda de deslumbrante brancura. Vestido de festa, arma de combate. Os massagistas, os visagistas, os "esteticistas" sabem que seriedade trágica emprestam suas clientes a esses cuidados que parecem fúteis; é preciso inventar novas seduções para o amante, é preciso tornar-se a mulher que ele almeja encontrar e possuir. Mas todo esforço é vão; ela não ressuscitará em si essa imagem da Outra que de início o atraíra, que pode atraí-lo em uma outra. Há no amante a mesma dúplice e impossível exigência que há no marido: quer a amante absolutamente sua e no entanto estranha; ele a quer exatamente de acordo com seu sonho e diferente de tudo o que sua imaginação inventa, uma resposta à sua espera e uma surpresa imprevista. Essa contradição atormenta a mulher e a destina ao fracasso. Ela tenta moldar-se em obediência ao desejo do amante; muitas mulheres que tinham desabrochado nos primeiros tempos de um amor que confirmava seu narcisismo, assustam, por um servilismo maníaco, quando se sentem menos amadas; obcecadas, empobrecidas, irritam o amante; dando-se a ele cegamente, a mulher perdeu essa dimensão de liberdade que a princípio a tornava fascinante. Ele buscava nela seu reflexo: mas, se o encontra demasiado fiel, aborrece-se. Uma das desgraças da amorosa

está em que seu próprio amor a desfigura, a aniquila; fica sendo somente essa escrava, essa criada, esse espelho por demais dócil, esse eco por demais fiel. Quando o percebe, seu desespero diminui-lhe ainda o valor; em meio às lágrimas, às reivindicações, às cenas, acaba perdendo todo atrativo. Um existente é o que faz; para ser, ela confiou numa consciência alheia e renunciou a fazer qualquer coisa. "Só sei amar", escreve Julie de Lespinasse. *Eu que sou tão somente amor:* este título de romance[465] é a divisa da amorosa; ela é somente amor e, quando o amor se acha privado de seu objeto, ela não é mais nada.

Muitas vezes compreende seu erro; tenta então reafirmar sua liberdade, reencontrar sua alteridade; torna-se coquete. Desejada por outros homens, interessa novamente o amante entediado: é o tema batido de muitos romances "perversos"; a separação basta por vezes para devolver-lhe o prestígio; Albertine parece insossa quando se acha presente e dócil; à distância, volta a ser misteriosa e Proust ciumento valoriza-a novamente. Mas essas manobras são delicadas; se o homem as penetra, revelam apenas irrisoriamente a servidão de sua escrava. E seu próprio êxito não está livre de perigo: é porque é sua que o amante desdenha a amante, mas é porque é sua que a ela se prende; será o desdém ou o apego que uma infidelidade arruinará? Pode ser que, despeitado, o homem se afaste da indiferente: ele a quer livre, mas ele a quer dada. Ela conhece esse risco: seu coquetismo com isso se paralisa. É quase impossível a uma amorosa jogar habilmente esse jogo; tem medo demais de cair na própria armadilha. E, na medida em que ainda ama o amante, repugna-lhe enganá-lo: como permaneceria ele um deus a seus olhos? Ganhando a partida, ela destrói o ídolo; perdendo-a, perde-se a si mesma. Não há salvação.

Uma amorosa prudente — mas tais palavras não vão juntas — esforça-se por converter a paixão do amante em ternura, em amizade, em hábito; ou tenta segurá-lo por laços sólidos: filho, casamento. Esse desejo de casamento persegue muitas ligações: é o da segurança. A amante hábil tira proveito da generosidade do jovem amor para obter um seguro contra o futuro. Mas, quando se entrega a essas especulações, não merece mais o nome de amorosa. Por que esta sonha loucamente com captar para sempre a liberdade do amante mas não com o aniquilar. É por isso que, salvo o caso muito raro em que o livre e mútuo relacionamento se perpetua durante toda uma vida, o amor-religião conduz à catástrofe. Com Mora, Mlle de Lespinasse teve a sorte de se cansar em primeiro lugar; cansou-se porque encontrou Guibert que, por sua vez, não demorou em se cansar dela. O amor de Mme d'Agoult e Liszt morreu dessa dialética

implacável: o arrebatamento, a vitalidade, a ambição que tornavam Liszt tão amável o destinavam a outros amores. A religiosa portuguesa tinha que ser abandonada. A chama que tornava d'Annunzio tão cativante[466] tinha por preço sua infidelidade. Uma ruptura pode marcar profundamente um homem, mas afinal ele tem sua vida de homem a viver. A mulher abandonada não é mais nada, não tem mais nada. Se lhe perguntam: "Como vivia, antes?", não se lembra sequer. Esse mundo que era seu, ela o deixou cair em cinzas para adotar uma nova pátria de que é bruscamente expulsa; renegou todos os valores em que acreditava, destruiu suas amizades; encontra-se sem teto sobre a cabeça e em derredor é o deserto. Como recomeçaria uma vida nova, se não há nada fora do amado? Refugia-se em delírios, como outrora no claustro; ou se é demasiado sensata, resta-lhe apenas morrer: muito rapidamente, como Mlle de Lespinasse ou pouco a pouco; a agonia pode durar muito tempo. Quando uma mulher, durante dez ou vinte anos, se dedicou a um homem de corpo e alma, quando ele se manteve firmemente sobre o pedestal em que o ergueu, o abandono em que ele a deixa pode ser uma catástrofe fulminante. "Que poderei fazer, indagava aquela mulher de quarenta anos, que poderei fazer se Jacques não me ama mais?" Vestia-se, pintava-se com cuidado, mas seu rosto endurecido, já gasto, não podia inspirar um novo amor; poderia ela própria amar outro depois de vinte anos à sombra de um homem? Restam ainda muitos anos de vida quando se tem quarenta anos. Revejo outra mulher que conservava olhos belos, traços nobres, apesar de um rosto inchado pelo sofrimento e que deixava, sem o perceber sequer, as lágrimas escorrerem-lhe pelas faces, em público, cega e surda. Agora, o deus diz a outra as palavras inventadas para ela; rainha destronada, não sabe mais se jamais reinou sobre um verdadeiro reino. Se é ainda moça, a mulher tem possibilidades de curar-se: um novo amor poderá curá-la. Por vezes, a este se entregará com um pouco mais de reserva, compreendendo que o que não é único não pode ser absoluto; mas muitas vezes ela se quebrará de encontro a esse novo amor, com muito mais violência ainda que da primeira vez, porque terá de resgatar também o fracasso anterior. O fracasso do amor absoluto só é uma experiência fecunda se a mulher é capaz de recuperar o domínio de si mesma: separada de Abelardo, Heloísa não se transformou num destroço porque, dirigindo uma abadia, construiu uma existência autônoma. As heroínas de Colette têm demasiado orgulho e recursos para se demolirem com uma decepção amorosa: Renée Méré salva-se pelo trabalho. E "Sido" dizia à filha que não se inquietasse demais com seu destino sentimental, porque sabia que Colette não era apenas uma amorosa. Mas há

poucos crimes que acarretem pior castigo do que esse erro generoso: entregar-se por inteiro a outras mãos.

O amor autêntico deveria basear-se no reconhecimento recíproco de duas liberdades; cada um dos amantes se sentiria então como si mesmo e como o outro: nenhum abdicaria sua transcendência, nenhum se mutilaria; ambos desvendariam juntos, no mundo, valores e fins. Para um e para outro, o amor seria uma revelação de si mesmo pelo dom de si e o enriquecimento do universo. Em sua obra *Connaissance de soi*, Georges Gusdorf resume muito exatamente o que o *homem* pede ao amor.

> O amor nos revela a nós mesmos, fazendo-nos sair de nós mesmos. Nós nos afirmamos ao contato do que nos é estranho e complementar. O amor, como forma do conhecimento, descobre novos céus e novas terras na própria paisagem em que sempre vivemos. Eis o grande segredo: o mundo é outro, *eu sou outro.* E não sou mais o único a sabê-lo. Melhor até: foi alguém que me ensinou isso. A mulher desempenha, pois, um papel indispensável e capital na consciência que o homem assume de si mesmo.

Daí a importância de que o aprendizado amoroso se reveste para o jovem;[467] vimos como Stendhal e Malraux se maravilham com o milagre que fez que "eu mesmo seja outro". Mas Gusdorf erra ao escrever: "E do *mesmo modo* o homem representa para a mulher um intermediário indispensável de si mesma a si mesma", pois hoje a situação dela não é *igual;* o homem é revelado sob outra forma, mas permanece ele mesmo e sua nova fisionomia integra-se no conjunto de sua personalidade. Só ocorreria o mesmo com a mulher se ela também existisse essencialmente como "para-si"; o que implicaria a posse de uma independência econômica, a possibilidade de projetar-se para fins próprios e de superar-se sem intermediários para a coletividade. Então são possíveis os amores em termos de igualdade, como o que Malraux descreve entre Kyo e May. Pode mesmo acontecer que a mulher desempenhe o papel viril e dominador como Mme de Warens diante de Rousseau, Léa diante de Chéri. Mas, na maioria dos casos, a mulher só se conhece como outro; seu "para-outrem" confunde-se com seu próprio ser; o amor não é para ela um intermediário de si a si, porque ela não se encontra em sua existência subjetiva; permanece mergulhada nessa amante que o homem não somente revelou como criou; sua salvação depende dessa liberdade despótica que a fundou e pode em um instante aniquilá-la. Ela vive a tremer diante daquele que tem seu destino nas mãos, sem o saber e sem o querer; ela está em perigo em outro, testemunha angustiada e impotente de seu próprio destino. Tirano contra a vontade, sem o

querer carrasco, esse outro, a despeito de ambos, tem uma feição inimiga; em lugar da união procurada, a amorosa conhece a mais amarga das solidões, em lugar da cumplicidade, a luta e muitas vezes o ódio. O amor na mulher é uma tentativa suprema de superar, assumindo-a a dependência a que se acha condenada; mas, mesmo consentida, essa dependência não se pode viver senão no medo e no servilismo.

Os homens não cessaram de proclamar que o amor é para a mulher sua suprema realização. "Uma mulher que ama como mulher, ainda se torna mais profundamente mulher", diz Nietzsche; e Balzac: "Em um plano elevado, a vida do homem está na glória, a da mulher no amor. A mulher só se iguala ao homem fazendo de sua vida uma perpétua oferenda, como a do homem é uma perpétua ação." Mas trata-se ainda aqui de uma mistificação cruel, pois o que ela oferece eles não se esforçam em absoluto por aceitar. O homem não precisa da dedicação incondicional que reclama, nem do amor idólatra que lhe lisonjeia a vaidade; só os acolhe com a condição de não satisfazer as exigências que tais atitudes reciprocamente implicam. Ele recomenda à mulher que dê: e suas dádivas o irritam; ela se vê perturbada com seus inúteis presentes, com sua existência vã. No dia em que for possível à mulher amar em sua força, não em sua fraqueza, não para fugir de si mesma mas para se encontrar, não para se demitir mas para se afirmar, nesse dia o amor se tornará para ela, como para o homem, fonte de vida e não perigo mortal. Enquanto isso não acontece, ele resume sob sua forma mais patética a maldição que pesa sobre a mulher encerrada no universo feminino, a mulher mutilada, incapaz de se bastar a si mesma. As numerosas mártires do amor testemunharam contra a injustiça de um destino que lhes propõe, como derradeira salvação, um inferno estéril.

3/**A mística**

O amor foi apontado à mulher como sua suprema vocação e, quando o dedica a um homem, nele ela procura Deus: se as circunstâncias lhe proíbem o amor humano, se é desiludida ou exigente, é em Deus mesmo que ela escolherá adorar a divindade. Por certo, houve também homens que se queimaram na mesma chama, mas são raros e seu fervor assumia uma forma intelectual muito depurada. Ao passo que são muitas as mulheres que se abandonam às delícias das núpcias celestiais; e elas as vivem de uma maneira estranhamente afetiva. A mulher está acostumada a viver de joelhos; espera normalmente que sua salvação desça do céu onde reinam os homens; eles também estão envoltos em nuvens; é para além dos véus de sua presença carnal que sua majestade se revela. O Amado está sempre mais ou menos ausente; comunica-se com sua adoradora mediante sinais ambíguos; ela só lhe conhece o coração por um ato de fé; e quanto mais ele se lhe apresenta como superior, mais as condutas dele se lhe afiguram impenetráveis. Vimos na erotomania que essa fé resistia a todos os desmentidos. A mulher não tem necessidade de ver nem de tocar para sentir a Presença a seu lado. Que se trate de um médico, de um padre ou de Deus, ela conhecerá as mesmas evidências incontestáveis, ela acolherá como escrava, em seu coração, o amor que cai do alto aos borbotões. Amor humano, amor divino confundem-se, não porque este seja uma sublimação daquele, mas porque o primeiro é também um movimento para um transcendente, para um absoluto. Trata-se em todo caso, para a amorosa, de salvar sua existência contingente unindo-a ao Todo encarnado em uma Pessoa soberana.

Esse equívoco é flagrante em numerosos casos — patológicos ou normais — em que o amante é divinizado, em que Deus se apresenta sob traços humanos. Citarei apenas este que relata Ferdière em sua obra sobre a erotomania. É a doente que fala:

Em 1923 correspondi-me com um jornalista da *Presse*; todos os dias lia seus artigos de moral, lia entre as linhas; parecia-me que ele me respondia, que me dava conselhos; eu escrevia cartas de amor; escrevia-lhe muito... Em 1924, isso me veio de repente: parecia-me que Deus procurava uma mulher, que viria falar-me; tinha a impressão de que me confiara uma missão, de que me escolhera para fundar um templo; acreditava-me centro de uma aglomeração muito importante, onde haveria mulheres que tratariam dos doutores... Foi nesse momento que... fui transferida para o hospício de Clermont... Havia lá jovens doutores que queriam refazer o mundo: na minha cela eu sentia seus beijos em meus dedos, seus órgãos sexuais em minhas mãos; uma vez eles me disseram: "Tu não és sensível, e sim sensual; vira-te"; eu me virei e senti-os em mim: era muito agradável... O chefe de serviço, Dr. D... era como um deus. Eu sentia muito bem que ele tinha alguma coisa quando se aproximava de minha cama; olhava-me com um ar de dizer: sou todo teu. Amava-me realmente; um dia olhou-me com insistência, de uma maneira verdadeiramente extraordinária... seus olhos verdes tornaram-se azuis como o céu; cresceram intensamente de uma maneira formidável... ele olhava o efeito provocado, ao mesmo tempo que falava com outra doente e sorria... Fiquei assim bloqueada, bloqueada no Dr. D... um prego não arranca o outro e, apesar de todos os meus amantes (tive 15 ou 16), não pude separar-me dele; é por isso que ele é culpado... Há mais de 12 anos venho tendo sempre conversas mentais com ele... quando o queria esquecer, ele manifestava-se de novo... mostrava-se por vezes algo zombeteiro... "Estás vendo, te amedronto, dizia ainda, poderás amar outros mas voltarás a mim sempre..." Escrevia-lhe frequentemente cartas, fixando-lhe encontros a que eu comparecia. No ano passado fui vê-lo; ele assumiu uma atitude; não tinha calor, senti-me tola e fui-me embora.. Dizem-me que casou com outra mulher, mas ele me amará sempre... é meu esposo e no entanto o ato nunca se realizou, o ato que faria a solda... "Abandona tudo, diz ele por vezes, comigo subirás sempre, sempre, não serás como um ser da terra." Compreende: cada vez que procuro Deus, encontro um homem: não sei mais para que religião me voltar.

Trata-se aqui de um caso patológico. Mas encontra-se em muitas devotas essa inextricável confusão entre o homem e Deus. É principalmente o confessor que ocupa um lugar equívoco entre o céu e a terra. Ele ouve com ouvidos carnais a penitente que lhe exibe a alma, mas é uma luz sobrenatural que brilha no olhar com que ele a envolve; é um homem divino, é deus presente sob a aparência de um homem. Mme Guyon descreve nestes termos seu encontro com o pe. La Combe: "Pareceu-me que uma influência de graça vinha dele a mim pelo mais íntimo da alma e retornava de mim a ele, de modo que ele sentia o mesmo efeito." Foi a intervenção do religioso que a arrancou à secura de que sofria há anos e novamente lhe abrasou a alma de fervor. Ela viveu ao lado dele durante todo o seu grande período místico. Confessa: "Não era mais senão uma inteira unidade, de maneira que *não podia mais distingui-lo de Deus.*" Seria demasiado sumário dizer que ela estava em verdade apaixonada por um homem e fingia amar a Deus: amava também esse homem

porque era aos olhos dela outra coisa que ele próprio. Tal qual a doente de Ferdière, o que procurava indistintamente atingir era a fonte suprema dos valores. É ao que visa toda mística. O intermediário masculino lhe é por vezes útil para tomar impulso para o deserto do céu; mas não é indispensável. Distinguindo mal a realidade do jogo, o ato da conduta mágica, o objeto do imaginário, a mulher é singularmente apta a tornar presente uma ausência através de seu corpo. O que é muito menos humorístico é identificar, como o fizeram por vezes, misticismo com erotomania: a erotômana sente-se valorizada pelo amor de um ser soberano; este é que toma a iniciativa das relações amorosas, ama mais apaixonadamente do que é amado; torna conhecidos seus sentimentos através de sinais evidentes mas secretos; é ciumento e irrita-se com a carência de fervor da eleita: não hesita então em puni-la; não se manifesta quase nunca sob um aspecto carnal e concreto. Todos esses traços se encontram nos místicos; em particular Deus ama de toda a eternidade a alma que abrasa com seu amor, por ela verteu seu sangue, prepara-lhe esplêndidas apoteoses; tudo o que ela pode fazer é entregar-se sem resistência.

Admite-se hoje que a erotomania assume uma forma ora platônica, ora sexual. Assim também, o corpo participa mais ou menos dos sentimentos que a mística dedica a Deus. Suas efusões são calcadas sobre as que conhecem os amantes terrestres. Enquanto Angela de Foligno contemplava uma imagem de Cristo apertando são Francisco nos braços, ele lhe disse: "Eis como te apertarei contra mim e muito mais do que os olhos do corpo podem ver... não te abandonarei nunca, se me amares." Mme Guyon escreve: "O amor não me deixava um só instante de repouso. Dizia-lhe: Ó meu amor, basta, deixai-me." — "Quero o amor que provoca na alma frêmitos inefáveis, o amor que me extasia..." — "Ó meu Deus! Se fizésseis as mulheres mais sensuais sentirem o que sinto, abandonariam desde logo seus falsos prazeres para gozar de bem tão verdadeiro." Conhece-se a célebre visão de santa Teresa:

> O anjo trazia nas mãos um comprido dardo dourado. De vez em quando, mergulhava-o em meu coração e empurrava-o até as entranhas. Quando retirava o dardo, era como se fosse arrancar-me as entranhas. E eu ficava toda inflamada de amor divino... Do que tenho certeza é que a dor penetra até o fundo de minhas entranhas e parece que estas se rasgam quando meu esposo espiritual retira a flecha com a qual as traspassou.

Pretendem, por vezes, com piedade, que a pobreza da linguagem obriga a mística a valer-se desse vocabulário erótico; mas ela também só dispõe de um corpo, e toma de empréstimo ao amor terrestre não somente palavras como

atitudes físicas; tem, para oferecer-se a Deus, as mesmas condutas que quando se oferece a um homem. Isso não diminui aliás, em nada, o valor de seus sentimentos. Quando Ângela de Foligno se torna ora "pálida e seca", ora "gorda e rubicunda" segundo os movimentos de seu coração, quando se expande em dilúvios de lágrimas,[468] quando se desmonta, não há como considerar tais fenômenos como puramente "espirituais". Mas explicá-los apenas pela sua excessiva "emotividade" é invocar a "virtude dormitiva" da papoula; o corpo nunca é a *causa* das experiências subjetivas porquanto é, em sua figura objetiva, o próprio sujeito: este vive suas atitudes na unidade de sua existência. Adversários e admiradores dos místicos pensam que dar um conteúdo sexual aos êxtases de santa Teresa é degradá-la ao nível de uma histérica. Mas o que diminui o sujeito histérico não é o fato de que seu corpo exprime ativamente suas obsessões: é o de estar obsidiado, é o de estar sua liberdade enfeitiçada e anulada; o domínio que um faquir adquire sobre seu organismo não o torna escravo dele; a mímica corporal pode achar-se envolvida no impulso de uma liberdade. Os textos de santa Teresa não se prestam a nenhum equívoco e justificam a estátua de Bernin que nos mostra a santa extasiada em seus excessos de fulminante volúpia; não seria entretanto menos falso interpretar suas emoções como uma simples "sublimação sexual"; não há primeiramente um desejo sexual, inconfessado, que assume a forma de amor divino; a amorosa, ela própria, não é primeiramente a presa de um desejo em objeto que se fixaria em seguida em um indivíduo; é a presença do amante que suscita nela uma turvação imediatamente intencionada para ele; assim, num só movimento, santa Teresa procura unir-se a Deus e vive essa união em seu próprio corpo; não é escrava de seus nervos e de seus hormônios: cumpre antes admirar nela a intensidade de uma fé que lhe penetra a carne em sua mais profunda intimidade. Em verdade, como a própria santa Teresa o compreendera, o valor de uma experiência mística não se mede segundo a maneira por que foi subjetivamente vivida e sim segundo seu alcance objetivo. Os fenômenos do êxtase são mais ou menos os mesmos em santa Teresa e em Maria Alacoque: o interesse de sua mensagem é muito diferente. Santa Teresa põe de uma maneira inteiramente intelectual o dramático problema da relação entre o indivíduo e o Ser transcendente; ela viveu como mulher uma experiência cujo sentido ultrapassa qualquer especificação sexual; cabe situá-la ao lado de são João da Cruz. Mas ela é uma exceção brilhante. O que nos oferecem suas irmãs menores é uma visão essencialmente feminina do mundo e

da salvação; não é a um transcendente que visam: é a redenção de sua feminilidade.[469]

A mulher busca primeiramente no amor divino o que a amorosa exige no amor do homem: a apoteose de seu narcisismo; esse olhar soberano, atenta e amorosamente fixado nela, é uma milagrosa fortuna. Através de sua vida de moça, de jovem mulher, Mme Guyon sempre fora atormentada pelo desejo de ser amada e admirada. Uma mística protestante moderna, Mlle Vée, escreve: "Nada me faz tão infeliz como não ter ninguém se interessando por mim de maneira especial, e simpática ao que se passa dentro de mim." Mme Krüdener imaginava que Deus se ocupava dela sem cessar, a tal ponto que, conta Sainte-Beuve, "em seus momentos mais decisivos com o amante, ela gemia: Meu Deus, como estou feliz! Peço-vos que me perdoeis o excesso de minha felicidade!" Compreende-se a embriaguez que invade o coração da narcisista quando todo o céu se faz seu espelho; sua imagem divinizada é infinita como o próprio Deus, não se dissipa nunca; e, ao mesmo tempo, ela sente em seu seio ardente, palpitante, afogado no amor, sua alma criada, redimida, amada pelo Pai adorável; é seu duplo, é ela própria que se possui, infinitamente magnificada pela mediação de Deus. Estes textos de santa Ângela de Foligno são particularmente significativos. Eis como Jesus lhe fala:

> Minha doce filha, minha filha, minha amada, meu templo. Minha filha, minha amada, *ama-me porque te amo*, muito, muito mais do que me podes amar. Toda a tua vida: teu comer, teu beber, teu dormir, toda a tua vida me apraz. Farei em ti grandes coisas aos olhos das nações; em ti serei conhecido e em ti meu nome será louvado por grande número de povos. Minha filha, minha esposa que me é doce, amo-te muito.

E ainda:

> Minha filha que me é mais doce do que te sou doce, minhas delícias, o coração de Deus todo-poderoso está agora em teu coração. O Deus todo-poderoso depositou em ti muito amor, mais do que em nenhuma mulher desta cidade; fez de ti suas delícias.

E de outra feita:

> Dedico-te um tal amor que não me preocupo mais com tuas fraquezas e que meus olhos não as veem mais. Depositei em ti um grande tesouro.

A eleita não poderia deixar de responder com paixão a essas declarações tão ardentes e que caem de tão alto. Ela tenta unir-se ao amante pela técnica habitual

da amorosa: a do aniquilamento. “Só tenho uma ocupação que é amar, esquecer-me, aniquilar-me”, escreve Maria Alacoque. O êxtase solapa corporalmente essa abolição do eu; o sujeito não vê mais, não sente mais, esquece o corpo, renega-o. Pela violência desse abandono, pela aceitação extasiada da passividade, indica-se em profundidade a deslumbrante e soberana Presença. O quietismo de Mme Guyon erigia essa passividade em sistema: quanto a ela, passava grande parte do tempo em uma espécie de catalepsia; dormia acordada.

Em sua maioria, as místicas não se contentam com se abandonar passivamente a Deus: esforçam-se ativamente por se aniquilar pela destruição da carne. Sem dúvida, o ascetismo é também praticado pelos monges e pelos religiosos. Mas o encarniçamento com que a mulher humilha a carne assume caracteres singulares. Vimos a que ponto é ambígua a atitude da mulher para com o corpo: é através da humilhação e do sofrimento que ela o metamorfoseia em glória. Entregue a um amante como objeto de prazer, ela torna-se templo, ídolo; dilacerada pelas dores do parto, cria heróis. A mística vai torturar a carne para ter o direito de a reivindicar; reduzindo-a à abjeção, exalta-a como instrumento de sua salvação. Assim se explicam os estranhos excessos a que se entregam certas santas. Santa Ângela de Foligno conta que bebeu deliciada a água em que acabava de lavar as mãos e os pés dos leprosos:

> Esta bebida inundou-nos de tal suavidade que a alegria nos acompanhou até em casa. Nunca bebera com tamanha delícia. Um pedaço de pele escamada das chagas do leproso parara-me na garganta. Ao invés de rejeitá-lo, fiz esforços para o engolir e consegui-o. Pareceu-me que acabava de comungar. Nunca poderei exprimir as delícias em que me afogava.

Sabe-se que Maria Alacoque limpou com a língua os vômitos de um doente; descreve em sua autobiografia a felicidade que sentiu quando encheu a boca com excrementos de um homem com diarreia; Jesus recompensou-a mantendo-lhe os lábios colados durante três horas contra seu Sagrado Coração. É principalmente nos países de uma ardente sensualidade como a Itália e a Espanha que a devoção assume cores carnais: numa aldeia dos Abruzzos, as mulheres ainda hoje ferem a língua ao longo de um caminho dos Passos lambendo as pedras do solo. Em todas essas práticas, não fazem senão imitar o Redentor que salvou a carne pelo aviltamento de sua própria carne: é de maneira muito mais concreta que os homens que elas são sensíveis a esse grande mistério.

É sob a figura do esposo que Deus aparece de preferência à mulher; por vezes ele se mostra em sua glória, deslumbrante de brancura e de beleza, dominador; veste-a com um vestido de núpcias, coroando-a, tomando-a pela

mão e prometendo-lhe uma apoteose celeste. Mas, o mais das vezes, ele é um ser de carne; a aliança que Jesus dera a santa Catarina e que ela trazia, invisível, ao dedo, era "esse anel de carne" que a Circuncisão extraíra dele. Ele é principalmente um corpo maltratado e sangrento: é na contemplação do Crucificado que ela mergulha com mais fervor; identifica-se com a Virgem Mãe carregando nos braços os restos mortais do Filho, ou com Madalena em pé ao pé da cruz regada pelo sangue do Bem-Amado. Desse modo ela satisfaz suas fantasias sadomasoquistas. Na humilhação do Deus ela admira a degradação do Homem; inerte, passivo, coberto de chagas, o crucificado é a imagem invertida da mártir branca e vermelha entregue às feras e com a qual a menina muitas vezes se identificou: ela sente-se transtornada de emoção ao ver que o Homem-Deus assumiu seu papel. Ela é que está deitada na cruz, prometida ao esplendor da Ressurreição. É ela: prova-o; sua fronte sangra sob a coroa de espinhos, suas mãos, seus pés, seus flancos são traspassados por um ferro invisível. Em 321 estigmatizados que conta a Igreja Católica, há 47 homens apenas; os outros — Helena de Hungria, Joana da Cruz, G. d'Osten, Osana de Mântua, Claire de Montfalcon — são mulheres que em média ultrapassaram a idade da menopausa. A mais célebre, Catarina Emmerich, foi marcada prematuramente. Tendo almejado, com a idade de 24 anos, os sofrimentos da coroa de espinhos, viu chegar-se a ela um jovem deslumbrante que lhe enfiou a coroa na cabeça. No dia seguinte, suas têmporas e sua fronte incharam, o sangue pôs-se a escorrer. Quatro anos depois, em êxtase, ela viu Cristo com suas chagas de que saíam raios pontudos como finas lâminas e que fez jorrar gotas de sangue das mãos, dos pés, do seio da santa. Ela suava sangue, cuspia sangue. Ainda agora, toda sexta-feira santa, Teresa Neumann volta, ela também, para os visitantes, um rosto inundado pelo sangue do Cristo. Nos estigmas, conclui-se a misteriosa alquimia que transforma a carne em glória, posto que são, sob a forma de uma dor sangrenta, a própria presença do amor divino. Compreende-se assaz facilmente por que as mulheres se apegam singularmente à metamorfose do fluxo vermelho em pura chama de ouro. Têm a obsessão desse sangue que escorre do peito do rei dos homens. Santa Catarina de Siena a isso se refere em quase todas as suas cartas. Ângela de Foligno abismava-se na contemplação do coração de Jesus e do profundo ferimento ao lado. Catarina Emmerich vestia uma camisa vermelha, a fim de se assemelhar a Jesus quando era como "um lençol molhado de sangue"; tudo via "através do sangue de Jesus". Vimos em que circunstâncias Maria Alacoque se abeberou durante três horas no Sagrado Coração de Jesus. Foi ela quem propôs à adoração dos fiéis o enorme coágulo vermelho aureolado

pelos raios resplendentes do amor. Esse é o emblema que resume o grande sonho feminino: do sangue à glória pelo amor.

Êxtases, visões, diálogos com Deus, essa experiência interior basta a certas mulheres. Outras experimentam a necessidade de comunicá-la ao mundo através de atos. A ligação da ação com a contemplação assume duas formas diferentes. Há mulheres de ação, como santa Catarina, santa Teresa, Joana d'Arc, que sabem muito bem que objetivos se propõem e inventam lucidamente os meios de atingi-los: suas revelações não fazem senão dar uma forma objetiva a suas certezas; encorajam-nas a seguirem os caminhos que a si mesmas traçaram com precisão. Há mulheres narcisistas como Mme Guyon, Mme Krüdener, que, ao termo de um fervor silencioso, se sentem repentinamente em "um estado apostólico".[470] Não são muito precisas em suas tarefas e — como as agitadas senhoras que se ocupam de obras de beneficência — pouco se preocupam com o que fazem conquanto seja *alguma coisa.* Assim é que depois de se exibir como embaixatriz, como romancista, Mme Krüdener interiorizou a ideia que fazia de seus méritos: não foi para fazer triunfar ideias definidas, foi para se confirmar em seu papel de inspirada de Deus que se ocupou do destino de Alexandre I. Se basta muitas vezes um pouco de beleza e de inteligência para que a mulher se sinta revestida de um caráter sagrado, com muito mais razão, quando se acredita a eleita de Deus, pensa achar-se encarregada de missão: prega doutrinas incertas, muitas vezes funda seitas, o que lhe permite operar, através dos membros da coletividade que inspira, uma embriagante multiplicação de sua personalidade.

O fervor místico, como o amor e o próprio narcisismo, podem integrar-se em vidas ativas e independentes. Mas, em si, esses esforços de salvação individual só podem redundar em fracassos; ou a mulher põe-se em relação com um irreal: seu duplo ou Deus; ou cria uma relação irreal com um ser real. Não tem, em todo caso, domínio sobre o mundo, não se evade de sua subjetividade; sua liberdade permanece mistificada; só há uma maneira de realizá-la autenticamente: projetá-la mediante uma ação positiva na sociedade humana.

quarta parte

A caminho da libertação

A mulher independente

O código francês não mais inclui a obediência entre os deveres da esposa, e toda cidadã tornou-se eleitora; essas liberdades cívicas permanecem abstratas quando não se acompanham de uma autonomia econômica. A mulher sustentada — esposa ou cortesã — não se liberta do homem por ter na mão uma cédula de voto; se os costumes lhe impõem menos obrigações do que outrora, as licenças negativas não lhe modificaram profundamente a situação; ela continua confinada em sua condição de vassala. Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais necessidade de um mediador masculino. A maldição que pesa sobre a mulher vassala, reside no fato de que não lhe é permitido fazer o que quer que seja: ela se obstina então na impossível procura do ser através do narcisismo, do amor, da religião; produtora, ativa, ela reconquista sua transcendência; em seus projetos afirma-se concretamente como sujeito; pela sua relação com o fim a que visa, com o dinheiro e os direitos de que se apropria, põe à prova sua responsabilidade. Muitas mulheres têm consciência de tais vantagens, mesmo entre as que exercem os mais modestos ofícios. Ouvi uma mulher que lavava o piso de um saguão de hotel declarar: "Nunca pedi nada a ninguém. Venci sozinha." Mostrava-se tão orgulhosa quanto um Rockefeller, por se bastar a si mesma. Não se deve entretanto acreditar que a simples justaposição do direito de voto a um ofício constitua uma perfeita libertação: hoje o trabalho não é a liberdade. Somente em um mundo socialista a mulher, atingindo o trabalho, conseguiria a liberdade. Em sua maioria, os trabalhadores são hoje explorados. Por outro lado, a estrutura social não foi profundamente modificada pela evolução da condição feminina; este mundo,

que sempre pertenceu aos homens, conserva ainda a forma que eles lhe imprimiram. É preciso não perder de vista esses fatos, dos quais a questão do trabalho feminino tira sua complexidade. Uma senhora importante e bem pensante fez recentemente uma pesquisa entre as operárias das fábricas Renault; afirma que estas prefeririam ficar em casa a trabalhar na fábrica. Provavelmente, pois *elas* só conseguem a independência econômica no meio de uma classe economicamente oprimida; e por outro lado as tarefas realizadas na fábrica não as dispensam dos cuidados do lar.[471] Se lhes tivessem proposto a escolha entre quarenta horas de trabalho semanal na fábrica *ou* em casa, teriam sem dúvida dado outras respostas; e talvez mesmo aceitassem alegremente a acumulação, se, como operárias, se integrassem em um mundo que fosse seu mundo, da elaboração do qual participassem com alegria e orgulho. Atualmente, sem falar das camponesas,[472] em sua maioria as mulheres que trabalham não se evadem do mundo feminino tradicional; não recebem da sociedade, nem do marido, a ajuda que lhes seria necessária para se tornarem concretamente iguais aos homens. Somente as que têm um credo político, as que militam nos sindicatos, as que confiam no futuro, podem dar um sentido ético às ingratas fadigas cotidianas; mas, privadas de lazeres, herdeiras de uma tradição de submissão, é natural que as mulheres comecem somente a desenvolver um sentido político e social. É natural que, não recebendo em troca de seu trabalho os benefícios morais e sociais com que teriam direito de contar, lhe suportem sem entusiasmo os constrangimentos. Compreende-se também que a *midinette*, a empregada, a secretária não queiram renunciar às vantagens de um apoio masculino. Já disse que a existência de uma casta privilegiada, a que é permitido agregar-se apenas entregando o corpo, é para a jovem mulher uma tentação quase irresistível; ela se entrega às galanterias pelo fato de serem mínimos seus salários, enquanto o padrão de vida que a sociedade exige dela é muito elevado; se se contenta com o que ganha, será apenas um pária: mal-instalada, malvestida, todas as distrações e o próprio amor lhe serão recusados. As pessoas virtuosas pregam-lhe o ascetismo; na verdade, seu regime alimentar é muitas vezes tão austero quanto o de uma carmelita; só que nem todo mundo pode ter Deus como amante: é preciso que ela agrade aos homens para vencer em sua vida de mulher. Ela se fará ajudar, portanto; é com isso que conta cinicamente o empregador que lhe concede um salário de fome. Em alguns casos, essa ajuda lhe permitirá melhorar sua situação e conquistar uma independência verdadeira; por vezes, ao contrário, ela abandonará seu ofício para ser sustentada. Muitas vezes acumula: liberta-se do amante pelo trabalho e evade-se

do trabalho graças ao amante; mas também conhece a dupla servidão de um ofício e de uma proteção masculina. Para a mulher casada, o salário geralmente representa apenas um complemento; para a mulher "que é ajudada" é o auxílio masculino que se apresenta como o inessencial; mas nem uma nem outra adquirem, com seu esforço pessoal, uma independência total.

> Entretanto, existe hoje um número bem grande de privilegiadas que encontram em sua profissão uma autonomia econômica e social. São elas que pomos em questão quando indagamos das possibilidades da mulher e de seu futuro. Eis por que, embora constituam ainda apenas uma minoria, é particularmente interessante estudar de perto sua situação; é a propósito delas que os debates entre feministas e antifeministas se prolongam. Estes afirmam que as mulheres emancipadas de hoje nada de importante conseguem no mundo e que, por outro lado, têm dificuldade em encontrar seu equilíbrio interior. Aqueles exageram os resultados que elas obtêm e não querem enxergar seu desatino. Em verdade, nada autoriza a dizer que seguem um caminho errado, e no entanto é certo que não se acham tranquilamente instaladas em sua nova condição: não passaram ainda da metade do caminho. A mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica à dele. A maneira por que se empenha em sua profissão e a ela se dedica depende do contexto constituído pela forma global de sua vida. Ora, quando inicia sua vida de adulto, ela não tem atrás de si o mesmo passado de um rapaz; não é considerada de maneira idêntica pela sociedade; o universo apresenta-se a ela numa perspectiva diferente. O fato de ser uma mulher coloca hoje problemas singulares perante um ser humano autônomo.

O privilégio que o homem tem, e que se faz sentir desde sua infância, está em que sua vocação de ser humano não contraria seu destino de macho. Da assimilação do falo e da transcendência, resulta que seus êxitos sociais ou espirituais lhe dão um prestígio viril. Ele não se divide. Ao passo que à mulher, para que realize sua feminilidade, pede-se que se faça objeto e presa, isto é, que renuncie a suas reivindicações de sujeito soberano. É esse conflito que caracteriza singularmente a situação da mulher libertada. Ela se recusa a confinar-se em seu papel de fêmea porque não quer mutilar-se, mas repudiar seu sexo seria também uma mutilação. O homem é um ser humano sexuado: a mulher só é um indivíduo completo e igual ao homem se for também um ser sexuado. Renunciar a sua feminilidade é renunciar a uma parte de sua humanidade. Os misóginos criticaram muitas vezes as mulheres de ação por "se negligenciarem"; mas também lhes pregaram que se quisessem ser iguais a eles deveriam deixar de se maquiar e de pintar as unhas. Este último conselho é absurdo. A ideia de feminilidade impõe-se de fora a toda mulher, precisamente porque se define artificialmente pelos costumes e pelas modas; ela pode evoluir de maneira que os cânones se aproximem dos que adotam os

homens: nas praias, as calças compridas tornaram-se femininas. Isso não modifica em nada o fundo da questão: o indivíduo não tem liberdade de moldá-la à vontade. A mulher que não se conforma com isso desvaloriza-se sexualmente e, por conseguinte, socialmente, porquanto a sociedade integrou os valores sexuais. Recusando atributos femininos, não se adquirem atributos viris; mesmo a travestida não consegue fazer-se homem; é uma travestida. Vimos que a homossexualidade constitui, ela também, uma especificação: a neutralidade é impossível. Não há nenhuma atitude negativa que não implique uma contrapartida positiva. A adolescente acredita muitas vezes que pode simplesmente desprezar as convenções; mas exatamente com isso ela se manifesta, cria uma situação nova, acarretando consequências que terá de assumir. A partir do momento em que se livra de um código estabelecido, o indivíduo torna-se um revoltado. Uma mulher que se veste de maneira extravagante, mente quando afirma com um ar de simplicidade que obedece a seu bel-prazer, nada mais: sabe perfeitamente que isso é uma extravagância. Inversamente, quem não almeja mostrar-se excêntrica conforma-se com as regras comuns. É um cálculo errado escolher o desafio, a menos que isso represente uma ação positivamente eficaz; consome-se com isso mais tempo e forças do que se poupam. Uma mulher que não deseja escandalizar, que não quer se desvalorizar socialmente deve viver como mulher sua condição de mulher: frequentemente, seu próprio êxito profissional o exige. Mas enquanto o conformismo é para o homem muito natural — o costume tendo sido estruturado de acordo com suas necessidades de indivíduo autônomo e ativo — será necessário que a mulher, que é também sujeito, atividade, se dissolva em um mundo que a destinou à passividade. É uma servidão ainda mais pesada porque as mulheres, confinadas na esfera feminina, lhe hipertrofiaram a importância: transformaram em artes difíceis a toalete e os cuidados caseiros. O homem quase não precisa se preocupar com suas roupas: são cômodas, adaptadas à sua vida ativa, não é necessário que sejam requintadas; mal fazem parte de sua personalidade; além disso, ninguém espera que delas trate pessoalmente: qualquer mulher benevolente ou remunerada se encarrega desse cuidado. A mulher, ao contrário, sabe que quando a olham não a distinguem de sua aparência: ela é julgada, respeitada, desejada através de sua toalete. Suas vestimentas foram primitivamente destinadas a confiná-la na impotência e permaneceram frágeis: as meias rasgam-se, os saltos acalcanham-se, as blusas e os vestidos claros sujam-se, as pregas desfazem-se; entretanto, ela mesma deverá reparar a maior parte dos acidentes; suas semelhantes não a auxiliarão

benevolamente e ela terá escrúpulos em sobrecarregar seu orçamento com trabalhos que ela mesma *pode* executar; as permanentes, as ondulações, a pintura, os vestidos novos já custam bastante caro. Quando a estudante, a secretária, voltam para casa à noite, têm sempre uma meia para cerzir, uma blusa para lavar, uma saia para passar. A mulher que ganha muito bem a vida se poupará de tais tarefas aborrecidas, mas estará obrigada a uma elegância mais complicada, perderá tempo em compras, provas etc. A tradição impõe também à mulher, mesmo solteira, certo cuidado com seu lar; um funcionário, nomeado para uma nova cidade, vive facilmente no hotel; sua colega procurará instalar-se num "cantinho próprio", do qual deverá cuidar com escrúpulo, pois não lhe perdoariam uma negligência que achariam natural na residência de um homem. Não é, aliás, somente a preocupação com a opinião pública que a incita a dedicar tempo e cuidados à beleza, ao lar. Ela deseja continuar uma verdadeira mulher para sua própria satisfação. Só consegue aprovar-se através do presente e do passado, acumulando a vida que fez para si com o destino que sua mãe, que seus jogos infantis e seus fantasmas de adolescente lhe prepararam. Alimenta sonhos narcisistas; ao orgulho fálico do homem continua a opor o culto de sua própria imagem; quer exibir-se, encantar. Sua mãe, parentes e amigas mais velhas insuflaram-lhe o gosto pelo ninho: a forma primitiva de seus sonhos de independência foi um lar próprio; não pensa em renegá-los, mesmo tendo encontrado a liberdade por outros caminhos. E, à medida que se sente ainda sem completa segurança no universo masculino, conserva a necessidade de um retiro, símbolo desse refúgio interior que se habituou a procurar em si mesma. Dócil à tradição feminina, lustrará o assoalho, fará ela mesma sua comida em vez de ir, como seu colega, comer no restaurante. Quer viver como um homem e como uma mulher ao mesmo tempo: com isso multiplica seus trabalhos e fadigas.

Se pretende permanecer plenamente mulher, é porque pretende também abordar o outro sexo com o máximo de possibilidades. É no terreno sexual que se apresentarão os problemas mais difíceis. Para ser um indivíduo completo, igual ao homem, é preciso que a mulher tenha acesso ao mundo masculino assim como o homem tem acesso ao mundo feminino, que tenha acesso ao *outro*; só que as exigências do *outro* não são em ambos os casos simétricas. Uma vez conquistadas, a fortuna, a celebridade apresentam-se como virtudes imanentes, podem aumentar a atração sexual da mulher; mas o fato de ser uma atividade autônoma contradiz sua feminilidade, ela o sabe. A mulher independente — e principalmente a intelectual que pensa sua situação

— sofrerá, enquanto fêmea, de um complexo de inferioridade; não tem tempo para consagrar à sua beleza cuidados tão atentos quanto a coquete, cuja única preocupação é seduzir; por mais que siga os conselhos de especialistas, nunca passará de um amador no terreno da elegância; o encanto feminino exige que a transcendência, degradando-se em imanência, só se apresente como uma palpitação carnal sutil; cumpre ser uma presa espontaneamente oferecida: a intelectual sabe que se oferece, sabe que é uma consciência, um sujeito; não se consegue amortecer o olhar pela vontade, transformar os olhos em uma poça de céu ou de água; nem sempre se detém com firmeza o impulso de um corpo que tende para o mundo, a fim de metamorfoseá-lo em uma estátua animada por surdas vibrações. A intelectual tentará fazê-lo ainda com maior zelo porque teme fracassar: mas esse zelo consciente é ainda uma atividade e não atinge seu objetivo. Ela comete erros análogos aos que a menopausa sugere: tenta negar sua "cerebralidade" como a mulher que envelhece tenta negar a idade; veste-se como menina, enche-se de flores, adornos, tecidos espalhafatosos; exagera as mímicas infantis e maravilhadas. Brinca, saltita, tagarela, mostra-se desenvolta, estouvada, impulsiva. Mas assemelha-se a esses atores que, por não sentir a emoção que acarretaria o relaxamento de certos músculos, contraem, por um esforço de vontade, os antagonistas, abaixando as pálpebras ou os cantos dos lábios, ao invés de os deixar caírem; assim a mulher de ação crispa-se para mimar o abandono. Sente-o, e com isso se irrita; no rosto, perdidamente ingênuo, brilha de repente uma luz de inteligência demasiado viva; os lábios promissores contraem-se. Se tem dificuldade em agradar é porque não é, como suas irmãzinhas escravas, uma pura vontade de agradar; o desejo de seduzir, por vivo que seja, não lhe desceu à medula dos ossos; sentindo-se inábil, irrita-se com seu servilismo; quer se vingar participando do jogo com armas masculinas; fala ao invés de escutar, expõe pensamentos sutis, emoções inéditas; contradiz seu interlocutor em lugar de o aprovar, tenta ser-lhe superior. Mme de Staël misturava bastante habilmente os dois métodos para alcançar triunfos fulminantes: era raro que lhe resistissem. Mas a atitude de desafio, tão frequente, entre outras, nas norte-americanas, aborrece os homens mais do que os domina; são eles, aliás, que a provocam com sua própria desconfiança; se aceitassem amar uma semelhante de preferência a uma escrava — como o fazem aliás os que, entre eles, são isentos de arrogância e de complexo de inferioridade — as mulheres seriam muito menos obcecadas pela sua feminilidade; ganhariam com isso

naturalidade, simplicidade, e se achariam mulheres sem tanto esforço, pois, afinal de contas, o são.

O fato é que os homens começam a se conformar com a nova condição da mulher; esta, não se sentindo condenada *a priori*, acha-se mais à vontade: hoje a mulher que trabalha não negligencia por isso sua feminilidade e não perde sua atração sexual. Esse êxito — que já assinala um progresso para o equilíbrio — permanece entretanto incompleto; é ainda muito mais difícil para a mulher do que para o homem estabelecer as relações que deseja com o outro sexo. Sua vida erótica e sentimental encontra numerosos obstáculos. Neste ponto, a mulher vassala não se acha aliás em situação privilegiada: sexual e sentimentalmente, a maioria das esposas e das cortesãs é radicalmente frustrada. Se as dificuldades são mais evidentes na mulher independente é porque ela não escolheu a resignação e sim a luta. Todos os problemas vivos encontram na morte uma solução silenciosa; uma mulher que se empenha em viver é portanto mais dividida do que a que enterra sua vontade e seus desejos; mas não aceitará que lhe ofereçam esta solução como exemplo. É somente comparando-se ao homem que se julgará inferiorizada.

Uma mulher que despende suas energias, que tem responsabilidades, que conhece a dureza da luta contra as resistências do mundo, tem necessidade — como o homem — não somente de satisfazer seus desejos físicos como ainda de conhecer o relaxamento, a diversão, que oferecem aventuras sexuais felizes. Ora, há ainda meios em que essa liberdade não lhe é concretamente reconhecida; arrisca-se, usando-a, a comprometer sua reputação, sua carreira; no mínimo, exigem dela uma hipocrisia que lhe pesa. Quanto mais tiver conseguido impor-se socialmente, mais fecharão de bom grado os olhos; mas, na província principalmente, na maior parte dos casos, ela será severamente vigiada. Mesmo nas circunstâncias mais favoráveis — quando o temor da opinião pública não mais influi — sua situação não é neste ponto equivalente à do homem. As diferenças provêm ao mesmo tempo da tradição e dos problemas que a natureza singular do erotismo feminino coloca.

O homem pode facilmente conhecer carícias sem consequências, que bastam a rigor para lhe acalmar a carne e relaxá-lo moralmente. Houve mulheres — em pequeno número — que reclamaram a instituição de bordéis para mulheres; em um romance intitulado *Le Número 17*, uma mulher propunha que se criassem casas onde as mulheres pudessem "aliviar-se sexualmente" com *taxi boys*.[473] Parece que existiu um estabelecimento desse tipo em São Francisco; só o frequentavam mulheres de bordel, divertidas com pagarem ao

invés de serem pagas; os proxenetas fecharam-no. Além de ser utópica e pouco desejável, essa solução teria sem dúvida êxito diminuto: já se viu que a mulher não obtém um "alívio" tão mecanicamente quanto o homem; em sua maioria, as mulheres estimariam a situação pouco propícia a um abandono voluptuoso. Em todo caso, o fato é que esse recurso lhes é hoje recusado. A solução que consiste em pegar na rua um parceiro de uma noite ou de uma hora — supondo-se que a mulher dotada de um forte temperamento e tendo superado todas as suas inibições a encare sem repugnância — é muito mais perigosa para ela do que para o homem. O risco de uma doença venérea é mais grave para ela, pelo fato de que cabe a ele tomar precauções para evitar a contaminação; e, por prudente que seja, nunca ela se sente plenamente segura contra a ameaça de um filho. Mas, principalmente nas relações entre desconhecidos — relações que se situam num plano brutal — a diferença de força física pesa muito. Um homem não tem muito a temer da mulher que leva para casa; basta-lhe um pouco de vigilância. O mesmo não acontece com uma mulher que introduz um homem em sua casa. Falaram-me de duas jovens mulheres que, recém-chegadas a Paris e ávidas de "ver a vida", depois de uma farra tinham convidado dois sedutores cafetões de Montmartre para a ceia; viram-se pela manhã roubadas, brutalizadas e ameaçadas de chantagem. Mais significativo é o caso de uma mulher de mais ou menos quarenta anos, divorciada, que trabalhava duramente ao longo do dia para sustentar três filhos crescidos e os velhos pais. Ainda bela e atraente, não tinha absolutamente tempo para levar uma vida mundana, ser coquete, topar decentemente qualquer aventura que, aliás, a teria aborrecido. Entretanto, tinha sentidos exigentes; e julgava ter, como um homem, o direito de satisfazê-los. Certas noites ia perambular pelas ruas e dava um jeito de pegar um homem. Mas certa vez, depois de uma hora ou duas passadas numa moita do Bois de Boulogne, o amante não consentiu em deixá-la partir: queria saber seu nome, seu endereço, queria revê-la, amancebar-se com ela; como ela recusasse, surrou-a violentamente e só a abandonou toda machucada e aterrorizada. Quanto a arranjar um amante, como frequentemente o homem arranja uma amante, sustentando-a ou ajudando-a, a coisa só é possível às mulheres ricas. Algumas há que se acomodam com essa solução: pagando o homem, dele fazem um instrumento, o que lhes permite usá-lo com um abandono desdenhoso. Mas é preciso em geral que sejam idosas para dissociarem tão cruamente erotismo e sentimento, quando, como vimos, na adolescência feminina a união de ambos é tão profunda. Há numerosos

homens que não aceitam nunca essa divisão entre a carne e a consciência. Com muito mais razão a maioria das mulheres não consentirá em encará-la. Há, de resto, nisso, uma mentira, a que elas são mais sensíveis do que o homem: o cliente que paga é também um instrumento, dele se serve o parceiro como de um ganha-pão. O orgulho viril mascara ao homem os equívocos do drama erótico: ele mente a si mesmo espontaneamente; mais facilmente humilhada, mais suscetível, a mulher é também mais lúcida; só conseguirá cegar-se à custa de uma má-fé mais astuciosa. Comprar um macho, supondo-se que tenha os meios de fazê-lo, não lhe parecerá geralmente satisfatório.

Não se trata somente, para a maioria das mulheres — como também dos homens — de satisfazer seus desejos e sim de manter, satisfazendo-os, sua dignidade de ser humano. Quando goza com a mulher, quando a faz gozar, o homem põe-se como o único sujeito: conquistador imperioso, doador generoso, ou ambas as coisas. Ela quer reciprocamente afirmar que escraviza seu parceiro a seu prazer, que o satisfaz plenamente com seus dons. Por isso, quando se impõe ao homem, ou pelos bens que lhe promete ou confiando na cortesia dele, ou ainda despertando, mediante certas manobras, o desejo dele em sua pura generalidade, ela se persuade de bom grado que o satisfaz. Graças a essa convicção proveitosa, ela pode solicitá-lo sem se sentir humilhada, já que afirma agir por generosidade. Por isso em *Le Blé en herbe*, a "dama de branco" que almeja as carícias de Phil, diz-lhe com altivez: "Só gosto dos mendigos e dos esfomeados." Em verdade, arranja-se habilmente para que ele adote uma atitude de suplicante. Então, diz Colette, "ela se voltou apressadamente para o estreito e obscuro reino onde seu orgulho podia acreditar que a queixa é a confissão de desespero e onde as mendigas como ela bebem a ilusão da liberalidade". Mme de Warens é o tipo dessas mulheres que escolhem amantes jovens ou infelizes, ou de condição inferior para dar a seus apetites a aparência da generosidade. Mas há também as intrépidas, que se dedicam aos homens mais robustos e que se encantam com os satisfazer, quando eles só cederam por cortesia ou terror.

Inversamente, se a mulher que pega o homem em sua armadilha quer imaginar que se entrega, a que se entrega pretende afirmar que possui. "Eu sou uma mulher que possui", dizia-me um dia uma jovem jornalista. Em verdade, nessas coisas, salvo em caso de violação, ninguém possui realmente o outro; mas nisto a mulher mente a si mesma duplamente. Pois o fato é que o homem seduz muitas vezes pelo seu arrebatamento, sua agressividade, que obtém

ativamente o consentimento de sua parceira. Salvo em casos excepcionais — entre outros o de Mme de Staël que já citei — assim não ocorre com a mulher: ela não pode fazer muito mais do que se oferecer; porque, em sua maioria, os homens se mostram severamente ciumentos de seu papel; querem despertar na mulher uma emoção singular, e não ser eleitos para satisfazer sua necessidade em sua generalidade; escolhidos, sentem-se explorados.[474] "Uma mulher que não tem medo dos homens, amedronta-os", dizia-me um jovem. E muitas vezes ouvi adultos declararem: "Tenho horror de que uma mulher tome a iniciativa." Se a mulher se oferece muito ousadamente, o homem se afasta: ele faz questão de conquistar. A mulher não pode portanto possuir senão fazendo-se presa: é preciso que se torne uma coisa passiva, uma promessa de submissão. Conseguindo-o, pensará que efetuou voluntariamente essa conjuração mágica e se reencontrará como sujeito. Mas corre o risco de ser transformada em um objeto inútil pelo desdém do homem. Eis por que se sente tão profundamente humilhada se o homem recusa suas provocações. Este também se enraivece por vezes quando julga que foi enganado; entretanto, somente lhe aconteceu fracassar em um empreendimento, mais nada. Ao passo que a mulher consentiu em se fazer carne na emoção, na espera, na promessa: só podia ganhar perdendo-se; fica perdida. É preciso ser grosseiramente cega ou excepcionalmente lúcida para se conformar com semelhante derrota. E mesmo que a sedução vença, a vitória permanece equívoca; com efeito, segundo a opinião pública, o homem é que vence, que *tem* a mulher. Não se admite que ela possa, como o homem, assumir seus desejos: ela é a presa. Está bem-entendido que o homem integrou as forças específicas em sua individualidade: ao passo que a mulher é escrava da espécie.[475] Representam-na por vezes como uma pura passividade: é uma "Maria, deita-te aí: somente o ônibus não te passou por cima". Disponível, aberta, é um utensílio, cede facilmente ao feitiço da emoção, está fascinada pelo homem que a colhe como um fruto. Ora encaram-na como uma atividade alienada: tem um demônio que sapateia no seu interior, no fundo de sua vagina uma serpente ávida aguarda para se empanturrar com o esperma do macho. Em todo caso, recusam-se a pensar que seja simplesmente livre. Na França principalmente, confunde-se obstinadamente mulher livre com mulher fácil, a ideia de facilidade implicando uma ausência de resistência e de controle, uma falha, na própria negação da liberdade. A literatura feminina tenta combater esse preconceito: em *Grisélidis*, por exemplo, Clara Malraux insiste no fato de que sua heroína não cede a uma solicitação, mas realiza um ato que reivindica. Na América do

Norte reconhece-se uma liberdade na atividade sexual da mulher, o que a favorece muito. Mas o desdém que manifestam na França, contra as "mulheres que dão", os próprios homens que se beneficiam de seus favores, paralisa grande número de mulheres. Têm elas horror às representações que suscitariam, às palavras a que dariam pretexto.

Mesmo desprezando os boatos anônimos, a mulher experimenta, na relação com seu parceiro, dificuldades concretas; porque a opinião pública se encarna nele. Muitas vezes, ele considera o leito como o terreno em que deve afirmar sua agressiva superioridade. Ele quer possuir e não receber, não trocar mas arrebatar. Procura possuir a mulher além do que ela lhe dá; exige que o consentimento dela seja uma derrota, e as palavras que ela murmura sejam as confissões que lhe arranca; admitindo seu próprio prazer, ela reconhece sua escravidão. Quando Claudine desafia Renaud pela sua decisão rápida de lhe ceder, ele toma a iniciativa: apressa-se em violentá-la, quando ela ia oferecer-se; obriga-a a conservar os olhos abertos para contemplar, na vertigem deles, o seu triunfo. Assim também em *Condition humaine*, o autoritário Ferral obstina-se em acender a lâmpada que Valérie quer apagar. Orgulhosa, reivindicadora, é como adversária que a mulher enfrenta o homem; nessa luta acha-se muito menos bem-armada do que ele; primeiramente, ele tem a força física, e lhe é mais fácil impor suas vontades; vimos também que tensão e atividade se harmonizam com seu erotismo, ao passo que a mulher, recusando a passividade, destrói o feitiço que a conduz ao prazer; vimos, também, que em sua atitude e seus movimentos ela mima a dominação e não atinge o prazer; em sua maioria, as mulheres que sacrificam o seu orgulho tornam-se frígidas. Raros são os amantes que permitem a suas amantes que satisfaçam tendências autoritárias ou sádicas; e mais raras ainda as mulheres que tiram dessa docilidade uma plena satisfação erótica.

Há um caminho que parece muito menos espinhoso para a mulher: o do masoquismo. Quando durante o dia uma pessoa trabalha, luta, assume responsabilidades e riscos, é um descanso entregar-se, à noite, a caprichos poderosos. Amorosa ou ingênua, compraz-se a mulher muitas vezes em se aniquilar em proveito de uma vontade tirânica. Mas ainda assim é preciso que se sinta realmente dominada. Àquela que vive cotidianamente entre os homens não é fácil acreditar na supremacia incondicional dos machos. Citaram-me o caso de uma mulher não realmente masoquista, mas muito "feminina", isto é, que apreciava profundamente o prazer da abdicação nos braços masculinos; tivera, desde os 17 anos, vários maridos e numerosos amantes, de quem tirava

grandes alegrias; tendo levado a cabo uma empresa difícil, durante a qual comandara muitos homens, queixava-se de se ter tornado frígida: havia uma renúncia beata que se lhe tornara impossível, porque estava habituada a dominar os homens, porque o prestígio deles se dissipara. Quando a mulher começa a duvidar da superioridade dos homens, as pretensões deles só fazem diminuir a estima que poderia dedicar-lhes. Na cama, nos momentos em que o homem deseja mostrar-se mais ferozmente macho, pelo próprio fato de mimar a virilidade, ele se apresenta como infantil a olhos atentos: está apenas conjurando o velho complexo de castração, a sombra do pai ou qualquer outro fantasma. Não é sempre por orgulho que a amante recusa-se a ceder aos caprichos do amante: ela ambiciona ter de lidar com um adulto, que vive um momento real de sua vida, e não com um menino que conta histórias a si mesmo. A masoquista sente-se particularmente desiludida: uma complacência maternal, agastada ou indulgente, não é a abdicação com que sonha. Ou deverá contentar-se, ela também, com jogos irrisórios, fingindo acreditar-se dominada e escravizada, ou correrá atrás dos homens ditos "superiores", na esperança de descobrir um senhor, ou se tornará frígida.

Vimos que é possível escapar às tentações do sadismo e do masoquismo quando os dois parceiros se reconhecem mutuamente como semelhantes; havendo no homem e na mulher um pouco de modéstia e alguma generosidade, as ideias de vitória e de derrota ficam abolidas: o ato de amor torna-se uma livre troca. Mas, paradoxalmente, é muito mais difícil à mulher do que ao homem reconhecer como seu semelhante um indivíduo do outro sexo. Precisamente porque a casta dos machos detém a superioridade, o homem pode votar uma estima afetuosa a muitas mulheres singulares: uma mulher é fácil de ser amada; ela tem antes de tudo o privilégio de introduzir o amante em um mundo diferente e que ele se compraz em explorar ao lado dela; ela intriga, diverte, pelo menos durante algum tempo; depois, pelo fato de ser sua situação limitada, subordinada, todas as suas qualidades se apresentam como conquistas, ao passo que seus erros são desculpáveis; Stendhal admira Mme de Rênal e Mme de Chasteller, apesar de terem preconceitos detestáveis; que uma mulher tenha ideias falsas, que seja pouco inteligente, pouco clarividente, pouco corajosa, não a julga responsável o homem: é vítima, pensa ele — com razão muitas vezes — de sua situação; ele sonha com o que ela poderia ter sido, com o que será talvez: pode-se dar-lhe um crédito, pode-se emprestar-lhe muito, porquanto *não é* nada de definido; por causa dessa ausência é que o amante se cansará depressa: mas dela

provém o mistério, o encanto que o seduz e o inclina a uma ternura fácil. É muito menos fácil ter amizade por um homem: porque ele é o que se fez ser, sem apelo; é preciso amá-lo em sua presença e em sua verdade, não em suas promessas e possibilidades incertas; ele é responsável por suas condutas e suas ideias; não tem desculpa. Com ele, só há fraternidade se lhe aprovamos os atos, os fins, as opiniões; Julien pode amar uma legitimista; uma Lamiel não poderia amar um homem cujas ideias desprezasse. Mesmo disposta a fazer acordos, uma mulher terá dificuldade em adotar uma atitude indulgente. Porque o homem não lhe abre um verde paraíso de infância, porque ela o encontra neste mundo, que é o mundo comum a ambos: ele só traz a si próprio. Fechado em si, definido, decidido, favorece pouco os sonhos; quando fala é preciso escutá-lo; leva-se a sério; se não interessa, aborrece, sua presença pesa. Somente os muito jovens se deixam enfeitar com o maravilhoso fácil, pode-se buscar neles mistério e promessa, encontrar desculpas para eles, não os levar muito a sério: é uma das razões que os torna tão sedutores aos olhos das mulheres maduras. Só que, a maior parte das vezes, eles preferem as mulheres jovens. A mulher de trinta anos é empurrada para os homens adultos. E, provavelmente, entre eles encontrará alguns que não desiludirão sua estima nem sua amizade; mas terá sorte se não exibirem então alguma arrogância. O problema, quando ela deseja uma história, uma aventura, em que possa empenhar o coração e o corpo, está em encontrar um homem que possa considerar como um igual, sem que ele se olhe a si próprio como superior.

Vão me dizer que em geral as mulheres não fazem tanta história; elas pegam a oportunidade sem se pôr tantos problemas e depois se arranjam com seu orgulho e sua sensualidade. É verdade. Mas o que é verdade também é que enterram no fundo de seus corações muitas decepções, humilhações, saudades, rancores, de que não se encontram, em média, equivalente entre os homens. De um relacionamento que não deu exatamente certo, tira o homem quase sempre o benefício do prazer; ela pode muito bem não colher nenhum proveito; mesmo indiferente, ela se presta com polidez ao ato sexual, quando chega o momento decisivo; pode acontecer que o amante esteja impotente e ela sofrerá, por se ter comprometido em uma aventura irrisória; se não alcança a volúpia, é então que se sente ludibriada, enganada; se se satisfaz, desejará reter duradouramente o amante. Raramente é inteiramente sincera quando afirma encarar apenas uma aventura sem consequência, contando com o prazer, porque o prazer, longe de libertá-la, a prende; uma separação, ainda que dita

amigável, a fere. É muito mais raro ouvir uma mulher falar amistosamente de um antigo amante do que um homem de suas amantes.

A natureza de seu erotismo, as dificuldades de uma vida sexual livre incitam a mulher à monogamia. Entretanto, ligação ou casamento conciliam-se muito menos facilmente para ela do que para o homem com uma carreira. Acontece que o amante ou o marido lhe peça que renuncie: ela hesita, como a *Vagabonde* de Colette, que deseja ardentemente um calor viril a seu lado, mas teme os entraves conjugais; se ela cede, ei-la novamente vassala; se recusa, ei-la condenada a uma solidão esterilizante. Hoje, o homem aceita geralmente que sua companheira conserve seu trabalho; os romances de Colette Yver, que nos mostram a jovem mulher acuada a sacrificar sua profissão para manter o sossego do lar são algo ultrapassados; a vida em comum de dois seres livres é para cada um deles um enriquecimento, e na ocupação de seu cônjuge cada qual encontra o penhor de sua própria independência; a mulher que se basta liberta o marido da escravidão conjugal que era a garantia da sua. Se o homem for de uma boa vontade escrupulosa, amantes e esposos chegam, dentro de uma generosidade sem exigências, a uma perfeita igualdade.[476] É mesmo por vezes o homem que desempenha o papel de servidor dedicado; assim é que ao lado de George Eliot, Lewes criava a atmosfera propícia que a esposa cria habitualmente em volta do marido-suserano. Mas na maior parte do tempo é ainda a mulher que paga pela harmonia do lar. Parece natural ao homem que ela trate da casa, que assegure sozinha o cuidado e a educação das crianças. A própria mulher julga que, casando, assumiu encargos de que não a dispensa sua vida pessoal; ela não quer que o marido seja privado das vantagens que teria encontrado associando-se a "uma mulher de verdade": quer ser elegante, boa dona de casa, mãe dedicada, como o são tradicionalmente as esposas. É uma tarefa que se torna facilmente extenuante. Ela a assume ao mesmo tempo por consideração para com seu parceiro e por fidelidade a si mesma: porque faz questão, já o vimos, de não falhar em seu destino de mulher. Será para o marido um duplo, ao mesmo tempo que será ela mesma; assumirá suas preocupações, participará de seus êxitos tanto quanto se interessará pela sua própria sorte e por vezes até mais. Educada no respeito à superioridade masculina, é possível que julgue ainda que cabe ao homem ocupar o primeiro lugar; por vezes teme também, o reivindicando, arruinar o lar; indecisa entre o desejo de se afirmar e o de se anular, fica dividida, dilacerada.

Há, entretanto, uma vantagem que a mulher pode tirar de sua própria inferioridade: como tem de início menos possibilidades do que o homem, não

se sente *a priori* culpada em relação a ele; não lhe cabe compensar a injustiça social, não é solicitada por isso. Um homem de boa vontade sente-se obrigado a "poupar" as mulheres, já que é mais favorecido do que elas; ele se deixará acorrentar por escrúpulos, por piedade, arrisca-se a ser presa de mulheres que são "colantes" e "devoradoras", por serem desarmadas. A mulher que conquista uma independência viril tem o grande privilégio de se relacionar sexualmente com indivíduos, eles próprios autônomos e ativos, que — geralmente — não desempenham em sua vida um papel de parasita, não a prendem por sua fraqueza e pela exigência de suas necessidades. Em verdade, são raras as mulheres que sabem criar uma livre relação com seu parceiro; forjam elas próprias as cadeias com que eles não almejam acorrentá-las: adotam para com eles a atitude da amorosa. Durante vinte anos de espera, de sonho, de esperança, a jovem acariciou o mito do herói libertador e salvador: a independência conquistada no trabalho não basta para abolir seu desejo de uma abdicação gloriosa. Seria preciso que ela tivesse sido educada exatamente como um rapaz[477] para poder superar facilmente o narcisismo da adolescência: mas ela perpetua em sua vida de adulta esse culto do eu para o qual toda a sua mocidade a inclinou; faz de seus êxitos profissionais méritos com que enriquece sua imagem; tem necessidade de que um olhar vindo de cima revele e consagre seu valor. Mesmo sendo severa com os homens que avalia cotidianamente, não deixa de venerar o Homem e, se o encontra, mostra-se disposta a cair a seus pés. Fazer-se justificar por um deus, é mais fácil do que justificar-se por seu próprio esforço; o mundo incita-a a acreditar na possibilidade de uma salvação *dada*: ela escolhe acreditar nisso. Por vezes renuncia inteiramente a sua autonomia, não passa de uma amorosa; o mais das vezes tenta uma conciliação; mas o amor idólatra, o amor-abdicação é devastador: ocupa todos os pensamentos, todos os instantes, é obcecado, tirânico. Em caso de dissabores profissionais, a mulher busca apaixonadamente um refúgio no amor: seus fracassos traduzem-se por cenas e exigências que o amante é quem paga. Mas as penas do amor estão longe de contribuir para que redobre seu zelo profissional: geralmente, ela se irrita, ao contrário, com o gênero de vida que lhe interdita o verdadeiro caminho do grande amor. Uma mulher que trabalhava há dez anos numa revista política dirigida por mulheres, dizia-me que na redação se falava raramente de política e sem cessar de amor: uma queixava-se de que só a amavam pelo seu corpo, desprezando-lhe a bela inteligência; outra gemia porque só lhe apreciavam o espírito, sem nunca se interessarem por seus encantos carnais. Aqui também,

para que uma mulher pudesse ser amorosa à maneira de um homem, isto é, sem pôr em causa seu próprio *ser*, em liberdade, seria preciso que se pensasse sua igual, que o fosse concretamente. Seria preciso que se empenhasse com a mesma decisão em seus empreendimentos, o que, como vamos ver, não é ainda frequente.

Há uma função feminina que atualmente é quase impossível assumir com toda liberdade, é a da maternidade; na Inglaterra, na América do Norte, a mulher pode pelo menos recusá-la à vontade, graças às práticas do controle de natalidade; vimos que na França ela é frequentemente acuada a abortos penosos e caros; vê-se muitas vezes com um filho que não queria e arruína sua vida profissional. Se esse encargo é pesado, é porque, inversamente, os costumes não autorizam a mulher a procriar quando lhe apetece: a mãe solteira escandaliza e, para o filho, um nascimento ilegítimo é um grave problema; é raro que se possa tornar-se mãe sem aceitar os grilhões do casamento ou sem decair. Se a ideia da inseminação artificial interessa tanto as mulheres, não é porque desejem evitar o ato sexual: é porque esperam que a maternidade livre venha a ser enfim admitida pela sociedade. Cumpre acrescentar que, por falta de creches, de jardins de infância convenientemente organizados, basta um filho para paralisar inteiramente a atividade da mulher; ela só pode continuar a trabalhar abandonando a criança aos pais, a amigos ou a criados. Tem que escolher entre a esterilidade, muitas vezes sentida como uma dolorosa frustração, e encargos dificilmente compatíveis com o exercício de uma carreira.

Assim, a mulher independente está hoje dividida entre seus interesses profissionais e as preocupações de sua vocação sexual; tem dificuldade em encontrar seu equilíbrio; se o assegura é à custa de concessões, de sacrifícios, de acrobacias que exigem dela uma perpétua tensão. Aí, muito mais do que nos dados fisiológicos é que cabe procurar a razão do nervosismo, da fragilidade que muitas vezes se observam nela. É difícil afirmar em que medida a constituição física da mulher representa em si um *handicap*. Entre outras coisas, perguntou-se muito tempo qual seria o obstáculo criado pela menstruação. As mulheres que se tornaram conhecidas por trabalhos ou ações pareciam dar-lhe pouca importância: terão alcançado seu êxito precisamente por causa da benignidade de suas perturbações mensais? Pode-se perguntar se não foi, inversamente, a escolha de uma vida ativa e ambiciosa que lhes conferiu esse privilégio: pois o interesse que a mulher presta a seus incômodos exaspera-os; as esportistas, as mulheres de ação sofrem menos do que as outras,

porque superam seus sofrimentos. Estas também têm seguramente causas orgânicas e vi mulheres das mais enérgicas passarem 24 horas cada mês de cama às voltas com impiedosas torturas; mas seus empreendimentos nunca foram sustados. Estou convencida de que a maior parte dos incômodos e doenças que atingem as mulheres tem causas psicológicas: foi o que me disseram aliás certos ginecologistas. É por causa da tensão moral de que falei, por causa de todas as tarefas que assumem, das contradições em meio às quais se debatem, que as mulheres estão sem cessar estafadas, no limite de suas forças; isto não significa que seus males sejam imaginários: são reais e devoradores como a situação que exprimem. Mas a situação não depende do corpo, este é que depende dela. Assim, a saúde da mulher não prejudicará seu trabalho, quando a trabalhadora tiver na sociedade o lugar que deve ter; ao contrário, o trabalho ajudará poderosamente seu equilíbrio físico, evitando-lhe que dele se preocupe incessantemente.

Quando se julgam as realizações profissionais da mulher e quando a partir delas se pretende antecipar-lhe o futuro, é preciso não perder de vista esse conjunto de fatores. É no seio de uma situação atormentada, escravizada ainda aos encargos tradicionalmente implicados na feminilidade, que ela se empenha numa carreira. As circunstâncias objetivas tampouco lhe são favoráveis. É sempre difícil ser um recém-chegado que tenta abrir caminho através de uma sociedade hostil ou, pelo menos, desconfiada. Richard Wright mostrou, em *Black Boy*, a que ponto as ambições de um jovem negro nos Estados Unidos são barradas desde o início e que luta lhe cabe sustentar simplesmente para se erguer ao nível em que os problemas começam a apresentar-se aos brancos; os negros que vieram da África para a França conhecem também — em si mesmos como exteriormente — dificuldades análogas às que encontram as mulheres.

É primeiramente no período de aprendizagem que a mulher se encontra em estado de inferioridade: já o indiquei a propósito da jovem, mas é preciso voltar ao assunto com maior precisão. Durante seus estudos, durante os primeiros anos, tão decisivos, de sua carreira, é raro que a mulher aproveite francamente suas possibilidades: muitas sofrerão mais tarde as desvantagens de um mau início. Com efeito, é entre 18 e trinta anos que os conflitos aos quais já me referi atingem o máximo de intensidade: e é o momento em que o futuro profissional se decide. Quer a mulher viva com os pais, ou seja casada, raramente os que a cercam respeitarão seu esforço como respeitam o de um homem; vão lhe impor serviços, tarefas desagradáveis, vão lhe cercear a liberdade; ela própria ainda se

acha profundamente marcada por sua educação, respeitosa dos valores afirmados pelos mais velhos, perseguida por seus sonhos de criança e de adolescente; dificilmente concilia a herança de seu passado com o interesse de seu futuro. Por vezes recusa sua feminilidade, hesita entre a castidade, a homossexualidade ou uma atitude provocante masculina, veste-se mal ou se fantasia: perde muito tempo e forças com desafios, comédias, cólera. Mais frequentemente quer, ao contrário, afirmá-la; é coquete, sai, namora, é amorosa, oscilando entre o masoquismo e a agressividade. De qualquer maneira, interroga-se, agita-se, dispersa-se. Pelo simples fato de se achar presa a preocupações estranhas, não se empenha totalmente na sua carreira: por isso tira menos proveito dela, é tentada a abandoná-la. Extremamente desmoralizante para a mulher que procura bastar-se, é a existência de outras mulheres pertencentes às mesmas categorias sociais, com uma situação inicial idêntica, com idênticas possibilidades e que vivem como parasitas; o homem pode ter ressentimento contra os privilegiados, mas é solidário com sua classe; em conjunto, os que partem nas mesmas condições alcançam mais ou menos o mesmo nível de vida; ao passo que pela mediação do homem, mulheres de igual condição têm destinos muito diversos. A amiga casada ou confortavelmente sustentada é uma tentação para a que deve assegurar sozinha o seu êxito; parece-lhe que se condena arbitrariamente a enveredar pelos caminhos mais difíceis: diante de cada obstáculo ela se pergunta se não seria melhor escolher outro caminho. "Quando penso que preciso arrancar tudo de meu cérebro!" dizia-me escandalizada uma estudantezinha sem fortuna. O homem obedece a uma necessidade imperiosa: incessantemente deve a mulher renovar inteiramente sua decisão; ela não avança fixando à sua frente um objetivo, mas sim deixando que o olhar gire em derredor; por isso, tímido e incerto tem o andar. Tanto mais que lhe parece — como já o disse — que quanto mais avança mais renuncia a suas outras possibilidades. Dedicada à literatura, ou à ação, desagradará aos homens em geral; ou humilhará o marido, o amante, com um êxito demasiado brilhante. Não somente se aplica, então, em se mostrar elegante, frívola, como também freia seu entusiasmo. A esperança de um dia se libertar da preocupação consigo mesma, o temor de dever renunciar, assumindo tal preocupação, a essa esperança, unem-se para impedi-la de se entregar, sem reticências, a seus estudos, a sua carreira.

Na medida em que a mulher quer ser mulher, sua condição independente cria nela um complexo de inferioridade; inversamente, sua feminilidade leva-a a duvidar de suas possibilidades profissionais. É este um dos pontos mais importantes. Vimos que meninas de 14 anos declaravam numa pesquisa: "Os

meninos são melhores; trabalham mais facilmente." A moça está convencida de que suas capacidades são limitadas. Pelo fato de pais e professores admitirem que o nível das meninas é inferior ao dos meninos, as alunas de bom grado o admitem igualmente; e efetivamente, apesar da identidade dos programas, sua cultura é, nos colégios, muito menos desenvolvida. Salvo algumas exceções, o conjunto de uma classe feminina de filosofia, por exemplo, situa-se nitidamente abaixo de uma classe de rapazes; numerosas alunas não pretendem continuar seus estudos, trabalham muito superficialmente e as outras sofrem da falta de emulação. Enquanto se trata de exames bastante fáceis, sua insuficiência não se faz muito sentir; mas atingindo os concursos sérios, a estudante toma consciência de suas falhas; atribui-as, então, não à mediocridade de sua formação e sim à injusta maldição que pesa sobre sua feminilidade; resignando-se a essa desigualdade, ela a agrava; persuade-se de que suas possibilidades de êxito não podem residir senão em sua paciência, sua aplicação; resolve economizar avaramente suas forças: é um cálculo lamentável. A atitude utilitária é nefasta, principalmente nos estudos e profissões que reclamam um pouco de invenção, de originalidade, pequenos achados. Conversas, leituras à margem dos programas, um passeio durante o qual o espírito devaneia livremente podem ser bem mais úteis à tradução de um texto grego do que a morna compilação de densas sintaxes. Esmagada pelo respeito às autoridades e o peso da erudição, o olhar cerceado por antolhos, a estudante demasiado conscienciosa mata em si o senso crítico e a própria inteligência. Sua obstinação metódica engendra tensão e tédio: nas classes em que as colegiais preparam o concurso de Sèvres reina uma atmosfera sufocante que desanima todas as individualidades um pouco vivas. Criando para si mesma uma prisão, a candidata só almeja evadir-se; logo que fecha o livro pensa em mil outros assuntos. Não conhece esses momentos fecundos em que estudo e divertimentos se confundem, em que as aventuras do espírito adquirem um calor vivo. Exaurida pela ingratidão das tarefas, sente-se cada vez mais inapta para levá-las a cabo. Lembro-me de uma estudante de *agrégation* que dizia, no tempo em que havia em filosofia um concurso comum para homens e mulheres: "Os rapazes podem consegui-lo em um ou dois anos; a nós são necessários pelo menos quatro." E outra, a quem indicavam a leitura de uma obra sobre Kant, autor incluído no programa, dizia: "É um livro difícil demais; é um livro para *normaliens*!" Parecia imaginar que as mulheres podiam passar no concurso com desconto; isso significava — já antes de começar — abandonar efetivamente aos homens todas as possibilidades de êxito.

Em consequência desse derrotismo, a mulher acomoda-se facilmente com um êxito medíocre; não ousa visar ao alto. Abordando sua profissão com uma formação superficial, coloca, desde logo, um limite a suas ambições. Muitas vezes, o fato de ela própria ganhar sua vida já lhe parece um mérito suficiente; teria podido, como tantas outras, confiar seu destino a um homem; para continuar a querer sua independência, ela precisa de um esforço de que se orgulha, mas que a esgota. Parece-lhe ter feito bastante quando decide fazer alguma coisa. "Para uma mulher já não é tão mal", pensa. Uma mulher que exercia uma profissão insólita dizia: "Se fosse homem, eu me sentiria no dever de alcançar os primeiros lugares, mas sou a única mulher da França que ocupa semelhante cargo; é suficiente para mim." Há prudência nessa modéstia. A mulher tem medo de fracassar indo adiante. Cumpre dizer que se sente perturbada, com razão, à ideia de que não confiam nela. De maneira geral, a casta superior é hostil aos arrivistas da classe inferior: brancos não irão consultar um médico negro, nem os homens uma doutora; e os indivíduos da classe inferior, imbuídos do sentimento de sua inferioridade específica, e frequentemente cheios de rancor contra quem venceu o destino, preferirão voltar-se também para os senhores; as mulheres particularmente, em sua maioria, cristalizadas em sua adoração pelo homem, buscam-no avidamente no médico, no advogado, no chefe de escritório etc. Nem homens nem mulheres gostam de se achar sob as ordens de uma mulher. Seus superiores, ainda que a estimem, terão sempre por ela um pouco de condescendência; ser mulher é, senão um defeito, pelo menos uma singularidade. A mulher deve incessantemente conquistar uma confiança que não lhe é de início concedida: no princípio ela é suspeita, precisa dar provas de si. Se tem valor, afirmam, ela as dará. Mas o valor não é uma essência dada: é o resultado de um desenvolvimento feliz. Sentir pesar sobre si um preconceito desfavorável só muito raramente ajuda a vencê-lo. O complexo de inferioridade inicial acarreta, como é geralmente o caso, uma reação de defesa que é uma afetação exagerada de autoridade. A maior parte das médicas, por exemplo, tem-na demasiado ou pouco demais. Se permanecem naturais, não intimidam, porque o conjunto de sua vida as incita antes a seduzir do que a mandar; o doente que gosta de ser dominado ficará desiludido com conselhos dados com simplicidade; consciente do fato, a doutora arvora uma voz grave e um tom seco; mas não possui, então, a afável bonomia que seduz no médico seguro de si. O homem tem o hábito de se impor; seus clientes acreditam em sua competência; por ser natural, impressiona sempre. A mulher não inspira o

mesmo sentimento de segurança; torna-se afetada, exagera, faz demais. Nos negócios, na administração, mostra-se escrupulosa, minuciosa, facilmente agressiva. Como em seus estudos, carece de desenvoltura, de imaginação, de audácia. Crispa-se para vencer. Sua ação é uma sequência de desafios e de afirmações abstratas de si mesma. É esse o maior defeito que engendra a falta de segurança: o sujeito não pode esquecer de si mesmo. Não visa generosamente a um fim: procura dar as provas de valor que dele exigem. Lançando-se ousadamente para os fins, o indivíduo arrisca-se a decepções; mas alcança também resultados inesperados; a prudência condena à mediocridade. Encontra-se raramente na mulher um gosto pela aventura, pela experiência gratuita, uma curiosidade desinteressada; ela procura "fazer carreira" como outros constroem uma felicidade; permanece dominada, investida pelo universo masculino, não tem a audácia de ultrapassar seus limites, não se perde com paixão em seus projetos; considera ainda sua vida como um empreendimento imanente: não visa a um objeto e sim, através de um objeto, ao seu êxito subjetivo. É essa uma atitude muito impressionante, entre outras, nas norte-americanas; agrada-lhe ter um *job* e provar a si mesmas que são capazes de executá-lo corretamente: mas não se apaixonam pelo *conteúdo* de suas tarefas. Consequentemente, a mulher tem tendência para valorizar demasiado pequenos fracassos e êxitos modestos; intermitentemente enche-se de vaidade ou desanima; quando o êxito é esperado, a pessoa acolhe-o com simplicidade, mas ele torna-se um triunfo embriagante se ela duvida obtê-lo; nisto está a desculpa das mulheres que se enchem de importância e se enfeitam com ostentação com suas mais insignificantes realizações. Olham incessantemente para trás a fim de medir o caminho percorrido: isto destrói-lhes o entusiasmo. Por esse meio, poderão realizar carreiras honrosas mas não grandes ações. É preciso acrescentar que muitos homens só sabem igualmente construir destinos medíocres. É somente em relação aos melhores dentre eles — salvo raras exceções — que a mulher se apresenta a nós como ainda a reboque. As razões que dei explicam-no bastante e não hipotecam em nada o futuro. O que falta essencialmente à mulher de hoje, para fazer grandes coisas, é o esquecimento de si: para se esquecer é preciso primeiramente que o indivíduo esteja solidamente certo, desde logo, de que se encontrou. Recém-chegada ao mundo dos homens, e malsustentada por eles, a mulher está ainda ocupada em se encontrar.

Há uma categoria de mulheres a que estas observações não se aplicam pelo fato de que, longe de lhe prejudicar a feminilidade, sua carreira a fortalece;

trata-se da categoria das mulheres que procuram superar pela expressão artística o próprio dado que constituem: atrizes, dançarinas, cantoras. Durante três séculos, foram elas, por assim dizer, as únicas que tiveram uma independência concreta no seio da sociedade e nesta ainda ocupam atualmente um lugar privilegiado. Outrora as artistas eram amaldiçoadas pela Igreja; essa severidade exagerada sempre lhes conferiu uma grande liberdade de costumes; beiram a galanteria, e como as cortesãs, passam grande parte de seus dias na companhia dos homens; mas, ganhando a vida por seu próprio esforço, encontrando no trabalho um sentido para sua existência, escapam a seu jugo. A grande vantagem de que gozam está em que seus êxitos profissionais contribuem — como no caso dos homens — para sua valorização sexual; realizando-se como seres humanos, realizam-se como mulheres: não são dolorosamente atormentadas por aspirações contraditórias; ao contrário, encontram em sua profissão uma justificação de seu narcisismo: toalete, cuidar da beleza, encantar, fazem parte de seus deveres profissionais. Para uma mulher apaixonada por sua imagem, é uma grande satisfação *fazer* alguma coisa exibindo simplesmente o que *é*; e essa exibição reclama ao mesmo tempo bastante artifício e estudo para se apresentar, na expressão de Georgette Leblanc, como um sucedâneo da ação. Uma grande atriz desejará mais alto ainda: ultrapassará o dado pela maneira pela qual o exprime, será verdadeiramente uma artista, um criador que dá sentido à sua vida emprestando significação ao mundo.

Mas esses raros privilégios também escondem perigos: em vez de integrar em sua vida artística suas complacências narcisistas e a liberdade sexual que lhe é concedida, a atriz mergulha muitas vezes no culto de si ou na galanteria; já falei dessas "pseudoartistas" que procuram tão somente "criar um nome" no cinema ou no teatro, nome que representa um capital a ser explorado nos braços masculinos; as comodidades de um apoio viril são muito tentadoras, comparadas com os riscos de uma carreira e a severidade que implica todo verdadeiro trabalho. O desejo de um destino feminino — marido, lar, filhos — e o encantamento do amor nem sempre se conciliam com a vontade de vencer. Mas, principalmente, a admiração que experimenta por seu eu limita em muitos casos o talento da atriz; ela se ilude acerca do valor de sua simples presença, a ponto de um trabalho sério lhe parecer inútil; faz questão, antes de tudo, de pôr em evidência sua própria figura e a esse cabotinismo sacrifica o personagem que interpreta; não tem, ela tampouco, a generosidade de se esquecer, o que lhe tira a possibilidade de se superar: raras são as Rachel, as

Duse que vencem esse obstáculo e fazem de sua pessoa o instrumento de sua arte, em vez de ver na arte um servidor de seu eu. Em sua vida privada, entretanto, a cabotina exagerará todos os seus defeitos narcisistas: se mostrará vaidosa, suscetível, artista, considerará o mundo inteiro um palco.

Hoje as artes de expressão não são as únicas que se propõem às mulheres; muitas delas tentam atividades criadoras. A situação da mulher predispõe-na a procurar uma salvação na literatura e na arte. Vivendo à margem do mundo masculino, não o apreende em sua figura universal e sim através de uma visão singular; ele é para ela, não um conjunto de utensílios e conceitos e sim uma fonte de sensações e emoções; ela se interessa pelas qualidades das coisas no que têm de gratuito e de secreto; adotando uma atitude de negação, de recusa, não mergulha no real: protesta contra ele com palavras; busca, através da Natureza, a imagem de sua alma, entrega-se a devaneios, quer atingir seu *ser*; *está* destinada ao fracasso; só o pode recuperar na região do imaginário. Para não deixar afundar no vazio uma vida interior que não *serve* para nada, para se afirmar contra o dado que suporta com revolta, para criar um mundo diferente desse em que não consegue alcançar-se, ela tem necessidade de se *exprimir.* Por isso é sabido que é loquaz e escrevinhadora; expande-se em conversas, cartas, diários íntimos. Basta que tenha ambição e ei-la redigindo memórias, transpondo sua biografia para um romance, exprimindo seus sentimentos em poemas. Goza de amplos lazeres que favorecem tais atividades.

Mas essas mesmas circunstâncias que orientam a mulher para a criação constituem também obstáculos que ela será constantemente incapaz de superar. Quando se decide a pintar ou a escrever unicamente com o fito de encher o vazio de seus dias, quadros e ensaios serão considerados como "trabalhos de senhora"; não lhes consagrará nem mais tempo nem mais cuidado, e terão mais ou menos o mesmo valor. É muitas vezes no momento da menopausa que a mulher, para compensar as falhas de sua existência, se volta para o pincel ou para a pena: é tarde demais; carecendo de uma formação séria, não passará nunca de amadora. Mesmo se começa bastante cedo, é raro que encare a arte como um trabalho sério; habituada ao ócio, nunca tendo sentido na vida a austera necessidade de uma disciplina, não será capaz de um esforço contínuo e perseverante, não se empenhará em adquirir uma sólida técnica; não lhe apetecem as tentativas ingratas, solitárias, do trabalho que não se mostra, que cumpre destruir cem vezes e recomeçar; e como, desde a infância, ensinando-lhe a agradar ensinaram-lhe a trapacear, ela espera resolver

o assunto com alguns ardis. É o que confessa Maria Bashkirtseff: "Sim, não me esforço por pintar. Observei-me hoje. *Trapaceio...*" De bom grado a mulher *brinca* de trabalhar, mas não trabalha; acreditando nas virtudes mágicas da passividade, confunde conjuras e atos, gestos simbólicos e condutas eficientes; fantasia-se de aluna de Belas-Artes, arma-se com seu arsenal de pincéis; postada diante do cavalete, seu olhar vai da tela branca ao espelho; mas o ramalhete de flores, a compoteira de maçãs, não se inscrevem sozinhos na tela. Sentada diante de sua escrivaninha, ruminando vagas histórias, a mulher outorga-se um *álibi* tranquilo, imaginando que é escritora: mas é preciso chegar a traçar sinais na folha branca, é preciso que tenham um sentido para os outros. Então, descobre-se a impostura. Para agradar basta criar miragens, mas uma obra de arte não é uma miragem, é um objeto sólido; para construí-la cumpre conhecer seu ofício. Não é somente graças a seus dons ou a seu temperamento que Colette se tornou uma grande escritora; sua pena foi muitas vezes seu ganha-pão e ela exigiu dessa pena um trabalho cuidadoso, como um bom artesão exige de sua ferramenta: de *Claudine* a *Naissance du jour*, a amadora tornou-se profissional: o caminho percorrido demonstra sobejamente os benefícios de um aprendizado severo. Em sua maioria, entretanto, as mulheres não compreendem os problemas que apresenta seu desejo de comunicação: e é o que explica em grande parte sua preguiça. Elas sempre se consideraram como dadas; acreditam que seus méritos vêm de uma graça que as habita e não imaginam que o valor possa ser conquistado; para seduzir, sabem apenas manifestar-se: seu encanto age ou não, elas não têm nenhum domínio sobre seu êxito ou seu fracasso; supõem por isso, de modo análogo, que para se exprimir basta a pessoa mostrar o que é; em vez de elaborar uma obra mediante um trabalho refletido, confiam em sua espontaneidade; escrever ou sorrir é para elas a mesma coisa: tentam a sorte, o êxito virá ou não. Seguras de si, confiam em que o livro ou o quadro se fará sem esforço; tímidas, a menor crítica as desanima; ignoram que o erro pode abrir o caminho do progresso, encaram-no como uma catástrofe irreparável tal qual um defeito físico. Eis por que se mostram de uma suscetibilidade que lhes é nefasta: só reconhecem seus erros com irritação e desânimo, em lugar de tirar deles lições fecundas. Infelizmente a espontaneidade não é uma conduta tão simples como parece: o paradoxo do lugar-comum — como o explica Paulhan em *Fleurs de Tarbes* — está em que se confunde muitas vezes com a tradução imediata da impressão subjetiva; de modo que, no momento em que a mulher, expressando, sem levar em consideração outrem, a imagem que nela se forma,

se acredita a mais singular, não faz senão reinventar um clichê banal; se lhe dizem isto, ela se espanta, fica despeitada e larga a pena; não percebe que o público lê com os olhos e o pensamento dele é que um epíteto novo pode despertar em sua memória muitas recordações degastadas; é por certo um dom precioso saber pescar em si, para trazê-las à tona da linguagem, impressões vivas; admira-se em Colette uma espontaneidade que não se encontra em nenhum escritor masculino. Mas — embora os dois termos pareçam contraditórios — trata-se nela de uma espontaneidade refletida: ela recusa certas soluções para só aceitar outras, de caso pensado; o amador — em vez de utilizar as palavras como uma relação interindividual, um apelo ao outro — nelas vê a revelação direta de sua sensibilidade; parece-lhe que escolher, rasurar, é repudiar uma parte de si; nada quer sacrificar de si porque se compraz no que *é* e ao mesmo tempo porque não espera tornar-se outro. Sua vaidade estéril vem de que ama a si mesma sem ousar construir-se.

Por isso é que da legião de mulheres que tentam bulir com as artes e as letras, bem poucas perseveram; mesmo as que superam esse primeiro obstáculo permanecerão muitas vezes divididas entre seu narcisismo e um complexo de inferioridade. Não saber esquecer de si mesma é um defeito que lhes pesará mais fortemente do que em qualquer outra carreira; se seu objetivo essencial é uma abstrata afirmação de si, a satisfação formal do êxito, não se entregarão à contemplação do mundo: serão incapazes de criá-lo de novo. Maria Bashkirtseff resolveu pintar porque queria tornar-se célebre; a obsessão da glória interpõe-se entre a realidade e ela; na verdade, não gosta de pintar: a arte é apenas um meio; não são seus sonhos ambiciosos e vazios que lhe desvendarão o sentido de uma cor ou de um rosto. Em lugar de se entregar generosamente à obra que empreende, a mulher, muito frequentemente, considera-a um simples ornamento de sua vida; o livro e o quadro não passam de um intermediário inessencial, permitindo-lhe exibir publicamente esta realidade essencial: sua própria pessoa. Na verdade, é sua pessoa o principal — por vezes o único — assunto que a interessa: Mme Vigée Lebrun não se cansa de fixar na tela sua sorridente maternidade. Mesmo falando de temas gerais, a mulher que escreve ainda falará de si: não podemos ler certas crônicas teatrais sem ficarmos informados da estatura e da corpulência do autor, da cor de seus cabelos, das particularidades de seu caráter. Sem dúvida o eu nem sempre é odioso. Poucos livros são mais apaixonantes do que certas confissões: mas é preciso que sejam sinceras e que o autor tenha alguma coisa a confessar. O narcisismo da mulher empobrece-a, ao invés de enriquecê-la: à força de não

fazer outra coisa senão contemplar-se, ela se aniquila; até o amor que dedica a si mesma se estereotipa: ela não revela em seus escritos sua experiência autêntica e sim um ídolo imaginário construído com clichês. Não caberia censurá-la por se projetar em seus romances, como o fizeram Benjamin Constant, Stendhal; mas a desgraça está em que muitas vezes ela vê sua história como uma fantasia tola; a jovem mascara com grande reforço de fantasia a realidade que a assusta pela sua crueza: é pena, que uma vez adulta ainda envolva o mundo, seus personagens e a si mesma em brumas poéticas. Quando sob essa fantasia a realidade é vislumbrada, obtêm-se, por vezes, resultados encantadores; mas também, ao lado de *Poussière* ou de *La Nymphe au coeur fidèle*, quantos romances de evasão insossos e soporíficos!

É natural que a mulher tente fugir deste mundo, em que frequentemente se sente menosprezada e incompreendida; o lamentável é que não ouse então os voos audaciosos de um Gérard de Nerval, de um Poe. Há muitas razões que desculpam sua timidez. Agradar é sua maior preocupação; e muitas vezes ela já tem medo, pelo simples fato de escrever, de desagradar como mulher: a palavra *bas-bleu*,[478] embora um tanto gasta, desperta ainda ressonâncias desagradáveis; ela não tem coragem de desagradar, também como escritora. O escritor original enquanto não morre é sempre escandaloso; a novidade inquieta e indispõe; a mulher ainda se acha espantada e lisonjeada por ser admitida no mundo do pensamento, da arte, que é um mundo masculino: nele mantém-se bem-comportada; não ousa perturbar, explorar, explodir; parece-lhe que deve fazer com que perdoem suas pretensões literárias por sua modéstia, seu bom gosto; aposta nos valores seguros do conformismo; introduz na literatura somente essa nota pessoal que se espera dela: lembra que é mulher com alguma graça, alguns requebros e preciosismos bem-escolhidos; assim é que sobressairá redigindo *best-sellers*; mas não se deve contar com ela para se aventurar por caminhos inéditos. Não porque as mulheres, em suas condutas, em seus sentimentos, careçam de originalidade: algumas há tão singulares que cumpre encerrá-las; no conjunto, muitas delas são mais barrocas, mais excêntricas do que os homens, cujas disciplinas recusam. Mas é em sua vida, sua correspondência, sua conversa que revelam seu gênio estranho; se tentam escrever, sentem-se esmagadas pelo universo da cultura, por ser um universo de homens; não fazem senão balbuciar. Inversamente, a mulher que escolhe raciocinar, exprimir-se segundo as técnicas masculinas, fará questão de abafar uma singularidade de que desconfia; como a estudante, será facilmente aplicada e pedante; imitará a seriedade, o vigor viril. Poderá tornar-se uma

excelente teórica, poderá adquirir um sólido talento; mas terá imposto a si mesma o repúdio de tudo o que nela havia de "diferente". Há mulheres loucas e mulheres de talento: nenhuma tem essa loucura no talento, que chamam gênio.

Foi essa modéstia sensata que antes de tudo definiu até agora os limites do talento feminino. Muitas mulheres frustraram — e o fazem cada vez mais — os ardis do narcisismo e do falso maravilhoso, mas nenhuma desprezou toda prudência para tentar *emergir* além do mundo dado. Há primeiramente, bem entendido, numerosas mulheres que aceitam a própria sociedade tal qual é; são, por excelência, as que celebram a burguesia, porquanto representam, nessa classe ameaçada, o elemento mais conservador; com adjetivos escolhidos, evocam os requintes de uma civilização dita da "qualidade"; exaltam o ideal burguês da felicidade e fantasiam com as cores da poesia os interesses de sua classe; orquestram a mistificação destinada a persuadir as mulheres a "ficarem mulheres": casas velhas, parques e hortas, avós pitorescas, crianças espertas, lixívia, geleias, festas familiares, toaletes, salões, bailes, esposas dolorosas mas exemplares, beleza da dedicação e do sacrifício, pequenas penas e grandes alegrias do amor conjugal, sonhos de mocidade, resignação madura, todos esses temas foram explorados até o fim pelas romancistas da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos, do Canadá e da Escandinávia; com isso ganharam glória e dinheiro, mas não enriqueceram por certo nossa visão do mundo. Muito mais interessantes são as revoltadas que acusaram essa sociedade injusta; uma literatura de reivindicação pode engendrar obras fortes e sinceras; George Eliot extraiu de sua revolta uma visão ao mesmo tempo minuciosa e dramática da Inglaterra vitoriana; entretanto, como Virgínia Woolf o observa, Jane Austen, as irmãs Brontë, George Eliot tiveram de despender negativamente tanta energia, para libertar-se das pressões exteriores, que chegam algo ofegantes a esse ponto de onde partem os escritores masculinos de grande envergadura; não lhes sobram mais forças suficientes para aproveitarem sua vitória e romperem todas as amarras: nelas não se encontra, por exemplo, a desenvoltura de um Stendhal, nem sua tranquila sinceridade. Não tiveram tampouco a riqueza de experiência de um Dostoiewsky, de um Tolstoi: eis por que o belo livro que é *Middlemarch* não se iguala a *Guerra e paz*; *O morro dos ventos uivantes* apesar de sua grandeza, não tem o alcance de *Os irmãos Karamazov.* Hoje, as mulheres já têm menos dificuldades em se afirmar; mas não superaram ainda inteiramente a especificação milenar que as confina em sua feminilidade. A lucidez, por exemplo, é uma conquista de que se orgulham

com razão, mas com que se satisfazem um pouco depressa demais. O fato é que a mulher tradicional é uma consciência mistificada e um instrumento de mistificação; tenta dissimular a si mesma sua dependência, o que é uma maneira de nela consentir; denunciar essa dependência já *é* uma libertação; contra as humilhações, contra a vergonha, o cinismo é uma defesa: é o esboço de uma assunção. Querendo-se lúcidas, as escritoras prestam o maior serviço à causa da mulher; mas — geralmente sem o perceber — permanecem demasiado apegadas a servir essa causa para adotar perante o universo essa atitude desinteressada que abre os mais vastos horizontes. Acreditam ter feito bastante quando afastam os véus de ilusão e de mentiras: entretanto, essa audácia negativa deixa-nos ainda diante de um enigma, pois a própria verdade é ambiguidade, abismo, mistério: depois de lhe ter indicado a presença, seria necessário pensá-la, recriá-la. Não se iludir já é alguma coisa, mas é a partir daí que tudo começa; a mulher esgota sua coragem dissipando miragens e detém-se assustada no limiar da realidade. Eis por que há, por exemplo, autobiografias femininas que são sinceras e atraentes; mas nenhuma se pode comparar a *Confessions* ou a *Souvenirs d'egotisme.* Estamos ainda muito preocupadas em ver com clareza para procurar outras trevas além dessa claridade.

"As mulheres não ultrapassam nunca o pretexto", dizia-me um escritor. É assaz verdadeiro. Ainda muito encantadas por terem recebido a permissão de explorar este mundo, fazem o inventário dele sem procurar descobrir-lhe o sentido. Onde por vezes elas brilham é na observação do que é dado: são repórteres notáveis; nenhum jornalista masculino sobrepujou os testemunhos de Andrée Viollis sobre a Indochina e a Índia. Elas sabem descrever atmosferas, personagens, indicar relações sutis entre estes, fazer-nos participar dos movimentos secretos de suas almas: Willa Cather, Edith Wharton, Dorothy Parker, Katherine Mansfield evocaram de maneira aguda e matizada indivíduos, climas e civilizações. É raro que consigam criar heróis masculinos tão convincentes quanto Heathcliff: no homem não apreendem, por assim dizer, senão o macho; mas descreveram, muitas vezes com felicidade, sua vida interior, sua experiência, seu universo; apegadas à substância secreta dos objetos, fascinadas pela singularidade de suas próprias sensações, elas entregam sua experiência ainda quente através de adjetivos saborosos, de imagens carnais: seu vocabulário é, em geral, mais notável do que sua sintaxe, porque se interessam mais pelas coisas do que pelas relações destas entre si; não visam a uma elegância abstrata mas, em compensação, suas palavras falam aos sentidos. Um

dos domínios que exploraram com mais amor é o da Natureza; para a moça, para a mulher que ainda não abdicou de tudo, a Natureza representa o que a própria mulher representa para o homem: ela mesma é sua negação, um reino e um lugar de exílio: ela é tudo sob a figura do outro. É falando das charnecas ou das hortas que a romancista nos revela mais intimamente sua experiência e seus sonhos. Muitas há que encerram os milagres da seiva e das estações em vasos, em canteiros; outras, sem aprisionar plantas e bichos, tentam, entretanto, apropriar-se deles pelo amor atento que lhes dedicam: Colette, por exemplo, ou K. Mansfield. Mais raras são as que abordam a Natureza em sua liberdade inumana, que tentam decifrar-lhe as significações estranhas e que se perdem a fim de se unir a essa outra presença. Por esses caminhos, que Rousseau inventou, somente uma Emily Brontë, uma Virgínia Woolf e por vezes uma Mary Webb se aventuram. Com mais razão podemos contar nos dedos as mulheres que ultrapassaram o dado à procura de sua dimensão secreta: Emily Brontë interrogou a morte, V. Woolf a vida, e K. Mansfield por vezes — não muitas — a contingência cotidiana e o sofrimento. Nenhuma mulher escreveu o *Processo*, *Moby Dick*, *Ulisses*, ou *Os sete pilares da sabedoria.* Elas não contestam a condição humana porque mal começam a poder assumi-la integralmente. É o que explica que suas obras careçam geralmente de ressonâncias metafísicas e também de humor negro; elas não põem o mundo entre parênteses, não lhe fazem perguntas, não lhe denunciam as contradições: levam-no a sério. O fato é, de resto, que, em sua maioria, os homens conhecem as mesmas limitações; é quando a comparamos com os raros artistas que merecem ser chamados "grandes" que a mulher se apresenta como medíocre. Não é um destino que a limita: pode-se compreender facilmente por que não lhe foi dado — por que não lhe será dado talvez durante muito tempo ainda — atingir os mais altos cimos.

A arte, a literatura, a filosofia são tentativas de fundar de novo o mundo sobre uma liberdade humana: a do criador. É preciso, primeiramente, se colocar sem equívoco como uma liberdade, para alimentar tal pretensão. As restrições que a educação e os costumes impõem à mulher limitam seu domínio sobre o universo. Quando o combate para conquistar um lugar neste mundo é demasiado rude, não se pode pensar em dele sair; ora, é preciso primeiramente emergir dele numa soberana solidão, se se quer tentar reapreendê-lo: o que falta primeiramente à mulher é fazer, na angústia e no orgulho, o aprendizado de seu desamparo e de sua transcendência.

> O que tenho vontade, escreve Maria Bashkirtseff, é de ter liberdade de passear sozinha, de ir e vir, de sentar nos bancos do Jardim das Tulherias. Eis a liberdade sem a qual não se pode tornar-se um verdadeiro artista. Acreditais que se aproveita o que se vê quando se está acompanhado ou quando, para ir ao Louvre, é preciso esperar o carro, a dama de companhia, a família!... Eis a liberdade que falta e sem a qual não se pode chegar seriamente a ser alguma coisa. *O Pensamento se acorrenta em consequência desse embaraço estúpido e incessante... Isso basta para que as asas se fechem.* É uma das grandes razões pelas quais não, há mulheres artistas.

Com efeito, para tornar-se um criador não basta cultivar-se, isto é, integrar espetáculos e conhecimentos na vida; é preciso que a cultura seja apreendida através do livre movimento de uma transcendência; é preciso que o espírito, com todas as suas riquezas, se projete num céu vazio que lhe cabe povoar; mas se mil laços tênues o amarram à terra, desfaz-se o seu impulso. Hoje, sem dúvida, a jovem sai sozinha e pode passear pelas Tulherias; mas já disse quanto a rua lhe é hostil; por toda parte olhos e mãos a vigiam; se vagabundeia irrefletidamente, com o pensamento à solta, se acende um cigarro no terraço de um café, se vai só ao cinema, um incidente desagradável não tarda; é preciso que inspire respeito pela sua aparência, pela sua maneira de vestir-se: essa preocupação prega-a ao solo, encerra-a em si mesma. "As asas se fecham." Com 18 anos, T. E. Lawrence realiza sozinho uma grande viagem de bicicleta através da França; não permitirão a uma moça lançar-se em semelhante aventura; menos ainda lhe será possível, como o fez Lawrence um ano depois, aventurar-se a pé num país semideserto e perigoso. Entretanto, tais experiências têm um alcance incalculável; é então que, na embriaguez da liberdade e da descoberta, o indivíduo aprende a olhar a terra inteira como seu feudo. Já a mulher se acha inteiramente privada das lições da violência; disse a que ponto sua fraqueza física a inclina à passividade; quando um rapaz resolve uma luta a socos, sente que pode confiar em si, no cuidado de si mesmo. Seria preciso pelo menos que, em compensação, a iniciativa do esporte, da aventura, o orgulho do obstáculo vencido fossem permitidos à jovem. Mas não. Ela pode sentir-se solitária *no seio* do mundo; nunca se ergue *em face* dele, única e soberana. Tudo a incita a deixar-se investir, dominar por existências alheias; e no amor, particularmente, ela se renega, ao invés de se afirmar. Neste sentido, tristeza ou desgraça física são muitas vezes provações fecundas: foi seu isolamento que permitiu a Emily Brontë escrever um livro forte e alucinado; em face da Natureza, da morte, do destino, não esperava socorro senão de si mesma. Rosa Luxemburgo era feia; nunca se viu tentada a absorver-se no culto de sua própria imagem, a fazer-se objeto, presa e armadilha: desde sua

mocidade foi inteiramente espírito e liberdade. Mesmo então é raro que a mulher assuma plenamente o angustiante diálogo com o mundo dado. As pressões que a cercam e toda a tradição que pesa sobre ela impedem que se sinta responsável pelo universo: eis a razão profunda de sua mediocridade.

Os homens que chamamos grandes são os que, de uma maneira ou de outra, puseram sobre os ombros o peso do mundo: saíram-se mais ou menos bem da tarefa, conseguiram recriá-lo ou soçobraram; mas primeiramente assumiram o enorme fardo. É o que uma mulher jamais fez, o que *nenhuma pôde* jamais fazer. Para encarar o universo como seu, para se julgar culpada de seus erros e vangloriar-se de seus progressos, é preciso pertencer à casta dos privilegiados; é somente a esses, que lhe detêm os comandos, que cabe justificá-lo, modificando-o, pensando-o, desvendando-o; só eles podem reconhecer-se nele e tentar imprimir-lhe sua marca. É no homem e não na mulher que até aqui se pôde encarnar o Homem. Ora, os indivíduos que nos parecem exemplares, que condecoramos com o nome de gênio, são os que pretenderam jogar em sua existência singular a sorte de toda a humanidade. Nenhuma mulher se acreditou autorizada a tanto. Como Van Gogh poderia ter nascido mulher? Uma mulher não teria sido enviada em missão ao Borinage, não teria sentido a miséria dos homens como seu próprio crime, não teria procurado uma redenção; nunca teria, portanto, pintado os girassóis de Van Gogh. Sem contar que o gênero de vida do pintor — a solidão de Arles, a frequentação dos cafés, dos bordéis, tudo o que alimentava a arte de Van Gogh alimentando-lhe a sensibilidade — lhe teria sido proibido. Uma mulher nunca poderia ter-se tornado Kafka: em suas dúvidas e suas inquitudes, não teria reconhecido a angústia do Homem expulso do paraíso. Não há por assim dizer senão santa Teresa que tenha vivido por sua conta, em um abandono total, a condição humana: vimos por quê. Situando-se além das hierarquias terrestres, como são João da Cruz, ela não sentia um teto seguro sobre a cabeça. Era para ambos a mesma noite, os mesmos relâmpagos, em si o mesmo nada, em Deus a mesma plenitude. Quando finalmente for assim possível a todo ser humano colocar seu orgulho além da diferenciação sexual, na glória difícil de sua livre existência, poderá a mulher — e somente então — confundir seus problemas, suas dúvidas, suas esperanças com os da humanidade; somente então ela poderá procurar desvendar toda a realidade, e não apenas sua pessoa, em sua vida e suas obras. Enquanto ainda tiver que lutar para se tornar um ser humano, não lhe é possível ser uma criadora.

Diga-se mais uma vez: para explicar suas limitações, é portanto sua situação que cabe invocar, e não uma essência misteriosa: o futuro permanece largamente aberto. Sustentou-se à saciedade que as mulheres não possuíam "gênio criador"; é a tese que defende, entre outros, Mme Marthe Borély, antifeminista outrora famosa: mas diríamos que tentou fazer de seus livros a prova viva do ilogismo e da tolice feminina; e em verdade eles próprios se contestam. Aliás, a ideia de um "instinto" criador deve ser abandonada, como a do "eterno feminino" no velho armário das generalizações. Certos misóginos afirmam um pouco mais concretamente que, sendo uma neurótica, a mulher nada pode criar de válido; mas são muitas vezes as mesmas pessoas que declaram que o gênio é uma neurose. Em todo caso, o exemplo de Proust mostra suficientemente que o desequilíbrio psicofisiológico não significa nem impotência, nem mediocridade. Quanto ao argumento que se tira do exame da história, acabamos de ver o que se deve pensar. O fato histórico não pode ser considerado como definindo uma verdade eterna; traduz apenas uma situação, que se manifesta precisamente como histórica porque está mudando. Como as mulheres poderiam jamais ter tido gênio, quando toda possibilidade de realizar uma obra genial — ou mesmo uma obra simplesmente — lhe era recusada? A velha Europa atormentou outrora com seu desprezo os americanos bárbaros, que não possuíam artistas nem escritores: "Deixai-nos existir antes de nos pedir que justifiquemos nossa existência", respondeu, em substância, Jefferson. Os negros dão as mesmas respostas aos racistas que lhes censuram não terem produzido nem um Whitman nem um Melville. O proletariado francês não pode tampouco opor nenhum nome aos de Racine ou de Mallarmé. A mulher livre está apenas nascendo; quando se tiver conquistado, talvez justifique a profecia de Rimbaud: "Os poetas serão! Quando for abolida a servidão infinita da mulher, quando ela viver para ela e por ela, tendo-a libertado o homem — até agora abominável — ela será também poeta! A mulher encontrará o desconhecido! Divergirão dos nossos seus mundos de ideias? Ela descobrirá coisas estranhas, insondáveis, repugnantes, deliciosas, nós as aceitaremos, nós as compreenderemos."[479] Não é certo que seus "mundos de ideias" sejam diferentes dos mundos dos homens, posto que será assimilando-se a eles que ela se libertará; para saber em que medida ela permanecerá singular, em que medida tais singularidades terão importância, seria preciso aventurar-se a antecipações muito ousadas. O certo é que até aqui as possibilidades da mulher foram sufocadas e perdidas para a humanidade e que já é tempo, em seu interesse e no de todos, de deixá-la enfim correr todos os riscos, tentar a

sorte.

Conclusão

"Não, a mulher não é nosso irmão; pela preguiça e pela corrupção fizemos dela um ser à parte, desconhecido, tendo somente o sexo como arma, o que é não apenas a guerra perpétua mas ainda uma arma que não é de guerra leal — adorando ou odiando, mas não companheiro sincero, um ser que forma legião com espírito de corporação, de maçonaria — mas de desconfianças de eterno pequeno escravo."

Muitos homens subscreveriam ainda essas palavras de Jules Laforgue; muitos pensam que entre os dois sexos haverá sempre "briga e disputa" e jamais a fraternidade será possível entre ambos. O fato é que nem os homens nem as mulheres se acham hoje satisfeitos uns com os outros. Mas a questão é saber se há uma maldição original que os condena a se entredilacerar ou se os conflitos que os opõem exprimem apenas um momento transitório da história humana.

Vimos que, a despeito das lendas, nenhum destino fisiológico impõe ao macho e à fêmea, como tais, uma eterna hostilidade; mesmo a famosa fêmea do louva-a-deus só devora o macho por falta de outros alimentos e no interesse da espécie; a esta é que, de alto a baixo da escala animal, todos os indivíduos se acham subordinados. Aliás, a humanidade é coisa diferente de uma espécie: é um devir histórico; define-se pela maneira pela qual assume a facticidade natural. Em verdade, ainda que com a maior má-fé do mundo, é impossível descobrir uma rivalidade de ordem propriamente fisiológica entre o macho e a fêmea humana. Por isso mesmo situam, de preferência, sua hostilidade no terreno intermediário entre a biologia e a psicologia que é o da psicanálise. A mulher, dizem, inveja o pênis do homem e deseja castrá-lo; mas o desejo infantil do pênis só assume importância na vida da mulher adulta se ela sente sua feminilidade como uma mutilação; e é então, por encarnar todos os privilégios da virilidade,

que ela almeja apropriar-se do órgão masculino. Admite-se de bom grado que seu sonho de castração tem uma significação simbólica: ela quer, pensam, privar o homem de sua transcendência. Vimos que sua aspiração é muito mais ambígua: ela quer, de uma maneira contraditória, *ter* essa transcendência, o que leva a supor que ela a respeita e a nega ao mesmo tempo, que entende lançar-se nela e retê-la ao mesmo tempo em si. Isso quer dizer que o drama não se desenrola num plano sexual; a sexualidade, de resto, nunca apareceu para nós como definindo um destino, como fornecendo em si a chave das condutas humanas, mas sim como exprimindo a totalidade de uma situação que contribui para definir. A luta dos sexos não se acha imediatamente implicada na anatomia do homem e da mulher. Em verdade, quando a evocam, tomam por dado que no céu intemporal das Ideias se trava uma batalha entre estas essências incertas: o Eterno feminino, o Eterno masculino. E não observam que esse combate titânico assume na terra duas formas inteiramente diferentes, correspondendo a momentos históricos também diferentes.

A mulher confinada na imanência tenta reter também o homem nessa prisão; assim, esta se confundirá com o mundo e ela não mais sofrerá por se achar encarcerada: a mãe, a esposa, a amante são carcereiras; a sociedade codificada pelos homens decreta que a mulher é inferior: ela só pode abolir essa inferioridade destruindo a superioridade viril. Dedica-se, pois, a mutilar, a dominar o homem, contradizendo-o, negando sua verdade e seus valores. Mas com isso apenas se defende; não foi nem uma essência imutável nem uma escolha condenável que a fadam à imanência, à inferioridade. Estas lhe foram impostas. Toda opressão cria um estado de guerra. Este caso não constitui uma exceção. O existente que é considerado como inessencial não pode deixar de pretender restabelecer sua soberania.

Hoje o combate assume outro aspecto; em vez de querer encerrar o homem numa masmorra, a mulher tenta evadir-se; não procura mais arrastá-lo para as regiões da imanência e sim emergir à luz da transcendência. É então a atitude dos homens que cria novo conflito: é com má vontade que o homem libera a mulher. Agrada-lhe permanecer o sujeito soberano, o superior absoluto, o ser essencial; recusa-se a considerar concretamente a companheira como sua igual; ela responde à sua desconfiança com uma atitude agressiva. Não se trata mais de uma guerra entre indivíduos encerrados cada qual em sua esfera: uma casta reivindicante lança-se ao assalto e vê seus esforços anulados pela casta privilegiada. São duas transcendências que se enfrentam; em lugar de se reconhecerem mutuamente, cada liberdade busca dominar a outra.

Essa diferença de atitude marca-se no plano sexual como no plano espiritual; a mulher "feminina", fazendo-se uma presa passiva, tenta reduzir também o homem à sua passividade carnal; esforça-se por pegá-lo na armadilha, acorrentá-lo pelo desejo que suscita, fazendo-se docilmente coisa; ao contrário, a mulher "emancipada" quer-se a si mesma ativa e recusa a passividade que o homem procura impor-lhe. Do mesmo modo, Elise e suas êmulas negam qualquer valor às atividades viris; colocam a carne acima do espírito, a contingência acima da liberdade, sua sabedoria rotineira acima da ousadia criadora. Mas a mulher "moderna" aceita os valores masculinos: tem a pretensão de pensar, agir, trabalhar, criar da mesma maneira que os homens; em vez de procurar diminuí-los, afirma que se iguala a eles.

Na medida em que se exprime em condutas concretas, essa reivindicação é legítima: a insolência dos homens é que é então censurável. Mas é preciso dizer, para desculpá-los, que as mulheres de bom grado embaralham as cartas. Uma Mabel Dodge pretendia escravizar Lawrence pelos encantos de sua feminilidade, a fim de o dominar em seguida espiritualmente; muitas mulheres, para demonstrar com seus êxitos que valem um homem, esforçam-se por assegurar sexualmente um apoio masculino; jogam na banca e no ponto, reclamando ao mesmo tempo delicadezas antigas e estima nova, apostando em sua própria magia e em seus direitos recentes. Compreende-se que o homem, irritado, se ponha na defensiva; mas ele também é dúplice quando reclama que a mulher jogue lealmente o jogo, quando, com sua desconfiança e hostilidade, lhe recusa os trunfos indispensáveis. Em verdade, a luta não pode assumir entre eles um aspecto claro, porquanto o próprio ser da mulher é opacidade; ela não se ergue em face do homem como um sujeito e sim como um objeto paradoxalmente dotado de subjetividade; ela se assume a um tempo como *si* e como *outro*, o que é uma contradição acarretando consequências desconcertantes. Quando ela, ao mesmo tempo, transforma sua fraqueza e sua força numa arma, não se trata de um cálculo preestabelecido: espontaneamente ela procura sua salvação no caminho que lhe foi imposto, o da passividade, ao mesmo tempo que reivindica ativamente sua soberania; e, sem dúvida, esse processo não "é de guerra leal" mas lhe foi ditado pela situação ambígua que lhe determinaram. O homem, entretanto, quando a trata como uma pessoa liberta, indigna-se que ela permaneça para ele uma armadilha; se a lisonjeia e satisfaz enquanto presa, irrita-se com suas pretensões de autonomia; o que quer que faça, sente-se ludibriado, e ela considera-se lesada.

A disputa durará enquanto os homens e as mulheres não se reconhecerem como semelhantes, isto é, enquanto se perpetuar a feminilidade como tal; quem, dentre eles, mais se obstina em a manter? A mulher que se liberta dessa feminilidade quer contudo conservar-lhe as prerrogativas; e o homem exige então que lhe assuma as limitações. "É mais fácil acusar um sexo do que desculpar o outro", diz Montaigne. É inútil distribuir censuras e prêmios. Em verdade, se o círculo vicioso é tão difícil de desfazer, é porque os dois sexos são vítimas ao mesmo tempo do outro e de si mesmos; entre dois adversários defrontando-se em sua pura liberdade um acordo poderia facilmente estabelecer-se: ainda mais porque essa guerra não beneficia ninguém. Mas a complexidade de tudo isso provém do fato de que cada campo é cúmplice do inimigo; a mulher persegue um sonho de renúncia, o homem um sonho de alienação; a inautenticidade não compensa: cada qual acusa o outro da desgraça que atraiu, cedendo às tentações da facilidade; o que o homem e a mulher odeiam um no outro, é o fracasso retumbante de sua própria má-fé e de sua própria covardia.

Vimos por que, originalmente, os homens escravizaram a mulher; a desvalorização da feminilidade foi uma etapa necessária da evolução humana; mas ela teria podido engendrar uma colaboração dos dois sexos. A opressão explica-se pela tendência do existente para fugir de si, alienando-se no outro, que ele oprime para tal fim; hoje essa tendência se encontra em cada homem singular: e a imensa maioria a ela cede; o marido procura-se em sua esposa, o amante em sua amante, sob a figura de uma estátua de pedra; ele procura nela o mito de sua virilidade, de sua soberania, de sua realidade imediata. "Meu marido nunca vai ao cinema", diz a mulher, e a incerta opinião masculina imprime-se no mármore da eternidade. Mas ele próprio é escravo de seu duplo; que trabalho para edificar uma imagem dentro da qual ele se encontre sempre em perigo! Ela funda-se apesar de tudo na caprichosa liberdade das mulheres, que é preciso sem cessar tornar propícia; o homem é corroído pela preocupação de se mostrar macho, importante, superior; representa comédias, a fim de que lhe representem outras; é também agressivo, inquieto; tem hostilidade contra as mulheres porque tem medo delas, porque tem medo do personagem com quem se confunde. Quanto tempo e quantas forças desperdiça para liquidar, sublimar, transferir complexos, falando das mulheres, seduzindo-as, temendo-as! Ele seria libertado, libertando-as. Mas é precisamente o que receia. Obstina-se nas mistificações destinadas a manter a mulher acorrentada.

Muitos homens têm consciência de que ela é mistificada. "Que desgraça ser mulher! Entretanto a desgraça, quando se é mulher, está, no fundo, em não

compreender que é uma desgraça", diz Kierkegaard.[480] De há muito vem a sociedade se esforçando por mascarar essa desgraça. Suprimiram, por exemplo, a tutela: deram "protetores" à mulher e se eles se atribuíram os direitos dos antigos tutores foi em benefício dela. Proibi-la de trabalhar, mantê-la no lar, é defendê-la contra si mesma, assegurar-lhe a felicidade. Vimos sob que véus poéticos dissimulavam-se os encargos monótonos que lhe incumbem: casa, maternidade. Em troca de sua liberdade, presentearam-na com os tesouros falazes de sua "feminilidade". Balzac descreveu muito bem essa manobra quando aconselhou ao homem que a tratasse como escrava, persuadindo-a de que é rainha. Menos cínicos, muitos homens esforçam-se por se convencer a si mesmos de que ela é realmente uma privilegiada. Há sociólogos americanos que hoje ensinam seriamente a teoria do *low-class-gain*, isto é, dos "benefícios das castas inferiores". Na França também se proclamou muitas vezes — embora de maneira menos científica — que os operários tinham muita sorte por não serem obrigados a "representar", e mais ainda os vagabundos, que podem vestir-se com trapos e dormir nas calçadas, prazeres inacessíveis ao conde de Beaumont e a esses pobres senhores de Wendel. Como os piolhentos despreocupados que coçam alegremente sua bicharada, como os negros joviais rindo ao serem chicoteados e os alegres árabes do Souss, que enterram os filhos mortos de fome com o sorriso nos lábios, a mulher goza deste incomparável privilégio: a irresponsabilidade. Sem esforço, sem encargo, sem preocupação, tem ela manifestamente "a melhor parte". O que é perturbador é que em virtude de uma perversidade obstinada — ligada sem dúvida ao pecado original — através dos séculos e dos países, as pessoas que têm a melhor parte gritam sempre a seus benfeitores: Basta, é demais! Me contentarei com a sua! Mas os capitalistas magníficos, os colonos generosos, os machos arrogantes obstinam-se: Fiquem com a melhor parte, fiquem!

O fato é que os homens encontram em sua companheira mais cumplicidade do que em geral o opressor encontra no oprimido; e disso tiram autoridade para declarar com má-fé que ela *quis* o destino que lhe impuseram. Vimos que, em verdade, toda a educação dela conspira para barrar-lhe os caminhos da revolta e da aventura; a sociedade, no seu conjunto — a começar pelos seus pais respeitados —, mente-lhe exaltando o alto valor do amor, da dedicação, do dom de si e dissimulando-lhe que nem o amante, nem o marido, nem os filhos estarão dispostos a suportar-lhe o fardo incômodo. Ela aceita alegremente essas mentiras, porque elas a convidam a seguir o caminho em declive da facilidade: e nisto está o maior crime que cometem contra ela. Desde a infância e ao longo da vida mimam-na, corrompem-na, designando-lhes como sua vocação essa renúncia que tenta

todo existente sedento de sua liberdade; encorajando-se uma criança à preguiça, divertindo-a durante o dia inteiro, sem lhe dar a oportunidade de estudar, sem lhe mostrar a utilidade disso, não se dirá a ela na idade adulta, que escolheu ser incapaz e ignorante: assim é que é educada a mulher, sem nunca lhe ensinarem a necessidade de assumir ela própria sua existência; de bom grado ela se submete a contar com a proteção, o amor, o auxílio, a direção de outrem; deixa-se fascinar pela esperança de poder, sem *fazer* nada, realizar o seu ser. Erra ao ceder à tentação: mas o homem está malcolocado para lhe censurar isso, porque ele próprio a tentou. Quando um conflito se verificar entre eles, cada qual encarará o outro como responsável pela situação. Ela o censurará por tê-la criado: não me ensinaram a raciocinar, a ganhar a vida... Ele a censurará por tê-la aceito: não sabes nada, és uma incapaz... Cada sexo acredita justificar-se tomando a ofensiva: mas as culpas de um não inocentam o outro.

Os numerosos conflitos que jogam os homens contra as mulheres vêm do fato de que nem uns nem outros assumem todas as consequências dessa situação que um propõe e outro suporta; essa noção incerta de "igualdade na desigualdade", de que um se serve para mascarar seu despotismo e outro sua covardia, não resiste à experiência: em suas trocas, a mulher apela para a igualdade abstrata que lhe garantiram, e o homem para a desigualdade concreta que constata. Daí vem que em todas as ligações se perpetua um debate indefinido em torno do equívoco das palavras *dar* e *tomar*: ela se queixa de dar tudo, ele protesta que ela lhe toma tudo. É preciso que a mulher compreenda que as trocas — é uma lei fundamental da economia política — se regulam segundo o valor que a mercadoria oferecida tem para o comprador e não para o vendedor: enganaram-na persuadindo-a de que tinha um valor infinito; na verdade ela é para o homem uma distração apenas, um prazer, uma companhia, um bem inessencial; ele é o sentido, a justificação da existência dela; a permuta não se faz portanto entre objetos da mesma qualidade; essa desigualdade vai marcar-se particularmente no fato de que o tempo que passam juntos — e que parece falaciosamente o mesmo tempo — não tem o mesmo valor para os dois parceiros. Durante a noite que passa com a amante, o amante poderia fazer um trabalho útil à sua carreira, ver amigos, cultivar relações, distrair-se; para um homem normalmente integrado na sociedade, o tempo é uma riqueza positiva: dinheiro, reputação, prazer. Ao contrário, para a mulher ociosa, que se aborrece, é um fardo de que só deseja desembaraçar-se, aliviar-se; desde que consiga matar algumas horas, tem um benefício: a presença do homem é puro proveito. Em muitos casos, o que interessa mais claramente o homem numa ligação é o ganho sexual que dela obtém: a rigor, ele pode contentar-se com passar

com sua amante apenas o tempo necessário para perpetrar o ato amoroso; mas — salvo exceção — o que ela almeja, no que lhe diz respeito é "gastar" todo esse excesso de tempo de que não sabe o que fazer: e — como o vendedor de batatas que só vende batatas se aceitam seus nabos — ela só cede o corpo ao amante se ele aceita, além do corpo, horas de conversa e de passeio. Consegue-se estabelecer o equilíbrio se o preço do lote todo não se afigura demasiado elevado ao homem; isso depende, *bem*-entendido, da intensidade do desejo dele e da importância que têm a seus olhos as ocupações que sacrifica; mas se a mulher reclama — oferece — tempo demais, torna-se importuna, como o rio que sai de seu leito, e o homem preferirá nada ter dela a ter demais. Ela modera então suas exigências; mas muitas vezes a balança se reequilibra à custa de uma dupla tensão: ela estima que o homem a *tem* muito barato; ele pensa que paga demasiado caro. Naturalmente esta exposição é algo humorística; entretanto — salvo nos casos de paixão ciumenta e exclusiva em que o homem quer a mulher em sua totalidade — esse conflito se acha indicado na ternura, no desejo e até no amor; o homem "tem sempre mais que fazer" de seu tempo, ao passo que ela procura desvencilhar-se do seu; e ele não considera as horas que ela lhe dedica como um dom e sim como um fardo. Geralmente ele consente em suportá-la, porque bem sabe que está do lado dos favorecidos, tem "a consciência pesada"; e, se tem alguma boa vontade, tenta compensar a desigualdade das condições com generosidade; entretanto, ele encara como um mérito ter piedade e, no primeiro choque, trata a mulher de ingrata, irrita-se: sou bom demais. Ela sente que se conduz como uma pedinchona, quando está convencida do alto valor de seus presentes, e com isso se humilha. É o que explica a crueldade de que a mulher muitas vezes se mostra capaz; tem a "consciência limpa", porque se encontra do lado ruim; não se julga obrigada a nenhuma contemplação para com a casta privilegiada, pensa apenas em se defender; será mesmo muito feliz se tiver a oportunidade de manifestar seu rancor contra o amante que não a soube satisfazer: desde que não lhe dá bastante, é com prazer selvagem que ela retira tudo. Então o homem magoado descobre o valor global da ligação de que desdenhava a cada instante: está disposto a todas as promessas, ainda que seja para se julgar explorado quando as tiver de cumprir; acusa sua amante de chantagem; ela censura-lhe a avareza; ambos se consideram lesados. Aqui igualmente é inútil distribuir desculpas e censuras: nunca se pode criar justiça no seio da injustiça. Um administrador colonial não tem nenhuma possibilidade de se portar corretamente com os indígenas, nem um general com seus soldados; a única solução consiste em não ser nem colono nem chefe; mas não há como um homem impedir a si mesmo de ser um homem. Ei-lo portanto

culpado contra sua vontade e oprimido por essa falta que ele próprio não cometeu; de igual modo ela é vítima e megera a despeito de si mesma; por vezes ele se revolta, escolhe a crueldade, mas faz-se então cúmplice da injustiça e a falta torna-se realmente sua; por vezes deixa-se aniquilar, devorar pela sua vítima reivindicante; mas então sente-se enganado; muitas vezes ele se atém a um compromisso que ao mesmo tempo o diminui e o põe pouco à vontade. Um homem de boa vontade será mais atormentado pela situação do que a própria mulher; em certo sentido, é sempre mais conveniente estar do lado dos vencidos; mas se ela também tem boa vontade, se é incapaz de se bastar a si mesma, se lhe repugna esmagar o homem com o peso de seu destino, ela se debate numa confusão inextricável. Encontram-se frequentemente, na vida cotidiana, esses casos que não comportam solução satisfatória porque se definem por condições que não são satisfatórias: um homem que se vê forçado a sustentar, material e moralmente, uma mulher que não mais ama sente-se vítima; mas, se abandonasse sem recursos quem lhe dedicou toda a vida, ela seria vítima de maneira igualmente injusta. O mal não vem de uma perversidade individual — e a má-fé começa quando se atacam mutuamente — mas de uma situação contra a qual toda conduta singular é impotente. As mulheres são "colantes", pesam, e com isso sofrem; isso porque têm a sorte de um parasita que chupa a vida de um organismo estranho; se a dotarem de um organismo autônomo, se elas puderem lutar contra o mundo e dele tirar sua subsistência, sua dependência será abolida: a do homem também. Uns e outros, sem dúvida, se encontrarão muito melhor.

É fácil imaginar um mundo em que homens e mulheres seriam iguais, porquanto é exatamente o que *prometera* a revolução soviética: as mulheres, educadas e formadas exatamente como os homens, trabalhariam em condições idênticas e por salários idênticos;[481] a liberdade erótica seria admitida pelos costumes, mas o ato sexual não seria mais considerado um "serviço" que se remunera; a mulher seria *obrigada* a assegurar-se outro ganha-pão; o casamento repousaria em um compromisso livremente assumido e que os cônjuges poderiam anular quando o quisessem; a maternidade seria livre, isto é, autorizariam o controle de natalidade e o aborto, e em compensação dariam a todas as mães e a seus filhos exatamente os mesmos direitos, fossem ou não casadas; as licenças por gravidez seriam pagas pela coletividade que assumiria o cuidado dos filhos, o que não quer dizer que estes seriam *retirados* dos pais e sim que não lhes seriam *abandonados.*

Mas bastará mudar as leis, as instituições, os costumes, a opinião pública, todo o contexto social para que mulheres e homens se tornem realmente semelhantes?

"As mulheres serão sempre mulheres", dizem os céticos; e outros videntes profetizam que, despojando-as de sua feminilidade, elas não conseguirão transformar-se em homens e se tornarão uns monstros. Isso é admitir que a mulher de hoje é uma criação da natureza; cumpre repetir mais uma vez que nada é natural na coletividade humana e que, entre outras coisas, a mulher é um produto elaborado pela civilização; a intervenção de outrem em seu destino é original; se essa ação fosse dirigida de outro modo, levaria a outro resultado. A mulher não se define nem por seus hormônios nem por misteriosos instintos e sim pela maneira por que reassume, através de consciências alheias, o seu corpo e sua relação com o mundo; o abismo que separa a adolescente do adolescente foi cavado de maneira acertada desde os primeiros anos da infância; não há como impedir mais tarde que a mulher não seja o que *foi feita* e ela arrastará sempre esse passado atrás de si; pesando-se esse passado, compreende-se com clareza que seu destino não se acha fixado na eternidade. Por certo não se deve crer que baste modificar-lhe a situação econômica para que a mulher se transforme: esse fator foi e permanece o fator primordial de sua evolução; mas enquanto não tiver acarretado as consequências morais, sociais, culturais etc. que anuncia e exige, a nova mulher não poderá surgir; atualmente ela não se realizou ainda em nenhum lugar, nem na União Soviética, nem na França ou nos Estados Unidos e é por isso que a mulher de hoje se acha esquartejada entre o passado e o futuro; apresenta-se o mais das vezes como uma "verdadeira mulher" disfarçada de homem, e não se sente à vontade nem em seu corpo de mulher nem em sua vestimenta de homem. É preciso que mude de pele e corte suas próprias roupas. Só poderia consegui-lo graças a uma evolução coletiva. Nenhum educador isolado pode fabricar hoje um "ser humano fêmea" que seja o homólogo exato do "ser humano macho": educada como rapaz, a jovem sente-se excepcional e com isso sofre uma nova espécie de especificação. Stendhal bem o compreendeu quando dizia: "É preciso plantar de uma só vez toda a floresta". Mas se supormos, ao contrário, uma sociedade em que a igualdade dos sexos seja concretamente realizada, essa igualdade se afirmará como nova em cada indivíduo.

Se desde a primeira infância a menina fosse educada com as mesmas exigências, as mesmas honras, as mesmas severidades e as mesmas licenças que seus irmãos, participando dos mesmos estudos, dos mesmos jogos, prometida a um mesmo futuro, cercada de mulheres e de homens que se lhe afigurassem iguais sem equívoco, o sentido do "complexo de castração" e do "complexo de Édipo" seria profundamente modificado. Assumindo, da mesma maneira, que o pai, a responsabilidade material e moral do casal, a mãe gozaria do mesmo prestígio

duradouro; a criança sentiria em torno de si um mundo andrógino e não um mundo masculino; ainda que mais efetivamente atraída pelo pai — o que não é seguro — seu amor por ele seria matizado por uma vontade de emulação e não por um sentimento de impotência: ela não se orientaria para a passividade. Autorizada a provar seu valor no trabalho e no esporte, rivalizando ativamente com os meninos, a ausência do pênis — compensada pela promessa do filho — não bastaria para engendrar um "complexo de inferioridade"; correlativamente, o menino não teria um "complexo de superioridade" se não lhe insuflassem isto e se estimasse as mulheres tanto quanto os homens.[482] A menina não procuraria portanto compensações estéreis no narcisismo e no sonho, não se teria por dada, se interessaria pelo que *faz*, se empenharia sem reticência em seus empreendimentos. Disse quanto a puberdade seria mais fácil se ela a superasse como o menino, em direção a um futuro livre de adulto; a menstruação só lhe inspira tamanho horror porque constitui uma queda brutal na feminilidade; ela assumiria também muito mais tranquilamente seu jovem erotismo se não sentisse um desgosto apavorado pelo conjunto de seu destino; uma educação sexual coerente a ajudaria a sobrepujar a crise. E graças à educação mista, o mistério augusto do Homem não teria oportunidade de surgir: seria destruído pela familiaridade quotidiana e as competições francas. As objeções que se opõem a este sistema implicam sempre o respeito aos tabus sexuais; mas é inútil pretender inibir na criança a curiosidade e o prazer; chega-se assim tão somente a criar recalques, obsessões, neuroses; o sentimentalismo exaltado, os fervores homossexuais, as paixões platônicas das adolescentes, com todo o seu cortejo de tolice e de dissipação, são muito mais nefastos do que alguns jogos infantis e algumas experiências precisas. O que seria principalmente proveitoso à jovem é o fato de que, não buscando um semideus no macho — mas apenas um colega, um amigo, um parceiro — não se veria instalada a não assumir ela própria sua existência; o erotismo, o amor teriam o caráter de uma livre superação e não o de uma renúncia; ela poderia vivê-los como uma relação de igual para igual. Não se trata, bem-entendido, de suprimir com uma penada todas as dificuldades que a criança tem de vencer para se transformar em adulto; a educação mais inteligente, mais tolerante não a poderá dispensar de realizar sua própria experiência à sua própria custa; o que se pode pedir é que não se acumulem gratuitamente obstáculos em seu caminho. Não cauterizar mais as meninas "viciosas" com ferro em brasa já é um progresso; a psicanálise instruiu um pouco os pais; entretanto as condições atuais em que se realizam a formação e a iniciação sexual da mulher são tão deploráveis que nenhuma das objeções que lhe opõem à ideia de uma

modificação radical poderá ser válida. Não se trata de abolir nela as contingências e as misérias da condição humana e sim de lhe dar os meios de as superar.

A mulher não é vítima de nenhuma fatalidade misteriosa; as singularidades que a especificam tiram sua importância da significação de que se revestem; poderão ser superadas desde que as apreendam dentro de perspectivas novas; vimos que através de sua experiência erótica a mulher sente — e muitas vezes detesta — o domínio do homem: disso não se deve concluir que seus ovários a condenem a viver eternamente de joelhos diante dele. A agressividade viril só se apresenta como um privilégio senhorial no seio de um sistema que por inteiro conspira em afirmar a soberania masculina; e a mulher só se *sente* tão profundamente passiva no ato amoroso porque já então se *pensa* como tal. Reivindicando sua dignidade de ser humano, muitas mulheres entendem sua vida erótica a partir de uma tradição de escravidão: por isso parece-lhes humilhante deitarem-se embaixo do homem, serem por ele penetradas e elas se crispam na frigidez; mas se a realidade fosse diferente, o sentido que exprimem simbolicamente gestos e atitudes amorosos seria também: uma mulher que paga, que domina o amante, pode, por exemplo, sentir-se orgulhosa de sua arrogante ociosidade e considerar que escraviza o homem que se despende ativamente. Já existem casais sexualmente equilibrados em que as noções de vitória e derrota dão lugar a uma ideia de troca. Em verdade, o homem é, como a mulher, uma carne, logo uma passividade, joguete de seus hormônios e da espécie, presa inquieta de seu desejo; e ela é, como ele, consentimento, doação voluntária, atividade em meio à sua febre carnal; vivem cada qual à sua maneira o estranho equívoco da existência feita corpo. Nesses combates em que acreditam enfrentar-se mutuamente, é contra si que cada um luta, projetando no parceiro essa parte de si mesmo que repudia; em vez de viver a ambiguidade de sua condição, cada um se esforça por ter a honra dela e fazer com que o outro lhe suporte a abjeção. Se, entretanto, ambos a assumissem com lúcida modéstia, correlativa de um autêntico orgulho, se reconheceriam como semelhantes e viveriam com amizade o drama erótico. O fato de ser um ser humano é infinitamente mais importante do que todas as singularidades que distinguem os seres humanos; não é nunca o dado que confere superioridades: a "virtude", como diziam os Antigos, define-se no nível do "que depende de nós". Em ambos os sexos representa-se o mesmo drama da carne e do espírito, da finitude e da transcendência; ambos são corroídos pelo tempo, vigiados pela morte, têm uma mesma necessidade essencial do outro; podem tirar de sua liberdade a mesma glória; se soubessem apreciá-la não seriam

mais tentados a disputar-se privilégios falaciosos; e a fraternidade poderia então nascer entre ambos.

Vão me dizer que todas estas considerações são bem utópicas, posto que seria necessário, "para refazer a mulher", que a sociedade já a tivesse feito *realmente* igual ao homem; os conservadores nunca deixaram, em todas as circunstâncias análogas, de denunciar este círculo vicioso: entretanto a história não para. Sem dúvida, se colocamos uma casta em estado de inferioridade, ela permanece inferior: mas a liberdade pode quebrar o círculo. Deixem os negros votar, eles se tornarão dignos do voto; deem responsabilidades à mulher, ela saberá assumi-las; o fato é que não se poderia esperar dos opressores um movimento gratuito de generosidade; mas ora a revolta dos oprimidos, ora a própria evolução da casta privilegiada criam situações novas; por isso os homens foram levados, em seu próprio interesse, a emancipar parcialmente as mulheres: basta a estas prosseguirem em sua ascensão e os êxitos que vêm obtendo incitam-nas a tanto; parece mais ou menos certo que atingirão dentro de um tempo mais ou menos longo a perfeita igualdade econômica e social, o que acarretará uma metamorfose interior.

Em todo caso, objetarão alguns, se tal mundo é possível, não é desejável. Quando a mulher for "igual" a seu homem, a vida perderá seu "sal pungente". Este argumento não é tampouco novo: os que têm interesse em perpetuar o presente vertem sempre lágrimas sobre o mirífico passado que vai desaparecer sem conceder um sorriso ao jovem futuro. É verdade que, suprimindo os mercados de escravos, acabaram com as grandes plantações tão magnificamente ornadas de azáleas e camélias, arruinaram toda a delicada civilização sulista; as velhas rendas juntaram-se, no sótão, aos timbres tão puros dos castrados da Capela Sistina e há um certo "encanto" feminino que ameaça, ele também, desfazer-se em pó. Concordo que é ser um bárbaro não apreciar as flores raras, as rendas, a voz cristalina do eunuco e o encanto feminino. Quando se exibe, em todo o seu esplendor, a "mulher encantadora" é um objeto bem mais exaltante do que "as pinturas idiotas, ornatos de portas, cenários, telas de saltimbancos, tabuletas, iluminuras populares" que embeveciam Rimbaud; enfeitada com os mais modernos artifícios, trabalhada segundo as mais novas técnicas, ela chega do fundo dos séculos, de Tebas, de Minos, de Chichen Itza; e é também o totem plantado no coração do sertão africano; é um helicóptero e é um pássaro; e eis a maior maravilha: sob seus cabelos pintados o sussurro das folhagens faz-se pensamento e palavras escapam-lhe dos seios. Os homens estendem mãos ávidas para o prodígio; mas logo que o pegam ele se dissipa; a esposa, a amante falam como todo mundo,

com sua boca; suas palavras valem exatamente o que valem; seus seios também. Um milagre tão fugidio — e tão raro — merecerá que perpetuem uma situação nefasta para ambos os sexos? Pode-se apreciar a beleza das flores, o encanto das mulheres e apreciá-los pelo seu justo valor; se tais tesouros se pagam com sangue ou desgraça, é preciso saber sacrificá-los.

O fato é que esse sacrifício parece aos homens singularmente pesado; poucos há que desejem do fundo do coração que a mulher acabe de se realizar; os que a desprezam não veem o que poderiam ganhar com isso, os que a adoram veem demasiado o que poderiam perder; e é verdade que a evolução atual não ameaça apenas o encanto feminino: pondo-se a existir para si, a mulher abdicará a função de duplo e de mediadora que lhe outorga seu lugar privilegiado no universo masculino; para o homem solicitado pelo silêncio da natureza e a presença exigente de outras liberdades, um ser que seja a um só tempo seu semelhante e uma coisa passiva apresenta-se como um grande tesouro; a figura sob a qual ele percebe sua companheira pode bem ser mítica, nem por isso as experiências de que ela é fonte ou pretexto são menos reais: e não há, por certo, outras mais preciosas, mais íntimas, mais ardentes; não há como negar que a dependência, a inferioridade, a desgraça feminina lhes emprestam um caráter singular; seguramente a autonomia da mulher, embora poupe aos homens muitos aborrecimentos, lhes negará também muitas facilidades; seguramente certas maneiras de viver a aventura sexual serão perdidas no mundo de amanhã; mas isso não significa que o amor, a felicidade, a poesia, o sonho dele sejam banidos. Atentemos para o fato de que nossa falta de imaginação despovoa sempre o futuro; este não passa de uma abstração para nós; cada um de nós nele deplora surdamente a ausência do que foi; mas a humanidade de amanhã irá vivê-lo em sua carne e em sua liberdade, ele será o seu presente e ela por sua vez o preferirá; entre os sexos surgirão novas relações carnais e afetivas de que não temos ideia: já apareceram entre homens e mulheres amizades, rivalidades, cumplicidades, camaradagens, castas ou sexuais, que os séculos passados não teriam sabido inventar. Entre outras coisas, nada me parece mais contestável do que o *slogan* que destina o mundo novo à uniformidade, logo ao tédio. Não vejo ausência de tédio neste mundo, nem nunca vi que a liberdade criasse a uniformidade. Primeiramente, haverá sempre certas diferenças entre o homem e a mulher; tendo seu erotismo, logo seu mundo sexual, uma figura singular, não poderia deixar de engendrar nela uma sensualidade, uma sensibilidade singular: suas relações com seu corpo, o corpo do homem, o filho, nunca serão idênticas às que o homem mantém com seu corpo, o corpo feminino, o filho; os que tanto falam de "igualdade na diferença" se mostrariam de má-fé em não admitir que possam existir diferenças na

igualdade. Por outro lado, são as instituições que criam a monotonia: jovens e bonitas, as escravas do serralho são sempre as mesmas nos braços do sultão; o cristianismo deu ao erotismo seu sabor de pecado e lenda, dotando de uma alma a fêmea do homem; restituindo-lhe sua singularidade soberana, não suprimirão o gosto patético das carícias amorosas. É absurdo pretender que a orgia, o vício, o êxtase, a paixão se tornariam impossíveis se o homem e a mulher fossem concretamente semelhantes; as contradições que opõem a carne ao espírito, o instante, ao tempo, a vertigem da imanência ao apelo da transcendência, o absoluto do prazer ao nada do esquecimento não serão jamais suprimidos; na sexualidade, se materializarão sempre a tensão, o tormento, a alegria, o fracasso e o triunfo da existência. Libertar a mulher é recusar encerrá-la nas relações que mantém com o homem, mas não as negar; ainda que ela se ponha para si, não deixará de existir *também* para ele: reconhecendo-se mutuamente como sujeito, cada um permanecerá entretanto um *outro* para o outro; a reciprocidade de suas relações não suprimirá os milagres que engendra a divisão dos seres humanos em duas categorias separadas: o desejo, a posse, o amor, o sonho, a aventura; e as palavras que nos comovem: dar, conquistar, unir-se conservarão seus sentidos. Ao contrário, é quando for abolida a escravidão de uma metade da humanidade e todo o sistema de hipocrisia que implica, que a "divisão" da humanidade revelará sua significação autêntica e que o casal humano encontrará sua forma verdadeira.

"A relação imediata, natural, necessária do homem com o homem é *a relação do homem com a mulher*", disse Marx.[483] "Do caráter dessa relação decorre até que ponto o homem se comprometeu como *ser genérico,* como homem; a relação do homem com a mulher é a relação mais natural do ser humano com o ser humano. Nela se mostra portanto até que ponto o comportamento *natural* do homem se tornou *humano* ou até que ponto o ser *humano* se tornou seu ser *natural,* até que ponto sua *natureza humana* se tornou sua *natureza*."

Não há como dizer melhor. É no seio do mundo que lhe foi concedido que cabe ao homem fazer triunfar o reino da liberdade; para alcançar essa suprema vitória é, entre outras coisas, necessário que, para além de suas diferenciações naturais, homens e mulheres afirmem sem equívoco sua fraternidade.

EDITORA RESPONSÁVEL
Izabel Aleixo

PRODUÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro
Mariana Elia

REVISÃO DE TRADUÇÃO
Alcida Brant
Izabela Leal

REVISÃO
Claudia Ajuz
Eduardo Carneiro
Giuliana Alonso
Maria Helena Huebra
Ricardo Freitas
Rosana Moraes
Sandra Pássaro

PROJETO GRÁFICO
Victor Burton

DIAGRAMAÇÃO
Filigrana

Visite o nosso site: www.novafronteira.com.br

Notas

1 Não se publica mais; chamava-se *Franchise*.

2 O relatório Kinsey, por exemplo, limita-se a definir as características sexuais do homem norte-americano, o que é muito diferente.

3 Essa ideia foi expressa em sua forma mais explícita por E. Levinas em seu ensaio sobre *Le Temps et l'Autre*. Assim se exprime ele: "Não haveria uma situação em que a alteridade definiria um ser de maneira positiva, como essência? Qual é a alteridade que não entra pura e simplesmente na oposição das duas espécies do mesmo gênero? Penso que o contrário absolutamente contrário, cuja contrariedade não é em nada afetada pela relação que se pode estabelecer entre si e seu correlativo, a contrariedade que permite ao termo permanecer absolutamente outro, é o feminino. O sexo não é uma diferença específica qualquer... A diferença dos sexos não é tampouco uma contradição... Não é também a dualidade de dois termos complementares, porque esses dois termos complementares supõem um todo preexistente... A alteridade realiza-se no feminino. Termo do mesmo quilate, mas de sentido oposto à consciência."
Suponho que Levinas não esquece que a mulher é igualmente consciência para si. Mas é impressionante que adote deliberadamente um ponto de vista de homem sem assinalar a reciprocidade do sujeito e do objeto. Quando escreve que a mulher é mistério, subentende que é mistério para o homem. De modo que essa descrição que se apresenta com intenção objetiva é, na realidade, uma afirmação do privilégio masculino.

4 Ver C. Lévi-Strauss, *Les Structures élémentaires de la parenté*. Agradeço a Lévi-Strauss a gentileza de ter me comunicado as provas de sua tese que, entre outras, aproveitei amplamente na segunda parte, p. 104-22.

5 Cf. vol. I, segunda parte, §5, p.102-3.

6 Ver vol. I, segunda parte, cap. 5, p. 175-6.

7 Acreditou poder, pelo menos.

8 O artigo de Michel Carrouges sobre esse tema, publicado no número 292 do *Cahiers du Sud*, é significativo. Escreve com indignação: "Gostaríamos que não houvesse o mito da mulher, mas tão somente uma corte de cozinheiras, de matronas, de meretrizes, de literatas pedantes com funções de prazer e de utilidade." O que significa que, a seu ver, a mulher não tem existência para si; ele considera apenas sua *função*dentro do mundo masculino. Sua finalidade encontra-se no homem; então, com efeito, pode-se preferir sua "função" poética a qualquer outra. A questão está, precisamente, em saber por que se deveria defini-la em relação ao homem.

9 O homem declara, por exemplo, que não vê sua mulher diminuída pelo fato de não ter profissão: a tarefa do lar é tão nobre quanto, e assim por diante. Entretanto, na primeira disputa, exclama: "Serias totalmente incapaz de ganhar tua vida sem mim."

10 Descrever esse processo será precisamente o objeto do volume II.

11 Isso constitui o objeto do volume II.

12 Chamam-se gametas as células geradoras cuja fusão constitui o ovo.

13 Chamam-se gonadias as glândulas que produzem os gametas.

14 Hegel, *Filosofia da Natureza*, 3ªparte.

15 Certas galinhas disputam entre si os melhores lugares do galinheiro e estabelecem uma hierarquia a bicadas. Na ausência dos machos há também vacas que assumem pela força o comando do rebanho.

16 "A análise desses fenômenos pôde ser aprofundada nestes últimos anos, comparando o que se passa na mulher com o que se observa nos símios superiores, do gênero *Rhesus* em particular. *É evidentemente mais fácil fazer experiências com estes animais*", escreve Louis Gallien (*La Sexualité*).

17 "Eu sou, portanto, meu corpo, pelo menos na medida em que tenho dele conhecimento e reciprocamente meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de meu ser total" (Merleau-Ponty,

Phénoménologie de la perception).

18 Coloco-me aqui num ponto de vista exclusivamente fisiológico. É evidente que psicologicamente a maternidade pode ser muito útil à mulher, como pode também ser um desastre.

19 Cf. H. Vignes em *Traité de Physiologie*, t. XI, dirigido por Roger e Binet.

20 É curioso deparar-se com essa teoria em D. H. Lawrence. Em *A serpente emplumada*, Don Cipriano cuida de que sua amante não alcance nunca o orgasmo: ela deve vibrar de acordo com o homem e não se individualizar no prazer.

21 Discutiremos mais longamente essa questão no volume II, primeira parte, cap. I.

22 Cf. *Moisés, seu povo e a religião monoteísta*.

23 Baudouin, *L'Âme enfantine et la Psychanalyse*.

24 Freud, *Totem e tabu*.

25 Voltaremos mais longamente ao assunto no vol. II, primeira parte, cap. 1.

26 Alice Balint, *La Vie intime de l'enfant*.

27 Citaram-me o caso de meninos camponeses que se divertiam em concursos de excrementos: quem tivesse as fezes mais volumosas e sólidas gozava de um prestígio que nenhum outro êxito, nos jogos ou na luta, podia compensar. A matéria fecal desempenhava o mesmo papel que o pênis: havia igualmente alienação.

28 Voltaremos a essas ideias no vol. I, segunda parte; indicamo-las tão somente à título metódico.

29 *A origem da família*.

30 Gastón Bachelard em *La terre et les rêveries de la volonté*realiza estudo sugestivo do trabalho do ferreiro. Mostra como, pelo malho e a bigorna, o homem afirma-se e separa-se. "O instante do ferreiro é um instante concomitantemente isolado e ampliado; promove o trabalhador ao domínio do tempo pela violência de um instante", e mais adiante: "O ser forjando aceita o desafio do universo erguido contra ele."

31 A sociologia não dá mais crédito, hoje, às elucubrações de Baschoffen.

32 "Salve, Terra, mãe dos homens, sê fértil sob o abraço de Deus e enche-te de frutos para uso do homem", diz um velho encantamento anglo-saxão.

33 Em Uganda, entre os Bhanta das Índias, uma mulher estéril é considerada perigosa para a horticultura. Em Nicobar, pensa-se que a colheita será mais abundante se for feita por uma mulher grávida. Em Bornéo, são as mulheres que selecionam e conservam as sementes. "Dir-se-ia que sentem nelas uma afinidade natural com as sementes, as quais dizem prenhes. Por vezes, as mulheres vão passar a noite nos campos de *paddy*na época em que germinam" (Hose e MacDougall). Na Índia anterior, mulheres nuas empurram a charrua à noite ao redor do campo. Os índios do Orinoco confiavam às mulheres o cuidado de semear e plantar, porque "assim como as mulheres sabiam conceber e parir, as sementes e raízes que plantavam davam frutos mais abundantes do que quando plantadas pela mão do homem" (Frazer). No mesmo autor encontram-se muitos exemplos análogos.

34 *L'océan*,*La mer*, masculino e feminino em numerosas línguas (N.T.).

35 Ver-se-á que essa distinção se perpetuou. As épocas que encaram a mulher como o *Outro*são as que se recusam mais asperamente a integrá-la na sociedade a título de ser humano. Hoje ela só se torna *outro*semelhante perdendo sua aura mística. Foi a esse equívoco que sempre se apegaram os antifeministas. De bom grado concordam em exaltar a mulher como o *Outro*de maneira a constituir sua alteridade como absoluta, irredutível e a recusar-lhe acesso ao *mitsein*humano.

36 Cf. Lévi-Strauss, *As estruturas elementares do parentesco*.

37 *Ibid*.

38 Encontramos, na já citada tese de Lévi-Strauss sob uma forma algo diferente, a confirmação desta ideia. Ressalta de seu estudo que a proibição do incesto não é, em absoluto, o fato primitivo de que decorre a exogamia; mas ela reflete de modo negativo uma vontade positiva de exogamia. Não existe nenhuma razão imediata para que uma mulher seja imprópria ao comércio sexual com os homens de seu clã, mas é socialmente útil que ela faça parte das prestações mediante as quais cada clã, ao invés de se fechar sobre si, estabelece com outro uma relação de reciprocidade: "A exogamia tem um valor menos negativo do que positivo... ela proíbe o casamento endógamo... não, sem dúvida, porque um perigo biológico ameaça o casamento sanguíneo, mas porque um benefício social resulta do casamento exógamo." É preciso que o grupo não consuma, a título privado, as mulheres que constituem um de seus bens, e sim que faça delas um instrumento de comunicação; se o casamento com uma mulher do clã é proibido, "a única razão está em que ela é o *mesmo*quando deve (e portanto pode) tornar-se o *outro*... As mulheres vendidas como escravas podem ser as mesmas anteriormente oferecidas. Só se exige de umas e outras o *sinal de alteridade*que é consequência de certa posição dentro de uma estrutura e não de um caráter inato".

39 Bem entendido, essa condição é necessária mas não suficiente: há civilizações patrilineares que pararam num estágio primitivo; outras, como a dos Maias, degradaram-se. Não há uma hierarquia absoluta entre as sociedades de direito materno e as de direito paterno, mas somente estas evoluíram técnica e ideologicamente.

40

É interessante notar segundo Begouen, *Journal de Psychologie*, 1934, que na era Aurinhacense se encontram numerosas estatuetas mostrando mulheres com atributos sexuais exageradamente acentuados; são notáveis pelas formas opulentas e pela importância dada à vulva. Demais, encontram-se também nas cavernas vulvas isoladas, grosseiramente desenhadas. Durante o Solutrense e o Madalenense essas efígies desaparecem. No Aurinhacense as estatuetas masculinas são muito raras e não há nunca representação do órgão sexual. No Madalenense encontra-se ainda a figuração de algumas vulvas mas em número reduzido e, ao contrário, descobriu-se grande quantidade de falos.

41 Ver vol. I, primeira parte, cap. 3.

42 Assim como a mulher era assimilada aos sulcos, o falo era comparado à charrua, e inversamente. Em um desenho da época cassita, representando uma charrua, encontram-se desenhados os símbolos do ato reprodutor; mais tarde, a identidade falo-charrua foi muitas vezes reproduzida plasticamente. A palavra *Iak*em algumas línguas austro-asiáticas designa a um tempo falo e enxada. Existe uma oração assíria a um deus cuja "charrua fecundou a terra".

43 Tamiat, o mar, é feminino (N.T.).

44 Examinaremos essa evolução no Ocidente. A história da mulher no Oriente, nas Índias, na China foi, com efeito, a de uma longa e imutável escravidão. Da Idade Média aos nossos dias, focalizaremos o estudo na França, que é um caso típico.

45 Esta exposição reproduz a de C. Huart em *La Perse antique et la civilisation iranienne*, p. 195-196.

46 Em certos casos pelo menos o irmão *deve*desposar a irmã.

47 Isto é, ligar-se a outrem por contrato.

48 Roma, como a Grécia, tolera oficialmente a prostituição. Havia duas classes de cortesãs: umas viviam fechadas em bordéis, outras, as *bonae meretrices*, exerciam livremente a profissão; não tinham o direito de se vestir como as matronas, mas tinham certa influência sobre a moda, os costumes, as artes, embora não tenham nunca ocupado uma posição tão elevada como as hetairas de Atenas.

49 Tipo de tutela (N.T.).

50 "As que vinham a Sisteron pela passagem de Peipin deviam, como os judeus, pagar um direito de pedágio de cinco soldos em benefícios das damas de Sainte-Claire" (Bahutaud).

51 *Dict. de la conversation*, Riffenberg, V^{0}Femmes et filles de folle vie.

52 *L'amour ce est pays haineux*
L'amour ce est haine amoureuse.

53 "A mulher é superior ao homem porque: *Materialmente*: Adão foi feito de barro e Eva de uma costela de Adão. *Pelo local:* Adão foi criado fora do paraíso, Eva dentro do paraíso. *Pela concepção*: A mulher concebeu Deus, o que o homem não pôde fazer. *Pelo aparecimento*: Cristo depois da morte apareceu a uma mulher, Madalena. *Pela exaltação*: Uma mulher foi exaltada acima do coro dos anjos, a bem-aventurada Maria..."

54 *Hélas! une femme que prend La plume*
Est considérée comme une creature si présomptueuse

Qu'elle n'a aucun moyen de racheter son crime!

55 N. Truquin, *Mémoires et aventures d'um prolétaire*, cit. Segundo E. Dolléans, *Histoire du mouvement ouvrier*, t. I.

56 "A mais antiga menção conhecida das práticas anticoncepcionais seria um papiro egípcio do segundo milênio antes de nossa era que recomenda a aplicação vaginal de uma estranha mistura composta de excrementos de crocodilo, mel, natro e uma substância viscosa" (P. Ariés, *Histoire des populations françaises*). Os médicos persas da Idade Média conheciam trinta e uma receitas das quais somente nove se destinavam ao homem. Soranos, na época de Adriano, explica que no momento da ejaculação a mulher que não deseja filhos deve "reter a respiração, puxar um pouco o corpo para trás a fim de que o esperma não possa penetrar no *os uteri*, levantar-se imediatamente, acocorar-se e provocar espirros".

57 Em *La Précieuse*, 1656.

58 "Por volta de 1930 uma firma norte-americana vendia vinte milhões de preservativos em um ano. Quinze manufaturas norte-americanas produziam um milhão e meio por dia" (P. Ariès).

59 Antes de nascer, o filho é uma parcela da mãe, uma espécie de víscera.

60 Voltaremos à discussão desta atitude no segundo volume. Observemos tão somente que os católicos estão longe de seguir a doutrina de santo Agostinho ao pé da letra. O confessor murmura aos ouvidos da jovem noiva, nas vésperas do casamento, que ela pode fazer de tudo com o marido desde que o coito se termine "como deve"; as práticas positivas do controle de natalidade — inclusive o *coitus interruptus*— são proibidas; mas tem-se o direito de utilizar o calendário estabelecido pelos sexólogos vienenses e perpetrar o ato, cujo único objetivo admitido é o da geração, nos dias em que a concepção é impossível. Há mesmo diretores de consciência que comunicam esse calendário a suas ovelhas. Na realidade, há numerosas "mães cristãs" que só têm dois ou três filhos e, no entanto, não interromperam suas relações conjugais após seu último parto.

61

Olga Michakova, secretária da Comissão Central da Organização da Juventude Comunista, declarou em 1944 numa entrevista: "As mulheres soviéticas devem procurar tornar-se tão atraentes quanto o permitem a natureza e o bom gosto. Depois da guerra, elas deverão vestir-se como mulheres e ter uma atitude feminina... Dir-se-á às jovens que se conduzam e andem como mulheres e por esse motivo adotarão provavelmente saias muito estreitas que as obrigarão a um modo de andar gracioso."

62 Myrdall, *American dilemma.*

63 J.-P. Sartre, *Réflexions sur la question juive*.

64 Cumpre observar que em Paris, sobre cerca de mil estátuas (excetuando as das rainhas que por motivos de ordem puramente arquitetural cercam o Luxemburgo), somente dez foram erguidas a mulheres. Três são consagradas a Joana d'Arc. As demais são de Mme de Ségur, George Sand, Sarah Bernhardt, Mme Boucicaut, baronesa de Hirsch, Maria Deraismes e Rosa Bonheur.

65 Neste ponto também os antifeministas argumentam com um equívoco. Ora, ao considerarem nula a liberdade abstrata, exaltam-se acerca do grande papel concreto que a mulher escravizada pode desempenhar neste mundo: o que ela reclama, portanto? Ora fingem ignorar o fato de que a licença negativa não abre nenhuma possibilidade concreta e censuram as mulheres abstratamente libertas por não terem dado provas de sua capacidade.

66 Na América do Norte, grandes fortunas acabam caindo nas mãos das mulheres; mais jovens do que seus maridos, sobrevivem-lhes e deles herdam. Mas, sendo então idosas, raramente tomam a iniciativa de novos empreendimentos; agem mais como usufrutuárias do que como proprietárias. São os homens, na realidade, que "dispõem" dos capitais. Como quer que seja, essas ricas privilegiadas constituem apenas uma pequena minoria. Na América do Norte, mais ainda do que na Europa, é quase impossível a uma mulher alcançar uma posição elevada como advogada, médica etc.

67 Pelo menos de acordo com a doutrina oficial.

68 Nos países anglo-saxões, a prostituição nunca foi regulamentada. Até 1900, a *Common Law* inglesa e norte-americana só a encarava como um delito quando escandalosa e suscetível de provocar desordens. Desde então, a repressão exerceu-se com maior ou menor rigor, com maior ou menor êxito, na Inglaterra e em diversos Estados dos EUA, cujas legislações são, nesse ponto, muito diferentes. Na França, em consequência de longa campanha abolicionista, a lei de 13 de abril de 1946 decretou o fechamento das casas de tolerância e a intensificação da luta contra o proxenetismo: "Considerando que a existência dessas casas é incompatível com os princípios essenciais da dignidade humana e o papel reservado à mulher na sociedade moderna..." Entretanto, a prostituição continua a existir. Não será, evidentemente, com medidas negativas e hipócritas que se poderá modificar a situação.

69 Philipp Wyllie, *Generation of Vipers*.

70 Voltaremos mais longamente ao assunto no volume II.

71 "... A mulher não é a repetição inútil do homem, mas sim o lugar encantado em que se realiza a aliança viva do homem com a natureza. Se desaparecer, os homens ficarão sós, estrangeiros sem passaporte em um mundo glacial. Ela é a própria terra elevada ao cimo da vida, a terra tornada sensível e alegre; e, sem ela, a terra é para o homem muda e morta", escreve Michel Carrouges ("Les pouvoirs de la femme", *Cahiers du sud*, n^{0}292).

72 Em *Etapas no caminho da vida*.

73 Mar, no caso, é feminino (N.T.).

74 "É a terra que cantarei, mãe universal de sólidos alicerces, venerável avó que nutre sobre o seu solo tudo o que existe", diz um hino homérico. Ésquilo também glorifica a terra que "engendra todos os seres, nutre-os e deles recebe de novo o germe fecundo".

75 "Ao pé da letra, a mulher é Ísis, a natureza fecunda. Ela é o rio e o leito do rio, a raiz e a rosa, a terra e a cerejeira, a cepa e a uva" (M. Carrouges, *Artigo citado*).

76 Ver, adiante, nosso estudo sobre Montherlant, que encarna de maneira exemplar essa atitude.

77 Deméter é o tipo da *mater dolorosa*. Mas outras deusas — Ichtar, Ártemis — são cruéis. Cali traz, na mão, um crânio cheio de sangue. "As cabeças de teus filhos mortos recentemente pendem de teu pescoço como um colar... Tua forma é bela como a das nuvens que trazem a chuva, teus pés estão encharcados de sangue", diz a ela um poeta indiano.

78 Em *Metamorfoses da libido*.

79 A diferença entre as crenças místicas e míticas e as convicções vividas dos indivíduos é aliás sensível no fato seguinte: Lévi-Strauss revela que "os jovens Nimebago visitam suas amantes aproveitando-se do segredo a que as condena o isolamento prescrito durante as regras".

80 Um médico do Cher assinalou-me que, na região onde reside, o acesso às culturas de cogumelos é, nas mesmas circunstâncias, proibido às mulheres. Discute-se, ainda hoje, a questão de saber se tais preconceitos têm algum fundamento. O único fato que o dr. Binet apresentava a favor é uma observação de Schink (citada por Vignes). Schink teria visto flores murcharem nas mãos de uma criada indisposta; os bolos com levedura feitos por essa mulher só teriam crescido três centímetros em vez de cinco, como habitualmente. Como quer que seja, esses

fatos são insignificantes e muito vagamente estabelecidos, tendo-se em conta a importância e a universalidade das crenças cuja origem é evidentemente mística.

81 Cf. Lévi-Strauss, *As estruturas elementares do parentesco*.

82 A lua é fonte de fertilidade; ela se apresenta como "o senhor das mulheres"; acredita-se muitas vezes que possui as mulheres sob a forma de um homem ou de uma serpente. A serpente é uma epifania da lua; muda de pele e regenera-se, é imortal, é uma força que distribui fecundidade e ciência. É quem guarda as fontes sagradas, a árvore da vida, a Fonte da Juventude etc. Mas é também quem tirou a imortalidade do homem. Conta-se que a serpente tem relações sexuais com as mulheres. As tradições persas e rabínicas pretendem que a menstruação é devida às relações da primeira mulher com a serpente.

83 Rabelais chama o sexo masculino "lavrador da Natureza". Já vimos a origem religiosa e histórica da assimilação falo-arado, mulher-sulco.

84 Daí o poder que se atribui às virgens nos combates; as Valquírias, a Donzela de Orléans, por exemplo.

85 A frase de Semivel citada por Bachelard (*La terre et les rêveries de la volonté*) é significativa: "Essas montanhas deitadas em círculo ao redor de mim, eu as deixara pouco a pouco de considerar como inimigos a combater, mulheres a espezinhar ou troféus a conquistar, a fim de fornecer a mim mesmo e aos outros um testemunho de meu próprio valor." A ambivalência montanha-mulher estabelece-se através da ideia comum de "inimigo a combater", de "troféu", de "testemunho" de potência.
Vemos essa reciprocidade manifestar-se, por exemplo, nos dois poemas de Senghor:

Mulher nua, mulher obscura!

Fruto maduro de carne dura, sombrios êxtases do vinho negro, boca que torna lírica a minha boca.

Savana de puros horizontes, savana que freme sob as carícias ardentes do Vento leste.

E:

Oh! Congo deitado em teu leito de florestas, rainha sobre a África domada

Que os falos dos montes ergam bem alto teu pavilhão

Porque és mulher pela minha cabeça, pela minha língua, porque és mulher pelo meu ventre.

(N.T.) — *Rivière* — rio — feminino em francês, dá a imagem do rio-mulher.

86 "Os hotentotes, entre os quais a esteatopigia não está tão desenvolvida nem é tão comum como entre as mulheres boximanes, consideram estética essa deformação, e malaxam as nádegas de suas filhas desde a infância para desenvolvê-las. Do mesmo modo, a engorda artificial das mulheres, verdadeira "ceva" cujos processos essenciais são a imobilidade e a ingestão abundante de alimentos apropriados, do leite em particular, também se pratica em diversas regiões da África. É igualmente praticada pelos citadinos abastados árabes e israelitas da Argélia, da Tunísia e do Marrocos." (Luquet, *Journal de Psychologie*, 1934. "Les Vénus dês cavernes.")

87 No bailado de Prévert, *Le Rendez-vous*, e no de Cocteau, *Le Jeune homme et la mort*, por exemplo, a morte é representada sob os traços da jovem amada.

88 Até o fim do século XII, os teólogos — com exceção de santo Anselmo — consideram, segundo a doutrina de santo Agostinho, que o pecado original está implícito na própria lei da geração: "A concupiscência é um vício... a carne humana que nasce dela é uma carne de pecado", diz santo Agostinho. E são Tomás: "A união dos sexos, acompanhando-se, desde o pecado, de concupiscência, transmite o pecado original ao filho."

89 Mostramos que o mito do louva-a-deus não tem nenhum fundamento biológico.

90 Daí o lugar privilegiado que ela ocupa, por exemplo, na obra de Claudel. Ver p. 307-17.

91 Cumpriria citar aqui todo o poema de Michel Leiris intitulado *La Mère*. Eis alguns trechos característicos:
A mãe de preto, roxo, violeta — ladra das noites — é a feiticeira cuja indústria secreta vos põe no mundo, vos embala, vos acarinha, vos deita no esquife, quando não abandona — último brinquedo — a vossas mãos, que o colocam gentilmente no ataúde, o corpo encarquilhado (...)
A mãe — estátua cega, fatalidade erguida no centro do santuário inviolado — é a natureza que vos acaricia, o vento que vos incensa, o mundo que por inteiro vos penetra, vos eleva ao céu (transportado sobre múltiplas espiras) e vos apodrece (...)
A mãe — jovem ou velha, bela ou feia, misericordiosa ou obstinada — é a caricatura, o ciumento monstro mulher, o Protótipo decaído — se é que a Ideia (pítia fanada, encarapitada no tripé de sua austera maiúscula) não é senão a paródia dos pensamentos vivos, leves, furta-cores...
A mãe — de anca avantajada ou seca, de seio flácido ou duro — é o declínio destinado, desde a origem, a toda mulher, o esfarelamento progressivo da rocha faiscante sob o fluxo dos mênstruos, o lento sepultamento — na areia do deserto idoso — da caravana luxuriante e carregada de beleza.
A mãe — anjo da morte que espia, do universo que enlaça, do amor que a vaga do tempo rejeita — é a concha de insensato desenho (sinal de veneno certo) a ser jogada nos tanques profundos, geradora de círculos para as águas

esquecidas.

A mãe — poça sombria, eternamente enlutada de tudo e de nós mesmos — é a pestilência vaporosa que se irisa e estoura, inchando bolha por bolha sua grande sombra bestial (vergonha de carne e leite), duro véu que um raio ainda por nascer deveria rasgar.

.....

Pensará porventura algum dia, uma dessas inocentes porcalhonas, em se arrastar descalça através dos séculos para perdão deste crime: ter-nos engendrado?

92 *Douce, pensive et brune et jamais étonnée,*
Et qui parfois vous baise au front comme un enfant;

93 Ver a nota da p. 230.

94 Ela é alegórica no vergonhoso poema que Claudel cometeu recentemente e em que chama a Indo-China "esta mulher amarela"; ela é afetiva, ao contrário, nos versos do poeta negro:
A alma do negro país onde dormem os antigos

vive e fala

esta noite

na força inquieta ao longo de teus rins côncavos.

95 *Crayonné au théâtre.*

96 *Harmonieuse moi différente d'un songe*
Femme flexible et ferme aux silence suivis

D'actes purs!...

Mystérieuse moi...

97 A filologia é neste ponto um tanto misteriosa; todos os linguistas concordam em reconhecer que a distribuição das palavras concretas em gêneros é puramente acidental. Entretanto, em francês, as entidades são em sua maioria do gênero feminino: beleza, lealdade etc. E, em alemão, em geral as palavras importadas, estrangeiras, *outras*, são femininas: *die Bar*etc.

98 É inútil dizer que exibem, em verdade, qualidades intelectuais perfeitamente idênticas às dos homens.

99 Os romances policiais norte-americanos — ou escritos à maneira norte-ame-ricana — constituem um exemplo típico. Os heróis de Peter Cheyney, entre outros, andam sempre às voltas com uma mulher extremamente perigosa, indomável para qualquer outro que não eles; após um duelo que se desenrola durante todo o romance, ela é finalmente vencida por Campion ou Callagham e cai-lhe nos braços.

100 Em *La Condition humaine*.

101 *La Condition humaine*.

102 "O homem criou a mulher, com quê? Com uma costela de seu deus, de seu ideal." (Nietzsche, *O crepúsculo dos ídolos.*)

103 Em *In vino veritas*.

104 *... J'ai l'art de toutes les écoles*
J'ai des âmes pour tous les goûts

Cueillez la fleur de mes visages

Buvez ma bouche et non ma voix

Et n'en cherchez pas davantage:

Nul n'y vit clair pas même moi.

Nos amours ne sont pas égales

Pour que je vous tende la main

Vous n'êtes que de naïfs mâles

Jê suis l'Éternel féminin!

Mon But se perd dans les Étoiles!

C'est moi qui suis la Grande Isis!

Nul ne m'a retroussé mon voile

Ne songez qu'à mes oasis…

105 Viu-se que foi na Grécia e na Idade Média o tema de numerosas lamentações.

106 Marcel Schwob expõe poeticamente esse mito no *Livre de Monelle*. "Falarei a ti das humildes prostitutas e saberás o começo... Sabes, elas dão um grito de compaixão e nos acariciam a mão com sua descarnada mão. Só elas nos compreendem quando somos muito desgraçados; choram conosco e consolam-nos... Nenhuma delas, sabes, pode ficar conosco. Sentir-se-iam demasiado tristes e têm vergonha de ficar quando paramos de chorar, não ousam olhar-nos. Elas nos ensinam a lição que lhes cabe ensinar e se vão. Elas vêm através da chuva e do frio beijar-nos a fronte e enxugar-nos as lágrimas e as horríveis trevas as recuperam... Não se deve pensar no que puderam fazer dentro das trevas."

107 O exemplo de Stendhal é claro.

108 Em *Sur les femmes*.

109 *Sur les femmes*.

110 *Le Songe*.

111 *Sur les femmes*.

112 *Les Jeunes filles*.

113 *Les Jeunes filles*.

114 *Les Jeunes filles*.

115 Este processo é o que Adler considera como a origem clássica das psicoses. O indivíduo dividido entre a "vontade de poder" e um "complexo de inferioridade" estabelece entre si e a sociedade a maior distância possível a fim de não ter que enfrentar a prova do real. Sabe que minaria as pretensões que só pode manter à sombra da má-fé.

116 De *Le Songe*.

117 *Le Songe*.

118 De *La Petite infante de Castille*.

119 *Ibid*.

120 *Les Jeunes filles*.

121 *Ibid*.

122 *Ibid*.

123 *Les Jeunes filles*.

124 *La Petite infante de Castille*.

125 De *Le Songe*.

126 *Les Jeunes filles*.

127 *Ibid*.

128 *Ibid*.

129 *Les Jeunes filles*.

130 *Ibid*.

131 *Les Jeunes filles*.

132 *La Petite infante de Castille*.

133 *Le Maître de Santiago*.

134 *Le Solstice de juin*.

135 Em *Le Solstice de juin*.

136 Em *Le Solstice de juin*.

137 *Ibid*.

138 *L'Équinoxe de septembre*.

139 Em *Aux fontaines du désir*.

140 *Aux fontaines du désir*.

141 *La Possession de soi-même*.

142 *Le Solstice de juin*.

143 *Aux fontaines du désir.*

144 Em *Aux fontaines du désir.*

145 *Aux fontaines du désir*.

146 Em *Le Solstice de juin*.

147 "Reclamamos um organismo que tenha poder discricionário para deter tudo o que julgue ser nocivo à qualidade humana francesa. Uma espécie de inquisição em nome da qualidade humana francesa." (*Le Solstice de juin*.)

148 De *Les Jeunes filles*.

149 *Le Solstice de juin*.

150 *Le Solstice de juin*.
151 Escreve em *Le Solstice de juin*.

152 Em *Mulheres amorosas*.
153 *Mulheres amorosas*.
154 De *Mulheres amorosas*.
155 De *Filhos e amantes*.
156 De *Mulheres amorosas*.
157 No Prefácio ao *Amante de Lady Chatterley*.
158 *Fantasia do inconsciente*.
159 *Fantasia do inconsciente*.
160 *Ibid*.
161 *Ibid*.
162 *Ibid*.
163 *Fantasia do inconsciente*.
164 *Mulheres amorosas*.
165 *Fantasia do inconsciente*.
166 De *Mulheres amorosas*.
167 De *Amantes e filhos*.
168 Em *A serpente emplumada*.
169 Com exceção de Paul, de *Amantes e filhos*, o mais vivo de todos. Mas é o único romance que nos mostra um aprendizado masculino.
170 *Le Partage de midi*.
171 *Les Aventures de Sophie.*
172 *La Cantate à trois voix*.
173 *Conversations dans le loir-et-cher*.
174 *Le Soulier de satin*.
175 *L'Annonce faite à Marie*.
176 *Les Aventures de Sophie*.
177 De *L'Échange*.
178 *Les Aventures de Sophie*.
179 *L'Oiseau noir dans le soleil levant*.
180 *Le Soulier de satin*.
181 *Positions et propositions*.
182 *La Ville*.
183 *Le Soulier de satin*.
184 *Ibid*.
185 *L'Annonce faite à Marie*.
186 *La Jeune fille Violaine*.
187 *La Ville*.
188 *Le Soulier de satin*.
189 *Le Soulier de satin*.
190 *La Ville*.
191 *Le Pain dur*.
192 *La Ville*.
193 *Le Partage de midi*.
194 *La Cantate à troix voix*.
195 *La Cantate à trois voix*.
196 *La Cantate à trois voix*.
197 *Positions et propositions,* II.
198 *Le Soulier de satin*.
199 *Le Livre de Tobie et de Sarah*.
200 *Le Père humilié*.
201 *Le Soulier de satin*.
202 *Le Père humilié*.
203 *Feuilles de saints*.
204 *Le Soulier de satin*.
205 *Fauilles de saints*.
206 *Ibid*.
207 *Le Soulier de satin*.

208 *Positions et propositions,* I.
209 *Le Soulier de satin*.
210 *Le Père humilié*.

211 De *L'Otage*.
212 *La Ville*.
213 *L'Échange*.
214 De *L'Échange*.
215 *L'Otage*
216 *L'Otage*.
217 *Le Soulier de satin*.
218 *Ibid*.
219 *Ibid*.
220 *Ibid*.
221 *La Jeune fille Violaine*.
222 *Le Soulier de satin*.
223 É de Breton o grifo.
224 Trata-se de um trocadilho intraduzível: "Ondina, janta-se" (N.T.).
225 O grifo é de Breton.
226 O grifo é de Breton.
227 O grifo é de Stendhal.
228 Stendhal julgou de antemão as crueldades com que se diverte Montherlant: "Na indiferença que fazer: O amor-prazer, mas sem os horrores. Os horrores vêm sempre de uma alma pequena que precisa tranquilizar-se acerca de seus próprios méritos."
229 *Nadja.*
230 Cf. Balzac, *Physiologie du mariage*: "Não vos inquieteis absolutamente com esses murmúrios, esses gritos, essas dores; *a natureza fê-la para nosso uso*, e para tudo aguentar: filhos, tristezas, pancadas e penas do homem. Não vos acuseis de dureza. Em todos os códigos das nações ditas civilizadas, o homem escreveu as leis que regulam o destino das mulheres sob essa epígrafe sangrenta: *"Vae victis"*Desgraçados sejam os fracos!"
231 Laforgue diz ainda a propósito da mulher: "Como a deixaram na escravidão, na ociosidade, sem outra ocupação nem arma senão o sexo, ela o hipertrofiou e tornou-se o Feminino... nós a deixamos hipertrofiar-se; ela está no mundo para nós... Pois bem! Tudo isso é falso... Com a mulher brincamos até agora de boneca. Isso já durou demais!..."
232 Em novembro de 1948.
233 Breton, *Arcane 17*.
234 Rimbaud, *Lettre à P. Demeny, 15 mai 1872*.
235 Judith Gautier conta em suas recordações que chorou e definhou de tal maneira, quando a separaram de sua ama, que foi preciso reuni-las novamente. Só foi desmamada muito depois.
236 Esta teoria é proposta pelo dr. Lacan nos *Complexes familiaux dans la formation de l'individu*. Esse fato, de importância primordial, explicaria por que, no curso de seu desenvolvimento, "o eu conserva a figura ambígua do espetáculo".
237 Em *L'Orange bleue*, Yassu Gauclère diz a propósito do pai: "Seu bom humor parecia-me tão temível quanto suas impaciências porque nada me explica o que o podia motivar... Incerta de seus movimentos de humor tanto quanto o fora dos caprichos de um Deus, eu o reverenciava com inquietação... Lançava minhas palavras como se estivesse jogando cara ou coroa, perguntando-me que acolhimento lhes seria dado." E mais adiante ela conta o seguinte caso: "Como um dia, depois de ter sido repreendida, começasse minha ladainha — mesa velha, escovão, forno, bacia, garrafa de leite, frigideira etc. —, mamãe ouviu e caiu na gargalhada. Dias depois, tentei utilizar a mesma ladainha para abrandar minha mãe que novamente havia me repreendido; triste ideia: em vez de diverti-la, só consegui redobrar sua severidade, o que me acarretou uma punição suplementar. Disse a mim mesma que a conduta dos grandes era decididamente incompreensível."
238 "...E já começava a exercitar a piroca que todos os dias suas governantas enfeitavam com lindos ramalhetes, fitas bonitas, belas flores, vistosas borlas, passando o tempo a alisá-la como se fosse um tubo de unguento e arrebentando de rir quando ela endurecia, como se a brincadeira lhes agradasse. Uma a chamava de meu batoquinho, outra de meu pinhão, outra de meu tronco de coral, outra de meu tampão, minha rolha, minha varinha, meu boticão, minha verruma, meu penduricalho etc..." (Tradução de Aristides Lobo.)
239 A. Balint, *La Vie intime de l'enfant*; cf. vol. I, p.68-9.
240 Ver vol. I, p. 80-2.
241 Além das obras de Freud e Adler, existe sobre o assunto uma abundante literatura. Abraham foi o primeiro a emitir a ideia de que a menina considerava seu sexo como um ferimento resultante de uma mutilação. Karen Horney, Jones, Jeanne Lampt de Groot, H. Deutsch, A. Balint estudaram a questão de um ponto de vista

psicanalítico. Saussure procura conciliar a psicanálise com as ideias de Piaget e Luquet. *Ver também Pollack, Les Idées des enfants sur la différence des sexes*.

242 Citado por A. Balint.

243 "The genesis of castration complex in women", *The International Journal of Psycho-analysis*, 1923-24.

244 Cf. Montherlant, *Les Chenilles e Solstice de Juin*.

245 Ver vol. I, primeira parte, cap. 2.

246 Em certos casos é, entretanto, manifesta.

247 Em *O ondinismo.*

248 Alusão a um episódio que contara anteriormente; tinham inaugurado, em Portsmouth, um mictório moderno para mulheres, que exigia posição vertical: todas elas saíam imediatamente após terem entrado.

249 O grifo é de Florrie.

250 "Psychogenèse et Psychanalyse",*Revue Française de Psychanalyse*, 1933.

251 Cf. H. Deutsch, *Psychology of Women*. Ela cita também a autoridade de R. Abraham e J.H. Wram Ophingsen.

252 A analogia entre a mulher e a boneca mantém-se na idade adulta; em francês, refere-se geralmente a uma mulher como boneca; em inglês, uma mulher enfeitada está *dolled up*.

253 Pelo menos em sua primeira infância. No estado atual da sociedade, os conflitos da adolescência poderão, ao contrário, exagerar-se com isso.

254 Há naturalmente bom número de exceções: mas o papel da mãe na educação do filho homem não pode ser estudado aqui.

255 Jung, *Os conflitos da alma infantil*.

256 Tratava-se de um irmão mais velho, fictício, que desempenhava papel importante em seus jogos.

257 "Sua generosa pessoa inspirava-me um grande amor e um medo enorme..." diz Mme de Noailles falando do pai. "Ele antes de tudo me espantava. O primeiro homem espanta uma menina. Eu sentia bem que tudo dependia dele."

258 É digno de nota o fato de que o culto do pai se encontre principalmente na mais velha das filhas; o homem interessa-se mais por uma primeira paternidade; muitas vezes é ele quem consola a filha, como consola o filho quando a mãe é monopolizada pelos novos filhos, e a filha se apega ardentemente a ele. A caçula, ao contrário, nunca possui o pai sem partilha; ela tem em geral ciúmes dele e da irmã mais velha; ou ela se fixa nessa primogênita que a complacência do pai reveste de grande prestígio, ou se volta para a mãe, ou se revolta contra a família e procura apoio fora. Nas famílias numerosas, a caçula encontra de outra maneira um lugar privilegiado. Naturalmente, numerosas circunstâncias podem motivar predileções singulares no pai. Mas quase todos os casos que conheço confirmam essa observação acerca das atitudes invertidas da mais velha e da mais jovem.

259 "Por outro lado, não sofria mais de minha incapacidade de *ver*Deus porque conseguira desde pouco tempo imaginá-lo com os traços de meu falecido avô; essa imagem, na verdade, era mais humana do que divina; eu logo a divinizei separando a cabeça de meu avô do busto e colocando-a mentalmente no fundo de um céu azul onde nuvens brancas lhe serviam de colar", conta Yassu Gauclère em *L'Orange bleue*.

260 Está fora de dúvida que as mulheres são infinitamente mais passivas, entregues ao homem, servis e humilhadas nos países católicos: Itália, Espanha, França, do que nos países protestantes; países escandinavos e anglo-saxões. E isso vem em grande parte de sua própria atitude: o culto da Virgem, a confissão etc, convida-as ao masoquismo.

261 *Mon Bien-Aimé de ton premier sourire*
Fais-moi bientôt entrevoir la douceur.

Ah! laisse-moi dans mon brâlant délire,

Oui, laisse-moi me cacher en ton coeur!

262 Audry, *Aux yeux du souvenir.*

263 Ao contrário das fantasias masoquistas de M. Le Hardouin, as de Colette Audry são do tipo sádico. Ela deseja que o bem-amado seja ferido, esteja em perigo, salva-o heroicamente, não sem o ter humilhado. É uma nota pessoal, característica de uma mulher que não aceitará nunca a passividade e procurará conquistar sua autonomia de ser humano.

264 Cf. V. Leduc, *L'Asphyxie*; S. De Tervagnes, *La Haine maternelle*; H. Bazin, *Vipère au poing*.

265 Há exceção, por exemplo, em uma escola suíça em que meninos e meninas participando da mesma educação mista, em condições privilegiadas de conforto e de liberdade, se declaram todos satisfeitos; mas tais circunstâncias são excepcionais. Seguramente as meninas *poderiam*ser tão felizes quanto os meninos; mas na sociedade atual não o são em verdade.

266 Cf. R. Wright, *Filho nativo.*

267 Cf. vol. I, p. 20-2.

268 Citado pelo dr. Liepmann em *Jeunesse et sexualité.*

269 "Cheia de repugnância suplicava a Deus que me concedesse uma vocação religiosa, que me permitisse não obedecer às leis da maternidade. E depois de ter longamente pensado nos mistérios repugnantes que, sem querer, escondia de mim mesma, fortalecida por tanta repulsa como por um sinal divino, concluía: a castidade é certamente minha vocação", escreve Yassu Gauclère em *L'Orange bleue*. Entre outras, a ideia de perfuração a horrorizava. "Era isso então o que tornava terrível a noite de núpcias! Essa descoberta transtornou-me, acrescentando à repugnância que já sentia anteriormente o terror físico dessa operação que eu imaginava extremamente dolorosa. Meu terror teria ainda aumentado se tivesse suposto que pela mesma via ocorria o nascimento, mas tendo sabido de há muito que os filhos nasciam no ventre da mãe, eu acreditava que dele se destacavam por segmentação."

270 Descrevemos no vol. I, primeira parte, cap. 1, os processos propriamente fisiológicos dessa crise.

271 Stekel, *A mulher frígida.*

272 Ibidem.

273 Cf. os trabalhos de Daly e Chadwick, citados por H. Deutsch em *Psychology of Women*.

274 Monnier, *Moi*.

275 Traduzido por Clara Malraux.

276 Fantasiada de homem durante a Fronda, Mme de Chevreuse, após uma longa jornada a cavalo, viu-se desmascarada por causa das manchas de sangue na sela.

277 Cf. dr. Liepmann, *Jeunesse et sexualité.*

278 Trata-se de uma jovem pertencente a uma família berlinense miserável.

279 Citada também por H. Deutsch, *Psychology of Women.*

280 Salvo, bem entendido, nos casos bastante numerosos em que a intervenção direta ou indireta dos pais, ou escrúpulos religiosos, fazem disso um pecado. As meninas foram de vez em quando submetidas a perseguições abomináveis, sob o pretexto de livrar-lhes dos "maus hábitos".

281 Stekel, *A mulher frígida.*

282 Liepmann, *Jeunesse et sexualité.*

283 Ibidem.

284 Cf. H. Deutsch, *Psychology of Women*, 1946.

285 Monnier, *Moi*.

286 Citada por H. Deutsch.

287 Citado por Liepmann, *Jeunesse et sexualité.*

288 *Je suis le petit carnet*
Gentil joli et discret

Confie-moi tous tes secrets

Je suis le petit carnet.

Citado por Debesse, *La Crise d'originalité juvénile.*

289 Citado por Marguerite Evard, *L'Adolescente*.

290 Segundo Borel e Robin, *Les réveries morbides*. Citado por Minkowski, *La Schizophrénie*.

291 Citado por Mendousse em *L'Âme de l'adolescente.*

292 Citado por Marguerite Évard, *L'Adolescente.*

293 Idem.

294 Liepmann, *Jeunesse et sexualité.*

295 *Nos corps sont pour leur corps un fraternel miroir,*
Nos lunaires baisers ont de pâles douceurs,

Nos doigts ne froissent point le duvet d'une joue

Et nous pouvons quand la ceinture se dénoue

Être tout à la fois dês amants et des soeurs.

— L'Heure des mains jointes.

296 *Car nous aimons la grâce et la délicatessen*
Et ma possession ne meurtrit pas tes seins…

Ma bouche ne saurait mordre âprement ta bouche.

— Sillages.

297 Cf. vol. II, primeira parte, cap. 4.
298 Deutsch, *Psychology of Women.*
299 Hardouin,*La Voile noire.*
300 Stekel, *A mulher frígida.*

301 Cf. Ibsen,*Solness, o construtor*.
302 Colette, *Sido*.
303 Voltaremos a referir-nos aos caracteres singulares da mística feminina.
304 Citado por Debesse, *La Crise d'originalité de l'adolescente.*
305 Woolf, *As vagas*.
306 Cf. *Sarn*, de Mary Webb.
307 Vol. I, primeira parte, cap. 1.
308 A não ser que se pratique a excisão, comum entre certos povos primitivos.
309 Em francês, "ravir" tem tanto o sentido de *seduzir*,*encantar*,como o de*arrebatar e tirar*.(N.T.)
310 Verifica-se que o pênis artificial tem sido usado sem interrupção desde nossos dias até a Antiguidade clássica e mesmo anteriormente. Eis uma lista de objetos encontrados nestes últimos anos em vaginas ou bexigas e que só puderam ser extraídos por meio de operações cirúrgicas: lápis, pedaços de cera para selar cartas, grampos, bobinas, alfinetes de osso, modelador de cachos, agulhas de coser e de fazer tricô, estojos de agulhas, compassos, rolhas de cristal e de cortiça, velas, canecas, garfos, palitos, escovas de dentes, potes de pomada (em um caso citado por Schroeder o pote continha um besouro e era portanto um substituto do *rinutama*japonês), ovos de galinha etc. Os objetos grandes foram encontrados naturalmente na vagina de mulheres casadas (H. Ellis, *Estudos de psicologia sexual*,vol. I).
311 Em francês, "avoir quelqu'un" quer dizer ser mais esperto, ganhar, pegar na curva. E "baiser", a palavra grosseira para o ato sexual. (N.T.)
312 Benda, *Le Rapport d'Uriel.*
313 Cf. *A mulher frígida*.
314 *Je suis femme, je n'ai pas droit à la beauté*
...On m'avait condamnée aux laideurs masculines

On m'avait interdit tes cheveux, tes prunelles

Parce que les cheveux sont longs et pleins d'odeurs.

315 Veremos adiante que pode haver razões de ordem psicológica que modificam sua atitude imediata.
316 Stekel, *A mulher frígida*.
317 Publicadas em francês com o título de *Jeunesse et sexualité.*
318 Cf. *Minha vida*
319 Sem dúvida a posição pode ser invertida. Mas nas primeiras experiências é extremamente raro que o homem não pratique o coito dito normal.
320 *Physiologie du Mariage.* No *Bréviaire de l'amour experimental*, Jules Guyot diz também do marido: "É o menestrel que produz a harmonia ou a cacofonia com a mão e o arco. A mulher, desse ponto de vista, é realmente o instrumento de várias cordas que produzirá sons harmoniosos ou dissonantes segundo quem a afinou."
321 Cf. *A mulher frígida.*
322 *Juvenal.* Todavia, ardendo de volúpia, retira-se ela esgotada, porém insatisfeita. (N.T.)
323 Lawrence viu muito bem a oposição entre essas duas formas eróticas. Mas é arbitrário declarar, como fez, que a mulher não *deve* conhecer o orgasmo. Se é um erro procurar provocá-lo a qualquer preço, é também um erro recusá-lo de qualquer maneira como faz D. Cipriano em *Serpente emplumada.*
324 Hardouin, *La Voile noire*.
325 Cf. J.-P. Sartre, *L'Être et le Néant*.
326 Uma mulher heterossexual tem facilmente amizade por certos pederastas porque encontra segurança e divertimento nessas relações assexuadas. Mas, em conjunto, sente hostilidade contra esses homens que, em si ou em outrem, degradam o macho soberano, transformando-o em coisa passiva.
327 É interessante notar que o código inglês pune a homossexualidade nos homens e não a considera um delito nas mulheres.
328 Audry, *Aux yeux du souvenir*.
329 Dalbiez, *La Méthode psychanalytique et la doctrine freudienne.*
330 Como no romance de Dorothy Baker, *Trio*, aliás muito artificial.
331 Colette, *Ces plaisirs*.
332 *Notre cœur est semblable en notre sein de femme*

Très chère! Notre corps est pareillement fait

Un même destin lourd a pesé sur notre âme

Je traduis ton sourrire et l'ombre sur ta face

Ma douceur est égale à ta grande douceur

Porfois même il nous semble être de même race

J'aime en toi mon enfant, mona amie et ma sœur

— Sortilèges.

333 *Viens, je t'emporterai comme une enfant malade*
Comme une enfant plaintive et craintive et malade

Entre mes bras nerveux, j'étreins ton corps léger

Tu verras que je sais guérir et protéger

Et que me bras sont faits pour mieux te protéger.

Je t'aime d'être faible et calme entre mes bras

Ainsi qu'um berceau tiède ou tu reposeras

334 *— L'Heure dês mains jointes.*

335 Monnier, *Moi*.

336 Uma heterossexual que acredita — ou quer persuadir-se — que transcende com seu valor a diferença dos sexos terá às vezes a mesma atitude: Mme de Staël, por exemplo.

337 O *Poço de solidão* apresenta uma heroína marcada por uma fatalidade psicofisiológica. Mas o valor documentário desse romance é muito pequeno a despeito da reputação que teve.

338 Ver vol. I.

339 Ver vol. I.

340 Essa evolução verificou-se de maneira descontínua. Repetiu-se no Egito, em Roma, na civilização moderna; ver vol. I, segunda parte, *História*.

341 Daí o caráter singular da jovem viúva na literatura erótica.

342 Cf. vol. I. Encontra-se esta tese em são Paulo, nos padres da Igreja, em Rousseau, Proudhon, Auguste Comte, D.H. Lawrence etc.

343 Colette, *La Maison de Claudine*.

344 Cf. Leplae, *Les Fiançailles*.

345 Cf. Claire Leplae, *Les Fiançailles*.

346 Naturalmente o adágio "um buraco é sempre um buraco" égrosseiramente humorístico; o homem procura alguma coisa mais do que o prazer bruto; entretanto, a prosperidade de certas casas de tolerância basta para provar que o homem pode encontrar satisfação com qualquer mulher.

347 Há quem sustente, por exemplo, que as dores do parto são necessárias ao desabrochar do instinto materno: corças que pariram sob o efeito de um anestésico teriam se desinteressado dos filhotes. Os fatos alegados permanecem muito vagos; e a mulher não é, em todo caso, uma corça. A verdade é que certos homens se escandalizam com que os encargos da maternidade sejam aliviados.

348 Ainda em nossos dias a pretensão da mulher ao prazer suscita cóleras masculinas; a este propósito o opúsculo do dr. Grémillon, *La Verité sur l'orgasme vénérien de la femme* é um documento espantoso. O prefácio nos previne de que o autor, herói da guerra de 14-18, que salvou a vida de 54 prisioneiros alemães, é um homem da mais alta moralidade. Atacando violentamente a obra de Stekel sobre a mulher frígida, declara entre outras coisas: "*A mulher normal, a boa poedeira, não tem orgasmo venéreo.* Numerosas são as mães (e as melhores) que nunca experimentaram o espasmo mirífico... As zonas erógenas, o mais das vezes latentes, não são naturais e sim artificiais. Orgulham-se com sua aquisição mas são estigmas de decadência…Diga-se tudo isso ao Homem do prazer, ele não o levará em consideração. Ele quer que sua companheira de turpitude tenha um orgasmo venéreo e ela o terá. Se não existe, será criado. A mulher moderna quer que a façam vibrar. Nós lhe respondemos: 'Senhora, não temos tempo e isso nos é proibido pela higiene!'... O criador das zonas erógenas trabalha contra si próprio: cria insaciáveis. A 'vampira' pode, sem cansaço, esgotar numerosos maridos... a 'zoneada' torna-se uma nova mulher com um novo estado de espírito, por vezes uma mulher terrível, capaz de ir até o crime... Não haverá

neurose nem psicose se se estivesse persuadido de que fazer amor é um ato tão indiferente como o de comer, urinar, defecar, dormir..."

349 Em *In vino veritas.*

350 *Reflexões sobre o casamento.*

351 Ver vol. I, terceira parte, *Os mitos*.

352 "Ainda hoje em certas regiões dos Estados Unidos, os imigrantes de primeira geração enviam o lençol ensanguentado à família que ficou na Europa como prova da consumação do casamento", diz o relatório de Kinsey.

353 Cf. *La Maison de Claudine.*

354 Stekel, *Estados nervosos de angústia.*

355 Cf. *La Nuit remue.*

356 Ver as observações de Stekel citadas no capítulo precedente.

357 Cf. *Psychology of Women.*

358 Nós a resumimos segundo Stekel:*A mulher frígida.*

359 Cf. *Surles femmes.*

360 Colette, *La Vagabonde.*

361 *As vagas.*

362 Bachelard, *La Terre et les rêveries du repos.*

363 Cf. Liasses, *La Lessiveuse.*

364 Cf. Agee, *Let Us Now Praise Famous Men.*

365 *On joue perdant*.

366 Jouhandeau,*Chroniques maritales.*

367 Leduc, *L'Affamée*.

368 Bachelard, *La Terre et les rêveries de la volonté.*

369 Cf. *Too bad!*

370 A literatura do fim do século XIX situa de bom grado o defloramento no carro dormitório, o que é uma maneira de situá-lo em "parte alguma".

371 Colette, *La Maison de Claudine.*

372 Janet, *Les Obsessions et la psychasthénie.*

373 Cf. Mauriac, *Thérèse Desqueyroux.*

374 *Ève.*

375 "Quando estava em casa de meu pai, ele dizia-me todas as suas maneiras de ver e eu tinha então as mesmas; e se tinha outras, escondia-as, pois ele não teria gostado disso... Das mãos de papai passei para as tuas... Tudo arranjavas como querias e eu tive o mesmo gosto ou fingi tê-lo; não sei bem; creio que houve as duas coisas, ora uma, ora outra. Meu pai e tu prejudicaram-me muito. É culpa vossa, se não fui capaz de nada."

376 Helmer diz a Nora: "Acreditas que me sejas menos cara porque não sabes agir com tua própria cabeça? Não, não; basta que te apoies em mim; eu te aconselharei, eu te dirigirei. Não seria um homem, se essa incapacidade feminina, precisamente, não te tornasse duplamente sedutora a meus olhos... Descansa bem e sossega: tenho asas bastante grandes para te proteger... Há para o homem uma doçura e uma satisfação indizíveis na plena consciência de ter perdoado a mulher... Ela torna-se assim, a um tempo, sua mulher e sua filha. É o que serás para mim doravante, pequeno ser desesperado e desnorteado. Não te preocupes com nada, Nora; fala-me tão somente de coração aberto e eu serei ao mesmo tempo tua vontade e tua consciência".

377 Cf. Lawrence, *Fantasia do inconsciente*:"Você deve lutar para que sua mulher veja em você um homem de verdade, um pioneiro de verdade. Ninguém é homem, se a mulher nele não vêum pioneiro... E deve lutar duramente para que sua mulher submeta, ao seu, o objetivo dela... Que vida maravilhosa então! Que delícia voltar à noite para junto dela e encontrá-la ansiosa à sua espera! Que doçura voltar para casa e sentar-se ao lado dela... Como a gente se sente rico e pleno com todo o labor do dia nos rins pelo caminho da volta... Experimenta-se uma gratidão insondável pela mulher que o ama, que acredita na tarefa da gente."

378 Jouhandeau, *Chroniques maritales* e *Nouvelles chroniques maritales.*

379 Pode haver amor dentro do casamento; mas então não se fala de "amor conjugal"; quando se pronunciam estas palavras, o amor está ausente; do mesmo modo quando se diz de um homem que ele é "*muito*comunista" já se está dizendo que não é um comunista; um "homem muito honesto" é um homem que não pertence à simples categoria dos homens honestos etc.

380 Cf. Jouhandeau, *Chroniques maritales.*

381 Há, por vezes, uma colaboração *verdadeira* entre o homem e a mulher, colaboração em que os dois são igualmente autônomos: como, por exemplo, no caso do casal Joliot-Curie. Mas então a mulher, tão competente quanto o marido, larga o papel de esposa; as relações entre ambos não são mais de ordem conjugal. Há também mulheres que se valem do marido para atingir objetivos mais pessoais; escapam, assim, à condição de mulher casada.

382 Cf. Vol. II, segunda parte, cap. 3.
383 Scott, *O retrato de Zélida.*
384 G. Scott.
385 *Les Causes du suicide*. A observação citada aplica-se à França e à Suíça, mas não à Hungria nem ao Oldenburgo.
386 Ibsen, *A casa de bonecas.*
387 Cf. vol. I, p. 177 e segs., em que se encontrará um histórico da questão do controle de natalidade e do aborto.
388 Liepmann, *Jeunesse et sexualité.*
389 Deutsch, *Psychology of Women.*
390 *A mulher frígida.*
391 *N. Hale.*
392 *On joue perdant*, "l'Enfant".
393 Arthus, *Le Mariage.*
394 H. Deutsch afirma ter verificado que a criança nasceu realmente dez meses depois de concebida.
395 Cf. *On joue perdant*,"L'Enfant".
396 Cf. vol. I, primeira parte, cap. 1.
397 Citaram-me precisamente o caso de um homem que, durante os primeiros meses da gravidez da mulher — que no entanto ele amava pouco — apresentou exatamente os mesmos sintomas de náusea, de vertigem e de vômitos que se observam nas mulheres grávidas. Traduziam evidentemente, de uma maneira histérica, conflitos inconscientes.
398 Arthus, *Le Mariage.*
399 *Tu m'appartiens ainsi que l'aurore à la plaine*
Autour de toi ma vie est une chaude laine

Où tes membres frileux poussent dans le secret.

Ô toi que je cajole avec crainte dans l'ouate

Petite âme en bourgeon attachée à ma fleur

D'un morceau de mon coeur je façonne ton coeur

O mon fruit cotonneux, petite bouche moite.

400 Já disse que certos antifeministas se indignavam em nome da natureza e da Bíblia por pretenderem suprimir os sofrimentos do parto; tais sofrimentos seriam uma das fontes do "instinto" materno. H. Deutsch parece seduzida por essa opinião; quando a mãe não sentiu o trabalho do parto, não reconhece profundamente o filho como seu no momento em que lhe apresentam, diz ela; entretanto reconhece que o mesmo sentimento de vazio e estranheza se encontra também nas parturientes que sofreram; e sustenta em seu livro que o amor materno é um sentimento, uma atitude consciente e não um instinto: que não está necessariamente ligado à gravidez; a seu ver, uma mulher pode amar maternalmente um filho adotivo, o filho que o marido teve do primeiro casamento etc. Essa contradição provém evidentemente do fato de ter ela destinado a mulher ao masoquismo e de que sua tese a obriga a conceder um grande valor aos sofrimentos femininos.
401 Paciente cuja confissão, que parcialmente resumimos, foi recolhida por Stekel.
402 *Je suis la ruche sans parole*
Dont l'essaim est parti dans l'air

Je n'apporte plus la becquée

De mon sang à ton frêle corps

Mon être est la maison fermée

Dont on vient d'enlever un mort.

403 *Tu n'es plus tout à moi. Ta tetê*
Réfléchit déjà d'autres cieux.

404 *Il est né, j'ai perdu mon jeune bien-aimé*
Maintenant il est né, je suis seule, je sens

S'êpouvanter en moi le vide de mon sang...

405 Colette, *On joue perdant.*

406 Colette, *L'Étoile Vesper.*
407 Mansfield,*Na baía.*
408 *Te voilà mon petit amant*
Sur le grand lit de ta maman

Je peux t'embrasser, te tenir,

Soupeser ton bel avenir;

Bonjour ma petite statue

De sang, de joie et de chair nue,

Mon petit double, mon émoi...

409 O grifo é de Sofia Tolstoi.
410 Ver vol. I. Há exceção para os pederastas que, precisamente, se apreendem como objetos sexuais; e também para os dândis, que deveríamos estudar em separado. Hoje, em particular, o *zuitsuitismo* dos negros dos Estados Unidos, que se vestem com roupas claras de corte extravagante, explica-se por motivos muito complexos.
411 Vol. I, terceira parte, cap. 1.
412 Sandor, cujo caso Krafft-Ebbing relatou, adorava as mulheres bem-vestidas, mas não "se arranjava".
413 Em um filme, por sinal estúpido, que se passa no século passado, Bette Davis escandalizava indo ao baile com um vestido vermelho quando o branco é que é rigor até o casamento. Seu gesto era encarado como uma revolta contra a ordem estabelecida.
414 I. Keun.
415 Parece entretanto, segundo pesquisas recentes, que na França os ginásios femininos se acham hoje quase desertos; foi principalmente em 1920-1940 que as francesas se entregaram à cultura física. Atualmente as dificuldades caseiras pesam demais sobre elas.
416 *On joue perdant*.
417 *The Lovely Eva.*
418 Colette, *Le Képi.*
419 Cf. Tolstoi, *Guerra e paz.*
420 *Et le soleil n'est pás nommé, mais sa présence est parmi nous.*
421 Stekel, *A mulher frígida.*
422 Cf. *Les Obsessions et la psychasthénie.*
423 Falo aqui do casamento. Veremos que no amor a atitude do casal é invertida.
424 Vol. I, segunda parte.
425 Marro, *La Puberté.*
426 Citado por Marro, *La Puberté*.
427 Esta narrativa foi publicada como clandestina sob o pseudônimo de Marie Thérèse; por este nome é que a designarei.
428 *Les Jeunes prostituées vagabundes en prison.*
429 Um tampão para adormecer os gonococos, que davam às mulheres antes da visita, de modo que o médico só deparava com uma mulher doente quando a proxeneta queria livrar-se dela.
430 Não é evidentemente com medidas negativas e hipócritas que se pode modificar a situação. Para que a prostituição desapareça, são necessárias duas condições: que uma profissão decente seja assegurada a todas as mulheres; que os costumes não oponham nenhum obstáculo à liberdade do amor. É somente suprimindo as necessidades a que atende que se suprimirá a prostituição.
431 Pode ela ser *também*uma artista que, procurando agradar, invente e crie. Pode então acumular as duas funções ou ultrapassar o estádio da galantaria e entrosar-se na categoria das mulheres atrizes, cantoras, dançarinas etc., de que falaremos adiante.
432 Assim como certas mulheres utilizam o casamento para alcançar certos fins, outras empregam os amantes como meios para atingir objetivos políticos, econômicos etc. Superam a situação de cortesã como as outras a de matrona.
433 Cf. vol. I, primeira parte, cap. 1.
434 Em agosto de 1925, uma burguesa do Norte, Mme Lefevbre, de sessenta anos, que vivia com o marido e os filhos, mata a nora grávida de seis meses durante uma viagem de automóvel, enquanto o filho dirigia. Condenada à morte, perdoada, terminou a vida numa casa de correção sem manifestar nenhum remorso; pensava ter sido aprovada por Deus quando matou a nora "como se arranca erva daninha, coisa que não presta, como se mata uma fera". Dessa selvageria dava como única explicação ter-lhe dito um dia a jovem mulher: "Você me tem agora, portanto será preciso contar comigo." Foi quando

suspeitou da gravidez da nora que comprou um revólver, a pretexto de se defender contra os ladrões. Depois da menopausa apegara-se desesperadamente à maternidade; durante 12 anos sentira incômodos que exprimiam simbolicamente uma gravidez imaginária.

435 Kafka, *As armas da cidade.*

436 Wyllie, *Generation of Vipers.*

437 Cf. J.-P. Sartre. *Les Mains sales.* "Hoederer: São cabeçudas, compreendes, recebem as ideias prontas, acreditam então nelas como no bom Deus. Somos nós que fazemos as ideias e conhecemos os segredos da cozinha; nunca estamos inteiramente convencidos de ter razão."

438 "À passagem do general, o público era principalmente composto de mulheres e crianças" (Dos jornais, a propósito da viagem à Savoia, em setembro de 1948).

"Os homens aplaudiram o discurso do general, mas as mulheres distinguiam-se pelo entusiasmo. Observava-se que algumas estavam literalmente em êxtase, valorizando particularmente quase todas as palavras e aplaudindo, gritando com tal fervor que seus rostos como se tingiam de vermelho-papoula." (*Aux Écoutes,* 11 de abril de 1947).

439 Cf. Gide, *Journal.* "Créuse ou a mulher de Lot: uma se retarda, a outra olha para trás, o que é uma maneira de se retardar. Não há maior grito de paixão do que este:
Et Phèdre, au Labyrinthe avec vous descendue

Se serait avec vous retrouvée ou perdue.

Mas a paixão cega-a; ao fim de alguns passos, em verdade, ela teria se sentado, ou teria querido voltar atrás — ou, enfim, se teria feito carregar."

440 Assim é que a atitude das mulheres do proletariado mudou profundamente num século; durante as últimas greves nas minas do Norte, em particular, elas deram provas de tanta paixão e energia quanto os homens, participando de manifestações e lutando ao lado deles.

441 Ver Halbwachs, *Les Causes du suicide.*

442 "Todas com esse arzinho delicado de santa de pau oco, acumulado por todo um passado de escravidão, sem outra arma de salvação e ganha-pão senão esse ar sedutor involuntário que aguarda a hora propícia." (Jules Laforgue.)

443 Entre um punhado de textos, citarei estas linhas de Mabel Dodge, em que a passagem a uma visão global do mundo não se acha explícita mas é claramente sugerida. "Era um dia calmo de outono, todo ouro e púrpura, Frieda e eu escolhíamos frutas e estávamos sentadas no chão, com as maçãs vermelhas empilhadas ao redor de nós. Tínhamos parado um momento. O sol e a terra fecunda aqueciam-nos e perfumavam-nos, e as maçãs eram sinais vivos de plenitude, de paz e abundância. A terra transbordava uma seiva que corria também nas nossas veias e nos sentíamos alegres, indomáveis e carregadas de riquezas como os pomares. Por um minuto estávamos unidas nesse sentimento que as mulheres têm por vezes de ser perfeitas, de se bastar inteiramente a si mesmas, e que provinha de nossa saúde rica e feliz."

444 Cf. Helen Deutsch, *Psychology of Women.*

445 *La Psychanalyse.* Em sua infância, Irene gostava de urinar como os meninos; via-se muitas vezes em sonho sob a forma de uma ondina, o que confirma as ideias de Havelock Ellis acerca da relação entre o narcisismo e o que chama "ondinismo", isto é, certo erotismo urinário.

446 Stekel, *A mulher frígida.*

447 Ferdière, *L'Erotomanie.*

448 Os grifos são de Nietzsche.

449 *Je me sens dans tes bras si petite, si petite, ô mon amour...*

450 Janet, *Les Obsessions et la psychasthénie.*

451 M. Webb, *O peso das sombras.*

452 Duncan, *Minha vida.*

453 Cf., entre outras obras, *O amante de Lady Chatterley.* Pelapalavra de Mellors, Lawrence exprime seu horror às mulheres que fazem dele um instrumento de prazer.

454 Essa é, entre outras, a tese de H. Deutsch, *Psychology of Women.*

455 Cf. Sartre, *L'Être et le néant.*

456 O fato de Albertine ser um Albert não modifica nada; aqui a atitude de Proust é, em todo caso, uma atitude viril.

457 *Je hais les dormeurs.*

458 Nietzsche, *Gaia ciência.*

459 Que tentamos indicar em *Pyrrhus et Cinéas.*

460

É diferente o caso quando a mulher encontra sua autonomia no casamento; então o amor entre os cônjuges pode ser uma livre troca de dois seres que se bastam.

461 Fanny Hurst, *Back Street.*

462 R. Lehman, *Intempéries.*

463 Personagem ridículo de Courteline. (N.T.)

464 É o que ressalta, entre outras coisas, da obra de Lagache, *Nature et formes de la jalousie.*

465 De Dominique Rollin.

466 No dizer de Isadora Duncan.

467 Ver vol. I.

468 "As lágrimas queimavam-lhe as faces a ponto de ter de banhá-las com água fria", conta um de seus biógrafos.

469 Com Catarina de Siena, as preocupações teológicas conservam entretanto muita importância. É ela, também, um tipo assaz viril.

470 Madame Guyon.

471 Disse, no vol. I, quanto tais cuidados são pesados para a mulher que trabalha fora de casa.

472 Cuja condição examinamos no vol. I

473 O autor — cujo nome esqueci, esquecimento que não me parece urgente reparar — explica longamente como eles poderiam ser educados para satisfazer qualquer cliente, que gênero de vida seria preciso impor-lhes etc.

474 Esse sentimento contrapõe-se ao que indicamos na moça, só que ela acaba resignando-se a seu destino.

475 Vimos no vol. I, primeira parte, cap. 1, que há certa verdade nessa opinião. Mas não é precisamente no momento do desejo que se manifesta essa assimetria; é na procriação. No desejo, a mulher e o homem assumem identicamente sua função natural.

476 Parece que a vida de Clara e Roberto Schumann tenha sido durante algum tempo um êxito desse tipo.

477 Isto é, não somente segundo os mesmos métodos, mas dentro do mesmo clima, o que é hoje impossível, apesar de esforços do educador.

478 Mulher intelectualizada e pedante. (N.T.)

479 Carta a Pierre Desmeny, 15 de maio de 1871.

480 *In vino veritas.* Diz também: "A galanteria cabe — essencialmente — à mulher e o fato de a aceitar sem hesitação explica-se pela solicitude da natureza pelo mais fraco, pelo ser desfavorecido e para o qual uma ilusão significa mais do que uma compensação. Mas essa ilusão lhe é precisamente fatal... Sentir-se libertado da miséria graças a uma imaginação, ser ludibriado por uma imaginação, não será uma zombaria ainda mais profunda?... A mulher está longe de ser Verwahrlos (abandonada), mas em outro sentido ela o é, porquanto nunca pode libertar-se da ilusão de que se serviu a natureza para a consolar."

481 O fato de certos ofícios demasiado duros lhes serem vedados não contradiz esse projeto: mesmo entre os homens procura-se cada vez mais realizar uma adaptação profissional; suas capacidades físicas e intelectuais limitam suas possibilidades de escolha; o que se pede em todo caso é que nenhuma fronteira de sexo ou casta seja traçada.

482 Conheço um menino de oito anos que vive com uma mãe, uma tia, uma avó, todas independentes e ativas e um avô semi-impotente. Tem ele um "complexo de inferioridade" esmagador em relação ao sexo feminino, embora a mãe se esforce por combatê-lo. No colégio despreza colegas e professores porque são uns pobres machos.

483 *Oeuvres philosophiques*; tomo VI. O grifo é de Marx.